



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

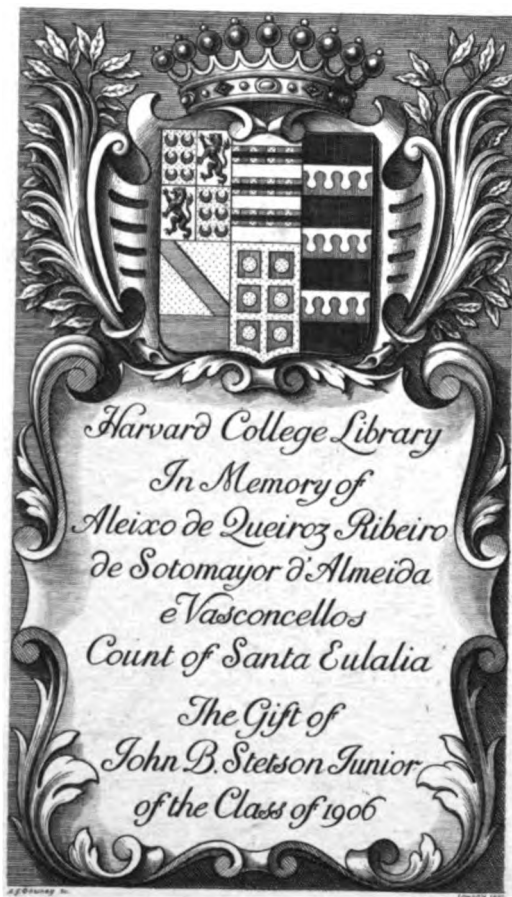
We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

Ind 596.11.20



2313-Z.3

74, 5

VIAGEM

DE

FRANCISCO PYRARD,

AS INDIAS ORIENTAES.

(1601 a 1611).

VERTIDA DO FRANCEZ EM PORTUGUEZ

POR

JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIVARA.

TOMO I.

1858.

NOVA-GOA.

NA IMPRENSA NACIONAL.



221 - 1
15-7-3

VIAGEM

DE

FRANCISCO PYRARD,

DE LAVAL,

CONTENDO A NOTICIA DE SUA NAVEGAÇÃO ÁS INDIAS ORIENTAES, ILHAS
DE MALDIVA, MALUCO, E AO BRAZIL, E OS DIFFERENTES
CASOS, QUE LHE ACONTECERAM NA MESMA VIAGEM NOS
DEZ ANNOS QUE ANDOU NESTES PAIZES :

(1601 a 1611)

com a descripção exacta dos costumes, leis, usos,
policia, e governo; do trato e commercio, que
nelles ha; dos animaes, arvores, fructas, e
outras singularidades, que alli se encontram:

VERTIDA DO FRANCEZ EM PORTUGUEZ

SOBRE A EDIÇÃO DE 1879,

Correcta, e accrescentada com algumas notas,

POR

JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIVARA.

TOMO I.

1858.

NOVA-GOA.

NA IMPRENSA NACIONAL.

✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

—

O TRADUCTOR

AO LEITOR PORTUGUEZ.

As Relações de viagens, quando escriptas por homens sinceros, e de claro entendimento, não só servem de recreio ao espirito, mas offerecem preciosos materiaes á historia dos povos, e dos paizes.

Deste numero é o livro, que o Francez *Francisco Pyrard* escreveu de suas longas peregrinações pela Africa, America, e Paizes Orientaes nos primeiros annos do seculo XVII. Delle nos diz o editor da nova edição de Paris, em 1679, o seguinte :=Até ao presente poucas « Relações mais exactas, e mais agradaveis a lêr, tem apparecido. Ha « nella aventuras tão extraordinarias, que passariam por contos de romance, se não estiveramos persuadidos da sinceridade do auctor, « que não sendo homem sabio, teve a cautella de communicar os seus « berrões, e tomar os conselhos dos homens mais sabios do seu tempo.= E no nosso entender o livro de Pyrard não desmerece de ser posto a par do de Fernão Mendes Pinto.

Lembrou-nos pois emprehender a traducção deste livro, ignorado em Portugal, e já esquecido em França, attendendo ainda a que a maior parte da obra se occupa das cousas da India, e de outras possessões Portuguezas.

Accresce que a epocha, a que se refere, é justamente aquella, em que o nosso poder nas regiões orientaes, depois de haver chegado ao seu maior auge, começava a manifestar symptomas de decadencia; e todavia sem embargo de lavrar já nas entranhas do gigantesco Imperio Ultramarino Portuguez toda a peçonha, que devia corroer-lhe a fevera, e desconjuntar-lhe os membros, mostrava ainda apparencia de saude, e os golpes, que despedia, eram de braço robusto.

A cabeça deste grande corpo brilhava então em todo o esplendor de sua magnificencia. Goa, a Babylonia Indiana (que hoje choramos totalmente desaparecida da face da terra, mais por culpa dos homens, do que pelo malefico influxo dos elementos) era ainda o emporio de todo o rico trato oriental, e verdadeiro centro da conquista, navegação, e commercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India.

Estas circumstancias especialissimas accrescentam a curiosidade da obra, e desafiam sobre ella as meditações das pessoas curiosas, e dos homens politicos, mórmente de Portugal.

Em algumas notas corrigimos, ou illustrámos o texto, e neste reduzimos a sua verdadeira lição os nomes portuguezes, atrozmente desfigurados pelo auctor segundo o costume, quasi inviolavel, dos estrangeiros.

A obra contem tres Partes. Na 1.^a descreve o auctor as suas peregrinações desde a sua saída de França (18 de maio de 1601) até chegar a Goa. Na 2.^a dá uma ampla descripção da Cidade de Goa, e relata o mais que lhe aconteeço até voltar a França, sua patria (16 de fevereiro de 1611). Na 3.^a descreve os animaes, arvores, e fructas das Indias Orientaes, observados por elle.

E n'um Additamento , que tem a edição , de que nos servimos (Paris, 1679) , ha mais — 1.^o um Discurso sobre as viagens aos paizes remotos, e preparativos necessarios para as emprehender com proveito, e formar as Relações exactas dellas, por M. N. N.—2.^o a descripção exacta da costa d'Africa ; e observações geographicas sobre a viagem de Pyrard, por P. du Val, geographo d'El-Rei de França, que contem entre outras cousas o estado presente das Indias (1666), noticia do que os Europeos nellas possuem , as diversas derrotas, que seguem para lá ; e outras materias.

A obra forma 2 tomos em 8.^o

Forcejámos porque a versão fosse fiel, e escripta em verdadeira linguagem portugueza. Ao publico illustrado cumpre julgar se conseguimos uma e outra cousa.

Nova-Goa , 23 de Junho de 1858.

J. H. da Cunha Rivara.

ADVERTENCIA AO LEITOR,

NA EDIÇÃO FRANCEZA DE PARIS

DE 1679.

Eis aqui uma nova edição da *Viagem* de Francisco Pyrard, mais correcta e accrescentada que as precedentes. Ha nella novamente alguns discursos mui curiosos, e entre outros certas *Observações*, onde se podem ver as mudanças, que tem occorrido nas Indias depois que Pyrard nos deu a sua *Relação*, e são obra do Senhor *du Val*, geographo ordinario delRei, cuja capacidade nestas materias he sobejamente conhecida, e que ordenou uma Carta, ou Roteiro da dita viagem para ornamento do livro, e satisfação dos curiosos. Alem disso até ao presente poucas *Relações* mais exactas, e mais agradaveis a ler, tem apparecido. Ha nella aventuras tão extraordinarias, que passariam por contos de romance, se não estiveramos persuadidos da sinceridade do auctor, que não sendo homem sabio, teve a cautella de communicar os seus borrões, e tomar os conselhos dos homens mais sabios do seu tempo, e entre outros de Monsieur *Jeronimo Bignon*, advogado geral, hoje fallecido, que foi um dos primeiros homens do seu seculo, e que teve a bondade de corrigir a obra do nosso viajante nas cousas, que ultrapassavam os seus conhecimentos.—*Vale*.

VIAGEM

DE

FRANCISCO PYRARD.

PRIMEIRA PARTE.

Preamble.

A abundancia de toda a sorte de bens, que a França produz, e tantos dons, que a bondade divina tem tão liberalmente derramado sobre sua terra, podem ter sido a causa porque os Francezes por tão longo tempo despresaram a marinha. E isto não só lhes aconteceu a elles, mas á maior parte dos povos, a quem coube ainda uma pequena parte desta felicidade. Por quanto tendo assaz de occupação na terra, e produzindo-lhe ella fielmente bens em abundança, não cogitavam de ir buscar outros entre os riscos e infidelidade do mar. Pelo contrario se vê que as nações, cujo territorio era fraco, esteril, ou mui estreito, tem procurado haver compensação na navegação, por meio de qual não somente tem supprido aquelle defeito, mas tambem tem feito suas cidades ricas e opulentas em tudo. E assim são estes povos os que se podem apontar por mais excellentes na arte da marinha. Todavia fallando a verdade, a França despresando este trato, priva-se de uma riqueza, que a natureza lhe offerece, tendo-a, além de tantos outros bens, banhado de dous ricos mares, dotado de muitos bons portos e enseadas, por onde ella pode ter communicação, tratar, e negociaç

com muitos povos remotos de um e outro lado, como se estivera proxima e visinha do Levante e do Ponente, e de todas as regiões mais longinquas. Deve-se além disso confessar que he a mais nobre e mais excellente sorte de negociação a que se faz por mar, e que por meio de tantos riscos vai buscar as riquezas, e o que ha de mais singular ás outras terras para enriquecer a sua, e levar aquillo que nesta abunda áquellas onde disso ha necessidade. Despresar pois a navegação he o mesmo que um homem privar-se do uso de um de seus membros, e como cortar um braço. Agora o conhecemos melhor que nunca, e lhe sentimos os damnos. E porque os Francezes tem despresado infinitas bellas occasiões (que os Portuguezes e Hespanhoes, á falta delles, não somente tem aproveitado, mas até avidamente procurado), são ora na obrigação de receber destes por miudo o ouro, as especiarias, e os brincos do oriente, em vez de irem elles mesmos busca-los, como podiam, e distribuil-os aos outros. Ao mesmo tempo que de presente os Hespanhoes e Portuguezes tentam avassallar por si sós os elementos, que são communs a todos, vedar os mares, e expellir por toda a sorte de máos tratamentos os Francezes e as outras nações, que queiram viajar e commerciar nas regiões, que elles dominam.

Isto moveo principalmente uma companhia de mercadores de S. Maló, Laval, e Vitré no anno de 1601 a sondar o vão, buscar o caminho das Indias, mostral-o aos Francezes; em somma heber na propria fonte. Esquiparam pois para este effeito dous navios, um de quatrocentas tonelladas, chamado o *Crescente* (*le Croissant*), e outro de dusetas, chamado o *Corvo* (*le Corbin*), de que foram por capitães, o Senhor de la Bardeliere, cidadão de S. Maló, e Francisco Grout, senhor de Clos-neuf, condestable da mesma cidade de S. Maló, o qual era capitão do navio *Corvo*, e hiá debaixo da obediencia do outro capitão. Eu, não menos deseioso de ver e de aprender, do que de adquirir cabedal, embarquei-me no *Corvo*; o qual tendo corrido peor fortuna que o outro

navio, a ponto de se perder, escapei em fim milagrosamente depois de muitas miserias. E porque aprouve a Deos de, contra minha esperança, me restituir são e salvo a minha terra, depois de ter padecido tantos males, corrido infinidade de perigos, tendo não somente transitado a mór parte das regiões maritimas e ilhas das Indias, dado quasi volta ao mundo, em somma visto as quatro partes da terra; mas tambem tendo vivido por espaço de dez annos entre muitas diversidades de povos, e conhecido por minha longa assistencia os seus costumes, leis, e usos, talvez mais particularmente (o que posso dizer sem vaidade) que algum, não só Francez, mas ainda Portuguez, ou Hollandez; julguei ser de minha obrigação pôr em escriptura o que observei de raro em tão longa peregrinação, para disso dar noticia á minha patria. Poderá pois esta relação servir de advertencia e instrucção aos que quizerem fazer esta viagem para evitarem os inconvenientes, que eu mesmo encontrei, ou que vi acontecer a outros; e para que, conhecendo os defeitos de nossa navegação, e as causas de nossa perdição, possam para o futuro emprehendel-a com mais circumspecção.

CAPITULO I.

Narração da viagem desde o embarque em S. Maló até ao Cabo da Boa-Esperança.

Partimos de S. Maló com bom vento de nordeste para dar principio a nossa viagem a 18 de Maio de 1601. E tendo-nos feito só nove ou dez legoas ao mar, o mastro de mezena do nosso navio estalou e abriu-se ao meio; o que foi um principio de má ventura; e atirámos um tiro de bombardarda para dar aviso disso a nosso capitão-mór, que hia a bordo do *Crescente*, e saber d'elle se deviamos arribar para haver outro mastro. Mas tendo elle resolutu que continuássemos nossa derrota sem embargo deste accidente, enviou-nos os carpinteiros do seu navio, os quaes com os do nosso concertaram o mastro o melhor que ser pôde. E esta resolução foi procedida do receio de perder a viagem, porque a mór parte dos marinheiros e passageiros, que hiam nos navios, tinham tomado este revez, posto que leve, a tão ruim agouro, que diziam em altas vozes que se arribássemos a qualquer porto de França, ir-se-hiam embora, e largariam tudo.

Eu por mim desde o embarque nunca julguei bem de nossa viagem, não pela quebra fortuita do mastro, mas pela má ordem e pouca policia, que havia nos navios; porque não havia ahi nem piedade nem devoção, mas muito praguejar e blasphemar; não havia obediencia aos capitães, mas rebeldia; havia muita leviandade, e todos os dias bulhas, pancadas, ladroeiras, e outros vicios semelhantes.

A 21 do dito mez avistámos nove grandes navios hollandezes, a que chamam Urcas, que se prepararam para nos salvar, e cortejar os navios francezes. Por isso passaram a sottavento, que he o maior signal de acatamento que se pode fazer no mar, e atirou cada um delles sua bombardada;

mas o bombardeiro da sua vice-almiranta atirou um tiro de pelouro, que bateo no nosso navio, passando, e rompendo as velas. O que visto por nós, é temendo que elles quizessem começar em som de guerra, arvorámos o nosso pendão no mastro da mezena, para dar aviso a nosso capitão-mór do que era passado; o que o fez logo suspender a marcha; e todos começámos tambem logo a empavezar os navios ao redor (estes pavezes eram de escarlata, e em cima as armas da França bordadas de amarello cõr de ouro), a aparelhar as bombardas, carregal-as todas de pelouros, armar-nos, e pôr-nos em defensão cada um em seu posto; o capitão na pópa, o tenente na prôa, e os quatro bombardeiros com seus homens nos quatro cantos do navio. Isto feito atirámos duas bombardadas com pelouro atravez das velas do navio, que nos havia accomettido, para saber o que elles queriam, antes que se chegasse de todo a romper batalha; mas elles não deram signal algum de se pôr em defensão. A nossa capitania, que era excellente de vela e leme, foi direita a sotaventos e com todas as velas á almiranta dos Hollandezes, e com um tiro de pelouro lhe mandou amainar; o que ella logo executou, mui espantada, por não saber nada do que era passado. Mas logo que o soube, fez o almirante chamar o seu vice-almirante para se informar da verdade, e este lhe disse que um dos bombardeiros estando embriagado havia por descuido commettido aquelle erro. E sendo mandado buscar esse bombardeiro, o almirante o apresentou ao nosso capitão-mór, pedindo desculpa do que era succedido, e offercendo entregar-lhe o malfetor, para lhe dar tal castigo como lhe aprouvesse, até o mandar logo enforcar nas vergas do mastro. Mas o nosso capitão-mór, dando-se por satisfeito, pedio ao almirante que perdoasse ao pobre bombardeiro. E eu ainda assim não duvido que logo apoz isto elle fosse punido, porque os Flamengos e Hollandezes não deixam nunca impunes as culpas em seus navios, e guardam nelles mais justiça e policia do que nós guardamos nos nossos; o que he causa de que suas navegações são mais bem succedidas que as nossas. Em fim apartámo-nos com muitos

cumprimentos de parte a parte ; e elles disseram que iam ás ilhas de Cabo Verde buscar sal á ilha de Mayo.

A 3 de junho seguinte avistámos as ilhas Canarias, que estão em altura de 28, 29, e 30 grãos de elevação do polo arctico, e passámos por ellas.

A 12 e 13 do mesmo mez de junho vimos as ilhas de Cabo Verde, que são dez: a saber; a 1.^a da parte de cá se chama de *Santo Antão*, a 2.^a de *S. Vicente*, a 3.^a de *Santa Luzia*, a 4.^a de *S. Nicolão*, a 5.^a do *Sal*, a 6.^a da *Boa-Vista*, a 7.^a de *Mayo*, a 8.^a de *Santiago*, a 9.^a do *Fogo*, a 10.^a a *Brava*. Começam em altura de 20 grãos da banda do norte, e seguem até 4 da banda do sul. Os Portuguezes habitam e cultivam parte dellas; as outras não tem mais habitantes que animaes, taes como cabras, de que ahi ha grande copia, e tambem ha abundancia de fructas e mantimentos. A principal é a de *S. Nicolão*, de que todas as outras dependem, e é a séde do bispo e da justiça. (a)

A terra firme do Cabo Verde, que somente dista destas ilhas cincoenta ou sessenta legoas, e onde os Portuguezes tratam todos os dias em grande copia de escravos negros, faz com que estas ilhas sejam mui frequentadas por causa desta mercadoria, que dalli se leva ás Indias occidentaes, e ao Brasil, e mesmo a Portugal. N'uma dellas, chamada a ilha de *Mayo*, se acha tão grande quantidade de sal de rocha, que se pode carregar quanto se quizer sem custar nada, por quanto a ilha é deserta, e a carregação e transporte é mui facil. Vê-se n'outra ilha uma montanha, cujo cume lança chamas, que se vem de noite, e de dia fumo, e se chama por isso a ilha do *Fogo*.

A 29 do mesmo mez nos achámos em 5 grãos de altura, e notámos a estrella do norte muito baixa; e ao mesmo tempo avistámos a estrella do sul, ou polo antarctico, por outro nome o *Cruzeiro*, por ser formada de quatro estrellas em forma de cruz, ainda que-seja desviada da outra.

(a) O auctor equivocou-se, por quanto a capital era, e é ainda hoje a ilha de *Santiago*.

27 grãos. E todavia é a mais proxima, e sobre ella se regulam os pilotos, e tomam a altura. No mesmo lugar, e na mesma altura se vê uma quantidade espantosa de peixes, do tamanho pouco mais ou menos dos que chamamos barbos, que tem azas semelhantes ás dos morcegos, por meio das quaes, quando se sentem perseguidos pelo peixe mais grosso, se lançam fora d'agua, e vóam até que as azas secam, e perdem toda a humidade. Mas por outra parte quando elles vão no ar, as aves marinas, de que também alli ha tal quantidade que se não pode dizer, os caçam, e apanham, se não se tornam logo a metter no mar. Cabiam muitos dentro dos navios; e quando pousam sobre alguma coisa dura, é onde não ha agua, não podem mais levantar-se. Isto nos servia de refresco (e tínhamos grande gosto de ver esta caça) porque este peixe é delicado, e bom para comer. E é cousa maravilhosa ver em tal altura de mar um tão grande numero destes peixes, que a bem dizer cobriam todo o mar, e ferviam em grosso cachão, ainda que fizesse calma; e chegam a ser tamanhos como bonitos e albacoras, e outras muitas qualidades, de que tomavamos bastante para provimento do navio com linhas, e golfinhos com físgas de ferro em cabos de pão, que depois puxavamos á força de braço. Vi destes peixes voadores em todas as visinhanças da linha, tanto de cá como de lá do cabo da Boa-Esperança d'uma e outra banda, assim do norte como do sul.

A 14 de julho avistámos a costa de Guiné, na terra de Serra Leóa. Pensavamos estar afastados della mais de cem legoas, mas com as calmas, as correntes nos haviam lançado alli contra nossa vontade. Vimos ali dous navios á vela, um dos quaes nos veio reconhecer de longe. Esta costa é muito doentia, e intemperada.

A 24 de agosto passámos a linha equinocial para a banda do pólo antartico; por quanto, tendo nesse dia tomado a altura do sol á hora costumada, que é ao meio dia em ponto, o que os navegantes chamam a *observação*, achou-se não haver altura alguma, por onde se reconheceo que esta-

vamos debaixo da linha. A altura toma-se com o astrolábio ao sol, ou ás estrellas por meio do instrumento chamado *bordão de Jacob*, a que os mareantes dão o nome de *balestilha*. (a)

Desde os sete ou oito grãos mais proximos da linha da banda do norte, e outro tanto da banda do sul, causa muito incommodo a inconstancia do tempo, e as injurias do ar. O calor é tão forte, e tão abafadiço, que não se pode encarecer; o que corrompe a maior parte dos mantimentos, a agua faz-se fedorenta, e enche-se de grandes bichos, todas as qualidades de carne e de peixe se corrompem, ainda as mais bem salgadas; a manteiga, que levavamos toda se derretia em oleo, as velas de sebo igualmente se desfaziam; os navios abriam nos lugares que iam fóra d'agua; o peze e alcatrão derretiam-se por toda a parte; e era quasi tão impossivel parar na coberta do navio como n'um forno.

Nada ha tão inconstante como o ar; mas alli sobe de ponto a inconstancia, e a incerteza. Tão depressa ha uma bonança admiravel, como dahi a meia hora se vêm, e ouvem de toda a parte só relampagos, trovões, e raios os mais espantosos, que se podem imaginar, principalmente quando o sol está proximo do equinoxio, pois são então mais vehementes e mais impetuosos. Dahi a um instante renasce a bonança, depois recomeça a borrasca; e assim continuamente. Levanta-se ás vezes de repente um vento tão impetuoso, que não ha mais que fazer senão amainar e ferrar com diligencia todas as velas, e parece que os mastros e vergas se vão partir, e o navio perder-se. É frequente

(a) *Balestilha*, diminutivo de *balhesta*, antiquado, por *bêsta*.—Instrumento nautico, com que antigamente se tomava a altura do sol, e dos astros. Compunha-se de duas peças chamadas *flécha*, e *martello*, por meio das quaes se determinava o angulo formado por dous raios, que partindo do olho terminavam, um no horizonte, e outro no astro, cuja altura se pretendia conhecer.—Foi substituido no principio do seculo XVII pelo *quadrante inglez*, e successivamente por outros instrumentos mais aperfeçoados.—A *balestilha* teve muitos nomes, taes como, *radiometro*, *raio astronomico*, *bordão de Jacob*, *vara de ouro*, e talvez outros.

ver vir de longe grossos rodemoinhos, a que os marítimos chamam *dragões*, e que se passassem por cima dos navios, os despedaçariam e metteriam no fundo. Quando os marinheiros os vêm, pegam em espadas, e batem com umas nas outras em cruz na proa, ou da banda donde vêm este temporal, e crem que isto o estorva de passar por cima do navio, e o desvia para o lado. Alem disso neste clima as chuvas são mui damnosas, e se uma pessoa se molha, e não muda promptamente de vestido, fica logo depois toda coberta de borbulhas e pustulas pelo corpo, e cria bichos na roupa; de forma que dá muito trabalho a quem tem roupa para mudar, e faz muito mal a quem a não tem. Era necessario cobrir os navios de panno encerado, e servir-nos de toldos para nos livrar assim da chuva como do sol; e nem por isso deixámos de padecer muito. Ser-me-hia impossivel contar por menor todos os trances, trabalhos, incommodos, e fadigas, que padecemos por espaço de três mezes por razão destes *travados* (que assim se chamam taes borrascas); são peiores que um grande vento, e mesmo que uma tormenta, e os navios se estragam com elles brevemente: O navio caminha em balanços, ora para uma banda ora para a outra; mas quando lhe dá o vento em pópa, as velas seguram o navio direito, e se dá de bolina, só pende para um dos lados. Estes tempos alquebram muito os navios, principalmente os que são grandes e carregados; e de ordinario os fazem abrir tanto, que se sobrevem tormenta, não podem resistir muito tempo.

A 29 de agosto o nosso piloto, que era Inglez, tendo subido á gavea, avistou terra na distancia de dez legoas, e que nos alegrou infinitamente, porque tinhamos necessidade de fazer aguada, e não sabiamos aonde acharíamos terra, pois não julgavamos ter descido tanto para a costa de Guiné, e nos fazíamos a mais de cem legoas distante della; mas as calmas e as correntes nos haviam arrojado outra vez alli. Apenas sabida esta boa nova, o nosso capitão fez arvorar a bandeira no mastro de mezena, por quanto só compete ao

capitão-mór arvorou-a no mastro grande, e mandou atirar um tiro de bombarda para advertir ao nosso capitão-mór, com o qual nos certificámos que a terra era a ilha de *Anno-bom*; mas por ser já tarde não seguimos mais ávante. antes virámos de proa, e fomos recuando, afim de chegar só no outro dia a surgir nesta ilha. Chamam a isto os mareantes *bordejar*, e é quando pretendem conservar-se á vista de terra, ou em qualquer paragem do mar, caminhar ora de uma banda, ora de outra, virando o navio de bordo.

No outro dia 30. tendo desembarcado tratámos amigavelmente com os Portuguezes, que são os senhores da ilha, e confiando nelles, porque haviam acceitado de nós alguns presentes, e nos tinham tambem mandado fructas da terra, o nosso capitão-mór fez enfeitar a sua galeota, ou batel grande, e metteo nelle muita quantidade de vasilhas para receber agua, fructas. e outros refrescos, enviando para este effeito certo numero de marinheiros e de soldados, e com elles seis pessoas principaes dos dous navios quizeram ir refrescar-se a terra contra a vontade do capitão-mór, que com tudo os não quiz estorvar. Em desembarcando os seis principaes foram mui bem recebidos e agasalhados dos Portuguezes, e confiando inteiramente nelles, foram indo para onde os levaram, e mandaram os outros marinheiros com o batel para o outro lado da ilha, para ahi fazerem aguada, com se lhes havia aconselhado. Estes foram guiados por alguns negros dos moradores da terra, que não quizeram entrar no batel, o que fez desconfiar que não andavam de boa fé, e se contentaram de ir rodeando a ilha por terra em quanto nós iamos por mar. Logo depois aquelles nossos seis companheiros foram assaltados por grande numero de Portuguezes e escravos negros armados, que estavam de emboscada. Um dos seis, que era o tenente do Corbin, chamado Thomaz Pepin, de S. Maló, pôz-se em defensão, e ainda ferio alguns, mas carregado pela multidão recebeu uma ferida mortal, e cahio por terra; os outros

cinco ficaram prisioneiros. Logo depois os Portuguezes mandaram o ferido a bordo n'uma pequena jangada de páos travados entre si, e com elle deixaram ir um negro, que servia o nosso capitão-mór, e que havia acompanhado os seis; mas apenas o ferido chegou a bordo, expirou. O capitão-mór mandou atirar dous tiros de bombarda para avisar os outros marinheiros, que estavam da outra banda, a que voltassem com o batel, se podessem, e não passassem mais ávante; e elles entendendo o signal, voltaram promptamente. No seguinte dia os Portuguezes mandaram a bordo n'outra jangada (porque não tem alli outras embarcações) um dos cinco prisioneiros, o qual disse que eram muito mal tratados, e estavam presos, e encarcerados nas montanhas, separados uns dos outros. Estas montanhas são muito altas, e todas cobertas de arvoredos. Disse mais que os obrigavam a tratar de resgate; o qual foi concertado por 1.500 crusados, vinho, biscoitos, pólvora, mosquetes, e outros effeitos; e por este meio foram postos em liberdade uns apóz outros, á proporção que se ia fazendo o pagamento. Então mandaram os Portuguezes um porco, arroz, algumas fructas, e outros refrescos, e disseram que podiamos livremente e com toda segurança ir á sua ilha; com tudo não nos quisemos mais fiar delles, com quanto ainda tivéssemos necessidade de fazer aguada. Para isso iam de noute bem armados em nossos bateis; mas recolhiamos pouca agua, porque a corrente della é no fundo de um valle perto do mar; e como os da ilha não consentiam que a levassemos, estavam de guarda no alto das montanhas, dahi nos atiravam tiros de arcabuz, com que passaram a espada de um pagem do nosso navio, e feriram outros com pedras que arrojavam sobre nós, o que fazia o caso mui arriscado. Mas assim continuámos por seis ou sete semanas que estivemos no porto.

Entretanto em lugar do tenente do Corbin, que era morto, foi posto outro, não eleito alli, mas que vinha nomeado de S. Maló pela companhia, que tinha provido para todos

os cargos dos officiaes dos navios em caso de morte, para não deixar isto á discrição dos navegantes, o que poderia causar alguma desordem. E nisto cumpre notar que aquelle que sobe posto, e muda de cargo, não augmenta em soldo, e conserva o que de antes tinha; e o soldo do morto vai correndo até á volta, e é pago á viuva, filhos, ou herdeiros, como se vivo fora.

Esta ilha de *Anno-bom* pertence a um fidalgo Portuguez, a quem El-Rei de Hespanha a deu (a). Os outros Portuguezes, que alli moram, são seus feitores e creados. Todo o povo da ilha é seu escravo; de que faz grande trato assim em Hespanha, como nas Indias occidentaes; e extrahe todos os annos certo numero conforme a sua multiplicação.

Todos são negros, andam nús, homens e mulheres, cobrindo de panno de algodão apenas as partes vergonhosas. As mulheres levam os filhinhos ás costas, e lhe dão de mamar por cima do hombro; tem os peitos tão cumpridos que os filhos os podem segurar e mamar pelas costas. Esta ilha é situada em altura de grão e meio da banda do meiodia; tem de circuito umas 5 ou 6 legoas; é alta, montanhosa, coberta de arvoredos, e sempre verde. Todo o tempo que ahi nos demorámos não passou um só dia que não chovesse pouco ou muito. O porto é a noroeste, e muito perigoso por causa dos baixos e rochedos. Dão-se alli muitas fructas, como laranjas, bananas, que servem de pão, côcos, de que fazem vinho (b), canna de assucar, ananazes, outra fructa a que chamam *panana* (c); e bem assim arroz, e milho. Colhe-se porção de algodão, que é o unico genero, que alli dá rendimento. Ha muita pesca, e de bom peixe, o que nos offereceo grande refresco.

(a) E' escusado advertir que naquelle tempo o Rei de Hespanha o era tambem de Portugal. Agora pertence a ilha verdadeiramente a Hespanha, a quem foi cedida pelo Art. 13 do Tratado de 11 de Março de 1778, juntamente com a de *Fernando Pó*.

(b) E' sabido que o vinho, ou antes aguardente, não se extrahê do côco; mas do succo do coqueiro destillado.

(c) Aqui ha evidentemente duplicação com a *banana*.

A legoa e meia de ilha de *Anno-bom* ha um ilheo, todo arido, escaldado, e sem verdura alguma; mas tão coberto de aves, que se não pode pôr pé que se não pize alguma, ou seus ovos. Chamam a estas aves *Penguim*, e são um pouco maiores que os nossos pombos, e quasi da mesma plumagem, muito saborosas e boas para comer, ainda que tem a carne muito negra. Comiamos grande quantidade dellas, e iam os todos os dias a este ilheo a passear, e apanhal-as. O nosso companheiro, que ficára em lugar do tenente do *Corbin* fallecido, correndo apóz estas aves cahio entre os rochedos, e quebrou uma perna, custando além disso muito a tiral-o de lá.

No tempo que estivemos neste porto succedeo-nos toda a sorte de infortunio. Porque além do que fica referido, ainda nos succederam outros, particularmente no nosso navio, onde houve grande desavença entre o nosso capitão e o primeiro feitor ou commissario, que estiveram quasi á pancada, e pouco faltou para se não levantar um alvoroço e motim geral, de sorte que foi mister que o nosso capitão-mór acudisse bem acompanhado para apasiguar a desordem. Não obstante isso a desavença durou toda a viagem, sem se fallar um ao outro. Deixo agora ao leitor pensar se as cousas poderiam ir bem, quando as cabeças, que deviam dar bom exemplo aos outros, eram as que faziam a desordem.

Ainda houve outro desastre, e foi que como era preciso embarcar no batel em som de guerra para ir buscar agua; pegou uma vez o fogo na polvora em um de nossos bateis, onde estava o nosso capitão. e houve muitos queimados, e escalavrados. Mas a ultima desventura foi, que querendo levantar ferro, trabalhámos toda a manhã para levantar uma das ancoras, e apesar de nos virem ajudar os do *Crescente*, nada pudemos conseguir; e foi mister cortar a amarra, que era da grossura da coxa de um homem, e nova; perdendo-se a ancora, o que é caso grave em taes occasiões.

Tendo-nos pois demorado no porto desta ilha por espaço de seis semanas; a 16 de outubro o nosso capitão-mór mandou levantar ferro, largar as velas ao vento, e tomar a derrota de Santa Helena, além de outras rasões, porque não tínhamos podido refrescar commodamente, e começava a haver enfermos de escorbuto. Os que navegam para a India não vão ordinariamente demandar esta ilha, por quanto os ventos não são proprios para isso, e é grande acaso poder encontral-a; e até o nosso piloto dizia que elle não promettia com certeza levar-nos lá. Com tudo a 17 de novembro felizmente avistámos ao romper da aurora a ilha de Santa Helena, situada aos 16 grãos da banda do polo antarctico a seiscentas legoas do cabo da Boa-Esperança. Achámos alli no altar da Capella muitos bilhetes, que davam noticia de terem passado Holandezes. Julgavamos achar alli madeira para renovar o nosso mastro de mezena, mas não a ha lá propria para este effeito. A demora que tivemos nesta ilha foi de nove dias; o que servio de grande beneficio a nossos enfermos; e como as aguas, as carnes, e as fructas ahi são mui saudaveis, e o ar mui puro e são, por isso tomámos toda a agua de que havíamos precisão. Não me demorarei a descrever neste lugar a belleza, bondade, fertilidade, e commodidade desta excellente ilha; deixo isso, para o fazer mais particularmente na volta, com tanta mais rasão, que pela longa demora, que então ahi tivemos, pude conhecê-la melhor.

A 16 de novembro de 1601, depois de nossos enfermos haverem recobrado a saude, levantámos ancoras, e fizemo-nos á vela seguindo nossa derrota para o cabo da Boa-Esperança.

Tres dias depois passámos os *Abrólhos*. São bancos, e rochedos para a parte da costa do Brazil, aos 18 grãos de altura da linha equinocial, e extendem-se por quasi setenta legoas de comprido. Os Portuguezes lhe chamam *Abrólhos*, como quem diz *abre olhos*, porque estes ro-

chedos são mui perigosos, e é muito necessario attentar bem para elles, e ter toda a vigilancia (a); porque quem não poder passal-os, e se for emmaranhar entre elles, com difficuldade sairá dalli; e ainda que sáia, terá perdido a viagem, e ver-se-ha obrigado a arribar ao ponto donde partio. Por esta causa os navios que vão á Índia, para se desviarem delles, descáem tanto para o outro lado da costa de Guiné, onde o ar é dcntio, e ha tantas calmas e tantas correntes, que as mais das vezes os navios se perdem, ou muita gente adoece, e morre de graves doenças. Por isso a habilidade dos bons pilotos é de se não chegar muito á costa de Guiné, e ao mesmo tempo não se ir metter nos bancos dos Abrólhos da banda do Brazil, mas de medir bem as distancias, para o que tem assaz de espaço, pois entre a costa d'Africa e a do Brazil se contam quasi mil legas.

Depois de passarmos estes rochedos, fizemos grandes folguedos; elegendo uma especie de rei para governar em quanto a festa durasse, que foi todo um dia, e distribuindo a cada pessoa mais meia canada de vinho além da ração ordinaria. Fizemos isto á imitação dos Portuguezes, que assim o costumam, porque sempre se imitam mais os máos costumes, que os bons e louvaveis. Eu cá não approvo de

(a) A primitiva significação da palavra *Abrolho*, plural *Abrólhos*, é *certa especie de cardo espinhoso*.

No sentido metaphorico designa a *marca ou signal em forma de ponta de lança*, com que se indica alguma passagem de livro.

No plural significa além disso as *puas ou bicos, de que se erriçavam as armas brancas antigamente*. Também *estrepes, cavallos de friza, e outros semelhantes inventos de defensão militar*.

No sentido figurado, os *cachopos*, e *penedos ponteagudos, que se elevam dos baixos no mar*, ou na *embocadura dos portos, barras, &c.*

Tambem no sentido moral, *tudo o que punge o animo*.

Alguns eruditos, attendendo á semelhança da palavra *abrolhos* com *abre olhos*, supposeram que dahi trasia a sua origem; e a estes segue o auctor. Com tudo outros derivam o termo do latim *TRIBULUS*, *cardo espinhoso*.

Os leitores, que gostarem destas especulações ethymologicas, escolham o que quizerem.

forma alguma taes festas e banquetes no mar, que só servem para consumir o vinho e mantimentos do navio, e embriagar os marinheiros, que deixam por isso de fazer sua obrigação, além das contendas e bulhas que daqui nascem.

CAPITULO II.

**Do cabo da Boa-Esperança, e do cabo das Agulhas.
Tormenta furiosa na costa da terra de Natal.**

Entretanto nossos navios continuavam sua derrota para o cabo da Boa-Esperança, e passados alguns dias vimos signaes por onde se conheceo estar proximo aquelle cabo. Porque na distancia de cincoenta ou sessenta legoas fluctuam em grande quantidade moutas de arbustos cada uma de nove ou dez hastes pouco mais ou menos, pegadas todas pelo pé, e chamam-lhe *Trombas*. Igualmente se vê grande multidão de passaros brancos com pintas pretas, a que os Portuguezes chamam *Mangas de velludo*. (a)

A 17 de dezembro de 1601 por hora da meia noute, fazendo grande vento e chuva, e sendo a noute muita escura, achámo-nos mui perto de terra; e se não fôra um marinheiro, que por fortuna o percebeo, ter-nos-hiamos perdido, porque o mar alli estava grosso, e tormentoso, e ha grandes penedos que entram por elle. Mas logo que o marinheiro brádou, fizemo-nos na volta do mar, e alirá-

(a) Segundo nos informa pessoa, que tem transitado muito por estes mares, este passaro chamado *Manga de velludo* é todo branco, com as asas pretas; e não apparece em muita copia.

Ha porém outro passaro também branco, e com pintas pretas, de que ha grande multidão, e ao qual talvez mais propriamente cabe a descripção do auctor; mas a este passaro chamam os navegantes portuguezes *Feijão frade*.

mos um tiro de bombarda para advertir o nosso capitão-mór. Ao romper do dia vio-se que tínhamos dobrado o cabo da Boa-Esperança, e que o que nós viamos era o das Agulhas. Este cabo das Agulhas entra pelo mar mais avante que o da Boa-Esperança quinze legoas, e está situado em altura de 35 grãos da banda do sul. Chamam-lhe cabo das Agulhas, porque na altura delle as de marear ficam fixas, e apontam directamente para o norte, sem declinar para leste nem para oeste; e depois de se dobrar o mesmo cabo começam as agulhas a noroestear.

Neste dia avistámos dous navios holandezes e um patacho, que saíam de uma bahia que ha no cabo das Agulhas, e se chama *Bahia das Sardinhas*, onde haviam refrescado. Foi-nos por tanto impossivel chegar á falla em todo o dia por causa do vento, e porque o mar era tão encapellado e furioso que não se pode explicar; com tudo o navio mediano delles pôde a muito custo chegar a *barlavento*, e nos disse de longe quem eram. Mas no seguinte dia nos abordámos, e nos dous immediatos visitámo-nos, e festejámo-nos uns aos outros com grandes amizades. Eram navios de Camfer em Zelandia, todos de mui pequeno porte; e seu capitão-mór chamava-se Sphibert. Disseram-nos que eram os mesmos, que nós avistáramos na costa de Guiné, e que se o nosso capitão-mór os houvera querido esperar, quando elles mandaram o seu patacho a encontrar-nos, nos não teria succedido o desastre que nos succedeu na ilha de *Anno-bom*. Disseram-nos outrosim que tambem elles haviam alli desembarcado, mas que se não fiaram como nós na gente da ilha, e fizeram sua aguada em abastança perdendo dous homens além de seis feridos. Disseram mais que se nós estiveramos todos reunidos, teríamos gente bastante para ficar a pouco custo senhores da ilha, vista a pouca resistencia, que ella offerecia, e assim teríamos podido tomar refresco á nossa vontade, e prover-nos de agua; de sorte que o nosso capitão-mór fôra em parte a causa de todo o mal que nos acon-

teceo, pelos não ter esperado, como devia. Demos-lhe uma vela grande de que tinham necessidade, e elles em troca nos deram dous pedeiros, ou pequenas bombardas de ferro. Elles iam tambem ás Indias, e nós desejámos muito poder fazer a viagem em sua conserva, mas não poudeser, por que elles haviam de ir passar entre a terra firme e a ilha de S. Lourenço (a), em busca dos companheiros que os esperavam na *Bahia formosa*, que é situada na costa de Melinde. Nossa tenção era pelo contrario passar por fóra daquella ilha; e por isso nos apartámos, e nos despedimos uns dos outros com muitas bombardadas. Feito isto tomámos nossa derrota por fóra da ilha de S. Lourenço.

A 6 de janeiro de 1602, dia de Reis, festejando nós o dia na forma do costume, levantou-se uma furiosa tormenta, que nos fez ferrar as velas, e um de nossos marinheiros, natural de S. Maló, cahio no mar, e foi-nos impossivel salva-lo. Um seu companheiro quiz-se lançar apoz elle, mas segurámol-o; e creio que mais era movido do vinho do que da afeição, pois os marujos não tem grande amisade uns aos outros. Ao longo desta costa viamos toda a noute quantidade de fogos no alto das montanhas.

Continuando pois nossa viagem, passámos sem tormenta alguma a terra de Natal, que é na costa de Ethiopia, o que quasi nunca acontece, porque ha ahi continuamente violentas tempestades desde os 33 até aos 28 grãos.

A 30 de janeiro estando em altura de 26 grãos, o nosso capitão-mór perguntou ao seu piloto em qual das costas da ilha de S. Lourenço nos achavamos, e elle respondeo que estavamos da banda de fóra, e com tudo não era assim, estavamos entre a costa d'Africa e a ilha, contra nossa tenção. A ignorancia do piloto foi a causa disto, e tambem porque folgámos de mais com os navios holandezes, e como tivemos bonança deixámos ir os navios á vontade com a maior parte das velas ferradas; mas elles,

(a) E' a que hoje vulgarmente se chama *Madagascar*.

que eram mais expertos que nós, levavam sempre a sua derrota, approximando-se da costa d'Africa; e nós seguia-mol-os insensivelmente. Nosso capitão-mór desconfiado do caso, quiz ver a terra da ilha para se certificar, e depois de ter navegado dous dias e duas noites sem a ver, mandou virar a proa á outra banda, e assim marchámos até 4 de fevereiro, em que começámos a ver a ilha de S. Lourenço pela parte de dentro, do que o nosso capitão-mór ficou muito enfadado contra o piloto. Mandou logo que saísse de dentro, e dêsse volta para a costa da banda de fóra, porque temia não poder passar por causa dos ventos contrarios, que alli sopram ordinariamente na estação, em que então estávamos.

A 7 de fevereiro de 1602 tornámos a passar a costa da terra de Natal para ir por fóra da ilha de S. Lourenço. E onde dantes havíamos passado felizmente sem contra-tempo, levantou-se agora uma furiosa tormenta de vento de sudoeste, que nos apanhou de subito e descuidados, ao contrario dos Portuguezes, que quando passam nesta altura, se aparelham para as aguentar, e se acautellam a tempo. Nós porém tínhamos deitado fóra o batel para mandar a bordo do Crescente pessoa que praticasse sobre certos pontos, que o nosso capitão-mór e capitão tinham a concertar a respeito da viagem; e na mesma hora havia cu recolhido de visitar alli alguns amigos meus, que estavam muí enfermos, e entre outros um mancebo da nossa cidade de Laval muito da minha estimação. Os nossos, que estavam a bordo do Crescente, vendo empollar o mar, meteram-se no batel, e voltaram para o nosso navio. Mas não foi com tanta pressa que quando chegaram já não tivessem outro remedio para subir senão pegar-se a um cabo, que lhe lançámos, e foi toda a sua salvação. Foi por tanto já impossível suspender o batel, e assim o amarrámos o melhor que se pôde com um cabo grosso, que immediatamente se partiu, e o batel mettendo-se logo debaixo de agua se submergiu sem haver meio de o salvar, o que

fei para nós grande perda. E persuado-me que não será fácil a quem o não tem experimentado fazer idéa do horror e furia desta tempestade, pois as que nós de antes havíamos conhecido eram um brinco á vista desta. Fazia tanto escuro á hora do meio dia que se não enxergava o ceo, nem nos viamos uns aos outros; os dous navios se afastaram a larga distancia, e n'um instante as nossas velas se despedaçaram e reduziram a pequenos farrapos; a chuva e o vento eram tão fortes que batendo no rosto o açoutavam e moiam como a golpes de varas, e os coleirinhos das camisas rasgando-se nos magoavam as faces, de maneira que era necessário arranca-los promptamente. As ondas eram tão espantosamente grossas, que dirieis que o nosso navio tão depressa se elevava aos ceos, como cahia nos abismos, e todavia era de tal forma agitado para uma e outra banda que era mui difficiloso ter-se alguém em pé, e mui perigoso estar na tolda, pois vinham tão grandes rolos de mar que ás vezes de um só jacto entravam mais de vinte pipas de agua, que passando por cima do navio, saíam em parte pela outra banda, e levavam consigo tudo quanto encontravam, pelo que era mister estar-se bem seguro na tolda. Valeo-nos ser o navio tão bom e tão reforçado, que não abriu com a impetuosidade da tormenta, e não fez mais agua que a do costume. Toda a agua que fazia vinha de cima dos rolos do mar que disse, e das ondas que passavam de banda a banda, e molhavam não somente a gente, que estava na tolda, e debaixo da coberta, mas tambem todos os provimentos e objectos do navio. Não chegava a gente para dar á bomba, e o nosso capitão era o primeiro que dava o exemplo deste trabalho. Tudo no navio estava repassado d'agua, e avariado, o que era para nós de grande incommodo, porque em quatro dias e quatro noutes que durou a tempestade, estivemos de continúo molhados de agua salgada, e não havia roupa enchuta para mudar. Comíamos só algum biscoito com um pouco de vinho, e não

havia meio de cosinhar. Dormir e repousar era cousa em que se não fallava. Os que tinham algum siso pensavam só na sua consciencia ; mas os marinheiros é nessa hora que elles juram e blasphemam mais. Na maior força da tormenta á hora da meia noute tratou-se de cortar o mastaréo, que está sobre a gavia do mastro grande. A maneira de o cortar é decepar os ouvens e cabos de sottavento; depois cortar o mastro pelo meio, e finalmente cortar os cabos da banda do vento ; então cáe por si mesmo sem offender ninguém. Era pois uma perigosa tarefa, vista a difficuldade de a gente se segurar por causa da grande agitação do navio. Fez este serviço o nosso mestre carpinteiro, que era Hollandez, um dos melhores carpinteiros de mar que se podiam achar ; e por isso vencia soldada e ração de vinho dobradas ; mas em verdade elle trabalhava por tres. Cortou pois com muito custo o mastaréo, mas não se poudo segurar tão bem que não caísse de envolta com o mastaréo para fora do navio ; com tudo encontrou por milagre a verga grande, que estando apeada e amarrada de travez, passava para fóra do navio nove ou dez pés, e tinha ainda alguns cabos ; aos quaes este pobre homem se pegou, e agarrou tão bem, que teve meio de se salvar, ainda que com muita difficuldade. Esteve tambem para nos acontecer outro grande desastre, e foi que havendo quatro ou cinco grandes bombardas de ferro desmontadas, que estavam ligadas e prezas em baixo sobre a primeira coberta, pela força do tempo se soltaram, mas permittio Deos que houvesse muita gente em baixo, que deu por isso, e correram logo a lançar pelo pavimento colchões, saccos, e outros objectos molles, com o que poderam deter-lhe o movimento, e segural-as de novo, aliás a menor pancada, que ellas dessem rodando contra a amurada do navio, a teria arrombado. Durante esta tormenta a caixa do nosso leme partio-se, o que foi grande inconveniente, porque nos impedia o uso necessario do leme. Os nossos pilotos e marinheiros, ainda os mais antigos, diziam que nunca tinham

soffrido uma tormenta mais forte, o que lhe fazia perder todo o discurso e resolução. Mas é que elles nunca tinham experimentado a violencia do mar destas paragens, que é ordinariamente muito mais grosso e tempestuoso do que em outras quaesquer. Quanto a mim passei na torna viagem por outras peiores, na mesma altura, mas não na mesma paragem.

CAPITULO III.

Chegada á Bahia de S. Agostinho na ilha de S. Lourenço; desembarque, e longa demora que ahí houve. Descrição da ilha, e dos costumes, e modo de vida dos habitantes.

A tormenta durou quasi até aos 11 do dito mez de fevereiro; e quando ella cessou, tivemos grande pena de haver perdido de vista o Crescente, nossa capitania. Mas o que mais nos affligio foi descobrirmos um grande mastro fluctuando sobre o mar, porque julgámos que era o do Crescente, que se houvesse perdido. Accrescia que a maior parte dos nossos, fatigados do mar, estavam enfermos, e meio-mortos. Além disso o capitão poz em consulta saber aonde se devia ir tomar terra, e assentou-se que á que ficava mais perto, que era a ilha de S. Lourenço. Assim dirigimos para alli nossa derrota, posto que com receio, pois não tínhamos no navio piloto algum, nem marinheiro, que tivesse passado ás Indias, salvo um bombardeiro flamengo, homem muito ignorante.

Na distancia de trinta ou quarenta legoas da ilha começámos a ver o mar mudado, de côr amarella, mui cheio de espuma, coberto de castanhas do mar, cannas, arbustos, e ervas fluctuantes, e assim continúa até á dita ilha. Em fim a 18 de fevereiro avistámos terra.

A 19 de fevereiro pela manhã lançámos ferro n'uma bahia, que se chama de Santo Agostinho, situada em altura de 23 grãos e meio da banda do sul, debaixo do tropico de capricornio, que é mui grande, e mui commoda, pois tem bom fundo, todo de vasa e areia. Ao meio dia avistámos muito ao longe no mar um grande navio. A principio julgámos que fosse navio portuguez, pelo que pegámos em armas, e começámos a apparelliar-nos, e a arvorar nossos pavezes pondo-nos em defensão; mas quando o navio se approximou mais reconhecemos que era o Crescente, de que andámos separados por espaço de doze dias, e que veio surgir junto a nós. Causou-nos isto grande alegria e allivio, apezar de o vermos mais maltratado que nós, destroçado no apparelho, com muita agua aberta, e a gente quasi toda doente. Pela tarde avistámos outro návio sem mastros e sem velas, e apenas com um páo arvorado no meio, e nelle uma pequena vela. Fundeou a quatro ou cinco legoas de nós, porque não ousava approximar-se. Enviaram d'elle um batel com tres ou quatro pessoas para nos reconhecer de longe, mas depois de nos reconhecerem, approximaram-se, e vieram a bordo do nosso navio, onde foram bem recebidos depois de nos declararem que era um dos dous navios hollandezes, que havíamos encontrado no cabo das Agulhas, o qual tinha sido muito maltratado da tormenta. Voltou logo o batel a dar aviso ao seu capitão, que veio sem demora fundear junto a nós. Era elle um certo le Fort, nascido em Hollanda, filho de um francez natural de Vitré. Já havia estado na India, e nesta mesma viagem morreo no Achem. Dizem que o rei do Achem era seu amigo, e tinha por elle grande estimação.

Estando pois juntos todos os tres navios, o nosso capitão-mór, o capitão do nosso navio, e o capitão hollandez com os principaes dos tres navios poseram em conselho o que cumpria fazer para accomodar a gente, e segundo se assentou entre elles, foi escolher-se em terra o lugar mais adequado que ser pôde para alojar todos os nossos doen-

tes de escorbuto, de que tínhamos grande copia nos nossos navios, mas os Hollandezes nenhum. Sendo escolhido e assignado o lugar ao pé de uma alta montanha, á borda do rio, que desemboca nesta bahia, circumdrou-se de uma tranqueira de traves grossas, pregadas, e unidas umas ás outras, e travadas com ramos grossos, com baluartes da mesma materia, coberto tudo com as velas do navio, e para defensão desta fortaleza poseram-se-lhe algumas bombardas pequenas. Não podiamos al fazer, pois se não acha naquelle sitio pedra, de que nos podessemos servir. Fossos e trincheira não havia meio de se fazerem, porque tudo era areia movediça. Desembarcámos os nossos doentes de escorbuto, que eram muitos, e para sua segurança mandaram-se homens sãos com arcabuses, mosquetes, e outras armas, afim de os guardar dia e noite.

Os Hollandezes, como não tinham um só doente, não se quizeram alojar em terra; e somente armaram uma tenda a cem passos da nossa fortaleza, com duas pequenas bombardas montadas para sua defensão, e dalli enviavam a sua gente a calafetar e espalmar o navio, o que fizeram com toda a diligencia; e de dia andavam em terra, e conviviam connosco.

Depois de estarmos todos agasalhados na fortaleza, por segurança dos doentes, e mesmo dos sãos, mandámos dous arcabuseiros pela terra dentro a reconhecer-a, os quaes tendo entrado um pouco pelo interior da ilha, avistaram gente da terra que com medo fugia delles; com tudo afim de os não espantar, não quizeram seguil-os mais avante, e se recolheram na forma da ordem do nosso capitão-mór. Os naturaes tendo assim sabido que eram chegados navios ao porto, e que havia na terra gente estrangeira, vieram em numero de quinze a vinte, armados e enfeitados a seu modo, trazendo somente uma vacca e um carneiro. Sua tenção era reconhecer-nos. e palpar se trataríamos com elles livremente e com franqueza, para depois tomarem resolução sobre se viriam commerciar

comnosco, ou não. Tendo-se pois approximado de nós, estiveram por algum tempo a fazer-nos signaes, porque nem nós entendiamos a sua lingua, nem elles a nossa; e depois retiraram-se com os dous animaes sem querer trocal-os, com quanto nós lhe houvessemos mostrado muitas cousas, de que elles pareciam gostar. Mas (tendo, como é de presumir, reconhecido que nós eramos gente de boa fé, e que não usavamos de violencia, pois não lhe haviamos feito offensa, nem os haviamos perseguido) volveram pouco depois, e nos deram a sua vacca e carneiro, e nós demos-lhes tambem pequenas facas, tisouras, e cousas semelhantes, de que elles faziam estimação. Dest'arte travámos amizade uns com os outros, de tal sorte que em quanto alli nos detivemos, de quatro em quatro dias sem falta elles vinham com muitas cabeças de gado, aves, leite, mel, fructas, e entre outras, *patecas*, que são do tamanho de aboboras, mui saborosas, e refrescantes (a). Tudo isto davam a troco de pequenos instrumentos de ferro, e bagatellas de Flandres, e França de tão pouco valor que é admiração; de sorte que por dous tentos, ou por uma colher de cobre ou estanho tinhamos uma vacca, ou um touro, ou tres ovelhas, ou carneiros inteiros, porque elles não tem nem bois, nem carneiros castrados.

Um dia porem aconteceu que o piloto do navio holandez, que tinha o seu apito de prata ao pescoço, entrou por meio destes naturaes quando se mercadejava com elles. Attentaram tanto para o apito, e enlevaram-se tanto nelle, que sem se importarem com nossas mercadorias, nem que ficassemos descontentes, não quizeram dar mais cabeça alguma de gado a não ser em troca do apito; e assim não houve remedio senão compral-o a seu dono, e entregar-lho a elles, distribuindo tambem em pedações as cadeias, de que elle estava pendente; e apoz

(a) São *Melancias*.

este foi mister vender todos os outros apitos de nossos navios. Isto nos augmentou o preço dos mantimentos, de maneira que uma vacca ou touro, que de antes nos não podia custar mais que um ou dous soldos, começou a custar o valor de oito ou nove.

Algum tempo depois veio ter connosco um homem da terra, que antes não era vindo, e nos mostrou um brinco das orelhas feito das cadeias dos apitos, com um bocado de pão cortado em forma redonda; por onde entendemos que elle pedia reales de quarenta soldos (a), porque o pedaço de pão era da mesma forma, diâmetro, e grossura; mas não lhos quizemos mostrar. Elle conhecia muito bem o dinheiro; o que nos fazia julgar que mais no interior da ilha ha povos mais sabedores e entendidos uns que outros. Note-se que era defeso entre nós a todas as pessoas comprar ou trocar em particular com elles, assim a Hollandezes como a Francezes, afim de que todos os mantimentos e refrescos fossem em commum. O navio hollandez tomava a quarta parte, e pagava nessa proporção; e quanto aos nossos dous navios o rateio vinha ordenado de S. Maló, a saber, que de tudo quanto se comprasse tivesse o Corbin duas quintas partes, e o Crescente as tres, porque tinha maior numero de gente.

Pensavamos ter arribado a esta ilha para nos refrescar nella commodamente, e curar nossos doentes de escorbuto, e depois calafetar nossos navios, que bem careciam desse remedio. Mas foi pelo contrario, porque os doentes morriam quasi todos, e ninguem cobrava saude; es proprios são cahiam enfermos de uma febre ardente com frenesí, de que morriam em dous ou tres dias. Era mal contagioso, de forma que uma boa parte das pessoas principaes d'entre nós, e das que eram de melhores familias, morreram. O numero dos mortos chegou a qua-

a. Os *reales* era moeda hespanhola de prata, commum em Portugal, e a que ordinariamente servia para o commercio do oriente naquella epocha. O auctor avalia os *reales* na sua moeda franceza de *soldos*.

renta e um nos dous navios, assim de escorbuto, como da febre, e muitos iscados ahi do mal morreram logo depois na viagem. Ahi adoeceo o nosso capitão, e foi morrer ás ilhas de Maldiva, como abaixo diremos. Os doentes da febre, porque se entendia ser doença procedida alli da terra, eram conduzidos aos navios, mesmo porque ahi fazia mais fresco que em terra; e os do escorbuto, molestia que procede do mar, e das fadigas, que ahi se soffrem, eram desembarcados para terra. Enterrámos, ou, para melhor dizer, mettemos debaixo da areia (pois alli não ha *terra*) os nossos mortos em um sitio, a que chamámos o Cemiterio dos Francezes. (a) Era mui difficultoso abrir as covas, e lançar nellas os defunctos, porque tudo é areia movediça que esborôa logo; e por isso lançavamos os corpos nas covas de longe, levando-os suspensos por cordas em páos cumpridos, e estes conduzidos ás costas pelas duas pontas.

Em quanto a mim, em quatorze mezes queduron a viagem de ida, e doze de volta, não enfermei, graças a Deos; mas na India fui bem apalpado de doenças. Aquelle logar he na verdade mui doentio, por ser situado directamente debaixo do tropico de capricornio, d'onde o sol anda mui proximo, e bate quasi a prumo, ao pé de uma alta montanha, coberta de infinito numero de lagartos, que todavia não faziam mal, e ninguem foi por elles offendido. Teriamos ainda sido mais apertados do calor, se não estiveramos proximos de uma grande matta copada á margem do rio, onde os que logravam saude iam passear de dia, e tomar fresco. Alem disso tinhamos a commodidade do mar e do rio para tomar banhos. Era esta matta tão povoada de bugios pequenos, que mais não podia ser. E' mui divertido ver estes animaesinhos folgar, e saltar de arvore em arvore, como cá

(a) O original diz = *Nous enterrâmes, ou pour mieux dire, nous enseblasmes (n'y ayant point de terre là) nos morts &c.* = bonita phrase, que não se pode verter sem portuguez com a mesma graça.

fazem os esquilos. Ha tambem um numero maravilhoso de passaros de todas as qualidades, mas os principaes são papagaios, dos quaes ha cinco ou seis diversidades; e é muito aprasivel ouvir as diversas musicas de seus gorgeios. Acham-se tambem aqui fructas desconhecidas, umas boas para comer, e outras não. Não havia alli, e em todos os arredores até longa distancia, senão areia movediça; a agua dos rios é nociva á saude e salgada, porque o mar entra nelles; mas á falta d'outra eramos constrangidos a usar della. O calor era tão forte que muitos dos nossos, com quanto tivessem meias e çapatos, tinham comtudo os pés crestados, o que causava ulceras mui custosas de curar, e lhe impedia o andar. Alem disso uma grande parte não sabendo reger-se, depois de ter jejuado no mar, fartavam-se excessivamente de carnes frescas, e o grande e forte calor fazia a digestão mais difficil. Soffriamos ainda grande incommodo por via das moscas, que de dia nos perseguiam extremamente; e de noute os mosquitos, que picam na carne a verter sangue, e a fazem inchar como cá as abelhas. Ao sol perdem a força, e recolhem-se á sombra dos bosques, ás casas, e logares cobertos, mas de noute espalham-se por toda a parte; e são em tão grande copia, e picam tão vivamente, que é impossivel aguentar sem cobrir as mãos e o rosto, a ponto que para repousar nos era preciso fazer fogo e muito fumo, e deitarmo-nos bem ao pé. Muitos dos nossos doentes mettiam-se em saccos fechados, deixando apenas um pequeno buraco para respirar. Nas ilhas de Maldiva, de que tratarei mais abaixo, onde elles tambem perseguem muito, usam cortinas feitas de proposito, tão bem cosidas, que estes pequenos insectos não podem entrar. Este mal é commum em toda a zona torrida.

A ilha de S. Lourenço é mui grande, porque contem mais de setecentas legoas de circuito, o que posso asseverar pela ter costeado de uma e outra banda, tanto na ida, como na volta. Um dos extremos, ao sul, começa

na altura de 26 grãos ; e o outro, ao norte, está debaixo dos 14. E' mui abundante de gado ; as ovelhas parem de cada vez tres ou quatro crias, o que conheci por experiencia, porque matámos algumas, que estavam prenhes, e que tinham no ventre aquelle numero. A cauda dos carneiros e ovelhas é grossa e pesada excessivamente, e pesámos uma que tinha vinte e oito arrateis. Os touros, as vaccas, carneiros, e ovelhas são em tanta copia por toda a ilha, que não tem dono, e são de quem primeiro os apanha. Esta grande quantidade procede de que a gente da terra come mui pouco destes animaes, á semelhança de todos os outros povos da India, que não comem carne, e fazem mais uso do peixe, fructas, e lacticinios. Vêm-se alli rebanhos destes animaes até trezentas e quatrocentas cabeças. E uma cousa admiravel vimos destes touros e destas vaccas, e é que sendo aquelle rio tão largo e fundo como o nosso Sena, quando estes animaes queriam passar de um lado a outro, os maiores touros se punham diante, e as vaccas os seguiam, pondo cada uma a cabeça sobre as ancas de um touro, e os vitellos poem a sua sobre as ancas da mãe ; e se ha mais vaccas que touros, poem a cabeça sobre as ancas umas das outras, e assim passam o rio. Estes touros e vaccas tem sobre o cachaço uma grande massa de gordura, boa e delicada, e do mesmo gosto que a da cauda dos carneiros. E com tudo estas carnes não são tão saborosas, nem tão saudaveis como as deste paiz. Ha grande numero de macacos e papagaios, de que nós comiamos em tanta fartura, que metíamos ás vezes cincoenta e sessenta juntos a coser n'uma caldeira, e a carne delles é tão boa como a dos pombos grandes (a). Ha tambem quantidade de volateis, como galinhas, perdizes, faisões, e outras especies de aves. Vêm-se ahi grande numero de cameleões,

(a) O auctor visivelmente se refere nesta comparação só aos papagaios, e não os macacos. Se ha com tudo equivoco na phrase, é delle, e não do traductor.

e lagartos grandes, dos quaes ha alguns mais gróssos que a zoxa de um homem, e morcegos maiores que corvos. No rio, á borda do qual estavamos alojados, ha grande porção de peixe, de que nós pescavamos em muita quantidade. Mas ha tambem muitos crocodilos, e matámos bastantes. E nisso observámos uma cousa admiravel, e foi, que tendo matado um crocodilo ou muitos, e tendo-os aberto, as entranhas cheiravam muito bem, e perfumavam o ar com aroma muito agradável. Era de noute que nós nos punhamos á espera delles para os apanhar, e de dia tinhamos lançado muitas entranhas de vacca, de ovelha, ou outros animaes á borda do rio sobre a arcia, e quando era noute fechada não faltavam a buscar a carniça, e então lhe atiravamos. Quando iam só feridos, e se escapavam, nem por isso deixavamos de sentir toda a noute aquelle mesmo cheiro, como de almiscar. A gente da terra é de côr baça atirando para acobreada, alta, direita, bem disposta, experta, e avisada. Os homens andam nus, e apenas usam um pedaço de panno de algodão para cobrir as partes pudendas; tem os cabellos compridos, e os arranjam em tranças e torcidos. Por armas usam só dardos e frechas, a que chamam *azagayas*, que elles atiram mui destramente. Tem muito medo dos arcabuses, e ao estrondo de um tiro botam a fugir. As mulheres tem um panno, que as cobre desde de cima dos peitos até á cinta, depois outro desde a cinta até ao joelho; a cabeça nua e rapada, sem cabello algum. As suas louçainhas e ornamentos são manilhas de cobre, de estanho, ou de ferro, de que fazem grande estimação. Diz-se que esta ilha foi em outro tempo povoada pelos chinezes por occasião de se perder aqui um de seus navios, e assim ficaram na terra. E na verdade parecem-se muito na cara com os chinezes, salvo na côr, porque os chinezes são brancos, e esta gente baça; mas estam na zona torrida, e andam sempre nus. A ilha é hoje muito povoada, e ha nella muitos reis, que fazem guerra uns aos outros,

Entre os habitantes ha alguns que seguem a religião mahometana, e são circuncisios; outros são pagãos e gentios.

Em quanto estivemos nesta ilha, seis homens nossos, que eram carpinteiros, bombardeiros, e de outros mestres necessarios aos navios, foram alliciados por um d'entre elles, que era Flamengo, e se achava queixoso contra o mestre do Corbin; e os persuadio a largar os navios, onde só havia trabalho e miseria, e passarem ao interior da terra, onde sem duvida seriam bem acceitos e agasalhados dos reis della; e tanto mais de boamente o acreditaram, quanto elle já havia estado na India. Nesta resolução saíram uma noite dos navios encobertamente, levando comsigo biscouto, a sua roupa, e cada um seu arcabuz provido de munições, na tenção de não tornarem mais. Sendo conhecido pela manhã este successo, nos deu enfado pela falta que tínhamos de homens, receando tambem que elles espantassem a gente da terra, e fossem azo para nos não trazerem mais mantimentos; e com effeito por esta causa cessaram de vir algum tempo. Mas em fim os fugitivos, obrigados da necessidade voltaram; e o nosso capitão-mór os recebeu, e lhes perdoou pela grande necessidade que delles tínhamos; aliás teriam sido punidos. Disseram-nos elles que andaram sete dias sem achar agua, padecendo fortissima sede, e muito trabalhados do excessivo calor, de sorte que se viram obrigados a beber a sua propria urina. Quanto ao comer não sentiram falta, por quanto levavam biscouto, e encontravam caça a cada passo, e ás vezes fructas. Avistavam ás vezes ranchos da gente da terra com quantidade de cabeças de gado, mas fugiam delles, e não podiam chegar-lhe ao pé. Diziam elles tambem que haviam encontrado porção de choupanas fabricadas de cannas e matto, nas quaes com tudo só havia redes de pescar feitas de algodão com páo em lugar de cortiça, e em vez de chumbo conchas grossas, e busios, e muitas espinhas de peixe. Ás vezes achavam troncos de

árvores grossas cortados, e excavados, onde havia uma pouca de agua da chuva.

Mas, tornando ao fio de minha viagem, padecemos muitas misérias nesta ilha durante tres mezes, que ahi nos demorámos. Nossos navios estavam em piedoso estado; o Crescente todo aberto, e o nosso da mesma sorte da parte da proa. Aqui fizemos um pé ao nosso mastro de mezena. Os Hollandezes fizeram mastros de muitas peças, e no fim de seis semanas de demora partiram sem haver perdido um só homem. Da nossa parte davamos muita pressa a tudo, mas de momento em momento a nossa gente cahia enferma, e de dia em dia morriam uns apòz outros, o que foi causa de maior detença. Porem depois de termos calafetado nossos navios, foi mister tratar da partida. Para este effeito fez-se provimento de carnes para os dous navios, as quaes não eram boas, nem capazes de se guardarem, mas foi necessario recebê-las. Cortava-se esta carne ainda fresca em fatias mui pequenas e delgadas, e immediatamente se salgava, e se punha a seccar ao sol sobre cordas para isso estendidas por toda a parte; mas a talhada que era mais grossa não seccava, e criava bicho. Todas as carnes destas terras não tomam tão bem o sal como as nossas de cá; e por mais que fazíamos sempre se arruinavam, e em todo o caso não são de tão bom gosto. Estando nossos navios de todo prestes, calafetados, de verga d'alto, e depois de termos mettido lenha e agua, embarcado o resto de nossos doentes, e tudo o que havia em terra, foi necessario tratar de fazer de vela. Mas como havíamos perdido a terça parte da nossa gente, e a viagem estava tão atrasada, foi resolutio tomar gente da ilha para nos ajudar, porque estávamos mui debilitados, e os homens eram poucos em comparação da grandeza do Crescente.

Para este effeito o nosso capitão-mór mandou que de manhã cedo se fossem esconder espingardas, pistolas, e espadas em certo logar, entre aquelle por onde esta pobre

gente vinha para nós, e o lugar onde elles paravam a commerciar comnosco em seu gado e outras mercadorias; e a poucos e poucos, fez tambem o nosso capitão-mór por gente nossa em dous diversos sitios proximos em emboscada, a fim de que quando viessem pelas nove ou dez horas da manhã segundo o costume, e como haviam promettido por signaes na ultima vez, vendo-nos sem armas, e não desconfiando de nada, porque estavam já muito familiares comnosco, fossem facilmente apanhados pelos nossos, assim pelos que deviam correr a pegar nas armas escondidas, como pelos que estavam na emboscada. Isto havia sido disposto assim com tantas cautellas, porque elles não queriam chegar-se a nós quando nos viam armados, e sobre tudo tem medo das armas de fogo; e sem embargo da muita familiaridade, que já tinham comnosco, não deixavam nunca de ter a advertencia, como finos e avisados que são, de attentar sempre mui cuidadosamente para nossas acções, e procedimento. Assim o nosso desenho era dar-lhes uma má despedida, e não melhor agradecimento. Mas Deos não permittio que esta perfidia fosse a effeito. Elles não vieram nesse dia, o que vendo o nosso capitão-mór, mudou de tenção, e deu ordem para ser tudo prestes a partir no seguinte dia. E foi um grande beneficio para nós os que estavam no Corbin não ter tomado aquelles insulares, porque se os tiveramos comnosco, quando ficámos retidos nas ilhas de Maldiva, como abaixo se verá, ter-nos-hiam matado a todos por ladrões.

A 15 de maio de 1602 levantámos ferro. Mas como havia a bordo muitos doentes, e entre elles o nosso capitão do Corbin, e já tres pessoas eram mortas depois de havermos dado á vela, resolvemos a tomar o ramo das ilhas do Comoro.

CAPITULO IV.

Chegada ás ilhas do Comoro. Detença no porto; refresco muito commode.

A 23 do mesmo mez avistámos as ilhas do Comoro, que estão a 12 grãos e meio de elevação da banda do sul, entre a ilha de S. Lourenço e a terra firme d'Africa, afastadas quasi setenta legoas de Moçambique. São sinco, em cada uma das quaes ha um rei. Uma, que está no meio das outras quatro, chama-se *Malailli*, e no porto della lançámos ferro. Logo depois de ahi chegarmos, o nosso capitão-mór enviou um batel a terra para a reconhecer, e para ver se se poderia alcançar algum refresco para os enfermos, que não haviam podido cobrar saude na ilha de S. Lourenço, antes pelo contrario além de nos morrerem muitos, ainda os mais sãos haviam enfermado. Tendo pois abordado o batel em terra nesta ilha de Malailli junto de uma aldêa (e viamos grande numero dellas mui perto umas das outras, e mui grandes, cujas casas eram de madeira, cobertas de folhas de palmeira) nossa gente foi mui bem agasalhada dos naturaes, muitos dos quaes os vieram receber com todas as apparencias de amizade; e com effeito lhe trouxeram quantidade de fructas, em compensação das quaes os nossos lhes deram quinquelharias de ferro de pouco valor, tornando a recolher-se aos navios. No seguinte dia foram os nossos novamente tratar com estes insulares, mas com a maior desconfiança e circumspecção, porque receavamos ser enganados como na ilha de Anno-bom. Iam dois bateis; em um delles a fazenda para commerciar, e os que tinham cargo deste negocio, com alguns marinheiros, dos quaes saíam dous em terra á beira-mar, onde os naturaes traziam as suas

mercadorias; o outro batel ficava da parte detraz, bem guarnecido de arcabuzeiros e mosqueteiros, para evitar alguma malfetoria contra a nossa gente, que estava em terra. Os da ilha também tinham suas armas, que são al-fanges ou cimitarras, dardos, arcos e flechas. E para tratar com elles não era mister fallar por sigtiaes, como na ilha de S. Lourenço, porque alguns fallavam portuguez. A primeira cousa, que nos perguntaram foi quem nós eramos, e tendo-lhe respondido que eramos Francezes, nos perguntaram se eramos amigos e alliados dos Portuguezes; e como um dos nossos lhe dissesse que sim, replicaram que, se assim fosse, teriamos ido procurar abrigo a Moçambique. Continuavamos a commerciar com elles todos os dias da mesma sorte; e tres ou quatro dias depois nos disseram que nós não havíamos ainda cumprido com nossa obrigação, e que era costume, quando algum navio estrangeiro aportava a estas ilhas, ir cumprimentar com um presente honesto o rei da ilha, que morava dalli a duas legoas pela terra dentro.

O nosso capitão-mór, que estava no batel dos soldados, respondeo que o houvessem por absolto, pois não sabia o costume da terra, nem que el-rei residia nesta ilha; e que no dia seguinte satisfaria ao que lhe diziam. Logo depois tendo vindo o capitão-mór a bordo do Corbin a visitar o nosso capitão, que estava mui enfermo, fez ali mesmo preparar o presente para o rei, a saber, bellos vasos de vidro dourado da fabrica de Veneza, e algumas roupas de pouco valor; e no dia seguinte foi no batel junto a terra, e ali tendo vindo a gente da ilha, depois dos cumprimentos de parte a parte, mostraram grande satisfação do presente, e se offereceram a servir de guias aos que houvessem de desembarcar para o levar a el-rei. Mas o nosso capitão-mór, dizendo que ia enviar lá dous dos nossos, pedio também dous delles em refens. Então começaram a consultar entre si, e deram depois em resposta que a sua gente não queria entrar nos nossos bateis, porque eram pessoas

que não tinham visto cousa alguma ; mas que sem embargo disso nada devíamos recear, e desembarcassem com toda a segurança, que elles nos davam sua fé e palavra que nos não havia de succeder mal nem incommodo algum. Mas nós havíamos sido uma vez enganados em Anno-bom por demasiada boa fé, e por isso não desejavamos sê-lo segunda vez ; e assim lhe dissemos que nada enviaríamos, se elles não entregavam os refens. Porém elles accrescentaram que se ninguem dos nossos queria ir cumprimentar el-rei, nem levar-lhe o presente, que ao menos lho entregassemos a elles, e elles o cumprimentariam da parte do capitão-mór. Este lhe respondeo que a não ir elle, ou algum dos seus, não estava resoluta a enviar o presente, que talvez fosse divertido antes de lá chegar. Isto todavia não interrompeo o trato, e o continuámos como de antes, não afrouxando nas cautellas. Eu não sei porque rasão elles obravam assim, nem se era com boa ou má tenção ; mas sei que não ha nada que fiar nestes reis e povos da India, quer seja procedido de sua religião, quer do genio do paiz ; e não ha differença nesta parte de mouros (a) a gentios. Não guardam fé a ninguem, e só vão atraz da utilidade. Acceitam tudo, venha donde vier ; ora são amigos de uns, ora de outros, e sempre estão dispostos a servir quem mais dá. Os mesmos chinezes participam alguma cousa disto. Donde vem que os Portuguezes por toda a India oriental dão conselho aos povos, com que tem alliança ou familiaridade, e até lhe rogam instantemente que façam e pratiquem toda a sorte de traições e surpresas aos navios francezes, inglezes, e hollandezes, chegando a prometter-lhe recompensa. De sorte que eu me não fiaria de nenhuma destas nações, quer aliada dos Portuguezes. quer não, sem formar d'antes alliança e tratado com ellas ; e mesmo assim bom é não se

(a) *Mourós* chamamos nós os Portuguezes indistinctamente a todos os Mahometâneos.

fiar demasiadamente n'ellas, e estar sempre vigilante com discrição.

Ora, tornando ás ilhas do Comoro, os habitantes seguem a religião mahometana, e assim nos diziam á quinta feira que no outro dia era o da sua festa, e por isso não podiam commerciar; que viriam no sabbado; do que me certifiquei depois quando estive na India. Ha alli um mixto de diversas nações, umas da costa de Ethiopia como cafres, e mulatos, e de fóra arabios, e persas; e são muito amigos dos Portuguezes. Agora julgue-se se elles são destituídos de expertesa, conselho, e discrição. Depois na India soube que elles haviam formado o plano deprehender um navio inglez, que estava surto no seu porto, e foi assim. Tendo-se familiarisado com os Inglezes a ponto de irem e virem livremente uns a terra, e outros ao navio, a maior parte do tempo estavam os da terra a bordo do navio a beber e a comer, até ficarem lá de noute a dormir. Uma noute porém vendo que não desconfiavam delles, quizeram ficar senhores do navio, e com effeito tendo esperado que todos fossem adormecidos, mataram assim doze ou quinze Inglezes, e teriam levado ao cabo a sua empresa, se os outros accordando a tempo, se não defendessem valerosamente, e matassem grande numero destes insulares, salvando-se os outros a nado. Eis o porque não é bom fiar-se a gente nestes povos.

Estando nós neste porto, e continuando o commercio dos fructos sempre na forma do costume, quizeram os nossos marinheiros ir fazer aguada da outra banda da ilha, junto d'outra aldêa differente daquella, com que tinhamos tratado, por lhes parecer o lugar mui commodo para tomar grande porção de agua. Mas os moradores desta aldêa, que se não haviam importado com a nossa vinda, nem della tiravam proveito algum, quando a nossa gente desembarcou, saíram-lhe armados, e impediram a aguada, dizendo que o não consentiriam, selha não pagassem a dinheiro de contado, de forma que os marinheiros tiveram de

recolher sem concluir cousa alguma. O que sendo sabido pelo nosso capitão-mór, e não desejando elle usar de violencia, porque tambem não era o melhor meio, attento o pequeno numero da nossa gente, deu dinheiro aos marinheiros para tornarem ao sitio, e pagar a agna aos moradores. Cinco ou seis escudos foram bastantes para nos deixarem tomar quanta agua quizemos.

Estas ilhas são sumamente ferteis em fructos, como laranjas azedas mui grandes, laranjas mais pequenas dôces, limões de duas qualidades, côcos, bananas, mel, betle, e arroz, o qual depois de cozido é de côr arroxada. Em todo o tempo que alli estivemos surtos compravamos cada dia tres ou quatro bateis cheios destas cousas por tão pouco valor, que mais não podia ser, isto é por pequenas peças de quinquelharia, e outras bagatellas de Flandres. De carne não ha ahi tanta fartura, e vendiam-na a dinheiro, tão cara, ou mais do que o ella é cá.

E todavia ha na ilha gado em abastança, como bois, vaccas, cabras, e carneiros, que não são semelhantes aos da ilha de S. Lourenço, e ainda que tem tambem cauda grande e larga, não é redonda, parecem-se com os de Berberia. É igualmente abastada de gallinhas, perdizes, rolas, pombos, e outras aves. Segundo o que eu pude saber, não tem estas ilhas outra riqueza, salvo estes fructos, dos quaes carregam barcos, fabricados todos de coqueiro, á moda dos das ilhas de Maldiva, como abaixo direi; e nelles vão levar-os a Moçambique, que dista apenas setenta legoas, e em troca trazem aquillo de que carecem, como algodão, tecidos do mesmo, ouro, marfim, e semelhantes cousas. Os Portuguezes de Moçambique tambem vem alli commerciar. E assim estas ilhas são mui proveitosas a Moçambique, e aos Portuguezes que lá moram, para extrahir mantimentos, porque o territorio adjacente a Moçambique é mui arido, e esteril. E na India vim a saber de todos os que alli haviam estado que se vive lá muito caro.

Ora todos os refrescos, que os nossos compravam, era em nome do nosso capitão-mór, e á custa dos navios; depois repartiam-se os fructos por todos igualmente; e a ninguem era licito commerciar em particular, salvo nos dous ultimos dias, em que o capitão-mór deu licença a todos para comprar cada um por si o que bem lhe aprouvesse. Por ultimo não posso passar em silencio uma cousa bem rara, que aqui observámos, porque indo em um batel a uma legoa de terra, recolhendo para os navios fundeados no porto, vimos apparecer sobre a agua perto de nós um peixe de figura monstruosa. Vimos-lhe somente a cabeça, que parecia de homem, tendo na maxilla uma especie de barbas, que pareciam barbatanas, e a cabeça um pouco comprida adolgaçando em ponta coberta de escamas. Mas quando quizemos chegar mais perto, mergulhou a cabeça para o fundo, e então lhe vimos parte do costado, que era escamoso, e depois desapareceu.

Estivemos surtos no porto destas ilhas por espaço de quinze dias, e não se pode crer quanto esta demora nos foi util e commoda. Todos os nossos enfermos de escorbuto saráram, e os outros tiveram allivio, assim por via dos bons ares, como da boa agua, e dos bons fructos. Pois observei que nesta enfermidade do escorbuto, que é tão frequente no mar, não ha melhor mesinha, nem mais certa que os limões, e laranjas, e seu succo; de sorte que depois de termos feito grande uso destas fructas, cada um levou ainda provimento para o caso de necessidade. Em fim démos á vela a 7 de junho de 1602. E a 21 do dito mez e anno passámos novamente a linha equinocial para o norte e pólo arctico, na qual nada notei além do que acima disse quando pela primeira vez a passei, salvo comtudo não ahamos tantas calmarias nem travados, e não soffrermos os incommodos, que passámos na costa de Guiné.

CAPITULO V.

Lamentavel naufragio de navio chamado o Corvo, em que ia o auctor, nos bancos das ilhas de Maldiva. Como a gente se salvou n'uma ilha a muito custo, e as misérias, a que se viram reduzidos.

O que já disse dos contratempos da nossa viagem, e dos trabalhos que até aqui passámos, é nada em comparação do que pouco depois succedeo. Contarei agora a maior miseria que se pode imaginar; e tenho por certo que ninguém haverá que, lendo-o, não deplore um desastre tão triste e tão lamentavel, que nos levou á ultima ruina e opprimio de todo. Eis como o caso aconteceu.

No primeiro dia de julho de 1602, estando nós em altura de 5 graus da linha equinocial da banda do norte, e fazendo mui bom tempo, sem calina nem vento de mais, ao romper do dia percebemos que o Crescente vinha sem o seu batel grande, que desde a ilha de S. Lourenço trazia atraz de si, aonde havia sido mui bem seguro, para servir em vez de patacho; por quanto fôra assentado em S. Maló entre o nosso capitão-mór e a companhia dos mercadores fabricar um patacho na primeira terra onde saíssemos alem do cabo da Boa-Esperança; e para esse effeito trasiámos toda a qualidade de madeiras proprias, um mastro, e enxarcia, tudo afeiçãoado e apparelhado, de sorte que não havia mais que unir as peças. E é cousa bem necessaria para as longas viagens ter um patacho, a fim de poder reconhecer os logares não conhecidos, sair em terra quando a occasião se offerece, e até entrar nos rios, em que um navio grande o não pode fazer, ou não ousa arriscar-se. Noto expressamente a perda do batel grande que servia de patacho, e a falta que nos

fez, por rasão de não haver outro, tanto mais que se o houvera, podéra o Crescente ter salvado a gente do nosso navio. Logo sem detença descobrimos muito ao longe grandes bancos, que circumdavam uma quantidade de ilhetas, entre as quaes avistámos uma pequena vela. Isto foi parte para que fôssemos logo a bordo da nossa capitania, e advertissemos ao capitão-mór de que já não viamos o seu batel. Disseram-nos então que na noute passada um grande rolo de mar o havia enchido de agua e partido o cabo, a que estava prezo e amarrado, e mettido no fundo ; o que como já disse, era grande perda, e grande inconveniente. Depois do que o mestre do nosso navio, que era só quem fallava destas cousas (porque o capitão e tenente estavam enfermos, e o nosso piloto, que era inglez, não fallava francez) lhe perguntou que bancos, e que ilhas eram aquellas, que estavam á vista. O capitão-mór e o seu piloto responderam que eram as ilhas chamadas de Diogo Rodrigues, e todavia tinhamos deixado estas ilhas de Rodrigues oitenta legoas atraz de nós para oeste. Levantou-se então grande contenda entre os do Crescente e os nossos sobre a conhecença destes bancos e ilhas ; porque o nosso capitão, piloto, mestre, e contra-mestre teimavam que eram as ilhas de Maldiva, e que era mister ir com tento ; e o nosso capitão-mór e o seu piloto eram de contrario parecer. Vimos até pequenos barcos, que davam mostras de querer vir a nosso bordo para pilotear, como eu depois soube delles, mas o nosso capitão-mór não esperou, tratando-os assaz indiscretamente de resto. Todo o dia se passou nesta disputa, continuando nós sempre nosso caminho, e indo uns perto dos outros, até que sendo chegada a noute, o nosso navio, como é costume, foi passar a barlavento, para dar as boas noutes ao capitão-mór, e receber delle a ordem do que devia fazer de noute. Então o mestre do nosso navio perguntando se havia passagem aberta, o capitão-mór lhe disse que sim, e que julgava com certeza que as ilhas eram as

de Rodrigues, e não outras, com tudo porque esta paragem lhe era desconhecida, e receiando que houvesse outros bancos e rochedos por d'ávant, o melhor era quando fosse noute cerrada, pôr a prôa em outro bordo, e correr para leste até á meia noute, e depois da meia noute revirar, e tornar a pôr o navio no primeiro rumo, e correr a leste, para ao romper do dia estar no mesmo lugar, em que então estávamos, ou um pouco mais ávante, a fim de não adiantar caminho de noute, e nos não perdermos em lugar desconhecido. Chegada a noute cumpriose a determinação do capitão-mór. O nosso capitão, que estava mui enfermo, me encommendou advertir da sua parte ao mestre e contra-mestre que fizessem bem o seu quarto (assim se chama a vigia, que se faz de noute no navio pelos officiaes, cada um por sua vez, como sentinellas), e que elle havia por certo que nós estávamos em um lugar bem perigoso á vista das ilhas de Maldiva, sem embargo da opinião do piloto do Crescente. A tenção do nosso capitão-mór era passar ao norte das ilhas de Maldiva, entre a costa da India, e a cabeça das ilhas. Mas pelo contrario - nós iamõs directos dar em cheio, e ficar emmaranhados no meio dellas. Os pilotos affirmavam que elles tomariam cautella, porque todos aquelles que se mettem a navegar nestes logares, devem receiar, e fugir destes escolhos e bancos perigosos de cem legoas ao longe, se poder ser; aliás só por grande acerto se pode passar por entre estas ilhas sem naufragar.

Mas a desventura nos perseguia de tão perto, que a despeito da providencia do nosso capitão, que era só quem teria podido remediar a ignorancia dos outros, acon-teceo o que ainda não havia acontecido em toda a viagem, isto é, todos nesta noute adormeceram profundamente, mesmo aquelles a quem cumpria velar pelos outros. O mestre e o contra-mestre emborracharam-se; a luz que de ordinario se conserva á pópa para allumiar a bitacola, apagou-se; e por cima de tudo aquelle que nessa hora

tinha o leme, e lhe competia vigiar pela luz e ampulheta, adormeceu também, e com elle o pagem, que o acompanhava, porque é costume o marinheiro, que governa o leme, ter sempre um pagem junto a si. E o peor é que fez virar o navio a leste meia hora, ou talvez tres quartos mais cedo do que devêra. De sorte que estando assim todos a dormir, bateo o navio fortemente, e tocou duas vezes sobre um banco, e quando ao estrondo se levantavam todos sobresaltados, bateo rapidamente pela terceira vez, e encostou-se sobre o banco. Deixo agora ao leitor pensar em que estado poderiam estar todos os do navio, que piedoso espectaculo era o nosso, quantos brados e gemidos se davam, como de pessoas, que se sentem perdidas e naufragadas de noute sobre uma rocha no meio do mar, não tendo a esperar, senão a morte certa! Uns choravam e gritavam com toda a força, outros encomendavam-se a Deos, outros confessavam-se uns aos outros, e em vez de termos um capitão, que nos governasse, e desse alento, tínhamos um que metia dó, e augmentava a nossa piedade, porque havia mais de uma mez que se não levantava da cama; mas o temor da morte o fez saltar logo fora della em camiza, assim mesmo fraco como estava, e composeo-se p'ra o chorar. Como o navio estava meio tombado, cortimos-lhe os mastros para não tombar mais, e disparámos um tiro de bombarda para advertir o Crescente que se afastasse, recendo que se viesse perder connosco. Mas elle não corria perigo, porque estava muito afastado, e tinha boa vigia. Pensavamos que o navio se ia ao fundo, porque não viamos outra cousa senão grossas vagas passar por cima de nós, e de feito outra cousa não era de esperar, se fora rochado onde o nosso navio houvera batido. Tres quartos de hora depois, pouco mais ou menos, rompeo a alva, e então vimos ilhas proximas a cinco ou seis legoas de distancia além dos bancos, e o Crescente que caminhava á nossa vista, e mui perto de nós, sem nos poder soccorrer.

O nosso navio estava firme sobre o costado, e tendo encalhado sobre um banco, podia ainda durar assim algum tempo, por quanto o banco era de pedra, e não de areia, porque se o fora, o navio teria tombado de todo, e entrando-se na areia perceríamos todos afogados sem remissão. Isto nos deu uma especie de consolação, e alento para tentar salvar as vidas por qualquer meio que fosse, e fazer diligencia por sair em terra, aindaque com tudo isso pouca esperança havia de o alcançar, visto o longo espaço de mar que era necessario atravessar antes de chegar a terra, e ainda depois corriamos risco de nos ser defesa a desembarcação, e de morrer ás mãos dos naturaes.

Foi pois assentado que engenhássemos alguma cousa propria para nos transportar, por quanto não havia esperança de poder tirar a galeota, ou batel. Tomaram-se mastareos, vergas, e certos páos grossos, a que chamam antenas, os quaes vão de um e outro lado do navio, e são proprios para fazer vergas ou mastareos, quando é mister; e porque só servem para provêr ao caso de necessidade, dá-se-lhes o nome de antenas, mas quando dellas se fazem mastareos ou vergas, dá-se-lhe então estes només, e se chamam mastareos ou vergas de *beille*, que quer dizer de sobrecollente (a). Ligaram-se pois umas ás outras em forma de uma grande grade, e por cima pregáram-se muitas taboas tiradas do interior do navio; e chama-se esta especie de jangada um *pangayo*. (b)

Era bastante para nos transportar a todos facilmente, e ainda para salvar uma grande quantidade de bagagens

(a) Além desta mesma significação, que a palavra *antenna* ainda hoje tem em portuguez, era antigamente usada para significar qualquer verga do navio em actual serviço.

(b) O auctor equivoçou-se com a significação da palavra *pangayo*, a qual ainda hoje é usada, mas significa certa especie de embarcação de dous mastros com velas latinas, commum na Africa Oriental e na India, com que se faz frequente commercio entre estas duas regiões.

Quereria o auctor dizer *jangada*? — O original diz — *on apelle cette maniere de claye une Panguaye*. —

e mercadorias. Trabalhámos nesta jangada toda a gente, e com todas as nossas forças desde o romper do dia até ás duas ou tres horas da tarde. Mas todo o nosso trabalho foi perdido, porque foi totalmente impossivel passar para alem dos bancos, e pôr a jangada a nado; o que nos fazia perder todo o animo e esperança, tanto mais quanto, como já disse, havia pouca apparencia de obtermos o batel, que estava bem mettido no navio de baixo da segunda coberta; e como todos os mastros estavam já cortados, não havia meio de pôr ou prender algum moutão para o alar, alem disso o mar estava tão grosso e encapellado que as ondas passavam por cima de todo o navio em altura de uma lança e mais, e a todos os momentos tinhamos de receber toda esta agua sobre nós. Alem disso estando o mar em tal braveza, que viamos vir com impeto a vaga de mais de duas legoas quebrar-se com estrepito horrivel sobre estes bancos e rochas, o batel não teria resistido a esta furia. Neste comenos avistámos um barco, que vinha das ilhas demandar-nos, como para nos reconhecer, mas não se chegou mais perto do que meia legoa, o que vendo um dos nossos, que nadava bem, pôz-se a nado, e foi lá ter, supplicando com toda a especie de signaes e gritos á gente que nelle vinha, que nos soccorresse e acudisse. Mas elles a nada se moveram, por mais que elle instou, de forma que teve de recolher-se com muito trabalho e perigo. Nós não sabiamos o que julgássemos desta cruesa e barbaridade; mas eu depois soube que era estreitamente defeso a todos sem excepção chegar-se, ou entrar em algum navio naufragado, salvo por ordem del-Rei, ou sendo officiaes del-Rei, que se achem alli perto, os quaes então podem salvar a gente, e dar promptamente aviso ao rei. Por outra parte não posso aqui deixar de mostrar o meu espanto de que em tal miseria, e desesperança, muitos marinheiros e officiaes de ordem inferior do navio não cessassem de beber e comer, e consumir sobre posse as vidualhas do navio, dizendo a nós

outros que lho estranhavamos, que já agora perdidos estavam, e que elles por si folgavam mais de morrer naquelle estado, porque assim a morte lhe seria mais suave. Depois praguejavam, e brigavam uns com os outros, e alguns houve que arrombaram as caixas dos que viam occupados em resar, e que não pensavam já nas cousas deste mundo. Diziam ainda aquelles homens que alli já se acabára a dignidade de capitão, o qual agora era tanto como qualquer outro seu companheiro; e que pois a viagem se havia perdido e inutilisado, não tinham já obrigação de lhe obedecer.

Isto certamente me fazia horror; e não ponho duvida em dizer que os navegadores que tal fazem, (e muitos vi assim) deixam em terra sua alma e consciencia, e as não levam para o mar, segundo eu os vejo pouco tementes a Deos, e sobre modo desalmados e insolentes.

Mas tornando a nosso fio; como tudo nos fazia desesperar da vida, tentámos tirar o batel, no que empenhámos todas as nossas forças, como já de manhã havíamos feito depois da jangada.

Tendo finalmente conseguido tirar o batel com o maior trabalho do mundo, cada um trabalhou quanto podia para o calafetar, e pôr em estado de servir, porquanto estava todo aberto e arrombado pelo bater do mar e das ondas. Mas chegou a noute antes de elle estar inteiramente prestes; de sorte que passámos essa noute a bordo do navio nesta miseria e afflicção, e com tanto incommodo e perigo, porque o navio estava quasi todo cheio de agua, e as ondas passavam de ordinario por cima de nós, e nos molhavam sem cessar.

No seguinte dia 3 de julho de 1602 de manhã cedo pozemo-nos a nado para passar o batel da outra banda dos bancos, o que fizemos á custa de muito trabalho e risco; e depois de o haver passado, embarcámos todos nelle levando espadas, arcabuzes, e meias lanças. Assim apercebidos fomos em demanda das ilhas, mas o nosso ba-

tel, que era muito ruim, e ia muito carregado, fazia muita agua; e alem disso esteve cinco ou seis vezes em risco de ser virado pelo vento e pelas ondas, que eram de extraordinaria violencia. Em fim depois de muitos sustos, e assaz de fadiga, aportámos com muito trabalho a uma daquellas ilhas, que se chama *Puladû*.

Quando aportámos á praia, os habitantes que nos esperavam, não consentiram de forma alguma que saíssemos em terra, sem que primeiramente nos desarmassem. De sorte que tendo-nos rendido á discrição destes insulares, nos deixaram em fim desembarcar, depois vararam em terra o nosso batel, tiraram-lhe o leme, mastros, e mais apparelho, enviando tudo a outras ilhas visinhas, para onde igualmente fizeram remover todos os moradores desta ilha sem ficar nella um só. Por este começo conheci que elles eram homens expertos e avisados, porquanto como a ilha é pequena, e não tem uma legoa de circuito, e não eram ao todo senão vinte ou vinte e cinco habitantes, receiavam que desembarcando nós armados em maior numero que elles, podessemos ficar senhores da ilha, e tomar posse de seus barcos, o que nos teria sido mui facil, se souberamos sua fraqueza: mas, como disse, preveniram-se a tempo.

Tendo nós desembarcado, fomos todos juntamente levados a uma choupana no meio da ilha, onde nos deram algumas fructas, côcos, e limões. Alli veio o senhor da ilha, chamado *Ibrahim*. e *Puladû Quilague*, que parecia mui idoso, e sabia algumas palavras da lingua portugueza, por meio da qual elle nos interrogava sobre diversas cousas. Apoz isso a sua gente nos apalpou, e tirou quanto levavamos, dizendo que tudo pertencia ao seu rei depois que algum navio alli se faz em pedaços e naufraga. Este regedor da ilha era senhor de grande estado, e como eu depois soube, proximo parente do rei christão das ilhas de Maldiva, que está em Goa. Vendo elle que nós levavamos uma peça de escarlata, perguntou-

nos o que isso era. Respondemos que a havíamos traido para offerecer a el-rei, e com quanto tudo o que havia no navio fosse seu, comtudo a traziamos alli para lha appresentar intacta, receiando a corrompesse o mar, ou se arruinasse de todo. Logo que ouviram que era endereçada a el-rei, não houve um só daquelles habitantes, que se mechesse para a tomar, ou tocar-lhe, e nem ainda fitar nella os olhos.

Foi com tudo concertado entre nós que se lhe cortasse um pedaço do tamanho de duas ou tres varas, e se fizesse um presente a este senhor da ilha, na esperança de recebermos melhor tratamento. Elle acceitou, e nos agradeceo com muitos carinhos, mas nos fez prometter de o não dizermos a ninguem, porque aliás melhor lhe fora morrer, que ter acceitado esta dadiva. Logo depois ouvindo dizer que eram chegados officiaes del-rei, mudou de conselho, e nol-a resituiu, pedindo que nem ainda dissessemos que elle lhe havia posto mão. Mas todavia el-rei o veio a saber no fim de seis mezes, e ficou tão anojado contra elle, que o houvera chamado á sua presença e castigado, se não estivera no ultimo termo da vida por rasão da doença de que logo veio a morrer, sendo de idade de setenta e cinco annos.

Tendo pois nós estado nesta choupana por espaço de um dia, pegaram no mestre do nosso navio com dous marinheiros, e os levaram ante el-rei a quarenta legoas dalli, em outra ilha chamada *Malé*, que é a capital de todas, e onde el-rei mora. O mestre do nosso navio levou consigo a peça de escarlata, que elle apresentou a el-rei, de quem foi mui bem agasalhado, e aposentado no interior dos paços, o que o rei fazia não tanto pelo favorecer e honrar, como para segurar sua pessoa por ser de natureza mui desconfiado, como eu depois conheci.

Mandou logo el-rei um seu cunhado com muitos soldados em bareos ao nosso navio encalhado, a tirar tudo o que ser podesse. Este cunhado era irmão da rainha

principal, chamava-se *Ranabandery Tucurú* em sua dignidade, e *Mohamed* de seu proprio nome. Sendo chegado á ilha de Puladú, onde nós estávamos, fomos mais bem tratados por occasião de sua chegada, e levaram-nos muitas vezes em seus barcos ao navio para os ajudarmos a tirar a fazenda delle, fato, e todo o seu apparelho. Mofavão dos alvitres que nós lhe davamos, porque tinham outros melhores. Assim para ir ao navio por cima do banco, por quanto, como já disse, era impossivel que os barcos e bateis o atravessassem, lançaram um cabo, que por uma ponta estava preso ao navio, e pela outra estava amarrado a um grande rochedo sobre o banco; e dest'arte segurando-se a este cabo com uma das mãos, podia-se ir e vir por cima do banco ao navio sem algum perigo, porque a vaga passava somente por cima da cabeça, e não podia derrubar nem levar a gente. Tinham alem disso uma mui boa invenção para tirar facilmente as bombardas e outras cousas pesadas, ainda que estivessem bem no fundo, como em seu lugar direi. Desta forma elles em alguns dias despejaram a fazenda de nosso navio, e a levaram a ellei; mas antes disso o cunhado, a quem este negocio fora commettido, nos separou uns dos outros, dividio alguns pelas ilhas circumvisinhas (ficando todavia o maior numero em Puladú, que é a ilha, onde primeiramente haviamos saído em terra); e quando se recolheu levou consigo o nosso capitão, apesar de gravemente enfermo, e mais cinco ou seis dos nossos.

O capitão foi levado ante o rei, e por elle recebido com agasalho; e até o rei lhe prometteo de lhe esquipar uma barca pará o levar ao Achem na ilha de Sumatra, aonde o nosso capitão-mór se havia encaminhado. E eu não sei se elle teria em fim cumprido sua palavra; mas o nosso capitão morreo na ilha de Malé, côrte del-rei, seis ou sete semanas depois. De todas as vezes que vinham ao navio, traziam sempre algum dos nossos, como está dito. O cunhado del-rei na separação, que fez dos meus

companheiros, me tirou de Puladú, e com dous delles me levou a uma ilha chamada Paindué, distante de Puladú apenas uma legoa, onde não havia mais moradores que nesta. Ahi os meus dous companheiros e eu fomos a principio mui bem acolhidos, e tivemos mantimento em abastança, por respeito deste senhor, que alli nos levava.

CAPITULO VI.

**Do que aconteeceo á gente, que se salvou do navio
chamado Corvo, e das adversidades,
que padeceram.**

Tenho contado por miudo o melhor que me ha sido possível a desventura de nosso naufragio, com as circumstancias de nossas misérias, até ao ponto, em que, tendo saído em terra, parecia estarmos livres dos perigos do mar. Mas o que ora vou contar não é menos digno de lastima. A continuação do mal mata em fim o doente. E os que haviam sido salvos das ondas e das vagas, não encontraram allivio algum em terra. Nós eramos quarenta e tantas pessoas, eis o que nos succedeo.

Ainda quando estavamos no navio, e discorriamos sobre o modo de nos salvar do perigo, foi accordado entre nós fazer a diligencia por tirar todo o dinheiro, que nelle havia, e toda a fazenda mais preciosa, a fim de que levando-a connosco mostrassemos assim que eramos mercadores honestos, e não piratas e ladrões; e por esta razão recebessemos um tratamento mais favoravel.

Era este o parecer do nosso capitão. Mas nada podémos haver, porquanto tudo estava nos paíões (que são certos repartimentos bem fechados, onde se mettem as fazendas

e mantimentos) e no fundo do navio, aonde entrava tanto mar, que o mais que nós podíamos fazer era conservar-nos da parte de fora sobre o costado. Ficou pois o dinheiro no navio com toda a mais fazenda; e á falta delle, tomámos algum pouco, que havia em outros logares do navio, que montava a quinhentos escudos pouco mais ou menos, e aquelle que os particulares levavam em seus cofres, que chegaria a outros quinhentos escudos. Mettemol-o cuidadosamente em cintos de panno, que muitos dos nossos tinham, posto que não todos; e não com o intento de o offerecer a el-rei, como teríamos de fazer, se poderamos ter tirado todo o mais, mas para remir as necessidades de todos. Todavia parece pelo resultado, que este dinheiro foi pelo contrario occasião de maior desgraça; e os que o possuíam vieram a ser os mais miseraveis. A primeira noute que passámos na ilha de Puladú, enterramos este dinheiro com temor de que nol-o tirassem, e resolutos a não o dessenterrar senão em algum aperto, e quando fosse em beneficio de todos. Mas em fim quando os nossos companheiros, que haviam ficado em Puladú, viram que lhe não davam de comer, e que morriam de fome, não tiveram outro remedio senão desenterral-o, e offerecel-o em troco de mantimentos, como de feito lhos deram por elle. O mal estava em que a menor moeda, que havia, era a moeda espanhola do valor de vinte soldos, e aquella gente vendo a ignorancia dos nossos, nunca davam demasia, de forma que por uma cousa, que valia dous reaes, era mister dar uma destas moedas, e assim nem cinco ou seis bastavam ás vezes para o sustento de um dia a uma pessoa. Se os nossos houvessem tido a advertencia de fazer como fazem nestas ilhas, onde todo o dinheiro de qualquer cunho e qualidade é recebido com tanto que seja de boa lei, e o cortam em pequenos pedaços, os quaes vão gastando a pezo á proporção que o hão mister; então o seu dinheiro lhes teria durado mais. Mas, como já disse, a mais pequena cousa custava uma destas

moedas; de sorte que o dinheiro se acabou logo á maior parte dos que o tinham, e a esses não quiz depois a gente da terra dar mais cousa alguma sem dinheiro, o que os fez padecer toda a sorte de miserias. Os outros que haviam tido maior quinhão de dinheiro (porque a proporção não era igual, e era para o uso de todos em commum que elle havia sido repartido) escondiam-se cautelosamente de seus companheiros, e não lhes acudiam com cousa alguma. Isto foi causa de muitos morrerem de fome, não achando adjutorio algum não só na gente da terra, mas nem ainda em seus companheiros, o que era totalmente deploravel. Por outra parte aquelles que tinham dinheiro, e que por este meio podiam resgatar alguns mantimentos, fartavam-se sem discrição, e excessivamente, e isto, n'uma terra, onde o ar é insalubre a todos os estrangeiros, ainda que sejam do mesmo clima, os fazia cair enfermos, e morrer uns apóz outros. E o peor era que em vez de receberem amparo e consolação dos seus, aquelles que não tinham dinheiro, e estavam em grande necessidade, vinham rouba-los, e lhe tiravam o dinheiro antes de serem fallecidos. Se algum lhe achavam depois de mortos, os sãoes que restavam, pelejavam uns com os outros para o haverem; e brigavam dous contra dous, e finalmente um companheiro contra o outro com tão pouca caridade, que viam morrer seus matalotes e naturaes, sem de forma alguma quererem dar-lhes ajuda nem soccorro. Nunca vi cousa tão miseravel e tão digna de compaixão.

Quanto a mim, como já acima disse, fui levado pelo cunhado del-rei á ilha de Paindué com mais dous companheiros. Nós não tinhamos daquelles cintos de dinheiro, nem cousa alguma de valor. Isto nos magoava muito, mas depois conhecemos que nos fora para bem. Os outros, que tinham dinheiro, foram por algum tempo mais bem tratados, mas depois experimentaram maiores adversidades. Ao principio os moradores da ilha de Paindué nos davam alguma cousa para viver, posto que mesquinamente; mas

quando viram que os nossos companheiros, que estavam nas outras ilhas, possuíam tanto dinheiro, e o gastavam com mão tão larga, resolveram não nos dar mais coisa alguma para viver, tomados de que a nossa vinda lhes não desse proveito, como dava ás outras ilhas. Quizeram experimentar se pelo extremo da fome nos levariam a dar-lhe o que julgavam que nós tínhamos occulto: indo até em barcos á ilha de Puladú vender a nossos companheiros gallinhas, peixe, fructas, e outros provimentos, e isto ás escondidas, porque é estreitamente defeso vender coisa alguma aos estrangeiros, que se salvam dos navios perdidos, nem receber delles dinheiro ou fazenda alguma, o que tudo pertence a el-rei, depois que o navio dá á costa, todavia podem acudir com virtualhas, e exercer todos os actos de humanidade, que lhes bem parecer. E de feito passando algum tempo fez-se uma exacta averiguação daquelles que o haviam recebido, como abaixo, direi. Ora, por meio deste conluio, e da má resolução, que estes insulares haviam tramado contra nós, que era de nos não dar coisa alguma, eu, e os meus dous companheiros ficámos reduzidos á maior miseria, que se pode contar. Tudo o que nós podíamos fazer era procurar algum mariseo na areia para comer, e ás vezes por acaso algum peixe morto, que o mar lançava na praia, e depois o cozíamos com toda a qualidade de ervas, que nós não conhecíamos, juntando-lhe para lhe dar sal, uma pouca de agua do mar, e se pela ventura podíamos apanhar algum limão, também lho juntavamos. Passavam-se dias, que não encontravamos coisa algumá; e por muito tempo estivemos nesta extremidade, até que reconhecendo a gente da terra que nós não tínhamos dinheiro, e tendo, como é de suppôr, alguma especie de compaixão, começaram a ser para nós um pouco menos feros e menos barbaros; quando até ahí a maior parte delles, todas as mulheres e crianças se escondiam, e fugiam de nós como de monstros, nem nos consentiam ir a suas aldêas e casas; servindo-lhe até de papão, com

que mettiã medo ás crianças. Em fim tendo nós conhecido que elles se tornavam de dia em dia menos ariscos para connosco, e muito mais trataveis, começãmos a chegar-nos a elles, e a offerecer-nos a todo o serviço, que de nós quizessem; o que elles acceitaram. A mim levavam-me muitas vezes em seus barcos ao mar, e ás outras ilhas visinhas para os ajudar a colher côcos, e a pescar, e algumas vezes me empregavam em outros serviços em terra, em recompensa do que me davam parte do seu peixe quando eu ia pescar, e pelos outros serviços côcos, arroz, milho, e mel. Os meus companheiros por sua parte faziam todo o possível por ganhar semelhantemente alguma cousa, e depois punhamos tudo em commum, e disso viviamos. Só a mim porem levavam a pescar, não sei porque razão. E estavam redusidos a este estado, que por algum peixe e côcos exerciamos todos os mesteres os mais vis e despresiveis, que se podem nomear, e os trabalhos mais penosos; em somma, para o dizer n'uma palavra, aquelles mesmos que seus escravos não queriam, qu não podiam fazer. Tadvia o faziamos sem violencia nem constrangimento, antes nós mesmos nos íamos offerecer, e requerer-lhes que nos occupassem, aliás morreriamos de fome, porque se não trabalhavamos, não nos davam cousa alguma; e ainda assim mesmo era tão pouco, que mesquinhamente nos podiamos sustentar e alimentar, tanto mais quanto elles nunca pescam senão em tempo bom e sereno, por rasão das suas velas, que são de fios de côco, que elles não querem estragar, e outrosim pela chuva, de que elles se temem muito por andarem nós, principalmente neste exercicio; de maneira que tendo pescado um dia, não voltam a pescar senão passados oito ou mais dias. Eis o que nos succedia em quanto a mantimento. No que toca ao aposento, recolhiamos-nos de dia durante a chuva, e de noute a dormir debaixo de uma ramada, que estava á borda do mar, e havia sido fabricada pouca antes para se construir ahi um barco. Ficavamos pois bem cobertos por cima, mas era aberta

por todos os lados. E como é também no inverno daquellas partes durante os mezes de julho e agosto que as chuvas são mui continuadas e molestas, pensai que incommodo padeceríamos por rasão do vento, da chuva, e ás vezes das grandes vagas do mar, donde a ramada era apenas afastada a distancia de dez passos. Estes grandes e excessivos incommodos foram causa de os meus dous companheiros cairem doentes, mas eu, graças a Deos, que havia escapado de doença em toda a viagem no mar, também aqui resisti por muito tempo.

Em quanto eu assim trabalhava por ganhar a vida, esforçava-me por metter na cabeça, e aprender a lingua da terra o melhor que podia, o que todos os meus companheiros desprezavam, dizendo que não haviam mister aprender a lingua particular a estas ilhas, e que esperavam ser enviados a Sumatra a encontrar o capitão-mór, como el-rei tinha promettido ao nosso capitão, e como a gente das ilhas nos dizia. Eu por mim não lhe perdia a esperança, mas o receio de que isso não succedesse, me fazia resolver a tudo. Accresce que vendo o trabalho, em que todos estavam, tentei aprender a lingua para me servir della quando fosse necessario; o que grandemente me aproveitou. E estando neste desenho, offerecco-se-me occasião de eu saber esta lingua mais breve e facilmente; por quanto o senhor da ilha de Paindué onde os tres estavam, chamado Aly Pandio Atacurú, o qual era mui nobre e parente del-rei por sua mulher, vendo que eu me esforçava por aprender a sua lingua, me estimou por isso mais, e me tomou affeição. E na verdade eu applicava toda a minha diligencia em ser serviçal, e agradável para com elle, e sua mulher, e para com toda a gente da ilha, obedecendo-lhe em tudo e por tudo. Elle era mui attencioso e cortez, e ao mesmo tempo sabedor e curioso, e até bom piloto. Tendo em seu poder as agulhas e cartas maritimas do nosso navio, pedia-me muitas vezes explicações sobre ellas, porque as que elles tem são de outro modo. Em somma de ordinario

elle folgava que eu estivesse em sua companhia para praticar, e responder a tudo quanto elle me perguntava de nossos usos e costumes. Esta conversação ordinaria junta ao meu trabalho me fez mui brevemente aprender muito da lingua da terra; o que tornou este senhor cada vez mais benevolo para comigo, e foi causa de eu começar a ser menos miseravel que de antes, recebendo muitas vezes por sua liberalidade mais abundante mantimento.

Mas tornando a nossos companheiros que estavam na ilha de Puladú, foram elles em fim mais maltratados que nós depois que se lhes acabou o dinheiro, e padeceram tanta mais fome quanto eram em maior numero. O senhor da nossa ilha de Paindué ia muitas vezes á de Puladú a visitar o senhor della, que era seu parente. Um dia depois de eu ter travado com elle conhecimento, levou-me consigo, afim de me dar o contentamento de ver meus companheiros; e então vi, e soube o piedoso estado, a que eram chegados, e as misérias e afflicções que soffriam, como já tenho referido; e estando todos juntos, buscámos na praia alguma coisa para comer, porque elles morriam de fome, e faziam agora como nós a principio havíamos feito em Paindué. Achámos uma tartaruga muito grande, porque o mar das Indias as cria de prodigioso tamanho, a qual estava virada de costas; e tinha quinhentos ou seiscentos ovos, cada um tamanho como meio ovo de gallinha. Folgámos muito deste achado, cortámol-a em pedaços, pusemol-a a coser n'uma caldeira, que elles nos emprestaram, com agua doce, e comemos-a. A carne era extremamente gorda, gostosa, e semelhante á de vitella; os ovos mui bons; mas depois tivemos tão forte indigestão, que cuidámos morrer, e eu mais que todos. Julgo que a causa disto foi que estando famintos, e não tendo mais que comer, todos comemos despropositadamente. Não tivemos alem disso a advertencia de a fazer coser em agua do mar, para a salgar e temperar; pois, como eu depois soube nas ilhas de Maldiva no tempo, que nellas residi, o peixe cosido em

agua do mar é muito mais sandavel, e não faz tanto damno; e ainda se pode guardar longo tempo, quando é secco logo depois; por isso a gente da terra o faz sempre coser em agua do mar. Conheci pois a extraordinaria miseria, a que meus companheiros estavam redusidos por rasão da fome, e das doenças, que entre elles havia, sem todavia acudir em uns aos outros. Passei a noute nesta ilha, e no seguinte dia o senhor de Paindné recolheo-se levando-me comsigo; e depois tornando outra vez, trouxe-me novamente em sua companhia.

Neste meio tempo os emissarios del-rei vinham de dias a dias para tirar ainda do nosso navio tudo quanto podiam, principalmente o chumbo de que era forrado, que elles estimam muito naquelle paiz, e até os pregos, e madeira que podiam obter. Assim indo e vindo levavam sempre comsigo algum dos nossos; que folgavam muito de lá ir, e aquelles que ainda tinham dinheiro o davam para isso. Diziam-nos que el-rei havia de dar uma embarcação ao nosso capitão, e que quando ella fosse prestes, nos levaria a todos. Atraz desta esperança todos os nossos iam morrendo uns apóz outros. O nosso capitão, o primeiro commissario, o contra-mestre, e outros muitos eram já mortos. O mestre havia sido o primeiro em cumprimentar el-rei; mas quiz voltar ao navio a buscar vestuario, o que elles permittiam livremente, tanto mais que para nada lhe servia, e não era cousa do seu uso.

Quando pois o mestre vio que ninguem curava de nos vir buscar, nem de nos mandar a nosso destino, e que o capitão era morto, fez uma tentativa para se escapar, a qual elle tramou em secreto por longo tempo, ás occultas até de alguns dos nossos, aos quaes se não queria descobrir.

A segunda vez que eu o fui ver, communicou-me o seu desenho, e me manifestou seu sentimento por eu não poder juntar-me a elle; mas não havia meio. Eu disse-lhe que não julgava que o seu plano podesse ir ávante, tanto mais que a gente das ilhas desconfiava excessivamente

de nós, e principalmente dos que estavam em Puladú onde por razão dessa desconfiança elles não deixavam b^ateis nem barcos. Além disso os ministros del-rei haviam posto soldados, assim para nos guardar, como para descobrir as pessoas das ilhas, que recebessem dinheiro dos nossos, para depois lho fazer repór. Com tudo o mestre dirigio tão destramente a sua empresa, que em fim surpreheⁿdeo o barco do senhor de Paindué, que havia ido a Puladú visitar o seu parente, como já disse na occasião, em que me levou lá duas vezes. Tinha o mestre espreitado tão bem a occasião, que logrou o seu intento á hora do meio dia, quando os moradores da ilha estavam bem longe de tal pensar.

E tendo provido o barco de agua doce e de côcos, de que antes se havia apercebido, e secretamente escondido no matto, embarcou com mais onze companheiros, deixando ainda oito dos nossos, a saber, quatro doentes, e quatro sãos, ás occultas dos quaes deu á vela.

A gente da ilha deu logo pelo caso, mas não tinham outros bateis para ir apóz elles; e somente vieram em uma jangada, a que chamam *Canduepatis*, e de que em seu logar fallarei, dar aviso aos da nossa ilha, de sorte que os fugitivos tiveram assaz de tempo para sair dos bancos antes de a gente das ilhas achar bateis; e já aquelles estavam mui afastados, e fora de vista e de perigo, quando estes se embarcaram para correr apóz elles. Os fugitivos lograram sim o seu intento, mas isso foi causa de que para os oito que ficavam se redobrasse a miseria, porque os soldados descarregaram sobre elles por vingança todos os rigores que se podiam imaginar. Os sãos amarraram-nos, e espancaram-nos sem dó, e em fim tiraram-lhes todo quanto dinheiro e mantimentos haviam; depois accommeteram os doentes, e obrigaram os sãos a levar-os á praia tão perto do mar, que quando vinha a maré, molhava-lhe as pernas; e além disso estavam expostos ás injurias do ar, ao sol, e á chuva, que era mui frequente nesta es,

tação. Chegaram a tanto os seus rigores que nem consentiam que os que tinham saude levassem aos doentes agua doce para beber; pois outra cousa lhes não podiam levar, pela não terem para si. E dest'arte os pobres doentes morreram á pura fome, e foram depois lançados ao mar, como faziam a todos os nossos que morriam, não querendo até permittir aos vivos que enterrassem seus companheiros mortos. O que todavia era sem o saber el-rei, o qual mandou sepultar alguns na praia, principalmente os que morreram na ilha onde elle estava.

Mas tornando á ilha de Puladú, os que ahi ficaram me disseram que aquelles pobres doentes se revolviam a grande custo pela terra, e se deitavam de bruços para comer a erva, que lhe ficava por baixo, de sorte que continuamente lhe achavam erva na bocca. O tenente do nosso navio, de uma boa familia de S. Maló, morreo na forma sobredita.

Dos que ficaram sãos houve um que sendo obrigado da necessidade a subir de noite a um coqueiro para lhe apanhar o fructo, cahio do mais alto da arvore, e morreo, tendo já de antes muitas vezes subido sem inconveniente. Os outros companheiros paleceram muito, e chegaram a comer ratos, quando os podiam haver.

Nós os que estavamos na ilha de Paínducé, pouco ou nenhum mal soffremos pela fuga de nossos companheiros, salvo o susto; e de feito os moradores da ilha se ajuntaram armados de páos (porque outras armas não são permittidas senão aos quadrilheiros, quando andam em serviço del-rei), e vieram procurar-nos á ramada onde estavamos na praia. Ahi nos injuriaram, e ameaçaram, e ainda nos deram algumas pancadas; mas como nunca nos tinham visto dinheiro, não passaram a mais, e nos trataram mais brandamente, e com menos rigor que aos de Puladú. Se bem que o senhor da ilha, que era homem mui benigno, o impedia, e me mostrava affeição, assim como sua mulher, e os homens graves da ilha.

CAPITULO VII.

Chegada de um magnata da parte del-rei á ilha de Palindué, o qual por fim leva comsigo o auctor.

O que acima tenho referido é o estado, a que chegámos nos primeiros tres mezes e meio depois do nosso naufragio. Passado esse tempo veio um chamado *Assan Cauras Calogue*, grande senhor, da parte del-rei. Não era o primeiro que este ali enviára, pois dantes viera um cunhado seu; mas como eu depois soube, tendo por noticia el-rei que o cunhado não havia guardado as suas determinações, e havia retido alguma cousa do navio em seu proveito particular, ficou tão agastado, que lhe deu uma bofetada, e desde então o não tornou a enviar lá. Mas agora enviou em seu lugar um dos maiores senhores, e dos mais chegados a sua pessoa, com quem communicava seus conselhos, e os negocios mais importantes, e de quem se fiava mais que de algum outro. O fim para que elle vinha era para pela ultima vez ir ao nosso navio, e acabar de extrahir delle, e levar tudo quanto ser podesse, entrando algumas bombardas de ferro, que nelle haviam ficado, e um resto de chumbo e ferro; e outrosim para dar varejo no dinheiro, que a gente das ilhas tinha havido de nós. Vinha elle acompanhado de outro senhor chamado *Ocem Rannamandy Calogue*, que governa em todos os navios, barcos, bateis, mestres de navios, e marinheiros, mas não na gente de guerra, em somma governa nos negocios da marinha, e ao nosso modo lhe poderemos chamar Vedor, ou intendente das galés e navios d'el-rei, e não almirante. A'sua chegada foi recebido como é costume receberem-se

as pessoas, e officiaes del-rei de alta qualidade, que vão de sua parte; e as ceremonias do recebimento segundo eu vi, são estas que se seguem.

Ainda ao largo o barco ou batel, que elles chamam *Ody*, onde vem o tal senhor, faz signal com uma bandeira vermelha, amaina as velas, e lança ferro a um tiro de arcabuz distante da ilha. Então o senhor ou regedor do logar manda reconhecer quem é, e depois de certificar-se, dá ordem a seu recebimento, e vai esperal-o acompanhado do maior numero de gente e barcos que pode, e deixa somente o *Catiba* ou sacerdote com quatro ou cinco *Musculitas*, ou homens graves da ilha. Carregam estes barcos, uns de côcos, outros de bananas, do betle, e mais fructos, de que a ilha abunda, em cabazes e cestos brancos de folhas de coqueiro, que são fabricados de proposito, e que não servem mais que esta só vez, e assim usam sempre; porque estas folhas são tão communs, e aquella gente tão propria e destra para fazer estes cabazes, que se não servem delles nunca duas vezes; e ainda osfazem de maneira que se lhe não podem tirar de dentro as fructas, e outras cousas, sem os cortar e fazer pedaços, que depois se deitam fora. O senhor da ilha é o primeiro que entra offerecendo o preserte, e sauda o recémchegado dizendo *Sallam Alecon*, que é a saudação commum, e abaixando-se lhe toca com a mão direita nos pés, depois levanta-a e a leva á cabeça, como para dar a entender que sua vontade seria pôr a cabeça debaixo de seus pés. Os mais que o acompanham, todos fazem o mesmo, como subditos seus, e levam todos os presentes ás costas, cada dous sobre um páo, no meio do qual vai pendurado o presente. Chamam a esta saudação, e a este presente *Vedon á Ruespi*. Depois disto o senhor da ilha faz a sua arenga, e roga ao outro que saia em terra, e lhe faça a honra de se aposentar com elle no aposento, que lhe está aparelhado; o que o outro faz, e este o acompanha com os seus. Quando o grande senhor se aproxima da ilha, o *Catiba* e os outros, que nella ficaram, estão na

praia, e vão ao encontro do que chega, mettendo-se no mar até á cintura, e levando cada um sua peça de panno de turbante ou touca no braço esquerdo, a qual é metade seda, e metade algodão, mui bem obrada, e tinta de encarnado, do cumprimento de vara e meia, e três quartas de largura. Então o Catiba e os seus o saudam a seu modo, e lhe fazem arenga, offerendo estes pannos e os outros presentes, que elle recebe cortezmente, e os manda tomar pelos da sua comitiva. Tudo isto feito, quando o tal senhor quer saltar em terra, um dos mais principaes entre os Catibas ou Musculitas, lhe offerece as costas, e o hospede se põe sobre elle ás cavallitas; o que elle recebe por grande honra e favor, e assim é levado para terra, tomando-se muita cautella para que o dito magnata não molhe os pés, o que seria para elles grande deshonra. Depois disto é conduzido com grande pompa, acompanhado de toda a gente da ilha, ao aposento preparado para elle e sua comitiva; e chegando ahi, sendo novamente saudado pelo povo, depois de praticarem alli por espaço de uma meia hora pouco mais ou menos, cada um se despede d'elle, e se retira. Depois lhe appresentam um banho morno, mui bem preparado, e ao sair do banho lhe trazem oleos mui cheirosos para se untar, e esfregar todo o corpo, segundo o costume das Indias. Depois dão-lhe uma bebida, que consiste em vinho de côco do mais delicado e gostoso, que se pode achar, com quantidade de pratos de betle mui bem cortado, afeiçoado, e temperado com todos os ingredientes do estillo, como em seu lugar direi. Tendo assim refrescado e repousado, vai ao templo principal, que elles chamam *Ucuru mesquita*, e depois de fazer ali sua oração, que dura quasi uma hora, volta para o aposento, onde o seu comer lhe é preparado com toda a delicadeza propria do paiz durante o tempo, que elle está na ilha. Todas as casas de gente nobre e rica lhe enviam seus presentes, como manjares delicados, fructas, betle bem preparado, tudo levado por mulheres com a mais cerimonia e apparato que podem. Não que

elle não tenha sempre sua ucharia, e seu tratamento ordinario, e ás vezes não come nem prova nada de tudo isto; mas é costume de todas estas ilhas fazel-o assim.

Sendo pois chegado na maneira sobredita este magnata, e concluidas todas estas cerimoniaes, cumprio elle primeiramente a sua commissão no que tocava ao navio; e tendo acabado, foi á ilha de Puladú, aonde fez averiguação dos que tinham havido dinheiro do mesmo navio. Para o conseguir fez prender e amarrar todos os habitantes da ilha, não exceptuando as mulheres, e lhes mandou dar pancadas para ver se confessavam alguma cousa. Também lhe fazia metter os dedos pollegares entre páos fendidos, que depois se apertavam e ligavam com muita força, porque com esta dór fossem constrangidos a dizer a verdade. E de feito confessaram, e restituíram parte do dinheiro, mas não todo; porque os agentes del-rei não podiam descobrir ao certo toda a quantia; e como aqui accusaram muita gente das outras ilhas, lá mandaram logo fazer averiguação. N'uma palavra a maior parte daquelles que haviam recebido o nosso dinheiro, foram constrangidos a dar conta delle; e ainda dalli a um e a dous annos se descobria sempre algum daquellos, que o tinham havido, e até então se haviam occultado. Até os proprios soldados, que tinham sido deixados para vigiar este negocio, foram convencidos de ter participado do dinheiro. A gente da ilha de Paindué passou em salvo, porque nós os desculpámos; e por via disso me foram sempre mui affeiçãoados, e me mandavam presentes em quanto alli estive; e verificou-se que nada haviam recebido de nós.

Todas estas cousas se fizeram em quinze dias, que o commissario del-rei esteve nas ilhas de Paindué, Puladú, e outras circumvisinhas, ora n'uma, ora n'outra, tratando os negocios de sua commissão. O senhor de Paindué, e o Catiba, com todos os da ilha, que me tinham affeição, me appresentaram a elle, e me recommendaram com empenho. Persuadiam-se elles que eu era algum grande senhor de cá,

e eu não tratava de lhe desfazer esta opinião, vendo que me aproveitava. Aquella recommendação foi causa de que este enviado del-rei me tomasse amisade, para o que foi grande parte ver elle que eu sabia assaz de sua lingua para me explicar, e fazer-me entender um pouco; e que punha cada dia diligencia em a aprender melhor. Experimentei que nada me aproveitou tanto, e grangeou mais a benevolencia dos habitantes, dos senhores, e do proprio rei, que o ter aprendido a sua lingua, porque isto era o motivo de eu ser preferido a meus companheiros, e mais bem quisto do que elles. Dahi veio que em quanto aquelle senhor esteve nestes sitios, quiz sempre que o eu acompanhasse, e estivesse ordinariamente junto a si, ora em seu barco no lugar onde estava o navio perdido, ora em diversas ilhas. Levou-me entre outras a uma ilheta, chamada Puladú, na distancia de dez legoas, aonde elle foi a visitar uma de suas mulheres, e tinha grandissimo gosto de me ouvir! Esta affeição era tambem causa de que meus companheiros e eu deixassemos de soffrer penuria, e fossemos melhor tratados por seu respeito. Na vespera do dia que elle se recolheu, perguntou-me se eu o queria acompanhar, e ir a Malé, onde mora el-rei. Respondi-lhe que ha muito tempo o desejava. Tinha eu porém tanto receio de que elle mudasse de parecer, que no dia seguinte o não larguei de modo algum; e estando elle prestes para partir, um dos soldados da sua comitiva o tomou ás costas, segundo é costume da terra, e entrando no mar o levou á sua barca, donde elle me chamou, e me fez tambem entrar. Eu estava com grande contentamento de me ir embora; mas ao mesmo tempo triste por deixar tanto os meus dous companheiros de Paindué, como os de Puladú, de que restavam apenas quatro, que haviam resistido a todas as miserias. Quando me viram partir sem elles, começaram todos a chorar amargamente; o que percebendo aquelle senhor, me perguntou, como a interprete delles, porque choravam; e tendo-lhe eu represen-

tado a causa da sua afflicção, encommendou-me que os consolasse, e lhes dissesse da sua parte que se não affligissem, que el-rei os mandaria buscar brevemente; que elle pela sua parte muito folgára de lhes dar gosto, mas que o não ousava, nem podia fazer sem mui expressa ordem del-rei. Não lhes deu isto grande consolação, vendo que eu me ia todavia, e elles ficavam; de sorte que continuavam, ou antes redobravam suas lagrimas e gemidos. O que me affligia, e com tudo eu não ousava dar disso demonstração; porque já havia conhecido a disposição de animo destes senhores neste particular que é não gostarem de ter junto a si pessoas tristes, melancolicas, ou pensativas, pois dizem que taes pessoas maquinam em seu pensamento alguma traição ou malfetoria. Por esta razão quem quizer ser bem acceito entre elles, deve estar folgazão e jovial, rir e cantar, se é possível, embora não haja motivo nem vontade, e se esteja bem arredado disso. De feito contrafiz-me nesta occasião quanto podia; mas elle, que era homem de entendimento claro, bem via aavez de meu fingimento a tristeza, que eu levava no coração. Então instou para que lhe dissesse o que me magoava; assim fiz, e lhe confessei sinceramente que alem dos motivos, que em geral me entristeciam por deixar meus companheiros, e vê-los chorar lastimando a sua condição, e as misérias, que estavam arriscados a soffrer, alem das que já haviam soffrido; eu tinha ainda outro motivo de tristeza mais particular, e era que eu, e um dos meus dous companheiros de Païndué havíamos feito entre nós no dia de nosso embarque em França protesto de uma amisade tão estreita, que mais não era possível; que eu o havia sempre ajudado e elle a mim mais particularmente que a qualquer outro; e que agora eu não podia occultar que era para mim grande dôr separar-me d'elle e abandonal-o; que reconhecendo os beneficios com que aquelle senhor cada vez mais me obrigava, isto me dava ousadia para supplicar-lhe nesta occasião se compadecesse de minha afflicção, e me desse ainda o

contentamento de levar este homem, e ter dó dos outros, que houvessem de ficar.

Estas palavras, e alem disso o rosto banhado de lagrimas, que o extremo da tristeza me arrancava' contra minha vontade, abalaram este senhor, que eu sempre experimentei ser extremamente benigno e compassivo, e alem disso mui generoso e magnanimo; de sorte que ousei dizer que elle não cedia em engenho e em bom modo aos que nascem em Europa. Elle fallou logo em segredo áquell'outro senhor, ou intendente das galés e navios del-rei, de quem já fallei, e a alguns outros dos principaes que estavam junto d'elle, a este respeito (como me parece); e depois de ter consultado, me disse, que para me dar gosto assim o resolvera, e immediatamente fez embarcar o individuo, que lhe apontei. Em quanto aos cinco, que restaram, deu ordem que fossem separados, e que ficasse um em cada uma das ilhas visinhas, pondo preceito aos regedores e principaes dellas, que eram presentes á sua partida, de os tratar humanamente, terem cuidado que não recebessem algum máo trato, e sustental-os á custa do publico, até receberem ordem del-rei para lhos enviar. Assim eu disse adeos a meus companheiros mais contente que antes, e elles tambem, pedindo-me me lembrasse delles, para não ficarem longo tempo em ilhetas assim separados, e divididos uns dos outros. Isto feito, demos á vela, e singrámos o resto do dia.

CAPITULO VIII.

Chegada do auctor á ilha de Malé, onde cumprimenta a el-rei. São justificados quatro Franceses, por haverem querido evadir-se. Chegada dos outros companheiros do auctor; e as razões, que impediram el-rei de os enviar a Sumatra.

Sobrevindo a noite fomos surgir a uma ilheta, chamada *Macconnodú*, que era do senhorió do general das galés, e ali dormimos; porquanto é costume daquella gente não navegar nunca de noute. Ao outro dia pela manhã, á hora de embarcar, me disse o senhor, que me levava, que nós estávamos apenas distantes quinze ou dezaseis legoas de Malé, onde reside el-rei; que elle não ousava levar mais ávante o meu companheiro, tanto mais que não sabia se aprazeria a el-rei; e que cumpria deixal-o alli por alguns dias, até o communicar a el-rei, para determinar á sua ida; e que elle certificava que havia de ser alli mui bem tratado, segundo o deixava encommendado. Chegámos em fim a Malé; e tendo saído em terra, elle foi immediatamente cumprimentar el-rei, e dar-lhe conta de sua viagem, ordenando a um de seus homens que me conduxisse á sua habitação. Elle não se esqueceo entre outras cousas de fallar de mim, o que foi parte para que sem a menor detença me mandasse buscar por ordem del-rei. Fui ao paço, e ali estive á espera quasi tres horas; e pela tarde me fizeram entrar n'um pateo, onde el-rei havia saído a ver tudo quanto se havia trazido nesta ultima viagem ao nosso navio, a saber, bombardas, pelouros, armas, e outras qualidades de petrechos de guerra e marinha; e elle

os mandava recolher n'um armazem, que alli havia. Disseram-me que me aproximasse, e então saudei a el-rei na lingua e ao modo da terra, segundo o que eu havia notado cuidadosamente neste mesmo instante, em que fui admittido, e de que já de antes mui particularmente me havia informado. Ficou el-rei muito agradado disto, e o moveo a perguntar-me para que serviam muitas cousas, que se haviam salvado do nosso navio, e de que elle não podia comprehender o uso. De tudo lhe dei razão, exprimindo-me o melhor que pude. Sendo noute, encommendou ao senhor, que me havia trazido, que me agasalhasse, e tratasse em sua casa, e a mim que fosse todos os dias vê-lo com os outros cortesãos. Isto feito, retirámo-nos.

Nos dias seguintes estive sempre occupado a praticar com el-rei, e a responder-lhe a quanto elle me perguntava dos costumes e usos dos povos da Europa, e da nossa França, das occupaões, armas, e estado dos reis, que era o de que elle mais particularmente se informava. E discorrendo eu, entre outras cousas, da grandeza do reino de França, da generosidade da nobreza, de sua destreza nas armas, disse-me elle que se admirava como nós não havíamos conquistado as Indias, e as tínhamos deixado conquistar aos Portuguezes, que faziam persuadir que o seu rei era o maior e o mais poderoso rei da christandade. Mostrou-me também as rainhas, suas mulheres, as quaes semelhantemente me occupavam muitos dias a dar-lhe razão do que me perguntavam; sendo sobre tudo curiosas de saber a figura, os vestidos, os costumes, os casamentos, e usos das damas de França; e de ordinario ellas me mandavam chamar sem sciencia del-rei, o que não teria sido permittido a outros.

Ora, como já disse, quinze ou dezaseis dos nossos haviam sido levados longo tempo antes de mim a esta ilha de Malé, onde mora el-rei. Quando eu ali cheguei, não achei mais que tres, a saber, dous Flamengos e um Francez, o qual estava ás portas da morte, e morreo oito dias

depois. Ao principio, quando estes nossos companheiros ahi chegaram, estava surto no porto um navio portuguez, que era de Cochim, do lote de quatrocentas tonelladas, todo carregado de arroz, e que vinha carregar de *bolys* ou busio (a) para levar a Bengala, onde é mui estimado. O capitão e o carregador eram mestiços, a mais gente indios christãos, e todos vestidos á portugueza. Mostraram-se mui adversos aos nossos, e diziam muito mal de nós a el-rei, ao que elle dava credito; e isto foi em parte causa de nós não sermos tão bem tratados, como aliás seríamos. Pediram a el-rei licença para nos levarem a todos para Cochim, o que elle permittia; e de feito mandou perguntar ao nosso capitão, e ao nosso primeiro commissario se elles eram contentes de ir, que elle de boa vontade o permittia. Elles responderam, com todos os seus, que estavam presentes, que antes queriam morrer, que ir com os Portuguezes. E na verdade tinham rasão de temer, porque não era para nos fazerem bem, nem para nosso commodo que elles nos queriam haver a seu poder. E por outra parte os nossos alentavam sempre a esperança de que el-rei os enviasse n'uma barca a Achem em Sumatra, como lles havia promettido. Logo depois o capitão, e o primeiro commissario morreram; os outros seguiam-se-lhe a pouco e pouco oppressos das fadigas, que haviam soffrido até então, e dos máos ares, e aguas corruptas desta ilha, que são a causa de a maior parte dos estrangeiros não poderem ali viver. Alem disso tendo chegado a el-rei a nova da fuga do mestre, e outros nossos companheiros de Puladi, ficou com isso tão anojado, que fez um juramento solenne de não deixar dalli avante ir embora um só dos nossos. E de feito ouvi affirmar a muitos dos seus magnatas, que aliás elle nos teria aparelhado uma barca, como nós de-

a) Este busio é conhecido no commercio da Africa e India pelo nome de *Cauri*, *Caury*, ou *Caurim*, e sobre o seu uso veja-se adiante no Cap. XVII desta 1.^a Parte.

sejavamos. O piloto, tendo entendido esta resolução, que o encarcerava por toda a vida nestas ilhas, formou o plano de tomar uma barca, e evadir-se, como os de Puladú. Para este fim se concertou com tres dos nossos marinheiros, e occultaram no matto tudo o de que haviam mister. Este designio foi descoberto pela gente da ilha, a quem tinham dado occasião de reparo as suas idas e vindas ao matto junto á praia, e os tinham espreitado, de que doram aviso aos seis anciãos, chamados *Musculis*, que governam os mais graves negocios de reino, os quaes tendo-o feito saber a el-rei, deu-se ordem para serem observados curiosamente os passos destes quatro, a saber, piloto, e tres marinheiros. De sorte que na propria noite, em que quizeram embarcar, foram apanhados no acto pelos soldados, que os puzeram a furros, e dous dias depois os meteram em bateis, fingindo que os levavam a outras ilhas, e quando estavam no mar, lhes deceparam as cabeças a golpes de *catty*, que é um instrumento como uma grande foice das nossas, mas de aço excellente, mui polido, e bem obrado; vem da costa de Malabar, e corta excellentemente. Deram-lhe muitos golpes, e quem neste caso não dá seu golpe não é estimado por bom soldado. Assim o fazem sempre quando é para executar os mandados do seu rei; e o farão a um proximo parente, ou mesmo a seu irmão, para assim darem demonstração do zelo que tem pelo serviço del-rei. Por isso quando o rei ama alguém, todo o mundo o ama; e se lhe elle quer mal, todo o mundo o aborrece, e ninguem o quer tratar, nem frequentar, ou ainda vê-lo. Os corpos destes quatro foram lançados ao mar. E não devemos aduinar-nos de o rei estar tão irado pelas tentativas dos nossos para se evadirem, por quanto é entre elles crime de lesa-magestade roubar um barco ou batel, e leval-o a outros reinos. É cousa que se não pode fazer sem passaporte, e licença del-rei especial, e formal para este effeito, ainda que seja o proprio dono da embarcação; aliás é caso de pena capital, e irremissivel; e não se pode

esperar graça del-rei quando de tal se for convencido. Este crime chama-se *Odican anpû*. Ouvi esta triste nova, e a do fallecimento natural dos outros nossos companheiros, apenas cheguei a Malé, onde estava ainda este navio de Cochim, o qual levou a maior parte dos apparelhos do nosso navio, que el-rei lhe vendeo, principalmente aquelles, de que elle se não podia servir. Disse-me tambem um piloto del-rei que os doze de Puladú, que fugiram com o mestre do nosso navio, haviam ido ter a Coulão, na costa da terra firme, e ahi os tinham mettido n'uma galé Portugueza com grilhões aos pés, onde elle os vira, e os levavam para Goa.

Estava eu pois na ilha de Malé com os dous Flamengos. Fiz pedir a el-rei que mandasse vir o meu companheiro; que no caminho havia ficado na ilha de *Maconnodû*, o que logo foi feito, e não estivemos separados um do outro mais que dez dias. Dest'arte ficámos quatro, a saber, elle, eu, e os dous Flamengos. Dous mezes depois pude alcançar que fossem mandados vir tambem os cinco, que haviam ficado dispersos nas ilhetas, vizinhas daquella onde se perdera o navio; e assim nos juntámos nove, quatro Francezes, e cinco Flamiengos, todos humanamente tratados del-rei e de seus magnatas. Mas entre nós é que não havia boa intelligencia, por culpa dos Flamengos, que todos cinco faziam rancho á parte, e até por interprete diziam mal de nós aos senhores, e á gente da terra. A occasião desta discordia procedia de terem elles ciume e inveja de me ver mais cortezmente recebido do que elles, de ser eu mais bem acceito e estimado del-rei, estar sempre junto d'elle, e por consequencia ser mais affavelmente tratado pelos grandes. Persuadiam-se tambem que os meus tres companheiros francezes eram por mim preferidos, e favorecidos mais do que elles, que para mim eram estrangeiros. Alem disso como eu fallava a lingua das ilhas de Maldiva assaz facilmente sem que elles podessem entender uma só palavra, imaginavam que eu dizia mal delles;

e impedia que elles fossem melhor tratados; e todavia era tudo pelo contrario.

O juramento del-rei irado contra nós era causa de que a promessa, por elle feita, de nos dar uma barca, senão cumprisse, e com tudo toda a nossa gente era morta, menos nove pessoas. E assim não havia vislumbre de esperança de poder sair daqui; o que era para nós motivo de grande afflicção, de que só procuravamos consolação em Deos, e entre nós mutuamente. Era para mim digno de reparo o impedimento, e arasão, que el-rei dava, de nos não haver tratado mais benignamente. Porque é certo que a toda a mais gente dos navios, que eu vi alli perder-se da mesma sorte, em quanto alli persisti, elle deu meios de se irerem embora, retendo somente para si as riquezas, e fazendas. Mas alem das rasões, que me allegavam, tenho entendido que havia outra, e era o dinheiro, que havia sido dissipado, o qual se pode dizer ter sido a causa de nossas maiores desaventuras, e da morte da mór parte da nossa gente. Por quanto tendo sido el-rei avisado que se havia tirado dinheiro do navio, e imaginando que nós havíamos occultado uma grossa somma, e talvez tanto como a que elle achou no navio, não queria que este dinheiro saísse de seus dominios; e em quanto andava buscando mais do que realmente havia, a mór parte dos nossos iam perecendo. Tambem me persuado que alem de tudo isso, a fuga do mestre, e a tentativa do piloto o agastaram ainda mais. Melhor nos houvera sido não tomarmos nós dinheiro algum, ou levar-o todo a el-rei, como fizemos á peça de escarlata; tanto assim que uma vez entre outras me disse sem rodeio que meus companheiros haviam escondido dinheiro; e que se lhe havíamos feito presente da peça d'escarlata, era por ser cousa que se não podia esconder como o dinheiro; que nisto todos haviam feito mal, e por esse respeito eram indignos de sua boa graça.

CAPITULO IX.

Grande enfermidade do auctor, de que lhe ficaram achaques por muito tempo. Fuga de quatro Flamengos, e indignação de el-rei contra os que ficaram.

Durante quatro ou cinco mezes logrei assaz boa saude, e nada me faltava, a não ser o exercício da minha religião, e a liberdade; no de mais estava muito a meu sabor, alojado, sustentado, e tratado em casa daquelle senhor, que me havia traido, onde eu estava agasalhado em um pequeno aposento, situado no interior da casa. Um de seis servidores me servia a toda a hora; davam-me iguarias, e utensilios á parte, porquanto elles nunca comem com pessoa, que não seja da sua religião. Amava-me este senhor como a seu filho, e tinha tres, quasi da minha idade, e que igualmente me amavam como a seu irmão. Era elle mui valido del-rei, que tinha nelle toda a confiança, e se amavam um ao outro de mui remoto tempo, desde a idade de quatro ou cinco annos; e era então cada um delles de cincoenta. Estando eu pois neste estado, cahi enfermo de uma grande febre ardente, que é mui commum e perigosa, principalmente aos estrangeiros, de sorte que poucos lhe escapam com vida; e muito menos os christãos, para os quaes não ha medicina alguma, porquanto não querem servir-se dos feticeiros para os curarem por meio de encantamentos e feitiços, como faz toda a gente destas ilhas. Por mais de dois mezes estive no derradeiro transe da vida, e perto de dez antes de sarar inteiramente. Não passava dia, que el-rei e as rainhas não mandas-

sem saber novas minhas e como me achava. Elle a toda a hora me enviava iguarias as mais exquisitas, e manjares os mais deliciosos, que tinha. E para que eu fosse servido e tratado mais a meu gosto, e podesse mais facilmente pedir o que me fosse necessario, chamaram um de meus companheiros, a quem encommendaram me assistisse, alem dos servidores da casa. A doença era violenta, e mui perigosa. É conhecida em toda a India pelo nome de febre de Maldiva, e na terra lhe chamam *Malé ons*. É desta doença, que a maior parte de meus companheiros haviam fallecido. Nenhum estrangeiro passa sem ser acometido della, e quando se escapa com vida, pode-se contar que se sarará das outras doenças proprias do clima. Parece ter a virtude de habituar aos ares e modo de viver da terra, como se gerasse um corpo novo. E de feito um estrangeiro, que na sua lingua chamam *Puraddé*, se escapa, dizem que é *dices*, como se dissessem, naturalizado, e não estrangeiro. Porque este reino em sua lingua se chama *Malé-ragué*, isto é reino de Malé; e dos outros povos da India é chamado *Malé-divar*, e os povos *dices*. (a)

Mas tornando á minha enfermidade, estive oito dias sem engulir cousa alguma senão agua, cousa que é mui prejudicial. A gente da terra não toma outra cousa, salvo agua bem tepida, em que lançam pimenta pizada; o que atalha a inchação, que aliás sobrevem no fim da doença. Mas eu não podia tragar aquella beberagem, que não ap-

(a) Sobre a etymologia do nome de *Maldiva*, diz João de Barros, Dec. III. Liv. III. Cap. VII. o seguinte. «Este nome *Maldiva* posto « que seja nome proprio de uma só ilha, como logo veremos, a etymologia delle em a lingua Malabar quer dizer *mil ilhas*, *Mal* mil, « e *dica* ilhas, porque tantas dizem haver em uma corda dellas. « Outros dizem que esta palavra *Mal* é nome proprio da principal, « em que reside el-rei, que se intitula por senhor de todas, e a « ella communmente chamam *Maldiva*, como se dissessem a *ilha* « de *Mal*, e como ella é cabeça de todas, todas se intitulam della.»

Walter Hamilton no seu *East India Gazetteer* diz=, Ilhas Maldivas (*Malaya Dwipa*, isto é, as ilhas de *Malaya*).=

E outros diversamente.

placa a sede. Assim depois de estar livre da febre, incharam-me extraordinariamente as pernas e as côxas, como se estivesse hydropico. A todos os estrangeiros assim succede. Alem disso eu não podia ver a dez ou doze passos de distancia, e temia ficar cego. A febre tambem me havia deixado uma opilação e obstrucção de baço, que me causava grande difficuldade de respiração. Este achaque do baço é commum entre aquella gente, e quasi todos o tem muito volumoso. Chamam a este achaque *ont cory*. E sempre se me conservou, em quanto estive nas ilhas de Maldiva.

Quasi pelo mesmo tempo enfermou tambem el-rei, o que foi motivo para que eu apesar de andar já levantado, o não podesse ver; e só depois de elle ser são, quando ia á mesquita, o cortejei. Elle ficou mui espantado de me ver no estado, a que eu estava reduzido pela inchação, e disse que a sua doença o impedira de elle me fazer tratar melhor. E sem detença deu ordem a seus familiares para tomarem esse negocio a seu cuidado, fazendo chamar os sujeitos, que eram experimentados no curativo de taes doenças; e até mandou ministrar unguentos de sua casa, por quanto el-rei tinha de ordinario porção de drogas, mesinhas, e receitas de todas as qualidades para os doentes, e até remedios de sortilegio. Iam-lhos pedir, e elle folgava de exercitar esta caridade para com todas as pessoas, e com isso saber quem estava enfermo, quem sarava, e quem morria, para prover á sepultura dos defunctos, porque tinha por costume fazer o funeral aos pobres, e aos que não tinham posses para isso, a cada um segundo a sua qualidade. Muita gente pois trabalhava no meu curativo, mas eu não sentia melhora, até que finalmente as pernas gretaram, as aguas, que causavam a inchação, escorreram, e os meus olhos cobraram o seu antigo vigor. Mas o peor foi que as chagas das pernas se me fizeram muito largas e fundas, e alem disso tão dolorosas, que não repousava de dia nem de noute; e os humores tendo tomado seu caminho por esta

parte, era arriscado suspendel-os, e cerrar a chaga. Neste estado fiquei quatro mezes, fazendo-me el-rei tratar o melhor que lhe era possível. Á vista de Malé havia uma ilha, chamada *Bandos*, onde morava um homem, que passava por mui perito nestas doenças. El-rei o mandou buscar, e lhe recommendou que me curasse, se por ventura soubesse, e que o recompensaria bem. Elle assim o prometteo, e accrescentou que se aprouvesse a el-rei permitir-lhe o levar-me consigo, elle empenhava a sua palavra de me curar muito mais brevemente, tanto mais que os ares eram muito melhores e mais sadios, e as aguas mais saudaveis naquella pequena ilha do que nesta de Malé. El-rei lho permitio, e deu ordem a seus domesticos para lhe subministrarem tudo quanto elle requeresse para meu tratamento; e de feito eu fui alli bem tratado; e bem me-sinhado por este homem.

Mas neste comenos succedeo um caso a meus companheiros, que me magoou muito, e me causou bastante mortificação. E foi que dos cinco Flamengos, que estavam em Malé, houve quatro, que tomaram a resolução de se evadir destas ilhas lançando mão de um batel, attenta a nenhuma esperança, que nos restava de podermos sair dellas com permissão del-rei. Dous destes Flamengos haviam vindo para Malé com o nosso capitão, e mais companheiros, que a principio alli foram conduzidos; e assim estando em sua companhia quando elles morreram, ficaram senhores do seu dinheiro, que conservavam escondido; o que era para elles um meio facil de haver as cousas necessarias ao embarque. O feitor do rei christão das ilhas de Maldiva tinha o seu *bangaça*; ou celloiro junto á praia na ilha de Malé (a). Era elle natural de Cochim, de raça Canarim, e christão; mas todavia mui máo christão, como eu depois vim a conhecer.

(a) Sobre a distincção entre o rei christão das Ilhas de Maldiva, e o outro rei mouro, de que falla o auctor, veja-se adiante no Cap. XVIII desta 1.ª Parte.

Estes Flamengos se conloíaram com elle, e á força de dinheiro tanto fizeram que elle lhe consentio que pözesses e tirasses de seu armazem os provimentos, e fato, de que haviam mister (a). Restava somente esperar e espreitar a occasião de surprehender um batel, que a final depois de longa expectativa chegou, porquanto um dos homens do senhor, que me havia levado para Malé, deixou alli perto o seu batel por razão da chuva, e esperando sempre de hora em hora o bom tempo, não levou para terra o leme, como costumam fazer. Este batel estava apparelhado para ir á pesca, ainda que mui pequeno, pois não era mais comprido que oito vezes o comprimento do braço, que é a medida mais commum, de que elles se servem, e se chama *riens*. Outro modo de medir usam nos pannos, servindo-se de uma medida mais pequena, isto é desde o cotovello até á ponta dos dedos, e esta medida se chama *Moul* (b), (o que seja dito de passagem). O batel chamava-se *Donny* (c), isto é, passaro, porque era mui veleiro; e estava provido de mantimentos, e de agua doce para alguns dias. Os nossos tendo feito este achado, chegada a noite, se embarcaram no batel com o seu fato, e largaram. Mas a sua má ventura dispoz que nesta noite, e no dia seguinte fizesse a maior, e mais furiosa tormenta, que se pode imaginar, e que não era menor que a que aguentámos na costa da terra de

(a) Esta palavra *fato*, tomada pelos nossos antigos auctores no sentido de ~~de=~~ *ipensilhos* ou *moveis da casa*, e *bagagem da pessoa*—é ainda, nesse mesmo sentido, usada vulgarmente no dialecto indico-portuguez; e nelle a usamos aqui, e talvez em outros logares.

Em Portugal tem prevalecido o uso de chamar *fato* unicamente á *roupa de vestir*; e por isso causa estranheza aos Portuguezes, que de novo chegam á India, quando ouvem dizer *fato de pão*, e outras expressões semelhantes.

(b) Em Goa é conhecida esta medida pela denominação portugueza de *Mão*, denominação, que prevalece em muitas regiões da India. Os Ingleses adoptando a escrevem a seu modo *Mamud*. Equivale a dois palmos.

(c) Desta palavra fizemos nós os Portuguezes a que vulgarmente usamos na India de *Tone* ou *Tona* com a mesma significação, isto é, certo batel para navegação fluvial.

Natal. A mesma gente das ilhas dizia que nunca viram cair tantos coqueiros em vinte e quatro horas. Pensai agora se estes coitados poderiam ir a salvamento n'um pequeno batel tão fragil, e não sabendo os canaes e voltas, que deviam tomar no meio de tantos bancos e rochedos, e debaixo de uma tão grande tormenta! Assim pouco depois foram achadas na praia algumas peças dosapparelhos do batel, o que fez acreditar que elles se haviam perdido, e de feito o foram, porque depois nunca mais houve novas delles, nem nas ilhas, nem na costa da terra firme.

El-rei ficou grandemente indignado desta terceira fuga, tanto porque, como já disse, é crime de lesa-magestade roubar um batel e ir-se embora sem licença; como porque entre estes quatro Flamengos havia um, que era bom bombardeiro, e o qual por este respeito elle prezava. Este bombardeiro havia-se concertado em S. Maló para fazer a viagem, e tendo recebido paga adiantada, casou-se, e depois já não queria vir, offerecendo restituir o que lhe fora adiantado, o que o nosso capitão não quiz acceitar, antes pelo contrario o fez agarrar á força por quatro homens, e metter a bordo do navio; e por esse respeito nunca mais o bombardeiro lhe foi mui afeiçoado, chegando varias vezes em união com alguns do navio, quando estavam escandalizados do capitão por rasão de algum castigo, a conspirar no invento de alguma traça para fazer perder o navio, salvando-se elles, como nos confessou nas ilhas de Maldiva. Foi este homem tambem tão barbaro e deshumano com o nosso capitão, quando estava enfermo nos ultimos paroxismos da vida na ilha de Malé, que lhe arrancou á força um roupão, de que elle usava; e nada foi capaz de o demover desta má acção, por mais que lho supplicasse o pobre capitão enfermo, ao que lhe respondia que elle bem sabia o que fazia, e que alem disso elle já não conhecia capitão desde que o navio tinha dado á costa, e estava desfeito. Aquelle desastre succedeo aos pobres Flamengos desoito mezes depois do nosso naufragio pouco

mais ou menos. Reconheço que entre tantas misérias Deos me ajudou sempre para me não metter nestas tentativas de fuga, que todas acabaram mal, como tenho dito.

Dous dias depois aquelle meu companheiro, com quem eu havia feito protestaão de tão estreita amisade, veio a fallecer depois de longa enfermidade, o que me causou uma afflicção insupportavel. Era elle natural de Vitré, e no nosso navio tinha o cargo de escrivão. Creio que elle a final succumbio á força da tristeza e melancolia, tanto mais que havia deixado sua mulher e seus filhos para fazer a viagem, e agora via serem acabadas as esperanças de poder voltar á patria.

Mas tornando aos Flamengos, que se haviam ausentado : quando este caso foi notorio, e chegou á noticia del-rei, mandou-se dár busca ao aposento da nossa gente, para se saber ao certo quaes eram os que haviam ficado; e acharam-se dous Francezes, um Flamengo, e aquelle que acima disse que estava em artigo de morte. Os seis anciãos regedores do reino congregaram-se nos paços del-rei na forma do seu costume, e mandaram vir ante si os nossos tres, e ahi os deliveram por espaço de quatro ou cinco horas, dizendo-lhes que elles eram cumplices da traição dos outros, e ameaçando-os com a morte. Todavia vendo que não eram culpados, os deixaram ir embora; mas el-rei defendeo que se lhes continuasse a dar a ração de arroz, que até alli se lhes dava por sua conta; não impedindo porem que os mais lhes dessem mantimentos, se lhes aprouvesse; mas declarando que elle por sua parte não teria mais fé em Francez algum. E aconteceu que nem por isso elles deixaram de ter com que manter a vida.

Todas estas cousas me affligiam infinitamente, a saber, a minha doença tão longa e enfadonha, a perda de nossos companheiros, a morte do meu amigo, e mais ainda o agastamento del-rei contra os que havíamos restado. Quando estive são, que foi no fim de dous mezes depois de ter ido

para a ilha de Bandos. queria continuar a residir ahi, julgando evitar por este meio a indignação del-rei, e dar tempo a que ella se applicasse. Mas em fim aconselheram-me que não juntasse a contumacia ao meu delicto (assim chamavam ao desastre de meus companheiros), e que voltasse o mais breve possivel para junto del-rei.

Acceitei o conselho, e sendo ehogado, encaminhei-me sem detença, como é costume, ao paço del-rei, antes de ir a meu aposento. Succedeo que elle estava em um pateo. o mais proximo da camara aonde dorme. Saudei-o na forma costumada, sem dar demonstração de novidade alguma, e então elle me fallou, e perguntou se eu havia sido bem tratado, e se estava são; e até quiz ver o lugar da chaga. Isto me dava boas esperanças, e me fazia pensar que era restituído á sua graça como de antes; mas estava ainda longe disso, tanto que defendeo que me dessem cousa alguma de sua casa, e bem assim a meus companheiros. Isto me causava dissabor, não por respeito dos mantimentos, porque os magnatas não permittiam que me faltasse cousa alguma; mas é que naquella terra um homem, a quem el-rei não dá mantimento, não é nada, nem fazem caso delle; porque mesmo os mais poderosos senhores recebem o arroz del-rei, o que é grande honra; como ao contrario uma especie de infamia ser privado desta mercê. Os meus amigos particulares não deixaram de me prezar e acudir, certificados de que el-rei não dizia mal de mim, e que o que elle fazia era para me metter medo, e dar um exemplo para o futuro. Porque aliás quando el-rei está indignado deveras contra alguém, este não acharia um amigo, e aquelles, que dantes tinha, o abandonam.

Dous mezes passei nesta desgraça del-rei, e todavia não deixava de ir ordinariamente ao paço apresentar-me ante elle. Haviam-me ensinado o costume da terra, que é não se ausentar a pessoa, com quem el-rei está agastado, nem cessar de ir ordinariamente ao paço, até que, apoz uma longa paciencia el-rei falla, e recebe novamente em sua

graça a mesma pessoa. Neste meio tempo enfermei de febres. O senhor, em cuja casa eu era aposentado, avisou disso a el-rei, que lhe encommendou que me tratasse bem, e nada poupasse; o que elle cumprio. E para me dar melhores esperanças, me certificou que el-rei não estava inteiramente desavindo comigo, antes pelo contrario tomava a seu cuidado a minha saude. E de feito mandou que me fosse distribuida a ração ordinaria de arroz, e igualmente aos outros meus tres companheiros. A doença foi curta, e brevemente sarei.

Seis semanas depois com grande espanto meu fui chamado ao paço da parte dos seis anciãos regedores, para me dizerem que eram avisados de que nós intentavamos fugir, e da parte del-rei me determinaram que não communicasse nem tratasse com meus companheiros, nem lhes fallasse francez, encarregando-me que lhes fizesse eu saber a elles estas mesmas defesas, para de sua parte as cumprirem. Era na verdade bom custoso, estando nós aposentados uns junto dos outros, obedecer a esta determinação, e abstermo-nos de fallar e communicar entre nós; por isso o faziamos muito em segredo. Com tudo passados quinze dias o caso foi referido a el-rei, que offendido disso mandou levar os meus tres companheiros a um *Atollon* (a), chamado *Suadú*, que é a oitenta legoas de Malé para a banda do sul, e para lá ir é mister passar a linha. É este o lugar para onde el-rei envia degradados os que caíram no seu desagrado, porquanto é uma ilha mui arredada de sua côrte, onde nunca aportam navios estrangeiros, e cujos habitantes são pouco civis, mui asperos e grosseiros. Esta ordem foi dada ao Vedor ou Intendente dos navios del-rei, que na sua lingua chamam *Maé dau da elle*, o qual me tinha sua asca por inveja do senhor, que me havia levado de Paindué, em cuja companhia elle então vinha; e tendo-

(a) Assim se chamam os pequenos grupos de ilhas, ou subdivisões do grande archipelago de Maldiva, como melhor se verá no Cap. seguinte.

me feito prometter no caminho que eu me aposentaria em sua casa, não o pude fazer, porquanto el-rei me mandou aposentar com aquell'outro, que me havia trazido. Para se vingar pois enviou-me dizer por um quadrilheiro del-rei, que se chamam *Mirvaires*, que viesse eu para me embarcar com os outros, e ser conduzido a Suadú. Não havia que hesitar, nem resistir a esta ordem; e de feito, posto que mui triste, fui embarcar-me. Mas neste comenos um filho do senhor, em cuja casa eu estava aposentado, que bem sabia que a ordem del-rei não entendia comigo, correu a avisal-o, e elle mandou logo que me fizessem desembarcar, dizendo que não era sua tenção que eu estivesse em outra parte, salvo junto delle. E dest'arte fiquei livre.

Houve alguns senhores que requereram a el-rei permittisse que um dos outros tres fosse tambem por agora dispensado, e que iria passado algum tempo; por quanto tinham affeição a este homem por ser bom alfaiate, e bom trombeteiro, o que lhe dava muita freguezia e conhecimento entre toda a qualidade de pessoas. El-rei lho concedeo, e assim somente foram embarcados dous, um Francez, e um Flamengo, e ficámos outros dous, porque depois da partida daquelles, não se fallou mais em enviar o outro, pois julgavam que nos não poderíamos evadir. El-rei me mandou vir ante si, e me reprehendeo por rasão de nossa desobediencia, accrescentando que estava desgostoso de que eu tivesse tido intento de fugir; que elle não queria que eu fosse morrer afogado, como acontecera ao bombardeiro. Desculpei-me com palavras brandas, e o certifiquei de que não havia sido participante em alguma empresa dessas. E foi desde então que comecei a ser mais seu valido.

Passados dous annos, os meus dous companheiros, que haviam sido degradados para Suadú, foram restituídos á côrte; e a occasião foi esta. Um delles, o Flamengo, sabia trabalhar mui delicadamente em obra de marcenaria fina em madeira branda com a ponta de um canivete, e tendo mais vagar do que elle desejára, occorreo-lhe fazer

um pequeno navio do feitiço dos de Flandres, que não tinha de comprimento mais de um covado, mas no resto perfeitamente fabricado, que lhe não faltava uma só cousa de todas as velas, enxarcia, utensilios, e apparelho, tal como um grande navio de quinhentas tonelladas. Enviou esta peça a el-rei, que fez della tão grande cabedal, que admirando esta pequena obra, mandou que lhe trouxessem logo o obreiro, e por respeito delle o seu companheiro. Assim d'ora avante estivemos juntos todos quatro por espaço de quinze mezes.

El-rei me deu um aposento separado perto de seus paços, e todos os dias me era trazido de sua casa arroz, e os provimentos necessarios para minha sustentação. Tambem me deu um servidor, alem de algum dinheiro, e outros presentes, de que me fez mimo; por cujo respeito me tornei um tanto rico ao modo da terra, e me conformava o mais que me era possível com seus costumes, e usos, a fim de ser mais bem quisto de sua gente. Eu intercadejava com os navios estrangeiros, que alli chegavam, com os quaes tinha mesmo ganhado tal familiaridade, que se confiavam completamente em mim, deixando-me grande quantidade de fazendas de toda a sorte, para vender em sua ausência, ou para guardar até sua volta, dando-me nas mesmas fazendas certa parte. Dahi por diante fui sempre favorecido del-rei, e o ia cumprimentar quasi todos os dias; e por consequência era bem quisto de todos os grandes, e cordialmente estimado de alguns. Possuia igualmente muitos coqueiros, que é lá uma especie de riqueza, os quaes eu fazia grangear por certos homens, que especialmente se occupam neste serviço por jornal. Em somma nada me faltava, salvo o exercício da religião christãa, de que com muita magoa me via privado, como igualmente de perder a esperança de voltar a França.

E como a longa residência, que tive nestas ilhas, me deu dellas grande conhecimento e dos povos, que as habitam, de seus costumes, e usos, pareceo-me pôr em

escriptura, e por menor, o que nesse particular tenho sabido.

CAPITULO X.

Descrição das Ilhas de Maldiva, sua situação; e povos que as habitam.

As ilhas de Maldiva começam em oito grãos da linha equinocial da banda do norte, e acabam em quatro grãos da banda do sul. Estendem-se por tanto quasi dusentas legoas de longura, não tendo de largura mais de trinta a trinta e cinco legoas. Distant da terra firme, a saber, do Cabo Comorim, de Coulão, e de Cochim, cento e cincoenta legoas (a). Os Portuguezes contam que ha quatro mil e quinhentas legoas de mar para vir de Hespanha a estas ilhas.

São divididas em treze provincias, a que chamam *Atollons*, que é uma divisão natural, segundo a situação dos logares, de forma que cada *Atollon* é separado dos outros, e contem em si uma grande multidão de ilhetas (b). É cousa maravilhosa ver cada um destes *Atollons* cercado todo ao redor de um grande banco de pedra, que não ha artificio humano que podesse fechar tão bem de muros

(a) O leitor terá de certo a indulgencia necessaria para desculpar este modo um pouco confuso, por que o auctor conta a distancia das ilhas de Maldiva á terra firme de Malabar; pois uma deve ser a distancia dessas ao Cabo Comorim, outra a Coulão, e outra a Cochim.

O nosso Barros (*Dec. III. Liv. III. Cap. VII.*) diz que as primeiras são apartadas da costa de Malabar por espaço de quarenta legoas, e as derradeiras estam na distancia de trezentas legoas.

O auctor já se vê tomou o meio termo.

(b) João de Barros, e os Documentos portuguezes do seculo XVI chamam *Pgtana* ao que Pyrrard chama *Atollon*.

um espaço de terra como este. Estes *Atollons* são quasi todos redondos, ou de figura oval, tendo cada um trinta legoas de circuito, alguns um pouco mais, outros um pouco menos, e todos são enfiados do norte a sul, mas sem tocarem uns nos outros; havendo entre elles canaes, ou braços de mar, uns largos, e outros mui estreitos. Quem está no meio de um *Atollon*, vê ao redor de si aquelle grande banco de pedra, que já disse, o qual cerca e defende as ilhas contra a impetuosidade do mar. Mas é cousa medonha, ainda aos mais ousados, aproximar-se deste banco, e ver vir de longe as vagas quebrar-se com furor em torno d'elle; porque então, digo-vol-o como cousa, que eu vi infinitas vezes, o rolo do mar é maior que umas casas, e tão branco como algodão; de forma que vedes em torno de vós um como muro mui alvo, mórmente-quando o mar está levantado.

No meio de cada um destes repartimentos são as ilhas, assim grandes, como pequenas em numero quasi infinito. A gente da terra me dizia que chegam ao todo a doze mil; mas a mim me parece que não são tantas, e que elle dizem doze mil, para significar um numero sem limites, e que se não pode contar; posto que na verdade ha uma infinidade dellas pequenas, que não passam de ser como medãos de areia desertos (a). Se bem que el-rei de Maldiva põe este numero no seu ditado, porque se intitulava *Sultan Ibrahim dolos assa ral tera atholon*, isto é, *Ibrahim Sultão rei de treze provincias, e de doze mil ilhas* (b). Como quer que seja, as correntes, e as gran-

(a) O que parece certo é que ainda ninguém as contou. João de Barros (*Dec. III. Liv. III. Cap. VII.*) diz que são mil. O Padre Lucena (*Vida do Padre Francisco de Xavier, Liv. IX. Cap. XX.*) diz que são onze mil. &c.

(b) O rei christão destas ilhas, que vivia em Cochim, de quem adiante fallaremos, tomou este ditado—*Dom Manoel por graça de Deus rei das ilhas de Maldiva e de tres Patanas de Cuaydú, e de sete ilhas de Pullobay, da conquista e navegação de toda a costa brava de Samatra, e do Estreito de Manacuma* &c. (Documento de 1560).—Onde se vê não só como este rei arremedou o ditado del-rei de Portugal, mas quaes eram as suas pretensões de dominio politico.

des marés diminuem cada dia este numero, como me informaram os habitantes, que até diziam que na mesma proporção diminue o numero da gente, e que ora não ha nellas tanta, como havia antigamente. E dir-se-ha ao ver por dentro um destes Atollons, que todas estas ilhetas não são mais que um baixo continuado, ou que antigamente fora tudo uma só ilha, cortada e dividida depois em muitas. E de feito todos os que navegam por ellas vêm por dentro tudo branco, por rasão da areia, que tem esta côr por cima de todos aquelles baixos e rochas. O mar ahi é manso, e tem pouca profundidade, de sorte que nos logares mais profundos não chega a ter vinte braças, e ainda isto é em mui poucos logares, porque em quasi todos se vê o fundo. Todos estes baixos são de pedra, de rocha, ou de areia, de sorte que quando é na baixa-mar, não chega a dar a agua pela cintura, e na maior parte dos logares não passa de meia perna; e assim seria facil ir a pé de umas para outras ilhas do mesmo Atollon, se não foram duas cousas que o estorvam, a saber, uma grandes peixes, chamados *Paimones*, que devoram a gente; e lhe cortam os braços e pernas, se a encontram (a), outra é que no fundo do mar ha em quasi toda a parte rochas cortantes e agudas, que ferem muito a quem anda por cima dellas. E afóra isso encontra-se tambem porção de ramos de uma cousa, que não sei se é arvore ou pedra, pois tal é a sua semelhança com o coral branco, e é tão ramosa, e aguda como elle, mas nada polida, antes pelo contrario mui aspera, toda aberta e furada em buraquinhos, e porosa, mas todavia dura e pesada como pedra. Chamam-lhe na sua lingua *Aquiry*, e servem-se della para fazer o mel e assucar de côco, deste modo. Pizam-na com pequenas pedras, e pondo-a a ferver com a agua de côco, forma-se o mel e assucar. Estes taes ramos lapideos incommodam excessivamente a quem se banha, ou anda pelo mar; e cu

(a) O auctor refere-se provavelmente aos Tubarões.

pela minha parte tinha grande difficuldade de ir assim de uma ilha a outra sem batel, mas os que estão costumados vão muitas vezes. (a).

(a) Esta producção da natureza é a que hoje dos naturalistas é chamada *Madrepora*, palavra derivada do francez *madré*, cousa que tem laivos, e *poro*, poro, ou buraco. E não será talvez desagradavel ao leitor ler aqui a descripção, que della se achano *Dictionnaire Universel* de la Chatre, e que é a seguinte :

—Este nome de *Madrepora* foi pela primeira vez usado por Imperati para designar uma especie particular de polypeiros lapideos, subdendroides, ramosos, de superficie guarnecida por todos os lados de cellulas salientes e intersticios porosos. Estas cellulas são ás vezes dispostas sem ordem, e outras vezes em series distinctas, tubulosas, salientes, em forma de estrella mal perceptivel, e em laminas muito estreitas. As formas geraes das madreporas variam muito; umas apresentam expansões achatadas profundamente divididas, algumas vezes subpalmeadas, outras formam uma massa oblonga, coberta de pequenos ramos curtos, cylindricos, e cuja reunião figura ás vezes um corimbo no vertice do polypeiro; outras finalmente se desenvolvem e extendem em longos ramos cylindricos, com esgalhos, assemelhando-se ás pontas de veado. Mas qualquer que seja a differença, que existe nas formas exteriores das madreporas, estes polypeiros não deixam por isso de ser sempre semelhantes entre si por sua contextura interna, e pela disposição, e aspecto de suas cellulas, que são cylindricas, numerosas, unidas, irregularmente dispersas, ou distribuidas com regularidade em linha longitudinal, ou obliquamente dispostas nos troncos e ramos. A abertura da cellula é arredondada, e o seu interior guarnecido de laminas longitudinaes, alternadamente grandes e pequenas, mas sempre pouco salientes. A cavidade destas cellulas se prolonga no interior do polypeiro, e os espaços comprehendidos entre suas paredes são também ôcos por rasão de pequenas celluloides desiguaes, e communicadas entre si, donde vem que a contextura das madreporas, comquanto seja solida e resistente, é todavia extremamente porosa. Ignora-se inteiramente o modo de seu crescimento, multiplicação, e morte. Imperati parece ter sido o primeiro, que suspeitou que as *madreporas* eram concreções calcareas formadas por entes organizados, pertencentes ao reino animal. Rumph, que teve occasião de estudar em grande os polypeiros do mar das Indias, teve para si que as madreporas eram uma gelea animal productiva, cobrindo uma massa inorganica de conchas de animaes aggregados. Os naturalistas modernos as descrevem como animaes gelatinosos, diffuentes, asteroides, providos de doze tentaculos curtos, dispostos ao redor da abertura central. A maior parte das madreporas chegam a enorme grandêza. Acham-se nas regiões inter-tropicaes. Não se conhecem até agora nos mares, que banham a Europa, e só se têm encontrado nos

Destas ilhas ha infinidade (e segundo eu creio é o maior numero dellas) que são inteiramente desertas, e só tem arvores e ervas; outras não tem verdura alguma, e são pura areia movediça; e ainda ha algumas, que são na sua maior parte submersas na maré cheia, e descobertas na maré baixa, e cuja superficie é sempre alastrada de grandes caranguejos, que lá chamam *Cacué*, e de outros mais pequenos, e bem assim de passaros chamados *Penguin*, que alli fazem criação, e ha delles tão prodigiosa quantidade que se não pode pôr pé (como muitas vezes experimentei) em parte alguma sem pisar seus ovos, ou criação, ou as proprias aves, que não fogem para longe por ver gente. Os naturaes não as comem, sem embargo de serem boas para comer, e são do tamanho de pombos, com penas brancas e pretas. As ilhas, que disse serem desertas, parecem ao longe brancas, e como cobertas de neve, por rasão da grande alvura da areia, que é fina e subtil como a de um relógio, e tão quente e ardente, que os ovos destas aves chocam nella facilmente.

Estas taes ilhas, raras são as que tem agua doce; tem-na porém as outras cobertas de vegetaes, assim as habitadas, como as desertas, salvo algumas, cujos moradores se vêm na necessidade de a ir buscar ás ilhas visinhas, e por isso usam de invenções para apanhar a da chuva. E essas aguas,

mares da America do Sul, e principalmente nos da India. Parece que se desenvolvem fixas na sua base em profundidades assaz consideraveis, e elevando mais ou menos as expansões foliaceas, ou as ramificações caulescentes, que as constituem. E' ao crescimento mui rapido das madreporas, propriamente ditas, e particularmente da madrepora muricada (ouriçada), que é devida a formação dos recifes, que abundam no mar do sul, no mar das Indias, e no mar Vermelho. Accumuladas em massas consideraveis em certos sitios constituem grandes camadas de podra calcarea, e servem de base á maior parte das ilhas daquelles regiões. Contam-se neste genero nove especies soamente, a saber, *madrepora palmada*, *madrepora em caruncho*, *madrepora em leque*, *madrepora branda*, *madrepora muricada*, ou *abrotonoide*, *madrepora prolifera*, *madrepora cerricoma*, *madrepora tanchagem*, e *madrepora pollicifera*. =

que ha, não são todas semelhantes umas ás outras, sendo muito melhores em uns sitios, que em outros. As aguas dos poços nem são mui doces, nem mui saudaveis; e os poços fazem-nos desta maneira, a saber, cavando tres ou quatro pés na terra pouco mais ou menos, acha-se agua doce em abundancia, e o que mais é de admirar, a quatro passos da beira do mar, e até em sitios, que são muitas vezes inundados de agua salgada. Observei que as aguas são mui frias de dia, mormente á hora do meio dia, e mui quentes de noute.

Mas tornando aos treze *Atollons*, são estes os seus nomes, a começar da ponta do norte, onde começam as ilhas, a que por isso os Portuguezes chamam *Cabeça das ilhas*, e na lingua de Maldiva se diz *Tillâ du matis*, que tem a mesma significação, isto é, *ponta de cima*, a qual jaz em oito grãos da linha da banda do norte, na mesma altura de Cochim (a). O primeiro *Atollon* chama-se *Tilla du matis*; o segundo *Milla due madue*; o terceiro *Padypolo*; o quarto *Malos madû*; o quinto *Ariatollon*; o sexto *Malé Atollon*, que é o principal, aonde está ilha de Malé, capital das outras; o setimo *Pulisdûs*; o oitavo *Moluca*; o nono *Nillandus*; o decimo *Collo madus*; o undecimo *Adu matis*; o duodecimo *Sundû*; o decimo terceiro *Addû* e *Puâ Moluca*, que verdadeiramente são dous separados um do outro, mas mui pequenos, pela qual rasão se costumam contar por um só. Todavia *Addû*, como mais consideravel, dá o nome ao outro.

Eu estive em todos estes *Atollons*, e naveguei por entre todos elles com os naturaes da terra. Cada um destes *Atollons* é separado do seu visinho por um canal ou braço de mar, que passa entr'ambos, ás vezes estreito, ás vezes largo, cada um diversamente. Mas como quer que seja, não podem por alli passar navios grandes, sem se perderem. Todavia ha quatro destes canaes, que são muito mais largos que os outros, e que podem ser navegados pelos maiores na-

(a) Segundo os geographos modernos a Cabeça de Maldiva está em 7.º 30' de latitude, e Cochim em 9.º 50'.

vios, mas com muito perigo, e corre-se sempre ahí grande risco, mormente de noute; e o mais certo é perderem-se, como a nós nos aconteceu, porque não podem deixar de se encontrar alguns baixos e rochas, de que cumpre fugir. Vi nas ilhas de Maldiva muitas cartas maritimas, onde isto estava exactamente notado. Por cima disso são estes povos maravilhosamente déstros em evitar aquelles bancos, e safar-se dos passos mais perigosos sem soçobrar; e muitas vezes os vi passar pelo meio de bancos, baixos, e rochedos, por pequenos canaes tão estreitos, que não havia mais logar que para o barco, e ás vezes tanto á justa, que roçava nos rochedos por ambos os lados; e todavia caminhavam seguramente pelo meio destes perigos a passo largo; e eu quando ía com elles, o que muitas vezes me aconteceu, levava sempre grande susto. Mas nunca o tive maior que certa vez, em que estando com alguns daquelles naturaes n'um pequeno barco, que não tinha mais de quatro braças de comprimento, levantava-se o mar acima de nós mais de duas lanças, e estava tão tormentoso e empollado que mais não podia ser. Parecia-me a cada momento que a vaga me atirava fora do barco, no qual a muito custo me segurava; e elles de nada se lhes dava, e não faziam senão rir; porque não se arreceiam do mar, e são mui destros em governar os barcos e bateis, estando affeitos a isto, e costumados desde meninos, assim os grandes senhores, como a gente mais rasteira; e teriam a deshonra o não serem entendidos neste mester. É por isso que se faz impossivel dizer o numero de barcos e bateis, que ha por todas estas ilhas, tanto mais que os mais pobres querem um batel seu, e os mais ricos muitos. Nunca navegam de noute, e surgem todas as tardes junto a terra. Governam os bateis a olho sem bussola, salvo quando saem fora de suas ilhas, ou quando empreendem alguma viagem grande. Por este respeito não fazem grande provimento, e compram cada dia em diversas ilhas tudo o de que hão mister.

Por cima de tudo a mór parte das ilhas comprehendidas no recinto de um Atollon, são ainda cercadas de um baixo, onde não ha alem de uma ou duas aberturas mui estreitas, e difficéis de discernir, por respeito das quaes é mister que elles entendam bem a maneira de dirigir com destreza seus barcos; aliás se falhassem um nada, virar-se-hia o barco, e seria perdida a fazenda; porque quanto á gente, sabem nadar tão bem, que nestes sitios se salvam sempre, e a dizer a verdade são como meios peixes, tanto andam costumados ao mar, onde vão todos os dias quer a nado, quer a pé, quer em batel. Eu os vi muitas vezes por dentro de seus bancos, onde o mar é quieto, como já disse, eu os vi correr a nado atraz dos peixes, que elles tinham lobrigado quando se banhavam, e apanhar-os na carreira. Isto é cousa para elles ordinaria. E todavia sem embargo de toda a sua destreza não deixam de se perder barcos muitas vezes. O maior contra-tempo são as correntes *Oyuarú*, que correm ora a leste, ora a oeste entre os canaes das ilhas, e em diversos sitios do mar, seis mezes de uma banda, o seis da outra, mas não tanto á risca, que ás vezes não seja mais ou menos; e é isto o que os engana, e de ordinario os faz perder. Os ventos são pela maior parte fixos, como as correntes, da banda de leste, ou de oeste, mas variam muito mais, e não são tão regulares, atravessando ás vezes para o norte ou para o sul; ao mesmo passo que a corrente vai sempre seu caminho costumado, até que mude a estação, a qual, como já disse, não muda sempre a tempo certo, o que causa inconveniente aos barcos; de que adiante apontarei exemplos.

Ha ainda a este proposito uma cousa grandemente notavel, e é que sendo os Atollons, como acima disse, todos em fileira, e proximos uns dos outros, separados por canaes que os atravessam, tem aberturas, e entradas oppostas entre si, duas de um lado, e duas do outro, por incio das quaes se pode ir e vir de Atollon em Atollon, e ter

communição em todo o tempo. No que se pode observar um effeito da providencia de Deos, que nada deixa imperfecto. Por quanto se não houvera mais que duas aberturas em cada Atollon, a saber, uma de uma banda, e outra da outra, não seria possível passar de Atollon em Atollon, nem de abertura em abertura, por rasão da impetuosidade das correntes, que correm seis mezes para leste, e seis para oeste, e contra as quaes se não pode vogar, mas impellem forçadamente as embarcações. E se porventura estas duas aberturas não fossem oppostas, mas uma da banda de leste, e outra de oeste, poder-se-hia sim facilmente entrar, mas não retroceder, senão depois de serem passados os seis mezes, e a corrente mudada.

Ora na forma por que estas entradas são dispostas, pode-se sem embargo das correntes ir de um Atollon a outro em todo o tempo, e traficar, e communicar livremente entre elles, como se faz. Tanto mais que cada Atollon é aberto por quatro logares, que correspondem aos dous Atollons vizinhos. Por exemplo, ha uma abertura do lado de leste, que é quasi directamente opposta á entrada do outro Atollon; e do lado de oeste ha outra, que é semelhantemente fronteira á do Atollon vizinho. De sorte que se a corrente vai de leste a oeste, não se pode atravessar directamente de entrada a entrada; mas neste caso sáe-se pela banda de leste, que é então a parte mais alta da corrente, e continuando a marchar de csguelha, vai-se entrar no outro Atollon pela entrada do oeste. Semelhantemente pode-se tornar promptamente quantas vezes se quizer, sem esperar mudança de quadra; mas neste caso é mister sair pela abertura de leste, que é opposta áquella donde se partira, e ir atravessado entrar pela abertura de oeste no outro Atollon. Quando a corrente está mudada, e que corre de oeste a leste, é necessário fazer o contrario de que está dito, isto é, sair pela parte de cima da corrente, e entrar pela abertura do outro Atollon, que é então a parte baixa da corrente, que em tal caso fica a leste. A utilidade e

necessidade destas entradas é manifesta, e ainda não obstante isso, não deixam de se perder mui frequentemente barcos e bateis, que as correntes arrojам por força, mórmente quando as calmas ou ventos contrarios os apanham em caminho. Que se estas entradas não fossem, como as tenho representado, seria muito peor, pois não haveria meio de navegar de Atollon em Atoilon. Com tudo isso as entradas destes Atollons são diversas, umas bastantemente largas, outras mui estreitas. A mais larga não excede a duzentos passos, mais ou menos, e ha-as que não tem mais de trinta, e ainda menos. Nos dous extremos de cada uma destas entradas em todos os Atollons ha duas ilhas, uma de cada lado, as quaes direis que estam alli para guardar a entrada, como de feito seria mui facil com artilheria impedir os navios de lá entrar, porque a mais larga não excede a duzentos passos.

Quanto aos canaes, a que elles chamam *Candü*, que separam os Atollons, ha quatro mui navegaveis, onde grandes navios podem passar para atravessar estas ilhas de Maldiva, como é frequente passarem os estrangeiros de todas as qualidades; mas todavia não sem risco, e todos os annos se perdem alli muitos. Não é de boamente que alli vão passar, antes pelo contrario lhe fogem o mais que podem, mas estam as ilhas de tal forma situadas no meio do mar, e extendem-se tanto ao longo, que é custoso escapar-lhe; e por cima de tudo as correntes impellem para alli os navios forçosamente, quando as calmas, ou os ventos contrarios os sorprendem, e se não podem ajudar bem de suas velas para se safar das correntes. O primeiro canal, que se pode tomar da banda do norte, é aquelle em cuja bocca nós nos perdemos, sobre o banco do Atollon de *Malos madü*. O segundo mais para a parte de Malé, chama-se *Caridü*, no meio do qual está a maior de todas estas ilhas, assim circumdada de bancos, como já disse. O terceiro está alem de Malé da parte do sul, e se chama *Addü*. O quarto chama-se *Snadü*, e está directamente de-

baixo da linha equinocial. É o mais largo de todos, por que tem mais de vinte legoas de extensão. Os naturaes quando vão de ilha para ilha, ou de um para outro Atollon, não se servem de bussola, e só em grandes viagens muito ao longe; mas quando hão de passar este largo canal, então usam della. Todos os outros canaes entre os Atollons são mui estreitos, e cheios de escolhos e baixos, e não se podem passar senão em pequenos barcos; e ainda assim é mister ter grande conhecimento dos logares, para sair a salvo. Achei estranho, navegando com estes naturaes pelo canal, que separa Malé e Pulisdú, que tem este mesmo nome de Pulisdú, e sete legoas de largura proxima-mente, achei estranho, digo, que o mar ahi parecesse de côr negra como tinta de escrever, e comtudo quando se toma a agua em qualquer vaso, não differe da outra. Igualmente se vê alli sempre a agua ferver em grandes cachões negros, como se estivesse sobre o fogo. Neste lugar o mar não corre como nos outros, o que é horroroso de ver; e me parecia que estava n'um abysmo, não vendo a agua mover-se nem para uma banda, nem para a outra. Não sei a rasão disto; mas o que sei é que mesmo a gente da terra lhe tem horror. Tambem ahi é mui frequente haver tormentas (a).

(a) Para o leitor, que não tiver á mão as *Decadas* de João de Barros, poremos aqui a descripção, que este insigne cosmographo fez destas ilhas, escrevendo cincoenta annos ou mais antes da viagem de Pyrard. Diz pois João de Barros (*Dec. III. Liv. III Cap. VII.*) entre outras consas o seguinte :

—As quaes ilhas (de Maldiva) as mais pequenas estão encabeçadas em as maiores de maneira, que uma governa trinta, quarenta, segundo estão situadas, e a este numero assi encabeçado em uma chamam elles *Patana*. . . . A situação destas (ilhas) de Maldiva, ainda que algumas das maiores sejam apartadas umas das outras por espaço de vinte, quinze, dez, e cinco legoas, o maior numero dellas é estarem tão conjunctas, e apinhoadas, que parecem um pomar meio alagado de agua, que quasi tanta parte é coberta, como descoberta della; e que de salto em salto, por não molhar os pés, e ás vezes lançando a mão aos ramos das arvores, se anda todo. E são os canaes desta agua, que as retalha, tão retorcidos, que os mesmos naturaes

Pelo que tenho dito sobre serem estas ilhas tão próximas da equinocial, de uma e outra banda, pode-se julgar qual é a qualidade de seus ares, que são mui insalubres, e o calor excessivo. Todavia a noute e o dia são alli iguaes em todo o tempo, e as noutes são mui frescas, e cáe abundande orvalho. Esta frescura é parte para se poder habitar a terra com menos incommodo, e para as ervas e arvores medrarem sem embargo do ardor do sol. O inverno começa no mez de abril, e dura seis mezes; e o verão no mez de outubro, e dura outros seis mezes. O inverno é sem frio, mas continuadamente chuvoso; e os ventos são também então mui impetuosos da banda de oeste. Ao contrario o verão é extremamente quente, sem chuva alguma, e os ventos são da banda de leste.

Julga-se que as ilhas de Maldiva foram antigamente povoadas pelos Chingalás (assim se chamam os habitantes da ilha de Ceilão); mas eu acho que os Maldivas em nada se parecem com os Chingalás, que são pretos, e de muito má figura; ao mesmo tempo que aquelles são bem formados, e bem proporcionados, fazendo pouca differença de nós-outros, salvo na cor, que é baça. Todavia de crer é que a terra, e a continuação do tempo os tenham tornado mais formosos que os que a principio povoaram as ilhas. Afóra disso tem alli permanecido grande numero de estrangeiros de todas as partes, que se tem affeito á terra, alem de tantos indianos, que de tempo em tempo se tem perdido, como nos aconteeço a nós, e cada dia se perdem, e lá ficam. E por esse respeito a gente, que habita desde Malé e suas visinhanças até á ponta do norte, é mais polida, honesta, e civilisada; e a que está da parte do sul para a ponta de baixo, é mais grosseira em sua lingua-

às vezes uma maré os apanha, e lá os vai lançar em parte, onde não sabem atinar. Porque ainda que estes canaes muitos delles tem tanta altura, por que possam navegar naes mui grossas, são tão estreitos, que em partes vão dando com a entena das velas nos palmares.==

gem, e costumes, menos bem formada de corpo, e mais preta; e ainda ahi se vêm muitas mulheres, principalmente pobres, que andam de todo nuas, sem pejo algum, tendo apenas um pedaço de panno para cobrir as partes vergonhosas. O norte sempre tem sido mais frequentado dos estrangeiros, que ordinariamente ahi casam; e como por ahi passam todos os navios, a terra enriquece, e se civilisa cada vez mais. Por essa razão as pessoas nobres e ricas assentam de melhor vontade aqui sua morada, que no sul, aonde, como já disse, o rei envia por castigo os degradados. Com tudo o povo que habita as partes do sul, não é em nada menos esperto, nem de menos engenho que o outro, se o não é mais, por qualquer causa que seja. Mas quanto á nobreza essa está toda da banda do norte, donde também saém os soldados.

Por ultimo, fallando em geral, este povo é mui engenhoso, mui dado á manufactura de toda a sorte de labores, no que são excellentes, mesmo nas letras e sciencias a seu modo, e especialmente na astrologia, que muito pressam (a). São gentê prudente e avisada, mui experta na mercancia, e no modo de viver no mundo. São outrosim-valentes, esforçados, e entendidos nas armas, e vivem com grande regra e policia (b). No que toca ás mulheres são bellas, salvo serem de côr baça; com quanto se achem muitas tão brancas como em Europa. Todavia todas tem o ca-

(a) Quanto ás cousas de artificio, que a gente dellas (Ilhas de Maldiva) faz, são pannos de seda e algodão, e delles são taes, que cousa de tecedura não se faz melhor em todas aquellas partes, e isto principalmente nas ilhas Ceudú e Cudú, onde dizem que ha melhores tecelões, que em Bengala e Choromandel. Porem toda a seda e algodão, de que fazem estes pannos, lhes vem de fóra, por serem mui desfalecidas destas cousas, e assi de arroz, que todo lhe vai de carreto. (João de Barros, *Dec. III Liv. III. Cap. VII*).

(b) A gente destas ilhas, com quem os nossos tem communicação, é baça, fraca, e maliciosa, cousas que sempre andam juntas, não somente com a natureza dos homens, mas ainda nos brutos animaes, donde se pode verificar uma paradoxo, que todo fraco de animo é malicioso em cautellas. (Barros, no lugar citado).

bello preto, mas elles estimam isto por belleza, e até procuram dar-lhe esta côr, por que trazem a cabeça das raparigas rapada até á idade de oito ou nove annos, deixando apenas um circulo de cabello ao longo da testa, para as differenciar dos rapazes, que não conservam nenhum; e esse pouco que deixam é uma tira tão estreita como a sobrancelha. Desde que as crianças nascem as rapam de oito em oito dias, o que torna os cabellos muito pretos, o que ás vezes não seriam, por que vi crianças com elles alourados.

Tem por tanto em geral o cabello preto, e quanto mais preto mais bello é reputado, assim nos homens, como nas mulheres. Esta côr, como já disse, lhe vem de que desde que nascem o rapam de oito em oito dias. É belleza e ornamento nas mulheres ter os cabellos mui cumpridos, bastos, e pretos, que ellas penteam e lavam repetidas vezes, e desengorduram com aguas e barrelas feitas a esse intento, e depois de terem bem lavado e desengordurado as cabeças e cabellos, ficam com estes soltos ao vento, mas no interior da casa, até estarem perfeitamente enxutos; depois esfregam-nos e untam-nos com oleo mui odorifero, de sorte que tem sempre a cabeça humida e untada. E assim homens, como mulheres, cada vez que lavam o corpo untam sempre os cabellos, o que acontece duas ou tres vezes por semana; mas o corpo chegam a untal-o mais de uma vez no dia. Os cabellos são obrigados a laval-os quando tem tido communicação entre si; e particularmente todas as sextas-feiras, que é o seu dia sanctificado, e em todas as suas festas principaes; os homens nas sextas-feiras, e as mulheres somente nas festas; mas fóra disto todas as vezes que lhe apraz, e o hão mister.

As mulheres derramam tambem aromas pela cabeça por mui poucas posses que tenham; e sendo assim lavadas, untadas, e perfumadas, penteam o cabello, puxando bem todos os de diante para traz o mais que podem, de forma que um só cabello não desdiga, ou tome outra direcção; depois atam-no atraz fazendo um nó em forma de grande

castanha, para engrossar a qual poem uma madeixa postica de homem, mas tão comprida como de mulher em forma de cauda de cavallo. Os cabellos desta madeixa postica estam seguros pela parte mais grossa n'uma especie de dedal ou annel, em volta do qual todos aquelles cabellos estão dispostos; e esse dedal, que é de ouro ou prata, é cravado de perolas e pedras preciosas, segundo as posses de cada um. Ha tal que põe duas destas madeixas posticas só para lhe augmentar o troço do cabello atraz. Poem-lhe tambem ás vezes flores odoríferas, que não faltam na terra; e tudo é tão bem arranjado que um cabello não desdiz do outro.

No que toca aos homens, não é permittido, como já disse, senão aos soldados, officiaes del-rei e fidalgos usar cabellos compridos, o que elles pela maior parte fazem, e tão compridos como os das mulheres. Não tem menor cuidado que ellas de os lavar, desengordurar, untar, e perfumar de flores; e não ha outra differença senão que os homens atam os cabellos ao lado, ou no alto da cabeça, e não atraz como as mulheres; e tambem nunca poem crescente. Todavia elles não tem obrigação de trazer assim os cabellos; mas é licito trazerem-nos curtos, ou compridos, como bem quizerem, como cá se trazem os bigodes. Vi o rei, os principes, e a maior parte dos senhores, e soldados trazerem-nos curtos; e aquelles que os trazem compridos a maior parte quando se aborrecem, ou quando não crescem, cortam-nos para os dar, ou vender ás mulheres; por que não ha crescentes senão de cabellos de homem, porquanto nunca se cortam os cabellos das mulheres, quer vivas, quer mortas. A maior parte destas madeixas posticas vem da terra firme, como de Cochim, Calecut, e de toda a costa de Malabar, onde todos os homens trazem os cabellos compridos, que cortam, e vendem para uso das mulheres, assim da sua terra, como de fóra. O cabello cresce-lhe muito mais de pressa do que a nós, e a causa é, segundo penso, tanto porque elles o lavam e untam muitas

vezes, como por rasão do calor excessivo, que faz com que o cabello nasça mais basto e mais aspero, mas nunca crespo, como entre nós. Commumente também os homens de lá são tão cabelludos pelo corpo, e de cabellos tão bastos, que mais se não pode imaginar; e disto se gloriam como de indício de força, o que todavia se não verifica nelles; e se um homem não é assim pelludo, dizem que mais parece mulher que homem, e fazem delle pouco caso. Mas as mulheres não são tão cabelludas, e só tem cabello nos lugares ordinarios. Não ha lá barbeiros de officio, mas cada um se rapa a si proprio, assim homens, como mulheres, e não usam navalha senão para isto. Não tem pentes; mas tem tisouras de cobre e de ferro coado, e espelhos também de cobre, de que se servem para se barbear; as navalhas são de aço, mas não do feitio das nossas, das quaes não fazem caso. Barbeam-se porem do mesmo modo que nós. Em quanto a el-rei e aos grandes senhores, ha homens que se tem por mui honrados de os servir neste mester não por paga, mas por affeição, sendo pessoas nobres. Por esse respeito o rei lhe dá algumas prendas no fim do anno.

Assim por todas estas ilhas não ha homem ou mulher, rico, ou pobre, grande, ou pequeno que seja, que da idade de quinze annos por diante não tenha os seus pequenos petrechos, ou ferramenta para arranjo dos cabellos; e são muito cuidadosos de os raparem por pouco que elles os magõem, ou importunem. Quanto ás raparigas, ás quaes rapam os cabellos quando são crianças de oito em oito dias, para as differençarem dos rapazes, que igualmente rapam, deixam-lhe uma pequena borda. As raparigas também não usam roupinhas até á idade de oito ou nove annos, mas somente um panno desde a cintura até abaixo dos joelhos, o qual trazem desde que começam a andar. Os rapazes porem não o trazem senão desde a idade de sete annos, e depois que são circumcidados. Dizem que as raparigas não tem necessidade de trazer roupinhas antes do tempo referido, por que é então que o seio começa a crescer, e é mis-

ter cobril-o, como cousa, que elles tem grande pejo de mostrar. Então deixam tambem crescer os cabellos das raparigas, sem mais os cortarem, antes os ornã e enfeitam, por ser chegado o tempo de se casarem, e até então serem tidas como crianças ; pelo que não é licito a homens e rapazes requestal-as, por não serem ainda reconhecidas, nem vestidas como mulheres.

Ora quando os homens são velhos, e cabelludos, como já disse, e não cobrindo o corpo da cintura para cima, barbeam-se no peito e sobre o estomago, mas com tudo de forma que cortam o cabello em uns sitios, e o deixam crescer em outros, o que figura o feitio de um gibão aberto em varios logares. No que toca á barba, os homens usam-na de duas formas. Uma é a que é permittida aos Pandiáres, Naibas, Catibas, e outros ministros da religião, e a todos os que tem feito a romaria da Meca, e Medinatalnaby em Arabia, onde está o sepulchro de Mahomet. Todos estes trazem a barba comprida do tamanho que querem, e não a rapam senão na parte dianteira do pescoço, e nos beiços tanto de cima como de baixo, porque por cousa nenhuma querejam que o que bebem ou comem lhe toque em algum pello, o que tem por uma das maiores impuresas e immundicie do mundo, e por essa razão não tem pello ao redor da bocca ; e muitas vezes vi que por acharem um só cabello no prato quando comem, lhe não tocam, e ficavam antes sem comer, dando-o ás aves e a outros animaes, sem que alguem o quizesse aproveitar. A outra forma de barba é propria da gente commum, e é curta á hespanhola, rapada ao redor da bocca, e na parte dianteira de pescoço, sem bigodes, e nas faces fazem pequenas cortaduras e feitios com tesoura, e com este instrumento as cortam mui rentes, mas não tanto que não appareçam. No queixo inferior deixam-na crescer em ponta, como agora entre nós se usa. Apanham cuidadosamente as aparas dos cabellos e das unhas, sem deixar perder ou cair cousa alguma, e as vão enterrar em seus cemite-

rios com uma pouca de agua; e por cousa nenhuma deste mundo as pisariam com os pés, nem tão pouco as lançariam no fogo, porque dizem que sendo cousa do corpo, requer tambem como elle sepultura; e de feito com a maior cautella as embrulham em algodão. A maior parte vão-se barbear á porta dos templos e mesquitas; e nesta operação são assaz duros e insensíveis; não usam de agua quente, e as suas navalhas cortam muito mal. Apenas molham a cara como uma pouca de agua fria, e por mais que sofram, nunca se queixam, e dizem que lhe não dóe. Eu porem, que usava de maior precaução, que me lavava e esfregava muito tempo com agua quente, mesmo assim me esfolavam, e parecia que me arrancavam todos os cabellos. Mas elles costumam-se, e afazem-se a isso; aliás seriam tão sensíveis como nós.

Mas é tempo de passarmos á descripção particular destas ilhas.

As ilhas de Maldiva são mui férteis em fructos, e outras commodidades necessarias á vida do homem. Cria-se nelas milho, que lá chamam *Ura*, em abundancia, e tambem outro pequeno grão, chamado *Bimby*, que é semelhante ao milho, salvo ser preto como semente de nabos. Estes grãos semeam-se, e colhem-se duas vezes no anno. Fabricam delles uma especie de farinha, da qual fazem papas com leite, e mel de côco, tortas, e bollos; e muitas outras sortes de manjares. Tambem se criam raizes de muitas qualidades, que se comem, entre outras uma chamada *Itelpul*, que se dá em grande copia sem ser semeada, e é redonda e grossa como os dous punhos pouco mais ou menos. Ralam-na esfregando-a n'uma pedra mui aspera, depois poem-na n'um panno ao sol a seccar, e fica uma especie de farinha mui alva, que se guarda o tempo que se quer, e della fazem papas, tortas, e bollos, que é manjar mui delicado, posto que carrega um pouco o estomago, e deve-se comer fresco para ser bom. Ha ainda outras sortes de raizes, chamadas *Alas*, mui gostosas, e em gran-

de copia, que elles semeam e cultivam, umas vermelhas como betarrabas, outras brancas como nabos, e são ordinariamente mais grossas que a coxa de um homem. Cozem-nas, e preparam-nas de diversas formas, e mesmo para as guardar pelo anno adiante, (por que não se dão senão no fim do inverno, no mez de setembro) as poem de conserva com mel, e assucar de côco, e são uma boa parte da mantença destes povos. Trigo, que elles chamam *Godam*, ou arroz, que chamam *Andué*, não se produz alli, mas vem muito arroz da terra firme, que trazem os mercadores, e fazem d'elle muito uso, e é barato. Comem-no e cozinham-no de varias formas; ou cozendo-o só em agua, e comendo-o com outras viandas em lugar de pão; ou misturando-lhe especiarias; umas vezes com leite, e assucar de côco; outras vezes fazendo-o cozer com gallinhas, ou peixe, o que elles temperam com arte e delicadeza. Tambem o cozem, e depois o seccam e pizam, e desta farinha com ovos, mel, leite e manteiga de côco preparam tortas, e manjares mui excellentes.

Afóra isso as ervas e arvores abundam por toda a parte nestas ilhas. Ha grande numero que dão fructo, outras que o não dão, mas de que todavia se comem as folhas, que são doces e delicadas; outras que servem a muitos e varios usos. Descrevel-as-hei particularmente em outro lugar; aqui basta indical-as. Em quanto a fructas, ha limões, romãs, e laranjas em tão grande copia, que se não pode exceder. Ha bananas, a que o Portuguezes chamam na India figos, e nas ilhas de Maldiva se chamam *Quellá*, que é um fructo grande, que multiplica muito, delicioso, e muito substancial, de sorte que com elle sustentam as crianças em lugar de papas; e alem disso uma infinidade de outras fructas, que eu não posso designar, das quaes umas se assemelham de alguma sorte a nossas ameixas, peras, figos, abobaras, e melões, com quanto sejam produzidas em arvores. Mas nenhum fructo é de mais utilidade que os côcos, que alli se chama *Cate*, e á arvore que os pro-

duz *Roul*, o qual abunda nas ilhas de Maldiva mais que em outro lugar do mundo, e delle abastecem, por assim dizer, muitas regiões visinhas, em rasão de que os naturaes das mesmas ilhas sabem tirar delle melhor todo o proveito e commodidades, que delle se pode haver, do que os outros povos. E' este fructo o maior e mais maravilhoso manná, que se pode imaginar. por que só por si esta arvore pode servir a tudo o que é necessario á vida do homem, subministrando-lhe em abundança vinho, mel, assucar, leite, e manteiga. Alem disso o miolo do fructo serve para comer com toda a sorte de iguarias em vez de pão; por que lá não se fabrica, nem se vê pão; e eu estive cinco annos ou mais sem o provar, e ainda sem o ver: e com tudo já estava tão affeito a este modo de vida, que não estranhava a falta. Ainda o pão, a casca, a folha da planta, e a casca do fructo servem para fazer a maior parte de seus moveis e utensilios. Mas eu não quero aqui deter-me a descrevel-o; isso seria mui longo, e me afastaria do fio do meu discurso. Fal-o-hei mais commodamente em outro lugar, onde darei a descripção particular desta arvore maravilhosa, por ventura mais amplamente do que ninguem até agora o ha feito, pois a conheci exactamente, e possui grande numero dellas por tanto tempo.

Quanto á lenha para queimar, ha-a em tal quantidade que se não compra, porquanto o paiz é coberto de toda a sorte de arvores; o que dá grande sombra, e muita frescura, e prazer. Ha mesmo arvores que não servem para outra cousa senão para queimar, sendo permittido illas cortar a qualquer que disso tem necessidade. E ha outrossim ilhas inteiras, que dellas são cheias, onde cada um envia todos os dias seus domesticos e escravos a buscal-as para seu uso.

Por derradeiro nesta abundancia de fructos, como disse, é cousa admiravel que cada um dos treze Attolons produz diversas commodidades; e com quanto estejam todos sob

um mesmo clima, todavia cada um não tem tudo quanto lhe é necessario, de sorte que uns não podem passar sem os outros. Direis que quiz Deos que estes povos se tratassem mutuamente entre si. tanta é a diversidade dos productos, é tão notavel é a circumstancia de que o que abunda em um é raro no outro. Concedo, e é verdade, que em todos os logares se dá um pouco do que abunda n'outro, mas é em pequena quantidade, e não é de tão boa qualidade, e tão natural como o que se produz nos Attolons e ilhas proprias para isso, por rasão de ser cousa forçada. Note-se ainda que estes povos tem seguido em sua habitação uma ordem semelhante, porque os que professam mesteres estavam congregados em ilhas apartadas, como os tecelães em uma, os ourives em outra, os serralheiros, ferreiros, esteirreiros, olleiros, torneiros, e marceneiros.

Em somma nenhum mester está envolto com outro; cada um tem sua ilha apartada. Com tudo communicam-se de umas ilhas ás outras desta sorte. Tem bateis cobertos de um pequeno toldo, e vão de ilha em ilha a trabalhar, e vender a sua mercadoria; e ás vezes estam mais de um anno antes de voltar á sua ilha, e ordinaria habitação. Levam comsigo todos os seus filhos machos, desde a idade de quatro ou cinco annos, para os ensinar, e acostumar. Dormem sempre eu seu batel, ahi bebem e comem, e a maior parte das vezes ahi mesmo trabalham. Lembra-me, quando via isto, dos caldeireiros, que andam de aldêa em aldêa. Eu poderia especificar aqui os Attolons, e ilhas, que produzem cada especie de fructos, e commodidades particulares, mas tenho-o por escusado.

Quanto aos animaes, ha gallinhas em tão grande copia, que é cousa extraordinaria, e não custam senão o trabalho de as apanhar, porque são bravas. No mercado vendem-se a um soldo por cabeça, e semelhantemente trinta e seis ovos pelo mesmo preço. E' a vianda de que mais usam, abaixo do peixe. Ha tambem quantidade de pombos, ádens, francolins, e certas aves, que totalmente se parecem

com gaviões, com pintas pretas e cinzentas, as quaes todavia não vivem de rapina, mas de fructos; e muitas outras differentes especies, todas bravas, e não domesticas. As gralhas incommodam muito a gente, porque são tão ousadas que entram nas casas para apanhar o que acham, ainda que lá haja gente, de que quasi nada se espantam, o que me parecia mui extraordinario; e a principio julgava que ellas eram domesticas, e tinham dono. Ha tantas que seria impossivel contal-as; e a gente da terra não as mata. Os morcegos são do tamanho de córvos. Dão grande molestia os mosquitos, que picam vivamente, tanto ou mais que na ilha de S. Lourenço, ou outras partes da India. Mas o que mais incommoda são os ratos, arganazes, e formigas, que se encontram em toda a parte, com outras sortes de animaes, e bichos, que entram nas casas, e comem, e estragam todos os grãos, provimentos, fructos, e mercadorias tenras, de sorte que aquella gente, para atallar a isso, se vê constrangida a fabricar armazens e celleiros sobre estacas no mar a duzentos e trezentos passos de distancia da terra, aonde vão em bateis, e ahi conservam seus grãos e fructos. A maior parte dos armazens del-rei são construidos desta sorte.

Todavia não ha alli animaes peçonhentos, salvo algumas cobras. No mar ha uma especie dellas, que são mui perigosas. Vêm-se muitos gatos, fuinhas, e furões. Eis os animaes que eu pude observar criarem-se nestas ilhas. Outros muitos vi lá de todas as qualidades, mas vêm de fóra. Cavalgaduras não ha, nem tão pouco outros animaes grandes, quer bravos, quer domesticos. Verdade é que de vaccas e touros ha quasi quatrocentos ou quinhentos; mas pertencem somente a el-rei, que os cria na sua ilha de Malé; e havendo elles sido condusidos da terra firme por curiosidade, tem multiplicado áquelle numero, tanto mais facilmente quanto os não comem, senão quatro ou cinco vezes no anno, nas grandes festas, em que o rei manda matar um; e ás vezes para dar aos navios estrangeiros, que el-rei

quer presentear. Tambem vi alguns carneiros, que semelhantemente são del-rei. Não ha cães, e até lhe têm horror. No tempo, em que eu lá estava, os Portuguezes de Cochim enviaram dous a el-rei como raridade, e elle immediatamente os mandou afogar no mar. Se um cão tocar algum daquelles habitantes, correrá este logo a banhar-se, para se purificar.

O mar é de tal sorte piscoso, que é maravilha, e de todas as qualidades de peixes, grandes e pequenos; o que procede principalmente de ser o mar baixo e pacifico entre os Attolons, ou de alguma outra propriedade desta paragem. A pesca é pois muito abundante, e é o maior exercicio dos naturaes destas ilhas, bem como o peixe é o seu principal mantimento, ou seja fresco com arroz, e outras iguarias, ou frito em azeite de côco, ou ainda cosido em agua do mar, e depois secco para se guardar, e assim enviam diariamente muitos navios carregados delle ao Achem em Sumatra, e a outras partes. Entre estes peixes ha alguns grandes e perigosos, que até devoram gente, quando vai banhar-se, ou pescar; e eu mesmo por pouco que não fui uma vez devorado. Vê-se grande numero de pessoas, que em desastres destes tem perdido braços, e pernas, ou ficado de outra forma mutiladas.

Esta grande abundancia de tudo faz com que alli custa pouco o grangeio da vida, por tudo ser barato. Adquirem-se quatrocentos côcos por um larim, que vale oito soldos; quinhentas bananas tambem por um larim; semelhantemente pelo mesmo preço cem peixes grandes, ou uma duzia de gallinhas, ou tresentas libras de raizes; e assim nas outras cousas; de sorte que não ha paiz na India, onde os estrangeiros enriqueçam tão depressa, porque o trato ali é muito bom, e as virtualhas custam muito pouco. Donde vem dizerem lá por proverbio que os naturaes nunca serão ricos, e os estrangeiros o serão logo. Quanto a mim julgo que é a barateza das virtualhas, que faz aquella gente preguiçosa no trabalho, e negligente, o que obsta

a que enriqueça, tanto mais que a maior parte só lhe importa ter com que passar a vida, sem outra ambição nem avareza; e não trabalham por alcançar outra cousa.

A ilha principal, como já disse, se chama *Malé*, que dá o nome a todas as outras; porque a palavra *Dives* significa um numero de ilhetas reunidas (a). Está ella quasi no meio de todas as outras ilhas, e tem de circuito legoa e meia. E' a mais fertil de todas, emporio, e escála das outras, e dos estrangeiros, morada e côrte do rei; em consequencia do que é a mais habitada. Mas é certamente a mais doentia, e applicam a razão disso, dizendo que sendo alli a morada dos reis desde a antiguidade, morre muita gente, e como se enterra cada pessoa á parte, toda a ilha está cheia de sepulturas, e com o ardor do sol levantam-se vapores nocivos e maleficos. Pela mesma razão são as aguas más; por isso el-rei se vê obrigado, para si e sua familia, mandal-a buscar a outra ilha onde a haja melhor, e onde se não enterre pessoa alguma; o que igualmente fazem as pessoas principaes, e medianas da ilha.

Por todas estas ilhas não ha cidades fechadas, nem ainda na ilha de *Malé*. Mas toda a ilha está cheia aqui e alli de casas e habitações, ou de senhores e fidalgos, ou do povo miudo; e o mesmo é nas outras. Todavia as casas distinguem-se por bairros e ruas, e são dispostas em mui boa ordem, e cada um sabe a sua repartição.

As casas e edificios do povo baixo são de madeira de coqueiro, que cortam do tronco da arvore. Cobrem-nas com folhas da mesma arvore, eosidas umas em cima das outras. Os senhores e os ricos mandam-nas fabricar de pedra, que se tira do mar da parte inferior dos baixos e bancos, onde se acha quanta se quer, cumpridas e grossas. E' lisa, de facil fabrico, mui branca, e todavia um pouco dura ao serrar e a cortar; mas quando tem estado á chuva,

(a) Veja-se no Cap. IX a outra interpretação, que o auctor dá a esta mesma palavra.

perde com o tempo a sua duresa natural e brancura, e a final fica negra quando é batida da chuva, ou molhada com outra agua doce. A maneira de a tirar de dentro do mar é notavel. Cria-se nestes paizes um especie de arvore, a que chamam *Candú*, que é do tamanho das nossas nogueiras, e a folha se parece com a da faia, igualmente branca, mas excessivamente molle. Esta arvore não dá fructo, e até não é propria para queimar. Depois de secca, serram-na em taboas, das quaes se servem como nós cá das de pinho. E' o páo mais leve que ha, ainda mais que a cortiça. Tendo observado dentro d'agua a pedra que querem tirar, atam-lhe um bom cabo bem seguramente. Isto é para elles cousa leve; porque, como já atraz disse, são meio-peixes, mui destros no nado, e mesmo as mulheres nadam tão bem, ou melhor que os homens destas terras; de sorte que quasi todos, e por qualquer leve causa vão ao fundo do mar a quinze ou vinte braças de profundidade, e lá se demoram longo tempo observando o fundo, muitas vezes para ver se é azado o sitio para segurar as anchoras, e outras vezes tambem para escolher no fundo d'agua, alguma rocha grossa, onde amarram o cabo, supprimindo assim a anchora. Por tanto depois que elles tem escolhido a pedra que querem tirar, e que a tem amarrada a seu cabo, tomam um pedaço daquelle páo de *Candú*, e o atam; ou enfiam (quando é secco) ao tal cabo bem junto da pedra, e depois por cima lhe vão juntando quantidade destas mesmas peças, quanto é mister, até que estas, que são maravilhosamente leves, e boiam ao de cima da agoa, arrancam a pedra, e a trazem acima, por mui pesada que seja, ou qualquer outra cousa pesada, até ao peso de cem mil libras. E' isto cousa que eu vi fazer quasi todos os dias. As bombardas do nosso navio submerso, que estavam no fundo, as anchoras, e outras cousas pesadas, foram d'esta arte tiradas por elles, em presença de todos nós, que pensavamos dar-lhe algum alvitre; mas elles sabiam nesta materia mais que nós. Pela mesma invenção, que para

elles é cousa ordinaria e commum, vi tambem que o porto da ilha de Malé, sendo cheio de grossos rochedos, de forma que os navios não podiam ali surgir nem anchorar seguramente, foi desentupido, limpo, e se tornou navegavel com um bom anchoradouro em menos de quinze dias. Com este páo boiante elles tiravam para terra os rochedos, ou os levavam para outro logar mais fundo, e depois cortando os cabos, que são fabricados de uma casca fina de certo páo, deixavam-nos cair no fundo. Tal é o modo de arrancar pedras para seus edificios. Mas quando este páo está repassado de agua, é mister deixal-o seccar ao sol, aliás não poderia boiar.

Azcrementarei a noticia de outras duas maneiras como elles se servem da arvore de Candú, já que della tanto tenho fallado. Uma é que tomam cinco ou seis grossas peças deste páo, e as ligam umas ás outras emparelhadas, e por cima poem taboas da mesma madeira em forma de grade bem chata, e bem direita; depois ao redor levantam pequenos bórdos por diante, por detraz, e pelos lados, e ainda no meio para se assentar. Isto lhe serve para andar no mar, e passar de ilha em ilha; e ali andei eu com até nove companheiros; e é principalmente com este engenho que elles fazem as suas pescas. Cada pessoa tem um para seu uso, porque assim lhe é commodo, e basta um homem para o dirigir e guiar, por mui grande tormenta que faça; já se sabe entre os Attolons e os canaes, e não tanto assim no mar alto. Não haja receio de virar, porque sempre boia ao de cima d'agua; e alem disso, quando o fabricam, sabem medir tão bem estas peças de páo, dispôlas em ordem, e por tal sorte equilibrálas, que nunca se viram para baixo. Só se pode temer que as peças se despeguem umas das outras. Chama-se isto em lingua da terra *Candupatis*, nome derivado da arvore, de que é fabricado. Tem ainda outra propriedade a arvore *Candú*, a saber, que esfregando pedaços do seu páo uns nos outros, ferem fogo, e é com isto que o accendem, servindo-se del-

les como nós dos fuzis. As pedras para fabricação dos edificios são pois tomadas do mar, da maneira que disse. Quanto á cal, fazem-na de escamas e conchas, que acham á borda do mar, e esta cal prende e caldea bem os edificios.

E já que fallei dos povos, antes de passar mais avante, cáe a proposito accrescentar uma palavra sobre qual seja a sua lingua. Duas são as que alli vulgarmente andam em uso. A primeira, particular ás ilhas de Maldiva, é mui abundante. Em mais de cinco annos, que alli me detive, choguei a sabel-a como a minha lingua materna, e me era mui familiar. A segunda é a lingua arabiga, que é mui estimada, e elles lá aprendem como nós cá a lingua latina; e por isso se servem della nas suas resas. Alem destas ha algumas linguas extraordinarias, como a de Cambaia e Guzerate, a de Malaca, e ainda a Portugueza, que alguns sabem por rasão do commercio, e da communicacão que entre si tem. No Attolon de Suadú, e nas ilhas do sul, falla-se uma lingua custosa de entender, grosseira, e rude, mas que todavia é a mesma lingua commum.

CAPITULO XI.

**Da religião dos habitantes das ilhas de Maldiva.
E das cerimoniaes, que guardam.**

A religião, que seguem, é a de Mahomet, e não ha outra por todas estas ilhas, salvo as dos estrangeiros, que ahi aportam; e ainda assim são elles pela maior parte Arabios. Malabares, ou Indios de Sumatra, que tem a mesma religião. Seus templos chamam-se *Mesquitas*, e são construi-

dos de boa pedra de cantaria, e bem unida. Tem paredes grossas no meio de um grande claustro quadrado, igualmente cercado de muros, onde está o seu cemiterio, do qual se não servem todos, porque escolhem sepultura onde lhe apraz, e cada um quer ter a sua particular. O templo é quadrado, voltado a occidente, porque dizem que é o lado para onde fica a respeito delles o sepulchro de Mahomet. Tem tres portas, e á entrada de cada uma dellas da banda de fóra um poço largo, ao qual se desce por degrãos, e cujo fundo e lados são forrados e guarnecidos de lages bem lisas e limpas para servir a seus lavatorios; e dalli até á porta ha uma carreira das mesmas lages (porque todo o resto do claustro ou cemiterio é coberto de areia), assim de se não sujarem depois de lavados; e sóbem-se oito ou nove degrãos para entrar no templo. O pavimento deste é coberto de bellas esteiras e alcatifas, que elles são curiosos de conservar aceiadas; e ninguém será tão ousado que lhe cuspa, ou se assõe sobre ellas, e quem não leva lenço sae á porta, e cospe para fóra. O tecto é de madeira, no qual tenho admirado a mão de obra, porque é tão polido, e tão bem obrado, que não pode haver cousa melhor. As paredes são revestidas de madeira da mesma sorte trabalhada. E tudo, assim o madeiramento de cima, como a marcenaria de dentro, é ligado sem pregos, e sem cavilhas, e todavia fica unido com tanta firmeza, que se não pode despegar salvo conhecendo-se o artificio. Vêm-se grande retabulos, ou de pedra ou de páo, pregados em diversos lugares das paredes, nos quaes são gravadas letras e escripturas em lingua arabiga. No fundo do templo para a parte de occidente ha um pequeno repartimento de madeira, que faz lembrar um côro de igreja (entenda-se na mesquita da ilha de Malé), onde fica el-rei com aquelle que é mais chegado a sua pessoa, e lhe leva a sua espada e rodella, o grande Pandiare, um dos Catibas, e os quatro Mudins. Ao lado deste repartimento ha duas grandes galerias, onde ficam os soldados e o capitão com suas armas.

E em geral por todo o templo, que é mui espaçoso e de grande extensão, ha separações de varios logares destinados a certas pessoas; não a cada pessoa separadamente, mas para os que são de uma certa ordem, estado, idade, ou qualidade. Guarda-se tão bem esta differença, que ninguém tomaria atrevimento de se pôr em um logar, que é destinado a pessoas de outra condição; e se o fizera, seria condemnado na multa imposta neste caso. Assim não ha inveja, ciume, nem disputa ácerca dos logares; e qualquer homem de baixa sorte pode facilmente e sem custo fazer logo condemnar na multa um grande senhor, que lhe haja tomado o logar; e da mesma sorte o grande para com o pequeno. Neste templo ha alampadas, que permanecem continuamente accesas. Ha palmares applicados para dotação do templo por homens ou mulheres, que assim o tem instituido. Estes templos ou mesquitas são mui frequentes por todas as ilhas habitadas, e alguma ha onde se contam até nove e dez; mas a festa nunca se celebra senão em uma só mesquita, que é destinada a esse effeito, e por tanto maior que as outras, que são simplesmente capellas ou oratorios fundados pela devoção particular. A primeira e a principal, onde se faz a festa, é fundada, e tem rendimentos á custa do publico; e chamam-lhe *Ucurû Mesquita*. Tambem se deve notar que em nenhuma ilha se celebra a festa, se nella não ha quarenta pessoas maiores de quinze annos, não comprehendendo o Catiba; em consequencia do que não pode na tal ilha haver Catiba, que é quem faz a parte principal da cerimonia. Nesse caso os moradores vão a outra ilha visinha; e todavia não deixam de ter uma ou muitas mesquitas na sua, para ahi fazerem a oração quotidiana. Cada mesquita tem seu sacerdote, a que chamam *Mudin*, que recebe as rendas, e cuida della, como um capellão da sua capella. As ilhas que tem, como disse, sufficiente numero de povoação, tem tambem cada uma della um Catiba, ou cura, que é superior na hierarchia religiosa, e faz as orações

publicas, os sermões, e praticas, tendo por seus inferiores os simplices sacerdotes, ou Mudins das mesquitas. E todos juntos se applicam a ensinar ao povo a lei de Mafoma; e especialmente os Mudins a ensinar as crianças a ler e escrever a lingua da terra, e a arabiga; em recompensa do que os pais e mãis lhe dão o que lhe parece, segundo cada um quer.

Todos os dias da semana vão ao romper d'alva ao templo, e explicam a rasão disso segundo a sua crença, a saber, que o mundo é plano e não redondo, e que é cingido todo de uma muralha de cobre, que o defende de ser submergido das aguas que o rodeiam; que o diabo, inimigo de genero humano, passa toda a noute a furar e minar aquella muralha, e quando rompe o dia, pouco falta para que de todo a tenha furada; por rasão do que todos os homens de quinze annos para cima vão áquella hora ás mesquitas fazer oração; e se a não fizessem, todo o mundo pereceria. Afóra esta vão mais quatro vezes no dia á mesquita; ao meio-dia, ás tres horas da tarde, ao pôr do sol, e ás dez horas da noute, detendo-se na mesquita de cada vez por espaço de meia hora. As mulheres nunca vão aos templos, mas em casa fazem as suas orações. Todavia quem não quer não vai ao templo nos dias ordinarios da semana, e podem-se fazer as orações, e cerimoniaes, a que chamam *Namandé*, em casa, ou em outro qualquer lugar. E o que é mais, ninguem é constrangido a fazel-as. Com tudo se consta que um homem as não faz, ninguem quer comer e communicar com elle. E' todo o castigo que lhe dão; e dizem que esse tal não é bom *Mosseleman*. Por isso quasi todos as fazem, ainda que seja um grande estorvo, a que estão sujeitos, assim as pessoas occupadas, como as outras; e gastem com isso muito tempo. Tambem usam contas como nós, mas sem cruces.

Antes de entrarem no templo lavam os pés, mãos, orelhas, bocca, e olhos, fazendo ainda certas cerimoniaes, e repetindo orações, que são diversas segundo as horas, as

festas, e ainda segundo as occasiões, por que se lavam; como por exemplo, quando tem ourinado, ou feito suas necessidades, ou tocado nas partes vergonhosas, cumpre que se vão lavar, e resar orações proprias desta occasião; e bem assim por terem congresso com mulheres devem lavar todo o corpo, e dizer outras orações; e se a mulher foi a sua propria ainda faz differença. Por todos estes casos tem para si que ficam pollutos; e são tão escrupulosos, que não ommittiriam esta cerimonia por cousa nenhuma do mundo; e julgam que por este meio se limpam e purificam de seus peccados e máculas. O que eu acho indecente, alem da superstição de seu erro condemnavel e abominavel, é lavarem-se, e banharem-se todos em publico. á vista de todo o mundo, e muitos ao mesmo tempo; e dizerem as suas orações em voz alta, de forma que por esta diversidade de orações, segundo as occasiões, se conhece tudo o que elles tem feito de mais recondito, e sabe-se por exemplo quando tem congresso com suas mulheres ou não, ou se foi com outras. As mulheres da sua parte fazem o mesmo.

Todos são circumcidados (chamam á circumcisão *Seu-nat*), a saber, os rapazes quando chegam á idade de sete annos; e então se fazem festas, que duram dez dias, cada um segundo suas posses e qualidade, e nellas se admite toda a gente sem excepção. Dança-se ao som de flautas e tambores, com toda a sorte de folias. Para a circumcisão ha mestres e operadores, que não tem outro officio e occupação senão circumcidar. A forma que se guarda nesta operação, é a que se segue. Seis ou sete horas antes da circumcisão, manda-se banhar no mar o rapaz, que deve ser circumcidado, e ahi se demora até ser chamado quando a hora é chegada. Dizem que fazem isto para abrandar e amollecere a pelle. No pateo da casa construe-se para esse effeito uma camara, toda forrada de pannos ou estofos de seda. O pavimento cobre-se de areia branca e fina. A esta camara é conduzido o rapaz, e ahi seguro por dous ou

tres Mudins, para que se não mêcha, os quaes no entre-tanto cantam versos e orações proprias deste acto. O operador tomando uma pouca de cal branca diluida, assignala o lugar onde deve fazer a incisão; depois puxa a pelle o mais que pode, e a liga com um cordão; e então faz a operação com uma navalha de barba, que não serve senão para isto, e que é bem cortante e afiada. Depois o paciente é tratado, e amesinhado pelo proprio operador, que o não larga sem ter sarado inteiramente. Nesse meio tempo os parentes e amigos do pai e mãe o vão visitar, e fazem presentes ao operador, que sem embargo disso não deixa de ser pago pelo pai. O circumciso leva a curar uns quinze dias, e depois delles o operador o leva ao mar, e ahi se banham ambos, dizendo o mestre ou operador algumas orações, e fazendo suas cerimonias, e trazem na mão um pequeno ramo de palmeira, ou coqueiro, que no alto tem um pedaço de tafetá branco, cortado em ponta, como um pequeno guião, a que chama *dida*. Isto offerecem elles em todas as suas supplicas e offerendas, como nós fazemos ás candeas de cera. E ainda offerecem outras muitas cousas, como a seu tempo direi. Antes de um rapaz ser circumciso, dizem que é innocente, e não pode peccar; e de feito a maior parte até essa idade não usão panno para cobrir as partes naturaes, dizendo que quem não pecca não tem pejo, mas depois da circumcisão não deixam mais de se cobrir. Em quanto ás raparigas não se fazem festas nem cerimonias algumas, e para as circumcidar tiram somente duas ou tres gottas de sangue das partes naturaes, quando ellas chegam á idade de dous annos. Depois de crescer conserva aquella gente grande respeito a quem os circumcidou, e lhe chamam seu mestre.

Por todo o decurso do anno celebram muitas festas. Primeiramente em cada semana solemnisa-se a sexta-feira. Chamam a esta festa *Ucurü*, e em arabigo *diu matil*, e a ella concorre todo o povo, a saber, homens, e moços, porque as mulheres não vão lá, nem os rapazes em quanto não tem

chegado á idade de quinze annos, ou ao menos que sejam instructos em sua lei, e que tenham já passado todo o Alcorão, que elle chamam *Curoan*. Na quinta feira á tarde, vespera do dia festivo, uns fazem em casa a saudação, a que chamam *Saluat*, outros oram pelos mortos, e para isto preparam comidas e bebidas, e as enviam a seus sacerdotes ou Mudins das mesquitas, junto ás quaes estão enterrados os defunctos, para elles os encommendam a Deos. Outras vezes mandam vir os sacerdotes a casa (e chamam a esta oração *Pastia*) e os banqueteam, de forma que de ordinario os Mudins não podem comer tanto, e dilatam a celebração dessas orações a respeito de alguns, para que se não vejam forçados a comer quando já não podem. Em toda a tarde deste dia queimam quantidade de perfumes assim em seus templos, como em suas casas.

Esta festa da sexta-feira é celebrada com grande cerimonia, e em mui boa ordem, como eu a vi fazer na ilha de Malé. De manhã aquelle que tem cargo de fazer os pregões publicos da parte del-rei, dá volta a toda a ilha, levando na mão uma especie de sino de ferro, chamado *coty*, que se assemelha em tudo á cabeça de um alambique, e com um maço de páo vai batendo no sino; pára em todas as encrusilhadas, e avisa ao povo que é dia da sua festa *Ucurú*. E' acompanhado de tres pessoas com trombetas direitas, a que chamam em sua lingua *Tarapilly*, e tocam ao mesmo tempo que elle apregôa. O povo sendo avisado da festa suspende o trabalho, que não pode continuar durante aquelle dia, e vai banhar-se e lavar-se, dizendo as suas orações, que são, como já disse, diversas segundo a occasião; ou festa porque se banham. Cada um se veste com o melhor vestido, e se atavia o melhor que pode, conforme seus teres e qualidade; e todos desde a idade de quinze annos são obrigados de ir á festa. Ao mesmo tempo nos paços del-rei na frente delles os tangedores de instrumentos, que são diversas sortes de tambores,

flautas, charamellas, pifanos, e outros instrumentos semelhantes (porque os não tem de cordas), tanger e soam continuamente desde pela manhã até meio dia; e juntamente com elles os trombeteiros; e todos tem certa solfa, e são mui bem afinados.

Tambem alli estam os quatro Mudins del-rei, que são pessoas graves, de boas familias, e doutos, porque este cargo é honroso e estimado; e não se pode ser Catiba na ilha del-rei, sem haver sido primeiramente destes quatro. Não são como os Mudins das mesquitas, que servem a toda a gente em qualquer occasião; mas estes não servem senão neste dia de festa, e em outras solemnidades. Estes quatro Mudins sobem todos juntos a uma torre de pedra muito alta, e contigua á mesquita. Poem as mãos sobre os ouvidos, e bradam tres vezes com todas as suas forças de uma voz pavorosa todos ao mesmo tempo estas palavras em lingua arabiga, *Alá, Alá, aquebar*, que querem dizer *Deos grande*, e depois accrescentam alguma cousa a respeito de Mafomia. Daqui vão aos paços del-rei repetir o mesmo; e então el-rei, se tem vontade de ir á festa, a que não costuma faltar, envia uma alcatifa de seda para estender no lugar onde elle hade ficar; e se a não envia, é signal certo que não irá á festa. Depois disto vão os Mudins ás pousadas do Catiba fazer o mesmo. Este recebendo o aviso veste uma vestimenta longa de panno branco, e põe por cima uma especie de sayo ou roupão de seda feito ao modo de Arabia, e calça chinellas de coiro dourado. Os Mudins o esperam, e elle espera el-rei. Se este vai, todos os senhores, fidalgos, capitães, e soldados o vão receber a seus paços, e o acompanham todos em ordem e em armas ao som das trombetas e tambores, em grande magnificencia. Se porem el-rei não vai, o Catiba sáe á hora costumada, a saber, ao meio dia. Leva a cabeça coberta com um véo branco por cima de um grande turbante branco á turca, que o cobre todo, de sorte que elle não vê, e é mister que um dos Mudins o leve pela mão, e o conduza á

mesquita, onde elle chega apoz de todos, quando toda a gente está junta, e mesmo depois que el-rei lá está, e tem feito oração; por quanto logo que entra, é do rito começar promptamente.

O Catiba (que é como Cura) põe-se no fundo do templo, e sobe a um pulpito de madeira, fabricado para este acto, em altura de seis ou sete degrãos. Alli tendo uma espada na mão com a ponta virada para baixo, que elle meneia ás vezes para um e outro lado, recita as orações do costume. Durante este tempo todo o povo está tambem em oração, e faz sem cessar o seu *Namandé*, pondo-se cada um em diversas posturas, assentados, de pé, de joelhos, a fronte sobre a terra, as mãos levantadas, ou baixas, ou crusadas, revirando a cabeça e olhos para aqui e para alli; de sorte que seria difficultoso representar todos os seus gestos, e as mimeses que fazem em todo este tempo. Então depõem todas as suas armas, e ainda os punhaes, e não ousariam ter sobre si cousa alguma do mundo salvo os vestidos, que todavia devem ser bem aceiados. O Catiba muda de oração todas as sextas-feiras até ao fim do anno, e então começa de novo. Repete tudo de cór, posto que um dos Mudins tem o livro na mão; e se acontecesse que o Catiba falhasse, não já n'uma palavra, mas n'uma syllaba, ou letra somente, o Mudin o reprehenderia em alta voz, e devéras; pois dizem que se falhasse n'um ponto, a festa seria nulla, e sem valor algum. Ás vezes os vi cheios de grande escrupulo, e em disputa uns com os outros por esta occasião. Na ilha de Malé ha dous Catibas para se ajudarem um ao outro, e para celebrar a festa cada um por seu turno ás semanas: as outras ilhas não tem mais que um. Este serviço dura perto de duas horas. Ás vezes o grande Pandiare, que é o superior na religião em todas as ilhas, faz um sermão ou pratica, e segundo a occasião accrescenta alguma oração pela saude de alguma pessoa, ou pela ruina, e destruição dos inimigos, conforme o caso o pede, e se offerece materia. Tendo concluido, todo o povo se saúda

apertando as mãos uns aos outros, e dizendo *Salam á les-con*, que é a saudação ordinaria de todos os mahometanos.

Quando el-rei recolhe do templo é mais acompanhado do que quando vem, porque o Pandiare, os Naibas, Catibas, Mudins, e pessoas nobres, afóra os que o haviam acompanhado para o templo, o vão todos acompanhar a palacio com a mesma solemnidade, com que veio; e então elle agradece a todos, e lhes manda servir um banquete, de forma que passam o resto do dia a regalar-se, e a banquetear-se á custa del-rei. Não se falta a isto cada vez que vai á mesquita; mas a ordem da comida é que os da mesma graduação e qualidade comem juntos, e não outros, como logo direi.

Nos dias de lua nova todos os mezes do anno faz-se uma festa semelhante, e mostram contentamento quando tem visto a lua. Limpam as casas, páteos, e todas as ruas, e a entrada das mesquitas, e á porta de todas as casas, assim de fóra como de dentro, poem de cada lado cascas de côco cortadas ao meio; que parecem escudellas de páo, e as enchem de areia branca, e por cima de brazas, não cessando quasi toda a noute de fazer queimar ahí gomas aromaticas, páos odoriferos, e perfumes; e bem assim no interior das casas, aos cantos dos leitos, e em outros logares. Borram por gála todas as portas e moveis em todas as festas com sandalo, e outros páos aromaticos, e perfumes moidos e diluidos; mas sobre tudo solemnizam quatro luas novas no anno mais que as outras.

No mez de dezembro, ou proximamente, quando cõe a lua nova, guardam um jejum chamado em arabigo *Ramedan*, e em sua lingua *Rodet*. Disse no mez de dezembro, ou proximamente, porque o não posso designar com certeza, por quanto os seus mezes e annos são lunares, e não distribuidos como os nossos. Este jejum começa na lua nova, e acaba na lua nova do mez seguinte. Não começa justamente no ponto da lua nova, mas sim quando elles a descobrem; de sorte que ha Atollons e ilhas onde come-

cam a contar o mez um dia mais cedo, ou mais tarde, conforme tem podido descobrir o quarto. Assim contam todos os mezes, começando sempre depois que viram a lua nova, o que é assaz incerto, quando o tempo é brusco e nublado, e ás vezes diverso segundo os logares. E para ver a lua nova toda a gente sobe ao lugar mais alto e eminente da sua ilha; e são mui ambiciosos de serem os primeiros que a vejam, e a apontem aos outros; e ao mesmo tempo o rei faz disparar quantidade de bombardadas e arcabuzadas, e tanger as trombetas, tambores, e outros instrumentos. Repetem o mesmo em todas as luas novas, mas nas quatro; que disse, fazem mais; e nesta ainda mais que nas outras; e logo se poem em oração, apertam as mãos uns aos outros, e saudam-se com a sua costumada saudação; por muito tempo tapam os olhos com as mãos, e igualmente as faces; e continuam a sua devoção por todo o seguinte dia.

Isto se faz em todos os principios dos mezes; mas no mez do Ramedan a cerimonia é muito maior. Nessa noute homens e mulheres cada um separadamente se visitam, se festejam, e regalam em banquetes, danças, e folias, de forma que é perto da manhã quando se recolhem. Antes de amanhecer banham-se todos, e fazem ceremonias particulares a esta noute somente, dizendo que com isso ficam limpos de todos os peccados até então commettidos, e estão aparelhados para celebrar o jejum que se segue. Limpam e lavam muito bem os dentes, deixam o seu bente, com quanto estejam a elle tão affeitos, que difficulosamente o dispensam; depois vão-se deitar. Nessa hora começam o jejum por todo aquelle dia até á noute, com tanta superstição que não somente não provam cousa alguma do mundo, mas nem ainda ousariam lavar a bocca, ou metter-lhe os dedos dentro, nem mesmo engulir a saliva. Dahi vem que tem necessidade frequente de cuspir, o que os incommoda muito, mórmente quando estão no templo, onde não é licito cuspir, pelo que se vêm obrigados a sair á porta a cada momento. Os homens podem te-

mar banho, com tanto que não mergulhem a cabeça n'agua, pelo receio que tem de lhe entrar alguma gotta na bocca ou nos ouvidos. As mulheres porem não podem, porque dizem que lhe entraria agua por baixo. Tal é sua superstição! Meia hora antes de sol posto todos os homens, e rapazes, que tem chegado á idade de quinze annos, vão aos templos, para alli se acharem justamente no momento em que o sol se esconde; e ao mesmo tempo se lavam, limpam os dentes e a bocca por espaço de meia hora mui cuidadosamente; e para esse effeito os Mudins das mesquitas ministram durante toda a quaresma grandes massos de palitos, raspadores, e pequenos instrumentos feitos de pão de côco destinados para limpar a bocca e dentes. Isto feito os Mudins começam a brádar tres vezes, depois entram no templo, e um delles se põe o mais adiante que pode, e ninguem se põe a par delle, mas todos ficam atraz.

E' dest'arte que elles fazem suas orações no templo, e as mulheres as fazem em casa, e depois todos se banqueteam com seus amigos, e se regalam uns aos outros correndo a roda por cada um. Não ha quem falte a este uso, e não queira festejar os seus amigos. Por essa rasão fazem com muita antecipação os provimentos necessarios para este effeito, e deposito de toda a sorte de viandas e regalos. Causa admiração ver como elles são curiosos e exactos em tudo isto, e como são cuidadosos de limpar e arceiar todos os utensilios da casa e da cosinha, e todos os moveis, e até as proprias casas, de sorte que nunca vi cousa mais limpa e acciada. Ainda o mais pobre não fica atraz; e fazem por poupar o que podem para se banquetear durante o Ramedan com seus parentes, amigos, visinhos, e gente do seu officio, despendendo mais n'um mez que nos seis precedentes. El-rei convida em diversos dias grande numero de pessoas, um dia os senhores de alta qualidade, outro os soldados, outro o Pandiare, o Catiba, os Mudins, e outras pessoas religiosas, e assim diversamente a todo o povo da

ilha; não chamando nunca de cada vez mais que uma classe de pessoas; tratando a todos com muita magnificencia e sumptuosidade ao modo do paiz com mui boa ordem e disposição. Semelhantemente fazem os senhores a respeito de seus amigos e iguaes, porque é cousa que elles observam religiosamente não comer com pessoas de ordem e qualidade differente. Os capitães convidam os soldados, e assim cada um em particular, desde os inferiores até aos mais graduados. Chama-se este banquete *Rodet pillauay*, como quem diz, quebramento do jejum. Só os homens e rapazes se festejam assim; as mulheres não vão a estas festas. Verdade é que á noute enviam presentes e manjares umas ás outras; e alem disso tomam banho toda a tarde, no qual tempo não é permittido aos homens banharem-se. Dizem elles que durante todo o tempo do Ramedan, os homens se abstem de tocar em suas mulheres durante o jejum do dia, mas não de noute; e todavia quando tal acontece, são teúdos de ir banhar-se ambos juntos, e dizer certas orações na propria noute antes que amanheça.

Todos os dias deste mez até á lua nova seguinte jejuam da maneira que acabo de dizer, durante o qual tempo elles se abstem e evitam o mais que podem de peccar, mais que em qualquer outro tempo; e tem grande desejo de fazer boas obras. Se acontece quebrarem o jejum um dia ou muitos, por qualquer leve modo que seja, accrescentam no fim tantos dias quantos tem faltado; o que repetidas vezes acontece, porque elles são nisto mui supersticiosos, como já disse, de forma que tem para si que o jejum de nada vale se por qualquer parte lançam sangue. Alem disso nenhum delles quer fazer cousa alguma ou trabalhar durante o mez do jejum, por mais pobre que seja, nem saem fóra da sua ilha, nem mandam sair. E todavia não lhes é defeso trabalharem; mas não querem. O Pandiare faz todos os dias no palacio del-rei, ou no templo, ou em sua casa uma prégação ás tres horas da tarde, que dura duas horas, á qual todos os moradores da ilha de Malé tem cuidado

de assistir. Esta prégação é em lingua da terra, e algumas vezes em arabigo, que elle interpreta depois na sua lingua. Empregam o resto do tempo no exercicio das armas, e em diversos jogos e passatempos; como o da balla e péla, que jogam de tres modos, e a empurram com os pés, e reúnem-se por bandos e companhias para isso. Seme-lhantemente as mulheres e raparigas se visitam em suas casas, e jogam pequenos jogos accommodados a seu sexo, e a seu modo de vida, e tem tambem delles muitas maneiras e invenções.

Neste mez vereis os mancebos e donzellas acarinhar-se e requestar-se mais que em qualquer outro tempo do anno. Mandam uns aos outros canções, sonetos, e versinhos escriptos em folhas de coqueiro, que são brancas como papel, e as gravam com ponteiros (a). Os mancebos buscam as mais bellas e odoríferas flores, que dispoem em grinalda mui gentilmente, e as enviam ás donzellas, que em troco lhe mandam betle bem adubado e preparado. E' este o modo como se requestam. Não é licito casarem de dia durante este mez, mas podem fazel-o de noute. Em summa neste mez procuram todas as invenções para passar o tempo em folgança. O jejum do Ramedan dura um mez, desde uma lua nova até a outra. As mulheres e donzellas são teúdas de jejuar outro dias mais que os homens depois de findo o mez, e dizem que é por razão do seu fluxo.

Tres dias antes de terminar o Ramedan o sino ou *colly* com as trambetas vão na forma do costume ao redor da cidade como quando se annuncia uma festa, ou um mandado del-rei, e avisam o povo da parte do Pandiare, a que os Arabios chamam *Cady*, que toda a gente das ilhas de

(a) A matéria, em que os indigenas da India escrevem, são folhas, não do coqueiro ordinario, como parece inculcar o auctor, mas de outra especie de palmeira. Estas folhas, e as de todas as palmeiras chamam-lhe *Olas*; e por este nome indicam igualmente qualquer escriptura.

Maldiva venham trazer, ou mandem seus nomes por escripto, assim grandes como pequenos, homens e rapazes, mulheres e raparigas, para serem registados, a saber, os da ilha de Malé perante o Pandiare, e os das outras ilhas perante o Naiba do seu Atohon. E nesta occasião é mister offerter por cada pessoa meio larim, que pode valer quatro soldos da nossa moeda, ou mercadoria equivalente. O que elles cumprem de mui boa vontade e pontualmente, porquanto crêm que sem isso o seu jejum seria de nenhum effeito. Chamam a esta pensão *Piturú*, dizendo que é o tributo, que pagam a Deos e a Mafoma, de sorte que aquelles que não tem com que pagar esta especie de offerta, pedem aos mais ricos, que de boamente lho dão. Os que não querem ficar na obrigação a outrem, nem passar pela vergonha de pagar outrem por elles (porque na verdade é um acto vergonhoso, e indício de pobreza; por isso o rei paga por todos os que lho requerem, e o mesmo fazem todos os grandes e ricos) e que não tem presentemente possibilidade de pagar o meio larim, ou seu valor, não deixam por isso de se fazer pôr no rol, mas declaram que não podem fazer pagamento senão depois da festa, e fazem disso seu assento. Os pais e mãis pagam não somente por si, mas também por todos os seus filhos, ainda mesmo os recém-nascidos, até serem casados, ainda que vivam separados da sua companhia; e também por seus creados e escravos. A somma, que provém desta imposição, é pouco depois repartida e dividida em tres partes, que para o estado da terra montam a muito. Para receber este *Piturú*, e arrecadal-o guarda-se uma mui boa ordem; porque ha quatro recebedores escolhidos só para este effeito, e dentre os homens mais honrados, com os officiaes do Pandiare. Um daquelles homens é escolhido da parte del-rei, outro dos ministros da Igreja, o terceiro da parte dos que novamente tem professado a sua religião, e o quarto dos pobres; e são pelo menos oito pessoas que escrevem tudo o que é offertado, e não rejeitam nada,

com tanto que equivalha áquelle preço e valor. Todo este dinheiro e generos são postos cada um á parte, para que, terminada a festa, e estando tudo recebido, se faça delles boa e leal partilha. A primeira parte pertence e é attribuida aos sacerdotes, como ao Pandiare, Naibas, Catibas, Mudins, e Devanitas, que são os meirinhos, e outros semelhantes. A segunda é dada aos que de novo tem feito profissão de sua religião. E a terceira é para os pobres. E se alguma cousa fica por pagar, isso accresce á parte dos sacerdotes, por quanto elles são responsaveis por estes dinheiros, como de cousa tocante á religião; mas não perdem cousa alguma.

Terminado o tempo do jejum celebra-se uma grande festa, e das mais solemnes que abi ha, a que chamam *Ydú*. Não é em dia certo, assim como o não é o principio do Ramedan, porque é no dia da lua nova subsequente, isto é, quando se descobre, o que torna o dia incerto, e o faz variar todos os annos. Fazem uma semelhante festa e solemnidade á vista desta lua como na precedente, e então o sino e as trombetas dão volta á ilha para annuncio da festa, e no dia seguinte muito cedo repetem o mesmo. Todos se levantam de madrugada, lavam, e banham todo o corpo, e tem cerimoniaes e orações particulares para isso. Mas deve-se notar que o jejum não acaba sem acabar o serviço religioso e orações, e sairem do templo; depois perfumam-se, e lançam em si aromas, adornam-se com os melhores vestidos que tem, os quaes são feitos expressamente, e só servem neste dia, e na festa subsequente, e os conservam dalli por diante com grande cuidado e diligencia, para depois de mortos lhe serem postos sobre o feretro quando vão a sepultar. Concorrem ao templo de manhã cedo, isto é, ás sete ou oito horas, e não ao meio dia, como na sexta-feira. O officio religioso dura quasi hora e meia menos que o ordinario, e quando el-rei sáe do templo recolhe a palacio mais acompanhado, e de pessoas mais louças, e magnificamente ataviadas que em outro qualquer dia, e a es-

se tempo se disparam as bombardas, que para isso estão prestes. Não se ouve por toda a parte soar outra coisa senão tambores, flautas, e tiros de arcabuz. Quando el-rei tem entrado no segundo pátio de seus paços, trazem-lhe um touro e um carneiro, que elle manda matar ante si, e de toda a comitiva, como uma especie de sacrificio; depois os manda esquarteljar, repartindo os pedaços pelas maiores e mais principaes pessoas da ilha, e por todos os que lhe apraz, assistindo a esta repartição. Elles o recebem por honra, como nós cá fazemos ao pão bento. Aquelles a quem coube parte maior, dividem-na com seus visinhos, se assim lhe agrada, pois é um signal de amizade; e quem pode haver um pedaço e comê-lo, dá-se por mui venturoso.

Tudo isto feito, recolhe-se el-rei a seu aposento, donde não torna a sair senão depois de jantar, a vêr os jogos e brincos; e logo depois dá um banquete o mais excellente que se pode fazer na terra, a toda a sorte de pessoas da ilha, a cada um segundo a sua classe e qualidade, em diversas camaras e salas apartadamente, as quaes são forradas de bellas tapeçarias. A festa dura ainda os dous dias seguintes; e nelles os grandes, e os capitães banqueteam seus amigos, soldados, e servidores. Depois de jantar não ha mais que jogos, danças, e brincos defronte dos paços del-rei sómente, e no terceiro dia da festa defronte das casas dos grandes, e pessoas de alta qualidade, a quem se faz esta honra. Os jogos principaes são de armas, com rodella e espada nua, com a qual se batem destramente, e esgrimem uns contra os outros sem se offender, aparando todos os golpes na rodella; também jogam com lanças, de cujo ferro pendem campainhas, e aparam da mesma sorte os golpes nas rodellas. Fazem todos esta semelhança de guerra com garbo, dançando e saltando ao compasso dos tambores, trombetas, flautas, e instrumentos musicos, que tigem sem descanzo. El-rei vem ver isto, mas não se demora. As rainhas e damas também o vêm ver, mas tão escondidas com gelosias e véos, que ninguem pode vê-las. Não se usa lá

outra dança, nem em outro tempo, ou sejam os homens, ou as mulheres, salvo alguma gente vil, que á noute toma por divertimento fazer rir os outros com chocarrices. Usam tambem disfarçar-se, e vestir-se á moda estrangeira; outros constroem navios e galés grandes e amplas, que fazem caminhar com rodas e molas, e vão dentro com suas armas, chegando-se umas ás outras, a combater, o que é aprazível. El-rei dá a toda a sua corte, grandes e pequenos, betle e areca, o que se tem por grande honra, e todos os cabos e capitães, devem fazer o mesmo a seus homens, soldados, e inferiores.

Na derradeira lua, que se segue depois desta festa, fazem outra, a que chamam *Mos Ydu*, isto é, grande festa, e dura tres dias, observando-se nelles as mesmas solemnidades. E' então o dia solenne, em que se acham na Meca os peregrinos mahometanos, que vão ao sepulchro de Ma-foma; e fazem-se mais cerimoniaes, que em todo o resto do anno. De todas as partes do mundo se encontra alli (na Meca) gente neste dia; e ás vezes estão dez ou onze mezes á espera da festa, se por ventura chegaram a tempo que já era passada.

Entre abril e maio na lua cheia, um dia antes e outro depois, fazem uma certa festa, chamada *Poycatan*, isto é, lua cheia. E' mais um brinco que uma festa. Á tarde reúnem-se os vizinhos, assim grandes como pequenos, (e parecia-me então uma semelhança do nosso São João), e cada um traz sua porção de arroz. Accendem uma grande fogueira na primeira encruzilhada, e ali fazem cozer o seu arroz, tangendo os instrumentos musicos em quanto estão ao redor do fogo. Ás vezes ha ali bobos disfarçados em passaros, bestas feras, ou cousas semelhantes, que vem dançar, e fazem gestos e posturas lascivas e deshonestas, ainda que seja perante mulheres e raparigas, que alli se acham em companhia dos homens. Isto se pratica geralmente por todas as ilhas, e ainda nos paços de el-rei, que dá arroz aos soldados para esta festa. Dizem que foi nesta

ma que o arroz veio pela primeira vez a estas ilhas, e que por essa razão fazem desde a antiguidade esta festa, que dura tres dias.

No mes de junho, pouco mais ou menos, porque, como já disse, os mezes delles não concordam com os nossos, faz-se uma festa dos mortos com muitas sortes de superstição. Nesse dia vai el-rei com todas as suas mulheres (que não tem permissão de sair de casa senão nesse dia) visitar os sepulchros de seus predecessores, e outros de pessoas, que são havidas por santas na sua religião, e ali fazem offertas, e queimam perfumes, e appresentam os *Dido*, como nós fazemos ás bandeiras. A mais gente vai tambem ao sepulchro de seus parentes e amigos; e appresentam-lhe tantos pratos de manjares, quantas são as pessoas parentas e amigas, que são mortas. Estes manjares são recolhidos pelos *Mudins* dos templos visinhos, que fazem tantas orações em particular, quantos são os ditos pratos. Todas as sepulturas dos que tem parentes e amigos vivos são visitadas, e novamente cobertas de areia branca nesse dia, queimando-se-lhe perfumes, e dizendo cada um as suas orações. No dia seguinte ha esmolla geral no palacio del-rei, distribuida por sua propria mão a todos os pobres, que sabendo isso correm lá de todas as ilhas as mais remotas. Elle manda fazer antecipadamente uma averiguação para saber as pessoas, que são verdadeiramente pobres; e ás que alli se appresentam sem serem indigentes, dá-se-lhe somente um pequeno anel de prata, que vale meio larim, e de que el-rei manda fabricar grande porção anteriormente para dar ás pessoas de baixa condição, que trazem todos os seus filhos, para receberem del-rei cada um seu anel. Neste mesmo dia toda a gente abastada dá tambem suas esmollas segundo suas possibilidades; sendo obrigados a dar aos pobres a quinta parte de seus bens, possuindo de cem larins para cima; e os que não possuem os cem larins não tem obrigação de dar esmollas.

No mez de agosto ou setembro, durante dous dias, o rei manda cozer uma grande quantidade de arroz com muito caldo, onde se lança por metade mel e leite de côco, que é levado por toda a ilha em celhas, que levam quasi um almude cada uma. Os que as conduzem tem escudellas, e colheres para repartir aquelle caldo a todos quantos encontram; e não ha ninguem que o não acceite, seja pobre, ou grande senhor. Todo o povo faz o mesmo em particular, e é mister que ainda os mais pobres o cozinhem, e o enviem uns aos outros. Diziam-me elles que esta festa se celebrava em memoria de um milagre, que fez Mafoma em outro tal dia, estando na guerra; e lhe chamam *Candis cacau*.

Ha mais outra festa mui solemne no mez de outubro pouco mais ou menos, que se faz de noute, e se chama *Mauludé*. Dizem que é nessa noute que seu propheta Mafoma morreo. E a cerimonia é esta. A primeira cousa, que fazem um mez antes desta festa, é que se congregam, e fazem eleição de officiaes para darem ordem e prover a tudo. São ao menos cincoenta, todos pessoas graduadas, e são como cá entre nós os mordomos da festa, e tem cuidado de andar de casa em casa para colligir a quota, que a cada um cabe conforme a suas posses; e vão requerer e convidar as pessoas que lhe parece; finalmente dão ordem a tudo, se bem que toda a gente do bairro não deixa de os ajudar para esta festa, que se faz diligentemente por todas as ilhas. Mas na ilha de Malé a vi fazer em seis logares, e o rei faz a despesa, que compete a um desses logares, que é o seu palacio. Nas quatro extremidades da ilha é feita pelo povo, que se congrega separadamente em cada bairro; e no meio da ilha ha uma feita por todo o povo em geral diante da porta do templo principal, e a mesma ordem se guarda em todo o resto da ilha. Em cada um destes seis logares se levanta e construe expressamente uma casa de madeira de sessenta passos de comprimento sobre quarenta de largo, pouco mais ou menos, que se cobre de folhas de coqueiro, e é mister

que a madeira, de que ella é fabricada, não tenha servido a outra cousa, e não sirva depois, nem ainda a outra semelhante festa do anno seguinte. O pavimento é coberto de areia branca e miuda, até meio pé de altura. Esta casa é por dentro forrada de tapeçaria de algodão ou de seda de todas as cores, a mais bella e rica que se pode achar. Por cima para servir de tecto estendem peças de panno de algodão mui alvo, e fino, e para o segurar estendem cordões de algodão tintos de preto, que se cruzam em quadrado ou obliquamente com tanta propriedade, que o branco, que fica por cima, parece cortado em pequenos quadrados e lisonjas, em symetria uns com os outros; o que é mui bonito. Sobre a areia, que cobre o pavimento, estendem-se bellas esteiras novas, onde todos se assentam, e não ha outros assentos.

Por toda a casa estam pendentes lampadas de cobre até numero de trinta, todas grandes, e com doze luses cada uma, de forma que ha tanta claridade como em pleno dia. Com invenções e aberturas introduzem grande copia de perfumes, que ardem fóra da sala, por quanto o calor já de si é insuportavel naquelle logar. Só o fumo e o cheiro entra na sala. Tem tambem outros conductos por onde lhe vem agua, a qual lhe é mui necessaria, porq ue lavam muitas vezes a bocca para refrescar, depois de mascarem o betle, o que elles continuam toda a noute.

No meio desta sala ha uma mesa da altura do joelho, onde se dispoem em cestinhos e em pequenos cabases, e em vasos lacreados e envernizados, diversas sortes de iguarias, feitas de farinha de arroz com assucar de côco, como pequenos massapães, da grossura do dedo pollegar, mui bem ordenados e armados, com toda a sorte de fructas da terra, e tudo coberto de bellas flores mui cheirosas; e ao redor ha vasos cheios de licores compostos de varios mixtos, principalmente de ambar e almiscar; e tudo por cima é coberto com um grande panno de algodão de diversas cores. O povo se enfeita e compõe o mais louçamente que

podê; e a esta festa só vão os rapazes, e não as mulheres. As pessoas qualificadas, que não são do bairro, nunca assistem á festa, porque seria deshonra; só a gente mesquinha o faz. Reunem-se ás oito horas da tarde, e assentam-se bem ordenadamente segundo os lugares, que lhes são apontados pelos officiaes da festa, que o bem entendem. Toda a noite o Pandiara, os Catibas, os Naibas, e os Mudins, e toda a sorte de ministros da igreja, que sabem cantar, não cessam de o fazer, com todas as suas forças, alternadamente e em forma de coro, e este canto não é sem regra; e quem o não sabe devo aprendê-lo de mestres competentes; e por isso formam boa consonância, e o canto não é desagradavel. Chamam-lhe *Zicuri*, e dizem que são os psalmos de David. Perto da meia noite toda a gente sem discrepância, assim grandes, como pequenos, se deitam ao comprido com a fronte em terra, ficando assim algum espaço de tempo. Depois repentinamente o Pandiara, ou os Catibas se levantam em pé, e após elles todos os mais, e começam a saltar uns por cima dos outros, como se verdadeiramente estivessem loucos e furiosos, gritando quanto podem *Aly alla Mahomedin* repetidas vezes; e isto dura algum tempo. Perguntava-lhe eu por que razão faziam elles isto. O que? me diziam elles; estes saltos e danças furiosas, replicava eu. E então elles me diziam que se não lembravam de haver dançado, ou feito coisa alguma, com quanto tivessem ideia de que por certo espaço de tempo haviam estado arrebatados em extase, e sido participantes do ceo, e do jubilo do paraíso. As vezes o Pandiara fica como morto por mais de uma hora; e elles dizem que foi arrebatado ao ceo, e que é signal de ser homem virtuoso. O rei não assiste a esta festa todo o tempo da sua duração, mas vem vêr o que nella se faz por espaço de uma ou duas horas, e depois recolhe-se. Muitas vezes o acompanhei a esta cerimonia.

Elegem-se cincoenta pessoas para servir as outras, o que é grande honra, e não ha ninguém que não fura com

muito gosto este serviço, porque se não chama para elle senão os mais nobres e das melhores familias, que com isso se dão por mui honrados. Estes servidores offerecem de tempo em tempo no decurso da noute, a toda a sorte de pessoas, que estão assentadas em seus logares, um prato de betle e de areca, cortado e preparado de modo differente daquelle que ordinariamente se masca, quero dizer, o povo ordinario, porque aquelle, de que el-rei e os grandes senhores usam, é sempre preparado da mesma sorte. Offerecem até doze destes pratos a cada pessoa, assim ao mais pequeno, como ao mais graduado. Semelhantemente trazem a todos os que querem beber certas bebidas a seu modo em grandes taças de cobre mui bello e bem obrado, cobertas com sua tampa; e a toda a hora nas mesmas taças lhe trazem agua, e juntamente bacias para lavarem a bocca e as mãos; e por cousa nenhuma deste mundo deixariam cair uma só gotta de agua no chão, e menos ainda cousa de outra sorte suja. Os convivas são dispostos em fileiras, e ha logares vazios, e coxias para passar de umas ás outras. No fim da noute cessa o canto, e o Pandiare e os Catibas dizem as orações; depois vão ao meio da casa, onde está posta a mesa, que disse, descobrem-na, e misturam tudo, e distribuem a cada um seu prato, que elles tem em grande estimação, e o levam para casa em signal de que assistiram á festa. Semelhantemente tomam os licores aromaticos, que estão nos vasos naquelle mesmo logar, e os derramam, e com a mão molhada tocam no corpo de todos os presentes, que aceitam isto como uma benção de grande virtude. Depois de tudo isto é mister comer, porque todas as suas solemnidades não se celebram de outra maneira. Para este effeito os servidores trazem bacias e agua para lavar as mãos e a bocca, porquanto durante toda a noute os convivas não fizeram outra cousa senão mascar betle; depois collocam-se aos nove e aos dez juntos em roda, mas cada um busca o seu igual, e não outro, tudo segundo a ordem, que lhes é dada; e depois

trazem-lhe a comida em grandes pratos mui pesados, cada um condusido por tres pessoas, os quaes contem muitos outros mais pequenos, e nestes ha diversas iguarias, que se poem no meio de cada roda, e ahi são mui bem servidos; e tendo acabado de comer, todos se recolhem a suas casas.

CAPITULO XII.

Continuação de suas cerimoniaes nos noivados, e casamentos, nos funeraes, e enterros.

Em seus casamentos, que elles chamam *Caueny*, usam tambem de muitas formalidades e cerimoniaes. Dirigem-se somente ao Pandiare e aos Naibas para este effeito, os quaes enviam os seus *Devanitas*, ou merinhos para inquirirem, e se informarem do que abaixo direi. Se tudo está corrente, a donzella ou a mulher envia seu pai, e na falta delle o mais proximo parente do lado paterno, a quem ella dá poder de a representar. Este com o futuro marido appresentando-se ante o Pandiare ou Naiba, e sendo este certificado de tudo o que deseja, tomando a mão do noivo, que está presente, lhe pergunta se de sua livre vontade quer reeeber a tal mulher sob as condições, que de antes tem sido propostas; e ao pai, ou parente da noiva, e que a representa, pergunta o mesmo; e se elles respondem que sim, faz as suas cerimoniaes costumadas, e toma attestação das testemunhas que são presentes, como são os parentes, meirinhos, e outros, da promessa deste casamento, e de tudo o que é passado. Depois vão procurar a noiva, que está á espera em sua casa, e lhe affirmam e certificam como tudo se passou. Isto feito ha banqueté á custa do

marido segundo as suas posses tangendo por todo o dia os instrumentos. Muitas pessoas os vem visitar, e dar os parabens, e a estas se dá betle, que é o obsequio, que se usa naquella terra, como cá outros refrescos. Tambem se enviam ao Pandiare ou Naiba dous larins, um prato de comida, e uma boceta de betle. E da mesma sorte os que se casam tem costume de dar presentes a el-rei e ás rainhas, aos grandes senhores, e donas, a saber, o noivo a el-rei e senhores, e a noiva á rainha e outras donas; e alem disso a seus proximos parentes e amigos. Pelo contrario quando el-rei se casa recebe presentes de toda a gente do seu reino, assim dos grandes senhores, como do povo baixo, homens e mulheres, que todos vão em boa ordem, cada um com os de sua qualidade, da sua classe, ou do seu bairro, ou de seu sexo, offerecer-lhe pannos, vestidos, turbantes, iguarias, fructas, flores, e outras cousas á proporção das posses de quem dá. Os da ilha de Malé vão em pessoa, e os dos outros Atollons enviam ordinariamente seus deputados, e bem assim os das ilhas principaes, e os grandes senhores em particular, em quanto opportunamente não vem elles mesmos dar-lhe os parabens. Todavia o rei não sáe nestes dias de seus aposentos, e não se móstra em publico, mas a toda a hora os seus familiares lhe vão dizer quem chega á sala, que qualidade de pessoas são, como vem ataviados, e os presentes que trazem, os quaes a final lhe são appresentados; o que monta em muito, e tudo pertence á rainha recém-casada.

Os homens podem ter ao mesmo tempo tres mulheres, e não mais, em caso que as possam sustentar. Se ellas moram todas tres na mesma ilha, o marido é obrigado por sua lei de dormir tantas noites com uma como com outra, mas não guardam este preceito. Esta lei é mal ordenada nestes paizes, porque tres homens não bastam a uma mulher; tão impudicas são.

As mulheres não tem dote em casamento, nem levam cousa alguma. E' ao marido que compete ministrar-lhe tudo

quanto lhe é necessario, e fazer o dispendio das bodas conforme á sua qualidade; e assim lhe constituem dote, ou arrhas, que ellas chamam *Rans*, não conforme os bens e qualidade do marido, mas conforme á qualidade da mulher, e segundo suas mãis e avós tem tido, porque ella não deve ter menos. Por essa razão muitas vezes o Pandiare ou Naiba as despede sem as casar, quando vê que os bens do marido não poderiam ser sufficientes para taes arrhas; e isto ainda que uns e outros requeressem que os casassem sem attenção ás arrhas. A maior parte das mulheres recebem este *Rans* para honra, e demonstração da antiguidade de sua casa, porque as mãis dellas largam parte ou todo, se lhe apraz, pouco dias depois de serem casadas. Se o marido morre, é permittido á mulher tomar as suas arrhas dos bens d'elle; mas os herdeiros se concertam com ella: e se ella as tem largado durante a vida do marido, nada pode exigir depois da sua morte.

Os impedimentos do matrimonio, de que o Pandiare ou Naiba se informam antes de casarem os noivos, são estes; a saber, serem irmãos, ou primos coirmãos, ou ter mamado leite da mesma ama, de se terem alguma vez chamado em testemunho de amizade, filho ou filha, pai ou mãe, irmão ou irmã; porque em todos estes casos não podem contrahir matrimonio entre si.

Os rapases casam quando querem, mas as raparigas o não podem fazer antes de chegarem á idade de quinze annos, e isto quando são orfãs de pai, embora tenham mãe, a qual não tem sobre ellas poder algum, nem qualquer parente do lado materno. A' falta de pai cumpre que as case seu irmão, ou quando ellas o não tem, o parente mais proximo da parte de seu pai. Mas os pais casam suas filhas o mais cedo que podem desde a idade de dez annos; e dizem que é grande peccado deixar suas filhas sentir falta de homem. Por isso as concedem desde que ellas tem tocado a idade de dez ou onze annos ao primeiro que lhas pede, sem pôr difficuldade alguma, seja velho, seja moço, homem

ou rapaz, com tanto que haja pouca desproporção na qualidade de um e outro; e não fazem cabedal de outra cousa.

O homem pode largar sua mulher quando quer, com tanto que ella convenha nisso (e chamam ao divórcio *Varricor*); aliás se ella não convém, o homem poderá sim largal-a, mas será tóido de lhe pagar o seu dote; o que não costuma acontecer, porque por mais que lhe custe, a mulher não exige o seu dote, pois lhe seria isso vergonhoso entre as outras mulheres, que de tal receberiam escandalo, e lhe chamariam fraca, pusillanime, e mulher sem merecimentos, que receia não poder achar outros maridos; e de feito, ninguém mais a procuraria. De sorte que esta opinião vulgar obsta a que se possa gosar daquillo que a lei ordena. A mulher pode tambem separar-se, se por ventura o marido dá o seu consentimento; e em outra forma não. O divórcio é mui frequente entre elles, e deve ser feito em presença de testemunhas, as quaes devem ser todas, ou parte dellas presentes quando os divorciados querem tornar novamente a casar com outros; e sem isso o Naiba não quereria casal-os novamente. Isto dá origem a muitos pleitos, porque mui ordinariamente em occasião de agastamento divorciam-se de commun accordo; e logo depois uma das partes já não quer o divórcio, e a outra persiste em querel-o; e assim vão perante o juiz, onde se devem produzir testemunhas em prova dos divórcios e dos casamentos.

Depois de feito o divórcio é licito ás partes casarem com quem quizerem; e até podem tornar a casar novamente os mesmos até tres vezes, e não mais, salvo se a mulher depois das tres vezes houver sido casada com outro, e que este a haja largado. Como elles são mui leves em suas vontades em negocio de casamento, acontece frequentemente que depois de tres casamentos e tres divórcios dos mesmos dous conjuges, ainda lhe vem desejo de tornar a unir-se, e todavia a lei lho não permite. Mas eis o meio de lograr o seu intento. Ha homens vis e abjectos, os quaes por dinheiro contrahem matrimonio com a tal mulher, e passam

com ella uma noite, sem todavia lhe tocar (o que ella aliás não consentiria, e é cousa concertada). No dia seguinte aquelle individuo jura que tem tido trato com ella, e passados dous ou tres dias larga-a em presença de testemunhas. Por este meio a letra da lei é cumprida, e tres mezes depois os antigos conjuges reúnem-se em novas nupcias. As damas da mais alta nobreza são constrangidas em tal caso a passar por esta prova. Chamam-se estes medianeiros *Medu piry*, como quem diz, marido de entre dous. São mui desprezados, mesmo do povo baixo, como homens infames, sem honra, e sem consciencia; e é uma grande injuria ser chamado *Medu piry*. E ainda se porventura acontece que um homem case com uma mulher, que outro tenha largado já pela terceira vez, e que depois aquelle deixando-a também, o antigo marido a receba novamente, dar-se-hia o tal por mui aggravado como se o houveram feito servir de *Medu piry*, e ficaria deshonrado, se não tomasse a devida des affronta. Mas não se podem servir mais de duas vezes deste *Medu piry*, e depois disso não é mais permittido novo consorcio entre os mesinos sujeitos. Cumpre notar que a despesa das bodas, e os presentes, que nessa occasião se dão, não tem logar quando são as mesmas pessoas que se tornam a casar. Assim por meio destes frequentes divorcios casam-se muitas vezes, e mudam de conjuges tão frequentemente, que é um prodigio. Ha tal que em sua vida terá tido oitenta mulheres e mais: entre outros o Pandiarié, que morreo pouco depois de eu chegar a estas ilhas, tinha tido até cem. Da mesma sorte as mulheres tem grande numero de maridos. Mas não se julgue que isto lhe seja imputado em desdouro, antes se gloriam tanto mais quantas mais vezes tem mudado de maridos; e se algum novamente as busca, ellas lhe relatam o numero, nomes, e qualidades dos outros como cousa muito recommendavel. Da mesma sorte não são por isso menos estimadas dos que as buscam, mas mais presadas; e ainda elles não tem em mais conta uma moça donzella, do que a que o já não

é; e isto ainda sendo o rei, e os maiores senhores. Todavia acham-se, não obstante esta tão ordinaria mudança, homens e mulheres, que permanecem longo tempo unidos, porque se amam e querem mais que os outros.

Ora depois da dissolução do casamento por divorcio, ou por morte, as mulheres não podem tornar a casar senão passado algum tempo. Mas quando o marido é morto, ha quatro mezes e dez dias ordenados á mulher para carpir seu marido. E para se tornar a casar não basta que a mulher diga simplesmente que seu marido é morto; é mister que ella prove o seu fallecimento por tres testemunhas, que deponham sobre o tempo, forma, e causa da sua morte. Todavia se o marido estiver ausente do reino, e que a mulher se não importe com elle, pode ella tornar a casar passado um anno. Em caso de divorcio ha tambem tempo prefixo, porque é necessario que a mulher verifique que depois da sua separação do marido, teve tres vezes o seu fluxo, e assim é necessario que ella espere esse tempo para tornar a casar. Isto fazem elles para atalhar a incerteza da procreação da prole, se por ventura a mulher estivesse grávida. Desta circumstancia se informa particularmente o Pandiare, ou Naiba; e faz revistar a mulher, que se quer casar, por outras tres mulheres do seu bairro de boa fama, e por cima de tudo a faz jurar em como ella tem tido por tres vezes o seu fluxo.

Quanto á sepultura, que elles chamam *Calbalolan*, é cousa, que elles tem em grande recommendação, e em que elles são o mais supersticiosos. Primeiramente o corpo do homem morto é lavado por seis homens, e o da mulher por seis mulheres, que gastam mais de uma pipa de agua nesta lavagem, e dizem certas orações apropriadas a este caso. Sendo lavado, cobrem-no e forram-no de algodão. e o amortalham em dous pannos de algodão branco, um sobre outro, pondo a mão direita do cadaver sobre a orelha, e a esquerda estendida ao longo da coxa, e o depositam n'um esquife fabricado da arvore Candú, deitado sobre o

lado direito, até ser levado á sepultura. As mulheres parentas e visinhas se reúnem, e vem carpir sobre o corpo, recontando a todos os louvores do defuncto ou defuncta. Aquelles seis homens e seis mulhores são officiaes publicos, e devem ser pessoas honestas e sem nota, assim os homens como as mulheres, porque se o contrario se provasse, perderiam seus officios, que compram ao rei em dinheiro de contado; e alem disso quando entram a servir o officio; dão uma somma a seus parceiros, que é repartida por todos. O ganho tambem é commum, e se reparte igualmente entre os seis homens e as seis mulheres, quer o serviço haja sido feito por um só homem ou mulher, ou que hajam trabalhado uns mais que os outros. Quando o corpo é levado á sepultura, estas mulheres entram a gritar e brádar o mais espantosamente que podem, e assim continuam a carpir todo o caminho do funeral.

O defuncto é levado a enterrar por seis dos seus mais proximos parentes, ou melhores amigos, ao lugar onde está a sepultura, que elle tem escolhido e preparado em sua vida. Porque estes povos são todos tão cuidadosos de sua sepultura, que desde que são casados, ou que tem algumas posses, preparam diligentemente tudo o que respeita a seu enterramento; o lugar, o caixão, as pedras para o tanulo, os paños para a mortalha, e outras causas semelhantes; e até poem de parte, e vão juntando a pouco e pouco o dinheiro que é necessario para isso; e mais depressa morrerão de fome, do que tocarão neste deposito. Chamam a esta reserva de dinheiro *Capon*. Cada um manda tambem fazer dous vestidos o mais ricos que pode segundo sua qualidade, que ellos levam á festa de *Idû*, e depois os conservam em seus bahús, como já disse, para servirem no dia de seu enterramento. isto é, para serem postos sobre o caixão. Estes vestidos são depois repartidos entre os sacerdotes do templo. Em fim os parentes e amigos acompanham o corpo, e alem disso grande numero de pessoas, que alli vão sem serem rogadas ou avisadas, as

quaes marcham ao redor do corpo confusa e promiscuamente. Desde a casa até ao logar da sepultura vão-se espalhando pela rua *bolys*, que são pequenos busios, de que a seu tempo fallarei, além de que os pobres os apanhem, e se remedeiem. Também mandam levar quantidade de saccos e fardos de arroz e milho, que no logar da sepultura se distribue a todos os pobres; levam também grande numero de pedaços de ouro ou prata, segundo a riqueza do defuncto e de seus herdeiros, que todos contribuem, em pequenos retalhos de panno, que dão á pessoa principal, que assiste á cerimonia, ou seja Pandiara, Naiba, ou Catiba, para os distribuir a todos os outros assistentes, que tem orado pelo defuncto. Mas nem todos participam, porque isto não pertence senão aos ministros da igreja, dizem elles; e todavia reparte-se por varias pessoas conforme ás posses do defuncto e de seus herdeiros. Diante do corpo caminha um homem qualificado, que leva uma garrafa cheia de agua composta de flores aromaticas, e a vai derramando, e espargindo, sobre toda a gente, que se encontra ao longo do caminho, o qual é mui bem varrido e aceiado desde a casa até á mesquita, onde se faz o enterramento. Por este serviço recebe aquelle homem uma peça de panno de seda, ou de algodão nova, conforme as posses do defuncto; e bem assim os seis, que levam o corpo á sepultura, tem cada um a sua.

A sepultura das pessoas mais illustres, e mais ricas é ordinariamente nos cemiterios annexos ás mesquitas, onde se compram os logares mui caros, salvo se foi fundador da mesquita, porque neste caso reservam logar para si e para sua família contiguo á mesma mesquita; e é este o logar mais honrado. O dinheiro, que as sepulturas rendem, é distribuido com outros proventos semelhantes entre os sacerdotes da mesquita; porque além dos Mudins cada mesquita tem um certo numero de sacerdotes, a que chamam *Quiuany*, que se sustentam das rendas, que lhes tem deixado os fundadores do templo para o serviço e custeamento

delle e do cemiterio, e são como beneficiados, que é cargo mui honrado, e que elles até comporam. Só os do templo, onde se faz o enterramento, podem officiar nos funeraes das pessoas, que alli se enterram, e não os dos outros. Todavia como ha muita gente, que deseja grande numero de sacerdotes no seu enterro, os do templo convocam os visinhos no numero que se quer. Estes sacerdotes cantam continuadamente por espaço de tres horas, que tanto dura a cerimonia. Sobre o logar da sepultura se estende uma grande coberta de seda ou algodão, até que a sepultura esteja feita, e o enterramento concluido, e depois fica pertencendo ao Mudin. Pela parte de cima e ao lado da sepultura poem quantidade de areia branca e fina. Quando lançam o corpo á sepultura, voltam-lhe a face para a banda do sepulchro de Mafoma, e depois cobrem-no de areia branca, e o aspergem com agua de uma garrafa em signal de resfresco, e a sepultura cobrem-na com um grande paño de algodão. Depois disto os parentes, que tem levado quantidade de manjares e comestiveis. repartem-nos por todos os assistentes.

Quando é um grande senhor, não se faz maior cerimonia, salvo cantar-se mais longo tempo; o que se continúa durante um anno inteiro; e todos os dias se enviam ao templo pratos de manjares com betle, o que pertence ao Mudin. Se é um rei ou rainha, dura isto todos os dias da vida de seu herdeiro. Pelo que toca a outras quaesquer pessoas, não se cessa por tres sextas feiras depois do enterramento de fazer oração pelo defuncto dia e noute no logar onde está sepultado; e as mais das vezes os sacerdotes, que cantam, comem e bebem sobre a propria sepultura, onde se faz uma camara de proposito para esse fim, a qual se desmancha depois de acabado este serviço, isto é, na terceira sexta feira depois dos funeraes. No fim faz-se uma solemni-dade geral, á qual são convidados todos os parentes e amigos, com os sacerdotes e Mudins, dizendo que é então que elles enviam a alma do defuncto ao paraíso. No mesmo dia poem-se lapidas nos dous topos da sepultura, da propria

largura della, assentes verticalmente, altas, ou baixas, conforme a qualidade das pessoas, e nellas se grava o nome do defuncto com seus louvores. Todos os annos em outro tal dia fazem uma semelhante festa com as mesmas cerimoniaes no pateo da casa do defuncto, ou de seu principal herdeiro, n'uma camara semelhante á que se erigio no cemiterio. E fazem nestas cousas tanta despesa, que muitas vezes consomem nisso a sua fazenda. Todos os annos no dia da festa dos mortos se lança areia branca nova sobre a sepultura, e ali se queimam muitos perfumes e incenso. Os que têm posses deixam rendimentos a certas pessoas para tomarem a seu cargo o conservar a sepultura sempre coberta de areia branca, limpá-la todas as manhãs, e cercal-a de pequenos pilares e balaustres de páo, para que lhe não caminhem por cima; por quanto tem horror a pizar o logar onde alguem esteja enterrado, e disso se acantellam com todo o cuidado, crendo que os defunctos se dariam de tal por offendidos, e que é caso de grave peccado. Ha sepulchros que elles veneram como de santos, e a estes conservam continuamente muitas lampadas accesas. Em cima de tudo acatam excessivamente os ossos dos mortos, e quando ao abrir uma sepultura, ou por qualquer outra occasião encontram alguns, não ha quem se atreva a tocar-lhe, ainda que seja o Pandiáre, ou os Catibas, sem metter um panno entre cada dous; e por esta rasão nunca enterram dous corpos no mesmo logar.

Não vi que usassem de vestido de dó, ou outro alem do ordinario. Somente os parentes, que acompanham o enterro, tiram o seu turbante, e caminham desbarretados; continuando assim naquelle dia e alguns outros depois a seu arbitrio, porque não ha para isso tempo limitado; e afóra isto se abstem de mascar betle.

Os que são mortos em combate contra outros de religião contraria, são enterrados sem cerimonia com os seus proprios vestidos no mesmo logar onde foram mortos. Não se lhe fazem orações, porque dizem que são santos e bem

aventurados; e lhes chamam *Chaydes*; e de feito a elles recorrem, e os invocam em suas afflicções.

Não transportam nunca um cadaver de uma ilha a outra; e ainda mesmo que fosse o rei, enterram-no aonde falleceo. Se acontece que algum morra no mar, o cadaver é lavado e amortalhado com todas as cerimoniaes sobre ditas; e mettido n'um caixão, que elles pregam sobre tres ou quatro pedaços de páo da arvore Candú, afim de boiar sempre á tona d'agua; e depois lançam-no ao mar. No caixão poem dinheiro conforme a sua riqueza com um escripto, que declara a religião do defuncto, e pedindo a quem o achar que receba aquelle dinheiro, e o enterre honestamente; e vi fazer isto mui repetidas vezes.

CAPITULO XIII.

Da forma de seus vestidos, modo de vida, e exercicios ordinarios, e outros costumes particulares, que observam em seu procedimento.

Quanto a seus vestidos são pela seguinte forma. Primeiramente os homens atam ao redor das partes vergonhosas uma grande tira de panno, que dá volta inteira, para que com os movimentos do andar, ou de fazer qualquer serviço, não fiquem descobertas. Depois poem um pequeno panno de algodão, tinto de azul ou vermelho, ou de outra côr, o qual não passa do joelho. Por cima poem uma grande peça de panno de algodão ou de seda, por pouco ricos e remediados que sejam, que desce até aos artelhos, e o cingem de um bello lenço quadrado, bordado de ouro e seda, que dobram em tres pontas, e estendendo-o sobre os rins o atam por diante. Depois para maior ornamento sobrepoem

uma pequena peça de seda de diversas cores, transparente como crepe ou gase, curta, e que não passa do meio da coxa; e sobre tudo isto cingem-se com um grande cinto de seda, semelhante a seu turbante, com bellas franjas, deixando pendentes as pontas para a parte de diante. Neste cinto, que lhes serve de bolça, mettem o seu dinheiro, e o seu betle do lado esquerdo, e do lado direito poem o punhal, cousa que elles tem por mui honrada, e ninguém deixa de o trazer, ainda o proprio rei. Estes punhães são mui bem feitos, todos d'aço excellente, porque elles não sabem a arte de caldear o ferro com o aço. Os que tem algumas posses trazem-nos com cabo e bainha toda de prata lavrada. Na parte superior da bainha ha uma argolla de prata, donde pende uma pequena cadeia tambem de prata, á qual está prezo um palito, esgravator de ouvidos, e outros pequenos instrumentos do mesmo metal. Os que não tem posses para usar traste tão caro, trazem-nos com bainha de páo lavrado, cabo de osso de peixe, como de baleia, ou outro animal marinho, por quanto não querem usar de osso de animal terrestre. Fazem muito cabedal destes punhães; e não julgariam andar bem vestidos se os não trouxessem á cinta; e não ha pessoa, por mais baixa e mesquinha, que não traga o seu. E' a sua defensa, porque outras armas a ninguém são permittidas, salvo aos soldados e officiaes del-rei, e ainda é somente em quanto andam em serviço na ilha de Malé, ou em qualquer outra parte onde elle os envia. Estes tem de ordinario á cinta um punhal ondeado, que se chama *Cris*, e que vem do Achem em Sumatra, da Ava, e da China. Alem disso quando andam pela rua trazem sempre a espada nua n'uma mão e rodella na outra, e em vez disso trazem frecha. Os soldados têm ainda outro distinctivo particular, porque têm cabellos compridos, que juntam, e atam em forma de grande castanha.

A sua principal louçainha é trazer ao redor da cintura muitas cadeias de prata. Não ha ninguém que tenha algumas posses, que as não queira trazer, seja homem ou mu-

lher, rapaz ou rapariga, mais ou menos á proporção de seus bens e de sua qualidade. Nisto empregam todo o seu thesouro, e o destinam de ordinario para fazer as desposas de seu funeral. Mas só os grandes senhores, ou os estrangeiros as podem trazer á mostra, e por cima dos pannos; os outros trazem-nas por baixo, e escondidas, e todavia é mister que as tenham para o dizerem, e para as mostrarem em particular. O resto do corpo da cintura para cima anda nú, quero dizer a gente do povo baixo, porque os senhores de qualidade não usam assim. Todavia nos dias festivos vestem roupões e vestias de algodão ou de seda, que abotoam com botões de cobre dourado, porquanto não lhes é dado usal-os de ouro, -os quaes só el-rei tem. Estes roupões são de todas as cores, mas nas bordas são de branco e azul. As mangas chegam só ao cotovello, por que dizem que se chegassem até ao punho, como a nós, não teriam livres os movimentos dos braços, com isto vestem calças de côr, mui estreitas, e que chegam desde os artelhos até á cintura, e abotoadas tambem em baixo com botões dourados. Os senhores vestem de ordinario os roupões e vestias, que tenho dito. Ha grande numero de sujeitos, que nos dias de festa não vestem as taes vestias, mas usam de outra sorte de casquilharia, deste modo. Pizam sandalo e camphora em pedras mui lisas e polidas, que trazem da terra firme, e bem assim outras sortes de páos odoríferos; depois amassam-nos com agua destillada de flores, e com esta massa fazem cobrir todo o corpo da cintura para cima, riscando varios feitios com os dedos conforme cada um imagina. Parecia-me que eram gibões golpeados e enfeitados. Lança isto mui bom cheiro, e á vezes collam-lhe mui bellas e odoríferas flores. São a proprias mulheres, ou amigas quem os orna desta sorte, e pelas costas lhe fazem os feitios e riscados, que lhe apraz. E' uma especie de casquilharia mui frequente; mas não ousam appresentar-se assim paramentados perante el-rei nem em seus paços.

Os que já foram a Arabia, e visitaram o sepulchro de Mafoma na Meca, são mui respeitados e honrados de toda a gente, sejam elles de qualquer qualidade, pobres ou ricos, e ha entre elles muitos que são pobres. Tem estes homens privilegios particulares. São chamados *Agy*, e para serem conhecidos e differencados dos outros, trazem todos roupões de algodão mui alvos, e pequenos barretes redondos na cabeça igualmente alvos, com contas na mão, sem cruz; e quando não tem posses para andar vestidos desta maneira, el-rei, ou os senhores principaes lho dão, e nunca padecem necessidade.

Toda a gente traz na cabeça turbantes vermelhos, ou variegados de diversas cores. A maior parte os tem de seda; os que não podem, os tem de algodão mui fino. Os soldados e officiaes del-rei os poem de um feitio, que não é permittido aos outros; pondo tambem na cabeça aquelles lenços bordados, que tenho dito; e ninguem mais os pode usar. Os cabellos, que são compridos como os das mulheres da nossa terra, apparecem por fóra do turbante.

Todo o povo anda descalço, e pela maior parte com as pernas descobertas. Com tudo em casa servem-se de uma especie de chinellas, ou tãmanços de pão; e quando alguem de mais elevada qualidade que a sua os visita em suas casas, largam as chinellas, e ficam descalços.

Quanto ás mulheres, essas tem primeiramente um grande panno de algodão ou de seda de côr, que as cobre desde a cintura até aos artelhos, e que lhes serve como de anagôa. Por cima poem um roupão de taffetá ou de algodão muito leve, mas mui comprido, que desce até aos pés, e que tem bordas azues e brancas. Não posso melhor comparar este roupão, para indicar a sua figura, senão ás camisas que cá usam as mulheres. E' um pouco aberto no colleirinho, e abotoado com dous botõesinhos dourados; e esta abertura continúa um pouco até á garganta, mas não chega ao seio; de forma que quando querem dar de mamar aos filhos, precisam levantar estes roupões, e o fa-

zem sem todavia se poder notar indecência alguma, por rasão do panno, que lhe serve de anagoa, como já disse. Os braços são carregados de grossos braceletes de prata, e ás vezes desde o punho até ao cotovelló. Algumas trazem-nos com mistura de outros de latão, principalmente as mais pobres; e outras de prata fina e massiça, de sorte que as ha que trazem tres e quatro arrateis de prata nos braços. Afóra isso trazem ainda cadeias de prata á cinta por cima do panno, que se não mostram, senão ás vezes quando os roupões são muito transparentes. Ao redor do pescoço, se são mulheres abastadas, e de qualidade, tem muitas cadeias de ouro, nas quaes enfiam moedas de ouro, que lhe vêm da Arabia, ou de qualqner logar da terra firme.

Os cabellos são entrançados, e ás vezes os cobrem ainda para formar trosso mais grosso de um crescente de cabellos de homem, porque as mulheres nunca os cortam; e tudo isto cobrem de um pente dourado, que as grandes damas tem cheio de pedras preciosas. Nas orelhas trazem brincos mui ricos, conforme as suas posses, mas poem-nos de outro modo diverso do que aqui se usa. Porque as mãis furam as orelhas das filhas quando são crianças, não só n'um logar na parte inferior da orelha, mas em muitos logares ao longo da cartilagem, e mettem-lhe fios de algodão para conservar os furos abertos, para quando as raparigas são grandes metterem ali pequenos cravos dourados, que chegam ao numero de vinte e quatro em ambas as orelhas. A cabeça de cravo é de ordinario ornada de uma pedra preciosa, ou de uma perola; e alem disso na parte inferior da orelha ha ainda outro brinco com outro feitio a seu modo.

Quando as mulheres andam pela rua, ou de noite ou de dia, se bem que seja mui raro sairem de dia, levam um veio na cabeça, mas tiram-no se entram em casa das rainhas ou princezas, ou mesmo de pessoas de maior graduação que ellas; mas não diante de homens, nem ainda diante del-rei; pois ao contrario é então que ellas se cobrem mais, quando entendem que são vistas por homens.

Disse que ellas traziam cadeias de ouro ao pescoço, e pedras preciosas nos brincos das orelhas; mas nisto ha a notar que pessoa alguma, ou homem ou mulher, se não é princepe, ou mui grande senhor, não ousaria trazer anneis, nem pedraria, nem braceletes, affogadores, ou brincos das orelhas, nem cadeias de ouro, sem licença del-rei, se é homem, ou das rainhas, se é mulher; e disto se passam provisões. Esta licença compra-se a dinheiro de contado, salvo se é dada por mercê, como ás mulheres muitas vezes succede. Só as rainhas e princezas podem trazer braceletes e argolas de ouro nos braços e pernas; mas em qualquer outro ornamento é permittido a todas trazer ouro. Mas ainda que as argollas dos pés e das pernas sejam de prata, não podem as mulheres traze-las por somma alguma de dinheiro, senão são de grande qualidade e prosapia, nem pôr anneis em outrò dedo alem do pollegar, excepto as rainhas, princezas, e as grandes damas no dedo do meio, e nos outros dous todas as mulheres com licença, e os homens somente no pollegar. Assim cada um sabe a sua classe e qualidade, e os ornamentos que pode usar, tanto elle como sua mulher, sem haver nisso confusão. E se a mulher de alguem, que não tenha por costume andar louçã, começar a enfeitar-se mais; ou se um homem trazer anneis no dedo, ainda que nisso não exceda o termo limitado, carregar-lhe-hiam mais na imposição por essa causa; excepto os officiaes del-rei e das rainhas, que não pagam imposição, nem igualmente os moradores da ilha de Malé; mas estes tem assaz de outros encargos, e são sugeitos a muitas despesas extraordinarias. Os estrangeiros e suas mulheres tem o privilegio de se vestir como lhes apraz, e trazer quantos ornamentos e galas quizerem, sem licença, tanto como os maiores principes, ou o proprio rei. E em muitas outras cousas observei que os estrangeiros tem muitos direitos e privilegios, que não tem os naturacs da terra. Tambem o Pandiare, os Naibas, e os Catibas da ilha de Malé, e das outras ilhas

podem vestir-se e ornar-se como quizerem, sem estarem sujeitos neste particular ás leis, como os outros.

Em fim, para tornar a nosso fio, as mulheres são curiosas de se ornar e enfeitar com primor, de se banhar todos os dias, lançar nos cabellos oleos cheirosos, e trazer aromas, e cheiros agradaveis. Tambem tem costume de tingir de vermelho as unhas dos pés, e das mãos; o que passa por cousa formosa, e o fazem com o succo de uma certa arvore, e dura até que a unha se renove com o crescimento, e então repetem a mesma operação. E por certo ellas parecem assaz bellas e engraçadas, assim porque ellas se vestem garbosamente, como porque são bem formadas, de bom talhe, e mui gentis. E todavia são de côr baça pela maior parte; ainda que se acham muitas apenas trigueiras, e outras que são mui brancas, como se podiam encontrar em nossas terras.

Estes povos geralmente, assim os homens como as mulheres, tem muitos costumes particulares em seu modo de viver, e procedimento. Primeiramente nunca comem em commum senão as pessoas da mesma qualidade e condição; e é deshonra comer com um inferior. Por isso não se banqueteam uns aos outros, senão nas festas e solemnidades, que já disse. E se em outra occasião querem regalar seus amigos, fazem preparar em suas casas muitos pratos de varios manjares, que postos sobre uma grande mesa redonda, coberta de taffetá, enviam á morada daquelle que querem festejar; o que tem por grande honra. Quando estão em particular, não gostam que os outros os vejam comer, e se recolhem ao mais interior de seus aposentos, abaixando alem disso todas as cortinas e reposteiros para não serem vistos. Antes de comer fazem oração, e semelhantemente depois. Não usam outra mesa senão o pavimento da casa, que é coberto de pequenas esteiras mui lindas, e nellas se assentam com as pernas cruzadas. Não se servem de toalhas, mas para não sujar as esteiras, usam de grandes folhas de bananeira, sobre as quaes poem os

pratos, e adiante outras; e são tão aceiados no seu comer, que nunca esparzem nada no lugar onde comem, nem ainda uma gotta de agua, posto que lavem a bocca antes e depois de comer, pois tem bacias proprias para isto. A baixella é de louça como a nossa de pó de pedra (*fayance*), figurada á moda da terra, e vem de Cambaia; ou porcellana da China, que é lá mui commum, e de que se servem quasi todos. Mas nunca se servem de um prato de pó de pedra, ou porcellana, que não seja em uma boceta redonda, envernizada e lacreada, obra propria destas ilhas, e coberta com uma tampa da mesma fabrica. Alem disso cobre-se esta boceta assim tapada de uma peça quadrada do mesmo tamanho, que é de seda, obrada em diversos feitios a ponta de agulha, e com toda a sorte de cores. Ainda os mais pobres usam de pratos cobertos por meio destas bocetas, que custam niui baratas. A razão deste uso são as formigas, de que ha tão extraordinaria quantidade, que enchem tudo, e é mui custoso conservar qualquer cousa, sem que logo fique coberta dellas. São outrosim tão nojentos no que toca á comida, que não levarão á bocca um manjar, onde haja caído uma mosca, uma formiga, ou qualquer outro bichinho, ou ainda a menor impureza; e quando tal acontece offerecem tudo ás aves; porque nem ainda o dão aos pobres, aos quaes nunca dão cousa por elles desprezada, e que não haja sido preparada como para si proprios. E neste particular tenho observado que chegando algum pobre á porta, o mandam entrar em casa, e lhe dão do seu proprio comer, dizendo que os pobres são servos de Deos como elles.

Ora tornando ao seu modo de viver, e aos utensilios, de que se servem á mesa, os maiores senhores não tem outra baixella, nem mais rica que a outra gente. Servem-se daquella que já disse, e ainda que tenham posses para se servir de baixella de ouro ou prata, a lei lho defende. e por isso o não fazem. Se acontece que os pratos de pó de pedra, ou porcellana tenham alguma fenda, deixam

logo de comer nelles, havendo-os por pollutos. Não se servem de colhières para comer arroz, nem mel, mas sim para as cousas liquidas, como caldos, e cousas de leite; o mesmo uso se segue em todo o resto da India, e come-se com a mão, e costumam fazel-o com destresa e aceio, sem sujar cousa alguma. E' entre elles a maior incivilidade do mundo, e digna de grande prasma, deixar cair alguma cousa quando se come; e durante este acto nenhum dos presentes ousará cuspir, ou escarrar, e é mister levantar-se, e sair fóra para o fazer. Nada os enjôa tanto como o acto de escarrar, nem ha cousa que elles julguem mais indecente, e que mais os indigne. Quando comem nunca se servem da mão esquerda, porque com ella é que lavam as partes do corpo mais reconditas. No principio da comida dão a primasia a um côco meio maduro, e lhe bebem a agua, e dizem que é cousa mui saudavel, e que lhe faz laxar o ventre. Todos comem com muita avidez e pressa, tendo que é mui decoroso não gastar muito tempo no comer; e se estam com companhia, não dizem palavra uns aos outros. Beber em quanto se come, é para elles incivilidade; por isso nunca o fazem; e zombavam de nós pelo fazermos; mas depois de haverem comido a fartar, bebem uma vez. A bebida mais commum é agua, ou vinho de côco tirado no mesmo dia. Alem do modo ordinario ha dous outros modos de o fazer mais delicados; um é quente, composto de agua, e de mel de côco com quantidade de pimenta (da qual usam muito em todas as comidas, e lhe chamam *Pasme*), e com outra semente chamada *Caboa*; outro é frio, e ainda mais delicado, feito com assucar, e côco desfeito em agua (a). Mas estas bebidas são para el-rei, e para os grandes senhores. ou para os banquetes sollemnes de suas festividades. Bebem em taças de cobre mui bello, e mui bem obradas, todas com sua

(a) A estas bebidas, impropriamente chamadas *vinho*, é que sem duvida se refere o auctor na pag. 13, dando logar á observação, que ahí fizemos na nota (b).

tampa. Depois de comer, e de se terem lavado, appresenta-se-lhe um prato de betle por sobre-mesa, porque as frutas são servidas a par dos outros manjares. A maior parte não tem hora ordenada para a comida, mas comem a toda a hora do dia, quando lhe chega a vontade, o que é estilo ainda dos maiores senhores e damas. São as mulheres e raparigas que aprestam a comida, e fazem a cozinha, e não os homens; e é a maior injuria que se pode fazer a um homem, é chamar-lhe *Cisdy*, isto é, cosinheiro. E se algum se dá a este mester (como alguns fazem, mormente em casa dos grandes, que os tem por melhores cosinheiros, que as mulheres) são apupados e desprezados de toda a gente, por tal forma que não são havidos por homens, mas por mulheres; nem elles ousariam conviver senão com as mulheres, nem fazer outro exercicio; pelo que não ha difficuldade em os deixarem com ellas.

Quando é necessario matar algum animal para seu comer, fazem-no com grande misterio. Cortam-lhe as guellas virando-se para a banda do sepulcho de Mafoma, e dizem suas orações, e logo largam o animal, ou o arremeçam sem mais lhe tocar até que seja inteiramente morto. E se alguem lhe tocasse antes de ser morto, lançariam fóra a carne, e não a comeriam. Não está aqui tudo; é mister que o golpe das guellas seja só por um certo logar, aliás ninguém comeria do animal. De mais disso nem todos são peritos nesta operação, e são principalmente os sacerdotes, ou Mudins que a sabem; e se outras pessoas a praticam, devem ser idosas, e não de pouca idade, e é mister que tenham tido filhos. Gostava eu de ver ordinariamente que para matar uma gallinha era necessario correr toda uma ilha para achar um homem, que soubesse mata-la, e ainda corria risco de elle o não querer fazer, por quanto esquivam-se quanto podem a praticar esta acção. Depois de matar a gallinha, esfolam-na, e lançam fora a pelle, o pescoço, a parte posterior, e todas as entranhas; e comem o resto.

Em todas as suas acções são mui escrupulosos e superé-

ticiosos, ainda nas mais leves cousas. Depois de ter dormido, ou seja de noute ou de dia, nunca deixam, logo que accordam, de lavar os olhos e o rosto, e de esfregar-se com oleo, pondo alem disso certa tinta negra sobre as pestanas e sobranceiras: e não ousariam fallar, nem dar os bons dias a pessoa alguma, sem haver feito tudo isto. São muito cuidadosos de esfregar os dentes, de os lavar, e limpar, e dizem que assim a côr vermelha do betle e da areca, que elles continuamente mascam, pega melhor; de sorte que todos tem os dentes vermelhos á força de mascar o betle; e hão isto por bellesa. Por isso trazem sempre betle consigo nas pregas do cinto, e seria deshonra para um homem não o trazer. E quando se encontram uns aos outros nos caminhos, tem por costume dar entre si cada um do seu betle.

Banham-se muitas vezes ao dia, não somente por prazer e commodidade, mas por preceito de religião; e quando entram no templo lavam as extremidades, como já disse, o que em sua lingua se chama *Vulos*. E depois de terem urinado, ou feito outras necessidades, lavam as partes reconditas com a mão esquerda, ou banham o corpo inteiro, a cujo banho chamam *Innan*, com diversidade de formas e cerimoniaes segundo as occasiões. De sorte que lavando-se em publico, como é seu costume, conhece-se o porque se banham, como por exemplo, quando tiveram congresso com suas mulheres, quer de dia, quer de noite, mergulham tres vezes a cabeça na agua; o que é grande indecencia.

Quando elles estão assentados em qualquer logar, é necessario toda a cautella para se não passar por de traz delles; porque o hão por grande affronta, e que lhe acontecerá algum infortunio. Mas sendo caso que se não possa evitar, aquelle que assim quer passar curva-se todo para baixo, e estende as mãos até ao chão, dizendo *assa*, como quem diz, queira perdoar. E' entre elles grande indiscrição, quando se está assentado em presença de outras pessoas, abanar as pernas; e disso tomam enfadamento, e dizem que

é signal de máo agouro, e de incivilidade. Tambem quando saem para qualquer viagem não desejam encontrar, nem tocar pessoa alguma; e se lhe acontecesse algum inconveniente ou máo successo, attribuil-o-hão áquelle que os tocou. Sobre tudo quando vão pescar, ninguem os deve cortejar, nem dar-lhe os bons dias. Desde a hora de sol posto na quinta feira até ao outro dia ás tres ou quatro horas, não consentem que saia cousa alguma de sua casa; e quando fosse o seu maior amigo, ou ainda seu pai, que lhe pedisse alguma cousa emprestada, não a deixariam sair naquello tempo; e até não fariam entrega do alheio, que em tal hora seu dono lhe mandasse pedir; todavia não poem difficuldade em receber qualquer cousa, e deixal-a entrar em casa durante o mesmo tempo. Uma cousa digna de louvor tenho notado nelles, e é que se elles disputam ou guerreiam entre si, por maior que seja a inimisade que dahi recresca, nunca lançam em rosto uns aos outros o haverem comido e bebido uns á custa dos outros; e se algum o fizera, todo o mundo lhe daria vaias.

Se quando navegam, são sorprendidos por ventos contrarios, calmas, ou tormentas, fazem votos áquelle que domina os ventos, que elles não chamam Deos, mas Rei. Não ha ilha, onde não haja um *Stare*, como lhe elles chamam, e é um lugar dedicado ao rei dos ventos, n'um recesso da ilha, apartado da povoação, onde os que escaparam do perigo vão appresentar por offerendas, todos os dias, pequenos bateis e navios, fabricados expressamente, cheios de perfumes, gommas, flores, e páos odoríferos. Queimam-se os perfumes, e lançam-se os pequenos bateis ao mar, os quaes vão boiando até de todo arderem, por que lhe lançam o fogo, afim, dizem elles, de que o rei dos ventos os acceite. Tambem quando elles não podem facilmente pôr seus navios e galés a nado, matam gulos, e gallinhas, e as lançam ao mar adiante do navio, ou do batel, que querem pôr a nado. Da mesma sorte creem que ha um rei do mar, ao qual igualmente se fazem orações e

cerimonias quando navegam, e quando querem ir lá pesca; trecciando agastar e offender estes reis dos ventos e do mar. De maneira que quando andam embarcados, não se atrevem a escarrar, nem lançar cousa alguma para barlavento, de medo que o tal Deos se não agaste; e semelhantemente nunca olham para traz. Quando eu ia com elles no batel, levavam a mal o ver que eu não guardava estas superstições. Todos os bateis, barcos, e navios são dedicados a estas potencias dos ventos, e do mar. E de feito guardam tanto acatamento ás embarcações como se fora a seu templo, conservando-as mui limpas, e não querendo commetter nellas alguma acção ruim e deshonesta. Veneram alem disso os reis dos outros elementos; e até ha um da guerra; e todos com grandes cerimonias.

Fazem grande cabedal de certas letras, e caracteres, a que chamam *Tavide*, que trazem por cima dos vestidos, ou encerrados em pequenas caixinhas, que os ricos mandam fazer de ouro, ou de prata. Tambem as trazem ou nos braços, no pescoço, á cinta, ou nos pés, conforme o objecto do mal; porque isto lhe serve para tudo: para offender, e defender-se; para amar, ou ser amado; para aborrecer; e para sarar, ou fazer doença a outrem. Os magicos, ou feiticeiros é quem lhes dá isto por dinheiro, e lhe dizem que os perserva dos males, os livra de doenças, ou as cura. Quando adoecem não tomam remedios; e recorrem aos taes magicos e feiticeiros, que são seus unicos medicos, e não tem outros. Porque elles crem todos que o seu mal é obra do diabo para os atormentar; e que só elle é causa da sua morte, e das suas enfermidades. Por esta razão o invocam, e lhe offerecem flores, lhe preparam banquetes de toda a sorte de manjares e bebidas, que poem em certo logar secreto, onde as deixam consumir, se por ventura não vem algum pobre, que as aproveita. No mesmo intento matam gallos, ou gallinhas, virando-se para a banda do sepulchro de Mafoma, e depois largam-nas, rogando ao diabo que as acceite, e se ausente, dei-

xando em paz o doente. Chamam a esta bruxaria *Cauvery*.

E já que tenho fallado de seus remedios de feitiços, parece ser necessario dizer quaes são as suas doenças, e ir indicando os remedios naturaes, que lhe applicam. A febre, a que elles chamam *Homan*, é a doença mais commum nesta terra, mui perigosa aos estrangeiros, que lá chegam, e os consome em poucos dias. Já tenho fallado della, conhecendo-a por experiencia, por ter visto morrer della muitos de meus companheiros, e pela ter eu mesmo padecido. É conhecida por toda a India pelo nome de febre de Maldiva. De dez em dez annos grassa uma doença chamada *Cariuadiri*, á vista da qual se desamparam uns aos outros, como se fora peste. Assemelha-se ás bexigas das crianças de cá, e desta enfermidade morre muita gente. Doença de olhos é mui trivial, e vê-se alli grande numero de cegos, e pela maior parte tem aquella gente a vista curta. Acontece tambem mui frequentemente que tendo estado por muito tempo ao pino do sol, depois que este se põe não vôm cousa alguma, por mais fogo ou luz que se lhe chegue, ainda mesmo que houvesse um cento de fachos accesos; e isto todavia sem sentirem outro mal. Chama-se esta doença, ou incommodo *Rosnans*; e para o curar fazem cozer o figado de um gallo, e lhe escrevem certas palavras e feitiços, engolindo-o á hora do sol posto em ponto. Os meus companheiros, e eu fomos atacados disto algum tempo, mas em fim tendo aprendido a receita, tomámos o figado de gallo, dispensando os feitiços, a ver se assim mesmo tinha virtude, e achámos que nos curava tão bem como a elles sem usarmos dos taes feitiços. São muito sugettos a sarna, que elles chamam *Caz*, mas curam-na com oleo de côco. Os herpes os incommodam tambem muito, e sem remedio, porque ha pessoas que tem o corpo quasi todo coberto delles. Estas doenças procedem da quantidade de peixe salgado, que elles comem, e tambem porque o modo de salgar quasi todas as suas comidas é lançando-lhe agua do mar. De inverno, quando as chuvas são mui continuadas, e

como andam descalços, mettem-se-lhe debaixo dos pés, e entre os dedos delles uma especie de ouções, ou lendeas, que nascem nas lamas, o que lhe produz bolhas cheias de agua, que rebentando depois, deixam ulceras, que lhe tolhe o andar. Estes ouções chamam-se em sua lingua *Quilla panis*, isto é, ouções da lama. E em todo o corpo lhe dão tambem os ouções.

Todos tem commumente o baço grosso, e alem disso são mui atreitos a terem-no enfartado, e o ventre mui crescido e duro, e outras muitas enfermidades. Attribue-se isto ás aguas das ilhas, que não são mui saudaveis, e produzem as febres. Aquella molestia do baço chama-se *Oncory*. O remedio, que lhe applicam, como a qualquer outra inchação ou dór dos membros que appareça, são cauterios sobre a parte inchada ou dolorosa. Isto faz uma escara, e uma abertura assaz larga, e poem-lhe em cima algodão molhado em oleo de côco, com o'que se dão mui bem. Vi alguns que se haviam assim queimado e cauterisado em cinco ou seis logares. Mas eu por mim, quando estive doente, não quiz consentir que me applicassem este remedio. Quanto ás ulceras, a que elles são muito atreitos, principalmente nas pernas, curam-nas pondo-lhe em cima laminas de cobre; e na verdade saram com isto inteiramente, como eu proprio experimentei. Alem dos remedios, que tenho dito, tem tambem algumas receitas e composições de suas ervas, e drogas para diversas doenças, e principalmente para feridas, que elles curam com muita arte. Todavia não conhecem o uso de ligaduras, e de pannos nas chagas. Applicam somente unguentos, como cá fazemos aos cavallos. Os catharros e defluxos tambem os perseguem ás vezes; e a gotta nos ossos. As molestias venereas não são alli tão frequentes, todavia ha-as, e curam-nas com pão da china, sem suar, nem fazer outro remedio. Chamam a esta molestia *Farangui Laescour*, porque este mal lhe veio da Europa, e elles chamam aos europeos em commum *Farangui*, ou *Frangui*, por razão de serem os Francezes os mais afamados povos do

occidente (a). Mas observei que elles não sabem o que é dor de dentes; e parece ser isto devido ao belle, que ordinariamente mascam, o qual fortifica as gengivas; e de feito pelo eu ter usado como elles, não tinha lá dor de dentes, ainda que em qualquer outra parte sempre padecia della.

Em quanto ao tratamento das crianças, tem alguns costumes e usanças particulares, que eu não vi observar em outra parte. Logo que a criança nasce, lavam-na em água fria seis vezes ao dia, e depois esfregam-na com azeite, e continuam longo tempo estas lavagens. Alem disso cada vez que as crianças onrinam, ou fazem outra sujidade, lavam-lhe com agua as partes vergonhosas, como se fosse a pessoas grandes. As mães criam ellas mesmas seus filhos; e não ousariam dal-os a criar a outrem, nem ainda as rainhas, dizendo ordinariamente que tambem os animaes criam seus proprios filhos; mas tem creadas para os trazer ao collo, e tomar conta nelles. Alem da mama dão-lhe uma especie de caldo de arroz ou de milho pisado e molhado, e ao depois cosido com leite, e assucar de côco. A maior parte, e principalmente os pobres, dão ás crianças bananas. Nunca as envolvem em mantilhas, mas deixam-nas livres; e todavia nunca vi lá aleijados. Deitam-nas suspensas no ar em pequenos leitos de cordas, ou em cadeirinhas, e ahi as embalam. Desde a idade de nove mezes começam a andar. Aos nove annos mandam-nas instruir nos estudos e exercicios do paiz.

Estes estudos são aprender a ler e escrever, e a entender o seu Alcorão, para saberem as suas obrigações. As lettras são de tres sortes, a arabiga com algumas letras e pontos, que lhe tem accrescentado para exprimir com ella a sua lingua; outra, cujos caracteres são particulares á lingua das ilhas de Maldiva; e uma terceira especie que é

(a) O auctor devia saber que tambem na Europa o nome desta molestia traz a sua derivação da mesma origem, privilegio que as outras nações não invejam por certo aos Francezes.

commum a Ceilão, e á maior parte da India (a). Escrevem as suas licções em pequenas taboas, que são branqueadas; e quando já sabem a licção de cór, apagam o que escreveram, e tornam a branquear de novo a taboa, salvo se a escripta deve ser conservada, e permanecer para sempre. E neste caso escrevem em pergaminho, feito de folhas da arvore chamada *Macare queau*, a qual folha é do comprimento de braça e meia, e da largura de um pé. Fazem disto livros, que duram tanto ou mais que os nossos sem se corromperem. Para ensinar a escrever aos meninos tem taboas feitas de proposito, bem polidas e lisas, e estendem-lhe por cima areia mui fina; depois com um ponteiro escrevem as letras, e as vão fazendo imitar apagando-as á proporção que as vão escrevendo; e não usam papel nestas licções. Tem todos grande respeito, e honram muito a seus mestres, como se foram seus proprios paes; e não se pode contrahir casamento com elles, por serem havidos por conjunctos em uma especie de afinidade. Acham-se entre elles pessoas, que continuam seus estudos, e são mui instruidas na intelligencia do Alcorão, e cerimonias de sua lei; e principalmente o são os Mudins, Catibas, ou Naibas. Estes dous officios são compatíveis, e um Catiba pode ser Naiba, e um Naiba Catiba.

As mathematicas são alli mui cultivadas, e fazem dellas grande estimação, mórmente da astrologia, a qual muitas pessoas estudam, por isso que para tudo se consultam os astrologos; e ninguém emprehende cousa alguma sem lhes ter pedido o seu parecer. E não somente querem saber os horoscopos de seus nascimentos; mas tambem quando fabricam algum edeficio, ou de páo ou de pedra, é mister perguntar ao astrologo qual será a melhor hora de o começar, afim de que isto seja sob uma boa constellação; o mesmo fazem para a fabricação de uma embarcação; e ainda diversamente conforme o uso, a que é destinada,

(a) Julgamos ser a letra *Tamul*.

pois tomam dia e hora differente para um navio de guerra, ou mercante, ou de pesca. Alem disso para emprehender uma viagem, ou qualquer outro negocio que seja, não é semelhantemente sem saber e averiguar do astrologo qual poderá ser o resultado, e se o dia é bom ou máo, se o planeta é favoravel ou infausto. E se lhe aconteeo algum desastre, attribuem a causa ao dia, e armam-se de paciencia dizendo que é vontade de Deos que assim succeda. El-rei tem sempre junto a si grande numero destes astrologos com outros mathematicos, e serve-se miuitas vezes delles. Tambem estudam magia, e feitiçaria.

Estes insulares exercitam-se muito nas armas, ou seja a servir-se de espada com rodella, ou seja a atirar destramente com arco, ou arcabuz, ou a menear a lança. De tudo isto tem escolas, cujos mestres são mui honrados e respeitados, e de ordinario são grandes senhores, quê se dão a este exercicio. Não ha alli outros jogos senão a balla e pella, que elles apanham e lançam com muita destreza, ainda mesmo com os pés.

Tambem se dão ás manufacturas, e são para ellas mui proprios e destros, de maneira que ha entre elles grande numero de mesteres de diversas sortes para fabricação de moveis, utensilios, e varios trastes do uso.

O maior exercicio, que elles fazem, e o mais ordinario, é a pesca, que todos exercitam indifferentemente em todos os logares das ilhas de Maldiva, sem haver aqui, como em outras partes, certas pessoas deste mester, ou certos logares proprios para esse effeito, que não sejam publicos. Conserva-se neste particular a liberdade natural, e cada um pode pescar onde quer, e quanto quer. E' um exercicio que elles têm por honrado e decoroso, e a que se applicam os mais illustres senhores com muito prazer, como cá fazem na caça, sem querer tirar outro proveito, do que apanham. Pelo contrario todas as pessoas honradas e de qualidade quando tem ido á pesca, e tem apanhado peixe, mandam-no de presente a seus amigos, e

o dão a todos os que querem ir buscar-o a sua casa. Alem disso mandam coser porção delle com bananas verdes, a que nas ilhas de Maldiva chamam *Quella*, e rogam a todos os visinhos que o venham comer, o que elles fazem sem outra cerimonia, e em forma de brodio. Os proprios reis tem officiaes deputados a este serviço para quando querem dar-se a este divertimento; porque como moram em ilhas pouco extensas, a pesca é a sua caça. Ha doze pessoas destinadas para conduzirem e dirigirem o batel del-rei quando vai á pesca, e aparelhar tudo o que é mister para pescar. Todos são grandes senhores, que são providos nestes officios, de que se hão por muito honrados, e os compram caros. Acima delles ha um cabo ainda maior, o qual deve governar o leme da embarcação. O rei dá a cada um daquelles doze um grósso annel ou bracelete de prata para metter no braço direito, do peso de um quarto de libra, a que chamam *Gaux*, e ao cabo dá um de ouro; insignias, que elles todos trazem quando el-rei vai á pesca. Com tudo o rei, que governava quando eu lá estive, raras vezes ia á pesca.

A pesca nas ilhas de Maldiva é de muitos modos. A pesca do peixe grosso, de que se faz grande trafico, é fora dos bancos e dos Atollons no mar alto, a seis ou sete legoas de distancia, onde esta especie de peixe se acha sempre. Pesca-se ahi admiravel quantidade de peixe grosso, de sete ou oito qualidades, que ainda que sejam quasi todas da mesma raça e especie, todavia não são totalmente semelhantes, nem do mesmo tamanho, e são bonitos, albacoras, douradas, e outros, todos mui parecidos, do mesmo gosto, e sem escamas como as sardas; e por isso se acham sempre reunidos, e na mesma paragem, e se apanham do mesmo modo; isto é, com uma linha de braço e meia, fabricada de um fio grosso de algodão roliço, preso a uma grande canna, que é como pão mui riço. O anzol, que se põe na extremidade, é de outro feitio diverso dos nossos; não é tão curvo, mas mais comprido, e

na ponta é recto como um alfineite, sem ter barba, nem lingueta, e assemelha-se inteiramente á letra *h* da escripta francesa corrente. Não se lhe prende isca; mas no dia antecedente faz-se provimento de quantidade de peixe miudo, do tamanho de pequenas mugens, que se acham em grande abundancia nos bancos e areias, e conservam-nos vivos mettendo-os em bolças feitas de cordel de cairo com pequenas malhas, as quaes deixam mergulhadas no mar a reboque de seus barcos. Quando chegam ao mar alto onde se faz a pesca, espalham por toda a parte esses peixes miudos, e estendem tambem as linhas. O peixe grosso, que disse, sentindo o peixe miudo, que não é frequente no mar alto, corre em quantidade sobre elle, e vem prender-se no anzol, que está branqueado e estanhado de proposito, por quanto é esta uma especie de peixe muito guloso, e muito parvo, que se vem prender no anzol branqueado, cuidando que é um peixinho branco. Basta pois puxar a linha para dentro do barco, onde o peixe logo cáe, porque não está muito preso, e torna-se logo a lançal-a ao mar, onde novamente se prende mais peixe em extraordinaria quantidade; de sorte que em menos de tres ou quatro horas tem elles os barcos cheios; e o que é mais para notar é que vão sempre avante a pan-nos largos. Este peixe, que assim se apanha, chama-se geralmente em sua lingua *Cobolly masse*, isto é, peixe negro, porque todo assim é. Cosem este peixe em agua do mar, depois seccam-no ao sol sobre grades, e depois de secco guardam-no por muito tempo. Fazem delle grande trafico, não somente entre si, mas abastecem o resto da India, onde esta fazenda é mui procurada. E cumpre que o primeiro e melhor peixe de cada pescaria seja para el-rei, e apenas o batel chega, um dos principaes pega no peixe, e ligando-o com uma corda, ou com a vergontea de certa planta, o leva sobre um páo ás costas á cosinha del-rei; depois levam outro aos ministros da igreja, aos pobres, e a seus amigos; e o resto é repartido entre elles,

Por pouco que seja, é mister fazer toda esta partilha.

Ha outra sorte de pesca, que se faz de noute nos bancos ao redor dos Atollons, duas vezes no mez somente, quando a lua está em conjuncção, e quando é cheia, tres dias de cada vez. Faz-se com aquellas jangadas, que chamam *Candué patis*, de que já atraz fallei, nas quaes vão de noute sobre os bancos fazer a sua pesca á linha. São estas linhas do comprimento de cincoenta ou sessenta braças, de fio grosso de algodão mui rijo, que tingem de preto com a casca de certa arvore, da qual se servem em lugar de breu ou pez, afim de conservar o fio por mais longo tempo, e atallar que apodreça. Na ponta tem anzões, a que se prende a isca, da mesma sorte que os nossos. Com estas linhas apanham quantidade de peixe de uma especie, que eu não vi em outra parte, do comprimento de tres ou quatro pés, e largura á proporção; é todo vermelho, e por dentro mui branco, e mui rijo, quando está coosido. É o mais delicioso e mais excellente manjar, que dizer-se pode, por cuja razão estes povos, que poem ás cousas nomes, que pouco mais ou menos designam a sua natureza, lhe chamam em sua lingua *o Rei do mar*. Comem-no fresco, e não o salgam.

Apanham-se do mesmo modo muitas outras especies de peixes em copia admiravel e prodigiosa, e ser-me-hia impossivel distinguil-os; tão grande é a sua multidão, e de peixes, que nós cá não conhecemos, e que até eu não vi em outra parte. Será assaz o expressal-o assim em geral, para fazer conhecer a principal riqueza da terra; e se houver ainda mais alguma cousa de particular, reservai-a-hei para outro lugar. Têm tambem toda a sorte de redes fabricadas de fio de algodão, ou de filamentos de outras arvores; e bem assim varios instrumentos de pesca, como nós cá temos, com os quaes pescam peixe de todas as qualidades nos baixos do mar; mas todo comem fresco, e não fazem delle trafico algum. A' borda do mar, onde elle é mui baixo, tomam por passa-tempo pescar peixe miudo, que se

assemelha ás sardinhas, e que tambem é mui delicado; e pescam-no com redes de fio de algodão mui compridas, que tem á roda pedaços de estanho, que tocam uns nos outros; e quando percebem grande copia deste peixe miudo lançam subitamente a rede, e o peixe fica apanhado dentro della, porque o estanho puxando-a até a areia do fundo, o não deixa escapar.

Mas vamos a outro modo de pesca, que eu achei muito estranho, e cheio de industria. E' uma pesca geral, que elles fazem duas vezes no anno, nos equinoxios, e nas marés de aguas vivas, com muita gente junta, em certos sitios do mar. Para se entender a forma desta pesca cumpre saber que o fluxo do mar estendendo-se e subindo então mais acima que em todo o resto do anno, e passando os limites das outras marés, da mesma maneira e na mesma proporção o refluxo se abate e afasta muito, deixando em secco baixos e rochas, que em outro tempo se não vêm. Nestes sitios, em quanto o mar está retirado, observam algum recesso commodo, e poem ao redor grossas pedras umas sobre as outras até grande altura, de sorte que figura um muro redondo, ou revelim. Esta cerca tem quarenta passos de circuito, pouco mais ou menos, e a entrada, que lhe deixam, tem dous ou tres passos de largo. Reunem-se trinta ou quarenta homens, e cada um delles leva cincoenta ou sessenta braças de grossas cordas de cairo, nas quaes de braça a braça está preso um bocado de casca de côco secca, para fazer boiar sempre a corda ao de cima d'agua, como aqui fazemos com a cortiça. Depois atam umas nas outras todas as cordas, que cada um delles tem trasido. e estendem-nas em circulo por cima dos baixos; e daqui se pode pensar qual será a extensão, que terá em redondo. E' cousa estranha que todo o peixe que fica dentro desta corda se deixa apanhar, não havendo outras redes, nem instrumentos alem da corda, que boia ao de cima d'agua, e que não tem rede alguma, que della esteja pendente. Mas o peixe tem medo da corda e da sombra della de tal sorte, que

em vez de passar por baixo para se escapar e não se deixar apanhar, vai fugindo da corda, cuidando que della pende alguma rede, que o prenda. Os homens vão todos postar-se junto daquella cerca de pedra, que já disse, puxando a corda a pouco e pouco, uns de uma banda e outros da outra, uns em batel, outros dentro d'agua, por quanto sobre os baixos o mar é pouco fundo, e a agua não dá mais que pelo pescoço, e pela maior parte ainda menos. Assim á proporção que puxam a corda, o peixe vai fugindo adiante della, e apertando-se para a banda da cerca, até que em fim estando a corda quasi toda puxada, todo o peixe entra dentro da cerca; e elles logo lhe tapam a entrada com feixes de ramos, e folhas de coqueiro ligadas longitudinalmente no comprimento de vinte ou trinta braças, e cosidas umas sobre outras até a grossura de um homem; e á proporção que a maré baixa, o peixe vai ficando em secco. E' então cousa divertida ver o peixe assim preso saltar e revolver-se, e em tal copia, que ás vezes chega a ser de dez ou doze mil peixes, ou mais, de todas as qualidades, em que entra muito peixe grosso; e de todo elle enchem saccos e bolças de malha mui estreita, que poem na embocadura da cerca, enxotando o peixe de dentro, de tal sorte que não perdem um só. E vi alli algum tão grosso, que um só fazia uma boa carga de homem. Muitas vezes fui a esta pesca, e houve á minha parte mais de um cento de peixes grossos; e advirta-se que como a pessoa menos graduada, e estrangeiro, me cabia parte menor, cabendo a todos os outros uma parte mais avantajada; mas a verdade é que eu sentia mais molestia que elles, porque elles estavam costumados a andar descalços sobre os bancos e rochedos, e eu não; sendo mister ás vezes caminhar perto de meia légua desta maneira, e sempre ao sol.

Todo este peixe é applicado a seu mantimento, e lhe serve para banquetes e regalo, e delle não fazem trafico algum, ainda que o cosem, e depois o seccam sobre grades, porque aliás não poderiam guardar por muito tempo

tão grande quantidade sem se corromper. Esta pesca não se faz mais que uma vez em cada seis mezes sobre cada baixo, e dura quinze dias, mudando-se todos os dias de sitio; e não se torna ordinariamente ao mesmo sitio com esta maneira de pesca, senão no outro equinoxio, no qual se repete a mesma operação. O peixe, que se acha sobre os baixos no recinto dos bancos e dos Atollons, chama-se em lingua maldiva *Phare masse*, como quem diz, peixe dos baixos, ou dos bancos; porque *phare* quer dizer um baixo, ou um banco, ou rocha; *masse* significa peixe. O que se apanha no mar alto chama-se, como já disse, *Combolly masse*, isto é, peixe negro; e é o de que fazem grande trafico, provendo d'elle toda a costa da terra firme. E' cosido em agua do mar, e secco; porque se o salgarem de outra maneira, como ás vezes fazem, não fica bem salgado, e é mister deixal-o sempre em salmoura, até se servirem d'elle; e não é deste que elles transportam ou enviam para fora. Tambem não se produz sal nas ilhas de Maldiva; o de que se servem vem da costa de Malabar; e não poderia ser sufficiente para uma tal copia de peixe como cada dia alli se pesca, assim para provimento da gente da terra, como para o trato commercial de fóra. E na verdade não ha lugar em todas as Indias, nem fóra dellas, segundo creio, onde a pesca seja mais rica e mais abundante.

Hia-me esquecendo, antes de terminar este discurso do modo de vida, e exercicios destes insulares, dizer uma palavra de outros seus costumes. E com quanto seja facil colligil-os dos seus modos de proceder, que já tenho referido, todavia não será fóra de proposito tocar aqui mais alguma cousa. Este povo é esperto, avisado, fino, e discreto na maior parte de suas acções. Tambem não são destituidos de valor, folgam com as armas, e exercicios. São industriosos nas artes, e manufacturas, e assaz polidos em seus costumes. São outrosim supersticiosos desmesuradamente, e mui observantes de sua religião; mas no meio disso extremamente dados a mulheres, lascivos, e devassos. Tudo alli são adul-

terios, incestos, e torpezas, não obstante a severidade das leis e penas; e em quanto á lascivia simples, não ha nada mais ordinario. Não o hão por peccado, e mesmo as mulheres, ou raparigas, que não são casadas, não fazem escrupulo de se entregar a seus amantes; e depois, o que é mui execravel, promover o aborto, ou dar cabo de seus filhos illegitimos. As mulheres são extraordinariamente impudicas, e os homens não são menos viciosos, posto que sentem não o poder ser mais. A cousa, que elles mais desejam, é descobrir, se podessem, alguma receita que os faça mais vigorosos na lascivia. Creio que por uma cousa destas dariam quanto possuem; e com tanta instancia, e tantas vezes me perguntaram, ainda os mais graduados, se eu sabia algum remedio para isso, que já me aborrecia ouvil-os. E o seu fallar ordinario é deste assumpto, usando de palavras mui dissolutas. Não se tiram quasi sempre da companhia de suas mulheres, das quaes podem ter até tres. O ar excessivamente quente do paiz faz exhalar parte dos espiritos e da força do corpo; e alem disso concorre a tornal-os debeis o seu modo de vida, afrouxando os nervos pelo uso de estarem continuamente dentro d'agua. Accrescente-se que a maior parte mascam opio, ou *amphião*, como lhe elles chamam, que os embriaga, e adormece. Mas não obstante isto, são todos tão desmesuradamente dados a este vicio da lascivia, assim homens como mulheres, que ficarei aqui, por não fallar mais de suas abominações.

As mulheres cobrem o peito tão cuidadosamente como as partes mais vergonhosas do corpo, e tem tanto pejo e vergonha de o mostrar, ou de o deixar descoberto, como se mostrassem outras partes mais reconditas. Até a palavra, que na sua lingua significa peito de mulher, a hão por uma das mais lascivas e deshonestas. Igualmente tem tanta difficuldade de dar um beijo, como de commetter outras acções mais torpes, e tambem tem esta palavra por mal soante. E posto que sejam mui dissolutos em suas praticas, com tudo cohibem-se diante de seus parentes, e respei-

tam sua presença. Se por ventura escapar a um homem dizer alguma palavra menos decente a uma mulher perante um ou muitos de seus parentes, estes fugiriam para lugar recondito, e se dariam por offendidos d'elle; e seria mister desculpar-se com elles, e asseverar-lhe que não sabia que elles eram parentes; porque aliás, se elles entendessem que se haviam dito aquellas palavras de caso pensado perante elles, queixar-se-hiam á justiça para obter uma declaração em como aquelle que dissera perante elles as taes palavras deshonestas, os ha por pessoas honradas e de estimação.

Um homem não ousaria entrar no lugar onde uma mulher se banha, ou somente onde ella está recolhida sem roupão, ainda que ellas nunca largam o panno, com que se cingem, e que lhes serve de anagoa; mas, como já disse, tem o seio e peito das mulheres na conta de partes mui vergonhosas. Quando se encontra um homem e uma mulher juntos, não se deve perguntar a este homem se aquella é sua mulher, filha, ou irmã; porque se fosse filha, e se lhe perguntassem se era sua mulher, dar-se-hia por aggravado, como se o accusaram de incesto; por isso apenas se lhe pergunta se aquella mulher é sua parenta, e elle responde dizendo qual é o grão de parentesco ou affinidade. As mulheres durante o seu fluxo não tomam banho, e somente lavam as mãos e bocea; e tambem não mudam de vestido todo aquelle tempo; nem outrosim se juntam com os maridos, nem comem ou conversam com pessoa alguma.

Já disse que as mulheres saem raras vezes de dia, e que todas as suas visitas as fazem de noite; mas escapou-me dizer o que a este respeito tenho observado de particular em seus costumes, que não será fóra de proposito referir aqui. Nas visitas, que fazem de noite, é mister que haja em homem que as acompanhe, o qual caminha adiante, e quando sente vir alguém, diz tres vezes, *Gas*, isto é, arré-da. Os homens advertidos por este signal, afastam-se do lado do caminho, por onde vão as mulheres, sem fitar os

olhos nellas, nem fazer diligencia pelas conhecer, com grande respeito; e se são mulheres, passam tambem cada uma por seu lado, e não se cortejam de modo algum, salvo se se conhecem familiarmente. Nunca se bate á porta, nem ha ahi aldriba; e igualmente não é necessario chamar quem abra a porta da casa, porque a porta principal do pateo está sempre aberta até certa hora, que é a das onze da noute, hora em que toda a gente se recolhe. Por isso entra-se no pateo, que é immediato á porta do interior da casa, a qual tambem está aberta, e somente tapada com um reposteiro de panno de algodão ou outra fazenda, e quando quem entra se chega a esta porta, basta tossir, o que sendo ouvido pela gente da casa, saem fora, e vêm ver se alguém procura alguma cousa. Semelhantemente quando os homens vão de noute pela rua, tosem muitas vezes de proposito, para se avisarem uns aos outros, com receio de irem de encontrão, ou ferir-se, porque trazem (isto é, os soldados e officiaes del-rei na ilha de Malé) as armas núas.

O que pode faltar para serem descriptos os seus costumes, se conhecerá melhor pelo que adiante ainda direi, e pela narrativa do que se ha passado nas ilhas de Maldiva em quanto eu alli me detive.

CAPITULO XIV.

Forma do governo do Estado, magistrados, justiça, e leis.

O governo do Estado das ilhas de Maldiva é real, muito absoluto, e muito antigo. O rei é acatado e temido, e tudo

depende delle. Já disse que estas ilhas eram distinctas em treze Atollons ; e esta divisão natural foi seguida em quanto ao governo, porque ha igualmente treze provincias, em cada uma das quaes ha um Cabo ou Regedor, a que chamam Naiba. Estes Naibas, ou Cabos das provincias são sacerdotes e doutores de sua lei, superintendem tudo o que toca á religião, e instrucção religiosa do povo, á distribuição da justiça, e governam os sacerdotes, que lhe são inferiores. Estes Atollons são sub-divididos em muitas ilhas, e em cada uma dellas, onde ha passante de quarenta e um homens, como já disse, ha um Doutor, chamado *Catiba*, que naquella ilha é o superior na religião, e tem sob suas ordens os sacerdotes particulares das mesquitas, os quaes tem a seu cargo instruir o povo na lei, e vivem de certa parte dos fructos, com que todos são obrigados a contribuir-lhe, e de certos rendimentos, que o rei lhes dá conforme sua graduação. Mas particularmente os Naibas, alem do que toca ao exercicio da religião, e auctoridade que neste caso tem, são outrosim instituidos para administrar e fazer justiça, cada um em seu governo. São os unicos juizes que ha no paiz, assim em materia civil como criminal ; e se alguem quer haver justiça, tem de recorrer ao Naiba, ou esperar que elle venha á terra ; porque elles quatro vezes no anno correm todas as ilhas, cada um em sua comarca, e fazem correição, assim pelas cousas de religião em quanto aos sacerdotes, como pelos negocios da justiça. Isto lhes dá grande rendimento, porque é então que aquella gente paga as imposições, alem de muitos presentes, que os Naibas recebem de uma infinidade de pessoas ; do que elles são mui sóffregos.

E é digno de notar-se que em todas as ilhas de Maldiva não ha outros Juizes, salvo estes treze Naibas ; porque os Catibas das ilhas, e os sacerdotes das mesquitas nada tem com a justiça. Acima destes Naibas ha um superior, que mora na ilha de Malé, e sempre junto da pessoa del-rei, e se chama *Pandiare*, o qual é não somente cabeça da reli-

gião por todo o reino, mas também juiz supremo. De sorte que se depois de se ter litigado perante o Naiba, a parte não quer estar pela sentença delle, seja em materia civil, ou criminal, appella-se para o Pandiare, que decide todos os casos, que se lhe apresentam, tomando conselho de alguns Naibas, que junto delle se encontram, dos Catibas, e de certas personagens, a que chamam *Mucuris*, isto é, Doutores e Sabios, que todavia não são officiaes publicos; e o Pandiare não profere sentença alguma sem ser assistido de quatro ou cinco destes sujeitos pelo menos. Estes *Mucuris* sabem de cór o Alcorão inteiro, e toda a mais gente só o lê; e são versados em outras varias sciencias. São solememente convidados para todas as festas, sermões, e cerimoniaes; e são grandemente honrados e respeitados de todos. São poucos em numero, não chegando a quinze em todas as ilhas. O Pandiare chama-se *Cady* em lingua arabiga. Acontece que depois da sentença do Pandiare alguns se vão ainda queixar a el-rei em pessoa, o qual decide, e manda fazer justiça, e dar á execução por seis magnatas, seus principaes officiaes, que tratam dos mais importantes negocios do Estado, e se chamam *Musculis*, como quem diz Anciões.

O Pandiare assistido de dous Catibas da ilha de Malé, e do Naiba do Atollon, com algum daquelles Doutores vai fazer correição pela ilha de Malé, como cada Naiba faz em seu Atollon; e da mesma sorte é acompanhado de officiaes seus, que levam umas disciplinas de couro, de que abaixo fallarei, para castigar os delinquentes. Toma informação do que julga ser conveniente em ordem á religião e justiça. A todos quantos encontra sem excepção faz repetir o seu *credo*, e algumas orações em lingua arabiga, e depois pede-lhe a interpretação em lingua maldiva; e se a não sabem, manda-os açoitarem, e castigar sem detença por seus officiaes. As mulheres não se atrevem a descobrir o rosto quando elle passa pela rua, e se elle encontrasse alguma sem véo, lhe mandaria rapar os cabellos. Tudo isto são preceitos de sua lei; e os Naibas procedem do mesmo modo.

Alem dos Naibas ha em cada provincia ou Atollon um homem encarregado e estipendiado pelo rei para receber seus direitos e rendas, e as do rei christão, que está em Goa. Estes homens servem tambem para dar á execução as ordens de el-rei, e tratar de todos os mais negocios delle. Chamam-lhe *Varuery*, e são mui respeitados e honrados. Quem quer que vai em commissão da parte del-rei vai ter com elles, e elles lhe ministram tudo o de que ha mister, e guias que os conduzam pelas illas do Atollon.

Todas estas illas são divididas em bairros distinctos como a de Malé, que tem cinco bairros; a que chamam *Auares*, e em cada um ha um cabo chamado *Musculy Auare*, e nada se faz alli de que elle não tenha aviso; e se alguma cousa é necessaria do bairro, ou para el-rei, ou para o povo, é aquelle cabo a quem o negocio se encaminha, e não a outra pessoa, porque elle tem cargo de tudo quanto alli se passa; e se alguém falta a esta diligencia tem de dar contas disso. Toda a gente do bairro o honra e respeita, mas todavia elle nada pode fazer sem o conselho e voto dos outros anciões e conselheiros do bairro; e quando elle deseja fazer alguma cousa congrega-os na sua pousada, ou em outro logar que lhe parece, para deliberarem juntamente do que cumpre fazer. Nas outras illas todos fazem o mesmo, ainda que em cada uma haja um superior, a quem estes cabos de bairro respondem e obedecem.

A justiça, que em sua lingua chamam *Sacuest*, administra-se na casa do Naiba, e na ilha de Malé na casa do Pandiare, assistido das pessoas, que já disse; e ás vezes nos proprios paços del-rei, quando o negocio é de grande importancia.

Quem quer intentar um processo dirige-se ao juiz ou Naiba, o qual envia um de seus meirinhos (porque cada Naiba tem um certo numero delles) chamados *Devanitas*, para chamarem a parte supplicada; e se esta não está na mesma ilha é mister para que a parte compareça uma carta do Naiba, por meio da qual é citada onde quer que se

encontra, com tanto que seja na comarca da jurisdição do Naiba. Se a parte estiver em outra comarca, o Naiba não tem ali jurisdição; mas neste caso alcançam-se cartas do Pandiare, que pode mandar citar em todo o reino para a ilha del-rei, onde elle tambem assiste. Entrega-se esta carta ao Catiba, superior de uma ilha, o qual perante todos a entrega áquelle que é citado, e o intima para comparecer aonde é requerido; e a esta intimação não ousaria ninguém faltar; porque quem desobedece á justiça, não pode mais ser admittido á companhia dos outros, ir á mesquita, comer ou beber com elles; e é havido por homem que não pertence á sua lei. Todavia se alguém não obedece á intimação, e se é grande pessoa, el-rei envia seus soldados para o levarem por força. Quando alguém recusa litigar perante o Naiba, ou porque elle lhe quer mal, ou porque a outra parte seja muito de sua affeição; então o auctor, ou o réo, se vão a el-rei, que manda fazer-lhe justiça por juizes não suspeitos; o que se executa nos paços del-rei em presença de todos os grandes da ilha.

As partes advogam por si mesmas a sua causa. Se esta é de facto, traz cada parte tres testemunhas; e se as não tem, o réo é crido por seu juramento, que presta pondo a mão no livro da sua lei, que o juiz lhe offerece, e então o auctor, se é um pouco experto nestes negocios, attenta escrupulosamente se a outra parte toca realmente o livro, e se o faz no logar competente. Se o letigio é de direito, julga-se pela lei. Os juizes nada levam por suas sentenças; e não ha outras custas, salvo que os Devanitas ou meirinhos levam a duodecima parte da divida, ou do objecto litigado.

Os escravos não podem ser testemunhas, e o que elles dizem não faz prova alguma em juizo. Não sendo escravos, acceitam-se tres mulheres por um homem. Escravos são aquelles que se tornam taes, ou que de fóra são trasidos por escravos, e se vendem; porque os estrangeiros cujo navio se perdeu, não são privados da liberdade, que de antes tinham; e só ficam escravos se o já eram. Verdadeiramente os escravos,

que elles chamam *Allo*, são de mui peor condição, que os outros homens. Não podem ter mais que uma mulher, ainda que seja permittido a todos ter tres; e essa a não podem deixar, e retomar mais que uma vez. Quem bate n'um escravo, não incorre em mais que na metade da pena, em que incorreria se batesse ou maltratasse uma pessoa livre.

Os devedores, se não tem com que pagar, são constrangidos de ficar ao serviço dos credores, não como escravos, nem são tratados como taes, mas como quaesquer naturaes da terra; e servem somente seus credores, ou as pessoas que lhe tem emprestado dinheiro, para assim o pagarem. A estes servidores chamam *Pemusseré*, que quer dizer, servidor por via de emprestimo; e dura o serviço até solve-rem a divida, continuando a servidão em seus filhos e netos até de todo ser paga. Todavia quando são maltratados, podem resgatar-se, passando da mesma sorte ao serviço de outra pessoa, que pague por elles. Todo o estipendio, que recebem deste serviço, é o sustento, e quando morrem, o senhor toma tudo quanto elles possuem, e se isso não chega para pagar, os filhos continuam a servir até inteiro pagamento. Ha muita gente que procura ser destes *Pemusseré* de grandes senhores, e pessoas auctorisadas, para terem ajuda e favor; porque quando não estão sujeitos a ninguem são vexados ora de uns ora de outros.

No que toca aos crimes é mister que alguém se queixe para lhe ser feita justiça, e ainda é necessario que seja parte capaz de intentar a acção, salvo se for crime condemnado pela lei religiosa; porque de outra maneira a auctoridade publica não accusa nos casos de crimes e offensas commettidas contra pessoa alguma; a não ser, como já disse, que se peque contra a sua lei. A mulher não pode perseguir em justiça a morte de seu marido; mas só o podem fazer os filhos, ou parentes. E se os filhos forem de menor idade, espera-se que sejam chegados á idade de dezaseis annos para se saber se querem tomar vingança da morte de seu pai. No entretanto o juiz condemna aquelle que é in-

diado na morte a sustentar os filhos do defuncto, e a fazer-lhe aprender alguma arte ou mester. Quando elles são chegados á idade competente podem requerer justiça, ou remittir e perdoar ao matador, que depois não pode mais ser perseguido pelo mesmo caso. Porque em materia de offensa committida contra a pessoa de qualquer particular, é necessario que o offendido se queixe, aliás o crime fica extincto: todavia se el-rei quer, manda fazer justiça, ainda que não haja parte; mas isto raras vezes acontece.

As penas ordinarias são degredo para as illhas desertas do sul, como já disse; mutilação de algum membro, ou açoutes, que é a pena mais commum, mas infinitamente cruel. O instrumento de que para este castigo se servem, são correias de coiro mui grosso, do comprimento do braço, largura de quatro dedos, e espessura de dous; e são cinco ou seis destas correias presas a um cabo de páo. E' com isto que castigam os malfeitos, e batem-lhe tão rijo, que muitas vezes morrem. E' a pena ordinaria para a maior parte dos grandes crimes, como incesto, adulterio, e outros de ruim qualidade. As mulheres apanhadas em adulterio alem da pena sobredita, cortam-lhe os cabellos.

A testemunha falsa, e o que jura falso em juizo é semelhantermente punido, e alem disso condemnado a uma multa pccuniaria, que é applicada aos pobres.

Se uma mulher ou rapariga foi violada, o culpado é punido como adultero, e alem disso condemnado a dotar a mulher ou rapariga.

O ladrão, que furtou alguma cousa de valor, tem a mão decepada.

Em caso de injurias não é assaz desdizel-as; mais ha castigo quando se prova que foram atrozes.

Se alguem crime foi committido contra a religião, é mister fazer publicamente uma especie de penitencia, e abjuração.

Afóra isto tem por cousa certa que não poderão ter entrada no Paraíso, se não pagarem e satisfizerem ao que a justiça tem ordenado.

Para a execução e castigo dos malfeitos não ha ali algoz; são os *Devanitas*, ou meirinhos, que fazem as execuções.

Quanto á pena de morte, ainda que a sua lei a commine por homicidio, todavia os juizes nunca a impoem. Eu, em todo o tempo que estive nas ilhas de Maldiva, nunca vi condemnar ninguém á morte pelos juizes ordinarios; e não ousarão fazel-o, salvo se el-rei lho ordenar expressamente, o que poucas vezes acontece. Antes dizem de ordinario que se não devem assim perder os homens, e que se elles mandassem matar quantos o merecem, ha muito tempo que suas ilhas estariam desertas; e semelhantemente nos outros logares o genero humano passaria todo pela mesma pena, e acabar-se-hia o mundo. Verdade é que o rei enviando os soldados que quer, faz condemnar, e executar á pena de morte os que lho merecem, ou o têm offendido: porque com quanto a justiça esteja entre as mãos dos doutores da lei, que julgam conforme a direito, com tudo é el-rei o unico arbitro e distribuidor della, e só elle tem poder de vida e morte; para elle ha recurso; e manda fazer justiça como lhe apraz, ou seja aos juizes e doutores, ou seja a seus magnatas e officiaes. Em geral elle é absoluto em toda a amplidão dos seus Estados; dispõe de tudo a seu alvedrio, e ás vezes com grande tyrania, principalmente em quanto ao commum do povo, que é mui desprezado, e mui mesquinho. Entre outros mandava elle usar de uma especie particular de castigo naquelles que o haviam enfadado e offendido, e era faze-los deitar de bruços, e agarrar-lhe os quatro membros por quatro pessoas, e depois bater-lhe nas costas com um bastão, ou especie de canna, que lá chamam *Rota*, e vem de Bengala; o que arranca a pelle, e deixa para sempre marca, e ferrete, ficando assim assignalados por ter desaprazido a el-rei.

Tambem observei no que toca á forma de sua justiça que não poem em escriptura os processos e letigios em casos crimes, nem as accusações, nem os depoimentos, nem os julgamentos, e tudo é rapido e summario. O mesmo seguem nos casos civis, salvo quando se trata de bens de

raiz, ou palmares, e quando o Pandiare ou os Naibas dão alguma sentença; porque em tal caso como este expedem cartas de sentença selladas de seu sello com tinta (porque nunca vi usar de lacre entre elles para cerrar e sellar as cartas) e isto para servir de documento aos successores da parte, para que nos tempos vindouros aquelle que ganha a causa, ou seus herdeiros, não possam mais ser inquietados.

CAPITULO XV.

Distincção do povo, da nobreza, dos grandes officios, e dignidades, e sua cathegoria.

No que toca á ordem e distincção de todo o povo segundo suas condições e qualidades, deve notar-se que ha quatro sortes de pessoas. Na primeira se comprehende o rei, que se chama *Rasquan*, e a rainha, que se diz *Renequillaque*, com todos os que são de sua raça, e da dos reis antecedentes; princepes chamados *Calans*; as princezas ou *Camenaz*; e grandes senhores. A segunda ordem é das dignidades, officios, e cargos, que o rei distribue, no que semelhantemente é com todo o escrupulo guardada a gerarchia. A terceira é o corpo da nobreza. A quarta o povo miudo.

Começarei pela terceira, que é o grão, que o nascimento dá a alguns, separando-os do commum do povo; pois as dignidades e officios são casuaes, e procedem da vontade alheia. Ha grande numero de nobres derramados por todas as ilhas. Os que o não são não ousariam assentar-se com elles, nem em sua presença, em quanto o nobre estiver de pé; e se atraz de si presentem vir, ainda que de longe, um nobre, devem parar, e deixal-o passar ávante. E se o não

nobre tiver algum panno ao hombro, ou outra qualquer cousa, deve tiral-a. As mulheres nobres, ainda quando casadas com pessoas de condição inferior, e não nobres, não perdem a sua graduação, e os filhos ficam nobres por rasão da mãe, sem embargo de seu pai ser de baixa condição. Da mesma sorte as mulheres de baixa qualidade casadas com nobres não participam da nobresa dos maridos, e conservam sua antiga condição, sem que por este respeito haja confusão alguma. Mas alem da nobresa, que vem de raça, o rei dá foro de nobre a quem quer; e quando tal caso succede, alem das provisões, que el-rei passa, envia um de seus officiaes, deputado a este mester, fazer a publicação por toda a ilha ao som de uma especie de sino, que é uma lamina de ferro, na qual se bate com um martello.

Quanto ás dignidades, eis aqui ás principaes, e seus grãos. Abaixo do rei estam os principes de seu sangue, e os que descendem dos outros reis seus predecessores, ainda que de raça diversa, porque todos são mui honrados e respeitados. Depois vem os ministros principaes do reino, a saber, o *Quilagué*, que podemos chamar Tenente general del-rei, porque abaixo do rei, e em sua ausencia, é elle o mais poderoso no governo do estado, e sem o seu voto nada se faz. Por essa rasão se o rei quer que se faça ou execute alguma cousa, é elle a primeira pessoa a quem el-rei o encarrega, e a quem dirige as suas ordens. Ha outro ministro chamado *Parenas*, que é de grande auctoridade: outro chamado *Endequery*, cujo officio é estar sempre junto del-rei, e aconselhal-o em todas as occasiões e casos, que se offerecem. Ha alem deste o que tem cargo da marinha, que nós podemos chamar Almirante, e elles chamam *Velannas*. Já atraz disse alguma cousa ácerca delle; e é elle que tem á sua conta os navios que chegam, e as mercadorias que trazem; toma cuidado de aposentar os estrangeiros, e sollicitar em favor delles, e em geral é o vedor de tudo o que diz respeito á marinha, e do que vem por mar. Tem tambem por costume vir aos navios que chegam, ainda que

sejam os mais pequenos barcos, sendo da gente da terra, para lhe tomar o leme, e leval-o aos paços del-rei, para que se não vão embora sem licença. E' assistido de dous quadrilheiros, chamados *Mirraires*, que tomam a rol os navios que chegam, e lhe dão conta delles, cumprindo suas determinações, e as del-rei no que toca ao povo miudo. Estes quadrilheiros são conhecidos porque trazem na mão uma canna grossa de Bengala, que ninguem mais pode trazer. Ha tambem um general de toda a gente de guerra, chamado *Dorimenaz*, que tem um tenente chamado *Acuraz*.

Alem destes ha um Chancellor, chamado *Manpas*, que põe em todas as provisões o sello del-rei, o qual não é outra cousa mais que o seu nome em arabigo, gravado em prata, que molha em tinta, e assenta sobre o papel. O Secretario chama-se *Carans*, o Vêdor da fazenda *Mas bandery*, e os Thesoureiros *Rans bandery*, afora outros varios officiaes menores, que seria escusado nomear miudamente. E' de notar que todos estes officiaes môres sobreditos são muitas vezes chamados a dar conselho a el-rei, quando elle lhe parece, com seis pessoas idosas e experimentadas dentre os mais nobres e mais avisados, a que chamam *Musculis*, isto é, anciãos, de que já fallei, e são nomeados por el-rei. eleitos e apresentados pelos outros grandes para assistirem sempre a el-rei, e aconselhal-o em todas as occasiões, sem ser mister convocar para tudo todos aquelles que são do conselho; em somma para tratar toda a casta de negocios, e estar a toda a hora prestes a cumprir e fazer cumprir a vontade del-rei. São estes mesmos seis anciãos que administram justiça no paço aos que vão queixar-se a el-rei das sentenças dos Naibas, e do Pandiarc. Tambem governam seis companhias de homens d'armas, cada um a sua.

Ha outras muitas dignidades de diversos grãos, que o rei dá aos nobres, a quem favorece, e aos quaes são consignadas certas ilhas por pensão e ordenado, assim como o são a todos os que acima disse, uns mais outros menos, conforme seu grão e qualidade; e po-

• demos comparal-os aos que cá chamamos Condes, Marquezes, Barões, e outros semelhantes. Mas alem das rendas e proventos de certas ilhas consignadas aos officiaes sobre-ditos, el-rei lhes dá ainda arroz para seu provimento (e assim aos soldados, o que lhes serve de soldo), como os tributos e imposições sobre os barcos e navios, que vem fazer veniaga ás ilhas de Maldiva, as quaes imposições el-rei lhes concede para sua sustentação, alem de alguns presentinhos, que lhe faz em certos dias. A maior honra nesta terra é comer o arroz del-rei, e ser do numero de seus officiaes: sem isso um homem é pouco estimado, por mais nobre que seja.

Os homens d'armas são os soldados da guarda real, em numero de seiscentos, divididos em seis companhias, governadas pelos seis *Musculis* ou Anciãos; e mais outras dez grandes companhias pagas, as quaes tem cada uma por capitão um dos maiores senhores do reino. Estas não fazem guarda a el-rei, mas servem-no quando é mister, não somente na qualidade de soldados para marchar ou combater, mas tambem para fazer tudo o mais que elle manda, como lançar um navio ao mar, varal-o em terra, ou outro qualquer serviço pesado, que careça de muita gente, entrando a edificação dos paços reaes, se mister for, ou outra qualquer obra e edificio para el-rei. Convocam esta tropa a seus alardos ao som daquelle sino, que já disse. São divididos em dous partidos, porque ha cinco companhias que são mais honradas, e nas quaes só são admittidos os nobres; e nas outras cinco companhias entra toda a qualidade de pessoas, e são menos presadas; recebendo mais soldo que as outras. Ha muitas ilhas, cujo rendimento é applicado ao pagamento destas companhias. Gozam de muitos privilegios, e entre outros é que ninguem ousaria tocar nestes soldados, e poderem vestir-se d'outro modo que a mais gente, trazer um grosso anel de ouro no dedo para puxar o arco, o que só a elles é permitido; n'uma palavra, serem mais garridos e louções no trajar. De sorte que ha poucas pessoas abastadas que não aspirem a alistar-

se nesta tropa, mas é necessaria licença del-rei. Alem disso custa para entrar nella sessenta larins; vinte a el-rei pela licença, e quarenta para repartir pela companhia onde se entra. Não podem porem entrar nellas os escravos, nem aquelles que por officio colhem o côco, e aproveitam as outras commodidades, que produz o coqueiro; nem tão pouco outra qualquer sorte de gente vil e mecanica; e em geral todos aquelles que não sabem ler nem escrever, ou que servem a outrem. Os officios pela maior parte compram-se a el-rei; são mui procurados dos ricos, por rasão da honra, da auctoridade, e do poder que dão sobre os outros; mas não se podem trespassar, ceder, nem renunciar.

Todos estes insulares não tem mais que um só nome, sem algum sobrenome, ou appellido de familia; e usam frequentemente de nomes taes como estes, *Mahomet, Haly, Hussum, Assan, Ibrahim*, e outros semelhantes; mas para se differencarem uns dos outros accrescentam depois do nome a qualidade de suas pessoas: assim os de raça nobre juntam ao seu nome a palavra *Tucuriu*, que significa a sua qualidade de nobreza, e suas mulheres *Bybis*, alem de pôrem ainda o nome da ilha, que lhes pertence. Os que não são nobres senão por seu officio, ou cargo, se dizem *Callogues*, e suas mulheres e filhas *Camullogues*. Deste nome usam não somente os officiaes, que acima nomeei, e outros que actualmente servem, e recebem ordenado; mas tambem muitos que alcançam del-rei titulos honorarios, para se distinguirem do commum da outra gente, ter uma gradação particular, e ser mais respeitados. Isto porem se compra a el-rei mui caro, porquanto estes nomes e cargos honorarios são em numero limitado, e não se multiplicam infinitamente, a fim de que esta honra, sendo communicada a poucas pessoas, seja mais presada, e não perca facilmente o apreço. O povo baixo é conhecido pelo seu nome especial de *Callo*, e accrescenta-se-lhe o mester, e a condição da pessoa; e suas mulheres e filhas chamam-se *Camulo*.

CAPITULO XVI.

Do palacio del-rei, e sua descripção. Do seu modo de vida, e das rainhas, suas mulheres.

Tratarei agora do palacio del-rei, e da sua descripção. Já atraz disse muitas vezes que el-rei faz a sua ordinaria residencia na Rha de Malé, que por esse respeito é a capital de todas, e onde está o palacio del-rei, o qual é construido de pedra, composto de muitos aposentos mui acciados e bem fabricados, mas sem grandes ornamentos de architectura, e de um só andar. Ao redor ha vergeis e jardins, com fontes, e reservatorios de aguas cercados de muros, e no fundo lagueados de pedras bem polidas. Estes logares são guardados continuamente por homens a isso ordenados, pois ali se banha el-rei e as rainhas, e é rigorosamente defeso a outra qualquer pessoa banhar-se nos mesmos logares.

No recinto do palacio, que em sua lingua se chama *Gandoyre*, e é de grande extensão, ha muitos aposentos, e outros tantos pateos no meio de cada um dos quaes ha um poço guarnecido de bellas pedras brancas. N'um destes pateos ha dous armazens del-rei, um onde se guarda a artilheria, e n'outro toda a outra sorte de armas.

A entrada do palacio ha um corpo de guarda, onde se vêm algumas bombardas, e muitas especies de armas. O portal tem feitio de torre quadrada, no alto da qual nos dias festivos os tangedores de instrumentos tigem e cantam, como já disse.

Dalli entra-se n'uma primeira sala, onde estam os soldados; mais adiante ha outra grande sala para os seuh-

res, fidalgos, e pessoas de qualidade. E ninguem, ou seja grande senhor, fidalgo, ou do povo baixo, homem ou rapaz, mulher ou rapariga, será ousado de passar para dentro desta sala, salvo os officiaes da casa del-rei e das rainhas, seus escravos, e servidores. O modo como estas salas são ornadas é este. O pavimento é levantado tres pés do terreno, e assoalhado de madeira mui bem unida, e polida. A razão de ser assim levantado o pavimento é para atalhar a invasão das formigas; e assim se faz em todas as casas do paiz; posto que no palacio del-rei é onde isto está melhor aparelhado. O soalho é alem disso coberto de uma esteira fina, que se faz nestas ilhas, matisada de diversas cores, com firmas, e outros feitios mui bonitos, e muito para ver. As paredes são forradas de tapeçaria de seda. O tecto é igualmente forrado de seda, de que pendem ao redor bellas franjas como de cortinas. O rei havia mandado estender no tecto da sala dos soldados e dos estrangeiros a bandeira grande do nosso navio, que era azul, e tinha as armas de França em ouro mui bem feitas. Elle presava muito esta peça, e a mostrava por excellencia aos estrangeiros, e muitas vezes me fazia explicar a significação daquellas armas, ao que eu satisfazia não sem fazer admirar o poderio de nosso rei. Nestas salas, no lugar onde el-rei se assenta, ha uma outra especie de tecto, ou como dozel ainda mais rico, debaixo da qual ha um lugar largo, e levantado em altura de dous pés, coberto de uma grande alcatifa, sobre a qual el-rei se assenta com as pernas crusadas; e não usam naquellas terras outros assentos.

Da mesma sorte por toda a sala sobre as esteiras se assentam os magnatas, que vem fazer corte. Na ordem dos assentos observam exactamente a das dignidades; porque os que são de mais baixa esphera ficam de pé, se el-rei, ou os mais graduados que alli se acham em sua ausencia, os não mandam assentar. Os logares mais proximos daquelle onde el-rei se assenta, são os mais honrados, e assim a proporção. Os fidalgos da ilha de Malé, e os outros corte-

sãos ordinarios, que são teúdos de vir saudar el-rei todos os dias depois do meio dia, ficam, e sentam-se nesta segunda sala, e não podem passar mais avante; o alli se entretem a conversar uns com os outros á espera que el-rei sáia; ou que chegue algum official da casa, pelo qual mandem recado a el-rei de como são vindos para o saudar, ou do que pedem e pretendem d'elle. Este é o modo de fazer a corte neste paiz.

As vezes em quanto alli estam assentados lhe envia el-rei pratos cheios de belle e fructas, o que elles tem por grande honra e mercê. De oito em oito, ou de quinze em quinze dias, quando a el-rei apraz, vem sentar-se nesta sala, para os ouvir praticar, e aconselhar-se com elles sobre os negocios do estado, ou outras cousas. A fidalguia das outras illas, e ha nellas muita, vem muitas vezes á corte, e observam as mesmas cousas que os da ilha de Malé, e os mais cortezaos ordinarios; mas cada vez que vem de novo sempre trazem presentes; porque ninguem é admittido a saudar el-rei, seja nobre ou mercador, que lhe não traga algum presente. Ha até senhores, que tem ilhas del-rei, e que lhe pagam por isso tributo. Por esto offerecer de presentes sabe logo qualquer pessoa se está na graça del-rei ou não; porque se el-rei manda receber o presente, certo está de ser bem-quisto; mas se o não recebe, ou se não diz palavra alguma a quem lhe vem annunciar a chegada e o recado da tal pessoa, é signal mui certo de estar fóra da graça. Quando el-rei recebe estrangeiros é na sala grande e primeira, onde estam as guardas.

As camaras e aposentos interiores del-rei são tambem bem ornados, e forrados de sedas, larradas de flores, e ramagem de ouro, e de diversas cores; o que deslumbra a vista, assim pela riqueza do ouro e cores, como pela belleza da obra. Estas tapeçarias vem pela maior parte da China, de Bengala, de Masulipatão, e de S. Thomé, e outras se fabricam mesmo nas ilhas de Maldiva. O povo usa de tapeçarias de algodão, que são compostas de peças de

panno de algodão de todas as cores, que elles matisam diversamente umas com as outras, e lhe fazem alem disso feitiços e figuras com costuras, e outros pannos cosidos. Vem tambem de Bengala um modo de tapeçaria de panno pintado, e de cores variegadas, que é mui bonita, e lhe chamam *Iader*.

As camas são suspensas no ar por quatro cordas a uma travessa sustida por dous pilares. Os colchões e roupa da cama são de algodão e de seda, e tudo coberto de preciosas cortinas de seda, e pannos de ouro. Armam-se assim as camas do rei, dos grandes, e ricos, porque mais facilmente se fazem balançar. Tem mesmo por costume, quando estão deitados, de fazer apalpar, e coçar o corpo por seus domesticos, e esfregal-o levemente, e bater pequenas pancadas com as duas mãos juntas, dizendo que isto aproveita muito ao seu mal do lombo, e lhe faz cessar a dor. Dizem tambem que isto os faz adormecer mais depressa, e desfaz a impressão da dor da parte onde se bateo e esfregou. O commum dos domesticos do rei dorme em colchões de algodão assentes sobre taboas suspensas em quatro pilares de quatro pés de altura.

O vestuario ordinario do rei, que então era, consistia n'um roupão de algodão, mui alvo e fino, ou para melhor dizer n'um saio que chegava á cintura, ou um pouco mais abaixo, com bordas brancas e azues, fechado por diante, com botões de ouro macisso. Com este saio trazia um panno de tafetá com bordas vermelhas, que o cobria desde a cintura até aos artelhos. Este panno era cingido de um cinto de seda vermelha, comprido e largo, com franjas de ouro, e de uma grossa cadeia de ouro, que prendia adiante n'uma grande chapa, mais larga que uma mão, cravada de pedras as mais exquisitas que se podia ver. Trazia tambem um punhal ao modo da terra, mas que era ricamente obrado. Na cabeça punha uma pequena gorra de escarlata vermelha, que é mui presada neste paiz, e só o rei pode usar. Esta gorra era toda agaloadada de ouro, e no alto tinha um gran-

de botão de ouro com alguma pedra preciosa, que significa distinctivo real; e em volta da gorra um turbante de seda vermelha, como a do cinto.

Posto que os maiores senhores, como já disse, e os soldados gostem de trazer os cabellos crescidos, com tudo este rei fazia rapar a cabeça todas as semanas. Andava sempre de pernas nuas, como a outra gente, e só trazia nos pés chinellas de couro dourado, que vem da Arabia, e tem o feitio de sandalhas; calçado, de que ninguém do seu reino, de qualquer qualidade e condição que fosse, ousaria servir-se, salvo as rainhas, e princezas suas parentas. Os príncipes podem sim usar este mesmo calçado, e obtem para isso facilmente licença, mas não querem usal-o, e servem-se de outra especie de sandalhas de páo, e só no interior da casa, deixando ao rei este signal e distinctivo para se differenciar delles, sem embargo de ter outro com que é assaz conhecido. Porque quando são levam-lhe um grande guarda-sol, ou sombreiro branco, que é o principal distinctivo de sua magestade, e não é permittido a outra alguma pessoa, quem quer que seja, excepto aos estrangeiros, que já disse terem o privilegio de se vestirem e usarem de tudo quanto querem. Anda sempre junto d'el-rei um pagem com um abano, outro que lhe leva a espada nua, e uma rodella, outro com uma boceta cheia de betle e areca, que elle vai tomando continuamente. Um doutor da lei o acompanha igualmente, e o não perde de vista, lendo em um livro, e fazendo-lhe pratica sobre a doutrina da sua religião.

A' mesa, onde elle come só, é servido pelos principaes de sua casa na mesma forma que já acima confei dos particulares só com a differença que ha nos servidores mais cuidado, mais acatamento, e reverencia. A sua baixella não é de ouro nem de prata, porque a sua lei lho defende; mas de porcellana, ou de outra qualidade de louça que vem da China; ou ainda de cobre, que elles lavram e fabricam acciadamente nas ilhas de Maldiva; e bocetas de páo envernizado e lacreado.

O seu exercício e recreação ordinaria não era sair muitas vezes, e ir á pesca, como faziam, segundo ouvi á gente da terça, os reis seus predecessores; mas estar a maior parte do tempo encerrado em seu palacio a praticar com as rainhas, receber seus cortesões, e ver trabalhar muitos o-breiros e artifices, assim como pintores, ourives, bordadores, cutileiros, fabricantes de contas, torneiros, marcencios, armeiros, e outras diversas sortes de mesteres, que todos tinha em seu palacio, e lhes ministrava material para trabalharem, pagando-lhe a sua obra e trabalho á proporção que lho davam mais perfeito; o que tudo elle examinava curiosamente em differentes logares de seu palacio; e fazia ás vezes presentes aos que lho mereciam. Esta occupação era muito de seu gosto, e nella passava bastante tempo. Elle proprio tambem trabalhava, e dizia ordinariamente que era peccado estar sem fazer cousa alguma. Tinha um espirito prompto e vivo, sabia muitas cousas, e trabalhava em diversos mesteres e obras. Por cima de tudo era extremamente curioso de aprender sempre. Pesquisava onde havia quem fosse excellente em alguma coisa; e se encontrava algum estrangeiro, que soubesse o que nem elle nem a gente das suas ilhas sabia, fazia-lhe muito agasalho, afim de que elle lhe descobrisse a sua arte.

Quando sae de seu palacio é acompanhado de seus soldados, dos quaes entram de guarda cada dia cem. Na sexta-feira quando vai á mesquita é com mui boa ordem, e com pompa, como já acima tocámos, porque os soldados vão formados, parte adiante, e parte apoz elle; os officiaes ordinarios de sua casa igualmente com os outros ministros de sua corte; e outrosim os tambores, flautas, trombetas, e outros instrumentos tangeu com uma harmonia assaz agradável. Acabada a festa religiosa volta ao paco na mesma ordem; os soldados marcham ao som dos instrumentos, brincando e saltando a diante del-rei, com suas armas; atirando golpes de espada sobre as rodellas dos outrós, no que mostram sua destresa; não todos jun-

tamente para evitar confusão, mas dous de cada vez, e assim se vão reveesando sem cessar. O povo da ilha, que assistio á festa, o acompanha tambem, e seria vergonhoso deixar alguem de o acompanhar. Quando o rei é chegado a seu palacio, convida para jantar ao Pandiare, Naibas, Catibas, e Mudins, e tambem aos principaes senhores, fidalgos, e soldados, que elle escolhe diversamente; e depois de jantar occupava-se em administrar justiça.

Sabia sempre a pé (porque em todas estas ilhas não ha cavallos, nem outras cavalgaduras), a não ser que fosse levado n'uma cadeira ás costas de seus escravos, mas isto raras vezes ou quasi nunca acontecia, porque sendo elle forte e bem disposto, folgava mais de ir a pé. Accresce que a ilha é pequena, e de pouca extensão.

Na ilha de Malé, e ainda menos nas outras, não ha calçadas nas ruas e caminhos; e por isso os moradores são obrigados a trazel-as lumbas, e impedir que a erva cresça, principalmente em occasião de festas, e quando tem noticia que el-rei e as rainhas hão de sair e andar pela ilha; e nisto são mui diligentes. Quando, el-rei vai pela rua, o povo deixa despejado um dos lados, e retira-se todo para o outro, de sorte que não fique pessoa alguma da banda d'onde passa el-rei, porque este nunca passa, nem se põe entre duas pessoas, e ha toda a cautella em lhe não tocar. Os grandes senhores usam o mesmo estilo em suas terras a respeito de seus inferiores.

E' tambem cousa para notar que quando se falla a el-rei, ou ás rainhas, ou a seus filhos e princepes do sangue real, ou ainda quando delles se falla a outras pessoas, e do que elles fazem, é em outros termos, que só servein para este caso particular, e que ninguem ousaria applicar a outras pessoas: como por exemplo, se se diz de um homem que dorme, fallando del-rei, dir-se-ha que passa pelo somno, ou repousa.

As mulheres del-rei são vestidas do mesmo modo que atraz disse das grandes damas, só com a differença que a-

quellas andam mais cobertas de ouro, perolas, pedras preciosas, e riquezas nos brincos das orelhas, nas cadeias de ouro, nos alfogadores do pescoço, nos braceletes e argolas nos braços e nas pernas. As damas, mulheres e filhas dos grandes senhores da ilha, são teúdas de as vir visitar de tarde, passar algum tempo com ellas, e trazer-lhe presentes.

As vezes posto que seja raro, as rainhas saem fora, e então ha mulheres e escravas que vão muito adiante advertir os homens para que se desviem, e não appareçam no caminho, mas somente as mulheres. E de feito as mulheres se congregam por seus bairros e districtos, e lhe saem ao encontro com pequenos presentes como flores e fructas. Ha quatro mulheres principaes que levam por cima da cabeça das rainhas umas cortinas de seda, que arrastam pelo chão, de sorte que não podem ser vistas.

Quando estam gravidas saem tambem para ir banhar-se ao mar, como fazem as outras mulheres, porque é costume do paiz, e tem que é cousa mui saudavel. Para este effeito arma-se no mar una pequena camara formada de estacas e vigas, que se cobrem de panno em todo o seu circuito, e ali as rainhas e as damas da mais alta nobreza se banham á sua satisfação; depois vem para a praia para outra casinha tambem feita expressamente a este intento, na qual novamente se banham em outro banho de agua doce bem preparado.

Nas camaras das rainhas, princezas, e grandes damas não se vê luz do dia, e não, ha outra claridade alem da de alampadas, que ali estam continuamente accesas. Recolhem-se em um lugar da camara, onde ficam encerradas por meio de quatro ou cinco ordens de cortinas, que é mister levantar antes de se chegar ao lugar onde ellas estam: mas não ha homem nem mulher, domestico ou estranho, em fim pessoa alguma que seja, que ousasse levantar a ultima, ainda mesmo que a rainha não esteja deitada, ou que não seja em occasião de sua comida, n'uma palavra ainda que ella esteja sem fazer cousa alguma. O estilo é tossir, e

dizer quem é, e então ellas ou mandam entrar, ou despedem, como lhes parece. Escapava-me dizer que todas as mulheres e donzellas quando se deitam, só tiram o roupão exterior, e ficam com os pannos cingidos, mas são pannos destinados para dormir. Os homens fazem outro tanto, e é cousa que se não dispensa.

CAPITULO XVII.

Das rendas del-rei; da moeda; do trato e commercio das ilhas de Maldiva; e das fazendas, que se exportam, e importam.

As rendas del-rei consistem no seu patrimonio, no qual entram muitas ilhas, de que elle tem feito doação a alguns senhores; e alem disso nas imposições, que seus vassallos lhe pagam dos fructos, que se criam no paiz, a saber, a quinta parte das searas. No que toca aos côcos e limões paga-se a el-rei tambem uma certa parte, mas faz-se com elle composição dando-se-lhe certa quantidade de mel, ou do fructo cada anno. Alem destes direitos el-rei impõe a seus vassallos uma capitação ordinaria segundo as suas posses, a qual consiste em cordas de cairo, nos busios chamados *Boly*, de que já fallei, e em peixe secco nas ilhas onde este mais abunda, e onde a pesca é melhor. Não se pagam a dinheiro as imposições e tributos senão quando se compram os cargos e officios, ou quando se tira licença para usar louçainhas. Por isso el-rei encarrega os moradores das ilhas de lhe fabricarem e fazerem entrega de uns tantos pannos de algodão por anno, e elle

dá o algodão em rama; e estas reupas servem para os soldados, aos quaes se distribuem tres vezes por anno alem do seu soldo. O rendimento del-rei consiste tambem em mercancia. Porque todos os navios, que alli aportam, lhe fazem a elle primeiro que a qualquer outro declaração da fazenda que trazem, e elle se concerta com elles por um certo preço sobre o que della quer tomar, que é de ordinario a melhor parte; e depois disto é que o povo compra o que sóbra por um preço taxado, e maior que aquelle por que o rei comprou; e este pela sua parte manda distribuir a fazenda pelas ilhas aos mais ricos pelo preço que quer, ainda que elles a não hajam mister, tomando delles em troca a fazenda, que mais lhe convem, por metade do seu justo preço. Tambem não poucas vezes envia navios aos paizes estrangeiros, carregados de fazenda da sua ilha. Donde não se pode dizer ao certo qual seja, o seu rendimento, porque consiste em cousas incertas, que umas vezes rendem mais, outras menos; e ainda ás vezes trazem damno, principalmente quando os navios se perdem, ou não vão a um porto de bom trato.

Alem destes rendimentos tem el-rei certos direitos, que lhe pertencem, como tudo o que o mar lança á terra; e não ha ninguem que ousasse reter para si alguma coisa destas, mas ha obrigação, de as apanhar e levar-lhas; ou seja objecto pertencente a navio, que haja dado á costa, madeiras, cofres, e qualquer outra coisa fortuita; ou seja o ambar cinzento, que elles chamam *Gomen*, e sendo preparado *Meupare*, de que naquellas ilhas apparece maior copia que em qualquer outra parte das Indias orientaes; e pertence a el-rei, sob pena de que o tomal-o outrem para si é caso de mão cortada. O mesmo se segue com um certo fructo, que o mar lança ás vezes á praia, que é do tamanho da cabeça de um homem, e se pode comparar a dois grandes melões juntos. Chamam-lhe *Tauarcarre*, e hão que é produsido por algumas arvores, que ha no fundo do mar. Os Portuguezes lhe chamam côcos de Madiva; e

é cousa mui medicinal, e de grande preço (a). Muitas vezes por occasião deste Tauarcarré, ou ainda do ambar cinzento, e preto, que tambem alli se acha, os homens e officiaes del-rei maltratam a gente mesquinha por suspeitas de que tenham apanhado aquellas cousas. E até quando se quer fazer uma desfeita a alguém, imputa-se-lhe, ou accusam-no disso, como cá se faz com a moeda falsa, afim de lhe darem busca á casa: e quando alguma pessoa se faz rica de repente ou em pouco tempo, diz-se communmente que achou Tauarcarre, ou ambar, como se fosse um thesouro. Tambem se pesca coral preto em quantidade, que pertence ao rei, o qual traz muitos homens pagos para fazerem esta pesca.

Neste reino não ha moeda senão de prata, e de uma só especie. São pedaços de prata, a que chamam *Larins*, do valor de oito soldos pouco mais ou menos da nossa moeda (franceza), como já disse; do comprimento de um dedo, mas dobradas. El-rei a manda bater na sua ilha, e faz cunhar nella o seu nome em letras arabigas. As outras moedas que alli correm são estrangeiras, mas não correm senão por seu justo valor e peso, e só as de ouro ou prata. Toda a outra qualidade de moeda, que não é de ouro ou prata, não é aceita. E de feito na India, e regiões vizinhas, onde ha muitos reinos e senhorios, ha tambem grande diversidade de moeda no cunho e leitreiro, não somente de ouro ou prata, mas tambem de outro metal chamado *Calaim*, que é branco como estapho, mas mais duro, mais puro, e mais bello, e que é muito presado nas Indias. Tam-

(a) Este fructo é de uma parte convexo, e da outra quasi chato, oblongo, e um pouco agudo nas extremidades. A casca é de cor escura, e tem um miolo, parecido com o do côco ordinario, mas mais secco, mais duro, e mais insipido. Apparece tambem fluctuante no mar junto das costas de Arabia e Africa, e nas illhas de Laccadiva. Da casca fazem tacas para beber, que são usadas pelos Indios de Fatos. O miolo é applicado pelos curandeiros indianos no typho, e outras febres. —Veja-se — *A Dictionary of Commercial Terms, by Alexander Faulkner*. Bombay 1836. Art. *Sea Cocoonut*.

bem se hâte moeda de ferro; mas esta especie de moeda não corre senão nas terras do principe, que a manda bater; de sorte que neste particular ha grande variedade por causa da multidão dos senhorios. Por esta razão os Portuguezes de Goa batem moeda de calaim, ou de ferro, que para nada serviria em Portugal, nem tão pouco na cidade de Cochim, que é também delles na India, e não dista muito de Goa, por quanto fazem abi correr semelhantemente certa moeda particular.

Mas o ouro, ou a prata de qualquer cunho e letreiro que seja, corre em todos os reinos segundo o seu justo valor; é porem mui differente da nossa, porque lá a prata é mui estimada, e muito mais cara, e por maior preço que entre nós; e o ouro por mais baixo preço. Os reales de Hespanha são lá mui estimados, e a sua prata passa por muito boa. Mas tornando ás ilhas de Maldiva, o rei não manda bater senão larins, e não se fazem ali outras moedas de menor valor; de sorte que para o menceio de seu negocio, cortam a prata, e a dão a peso segundo o valor da mercadoria, que compram; o que todavia se não faz sem perda, porque cortando o larim, perde-se a duodecima parte. Não acceitam moeda alguma de prata sem a pesarem e meterem no fogo, para lhe experimentar a bondade; e todos tem em sua casa pesos para este effeito. Donde em vez de moeda miuda de cobre usam daquelles busios, de que já atraz toquei alguma cousa, e de que logo adiante tratarei, e valem cada doze mil um larim. Todo o ouro, e prata vai de fóra, porque não ha minas nestas ilhas. Em todos os mercados publicos, e em seu trato particular usam muitas vezes trocar uma cousa pela outra.

O commercio é grande nas ilhas de Maldiva, e são mui frequentadas pelo trato mercantil. De toda a parte alli vão mercadores, como Malabares de Barcelor, Onor, Fangalor, Cananor, Calecut, Tanor, Cochim, Coulão, Chalé; Guzerates de Cambaia, Surrate, e Chaul; Arabios; Persas; e de Bengala, S. Thomé, Masulipatão; e de Ceilão, e Sumatra; os

quaes todos levam fazendas, que ahí são estimadas, e se não mister, e em recompensa extrahem as de que as ilhas de Maldiva abundam. Entre estas tem o primeiro lugar os productos do coqueiro, arvore que se dá naturalmente nestas ilhas sem ser cultivada, e de que se fazem muitas cousas, que os estrangeiros buscam, taes como cordas para o apparelho de todos os navios da India; o côco, que he o seu fructo, e se transporta em tanta quantidade para as costas da Arabia e Malabar, e para toda a India, que se carregam dalli todos os annos mais de cem navios. Exporta-se tambem oleo e mel da mesma arvore, e um tecido de suas folhas, que serve para fazer velas de embarcações. Mas o mais grosso trato é o das cordas de cairo, ou filamentos do côco.

Ha outra especie de riqueza nas ilhas de Maldiva, e são certos busios pequenos, em que ha um bichinho, e são da grossura da ponta do dedo, todos brancos, mui polidos e resplandecentes; que se não pescam senão duas vezes cada mez, a saber, tres dias antes, e tres depois da lua nova, e semelhantemente na lua cheia; e não se achará um só fóra desta occasião. As mulheres é quem os apanha na areia, e nos baixos do mar, com agna até á cintura. Chamam a estes busios *Boly*, e transportam-se em espantosa quantidade, de sorte que vi carregar por anno trinta ou quarenta navios inteiros sem outra carga alguma. Tudo isto vai a Bengala, porque é alli somente que se extrahem por bom preço e em quantidade. A gente de Bengala faz destes busios grande estimação, e usam delles como moeda commum, posto que lá tenham ouro e prata, e abastança de outros metaes: e o que é maior maravilha é que os reis e grandes senhores mandam construir de proposito lugar accomodado para encelleirar estes busios, e os não como parte de seus thesouros. Todos os mercadores das outras partes da India levam ordinariamente porção para enviar a Bengala, onde tem continuadamente este trato; e não se acha este busio em outra parte senão nas ilhas de Maldiva,

onde tambem tem estimação, e correm igualmente por moeda miuda, como já disse. (a). Quando eu cheguei á ilha de Malé pela primeira vez estava surto no porto um navio de Cochim, cidade dos Portuguezes; era o navio de porte de quatrocentas tonelladas; o capitão e mercadores eram mestiços, a mais gente indios convertidos, todos vestidos á portugueza; e vinham alli só para carregar deste busio, e leval-o a Bengala. Davam vinte medidas (*coquetées*) de arroz por um fardo de busio; porque todos estes Bolys são mettidos em fardos, cada um dos quaes leva doze mil; e são uma especie de ceiras feitas de folha de coqueiro em rede aberta, e forradas por dentro de panno tecido dos fios do mesmo coqueiro, para que os busios não saltem para fora. Estes fardos de doze mil busios correm como saccos de dinheiro, que entre os mercadores se dão por contados; não assim entre outras pessoas; e são tão destros em os contar, que n'um improvisado dão contados por miudo os busios de um fardo. Tambem em Cambaia, e por toda a India engastam os mais bonitos destes busios em varios trastes, como se faz a certas peças de marmore, ou a pedras finas.

As ilhas de Maldiva são tambem mui abundantes de peixe de todas as qualidades, como já atraz disse. A pesca ahi é tão rica, que não somente aquella gente tira para viver á farta; mas ainda vendem grande quantidade de peixe cosido e secco aos estrangeiros; e é mui procurado, porque em toda a parte da India esta mercadoria é estimada, mórmente em Sumatra, para onde vão navios carregados.

Tambem tem muita estimação nas Indias as conchas de tartaruga, que elles chamam *Gambé*, e se apanham nas ilhas

(a) O *Caurim* (que é o nome mais commum deste busio) não só se apanha nas ilhas de Maldiva; e tambem muito abundante, e se exporta da Africa oriental. Corre por moeda em muitas regiões da Africa occidental, e nas mais orientaes da India, como Bengala, Indo-China &c.—Veja-se atraz a pag. 70.

de Maldiva, onde se faz dellas grande trato. E' uma especie de tartaruga pouco commum, que só se acha alli, e nas Philippinas. E' bella, mui pelida, toda negra, e com muitas figuras naturaes. O maior consumo que tem é em Cambaia, onde desta materia se fabricam alem de braceletes de mulheres, mui bellos cofres, e caixas ornadas de prata.

A gente das ilhas de Maldiva faz igualmente grande commercio de esteiras de junco mui liso, de lindos feitios e diversos matizes, e as enfeitam de ornatos e firmas com tanta perfeição, que não ha nada mais lindo. Todos os Portuguezes e Indianos as presam muito, de sorte que se faz dellas grande trato; e bem assim de roupas de algodão e seda, a qual entra crua, e elles fabricam em pannos, não brancos, mas com labores e figuras, e somente em pequenas peças do tamanho de braça e meia, proprias para cobertas, e outras para vestuario das mulheres, e tambem para turbantes; o que tudo fazem mui linda e delicadamente. Assim as ilhas de Maldiva são frequentadas de gente de toda a parte por rasão da mercancia, por haver nelas tantas cousas, que os estrangeiros presam, e procuram: Em troco de tudo isto trazem-lhe tudo quanto estes insulares precisam de fora, como arroz, roupas brancas de algodão, seda e algodão em rama, oleo feito de uma certa semente cheirosa, que só serve para esfregar o corpo depois do banho; areca para mascar com betle, ferro, e aço, especiarias, porcellana; em somma, as cousas que elles não tem; e tudo isto se dá alli a preço moderado, por causa da abundancia, e da chegada continua dos navios. Tambem alli se importa ouro e prata, que uma vez entrados não tornam a sair, e os não dão aos estrangeiros por pouco que seja, mas os enthesouram, ou poem nas joias de suas mulheres.

CAPITULO XVIII.

Da curiosidade del-rei das ilhas de Maldiva ; de sua genealogia ; da mudança de estado destas ilhas ; das mulheres del-rei ; e de outras cousas, que aconteceram nesta terra.

Assaz tenho fallado das ilhas de Maldiva em geral ; por isso agora passarei ao particular , e fallarei do rei destas ilhas, de sua genealogia, de suas mulheres , de seus costumes, e de diversas cousas acontecidas em seu tempo. Este rei me interrogava muitas vezes ácerca del-rei de França, de sua idade, seu modo de vida, suas guerras, armas, navios, canhões, e outras cousas ; e se estes dous navios, em que nós tínhamos vindo, eram d'elle : ao que tudo eu lhe respondia com a maior miudesa que podia. Entre outras cousas lhe disse que se o nosso rei houvesse de enviar navios ás Indias, não se limitaria a enviar dous ou tres somente, mas dusesentos ou tresentos ; do que elle ficou maravilhado (a). Perguntou-me se os Francezes eram aquelles *Franki*, ou *Franqui*, tão fallados nas Indias (b); ao que eu a principio lhe não pude responder precisamente ; mas depois soube que este nome de *Franki* significa todos os povos occidentaes de cá, como Francezes, Italianos, Hespanhoes, e outros europeós, mas principalmente os Francezes, que outr'ora por suas grandes conquistas nas guerras santas do oriente, onde elles tomaram a melhor parte, tem deixado nas Indias este nome, que depois se fez commun a todos os outros.

(a) E parece-nos que tinha razão.

(b) Veja-se a pag. 158.

Perguntava-me o mesmo rei muitas outras cousas, e entre ellas pela corte do nosso rei; e eu lhe respondia o melhor que me era possível; e assim a nossa pratica pela maior parte do tempo era sobre a grandeza del-rei de França, e de seus estados, com que elle folgava muito, e era contente. Por outra parte as rainhas, princezas, e outras damas se informavam das rainhas e princezas de cá, e de quantas mulheres tinha o nosso rei; e muito se espantavam de que sendo elle tão grande e tão poderoso, não tivesse mais que uma: mas principalmente me faziam perguntas acerca do amor das nossas damas, e de modo que nisso tinham; pois não desejavam fallar nem ouvir outras praticas, senão de amores. Era para ellas grande admiração quando lhes eu dizia que em nossas terras não tinham as mulheres outro amante alem de seus maridos. Haviamr tambem por cousa muito estranha beijar as mulheres saudando-as em publico, e a grande liberdade que lhe eu dizia que as mulheres cá tinham, o que ellas ouviam e estimavam muito, porque ellas estam sempre encerradas. Muitas outras perguntas me faziam acerca do amor, e das mulheres, e do seu trato com os homens.

Isto me fazia bem quisto no paço del-rei, onde eu fa muitas vezes dar razão de diversas cousas, que me perguntavam. O rei folgava particularmente de saber qual era a forma e o uso de nossos navios. Admirava-se muito quando lhe eu dizia que a tinta de escarlata se fazia com ourina de homem, que não bebia senão vinho, de sorte que tirou um turbante de escarlata, que usava, e não quiz mais servir-se delle por essa causa. Haviam-se achado no nosso navio escovas de sedas de porco; mas quando elle soube o que isso era, mandou logo queimar tudo fóra do palacio, pesando-lhe muito de se ter servido destes trastes, e ainda de lhe haver tocado. Queria tambem mandar queimar algumas caixas e bahús cobertos de pelle de lobo marino, pensando que era pelle de porco. Era desejo de saber tudo, e o para que serviam todas as cousas.

Admirava muito o modo de fazer o pergaminho e papel; e sobre tudo era curioso de saber o uso de nossa navegação, e mandava muitas vezes trazer cartas e instrumentos de marinha, de que eu fazia explicação a seus pilotos. Em fim elle mal podia crer quanto lhe eu dizia da nossa França e do nosso rei, de que elle não tinha nunca de antes ouvido fallar.

Mas tratando agora da genealogia deste rei das ilhas de Maldiva, direi as informações que lá colhi, e como elle e os seus haviam sido elevados á dignidade real. Seu pai tinha sido Catiba em uma ilha. E o caso é este. Ha cousa de cincoenta annos o rei destas ilhas, que era de mui boa e antiga linhagem, vendo-se mal obedecido, e tendo um competidor, que o queria desapossar do reino, ou (como eu mais creio) sendo inspirado de Deos, tomou a resolução de deixar tudo, porque não podia resistir a seus contrarios, e secretamente se foi com sua mulher e alguns dos seus, sem dizer porque, nem onde ia, e se encaminhou a Cochim, onde se fez christão com a dita sua mulher, e alguns de sua comitiva, despedindo os outros que não quizeram ser baptisados. Pelo que o seu competidor, que era seu proximo parente, foi logo levantado por rei. Chamava-se este *Haly*, e o outro *Assan*. O nome ordinario é *Rascan*, que quer dizer *Rei*, mas quando se assignam accrescentam sempre o appellido de *Sultão*, como fazem todos os reis mahometanos. Dizem alli que só ha cinco reis de sua religião, que tenham este prerogativa de se appellidarem *Sultão*, que quer dizer Soberano, a saber, o Turco, o Persa, o Mogor, o rei das ilhas de Maldiva, e o rei do Achem ou Sumatra.

Tendo-se pois este rei feito christão em Cochim, escreveu a todos os seus vassallos para se fazerem igualmente christãos, e lhe pagarem o tributo costumado, senão que elle lá iria com uma grande armada de Portuguezes, como estes lhe haviam prometido. O novo rei, e os povos das ilhas de Maldiva lhe deram em resposta que elles o não

reconheciam, e que se alguma cousa lhe era devida, a fosse lá buscar. Que se folgava de ser christão, se deixasse estar, onde estava; mas que elles de sua parte mais depressa morreriam que mudar a sua religião. Elle vendo isto, pediu soccorro ao Vice-Rei da India em Goa, o qual lho prometteo, mas com clausula de não ir elle rei em pessoa, receiando que se congraçasse com o seu povo, e armasse alguma traição aos Portuguezes. A armada portugueza foi com effeito, mas nada poudo fazer, e perdeu uma galé com outros tres navios, e bom numero de gente, o que os forçou a recolherem-se. No anno seguinte tornaram os Portuguezes com outra armada mais possante, e melhores pilotos; e o novo rei lhe safo briosamente ao encontro, posto que se julgasse perdido. Elle poderia sim ter-se posto a salvo, mas mais quiz morrer pelejando, que fugir vergonhosamente. Foi pois vencido e morto, e os Portuguezes ficaram senhores da ilha do Malé, onde fizeram uma fortaleza, e dalli foram tomar posse de todas as outras ilhas, onde degollaram muita gente. Depois disto congregaram todos os principaes destas ilhas, aos quaes declararam que elles desejavam mantel-os em paz, e que não queriam molestal-os em cousa alguma, nem fazer-lhe mudar a sua religião; mas só que lhe pagassem os direitos reaes. O que sendo concedido, deixaram uma pessoa principal destas ilhas para os governar, e residir sempre na ilha de Malé junto do Capitão Portuguez, com condição que a todos os conselhos seriam chamados assim os principaes Portuguezes, como os das ditas ilhas; e que todo o trato mercantil seria para os Portuguezes somente (a).

(a) Estas acções, e outras dos Portuguezes nas ilhas de Maldiva, e bem assim a historia da familia deste rei christão, que por mais de um seculo se continuou em Cochim e Goa, até de todo se extinguir, são ommissas, ou leve, e inexactamente tratadas pelos nossos Chronistas da India, incluindo o proprio Diogo do Couto, aliás testemunha e contemporaneo da maior parte destes successos. Merecem pois toda a estimação as noticias, que Pyrard nos dá neste particular.

E como por diligencia nossa temos descoberto varios documentos,

Ouvi dizer a estes insulares que nunca houve maior me-
neio de commercio, nem se grangeou melhor a vida nestas
ilhas, do que no tempo, em que os Portuguezes domina-
vam nellas. Aquelle que por mão dos Portuguezes foi ahi
posto como Regedor do reino era um senhor natural des-
tas ilhas, e da sua lei, mas tudo ahi se fazia em nome
do rei christão, que estava em terra de Portuguezes. A-
quelle senhor era avô da mulher do rei, que em meu tempo
governava. Os Portuguezes dominaram assim pacificamen-
te nestas ilhas por espaço de dez annos, durante os quaes
o pai d'este dito rei, e um seu irmão, ambos Catibas, cada
um de sua ilha, mas pessoas nobres, não quizeram nunca
sujeitar-se ao jugo dos Portuguezes, nem tão pouco obe-
decer ao Regedor posto de sua mão; antes pelo contrario
se rebellaram, e fizeram união de homens e galés para fazer
guerra a uns e outros, retirando-se ao Atollon de *Udú*,
por outro nome *Suadú*, no extremo meridional das ilhas,
aonde os Portuguezes nunca ousaram ir, e nunca em
tempo algum passaram para alem do canal do Atollon,
a que chamam *Candú*; de sorte que aquelle Atollon, e
suas ilhas nunca foram sujeitas aos Portuguezes, nem
todas as outras ilhas e Atollons, que jazem para a banda
do sul do dito canal.

Estes dous irmãos pois tendo feito uma fortaleza arrê-
soada, e estando apartados da ilha de Malé, onde os Por-
tuguezes estavam, umas oitenta legoas, chegaram com o
tempo a ser tão fortes em homens, armas, e munições,

que jaziam ignorados, e suppreem até certo ponto o silencio dos his-
toriadores nacionaes; do que aquelles documentos nos revelam, co-
tejado com o que nos diz o curioso Pyrard, esperamos ordenar uma
Memoria especial sobre as acções dos Portuguezes nas ilhas de Mal-
diva, e noticias da familia do seu rei christão, a qual *Memoria*, sairá
em tempo e lugar opportuno.

Aqui apenas notaremos que o anno, em que este rei das ilhas de
Maldiva veio para Cochim, e se fez christão, foi o de 1552, como
nos deixou memorado o Padre Lucena na *Vida do Padre Francisco
de Xavier* (Livro IX. Cap. XX.), e concorda com a data indicada
por Pyrard.

que traziam quasi avassallada a ilha de Malé, e aos Portuguezes, os quaes não ousavam a sair della, e continuamente andavam em guerra aberta com aquelles inimigos. Isto durou por espaço de oito annos, no fim dos quaes quatro galés de corsarios Malabares, que andavam ás presas segundo seu costume, tendo chegado áquellas ilhas, os dous irmãos se concertaram com elles para fazerem juntamente a guerra aos Portuguezes dividindo a meias o esbulho. E tendo elles tido um dia aviso de que o Capitão da ilha e fortaleza de Malé era ido a Cochim com boa parte dos soldados portuguezes, não quizeram deixar perder esta occasião, e tomaram a resolução de investir a fortaleza, o que executaram em tão boa ordem, que uma noute a entraram á escala vista, e se assenhorearam della, matando quasi trescentos homens, que nella estavam, e colhendo prisioneiro o senhor natural, que ahi era Regedor pelos Portuguezes. Feito isto, e posto tudo a sacco, os Malabares depois de receberem a sua parte do esbulho, segundo estava concertado, se apparelharam para a partida, e os dous irmãos ficaram senhores da terra. Todavia pesandólhe de ver sair tantas riquezas destas ilhas, resolveram accommetter os Malabares, o que fizeram, e depois de um longo combate, ficaram em fim vencedores, houveram a seu poder o esbulho e as galés, mandaram pôr a gente na costa de Malabar, e lhe pagaram com esta infidelidade 'o bom serviço, que delles haviam recebido.

Eis como estes dous irmãos se fizeram reis destas ilhas, e o foram sempre a meias, sem terem disputa alguma entre si. Eram dous homens valerosos, e por taes havidos por toda a gente da sua terra. Todos os senhores, e principaes das ilhas lhe prestaram obediencia, e os que o não quizeram fazer, foi-lhes permittido retirarem-se á suas ilhas como pessoas privadas sem se intrometterem em cousa alguma dos negócios do estado. Houve porem muitos que de forma alguma lhes quizeram obedecer, tendo-se por de mais nobre prosapia que estes dous irmãos, os quaes toda-

via sabiam fazer-se temidos, e se alguém lhe não obedecia, mandavam logo tomar, e pôr a sacco quanto possuia. Casaram aquelles dous irmãos com mulheres das mais illustres casas do paiz, e se fizeram reconhecer por todos os Atollons e ilhas reis absolutos.

Os Portuguezes indignados da affronta recebida nas ilhas de Maldiva, resolveram de tomar desforra, e no anno seguinte enviaram uma armáda a estas ilhas, e ahi continuaram a guerra longo tempo; mas estes dous reis destroçavam todas as suas armadas, e assim durou esta guerra por três annos. Estes reis eram poderosos, e tinham duas fortalezas, a de Malé, e outra no Atollon de Suadú ou Uadú, n'uma ilha chamada *Game*. Em fim uns e outros considerando que para benefício da terra e do commercio mais valia vir a algum concerto, do que continuar uma guerra incerta, fizeram um tratado com estas condições, a saber, que deixariam em paz estes reis das ilhas de Maldiva e seus povos, e que elles possuiriam as ditas ilhas assim como as haviam possuido os outros reis precedentes, salvo pagarem certa tença ao seu rei christão, seus herdeiros e successores; a qual tença seria paga em Cochim, sem todavia terem outra suplicação ao mesmo rei; e em quanto aos reis mouros quehevam naquellas ilhas, lhes não seria licito tomarem o titulo e nome de rei, ainda, que em tudo fossem absolutos, mas somente o de Principe, Duque, ou outro semelhante. Concedeo-se mais que só estes dous Regedores podessem intitular-se *Quilague*, e que ficassem obrigados a fazer pagar a tença ao rei christão, o qual não deixaria de ter ahi um feitor seu. Alem disso que todos os das ilhas de Maldiva, que quizessem ter trato e mercancia com os outros paizes, seriam teúdos de tomar cartaz dos Portuguezes, assim como o fazem as outras gentes da India, que estão de paz com elles. Eis quaes foram as condições desta paz, que ainda ora presentemente dura.

O rei christão deu o terço de sua renda ao rei de Portu-

gal. Esta renda consiste nos *bolis* ou caurim, e cairo, que são os filamentos do côco, que servem para fazer cordas. Os reis mouros enviam todos os annos á sua custa quatro navios com esta carga, os quaes são do porte de cento e cincoenta tonelladas cada um, e o risco que correm em quanto não saem dos bancos das ilhas é por conta dos ditos reis mouros; e fóra dalli o risco é por conta do rei christão. Não obstante esta paz a gente das ilhas de Maldiva odeia os Portu guezes de morte (a).

Aquelles dous irmãos reinaram juntos por espaço de vinte e cinco annos em paz (b). O mais velho chamava-se de seu nome proprio Mahomet, e de appellido *Bode ta Curú*, que quer dizer, grande Senhor; e casou com a mulher do rei, que foi morto na ilha de Malé pelos Portuguezes. O segundo, chamado Assan Quilagué, recebeu por mulher a filha daquelle mesmo rei; de forma que os dous irmãos tiveram por mulheres a mãe e a filha. Aquelle rei defuncto tinha um filho, o qual vendo que estes eram reis, nunca quiz vir á corte, e o deixaram viver em paz. Muitas vezes o vi, bem como a uma sua irmã. Os dous irmãos a muito custo se mantinham em seu posto, porque como tinham vindo de baixa origem, cada dia se fomentavam contra elles levantamentos. Mas elles não lhe davam tempo de passar a effeito, porque logo que disso tinham o mais leve aviso ou suspeita, lhe atalhavam o progresso.

O mais velho destes irmãos teve um unico filho, e o mais moço uma filha, a qual era mui nobre da parte da mãe, porque alli a nobresa herda-se tanto da mãe como do pai. Aquelle filho era o rei, que nós ahi encontrámos, o qual todavia não era de tão alta linhagem como a filha do outro irmão, porque a mãe d'elle havia sido desposada

(a) Não é facil conciliar esta observação do auctor com o que elle mesmo atraz a pag. 202 nos informou da fama, que nas ilhas de Maldiva corria sobre o bom tempo do governo dos Portuguezes.

(b) Esta paz sem duvida se refere somente á que houve entre os dous irmãos.

pelo rei só por sua formosura. E ainda que elles tenham muitas mulheres, com tudo sempre tem uma, que é acima das outras, sem embargo de todas serem legitimas.

O mais moço destes dous reis irmãos tendo caído gravemente enfermo, succedeo que o irmão de sua mulher, que era o maior senhor das ilhas, se rebellou contra elles. Tinha este por nome o da sua ilha e fortaleza, a saber, *Misdué Quilagué*. Esta ilha de Misdué, onde eu estive, é distante de Malé trinta legoas para o sul, no Atollon *Nilandué*. Havida a nova da rebelião o rei mais velho se partio para aquelle logar secretamente e a toda a pressa, defendendo que nada dissessem a seu irmão, que se achava em perigo de vida. Por fim aquelle senhor rebelde foi apanhado e morto, e toda a sua ilha posta a sacco. Mas quando estas novas chegaram a Malé, a irmã delle, mulher do rei mais moço e enfermo, teve tal nojo, que esteve para morrer, e custou muito a impedir que se não matasse de desesperação. Donde seu marido, mesmo enfermo como estava, jurou que se Deos lhe desse saude, faria arrepender seu irmão; mas elle morreo da sua doença; e diz-se que era bem mais valente que o outro irmão.

A causa porque este irmão mais velho dava cabo assim dos grandes senhores, era porque sabendo que seu filho havia de vir a ser rei, não queria deixar-lhe aquelles competidores, porque seu filho era ainda moço, e não dava mostras de vir a ser tão valeroso como seu pai; e de feito, como eu conheci por mim proprio, o seu genio não era de forma alguma inclinado á guerra, mas somente ás letras, ás sciencias, e manufacturas; e tambem era mui dado ás mulheres, o que todavia naquella terra se não estranha. Era-lhe porem mui necessario ser esforçado, porque lá o mais forte é quem vence, e tem por costume matar os reis para dominar. Chegaram a ser mortos tres em um anno; donde vem que estes reis estam em continuado susto, e desconfiança. Este rei mais velho viveo ainda tres annos depois da morte do outro, e deixou acceito por

seu successor a seu filho, fazendo-o jurar como tal por todos os seus servidores e vassallos.

No tempo destes dous reis deu á costa naquellas ilhas um grande navio, em que vinha muita gente, assim Indios como Portuguezes, e entre outros se acertou vir um moçinho de idade de sete annos, filho de Portuguez e Indiana mestiça. Aquelles reis lhe tomaram tanta amisade como se fora seu proprio filho, e o mais velho dos dous reis o criou em sua casa em companhia de seu filho, que era da mesma idade. Criaram-no na sua lei, e era elle um dos mais guapos mancebos que se podiam ver, e de muito bom genio, de sorte que ouvi dizer a toda a gente da terra que elle era perfeito em todas as sciencias e boas manhas.

O rei mais velho o mandou ensinar, e lhe fez aprender toda a casta de exercicios, da mesma maneira e com semelhante honra que a seu proprio filho; e elle vendo-se neste estado julgava ser irmão do principe, e seu igual. Mas quando chegou á idade de razão, os reis o mandaram advertir de quem elle era, e que tomasse tento em ser sempre bom e fiel servidor do principe, e futuro rei. E com tudo depois da morte do rei mais moço, o outro lhe deu por esposa a filha de seu irmão, que era o mais nobre e mais rico casamento do reino, e a qual elle de boa mente teria dado a seu proprio filho, se a lei lhe não defendera casar com uma prima co-irmã. E assim receiando que algum grande senhor do reino a tomasse para si, e fizesse depois guerra a seu filho; mais quiz da-a a este moço, em quem elle punha toda a sua confiança, como creatura sua; e tanto mais quanto, sendo estrangeiro, não teria pretensão alguma ao reino.

E tendo o moço principe ficado rei por morte de seu pai, aquelle senhor mestiço se foi tornando cada dia mais valoroso e mais bizarro; e era amado e honrado do povo, e de todos os estrangeiros. Era elle almirante, ou *Vellanas*; era um dos seis conselheiros ou *Musculis*, e Capitão de uma companhia de soldados, a que chamam *Sardare*. Ora

vendo que el-rei não era guerreiro, nem dado ás armas; e que elle era grandemente estimado por seu valor, encheo-se de tal presumpção, que entrou a desprezar o rei, e a tello em pouca conta. Do que tendo o rei algum ciume, e temendo que com o favor e benevolencia do povo, se lhe metesse em cabeça-o desapossal-o do reino, resolveo com o conselho dos seus de o matar, para atalhar o perigo de se ver em algum lance mais arriscado. Não foi sem grande reluctancia que se resolveo a isto, assim por razão da amizade que lhe tinha, como pela grande recommendação, que seu pai lhe havia feito delle na hora da morte; e tambem porque era casado com uma sua prima co-irmã. Todavia sem embargo de tudo isto foi por diante em sua tenção levado dos avisos, que todos os dias se lhe davam de que este homem se conlojava secretamente com os Portuguezes, para lhes entregar o reino, e ficar nelle rei sob a protecção delles.

Por outra parte não lhe faltaram a elle avisos da má vontade que el-rei lhe tinha, e bem se podéra ter posto a salvo, se quiséra, mas não fez caso disso, dizendo que era innocente no de que-o accusavam.

Nesta conjuncção mandando-o chamar el-rei um dia a deshoras, logo elle entendeu que não era para bem, mas nem por isso deixou de acudir ao chamamento, nem era já tempo de se esquivar. Tendo pois chegado a uma das sallas do palacio, onde o rei assentado o esperava com todos os seus cortesãos e guardas, fez uma grande mesura a el-rei, que tambem o cortejou, e o mandou assentar no seu lugar. Apenas era assentado, de improviso sairam alguns homens detraz de uma cortina com cordas e armas, e o prenderam e amarraram, e arrastado o levaram até á praia na distancia de uma milha, e mettendo-o ahi n'um barco o mataram, e lançaram seu corpo ao mar. O que sendo sabido por sua mulher, teve tal dôr e nojo, que esteve mais de dous annos sem querer ver o rei, nem as rainhas, ou ainda ir ao paço. Deixou

um filho, que era de idade de quinze annos quando eu saí das ilhas de Maldiva, o qual se não parecia com os Indios, porque era branco como a gente de cá. Eis qual foi o fim deste pobre senhor; que é um exemplo a todos os estrangeiros, que querem subir muito alto fóra da sua terra nestes paizes, ou ainda em outras partes.

Algum tempo depois de ser morto o pai deste rei, começou elle a tratar mal a madrasta, viuva do dito seu pai, a qual se chamava *Manaye Quilague*, e seu pai lho havia muito encommendado á hora da morte. Ella indignada do máo tratamento assentou tomar vingança. Tinha um irmão, que era um dos principaes capitães do reino, mui rico, e mui esforçado, por nome *Pammedery Calogue*, e este tinha um filho mui gentil-homem, o qual foi depois um dos meus maiores amigos. Aquella mulher pois e seu irmão se conjuraram para matar el-rei, intentando fazer rei a seu proprio filho, ficando o pai tenente-general do reino, e o governo repartido entre os do seu bando. Mas este intento foi descoberto, e sendo presos por ordem del-rei, este logo os entregou ás mãos da justiça, jurando que não moderaria em cousa alguma o rigor da sentença, que ella proferisse. Tiveram pois as mãos decepadas, sendo o primeiro aquelle irmão da rainha, e depois foram degradados para *Suadú*. Em quanto á madrasta del-rei, foi roubada de tudo quanto possuia, assim como seu irmão, e ella mesma foi posta a tormento para declarar onde estavam seus thesouros. Tal era a pouca segurança, que havia neste reino das ilhas de Maldiva, onde todos os dias não havia mais que traições e conjurações contra el-rei, e onde o esbulho fica sempre ao mais torto.

Houve depois outra rebellião, que durou por longo tempo, e foi mister que el-rei saísse da ilha de Malé, e se refugiasse n'outra chamada *Guradú*, que dista della dez legoas. Foi motor desta rebellião um grande senhor da terra, chamado *Paranae Tacurú*, que possuia muitas galés, e barcos grandes, com que punha a sacco e assolava todas as

ilhas onde aportava. El-rei continuava recolhido na tal ilha de Guradú por razão de não haver alli mais que uma pequena entrada mui custosa, para passar a qual se precisava de um bom e experto piloto. Assim foi aquelle senhor crescendo tanto em forças e poderio, que onde quer que saia em terra, fazia levar para lhe tapar o sol um sombreiro branco, a que elles chamam *Oudhad*, e é distinctivo da realesa; e em tudo o mais se fazia servir e obedecer como a rei, repartindo, e dando a todos os seus os cargos e postos do reino. Mas o rei tendo enviado contra elle muitos navios e gente de armas, ponde a final colheu-o ás mãos. Se bem que direi aqui de pagassem que este rei nunca ia á guerra, mas mandava; e não era esforçado como seu pai, que ia sempre em pessoa, e logo que sabia que alguém tentava levantar-se, não lhe dava tempo, e sem detença o abafava e destruía.

A causa porque este senhor rebelde foi apanhado, foi porque as suas galés estando ao sul destas ilhas, as correntes que então caminhavam para leste, arrojaram a melhor das ditas galés para o Achem em Sumatra, e assim o resto ficou tão debilitado, que todas foram tomadas, a gente pela maior parte degollada com o seu capitão; e os que ficaram, depois de lhe deceparem as mãos, foram degradados; porque a sua lei ordena que os que tem conspirado contra seu principe, e attentado contra a pessoa d'elle, tenham a mão direita decepada. Dos que foram arrojados ao Achem, alguns voltaram depois, e el-rei lhes faz graça, e concedeo perdão.

No que toca ás correntes, de que acabo de fallar, duram seis mezes inteiros. E se um navio se acha então na extremo destas ilhas da parte do norte, o menor mal que lhe succede é ir ter na costa da India a Cochim, ou a outra parte em distancia de cento e cincoenta legoas; ou ainda ao longo destas mesmas ilhas, que correm emparelhadas com aquella costa. Mas os que não podem ganhar a ilha de Ceilão, são impellidos até Sumatra, que jaz

em distancia de quinhentas legoas. E se a deedita quer que estas correntes os levem em fim de *monção* (e quando a corrente os leva, chamam a isto *Beligne*), e que antes de haverem ganhado terra em alguma parte, outras correntes os venham tomar de sobresalto, como muitas vezes succede, infallivelmente se perdem, como tenho visto acontecer a muitos; tanto mais facilmente quanto na esperança de surgir em terra todas as noutes, não fazem provisão alguma de agua, ou de outras cousas. Se as correntes porem os impellem para oeste, vão direitos á costa da Arabia, em muito maior distancia que a Sumatra, mas pela maior parte das vezes perdem-se; e perece tudo antes de serem lá chegados. Vi uma vez um navio, que foi impellido para essa banda pelas correntes, e estando já afastado, de repente mudaram as correntes, e o tornaram a trazer ás ilhas; mas a maior parte da gente era morta, e o resto tinha só a pelle e o osso, por rasão das grandes necessidades que haviam passado.

Quanto á ilha de Guradú, de que acima fiz menção, fui lá um dia, e vi nella o mastro e leme do navio, que alli se perdeu, onde ia a rainha estrangeira, que morreo de parto; quando eu estava na companhia do rei. Disséram-me então que era o navio mais rico, que se podia ver. Tinha em si cerca de quinhentas pessoas, entre homens, mulheres, e crianças, porque os Indios pela maior parte levam comsigo toda a sua casa quando se embarcam. Estas quinhentas pessoas quasi todas pereceram afogadas, e apenas se salvaram cem pouco mais ou menos. Entre outros foram do numero dos mortos o pai e mãe daquella rainha, cujo era o navio; e ella era então mui criança, e se salvou por acaso. Este navio vinha da Sonda carregado de especiarias de todas as qualidades, e outras mercadorias da China, e Sonda. Ao ver somente o mastro deste navio, pareceo-me ser o maior que em minha vida vira; porque era mais comprido e grosso que os das náos da carreira de Portugal; e o rei das ilhas de Maldiva mandou fazer expressamente uma barraca do comprimento do

mesmo mastro para o conservar por admiração. Vi também a extremidade de outro mastro, e um cesto de gavea muito maior que os de Portugal; o que me persuade que nas Indias se fabricam maiores navios, e de melhor madeira que em Portugal, e ainda que em todo o resto do mundo. Os maiores vem da costa da Arabia, Persia, e do Mogor, e ha-os que levam em si duas mil pessoas. Não os fazem de tantas cobertas como nós, e só lhe fazem uma, que é a da tolda, e por baixo não ha outra. A agua não a levam em pipas e toneis como nós fazemos, mas de cada lado do mastro grande formam duas especies de cisternas de madeira, bem unida e bem calafetada, que conservam mui bem a agua, a qual só se tira por certas aberturas em forma de bocca de poço. E assim accomoda-se muito maior copia de agua que nas nossas pipas, ao mesmo tempo que não occupa tanto logar. Mas eu acho a nossa invenção das pipas muito melhor por uma razão, e é, que se acontece algum accidente a estas cisternas, perde-se a agua toda de uma vez, o que a nós nos não succede, porque com um tiro de canhão o mais que acontece é perder-se uma pipa ou duas; e se alguma se corrompe, sempre outras ficam salvas. Em fim em toda a India elles não tem a nossa invenção de pipas, mas somente usam de talhas as mais bellas, melhor vidradas, e o mais bem acabadas que em outra parte vi. Ha destas talhas que levam tanta agua como uma pipa, e mais. Fazem-se no reino de *Martabane*, donde as exportam, e donde tomam o nome por toda a India. Nunca se corrompe a agua dentro dellas, e fecham-se á chave.

Mas a proposito daquelle navio da rainha, que se perdeu na ilha de Guradú, de que acima fallei, vou contar o que aconteceu quando eu estava nesta terra a um honrado e entendido mercador de Bengala, chamado *Mohamede Cata*, e sua mulher, que também era estrangeira, mui bella, e brauca, se attentarmos a ser ella natural destas regiões. Chamava-se *Canboé Bubû*; *Canboé* era o seu nome proprio em

lingua bengala, e *Bubú* quer dizer moça ou menina. Naufragaram estes dous conjuges com a rainha, cujos escravos eram; contavam de idade cerca de trinta annos, e não tinham filhos. Esta rainha os amava de sorte que os fez mordomos de sua casa, e só delles se fiava, porque os tinha em seu poder desde crianças; e assim chegaram a possuir uma maravilhosa riqueza, e a ter para com a rainha grande conceito e valimento. Mas logo que sua boa senhora foi morta, como disse, não houve desventura, nem desastre, que lhe não acontecesse. Era este casal o mais bem unido do mundo, amando-se um ao outro com extremo, mas quiz o máo fado que a sua casa fosse contigua ao bangaçal, ou pousada do feitor do rei christão das ilhas, que estava em Goa, o qual tem sempre nas mesmas ilhas um feitor. Era este natural de Cochim, gentio de origem, mas baptisado, e naturalisado Portuguez no traje e nos costumes. Foi baptisado quando menino; e tinha mulher e filhos em Cochim; chamava-se Simão Rodrigues, e era a esse tempo de idade de vinte e sete annos pouco mais ou menos. E' costume não se deixarem nas ilhas estes feitores, quando são christãos, por mais de um ou dous annos, para que venham satisfazer aos preceitos da Igreja, porque nestas ilhas não ha exercicio algum da religião christã. Mas este não se recolheu dentro do prazo ordinario, e permaneceu alli quatro annos, aprendendo mui bem a lingua e costumes da terra, fazendo-se de tal sorte bem quisto de rei, e de toda a gente, que não obstante ter sido mandado recolher, e serem enviados outros tres feitores, um apoz outro, para lhe succederem, com tudo por meio de presentes feitos ao rei arranjou as cousas de maneira que ficou firme no seu posto; e tendo-se escripto ao proprio rei sobre esta materia, respondeo este que elle não estorvava o feitor, mas tambem que não podia nem devia constrangel-o a ir-se embora contra sua vontade.

Ora sendo este feitor visinho da mulher daquelle mercador, chegaram a amar-se com muito extremo, e seus

amores eram favorecidos pelas frequentes ausências do mercador, que tinha de andar por fora de casa no meneio de seu negocio.

Continuaram assim a sua correspondencia amorosa por espaço de dous annos, sem serem descobertos, mas em fim o marido tendo aviso do caso, e sendo certificado de tudo por algumas espias, resolveo desaffrontar-se; e para mais facilmente lograr o seu intouto, fingio que saia para fora da terra por quinze dias, na forma do costume; e tendo negociado um barco para a viagem despedio-se da mulher, encommendando-lhe todos os seus negocios, e partio. Mas chegada a noute tornou a sair em terra, e pelas onze horas da noute, ou perto dellas, foi direito a sua casa, e entrando no aposento de sua mulher, e não a encontrando na cama, caminhou em direitura ao palacio del-rei, o qual se não deitava nunca senão depois da meia noute. A primeira pessoa que alli encontrou foi o vedor das galés e navios reaes, o qual ao que parecia era intimo amigo do feitor; e todavia para se mostrar a pouca fé, que ha nestes povos, foi elle o primeiro que esteve prestes para dar aviso a el-rei, e para acompanhar o mercador na execução de sua desaffronta, como abaixo se verá.

Sendo pois o marido introduzido ante el-rei, se lhe queixou de que sua mulher tinha trato illicito com um christão, a que elles chamam *Capará*, e que elle, e sua mulher eram mahomontanos, que chamam *Musseliman*. isto é, fieis; e que fosse sua magestade (a) servido de lhe mandar fazer justiça. E sendo isto ouvido pelo rei, ordenou áquelle vedor das galés que levando em sua companhia doze soldados da guarda do palacio, fosse matar o criminoso, e lançar o corpo ao mar. Sobre isto foi acommettida a casa, e bateram á porta para que a abrisse, do que o pobre feitor espantado, não estava resoluta a abril-a;

(a) E' inutil advertir que o auctor aqui seguiu o uso da sua terra, e não o das ilhas de Maldiva, no tratamento de Magestade, que supõe dado a el-rei.

todavia fiando-se na amizade, que lhe professava el-rei, e bem assim no vedor, que lhe brádava que abrisse a porta, e não houvesse medo, elle foi tão desattentado que abriu a porta, e prostrando-se de joelhos diante d'elle, lhe supplicava que lhe salvasse a vida; mas o outro foi o primeiro a descarregar nelle o golpe, e ficou logo alli morto; do que ficaram bem gostosos muitos, que lhe deviam dinheiro, incluso o proprio rei, que desejava haver-lhe as riquezas, que eram grandes, e que de feito tomou para si. Aos Portuguezes tambem não pezou deste caso; e dalli ávante se assentou que os feitores não viessem de Cochim, mas seriam das mesmas ilhas. Feita esta execução no misero feitor, o marido se foi em direitura á mulher para lhe fazer outro tanto, mas a grande custo foi divertido, e ella foi mettida n'uma prisão, para depois ser punida por justiça. Ao principio eram de voto que fosse affogada no mar; todavia vendo que o seu cumplice era morto, e que estavam senhores dos seus bens, deram-se por contentes de lhe applicar castigo semelhante ao das outras pessoas apanhadas em adulterio, ou outros actos deshonestos, e ainda um pouco mais rigorosamente. Quanto ao marido, este não quiz mais tornar a vê-la, e cazou novamente com uma rapariga da terra, como abaixo direi, e o que depois lhe aconteceu.

Mas toruando ao rei das ilhas de Maldiva, alguns annos depois da morte de seu pai, tomou amores com uma mulher casada, a mais bella e branca de todo o reino; e deixou a primeira mulher, que seu pai lhe havia dado por esposa, e recebeu esta, a qual tinha tres filhas tão bellas como ella, e se casaram com príncipes e grandes senhores. Eu vi-lhe muitas vezes o braço, que ella nos mostrava por galanteria, e que era tão branco como das mais bellas e mais brancas da nossa terra. Seu marido era piloto, o mais entendido nesta sciencia, e no trato mercantil de todo o reino; e era igualmente muito rico.

O rei e esta mulher amavam-se em grande extremo, e a

tenção delle era desposal-a, de sorte que ella trabalhava todos os dias em persuadir ao marido que a deixasse, mas elle o não queria fazer; do que ella agastada, deu de conselho a el-rei que o mandasse matar, não que elle, pelo amor que lhe tinha, consentio; e mandando-o chamar um dia para praticar com elle sobre cousas de navegação á vista de uma carta ordenada ao modo da terra, e acudindo elle ao chamamento, quando na continuação da pratica se abaixava, o rei lhe descarregou uma punhalada direita ao ventre, mas levantando elle a mão para aparar o golpe, resvalou o punhal em direitura a um olho, que lho vasou, sem lhe fazer outro mal; e eu depois o vi muitas vezes, e era homem mui tratavel. Foi elle quem me deu novas do mestre e homens do nosso navio, que se haviam evadido da ilha de Puladú, e que elle tinha visto de grilhões aos pés. Finalmente tornando a esta mulher, tanto fez que o rei a desposou; mas depois de haverem vivido algum tempo juntos, elle se enamorou da que era a rainha principal ao tempo que nós estivemos nestas ilhas, de sorte que elle começou a enfastiar-se muito da outra, que em verdade era a mais impudica do mundo, porque se entregava indifferentemente a toda a sorte de homens, ainda escravos, e outros. Todavia não foi só esta a causa por que o rei a deixou.

Tinha o rei dous sobrinhos, entre si irmãos, o mais velho dos quaes era casado com uma dama a mais rica de todas estas ilhas, e era ella neta daquelle que fora regedor do reino em tempo do dominio dos Portuguezes. Era tambem irmão daquelle princepe, que veio ao nosso navio, e contra o qual se agastou el-rei a ponto de lhe dar uma bofetada, como atraz tenho referido. Esta dama era mui nobre, moça, e formosa, o que foi parte para que el-rei se enamorasse della; mas o máo foi que seu marido a não queria largar, nem ella tão pouco ao marido; porquanto ella não desejava de forma alguma ser rainha, e mais queria a sua primeira condição, e a liberdade. Sabendo

pois o marido e a mulher as tenções del-rei, assentaram fugir em um barco com um seu irmão pequeno, que depois morreo com o rei, como abaixo direi. Mas não fizeram a cousa com tanto resguardo, que por sua desdita não fossem surpresos no ponto de se ausentarem, e as galés del-rei os apanharam, e levaram a Malé, onde o pobre marido foi forçado a largar a mulher, e de nojo se encerrou em seu aposento donde nunca mais saio, e ahi se finou no fim de um anno. A mulher igualmente se separou do marido contra sua vontade, como claramente o mostrou depois, e nunca teve amizade ao rei, antes mostrou sempre inclinação a outros.

O rei porem antes de a desposar houve de largar a outra, que de modo algum queria consentir na separação, por que é mister que esta seja de mutua vontade e consentimento, ou então que o homem dê o dote á mulher, por que então pode largal-a, quer ella queira, quer não queira; mas isto é deshonoroso e escandaloso á mulher que o acceita. Assim o executou o rei para com esta primeira rainha, porque lhe deu o seu dote ou arrhas (*Rans*), e a deixou, e se casou com outra. Ella porem ficou sem casar depois novamente, porquanto o rei lhe não deu para isso licença, e sem esta ninguem ousaria tomal-a por mulher: e em quanto a seu primeiro marido, este nunca mais lhe tornou a fallar, apczar de haver tres filhas d'entr'ambos. O rei professava grande amizade a este marido, e lhe fez sempre muito bem (a). Esta mulher era mui ostentosa em vestidos, perolas, e pedraria, e o rei lhe havia dado uma boa habitação na ilha, onde ella morava, e ahi vivia em toda a sua liberdade, menos de se tornar a casar. Ella passava deleitosamente o tempo, era mui visitada, e tinha grande numero de servidores, e escravos. Quanto á outra, o rei nunca mais a deixou, e quando elle se per-

(a) Salvo quando o quiz matar, e por milagre lhe vasou somente um olho; como o auctor nos tem referido atraz na pagina antecedente.

deo, ainda ella estava em sua companhia, e outras duas estrangeiras; mas sempre conservou saudades de seu primeiro marido, o qual era como o primeiro principe do sangue real, e tenente general de todas as tropas.

Este rei sendo já entrado em idade, como vio que não tinha podido criar filhos desde seu principio, e que aquelles que dalli em diante podesse haver seriam ainda pequenos quando elle chegasse a morrer, e por tanto ficavam arriscados a serem desprezados, e a não possuir o que lhe pertencia, assentou de não ter mais filhos; de sorte que quando eu lá estava, ouvi dizer que havia quatro ou cinco annos que elle não fazia vida com esta rainha principal, pois ella era mui fecunda, e já tivera delle mesmo um filho e uma filha, que haviam morrido de idade de seis ou sete annos. Se bem que não é caso de consciencia entre elles dar a morte ao fructo no ventre da mãe, reputando que desta sorte são tão felizes as creaturas como se vissem a luz do mundo. Mas as rainhas não tinham grande desconsolação de que o rei não fizesse vida com ellas; porque lhes não faltavam amantes, que as visitassem quando lhe aprasia.

Mas tornando ao mercador de Bengala, que não quiz mais tornar a fazer vida com sua mulher, como acima contei, casou elle novamente com outra, que era havida pela mais bella de todas estas illas; e em verdade ella não era somenos em cousa alguma ás desta nossa terra, senão em não ter o carão tão branco. Não tinha de idade mais de dezoito ou vinte annos, e elle somente se enlevou em sua formosura, porque ella não era nem nobre nem rica, mas elle tinha assaz de bens para ambos. Foi porem para elle occasião de segunda desventura morar perto dos paços del-rei, porque este apenas vio aquella mulher, ficou em extremo enamorado della, e tanto fez que a logrou, e até a fez por força deixar seu marido, a quem ameaçou de mandar lançar ao mar, se o não quizesse consentir. De sorte que o pobre homem foi forçado a deixal-a com

o maior pezar do mundo; e tres mezes antes do grande desastre das ilhas de Maldiva, o rei a desposou, porque o Pandiare lhe disse que por descargo de sua consciencia mais valia casar-se com ella, do que continuar no peccado em que vivia. Eis as desaventuras que aconteceram umas apoz outras a este pobre mercador, e que lhe não teriam acontecido se não fora a morte de sua boa senhora.

CAPITULO XIX.

no tempo, em que as ilhas de Maldiva foram povoadas, e de muitas outras cousas memoraveis, que nellas, e em suas visinhanças aconteceram em quanto o auctor alli se deteve. De um navio de Tanor; da fortuna de um capitão Malabar junto d'el-rei das ilhas de Maldiva; de seu fim desastroso; e das aventuras do sobrinho, e cunhado d'el-rei.

Tendo fallado do Estado das ilhas de Maldiva, e do que ahi aconteceo de mais notavel antes que a sorte nos arre-messasse nellas, direi agora as cousas mais singulares e memoraveis, que nas mesmas e em suas visinhanças occorreram durante os cinco annos que lá me detive. Mas antes disto não quero passar em silencio o que entre estes insulares alcancei sobre a primeira habitação e povoação das ilhas d e Maldiva, e da mudança de religião de seus habitantes.

Corre por certo entre elles que as ilhas de Maldiva começaram a ser habitadas não ha mais de quatrocentos annos, e que os primeiros que a ellas aportaram, e as povaram, foram (como já disse de passagem) os Chingalas da ilha de Ceilão, que não é dellas mui apartada, os quaes

eram idolatras; mas depois mudaram de religião; e ha uns 150, ou 200 annos ao mais, que receberam o mahometismo por meio da navegação dos mouros e arabes, que commerciando por todas as terras firmes e ilhas da India Oriental, lhe levaram tambem a sua lei, a qual desde então tem permanecido na maior parte destes logares. E ao que parece foi tambem nesse tempo que os Tartaros, que extendiam a sua dominação por todo o oriente, e até a estas ilhas, foram contaminados desta maldita e falsa doutrina de Mafoma, que tem iscado as tres partes do mundo. A gente das ilhas de Maldiva ficou sempre depois observando esta lei até ao presente, como eu amplamente tenho mostrado, quando tratei de sua religião, e de suas cerimoniaes.

E tornando ao nosso fio, proseguirei com o que aconteeo em meu tempo nestas ilhas, de que eu posso ser boa testemunha, e digna de fé, ou pelo ter visto, ou pelo ter sabido de boa parte. Começarei pelo que succedeo a um navio de Tanor, que era vindo alli para commerciar um anno quasi depois da nossa chegada áquellas ilhas. Este navio era do porte de quasi quinhentas tonelladas, e pertencia a el-rei de Tanor, que é um reino situado entre Calcut e Cochim. Este rei era gentio, e de casta Naire. Haveria no navio uns quinhentos ou seiscentos homens bem armados, e bons soldados Malabares, e vinham alli com intento de fazer veniaga. A sua principal carga era arroz, com quantidade de outras mercadorias, e drogas, como pimenta, areca (fructo, que elles mascam com o betle), algodão, manteiga, oleos proprios para esfregar o corpo depois do banho, porção de roupas brancas de algodão, louça, utensilios de ferro e de cobre, de sorte que o navio vinha mui rico, e a sua tenção delles era commutarein isto por fazendas da terra. Mas o rei das ilhas de Maldiva não lhe quiz permittir mais detença no porto da ilha de Malé do que tres dias, e os mandou surgir em uma ilha chamada *Bandos*, aonde eu tinha estado doente, e que dista da ilha de Malé quasi duas legoas para a banda do norte.

A causa disto foi porque o rei se receiava de que elles lhe fizessem alguma traição e surpresa.

Era para ver como esta gente desembarcava de seu navio em batalha, todos bem armados e bizarros, sãos, e bem dispostos. Mas passados dous mezes todos morriam de febre, não obstante que o ar e as aguas desta ilha de Bandos sejam melhores que as de Malé. A maior parte da gente ficou na ilha de Malé, e toda a fazenda foi ali mettida em armazens e bangaças, que expressamente se fabricam para esse effeito. Detiveram-se seis mezes ou mais a fazer a sua commutação, e a carregar o seu navio; mas durante este tempo a febre destas ilhas os apalpoou tão rijamente, que não restavam vivas mais de cem pessoas, e ainda essas mui debilitadas, de sorte que se viram necessitados a refazer-se de marinhagem nestas ilhas para recolher com o seu navio a Tanor. Um piloto desta mesmas ilhas mui experimentado foi o que aqui os conduzio, e elles lho agradeceram muito mal, com dizerem que elle os havia trasido aqui de caso pensado para fazer ao seu rei herdeiro de toda a riqueza delles. Aqui perderam o seu principal capitão, que muito lastimaram. E' costume que quando o capitão ou mestre de um navio morre alli, o navio, e a fazenda fica pertencendo a el-rei, mas com este dispensou, por ser del-rei de Tanor.

No que toza á fazenda, que particularmente pertencia ao capitão fallecido, tambem não foi tomada pelo rei, posto que lhe pertencesse, mas a rasão foi esta. Aquelle capitão havia trasido consigo um seu filho, mancebo de vinte e cinco annos, chamado *Hussem Cata*, que era o mais valente soldado, mais destro, mais gentil-homem, e mais experto jogador de armas que havia em toda a costa de Malabar. Ora desejando el-rei retel-o consigo, lho mandou propôr com grandes promettimentos, do que o dito mancebo foi contente, assim por salvar sua fazenda, que em tal caso el-rei lhe deixava toda, como por rasão de certa pendencia, que elle tivera com o segundo capitão do navio, que então

o governava. E de feito o rei lhe mandou restituir toda a fazenda que lá se achasse, e lhe pertencesse, a qual elle por nenhuma outra maneira poderia haver. Além de que permanecendo elle nestas ilhas ficava por herdeiro de toda a fazenda de seu pai, que aliás teria de repartir com os outros seus irmãos, se voltasse para sua terra; e ainda seria obrigado a pagar grande parte do que o dito seu pai havia tomado emprestado. Ficou pois mui bemquisto e estimado del-rei, que logo lhe deu uma grande dignidade, que é a de mestre do jogo de armas, a que elles chamam *Esdrú*, um dos mais honrados officios do reino, e que requer grande capacidade, e grande merito. E somente havia outro nestas ilhas, junto d'el-rei, o qual era grande senhor, como por taes são tidos entre os nobres e soldados, assim nas ditas ilhas, como na terra firme. Mas este cargo foi a causa da morte daquelle mancebo, pela emulação, que se levantou entre elle, e aquelle mestre mais antigo, que era natural da terra, filho de outro mestre, e mui respeitado de todos os senhores e soldados.

Ora não ha entre elles maior deshonra e nota de infamia que perder o respeito para com seu mestre; e porque têm as armas em grande honra, estimam os mestres dellas mais que todos os outros, e os poem a par dos princepes e senhores, porque tem por discipulos ao proprio rei, e ao principe herdeiro do reino. Antes da vinda deste mestre havia alli uma só escola, e depois houve duas; e então muitas pessoas de todas as qualidades deixaram o antigo mestre para tomarem este novo, que sabia jogar as armas ao modo dos Naires, e dos Malabares, que é o mais estimado na India. E el-rei para o fazer reconhecer nesta qualidade de mestre, lhe deu perante toda a sua corte um bracelete, que elle mesmo lhe pôz no braço direito, e é o distinctivo desta dignidade. Este bracelete era uma cadeia de ouro com botões do mesmo, redondos, e óccos, onde se mette a firma del-rei escripta em papel.

Estes dous mestres estando pois em competencia um

com o outro, succedeo que um dia de grande festa, tal como entre nós a paschoa; depois de jantar, segundo seu costume, todos os príncipes, senhores, fidalgos, e soldados foram aos paços del-rei para jogar e esgrimir uns contra os outros em desafio, onde se vê quaes são mais destros, e levam vantagem no meneio das armas. Estes exercicios duram tres dias. Aquelles dous mestres estavam cada um de seu lado com todos os seus discipulos em volta de si, os quaes combatiam uns contra os outros. O mestre antigo tinha mais discipulos e boa opinião que o outro; e assim por insignificante motivo fez levantar uma briga entre um dos seus discipulos e outro do novo mestre. E como alli o agravo feito ao discipulo é como se fora feito ao mestre, travou-se arruido geral de parte a parte, e até alguns soldados chegaram a ficar feridos. Do que tendo el-rei aviso, quiz saber cuja era a culpa; e tendo sabido que era do mestre antigo, lhe deu uma grande reprehensão, e declaron em alta voz que o primeiro que provocasse a briga, lhe faria deçepar a mão, o que elle aliás mandava fazer repetidas vezes por bem leve cousa. quando se enfadava; e em quanto aos dous mestres ordenou-lhes que vivessem em paz, elles e seus discipulos. Entre tanto a amizade que el-rei professava ao novo mestre crescia todos os dias, de sorte que lhe deu todos os titulos de grandeza e senhorio, que elle podia conferir á maior pessoa de seu reino, entre outros o de *Darada Tucurú*, zomo quem diz Conde ou Duque. Até lhe fez mudar o seu primeiro nome malabar, publicando-o assim por pregão em toda a ilha, segundo é costume; e o fez capitão de uma companhia de soldados, pondo-o a par dos maiores senhores, do que elles tiveram tal inveja que se apostaram com o antigo mestre a dar a morte ao outro por qualquer modo que fosse.

Verdade é que este homem não soube aproveitar-se da fortuna, mas abusava della, procurando ordinariamente motivos de altercação com as principaes, e maiores pessoas do reino; porem o rei o favorecia em tudo e por tudo.

Recebia em casamento aquellas mulheres, que lhe appetecia, e ellas se reputavam todas por mui honradas de casar com elle, assim pelos merecimentos de sua pessoa, como pela sua dignidade e grande valimento para com el-rei. O que porem o firmava ainda mais no valimento era ter por camarada e discipulo um cunhado del-rei, irmão da rainha principal, de quem já muitas vezes tenho fallado. E todavia a estreita amisade, que entre elles havia, foi finalmente a causa da ruina deste homem. Por que passados dous annos pouco mais ou menos que durava o seu valimento, elles tomaram a resolução de fugirem ambos; e para melhor colorar suas tentções, o mestre de armas tomou por mulher a viuva do grande Pandiare, a qual morava no extremo das ilhas da banda do sul no Atollon chamado *Suadú*. Com esta occasião achou motivo de sair da ilha de Malé; mas apenas era partido, logo seus inimigos contando com a victoria foram avisar el-rei, dando-lhe a entender os planos, que elle havia concertado com aquelle principe. Com isto el-rei por conselho dos principaes, que são os seis Musculis, enviou um capitão com quarenta soldados em um barco para lho trazerem, mas com ordem de lhe não fazerem outro mal. Todavia todos os principaes cortezãos, e entre elles o mestre antigo, os provocaram secretamente a que o matassem, e dissessem que elle se havia posto em resistencia contra elles, e que assim depois facilmente applacariam a el-rei; o que elles executaram, e tendo-o achado desarmado logo subitamente o mataram, e vieram dizer a el-rei que forçosamente o'haviam assim feito, por quanto elle não havia querido obedecer a seu mandado. O rei ficou muito enfadado, mas não passou a mais.

Tendo fallado da fortuna deste estrangeiro, direi tambem o que vi succeder a alguns principes desta terra. Quando nós chegámos ás ilhas de Maldiva, o rei dellas não tinha filhos, mas só um sobrinho de idade de vinte e dous annos, chamado *Ibraim Callane*, como elle, e que devia de ser seu successor. Estava o sobrinho a esse tempo fóra do

valimento, e ausente da corte, por ter ido á Arabia sem licença e consentimento del-rei, e ter antes desta jornada posto a sacco algumas ilhas. Tres annos depois de nós alli sermos chegados recolheu elle, e não ousou vir logo em direitura a Malé com temor del-rei, o qual logo foi sabedor que seu sobrinho era chegado a certas ilhas, que lhe pertenciam nas partes do norte, e ahi se casára; do que el-rei houve muito contentamento, porque o amava e havia como seu filho. Mas cada dia lhe vinham dar novas falsas de como este sobrinho se apercebia para ir contra elle; e isto procedia dos que queriam mal ao princepe, e de alguns aduladores, de que aquella corte andava mui cheia. Não obstante isso el-rei não deixou de o mandar buscar em uma galé armada; e elle, que era innocente, não teve a menor repugnancia de vir perante el-rei com só dez ou doze soldados de sua casa, e alguns servidores e escravos. Mas apenas foi chegado á corte, todos os seus soldados foram postos em prisão, com os pés mettidos entre duas toboas com buracos, que é um modo que alli usam de prisão; ainda que tambem se servem de cadeias, e ferros para este effeito. Em quanto ao princepe, não padecio outro mal se não que esteve mais de dous mezes sem ver el-roi, mas vinha todos os dias ao paço assentar-se nos logares deputados aos demais cortesãos. Somente uma das rainhas, a primeira que se acertava, lhe enviava uma folha de betle, o que é grande honra, e a unica que elle podia esperar, a qual se não faz se não aos filhos da casa real; de sorte que isto era demonstração de ser elle herdeiro do reino, e o primeiro princepe. Porque é costume da terra que quando alguém anda fora da graça del-rei, vai sempre todos os dias ao paço, isto é, ao pateo do palacio até que el-rei lhe falle, e seja restituído á graça.

Este sobrinho entrou por fim novamente na graça por meio do grande Pandiare, que era da raça Xarife, ou raça de Mafoma. E o caso passou desta maneira. Tendo o Pandiare recebido ordem del-rei para prégar em sua presença

na forma do costume, antes de começar o seu sermão, fez uma mui humilde supplica e deprecação a el-rei para que fosse servido permittir que seu sobrinho viesse ouvir a prêgação; o que o rei lhe outorgou pela amizade e respeito, que ao dito Pandiare tinha; e certamente outro qualquer não seria ousado de lhe fazer semellante petitorio. Tendo pois vindo o sobrinho, este desde a maior distancia que vio a el-rei, lhe fez uma mui submissa reverencia, como qualquer homem mais ordinario do povo, e o rei somente lhe disse estas duas palavras, *ana pute iringua*, que querem dizer, assentai-vos, meu filho; e elle assim o fez, e toda a gente se levantou para lhe deixar o lugar superior. Todo o tempo que o sermão durou, que foi mais de uma hora, o princepe não ergueo os olhos, nem a cabeça; e no mesmo dia foram postos em liberdade todos os seus familiares, e elle dalli em diante ficou sempre na graça del-rei, e naquella honra e dignidade, que compete ao herdeiro da corôa. El-rei o fez seu tenente general, e cabo maior de toda a gente de guerra, a que chamam *Dorimesuas*.

Depois que este princepe foi novamente admittido á graça del-rei, houve sempre grandes ciumes e inveja entrê elle e um cunhado del-rei, irmão da rainha principal, que folgava muito com a ausencia e desvalimento do mesmo princepe, porque assim era elle o mais proximo, e maior valido del-rei, e possuia mui grandes estados, que lhe foram tirados depois que aquelle voltára á corte. El-rei tratava ao sobrinho sempre por seu filho, para que todos o honrassem como a seu verdadeiro e legitimo herdeiro. Este princepe tendo-se enamorado da mulher de um magnata, a qual era excessivamente bella, a tirou por consentimento della de casa do marido, e por muito tempo a teve em sua companhia, do que tendo-se o marido queixado a el-rei, não obteve reparação; antes pelo contrario o princepe o mandou espancar de tal sorte, que elle se vio forçado a largar de todo a dita sua mulher. E' como elles fazem nesta terra.

O cunhado del-rei, competidor deste sobrinho, era um man-

cebo de vinte e cinco annos de idade, o mais formoso, mais destro, e mais galhardo que havia em todas estas ilhas; e se parecia com os de Europa, só com a differença de ser um pouco mais moreno na côr. Era versado em todas as sciencias, como mathematicas, astrologia, marinha, e outras, e em todos os exercicios de armas. Eu lhe ensinei a contar pelos algarismos, e a escrever á franceza; e por certo não tenho notado outra differença entre aquella gente e nós, ou seja no espirito, ou nas qualidades do corpo, salvo que elles são de côr um pouco mais baça; mas ha lá muitas pessoas brancas, assim homens como mulheres. Sua irmã, e elle, pertenciam á casa mais principal das ilhas, cuja nobreza levava vantagem á del-rei. Este principe ficou tão enojado de lhe haverem sido tirados os cargos com a chegada do sobrinho del-rei, que comêçou a consultar com a rainha sua irmã sobre os meios de tomar disso vingança, e ella estava ainda mais inflammada em colera do que elle. O primeiro meio, de que se serviram, foi de encantamentos e feitiços, cousa por elles mui frequentemente usada, quer para bem, quer para mal, pois assim se servem delles para chamar o mal, como para o curar. Empregaram nesta obra grande quantidade de feiticeiros, que faziam feitiços, a que chamam *Quenueri*, dirigidos contra el-rei e contra seu sobrinho, os quaes por esse respeito caíram mui enfermos, e foi mister procurar outros feiticeiros para os curar (a).

Donde el-rei ficou dalli ávante mui desafeiçoado á rainha e a seu irmão. Ella da sua parte tinha um odio mortal a el-rei, e muito tempo havia que lhe houvera dado a morte, se o podéra fazer; porque não podia conformar-se a estar assim retida como captiva á força, e nada lhe dava contentamento, e como era de sua pessoa assaz nobre e rica, tinha em pouco tantas honras, e mais quizeria não ser rainha,

(a) Não admira que Pyrard crêse tambem em feitiços; era materia corrente naquella epocha em toda a Europa. O nosso Diogo do Couto, contemporaneo de Pyrard, mostra em varios logares das suas *Decadas* a mesma crença.

e ter um marido de seu gosto. De sorte que seu irmão e ella vendo que aquelle primeiro meio lhe não havia surtido effeito, tomaram a resolução de tentar outro, que era escaparem-se de noute secretamente n'um barco com todas as suas joias e riquezas; porque todo o resto de seus bens eram situados em outra ilha sua della, chamada *Maspillaspury*, a quarenta legoas de Malé para o norte, onde morava sua mãe, que estava cega.

Este principe tendo assim formado este desenho, communicou-o áquelle mestre d'armas estrangeiro, de que acima fallei, e a outro fidalgo mancebo, cujo pai fora mandado matar pelo pai deste rei por temor de que elle se levantasse, pois era um dos mais briosos e mais esforçados senhores do Estado. Chamava-se *Caffin Tacurú*. Seu filho, o mancebo, de quem aqui se falla, era igualmente intrepido, e tambem mui discontente de se ver na qualidade de simples soldado, e não nos altos postos, que os seus haviam occupado; o que o moveo a dar orelhas a este principe, que aliás era seu muito grande amigo, e que lhe havia promettido de o casar com a rainha, como tambem ao mestre estrangeiro de lhe dar outra irmã que tinha. Assentaram pois que o principe e aquelle fidalgo mancebo ficariam na ilha para ajudarem a fuga da rainha, e que o mestre fosse adiante, como fez. Ora é costume nestas ilhas não deixar aos soldados levar armas quando saem de Malé para as outras ilhas, donde elles são; mas ficam todas no armazem del-rei, cujas são. Levam sim punhaes, e outras armas pequenas, mas não de fogo. Se porem vão a alguma parte por mandado del-rei, podem então levar toda a sorte de armas. Isto está assim determinado para atalhar os levantamentos; e por isso não consentem ir mais que um certo numero de soldados de cada vez, e se espera que estes sejam recolhidos, para se deixarem ir outros. E alem disso não se concedem estas licenças senão durante os ventos de oeste, que é o seu inverno, e elles devem estar de volta antes dos ventos de leste, que é o seu estio.

Disposto dest'arte o plano, attraíram a si treze soldados dos melhores da terra, para se associarem a elles, mas um destes os delatou, e deu aviso a el-rei, o qual mandou ter tudo em secreto, porque queria certificar-se do que nisto passava, não o podendo quasi acreditar, e encommendou áquelle senhor, que me havia levado da ilha, onde o nosso navio tinha dado á costa, em quem elle mais se fiava, que chamando um certo numero de soldados, fosse averiguar a verdade. E logo que foi sabido que assim era, o barco foi apanhado com aquelle princepe, e seus soldados, os quaes todos foram castigados ao modo da terra, e elle não lhe aconteceu outro mal senão que el-rei lhe deu uma grande reprehensão, e esteve fóra da graça por mais de seis mezes. Cumpre notar que em quanto elles estão fóra da graça não curam de se vestir e trajar com aceio, e abandonam todos os negocios como se foram mortos para o mundo. Em quanto á rainha, ainda que el-rei estivesse muito acceso em colera, bastava que ella lhe dissesse quatro palavras, logo elle se applacava. Ao mestre d'armas succedeo o que atraz levo dito.

Ora no dia da festa dos mortos entre elles, quando o rei e suas tres mulheres iam a visitar as sepulturas de seus pais, a rainha arranhou modo em como seu irmão se achasse em logar, por onde elles deviam passar. Vinha elle vestido singelamente e sem armas, na forma do costume, e saudou a el-rei, que o saudou tambem, e o restituiu á graça, e a todos os seus cargos e dignidades. Elle era um dos seis primeiros *Musculis*. Todos os soldados, que haviam participado na sua empreza, foram logo livres, e restituidos a seus postos. Todavia este princepe, que era de animo esforçado, como depois mostrou, vendo que não era restituído a todos os seus cargos (a) nem estimado como de antes da volta do sobrinho del-rei, continuou de tal sorte com seus antigos dissabores e descontentamentos, que não

(a) Não podêmos salvar o auctor da contradicção, em que aqui se acha com o que poucas linhas atraz acaba de dizer.

podendo já toleral-os, resolveo ir-se para Arábia, e levou comsigo o marido da outra sua irmã, que a esse tempo era grande Pandiare; e se ausentaram secretamente sem se despedirem del-rei, que por esse respeito ficou contra elles mui irado, e contra a rainha, que lhe havia dado ouro, e dinheiro quanto elles quiseram. Do que o rei mais se admirava era do Pandiare, por haver largado um tão bom cargo, mas elle folgava mais de obedecer á rainha, e a seu cunhado que a el-rei. Foram a Meca em Arabia, onde o Pandiare morreo, e o princepe tendo-se demorado dezoito mezes nesta viagem, voltou em um navio de Cananor, que o trouxe mesmo a Cananor, onde foi mui bem recebido del-rei, que desejava muito detel-o junto a si, e que lhe promettia gente de guerra, se elle quisesse fazel-a ao rei das ilhas de Maldiva. Mas este tendo aviso do que era passado, logo lhe escreveo, e mandou escrever pela rainha com rogativas para que se recolhesse á sua terra, e com promessas de novas dignidades. A carta da irmã poude mais com elle que a do rei. Recolheo-se pois, e houve o que lhe fôra promettido; e tudo permanceo em paz até á morte do rei, e de seu sobrinho, como mais adiante direi.

CAPITULO XX.

Des successos e varios casos de navios aportados ás ilhas de Maldiva; da chegada de dous Hollandezes a estas ilhas; de um Judeu viajante; de um Capitão do Mogol, e do que lhe aconteceu; e de alguns navios, que se perderam.

Estando eu nas ilhas de Maldiva o rei de Mangalor gentio enviou uma vez ao rei das ditas ilhas uma galé carregada

de arroz de presente a fim de renovar e confirmar sua antiga amizade por meio de um embaixador, que a esse intento vinha. O rei das illias agasalhou bem o embaixador, e enviou ao rei de Mangalor outro presente das cousas mais raras, que em seu reino pôde achar.

Nesse mesmo tempo como os Hollandezes guardavam com só dous ou tres navios a ponta de Galte na illa de Ceilão (de que adiante em seu lugar fallarei mais largamente) succedeo passarem por alli dous navios grandes, que vinham do Achem em Sumatra, e de outros logares da Sonda, carregados de fazendas da China e de outras partes, e que iam para Arabia. Os Hollandezes lhe fizeram amainar logo as velas; mas vendo que elles não eram amigos dos Portuguezes, acolheram-nos bem, e passaram um ou dous dias a banquetear-se uns aos outros. O maior destes navios ia, segundo disseram, ao Mogol, Surrate, e Cambaia: o outro ia a outras partes. O capitão do navio maior era mancebo de mui verdes annos, natural das terras do Mogol, e o rei do Achem havia mandado matar seu pai para lhe haver as riquezas, porque era o homem mais rico de toda a India. e chamava-se *Channy*. A causa de sua morte foi possuir muitos bens em Sumatra. Seu filho, do mesmo nome, que ficou de pouca idade só com sua mãe em Surrate, era mui bello, branco, e guapo, e podia ter então nesta conjunctura dezasete, ou dezoito annos. O outro capitão era turco, de idade de vinte e cinco annos, o homem mais reforçado, que ainda vi, e passava em toda a India por mui valente.

O capitão-mór Hollandez tendo sabido tudo isto, e que aquelle joven capitão ia a Cambaia ou Surrate, onde entre elles só se mette o rio, chamou perante si o mesmo capitão e todos os mercadores, que eram trinta ou quarenta, todos pessoas ricas e bem eriadadas, com os officiaes do navio, e lhes disse que declarassem verdadeiramente onde iam, e não trouxessem medo. Responderam todos o mesmo que de antes, mas levados de medo, pois sua tenção era irem a Ara-

bia, o que elles não ousavam confessar, porque o Grão-Mogol e os Holleandezes eram amigos, e estes tinham feitores em Cambaia e Surrate, que são terras do Mogol. Em fim o capitão-mór mandou vir o livro da sua lei delles, e um pedaço de biscouto, sobre que lhes fez jurar segundo o seu costume, que diriam a verdade. Assim o fizeram, e apoz isso os Holleandezes lhe rogaram que levassem dous feitores seus com quantidade de fazendas a Cambaia, e presentes ao Grão-Mogol, e aos senhores de Cambaia e Surrate; o que elles prometteram; e o capitão-mór deu muitos presentes áquelle capitão e mercadores, e igualmente virtualhas.

Tendo pois este capitão recebido os dous Holleandezes e as mercadorias se partiram com grandes amizades, e os dous navios foram directamente ás ilhas de Maldiva, a buscar caminho e passagem, ou pela cabeça dellas, ou por entre as ilhas. E é isto o que faz estas terras mui ricas; porque sendo as ilhas de Maldiva situadas quasi a meio caminho da Sonda, e da costa da Arabia, e Persia, não ha entre estes logares outras ilhas onde se possa refrescar. Passam por alli cada anno vinte e cinco ou trinta navios, dos quaes não ha dous, que venham de proposito deliberado por rasão do perigo que alli se corre; e se não fora a necessidade da passagem, ninguem alli iria, e a gente da terra ver-se-ia forçada de ir procurar fóra com que satisfazer a suas necessidades. Esta passagem porem mette susto a todos, assim por via das correntes e bancos, como por causa da febre, que é doença particular a estas ilhas, e em toda a parte conhecida por febre de Malé.

A maior parte dos navios são alli impellidos pelas correntes, o que os faz deter e commerciar na terra, por rasão das Monções, que se succedem em contrario umas das outras. Estas *Monções* são ventos, que mudam no verão e inverno de seis em seis mezes; e que a maior parte das vezes enganam quando se parte tarde, vindo então o vento contrario; e ainda enganam em serem ás vezes mais curtas ou mais longas umas que as outras; acontecendo que a monção propria da qua-

dra é ás vezes mais curta, e a sua contraria mais longa um mez ou seis semanas, e talvez dous mezes mais do que se deve esperar. Isto obriga ás vezes a dilatarem-se até sete ou oito mezes mais do que quizeram, como muitas vezes vi succeder. Alguns vi darem á vela no fim das Monções, entendendo que ainda tinham assaz de tempo; e quando já se achavam a cincoenta legoas da Arabia, eram forçados por um vento contrario a vir novamente demandar as mesmas ilhas de Maldiva, e tomar o rumo da Sonda; e muitos nesta volta se perdem. Isto procede de que tendo passado a ponta do norte das ilhas levados da corrente de leste, quando pensam estar fóra do perigo dos bancos, no dia seguinte muda-se a corrente, e o oeste os impelle para as outras ilhas do sul, onde dão á costa entre os bancos, como aconteceu áquelle grande navio onde vinha a rainha, de que acima fallei, e se perdeu no sul.

Mas tornando áquelles dous navios, que iam a Arabia, quando chegaram a estas ilhas de Maldiva, não era sua tenção deter-se ahi; mas todavia foram forçados a aguardar outra monção por quasi sete ou oito mezes, porque a monção, em que elles chegaram, não era ainda acabada. Não vieram surgir na ilha de Malé, porque a esta vem poucos, por razão da doença, que alli grassa, mas ordinariamente os navios buscam outra ilha a trinta ou quarenta legoas para o norte, chamada *Maspillaspury*, pertencente á rainha principal, e é a mais saudavel de todas. Estes dous navios pois surgiram nesta ilha, e ahi se detiveram. Ora é costume que logo depois de sua chegada os estrangeiros vão cumprimentar el-rei com presentes, e elle folgava muito destes successos, e recebia estes coitados com o mais agradavel semblante do mundo; mas tinha um riso enganador, em que não havia que fiar.

E verdadeiramente toda a sua diligencia se dirigia a atrahir os navios estrangeiros á ilha onde tinha a sua corte, o que elles não queriam de modo algum; e quando os via mui fortes, não instava com elles, de medo de perder os

proveitos de seu trafico ; mas quando conhecia serem fracos, então ou por este, ou por aquelle modo, fingindo-se agastado, os fazia viraonde desejava, afim de que tudo lhe ficasse em seu poder, se por ventura o capitão do navio viesse a morrer; n'uma palavra para que nada lhe escapasse das mãos, sem lhe ficar alguma parte. Quando pois era chegado algum navio, ou algum mercador a sua ilha, elle lhe mandava dar um bangalal ou armazem para metter sua fazenda ; e o que tinha o cargo de almirante assentava tudo por escripto, e guardava as velas e leme em seu poder. Dos que iam morrendo era el-rei o herdeiro, assim do que possuiam do navio como da fazenda, o que era causa para que a maior parte não quizessem lá ir, ou quando o capitão morria, davam logo á vela.

Estando pois os dous navios, de que vou fallando, á espera de outra monção, todos os cabos e pessoas principaes delles foram saudar el-rei com bons presentes. Eram todos gente rica, uns Meuros, e outros Bavianes de Cambaia. El-rei os recebeu mui honradamente, e para os festejar mandou matar um grande touro, dando a cada um delles uma vacca ou um touro, que é signal de grande gratificação. Fez muita honra entre outros áquelle joven capitão, dizendo que mui bem havia conhecido seu pai, e que por isso lhe faria quanto podesse em seu serviço. O capitão lhe respondeo que era a primeira viagem que elle e o seu navio fazia, e que era ido ao rei do Achem, que havia mandado matar seu pai, para ver se poderia obter d'elle alguma reparação; que fora bem recebido do dito rei, que lhe dera quantidade de escravos, um navio, e fazendas, e que lhe havia feito prometter que volveria a vê-lo. Depois que o rei das ilhas de Maldiva o acarinhou assim, e recebeu com toda a sua gente em boa ordem segundo seu costume, lhe mandou dar aposentos, de sorte que todos ficaram mui contentes d'elle. Eu fui á tarde visitá-los, e me banquetearam bem, dizendo-me que em seu navio vinham dous Hollandezes, que iam a Surrate, de que eu me alegrei muito na espe-

rança de saber novas de França, mas elles me disseram que aquelles Hollandezes não viriam a esta ilha de Malé, assim por temor da doença, como porque nada tinham aqui a tratar; e ainda porque tinham ouvido fallar da condição del-rei, sobre o que eu lhe mandei aviso em um pequeno escripto em francez.

Nesse meio tempo foi el-rei advertido de que elles alli estavam, e entre outras cousas tomou informação das mercadorias, que trasião. As principaes eram pannos de lã, que haviam tomado aos Portuguezes, dentes de elephante, e outras cousas, e tambem dinheiro. El-rei lhes disse que elle tinha grande desejo de haver alguma boa peça de panno; ao que o capitão respondeo que cumpria que elle enviasse algum dos seus para a escolher, o que assim fez, mas o primeiro feitor Hollandez mandou o seu companheiro a el-rei para ajustar o preço, e para lhe mostrar pannos de varias qualidades, donde tive eu occasião de o ver. Elle me deu recados do seu companheiro, que me enviou uma bella peça de panno branco de algodão, porque nestas ilhas não se fabrica panno branco, mas todo é de cor. Trouxe tambem de presente a el-rei uma bella espingarda de pederneira com seu aparelho, e uma boa espada, que el-rei estimou muito, e lhe deu em troco algumas esteiras, e eu tambem lhe dei outras, porque é a mais rara cousa, que nestas ilhas se fabrica. Este feitor esteve oito dias na ilha de Malé, e el-rei tomou duas peças de seus pannos, uma vermelha e outra roxa, que pagou a dinheiro, depois do que o feitor se ausentou, e não tornei mais a vê-lo. Elle sabia fallar francez, e eu lhe servi de lingua. El-rei nunca me quiz dar licença para eu ir ao logar onde elles estavam, mas elles me enviavam muitas vezes cartas com alguns presentinhos.

E por quanto estou tratando destes Hollandezes, direi tudo quanto lhes succedeo, e foi que o capitão e mercadores, que lhes bavião promettido de os levar a Cambaia, lhe disseram francamente que fã a Arabia, e que se outra cousa

haviam dito a seu capitão-mór, fóra de medo de lhes ser impedido este designio; de sorte que estes feitores se viram forçados a descarregar toda a sua fazenda. Então o capitão do outro navio, que era turco, lhes disse que se elles queriam, elle os levaria a Cambaia ou Surrate com toda segurança, o que elles acceitaram, e de feito foram com elle; e depois ouvi dizer que antes de serem lá chegados, morrera um delles. Foi para elles um bom acerto acharem esta occasião; porque sem isso, se elles houvessem ficado nestas ilhas, como forçosamente lhes havia de acontecer, perdidos estavam elles e sua fazenda, e el-rei nunca mais consentiria que elles saíssem dellas, a fim de lhe haver a fazenda.

Por este mesmo tempo veio a Malé um homem, que era Judeu de lei e de nação, e que sabia grande numero de linguas, e entre outras fallava mui bem a arabiga, e as linguas das Indias. Era natural de Berberia, e o homem mais malvado do mundo. Havia sido captivo dos Inglezes, que o levaram para Inglaterra, onde aprendera mui bem o inglez. Ora ao mesmo tempo que nós partimos de França, partiram tambem quatro navios de Inglaterra, cujo capitão-mór levou este homem para o servir em sua camara, e o accompanhou ás Indias. Elle estava já no Achem quando o nosso capitão-mór alli chegou, e foi elle que me disse que os Portuguezes lhe haviam dado peçonha (a). O capitão-mór inglez, vendo que não podia carregar de pimenta no Ac-

(a) O testemunho deste homem, cujos dotes moraes logo veremos descriptos pelo auctor, é na verdade de pouco peso para o recebermos por verdadeiro. E note-se ainda que o auctor neste mesmo Capitulo mais adiante diz que quem lhe deu esta nova foram os dous Holandezes, que vinham do Achem. Sendo para admirar que o auctor tenha tão pouca certeza de quem lhe deu conhecimento deste para elle notavel successo. Todavia não devemos occultar que Diogo do Couto (Dec. XII. Cap. IX) nos conta como tres ou quatro annos atraz do em que se diz succeder este caso foram mortos pelo Rei do Achem á traição em um banquete os Holandezes de umas náos, que alli estavam tratando mui amigavelmente; traição urdida pelo embaixador Portuguez áquelle rei, e a qual o nosso historiador applaude.

hem, foi-se a Bantão na Java, onde este Judeu lhe furtou mil e duzentas ou mil e quinhentas moedas de quarenta soldos de Hespanha, e fugio. Com os Inglezes era de sua religião, e com os Mouros era tambem da delles, ainda que verdadeiramente fosse Judeu; e casava-se em toda a parte onde se achava, de sorte que tinha quatro ou cinco mulheres nas Indias. Embarcou-se no Achem em um navio de Surrate, que veio a passar na cabeça das ilhas de Maldiva, e elle foi tão malavisado que saio em terra com toda a sua fazenda, que ainda então valeria uns mil e quinhentos escudos, porque tinha já dispendido todo o resto. Logo que pôde apurar este dinheiro, foi-se a Surrate, onde se casou. Em fim sendo nesta ultima viagem chegado a Malé, veio offerecer a el-rei o seu prestimo, dizendo que era mui bom bombardeiro, ainda que disse não entendia cousa alguma. Ao principio foi bem acceito, mas quando se vio que elle era mentiroso, deixaram de fazer caso delle. Nessa conjunctura tendo caído enfermo, pedio-me que sollicitasse del-rei licença para elle se ir embora, o que eu tratei por intermedio daquelle senhor, em cuja casa eu fora alojado, que lhe alcançou a licença a grande custo. Dizia o tal Judeu que era casado em Guzerate, onde tinha um filho, o que em parte lhe valeo para obter a licença. Depois disto dilatou-se ainda tres ou quatro mezes a comer esse pouco que lhe restava, e depois embarcou-se com o mais rico mercador mouro de Cananor no Malabar, que era alli a maior pessoa abaixo do rei Ali Radia. Este mercador tinha uma mulher nas ilhas de Maldiva, e nellas fazia grande trafico, não havendo Atollon onde elle não tivesse feitores, ou fazendas de fóra, e tinha sempre navios ou barcos nestas ilhas. Chamava-se *Poecaca*; e com elle se foi este Judeu a Cananor.

Em quanto áquelle joven capitão, de que já fallei, direi a desaventura que lhe aconteceu a elle, e á gente do seu navio. Deteve-se nestas ilhas uns seis mezes, durante o qual tempo fizeram ahi o seu commercio, posto que fos-

se contra sua lêngão, mas viam-se a isso forçados pela necessidade que tinham de certas cousas produzidas nestas ilhas, recebendo em troco de sua fazenda côcos, e cordas de fios de côco, a que chamam *Cairo*. Mas a mercadorias com que mais folgavam era o *cambe*, ou concha de tartaruga, que nestas ilhas se cria. As melhores são as maiores e mais grossas, e destas o *Gaut*, ou quarta de arratel vale bem um larim. Mas como é cousa muito procurada para fóra, a gente da terra a não quer dar senão a troco de ouro ou prata; com quanto as outras cousas as troquem por mercadorias. A mim vendiam-me os do navio a libra de pimenta até dous soldos, e quatro libras de seda branca por um escudo, e a gente da terra a comprava por maior preço, porque todos os estrangeiros, que alli chegavam, ficavam meus grandes amigos, e me faziam presentes para que eu os ajudasse a vender a sua fazenda, e tinham interprete na lingua portugueza, e eu lhes servia como de feitor. Muitas vezes chegaram a entregar-me mais de 200 escudos de fazenda fiada, e sempre me davam a quarta parte do lucro da que eu lhe fazia vender, de maneira que eu ganhava muito com elles. Aquelle joven capitão era de todos o que me tinha mais affeição, e se fiava mais de mim, o que me deu tanta mais pena da desventura, que depois lhe aconteceu; porque grande numero dos principaes e mais ricos mercadores do seu navio morreram, e é costume, como já disse, que el-rei herdá dos estrangeiros, que alli morrem. Ora el-rei havia toluido a este capitão e mercadores que fossem á ilha onde estava o seu navio, e havia tomado delles muita fazenda fiada, porque nunca pagava senão quando estavam prestes a partir, além de por este meio estorvar que se fossem quando bem quizessem, ou que emprendessem alguma cousa contra seus estados. Destarte todo o meio de partir lhe é vedado, tanto mais que logo que um navio chega, o *Mirnaire*, ou quadrilheiro do almirante faz levar sem dilação o leme ao palacio del-rei, donde não pode ser tirado sem licença do dito almirante.

Certo dia pois mandou el-rei chamar este capitão para saber delle por meio de palavras brandas e fagueiras a carga do seu navio, com distincção das fazendas, e nomes das pessoas a quem ellas pertenciam. Ao que elle satisfez de boa fé, porque para Mouro era o melhor homem, que tenho visto, e lhe mostrou o registo de tudo. O que sendo tudo visto por el-rei, lhe disse então que elle era herdeiro de todos os que eram mortos, no que elle capitão não ficava prejudicado em cousa alguma, e seria pago de todas as despesas, e do seu frete. Sendo assim concertados, e que el-rei enviaria ao navio pessoas para trazerem aquella fazenda, que era muita, foi esta diligencia commettida áquelle senhor, em cuja casa eu estivera tanto tempo, porque era de quem el-rei se fiava mais. Levou consigo embarcados quarenta ou cincoenta homens, assim soldados como marinheiros, e afóra estes foi mais gente do que elle pensava, porque todos os mercadores do navio acompanharam a este senhor, e junto a el-rei ficaram em refens somente o capitão, dous dos mais grossos mercadores, e o piloto, que era um homem mui gentil. Quando todos foram chegados á ilha onde o navio estava surto, por ser já tarde a gente das ilhas se foi para terra, e os mercadores a seu navio, esperando pelo dia seguinte para tratar do a que vinham; mas estes de noite tomaram conselho de antes morrerem todos, que deixarem levar assim a fazenda do navio, e asentaram entre si que para rehavere os seus refens era mister segurar em seu poder este grande senhor, que el-rei tanto amava; e de feito elle o não deixára por todos os bens do mundo.

Chegada a manhã, e tendo aquelle senhor saído a passear á praia com dous companheiros somente, e mui descuidado do que podia acontecer, a gente do navio o veio prender, e o levou á força ao batel, onde tinham muitas armas de fogo; e retendo-o assim prisioneiro, mandaram dizer a el-rei que se elle lhe enviasse os seus refens, lhe deixariam livre aquelle dito senhor com os da sua comi-

tiva. Chegada a Malé esta nova, foi a cousa mais piedosa do mundo ouvir os clamores de toda a gente, porque não houve pessoa que não ficasse desolada, ou que ao menos se não mostrasse tal em apparencia por amor del-rei. Eu por minha parte o estava bem deveras, porque aquelle senhor era o melhor amigo, que eu tinha em toda aquella terra. Era por volta da meia noute quando estas novas chegaram, e logo todos se ergueram tanto á pressa, e com tão grande torvação, como se o proprio rei houvera sido o prisioneiro. A lastima era de outra parte que aquelle capitão, e todos os que com elle ficaram, foram logo amarrados e presos em ferros; o que me fazia grande dôr de coração, porque elle era tambem mui meu amigo, de sorte que eu não sabia qual dos dous devia prantear mais. Todos tinham dó deste capitão, mas ninguem ousava abrir a bocca em seu favor, porque el-rei estava entregue á maior colera que nunca teve, pelo receio de que lhe levassem aquelle senhor; de sorte que sem detença fez armar e pôr prestes tres galés para irem apoz elle; mas quando elle mandára vinte, nada fariam, porque o navio deu á vela para seguir sua viagem. O que vendo o sobrinho del-rei que capitaneava estas galés, mandou logo um batel para propôr algum concerto, e a restituição dos presos de parte a parte; o que foi feito, e assim cessou a discordia.

Entretanto aquelles pobres Hollandezes, que haviam sido espectadores de todo este reboião, estavam em grande aperto sobre o que haviam de fazer; e como os do navio lhe perguntassem se elles queriam tornar a elle com sua fazenda, responderam que não, que com homens tão desleaes não queriam mais negocio, e que preferiam ir com o capitão Turco, como foram; mas um destes Hollandezes morreo no caminho. O navio grande foi tão mal succedido que estando perto da costa da Arabia soçobrou, e se perdeu com tudo o que ia dentro, como ouvimos um anno depois. A maior parte da gente destas ilhas teve grande ganancia nestas discordias, e eu em primeiro lugar, por-

que devia ainda passante de trinta escudos de ajuste, de contas áquelle capitão, e mercadores, que me ficaram na mão; e o motivo porque os não entreguei aos soldados, a quem taes dividas pertencem, e não a el-rei, foi que as maiores pessoas destas ilhas deviam tambem grandes quantias, e ninguem ousava pedir-lhas. Muitas vezes chegaram a mim mais de duzentos soldados para haverem aquelle dinheiro, porque elles tinham um rol de todos os que deviam aos do navio, mas eu affirmava resolutamente que nada devia, e que havia pago tudo o que tomára. Alinal mandaram fallar a el-rei neste negocio, porque ninguem lhe falla por si, mas por interposta pessoa, se o elle não ordena, e não enceta elle mesmo a pratica; mas el-rei respondeo que o que eu devia seguro estava; mas não assim o que deviam taes e taes pessoas, que nomeou, e eram das principaes, como disse; que elles se fizessem pagar dellas do modo que podessem; que quanto a mim, eu lho pagaria depois. Com isto rematou toda a pendencia, porque elles não ousaram abrir a bocca a respeito dos outros senhores, que eram devedores; e depois nunca mais ouvi fallar em tal cousa.

Em quanto áquelle senhor, que fora preso no navio, é de saber que morreo um anno depois de ser libertado; e nunca vi chorar el-rei tanto como nesta occasião. Não se afastou do lado delle um só instante no espaço de quasi tres dias que lhe assistio; mandou-o sepultar com as mesmas cerimoniaes como se fora seu proprio irmão ou filho; e sempre amou tres filhos, que elle deixou, e os conservou junto a si com cargos de sua casa, que lhe conferio. Ora é costume desta terra que quando morrem estas pessoas, que são como os mordomos-móres da casa del-rei, este lhe pede contas, e lhe toma todos os seus bens, dando á mulher e aos filhos o que lhe apraz. Donde dous dias depois da morte deste senhor, a sua viuva e quatro filhos, tres varões e uma femea, se foram ao paço com todas as suas contas e papeis, e grande numero de servidores carregados de ouro e prata, e de toda a sorte de riquezas, segundo o

costume daquelles que tem meneado negocios del-rei; mas elle pegou nas contas e rasgou-as sem as querer ver, nem tomar nada do que lhe levavam. dizendo em alto som que elle lhes dava tudo, e que o servissem tão fielmente como o fizera seu pai. Um dos filhos logo que seu pai morreo, veio esconder em minha casa o valor de mais de quinhentos escudos, o que ninguem mais soube senão elle e eu. Este moço me dizia todos os seus segredos. A rainha principal o amava muito, e de tal sorte que el-rei o prohibio de vir ao paço; mas elle não deixou de o fazer, mas tão secretamente que ninguem teve noticia disso.

Tornando aos dous Hollandezes, que eram vindos naquelle navio grande, de que tanto tenho fallado, elles me deram novas de França e do que era succedido nos cinco annos que haviam decorrido depois da minha partida. Entre outras me deram a do feliz nascimento de *Monseigneur* o Delphim, ora rei (a), do que meus companheiros e eu recebemos grande contentamento. Tambem referiram a morte da rainha de Inglaterra (b), e a do Marechal de Biron (c). Disseram-me outrosim o que era feito da nossa capitania o Crescente, e como o nosso capitão-mór o senhor de la Bardeliere estando em Sumatra no Achem fora envenenado pelos Portuguezes, e como sentindo que se finavá, se embarcou apressadamente, e deu á vela, de medo que o rei do Achem segundo o costume de todos estes paizes orientaes, lhe não tomasse para si o seu navio, se elle alli morrera. Mas elle morreo antes de dobrar o Cabo da Boa Esperança (d).

O navio ainda não estava meio carregado, e navegou até a altura do Cabo de *Finis terrae*, onde chegou com quasi toda a gente morta, e o resto tão enferma que se não podia mecher. Alem disso estava o navio tão aberto, e tão alque-

(a) Luiz XIII.

(b) Isabel.

(c) Degollado na Bastilha a 31 de Julho de 1602.

(d) Veja-se na pag. 236.

brado, que fazia agua por toda a parte e se ia ao fundo; mas por boa ventura encontraram alli dous navios Hollandezes, que salvaram a fazenda, e o resto da gente, que tudo levaram a Inglaterra, e houveram o terço do que fora salvo por sua diligencia. Os do Crescente haviam tomado a soldo dez Indios no Achem, para os ajudarem na torna-viagem. mas a maior parte delles morreo na ida e volta. Os que escaparam foram pagos, e reenviados pelos Hollandezes. Houve tambem um Indio que veio a Hollanda, e ahi se demorou tres annos, onde aprendeo a fallar flamengo, e um pouco francez, porque o amo, com quem esteve em Hollanda, era Francez; e quando regressou á India, contava a todos aquelles reis indianos as maravilhas da grandeza e magnificência da Hollanda; mas dizia tambem a grande estimação e conta em que os Hollandezes tinham o reino de França.

CAPITULO XXI.

De um navio portuguez tomado, e perdido; de um embaixador do rei christão das ilhas de Maldiva; de um navio do Achem; do natural dos Malaioes; da confissão dos Maldivas; de uma estranha ilha descoberta; e de outros acontecimentos.

Em tempo que eu estava nas ilhas de Maldiva, os Hollandezes havendo apanhado aos Portuguezes um mui lindo e muito bom navio, levaram-no ao Achem com sua carga, e ahi tendo-o descarregado e mettido a fazenda em seu armazem para a venderem, acharam por acaso um mestre de navio com sessenta marinheiros, os quaes haviam perdido

o seu navio na costa de Sumatra, e eram de Guzerate e Cambaia. Os Hollandezes lhe perguntaram se elles os queriam servir com fidelidade, e havendo elles respondido que sim, e dado assaz segura abonação na cidade do Achem, os Hollandezes lhe deram este navio portuguez bem negociado de virtualhas, e provido de todo o necessario, sob condição de levarem um de seus feitores com fazenda a Cambaia, e que depois disso o mestre faria do navio o que bem quizesse como cousa sua. O mestre e a sua gente cheios de contentamento por este encôntro acceitaram gostosos a proposição, e os Hollandezes carregaram o navio de fazenda no valor de mais de sessenta mil escudos, como roupas, marfim, chumbo, ferro, aço, enxofre, prata, pedraria, e outras cousas preciosas. O navio deu á vela caminho de Cambaia, mas não quiz passar pelas ilhas de Maldiva sem pagar o mesmo tributo que nós; porque em certa noute bateo n'um banco nestas ilhas, e deu á costa, salvando-se a fazenda, como já acontecera ao nosso. Eu vi este feitor Hollandez, chamado Martim Dombe, natural de Zelandia, o qual era homem de boa presença, e muito experto. Deteve-se quasi dous mezes na ilha de Malé com o mestre e um marinheiro; depois el-rei lhes deu um barco para se irem embora. O mestre era mouro, assaz conhecido nestas ilhas; e rogou a el-rei que fizesse bom agazalho a este feitor, o que elle fez. Ao depois vi este Martim Dombe em Cochim, como em seu lugar direi.

E' impossivel representar a crueza e tyrannia, que este rei praticou com o contra-mestre deste navio, homem de quasi trinta e cinco annos, e com um seu filho de doze ou treze annos, e outros dous homens seus companheiros, por serem accusados de haverem tomado e escondido o thesouro do navio, a saber, o ouro, prata, e pedraria. Teve-os presos perto de um mez, mandando-lhes todos os dias dar pancadas e açoutes sendo atados e amarrados pela cabeça, sem lhes dar cousa alguma de comer, e comendo elles apenas o que se lhe podia introduzir

em segredo, e bem escassamente; mas também direi que nunca vi tal constância e intrepidez como a sua, porque nunca foi possível fazer-lhes confessar cousa alguma, de sorte que não houve remedio senão soltar-os quando se vio que elle não morriam. E nunca houve cousa que mais espanto me causasse do que não haver morrido esta gente mil vezes com o máo tratamento, que lhe deram. Não tinham mais que a pelle e o osso quando saíram da prisão, mas o que eu mais admirava era a resolução do rapaz em soffrer tudo isto com tanta paciencia. Quando pois o rei vio que não podia tirar delles outra cousa, mandou-os curar e tratar, e lhes deu algum dinheiro para se irem embora. Mas a verdade é que elles haviam escondido o dinheiro, que se suscitava.

Um anno pouco mais ou menos antes que nós saíssemos das ilhas de Maldiva, veio ao rei dellas um embaixador da parte do rei christão das mesmas ilhas, que estava em Goa, e de que atraz fallei. Este embaixador era Portuguez, e me disse que havia estado na Rochella em França. Era homem de cincoenta annos pouco mais ou menos, e chamava-se André de Gouvea. Procedia de mui boa linhagem, e vinha acompanhado de alguns outros Portuguezes, e indios christãos. O motivo de sua vinda era a contenda, que havia entre este rei christão e um seu tio chamado Dom Paulo, que morava em Cochim, e que queria lhe tocasse parte do tributo, que se pagava ao dito rei christão das ilhas, sobre o que corria demanda perante a Relação de Goa havia largo tempo, durante o qual este Dom Paulo havia recebido á força o tributo; porque a gente das ilhas de Maldiva na forma do tratado de paz não o devia levar a outra parte senão a Cochim, onde o dito Dom Paulo estava. Sobre este particular tendo a Relação de Goa ordenado que o rei christão Dom Phelippe houvesse uma certidão do rei, que governava nas ilhas, e de todos os principaes da terra, em como elles reconheciam por seu rei, e por tal tinham ao dito Dom Phelippe, este por esse respeito enviou esta embai-

xada com quantidade de presentes. Mas o rei mouro das ilhas não fez grande caso da embaixada, e o embaixador esteve alli mais de dous mezes sem ser admittido a audiencia; tão soberbo e vão era este rei nas cousas, em que não sentia proveito; e tão bem sabia fazer-se rogar quando delle havia alguma dependencia. Em somma passaram-se mais de quatro mezes antes que este embaixador fosse despachado, mas em fim obteve o que pretendia com quantidade de presentes de cousas raras, que o rei mouro lhe deu para seu amo e para elle.

Por este mesmo tempo perdeu-se alli um navio pertencente ao rei do Achem, o qual não vinha dirigido a estas ilhas, mas a Masulipatão ou Bengala; e comtudo as calmas e correntes o impelliram para alli á força. O rei ficou com toda a sua fazenda, que na forma do costume lhe pertence. O capitão salvou muito ouro, prata, e pedraria, e foi bem tratado do rei, que lhe deu um barco bem provido de viveres para se ir embora. Mas direi o que aconteceu a um destes Malaios (assim se chamam os da Sonda, e das partes de Malaca), porque tendo salvado uma boa porção de riquezas, o capitão e alguns dos officiaes do navio queriam-nas repartir com os outros a seu arbitrio; mas tres d'entre elles tomaram a resolução ou de haver a sua parte que directamente lhe pertencesse, ou antes perder a vida; de sorte que um dia espreitaram como o capitão fôra a passear só para logar escuso, e o accometteram, e o matariam, ou o despojariam da bolça. se não acudiria a gente da terra, com o que foi salvo. Elle era bravo e intrepido, e sabendo o genio natural destes Malaios, que são irreconciliaveis, e que se não desdizem nunca do que uma vez tem resolutos, e que não fazem mais caso da vida de um homem que da de um frango, deliberou de os prevenir, e acompanhado de alguns dos seus, foi-se a encontrar estes tres homens com as armas na mão, quando elles saiam de seu templo ou mesquita, e os accommetteo tão resolutamente, que derrubou morto o que era mais esforçado d'entre elles, e auctor

da briga, e aos outros dous ferio, sendo salvos pela gente da ilha. Elles defenderam-se bem; e o que foi morto recebeu muitas feridas, porque são gente cruel e vingativa. Desaprouve isto muito a el-rei, e determinou ao Pandiare que os apasiguasse, o que elle fez, e tendo chamado ante si o capitão e os dous que haviam escapado, averiguando como tudo era passado, achou-se que o morto o fora bem e justamente, por haver querido matar a seu capitão; mas não poudo fazer as pazes entre os outros dous e o mesmo capitão senão a muito custo, porque este não queria de forma alguma perdoar-lhes, e o não fizera sem a expressa determinação del-rei. Sendo finalmente feitas as pazes, o Pandiare mandou áquellos dous homens que fossem beijar os pés ao capitão, e pedir-lhe perdão, o que elles fizeram mui voluntariamente. Tambem lhe mandou fazer uma especie de confissão em arabigo em alta voz, como segundo sua lei são obrigados a fazer todos os que tem commettido alguma culpa; porque aliás os criminosos, ou condemnados por justiça não ousariam tratar nem communicar com os outros sem haverem primeiramente feito confissão de sua culpa perante o Pandiare, ou perante aquelles que por elle são deputados, como os Naibas, e não outros; e cumpre que por estes taes sejam absoltos. O Pandiare mandou ao capitão fazer outro tanto, porque havia matado aquelle homem; e ao depois foram bons amigos; e com tudo os outros dous não quizeram mais embarcar com o capitão quando elle se foi, dizendo que elle os lançaria ao mar, pois não ha que fiar nesta gente apesar de qualquer reconciliação; de sorte que elles preferiram esperar outro navio das ilhas para se irem ao Achem. Quando aquelle capitão se foi, o rei destas ilhas escreveu ao do Achem, e lhe enviou presentes, porque eram bons amigos, e muitas vezes se enviavam cartas e presentes um ao outro. Em quanto porem ao navio, que deu á costa; é costume geral entre elles pertencer tudo áquelle rei, em cuja terra se perde o navio; e dar-se-ia por aggravado aquelle, a quem

se fizesse restituição da fazenda do seu navio perdido.

Algun tempo depois el-rei enviou por duas vezes um piloto mui experimentado ao descobrimento de certa ilha chamada *Polluoy*s, que para elles é ainda quasi incognita, e só dizem que antigamente uma sua barca ahi aportou casualmente, como em suas historias se contém, mas que foram forçados a sair della por causa dos grandes tormentos, que lhe fizeram os diabos, que elles dizem que são senhores da dita ilha, e que causam as grandes, horriveis, e continuadas tempestades, que ha naquelle mar, e impedem os navios de poder surgir alli. Tambem dizem que o diabo os atormentava lá visivelmente; e em quanto á ilha, que ella é fertil em toda a sorte de fructos, e são mesmo de opinião que aquelles grandes côcos medicinaes, que tão caros são, se dão naquella ilha; posto que alguns pensam que vem do fundo do mar. Não ouvi dizer se na tal ilha ha betle ou não. Está em altura de dez grãos da linha, e quasi cento e vinte legoas das ilhas de Maldiva, cujos reis tem alli mandado muitas vezes navios a seu descobrimento; mas quando a buscam de proposito ainda a não tem podido achar; e quando a ella tem aportado é por acaso. Se o piloto, que agora foi mandado a este descobrimento a houvera achado, sua tenção era de tentar povoal-a. Levava comsigo feiticeiros e magicos para fazerem concerto e pacto com o diabo, porque elles não sabem esconjural-o, mas rogam-lhe que faça esta ou aquella cousa, promettedo-lhe banquetes, e outras offertas.

Este piloto porem não poudo encontrar a ilha que buscava, nem tão pouco poudo retroceder pelo caminho das ilhas de Maldiva, e em tal caso o mais que se pode fazer é tomar o Achem, ou Ceilão, ou o cabo Comorim. Ambas as duas vezes que o tal piloto tentou esta jornada, morreo-lhe a maior parte da gente; mas elle dizia que tanto faria que a descobriria, ou morreria sobre isso. O motivo de acharem sempre temporaes nesta navegação, é fazerem-na no inverno, quando reinam os ventos e correntes de oeste;

porque se reinassem as de leste, e fosse caso que não a-chassem a ilha, attenta a incertesa de seu descobrimento, seriam impellidos para a costa de Ethiopia, e pereceriam. Este piloto tinha grande desejo de me levar consigo nesta viagem, e eu não tinha menos de ir com elle; mas el-rei o não consentio, persuadido que se eu uma vez fosse á costa de terra firme, não voltaria mais ás ilhas.

Durante a minha estada nellas vi chegar um grande navio de Bengala carregado de fazenda daquella terra, e que vinha a estas ilhas somente para carregar dos bolys ou busios, de que tanto tenho fallado. O capitão deste navio morreo, e el-rei herdou tudo. E pouco depois sendo morto outro capitão de Guzerate, o rei arrecadou tambem a fazenda do navio. Donde se pode ver quanta ganancia e rendimento recebia el-rei destes casos fortuitos.

Houve tambem um rei de Ceilão, que desejando fazer um presente ao rei de Cochim, mandou negociar uma galé, e carregal-a da mais excellente canella, e areca; e sendo partida as calmas e as correntes a impelliram ás ilhas de Maldiva, e ahi encontrou um canal onde a corrente não era tão rapida que a podesse levar á outra banda d'alem das ilhas. Com tudo como a gente do navio o não podesse fazer arribar, a gente das ilhas se foi a elle em barcos, e á força de cabos, ancoras, e remos tanto fizeram que o salvaram, e o fizeram surgir. Como porem os do navio contavam ir sempre terra a terra, e ferrar o desejado porto de um para outro dia, não tomaram consigo muitos viveres; mas tendo-se demorado largo tempo no mar antes de arribar a estas ilhas, estavam tão fracos e tão quebrantados de sede e fome que já nada podiam, nem tinham outra coisa senão canella e areca. E se não houveram arribado a estas ilhas, não teriam terra mais proxima que as costas da Arabia ou de Melinde, que são a novecentas legoas de distancia; e assim teriam todos perecido.

A ilha onde surgiram chama-se *Itadú*, e jaz ao sul da ilha de Malé, da qual dista quasi cincoenta legoas no Atol-

lon *Adumatis*. A fazenda que o navio trazia era mui estimada nestas ilhas, e principalmente a areca o era mais que a canella; porque elles não podem passar sem a areca, como a nós nos acontece com o pão e vinho. A gente do navio teve de vender alguma da fazenda que trazia para ter de comer. Mas o costume destas ilhas é que ninguém ousa commerciar com os estrangeiros sem permissão del-rei (e comtudo não deixam de o fazer secretamente; mas quando o caso é sabido, paga-se multa, e toda a fazenda fica confiscada); e só é licito faze-lo com fructas, ou cousas de comer e beber. Os estrangeiros devem commutar a sua fazenda sem lhe pôr preço, porque é o rei e os anciões, que a taxam; e isto se entende da fazenda que vem extraordinariamente, porque não guardam este estilo com a que acode ordinariamente, e é trazida pelos Malabares, os quaes pela maior parte vem acompanhados de suas mulheres, filhos, e servidores; e o trato de suas fazendas corre a par das da terra, e tem a mesma policia, e a mesma regra dos naturaes.

Ora o capitão Chingalá deste navio de Ceilão não trazia dinheiro algum, esperando achar em Coehim todas as cousas necessarias, e gente conhecida; e assim como não tivesse dinheiro para comprar viveres, mandou offerecer a el-rei que lhe tomasse alguma fazenda para haver mantimentos, e se negociar para a partida. Mas este rei prevenido bem que toda aquella fazenda lhe ficaria nas mãos, não lhe deu despacho adequado, e somente o mandava bastecer dos mantimentos necessarios para cada dia. Tratou-se pois de descarregar esta fazenda, e de varar a galé para a espalmar; mas estes insulares, que são máos por natureza, e só desejam a ruina dos pobres estrangeiros, depois que foram reunidos de todos os logares circumvisinhos, e bem pagos para varar a dita galé, bateram com ella maliciosamente num banco de areia, onde se partio, de sorte que o coitado do capitão e a sua gente ficaram sem navio, e obrigados a deitar-se alli por algum tempo, donde veio enferma-

rem, e morrerem quasi todos, entrando o capitão; de maneira que el-rei foi herdeiro de toda esta canella, a que chamam *Poniembús Thory*, e a areca *Puá*. Se o rei de Cochim lhe houvera escripto, o das ilhas lhe teria tudo restituído. Sua tenção depois era enviar esta fazenda a Arabia, e até quando elle foi morto estava um grande navio todo carregado para lá ir; mas este foi tomado com tudo o mais, como abaixo direi.

Pouco tempo depois chegou outro navio de Masulipatão carregado de arroz, pannos brancos, oleos, e outras fazendas proprias para estas ilhas. O capitão, homem de sessenta annos, tinha os cabellos brancos como algodão, e compridos como de mulher. O seu navio estava surto a trinta legoas da ilha de Malé para o sul, e vinha para carregar de peixe, que havia de levar ao Achem. Este capitão se havia feito meu mui grande amigo, mas morreo em Malé, e logo el-rei mandou buscar o seu navio; o qual quando o traziam deu á costa de noute em um banco, e tudo se perdeu.

Houve tambem um grande navio de Cambaia, que enganou bem ao rei, e o caso passou assim. O capitão, tendo aportado a uma ilha para o norte a quarenta legoas de Malé, mandou ante el-rei quatro dos seus principaes para o saudarem com presentes. Sua tenção não era deter-se alli; mas somente haver alguma enxarcia, mantimentos, e outras cousas necessarias; comtudo fingia querer fazer alli sua commutação, do que o rei era mui contente, e já esperava ter boa parte da fazenda, de tal sorte que não queria que aquelles quatro se tornassem ao navio, e lhe disse que escrevessem a seu capitão para vir a Malé com o seu navio. Mas elles, sabendo que o desenho de seu capitão era ir-se embora; e temendo que o rei os deixasse alli em refens, tanto fizeram com elle que lhes deu licença de voltarem ao navio, sobre a promessa de o trazerem alli, e para esse fim lhe deu um bom numero de soldados. Mas elles quando se acharam dentro do navio, despediram sem

cerimonia os soldados ás bombarbadas, espingardadas, e fréchadas; de que el-rei ficou mui agastado, e se tornou contra alguns estrangeiros, moradores na dita ilha, e contra a gente natural della, como quem havia dissuadido aquelles mercadores de ir a Malé, e fazer ahi o seu commercio; pois todo o desejo d'elle era chamar os navios á sua ilha, porque estando longe não podia tanto á sua vontade have-los a seu poder.

Seria impossivel dar conta por miudo de todos os navios que foram áquellas ilhas; durante o tempo, que nellas estive. Só quiz fazer menção daquelles a que aconteeceo alguma desventura, ou caso notavel, e fazer ver como toda a tenção del-rei e de seus vassallos não era outra senão arranjar-lhe algum desastre, ou algum inconveniente, porquanto elle dava certa porção do recheio dos navios, que se perdiam, a toda a gente de seus estados, e em especial aos homens d'armas. Mas não entravam nesta conta os navios, cujos capitães morriam, porque destes só el-rei se aproveitava.

CAPITULO XXII.

De diversos castigos dados por adulterios, lascivia, e outros peccados; da propensão das mulheres indianas para o amor; do grande Pandiare; e da estranha resolução de um mulato.

Fallarei agora de diversas cousas, que em meu tempo aconteceram a pessoas particulares, moradoras nestas ilhas. Entre outras direi o que succedeo a um gentio natural de Cochim, homem de grande riqueza e apparato. Oito annos

continuos havia que elle ia e vinha a estas ilhas, onde sempre conservava pousada, e feitores, com outros servidores domesticos. Fallava mui bem a lingua da terra; e finalmente era alli naturalisado. Um dia foi sorprendido em companhia de uma mulher destas ilhas, com a qual havia seis mezes que travára relações, e era ella uma pobre creada de servir. Sendo assim sorprendido, foi levado com ella pelos officiaes de justiça ante o grande Pandiare, ao qual elle disse que lhe não fizessem mal, e que elle desejava professar a sua lei, e se casaria com esta mulher; o que fez; e parece que de muito tempo elle andava já desejoso de professar a lei de Mafoma, porque devia muito dinheiro em Cochim, onde quebrou. Pelo seu casamento fez aquella mulher grande senhora, porque alli os estrangeiros, assim homens como mulheres, podem usar tudo quanto querem. A elle sobre sua promessa lhe deram a liberdade, mas em quanto a ella foi feita justiça na forma do costume, sendo-lhe rapados todos os cabellos, e depois banhada em oleo rançoso e fedorento, a cabeça envolta n'um sacco velho feito de vela de navio, e finalmente acoutada em todas as esquinas, e ao redor de toda a ilha. E' este o modo de castigar todos aquelles e aquellas que são apanhados em adulterio, e em lascivia. Mas lá, como cá, o dinheiro faz tudo, e livra de tudo. Este homem, como abraçou a sua religião, foi levado pelas ruas e ao redor da ilha em triumpho acompanhado dos maiores senhores, e de toda a sorte de pessoas, e de todas as qualidades; e deram-lhe quantidade de dinheiro e vestidos, pondo-lhe outro nome; porque lá os nomes são postos á vontade, e por quem quer, ou seja pai, ou mãe, parentes, ou outra qualquer pessoa que primeiro se acerta; e igualmente o nome se põe em qualquer occasião, sem ser mister a do nascimento, ou circumcisão; de sorte que segundo entendendo elles poem lá os nomes á gente, como nós cá os pomos aos cães, e aos cavallos; porque o primeiro que lhes é posto por quem quer que seja, esse lhe fica. O rei deu

tambem dignidades a este novo converso, e o constituiu por dispenseiro e repartidor de todo o arroz, e outras provisões, e mercadorias, de que el-rei fazia commercio. E' este um mui honrado cargo, e tem outros officiaes, que lhe são sujeitos.

Fallando do Pandiare, que áquelle tempo servia, era elle um Xerife da Arabia, que é gente mui honrada entre elles, e da mais nobre, por proceder da raça de Mafoma. Era mui bom homem, e extremamente amado del-rei. Era tambem muito inclinado aos estrangeiros, e arguia el-rei entre outras cousas pelo máo tratamento, que nos havia feito, visto que nós eramos amigos da sua nação, e inimigos dos Portuguezes; e que os reis do Achem, da Java, e outros faziam mui bom agazalho a todas as nações destas nossas partes, como Francezes, Inglezes, e Hollandezes, segundo elle observára nas partes donde vinha. Sobre o que el-rei lhe respondeo que bem lhe pesara de assim o fazer, mas que isso não procedia delle, e sim dos senhores e anciões da ilha. Este Pandiare regressava do Achem a Arabia, e havia sido mui bem agasalhado no Achem e brindado com muitas riquezas, que comsigo levava, quando ao passar por estas ilhas, el-rei travou com elle conhecimento, e tanto lhe pedio que alli ficasse, que finalmente elle se rendeo. Era tão familiar com el-rei, que este o fazia comer comsigo, cousa que a mais ninguem era concedida.

Vi uma vez a este Pandiare fazer uma justiça exemplar n'um grande numero de mulheres, que não eram menos de vinte e cinco ou trinta, e pertenciam á primeira nobreza da terra, as quaes eram accusadas de um peccado, a que na sua lingua chamam *Puy tallan*, e é cousa tão monstruosa, nauseante, e torpe, que honestamente se não pode nomear. E verdadeiramente todas as mulheres da India são por sua natureza mui inclinadas a toda a sorte de sensualidade e lascivia; mas as de Maldiva em particular são tão inficionadas deste vicio, que não tem outras praticas, nem outra occupação; e fazem gala, e passa entre ellas por virtude te-

rem algum guapo e requebrado amante, a quem concedem todos os favores, e dão todas as provas de amor, que elles podem desejar. Entre outras nunca lhe deixam acabar o provimento do betle preparado de algum modo exquisito e extraordinario com cabecinhas de cravo, ou com uma certa sementinha preta, a mais calida, odorifera, saborosa, e doce que é possível. Os homens da sua parte vão colher flores para ellas, e as dispoem mui bem em ramalhete, enviando-lhas por galanteria. Ha certas flores brancas mui cheirosas, sobre as quaes se pode escrever e gravar tudo o que se quer com a ponta de uma faca, e alli escrevem elles tres até quatro versos sobre o assumpto de seus amores. Dinheiro e outras cousas de valor poucas vezes as dão entre si, e se as dão, mais depressa a dadiva é das mulheres que dos homens, os quaes todavia da sua parte são mui galantes e cortesãos com as damas.

E procurando descobrir as razões porque estas mulheres são de uma compleição tão calida e aniorosa, muitas se podem allegar, mas as principaes me parecem ser o estarem sempre ociosas e não fazerem outra coisa senão estar sempre deitadas, e fazer-se balançar por mimo. Alem disso mascam continuamente betle, que é uma erva mui calida, não fallando em que em seu comer ordinario ellas usam de tantas especiarias, que ás vezes mal podia eu metter um pedaço na bocca; e tambem lhe lançam alhos, cebollas, e outras semelhantes cousas calidas. Sobre tudo isto o clima, que jaz directamente debaixo da linha, contribue muito para isso; e é o que por outra parte faz os homens mais froxos e faltos de forças; e não obstante isso tem pela maior parte duas e tres mulheres, já se sabe os que tem com que as sustentar. São tambem tão preguiçosos e ociosos como o são as mulheres, e não fazem outro exercicio senão estar deitados junto dellas sem tratar de outro mester.

Mas tornando á justiça que foi feita naquellas mulheres, houve primeiramente duas, que foram collidas em flagrante, uma das quaes era casada com um official principal

da casa del-rei, que muito o amava. Ora sua lei e costume dispõe que quando um official del-rei, ou outra pessoa de sua obrigação, tem delinquido em alguma cousa, antes de se fazer nelle justiça, o grande Pandiare manda advertir el-rei para saber se elle ha por bem que se proceda a ella na forma ordinaria; cousa que o rei nunca nega. Tendo pois o grande Pandiare mandado avisar el-rei do caso destas duas mulheres, o rei lhe deu em resposta que justiça fosse feita não somente nestas duas, mas em muitas outras ainda, de que elle ouvia fallar havia muito tempo como incursas no mesmo vicio; e que elle queria que disso se fizesse uma exacta averiguação; para a qual diligencia enviou o marido de uma dessas mulheres com dous dos mais proximos parentes de sua pessoa para assistirem á essa averiguação e justiça; e lhes encomendou mui expressamente que dissessem ao Pandiare que não faltasse a cumprir tudo quanto elle lhe havia dito, e que se ficasse alguma sem castigo, elle rei tomaria o caso á sua conta; de sorte que toda a gente se congregou sem detença de todos os sitios da ilha, e acudiram até os maiores senhores, a maior parte dos quaes vio fazer justiça em suas proprias mulheres. Durante esta execução el-rei mandou fechar todas as portas de seu palacio, para que ninguem podesse ir a elle a pedir-lhe graça para sua mulher; e assim foi feita justiça igual. Estas pobres coitadas accusavam-se todas umas ás outras; e mesmo os homens, que as conheciam, ou que sabiam dellas por ouvir dizer, as delatavam, e nomeavam em voz alta de quem ellas eram mulheres. Assim houve umas trinta destas mulheres que foram punidas publicamente, sendo-lhe primeiramente cortados os cabellos o que entre elles é grande infamia, e depois foram açoitadas com as taes correas largas e cosidas, de sorte que duas ou tres vieram a morrer deste castigo. Depois disto deu-se-lhe a absolvição de tudo, com ameaça que se reincidissem seriam afogadas no mar. Mas depois vi algumas dellas que havendo sido apanhadas em reincidencia, não foram todavia

afogadas, mas somente açoutadas com aquellas correas, a que chamam *Gleau*. Em quanto a outros peccados nefandos e de ruim qualidade são elles ali mui communs, e com quanto o livro de sua lei os condemne com pena de morte, com tudo a não observam; e não ha lugar no mundo onde taes enormidades sejam mais communs e menos punidas; no que se pode conhecer a maldição e ira de Deos sobre estes miseraveis, que a falsidade e injustiça de sua lei faz cair no precipicio destes vicios horriveis.

Nesse mesmo tempo vi fazer justiça em um moço de idade de desasete annos, que era filho de um cafre da Ethiopia e de uma mulher destas ilhas, a que chamam Mulato. Era o mais resoluto e mais destemido homem que tenho visto, porque elle só tinha o atrevimento de accommetter seis ou sete homens. Fez-se tão máo, que elle e outro companheiro se iam por aquellas ilhas em um barco a roubar tudo o que podiam latendo cruelmente naquella pobre gente. Mas em fim foi apanhado, e teve sentença de mão cortada. Quando executavam nelle esta pena nunca vi que mudasse a serenidade do rosto, nem deo o menor grito, e parecia que nada sentia. Mas sem embargo deste castigo não mudou de genio, porque tão depressa esteve são, tornou a seu antigo viver, de sorte que sendo novamente apanhado mandou-se-lhe cortar o pé esquerdo, do que elle fez tão pouco caso como da mão. E era tão resoluto que elle mesmo mostrava ao que lhe cortava o pé como se devia haver nesta operação, sem com tudo isso dar algum signal de dor. Havia alli um vaso cheio de oleo de côco a ferver, onde elle mesmo metteo a perna como se fosse em agua fria. Não penso que já mais se haja visto uma resolução de rapaz mais determinado. Além disso sua má relé o levava de tal sorte á ladroeira, que quando foi são da ferida do pé cortado, não deixava de se arrastar de noute para ir roubar. Era tambem dado horivelmente a outros peccados nefandos, de sorte que el-rei em fim se vio forçado a degradal-o, e a mandal-o matar.

Mas tornando ao grande Pandiare, que mandou fazer tantas execuções, este depois de ter permanecido ainda algum tempo nestas ilhas, tanto fez que teve licença para se ir a Arabia com um navio carregado de muita riqueza. Mas esta partida não foi sem arrancar muitas lagrimas del-rei, e de todo o povo, que lastimava extremamente a sua ausencia, porque era alli havido por santo. Elle prometteo de voltar, mas com tudo não tinha vontade disso. O seu successor no cargo foi um que havia desposado uma irmã da rainha principal, e era mui nobre e de boa linhagem; o qual, como já disse, morreo em Arabia.

Eis aqui o que eu pude observar, e me lembra de mais notavel succedido nestas ilhas de Maldiva durante o tempo que nellas estive. Direi porem ainda, antes de terminar este capitulo, que no decurso de cinco ou seis annos que estive na corte deste rei, vi mudar quasi todo o seu Estado, e morrer por diversos modos a maior parte dos officiaes de sua casa e corte. O que me fazia sempre julgar alguma cousa desastrosa, e que o fim deste Estado era proximo.

Não devo tambem deixar em silencio que vi alli succeder um eclipse de sol em pleno meio dia, e foi no anno de 1605, o qual durou o espaço de tres horas. Todo o povo andava mui espantado, clamava, e ululava de um modo estranho, dizendo que era máo agouro, e que isto significava que perderiam a maior pessoa d'entre elles. E de feito no mesmo anno uma das mulheres do rei morreo de parto; e logo depois o proprio rei foi vencido e morto, e todo o Estado destruido, como direi no capitulo seguinte. Todos apontavam mui cuidadosamente a data do dia, hora e momento do eclipse, e isto se lançou em registo nos archivos publicos.

CAPITULO XXIII.

**Da expedição del-rei de Bengala ás ilhas de Maldiva ;
da tomada da ilha de Male, e da morte del-rei. Da
viagem do auctor a Bengala, com a descripção
das ilhas de Malicut, e Divandurá.**

Tendo eu residido nestas ilhas por espaço de cinco annos, ou proximamente, mas com tudo bem contra minha vontade, esta longa residencia me fez conhecer o que era esta terra, e aprender sufficientemente a lingua, os costumes, e usos de seus habitadores, por ventura melhor, e posso-o dizer sem vaidade, do que algum outro europeu o haja feito em tempo algum. Donde tive materia para me extender tão particular e exactamente na descripção destas ilhas, sabendo bem que ninguem antes de mim o havia escripto assim, e talvez que haja de se passar largo tempo até se encontrar quem faça nellas tão detida residencia como eu tenho feito, por quanto mui raras vezes ali vão os estrangeiros, e se vão, é muito contra sua vontade, por rasão do grande risco que ali se corre; o que faz que cada um cuida sempre em se desviar dellas quanto pode, donde veio o haver até agora tão pouco conhecimento dellas. Alem disso quando a desdita ali levasse alguma outra pessoa assim como me levou a mim, difficoltosamente seria tratada tão favoravelmente, e com a mesma liberdade, que eu experimentei. Isto me sirva de desculpa para com os leitores, se tenho sido um pouco enfadonho, e nimiamente extenso nesta descripção das ilhas de Maldiva. Mas julguei que, já que Deos fora servido de por meio de minhas desaventuras me dar a saber tantas

particularidades, estava eu em obrigação de as communicar ao publico, e ao meu paiz, que não deixará de algum modo de me agradecer a minha boa vontade; e não devia eu por outra parte ser ingrato aos favores, que Deos me ha feito dando-me a conhecer tudo isso, e livrando-me em fim milagrosamente do modo que logo direi.

Mas antes disso não posso passar em silencio um sonho, que dous dias antes de meu livramento tive uma noite naquellas ilhas, porque merece ser sabido. Sonhei pois que havia saído desta terra, e que estava em toda a liberdade em terra de Christãos, o que infinitamente me enchia de contentamento; mas quando accordei, fiquei bem espantado de ver quão falso era o meu sonho. Todavia sem embargo de eu ficar mui triste, levantei-me, e pondo-me de joelhos orei a Deos com todas as veras do meu coração que fosse servido fazer-me a graça de me livrar desta servidão mahometana, e restituir-me a terra de Christãos, onde eu podesse renovar o livre exercicio de minha religião, que havia tanto tempo que eu fora forçado a suspender; e desde então fiz voto de ir em romaria a São Thiago de Galliza em acção de graças por tanta mereê de Deos. Duas noites depois deste sonho, e era no mez de fevêreiro de 1607. succedeo que el-rei teve novas de que uma armada de desa-seis galés ou galeotas, vinha sobre estas ilhas, e estava já prestes a entrar nellas. Isto causou grande espanto a el-rei. e a todo o seu povo, tanto mais que tal nova os apanhou de subito nem de antes haviam recebido aviso algum. El-rei mandou logo lançar ao mar as galés que tinha, e eram sete, a fóra os outros navios, barcos, e bateis, de que havia grande copia. Toda a gente se pôz sem detença a trabalhar neste negocio com todas as suas forças, mas não o concluíram tão prestes que antes não apparecessem as velas do inimigo; o que ainda mais espantou a el-rei. Por isso mandou embarcar promptamente todas as melhores riquezas, que possuia, para se pôr em salvo elle e suas mulheres em outras ilhas mais remotas para a banda do sul, ou

de o inimigo não pudesse chegar pela difficuldade dos lugares.

A' primeira vista destas galés toda a gente se pôz a trabalhar, uns nas galés e navios del-rei, outros em seus barcos e bateis, para se embarcarem com seus bens, e salvar-se nas outras ilhas. Eu por mim quando vi esta confusão geral, lembrando-me de meu sonho, e da oração, que pouco antes fizera a Deos, comecei a cobrar alguma esperança, e principalmente quando ao longe comecei a divisar as velas inimigas, tomei a resolução com os meus tres companheiros, de buscar meio de nós pôr em salvamento, e de sairmos do captiveiro, como graças a Deos achámos. Mas deixo a vós o pensar em que susto nós estaríamos de que a gente da terra nos quizesse obrigar a embarcar consigo o que não poderíamos deixar de fazer sob pena de nos matarem. Mas a nossa boa ventura quiz que a confusão fosse tão grande e repentina, que elles não tiveram tempo de reflectir, e ainda menos de se lembrarem de nós. E assim ou havíamos de aproveitar a occasião de nos pôr em salvo, naquelle dia, ou nunca; e foi um verdadeiro milagre o que nos aconteceu. Comtudo durante aquelle grande tumulto que ia na ilha á vista e á chegada do inimigo, fazíamos cara de estarmos tão angustiados e afflictos como os outros, e davamos mostras de estarmos igualmente enleados, de sorte que a gente da terra vendo-nos desta maneira e nos mesmos sustos que elles, não tiveram desconfiança alguma de nós. Mas eu certamente creio que se as galés inimigas não houvessem apparecido antes de el-rei ser embarcado, como logo direi, e eu e os meus companheiros houvessemos ficado na ilha sem nos embarcarmos com a gente della, el-rei quando voltasse nos teria infallivelmente mandado matar; bem entendido, se os inimigos não tivessem querido acometter a ilha, ou se o rebate houvesse sido falso. Mas Deos tendo misericórdia de nós permittio que os inimigos apparecessem antes de el-rei e os seus poderem estar prestes, o que somente foi a causa de nosso livramento.

Entretanto os inimigos cada vez se aproximavam mais, o que percebendo el-rei, saio de seu palacio, e fugio com as tres rainhas suas mulheres, cada uma das quaes era levada ao collo pelos fidalgos, como as mãis levam as crianças. Iam cobertas de véos, e tafetá de diversas cores ao modo da China, e da grandeza de um lençol. Sairam do palacio em companhia del-rei, que com ellas se embarcou. A esse tempo andava eu carregado de armas e outros objectos, que levava a embarcar nas galés; e estando todo molhado e pobremente vestido, el-rei se encontrou comigo, e me disse que era um homem honrado, e que cobrasse animo, accrescentando uma palavra, que é commum em toda a India, isto é, *Sabatz*, que quer dizer muito obrigado; e serve tambem para louvar um homem por alguma boa acção que tenha feito. Quando elle me disse aquella palavra, saltou-me numa lagrima de dó; porque elle chorava, e fazia as maiores lamentações do mundo, de se ver forçado a largar tudo, e de ver levar assim suas mulheres, que por sua parte iam desfeitas em pranto. Todo o resto do povo estava em grande consternação por todas as ruas, e não se ouvião mais que gemidos, ais, e lamentos de mulheres e meninos. Em fim tendo-se embarcado el-rei na galé real, que elles chamam *Ogate Gurabe* (*Gurabe* quer dizer galé, e *Ogate* real), com suas mulheres e sobrinho, foi obrigado a deixar a maior parte de suas riquezas e todas as suas armas, e bombardas, que tinha em grande copia na ilha, porque não havia tido tempo de se armar, e embarcal-as. No mesmo ponto em que todos foram embarcados, elle mandou dar á vela e remo, e tomaram o caminho do sul, para os Atollons de Suadú.

Sendo partidas todas as galés, excepto a mais pequena, que ainda ficára á espera de carregar as riquezas, disse eu então a meus companheiros que era tempo de nos salvarmos no mato, não fosse caso que nos fizessem embarcar por força. Todavia tornei ainda outra vez ao palacio del-rei com a gente dailha, e deixei a todos carregar primeiro, e ir adiante caminho da galé; e então eu em lugar de ir apoz

elles tomêi o caminho da ilhargá e fui para o mato; onde também foram ter dous dos meus companheiros por outro caminho; e o terceiro se embarcou não sei por que occasião, posto que tivesse a mesma lenção que nós; mas a galé foi tomada logo depois, e então soube que elle fora obrigado a embarcar-se pela gente da ilha; de sorte que naquelle dia todos quatro corremos igual fortuna sem sabermos uns dos outros. Estivemos na ilha mais de quatro horas sem nella haver mais gente que alguns pobres desamparados, porque a mais era embarçada. Eu ia e vinha ao palacio del-rei, onde havia toda a sorte de riqueza, ouro, prata, e joias abandonadas, mas não pensei nunca em tocar cousa alguma destas, e nem ainda em esconder o dinheiro que eu proprio possuia, o qual dei a um de meus amigos, com as arvores, um batel, e uma casa, que eu havia comprado; e esse amigo era o filho daquelle senhor, que me tirou da ilha de Paidué, e de quem tanto tenho fallado. Em quanto aos meus companheiros, esses salvaram algum fato, que haviam escondido.

Ora o capitão-mór da armada inimiga sabendo que el-rei se escapava, mandou-o perseguir por oito das suas galés, e ás outras oito vieram dar fundo na ilha onde eu estava, e logo me fui ao encontro dos primeiros que saíram em terra, pedindo-lhe que me salvassem. Á primeira vista, não me conhecendo por Francez, mas cuidando verdadeiramente que eu era Portuguez, quizeram matar-me, e deixando-me totalmente nú, tiraram-me tudo quanto eu comigo tinha. Mas tendo-se desenganado de que eu não era Portuguez, trataram-me mais humanamente, e me levaram ante o seu capitão, que me tomou sob sua protecção, e me certificou que não me seria feito mal; e então me mandou dar outros vestidos, e ficar em suas galés para minha segurança naquelle dia e noite somente porque depois me permittio ir onde me aprouvesse por toda a ilha, sem que alguém se intromettesse comigo.

Em quanto ás oito galés que haviam sido mandadas no

alcance del-rei tendo chegado a elle travaram combate, onde el-rei pondo-se em defensão foi morto de uma lançada, e depois a golpes de espada; suas mulheres foram captivas; e seu sobrinho pereceo afogado. Com tudo não foi feito mal algum ás mulheres; alem de perderem todas as suas joias, que foram roubadas pelos soldados e marinheiros, que são a gente mais perigosa nas occasiões de sacco. Estes marinheiros chamam-se *Mucoás* (Moucois).

O que foi causa del-rei ser apanhado e morto foi que não fazia vento algum, antes havia extraordinaria calmaria, e as galés inimigas eram melhores de remo que as del-rei, que só eram boas para vela, e não para remo. Porque se houvera vento, por pouco que fosse, não teriam podido alcançar el-rei. Mas sua desdita o fez cair neste inconveniente, e elle o bem merecia pelas grandes cruasas, que tinha executado. Neste conflicto não foi apanhado um só navio da ilha, de sorte que se el-rei e suas mulheres houveram embarcado em algum delles, teriam tido meio de se salvar. Mas sua hora era chegada, e tenho para mim que Deos lhe fez grande mercê em ser assim morto no primeiro recontro, para não ver o triste e piedoso espectaculo, que eu vi no tocante a suas mulheres e estados. Todavia não houve grande mortandade, porque a fóra el-rei e dous ou tres dos de sua obrigação, mortos com elle, e outros tantos feridos, entre os quaes foi um soldado mancebo filho de Portuguez mestiço, que outr'ora quando menino se havia perdido nestas ilhas com o navio em que vinha, não houve mais pessoa alguma que soffresse damno, á excepção do sobrinho del-rei, que cuidando salvar-se a nado se afogou, por razão da fraqueza e doença, que padecia, procedente do dissabor e tristeza, que tivera pela recente morte de sua mulher sobre parto. Esta mulher havia elle roubado a seu marido, como atraz disse.

Os inimigos tendo tomado e posto a sacco todas as galés del-rei, as conduziram para o porto, excepto duas, que deram à costa nos baixos e bancos. Trouxeram tambem as

tres rainhas despejadas de tudo quanto tinham, e foram levadas aos aposentos do sobrinho do rei defuncto, contiguo ao palacio real. Estes aposentos tambem se chamaçam palacio, e eram cercados de muros, e da mesma forma que o do rei, salvo ser mais pequeno. Todos os outros aposentos dos princepes e princezas se chamam *Gandhyera*, isto é, Palacio; e as outras casas *Gué*.

Foram recolhidas estas rainhas neste palacio, porque dia e noite se não fazia outra cousa senão dar busca, saquear, e levar do palacio del-rei tudo quanto nelle havia de valor. Mas neste do sobrinho nada incitava ao sacco, porque tudo se havia embarcado a tempo; alem de que este sobrinho não tinha grandes bens, mas somente pequeno patrimonio, e o que el-rei lhe dava para seu estado; por que se fóra mais rico, temera el-rei que elle lhe fizesse guerra. Poseram guarda de soldados a estas pobres rainhas, e eram ameaçadas de serem levadas captivas se não ensinasse onde estavam os thesouros del-rei, cousa que ellas não podiam fazer, porque não sabiam nada disso; e eu sei certo que el-rei lhe não tinha dado conhecimento algum desse negocio, nem tão pouco a outra qualquer pessoa, salvo a certo secretario, que havia sido dos primeiros a pôr-se em salvamento. Tambem deram a cada uma dellas uma servidora, e tres fidalgos da casa del-rei para as servirem, mas nem elles, nem as servidoras ousavam a sair de casa. Os tres fidalgos não entravam nas camaras das rainhas, e nem ainda as viam; mas estavam fóra entre os soldados para sondarem o bom ou máo tratamento, que se fazia a suas amas.

Tudo isto se fazia por ordem do capitão-mór; mas eu ia muitas vezes visital-as, porque a gente da ilha não tinha licença de entrar em casa dellas, e eu entrava lá cada vez que queria, e as aconcelhava, e consolava quanto me era possivel, porque ouvia por fóra quanto se dizia acerca dellas. E ellas a chorar me perguntavam muitas vezes se eu tinha pena da morte del-rei, que era tão meu amigo; ao

que eu respondia que sim; mas que uma vez que era morto eu estava resoluta a ir-me embora, e a não permanecer mais nestas ilhas, já que perdera a meu senhor; e que se elle não fora morto, eu me não ausentára. O que era bem ao revez do meu desejo e pensamento. Todavia lhes certifiquei que me não ausentaria sem ir tomar o seu conselho e licença, o que ellas approvaram muito; e me prometteram de nunca me deixar. E perguntando-me o que dellas se dizia, eu lhe fiz saber que as tinham presas para ensinar onde estavam os thesouros del-rei (como já se lhes havia dito); mas que ellas não fizessem caso, e que todas as ameaças de as levar captivas só eram para lhes metter medo; porque eu tinha ouvido aos principaes que as não levariam; do que ellas me ficaram mui agradecidas; e o seu desejo era que eu me não affastasse de junto dellas.

Pedião-me também que andasse eu por entre o inimigo para poder dar-lhes aviso de tudo quanto se fazia e dizia; o que eu de mui boa vontade cumpria e lhes dava conta de tudo quanto chegava á minha noticia pela cidade. Estas rainhas me diziam também muitas cousas em particular uma da outra, a saber, a principal e estrangeira de Bengala, que era tão bella e tão branca como as mulheres de cá; e a mais moça, que era aquella que el-rei havia recebido pouco tempo antes, como já disse; e esta me dizia lastimando-se que ella levava má ventura consigo por onde quer que ia, a que elles chamam *Sompas*; e que desde que el-rei a havia recebido, tudo quanto era desastre lhe acontecera. Eu tinha grande dó de as ver no estado, em que ellas estavam, em comparação do em que as vira tão ricas e magnificamente ataviadas, porque ellas estavam então mui pobremente vestidas, pois só lhe haviam deixado os pannos, que traziam vestidos; e isso mesmo a bom custo. Todavia posto que se deu busca a tudo quanto ellas tinham, não lhe fizeram outra affronta ou violencia nem a seu corpo, nem a sua honra, ainda de palavra; nem tão pouco ás mais raparigas e mulheres da ilha. No que toca ao comer das rainhas, era-

lhe enviado de casa do Pandiare, que ficára na ilha com os de mais ministros da igreja, e outra muita gente, que todavia não deixaram de ser roubados. Mas o Pandiare servio de muito, porque suas pousadas eram o refugio de todo o povo, assim homens como mulheres, para segurança de suas pessoas somente; porque em quanto a seus bens elle mesmo era tão roubado como os outros; todavia sempre servia para applacar a furia do inimigo, que lhe tinha algum respeito.

Em quanto a mim a causa porque recebi muito favor e cortesia do capitão-mór e da sua gente, foi por occasião de nossos canhões, que foram o principal motivo da sua entrepreza e da sua vinda a esta ilha. Porque não sendo elles costumados a ver taes peças, estavam o mais enleitados que se pode para as levantar e embarcar, sem saberem o que nisso fariam; de sorte que me chamaram a si para lhes mostrar e ensinar todo o seu apparelho e modo de obrar; e me ficaram mui agradecidos do que lhes eu disse, porque lhes dava explicação assim disso como de todas as outras cousas de nossos navios; e ainda do que era particular destas ilhas, de que eu tinha bastante noticia. Por tudo isto elles me estimavam e amavam grandemente.

O piloto, que havia encaminhado a armada inimiga, era natural destas ilhas, mas morador na terra firme; e eu muitas vezes o havia visto na ilha de Malé, e elle sabia bem o caso que el-rei e os senhores da terra faziam de mim, e assim o dizia a todos; e por isso elles me presavam ainda mais. Com tudo este máo homem trahio a seu rei, e a sua terra por dinheiro, apesar de lhe ser el-rei mui afeiçoado, e não lhe ter nunca dado motivo de queixa. E são estes logares de tão difficil accesso, que aquella armada não poderia ter vindo alli, se este piloto a não guiasse, e foi elle a causa de todo o mal. No entretanto eu ia muitas vezes ás pousadas do Pandiare a visitar muitos amigos meus, que ali estavam, e não usavam a sair fóra de casa; entre outros os tres filhos daquelle senhor, em cuja companhia eu morára por

tanto tempo. Elles me davam de conselho que me fosse enterrado, dizendo que sendo morto el-rei seu senhor, nem elles nem eu teriamos outro abrigo; mas todos os outros meus amigos me diziam pelo contrario que eu devia ficar, e que se elles não tivessem mais que um côco, repartiriam comigo a metade; mas aprouve-me o conselho dos tres, um dos quaes estava ferido de uma espingardada. Foram mui maltratados, e bem assim os outros principaes da ilha; e foi mister remirem-se á força de dinheiro.

Tres ou quatro dias depois de ser chegada esta armada, veio á ilha de Malé uma barca com gente da companhia do rei defuncto a pedir licença ao capitão-mór para levar arroz e outras cousas necessarias aos funeraes e officios do dito rei, que estava enterrado na ilha de *Guradé*, onde havia aquelle mastro grande, de que acima fallei. Sua tenção e vontade era ser enterrado em Malé, como logo direi; mas elles não conservam os corpos mortos, e não tem por costume embalsamar-os, e leva-os de uma a outra ilha. Em fim o capitão-mór da armada inimiga lhes permittio levar tudo quanto lhes era mister para este auto, como fizeram; e elles tambem fizeram diligencia de me levar em sua companhia persuadidos de que tal era o meu desejo.

Ora se el-rei fora morto por inimigo, que não fosse de sua religião, dizem elles que teria sido bemaventurado e santo, a que chamam *Chayde*, e não lhe houveram feito outra alguma cerimonia; mas o enterram no mesmo estado, em que fora morto, sem lhe lavar o corpo, nem fazer outra acção das costumadas; não havendo porem sido morto em defensão de sua lei, não lhe fizeram as ceremonias costumadas nos enterros de reis, mas sómente as que competem a qualquer particular habitante destas ilhas, do que tiveram grande sentimento. Até mui difficilmente acharam panno branco para o amortalhar, e um ataúde em que encerrassem seu corpo, e isto a um rei que durante sua vida tinha feito á sua custa tantos enterros aos pobres e necessitados do seu reino. Elle tinha sempre mais de trin-

ta atalúdes prestes para si, para as rainhas, para todos os de sua casa, e finalmente para dar de graça a toda a gente. Havia fabricado um magnifico templo, e um cemiterio mui bem murado na ilha; de Malé na tenção de sér ahí sepultado. Era este templo o mais sumptuoso de todos; mas Deos não permittio que elle ahí tivesse o seu jazigo. São estes os effeitos da guerra; e nesta não foi menor o dispendio, e perda inutil de todas as cousas, do que a valia das que o inimigo levou; porque o que os soldados não podiam levar, destruiam.

Metia muito dó ver tanta assolação nesta ilha, mórmente nos paços del-rei; por quanto os particulares todos haviam posto em salvo as suas riquezas em bateis, e nada se perdeu, porque sendo esses bateis pequenos passavam por toda a parte, e caminhavam mais ligeiros que as galés. Mas tudo quanto era del-rei e das rainhas foi roubado, e nada se salvou, assim do que estava nas galés, como do que ficára em terra. E ainda a desdita foi tal para estes pobres insulares, que havia alli um grande navio carregado pertencente a el-rei, o qual estava prestes a partir havia mais de oito dias, mas os feitiçeiros e astrologos o tinham detido até este mesmo dia, como o de melhor agouro para partir, segundo por suas contas e ephemeridas haviam achado, mas foi com pouco acerto. A viagem deste navio era para a Arabia e não pôde sair antes destas ilhas por causa da grande calmaria que fazia (a); pelo que foi apanhado com os de mais. A sua carga era entre outras cousas de canella, que el-rei houvera daquelle navio de Ceilão, que de antes se perdera nestas ilhas, como já disse; e o resto era fazenda das mesmas ilhas, e pela maior parte côcos. Roubaram o que havia no navio e lhe convinha da fazenda propria destas ilhas, pois quanto á canella e ao proprio navio fizeram tudo em pedaços, e assim não fez este navio outra viagem alguma, como eu depois soube em Goa, e direi em seu lugar.

(a) Ficamos sem saber ao certo se o navio deixou de sair por effeito das contas dos astrologos, ou da calmaria.

Em fim depois que os inimigos se detiveram nesta ilha por espaço de dez dias a saquear e a carregar suas galés tanto das riquezas que ali acharam, como de cem ou cento e vinte peças de artilheria, grandes e pequenas, que lá havia, recolheram-se e deixaram as rainhas em liberdade com todo o mais povo; e não levaram consigo ninguém preso, excepto o irmão da rainha principal, e cunhado do rei morto. Ao principio julguei que o levavam preso para tirarem por elle resgate; mas ao depois soube o contrario, e que elle verdadeiramente ia de sua livre vontade, com tenção de ir ter com o rei de Cananor Ali Rhadia para o fim que abaixo direi. Eu fui a despedir-me das rainhas, e dos meus amigos, o que não foi sem derramar lagrimas, elles de tristura e desprazer, e eu de alegria. Quando chegou a hora do embarque todos aquelles capitães entraram em competencias a qual delles nos receberia em sua galé, amim e a meus companheiros. Em fim eu embarquei-me em uma, e os meus tres companheiros cada um em sua, e não nos tornámos a ver senão largo tempo depois.

Do que mais aconteceu depois da nossa saída nestas ilhas de Maldiva, soube quando estava em Goa que a gente da terra andou em guerra entre si, porque tendo fallecido o rei sem filhos, e sem sobrinhos, e não caindo nunca a corôa em femêa, como em França, houve quatro senhores dos principaes do paiz que competiram uns com os outros sobre qual delles seria rei; e esta guerra tendo durado bastante tempo, o rei de Cananor Ali Rhadiá enviou alli uma boa armada de galés capitaneadas por *Rana Banduy Tacurá*, irmão da rainha principal destas ilhas, o qual as galés de Fengala haviam levado preso, como disse; e por meio desta armada foi dado o governo áquelle a quem de direito o reino pertencia por mais proximo parente, mas com condição de o ter da mão d'elle rei de Cananor, e o reconheceria por seu protector. Lançou fóra a pouco e pouco aos que faziam a desordem, e deu assim paz ao reino. Eis o que eu soube em Goa.

Mas tornando ao que nos succedeo então. embarcámo-nos, como disse, nas ilhas de Maldiva na tenção de seguir a derrota do golpho de Bengala. A passagem entre aquellas ilhas é mui arriscada por causa dos bancos e dos baixos, que ahi ha em grande numero, e ninguem ousaria navegar por aquelles sitios sem ter pilotos naturaes da terra, como de feito tinham naquella armada. E porquanto a ilha donde era o rei morto, chamada *Ustimé*, era a ultima de todas, surgiram ahi, e matando, pondo a sacco, e assolando tudo, levaram comsigo tudo quanto ahi acharam. De dia viamos tão grande quantidade de barcos e bateis, que fugiam por toda a parte, que era cousa maravilhosa. Tendo refrescado, e passado meio dia nesta ilha, deram o regimento que deviam ter no caso que viessem a separar-se, como lhes aconteceo por effeito da grande calmaria, que fazia; e finalmente saímos destas ilhas pela graça de Deos. E gastámos quasi tres dias para chegar até uma pequena ilha chamada *Malicut*, que dista somente trinta e cinco legoas das de Maldiva, e jaz ao norte dellas.

Esta ilha é toda circumdada de mui perigosos bancos, que é mister ter muito tento em evitar. Surgimos ahi com tres galeotas, que iam em conserva, porque as outras eram afastadas para desvairados logares. Esta ilha de Malicut não tem mais de quatro legoas de circuito, e é admiravelmente fertil em coqueiros, bananeiras, e em muitas mais cousas que se dão nas de Maldiva. Ha aqui mui boa pesca, o ar é mui sadio, e mais temperado que nas ilhas de Maldiva; o povo tem os mesmos usos, costumes, e linguagem que o de Maldiva. Pertenceo antigamente ao reino de Maldiva, mas um rei a deu a seu irmão. De presente é governada por uma Dona, vassalla do rei de Caninor, para sua maior segurança. Esta rainha me fez mui bom gazalhado, porque me havia visto muitas vezes na corte del-rei de Maldiva, seu proximo parente. Quando ella me vio rompeo em pranto, como igualmente fez a maior parte da gente da ilha, com a pena que tinham da morte del-rei, cuja historia lhe narrei.

Tendo estado perto de dous dias nesta ilha, demos á vela, e fomos surgir nas ilhas de *Divandurú*, a trinta legoas de *Malicut* para o norte. São estas ilhas cinco em numero, tem seis ou sete legoas de circuito, umas mais, outras menos, e são distantes oitenta legoas da costa de *Malabar* na direitura de *Cananor*, a cujo rei obedecem. Possui este rei de *Cananor* tambem cerca de trinta das ilhas de *Maldiva*, as quaes lhe foram cedidas ha cincoenta annos pouco mais ou menos por um rei dellas, a quem o de *Cananor* havia prestado auxilio contra seus povos levantados.

Estas ilhas de *Divandurú* são habitadas de mouros *Malabares*, quasi todos mercadores ricos, que fazem grande trafico por toda a *India*, e especialmente nas ilhas de *Maldiva*, donde elles tiram grande porção de mercadorias, e tem lá feitores permanentes. Estes moradores tem os mesmos costumes e linguagem que os de *Cananor*, *Calecut*, *Cochim*, e outros *Malabares*. A terra alli é fértil, e o ar muí sadio. Os piratas *malabares*, quando andam a corço, vão alli de ordinario a refrescar, e pela maior parte das vezes ali se casam vivendo em boa amizade com os naturaes da terra; se bem que ás vezes não deixam de os roubar, não obstante a amizade que entre si tem; porque elles preferem a sua utilidade a todas as amizades do mundo; e quando vêm que nada poderam apanhar aos inimigos, como não querem recolher-se com as mãos vazias, saltam sobre os amigos, e tomam delles o que podem. Estas ilhas são como uma escala, e deposito de mercadorias da terra firme, das ilhas de *Maldiva*, e de *Malicut*.

Depois de nos refescarmos por quatro ou cinco dias nestas ilhas, tornámos a dar á vela na derrota do sul, para irmos dobrar a ponta de *Galle*, que é um cabo na ponta da ilha de *Ceilão*. No caminho encontrámos tão grande numero de baleias, que pouco faltou que nos não virassem as nossas galeotas: mas de bordo dos navios com tambores, batigas, e caldeiras, fizeram tão grande bulha, que as affogentaram.

Encontrámos também algumas galés ou paraços de Malabares; e entre outras vezes foi de manhã ao romper do dia debaixo de nevoa mui cerrada; o que foi parte para que os não sentíssemos senão quando elles estavam a par de nós. Nunca houve cousa que mais me espantasse do que o ver toda esta gente em tão boa ordem, armados, e a póstos para accometter; e tendo-nos apanhado de improviso, confieando que eramos amigos, foram continuando seu caminho. Eram tres galeotas, e as nossas outras tantas.

Antes de terminar este capitulo, direi para intelligencia do que precede que esta armada, que assim veio assaltar e pôr a sacco as ilhas de Maldiva, fôra enviada pelo rei de Bengala, que é um reino de alem destas ilhas na terra firme debaixo do tropico de Cancro. O que o movera principalmente a ordenar esta empreza, em haver as bombardas, que el-rei das ilhas de Maldiva tomára do nosso navio perdido, e quantidade de outras, que da mesma sorte ficára possuindo. Estas bombardas eram as mais bellas e bem fabricadas que podiam ver-se, do que corria grande fama nas Indias, e mettia inveja a muitos reis e princepes, que todos os dias ameaçavam, de vir a estas ilhas a vêlas por seus olhos.

CAPITULO XXIV.

Do Reino de Bengala, e Observações sobre elle.

De depois de nos havermos dilatado um mez em nossa viagem, chegámos a *Chatigam*, que é um porto do Reino de Bengala, onde fomos acolhidos dos naturaes com muitas alegrias. Tendo saído em terra, levaram-me em sua companhia a sau-

dar el-rei, que não é o rei principal de Bengala, mas um regulo desta provincia, ou para melhor dizer um governador com titulo de rei, como é uso em todas estas terras; porque o rei grande de Bengala reside a trinta ou quarenta legoas pela terra dentro. Assim depois de haver sido apresentado a este regulo, elle me acolheu mui humanamente, e me deixou em plena liberdade; dizendo-me que se eu quizesse ficar com elle, me faria muita mercê; e de feito elle me mandou dar de vestir, e cada dia mantimentos em abundança. Mas depois de eu ter passado alli um mez, achei um navio de Calecut, cujo mestre me perguntou se eu me queria ir com elle, dizendo-me que vinham repetidas vezes navios hollandezes a Calecut e que até naquella conjuncção poderia haver alli alguns, em que eu me podesse embarcar para me recolher a França, já que o meu desejo era tornar-me á ella. Vim nisto de mui prompta vontade, porque não era outro o meu desenho, e isto me fez rejeitar toda a sorte de proveitos. Por esse motivo pedi a el-rei licença para me ausentar, que elle me outorgou facilmente.

Pelo pouco tempo que estive em Bengala não pude notar muitas das singularidades da terra; mas com tudo direi o que pude alcançar. O reino de Bengala estende-se muito pelo sertão da India. Dão-lhe mais de quatrocentas legoas de comprimento; e na India é o seu rei o mais poderoso princepe abaixo do grão Mogol. E até quando eu saí, tendo-lhe, o Mogol declarado guerra, elle se apercebia para o receber com mais de dusentos mil homens e dez mil elephantes. Ha muitos reis que lhe são tributarios, como os reis de Arracan, de Chaul (a), e outros grandes senhores mouros, e gentios, que são, obrigados a lhe acudir, quando elle vai a guerra, com certo numero de homens, elephantes, e cavallos. Tambem lhe pagam tributo por razão dos portos de mar, que ha em suas terras, por todos os quacs

(a) Ha aqui evidentemente ou engano do auctor, ou erro de imprensa no original francez. Chaul na costa de Cambaia, era governado por um regulo aquelle tempo já vassallo do Mogol.

se faz grande trato de toda a sorte de fazendas, de que tiram muito proveito, donde não podem passar sem a amizade deste rei.

A terra é mui sadia; e temperada, e tão maravilhosamente fertil, que se passa ahi a vida quasi sem dispendio. Ha tão grande quantidade de arroz, que alem do que se consome no provimento e manança de todo o paiz, se transporta para toda a India, assim para Goa e Malabar, como para Sumatra, ilhas de Maluco, e todas as da Sonda, das quaes terras todas é Bengala o celleiro dos mantimentos, porque dalli recebem quantos hão mister. Por isso se vê aportar alli cada dia infinito numero de navios de todas as partes da India a buscar aquelles provimentos; e creio que ainda iriam mais, principalmente dos de maior parte, se a navegação não fosse tão arriscada por rasão dos bancos e areias, de que todo aquelle golpho está coalhado; de sorte que quando se acerta que os navios de Bengala tardam a vir, ou se perdem, o arroz é extremamente caro, e clama-se que esta imminente a fome; pelo contrario quando a navegação é boa, o arroz desce a tão vil preço, como se fora fructo do paiz, e ordinariamente não vale a mais que a quatro dinheiros a libra. Alem disso esta terra de Bengala é cheia de gado, como bois, vaccas, e carneiros; o que faz que a carne ahi custa mui pouco; a fóra os lacticinios, e manteigas de que fabricam tal quantidade que provêm dellas toda a India; e a fóra tambem muitas alcatifas, que elles fazem mui lindas. Dão-se outrosim boas fuctas, não somente côcos e bananas, mas muitas cidras, limões, laranjas, romãs, cajús, ananazes, e outras muitas; gengibre, e pimenta longa, de que se faz muita qualidade de doces, quando verde, o que igualmente se faz das cidras, e laranjas. O paiz abunda em cannas de assucar, que elles mascam verdes, e outros fazem dellas muito e excellente assucar, de que carregam navios; o que se não faz em outra alguma parte da India: salvo em Cambaia, e outras terras do Mogol visinhas a estas, que são do mesmo clima, lingua, e terrida-

de. Tambem se tira de Bengala quantidade de oleos cheirosos, feitos de certas sementes, e certas flores, e são usados por todos os indianos para esfregar o corpo depois do banho.

O algodão se cria alli em tanta abundancia, que alem de supprir ao uso e vestuario da gente da terra, e alem do que se exporta em rama, fabricam tantas roupas delles, e tão bem feitas, que dalli se prove toda a India, e principalmente as partes da Sonda. Semelhantemente se cria alli muita seda, assim de bichos, como de plantas, e esta é do mais lindo amarello que se pode ver, e parece mais bella que a verdadeira seda; e de uma e outra fazem porção de pannos de diversas cores, que se levam a toda a parte. Os naturaes, ou sejam homens, ou mulheres, são admiravelmente destros na fabricação assim de pannos de algodão e seda, como de varias obras de agulha, desde as bordaduras, que fazem mui lindas, até ás costuras singellas, que tudo fazem com tal primor que não se pode ver cousa mais bella. Tecem entre outros pannos alguns de algodão ou de seda tão delicados que mal se pode discernir, quando alguém os põe sobre si, se está vestido, ou nú; e bem assim fazem muitas outras sortes de obras mui lindas, moveis e utensilios tão delicados que são muito para ver, e que transportados a Eúropa passam por obra da China.

Obra-se neste paiz grande quantidade de louça preta e vermelha, como a terra *sigillada* (a) a mais fina e delicada do mundo, da qual fazem grande trafico, e principalmente de gargoletas, e vasos para beber, e outros utensilios. Ha ahi grande numero de cannas grossas como a perna de um homem, e compridas de seis a sete toesas, óccas por dentro, e nodosas como as de cá. São mais custosas de quebrar do que qualquer páo que ahi haja, e dellas se servem como de alavancas, e varaes para carregar.

(a) *Terra sigillata* chamaram os Romanos a certa terra argilosa, a que attribuiam virtudes maravilhosas, e recebiam como cousa preciosa. Punham-lhe uma marca ou sello, e dahi lhe vem o nome.

toda a qualidade de fardos mais pesados em Goa, e em todas as partes da India. Os Portuguezes e Indianos não se servem de outros varaes para transportarem seus palanquins. Chamaem-lhe em toda a parte *Bambú*, e mettendo-o no fogo dobra-se como se quer, e guarda depois sempre o feitio que assim tomou, sendo mais facil quebrar do que perdê-lo. Fazem tambem destas cannas as medidas para medir todas as suas mercadorias usuaes, como arroz, grão, oleo, manteiga, e cousas semelhantes. E estas medidas são de todos os tamanhos. Criam-se as ditas cannas em muitas outras partes da India; mas Bengala é donde são oriundas, e onde as ha em maior copia. As destas especies não são flexiveis, e tem laivos brancos e pretos. Ha tambem cannas de outra especie, diversas na forma e grossura, das quaes a mais grossa não passa de quatro pollegadas (a), e são mui altas. Estas são porosas, duras, e mui flexiveis, de sorte que se unem as duas pontas sem quebrar, e com tudo são mui fortes. Servem para bordões de trazer na mão, e para bater em quem se applica castigo; a sua pancula arranca as carnes de qualquer parte do corpo aonde assenta. Nunca estalam por mais delgadas que sejam. Tem linda apparencia, e naturalmente são variegadas de branco, amarello, e preto. São materia de commercio, e muito procuradas para bordões em toda a India, onde se não usam outros. Esfregando com força dous pedaços desta canna um sobre o outro, ferem fogo como fuzil, e para esse fim são usadas. Ha ainda outra qualidade de canna, cuja grossura nunca excede a do dedo minimo, mas é da mesma forma e feitio que a antecedente, e dobra-se como vime. Chamaem-lhe *Rotim*. Della se fabricam cabos de navios, e quantidade de cestos lindamente tecidos, e outras semelhantes cousas. Em summa fazem disto quanto lhê apraz como se fosse de cordas, e fende-na em quantas partes querem. O seu comprimento é de braça e meia. E' ramo

(a) Parece referir-se á circumferencia.

de commercio, e muito apreciada pelas obras que della se fazem; e n quanto á cor é toda branca, e sem laivos (a).

Este paiz é mui abundante de elephantes, e dalli se transportam para as outras partes da India. Ha tambem rhinoceros; e diz-se até que ha licornes (b), os quaes se julga que só neste paiz se encontram; e passa por certo que todos os outros animaes não chegam a beber em qualquer agua sem que o licorne tenha mettido nella a sua ponta, e esperam á borda d'agua que chegue aquelle animal para este effeito (c).

Finalmente não conheço terra em toda a India oriental mais abastada de todas as cousas necessarias á manutenção da vida, e em riquezas e manufacturas industriosas do que esta; e se não fora alli a navegação tão perigosa, seria o mais bello, agradável, fertil, e lucrativo paiz do mundo. Tem este reino ordinariamente um embaxador em Goa; e quando eu estava a partir de Goa para recolher á patria, era chegado lá um embaixador extraordinario ao Vice-Rei, e dizia-se que vinha a pedir algum soccorro.

Um dos grandes traficos, que se faz em Bengala, é de escravos, porque ha certo paiz sujeito a este rei onde os

(a) Para o leitor europeu, e menos versado nas especialidades indianas, não será mal cabido resumir, e talvez aclarar o que o auctor diz das *Cannas da India*. A 1.^a especie, occa, e mais grossa é como elle diz a que propriamente se chama *Bambú*, ainda que ás vezes esta denominação se estende genericamente a todas as demais especies de *Canna da India*. A 2.^a especie, macissa, e de menor grossura, é a que ordinariamente serve para bordões; e porque as de Bengala são as mais estimadas, são na Europa conhecidas pelo nome de *Cannas de Bengala*, a que nós abbreviadamente chamamos em Portugal, simplesmente *Bengalae* os Francezes *Canne*. Na India chama-se-lhe *Rota* (como já o auctor advertio a pag. 177). A 3.^a especie mais delgada, mas semelhante na forma e aspecto á 2.^a é a que chamamos na Europa *junco da India*, e na India se chama *Rotim*, diminutivo de *Rota*. Della se fazem todas as obras, que são vulgarmente conhecidas, e em especial os assentos de cadeiras em forma de rede &c. &c.; e tão finas são as laminas, que della se tiram, que lhe chamamos em Potugal *Palhinhos*.

(b) Corrupção vulgar por *Unicornios*.

(c) O leitor sabe de certo o credito que mereceu estas lendas da historia natural do tempo do auctor.

paiz vendem seus filhos, e os dão ao rei por tributo. Dalli vem a maior parte dos escravos da Índia; e até muitos mercadores os castram, mutilando-os completamente. Vi muitos assim que apenas tinham um buraquinho por onde saia a urina. Servem para guardar as mulheres, e tomar conta nas chaves de toda a casa, sendo pessoas de muita confiança, que não ha nas mulheres, porque segundo o costume dos mahometanos elles largam suas mulheres mui frequentes vezes. Não ha paiz na Índia onde os escravos tenham tão pouca estimação como em Bengala, porque são todos velhos (a) e muito máos, assim homens como mulheres.

A gente é bem formada de seus membros; as mulheres formosas, mas mui impudicas, é muito mais que em alguma outra parte das Indias. Os homens são dados ao trato da mercância, e não á guerra, e ás armas. São gente branda, affavel, e lbana, mas no meio disso tem fama de grandes enganadores, ladrões, e mentirosos. Vão mercadejar a desvanadas partes, e empreendem grandes viagens; e bem assim ha muitos estrangeiros que frequentam o seu paiz, como são Persas, Arabios, e os mercadores Portuguezes de Goa e Cochim. Ha nos dominios deste rei gente de muitas religiões, como Judeos, Mahometanos, e gentios ou pagãos, os quaes tem diversas cerimoniaes, porque abrangem aquelles dominios grande numero de territorios e provincias. O rei principal é gentio, o regulo de Chatigão, que eu vi, era mouro.

Os povos gentios destê paiz de Bengala tem por seu pagode ou idolo (b) um elephante branco, que é mui rara de encontrar, e o hão por cousa santa, e os reis o adoram, chegando até a fazer guerra uns aos outros para o tomarem a seus visinhos, quando o não tem em suas terras; e muitas vezes tem havido mui asperas batalhas por este respeito.

(a) Traduzimos fielmente.

(b) *Pagode*, exprime igualmente o *idolo* e o *templo*.

Quanto a seus vestidos os homens se adornam guapamente de certas camisas de algodão mui largas, que descem até ao chão, e por cima poem uma manta de seda, e na cabeça um turbante de ponno mui fino. As mulheres usam camisinhas de panno de algodão ou de seda, que chegam á cintura, e envolvem o resto do corpo n'um panno de algodão ou tafetá; e por cima, quando saem á rua, se cobrem com um grande panno de seda, de que lançam uma ponta sobre a cabeça.

E' gente mui desordenada no comer e beber, e mui viciosa. Tem muitos servidores, e cada homem tem tres ou quatro mulheres mui ricamente adornadas de cadeias de ouro e perolas. Fabricam vinhos do assucar, e outras composições, com que se embriagam.

Ha grande numero de Portuguezes que estam de assento nos portos desta costa de Bengala, e que ahi vivem em liberdade. São tambem mui libertinos em seu viver, e são como exilados. Applicam-se ao commercio somente, sem terem alli fortaleza, ordem de governo, ou policia, vivendo á semelhança dos naturaes; e não ousariam recolher ás suas terras da India por temor, de serem castigados por crimes que ahi hão commettido. Estes Portuguezes não tem consigo ministros da Igreja. Ha entre outros um chamado João Garcia, que é mui obedecido entre elles, e que capitanea mais de dez mil homens em serviço del-rei de Bengala; todavia elle não faz guerra aos Portuguezes, antes os trata em amisade.

Nestas terras de Bengala está o grande rio *Ganga*, por outro nome dito *Ganges*, que é o mais famoso do mundo, e os naturaes hão que elle tem sua origem no paraíso terreal. Seus reis tem sido curiosos de procurar-lhe a origem, mas até agora a não puderam achar por mais viagens, e despezas que sobre isso hajam feito. A bocca deste rio jaz em 23 grãos e meio da equinocial da banda de nosso pólo; mas o saber se este rio é o famoso *Ganges* dos antigos, ou se o é o rio do *Cantão da China*, como alguns neste nosso

tempo querem, deixo-o á disputa e resolução dos sabios nesta materia. Com tudo a commum opinião dos Portuguezes, e de outros muitos, é que este é o verdadeiro Ganges; e se a sua situação se não ajusta com a demarcação dos antigos, ao menos ajusta-se-lhe o nome. E' deste rio que procede aquelle tão excellente páo, a que chamam *Calambá* (a), que elles crêm que vem do paraizo terreal; e é mui caro em toda a India, e estimado sobre todos os outros como o mais raro e mais bem cheiroso. Apanha-se mui pouco, e acha-se boiando á borda do mar, ou deste rio. Tambem frequentemente se acha nas praias das ilhas de Maldiva, e eu mesmo alli o encontrei muitas vezes. Este rio cria grande copia de crocodilos, e é maravilhosamente fecundo em peixe; em summa é em tudo o mais estimado que ha nas Indias Orientaes; e abai-xo d'elle é o rio Indo, que corre por Surrate e Cambaia.

Quanto ao Ganges os Indianos o hão por sagrado, e crêm que quando se tem banhado nelle são absoltos de todos os seus peccados, de sorte que assim mouros como gentios tem as suas aguas por bentas, e que lavam de todas as maculas, como nós com a confissão; e depois de se ha-vérem ahi banhado crêm ficar de todo sanctificados e bema-venturados. Vem gente de mui longe para se lavar nelle, e é comparado com a romaria que fazem os mahometanos ao sepulchro de Mafoma na Meca (b). Eis tudo o que eu pude observar deste reino no pouco tempo que ahi estive.

(a) Por outro nome páo *aloe*.

(b) E' notavel a coincidência deste parographo com outro de João de Barros (Dec. I. Liv. IX. Cap. I.), onde diz = grande reino de Bengala, per onde corre aquelle tão illustre, e celebrado rio Gange mui soberbo com a furia de suas aguas, e entra no mar oceano, cujas boccas Ptholomeu sitia entre oito e nove grãos da parte do norte, e nós entre vinte e dous, e vinte e dous e meio; ao qual rio os natu-raes chamam *Ganga*, acerca delles, e de todo o gentio oriental tão celebrado em nome por a copia de suas aguas, como venerado por a religião de sanctidade, que todos puzeram nellas. De maneira que como acerca de nós por salvarmos nossas almas, ao tempo que estamos enfermos pedimos confissão e os outros sanctos sacramentos, que dão

CAPITULO XXV.

**Viagem a Calecut por Motangué, Badará, e Marcáré:
e do famoso capitão Cumhale.**

Tendo-me embarcado com meus companheiros, como disse, em um navio de Calecut, dilatámo-nos no mar tres semanas, e em fim surgimos no posto de *Motangué*, sito entre Cananor e Calecut, que é um dos portos onde se recolhem os Malabares corsarios, e piratas. A terra é do rei de Motangué, que é um rei Naire.

Chegado alli foi grande o meu espanto de ver tanta gente em armas, porque todos as trazem, assim mouros como gentios, desde a idade de dez a doze annos; mas isto se entende dos Naires ou Malabares; porque o povô vil e mesquinho as não traz. Em quanto alli me detive fui mui cortezmente tratado dos Malabares, e agasalhado na casa de um grande senhor Malabar, que era mouro, porque os Malabares não tem nobresa alguma, assim inherente a seu nome como á sua ordem, segundo o que eu pude per-

remissão de peccados; assi elles mandam-se lavar ás correntes deste rio Gange, onde lhe fazem uma choupana, e alli morrem com os pés n'agua, crendo que no lavatorio destas aguas correntes de sanctidade deste Gange lavam seus peccados, e vão salvo, ou ao menos quando em vida não podem, por sua morte mandam lançar nelle as cinzas dos seus corpos depois de queimados.=

Não era impossivel que Pyrard tivesse em Goa conhecimento das *Decadas* de Barros e tomasse dellas os apontamentos para este seu capitulo, sem embargo de nos dizer Diogo do Couto alguns annos antes da vinda de Pyrard a Goa, na Epistola Dedicatória da 4.^a *Decada* (1.^a das que elle escreveu) que das de João de Barros não havia na India mais que um só exemplar.

ceber. Fiquei em Motangué por espaço de três dias em casa deste senhor; e os meus companheiros ficaram na casa de outro, e todos fomos mui bem tratados. O proprio rei veio visitar o senhor, em cuja casa eu estava, e muito me admirei de o ver. Era elle um dos mais bellos e guapos homens, que tenho visto, salvo ser de côr um pouco baça e avermelhada, como são todos os Nai-res; mas era excellentemente bem proporcionado, e parecia-se muito com o de Calecut, á vista do qual com tudo elle não é mais que um pequeno reisinho; e assim quando fallava delle era com grande respeito, e grande acatamento. Quando elle entrou em casa do tal senhor, um de seus domesticos, que trazia um tamborete quadrado, de pé e meio de largura, e de só meio pé de altura, veio pô-lo no meio da sala. O rei assentou-se nelle, e todos os senhores ficaram de pé ao redor. Não tocavam de modo algum nos trastes, nem nas paredes da casa, e desejam que na dellés se faça outro tanto quando lá se vai. Este rei me interrogou muito sobre o paiz da França, quando eu lhe disse que era de lá, e me perguntava a differença que ha entre Inglezes, Hollandezes, e nós (Francezes). Depois pediu informação ácerca do estado del-rei, e de sua grandeza; rogando-me finalmente que o fosse visitar, e pedindo até aquelles senhores que me levassem a seu palacio, o que elles fizeram; e dista o palacio mais de um quarto de légua da borda do mar. Fui com os meus companheiros. Este palacio era situado n'um alto; tem ponte levadiça, segundo é uso em todos os seus castellos e palacios, que são fortificados de bous eirados, e bons muros; e continuamente conservam ahi boa guarda. Este rei tem somente um elephante, o qual é mui manso.

Alem deste porto de Motangué, ha outros dous de corsarios, mui proximos a elle, que não distam mais de duas pequenas legoas uns dos outros. Um chama-se *Chomambá*, que é da banda de Cananor; e outro *Badará* da parte de Calecut. Motangué fica no meio, e são todos á borda do mar.

e mui bem fortificados com grandes tranqueiras, para atalhar os desembarques dos Portuguezes, com quem tem guerra de morte. Cada um destes portos tem seu rei particular, e todos de algum modo são vassallos do Samorim.

Este rei de Motangué bem desejára que nós ficássemos com elle, e nos promettia muitas mercês. Até permittio que aquelles senhores, que eram mouros, mandassem matar uma vacca para nos regalar; cousa que elles nunca costumam fazer. O capitão, em cuja casa eu estava, chamava-se *Musser Caca*, e aquelle que agasalhava os meus companheiros tinha nome de Mestar Cunhale; e ambos eram as primeiras pessoas de Motangué.

Ahi nos detivemos quatro ou cinco dias. O rei e capitão malabar esperavam que nós lá ficássemos de assento, e para isso nos rogaram muito. Eu da minha parte lhes disse que desejava ir ver o grande rei *Samory*, ao que elles nada responderam, não ousando contradizer-me, e até me deram de conselho que fosse a elle. Despedi-me pois do rei, e de meus companheiros, que alli quizeram ficar; porque um delles se foi com um capitão malabar a outra parte distante daquelle logar quatro legoas, nas terras de Calcut. Eu sahi com outro capitão, o mais esforçado e temido desta costa, e que tem mais galés suas. Chama-se *Custy Hamede*. Tem á sua obediencia muitos dos a que chamam *Jangadas*, que são Naires deputados a acompanhar qualquer pessoa, e que estão ás portas das cidades para por dinheiro acompanharem a quem delles se quer servir. Todos os grandes senhores de Malabar tem a seu soldo quantidade destes homens, que o rei lhes dá; e quem quer os toma para si; os fracos para sua guarda e segurança; os mais fortes, e que andam em grandes ranchos, e sempre bem armados, somente os tomam para que sirvam de testemunhas em como elles não commettem aggressão contra os Naires, se por ventura se levanta alguma briga entre elles e os Naires, como muitas vezes acontece. Porque estes Naires são mui propensos a embriagar-se, e os Malabares

não bebem vinho nem são brigosos, ou motores de arruídos sem motivo; de sorte que frequentes vezes travam uns com os outros, mas el-rei os castiga asperamente. Estes Naires são grandes ladrões em terra, e por qualquer leve cousa matarão uma pessoa. Roubam nas cidades e nos mercados arditosamente, sem que ninguem se atreva a ir-lhe á mão. E' verdade que nem todos são assim, mas somente alguns soldados mais soltos. A borda do mar é o lugar mais exposto aos roubos, porque uns roubam em terra, e outros no mar. Em fim não ha ninguem que se atreva a passar de uma parte para outra sem a companhia destes taes soldados (a).

(a) Sobre *Jangadas* nos diz Diogo do Couto (Dec. IV. Liv. VII. Cap. XIV.) o seguinte :

— E porque este negocio de *Jangadas* não é entendido na Europa, daremos razão da ordem que nisso guardamos Nayres de todos estes reinos. Guardam estas gentes um costume com os estrangeiros mui digno de louvar e engrandecer. Este é, que tendo um forasteiro necessidade do favor de um destes Nayres pera passar de uma parte pera outra, pera segurar sua pessoa de ladrões, e salteadores, chega-se a um Nayre, e lhe pede seja sua *Jangada*, e lhe dá por isso algum dinheiro, valia de um cruzado. Este Nayre tanto que lhe toma o seu dinheiro, lhe dá a mão em sinal que o toma em sua guarda e assi o leva comsigo até onde o outro lhe releva, muito seguro, e sem receber affronta de pessoa alguma. E se a caso este forasteiro for avexado, ou affrontado de alguma pessoa, fica esta affronta, e injuria tanto á conta deste Nayre, e de toda sua geração, que logo se juntam todos, e se offerecem a morrer até satisfazerem aquella affronta, usando certas cerimoniaes, como homens que se despedem da vida, rapando as barbas de uma ilharga, que é sinal de homens determinados a morrer, a que elles chamam *Amoucos*; e juntos todos, dão naquelle lugar onde lhe fizeram a affronta, e o destroem, e abraçam. Pelo que he isto tão arreceado em todos o Malavar, que se um Portuguez (que é a mais odiosa nação de todas com os Mouros) quizer passar de Cananor pera Cochim por todo aquelle Malavar, posto que esteja de guerra, e por meio dos Mouros, que lhe beberão o sangue, tomando sua *Jangada*, vai com ella tão seguro, como pelo Alentejo, sem lhe ninguem perguntar donde vem, nem pera onde vai. E se este Nayre, que se fizer *Jangada* for menino, ainda esse é muito mais seguro; porque a affronta, que se faz a um destes, a satisfazem mais, que a que se faz a um homem grande; porque dizem que quanto menos força este tem pera se defender, tanto é mor a obrigação dos parentes em acudirrem pela affronta que se lhe fizer E por esta razão as nossas fortale-

Quanto aos Malabares, estes nunca roubam em terra; e quando andam de rixa entre si, el-rei dá a cada um seu Naire ou archeiro para sua segurança, pondo-lhe defeza de se acommetterem, e estes Naires ficam a soldo e comedoria dos Malabares, e em quanto assim estão não ousariam acommetter-se uns aos outros, aliás o aggressor seria havido por criminoso de leza-magestade, e seria responsavel perante el-rei em pessoa. Diz-se que estes Malabares guardam odio até sete annos. E são os Naires tão temidos, que se um Malabar houver ferido algum, e não haja outros Naires que dem testemunho em como elle não foi o aggressor seria a perdição de todos os Malabares, e a destruição da povoação donde elles são. Todos estas povoações de Malabares ao longo da costa são tão cheias de Naires armados com toda a sorte de armas, que quando eu lá passava parecia-me sempre estar no meio de um exercito de vinte mil homens. He tão basta a gente que as vezes não se pode andar pelas ruas; mas á noite todo o mundo se recolhe, e só ficam os Mahometanos e os *Mucuás* (a), que tem seu bairro apartado á beira-mar, fronteiro á povoação dos Malabares, e outros artifices gentios, que pela maior parte das vezes tem suas casas proximas ás povoações dos Malabares, por cuja conta trabalham.

E com quanto toda a costa seja de Malabares, com tudo quando se falla verdadeiramente de Malabares, entende-se propriamente os Mahometanos, dos quaes mui poucos são artifices, mas todos mercadores, ou ladrões e soldados do mar. Não tem entre si nobreza de linhagem, mas somente são assignalados pelo valor e riqueza, e toda a sorte de gente tem boa acceitação entre elles. Tem muito poucos es, cravos, e não constangem ninguem a ir á guerra com elles. Fiam-se em todo o mundo, e poem toda a diligencia

zas do Malavar tem *Jangadas*, a que El-Rei dá tenças, que são obrigadas com todos os parentes e criados acudirerem ás affrontas, que os vizinhos lhes fazem.==

*(a) Veja-se adiante Cap. KKVII desta 1.ª Parte.

em indusir os homens a que de boamente os acompanhem. Tem sempre meza franca para todos; e cada um come no seu prato. isto é, os soldados. Toda a qualidade de gente lhe convem; porque os que não são bons para soldados, nem são pessoas de qualidade, fazem-nos marinheiros e remeiros com vencimento de soldo, ou lhes servem para venderem a fazenda que elles roubam. Chamam a suas galeotas *Perãos*. Quando os mercadores da costa de Malabar sabem que as galeotas dos piratas estão prestes a chegar, não se afastam da beiramar para que possam comprar-lhe a fazenda a baixo preço; e até não tem receio de a levar a vender aos proprios logares donde são os mercadores, a quem a mesma fazenda foi roubada, e que a maior parte das vezes a tornam a comprar novamente: e ainda que a conheçam, não podem dar-lhe remedio, em caso que os corsarios tenham cartaz dos Portuguezes. E os sacerdotes de sua lei, e os pobres estão tão affeitos a isto, que acodem da distancia de trinta legoas a pedir esmolla, porque sabem bem que estes Malabares fazem voto de dar um tanto aos pobres, no caso de fazerem boa preza; e nunca faltam ao cumprimento destas promessas. Tem tambem os seus santos, ou ziares, que são logares e templos destinados a isto, onde fazem seus votos e offerendas como nas ilhas de Maldiva. Estes sacerdotes porem só servem para a celebração dos matrimonios, e para os ministerios dos templos; porque não administram justiça; e todos são vestidos ao modo da Arabia, e tudo de branco.

Ha entre elles certa qualidade de gente, a que chamam *Abedalles*, que tem feito voto de pobreza, e que tambem andam em peregrinação pelo mundo. Às vezes ha em um só logar trinta ou quarenta juntos, ainda que não sáiam fóra mais que aos dous e aos tres; e de ordinario a um e um. Dá-se-lhes esmolla, e alguns são mui importunos a pedir-a. Pernoitam todos no templo. São mui trataveis; entendem todas as linguas; a sua pratica é mui aprasivel, porque elles tem corrido todas as partes do oriente. Tra-

zem comsigo toda a pouquidade de fato que tem. Dá-se-lhe de esmolla dinheiro, pannos de algodão e seda, e de comer tanto quanto querem. Acham-se entre elles alguns, que vivem mui austeramente em sua lei. O seu posto é junto do templo, não pedem esmolla (a), e se lha não dão deixar-se-hão morrer de fome. Vivem mui solitários, e todos seguem a lei de Mafoma.

Os gentios tambem tem destes *Abedalles*, que são como eremitas, e chamam-lhe *Joguís*. Andam tambem peregrinando, mas pelas terras dos Naires, e de outros gentios. Não comem cousa que haja tido vida. El-rei de Calcut tem junto a si um, a quem trata com grande estimação, e é havido por santo. Todos os *Joguís*, que por alli passam, se aposentam em casa delle, como em um mosteiro, ou hospital a isto só deputado. Dista dous tiros de mosquete dos paços del-rei; é edificio mui bello, e foi fabricado, e dotado pelo rei. Quantos alli chegam são sempre agasalhados promptamente, e muito á sua satisfação. Os outros reis Naires, por cujas terras transitam, os recolhem em seus palacios, onde se dilatam o tempo, que lhes apraz. Estes *Joguís* cobrem o corpo com não sei que cinza e pó esbranquiçado diluido em agua; trazem ordinariamente grandes castanhas do mar pendentes nas orelhas, as quaes tem buracos por onde pode passar o dedo pollegar. Ha outros de ordem superior que trazem peças de ouro, ou de prata dourada, da mesma forma e grossura que as ditas castanhas. O seu comer é como o dos Bramanes e Bania-nes de Cambaia, e outras partes, que nunca provam cousa que haja tido vida. Ha tambem nestas terras outra sorte de forasteiros e peregrinos, como cá entre nós, a saber charlatães que mostram bixos, e dançam, e saltam de todos os modos. Nunca vi tão bons saltadores, nem que façam tantas pelloticas, e ligeirasas de mãos.

Mas tornando á minha partida de Motangné; puz-me a

(a) Acaba o mesmo auctor de dizer que alguns são mui importunos a pedil-a.

caminho para ir a Calecut por terra, distancia de doze legoas. tomando por minha guarda e guia Naires, de povoação em povoação, que alli são mui chegadas, e de duas em duas legoas (a), dando a cada um quatro tarentos, que são pequenas moedas de prata, cada uma das quaes faz a decima-sexta parte de um larim. Passei pois a *Badará*, a duas legoas de Motangué para a banda de Calecut. Alli o senhor da terra me fez ainda melhor recebimento que o outro. Tinha elle dous palacios um dos quaes era para as mulheres, porque tem muitas segundo a lei de Mafoma. Ahi me demorei quasi quinze dias. Estes tres portos, Chomambá, Motangué, e Badará jazem assim como no fundo de uma enseada. *Canharoto* (b) outro porto de corsarios, que domina grande extensão de terras e de povos, é dalli dezoito legoas para o norte, perto de Barcelor, e não se podem socorrer uns aos outros por terra. Mas aquelles

(a) Segundo Diogo do Couto (Dec. XII. Liv. I. Cap. XVIII), o roteiro desta costa do Malabar de Cananor a Cochim é o seguinte :

De Cananor ao ilheo de Tremapatão ha duas legoas ; tem alli um rio muito bom. Delle ao rio do Sal ha meia legoa ; e legoa e meia abaixo o rio de Maim. Adiante uma legoa a povoação de Chomambá (Pyrard escreveo *Chombaye*), que tem de fronte umas pedras. Dalli a meia legoa a povoação de Motangué (Pyrard escreveo *Montingne*); e outro tanto ao rio de Pudepatão, que é aonde o Cunhale tem sua fortaleza e na barra tem este rio um ilheo. (A esta povoação do Cunhale chama Pyrard *Marquaire Costé* e nós escreveremos *Marcare Coste*). Entre Motangue e Pudepatão, em espaço de meia legoa ficam estas duas povoações, Coriare, e Baregare. (Não falla Diogo do Couto na povoação de *Badara*). Adiante do rio de Cunhale duas legoas está a villa de Tiracole desta costa, e dos mais soberbos Mouros della. (Deste Tiracole nos diz Diogo do Couto na Dec. VI. Liv. VIII. Cap. XIII. que o seu proprio nome é *Quiçoré*, e é uma cidade grande, e formosa, e de muito trato e mercadores, assentada e estendida sobre a costa brava duas legoas do rio de Pudepatão para o sul). De Tiracole ou Quiçoré duas legoas adiante vai a villa Coulete, ou Couleche ; e uma legoa ávante o rio Capocate ; e adiante outra legoa a povoação de Pudiangaré. De Pudiangaré a Calecut ha uma legoa e duas dalli ao rio de Chalé ; e outras tantas á Cidade de Paranor, e as mesmas á de Tanor, e outras duas á de Paranorá. E dali a uma legoa está o famoso rio de **Paranor**, o maior daquella costa, e delle á barra do Palipporto nove legoas, e quatro ao rio de Cranganor ; e delle a Cochim cinco.

(b) Pyrard escreve *Cangellotte*.

tres portos socorrem-se desta maneira, a saber; tem umas guaritas á beira-mar, postas sobre pilares mui altos, onde postam sentinellas para descobrir o mar muito ao longe; e sabem pouco mais ou menos a estação, em que deve vir a armada dos Portuguezes; e á beira-mar fazem tranqueiras para impedir a desembarcação.

Quando eu estava em Badará passou uma armada de sessenta velas, todas galeotas, e duas galês, que vinha de Cochim caminho de Goa. Fazia tanta calma, que não deu cuidado algum a todos estes Malabares. Os dos outros portos acudiram então ao porto donde a armada estava mais proxima, para se ajudarem uns aos outros. Os Portuguezes chamam a suas galeotas *Navios* (a), e ás dos Malabares *Parãos*. A maior parte dos navios desta armada eram de *Chatins*, como lhe elles chamam, e são mercadores (b). Logo que os Malabares chegam a seus portos, varam todos os seus *parãos* ou galeotas em terra. Vi fazer a maior proesa do mundo a um destes *parãos*, quando recolhia de suas expedições. Toda a armada portugueza estava á entrada desta grande bahia, e este *parão* não havendo vista della, achou-se de improviso mettido no meio de sessenta velas, e não podendo retroceder, tomou a ousada determinação de atravessar pelo meio desta armada, e acolher-se ao seu porto, que era *Chomambá*; neste caminho virou o *parão* e a gente se salvou a nado, apesar de ser perseguida dos Portuguezes, que nada poderam haver ás mãos. Depois que a armada se partio, poseram o *parão* a salvo.

E' mister que estes ladrões e piratas façam grossas pre-

(a) *Navio* chamamos a qualquer embarcação do mar alto. As nossas armadas no tempo a que se refere Pyrard, compunham-se de diferentes especies de Navios, taes como *Galeões*, *Galês*, *Fustas*, &c.

(b) *Chatim* (diz João de Barros, Dec. I. Liv. IX. Cap. III.) são homens tão naturaes, mercadores, e delgados em todo o modo de commercio, que ácerca dos nossos, quando querem taixar, ou louvar algum homem por ser mui subtil, e dado ao tracto da mercadoria, dizem por elle, é um *Chatim*, e por mercadejar *chatinar*, vocabulos entre nós já mui recebidos.

sas, porque alem das pagas, e custas, que fazem em seus parãos e galeotas, tem ainda de pagar direitos de alfandega, e cartazes ao rei Naire da terra. Afóra isso são sujeitos a muitas sortes de gratificações e presentes, que fazem a el-rei de Calecut, e ao de quem são subditos. Tambem era costume fazerem-nos ao rei *Cunhale*, ora defuncto. Da mesma sorte os fazem a seus amigos; e por cima de tudo aos sacerdotes e pobres, como já se disse, e não menos satisfazem ás promessas, que fizeram a seus Ziares.

Os senhores da terra são iguaes na linhagem, e tem tantos parãos uns como outros. Porque entre elles não ha nobreza, e só fazem estimação ou dos anciãos, ou dos que tem riqueza, e esforço. E quando se querem embarcar para ir á guerra, ou ás presas, se são muitos navios, fazem um capitão-mór de toda a armada, ao qual obedecem durante esta viagem somente, porque sendo finda, o que foi capitão-mór torna a ser o que era de antes; e se fazem alguma presa, dão-lhe um presente como querem, sem elle haver direito a mais cousa alguma; o resto é repartido igualmente por todos.

Durante a minha estada em Badará fui muitas vezes a passear a pé muito pela terra dentro, que eu achei mui bella e boa, coberta de arvoredos, e mui aprasivel. O terreno é vermelho e arenoso, e plano para a parte do Sertão. Os Naires visinhos dos portos vem postar-se á beira-mar e junto do palacio del-rei, quando ha rebato contra os Portuguezes, ou outros, que vem em som de commettimento contra os Malabares. Quanto ao palacio del-rei, é inacessivel da banda do mar, e situado no alto de uma montanha quasi a tres tiros de mosquete do mar, porque a povoação dos Malabares fica a meio caminho. O rei mandou cortar esta montanha a prumo. Tem outro palacio a legoa e meia mais no interior, onde guarda sua mulher, e toda a sua casa, e onde tem o seu pagode principal; e a esse sitio me levou. Este rei podia então orçar pelos sessenta annos; não era tão esbelto como os outros, mas era de

mui bella estatura. Eu ia muitas vezes a Motangué a ver meus companheiros. Um delles se havia ido para outra povoação a duas legoas de Badará para a parte de Calecut, e pertencente aos estados de Calecut, cidade que dista dalli dez legoas. Aquella povoação chama-se *Marcâre Costé*, e os Portuguezes a nomeam *Terra do Cunhale*.

O senhor, com quem eu estava em Badará amava-me como a seu irmão. Tinha uma mulher n'uma casa em *Marcâre Costé* (que é uma fortaleza), e ali me levou consigo muitas vezes; lá vi o meu companheiro, e me detive algum tempo. Esta terra de *Marcâre* pertence ao rei de Calecut, e está em paz com os Portuguezes assim como o resto dos estados del-rei de Calecut. Os paráos dos piratas e corsarios não ousam aportar, nem aperceber-se ali; mas todos os homens da terra vão a roubar como os outros; e os ricos tem paráos, que conservam nas terras dos reis de Badará, e outros portos de piratas; e fazem conduzir as suas prezas e roubos por terra a suas casas. Todos estes Malabares indianos não fazem differença (salvo se mindamente se lhe explica) entre Inglezes, Hollandezes, e Francezes. O motivo de nos amarem tanto era verem que nós andavamos em guerra com os Portuguezes. Perguntavam-me elles se eu era da lei dos Portuguezes; e respondendo-lhe que sim; porque rasão. pois (me tornavam) lhe fazeis vós guerra? e como eu lhe replicava que o mesmo faziam elles aos outros mahometanos, diziam-me que não era de estranhar isto nelles, que eram todos ladrões e piratas, cousa que entre si não é deshonra, e vai passando de pais a filhos. Quem quizer ser bem acceito entre elles deve sempre fallar em fazer guerra aos Portuguezes, e dizer mal delles; e eu na verdade não poderei dizer muito bem.

Ora a causa, porque este senhor me amava tanto, e me fazia tão grandes carinhos sobre todos os outros, era porque elle tinha desejo de ir ás ilhas de Maldiva no anno seguinte com uma armada; e por quanto eu tinha sciencia da lingua e da terra, e mesmo porque elle sabia por muitos

mercadores e pilotos malabares, que me haviam visto lá, quanta acceitação eu tivera do defuncto rei, não tinha comigo outras praticas senão ácerca destas ilhas de Maldiva, inquirindo de mim mui particularmente quaes eram as melhores ilhas, quaes as pessoas mais ricas, e se eu sabia aonde o rei e as rainhas tinham os seus thesouros; e por esse respeito applicava todas as suas forças a reter-me junto a si, como igualmente faziam todos os outros senhores. Fazia-me as mais magnificas offertas do mundo, e a muito custo podéra eu escusar-me, se me não houvera servido do nome do grande rei *Samory*, que eu disse desejava ir visitar. Só isto os atalhou, e emmudeceo, e por este meio me desenvencilhei delles com muito seu sentimento. De sorte que tendo-me despedido delles neste presupposto, segui caminho direito a *Marcáre Costé*.

E' de saber que para ir de Badará ao territorio de Calecut, é mister passar um rio, e ha no caminho os estados de um rei, que se chama *Ariol*, o qual não tem porto algum, mas tem seu assento no interior da terra; sendo amigo dos Portuguezes, e inimigo dos Malabares em seu coração, mas não dá demonstração disso, por quanto ha entre elles trato, e não podem passar uns sem os outros. Por suas terras passa um rio, que vem desaguar em *Marcáre*, e que pode ser navegado em bateis pelo espaço de mais de vinte e cinco legoas. Entretanto é impossivel dizer o bom agazalho, e grande amizade, com que eramos tratados dos Mouros e Naires malabares. Tinham por grande ventura o receber-nos em suas casas, diziam que Deos lhes fazia nisto muita mercê; e a maior parte lançavam em escritura o dia e a hora, em que haviamos lá entrado, e diziam a seus filhos que se lembrassem algum dia de nos haver visto. Toda a gente corria aos caminhos para nos ver, quando ouviam fallar no nosso nome, e que eramos inimigos dos Portuguezes.

Tendo pois estado quinze dias ou mais em Badará, fui a *Marcáre* a encontrar-me com meu companheiro, e tomamos

entr'ambos resolução de irmos a visitar o Samorim, com licença del-rei e de Custy Hamede, que muito lhe pesava, como igualmente a todos; porque eu ia livremente a *Costé* a casa de sua mulher a comer e beber, e a pernoitar quando me aprazia. Na cidade de *Costé* ha sempre saecadores, escriptoires, e outros officiaes del-rei de Calecut, e tem um escriptorio, onde fazem a cobrança. Vão visitar todos os navios e mercadorias, que entram no porto; e á tarde recolhem-se a suas casas, situadas a meia legoa distante da praia. Os Portuguezes tem empenhado todas as suas forças para subjugar estas quatro povoações e portos sobreditos, mas sempre debalde e com perda e deshonra sua, mórmente em Badará, onde tem perdido muita gente, porque é o porto mais forte, por ser todo rodeado de agua. Alli foram desbaratados um mez antes de eu lá chegar (a).

Passsei dez ou doze dias em Marcáre antes de ir a Calecut, e durante o tempo, que abi estive, veio abi muitas vezes *Custy Hamed*, e dizia que era por me ver, mas o motivo era porque elle tinha alli sua mulher. Não queria consentir em que eu o deixasse, nem que tomasse outro aposento senão o seu, ou fosse para pernoitar, ou para comer e beber. Por outra parte os saecadores del-rei, que são alli havidos em grande honra, nos davam razão, dizendo que seria grande vergonha para el-rei e para nós se outrem nos desse de comer, visto que nós estavamos na sua terra, e que nosso desenho era de ir visital-o. Alem desta razão muitas vezes nos banqueteavam e faziam grandes honras, e igualmente todos os outros senhores, assim Naires como Mouros, e desejavam acompanhar-nos á presença del-rei. Cada dia nos davam a cada um um *Panão*, que é uma moeda de ouro daquello reino, que vale pouco mais ou menos quatro soldos e meio. Chegava para todas as despesas, e sobrava ainda metade. Todo este paiz de Marcáre, que

(a) Isto segundo a narração de Pyrard aconteceu no anno de 1608. A falta de documentos dessa epocha nos archivos da India nos não deixa conhecer as circumstancias do successo.

eu percorri muito ávante, é mui bom, e de quarenta annos (a) a esta parte tem sido o abrigo principal de todos os piratas; e alli residia o rei delles. É o lugar onde ha mais Malabares, por ser o mais forte, e o rei de Calecut põe ahi um governador, que governa a todos os Malabares de seus estados, como igualmente a todos os outros das povoações e portos de piratas e corsarios, que o reconhecem por seu rei, ainda que são vassallos do Samorim, porque é mister serem governados por um de sua lei e de sua nação.

Para este posto nomeou o rei de Calecut um chamado *Cunhale*, com o título de tenente general, e teve o sobrenome de *Cunhale Marcáre*, porque *Marcáre* quer dizer logar-tenente, ou vice-rei. Este *Cunhale* foi escolhido para isto por razão de seu valor, e governou trinta ou quarenta annos, e chegou a ser mui poderoso á força de roubar todo o mundo, porque era o maior corsario que nunca houve nestas terras; e como o lugar, onde elle tinha seu assento era espaçoso, todos vinham alli acolher-se. A fortaleza era pequena; e junto della passa um bello rio, que pode ser navegado por bateis mais de vinte legoas, e por elle desce toda a sorte de mercadorias; e na foz delle fabricou com consentimento del-rei uma boa fortaleza ao modo das nossas, de mui boas muralhas de pedra e cal, e dentro tinha agua doce. Além disso levantou dous grandes fortes que defendiam a entrada do rio, e todos os navios vinham surgir ao pé da fortaleza em toda segurança, e alli estavam a salvo de todo o perigo e desconmodo. A fortaleza defendia a cidade, que todavia tambem era fortificada, assim do lado do mar como de terra, e era quasi toda cercada de agua ou do mar ou do rio. É uma grande cidade, mui povoada, com grandes casarias, ruas, e boticas bem ornadas, como na de Calecut, e em todas as outras da costa de Malabar, entre as quaes esta é uma das mais lindas, ricas, e fortes. Está situada n'uma altura, e

(a) O texto diz 4. *ans*, com visível erro typographico.

a fortaleza ainda mais em cima; e em baixo na barra junto ao mar de cada lado do rio estam aquelles dous fortes, que defendem a barra e entrada do rio. Esta cidade em tudo está diminuida mais de ametade depois da morte do *Cunhale Marcâre*, como abaixo direi (a). Este Cunhale prestava toda obediencia a seu rei, sob cujo favor e bondade elle havia crescido tanto em poder; e o rei, que a esse tempo tinha guerra com os Portuguezes, folgava muito de ter pela sua parte a este homem, que era tão temido. O porto e a cidade rendiam a el-rei quasi tanto como a de Calecut. Vem por este rio abaixo grande quantidade de pimenta, e outras mercadorias, que fazem render a cidade e o porto. Vi em uma salla na casa de um grande senhor Malabar deste logar todos os combates, e todas as victorias do Cunhale, assim em terra, como no mar, no decurso da sua vida; mui bem pintadas e mui bem coloridas; onde todos os navios, galés, e outras embarcações, que elle havia tomado, ou mettido no fundo, estavam mui bem representadas. Era o Cunhale conhecido e temido de todo o mundo, desde o Cabo de Boa-Esperança até á China. Affirmaram-me que de um só golpe de espada havia cortado um remo de galé, e partido pelo meio um homem, que tinha a espada á cinta, levando homem e espada do mesmo golpe. Tinha um irmão tão esforçado como elle, chamado *Cuti Mucá*. Reinaram mais tempo do que outro algum o fez ainda nestas terras, e tomaram infinitos navios e galés da China, de Goa, e de outras partes, como eu pude saber por aquellas pinturas. Era um dos mais cruéis homens do mundo, e sua grande força e poder lhe fazia desprezar a todos, e até o proprio rei de Cananor, que ao principio era seu protector, e seu superior, e que o tinha favorecido em tudo e por tudo. Roubava a todos, e em toda a parte. São sem conto as cruasas e barbaridades, que elle e os seus commettiam para com toda a sorte de pessoas sem distinc-

(a) Compare-se esta descripção com a que vem em Diogo do Couto, *Dec.* XII. Liv. I. Cap. XVIII.

ção; e entre outras, contra um rei Naire seu visinho, chamado *Ariol*, de que já fallei, ao qual elle foi roubar e assolar as terras, e depois o lançou fóra dellas. Cortou o nariz e os peitos á rainha sua mulher, e se fez acclamar rei; de sorte que soberbo com estas prosperidades, chegou a negar a vassallagem ao Samorim, contra o qual se levantou, não querendo restituir alguns navios, que havia tomado a vassallos seus, sem embargo de o Samorim lhe pôr preceito que o fizesse; mas elle despresava os seus mandados.

Os Portuguezes folgaram muito com este levantamento do Cunhale, como era rasão; e logo julgaram que a perda d'elle era infallivel, assim pelas excessivas e barbaras cruesas e roubos, que elle havia commettido, como por sua arrogancia e rebeldia; de sorte que procuraram logo fazer pazes com o rei de Calecut, o qual desejando castigar este perfido, veio nellas ligeiramente; e no anno seguinte, que foi o de 1599, o vice-rei de Goa aprestou uma grossa armada, sob a capitania-mór de um seu sobrinho, chamado D. Luiz da Gama (a), o qual no desenho de surprender a fortaleza com alguma secreta intelligencia, desembarcou na terra do rei Ariol, grande inimigo do Cunhale, pelas causas, que já dissemos. Esta terra era da outra banda do rio, sobre o qual os Portuguezes fizeram trinta ou quarenta jangadas, ou ponte de barcas amarradas umas ás outras; e foi mandado um capitão chamado Luiz da Silva, com trezentos soldados escolhidos para commetter a desembarcação da banda de cá do rio, quando lhe fosse dado signal. Era de noute, e ao mesmo tempo o Samorim devia enviar por terra algumas forças favorecidas por um troço de Portuguezes. O Cunhale, e seu irmão sendo avisados deste plano, acudiram a tudo sem dar demonstração de cousa alguma, de sorte que aquêlles trezentos que pas-

(a) A' margem do exemplar, de que nos servimos para esta traducção, está neste logar uma nota manuscrita em francez, e de letra franceza antiga, que diz —D. Luiz da Gama, capitão-mor desta armada, não era sobrinho, mas irmão do vice-rei Conde da Vidigueira—Observação exacta, e que tomamos por nossa.

saram nasjangadas foram rechaçados, e seu capitão Luiz da Silva foi morto de uma mosquetada; o que sendo visto pelos soldados, fizeram volta, mas pensando achar os bates no lugar aonde os haviam deixado, viram que lhos haviam levado; e nesse meio tempo os da fortaleza tendo saído apoz elles os desbarataram, e a maior parte se afogou, escapando apenas a nado uns vinte ou trinta, e o resto, por não poder nadar em rasão do peso das armas, pereceo. Quanto aos Naires e Portuguezes, que deviam accometter por terra, o Cunhale os atalhou com uma tranqueira no caminho, por onde haviam de passar, guarnecida de bom numero de espingardeiros. O grosso da armada dos Portuguezes, querendo commetter a desembarcação, foi rechaçada e desbaratada; de sorte que por rasão de sua arrogancia padeceram ahi a perda de quinhentos homens, e se recolheram aos navios em desordem. O rei de Calecut lhes disse depois que não era aquelle o modo de commetter esta empresa; mas que convinha ir com mais tento. Assim o capitão-mór da armada se recolheo a Goa enxovalhado, e com perda da melhor gente della. Isto fez a todos os Portuguezes suspeitosos e desconfiados do Samorim, dizendo que elle os havia atraído, e os havia levado á degolla, porque a gente, que elle devia enviar, como entre elles fora concertado, não appareceo para accometter á hora do signal dado. Mas a causa deste engano procedeo de artificio do Cunhale e dos seus, que tendo sido bem avisados, mandaram sem dilação tomar os passos por muita gente de guerra, de sorte que aquelles não poderam chegar á hora aprazada. Os Portuguezes porrem havendo depois sido bem informados de toda a verdade do feito, não descoroçoaram por haver sido uma vez desbaratados, antes se determinaram a tentar segunda occasião, em que podessem colher ás mãos o Cunhale, e a sua terra, fiados na segurança, que disso lhe dava o rei, a quem elle devia vassalagem (a).

(a) Veja-se a historia desta jornada em *Diogo do Couto, Dec. XII.*

Assim no seguinte anno, que foi o de 1600, André Furtado de Mendonça, velho, e esforçado capitão, o mais temido de todos os Portuguezes da India, que morreo quando vinha de Goa para Lisboa, na mesma viagem que eu fiz na volta, como adiante direi, fez pacto com o Samorim para colherem ás mãos ao Cunhale, e assentaram entre si, que o rei de Calecut iria por terra em pessoa, e que a armada Portugueza, capitaneada pelo dito André Furtado, viria por mar; o que assim foi feito, e o Cunhale cercado. Houve assaltos mui renhidos com grande perda de parte a parte. Diz-se que se juntaram alli mais de sessenta mil Naires. Ouvi depois discorrer sobre este caso assim aos Portuguezes, como aos Malabares, e Naires da fortaleza; mas dizem que a causa da tomada della foi a falta de mantimentos; porque o Cunhale, tendo desbaratado os Portuguezes, não pensava que voltassem tão depressa, e foi assim tomado de sobresalto. Havia elle enviado dous possantes navios governados por *Metar Cunhale*, que era um grande capitão de Molangué, a buscar mantimentos mas estes navios não puderam ferrar o porto; de sorte que depois de um longo cerco vendo-se reduzido á extremidade, sem embargo de

Liv. I. Cap. XVIII; e Liv. II. Cap. II. III. IV. V. VI. VII. VIII. IX. e X. onde vem mui extensamente, com alguma differença da narrativa de Pyrard. Em quanto ao numero dos mortos affirma resolutamente Diogo do Couto que não passou de duzentos e trinta dos nossos, e dos mouros foram mais de quinhentos.

D. Luiz da Gama chegando a Goa, partio logo para Ormuz a servir a capitania daquella fortaleza. Sabidas na Corte as novas deste successo, escreveu El-rei em carta de 26 de Fevereiro de 1602 ao Vice-rei Ayres de Saldanha havendo por seu serviço, e bem de justiça que D. Luiz da Gama pelo procedimento, que tivera na empreza do Cunhale, fosse mandado preso a Portugal sobre sua menagem nas náos deste anno; e não estando elle em parte que podesse ir nellas, o enviasse nas primeiras; e outrosim havia el-rei por bem que se tirasse delle devassa do modo, em que procedeo na dita empresa; e se lhe tomasse residencia, e tirasse devassa delle do tempo, que tivesse servido de Capitão de Ormuz, enviando o Vice-rei os traslados das ditas devassas (Liv. das *Monções* no Archivo do Governo da India, n.º 7.º fol. 69, e fol 89; e n.º 8 fol. 156.) Faltam-nos aqui documentos por onde se possa saber o progresso destas averiguações.

haver dado toda a sorte de provas de valor, se rendeo em fim mui fracamente. Diz-se que se lhe quebraram as forças por rasão dos feitiços, que levava certo betle, que o rei lhe mandou. Outros dizem que foi com lastima de ver os seus em tal aperto, e que dizia que mais folgára de só elle padecer e morrer, do que ver tanta gente mettida em trabalhos por seu respeito; e ainda dizem que isto succedera por ser morto seu irmão Cuti Muçá, o qual não teria por caso algum consentido que elle se entregasse desta sorte. E o que mais apressou a sua entrega foi a desesperança de socorro, porque elle havia escandalizado os reis e principes, de quem o podéra esperar. Pedio pois entrar em concertos dizendo que se renderia á mercê de seu rei, a quem pedia perdão. Mas o rei já áquelle tempo o não podia salvar, porque fora ajustado entre o dito rei e André Furtado que a fortaleza seria arrasada, o seu recheio dividido a meias; e todo o povo ficar á obediencia del-rei e Cunhale aos Portuguezes; ou Cunhale a el-rei e o povo aos Portuguezes. O rei escolheo o povo. Sendo assim feita composição, quando Cunhale quiz sair, todos os Naires estavam de um lado, e os Portuguezes do outro, e elle encaminhando-se a el-rei a fazer-lhe sua reverencia, e a lhe pedir perdão, o rei lhe fez entregar sua espada, e a tomou; e dando-lhe duas ou tres pequenas pancadas no hombro. como por mófa, lhe disse sómente estas palavras: Cunhale, assaz de trábhalho e enfadamento me haveis dado: e voltando-se logo para André Furtado, lhe disse: Cunhale é vosso, ahi vo-lo entrego. E assim ficou em poder dos Portuguezes, e foi levado ás galês: a fortaleza, e fortes foram derribados inteiramente, e a cidade ficou como estava, mas foi posta a sacco; e com tudo o povo não padeceo outro damno. Isto feito os dous exercitos se recolheram. Depois que as novas desta victoria chegaram a Goa houve fogos de alegria, repiques de sinos, cantou-se o *Te-Deum*, e deus dias depois da chegada da armada o Cunhale foi degollado. Perguntaram-lhe primeiro se elle queria fazer-se christão, ao que elle res-

pondeo que sim, com tanto que lhe fosse salva a vida; mas que se houvesse de morrer, antes queria que fosse na sua lei de Mafoma. Eis a fortuna, e o miseravel fim deste rei Cunhale. Mas depois os Portuguezes tem pago bem cara esta cabeça, porque os Malabares por essa causa entraram a matar todos os Portuguezes que lhe cahiam nas mãos. O rei de Calecut teve depois grande pesar de lhe haver entregue um homem tão esforçado; mas fel-o por colera e revindicta, pois o Cunhale e seu irmão foram reputados os mais bravos capitães de toda a India Oriental (a).

Quanto á fortaleza do Cunhale, estive nella muitas vezes. Os muros ainda estam em pé até a altura de dous homens, de sorte que é mui facil de fortificar, e se o rei houvesse guerra com os Portuguezes, bem depressa seria restaurada. Quando nós partimos de Goa corriam novas de que o rei queria quebrar a paz, e que mandára fabricar sessenta galés ou parãos, e refazer a fortaleza; e quando os Hollandezes ahi foram, elle lhes prometteo de lha entregar, de sorte que o feitor ou agente dos Portuguezes, que alli reside, se foi queixar ao rei por elle permittir a entrada aos ditos Hollandezes, e a outros estangeiros inimigos del-rei de Hespanha, e que nestes termos elle estava determinado a recolher-se a Goa. O rei não lhe deu mais resposta, senão que se fosse embora, e que elle não segurava ninguem á força. Não ha rei algum na India que possa incommodar mais os Portuguezes por mar que elle; por quanto a costa que elle domina pode aprestar grande numero de Malabares, e é mui rica para lhes pagar seus soldos. Ha em seu reino homens mui ricos, que todos são gente intrepida e determinada. Ha tambem grande copia de Mucuás para chusma dos parãos. Estes Mucuás são uma casta de gente como esca-

(a) Veja-se Diogo do Couto, *Dec.* XII. Liv. III. Cap. X. e XI. e Liv. IV. Cap. I. II. III. IV. V. VI. VII. VIII. IX. X. e XI. Pyrard concorda substancialmente com Couto. So notaremos que a justiça feita no Cunhale não foi tão abreviada como diz Pyrard.

vos del-rei e dos Naires, como adiante direi, e chamam ao rei em sua lingua *Tambirané*, que quer dizer Deos.

Eu sei de sciencia certa que o Samorim tem intelligencias com todos os piratas Malabares, os ques lhe dão dinheiro, e lhe pagam tributo debaixo de mão. E sei-o por haver muitas vezes acompanhado aquelle capitão Custy Hamede a ir tratar com os seus officiaes em secreto; ao que só vai de noute pelo temor de ser visto. Todos os outros senhores e capitães destes Malabares fazem outro tanto, como muitas vezes vi, e como os proprios officiaes del-rei me asseveraram. E verdadeiramente isto é facil de julgar, por quanto elle os provê de tudo, e lhes empresta dinheiro quando o elles não tem, e elles lho restituem pontualmente, e com luero. Todos os annos sáem muitos milhares de homens das terras do Samorim para irem roubar pelo mar com os outros. Estes corsarios são os mais cavalleiros e bizarros homens do mundo, e cada dia assistem ao Samorim com presentes e lisonjarias para lhe fazerem quebrar a paz com os Portuguezes, e a ver se elle lhes dá a elles aquella fortaleza do Cunhale. Este Cunhale deixou um filho, que ainda se intitula *Marcáre*, isto é, vice-rei, o qual eu vi muitas vezes, e comi e bebi em sua casa. Habita a maior parte do tempo em Costé ou Chomambá, com uma de suas mulheres; e com quanto o rei depois da morte do pai, não haja dado aquelle titulo a mais ninguem, nem por tal tenha reconhecido este filho; todavia acatam-no mais que a qualquer outro, e lhe dão aquelle nome somente por rasão do pai. Muitos aspiram áquelle cargo, o que é parte para que el-rei o não proveja, e deixe assim a terra em paz. Os negocios vão directamente á decisão del-rei, ou dos senhores Naires a isso deputados, e não ha na terra outra justiça fóra esta, e serve para tudo.

Depois de nos dilatarmos, meu companheiro, e eu, mais de doze dias nesta terra de Marcáre ou de Cunhale, e tendo-nos despedido de nossos amigos; os officiaes del-rei, a quem pedimos conselho sobre a nossa partida, nos disse-

ram que se nós desejavamos ir a procurar el-rei, elles nos dariam cartas e dinheiro; mas nós não havíamos mister dinheiro salvo para passar agua, e para pagar aos Naires, que nos acompanhavam; e ainda se não fôra o risco que havia de encontrar Naires embriagados com *orraca* (que é uma especie de agua ardente feita de vinho de coqueiro), nem desse mesmo careceríamos, por respeito da nossa carta de encommenda, que fallava no nome do Samorim. Mas não ha que fiar sempre nisto. O nosso caminho não passava de quatro pequenas legoas por dia, e às vezes duas. Elles nos faziam ficar em seus aposentos, ainda que nós os tivéssemos; e não se pode dizer quanta era a fartura e a honra, com que nos tratavam pelo caminho. Andavam entre si á porfia sobre quem nos agasalharia, mas não ousavam a pedir-nos que ficássemos com elles contra nossa vontade, como muito desejavam, por rasão de irmos dirigidos á presença del-rei; alem de que o passaporte, que levavamos, nos fazia receber bem em toda a parte. Pozemos quasi oito dias em ir de Costé a Calecut, ainda que bem poderamos andar este caminho em dous dias; mas as dilações que fazíamos aqui e alli, o agasalho e recebimento, com que eramos acolhidos por toda a parte, foi causa de gastarmos todo aquelle tempo. E na verdade ser-me-hia impossivel representar o bom acolhimento, que por toda a parte nos fizeram, tanto elle foi honrado, e cheio de cortezia e affecto. Porque as maiores pessoas altercavam entre si sobre quem nos agasalharia. Mas cumpre notar que eram os Malabares Mouros, e não os Naires, porque estes são largos com o seu dinheiro, com fructas, e com tudo quanto tem, mas não desejam que pessoas de outra casta comam, e se aposentem em suas casas, tanto quanto ser possa; e quando o consentem é só por alguma grande necessidade, mórmente se são da raça dos Bramanes; porque ainda que os outros se esquivem a isso, não é todavia com tanto escrupulo como os Bramanes.

E se não fora o excessivo ardor do sol, que naquellas

partes ha, não se poderia dizer nem pintar o prazer e contentamento, que ha em caminhar por todo aquelle paiz, porque é o mais lindo e aprasivel que se pode ver, ou ainda desejar. O terreno é todo plano e arenoso, mas a areia é dura e firme, e ao longo do caminho se vão avistando proximas umas das outras casas e habitações, e de legoa a legoa povoações, e ainda de meia a meia legoa, e o mais distante de duas em duas pequenas legoas. O paiz é mui povoado, e coberto de fructos, que são communs, e á descripção dos viandantes, e estes fructos são os mais excellentes do mundo, e taes que os não ha cá semelhantes, nem tão bons. Encontra-se tambem sempre por todos estes caminhos muita quantidade de gente, assim Naires como Malabares, homens e mulheres; porque alli todos caminham mui seguramente, com tanto que levem em sua companhia um Naire ou *Jangada*. Mas quando se vai em ranchos de vinte e trinta, pessoas, é assáz um só Naire, o que é igualmente mister a uma só pessoa; e neste caso vem a sair mais caro; mas quanta mais gente é, mais lucro tira o Naire. Ha muitos paúes e salinas a passár entre Costé e Calecut, e dous rios, que se passam em barcas, antes de chegar a Calecut. Na distancia de uma legoa pouco mais ou menos ha uma mui linda cidade, onde pernoitámos, chamada *Coulete*, na qual os Portuguezés tiveram tambem uma fortaleza e territorio, como tinham em Calecut, mas perderam-na igualmente. Vi-a de passagem, porque não estava de todo arrazada: e era bem mais forte que a de Calecut. Eis tudo o que notei pelo caminho.

CAPITULO XXVI.

**Chegada do ancor a Calecut. Descrição deste reino,
do rei, dos povos, de seus costumes, de sua
religião, e usos.**

Sendo finalmente chegados á cidade de Calecut, os primeiros officiaes del-rei que encontrámos, foram os cobradores de seus direitos, que tem um posto na praia, levantado sobre estacas, onde só estão de dia; porque a cidade e porto tem mais de uma legoa de comprimento, e ha tres daquelles postos para tomar conta de todas as mercadorias que entram, assentar o seu numero e quantidade, e dalli fazel-as levar á alfandega, que é um grande edeficio todo de pedra, de forma quadrada, com galerias por baixo e por cima, cobertas de abobeda de pedra, como a nossa praça real, mas não tão grandes nem tão bellas, com grande numero de repartimentos e armazens para pôr toda a sorte de mercadorias, cada uma separadamente. Está escripto sobre a porta o nome da mercadoria, que fica em cada armazem, e guardam uma chave os officiaes del-rei, e os donos da fazenda outra; e não podem lá entrar uns sem os outros. A mercadoria fica alli até pagar os direitos da alfandega, os quaes se pagam assim pela entrada, como pela saída. Esta alfandega está sita a duzentos ou trezentos passos do mar, entre a cidade e o porto. É forte e bem guardada; todas as suas portas são bem chapeadas de ferro; e só entram lá os que nella tratam negocio, e tem sempre guardas á porta. Não se podem facilmente commetter faltas na carga e descarga das mercadorias, e na cobrança

dos direitos del-rei, por rasão da grande copia de escrivães e officiaes que ahí ha, todos os quaes são Naires ou Bramanes. Não ha em todo o reino porto algum, por menor que seja, onde não haja destes escrivães, os quaes tem por cargo assentar as mercadorias, quando ellas são do paiz, e no fim de seis mezes ou um anno vão pagar tudo junto. Todos estes officiaes são pessoas qualificadas, e mui respeitadas, tem o seu posto e alfandega nos portos, onde só estam de dia, e á noute se saem das povoações a pernoitar em suas casas, que ordinariamente não são longe, umas mais proximas, outras mais distantes, até meia legoa; e vivem separados do commum da gente.

Tendo-nos pois visto estes officiaes, depois de nós lhe havermos fallado, e dito donde eramos, com muito contentamento se encarregaram de nos apresentar a el-rei; e no entretanto por rasão do calor nos aparelharam um aposento na cidade, onde fomos mui bem tratados, e passámos a calma. Esta cidade não é como as outras da costa do Malabar, porque ha nella hospedarias, e casas onde se bebe, come, e dorme por dinheiro. Sobre a tarde os ditos officiaes nos entregaram aos soldados da guarda, os quaes nos levaram ante el-rei, que tem o seu palacio distante meia legoa da cidade de Calecut. Os soldados nos conduziam com toda honra e respeito. El-rei sabendo que eramos chegados desceo á salla inferior do palacio, por ser de noute; e vinha acompanhado de dez ou doze pagens Naires, que são todos fidalgos, com grandes candieiros de ouro e prata dourada, cheios de azeite (porque não usam velas, nem brandões) e cada candieiro tinha seis luzes, e espevitadores da grossura de um dedo tambem de ouro e prata dourada, e um grande vaso do mesmo cheio de azeite, para prover os candieiros cada vez que é mister. Estes candieiros pendem da extremidade de uma grande barra de prata dourada, de que se crava no chão a outra extremidade, e são curvos pela parte de cima, afim de que a luz não moleste a pessoa, que traz o candieiro, e não se

perca a claridade. Os assentos da sala eram de pão bem polido e mui bonito. Usam tambem para se assentar de grandes pedras largas, pretas, e polidas como marmore. El-rei nunca se assenta em publico, e fica sempre de pé.

Tinha elle ao collo um seu sobrinho pequeno, o mais formoso e gentil que ver-se podia, de tres annos de idade pouco mais ou menos, e que elle amava muito, como quem era o seu successor; porque naquella terra não succedem os filhos, mas só os sobrinhos filhos das irmãs. Mostrava-nos por brinquedo ao menino, e perguntava-lhe quem nós eramos, fazendo-o chegar a nós, e tocar-nos, para ver se elle tinha medo de nós, o que elle não teve. E el-rei depois de nos haver interrogado a mim e a meu companheiro por espaço de mais de tres horas, nos perguntou por seu interprete entre outras cousas em lingua portugueza, tendo sabido que nós não eramos Hollandezes, que differença havia entre os Hollandezes e nós; e depois quem era mais forte e mais poderoso, se o Conde Mauricio, se el-rei de França. Eu então lhe disse que não havia comparação, e que era el-rei de França. Mas elle me replicou que outro tanto diziam os Hollandezes do seu Conde Mauricio, e os Portuguezes do seu rei; e que elle não sabia a quem devia dar credito; ao que eu lhe respondi o que em verdade era.

Em fim tendo-me perguntado como é que eu viera ter a Calecut, e com que tenção; e tendo-lhe eu contado tudo o que me era acontecido, e que eu não era vindo senão com tenção de encontrar lá os Hollandezes, que me haviam dito ser alli bem recebidos, elle me disse então que em verdade alli eram vindos havia tres semanas ou um mez treze navios, que se detiveram por espaço de nove ou dez dias, e elle lhe permittira livre trato, e promettera toda amizade; e que os Hollandezes lhe haviam feito presente de duas grandes peças de artilheria de ferro fundido (que haviam sido tomadas aos navios portuguezes, do que elle não foi mui contente, quando o soube) e de muitas outras cousas,

que o Conde Mauricio lhe enviára. Que em recompensa elle havia feito aos Hollandezes diversos dons, como pedras preciosas, e cadeias de ouro; e que alem disso lhes havia dado fauladado para edificarem uma fortaleza; e que logo depois elles se foram com promessa de voltar no anno seguinte; accrescentando em quanto a nós que folgavã de nossa vinda, e que nada nos faltaria em quanto alli estivessemos.

O interprete, que nos interrogava, era Baniane e Brama-ne, de casta e religião, e fallava bem o portuguez. Dizia-se corretor dos Flamengos ou Hollandezes, isto é, aquelle que faz vender e comprar as mercadorias, e que serve tambem de interprete, recebendo paga assim do vendedor como do comprador. O rei lhe ordenou que nos aposentasse, e tivesse de nós todo o cuidado. Chamava-se *Maniassu*. Den-nos um aposento em casa de um grande Pandiare e Xerife mahometano, pessoa dos maiores e mais nobres de Calecut, cuja casa era das mais bellas daquelle lugar, posto que mui distante da cidade e do palacio. Mas apenas alli fomos aposentados tivemos logo aviso, assim pelo interprete como por outros nossos amigos, de que os Portuguezes nos queriam armar algum laço, e que haviam conspirado contra nós, o que na verdade era, como depois soubemos claramente; pelo que este interprete, temendo que nos acontecesse algum desaguizado, nos tirou daquelle aposento, depois de alli havermos passado dous ou tres dias, e nos fez apparellhar outro na alfandega. Este homem era tambem um como feitor e agente do rei no que respeita aos navios, que este envia a varias partes. Os Mucuás ordinariamente lhe dão o titulo de *Marcáre*, isto é, tenento del-rei, mas é por favor, pois semelhante titulo dão a todos os officiaes del-rei; todavia aquelle tem superintendencia sobre os navios, que el-rei envia ao trato mercantil. Tambem nos deram um servidor, e cada dia : os faziam distribuir dous *prões*, que são moedas de ouro, que valem cada uma quatro soldos; e tambem nos davam pannos para nos vestirmos, com tudo o mais que

nos era mister. Era este homem tão cuidadoso de nós, que nunca nos deixava, de medo que fizéssemos queixa d'elle a el-rei; além do grande desejo que tinha de ser bemquisto dos Hollandezes, que lhe haviam feito grandes promessas; e sei também que os Portuguezes lhe tinham odio mortal por esse respeito.

Depois de alli estarmos quinze dias ou tres semanas, chegaram os nossos deus companheiros, que haviam ficado em Motangué. Foram tratados como nós, e connosco aposentados. Ora tendo-me eu demorado perto de oito mezes em Calecut, isto me deu occasião de conhecer e notar o que ha assim na terra, como nos costumes e naturezas dos habitantes. Entre a cidade e o palacio del-rei tudo são casas; e não ha lugar em toda a India, onde haja tanto contentamento como em Calecut, já pela belleza e bondade da terra, já pela conversação de todas as nações, que alli vivem em sua liberdade, e no livre exercicio de sua religião. E' cousa espantosa ver a grande multidão de povo que alli ha, mormente ao redor, e no palacio del-rei, onde se vê uma infinidade de gente toda armada. Cada dia o vão saudar todos os senhores principaes. Passa por ser homem de grandes espiritos, mas todavia de um genio mui mudavel, porque tão depressa ama como aborrece a mesma pessoa, e depois repentinamente a torna a receber em amisade; e por isso ninguém se fia nelle. Aceita tudo sem lhe importar donde vem, e declara que é amigo de quem lhe dá melhores presentes. E' mui affavel e brando para com os estrangeiros, e seu povo, mas ao mesmo tempo é também mui facil de agastar-se, e por isso mui temido de todos os seus Naires, que se arreceiam muito d'elle quando está agastado.

Vi um dia entre outros uma das melhores dançarinas e saltadoras do mundo, porque em minha vida tenho visto bom numero desta gente, assim homens como mulheres, mas que eram nada em comparação daquella, vi, digo, uma dançarina, que fazia cousas tão estranhas, que quasi

me persuado que ella usava de alguma sorte de arte diabolica. Esta mulher tendo vindo para fazer os seus saltos perigosos, o rei e sua mulher estavam em uma galeria para ver, acompanhados de uma das princezas. Os Naires tapavam a vista á rainha, de sorte que el-rei bradou uma vez que se arredassem; mas creio que por rasão da grande asafema e barulho do povo, o não ouviram. Ficou elle disso tão agastado, que desceo abaixo com o abano, que tinha o seu pagem, e começou a bater em tudo quanto encontrou (a). Foi então a cousa mais piedosa do mundo ver todos os senhores, todos os soldados, e toda a gente, que alli estava, a fugirem por onde podiam, pondo as duas mãos sobre a cabeça em signal de acatamento; e todos largariam o brinco e festa, se elle não ordenasse que a proseguissem.

Durante o tempo que alli me detive, todos os senhores me convidavam a ir beber e comer a suas casas, e nos faziam presentes de peças de ouro, pannos de seda e algodão, e de fructas. Entre outros havia um que tinha maior mando que os demais, e que em ausencia del-rei governava a cidade de Calcut. Sua casa era distante quasi meia legoa do palacio real, situada sobre um tanque construido de pedra, que tinha bem meia legoa de circuito; e assim é uso construirem os tanques naquellas partes. Ora um dia de festa, (se bem que é mui difficil conhecer quando é para os Naires dia de festa, porque elles nunca trabalham) aquelle senhor nos havia convidado a jantar em sua casa a mim e a meu companheiro, cousa que todavia elles fazem raras vezes; mas elle não era muito escrupuloso. Elle não era da casta dos Bramanes, e excepto carne de boi ou vacca, comia de tudo o mais. Aconteceo pois que quando se banhava (porque é costume entre elles quando tem tido

(a) Usam-se na India certos abanos grandes, que giram em um cabo de pão da altura de um homem, e movidos por servidores refrescam muitas pessoas no mesmo tempo. Parece qua é aos abanos desta especie que o auctor se refere.

contacto com o mais povo, e se reputam por pollutos, banharem-se nestes tanques) havia outros dous grandes senhores, que ao mesmo tempo se banhavam naquelle grande tanque, de que acabo de fallar. Um dos taes senhores era parente del-rei; e ainda seu sobrinho, porque el-rei tem grande numero delles; o outro era pessoa de muita auctoridade, tinha mandado sobre grande numero de Naires, e era havido por mui esforçado. O sobrinho del-rei, que lhe tinha inveja, lhe mandou perguntar donde lhe vinha a ousadia de se banhar ao mesmo tempo que elle, e o ameaçou de o fazer lançar fora dalli. O outro, que era homem brioso, por toda resposta deu uma bofetada no portador do recado do principe, dizendo-lhe que a levasse a seu amo. O principe quando soube esta affronta, juntou logo todos os seus; o outro fez o mesmo da sua parte, de sorte que houve grande reboliço e alvoroço de parte a parte.

O senhor, que nos havia convidado a jantar, correu logo alli a toda a pressa, e eu nada tive que me causasse tanto espanto como ver tantos milhares de homens armados e reunidos em tão pouco tempo de parte a parte para acudir a este caso. O rei sendo informado do acontecido, e tendo sabido como tudo era passado, ordenou logo que prendessem ao sobrinho (que era filho de seu irmão, e não da irmã, que é seu herdeiro) e que o matassem. Tocou-se a rebáte no palacio del-rei, que logo se encheo de gente prestes a receber os seus mandados. No entretanto houve muita gente ferida neste reboliço; e o sobrinho del-rei temendo a sua ira fugio, e passou a toda a pressa um rio, que separa a terra de Calcut da de outro rei, a que chamam de *Chalé*. Este sobrinho del-rei era grande amigo dos Portuguezes, e seu protector. Passaram mais de cinco ou seis semanas antes que elle pudesse ser novamente recebido em graça. Eu o vi quando elle voltou, e foi saudar el-rei com mais de cem dos seus, que haviam igualmente incorrido no desprazer del-rei. Este exemplo serve para mostrar qual é a colera subita deste rei, que não per-

deava mesmo a seus mais proximos parentes; mas neste caso era com alguma justiça.

Todo o paiz que corre desde Barcelor até ao Cabo Comorim se chama Malabar (a). E bem que nelle haja muitas provincias, e diversidade de territorios, são todavia todos de uma mesma lingua, lei, e religião, seguem a mesma policia, a mesma ordem, e distincção do povo e castas, e tem os mesmos costumes. Ha alli muitos reis como o de *Cananor*, de *Motangué*, de *Badará*, de *Calecut*, de *Tanor*, de *Cochim*, de *Coulão*, e outros muitos regulos, que não posso contar. Mas o maior e mais poderoso rei é o de *Calecut*, que se chama *Samorim*, titulo que mostra a sua grandesa sobre os outros, porque vale tanto como entre nós o de Imperador. O rei de *Cochim* é o maior apoz elle, e pertende igualal-o, rasão porque andam ordinariamente em guerra. Os outros são regulos de pequenos territorios, que com quanto sejam todos soberanos em suas terras, acatam e respeitam a grandesa do *Samorim*, fallam delle como de seu senhor, e não ousarão desobedecer-lhe; o que eu posso asseverar pelo ter ouvido da bocca de muitos destes reis. Quanto ao rei de *Coulão*, como elle está distante, e mui chegado á ponta do Cabo Comorim, mantem-se mais independente que os outros. Quando eu parti das Indias, tinha este rei aos Portuguezes cercados por terra.

O reino de *Calecut* é mui extenso, e assaz temperado. Está situado entre *Cochim* e *Cananor*, a nove grãos e meio da equinocial da banda do polo arctico. A cidade principal, que é á beira-mar, dá o nome ao reino. O paiz é plano e não montanhoso; fertil de todas as cousas necessarias á

(a) Os limites do Malabar são como os de outras muitas regiões indianas, incertos, e mais ou menos arbitrarios. Alguns geographos chamam Malabar a toda a costa desde Bombaim até ao Cabo Comorim. Outros começam a contar desde o rio Chandragiri, João de Barros (Dec. I. Liv. IV. Cap. VII.) conta desde o rio chamado Carnate, visinho ao Cabo e monte Delhi, até 80 legoas para o sul. Diogo do Couto (Dec. XII. Liv. I. Cap. XVIII.) limita o Malabar entre Cananor e Cochim. (Vid. atraz pag. 289, Nota (a)), etc.

vida, como fructos, grãos, animaes, e plantas; se bem que por rasão do grande numero de habitantes é necessario ir buscar arroz fóra, por não chegar o da terra: quanto ao resto não tomam outras mercadorias de seus visinhos. Produz muita pimenta, que é a principal riqueza do paiz, com as pedras preciosas, que ali são mui abundantes, e o algodão, de que fazem pannos mui finos e brancos. e tapecerias pintadas de muitos feitioz.

CAPITULO XXVII.

Continuação da descripção de Calecut: distincção do povo, dos Bramanes, Naires, Mucnás, e outros; e das singularidades da terra.

O Reino de Calecut, como toda a mais terra de Malabar, é habitado de duas sortes de gente, a forasteira, e a natural. Os estrangeiros chamam-se propriamente *Malabares mahometanos* ou *mouros*, e tem vindo desde remotos tempos de fóra habitar este paiz, mas somente tem assento á beira-mar. Os naturaes são gentios, ou pagãos, da mesma religião que a maior parte da gente da India meridional. São divididos em tres sortes de condições, ou castas; a saber, Bramanes, Naires, e povo baixo e commum. E assim entre os Naires do Malabar, como entre os Canarins de Goa ha Bramanes; e no fundo todos seguem a mesma lei, isto é, todos são idolatras.

Os Bramanes são uma raça de gente a mais nobre, mais honrada, e respeitada de todas. Seguem um modo de vida particular, e uma mais religiosa e austera observancia de sua lei; pois alem de viverem exactamente segundo sua

religião, tem isto de particular, que nunca comem carne nem peixe (a), nem cousa que haja tido vida; não bebem senão agua; e guardam esta austeridade de pais a filhos, e em toda a sua casta, não se misturando nem ligando com outra alguma sorte de pessoas; mas inviolavelmente observam a regra de se não cazarem as filhas dos Bramanes senão com Bramânes, e assim os homens, os quaes também não podem passar a segundas nupcias (b). Vestem uma opa de panno de algodão com um turbante branco na cabeça, e calçam sapatos vermelhos. Aquella opa ou roupeta, a que elles chamam *Libassa* ou *Cabaia*, é de panno de algodão mui fino e branco, e desce até aos artelhos; e por baixo poem um grande panno branco, que pende até ao meio da perna, dando duas ou tres voltas ao redor do corpo, e passam a ponta por entre as pernas, de diante para traz, prendendo-a na cintura da parte de traz. Cingem-se com uma bella cinta de panno branco e fino como o do turbante. Costumam trazer ao hombro uma peça de panno branco ou de côr, feita de seda ou de algodão, do feitio das nossas capas. Todos trazem os cabellos compridos; e todos os Bramanes, Banianes, e Canarins tem brincos nas orelhas.

O unico distinctivo, que tem da outra gente, é um cordão ou linha de tres fios de algodão, que trazem sobre a carne a tiracollo. E' uma especie de cavallaria, que lhe é conferida em seus templos com grandes despezas e solemnidades; e não se poderá fazer maior injuria a um Bramane, que romper-lhe o seu cordão; e em tal caso deve tomar outro com igual solemnidade, porque aliás deixaria de ser Bramane. Da mesma sorte quando por sentença é condemnado, é primeiramente exauctorado, e lhe tiram este cordão, e semelhantemente é d'elle privado, se quebranta suas cerimoniaes, e dahi ávante cessa de pertencer á casta. Se-

(a) Ha Bramanes, que comem peixe.

(b) As mulheres é que não podem passar a segundas nupcias, os homens sim. E' com tudo possível que alguma raça especial de Bramanes no Malabar seguisse a regra, que o auctor nos refere.

guem diversas profissões segundo querem, porque uns tomam armas entre os Naires, fazendo as mesmas cousas, e trajando como elles, excepto guardarem sempre o seu particular modo de vida, e a abstinencia de carne, e trazerem o distinctivo daquelle cordão, que já disse: outros são sacerdotes e sacrificadores de seus idolos, porque só os desta casta o podem ser: outros ainda são mercadores, e destes ha grande numero, e mui ricos, assim neste reino, como em outras partes da India. São gente industriosa, sabedores na astrologia, e em outras sciencias, mui expertos em tudo, e mui destros; e afora isso são gente meiga, pacifica, e que guarda inviolavelmente sua fé, e sua palavra.

Em somma são havidos por pessoas de respeito, e boa reputação, como cá os ecclesiasticos, os philosophos, e doutores. Ha-os em Goa, que exercem a medicina e a pharmacia ao modo dos Portuguezes e da Europa. Ha-os de todas as outras profissões; e a maior honra, que pode ter um homem nobre, é ser desta casta. São gente douta e instruida, e mui judiciosos em tudo. O proprio rei de Calecut é Bramane, e traz o cordão. Quando andam pela rua com a sua cabaia, ou veste de panno de algodão branco, e que encontram algum estrangeiro, para que os conheçam (porque o cordão assenta sobre a carne, e não se vê) dizem logo quem são, e a sua casta. E mesmo entre todos os Indios christãos são elles os que tem o primeiro lugar apoz os Portuguezes e mestiços da India; e ainda os mestiços, cuja mãe é de casta baixa, não são tão estimados como os que procedem de mãe bramane; porque neste caso hão-se por iguaes aos mesmos Portuguezes. Quando um Bramane jura, põe a mão sobre o seu cordão, e então deve crêr-se. Por mui pobres que sejam, guardam sempre a sua precedencia, e a sua regra, e quando os outros passam por junto delles, devem baixar a cabeça saudando-os em signal de reverencia. Os reis confiam inteiramente nelles, e sempre tem junto a si alguns dos principaes, assim por causa da religião, como para conselho, e seguem em tudo o que

lhe elles dizem. Não são todos ignaes entre si, mas ha um acima de todos os outros.

Ouvi dizer que a causa porque os Portuguezes foram expulsos, e suas cidades e fortalezas arruinadas, foi por terem dito mal dos Bramanes, e de sua lei, de que elles se queixaram a el-rei, e lhe pediram vingança, clamando todos que se elle não expulsava aquella gente, elle e o seu Estado pereceriam miseravelmente. Sobre o que elle tocou á chamada, e fez congregar o seu conselho, onde foi resolutio que se expulsassem; e o rei disse em alta voz que por quantas pedras lhe trouxessem da fortaleza dos Portuguezes daria elle outras tantas peças de ouro, de sorte que em poucas horas aquella fortaleza foi demolida, e a maior parte dos que nella estavam foram roubados. Os Portuguezes tiveram alli duas fortalezas uma apoz outra, que ambas foram arruinadas, e elles expulsos, e agora não tem lá nenhuma. Ao que parece el-rei de Calecut fez bem de os expellir, porque elles lhe fariam outro tanto como tem feito a el-rei de Cochim e aos outros. Elles entram á sombra da amizade e brandura para com os reis, e depois tratam de os subjugar, e usurpar-lhe o que é seu. O de Calecut havia-lhes dado livre entrada; mas quando vio que elles tomavam mais do que lhe elle dava, pôz cobro nisso antes que fossem mais fortes. O de Cochim, não tendo sido tão precatado, recebe ora delles mil sobrançarias; de sorte que o vice-rei de Goa indo de soccorro a Malaca, como abaixo direi, passou por Cochim, e o rei lhe enviou grande copia de almadias ou bateis carregados de viveres, fructas, e outros refrescos; mas aquelle vice-rei, chamado Martim Affonso, não quiz ver nem acceitar cousa alguma, e mandou lançar tudo ao mar, enviando um recado ao rei com palavras soberbas que á volta de Malaca lhe faria uma visita, de que lhe pesasse; e a causa d'isto foi porque o rei não lhe quiz dar certa cousa, que elle lhe pediu; mas ficou bem livre de o ver na volta, porque morreu em Malaca. Outra vez, quando os Hollandezes esta-

vam sobre o porto de Cochim, não quizeram os Portuguezes permitir ao rei que entrasse na sua propria cidade; o que mostra o orgulho desta gente, e como elles maltratam insolentemente aquelles que lhe dão qualquer entrada: mas el-rei de Calecut, que é mais prudente, não dá aos outros reis, que assim se tem deixado enfrear. E tornando aos Bramanes, que foram a causa da expulsão dos Portuguezes, os que ha entre os Banianes e Canarins, são todos o mesmo que elles. Em quanto aos Canarins não ha differença no modo de vestir; mas os Banianes usam sapatos vermelhos, com um grande bico adiante, cuja ponta é revolta para cima, e tem uma borla do mesmo couro. Os Canarins de Goa e suas visinhanças trazem *alparcas*, que são como sandalhas de muitas sollas de couro, com varias correas, que passam por entre os dedos, e vão prender por cima do pé. Estas correas são de couro dourado com pequenas presilhas e botões tambem dourados.

E note-se que o vestido branco, que usam os Indios de Goa, não é nada commoda, porque toda a terra de Goa é vermelha como bollo armenio; de sorte que ora seja de verão ora de inverno, o pó e a lama tingem o sujam todos os vestidos; mas elles mudam-nos cada dia, e ainda mais de uma vez no dia. Os principaes dentre os Bramanes e outros gentios tem sempre muitos homens a seu serviço, dos quaes um leva o sombreiro ou guarda-sol, outro uma boceta de prata cheia de belle, e outro um vaso de prata cheio de agua para se lavarem. Quando tem ourinado, ou feito cousa semelliante, lavam as partes reconditas. Costumam tambem andar em palanquins, já se sabe os ricos. Nunca comem sem primeiramente se lavarem e banharem; depois tomam simplesmente um panno, com que cobrem as partes mais vergonhosas do corpo, ficando com o resto do corpo nú; e assim comem. E' mister que sejam pessoas de sua casta as que eosinham, ou elles proprios, por mais auctorisados que sejam; porque nos que tem tocado no comer, ou seja quando se cosinha, ou depois de cosinhado, ninguém mais pode

tocar; e mais facilmente se deixarão morrer do que comerão o que haja sido tocado por homem ou mulher, que não seja de sua casta e de sua lei. Mas todos os outros gentios podem comer o que foi cosinhado e preparado pelos Bramanes; com tudo nunca acontece que os superiores preparem o comer para os que lhe são inferiores.

Todas as mulheres tem o nariz furado, e trazem nelle pendentes argollas de ouro e prata, e pedraria. Tazem também aneis de ouro e prata nos dedos dos pés, e nas orelhas grandes chapas da mesma materia do tamanho da palma da mão, cravadas no meio e ao redor de muita pedraria. As mulheres dos Bramanes, dos Banianes, e dos Canarins usam o mesmo, mas não as dos Nairos, nem dos Mucuás, e outros Malabares. Trazem também braceletes, a que chamam *Manilhas*, desde o pulso até ao cotovello, e são uns de ouro ou prata, outros de vidro, ou de tartaruga, o que é muito honroso; mas são pintados de todas as cores, e no seu feitio representam toda a sorte de figuras. Trazem igualmente todos os dedos cobertos de aneis.

Todos estes gentios nunca comem carne de vacca, assim como os mahometanos a de porco; e são tão afferrados a esta superstição, que até a maior parte delles, quando se fazem christãos, poem por condição não serem nunca constangidos a comela. Nem tão pouco comem carne de boi, touro, ou bufalo. Não querem outrossim largar o seu modo de vestuario, e isto lhes é permittido com outras muitas superstições; o que faz crer que elles não são bons christãos, e que pela maior parte o não são senão por necessidade. Os mouros de Cambaia, de Surrate, e de Guzerate, que são terras do Grão-Mogol, e os gentios Banianes não tem entre si castas superiores e inferiores, com quanto haja individuos de todas as qualidades e posses, segundo as quaes são respeitados e honrados; e excepto os Naires nenhuns destes gentios são homens de armas; mas todos artifices ou mercadores. A primeira coisa com que elles

topam ao sair de suas casas, ou seja ave ou animal quadrupede, a essa honram e veneram por todo aquelle dia; e consultam a seus sacerdotes e feiticeiros, a quem prestam fé em tudo quanto lhe elles dizem.

Os *Joguis* são eremitas errantes pelo paiz, e são entre elles como entre nós os religiosos. Tambem ha lá grande numero de charlatães e feiticeiros, que encantam as cobras ou serpentes, de sorte que estas não podem fazer mal, e ha cobra de vinte e dous, e vinte e tres pés de comprimento. Estes gentios não bebem senão por vasos de cobre, excepto os grandes, que os tem de ouro e prata dourada; e é para notar que não tocam com a bocca o vaso por onde bebem, mas entornam a agua na bocca pela parte de cima. Os proprios Portuguezes tem tomado este costume, e bem assim o de não comer com colher, e outros muitos usos dos Indios, os quaes é que nunca mudam os seus.

Casam-se mui moços, e ordinariamente aos sete e oito annos, assim homens como mulheres. As viuvias, que se queimam depois da morte de seus maridos, tiram primeiramente todas as suas joias, que dão a quem bem lhes parece. Quanto aos homens viuvos, não tomam outro dó pela morte de suas mulheres, senão que não podem tomar a casar-se (a).

Quando jejuam, o que raras vezes acontece, abstem-se de comer e beber o mais que podem, um dia, e até dous. E no que toca ao destino das almas depois da morte, crem que ellas passam ao corpo de uma vacca, ou de um bufalo, ou de um touro; e que quando a vacca ou o touro morre, se passam a outros corpos. E segundo me parece, a razão porque elles não querem comer a carne destes animaes é a opinião, que tem, de que as almas passam de um corpo a outro, opinião que elles tiraram da antiga tradição dos Bramanes e Gymnosophistas Indianos, instruidos na doutrina de Pythagoras, que foi o primeiro auctor desta

(a) Veja-se a *Nota* (b) de pag. 314.

metempsychose(a). Tem logares deputados para recolher os animaes errantes, e são cuidadosos de dar de comer e beber ás aves, e a toda a sorte de animaes. Por cousa nenhuma deste mundo permittirão matar um animal, antes dão dinheiro para o resgatar. Mas os Naires comem de tudo, excepto carne de vacca, touro, ou bufalo; e usam muito de carne de porco. Todos estes gentios passam grandes incommodidades quando viajam por mar, ou estam em prisão, ou entre outras castas de gente; e pela maior parte passam em tal caso com fructas seccas e passadas, e com uma especie de arroz meio cosido e depois secco, que se guarda por dous ou tres annos, e do qual fazem grande provimento em todos os navios da India, servindo-se delle como nós do biscoito. Comem-no aos punhados, como os do Brazil fazem á farinha de mandioca, e tem muito melhor gosto. Misturam-no ordinariamente com assucar, tamaras, e outras fructas da terra. Echamam a isto *Arel* (b).

Todas as mulheres destes Bramanes, Banianes, e Canarins de Goa e de Guzerate são mui bellas, e bem proporcionadas, e ha-as tão brancas como as Portuguezas. Os homens trazem ordinariamente as barbas largas, redondas, e mui cumpridas, rapando-as debaixo do queixo; outros as fazem de outra sorte ao modo dos Turcos. Todas as damas indianas, isto é as ricas, trazem um collar de ouro massiço, e cravado de pedras preciosas, de dous ou tres dedos de largura. Todos os homens, assim gentios como mouros, untam e cobrem o corpo de sandalo e outras drogas odoríferas; e os gentios á entrada de seus pagodes, em vez de agua benta, dão os que entram as cinzas dos cadaveres queimados diluídas, que elles hão por cousa mui santa.

Quanto aos Naires, todos se tratam á lei da nobreza;

(a) Não foram os Gymnosophistas ou Bramanes Indianos que aprenderam de Pythagoras; foi Pythagoras que aprendeo dos Bramanes, a quem os Gregos na sua lingua chamaram Gymnosophistas, isto é, *philosophos nús*.

(b) Couto (Dec. VII. Liv. X. Cap. XI.) escreve *Avéla*. E' tambem vulgarmente conhecido pelo nome de *Fôro*.

não se dão a mester algum, nem á mercancia, ou a outro exercicio, senão ao das armas, que sempre trazem; e nelas se exercitam continuamente desde que as podem menear, e nunca as largam fora de casa. Todos são gente principal, vivem de suas rendas, e da pensão, que el-rei lhes dá. São os homens mais guapos, gentis, e bem proporcionados que nunca vi. Tem a cor baça e morena, estatura alta, corpo agil, e além disso são os melhores soldados do mundo, ousados e animosos, mui destros em menear as armas, e com tal agilidade e flexibilidade de membros, que se dobram em todas as posturas imaginaveis, de sorte que evitam e aparam subitamente todos os golpes, que lhes atiram, e se lançam ao mesmo tempo contra o inimigo. Todavia nunca vão pelejar no mar, e só são bons para terra. Os maiores senhores d'entre elles, e os mais honrados são os que tem escola, e ensinam a jogar as armas; porque aquella gente respeita e honra grandemente a seus mestres d'armas; e elles não podem professar aquelle magisterio sem mui expressa permissão del-rei, como é uso em toda a India Oriental, assim entre os mouros como entre os gentios. Estes mestres d'armas trazem por distinctivo uma grande argola de ouro no braço direito, como também tem todos os grandes senhores, mas de outro feitio; e os soldados e gente de meã condição as trazem de ponta de bufalo ou de touro.

Os Naires andam sempre nus, cobertos somente desde a cintura até ao joelho de um grande panno mui fino de seda ou de algodão, mui alvo, que passam por entre as coxas. Andam a pé descalço, e cabeça descoberta; deixam porem crescer os cabellos sem nunca os cortar; o que os faz distinguir do povo baixo e commum; e atam-nos mui airosamente, formando sobre a cabeça um troço mui bem armado; e são curiosos de se pentear, e lavar a cabeça todos os dias. Os que são da casta bramane vestem-se do mesmo modo que os outros, trazendo o seu cordão, que os faz differenciar e conhecer. Trazem sempre a rodella n'uma mão,

e a espada n'outra, ou uma frecha, ou ainda mosquetes, ou arcabuses, ou lanças. As suas mulheres andam vestidas da mesma sorte sem outra differença, salvo o uso das armas; de sorte que é impossivel discernir um moço de uma rapariga antes de ella ser grande, e que se lhe conheça o seio.

Se bem que quando as raparigas tem chegado a ser mulheres, ha ainda outra cousa, que as faz discernir dos rapazes, a saber, os adornos e riquezas de ouro e pedraria que trazem; porque o pescoço anda carregado de collares, afogadores, e cordões de ouro, perolas, e pedras preciosas; alem disso grandes brincos do mesmo nas orelhas, cada um dos quaes chega a pezar uma quarta. afóra braceletes, e grossas argolas até ao cotovelo; e os dedos, assim das mãos como dos pés, todos cobertos de aneis, com outros grandes nas pernas, tudo de ouro e prata dourada. Porque é para notar que nunca vi lá prata em branco no adorno dos Naires, ou de suas mulheres; de sorte que é uma cousa admiravel ver as mulheres de qualidade tão ornadas e aderessadas, cada uma segundo suas posses.

A assistencia ordinaria destes Naires não é nas cidades, mas no campo, posto que sempre se acham de dia em grande numero junto a el-rei, onde quer que elle está, e nas cidades dos Malabares Mouros, como já disse. Exercitavam-se na caça dos tigres, que são feras mui furiosas, e de que o paiz está cheio. Vi alguns destes caçadores, que sozinhos haviam combatido e matado tigres, e entre outros um que trouxe arrastado o corpo de um tigre até diante del-rei, e que tinha a face e as orelhas todas rasgadas. Frequentemente, e por qualquer leve causa, jogam as armas uns contra os outros com espadas nuas e rodellas. Ha muitos d'entre elles que sem embargo de todos estes exercicios, e da sua ordinaria profissão das armas, se dão ao estudo das sciencias, e conheci varios, que eram mui sabedores nas mathematicas, principalmente na astrologia.

E ainda que elles sejam sempre creados com armas, e

mui esforçados e destemidos, a ponto de não fazerem caso da vida, com tudo são as pessoas mais mansas e mais humanas no trato, que dizer-se pode, e mui cortezes e civis a seu modo ; o que eu tenho experimentado em quanto estive entre elles, communicando-os familiarmente, e tendo por meus amigos a maior parte delles. Acham-se com tudo no paiz soldados ladrões, que salteiam e roubam os viandantes, e os matarão sem misericordia, se se não acautellam ; mas estes são todos estrangeiros ; e mesmo os Malabares Mouros, que vivem entre elles, tem costume de tomar um Naire para sua guarda, como já disse, para ir por terra até á povoação mais proxima dando-lhe um pouco de dinheiro, e mudando de conductor de povoação em povoação ; e por este meio se pode andar seguramente por toda a região do Malabar sem receber damno algum ; podendo-se até passar pelo meio de muitos milhares destes Naires, ainda quando se não levasse por companheiro senão o mais fraco velho, ou a menor criança, que entre elles haja.

Tem cerimoniaes e superstições semelhantes ás dos Bramanes (e são os Bramanes entre elles os mais estimados); só differem em não serem tão austeros no seu modo de vida, sendo-lhes permittido comer de tudo ; mas no mais, isto é, no que toca aos banhos frequentes, não contrahir alliança, nem comer ou beber com os que não são de sua casta, é mesmo ; porque não se casam, nem comem nunca com os que não são de sua lei, não se servem do que a elles lhe pertence, e em que elles hajam tocado, sem que primeiramente o lavem, se é cousa que possa lavar-se, ou se o não é, vão elles mesmos lavar-se; aliás reputar-se-iam por pollutos ; de sorte que só com os Bramanes vivem indifferentemente sem cerimonia, e os Bramanes com elles ; e todavia não podem aparentar-se uns com os outros por casamento ; mas o Naire se casa com a Naire, e da mesma sorte as mulheres. E se acontecer que uma mulher Naire tenha trato com homem, que não seja Naire, dar-lhe-hão logo a morte ; e da mesma sorte os homens

Naires, se com outras mulheres tiveram trato, serão também punidos de morte; o que elles observam inviolavelmente para conservar a sua casta sem serem pollutos pelos estrangeiros, ou outra gente de vil condição, da qual de nenhuma sorte se aproximarão. E de feito quando os Naires passam pela rua, se encontram a gente comum, vão gritando *Pó, pó*, que quer dizer *arreda*; porque aliás se acontecesse serem tocados daquella gente, dar-se-iam por offendidos, e bater-lhe-iam.

Todos os Naires folgão de ter grandes orelhas, que elles fazem crescer artificialmente, porque furam ás crianças, assim machos como femeas, a parte carnuda e inferior da orelha, e enchem o buraco de pequenos rolos de folha de palmeira, o que dilata esta parte, e de tempo a tempo vão mettendo outros rolos mais grossos para ir cada vez dilatando e alargando mais, até mais não poder ser. Hão por grande formosura ter as orelhas assim dilatadas, e depois as enchem de ouro e pedraria por adorno. Vi entre outras a rainha de Calecut, e muitas damas, e senhores em grande numero com as orelhas tão compridas, que lhe chegavam até ao peito, e ainda passavam.

Os Naires não podem ter mais que uma mulher ao mesmo tempo, mas o caso é differente da parte das mulheres, porque cada mulher pode tomar até tres maridos ao mesmo tempo, se quer, (mas uma Naire de raça Bramine não pode ter mais de um (a)), e todos contribuem para o sustento e manutença desta mulher e seus filhos, sem todavia haver debate ou ciúme entre elles por esse respeito; e quando um destes homens está em casa com a mulher (o que não

(a) O auctor bem sabia que a casta Naire é diversa da casta Bramane; mas também sem duvida conhecia que a casta Bramane se subdivide n'um grande numero de parciais, ou tribus distinctas entre si. Só no Guzerate ha hoje oitenta e quatro castas, ou propriamente tribus, ou divisões da casta Bramane; e n'outras regiões mais meridionaes da India o numero é muito mais subido. Daí se facilmente se entende que o auctor neste logar falla daquella tribu Bramane, que vive no Malabar entre os Naires.

pode ser por mais de um dia e uma noite, quando ella tem outros maridos) deixa á porta as suas armas, ou qualquer outro signal, e os outros não ousarão entrar em quanto elle não sair. A commodidade, que logram com este costume, é que um homem, cujas posses não chegam para sustentar uma mulher, pode ter somente a terça parte della, e não faz mais despesa que a que lhe toca nesta proporção. Todavia por esta causa ha incerteza da prole, e não se pode discernir a quem verdadeiramente os filhos pertencem; donde vem que os filhos não succedem aos pais, mas sim os sobrinhos, filhos das irmãs, como prole que com certeza procede do mesmo sangue. Causa admiravel é a continencia desta gente no continuo trato familiar entre homens e mulheres, porque com quanto os moços e as raparigas andem de envolta uns com outros, e nós, nem por isso lhes escapará uma só palavra ou gesto lascivo, nem acção deshonesta. E quasi nunca se riem, havendo o riso por grande incivilidade e indiscrição, salvo se para isso ha grande motivo; e ainda em tal caso attentam bem perante que pessoas hajam de rir. Nem tão pouco são dados a outros vicios; e não ha entre elles menção de incesto, ou de outros peccados de ruim qualidade.

Os Naires são havidos pelos verdadeiros e naturaes Malabares; porque, como já disse, elles são os nobres do paiz, e os principaes tem escola d'armas, e todos os outros Malabares ahi vão aprender. Quando porem se falla em *Malabares* sem mais declaração alguma, entendem-se os *Mouros* desta costa. Estes Malabares ostentam a sua grandeza nas cidades; dizem-se nobres e honrados; e nenhum d'elles quererá dar-se a trabalho ou exercicio mechanico. Taes mesteres inculcamos aos *Macudás*, e mais povo baixo, pagando-lhe. Toda a sua occupação é a de soldado; e todos sabem jogar as armas, ou sejam mercadores, ou piratas, ou sigam qualquer outra profissão; porque depois de exercitados nas armas fazem-se mercadores ou corsarios, profissões que en-

tre elles tem igual estimação sem ahi haver differença alguma. Os artifices são todos gentios, assim os naturaes como os forasteiros. Um Malabar de qualquer qualidade que seja nunca sáe á rua sem levar armas, como os Naires. Tiram o seu nome e a sua qualidade do seu estado e profissão, e as honras particulares derivam-nas da sua raça; e não se casam senão com as pessoas pobres da sua mesma profissão. Quanto aos Naires, que assistem ás portas das cidades para acompanhar os viandantes, são os mais pobres d'entre elles; e mais querem fazer isto, do que applicar-se a algum mester mechanico e deshonoroso, tanto mais que esta condição não induz deshonra, nem aquelle mester lhe seria permittido; e antes preferirão soffrer todas as mortificações, do que fazer cousa que derogasse da nobresa. O vestuario dos Naires é de um bello panno branco, e por cima se cingem com um grande cinto de tafetá vermelho, com franja do comprimento de meio pé, metade ouro, e metade seda da mesma côr.

A terceira sorte de habitantes de Calecut e Malabar são os do povo commum, que em todas estas regiões são mui desprezados, vis, e abjectos, como escravos. Chamam-lhe *Mucuás* ou *Poliás*. Tem seus bairros apartados fóra das povoações, e junto ao mar, e em outros logares mais arredados. São de diversas condições; e alguns ha que habitam á beira-mar, e não ousam habitar mais dentro; a estes cabe propriamente o nome de *Mucuás*. São todos pescadores, fabricam sal, e em toda a costa do Malabar não se emprega outra gente para remar, e andar no mar; e alagam-se para este effeito. Suas mulheres e filhas fazem todo o serviço de terra, e trabalham em toda a sorte de obra, mesmo a carregar fardos como os mariolas entre nós. Não tem difficuldade de se entregarem por dinheiro a qualquer homem que seja, de qualquer raça, nação, e religião, sem temor algum de seus maridos, que não ousarão tomar-lhe disso conta, e o soffrem com paciencia. E não ha outras concubinas e meretrizes senão estas mulheres e filhas dos Mu-

cuás e Tibás (a), toda gente de baixa sorte; porque as outras mulheres só tem trato com os de sua casta. As Mucuás não deixam de ser fornicosas, e muitas vezes se encontram entre ellas mulheres mais formosas que as outras. As mãos as prostituem por dinheiro o mais novas que podem; e uma das mais bellas e mais novas podera custar sete ou oito *tarans*, que valem dous soldos. As mães não tem vergonha alguma de as vir offerecer: e é cousa mais ordinaria e commum neste paiz do que em qualquer outro lugar do mundo. Todos estes Mucuás, assim homens como mulheres, tem grande fadiga quando vão pela rua, e encontram Naires em algum passo estreito; porque são obrigados, posto que mui carregados vão, a aguardar largo tempo que elles passem.

Ha na terra outra gente de igual condição, mas de officio e profissão separada, a saber, uns a que chamam *Tibá*, e são os que aproveitam a producção dos coqueiros; outros que são artifices; outros que lavram a terra, e lhe chamam *Cutumbins*; e todavia todos se confundem n'uma só casta, e se aparentam uns com os outros, sem que haja grãos e distincção de honra entre elles; porque os lavradores são os mais honrados, depois seguem-se os artifices, depois os *Tibás*, e os ultimos, que são os mais vis e abjectos, são os *Mucuás*, que seguem o mester de pescadores. Todo este povo miudo e da mesma condição; andam todos nus, e só se cingem com um pequeno cordão, no qual prendem um pedaço de panno, ou uma folha, ou casca de arvore para cobrir as partes vergonhosas; e as mulheres poem um panno, que as cobre desde a cintura até aos joelhos, e trazem os cabellos compridos: os homens poreem não ousarão trazer os cabellos compridos como os Naires, mas cortam-nos inteiramente, salvo uma grossa guedelha do comprimento de um palmo, que deixam no alto da cabeça, e a qual em caso nenhum cortam de todo, por ser o signal, que os distingue dos Naires.

(a) Seguimos a orthographia de João de Barros (Dec. IV. Liv. VII. Cap. XIV). O auctor escreve *Ticás*.

Tambem não podem ter as orelhas compridas como os Naires, mas somente do comprimento de tres dedos quando muito. São igualmente fendidas e furadas, assim as dos homens como os das mulheres, mas os brincos que nellas trazem só são de prata, ou de cobre, ou de outra materia, e não de ouro, como os Naires trazem. El-rei ordena certos cabos e superiores entre elles para os governarem, e esses com suas mulheres e filhos, tem permissão de trazer ouro e pedraria, mas todavia ha sempre differença na grossura e na quantidade, que nunca é igual á dos Bramanes e dos Naires. N'uma palavra distinguem-se dos Naires por serem de corpo menos bem formado, de côr mais negra, de estatura mais pequena, e não são tão bem proporcionados. Não ousão tão pouco chegar-se a elles, tocar-lhe, nem entrar em suas habitações, como já disse; e até tem seus templos á parte. E os Naires se servem delles somente para trabalhar, e lavrar as terras; e no interior da casa só se servem de outros Naires e gente nobre como elles, mas mais pobre.

Estes Mucuás pescadores apanham entre outros grande quantidade de uma sorte de peixe pequeno, que não tem mais comprimento que a mão, e é da largura de um pequeno sargo, a que os Portuguezes chamam *peixe cavalla*. E' o mais commum desta costa, e delle fazem grande trafico, porque o abrem ao meio, salgam-no, e seccam-no ao sol. Pescam ainda outros, que comem frescos. Só pescam com redes; e a maior parte de suas embarcações são formadas de uma só peça, e chamam-lhe *Tonne*, e os Portuguezes *Almadia*. Ha-as maiores feitas de muitas peças, a que chamam *Thaury*, e são todas direitas, e chatas no fundo, e marcham mui bem a remos. Era-nos ordenado da parte del-rei que tomassemos uma certa porção de peixe por dia, a qual o cabo dos Mucuás estava encarregado de nos fornecer, sem nos custar nada.

Não ha mais que uma religião, commum a todo este povo natural da região do Malabar, assim Bramanes, e Nai-

res, como Puliás ou Mucuás. São todos gentios, e adoram o sol quando nasce. Em seus templos ha uma estatua de vacca, ou outra figura, que adoram; e igualmente ha o mesmo animal vivo, que elles tem em grande respeito, e que não ousarão matar, nem comer-lhe a carne. O que não só é mui exactamente observado pelos Bramanes, mas tambem pelos Naires, que comem de tudo menos daquella carne; e da mesma-sorte pelos Mucuás.

Quando pela ventura um gentio se faz christão, como muitas vezes acontece, se sua mulher não quer seguir a mesma lei do marido, cumpre que ella faça em tudo como se seu marido fora morto, salvo o queimar-se viva; mas corta os cabellos, separa-se de toda companhia, e vive todo o resto de seus dias em soledade. Nenhum destes reis gentios tolhe a liberdade de consciencia em suas terras, porque todos os dias se vê em Calecut e outros logares os gentios fazerem-se christãos. ou mouros; e estes pedem esmolla entre si para dar áquelle que se faz da sua lei. Se um mouro se faz christão, e sua mulher o não quer ser, esta não é obrigada ás cerimoniaes das outras; mas pode casar-se novamente passados tres mezes; que é o termo limitado para isso (a).

Conhecem sim que ha um Deos, mas dizem que sendo bom, não é mister orar-lhe, nem adoral-o, pois que elle não faz mal. Os Bramanes, como disse. observam mais cerimoniaes particulares que os Naires, e os Naires tem como os Bramanes costumes separados, que guardam mui religiosamente, o que não fazem os Mucuás, ou o povo commum. Os Naires não communicam com outros senão com os Bramanes, aliás se haveriam por pollutos. Comem assentados no chão, e sobre folhas de bananeiras, que lhe servem de prato, ainda que tenham, ou possam ter outros; e não se

(a) Acerca das castas de gentios, que ha na Costa de Malabar, veja-se João de Barros, Dec. I. Liv. IV. Cap. VII. Dec. IV. Liv. VII. Cap. XIV. e Diogo do Couto, Dec. VII. Liv. X. Cap. XI, onde substancialmente concordam com Pyrard.

servem desta especie de prato mais que uma vez. Nunca comem sem ter lavado todo o corpo; e são tão supersticiosos, que como já disse, quando seus servidores lhe trazem de beber ou comer, se por acaso acontece que algum, que não seja de sua lei, toque somente o servidor de passagem, é mister que este arremesse tudo em terra, e assim fica perdido o jantar. Semelhantemente se algum daquella qualidade entrar em suas casas, e tocar em seus moveis, nas paredes, ou na porta, não poderão comer nesta casa sem primeiramente a lavarem, e fazer certas cerimoniaes costumadas: om somma, não ousarão tocar, sem se julgar pollutos, em pessoa alguma que não seja da sua religião; e por tal arte observam esta regra, que se estiverem muitos delles juntamente sentados n'um banco, ou outro assento, e vier algum de outra religião sentar-se junto delles, subitamente se levantarão; e se o tal se houvesse sentado antes delles repararem, ir-se-hão lavar todo o corpo; o que muitas vezes vi acontecer por meu respeito, havendo querido sentar-me junto delles sem nisso reflectir.

Por essa razão vi que quando querem passar alguma cousa, como um bastão ou uma espada, a algum de outra religião, lhe arremecam, afim de o não tocarem quando elle a recebesse de mão a mão; e ainda vi no corpo da guarda do paço del-rei os soldados, que estavam deitados em esteiras, avisarem-me a tempo para eu me acautellar de passar por cima, ou pizar a dita esteira. Se querem dar de beber a algum dos taes, não permitem que toque no vaso, mas fazendo-lhe abrir a bocca; lhe entornam a agua dentro della, e bastantes vezes me tem tratado desta forma (a). Com tudo notei que os Naires não poem tantas difficuldades, senão porque ficando pollutos, lhes é mister tomar o trabalho de se irem lavar todo o corpo, de sorte que todos os Naires, que vivem entre os Malabares e

(a) Neste caso o que temos mais commumente observado é que o que recebe a agua a apara nas mãos unidas e concavas, eahi vai bebendo á proporção que o outro lhe vai lançando do seu vaso.

Mourços, e que tratavam comigo, não punham dificuldade em me tocar, ou que eu os tocasse, a elles depois de estarem pollutos, e antes de se irem lavar; e tinham por costume de nos advertir, quando vinham de lavar-se, que lhe não tocassemos, para não serem obrigados a repetir o lavatorio; mas depois de uma vez estarem pollutos pelo mais simples contacto, não punham mais difficuldade nem cerimonia nisso.

Entre estes Naires alguns ha, assim homens como mulheres, que tem os pés e as pernas tão grossas como o corpo ordinario de um homem, mas isto não lhe faz pejo algum, e lhe vem de nascimento. Uns só tem esta grossura em uma perna, outros em ambas. Muita gente entre elles tem esta enfermidade, e a vi mesmo nos mais grandes senhores. Esta grossura em uns é maior em outros menor; e é dura e aspera como verrugas: não causa dor, e não tolhe aos que a tem de serem bem dispostos, e mui bons soldados. É enfermidade hereditaria. Vi nas Indias outra gente, que não era Naire, terem tambem assim as pernas grossas, mas não tão communmente como entre os Naires.

Fazem muitas ceremonias, festas, e folganças em seus casamentos. Ao principio logo que tem ajustado o casamento, vão ao templo ou pagode, onde fazem algumas ceremonias perante os seus sacerdotes, que são Bramanes, ceremonias que eu não poderei referir, porque me não era licito, entrar lá. Depois disto durante o espaço de quinze dias os parentes e amigos dos noivos, homens e mulheres, conduzem a noiva todos os dias a casa do noivo, onde passam o dia em folguedos: as mulheres, que estão todas mui bem adornadas, cantam ali, e tocam diversos instrumentos, taes como pandeiros, flautas, e charamellas, e dansam ao som desta musica; e os homens são meros espectadores. Offerece-se a todos quantos chegam, ainda que estrangeiros sejam, um prato de betle, e aguas cheirosas mui agradaveis para se esfregar o corpo, e perfumal-o. Os noi-

vos são presentes, e mui ricamente vestidos e paramentados assistem sentados n'um logar mais elevado. Alguns vi que estavam tão carregados de joias e pedraria, que mal podiam com ellas; e creio que as pediam emprestadas, porque vi muitos que tinham sobre si mais de duzentos mil escudos; n'uma palavra joias d'um preço inestimavel. A sala onde fazem estas festas é bem alcatifada, e armada de ricas tapeçarias de ouro e de seda. Ahi se banquetea duas vezes por dia toda aquella assemblea, e isto á custa do noivo; e depois á noute as mulheres, que tem acompanhado a noiva, a tornam a levar a sua casa. Em fim passados os quinze dias fazem montar os noivos magnificamente ataviados sobre um elefante acobertado, e ricamente arreiado, cada um em sua cadeira, postos cara a cara, e pegando um nas mãos do outro; e nesta cerimonia os parentes e amigos, que os rodeam a pé em grande pompa, os conduzem como em procissão por toda a povoação ao som dos instrumentos; parando somente ante as casas dos outros parentes e amigos, e ahi vem as pessoas da casa recebel-os, e lhes apresentam betle, fructas, flores, e doces a seu modo; esfregando e borrarifando o elefante, em que os noivos vem montados, de aromas, como sandalo, e outros páos e drogas odoríferas, pizadas, e defeitas em aguas cheirosas; e com ellas lavam a cabeça e a tromba do elefante, ao que não ousarão faltar, porque aliás o elefante se assanharia; e sem fazer mais detença passam ávante, e vão repetir a mesma cerimonia á porta de outra pessoa. Os parentes e amigos haverão por injuria e desprezo, se os não visitarem desta maneira. Assim vão apear-se ao pagode, onde ainda se demoram algum espaço de tempo; e depois se vão á casa da noiva, onde o casamento se dá por concluido; e cada pessoa, que ahi está, dá um coco, que o Naire, que conduz o elephante, toma para si: e cumpre notar que todas as pessoas, que moram em cada casa onde o elephante faz parada, deve de dar um coco, afóra todas as demais pessoas, que assistem ás bodas, a quem corre a

mesm a obrigação. E ordinariamente em toda esta costa casam-se mui crianças, e de idade de nove a dez annos.

Em quanto ás ultimas honras e funeraes o seu uso é este. Primeiramente todos os gentios, assim Bramanes, como Naires, e Mucuás, queimam os corpos; e para este fim são curiosos em quanto vivos de juntar paos cheirosos, e outras cousas, e drogas odoríferas de grande preço, para queimar seus corpos depois de mortos. As cinzas são repartidas entre os parentes, que as guardam em ricos depositos, e as desfazem em agua nos dias de festa para esfregar o rosto, como já disse. E quando um Bramane morre, a mulher é teúda, para mostrar a afeição que tem a seu marido, de se queimar viva lançando-se no fogo onde arde o corpo do defuncto; o que se faz com muitas solemnidades em presença dos parentes, e ao som de instrumentos. Durante a minha estada em Calecut vi queimar cinco ou seis desta maneira. Se porem ellas não querem queimar-se, podem-no fazer; mas ficam infames; cortam-lhe os cabellos, que nunca mais podem deixar crescer, são expulsas da companhia das mulheres honradas, e não podem tornar a casar-se. A maior parte com tudo antes querem passar por esta infamia, que queimar-se. As mulheres dos Naires não são obrigadas a isso, com quanto se diz que ás vezes ha algumas, que por afeição, e de mui livre vontade se tem lançado no fogo. Mas todavia não são a isso obrigadas, e até podem livremente tornar a casar-se sem ficarem deshonoradas, salvo se forem da casta bramane. Entre o povo baixo e commum não se observa isto. Não vi que trajassem de dó por seus parentes; mas quando morre o rei todos os homens do reino rapam inteiramente a barba e os cabellos.

No que toca a suas doenças não tem outras mesinhas nem outros remedios, alem dos feiticeiros, que se ataviam como verdadeiros diabos, e só de noute vão visitar os enfermos, levando fogo na boca, nas orelhas, nos pés, e nas mãos; cobertos todos de pello postiço, e d'uma infinidade de campainhas, que fazem uma estranha e horrivel bulha.

Fazem tambem diversos gestos, momices, e superstições, offertas e promessas ao diabo, em presença dos enfermos, que com isso se hão por muito alliviados. Da mesma sorte quando querem saber o exito de alguma cousa socorrem-se destes feiticeiros e adivinhadores, que estam a soldo dos reis, principes, e senhores, assim gentios como mouros. No tempo, em que eu alli estive, el-rei tendo uma grande empreza com o rei de Cochim, como eu depois soube, quiz sobre isso consultar um destes feiticeiros, que elle trouxe perante todo o povo, e eu o vi. Era homem mui feio, coberto todo de pello postico, e o cabello da cabeça era tão longo, que tocava em terra, com quanto elle fosse homem mui alto. Trazia tambem campainhas ao pescoço, nos braços, nas pernas, e á volta do corpo na cintura, o que fazia um maravilhoso ruido, e matizada. Corria cinco ou seis passos para diante, depois outros tantos para traz, e assim se revolia sem descanso durante todo o tempo, que esteve ante el-rei, o qual não desceo da sua galeria ao andar terreo, onde este feiticeiro estava, e todo o povo ao redor d'elle. Dizia algumas palavras ao rei; e eu me persuadia que era um feiticeiro, mas todos me disseram que era um diabo. Dizia-se tambem que este feiticeiro tinha caminhado mais de sessenta legoas naquella noute, sem nunca parar. Quando se quiz ausentar, correu como um relampago, e entrou no seu pagode ou templo, onde o povo o seguio; eahi se deteve longo tempo fazendo grande ruido, como quem tocava campainhas e caldeiras. Este feiticeiro dava gritos os mais pavorosos, que jamais ouvi; fazia muitas peloticas magicas, e tinha nas duas mãos duas espadas, que meneava, e volvia sem cessar, e eram de feitiço diverso das outras, e mais cortantes; com ellas dava golpes na cabeça nua, e cahia com o ventre sobre a ponta das mesmas espadas sem se offender.

Toda esta gente se queixa de aparições dos demonios, do mal que lhe elles fazem, como nas ilhas de Maldiva, e em toda a parte onde ha gentios e mouros. Eu creio que

isto lhes acontece tanto mais quanto não seguem a fé da religião christã, e que dest'arte elles estão ainda sob o poder dos demonios (a). Quanto a mim (graças a Deos) não me aconteceu semelhante cousa, excepto que na noite, que precedeo ao dia em que cheguei a Badará, não tendo outro lugar para me recolher, entrei, e deitei-me n'uma mesquita, por ser de noite, e por ter companhia; porque estes logares são os mais commodos e mais frescos para dormir e repousar, assim de dia como de noite, por serem todos esteirados e alcatifados no pavimento; mas estando alli não pude repousar, tendo o espirito salteado de visões, e ouvindo muito estredo. Parecia-me estar todo comprimido, de sorte que não podia fallar, nem respirar. O ruido, que eu ouvia toda a noite, era como se rolassem quantidade de ballas pelo pavimento e tecto da mesquita, e a cada hora julgava que tudo ia desabar, e cair sobre mim. Havia ali nessa noite grande numero de forasteiros viandantes, e peregrinos, que ali se haviam tambem recolhido; mas tendo longo caminho a andar, partiram á meia noite para caminhar pela fresca; e fazia mui bom luar. Foi então que o pavor me tomou deveras; e fiquei sem poder fazer outra cousa mais que encommendar-me a Deos, e neste estado permaneci toda a noite, porque não ousava mexer-me dalli, sendo este templo fora da povoação, e mui arredado das casas; e é um dos maiores templos que alli ha. Em fim tendo principiado a romper o dia, quando eu começava a cobrar algum animo, eis que dous ou tres Mucuás se poem a bradar, e a urrar como verdadeiros diabos com vozes extremamente medonhas e espantosas. Estavam no alto da mesquita, sem eu os poder ver, nem saber o que aquillo era. Mas é costume delles para appellidar o povo, como já disse fallando das ilhas de Maldiva. Logo que foi completamente dia claro, sahi dalli em continente sem lhes dizer uma só

(a) O auctor, que acreditava em feitiços e aparições dos demonios tanto como qualquer gentio ou ~~mauro~~, achou-se um pouco enleado nesta explicação.

palavra. Eis tudo o que vi e ouvi naquella terra acerca de suas appareições e diabruras.

Estas mesquitas, onde pousam, e ordinariamente se acolhem os viandantes, são somente as dos Mouros, e não as dos Naires. Nestes grandes templos fazem cozer á custa del-rei todos os dias grande quantidade de arroz, que distribuem aos pobres, e a todos os que o querem, e o recebem em grande solemnidade. O arroz, que assim distribuem, é de côr roxa, e esta cerimonia se faz em honra de seus pagodes, e por isso não é caso de vergonha aceitar este arroz, como cá entre nós o pão bento. Quando elles estão em seus pagodes, que são mui escuros e negros, tem nelles muitas lampadas accensas, e ali fazem um ruido e matizada espantosa, por rasão das campainhas, de que estão todos cobertos os seus feiticeiros, que ali fazem muitos saltos e momices, gritando e uivando á entrada da porta. No pateo ha um grande poço para se lavarem; e dentro do pagode á porta ha cinzas dos mortos, das quaes tomam um pouco, e com ellas esfregam a testa e o peito, como nós fazemos com a agua benta. Os Mucuás tem seus pagodes á parte, que são medonhos pela negridão. Entram nelles muito mais raras vezes que os Naires, somente uma vez na lua nova (salvo em occasião de casamentos, que celebram no pagode, e nelle se banqueteam), porque estão occupados em seu trabalho. Mas os Naires, além das festas sollemnes, que são mui frequentes, não passam dia, que não entrem no pagode, cada um de per si, para fazer suas orações, que são mui curtas. Tem pagodes em muitos logares, que visitam em certos dias do anno, e vem a elles de trinta e quarenta legoas em romaria. Ha duas ou tres festas no anno (especialmente no primeiro dia do anno, que começa no mez de Abril) em que todos os Naires da corte e suas visinhanças vem visitar e saudar el-rei, o qual de sua galeria superior em uma janella recebe as saudações, e lança a cada um seu embrulho de betle, que lhes dá em forma de estréas, e algumas moedas

de ouro, a uns mais, a outros menos: presente que elles estimam infinitamente, por vir da mão del-rei. Elle não dá somente estes presentes aos Naires, mas tambem a toda a sorte de pessoas; e nol-os deu á nós, e a Indios christãos, vestidos á portugueza.

O reino de Calecut é um Estado mui poderoso, e de grande extensão, e é o que em todo tempo tem dado maior molestia, e empecido mais aos Portuguezes, e ainda agora cada dia empece, por rasão da auctoridade e poder deste rei, que é extremamente amado, e ao mesmo tempo temido, e obedecido de todos os seus povos, e respeitado dos visinhos. O seu territorio é mui povoado; ha nelle grandes e bellas cidades, a principal das quaes é a de Calecut, que dá o nome a todo o reino; a segunda a de Panane, grande cidade e fortaleza, sita na fronteira do reino de Cochim, na qual ha sempre grande guarnição. El-rei pela maior parte do tempo faz a sua assistencia nestas duas cidades, e particularmente em Panane, por causa da guerra, que continuadamente tem com el-rei de Cochim; e tambem porque é a mais agradável vivenda de seus Estados, com quanto não seja porto de mar, e somente haja ali um rio, em que navegam bateis, e que se vai lançar no mar a vinte e cinco ou trinta legoas de distancia, fazendo a separação dos dous reinos. Afóra estas ha no mesmo reino grande numero de outras cidades e villas, por onde el-rei muitas vezes transita ao visitar os seus Estados, que são tão povoados que mais não pode ser, havendo ali casas e cercas tão chegadas como a tiro de arcabuz. O que faz que a terra seja tão povoada, é jazer n'um clima mui bom, e mui temperado, onde as estações são as mesmas que nas ilhas de Maldiva. A sementeira e colheita faz-se duas vezes no anno, e em todo o decurso d'elle ha fructos em grande abastança, e os mais excellentes do mundo. E' outrosim o paiz mui aprasivel, e mui deleitoso, regado dos mais bellos rios e ribeiras; e ha por toda a parte mananciaes das mais excellentes aguas do mundo. Não ha provincia em todas as Indias mais bas-

tecida de toda a sorte de commodidades do que esta.

Todos os campos são cobertos de arvores fructíferas, que produzem côcos, jacas, mangas, bananas, ananazes, cajús, limões, laranjas, romãs, mirabolanos, peras da India, que se não assemelham ás nossas; arvores de algodão; quantidade de melões, e de patecas, que são uma especie de abobaras, de prodigiosa grossura, e que se comem cruas como os melões (a), gengibre, ervilhas, favas, e outros fructos de boa qualidade, que quem quer apanha, e come quando vai passando, sem ninguem lho estorvar, e os vizinhos mantem-se destes fructos em commum. Mas a maior riqueza da terra, e a unica que se leva para fóra, é a pimenta, que alli abunda maravilhosamente. Della sae o tributo a el-rei. e elle compra toda quanta ha, e a envia em seus navios ao estreito da Meca, ou do golpho arabico, e a Arabia, donde tira em retorno muitas fazendas, e principalmente ouro; em somma é a principal riqueza da terra. Ha ahi tambem grande quantidade de toda a sorte de pedras preciosas, excepto diamantes, taes como esmeraldas, rubis, saphiras, olhos de gato (b), e outras. Ha igualmente muita riqueza em pannos de algodão.

Os animaes, que se dão neste paiz, são elephantes, que se criam de pequenos para servir na guerra, e levar carga. Todos pertencem a el-rei, e nenhum particular os pode ter. Se algum carece delles para qualquer serviço, ainda que seja para andar a cavallo, vai ter com o official del-rei, que os tem a cargo, e dando-lhe certo dinheiro, elle lhos faculta livremente, ou por um dia ou por muitos, pagando-os na razão do tempo, que assim servem. Ha muitos tigres, e mui furiosos, e os Naires não fazem de ordinario outra cousa senão andar á caça delles, e matal-os. Ha porcos bravos, ou javalis, cabritos monteses, vaccas, bufalos, cabras, cães como os nossos, e de bugios uma infinidade. Ha tam-

(a) *Patecas* são exactamente as nossas melancias. Vid. pag. 26.

(b) É uma especie de agatha.

bem papagaios, pavões bravos, galinhas, e pombos mui grandes. As cobras são mui grandes e mui perigosas, e todavia não ha homem tão ousado, que as mate, porque el-rei, os Bramanes, e os Naires as veneram com grande superstição, crendo que são espiritos celestes, que foram creados para atormentar os homens, e castigal-os por seus peccados. Chegam a ter vinte e dous pés de comprimento, e mais. Toda a terra é tambem cheia de raposas, que de noute até vem á cidade, entram nos pateos das casas, e afugentam os cães, como cá fazem, de sorte que toda a noute se ouve este alarido nos quintaes, e nos caminhos.

Os bugios, que já disse serem em grande quantidade, causam muito damno, e são mui grandes, de sorte que todos os habitantes, assim da cidade como do campo, são obrigados a collocar rotulas em todas as janellas, para impedir que elles entrem; e o peor é que sem embargo de serem tão importunos, tão damninhos, e em tão grande numero, não é licito matal-os, porque el-rei o defende. Tem o pello pardo; e é divertido vê-los saltar de arvore em arvore. Um dia eu e um de meus companheiros indo da cidade ao paço del-rei, (e em quasi todo o caminho ha casas e boticas, salvo em alguns lugares) topámos com tres destes bugios, os maiores, e mais medonhos que nunca vi; os quaes vieram sentar-se a dez ou doze passos distantes de nós, rangendo os dentes como quem queria saltear-nos. Nós então não tínhamos nem vara, nem bastão, e não havia pedras naquelle sitio, de sorte que não sabendo ainda a natureza daquelles animaes, estavamos tomados de grande medo, e todavia não dêmos demonstração disso, e fingindo que apanhavam pedras para lhes atirar, botaram a fugir, e subiram para as arvores.

No que toca á cidade de Calecut, que é a corte, e como um resumo de todo o reino, e onde eu me detive por mais tempo, direi que é uma mui bella e mui grande cidade, situada á beira-mar, estendendo-se de uma a outra ponta por mais de legoa e meia de praia, e em todo este comprimento

entre a cidade e o mar tudo são casas de Mucuás, pescadores, e outra gente pobre. Todos tem também alli seus pagodes, e templos. Toda a praia é coberta de almadias ou barcas de pescadores, e outras. A cidade tem mais de cinco legoas de circuito, mas o que propriamente se chama cidade de Calcut é um grande territorio cheio dos mais bellos e soberbos edificios, e suas grandes cercas, de sorte que cada casa ha mister de um grande espaço para todos os seus jardins, pomares, viveiros, e terras de semear; e por isso se não vê por toda a parte senão casas dest'arte fabricadas, cheias de povo, assim Naires, Malabares mouros, como de toda outra qualidade de estrangeiros, que ahi são bem agasalhados; com differença das outras cidades de Malabares, onde somente moram Mouros. Alli vereis toda a sorte de templos e pagodes grandes, e bem fabricados, para todas as religiões, de que abaixo fallarei.

Ha grande numero de tanques publicos mui grandes, bem lageados, e guarnecidos de balaustres de pedra de canteria, bem limpos, e bem conservados. Cada religião tem os seus separadamente; e alguns ha que tem um quarto de legoa de circuito em quadro. São mui necessarios por razão do excessivo calor do paiz. Os muros da cidade não são fortes, e apenas é cercada de trincheiras de terra, e muros baixos. As casas não são fabricadas em ordem, nem dispostas em ruas, como na Europa; mas confusas e dispersas para aqui e para alli. Em um sitio da cidade da banda do mar, e junto do grande edificio ou armaseu del-rei, a que chamam *Alfandega*, ha um bairro de bem meia legoa de circuito, que é edificado, e ordenado em ruas como cá nas nossas terras. Não ha aqui senão tendas de toda a sorte de mesteres, artifices, e mercadores, necessarios ou commodos ao publico. Este mesmo bairro tem uma cerca especial, com quanto esteja incluido na grande cerca da cidade. Nas casas não tem esta gente mais moveis e utensilios alem dos estrictamente necessarios.

Os seus mercados, a que elles chamam *Bazar*, são tão

cheios durante o dia inteiro de toda a sorte de povo, que mal se pode por elles transitar. Vê-se alli gente de todas as nações, que ha desde o Cabo da Boa-Esperança até ao Japão. Chegada a noute cada qual fecha a sua tenda e botica com toda segurança, com trancas e grossos cadeados de ferro, e se vão com suas familias á casa de sua habitação, que é algum daquelles edificios, que disse, com quintaes e cercas. As lojas deste Bazar são mui grandes, e bem fabricadas de pedra e madeira; accomodadas e dispostas em tendas, armazens, e pateos, tudo mui seguramente fechado; e não servem senão para ali terem as mercadorias e fazendas, e trabalhar no seu mester; mas não ficam alli de noute. No recinto do Bazar ha tres grandes praças, que são como outros tantos mercados abertos todos os dias da semana.

Fecha-se o Bazar com muros e portas, e ha porteiros, que não consentem que pessoa alguma pernoite na sua tenda, onde tem a sua mercadoria e riqueza; e todavia nunca se perde alli cousa alguma; tão boa é a justiça, e a policia! Dentro só ficam e pernoitam os officiaes, e porteiros, que tem a seu cargo a guarda e vigia. Não ha lá um só templo. Os navios, que aportam e surgem em Calcut, e que trazem todas estas mercadorias, não estão em muita segurança, por quanto não ha alli surgidouro capaz, mas simplesmente uma angra; de sorte que em ventando do mar, correm grande perigo. A terra é baixa, e ha um pequeno cabo, ou ponta que entra pelo mar.

No que toca á forma e estrutura dos edificios do paiz, cumpre notar que o povo commum fabrica casas de terra, e cobre-as de folhas de coqueiros, mas não com tanta industria e perfeição como os de Maldiva. Amassam a terra, cortam-na em grandes quadrados mui grossos, que seccam ao sol, e com isto levantam as paredes. Mas os ricos e abastados fabricam suas casas de boa pedra, e cobrem-nos de telha. Todos os seus edificios são em quadro, formando quatro galerias com varandas nos quatro extremos, e

um pateo no meio. A sua obra de carpinteria e de marcenaria é a mais linda, que ver-se pode. E' entalhada de diversas figuras graciosas, como cá entre nós os mais bonitos bofetes e mezas; e todo pintado. Nas casas ha andares, mas não tantos como entre nós. Alguns constroem dous e tres aposentos desta forma, uns dentro dos outros; tendo o do meio o pateo e as galerias mais pequenas, e assim os outros, que os cercam, tudo em quadro. Fazem estes aposentos e corredores deste feitio para não escarrarem nem lançar uma só gota d'agua, ou sugidade sobre o pavimento das casas, que são limpas como uma taboa de madeira bem polida, e bem aplainada.

Todos os aposentos dos Malabares são desta sorte, a saber, tem grandes atrios á entrada das casas, assim pobres como ricos, da parte de dentro da cerca; porque todas as casas são cercadas de muros, isto é, as dos ricos; e as dos outros de fundas cavas, e boas estacadas de pão mui fortes: e todas estas cercas são tão altas, que quando se quer ir de uma casa para outra, é mister subir uma escada de cinco ou seis degrãos, e descer outros tantos; e de cada lado ha cancelas, que se fecham á chave. Não ha casa que não tenha seu jardim e quintal, grande ou pequeno. Estes atrios, e *Ariadas*, que ha á entrada das casas, são feitos para receber os forasteiros peregrinos, assim para comerem e beberem, como para repousarem e pernoutarem: e não ficam no interior da casa os ditos atrios, para que os viandantes possam partir a toda a hora da noite que bem quizerem, conforme os bateis, se é por mar, ou os de mais companheiros, se é por terra, estiverem prestes a partir.

Mas tornando ao nosso fio, e fallando da cidade de Catecut em geral, digo que é ella a mais mercantil, e mais cheia de toda a sorte de trato e commercio, que ha nas Indias, e nella se encontram mercadores de todas as partes do mundo, e de todas as nações e religiões, por rasão da liberdade e segurança, em que alli se vive.

Porque aquelle rei permite o exercicio de toda a sorte

de religiões; e todavia é estreitamente defeso de fallar, disputar, ou altercar sobre este assumpto; e não ha memoria de se ter levantado alli disputa alguma sobre tal caso, vivendo cada um em grande liberdade de consciencia sob o alvedrio e auctoridade del-rei, que ha isto pela principal maxima de Estado, a fim de tornar o seu reino mais rico, e mais frequentado: e se pela ventura recrescesse alguma dissensão e pendencia nesta materia, aquelle que lhe houvesse dado começo seria punido corporalmente, e como criminoso de lesa-magestade, sem alguma remissão nem perdão. O que é parte para que cada um viva em grande paz e concordia, sem embargo da diversidade de nações e religiões, que ahi ha, assim dos que moram na cidade, como dos estrangeiros, e peregrinos; pois afóra os gentios e mouros da terra, ha ahi muitos christãos.

Antigamente os Portuguezes habitaram alli, e tiveram duas cidades, e duas fortalezas com permissão del-rei, que lhes havia outorgado que as fundassem á beira-mar, mas com tudo nunca houve amizade e boa correspondencia entre elles; de sorte que aquellas cidades e fortalezas foram tomadas e desfeitas pelos reis da terra, que expelliram os Portuguezes, os quaes não tem hoje alli cidade nem fortaleza alguma, como já acima apontei (a). Todavia ao presente estam em paz, e os Portuguezes mantem o melhor que podem com presentes a amizade deste rei, a quem sobre

(a) As fortalezas, que os Portuguezes tiveram nas terras do Samorim foram estas: a 1.^a na propria Cidade de Calecut, fundada em 1513 (Barros, Dec. II. Liv. VIII. Cap. VI.), mandada derribar pelo Governador D. Henrique de Menezes em 1525 (Barros, Dec. II. Liv. IX. Cap. X.): a 2.^a em Panane, começada a fundar a 21 de Dezembro de 1553 (Couto, Dec. X. Liv. VII. Cap. V.), e já perdida ao tempo, que o auctor visitou estes logares (Veja-se a pag. 316; e Couto, Dec. IX, Cap. II, no fim).

Pode-se accrescentar a estas a fortaleza de Chalé, fundada em 1531 em terra de um Regulo, subdito do Samorim, mas com licença deste (Barros, Dec. IV. Liv. IV. Cap. XVIII.), a qual foi a primeira, que na India perdemos, rendendo-se ao dito Samorim a 4 de Novembro de 1571 (Couto, Dec. IX. Cap. II.).

todos temem. Para o trato mercantil ha em Calecut um Feitor da parte do Vice-Rei de Goa, assistido de um escrivão, com suas mulheres e familias. Este Feitor é como agente e embaixador, e serve tambem para passar cartazes aos mercadores indianos; porque em todos os portos da India, onde os Portuguezes estam de paz, tem destes Feitores para tal fim, por quanto os mercadores receberiam grande molestia em ir buscar os cartazes ás cidades dos Portuguezes.

Ha tambem alli dous Padres Jesuitas, um Italiano, e outro Portuguez, mui acceitos ante el-rei, que lhes dá uma tença de cem escudos por anno, que valerão mais de quinhentos em Hespanha, afóra a que tem d'el-rei de Portugal para seu mantimento e sustentação. Fabricaram uma mui bella e ampla igreja, com sua cerca, e cemiterio á beira-mar, n'um logar que el-rei lhes deo. Tem licença d'el-rei para converter o povo ao christianismo, sem todavia usarem de constrangimento; e tem feito tal fructo que, quando eu parti, havia já bom numero de novos christãos. Prégavam publicamente na sua igreja, e não em outra parte. Estam mui bem aposentados, e tem mui lindos jardins; e diante da sua igreja ha uma grande cruz.

Os christãos moram todos no mesmo bairro contiguamente em casas, que elles tem fabricado. Não deixa todavia de haver abi entre elles outros, que não são christãos; e ás vezes haverá na mesma casa pessoas de diversa religião. Não ha novo christão, segundo creio, que coma carne de vacca, touro, ou bufalo, como já disse.

Estes Padres Jesuitas de Calecut estavam na privança d'el-rei, que os amava muito, e elles tinham grande tento em não fazer cousa alguma, que lhe desagradasse; e iam muitas vezes ao paço a tratar negocios acompanhados dos Portuguezes, e christãos indianos, e mestiços. Nós os visitavamos algumas vezes, e elles nos faziam mui bom gasalhado. Mas el-rei, e toda a gente de Calecut nos admoestava ordinariamente que não bebessemos, nem comessemos com elles, de medo

que nos dessem peçonha ; e outrosim que não saíssemos de noute, para que elles nos não fizessem algum agravo, quero dizer, os Portuguezes em geral; porque elles estavam extremamente desconfiados, e descontentes de nós alli estarmos, e de el-rei nos favorecer. O que bem nos mostraram depois, como abaixo direi.

E já que tenho fallado dos christãos, que ha em Calcut, continuarei referindo o que toca ás outras nações, e religiões, cujo exercicio ahi é admittido, como são entre outros os Judeos, que tem seu bairro, e sua synagoga apartada, onde só elles entram. Em quanto aos Mahometanos, posto que os haja de diversas nações e paizes, não são todavia differentes na religião, senão os Persas, e não deixam de ir ao templo dos Malabares Mahometanos. Ha tambem ahi outra casta de gentios diversa dos da terra, os quaes ainda que da mesma religião, não se misturam por casamento com os outros, e não vão aos mesmos templos, mas tem seu pagode á parte, e não entram nos dos outros. Estes taes são os *Banians* de Cambaia e Diu, que tem tambem Bramanes da sua terra, que são entre elles os mais honrados. Todavia os Bramanes do Malabar podem licitamente entrar nas pagodes delles, como quem tem communhão com uns e outros; o que me leva a dizer que os Bramanes são uma casta de gente, que sempre tem sido havida em grande estimação por toda a India; pois em toda a parte os ha entre os Indios gentios. Aquelles Banians observam as mesmas austeridades que os Bramanes, e tem todas as suas regras; mas são-lhe inferiores, e não contrahem entre si alliança de casamento. No de mais são em tudo conformes, em modo de vestir, em usos, e em costumes.

No que toca á justiça da terra, essa só depende d'el-rei, pois não ha outro juiz em todo seu reino afóra elle; e todavia a justiça não deixa de ser alli bem administrada, e feita a cada um gratuitamente. Porque se alguém commette um crime, ou não quer pagar a seus credores, faz-se queixa a el-rei, o qual, averiguando a verdade do caso, faz a

justiça que elle merece; e em sua ausencia são os principaes do Estado quem a administra. Se é algum estrangeiro, ou algum Mucua, que tem a queixar-se de outro, vai-se ao primeiro Naire que encontra, e lhe faz a sua queixa; e o Naire sem detença lhe faz justiça, e a executa logo, sem receber por isso paga, salvo se a parte lhe dá alguma cousa de sua livre vontade, e por pura liberalidade. Mas isto só acontece nos casos de pouca monta, porque nos crimes graves nada se faz sem sciencia e resolução del-rei, a quem immediatamente se deve dar conta. As penas são, longa prisão, mutilação de membros, ou morte, sendo caso disso, e então lança-se o criminoso aos elephantes, ou aos tigres, que o despedaçam apenas se lhes dá signal: e não ha entre elles outra sorte de supplicio. As prisões são todas no palacio d'el-rei; e assim os Malabares, como toda a sorte de estrangeiros são sujeitos á justiça destes reis Naires. E ha alli mui poucos processos e pleitos.

A lingua de toda a região do Malabar é lingua particular, com caracteres e letras proprias. Escrevem com ponteiros de ferro em folhas de palmeira, que são amarellas, e mui grossas.

Eis tudo quanto achei digno de menção neste reino, cidade, e povos de Calecut. Passarei agora a contar qual seja a grandeza, poder, costumes, e modo de vida d'el-rei, da rainha sua mulher, e de toda a sua corte, e palacio. A grandeza deste rei assaz fica manifesta pelo que já disse de seu Estado, e de seu reino. E' nomeado por todos os Indios *Samory*, palavra de grande auctoridade em sua lingua, que vale tanto como Imperador. E na verdade é elle um dos maiores, e mais ricos princepes da India; e pode pôr em armas cento e cincoenta mil Naires, sem contar Malabares e Mouros, assim do seu reino, como de todos os piratas e corsarios do paiz, que são innumeraveis, e dos quaes elle pode dispôr á sua vontade.

Todos os reis Naires desta costa são seus vassallos, lhe obedecem, e cedem á sua grandesa, salvo o de Cochim,

com o qual, sem embargo de ser da mesma lei, costumes, e modo de viver, está quasi sempre em guerra; mas isto acontece só depois que ha Portuguezes em Cochim, os quaes tem sempre fomentado esta inimizade; porque de antes o rei de Cochim o reconhecia por superior como os outros, e agora pretende hombrear com elle, e não lhe quer ceder em cousa alguma, fiado na ajuda dos Portuguezes, porque a não ser essa, já teria sido destruido ha muito tempo.

Este rei, quando eu lá estive, era de idade de cincoenta annos pouco mais ou menos, e não havia menos de trinta e cinco que reinava. E' bem parecido, alto, delgado, alegre, proporcionado e bem composto em seus membros. Ama a seu povo, e é d'elle amado e obedecido; respeitado e temido de seus visinhos e inimigos. Tem uma só mulher, como os outros Naires Bramanes; e naquelle tempo não tinha filhos. A sua residencia é, como já disse, ora em Panane, ora em Calecut; mas muitas vezes anda de visita por seus Estados. Quando caminha vai mui bem acompanhado, e leva sempre consigo perto de tres mil homens. Monta n'um elephante, de que tem grande copia. Por toda a parte, por onde passa, todos tomam armas para o acompanhar, de maneira que ás vezes o seguem mais de dez mil pessoas.

A sua principal morada é em Calecut, onde tem um mui bonito palacio, bem fabricado, e todo cercado de boas muralhas e caxas, com pontes levadiças ás portas, e em toda a cava ao redor entra agua. Grande numero de soldados, dia e noite, estam de guarda ás portas, que são quatro; e não deixam entrar pessoa alguma desconhecida, e a todos interrogam, e conduzem, ou fazem conduzir para dentro ao lugar, onde desejam ir. Se a pessoa, que entra, quer fallar a el-rei, levam-na, e a fazem passar por muitos corpos de guarda até chegar á porta do aposento, onde está a guarda, a que nós chamaremos guarda real (*gardes du corps*), que introduz a tal pessoa ante a presença d'el-rei. Disse que o palacio tem quatro entradas, e quatro portas; mas antes de se chegar aos aposentos d'el-rei, é mister passar ainda tres por-

tas por cada uma das entradas. e em todas ha guarda de soldados, não contando os que estão á porta dos aposentos d'el-rei. Alem de todos estes corpos de guarda ha ainda outro maior, que está no meio do palacio n'uma grande praça coberta, e fabricada de proposito para isso, e todos os outros dependem deste. e lhe respondem. Aqui ha um grande sino para dar signal, e nunca se tange senão para convocar a gente de guerra ao palacio para junto d'el-rei, quando é mister. A todas as portas do palacio ha logares ordenados, e cercados de barreiras e tranqueiras, para que a gente se não cbeque alli.

Fóra destes barreiras, e junto das portas ha homens, que não fazem outra cousa senão dar de beber agua fresca a quantos tem sede, e a pedem; e quando algum quer beber, de qualquer qualidade, lei, e religião que seja. lha dão do modo que já disse. Estes homens, deputados por el-rei para darem assim de beber, estão postos sobre bancos ou mesas da altura de quatro pés, á sombra de arvores, que fazem o sitio mui ameno e aprasivel. Tem grandes vasos como cantaros, os quaes tem um tubo ou bica de palmo e meio de comprido, e são todos de cobre dourado. Quem tem sede chega-se alli sem entrar dentro do recinto, e apara com a bocca a agua, que lhe lançam da parte de cima, não tocando de forma alguma no vaso, cuja bica fica distante da bocca mais de um palmo. E antes de beber lhe dão para comer um ou dous pedaços de coco em supprimento de pão. Esta ordem foi estabelecida por el-rei a respeito dos fortes e excessivos calores do paiz em beneficio da grande multidão de povo, que todos os dias concorre ao palacio. Os Portuguezes, que estão na India, tem imitado este modo de beber. Ha hasteres fontes no paiz, e até no palacio d'el-rei; mas a ninguem é permitido ir alli beber. e estão vedadas com guardas; somente certos sacerdotes se servem daquellas aguas para suas superstições.

Todos os caminhos, que vão ter no palacio, são na vizinhança do mesmo maravilhosamente bellos e agradaveis;

porque todos são tão direitos como jogos de bolla, e de cada lado são ornados de socalcos e sebes cobertas de arvores de todas as qualidades, entre as quaes ha muitas daquellas a que elles chamam *Tristes*, e de que fazem açafrão. E por todo o paiz os caminhos são assim, ou com pouca differença.

Entre a cidade e o palacio medeia quasi um quarto de legoa, por onde vai um caminho, como já disse, com bellas casas de um e outro lado; e defronte da porta do palacio ha uma grande praça quadrada, onde todos os dias de manhã se faz o mercado de toda a qualidade de mercadorias e fazendas da terra, e não de fóra. Abre-se ás sete horas; e um dos officiaes del-rei, que disso tem cargo, faz tanger um sino para advertir os dispenseiros e uchões d'el-rei a que venham comprar o que é mister para sua casa; porque ninguem ousaria comprar cousa alguma antes de ser provida a casa real. Isto feito tange-se novamente o sino para chamar os mercadores; mas antes que elles entrem, os rendeiros cobram seus direitos de tudo, por menor cousa que seja. E antes que os officiaes d'el-rei tenham tomado o que hão mister, ninguem ousaria chegar-se, nem tocar mercadoria alguma, principalmente sendo comestivel. E ainda depois, ninguem, salvo se fór Bramane ou Naire, ousará tocar nos mantimentos, que quer comprar, sem que primeiramente lhes seja taxado o preço, e então por elle são obrigados a comprar-os. Quem anda no mercado, por onde estavam sentados os que vendem, é necessario acautellar-se de não tocar nas pessoas, que não forem de sua casta e religião, nem outrosim nos mantimentos, que lhes pertencem. Este mercado não dura mais de tres horas, e concorre alli gente de todos os bairros da cidade e de fóra della a comprar, para depois tornar a vender no grande mercado ou Bazar, que dura sempre o dia inteiro, e é todos os dias. Depois das dez horas não se vê ninguem neste mercado contiguo ao palacio; mas cada um vai ao grande em toda a liberdade, no qual alem das tendas e boticas ha tres ou quatro grandes praças para

o povo vender os seus generos. Todas estas casas e boticas só servem para pôr á venda as mercadorias, mas não obstante isso não deixa de haver por todo o resto da cidade grandes e ricos mercadores, que não vão ao Bazar, e que tem suas lojas recheadas de mercadorias, que elles vendem atacado, e não por miudo.

Perto desta grande praça onde ha o mercado ha um grande edificio, onde se bate a moeda d'el-rei, que corre em toda esta costa do Malabar. São moedas de ouro, que de um lado tem a effigie d'el-rei, e do outro um Pagode ou idolo. O seu valor é de quasi quatro soldos, e se chamam *Fanões*. Fabricam tambem outra especie de pequena moeda de prata do mesmo feitio, que pode valer cada uma tres dinheiros, e se chama *Larim*, das quaes são necessarias dezaseis para fazer um *Fanão*.

Servem-se tambem de moeda estrangeira, sendo de ouro ou prata; e entre outras corre alli grande copia de larins de prata, que vão de fóra, e de que já fallei tratando das ilhas de Maldiya. E' esta uma especie de moeda, que corre por toda a India, e se fabrica em muitos logares, mas a melhor é a da fabrica de Ormuz.

Tornando porem ao palacio d'el-rei, é elle de mui grande recinto, e tem dentro muitos aposentos em corpos separados, bem fabricados, de muitos andares, galerias, jardins, hortas, tanques, piscinas, e canaes, revestidos e lageados de pedra, com degrãos e escadarias da mesma para descer até ao fundo. Tem muitas fontes e nascentes de agua, mui fresca, e excellente para beber. Ha tambem neste palacio um armazem ou arsenal cheio de armas, canhões, polvora, e munições de guerra. Mas o grande e principal arsenal d'el-rei é em Panane, por ser esta a sua principal praça de guerra.

Ha outros aposentos em corpo separado, que são destinados para o secretario e escrivão d'el-rei, e para pôr todos os registos, que é cousa verdadeiramente admiravel ver um grande numero de homens, que não tem outro

officio, nem fazem outra coisa em todo o dia senão escrever e registrar. Estes officios são mui honrados, e todos estes officiaes tem logar naquella casa, mas em camaras separadas, segundo a differença de seus cargos. Uns lançam em escritura as mercadorias, que vem para el-rei; outros os direitos e tributos, que se cobram cada dia; outros a despeza da casa real; outros finalmente o que se passa de mais notavel todos os dias, assim na corte como no resto do reino, isto é, todas as novas, porque de tudo se faz registo; e cada um em sua camara particular. Fazem tambem registo de todos os estrangeiros, que chegam, dos quaes assentam os nomes, e os da sua patria, o tempo da sua chegada, o motivo que alli os traz, como comnosco fizeram. E é cousa assombrosa ver o numero destes officiaes, a boa ordem que entre elles ha, e como elles escrevem velozmente sobre aquellas folhas de palmeira, como já disse, as quaes são do comprimento e largura das dos coqueiros, mas mais grossas e mais duras. Fazem dellas uma especie de livros furando-as na ponta mais grossa, e passando um fio pelo buraco; e assim juntam quantas querem. El-rei tem semelhantes escrivães por todas as cidades, portos, enseadas, e passos de seu reino, os quaes dão conta aos da sua casa, e tudo anda em ordem, obedecendo uns aos outros, e havendo ahi superiores entre elles. Por toda a costa do Malabar tem o mesmo modo de escrever, e guardam a mesma ordem.

Alem do pequeno Pagode, que ha dentro do palacio d'el-rei, ha fóra d'elle na distancia de quinhentos passos pouco mais ou menos o grande *Pagode*, ou templo real, que é o maior do reino, onde ha grande numero delles. A imagem do idolo, que alli se adora, a que tambem chamam *Pagode*, está collocada na parte mais interior do templo, e tem cabeça de homem, mas mui disforme e horrenda, e do mesmo feitio das com que nós costumamos representar os diabos. Observei pausadamente este templo e *Pagode* real, que é todo coberto, e as paredes forradas por dentro de

cobre, mui lustroso e polido, e da mesma sorte as portas. Á entrada tem um grande adro e cerca como cemiterio, bem fechado, e contiguo á porta do templo, depois ha uma pequena piscina ou lavatorio, onde elles se lavam, e na parte interior da porta ha cinzas dos mortos, como nos outros pagodes. Mais dentro encontra-se uma figura de cobre representando uma vacca, que só se vê atravez de grades; e mais dentro ainda está a outra figura, que já disse, a qual é de ouro, e mui ornada de pedras preciosas. Todo o templo é em si mui escuro, mas ha dentro tão grande copia de lampadas accesas, que fica mui claro. Todos os Naires gentios, que vão aos paços d'el-rei, não deixam, ao passar, de ir saudar e adorar este idolo, fazendo-lhe uma pequena oração. Só se pode ver por entre grades, não sendo permittido a pessoa alguma de entrar alli, se não for de sua religião, casta, e condição.

No que toca á pessoa d'el-rei, direi primeiramente que em quanto a seu traje e vestuario não differe em cousa alguma dos outros Naires, senão em trazer menos adornos, riqueza, e pedras preciosas que os outros senhores. Mas em dias de festa e solemnidade é impossivel ver mais ouro, e mais joias do que elle traz; mas isto acontece raras vezes, e só nas grandes cerimonias; porque ordinariamente traz apenas uma pequena cadeia de ouro, que lhe serve de cinto, e tem na parte dianteira um sinete de pedras preciosas. Quando caminha, vai sempre bem acompanhado de Naires, assim por dentro como por fóra do palacio, porque elle não se serve de outra gente. Os grandes senhores vão adiante e atraz, mas ninguem vai a par d'elle. Os da sua guarda fazem álas de cada lado quando elle passa. O modo como o saudam, assim grandes como pequenos, é pondo a rodella ou escudo debaixo de um braço, e a espada debaixo de outro, juntando as duas mãos sobre a cabeça, e depois a-brindo-as, e tornando a unil-as tres vezes, e dizendo outras tantas *Tabiran*, e uma vez *Samory*; o que significa que abaixo de Deos, que elles chamam *Tabiran*, está o *Samory*.

Quando el-rei se levanta pela manhã, logo que avista o sol, prostra-se, e fta os olhos nelle, como fazem todos os Naires, e lhe endereça sua oração, tendo as mãos juntas sobre a cabeça, abrindo-as, e unindo-as por tres vezes. Depois disto faz esfregar o corpo com oleo odorifero pelo espaço de quasi uma hora, e depois vai banhar-se em um dos tanques, que ha no interior do palacio; e para chegar lá passa por um longo caminho coberto de galerias, no fim do qual ha uma camara ou tenda de grades dentro d'agua, em que el-rei entra, e na borda do tanque ha outra para onde se vai a coberto de uma e outra parte. Em quanto el-rei está no banho, os senhores, e officiaes o esfregam, e animam, e todos os que alli estam tratam de fazer o que lhes cumpre; mas deve entender-se que os que estam junto d'el-rei não se mettem na agua, por maiores senhores que sejam. Depois de ter sido bem lavado e esfregado, entra el-rei na outra camara, que está á borda d'agua, onde se faz enxugar mui bem, e depois novamente esfregar um pouco o corpo com certo oleo mais precioso, e odorifero que o primeiro; e então o esfregam com tanta força que este oleo fica todo embebido no corpo, e não resta parte alguma ao exterior. Concluido isto o seu camareiro toma certas tintas, e páos moidos com outras drogas odoriferas, diluidas em aguas aromaticas, e lhas applica sobre a testa e sobre o corpo da cintura para cima, com folhas e flores de diversas qualidades, que elles colam e pegam onde quer que tem posto aquelles cheiros, e particularmente na testa, e peito. Só a el-rei, e aos grandes senhores é permittido adornar-se com tanto apparato e singularidade, e dahi vem que com maior cautella que os outros evitam de ficar pollutos, porque lhes seria mister mais tempo e mais trabalho para se tornarem a lavar e adornar. Depois de tudo o que fica referido diluem em agua uma pouca de cinza dos corpos de seus predecessores, e com ella esfregam um pouco a testa e o peito, como faz todo o demais povo; mas de todo o outro apparelho, que temos dito, só el-rei e os grandes usam; e el-rei

mais que todos, porque é este o seu principal adorno.

Em quanto el-rei está no banho, todas as manhãs sem falta, doze ou quinze raparigas das mais formosas da terra, e das quaes a mais velha não passa de vinte annos, todas adornadas o melhor que podem de joias de ouro e pedraria, e vestidas de panno branco a seu modo, vão umas com grandes bacias, outras com vasos de ouro ou prata dourada cheios de agua, e tomando bósta de vacca ou de touro fresca, a lançam nestes vasos, e a desfazem nesta agua, em quanto outras lançam agua pelas paredes e pavimento, e depois com aquella bósta assim desfeita barram á mão as ditas paredes e pavimento dos paços d'el-rei. Todos os gentios geralmente seguem este uso em suas casas, e hão isto por mui boa, e mui santa cousa. Repetem-se estes lavatorios duas vezes por dia nos aposentos d'el-rei, onde são assim barrados todos os pavimentos e paredes das salas, e nos pateos e caminhos somente se faz nos logares por onde el-rei hade passar, ou seja quando elle vai ao pagode, ou ao outro aposento para comer; e elle avisa de antemão qual seja o sitio aonde deseja ir, para que se não falte ao que convem.

Ao sair do banho ordinariamente vai ao templo, e do templo vai comer a outro palacio, que fica no mesmo recinto, e faz parte do grande palacio, sendo unicamente destinado a este uso. Em quanto come está assentado sobre uma taboa mui polida, e masca folhas de balsamo como os outros Bramanes. Não come carne, nem peixe, nem cousa que haja tido vida, porque é da casta dos Bramanes, e traz como elles a *linha*. Só come arroz cosido com leite, manteiga, e assucar, e tambem muitas qualidades de legumes cosidos, ervas, melões, abobaras, e outros fructos, como patecas, e semelhantes. Os sobejos do seu comer são lançados ás gralhas, e outras aves; assim como eu vi fazer aos outros reis Naires, que são todos da mesma lei.

Este principe é magnificamente servido por seus offi-

ciaes, que são numerosos. A sua hora de comer é ao meio dia; come uma só vez cada dia; e está tres horas á mesa. Deita-se muito tarde, e antes disso faz collação de algumas fructas, e doces a seu modo. Depois de jantar expede os negocios, e acabados de expedir, muda de aposentos, e passa a outros, que estão aparelhados para receber a toda a gente, e são diversos daquelles onde elle dorme, onde passa a manhã, e onde come. Nestes taes aposentos fica como exposto ao publico; e quem quer lhe pode fallar, e se não occorre negocio a tratar, passa o tempo com os fidalgos de sua corte. Folga muito de se divertir com bôbos e chocarreiros, de que tem sempre grande numero. Os reis e senhores Naires jogam muitas vezes um jogo de sorte, que é uma especie de xadrez, e o jogam com dados. Tambem gosta el-rei muito de ver os Naires brandir as armas uns com os outros com rodella e espada, de que saem ás vezes feridos; e outros esgrimem com lanças.

Quando um senhor, ou um Naire tem ido á caça, dá-se por mui contente de poder apresentar em publico a sua presa a el-rei, que tambem folga com isso. Ha sempre junto delle muitos filhos dos grandes senhores Naires, que lhe servem de pagens, e dos quaes um lhe leva a espada e rodella, outro o sombreiro, outro uma boceta de ouro cheia de betle, que elle masca continuadamente, segundo o costume de todos os Indios do Oriente; outro traz um abano, com que incessantemente o abanam; e ha ainda outro que leva uma bacia de ouro, na qual el-rei cospe, porque nunca, seja onde quer que for, cospe no chão; e ninguém ousaria cuspir no pavimento das salas, das camaras, e galerias, mas só nos pateos, e outros logares, onde isso é permitido.

Em quanto á rainha, habita ella n'um palacio apartado, mas dentro do mesmo recinto do grande. Não come nunca em companhia d'el-rei, e mui raras vezes é vista, e só ás janellas e galerias de seu palacio, ou do d'el-rei, ao qual ella vai muitas vezes por uma galeria, que com elle communica; e assim se encontram quando querem, sem serem de-

vassados. A rainha toma banho pelo mesmo modo, e com as mesmas cerimoniaes que el-rei, e no mesmo tanque, mas todavia sem que se vejam um ao outro, porque cada um delles está n'um extremo do tanque em logar coberto. O tanque, em que elles se banham, é bem vedado, e fechado á chave, e ninguem mais se banha alli. Do lado dos aposentos da rainha ha uma galeria por onde ella desce ao dito tanque, e outra semelhante do lado d'el-rei. As damas, que acompanham a rainha ao banho, e a esfregam, não entram na agua no mesmo logar, mas em gabinetes e camaras, que estão no recinto deste tanque, onde se untam, enxugam, e perfumam. Estas damas usam no banho da rainha de toda a sorte de artificios e cerimoniaes, que os fidalgos usam no d'el-rei. A rainha é da mesma casta Bramane como el-rei. Tem seu Pagode apartado, onde vai com suas damas; e tambem seus aposentos para comer á parte; e assim o mais como el-rei. Só são admittidas a seu serviço as damas de alta nobreza, e ordinariamente a acompanham para seu passatempo. O chão, pavimentos, e caminhos, por onde a rainha hade passar, e as paredes competentes, apparelham-se com aquella bósta de vacca, que já disse. E a este proposito não quero deixar de dizer de passagem a grande honra, que estes povos tributam ás vaccas, por mais sujas, immundas, e cobertas de lama e bósta, que ellas sejam. Porque as deixam entrar nos paços d'el-rei, e por toda a parte que acontece, sem de modo algum se lhes impedir o passo; antes o proprio rei, e todos os maiores fidalgos lhes abrem caminho com a maior honra, respeito, e reverencia, que é possível. O mesmo fazem aos touros, e bois.

Mas tornando á rainha, direi que seu traje e vestuario em nada differe do das outras donas, e mulheres dos Naires; e semelhantemente o das princezas, e grandes damas, salvo que os seus adornos são um pouco mais carregados de perolas e pedras preciosas. A maior honra, e maior signal de grandeza entre elles é ter grandes orelhas, como já disse, e esta rainha as tinha tão grandes, que lhe chegavam até ao

peito. Anda nua da cintura para cima como todas as outras mulheres; e por todo o corpo se carrega de joias de ouro, perolas, e pedras preciosas, como igualmente fazem as outras mulheres, assim grandes como pequenas, segundo já muitas vezes notei fallando dellas. E tinham ellas tanta curiosidade de ver-me e fallar-me, como eu a ellas, porque durante todo o tempo que me demorei neste reino de Calecut, sempre assisti na corte, onde era muito amado e querido d'el-rei, e de todos os senhores, e outros gentios da corte.

Tinham muito empenho em que eu ficasse lá para sempre, tanto os senhores como o proprio rei, o qual queria a todo o custo fazer-me ir para Panane, ou para Costé do Cunnhale, no caso que eu me enfadasse de estar em Calecut, dizendo-me que o esperasse eu alli, porque elle lá estaria em poucos dias, ou que, se eu quizesse, iria em sua companhia, e não me afastaria de seu lado. Mas eu nunca pude resolver-me a acceitar estas proposições pelo grande desejo, que tinha, de tornar a terra de christãos, e tambem porque aquelles dous Padres Jesuitas, que alli estavam, todos os dias me encontravam, e persuadiam a sair dalli, e ir-me a Cochim, ou a outra terra de gente sua. Um destes Padres era para nós mui aspero e cruel; era o Italiano, e não me lembro do seu nome; mas o outro, que era Portuguez, chamado Padre Hilario, era mui brando e tratavel, e incessantemente nos consolava, certificando-nos sempre que seriamos bem recebidos entre os seus. E por tanto depois de havermos assistido naquella terra mui largo tempo, tomámos a resolução de sair della do modo, e pela occasião, que direi no Capitulo seguinte.

CAPITULO XXVIII.

Dos reinos de Chalé, Tanor, e Cochim; da prisão do auctor, e outros successos.

Demorâmo-nos perto de oito mezes em Calecut, eu e meus companheiros, esperando sempre algum navio hollandez para nos levar a França. Mas em fim vendo que nenhum alli chegava, os dous Padres Jesuitas, de quem tenho fallado, nos aconselharam a que fôssemos a Cochim entregar-nos nas mãos dos Portuguezes, porque era o verdadeiro meio de ser-mos restituídos a nossa patria; e que para esse fim nos dariam cartas de empenho e encomenda, pelas quaes seríamos bem recebidos, e se nos não faria mal algum. Acreditámos no que nos diziam, e acceitámos suas offeras, fiando-nos em suas palavras, de sorte que recebemos as cartas com a instrucção do que devíamos fazer quando chegássemos a suas terras. Depois disto arranjámos os nossos negocios, posto que poucos, e nos fomos despedir d'el-rei, e dos fidalgos nossos amigos, aos quaes todos pedia de nossa partida, e principalmente a el-rei, que nos fez ainda maiores offerecimentos do que de antes nos havia feito. Disse-nos que nós eramos livres para ficar, ou para partir; e que estando resolutos a marchar, nos não queria impedir este designio; mas que sobre tudo andássemos bem precatados de nos não fiar muito dos Portuguezes. Mandou-nos dar dinheiro, e um passaporte, no qual ordenava que por toda a parte por onde nós passássemos em suas terras, os seus officiaes e recebedores nos bastecessem de tudo quanto houvessemos mister. Eramos só tres os que

nos determinámos a sair de Calecut, porque o outro nosso companheiro, que era Hollandez, e protestante, disse que alli ficaria, e que nunca iria entregar-se á mercê dos Portuguezes, que já outr'ora o haviam maltratado.

Quando tivemos tudo apparelhado, o que levou alguns dias, tomámos a ultima resolução de nos partir, e pôr a caminho, com grande pena comtudo de toda aquella gente, assim gentios como mahometanos, e outros, salvo dos Portuguezes, que não desejavam outra cousa. O dono da casa onde estavamos alojados por ordem d'el-rei, chamado *Maniassa*, grande inimigo dos Portuguezes, nos dizia sempre que nos iria mal; mas não poudo demover-nos de nosso proposito, e ajustámos com os marinheiros de uma *Almadia*, ou barca, para nos conduzirem a Cochim, que não dista de Calecut mais de vinte legoas. Era isto nos fins do mez de Fevereiro de 1608. Mas fomos trahidos pelos taes marinheiros, que eram mahometanos e Mucuás os quaes nos disseram que partiriam de noute quando fosse maré cheia, e que então nos viriam chamar, e que estivessemos prestes com o nosso fato, no que acreditámos; mas tendo elles vindo chamar-nos por volta da meia noute, disseram-nos que elles iam adiante á *Almadia*, ou barca, que ficava assaz longe, e bem meia legoa do logar onde nós estavamos. Haviam-nos elles mostrado no dia antecedente o sitio, onde deviamos embarcar, que era frõteirô ao bairro dos Portuguezes, mas um pouco distante, e nós estavamos alojados na alfandega d'elrei. Fomos pois caminhando por terra ao longo do mar com o nosso fato para encontrar a barca.

Fazia bom luar, e quando chegámos perto do sitio onde julgavamos que estariam os marinheiros, topámos com um magote de vinte ou trinta, assim Portuguezes como mestiços, e outros Indios christãos, todos bem armados, que estavam de emboscada á sombra das almadias dos Mucuás, que todas estão varadas em terra; porque quando recolhem da péscas as varam mesmo carregadas, de sorte que toda a

praia fica coberta dellas. Estes Portuguezes arremeteram pois connosco, gritando *matar, matar*, e nos deram alguns golpes para mais nos intimidar. Prenderam-nos, e ligaram-nos as mãos atraz mui apertadas, ameaçando-nos de que se soltássemos uma voz, seríamos mortos. Desta maneira nos tiveram alli ameaçados de morte por mais de uma hora sem nos mexermos daquelle logar, dando tempo a irem ao seu bairro fallar aos Padres e ao Feitor, e tomar com elles conselho do que fariam de nós. Pedimos-lhe de joelhos que nos não matassem sem confissão, declarando que eramos Catholicos; mas elles zombavam de tudo isso, chamando-nos *Lutheranos*. O que foi cabeça da empresa não foi o Feitor, mas um capitão de Cochim, que estava em Calecut havia tempos para recobrar um navio, que os corsarios Malabares haviam tomado, e o qual el-rei lhe mandou restituir por dinheiro a boa composição. Este capitão chamava-se *João Furtado*; era mestiço, homem cruel, e máo; e nunca podémos bem saber se os Padres e o Feitor entravam no conloio, ou não.

Tendo aquelles homens tomado o parecer dos Padres Jesuitas e do Feitor, em quanto nós estávamos guardados por alguns soldados, a quem sempre pedíamos misericordia, tornaram a nós, e nos arremessaram presos e amarrados n'uma almadia, donde pensámos que nos quizessem lançar ao mar. Quando a almadia começou a navegar, entrou-lhe a agua até ao meio, e assim deitados n'agua, julgávamos que iríamos ao fundo; tão carregada ia de gente. Haviam-nos feito embarcar totalmente nós, e nos haviam tirado quanto era nosso. Depois de sermos embarcados afrouxaram-nos um pouco as prisões dos braços, e ao mesmo tempo aquelle capitão nos perguntava que conselhos e avisos nos dera *Maniassa*, que era quem nos havia tido a seu cargo, dizendo que o havia de matar; mas que em quanto a nós nos dava sua fé e palavra que nos não seria feito mal algum. Assim fomos correndo ao longo da costa até passarmos o territorio do rei de Calecut, e estarmos fronteiros ao do

rei de Chalé, que é amigo dos Portuguezes, e foi aquelle que acolheo o sobrinho d'el-rei de Calecut, quando esteve fóra da graça do tio, como atraz disse. Aqui saíram em terra, e nos fizeram sair com elles, em logar onde não havia povoação; e tendo consultado novamente entre si, nos amarraram ainda mais fortemente.

Daqui mandaram alguns dos seus a Calecut para saber o que por lá se dizia de nós. E' o que mais lhes desaprouve foi não estar ja alli o outro nosso companheiro Hollandez, que elles julgavam que ainda lá devia estar; e de feito foi para elle uma boa ventura achar-se molesto quando nós embarcámos, porque aliás nos teria acompanhado até á embarcação. E o porque mais lhes pesava a elles de o não apanhar, era por ser elle bombardeiro de seu officio. Não sei como, mas el-rei, e todo o povo de Calecut souberam no mesmo dia o que nos era acontecido. Porque, como eu depois soube, o nosso companheiro, que lá ficára, tendo a nova do caso, foi logo clamar a el-rei que não queria permanecer alli; e de feito se foi novamente para Motangué a viver com os Malabares corsarios, que o acolheram mui bem, porque, como já disse, era elle mui bom bombardeiro. E logo que el-rei de Calecut teve aviso do que era passado, chamou á sua presença os Padres Jesuitas, o Feitor, o Escrivão, e todos os mais Portuguezes, que lá estavam, e muito agastado contra elles mandou que dessem conta de nós, porque então todos julgavam que nos haviam dado a morte. Os Padres e os outros se desculparam, e el-rei lhes tomou juramento sobre o livro dos Padres Jesuitas. Lançaram toda a culpa sobre aquelle que nos havia prendido; e então el-rei mandou queimar o navio, que elle alli tinha, e elle nunca mais ousou voltar a Calecut, como eu soube algum tempo depois estando em Goa.

Tendo pois desembarcado em terra de Chalé, e depois de elles haverem consultado entre si por espaço de quasi meia hora, quando nós pensavamos que estivesse resoluta a sen-

tença da nossa morte, tornou a nós aquelle capitão, e nos disse que estávamos em toda segurança na sua companhia, jurando-nos pelos Santos Evangelhos que nos não seria feito mal algum, e que estivessemos contentes. Mas não nos fiando muito em suas palavras, permanecíamos de joelhos supplicando misericórdia; de sorte que foi para elles grande trabalho fazer-nos recobrar a tranquillidade de animo. Não foi possível persuadir-os de que eramos catholicos, e continuaram a chamar-nos *Lutheranos*, sem embargo de quanto nós fazíamos, pedindo-lhe até as suas contas, e livro para resar, e resando juntamente com elles; porque diziam que tudo isto era por disfarce. Levaram-nos pela terra dentro bem legoa e meia, e nos conservaram occultos com tal cuidado, que ninguem na aldêa, onde chegámos, deu fé de nós. Davam-nos de comer lautamente, mas com isso não recebíamos contentamento, julgando-nos sentenceados á morte, e como homens que só esperam a sua hora. A casa onde estávamos permanecia sempre bem fechada e tapada, para que ninguem nos descobrisse, e alli passaram todo o dia á espera que voltassem os que haviam enviado a Calecut, os quaes trouxeram vestidos á portugueza, que elles nos deram, e obrigaram a vestir, para que nos não conhecessem. Até então havíamos guardado o passaporte del-rei de Calecut, mas quando voltaram de Calecut aquelles mensageiros, o capitão nos veio perguntar se nós não tínhamos um passaporte do Samory; e respondendo-lhe nós que sim, e entregando-lho, elle o reteve em seu poder, e nunca mais o vimos. Tudo isto faziam de proposito para não serem descobertos, e nos faziam caminhar de noute, e não de dia.

Nessa noute foram caminho de Tanor, e andámos toda a noute ao luar; e ao romper do dia nos fomos alojar na cidade de *Chalé*, que fica a quatro ou cinco legoas de Tanor, e abi passámos aquelle dia. Sobrevindo a noute, tiraram-nos tambem a carta, que os Padres Jesuitas nos haviam dado; e nessa mesma noute chegámos a Tanor, cujo rei foi o que entregou aquelles dous mercadores, ou feitores Holandezes

aos Portuguezes de Cochim, como atraz disse (a). Os Portuguezes tem alli uma igreja, um Padre Jesuita, um Feitor, e alguns christãos, como em Calecut. Mas antes de entrar na povoação o capitão enviou ao Padre e ao Feitor recado da nossa vinda ; e acertou que um dos Padres Jesuitas de Calecut já alli era chegado. No emtanto estivemos esperando n'um pequeno bosque que voltasse o moço, que havia ido com o recado, o qual trouxe uma carta, que poz a todos aquelles homens mui tristes e confusos, e bem se deixava ver que se achavam agora empachados connosco, e que antes não quizeram haver-nos trasido alli ; porque nem o Padre Jesuita de Calecut, chamado Padre Hilario, nem o de Tanor, nem o proprio Feitor quizeram intrometter-se neste caso, ou ao menos davam disso demonstração ; e mandaram recado que nos pozessem em algum lugar bem distante da povoação, se não queriam ser descobertos por alguém. O Padre de Calecut voltou logo para o seu posto, para que se não dissesse que era consentidor neste negocio.

Tendo estado alli quasi dous dias, determinaram de se desfazer de nós, e nos enviaram a Cochim, que dista daquelle logar doze legoas, fazendo-nos embarcar n'uma grande almadia condusida por Mucuás, e acompanhados de dous soldados, e outros seus servidores. Mas antes de nos despedir, tiraram-nos os vestidos á portugueza, que nos haviam dado, e deixaram somente a cada um um panno de algodão do tamanho de um lençol para nos vestirmos e cobrirmos, assim de dia como de noute, asseverando-nos que seríamos bem recebidos em Cochim, e que nos não fariam lá mal algum, para o que escreveriam uma carta ao capitão de Cochim, e aos Padres, e outrosim enviariam as cartas dos Padres de Calecut por nos fazer favor. Mas era o contrario, porque faziam correr voz de que nos haviam apanhado no mar, que tinham degolado todos os Malabares corsarios, e Mucuás, que nos condusiam ; e alem

(a) Ou melhor adiante no Cap. XIX da segunda Parte.

disso que havia em nós o intento de restaurar a fortaleza do Cunhale, a qual o rei de Calecut promettera aos Holandezes, como de feito se dizia em Calecut; e até nos insinuaram que dissessemos que nos haviam apanhado no mar. Tudo isto diziam com dous sentidos, um por persuadir que nos haviam apanhado com justiça, e outro por esperar recompensa de tão bom feito.

Os Mucuás, que nos conduziam, não podem accender fogo em suas almadias, e por isso cosem de antemão grandes panelladas de arroz, que depois mettem em agua fria para se não corromper; assam tambem grande quantidade de peixe salgado pequeno, daquelle a que os Portuguezes chamam *cavalla*; e alem disso levam copia de fructas e côcos, e destas cousas se mantem no mar, como nós igualmente faziamos.

Navegámos quasi todo o dia, e toda a noute, e pelas dez horas da manhã chegámos a Cochim. Estivemos longo tempo á espera antes de sairmos em terra, porque os soldados, que nos guardavam, haviam ido ao capitão da cidade com a carta, que trasião, e nesse intervallo era assombroso o numero de gente, que vinha ver-nos. Estivemos assim hora e meia antes de desembarcar, e cada um nos dizia que seríamos enforcados, e nos mostraram uma grande praça, que fica á mão direita de quem entra na cidade pelo rio, e se chama de São João, onde ha uma bella igreja; e na dita praça nos mostravam a forca onde haviam sido justicados dous ou tres Hollandezes. Do outro lado do rio está o palacio do Bispo, que é mui bonito. Tudo isto nos dava muito máo agouro da nossa sorte. Finalmente desembarcámos, e era grande piedade ver-nos assim nós, não tendo para nos cobrir mais que um simples panno de algodão. Fomos logo entregues a um official de justiça Portuguez, a que chamam *Meirinho*, acompanhado de sete ou oito escravos cafres de Moçambique, christãos, cada um dos quaes tinha um chuço, ou alabarda. São estes os seus quadrilheiros, e lhe chamam *Peões*. Todos os meirinhos Portuguezes tem grande numero destas

peões ; e os ditos meirinhos, e todos os outros officiaes de justiça andam sempre com uma vara (insignia de seu officio), grossa como o cano de um arcabuz, e de braça e meia de comprido. Chamam-lhe a *vara da justiça*, e não trazem outras armas além della senão uma espada ; mas de noute andam bem armados de couraça, e morrião na cabeça. Começam a rondar pela cidade desde as oito ou nove horas, o mais tardar ; e correm todas as ruas, de sorte que a essa hora todos se recolhem.

Este meirinho pois nos levou a casa do capitão de Cochim, isto é, do Governador ; porque em todas as praças dos Portuguezes na India chamam aos Governadores Capitães. Este capitão era homem fidalgo, e nos interrogou sobre varias cousas ; depois sua mulher e filhas quizeram vernos, o que pareceo milagre, porque lá as donas e donzellas não apparecem nunca aonde ha homens. Mandou-nos entrar na camara dellas, que attentaram muito sobre nós, e se admiraram de nos ver naquelle estado, zombando dos Portuguezes que se deixavam tantas vezes desbaratar dos Hollandezes, Inglezes, e Francezes, porque elles não fazem distincção destas tres nações. As filhas do capitão eram muito formosas, e tinham muito dó de nós, e creio que nos fariam algum bem, se o podessem ou ousassem, mas não tinham meio de o fazer. Eram mestiças, e tão bellas, e brancas como as damas de cá. Depois de nos haverem perguntado muitas cousas, o capitão mandou ao Meirinho que nos levasse ao *Ouvidor da cidade*, como se fossemos ladrões, ou criminosos.

Caninhando pelas ruas era cousa espantosa ver o grande tropel de gente que nos seguia. Uns haviam piedade de nós, e nos diziam que não houvessemos temor, e confiássemos em Deos ; outros nos chamavam ladrões *Lutheranos*, e eram de voto que nos enforcassem. O Ouvidor, ou Juiz do crime, tendo-nos interrogado e ouvido, nos reenviou ao capitão, dizendo que não era da sua competencia julgar-nos, e que sendo nós prisioneiros de guerra, a elle capitão toca-

va tomar conhecimento do nosso caso. Então o capitão, vendo que o ouvidor não queria encarregar-se de nós, nem tendo elle proprio desejo algum de o fazer, mandou ao meirinho (o qual pela sua parte tambem se via empachado connosco, por não esperar de nós ganancia alguma) que nos metesse na prisão, aguardando occasião de nos enviara Goa ante o Vice-Rei para nos julgar; dizendo que elle por si nada tinha que averiguar neste negocio. E de feito não fomos por elle interrogados, mas logo nos levaram á prisão, onde não achámos quem se quer nos offerecesse um copo de agua; nem alguma cousa de comer durante o espaço de mais de quatro dias, que alli nos detivemos.

Esta prisão é a unica que ha em toda a cidade de Cochim, e chama-se o *Tronco*. É fabricada em forma de uma grande e alta torre quadrada, e no andar de cima no meio do pavimento ha um buraco quadrado como alçapão ou escotilha de navio, que se fecha á chave, e por alli se fazem descer e subir os presos em uma especie de balança ou taboa suspensa a uma corda, e que gira n'uma rodana. A casa inferior tem seis ou sete toezas de profundidade, e parece um poço, porque em baixo não tem porta, mas somente uma grande janella quadrada, que atravez de uma parede de braça e meia de grossura pode receber alguma luz, e é vedada por grossas grades de ferro, que deixam espaços quadrados por onde pode passar um pão de dous arrateis. Por estes espaços faz o carcereiro passar o que quer entregar aos presos, por meio de uma pá de cabo comprido, como quem mette pão no forno. A grade é triplicada, porque ha uma da parte de dentro, outra da parte de fóra, e outra no meio. Esta prisão é por certo a mais medonha e cruel que julgo haver em todo o mundo; e todavia estavam lá sugeitos havia cinco para seis annos. Quando chegámos á camara superior, assentaram n'um papel os nossos nomes de todos tres. Esta prisão de cima é para os que pagam bem ao carcereiro, e ainda assim estam de ferros aos pés, por maiores pessoas que sejam.

Tambem ahi poem os doentes com licença dos juizes e magistrados.

A primeira pessoa que ahi encontrámos, foi aquelle Holandez, chamado Martin Dombé, que perdeu o seu navio nas ilhas de Maldiva, como atraz disse (a). A sua vista nos fez cobrar algum animo; mas quando percebemos que nos queriam mandar para baixo, augmentou-se a nossa tristeza. O Holandez nos disse que elle lá havia estado em baixo assaz largo tempo, e que só ha pouco o haviam trasido para cima, tendo nisso a principal parte os Padres Jesuitas, e tambem porque elle se achava mui enfermo. Direi abaixo o que mais aconteceu a este homem. Tambem ahi encontrámos um fidalgo, que havia estado em Marselha, e que fallava bem francez. Perguntou-me novas de Monsieur de Guise, com quem elle tratára muito em Marselha, e até havia estado a seu serviço; e tendo-nos perguntado se tinhamos de que viver, e sabendo que não, deu-nos uma moeda de ouro, que valia um crusado. Em fim fomos mettidos na prisão de baixo como os outros, e havia alli então passante de cento e vinte presos, entre Portuguezes, mestiços, e indios christãos, mouros, e gentios, gente de toda a casta e condição. Fomos com tudo tratados com assaz de cortesia.

Entre os presos ha um mais antigo, que serve de Juiz, e a quem se obedece; e quando alguem entra de novo dá-lhe a gorgeta, que elle reparte ao meio com o carcereiro. E' o tal juiz da prisão Portuguez, ou mestiço, e tem por obrigação conservar uma luz accesa diante de uma imagem de Nossa Senhora. Todos os Domingos e dias Santos se diz Missa fóra da prisão, perto da grade, em sitio onde se pode ouvir. A prisão é o logar mais sujo, immundo, e infecto que se pode imaginar, porque os presos satisfazem ahi todas as suas necessidades, unsem presença dos outros, em vasos que se despejam cada tarde; o que produz tal

infecção, e um ar tão fetido e suffocante, que falta quasi totalmente a respiração. E alem disso á noute fecha-se a grade com o alçapão de cima de sorte que o calor do paiz junto ao daquelle logar, onde está encerrada tanta gente junta, gera um ar crasso e suffocante, ao qual é impossivel resistir por muito tempo sem cair enfermo. Todas as noutes fica pendente na casa uma lanterna accesa; mas a maior parte das vezes apaga-se por falta de ar. Ha porem vigia para atalhar qualquer tentativa dos presos, e até todas as noutes dão busca mui exaeta á bagagem e vestido de cada um. Atravessa a prisão de lado a lado uma grande cadeia de ferro, á qual se prende o pé daquelles que são presos por crimes graves; todavia nós escapámos della. O calor obriga os presos a estarem inteiramente nús, assim de dia como de noute; e quando se deitam, tem de jazer de lado por razão do pouco espaço que ha para tanta gente; e ainda assim ficam apinhados uns sobre os outros, de sorte que continuadamente lhes corre o suor em bica. Os escravos e pobres eram obrigados a abanar com um grande abano, e refrescar a todos, de dia e de noute, para o que o ancião, ou juiz da prisão lhes dá alguma cousa; e sem isso seria impossivel resistir. Mettia o maior dó do mundo ver-nos no fim de quatro ou cinco dias depois de alli estarmos.

Mas o que dá muita consolação é a Misericordia, que todos os dias distribue a cada Portuguez, ou mestiço *meia tanga*, que vale cinco soldos da nossa moeda (franceza); e aos outros presos dá de comer uma vez por dia arroz cosido, e peixe mal temperado, mas assaz para fartar de uma vez, e agua para beber; o que se repete todas as manhãs a hora certa. Tambem ha agua para lavar e banhar o corpo, e cada um se lava totalmente nú diante dos outros. E' cousa que tenho notado por toda a India, que os gentios e mouros, quando se banham e lavam, não descobrem as partes reconditas, antes as tapam sempre com um pano; e só os christãos são faltos de pejo e de vergonha,

fazendo até gala de se descobrir vil e deshonestamente. Ora estando nós no miseravel estado que tenho dito, ninguém de fóra nos queria fazer bem por causa daquelle traidor, que nos havia trasido presos, e da carta falsa, que elle havia escripto contra nós, o que foi parte para nos tratarem tão cruamente. Ficámos assim por espaço de nove ou dez dias, e creio que se por mais tempo alli permanecerassemos, não escapariamos com vida, porque aquelle calor e infecção insupportavel nos fez encher todo o corpo de grossas bostellas e bolhas, que nos davam grande dor.

Emfim por conselho de certos presos Portuguezes, que alli estavam, escrevemos uma carta aos Padres Jesuitas do Collegio de Cochim, e logo o Superior nos veio visitar, o qual certificando-se de que eramos Francezes e catholicos, foi-se ao capitão a pedir-lhe que nos desse a liberdade, ao que o capitão respondeo que elle por si o não podia fazer, mas que nos enviaria a Goa ao Vice-Rei; todavia que no emtanto ficaríamos soltos na cidade, se elles se obrigassem a apresentar-nos cada vez que para isso fossem requeridos; o que elles fizeram; e durante aquelle tempo, que foi de quasi seis semanas, fomos mui bem tratados, ainda que nem de todos bem acceitos. Pouco tempo e poucos meios tivemos para bem conhecer este reino e cidade de Cochim, que é uma das boas terras, e das mais saudaveis cidades, que os Portuguezes tem na India; todavia direi em breve o que pude observar durante a minha estada alli.

O reino de Cochim jaz em altura de oito grãos da equinocial da banda do polo arctico. E' um reino do Malabar. A terra é de igual temperatura á de Calecut, e tão fertil como esta, produzindo as mesmas arvores, ervas, e fructos, como sua visinha que é. Ha alli abastança das cousas necessarias á vida, excepto de pão, que é mais caro que em Goa, porque o trigo vem de Cambaia a Goa, e daqui é levado por toda a India. As ordens e distincção do povo em Naires e Mucuás, os usos e costumes, tudo é igual e semelhante aos de Calecut; de sorte que seria fastidioso

e superfluo repetir seus usos, costumes, e policia, porque tudo é uma e a mesma cousa com o que atraz tenho referido. A terra é semelhantemente cheia de pimenta, e de pedras preciosas, como a outra, mas toda a pimenta é levada pelos Portuguezes, a quem el-rei de Cochim a vende, para o que toma toda quanta se cria no reino, e a recolhe em seus celleiros, para a vender quando muito lhe apraz.

Este rei não é tão poderoso como o de Calecut; e se os Portuguezes o não tiveram sempre ajudado, como ainda agora ajudam e favorecem, com quanto seja secretamente e debaixo de mão, muito tempo haveria que o rei de Calecut o teria subjugado. E de feito passa por certo que antigamente este reino de Cochim era sujeito e tributario ao de Calecut; mas hoje deixou de o ser por influxo dos Portuguezes, como disse; de sorte que o rei é soberano absoluto em sua terra, e corre parellas com o de Calecut, o que é causa de estarem sempre em guerra, e desavindos. Ora assim como os Portuguezes dão ajuda ao rei de Cochim, da mesma sorte o Samorim soccorre os Malabares, e outros inimigos dos Portuguezes, porque estes nunca tiveram melhor amigo na India do que o rei de Cochim; e nenhum tambem lhes tem dado tanta molestia como o Samorim, e ainda cada dia dá.

Ha duas cidades de Cochim; uma, que é a antiga, dista do mar quasi legoa e meia, e nella móra el-rei; a outra só dista do mar uma legoa, na bocca de um grande rio, sobre o qual igualmente é situada a dita cidade velha de Cochim. A nova cidade pertence aos Portuguezes, é fortificada com boas muralhas, e tem um castello. Os reis de Cochim deram aos Portuguezes este lugar, e algumas terras adjacentes, de modo que tem alli pleno dominio. A bocca do rio forma uma grande bahia, onde apparecem de longe tres grandes rochedos em fileira, seguindo a linha da costa, norte um quarto de noroeste e um quarto de su-sudeste (a).

(a) Tradusimos fielmente.

Abaixo de Goa não tem os Portuguezes mais bella e maior cidade que Cochim. Compõe-se de mui formosas casas, igrejas, e mosteiros; e os Portuguezes e christãos são regidos alli pelas mesmas regras e governo que em Goa, de que adiante fallarei mais largamente. Ha alli um Bispo, muitas igrejas, e conventos, um collegio de Jesuitas, e um hospital real para os Portuguezes, como em todas as outras suas cidades. O rio que alli passa é bonito, grande, e de bom porto. Entrando nelle á mão esquerda, que é da banda do norte, ha uma pequena ilha, onde está o bello e soberbo palacio do Bispo; e chama-se a ilha de *Vaypim*. A cidade é mui povoada, assim de Portuguezes como de naturaes, ou sejam christãos, de que ha grande numero, ou sejam infieis, os quaes com tudo não logram alli o livre exercicio de seu paganismo na cidade, e tem de ir ás terras, que dependem do rei de Cochim. Ha alli grande concurso, e grande trato, e affluencia de todas as cousas necessarias á vida. Este grande concurso tem feito o reino de Cochim mercante, rico, e abundante, e o proprio rei tem chegado a ser o mais opulento e poderoso, porque exporta mais promptamente tudo quanto se cria na terra, e recebe em troco as mercadorias, de que a mesma terra ha mister, alem dos tributos e presentes, que cada dia lhe pagam os mercadores, assim christãos, como mouros e gentios.

El-rei e todos os habitantes, Naires, Mucuás, e outros Malabares, gentios, e mouros, dão-se mui bem com os Portuguezes, e vivem todos em boa paz. Ha tambem alli grande numero de Judeos, que são mui ricos; e todas estas diversas nações vivem em grande liberdade de sua religião, tendo seus templos apartados, excepto na cidade dos Portuguezes, onde só estes moram. A cidade onde está el-rei é chamada dos Portuguezes *Cochim de riba*, ou *de cima*, por que está mais pelo rio acima que a dos Portuguezes. O territorio de Cochim é plano, e mui bom, e cheio de arvoredo como toda a mais costa do Malabar. Entre as duas cidades de Cochim tudo são casas em forma de ar-

rabaldes, e assim ao redor dellas. A terra é mui povoada e rica, e na cidade de Cochim ha um mercado, onde se faz grande trafico, e el-rei cobra ali os seus direitos, a que são igualmente obrigadas todas as mercadorias, que vem de fóra. Cobram-se tambem certos tributos para el-rei de Cochim na cidade dos Portuguezes, sendo todos os mais para el-rei de Hespanha. Ha tambem em Cochim grande copia de elephantes e de cavalloos.

Na cidade dos Portuguezes os Naires se arredam, e os deixam passar quando os encontram; e na cidade velha os Portuguezes fazem outrotanto aos Naires. Assim o dispôz el-rei para atalhar a todas as disputas; e é cousa que só alli se faz. Quando os Naires e Malabares vão pela rua, batem sem cessar com a rodella no quadril em forma que se ouça ao longe, e então o resto do povo se arreda, e abre lugar a que elles passem. Este bater das rodellas é entre elles uma especie de gloria; e quem bato com maior força é tido em maior estimação. Os que fabricam estas rodellas e armas são artifices gentios, e as fabricam mui bellas, e pintam de todas as cores, de ouro, prata, e azul, com verniz e lacre, e poem nellas tambem grandes prégos dourados. E é cousa admiravel ver as lindas obras, que fazem estes indios idolatras. Fazem trabalhar seus filhos desde a idade de cinco ou seis annos, e tem muita habilidade, comprehendendo em pouco tempo tudo quanto vêm fazer. Mas continuam seus mesterês de pais a filhos, e não se casam senão com os que descendem de gente da mesma profissão.

Na cidade dos Portuguezes a justiça é administrada entre elles, e a todos os que ali tem trato ou habitação, de qualquer lei ou nação que sejam, segundo as leis de policia de Portugal; e el-rei de Cochim não tem alli jurisdicção alguma. ainda quando seus proprios subditos criminosos lá se acolhem: da mesma sorte que em igual caso os Portuguezes não podem perseguir os seus no territorio do rei de Cochim mais avante dos limites da terra, que lhes foi dada, e demarcada.

Por espaço de seis mezes, que correm desde Maio, ou Abril (umas vezes mais cedo, outras mais tarde) até ao mez de Novembro, ou perto d'elle, não entram navios, nem barcos alguns no rio de Cochim. A razão é porque o vento de oeste, que sopra do mar, e as grandes chuvas continuas impellem e lançam tão grande quantidade de areia na bocca do rio, que se formam alli bancos tão altos, que é impossivel que qualquer navio ou barco, por menor que seja, possa por alli entrar. Mas quando as chuvas cessam, muda o vento para leste, e então impelle as areias para o mar, e assim torna o rio navegavel a toda a sorte de grandes navios : o que não somente acontece em Cochim, mas em toda a India á entrada dos rios, a que os Portuguezes chamam *Barra*.

O principal trato de Cochim é em pimenta, e só os reis de Calecut e Cochim o fazem. E o de Cochim alem de colher a sua, cobra tambem tributo de quem a tem, e ainda manda comprar o resto por seus feitores, e a recolhe em seus armazens, guardando-a ás vezes dous e tres annos antes de a vender. Não ha lugar em toda a região do Malabar, onde haja tão grande quantidade d'ella, como alli, e em Calecut, porque os Portuguezes, que tem trato em toda a parte, a fazem vir alli. Abaixo deste o mais frequente trato é o de Bengala, e as mercadorias, que ordinariamente levam, são aquellas pequenas conchas das ilhas de Makdiva, de que carregam todos os annos grande numero de navios. Os de Maldiva chamam ás taes conchas *Boly*, e os outros indios *Cnury* (a). Os Portuguezes tiram um espantoso lucro em toda a parte da India, onde tem entrada. Associam-se com os naturaes, que os acompanham em suas navegações, e até todos os seus marinheiros e pilotos são indios, ou gentios ou mouros. Chamam á gente do mar *Lascars*, e aos soldados *Lascarins*.

Mas todo este commercio desde Cambaia até ao cabo Comorim sempre se faz com perigo, por razão dos corsarios Ma-

(a) Vid. a pag. 190.

labares. Quando a frota parte de Goa, ha grande numero de galés de particulares, que por sua segurança a acompanham. Estas galés particulares são chamadas *navios de Chatis*, e as de guerra *navios da Armada*; e algumas vezes se vêm cento e cincoenta velas juntas, assim na ida como na volta. E não é somente Goa que dá todos estes navios, mas entram aqui os de todas as outras cidades dos Portuguezes na India. Todos os navios da Armada são equipados á custa d'el-rei de Portugal, porque lá não se falla em Hespanha, nem em Hespanhoes, mas somente em Portugal, Goa, e India. As armas do Estado da India são uma esphera, que elles poem na moeda de uma banda, e da outra as armas de Portugal.

CAPITULO XXIX.

Viagem de Cochim a Goa. Descripção do reino de Cannor; e de um desastre. que aconteceu ao ancor.

Detivemo-nos em Cochim entre o tempo de prisão e de liberdade quasi dous mezes, e nessa occasião chegou uma armada de cincoenta velas portuguezas, governada por um fidalgo Portuguez, a qual vinha das partes do Cabo Comorim, e da Ponta de Galle na ilha de Ceilão a refrescar alli na forma do costume; porque os Portuguezes, e o Vice-Rei de Goa todos os annos sem falta no principio do verão, que é no mez de Setembro, aprestam duas armadas de cem galés com tres ou quatro galeões, e enviam metade dellas para o norte até Diu e Cambaia, e ainda mais avante para guardar a costa, e senhorear os mares, a fim de que ninguem navegue sem sua licença, ou cartaz; e a outra metade enviam para o sul

até ao Cabo Comorim e Ceilão para o mesmo effeito, e principalmente para limpar o mar dos corsarios Malabares, que lhes fazem guerra, e a todos os mercadores; de sorte que ninguém nestas regiões da India ousará navegar sem cartaz dos Portuguezes, se se não sente com forças de resistir-lhes, como fazem os Arabios, e os de Sumatra, e outros, que com elles andam de guerra e inimisade.

Tendo pois esta armada refrescoado por espaço de cinco dias, e estando prestes a partir para Goa, que é distante do Cochim cem legoas para a banda do norte, valemo-nos dos Padres Jesuitas para nos fazerem conduzir a Goa, o que elles obtiveram do capitão de Cochim, que me entregou ao capitão-mór da armada, para me apresentar em Goa ao Vice-Rei. O capitão de Cochim, chamado Dom Francisco de Menezes, e proximo parente do capitão-mór, nos fez recolher á prisão dous dias antes, e com ferros aos pés de mãos de trinta ou quarenta libras de peso nos fez conduzir á galé por dous meirinhos, acompanhados de seus peões e quadrilheiros; e íamos tão carregados com o peso dos ferros, que mui trabalhosamente podíamos andar. Estes ferros não tinham de comprimento mais de um pé, mas eram mui grossos, e nos feriam muito os pés e as pernas. O capitão-mór logo que tomou entrega de nós, nos lançou n'uma galé de ferros aos pés, e assim partio de Cochim no principio de Maio de 1608.

A minha mofina quiz que eu caísse nas mãos do mais cruel homem do mundo, que era o capitão da galé, em que eu ía, chamado Pedro de Pedrosa (a); porque nem elle, nem a sua gente tinham mais compaixão de mim, que de um cão; e como eu tinha aquelles pezados ferros aos pés, não me podia mover do lugar onde estava, e por isso todos me atropellavam, e me passavam por cima. Era a galé mui pequena, e a gente que nella ía tanta, que mal havia lugar para cada um se deitar. Diziam-me mil inju-

(a) Talvez *Pedro Pedroso*. O auctor escreveu *Pedro de Poderoso*, nome, cuja inexactidão é visivel.

rias, e clamavam que apenas fossemos chegados a Goa, seríamos todos tres enforcados. De ninguém recebia consolação, senão de um Religioso de S. Domingos, que alli ia com outro seu companheiro. Nestas galés ha quantidade de vasos para beber do feitio de garrações de vidro, mas feitos de *Calaim*, que é um metal branco como estanho, porem mais duro. Ora, como disse, elles quando bebem nunca tocam com a bocca no vaso, e como eu attentava pouco nisso, succedeo um dia que ao beber chegasse o vaso á bocca; mas um soldado, que tal vio, me veio logo dar uma grande bofetada, què eu soffri sem ousar dizer palavra. A causa, porque o capitão era tão cruel para comigo, era porque elle havia sido apanhado e maltratado dos Hollandezes, e se persuadia que nós o eramos.

Durante a nossa viagem tivemos sempre vento contrario e chuva até Goa, porque era já principio do inverno, de sorte que gastámos vinte dias em ir de Cochim a Goa, caminho, que com bom vento teríamos andado em dous ou tres dias. Alem disso no mesmo dia, que saímos, á tarde aconteece-me outra desaventura no modo seguinte. Avisámos um navio de mercadores do Malabar, que a nossa galé quiz abalroar, no que cada um deseja ser o primeiro, assim pelo proveito como pela honra, que disso recebe, de sorte que neste commetimento bateo a galé tão rijamente com a prôa, que a verga, que sãc fora da prôa, foi a primeira que tocou com a ponta de fora, e como a outra pontá fica amarrada ao mastro, abalroaram os dous navios de modo que partindo-se o cabo, que segurava a verga, (a qual era tão pesada, que era mister dez ou doze homens para a levantar), e estando eu no convez junto ao mastro com os ferros aos pés, me cahio a dita verga sobre as costas, e ali estive largo tempo, até que a grande custo dez homens a poderam tirar de cima de mim. Fiquei como morto sem poder fallar, mas lançaram-me muita agua para me fazer recobrar os sentidos. Não trazem estes navios cirurgião, mas só algum reles barbeiro, que não sabe mais que san-

grar, e medicar uma leve ferida. Fui promptamente sangrado, e poseram-me não sei que cataplasma nas costas, que incharam de um modo assombroso. Assistia-me principalmente aquelle bom Religioso Dominicano, e não posso explicar o bem que me tratou, porque me fez dar uma camisa lavada, uns calções, e mais vestido, um colchão, um travesseiro, coberta de cama, e outras cousas necessarias; e no que toca a tratamento de bocca, trazia-me elle mesmo ás escondidas quanto podia alcançar, e até deixava de comer para m'ó dar. Rogou ao capitão que me tirasse os ferros dos pés, mas elle apenas permittio que se tirassem de um só pé. Emfim aquelle bom Religioso trasia-me quanta cousa boa podia obter, e creio que sem a graça de Deos e sem elle, eu teria morrido cem vezes; e de feito todos os que me viram receber aquelle golpe diziam que era um milagre escapar com vida; e por certo foi o maior golpe, que um homem podia receber sem morrer; e se me houvessem logo acudido com o tratamento conveniente, teria sido mui leve cousa.

O capitão vendo-me assim ferido, mandou-me para a proa, que é o logar mais incommodo do navio, porque é alli onde cada um vai fazer as suas sugidades, e onde as vagas do mar batem mais rijamente, de sorte que cada vez que era mister deitar ferro, ou levantar-o, todos me pisavam, e passavam por cima. Alem disso estava sempre exposto ao sol e á chuva, e sentia as maiores dores do mundo, de sorte que julgava ter o espinhaço quebrado; e mais de um mez não pude mexer o corpo, senão cada parte delle uma apoz outra. Tinha eu mui boa vontade de comer, mas não podendo fazer boa digestão, vim a ficar tão magro e consumido, que quando cheguei a Goa estava feito uma verdadeira mumia, ou como corpo resequido ao sol; e bem desejava o capitão a minha morte para me lançar logo ao mar. Se estava deitado para um lado, não me podia virar para o outro, e até bebia e comia deitado com grande incommodo, e excessiva dôr. Se levantava um pou-

co a cabeça, tinha grande seccura, e no navio havia continuamente falta de agua. No meio de tudo isto só achei algum allivio naquelle bom Religioso, e no cosiuheiro, que era Canarim de Goa christão, porque no sitio onde eu estava era o lugar da cosinha; com tudo o calor e o fumo me atormentavam muito, e para completar o meu martyrio a gente do navio me ameaçava que seria enforcado em Goa. Quanto á nossa navegação, fomos sempre ao longo da costa do Malabar, passámos á vista de Calecut, e fomos surgir a Cananor, que dista quarenta legoas de Cochim, e ali nos detivemos tres ou quatro dias.

Cananor é uma cidade assaz bella, situada á beira-mar, e tem bom porto. E' reino de Malabares, dos quaes não será fóra de proposito referir neste lugar o que tenho observado (posto que já n'outros tenha tocado ácerca delles alguma cousa, mas não tão exactamente) assim nesta vez que estive em Cananor, como de antes, passando de Motangué a Badará, e indo dalli a Calecut, e em outras diversas occasiões. A costa de Malabar é habitada, como atraz disse, por duas classes de gente, a saber, os naturaes da terra, e os forasteiros. Os naturaes são gentios, isto é, Naires, que habitam pelo sertão dentro, onde não ha outra gente; os forasteiros são os de que ora fallo, e que propriamente se chamam Malabares, como habitantes da costa de Malabar. E' averiguado que vieram de fóra, e segundo dizem, da Arabia, mas desde tempo mui antigo. Fallam a mesma lingua, e não outra, e obedecem aos reis Naires, pagando tributo áquelles, em cuja terra moram. Estam espalhados por toda a costa, e as cidades são pela maior parte povoadas delles. Seguem a lei de Mafoma; e são gente boa, grandes e ricos mercadores, mui astutos na mercancia, e os melhores soldados da India, assim na terra como no mar, e tão exercitados nas armas como os Naires. Em suas mãos está toda a navegação e trato da terra. Em seus navios e galés, e em todos os negocios e trabalhos de terra, servem-se dos Muquás, Tibás, e outras castas de gente vil e mecanica, a quem

pagam seus salarios. Dão-se muito bem com os Naires, e tratam com elles muita amizade, mas quando entram uns em casa dos outros, não se sentam, nem tão pouco tocam nas paredes ou moveis da casa, o que procede das ceremonias e superstição dos Naires, porque os Malabares não tem nisso difficuldade.

O rei de Cananor é Malabar, o rei de Malabar, e em sua terra os Malabares não obedecem aos Naires. com quanto ali haja outro rei Naire no territorio de Cananor. mas não tem hoje auctoridade. Os Malabares de toda a costa, assim mercadores como corsarios, respeitam e honram a este rei. A gente da terra me disse que não ha muito tempo que os Malabares de Cananor eram de condição igual aos outros, obedecendo áquelle rei Naire, mas que se viram tão fortes, que levantaram outro rei d'entre si, não reconhecendo por seu rei ao rei Naire, nem lhe pagando tributo, o qual rei Naire reside agora no sertão, e faz muitas vezes guerra ao rei de Cananor. E' este mui rico e mui poderoso, porque tem muita gente, que d'elle depende; e acudirão a seus mandados os Malabares, que ha ao longo de toda a costa, se delles quizer servir-se. Chama-se *Aly Rajá*, e é Mahometano como os outros Malabares. E' poderoso no mar, tem muitos navios, mercadeja por toda a India, e para esse effeito tem feitores em muitos logares. As ilhas de Divandurú são suas, e as de Maldiva estão agora sob seu dominio. E' mui cortez, humano, e indulgente, e por cima de tudo ama aos estrangeiros. Os Portuguezes estão de paz com elle, e com sua permissão tem em Cananor uma pequena fortaleza, onde ha igrejas, e um collegio de Jesuitas. Todavia os outros reis da India não o appellidam rei, dizendo que o não é de direito, mas por força.

Destes mesmos Malabares ha alguns, que são corsarios e piratas, e que não cessam durante os seis mezes de verão, quando a navegação é boa, de correr os mares por toda a parte até mais de dussentas legoas ao largo para roubar os navios, que encontram, quer sejam de Portu-

guezes, quer de Indios, e ainda de seus proprios naturaes Malabares mercadores, como muitas vezes fazem; porque não respeitam ninguem no mar. Elegem um cabo somente quando se embarcam; e quando se recolhem, este cabo fica sem mando, nem poder. Tem elles ordinariamente até oitenta ou cem galés bem negociadas, e são os melhores soldados do mundo, ousados, e valerosos quanto ser pode. Estam sempre de guerra com os Portuguezes, a quem dão assaz de nojo; e os Portuguezes não poderam ainda subugal-os desde que chegaram á India até ao tempo presente; e tem sido mais vezes desbaratados por estes Malabares, do que os tem desbaratado a elles. A guerra que se fazem entre si é mui crua, e sem misericordia, porque estes Malabares são tão valerosos que nunca se dão a partido, e mais querem ser destruidos, que render-se. Vi-os em combate com os Portuguezes, e quando conheciam que tinham menos força, e não podiam escapar de ser apanhados, pôrem-se todos de um lado da sua galé, e submergir-se com a mesma galé e todo seu recheio, esperando ás vezes que os Portuguezes se lançassem no navio para os metter tambem no fundo. Por isso se são collidos ás mãos dos Portuguezes, são condemnados a servir toda a vida nas galés d'el-rei, sem ser possivel resgatal-os. E elles quando apanham Portuguezes, ordinariamente os matam, ou ás vezes os guardam por algum tempo, a vêr se os vêm resgatar, e se os não resgatam, matam-nos. Entre os Portuguezes o que colhe ás mãos um destes prisioneiros recebe d'el-rei dez *parduos*, e o prisioneiro fica seu escravo por toda a vida.

Quando os Malabares apanham navios de gente da India, de qualquer nação que seja, não lhe fazem outro mal salvo rouba-los, e os largam com a parte mais pezada da carga: e o que nelles é digno de admiração é que quando assim andam no mar, não perdoarão a seu pai, dizendo que seu officio, e a natureza de sua nação é ser ladrões do mar, e que se deve aproveitar a occasião quando se offerece. Com

tudo em terra são a melhor gente do mundo, mui humanos, e trataveis. Quatro são os portos onde elles se acolhem sob a protecção dos reis Naires, onde fabricam suas galés, donde saem a corso, e onde se recolhem com suas presas. Estes portos são bem fortificados do lado do mar somenté, porque vivendo os corsarios em boa intelligencia com os reis Naires, sendo sujeitos a sua jurisdicção, e pagando-lhes tributo, com que aquelles regulos engrossam; são delles bem acceitos em seus dominios, que são inacessiveis da banda de terra. Os portos, de que fallo, são Motangué, Badará, Chomambá, e Canharoto. No inverno, depois de recolherem do mar, são bons mercadores, e vão aqui e alli a vender a fazenda aos logares circumvizinhos, assim por terra como por mar, em navios mercantes seus. Vão muitas vezes a Goa e a Cochim vender as mercadorias, e fazer commutação com os Portuguezes, tomando delles seguro, apesar de se terem guerreado no verão antecedente.

Não são só os Malabares dos portos sobreditos que seguem este modo de vida, mas igualmente os outros de toda esta costa, se isso lhes contenta, como de ordinario acontece; mas porque não ousariam embarcar-se em outras terras, vão-se por terra a estes portos. e ahi se embarcam; e quando voltam, recolhem-se a suas casas, onde proseguem em suas occupações na forma costumada, até voltarem a embarcar-se, quando novamente lhes apraz. Cousa admiravel é que esta gente, quer ande no mar, quer esteja em suas povoações, sem embargo de não haver entre elles superior, vivem em tanta concordia, que se não levanta entre elles disputa, guerra, nem dissensão. Nas suas cidades ha grandes senhores Malabares mui ricos, que mandam fabricar e armar galés, pagam á chusma e aos soldados, e as enviam ao mar, sem todavia elles sairem de suas pousadas, salvo quando hajam de ser cabos de uma grande frota, e lhe pertençam as presas. Estes taes senhores tem um costume mui recomendavel, e que se observa geralmente entre todos os Malabares, a saber, que todo o forasteiro, de qualquer religião que

seja, pobre ou rico, se agazalha em suas casas, onde é tratado com largueza, sem ser obrigado ao mais pequeno dispendio.

Quando os Hollandezes chegaram com sua armada a Cananor, atiraram muitas bombardadas, e o rei lhes enviou ricos presentes. Os Hollandezes davam demonstração de querer pôr cerco á cidade, mas o rei lhes supplicou que o não fizessem; e lhes prometteo que quando elle tomasse algum outro logar, esse lhes daria. Assim é este rei amigo de todos, e desejoso da paz. Na cidade de Cananor ha um bom mercado todos os dias, a que tambem chamam Bazar. A terra é abastada de todos os mantimentos, e ha nella grande quantidade de pimenta, de que se faz grosso trato. Os Portuguezes não são alli tão poderosos, como em outros logares. A gente de Cananor envia a Arabia muitos navios carregados de pimenta, os quaes de presente os corsarios respeitam; mas antigamente quando alli havia o rei natural, tinham com elles menos contemplação. A cidade de Cananor jaz em onze grãos e meio da banda do norte.

Todos estes Malabares, assim de Cananor como das terras visinhas, seguem só dous officios, a saber, ou mercadores, ou corsarios; e os que são mercadores vão comprar a fazenda roubada pelos outros por a haverem mais barata, embora haja sido roubada a seus proprios parentes e amigos. Não ha entre elles outra nobreza, senão a do valor, e riquezas. Os Malabares mercadores conhecem-se pelo seu trajar, e não por outra cousa, porque, assim mercadores como corsarios, trazem ordinariamente armas. Os mercadores não deixam crescer os cabellos, e usam um barrete de escarlata raso, e mais ordinariamente um lenço enrolado na cabeça em forma de turbante, a que chamam *Mundu*. Estes lenços são bordados a ouro, e a matiz de seda. Tem a barba meia crescida, sem bigodes; e vestem um roupão curto de seda ou algodão, que chega tres dedos a baixo da cintura, e um panno até aos joelhos. Tambem tem aquelles bonitos lenços, em que atam, e escondem a bolsa. E' costume destes mercadores, á semelhança dos das ilhas de Maldiva, e outras

partes, levar quando se embarcam todo o seu fato, e apparelho de cama, porque nunca querem deitar-se em cama alheia, e o evitam quanto podem. Os corsarios usam cabellos compridos, como as mulheres, e nunca òs cortam, mas alam-nos em troço como os outros naturaes da India, e por cima poem um daquelles bonitos lenços, de que fallei. Andam nús, cobrindo-se só de um panno de seda até aos joelhos, e outro lenço lhes serve de cinto.

Todos os Malabares, assim corsarios como mercadores, trazem punhaes com cabo e bainha de prata, se para isso tem posses, tudo hem fabricado; accrescendo-lhe pendentes certo pequenos instrumentos, como palitos, esgravatadores de ouvidos, e outros semelhantes. Os corsarios rapam a barba, mas nunca ao redor da bocca, nem aparam os bigodes como os Turcos; de sorte que ha tal que tem os bigodes tão longos que os áta atraz da cabeça. Todos os Malabares são mui cabelludos na barriga, e mais partes do corpo; e nunca usam sapatos. Os trajes das mulheres são todos iguaes; não admittem outro toucado senão os proprios cabellos; trazem grande copia de brincos de ouro, e anneis e argolas nos dedos das mãos e dos pés. Vestem um roupão curto de panno de algodão, que lhe desce somente até á cintura; e da cintura para baixo outro panno de seda ou algodão, que desce até á parte inferior das pernas. Andam descalças; e são mui brancas, e pela maior parte de pequena estatura; os homens porem são de meã grandeza. São as ditas mulheres assaz bellas de feições, e dadas á lascivia, como as outras mulheres da India; mas todavia não tanto como em outras partes.

Quando algum estrangeiro chega a um porto destes Malabares corsarios, e tem vontade de ir á guerra com elles, recebem-no, e lhe dão mantimento todo o invêrno a elle e a sua mulher, porque elles casam-se logo que fazem detença em algum lugar. Tomam a tempo segurança dos soldados e Mucuás com bons soldos, que lhes dão adiantados, para assim os obrigar, e ter prestes. Quando se apparelham para

ir aos combates, tomam betle, e sobre elle juram fidelidade. Se se recolhem depois de ter feito alguma presa, tem cuidado de dar busca a toda a gente, e a todo o navio antes de desembarcar. O capitão, e os principaes cabos tomam para si o que bem lhes apraz, e o resto entregam segundo sua consciencia ao dono da galé ou paráo. E' incrível a fadiga, que esta gente recebe no mar, e como elles supportam a fome e a sede. Levam muita artilheria, mas de dinheiro, e outras riquezas nunca levam consigo o valor de cinco soldos, e deixam tudo em terra; porque apenas tem feito alguma presa, vão logo descarregal-a; e voltam sem detença ao mar, se ha indício de poder fazer nova presa; e se não, ficam em terra o resto do anno.

Depois de alguma detença em Cananor seguimos nossa derrota para Goa, aonde chegámos no mez de Junho seguinte. Eu ia mui enfermo da minha ferida, e dos incommodos que padeci no navio pela duresa do capitão, que me tratava, como já disse, o mais indigna e barbaramente que dizer-se pode; e peor fizera sem a assistencia e caridade daquelle Religioso, que a cada hora me consolava, e resistia a seus rigores. Não devo aqui passar em silencio o nome deste bom Religioso, de quem então recebi tantos favores. Chamava-se elle *Fr. Manoel de Christo*. Logo que as galés surgiram em Goa, fui levado ao hospital, onde fui mui bem tratado, e sarei de minha enfermidade; porque é um hospital verdadeiramente real, excellente, e magnifico, onde os doentes, assim pobres como ricos, são servidos com tanto cuidado, aceio, e carinho, que mais não pode ser. Descreve-lo-hei mais particularmente adiante, como também as particularidades da cidade de Goa, do territorio circumvisinho, da policia que ahi se observa, e de tudo quanto nella ha de mais notavel; juntando o que a mim me succedeo durante o tempo, que alli estive.

Mas a grossura deste volume me constringe a dar aqui fim ao discurso da primeira parte de minha viagem, e de reservar o resto para a segunda, onde relatarei também

pelo meudo, com a ajuda de Deos, a minha viagem á Sonda, e ás illhas de Maluco, a navegação dos Portuguezes, com os quaes me embarquei pouco depois, sua chegada ao Brasil, e finalmente a minha volta a França.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.



INDICE

DA PRIMEIRA PARTE.

	Pag.
PREAMBULO.....	1
CAPITULO I. Narração da viagem desde o embarque em S. Maló até ao cabo da Boa-Esperança.	5
CAPITULO II. Do cabo da Boa-Esperança, e do cabo das Agulhas. Tormenta furiosa na costa da terra de Natal.....	17
CAPITULO III. Chegada á Bahia de S. Agostinho na ilha de S. Lourenço; desembarque, e longa demora que ahi houve. Descrição da ilha, e dos costumes, e modo de vida dos habitantes	23
CAPITULO IV. Chegada ás ilhas do Comoro. Detença no porto; refresco muito commodo.....	35
CAPITULO V. Lamentavel naufragio do navio chamado o Corvo, em que ía o auctor, nos bancos das ilhas de Maldiva. Como a gente se salvou n'uma ilha a muito custo, e as misérias, a que se viram reduzidos.....	41
CAPITULO VI. Do que aconteceu á gente, que se salvou do navio chamado Corvo, e das adversidades, que padeceram.....	51
CAPITULO VII. Chegada de um magnata da parte d'el-rei á ilha de Paindué, o qual por fim leva consigo o auctor.....	61
CAPITULO VIII. Chegada do auctor á ilha de Malé, onde cumprimenta a el-rei. São justicados quatro Francezes, por haverem querido evadir-se. Chegada dos outros companheiros do auctor; e as razões, que impedirão el-rei de os enviar a Sumatra.....	68
CAPITULO IX. Grande enfermidade do auctor, de que lhe ficaram achaques por muito tempo. Fuga de quatro Flamengos, e indignação de el-rei contra os que ficaram.....	74
CAPITULO X. Descrição das ilhas de Maldiva, sua situação; e povos que as habitam.....	85
CAPITULO XI. Da religião dos habitantes das ilhas de Maldiva. E das cerimoniaes, que guardam.	111

CAPITULO XII. Continuação de suas cerimonias nos noivados, e casamentos, nos funeraes, e enterros.	134
CAPITULO XIII. Da forma de seus vestidos, modo de vida, e exercicios ordinarios, e outros costumes particulares, que observam em seu procedimento.	144
CAPITULO XIV. Forma do governo do Estado, magistrados, justiça e leis.....	170
CAPITULO XV. Distincção do povo, da nobreza, dos grandes officios, e dignidades, e sua cathegoria.	173
CAPITULO XVI. Do palacio d'el-rei, e sua descripção. Do seu modo de vida, e das rainhas, suas mulheres.....	183
CAPITULO XVII. Das rendas d'el-rei; da moeda; do trato e commercio das ilhas de Maldiva; e das fazendas, que se exportam, e importam.....	191
CAPITULO XVIII. Da curiosidade d'el-rei das ilhas de Maldiva; de sua genealogia; da mudança de estado destas ilhas; das mulheres d'el-rei; e de outras cousas, que aconteceram nesta terra.	198
CAPITULO XIX. Do tempo, em que as ilhas de Maldiva foram povoadas, e de muitas outras cousas memoraveis, que nellas, e em suas visinhanças aconteceram em quanto o auctor alli se deteve. De um navio de Tanor; da fortuna de um capitão Malabar junto d'el-rei das ilhas de Maldiva; de seu fim desastroso; e das aventuras do sobrinho, e cunhado d'el-rei.....	219
CAPITULO XX. Dos successos e varios casos de navios aportados ás ilhas de Maldiva; da chegada de dous Hollandezes a estas ilhas; de um Judeu viajante; de um capitão do Mogol, e do que lhe aconteceu; e de alguns navios, que se perderam.....	230
CAPITULO XXI. De um navio portuguez tomado, e perdido; de um embaixador do rei christão das ilhas de Maldiva; de um navio do Achem; do natural dos Malaio; da confissão dos Maldivas; de uma estranha ilha descoberta; e de outros acontecimentos.....	243
CAPITULO XXII. De diversos castigos dados por adulterios, lascivia, e outros peccados; da propensão das mulheres indianas para o amor; do grande Pandiare; e da estranha resolução de um mulato.	252

CAPITULO XXIII. Da expedição d'el-rei de Bengala ás ilhas de Maldiva; da tomada da ilha de Malé, e da morte d'el-rei. Da viagem do auctor a Bengala, com a descripção das ilhas de Malicut, e Divandurú	259
CAPITULO XXIV. Do Reino de Bengala, e observações sobre elle	273
CAPITULO XXV. Viagem a Calecut por Motangué, Badará, e Marcáre: e do famoso capitão Cunhale	282
CAPITULO XXVI. Chegada do auctor a Calecut. Descripção deste reino, do rei, dos povos, de seus costumes, de sua religião, e usos	305
CAPITULO XXVII. Continuação da descripção de Calecut; distincção do povo, dos Bramanes, Naires, Mucuás, e outros; e das singularidades da terra.	313
CAPITULO XXVIII. Dos reinos de Chalé, Tanor, e Cochim; da prisão do auctor, e outros successos.	358
CAPITULO XXIX. Viagem de Cochim a Goa. Descripção do reino de Cananor; e de um desastre, que aconteceu ao auctor	374



ERRATA.

Pag. lin.

14	32	dos— <i>lea-se</i> —das.
54	17	abaixo, direi— <i>lea-se</i> —abaixo direi.
—	20	campanheiros— <i>lea-se</i> —companheiros.
256	14	á essa— <i>lea-se</i> —a essa.
—	30	cabellos o— <i>lea-se</i> —cabellos, o.
260	24	galeotas, vinha— <i>lea-se</i> —galeotas vinha.
261	11	nós— <i>lea-se</i> —nos.
—	14	comsigo o— <i>lea-se</i> —comsigo, o.
263	33	somente porque— <i>lea-se</i> —somente, porque.
264	8	Mucoás— <i>lea-se</i> —Mucuás.
265	33	aconcelhava— <i>lea-se</i> —aconselhava.
270	7	raninha— <i>lea-se</i> —rainha.
—	11	Rhadia— <i>lea-se</i> —Rajá.
—	16	amim— <i>lea-se</i> —a mim.
—	27	Rhadia— <i>lea-se</i> —Rajá.
271	15	finlamente— <i>lea-se</i> —finalmente.
272	24	poderam— <i>lea-se</i> —poderão.
—	35	batigas— <i>lea-se</i> —batigas.
273	4	sentissimos— <i>lea-se</i> —sentissemos.
—	15	entrepresa, em— <i>lea-se</i> —entrepresa era.
274	16	á ella— <i>lea-se</i> —a ella.
—	30	são, obrigados— <i>lea-se</i> —são obrigados.
275	22	dinheiros— <i>lea-se</i> —dinheiros.
276	7	delles— <i>lea-se</i> —delle.
—	8	provc— <i>lea-se</i> —provê.
277	28	exede— <i>lea-se</i> —excede.
278	16	embaxador— <i>lea-se</i> —embaixador.
—	37	Potugal— <i>lea-se</i> —Portugal.
—	—	<i>Palhinhas</i> — <i>lea-se</i> — <i>Palhinha</i> .
—	39	mereceu— <i>lea-se</i> —merecem.
279	13	é — <i>lea-se</i> e.
—	28	rara— <i>lea-se</i> —raro.
280	4	ponno— <i>lea-se</i> —panno.

Pag. lin.

280	21	temor, de— <i>lea-se</i> —temor de.
281	4	situação— <i>lea-se</i> —situação.
282	3	Cumhale— <i>lea-se</i> —Cunhale.
—	19	lavar— <i>lea-se</i> —levar.
—	22	salvo— <i>lea-se</i> —salvos.
285	33	todos— <i>lea-se</i> —todo.
289	23	<i>Montingué</i> — <i>lea-se</i> — <i>Moutingué</i> .
294	30	<i>Panão</i> — <i>lea-se</i> — <i>Fanão</i> .
296	25	<i>Mucá</i> — <i>lea-se</i> — <i>Muçá</i> .
297	24	ponte— <i>lea-se</i> —pontes.
298	30	informados— <i>lea-se</i> —informados.
299	19	mantimentos mas— <i>lea-se</i> —mantimentos, <i>mas</i> .



CATALOGO DE LIVROS,

QUE SE VENDEM NA LOJA DA IMPRENSA NACIONAL
EM NOVA-GOA.

DE LISBOA A GOA PELO MEDITERRANEO, EGYPTO, E MAR VERMELHO EM SETEMBRO E OUTUBRO DE 1855. Carta Circular, que a seus amigos de Europa dirige J. H. da Cunha Rivara.—1856—8.º—1 xerafim.

GRAMMATICA DA LINGUA CONCANI, COMPOSTA PELO PADRE THOMAS ESTEVÃO, E ACCRESCENTADA POR OUTROS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS : segunda impressão, correcta e annotada por diligencia de J. H. da Cunha Rivara : a que precede como Introducção a MEMORIA SOBRE A DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA DAS PRINCIPAES LINGUAS DA INDIA por Sir Erskine Perry, vertida do inglez em portuguez : e o ENSAIO HISTORICO DA LINGUA CONCANI, composto pelo editor. Deste ENSAIO faz parte a BIBLIOTHECA CONCANI, ou noticia de todos os Livros impressos ou manuscriptos na Lingua Concani.—1857—4.º—4:4:00.

ENSAIO HISTORICO DA LINGUA CONCANI, por J. H. da Cunha Rivara. Deste ENSAIO faz parte a BIBLIOTHECA CONCANI, ou noticia de todos os Livros impressos ou manuscriptos na Lingua Concani : e he acompanhado de grande numero de Documentos historicos. Precede-lhe como Introducção 1.º a MEMORIA SOBRE A DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA DAS PRINCIPAES LINGUAS DA INDIA por Sir Erskine Perry ; 2.º as OBSERVAÇÕES SOBRE A ESTRUCTURA GRAMMATICAL DAS LINGUAS VERNACULAS DA INDIA pelo Rev. Doutor Stevenson, vertidas do inglez em portuguez pelo auctor do mesmo ENSAIO.—1858—4.º—4:4:00.

GRAMMATICA DA LINGUA CONCANI NO DIALECTO DO NORTE, composta no seculo XVII por um Missionario Portuguez ; e agora pela primeira vez dada á estampa por diligencia de J. H. da Cunha Rivara.—1858—4.º—2 xerafins.

REFLEXÕES SOBRE O PADROADO PORTUGUEZ NO ORIENTE, APPLICADAS Á PROCLAMAÇÃO PASTORAL DO REV. FR. ANGELICO, PRO-VIGARIO APOSTOLICO EM BOMBAY, AOS SOLDADOS CATHOLICOS ROMANOS DA MESMA PRESIDENCIA : por um Portuguez.—1858—4.º—1 xerafim.

ADDITAMENTO ÀS REFLEXÕES SOBRE O PADROADO PORTUGUEZ NO ORIENTE, pelo mesmo Auctor.—1858—4.º—0:2:30.

N. B.

Os dous Opusculos antecedentes saíram vertidos em Inglez com o titulo seguinte

= Reflections on the Portuguese Patronage of the Orient,

applied to the Pastoral Address of the Revd. Fre Angelicus, Pro-Vicar Apostolic in Bombay, to the Roman Catholic Soldiers of that same Presidency, by a Portuguese. Translated from the original Portuguese.— Madras. Lusitanian Press.— A. Appasawmy Morodelly printer—1858.— e

== Appendix to the Reflections on the Portuguese Patronage of the Orient, by the same Author. Translated from the original Portuguese.— Madras. Printed at the Lusitanian Press.—1859==

Quem comprar dous exemplares da impressão portugueza receberá de graça um exemplar da versão ingleza.

ARCHIVO PORTUGUEZ-ORIENTAL, colligido por J. H. da Cunha Rivara.

FASCICULO 1.º que contém o LIVRO 1.º DAS CARTAS, QUE OS REIS DE PORTUGAL ESCREVERAM À CIDADE DE GOA.—1857—4.º—1 2:30.

FASCICULO 2.º que contém o LIVRO DOS PRIVILEGIOS DA CIDAD^E DE GOA.—1857—4.º—2:2:30.

CARTAS DE LUIZ ANTONIO VERNET, E ANTONIO PERRIRA DE FIGUEIREDO AOS PADRES DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO DE GOA, colligidas e publicadas por J. H. da Cunha Rivara.—1858—4.º—0:1:30.

VIAGEM DE FRANCISCO PYRARD, DE LAVAL, CONTENDO A NOTICIA DE SUA NAVEGAÇÃO ÀS INDIAS ORIENTAES, ILHAS DE MALDIVA, MALUCCO, E AO BRAZIL, E OS DIFERENTES CASOS, QUE LHE ACONTECERAM NA MESMA VIAGEM NOS DEZ ANOS QUE ANDOU NESTES PAIZES (1601 a 1611); com a descripção exacta dos costumes, leis, usos, policia, e governo do trato e commercio, que nelles ha: dos animaes, arvores, fructas, e outras singularidades, que alli se encontram. Vertida do francez em portuguez sobre a edição de 1679: correcta, e accrescentada com algumas notas, por J. H. da Cunha Rivara. 2 Tomos em 8.º — 5 xerafins, prata, cada Tomo.—Sahio o 1.º Tomo.

O 2.º vai entrar no prolo.

GRAMMATICA DA LINGUA CONCAKI, escripta em Portuguez por um Missionario Italiano, e publicada por J. H. da Cunha Rivara.—1859.—4.º—2:2:00.

MEMORIAS SOBRE AS POSSESSÕES PORTUGUEZAS NA ASIA, escriptas no anno de 1823 por Gonçalo de Magalhães Teixeira Pinto, Desembargador da Relação de Goa, e agora publicadas com algumas breves Notas e Adittamentos de J. H. da Cunha Rivara.—1859—16.º—2 xerafins.

BOLETINS E ANNAES do Conselho Ultramarino. N.º 1. até 50. 1854 a 1858.—Por cada numero (prata) —20:45.

N. B. He impressão da Imprensa Nacional de Lisboa.

ACTOS PRECETADOS pelo Arcebispo D. Fr. Manoel de St.^a Catharina, acompanhados do modo pratico de ouvir a Missa, preparação para a confissão, e communhão sacramental — 16.^o—0:1:00.

ESQUEJO HISTORICO das Comunidades das Aldeas das Ilhas, Salcete, e Bardez, por Felipe Nery Xavier, 1 vol. fol.—4:4:00.

ESQUEJO HISTORICO DE GOA pelo Rev. Cottineau de Kloguen, vertido do Inglez em Portuguez, e accrescentado com algumas Notas e Rectificações, por Miguel Vicente de Abreu. 4.^o—3:3:00.

COLLECÇÃO da Legislação peculiar das Novas-Conquistas, por Felipe Nery Xavier, 3 vol, 4.^o—11:0:00.

COMPENDIO das Lições Theoricas do 1.^o 2.^o e 4.^o anno da Cadeira de Desenho da Escola Mathematica e Militar de Goa, extrahido de varios Autores, por Candido José Mourão Garcez Palha. 4.^o. Por cada Compendio—2:0:00.

DITO, do 3.^o e 5.^o anno, pelo mesmo, 4.^o—3:0:00.

COLLECÇÃO das Ordens do Exercito, desde 1837 até 1842, 4.^o—2:0:00.

CARTA CONSTITUCIONAL de 1826, acompanhada de alguns Decretos regulamentares, e dous indices, por Felipe Nery Xavier. 4.^o—2:0:00.

CODIGO PENAL Portuguez. 4.^o—3:0:00.

CARTA DE LEI de 30 de Abril de 1850, que regula os direitos e emolumentos parochiaes. 8.^o—0:0:15.

CODIGO dos usos e costumes dos habitantes das Novas-Conquistas em portuguez e marata. 4.^o—1:0:00.

COLLECÇÃO e explicação das principaes figuras da mythologia dos Bramanes da Azia, principalmente dos de Goa por....., fol.—0:0:30.

CODIGO dos usos e costumes dos habitantes não christãos de Damão. 4.^o—0:1:30.

DITO, dito, de Dio. 4.^o—0:1:30.

COLLECÇÃO DAS LEIS PECULIARES das Comunidades Agricolas das Aldeas dos Concelhos das Ilhas, Salcete, e Bardez, por Felipe Nery Xavier. 1.^a parte, 4.^o—12:0:00.

DEFENSA DOS DIREITOS das Gão-carias por Felipe Nery Xavier—4.^o—2:2:00.

GABINETE LITTERARIO das Fontainhas. 4.^o. quatro vols. Por cada um—4:4:00.

INSTRUÇÕES do Marquez de Alorna, rectificadas, e enriquecidas com novas peças do mesmo Autor, e 330 notas historicas, por Felipe Nery Xavier. 4.^o—2:2:00.

MANIFESTO do Governo provisional. fol—0:1:00.

MANUAL de Juizes de Paz. 4.^o—1:0:00.

MAXIMAS E REFLEXÕES POLITICAS de Gonçalo de Magalhães Teixeira Pinto, nova edição adicionada por J. J. G., 4.^o—3:3:00.

PRAXE DO BAPTISMO, ou instrucções praticas e brevissimas sobre a administração do Sacramento do Baptismo, pelo Padre Salvador Lobo, 8.^o

OFFICIUM defunctorum. 8.^o—1:2:00.

PRAXE DO PORO MILITAR, por José Alemão de Mendonça Cisneiros e Faria. 4.^o—0:0:30.

TAUTA dos preços das mercadorias despachadas nas Alfandegas deste Estado. 4.º—0:2:30.

REPERTORIO MILITAR do que ha estabelecido e em vigor concernente á organização, uniforme, armamento, economia, disciplina, saúde, justiça criminal, privilegios, recompensas, e mais disposições até o anno de 1850, acompanhado da integra de muitas disposições, e varios formularios, por Pedro Paulo Pinto. 2 vol, 4.º—6:0:00.

REPERTORIO DAS ORDENS do dia dadas ao Exercito do Estado da India, desde Janeiro de 1839 até Dezembro de 1845, por Francisco Gonçalves Ferreira. 1 vol, 4.º—1:0:00.

REPERTORIO, ou Indice Alfabetico do Codigo de usos e cost. dos habda's N. C. , em portuguez e marata, por F. N. Xavier. 4.º—0:0:30.

REGULAMENTO para as Escolas do ensino primario e secundario, 4.º—0:4:00

DITO para as Confrarias deste Estado, com uma noção historica do seu estabelecimento, e fundos, por F. N. Xavier. 4.º—1:3:00.

DITO para a Repartição Fiscal da Contabilidade do Exercito. 4.º—0:1:30.

DITO externo para o Lyceo Nacional de Nova-Goa. 4.º—0:0:30.

SYNOPSIS EM ORDEM alfabetica e chronologica dos objectos mais salientes, que comportam os Boletins, publicados nos annos de 1837 até 1850, por F. N. Xavier. fol. Cada folha—0:0:15.

NOTAS de 1851, e 1852 pelo mesmo.—Cada uma 0;1;15.

SUMMARY da viagem a Jerusalem. 8.º—0:4:00.

TREZENA DO GLORIOSO Santo Antonio. 8.º—1:0:00.

UMA VIAGEM DE DUAS MIL LEGOAS por C. L. Monteiro de Barbuda, extrahida da Revista Universal Lisbonense, enriquecida com varias peças, por F. N. Xavier. 4.º. 1 vol—6:0:00.

ESTAM NO PRELO.

BREVES NOÇÕES sobre o Processo civil, por A. E. X. Soares, 4.º
LIÇÕES PRATICAS do idioma francez, pelo Padre F. X. dos Santos Vaz. 4.º

RESUMO HISTORICO da vida do glorioso S. Francisco Xavier, Apostolo e Defensor da India, por F. N. Xavier. 8.º

COLLECÇÃO de Leis, Decretos, e Portarias regulamentares desde 1836 até o presente, por F. N. Xavier. 4.º

FOLHINHA Civil e Ecclesiastica para o anno de 1860, por P. C. Pinto. 12.º

SYNOPSIS classifica e chronologica das peças dos Boletins do Governo de 1853, por Felipe Nery Xavier, Junior, fol.

DEMONSTRATIO JURIS PATRONATUS PORTUGALIE REDEM, olim a Cl. Viro D. Ludovico de Sousa, Archiepiscopo Bracharensi ex mandato Serenissimi Principis Portugalie Regnorum Regentis, Summo Pontifici Innocentio XI oblata. Opus, quod cum hucusque inedita permanisset, nunc in lucem prodit curante J. H. da Cunha Rivara.

NOVA-GOA:—NA IMPRENSA NACIONAL.

1859.

2315-2 Z.3



VIAGEM

DE

FRANCISCO PYRARD,

ÁS INDÍAS ORIENTAES.

(1601 a 1611)

VERTIDA DO FRANCEZ EM PORTUGUEZ

POR

JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIVARA .

TOMO II.

1862.

NOVA-GOA.

NA IMPRENSA NACIONAL.

W. A. H. H.

1888

1888

1888

(1888)

(1888)

1888

1888

1888

1888

1888

VIAGEM

DE

FRANCISCO PYRARD,

DE LAVAL,

CONTENDO A NOTICIA DE SUA NAVEGAÇÃO ÁS INDIAS ORIENTAES, ILHAS
DE MALDIVA, MALUCO, E AO BRAZIL, E OS DIFFERENTES
CASOS, QUE LHE ACONTECERAM NA MESMA VIAGEM NOS
DEZ ANNOS QUE ANDOU NESTES PAIZES :

(1601 a 1611)

com a descripção exacta dos costumes , leis, usos,
policia, e governo; do trato e commercio, que
nelles ha; dos animaes, arvores, fructas, e
outras singularidades , que alli se encontram:

VERTIDA DO FRANCEZ EM PORTUGUEZ

SOBRE A EDIÇÃO DE 1679,

Correcta, e accrescentada com algumas notas,

POR

JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIVARA .

TOMO II.

1862.

NOVA-GOA.

NA IMPRENSA NACIONAL.

O TRADUCTOR

AO LEITOR PORTUGUEZ

Mais tarde do que nós quizeramos sae a lume este 2.^o Tomo da *Viagem de Francisco Pyrard*; mas em parte as difficuldades typographicas de uma officina acanhada, e em parte o trabalho da traducção, e sobretudo o das *Notas*, que pareceo opportuno accrescentar, foram as causas involuntarias deste retardamento.

Cremos porem que os leitores a todo tempo receberão com satisfação a pintura da sociedade portugueza na India naquella epocha, em que os ecchos da conquista nos faziam ainda capacitar de que cabia em nossas forças vedar as portas dos mares orientaes ás nações da Europa; folgarão de conhecer os usos e costumes da vida soldadesca dos Portuguezes; o regimento e policia de sua navegação, as carreiras do seu commercio, e outras muitas noticias, que um homem apparentemente rude soube colligir e relatar com admiravel perspicacia e tino, e que debalde se procurarão em historiadores de mais alta nomeada.

Até os nossos consanguineos Brazileiros depararão aqui com um retalho de apreciaveis memorias do que era a Terra de Santa Cruz naquellas eras primitivas da sua colonisação.

Basta pois que alguém descubra nas paginas destes dous volumes, que assim damos renovados, e ataviados á portugueza, alguma cousa que em outros livros não haja achado, para nós nos haver-mos por bem pagos dos trabalhos e vigalias que nisso pozemos.

Nova Goa, 10 de Julho de 1862.

J. H. da Cunha Rivara.

VIAGEM

DE

FRANCISCO PYRARD.

SEGUNDA PARTE.

Preambulo.

Entendo que não é fora de proposito dividir a minha *Viagem* em duas partes; por quanto é mui conforme á razão que depois de largos annos de trabalho, perigos, e miserias, haja algum logar aonde o leitor attento (que por certo haverá recebido sua parte de fadiga, assim pela longura, como pela diversidade dos successos) possa commodamente repousar, e tomar follego. E em nenhum outro ponto podia ser melhor dividido o discurso desta *Viagem*, do que neste. Porque com quanto reste ainda por fazer a maior parte da viagem, que não somente comprehende o regresso á patria com seus variados accidentes e encontros, mas ainda a detença em Goa, e a viagem á Sonda, e a Maluco; todavia o que resta he a bem dizer um brinquedo e passa-tempo, comparado com as adversidades, e desaventuras passadas na primeira Parte. De sorte que depois de haver perdido toda esperanza de tornar a ver a minha patria, a chegada a Goa me resuscitou de algum modo aquella esperanza, e foi o começo de uma

melhor fortuna. Além de que dalli por diante vivi sempre entre christãos, e não estive, como de antes estava, na sujeição dos infieis sem o exercicio de-nossa santa religião..



CAPITULO I.

Chegada a GOa. Descripção de seu hospital, e prisões.

Sendo pois chegado a Goa, cidade principal do Estado dos Portuguezes na India, onde reside o Vice-Rei e o Arcebispo, situada em altura de 16 grãos da banda do polo arctico; o capitão-mór da armada, parente do Arcebispo (que então era Vice-Rei, porque o outro havia morrido em Malaca (a)) mandou ordem ao capitão da galé, em que eu estava, para me tirar os ferros dos pés, e me enviar á sua presença : mas aquelle capitão lhe respondeu que eu estava tão enfermo que me não podia mecher, e que o mais conveniente era levarem-me ao hospital real. O meu companheiro tambem estava enfermo por causa de uma ulcera procedida de uma ferida, em que a gangrena havia entrado á falta de curativo; de sorte que esteve em termos de morrer.

Fomos pois levados ambos áquelle hospital por caíres, que são lá como entre nós os mariolas, porque não se usam lá carretas. Pozeram-nos á porta do hospital em uns poiaes, á sombra, e abi estivemos bem uma hora, porque os officiaes do hospital estavam jantando. Não podiamos facilmente crer que alli era um hospital, porque pela apparencia mais inculcava um grande palacio; e com tudo por cima da porta estava um letreiro, que dizia=Hospital real=

(a) O Vice-Rei Martin Affonso de Castro havia morrido na empreza de Malaca em 3 de Junho de 1607. Durante a sua ausencia ficára governando o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes com o titulo de *Governador*; e com o mesmo titulo, e não com o de *Vice-Rei*, succedeo ao defuncto, abertas as chamadas *vias de successão*.

Esta distincção não era todavia desconhecida de Pyrard, como se verá no capitulo XXI adiante.

com as armas de Castella e Portugal, e uma esphera. (a) Finalmente fizeram-nos entrar em uma grande portaria, onde ha muitas cadeiras e assentos para os doentes que chegam; e alli esperam que o medico, cirurgião, ou boticario os visite, para se saber se verdadeiramente estam enfermos, e de que enfermidade, para os levarem aos logares, que lhes são destinados. Alli pois fomos visitados com outros que lá estavam, e depois nos levaram para cima por uma longa escadaria de pedra; porque todos os doentes ficam em cima; e só os poem em baixo quando são muitos, o que acontece quando chegam as náos de Portugal.

Assim que nos foi destinado logar, o Padre Jesuita, director da casa, mandou que nos agasalhassem promptamente, o que foi feito, e nos trouxeram dous leitos; porque logo que um doente sáe do hospital, levanta-se o seu leito, a que lá chamam *esquife*, com todo o seu apparelho. De sorte que não ha alli mais camas feitas do que doentes. As nossas foram promptamente aparelhadas.

Os leitos são torneados, lacreados de lacre ou verniz vermelho, alguns pintados a cores, e outros dourados; o assento he formado de liga de algodão; os travesseiros são cheios de algodão, os colchões e cobertas de panno de seda, ou tambem de algodão, pintado de toda a sorte de figuras e cores. Chamam aos colchões *Guldrins*. Os lençoes são de panno de algodão mui fino e branco.

Veio depois um barbeiro que nos rapou todo o cabello; e apóz elle um servidor com agoa quente nos lavou todo o corpo, e nos deu calções, camisa lavada, barrete, e chinél-

(a) Duvidamos de que as *Armas*, a que o auctor se refere, fossem de *Castella e Portugal*, porque nunca se confundiram as duas Coroas de Castella e Portugal, ainda quando recaiam na cabeça do mesmo monarcha. E o proprio auctor nota esta circumstancia em outros logares. Nem nos monumentos, que nos restam desse tempo em Goa, ou em Portugal, se acham promiscuamente unidas as *Armas* dos dous Reinos.

las. Junto de nós poz uma bilha de barro com agua para beber, e um vaso de cama, uma toalha, e um lenço de assoar, que se mudam de tres em tres dias. Não nos deram logo de comer, porque é mister esperar a hora ordinaria.

E' de notar que os superiores deste hospital são Portuguezes, e os servidores Canarins de Goa, ou Bramanes christãos, que dão de comer, e servem os doentes com grande esmero, estando sempre junto delles, sem ousar desobedecer-lhes no que he razão. Estes servidores recebem seu salário, e os officiaes Portuguezes andam visitando de vez em quando a todos os enfermos, a ver se lhes falta alguma cousa, ou se se obra contra a sua saude a qualquer respeito.

E' pois este hospital o melhor que na minha opinião ha no mundo, ou seja pela belleza do edificio e suas pertencas, porque tudo está mui bem disposto e accommodado; ou seja pela boa ordem e policia que nelle se guarda, limpeza que ali ha, grande cuidado que se tem dos doentes, assistencia e consolação de tudo quanto se pode desejar, assim no que toca a medicos, drogas, e remedios para restaurar a saude, e alimentos que se offerecem, como no que diz respeito á consolação espirital, que a toda a hora se pode haver.

O edificio é mui amplo, jaz á borda do rio, e é sustentado pelos Reis de Portugal com vinte e cinco mil pardãos (que valem cada um vinte e cinco soldos da nossa moeda [franceza], e lá trinta e dous e meio), não fallando nos donativos e presentes que lhe fazem as pessoas qualificadas; o que é segundo o estado da terra um grande rendimento para este effeito, visto que os viveres alli são mui baratos, e mui bom o tratamento que nelle se dá; por quanto os Jesuitas, que o administram, mandam buscar até Cambaya e outras partes o trigo e bastecimento que é necessario.

E' como digo governado e administrado pelos Jesuitas, que ali tem um Padre para este governo; os outros officiaes são Portuguezes, excepto os servidores e escravos, que são

Indios christãos. Este Padre Jesuita é superior a todos os officiaes, que são de todas as sortes como n'um grande mosteiro, competindo a cada um seu cargo especial; e até o porteiro entra na conta de official. Estes officiaes ralham muito com os doentes, e os reprehendem quando vêm que fazem o que não devem; mas os servidores não ousariam dizer-lhes cousa alguma. Os escravos fazem todo o serviço baixo, e pesado; e cada dia vão por todas as camaras dos doentes fazer o despejô, varrer, e limpar tudo. Há casinhas secretas com grandes vasos de louça para as necessidades dos doentes; e os escravos vasam tudo isso, limpam, lavam, e enxugam a roupa, e fazem outros semelhantes serviços no interior do hospital.

Há médicos, cirurgiões, e boticarios, barbeiros, e sangradores, que se occupam só no hospital, e são obrigados a visitar duas vezes cada dia os enfermos. O boticario é um dos officiaes, e móra no hospital; não assim o medico, nem o cirurgião. A's vezes é tão grande o numero dos enfermos, que, quando eu lá estive, chegou a haver até mil e quinhentos, tudo soldados Portuguezes; porque alli não se acceitam os indianos, que tem um hospital apartado, que só para elles serve. Há ainda outro hospital para mulheres, onde só estas são admittidas.

Toda a agua que se bebe alli vem de *Banguenim*. Duas vezes no dia os servidores trazem grandes vasos della, de que enchem as bilhas dos doentes, e estes bebem quanta querem. Cada doente tem junto de si a sua mesa, para pôr as cousas do seu uso.

Os medicos, boticarios, e cirurgiões visitam duas vezes por dia os doentes; ás oito horas da manhã, e ás quatro da tarde; e quando entram tange-se uma sineta para advertir a todos; o que igualmente se faz ás horas da refeição. Os mestres cirurgiões, e sangradores são assistidos de muitos ajudantes para applicar os unguentos e medicamentos. Na hora da visita vêm serventes com grandes brazeiros, onde

lançam muita copia de incenso, e outros cheiros aromaticos.

Ha noviços Jesuitas que vão pela cidade pedir e apanhar roupa velha de linho para provimento de fios do hospital, porque a roupa-nova não é apta para isto. E com os cirurgiões na visita vão servidores com grandes cestos cheios de fios, e paunos aparelhados para uso dos doentes. Os Padres Jesuitas tem tomado este hospital a seu cargo, o que elles desempenham mui dignamente; e se estivera a cargo de outros, mal poderiam imital-os, ainda que tivesse dobrado rendimento do que agora tem. Neste hospital ha camaras destinadas para cada enfermidade; e toda a gente que alli vai he infallivelmente revistada para se saber se leva aos doentes alguma cousa, de beber ou de comer, dan-nosa á sua saude. Tambem se não entra alli com armas; mas é mister deixal-as á porta.

Quem vai ao hospital a visitar seus amigos só lá entra desde ás oito horas da manhã até ás onze; e de tarde desde ás tres até ás seis. Podê comer com elles; e quando os servidores vêm que um amigo vem visitar algum dõente, trazem mais alguma cousa alem do que ordinariamente se dá ao doente. Dão tanto pão quanto se pede. Os pães são pequenos; e ás vezes trazem ao doente tres ou quatro, não podendo elle de ordinario comer mais de um; o que seria desperdicio se os pães fossem maiores; porque um pão encetado não volta segunda vez. O pão é mui delicado, e fabricado pelos padeiros da cidade por arrematação. Vinho he cousa de que se não fátla no hospital. Nunca se apresenta menos de meia galinha, assada ou cosida, ou ainda uma galinha inteira; e se o doente tem necessidade de mais, mais se lhe dá. Não ha alli capões. Os doentes são assistidos e tratados com todo o esmero e delicadeza que dizer-se pode. Mudam-lhe toda a roupa branca de tres em tres dias; e é ella de algodão mui fino.

Pela manhã ás 7 horas serve-se aos doentes passas com pão alvo de trigo, e arroz, que vem de Cambaya e Surrato

(a); hebem agua, e não ousarão beber vinho. A's dez horas vem o jantar, conforme ao que o medico tem ordenado, e ordinariamente he galinha cozida ou assada, com doce por sobremesa. As' cinco horas trazem a ceia. Dão-se aos doentes excellentes caldos feitos de diversas sortes de carnes cozidas com *Benilés*, que é um fructo refrigerante, do tamanho dos nossos pepinos. Estas carnes, ou sejam de carneiro, galinha, ou frangão, são bem temperadas com arroz. Comem carne todos os dias, salvo os que desejam comer ovos, e peixe nos dias de abstinencia; porque dá-se-lhes o que elles pedem, e que não seja prohibido pelo medico. Quando este vai fazer a visita, he acompanhado de grande numero de escreventes. Primeiramente o boticario toma o nome daquelles a quem deve dar alguma cousa do seu officio, e depois o que a cada um hade dar. Outro tanto fazem o cirurgião, barbeiro, e escrivão da cosinha, o qual vai todos os dias ver os doentes, escreve os seus nomes, e o que elles desejam comer; e tudo fielmente lhes he trazido; e não ha um só que á hora costumada não tenha a sua ração.

Toda a louça de mesa é de porcelana da China. Depois de jantar os officiaes Portuguezes perguntam em voz alta nas camaras se todos tiveram a sua ração, e o mesmo fazem depois de ceia. Todos os doentes são agasalhados á parte, cada um segundo o seu mal, e até os utensilios são separados segundo a sua especie em quartos apartados; e desta maneira todas as camas dos doentes estam em um deposito geral enroladas; n'outro lugar todos os travesseiros, n'outro todos os colchões, cobertas, lençõs, camizas, e outras roupas do uso do hospital. Ha grande provimento de calções, sem o que nunca se deitam a dormir os Portuguezes da India; e esses calções descem até aos pés, porque todas as suas camizas são mui curtas,

(a) De Cambaya e Surrate vinha o trigo; o arroz vinha do Canará e Malabar.

e não passam do meio da coxa. Ha também logares apartados para as chinellas, vasos, e bacias de diversos usos. As camisas, calções, chapeos, sapatos, ceroulas, capas, e roupões, que dão aos que saem curados, tudo também está em separado. De cada uma destas cousas ha tão grande copia que seria impossivel tê-las arrumadas, se não estivessem assim apartadas. O mesmo é para os viveres e provimentos; e cada deposito tem um guarda com sua chave, que tudo lança em escripto, e dá contas ao escrivão principal, que faz assentos de tudo, incluindo mesmo os doentes, seu nome, e o dia que entram e saem. Ha um thesoureiro para o dinheiro; e de tudo se dá contas ao Padre Jesuita, que as não dá a ninguem.

O escrivão faz assento de todo o ouro e prata, roupa, fato, e outras cousas dos doentes, e esse assento se faz em presença do Padre e dos outros officiaes; e de tudo se faz um fardo com seu bilhete, e se põe em quartos á parte. Manda-se lavar toda a roupa suja que trazem os doentes. Os que tem posses dão alguma cousa aos servidores, se he da sua vontade; e de tudo se lhes dá lembrança quando saem. De nada do que pertence aos doentes se usa no hospital; e se o doente morre, tudo é levado á Misericordia. Se fez testamento, são os officiaes desta os seus executores; e se não ha testamento, guardam o espolio até haver novas dos herdeiros, dispondo a Misericordia de uma parte da roupa e fato em esmollas a outros pobres. Duas vezes por dia se faz a limpeza dos doentes, assim como de todo o hospital. Ha dous Jesuitas que não fazem mais do que ir alli confessar e consolar os enfermos, e administrar-lhes os sacramentos; e dão-lhes contas de resa. Todos os dias se diz missa no hospital; em somma nada falta alli do que he necessario. Os doentes estam deitados cada um n'uma grande cama á parte, separadas umas das outras o espaço de dous pés. A cama compõe-se de varios colchões de al-

godão e de tafetá, uns sobre os outros, em leitos baixos, pintados de todas as cores.

As doenças da terra mais communs são febres ardentes, e dysenterias; alem das molestias venereas, que tambem são mui ordinarias, mas somente onde ha Portuguezes, e não em outra parte da India. Se os doentes morrem, e deixaram alguma cousa na mão do Padre Jesuita, isso, e o seu fato é entregue aos officiaes da Misericordia, que é obrigada a fazer-lhes um enterro honesto, ainda que o defunto não haja, ou não tenha deixado meios para o fazer.

Se o doente recobra saude, como a mim me aconteeo (graças a Deos), o Padre Jesuita dá uma andaina completa de vestuario a cada um dos que saem do hospital, se disso tem necessidade, e um *pardão*, que vale trinta e dous soldos e meio. E ainda mesmo gente mui rica prefere entrar no hospital, por ahi ser melhor tratada, que em sua casa, como de feito é.

Todos os annos saem deste hospital mais de mil e quinhentos corpos mortos, e entra infinito numero de doentes. E quando vem as náos de Portugal chega a haver nelle mais de tres mil; e o menor numero que ha é o de trezentos ou quatrocentos. Só os Portuguezes e christãos velhos podem alli ser admittidos e tratados. Verdade é que os Judeus passam por Portuguezes, posto que sejam christãos novos. Toda a gente que lá está com os Portuguezes, e que vai destas partes, e lá chamam *Homem branco*, velhos christãos, são acceitos no hospital. Não assim as mulheres, que nenhuma lá entra, nem sã, nem doente. Os domesticos, sejam homens, mulheres, ou crianças, não são acceitos; nem ainda os servidores Portuguezes. Ha para' elles outros asylos, se são pobres. No hospital real só se admittim os *soldados*, que quer dizer homem não casado. Porém ainda que não sejam casados, se forem pessoas de familia, ou servidores, não são acceitos. Entram nelle muitas vezes pessoas nobres, porque isto não é havido

pôr de shónra; e estes hospitaes só foram estabelecidos nas cidades da India para os soldados aventureiros. A's vezes são os doentes visitados pelo Arcebispo, Vice-Rei, e fidalgos, que dão grandes sommas de dinheiro. E ninguem ha que não sinta grande contentamento em ver um lugar tão bello, onde todas as camaras são limpas e brancas como papel; e as galerias bem pintadas com passos da historia da sagrada escriptura.

Ha alli duas Igrejas o mais bem paramentadas e enriquecidas que se pode ver. A maior festa, que nellas se faz, é a de S. Martinho, dia da dedicação da sua Igreja, porque foi nesse mesmo dia que o baluarte onde fabricaram esta Igreja foi tomado aos idolatras pelos Portuguezes. Nesse dia faz-se em Goa uma Procissão geral. (a)

(a) O auctor não estava bem informado da origem desta Igreja de S. Martinho.

Se abrimos as *Decadas* de Diogo do Couto, leremos na *Decada* VI, Livro IV, cap. VI, onde trata do grande triumpho, com que o Governador D. João de Castro foi recebido na cidade de Goa depois da victoria de Dio, o seguinte.

No principio do capitulo:

« =Esteve o Governador em Pangim tres dias, porque chegou aos
 « 11 de Abril (1547) uma quarta feira, e ao Domingo seguinte,
 « que foram 15 do mez, fez sua entrada. Tinha a cidade mandado
 « fazer no Bazar de Santa Catharina um formoso câes, pera nelle
 « desembarcar o Governador, por querer entrar por aquella par-
 « te; e porque a porta do muro ali era pequena, rasgou-se-lhe
 « toda de alto abaixo; e cobriram-se as paredes de uma parte, e
 « de outra de peças de brocados, e de veludos de cores etc. =

E no fim do capitulo:

« =Naquelle parte do muro, que se rompeo pera o Governador
 « entrar, mandou elle logo fazer um Altar ao Bemaventurado S.
 « Martinho, em cujo dia houve aquella grande victoria (de Dio),
 « com um formoso retabolo de oleo, e ordenou com a cidade » que
 « todos os dias daquelle Bemaventurado Santo se fizesse uma so-
 « lemne Procissão, e se dissesse Missa, e houvesse prgação em
 « memoria da victoria que Deos Nosso Senhor lhe deo naquelle
 « dia; » o que se guardou até hoje, e deve de guardar sempre,
 « por ser cousa memoravel, e de louvor de Nosso Senhor, de cu-
 « ja mão nos vem todos os bens =

Jacinto Freire de Andrade na *Vida de D. João de Castro*, para-

Todos os Portuguezes e Mestiços que tem alguma doença, ainda que seja secreta, se desejam curar-se e tratar-se no decurso do dia naquelle hospital, quando os cirurgiões alli estão, são livres de o fazer, sem paga ou despesa alguma. Os doentes logo que estão curados são despedidos; com tudo se algum deseja estar por mais algum tempo, basta que diga que ainda se não sente de todo restabelecido. As febres continuas são alli curadas prompta-

phraseando no Livro 3.º §§ 39 a 41 aquelle capitulo de Diogo do Couto, nada diz neste particular, talvez julgando-o successo menos digno de seu estilo grandiloquo.

O nicho mandado erigir por D. João de Castro foi depois convertido em Capella, a qual ficava tão contigua e mistica ao Hospital Real que o nosso auctor a toma por parte integrante d'elle; e sua amplitude era sufficiente para lhe merecer o nome de Igreja.

O Padre Francisco de Sousa escrevendo o *Oriente Conquistado* nos ultimos annos do seculo 17.º na Parte 1.ª Conquista I, Divisão I, §. 37, refere as festas que em Goa se fizeram pelas novas victorias de D. João de Castro nas terras de Salcete contra o Idalxá; e entre outras cousas diz:

«—Em gratificação de tantos beneficios se ordenou uma solemnis-
 «sima Procissão..... Sahio esta pompa da nossa Igreja
 «de S. Paulo, e foi parar no lugar por onde se rompeo o muro,
 «quando entrou o Governador triumphante, porque tornando-se a
 «fechar esta rotura, ficou da parte de dentro na grossura do mes-
 «mo muro uma Capellinha do Glorioso S. Martinho junto do
 «Hospital Real etc. =»

Esta passagem do Padre Sousa visivelmente se refere ao nicho primitivo na muralha, e não á Capella mais ampla, ou Igreja, que posteriormente se fabricou, e de que nos falla Pyrard. E com quanto esta ainda devesse existir no tempo do Padre Sousa, e, segundo plausivelmente se pode conjecturar, só desaparecesse com o Hospital no seculo passado, não faça todavia duvida a pouca attenção, que o Padre Sousa lhe presta, porque o fio da sua narrativa o leva a outros pontos, e neste apenas toca levemente e por incidente.

Na actual Capella de Santa Catharina, edificada junto daquelle mesmo lugar, se conserva uma lapida, que pertence sem duvida ao primitivo nicho de S. Martinho. Tem a lapida em relevo a figura do Santo a cavallo, dividindo a capa com um pobre, e por baixo este letreiro:

=« Por esta porta entrou D. João de Castro, defensor da India,
 «quando triumphou de Cambaya, e todo este muro lhe foi derru-

mente por meio da sangria, de que fazem uso continuado, em quanto sentem uma ponta de febre. Os indios gentios não usam da sangria. Quanto á siphilis não é havida por nota de infamia, nem parece mal tê-la muitas vezes, antes fazem disso gala. Curam-na sem suores, com pão de *eschine* (*raiz da china*). Esta enfermidade só a ha entre

« bado. Era de 1547. A. =»

A Procissão continuou até ao anno de 1830, saindo da Sé acompanhada do Senado, Religiosos, Parochos, e Irmandades, mas cessou por se haver notado nas contas do Senado que as despesas della não tinham a formalidade da Regia approvação, (Veja-se no *Jornal da Santa Igreja Lusitana do Oriente*, n.º 1.º de 1847, a noticia da visitação de S. Ex.ª o Senhor Arcebispo Primaz nas Igrejas das Ilhas de Goa, escripta pelo Rd.º Caetano João Peres.)

A outra Igreja, de que falla Pyrard, devia ser a Capella propria do hospital.

Em Dio houve o mesmo pensamento de celebrar a victoria de Dom João de Castro com uma Igreja dedicada a S. Martinho, como largamente refere Antonio Gil, morador daquella fortaleza, escrevendo a D. Alvaro de Castro a carta seguinte:

=Senhor. Eu, porque ho senhor governador, e vossa merce tem feitas tantas merces, como ao mundo he notorio, quis amostrar per obras os desejos que tenho de servir o senhor governador e vossa merce. Eu tirey aquy hũa esmola, aquy nesta fortaleza, pera fazer hũa igreja de Sam Martinho; e postoque ha esmola nam fosse tanta que habomdase pera a casa, eu há minha custa ha acabey, porque me parece muita mais rezam, que pois os casados desta terra fizeram Samtiago em memoria da gerra, que haquy teue Antonio da Silveira; de muito mayor calidade foy a que ho senhor governador fez, e vossa merce, e dina que nesta terra, honde o seahor deos fez tanta merce, fique memoria pera sempre: pola quoa rezam eu fiz esta casa, que hora ficou feita, e he hũa das fresquas casas, que se fizeram nesta terra, e sobelaporta lhe mandey pôr hũa campam, e no meyo dela posta as armas do senhor governador, cercado com hum letereyro que diz « *Esta casa se fez em louuor de noso senhor e do bemaventurado Sammartinho, porque em seu dia desbaratou o governador dom Joam de Crastro todo o poder dellrey de Cambaya, que tinha cercado esta fortaleza, e no mesmo dia per força darmas lhe tomou a sua nobre cidade e ilha de Dio. 1546* » E sobre esta pedra mandey pôr hũa cruz muito fermosa de páo, com dous padroes, cada hũ em sua banda, em riba de cada hũ mandey pôr hum pelouro de bazalisquo dos mouros, o grande, que peza cento e oito arrates cada hum, pera que saibam os que vierem a esta terra, que ha gente com que o

os christãos, e a receiam menos que a febre ou dysenteria. Reina alli outra doença que vem subitamente, e lhe chamam *Mordechi*; a qual vem acompanhada de grande dor de cabeça, e vomitos; os doentes gritam muito, e a maior parte das vezes morrem. E' tambem aquella gente mui sujeita aos envenenamentos e feitiços, de que vem a morrer extenuados. A' chegada das náos de Portugal, o maior numero de enfermidades é de escorbuto, e ulceras nos pés e nas pernas. Quando algum doente tem tomado laxante,

senhor gouernador pelejou, que heram omäs, que pelejauam com esta artelharia, e de hum dos pelouros do quoartao mandey fazer hũa pia dagoa bemta, e ho mamdey pôr dentro na irnida em hum piar muito louçam, onde está: e porque nesta irnida eu cayo em escumunham, se aleanmtar altar, beijarei as mãos de uosa merce mandar hum recado ao padre, que ficou em lugar do bispo em Guoa, pera que dê licença pera se ay dizer misa, porque doutra maneira nam se fará senam com se niso gastar dinheiro, que será melhor pera algüs hornamentos da casa, quoaando omã puder aver. E postoque vosa merce nesta terra tenha muitos seruidores, eu nam deixarey nunca de fazer lembrança a uosa merce de como sou seu, peraque se desta terra mandar algũ serviço, de me fazer tam asynalada merce de se querer pera yso alembrar de mym. O senhor deos acrecemte os dias de uyda ao senhor gouernador e a uosa merce per longos annos. De Dio oje des dias do mez de Janeyro de 1548 annos « Amtonio Gil »

(*No sobrescrito*) Ao senhor o senhor dom Alvaro de Castro capitam mor do mar da India, meu senhor « damtonio gil » =

Esta carta forma o Documento n.º 41 dos que o Bispo Conde D. Fr. Francisco de S. Luiz additou á *Vida de D. João de Castro* na edição da Academia Real das sciencias, Lisboa, 1835. O letreiro pozemo-lo aqui, não exactamente como se acha no documento referido, mas como (salvas as abreviaturas) o lemos no anno de 1859 na propria lapida, que ainda agora se conserva sobre a porta de outra capellinha mais moderna, e já profanada, que serve de corpo de guarda da porta da fortaleza de Dio. Os pelouros, e a pia de agua benta, de que falla a carta, não existem na nova Capella.

Por ultimo observaremos, em quanto ao texto do auctor, que a cidade de Goa não foi tomada pelos Portuguezes aos *idolatrás*, mas aos *mouros*, ou musulmanos, que eram os senhores da terra. Os *idolatrás*, ou gentios, parte ajudaram á empresa, e os outros só mudaram de dominante. Provavelmente o auctor applicava o nome de *idolatrás* a todos os infieis do oriente.

ou está fraco, ha servidores que lhe assistem para o levantar e mover. Estes servidores são indios christãos mui limpos e aceiados, mui compassivos e carinhosos; porque se algum fosse aspero para com os doentes, seria logo expulso da casa. O systema de medicina que alli se usa é o mesmo que em Hespanha. E' grande honra ser medico deste hospital, e ordinariamente o é o do Vice-Rei, que vem de Portugal. O Padre Jesuita que tem a superintendencia da casa está nella em quanto apraz á Companhia, e o julgam capaz; serve por dous ou tres annos pouco mais ou menos. São os mesmos Jesuitas que enviam alli e mudam frequentemente os Padres espirituaes; mas o Padre Superior do Hospital tem ao mesmo tempo a administração temporal e espiritual, e governa sobre todos.

Quanto ao edificio é elle grande e amplo, com muitas galerias, porticos, e jardins de boas ruas, onde os convalescentes vão tomar ar; porque os mudam de logar logo que entram em convalescença, e ficam todos em separado dos doentes. Em todo o hospital ha de noute luzes de lanternas e velas, mas usam mais de lanternas, porque as velas são de cera. As lanternas são feitas de cascas de ostras de que alli se servem em vez de vidraças nas igrejas e casas de Goa. No meio deste hospital ha um bello e grande pateo calçado, e nelle um grande poço onde ás vezes os doentes vão tomar banho.

Os Portuguezes ou Mestiços de boas familias quando estão doentes, e padecem necessidades, são tratados em suas casas pela Misericordia. Ha outros hospitaes para os pobres da cidade, onde só são recebidos os indios christãos. Na cidade ha mais dous hospitaes, um para mulheres, e outro para homens; mas ambos fazem um só, sendo somente separados em quanto aos sexos.

Os Portuguezes ou Mestiços pobres nunca vão mendigar, mas enviam memoriaes ás pessoas ricas; e as mulheres vão em palanquim ao palacio do Vice-Rei, do Arcebispo

ou dos fidalgos principaes, e fazem apresentar os seus requerimentos e memoriaes.

Em somma, seria impossivel dizer todas as outras particularidades do interior, e a boa ordem e policia que se guarda neste admiravel hospital. Até se alguém tem por costume purgar-se ou sangrar-se todos os annos, ainda que não esteja doente, vai alli, e será recebido durante o tempo de sua purgação. Mas tornando ao meu companheiro e a mim, depois que fomos levados e recolhidos no hospital, ao seguinte dia o capitão-mór da armada mandou tambem para alli ao outro nosso companheiro, posto que toda a sua doença não passava de fadiga, não julgando conveniente metel-o na prisão só. Fomos entregues todos tres ao Padre Jesuita, com prohibição de nos deixar sair sem dar primeiramente conta ao capitão-mór. O Padre não ousou declarar-nos que nós estávamos presos sob sua guarda, receioso de nos magoar, e nos consolava em tudo quanto podia, dando-nos o mesmo tratamento que aos mais principaes Portuguezes; se bem que não pareceria bem tratar a uns melhor que a outros, porque a regra é serem todos tratados por igual e sem preferencia, assim no que toca aos alimentos, como aos medicamentos, e outras cousas, sendo alli cada um servido no lugar que lhe cabe sem differença de grandes a pequenos. Como nos vimos tão bem tratados, julgavamos estar já em liberdade; de sorte que passados vinte dias, começando eu a sentir-me melhor, adverti ao Padre, dizendo que como eu, graças a Deos, ia melhor, desejava sair com um dos meus companheiros. Mas o Padre nos perguntou que pressa tínhamos, e disse que esperassemos que o outro nosso companheiro fosse curado; o que na verdade botava lonje, porque esteve mais de tres mezes antes que se restabelecesse. Nós porem não entendiamos a causa porque o Padre nos fallava assim, e era que queria dar anticipadamente conta a quem nos havia posto em suas mãos; e ainda porque sabia bem que

saindo dalli nós não seríamos tão bem tratados; por isso ia sempre dilatando a nossa saída apesar de nossas instancias, filhas do desejo que tínhamos de ver aquella bella cidade, de que ouvimos contar tantas grandesas. Tendo elle pois dado conta ao capitão-mór, no fim de cinco ou seis dias chegaram dous *Meirinhos* com seus *Peoës*, e o Padre Jesuita veio a nós, e nos disse: Meus irmãos, levantai-vos; e pois que tendes tão grande desejo de sair desta casa, podeis fazel-o; acompanhai-me. E nós mui alegres o seguimos, e elle deu a cada um dos dous (porque o outro ficava ainda mui enfermo) ceroulas, gibões, capas, sapatos, chapéo, duas camisas, dous calções novos (elles não usam meias, porque as ceroulas chegam até aos pés) com uma moeda de *pardão*, que vale lá trinta soldos e meio, que fazem vinte e cinco soldos de França. Deu-nos tambem de almoçar, posto que o não queríamos pela pressa que tínhamos de sair. Por fim tendo-nos lançado a sua benção, despedimó-nos d'elle, agradecendo-lhe todo o bem que nos havia feito. Parecia-me que o Padre tinha dó de nós, porque nos consolava quanto podia.

Quando porém descemos a escada principal topámos com os dous *Meirinhos* que tinham o mandado na mão, armados de halabardas e partazanas, os quaes tomaram logo posse de nós, e nos levaram consigo tratando-nos mui asperamente. O modo de levar os presos é ir diante o *Meirinho* com a sua *vara*, e detraz os *Peoës*, que seguram as duas pontas da corda com que o preso vai amarrado. Pensai agora o nosso espanto quando apoz uma tão curta alegria nos vimos entre as mãos dos diabos destes cafres mais negros que carvão. Eis como sahi deste hospital, aonde ainda de outra vez estive doente por espaço de quinze dias, e aonde entrei outras muitas a visitar o meu companheiro, e outros meus amigos. E por isso quiz referir particularmente o que alli vi e conheci, sendo eu persuadido que não ha outro tal em todo o resto do mundo. Em todas as mais cidades dos Portuguezes ha semelhan-

tes hospitaes á proporção, e se isso não fora, padeceriam infinito aquelles pobres Portuguezes, visto o grande numero delles naquellas partes, seus poucos meios, e as grandes doenças e enfermidades a que estão sujeitos.

Fomos pois assim levados á prisão, a que chamam *Sala*, e não sem causa, porque é o logar o mais sujo e sordido que ha no mundo, segundo o meu parecer (a). Ha quatro prisões geraes em Goa afóra outras particulares. A 1.^a é a da Santa Inquisição; a 2.^a a do Arcebispo, proxima á sua residencia; a 3.^a o *Tronquo*, que é junto ao palacio do Vice-Rei, a maior e principal de todas; tem vasto alojamento para toda a sorte de presos. Ha nella todos os mezes uma audiencia geral, a que a maior parte das vezes assiste o Vice-Rei. He como entre nós a *Conciergerie*. A 4.^a é aquella aonde fomos levados, e serve como de auxiliar da antecedente (b). Estas prisões de Goa não são tão crueis como as de Cochim. A Inquisição e a justiça ecclesiastica são cousas separadas. Esta pertence ao Arcebispo, que tem poder sobre todo o Clero. Os Jesuitas andam com elle em letigio ha longo tempo na Corte de Roma, porque não querem sobre si outro superior mais que o Papa e o seu Geral. Os juizes e officiaes da Inquisição são juizes privativos. Todavia o Arcebispo não deixa de ter muito po-

(a) Não foi possível traduzir este periodo de modo que conservasse a força do original. O auctor escreve—*Nous fusmes donc ainsi menez en la Prison; qu' ils appellent la SALLE, et non sans cause, car c' est le lieu le plus ord et salle qui soit au monde, comme je croy*—E' sabido que a palavra franceza *Sale*, que significa sujo, immundo, tem o mesmo som que *Sale*, ou *Salle*, que significa *Sala*.

(b) Cada uma destas prisões tinha seu nome especial:

As da Inquisição chamavam-se *Carceres*.

As do Bispo ou Arcebispo *Aljube*.

A prisão civil chamava-se antigamente *Tronco* ou *Tronquo*.

A prisão da ribeira, onde o auctor foi levado, chamava-se vulgarmente *Sala dos bragas*, isto he, sala ou grande prisão dos condemnados ás galés, ou a trabalhos publicos, que trazem no pé a argolla de ferro, chamada *braga* ou *calesta*.

der na Inquisição, mas não toma conhecimento dos negocio que a ella tocam; porque os inquisidores tem o seu cargo d'El-Rei; mas se fizerem o que não devem, é o Arcebispo que lhes toma conta do seu procedimento.

A prisão aonde nos levaram é na cidade, proximo do rio, e chama-se a prisão do Vedor da Fazenda, o qual tem a sua casa de morada fóra da cidade tambem junto ao rio. O Meirinho da prisão, ou carcereiro nos assentou no seu papel á ordem do *Ouvidor do crime*. O carcereiro e sua mulher eram Mestiços. O carcereiro tendo-nos perguntado quem nós eramos, e sabido que eramos Francezes e catholicos, disse-nos que não estivessemos tristes, e que nos não deixaria na Sala com os outros. Esta Sala é onde todos os escravos das galés, e outra gente vil estam juntos, ás vezes duzentos e trezentos, com grande infecção. Não levam para alli os criminosos, salvo se é para depois os levar ao Tronquo (a). Está no alvedrio do Meirinho da prisão, ou carcereiro metter toda a gente indifferentemente nesta Sala; e as pessoas de qualidade dão dinheiro para ficarem em outros logares apartados, que são dous, um para os gentios e mouros, e outro para os christãos. O carcereiro não faz este favor senão por dinheiro, salvo aos estrangeiros como nós, que fomos por elle tratados com muita cortezia e liberdade, a não ser que tinhamos de dormir de envolta com a chusma de escravos, e condemnados ás galés, que trasiam ferros aos pés. Havia na Sala lanternas accesas, e de uma banda estava o aposento do meirinho ou carcereiro, e da outra banda junto da porta da saida estava o filho d'elle com seus servidores e escravos de vigia, porque a prisão não é forte. Havia dous sinos nestes dous extremos para por elles se saber se algum dormia, porque quando o pai tancia o sino, o filho lhe respondia com outras tan-

(a) Parece que o auctor quer dizer que não levam para alli os criminosos em processo; porque os sentenciados a galés ou trabalhos pertenciam a esta Sala.

tas badaladas. De todos estes forçados se fazem duas esquadras para se revearem na vigilancia nocturna, e se guardarem a si proprios; e toda a noute não fazem outra cousa mais que bradar e responder a dous e dous. O primeiro brada o mais alto que pode, *vigia, vigia*, e os que estão nessa hora de sentinella, que são até dez, lhe respondem um apoz outro; e se tardassem um pouco, os escravos da prisão virião logo bater-lhe. De sorte que fazem toda a noute a maior algazarra do mundo, o que junto com o grande calor impede tomar o minimo repouso. A's nove horas da noute cantam por espaço de uma hora em voz alta em Portuguez toda a sua resa e orações. A mulher e as filhas do carcereiro nos tratavam com muitos mimos, e nos davam de comer e de beber sem que elle o soubesse.

Os presos são ajudados das esmolas de algumas pessoas de qualidade; e os officiaes ou Irmãos da Misericordia vão visitar uma vez cada mez a todos os presos; e os pobres que estão no seu rol, assim como as viúvas e orfãos, são sustentados á custa desta Confraria. Aos christãos velhos dão esmola grossa; e aos novos christãos, ou indios pequena. O Pai dos christãos, que é um Padre Jesuita, tambem vem a visitar os presos; e dar-lhe esmola, mas não é todos os dias. O regimento d'El-Rei de Portugal é sustentar todos os prisioneiros de guerra, e estrangeiros; mas os officiaes divertem o dinheiro destinado a isto. Dá-se seis pardãos por mez a cada preso, como os soldados tem de soldo, o que monta a quasi nove libras e quinze soldos da nossa moeda (franceza); e chega para mais do que aqui dez escudos. Fizemos a nossa petição para nos darem o que El-Rei mandava dar; e foi dirigida por mão do Meirinho da Sala, que a apresentou ao Vedor da Fazenda, e este a despachou; mas tudo isto consome excessivo tempo, pelo grande numero de officiaes por cujas mãos deve passar; de sorte que não pudemos haver o nosso dinheiro senão seis dias antes de sairmos da prisão; e com medo que nol-o furtassem demos-lo a guardar á mulher do car-

tereiro, fazendo com ella concerto de uma tanga por dia para nos dar de comer a mim e a meu companheiro. Uma tanga vale lá oito soldos, e aqui cinco. Tratava-nos ella muito bem; mas quiz a nossa desgraça que sendo postos em liberdade passados cinco ou seis dias, como nós lhe pedimos o resto de nosso dinheiro, respondeo-nos que se o queriamos, o fossemos comer e beber lá dentro; mas o Vedor da Fazenda, sobre uma simples queixa que lhe fizemos, nos mandou restituir tudo, e sem embargo disso perdemos ainda uma boa parte que lá ficou.

Acertou porém de se achar alli um capitão castelhano, unico que lá vi, que teve dó de nós, e do mal que se nos fazia, de sorte que nos disse que nos compensaria da nossa perda, e em sua casa nos daria o dinheiro, que faltava na conta. Declarou que era Hespanhol, e não Portuguez, e se chamava *Don Pedro Rodriguez*. Regressou a Portugal um anno depois. Passado porem um mez depois do que acima digo, um cafre, escravo de um sugeito com que aquelle capitão havia tido uma disputa, deu-lhe por detraz uma grande pancada de bambú na cabeça; mas elle sem se perturbar, nem perder tempo, puxou do seu panhal, matou o cafre, e logo se recolheu a uma igreja; pelo que foi perdoado no fim de duas horas. Mas por isto, e ainda mais porque os Hespanhóes não são alli mui bem acceitos, vio-se obrigado a voltar para Hespanha.

O modo como saímos da prisão foi este. Depois de alli estarmos quasi um mez, veio á prisão aquelle Pai dos christãos, Jesuita, chamado *Gaspar Alemão* (a). A Companhia de Jesus tem encarregado este Padre de sollicitar o livramento e liberdade dos presos christãos; e para esse fim vem visitar muitas vezes os presos, para saber se ha ali alguns christãos, ou que se queiram fazer christãos, e sollicitar logo do Vice-Rei, da justiça, ou das partes o que

(a) O auctor diz *Gaspard Alemand*. Não sabemos se haverá exactidão no nome.

cumpre a seu livramento. Tendo pois este Padre vindo à prisão, e pelas perguntas que me fez reconhecido que eu era christão e francez, disse-me que tivesse paciencia, e que brevemente seria posto em liberdade, e advertindo-me que havia alli um Padre Jesuita, tambem francez, da cidade de Rouen, chamado *Estevão da Cruz*, que estava no Collegio de São Paulo de Goa, ao qual Padre escrevi, e elle veio procurar-me no seguinte dia. Alegrou-se de me ver, consolou-me, favoreceo-me com algum dinheiro, e me disse que se empenharia com o seu Superior para que fallasse ao Vice-Rei a favor da minha liberdade, como se eu fosse seu proprio irmão.

Este Padre apresentou a sua supplica ao Vice-Rei, que de nenhuma sorte queria vir em dar um despacho favoravel, e a principio rompeo em grandes ameaças dizendo que eu incorrera em pena de morte por haver ido áquellas partes contra os decretos do seu Rei, e contra os capitulos da paz feita entre os Reis de França e Hespanha; que não podia pôr-me em liberdade, mas que me enviaria preso a El-Rei de Hespanha para mandar de mim o que fosse servido. Porem o bom Padre Jesuita usou de tanta importunidade por espaço de um mez, que a final fui posto em liberdade; e no entretanto não cessava de vir a visitar-me todos os dias, e me assistia com tudo o que eu havia mister.

Depois que saímos da prisão iamos comer e beber com os soldados, ora aqui ora alli, a caza dos fidalgos, de sorte que nos não custava nada o sustento, porque estavam no rol dos soldados. Estive pois em Goa com os Portuguezes por espaço de deus annos, recebendo paga de soldado, e indo a varias partes em suas expedições, tanto ao longo da costa do norte até Dio e Cambaya, onde estive e me demorei, como até ao cabo Comorim, e ainda até á ilha de Ceilão.

Mas antes de passar á descripção de Goa, dirci ainda alguma cousa de suas prisões. Todas ellas são subalternas

do Tronco, que é a maior. Por isso quando estávamos na que disse, foram alli levados prisioneiros Arabes, todos homens bravos, bem dispostos, e de boa presença, que haviam ficado escravos de El-Rei de Portugal. E o caso foi assim. Vindo de Lisboa para Goa um galeão topou com o navio, em que elles ião a Sumatra com muitas riquezas em ouro e outras mercadorias; o capitão do galeão investio o navio e tomou-o; e passando estes Arabes ao galeão lançou no navio alguns Portuguezes para em sua conserva o levarem a Goa. Mas os Arabes do navio levantaram-se contra os Portuguezes, e os levaram prisioneiros com o navio, de sorte que escreveram a Goa para serem resgatados por troca com os Arabes que lá estavam também captivos, como se fez. Isto mostra que quando se faz uma preza é mister entregal-a a homens de valor e discrição para a levarem a bom recado.

CAPÍTULO II.

Descripção da Ilha de Goa, e de seus habitantes, e dominadores.

Goa é uma ilha que dependia antigamente do reino do *Dealcão* ou *Decan* (a); tem de circuito quasi oito legoas, e ha nella sete fortalezas que guardam os passos. E' cercada de um rio que vem do dito reino do Dealcão, e vai cair no mar a duas legoas da cidade, passando pelo pé della. Na embocadura deste rio ha duas fortalezas, uma de cada banda, para impedir a entrada aos navios inimigos. Uma legoa acima da entrada do rio ha a fortaleza e passo de *Pangim*, na mesma ilha, e na fortaleza está um capitão e governador posto pelo Vice-Rei, que manda alli absolutamente; e é mister que todos os navios e embarcações

(a) *Dealcão*, parece-nos corrupção de *Idalcão*, confundindo-se o rei da terra com a mesma terra.

quaesquer que sejam, venham alli á falla, e tomem passat, assim na entrada como na saida. O Capitão manda visitar a embarcação, e faz pagar um certo direito; e é impossivel passar, ou de dia ou de noute, sem seu conhecimento, porque a passagem é mui estreita e proxima da fortaleza, e ha nesta boa guarda.

Nesta ilha os Portuguezes tem fabricado uma mui bella cidade do mesmo nome da ilha, chamada Goa (a), que tem quasi legoa e meia de circuito, não contando os arrabaldes, e encerra quantidade de fortalezas, igrejas, e casas fabricadas a modo de Europa, de mui boa pedra, e cobertas de telhas. Ha quasi cento e dez annos que os Portuguezes se senhorearam desta ilha de Goa; e muitas vezes me espantei de como em tão poucos annos os Portuguezes tem podido levantar tantos e tão soberbos edificios de igrejas, mosteiros, palacios, fortalezas, e outros ao modo da Europa; e outrosim da boa ordem, regimento, e policia que tem estabelecido, e do poder que ali tem adquirido, pois tudo alli se guarda e observa como se fora na propria Lisboa. Esta cidade é a Metropole de todo o Estado dos Portuguezes nas Indias, e a que lhe dá tanto poder, riquezas, e celebridade. Tem nella o Vice-Rei a sua residencia, e é tratado com uma corte como se fora o mesmo Rei. Apoz elle vem o Arcebispo para o espirital; segue-se o tribunal da Relação, e Inquisição; e alem do Arcebispo ha ainda um Bispo particular (b), de sorte que desta cidade releva toda a religião e justiça das Indias, e todas as Ordens religiosas tem aqui os seus superiores. Todos os embarques, quer seja de cousas de guerra, quer de trato e commercio por conta do rei de Hespanha, é aqui que se fazem. O bis-

(a) O nome da ilha é *Tissuary*; mas commumente chama-se *Goa*, do nome da cidade; acontecendo o inverso do que diz o auctor; porque é a ilha que toma o nome da cidade, e não a cidade da ilha.

(b) Era o Bispo titular, coadjutor do Arcebispo,

pado de Goa (a) chega até Moçambique; o de Cochim para o norte vai até perto de Barcelor e Malaca (b); o de Malaca, e o de Macáo na China, que todos são suffraganeos do Arcebispo de Goa.

Quanto á multidão de povo é maravilha o grande numero que ahi vai e vem todos os dias por mar e terra a tratar toda a casta de negocios. Os reis da India que tem paz e amizade com os Portuguezes, quasi todos alli tem embaixadores ordinarios, e muitas vezes extraordinarios, que vão e vem para entreter a paz, e outro tanto fazem os Portuguezes da sua parte. E no que toca aos mercadores que continuadamente vão e vem das partes do oriente, parece que é todos os dias uma feira de toda a sorte de fazendas que são objecto da mercancia; porque mesmo daquelles reinos e terras, que não estão de paz com os Portuguezes, não deixam de vir a Goa as mercadorias e fazendas por meio de outros mercadores amigos que as lá vão comprar. E ainda por mui inimiga que alguma gente da India seja dos Portuguezes, se delles quizesse tomar passaporte e seguro, poderia vir livremente a suas terras; mas de ordinario não se querem abaixar, e preferem ir a outras partes.

Toda a ilha de Goa é muito montanhosa e arenosa; a terra é vermelha como *bolo armenio*, e fabrica-se della mui bella louça, e vasos mui delicados e bonitos como de terra *sigillada*. Acha-se ainda outro barro muito mais fino e delicado, atirando a cinzento, de que também se fazem vasos, e são tão finos como vidro. A ilha não é muito fertil, não porque o terreno seja máo, mas por respeito das montanhas; por quanto nas terras baixas e valles mais humidos se meam arroz e milho, que dá duas vezes no anno. A terra está alli sempre verdejante, como em todas as outras ilhas

(a) Aliás arcebispadô. Vê-se que o auctor usou da palavra bispado por diocese.

(b) Aqui faltam infallivelmente palavras no original. O auctor devia escrever = e para o sul até Malaca =.

e paizes que jazem entre os dous tropicos, onde as arvores e ervas estam sempre viçosas.

Ha grande numero de *palmares*, ou *hortas*, de coqueiros plantados mui bastos, mas só se dão nos logares humidos e baixos. Daqui vem o maior rendimento dos Portuguezes de Goa. Cercam-nos de muros, fabricam alli alguma caza, e bom jardim, para lhes servir de recreio e a sua familia. encanam a agua por entre as arvores, e onde isto não pode ser, tomam o grande trabalho de os fazer regar a braço. Arrendam estas hortas aos Canarins de Goa que as cultivam, e tiram dellas o seu sustento, sendo o seu maior lucro o vinho que fazem das palmeiras, que tem grande consumo. Os Portuguezes só conservam por sua conta algumas destas hortas para seu divertimento, e fazem nellas mui boas ruas, e caramachões, com fontes e grutas.

A ilha seria em si muito boa, mas sendo mui cheia de altas montanhas, de grande numero de povo, e mui pequena, acham-na esteril. Os habitantes mais querem trabalhar e tratar por mar e terra, do que occupar-se na criação de animaes, mesmo porque a ilha é mui cheia de cazas e habitações. De sorte que a ilha de Goa produz mui pouco de si propria, e todavia tudo alli é barato.

Esta ilha é formada por um bello e largo rio que a rodeia, e ainda vai formar outras ilhas povoadas de gente natural e de Portuguezes. E' este rio assaz profundo, mas os grandes navios, náos, e galeões de Portugal quando chegam, ficam na embocadura, a que chamam *barra*, e alli são forçados a deter-se, ainda quando ella não está fechada, o depois de descarregados são levados até defronte da cidade, que dista mais de duas legoas.

A' entrada desta barra onde os navios estam surtos, ou para sair, ou para entrar, ha, como já disse, duas fortalezas, que foram feitas contra os Hollandezes e outros estrangeiros, para os impedir de entrar e surgir neste rio, como os Hollandezes por vezes tem feito entrando, queimando, e

lançando a pique grande copia de navios que ali estavam; e até tiveram a barra cerrada por dez ou doze dias, de sorte que não podia entrar um só batel em Goa, e elles tomavam em terra agua e refrescos.

E' grande infelicidade para os navegantes chegarem um pouco tarde aos portos formados destes rios e barras, porque as acham fechadas, como esta de Goa, a de Cochim, e a maior parte das outras da India durante o inverno; de sorte que é mister ficar então á mercê de todas as injurias do tempo, e dos inimigos, que ordinariamente alli vem tomar os navios; porque depois que a barra he assim fechada e entupida de areia, não pode uella entrar nem sair um só batel, e é preciso esperar. Donde antes de sairem de qualquer porto é mister determinar-se no que hão de fazer, e o melhor é invernar nesse mesmo porto. Assim os Portuguezes tem fabricado estas duas fortalezas para guardar a sua barra, dar segurança a seus navios, e impedir que os inimigos se aproximem, e venham fazer aguada.

Entrando pois neste rio á mão esquerda fica a terra de Bardez, que pertence aos Portuguezes, e ha ali uma mui boa fonte de que os navios se provêm de agua; e é este sitio assaz baixo, e parece de longe como areia branca. Os Portuguezes lhe' chamam *Aguada*, e tem alli uma das ditas fortalezas, mui boa, e bem guarneçada de artilharia. A terra de Bardez é alta e montanhosa, fronteira á cidade de Goa, corre pela banda do norte, e dessa mesma banda está a fortaleza. A outra fortaleza fica n' um alto formado por um cabo da dita ilha, e n' uma ponta de rocha muito alta; é fronteira á primeira. Neste alto ha um bom convento de Capuchos, chamado de *Nossa Senhora do Cabo*, bem fabricado; e a elle vai o Arcebispo passar ás vezes cinco e seis dias para recreio. Estas fortalezas são mui necessarias para guardar a entrada do rio, e aquella fonte da Aguada, mas todavia não podem totalmente impedir que o inimigo surja na barra; o que se acontecer, embargará a entrada

aos navios portuguezes, e os incommodará muito, mas não tanto como antes de as ditas fortalezas serem fabricadas.

Ha neste rio grande copia de estacadas que deixam somente certas entradas aos navios nos logares onde é mais fundo; porque em todo elle ha quantidade de baixos desde a barra até á cidade, de sorte que com estas estacas é difficil entrar e sair, salvo passando encostado á fortaleza de *Pangim*, onde a agua é mais funda. Está esta fortaleza quasi a meio caminho da barra á cidade, de sorte que é mui importante, e o capitão que alli está manda logo visitar os navios para ver os despachos, e saber que mercadorias trazem; e aqui tem os navios de receber novo despacho, pagando certo direito. Todos os outros despachos de Goa nada valem sem este, o que rende muito ao capitão e ao escrivão. Ha nesta fortaleza bons aposentos que formam um palacio bello e commodo, onde os Vice-Reis quando chegam de Portugal vão sempre desembarcar, e esperar até fazerem a sua entrada solemne, e tomar posse; e o Vice-Rei que sãe vai alli morar até partir (a); porque nunca dous Vice-Reis residem juntamente na cidade; e logo que o antigo tem feito entrega do Estado ao novo, saé da cidade, e não torna a apparecer em acto publico, nem se visitam salvo por fortuito encontro, ainda que sejam bons amigos: tanta é a sua ambição! Este sitio de *Pangim* é um dos mais bellos e agradaveis de toda a ilha. Quanto ao rio é mui bom, e vem, como disse, de mui longe das terras do Dealção ou Decan, e abunda muito em peixe. Navega-se por elle em bateis por mais de trinta legoas pelo sertão, e forma quantidade de boas ilhas povoadas de gente natural, assim christãos como gentios.

Goa é defendida ao redor da ilha por sete fortalezas me-

(a) Passou esta fortaleza ou palacio a ser a residencia effectiva dos Vice-Reis e Governadores ha um seculo; mas apesar de estarem os aposentos muito melhorados, e accrescentados, não nos parece que mereçam ainda hoje o nome de palacio bello e commodo, que o auctor lhe dá.

diariamente boas, e verdadeiramente não é mister que sejam ~~mei~~ fortes por razão do rio que as guarda. Entre estas sete fortalezas são comprehendidas aquellas duas primeiras, e não se inclue a da cidade, onde está o Vice-Rei, que é á borda do rio, porque, contando esta, são oito fortalezas ao todo, sem a de Bardez que defende a fonte (a). Estas fortalezas cercam a ilha, e ha nellas parochias e igrejas. Apoz da do Vice-Rei segue-se a da *Madre de Deos* ou de *Daugim*, onde está a parochia de S. Joseph, e um convento de Capuchos do mesmo nome do forte, com mui bello jardim, onde os Vice-Reis vão muitas vezes folgar. As outras são; S. *Braz*; *Santiago*, que está a mais de legoa e meia da *Madre de Deos*, e entre uma e outra corre um muro, porque no verão é alli o rio muito baixo, e com o muro se impede a passagem da terra firme. Adiante desta está a fortaleza de *São João Baptista*, e depois a de *Nossa Senhora de Guadalupe*. Em todas se guarda a mesma regra e policia, e ha prisões para metter os suspeitos, dando-se todavia aviso ao capitão da cidade. Se algum escravo que intenta fugir é apanhado, mettem-no n'uma destas prisões, e abi fica até ser procurado por seu senhor, que é obrigado a pagar a guardá e despezas. Este estilo é usado em todas as outras terras de Portuguezes; e ha sempre em cada fortaleza um capitão, um escrivão, e soldados de guarda, com um sino para signaes.

Todos os que saem da ilha para a terra firme a tratar os seus negocios, ou para provimento de viveres, e outras cousas necessarias, se são Índios e Canarins de Goa, quer sejam homens, mulheres, ou crianças, é mister que vão a caza do Capitão da Cidade para receber o seu sello ou sig-

(a) Esta exclusão da fortaleza da Aguada do numero total das oito está em manifesta contradicção com a inclusão da mesma fortaleza nesse numero, que o auctor acaba de fazer; e tambem em contradicção com os factos, segundo se vai ver pela propria narrativa do auctor. Ha pois aqui lapso, ou seja da escripta original, ou seja da imprensa.

nal, o que se faz imprimindo-se-lhe na parte superior dos braços, que trazem nús, o sinete molhado em tinta, e na passagem os que estão á porta, depois de verem o signal, apagam-no, e deixam-nos passar; e em cada um destes dous logares se paga um *bazaruco*. Quando recolhem tomam o mesmo signal do capitão da fortaleza; e por este meio sabem o numero de pessoas que entram e saem, porque em todas as passagens ha escrivães que fazem disso assento. E deste meio se servem tambem para descobrir se os que saem são accusados de roubos ou mortes, ou são fugidos das prisões, ou tem commettido algum outro crime. A entrada a ninguem é vedada, isto é, sendo pessoa natural da terra firme; mas se for estrangeiro, será prezo. Aos Portuguezes não é de forma alguma permittido passar á terra firme, salvo tendo sua familia em Goa, de medo que não vão servir os Reis da India.

E' cousa admiravel ver a grande multidão que pelos caminhos vai e vem como em procissão. Só os christãos podem trazer armas. Todas as fortalezas são bem guarnecidas de artilharia. De noute não se deixam ficar bateis da outra banda do rio, mas são todos trazidos para junto das fortalezas. Nenhum infiel, ou seja habitante da terra portugueza ou outro, traz armas, salvo os que pertencem á comitiva dos embaixadores. Todas estas passagens são de grande rendimento, assim pelas mercadorias, como pela quantidade de gente que por ellas passa. Os bateis das passagens pagam tributo aos Portuguezes. Ha ainda outras passagens em outras ilhas habitadas de christãos e infieis; e por todas as ditas fortalezas e passagens ha grande quantidade de habitações, conventos, ermidas, e capellas.

Em toda esta ilha de Goa, como nas terras circumvisinhas, e mesmo por toda a India chove continuamente durante seis mezes, que é o inverno; mas mais abundantemente em Goa que em outras partes; e por isso todo este tempo está a cidade enlameada e immunda, e os vesti-

dos se sujam muito, mórmente os dos mouros e gentios, que são de algodão branco, e lhes descem até aos artelhos. Estam postos na necessidade de fazer alli a festa do Corpo de Deos em fevereiro ou março, porque na estação em que nós a celebramos chove muito. Dentro da ilha mui proximo da cidade ha uma mui bello deposito de aguas, a que chamam *Lagoa*, e tem mais de uma legoa de circuito, e é natural; e nas margens desta lagoa ha mui bellas cazas dos fidalgos principaes, que as fabricaram para seu recreio com muitos jardins, arvores fructíferas, e coqueiros. A terra é boa para os fructos, mas nos logares humidos somente.

No que respeita aos povos que habitam esta ilha de Goa, são elles de duas sortes; ou naturaes ou estrangeiros. Os naturaes são *Bramanes*, *Canarins*, e *Culumbins*, todos gentios (a). Os Bramanes por toda a parte são sempre os mestres e superiores entre os idolatras. Os Canarins são de duas sortes, os que se applicam ao commercio e a mestres honrados, são tidos em maior estimação que os outros que se dão á pesca, ou a serviços mecanicos, como os que remam, os que tiram o succo das palmeiras, a que chamam *sura*, ou se occupam em outras cousas baixas. Ha ainda outros mais inferiores a todos estes, occupando-se nos trabalhos mais vis, os quaes vivem mui pobremente, sem aceio, e como selvagens. Quanto aos estrangeiros ha os actuaes senhores da ilha, que são os Portuguezes, os quaes deixam morar nella aos antigos habitantes em toda segurança e franqueza, e segundo a lei não os podem fazer escravos como aos outros povos, porque alcançaram este

(a) A palavra *Canarim* está tomada hoje como termo offensivo, mas sem razão, porque nada mais significa do que *natural do Canará*; e o territorio de Goa era antes da conquista portugueza incluído no Canará. Donde vem que nos primeiros tempos chamávamos *Canarins* indistinctamente a gentios e a christãos, como ainda faz o auctor; posto que agora quasi exclusivamente se applica esse nome aos christãos naturaes.

privilegio d'El-Rei. Os outros estrangeiros são Indios que alli moram com permissão dos Portuguezes, e aquelles que não são christãos pagam tributo por suas pessoas. Christãos velhos alem dos Portuguezes ha mui poucos Castelhanos, mas muitos Venesianos, e outros Italianos, que ahi são mui bem acceitos; ha tambem Allemães e Flamengos, grande numero de Armenios, e alguns Ingleses, mas nada de Francezes, salvo aquelle Padre Jesuita, de que já fallei; e um Loreno, e outro Vallon, que ahi vi. Dos povos da India não christãos, que são ahi em grande numero, ha Baniões de Cambaya e Surrate, e Bramanes. Ouvi muitas vezes dizer aos Bramanes de Calecut que a ilha de Goa era delles, de sorte que por isso são grandes inimigos dos Portuguezes; e assim os que d'entre elles tem honra e brio não querem estar onde governam os Portuguezes, que os maltratam e desprezam muito; e por esta razão a maior parte foram morar em Calecut, onde estão em maior segurança e liberdade. Mouros ou Mahometanos ha-os alli de todos os logares da India, e até da Persia. Ha tambem muitos Chinezes e Japões.

Mas no que toca aos Portuguezes ha entre elles grande differença de honra; porque os mais estimados são os que vieram de Portugal, e lhes chamam Portuguezes de Portugal (a); depois vem os que nasceram na India de pai e mai portuguezes, e lhes chamam *Castiços*; os inferiores são os que procedem de pai Portuguez e mai India, ou pelo contrario, e lhes chamam *Mestiços*. Mas os que descendem de Portuguez e Cafre ou Negro de Africa, chamam-lhes *Mulatos*, e são havidos por iguaes aos mestiços. Estes mestiços tem maior estimação quando o pai ou mai é da casta dos Bramanes. No Brazil os que procedem de duas raças differentes são chamados *Mamelucos*.

De escravos ha em Goa um numero infinito, e de todas as nações da India, e fazem delles grande trafico. Man-

(a) Portuguezes *Reinões* é a phrase adoptada.

dam-nos a Portugal, e a todas as partes onde dominam. Roubam as creanças e escondem-nas, assim grandes como pequenas, cada vez que podem, ainda que sejam de nações amigas e com que estejam de paz, sem embargo de ser defenso fazer taes escravos; mas não deixam por isso de os apanhar ás escondidas e vendel-os.

CAPITULO III.

Da Cidade de Goa, suas praças, igrejas, palacios, e outros edificios.

Tendo fallado da ilha de Goa passemos agora á cidade, da qual primeiramente direi que não é mui fortificada, e quem fosse senhor da ilha o seria tambem da cidade, que não tem fortaleza de substancia, mas só é forte pelo numero de homens. Porque com quanto seja cercada de muros, todos são fracos, e á semelhança dos que cá usamos para tapar os jardins. Só é forte da banda do rio. Os antigos muros da cidade eram mais altos e fortes, e tinham boas portas, que já não existem, porque a cidade tendo crescido mais de duas terças partes, todo o antigo recinto é agora inutil. Os Portuguezes não se empenham em a guardar da banda da terra que diz para o interior da ilha, por razão das passagens bem guardadas em que elles se fiam.

A cidade é pois edificada á borda do rio que lhe demora ao norte; tem de extensão meia legoa, com muitas portas, cada uma guardada por um porteiro, que são homens cançados, a quem se dá este cargo em recompensa durante a sua vida. Entre a cidade e a borda do rio ha tres grandes praças ao longo d' agua, separadas entre si, e fechadas com bons muros, que se continuam com os da cidade, e entram muito pelo rio dentro, de sorte que se não pode

entrar nellas nem sair senão pelas portas (onde os porteiros apalpam toda a gente) ou por agua em bateis. A primeira destas praças, que se encontra quando se chega á cidade vindo do mar da banda do occidente, é a maior e mais rica, e lhe chamam a *Ribeira grande* (porque elles chamam a estas praças *Ribeiras* (a)), e della se entra na cidade por duas portas. E' mui bem ordenada, e tem alguns terraplenos, e tranqueiras com artilharia para defender o rio. Quem alli governa é o *Veador*, ou *Vedor da Fazenda*, que tem nella bellos e fortes aposentos, nos quaes ha uma porta do lado da cidade, e outra do lado do rio; e só elle tem este privilegio; e todas estas portas ficam fechadas de noute, não por temor do inimigo, mas dos ladrões da cidade.

Este Veador é o intendente de todos os negocios da fazenda, e de tudo quanto em Goa se faz assim no que toca á guerra e armadas, como a todos os outros negocios, porque é elle a segunda pessoa abaixo do Vice-Rei. De frente dos aposentos do Veador na mesma praça ha uma bella igreja da invocação das *Cinco Chagas*, bem e ricamente ornada,

(a) *Ribeira* significa propriamente a margem ou borda dos rios, e ás vezes a do mar. E como nestes sitios se deixam por commodidade geral certos largos e praças para mercados, por abreviatura se chama a essas praças e aos mercados que nellas ha, simplesmente *Ribeiras*, como por exemplo em Lisboa a *Ribeira velha*, a *Ribeira nova*. etc. Por semelhante motivo se applica ainda o nome de *Ribeira* a estabelecimentos e officinas, que por sua natureza devem estar á borda dos rios ou do mar; assim se diz a *Ribeira das náos*, o cães da *Ribeira* etc. etc. Em Goa havia, como mui bem notou o auctor, a *Ribeira grande*, ou *das náos*, e a *Ribeira das gallés*. Quando porem se nomeava simplesmente a *Ribeira*, entendia-se a *grande* ou *das náos*, a qual alem de conter o arsenal da marinha, comprehendia outras officinas do Estado; e neste sentido dizem os documentos que em taes e taes casos se perderião os navios para a *Ribeira* de Sua Magestade; que se pagaria tal multa ou pena de dinheiro para as despesas da *Ribeira*; que a moeda se lavrava na *Ribeira*; que na *Ribeira* se fundia a artilharia etc. estilo com que o auctor estava perfeitamente familiarisado.

e nella ha dous Padres somente. No adro desta igreja ha um espaço bem fechado com grades, onde todos os dias o dito Veador e mais officiaes d' El-Rei estam sentados ao redor de uma mesa para despacho de todos os negociõs que occorrem. Porque todos esses officiaes, e principalmente os que tem a cargo os negocios do apercebimento das armadas, moram alli; e todos os aposentos e edificios pertencem ao Rei, e os officiaes moram alli em quanto servem seus cargos.

E' nesta ribeira ou praça que se bate a moeda, que se funde a artelharia, e outras ferragens proprias para os navios das armadas, e dos mercadores. E' maravilhoso o numero de artifices que alli trabalham em toda a sorte de obras, sem guardar festas nem domingos, dizendo que é para serviço d' El-Rei, e cada uma destas officinas tem um mestre principal a que sobre o nome do officio accrescentam a designação de *mór*, o qual é Portuguez, e tem só por obrigação mandar aos officiaes da sua arte, como carpinteiros, ferreiros, patrões, calafates, bombardeiros, fundidores, e outros, que são Indios pela maior parte. Recêhem pagamento aos domingos pela manhã, e nesse dia trabalham só de tarde. E' a mais bella cousa do mundo ver o grande numero de navios que ahi ha, assim no porto, como varados em terra. E' tambem alli que se agasalham os elephantes, quando os ha em Goa, mas quando um alli estive não os havia. E é de notar que todos os officiaes *móres* tem seus logares deputados para recolher e arrecadar as obras e utensilios proprios de seu officio; e ha outros logares para os artifices e trabalhadores. Todos estes aposentos são de abobada de pedra, e bem fabricados por causa dos fogos.

O Veador da sua varanda vê de um cabo ao outro tudo o que se faz, assim nesta praça, como no rio, e cada noute ha pés de castello que fazem guarda, e as sentinellas bradam, e respondem umas ás outras, tudo isto pelo receio

que tem de que se lance fogo aos navios, que são muitos, assim de Portugal como da Índia. Estes homens que fazem guarda são indios ou christãos, e são chamados *Naiques*. São numerosos, e revezam-se todos os dias; e servem para cumprir os mandados do Veador, levar os seus recados, e outros serviços, como entre nós os *sergens* ou *bedeaux*. Todos os artifices são contados duas vezes ao dia, e ha um contador que lhes faz pagamento, e um apontador que os vigia e aponta, de maneira que se lhes desconta todo o tempo que não trabalham. Mas ha nisto muitos abusos, pois se o contador e o apontador querem, dão na conta quantos lhes apraz. O pagamento faz-se-lhes em publico, salvo sendo *somma grossa*, que se paga á parte.

He neste mesmo logar que está a prisão denominada a Sala, onde eu estive, e a ella envia o Veador toda a qualidade de pessoas que são da sua obediencia. Este Veador tem dous Meirinhos e um Escrivão. Todos estes officiaes se concertam mui bem para roubar a gente. Tem o Veador uma pequena galeota, das a que chamam *manchuas*, mui bem coberta, e que El-Rei lhe paga para ir e vir aos navios, ou a outra qualquer parte por mar, e ha nella somente oito ou nove homens para a navegar. O Vice-Rei tem tambem uma, e todos os officiaes; o Arcebispo mesmo, e muitos outros particulares as tem. São mui commodas, em forma de carroça, só com a differença de não serem tapadas dos lados.

Mas tornando ao Veador, não ha em Goa ninguem, abaixo do Vice-Rei, que possa fazer maior bolça e roubar tanto como elle. Porque tudo quanto sobeja nos navios que vem de Portugal, e de todas as demais partes, assim em mantimentos, como utensilios, e outras cousas, tudo isto lhe fica na mão, e usa delle como muito bem lhe apraz, porque quando novamente se hão de prover as armadas, é mister dar-lhes novos mantimentos, munições, e utensilios, no que elle pode roubar ainda mais, pois por um soldo de despe-

sa se poem dous. E o Vice-Rei e elle se concertam muito bem, porque pouco importa que o Vice-Rei ordene pagamentos ou merces por escripto; o Veador nada paga senão vê um certo signal na assignatura, ou sem que o Vice-Rei lho mande dizer de bocca; e o mesmo faz o Thesoureiro. E note-se que para os pagamentos é mister que muitos intervenham, mas para as despesas e supprimentos das armadas, e para tomar conta do que dellas sobeja, só toca ao Vedor da Fazenda.

A's duas portas desta praça ou ribeira os porteiros e guardas sempre vigilantes não deixam sair ou entrar pessoa alguma sem a apalparem para ver se leva alguma cousa roubada; e não se fazem alli embarques de cousa alguma, salvo se pertence a El-Rei ou aos ditos officiaes. E' esta praça muito comprida e larga, mas quatro vezes mais comprida que larga, e a largura é de perto de duzentos passos. Toda ella está recheada de grandes riquezas pertencentes a El-Rei.

Dalli caminhando para oriente vai sair-se perto do Hospital Real da cidade, e entra-se em outra grande praça tambem fechada, que está entre o dito hospital e a ribeira, e serve somente para desembarcação dós pescadores, e para embarcação e desembarcação de toda a mais qualidade de gente. Chama-se este sitio o *Caes de Santa Catharina*, e tambem *Bazar do peixe*, porque alli se desembarca e vende. Este caes é mui commodo quando chega a armada de Portugal, porque logo que os doentes tem saído em terra, acham-se junto da porta do hospital, cujas paredes fecham a cidade desta banda. Todas e quaesquer mercadorias se podem tambem alli desembarcar, querendo-se; porque as da dita armada não pagam direito algum em Goa. E' este largo como o meio de toda a cidade; e ha tambem nelle tranqueiras, e portas, que se fecham quando se quer. Toda a borda do rio ao longo da cidade é cheia de lodo, e vasa.

Mas quando chegam os navios de Portugal é maravilha

ver o concurso de gente de toda a sorte, que se apinha neste caes, assim escravos, como outros, christãos, canarins, cafres, e outros gentios, carregadores, e mariolas, que lá chamam *Boye* (a), e servem para levar qualquer fardo pesado que é mister; porque não usam de carretas, mas carregam tudo ás costas com bambús, que são cannas da grossura de uma perna; e é a madeira mais rija e custosa de partir que nunca jámais vi. Para conduzir um barril de vinho de Portugal são quatro destes homens com dous bambús, e cada um carrega ao hombro uma ponta do bambú; e assim fazem para outra qualquer cousa. Mas para levar pedra, madeira, ou outros materiaes para edificios servem-se de bufalos e bois. Estes *Boyes* quando vão carregados, vão sempre cantando certas canções por perguntas e respostas, e caminham sempre a correr. Todas as ruas estão cheias destes homens, promptos para todo o serviço, ou seja para levar sombreiros e palanquins, ou outra qualquer cousa que se queira, e acham-se em certas encrusilhadas. Esta praça é pois para toda a gente sem differença.

(a) Escreve aqui Pyrard uma observação quasi impossivel de verter intellegivelmente em portuguez, e fundada n'uma equivocação sua.

Diz elle: . . . *cafres et autres gentils, qui sont comme crocheteurs et portefaix, qu' ils appellent BOYE, c' est á dire BOEUF, pour porter quelque pesant faix que ce soit*: confundindo assim a palavra *Boy*, concani, com a palavra *Boi* ou *Boy*, portugueza. Esta significa, como elle hém diz, na sua lingua franceza, *Bœuf*; mas aquella de origem vernacula da India, significa simplesmente portador e carregador de palanquim, maxilla, sombreiro, e cousas semelhantes, e não tem analogia, nem relação alguma de derivação com a palavra *Boy* portugueza.

A palavra concani declina-se assim:

Singular		Plural	
Nominativo	<i>Boy</i>	Nominativo	<i>Boy</i>
Caso obliquo	<i>Boyá</i>	Caso obliquo	<i>Boyá</i>

Os Portuguezes diziam antigamente com os natuaes *Boy*, tomando o nominativo; mas hoje tem prevalecido entre elles o caso obliquo, e declinando-o a seu modo dizem em todos os casos do Singular, *Boyá*, e em todos os casos do Plural, *Boyás*.

Mas a outra ribeira ou praça, que se lhe segue, é muito bem fechada toda ao redor até muito avante pela agua dentro, e se chama a *Ribeira das galés*, porque é o lugar onde estão as galés de Goa, que são do feitio das de Hespanha e Italia, mas não ha alli mais de tres ou quatro. Esta praça é bem construida, e provida de tudo quanto é necessario assim para os mestres, officiaes, e armamento das ditas galés, como para os forçados, que todos alli estão, excepto alguns que ha na prisão da Sala para serviço della, os quaes não saem ao mar senão em caso de grande necessidade. As portas são guardadas por porteiros, e ninguem alli entra sem ter lá negocio. O lugar é muito bello e espaçoso, e o Vice-Rei desce para ella por uma pequena porta do seu palacio, para dalli embarcar sem ninguem o ver. A porta desta ribeira é proxima da grande porta da cidade, a qual está logo abaixo do palacio do Vice-Rei. Todas as mercadorias que se embarcam nas náos e navios que vão para Portugal, alli se hão de embarcar, e o Vedor da fazenda tem alli uma pequena caza á borda d' agua, e vai e vem aos ditos navios para ver, tomar conta, e registar tudo quanto se embarca. Pagam-se tres por cento pelas fazendas que saem de Goa, mas concertando-se com elle, dá-se uma ninharia. Todos os cães são bem construidos, e a maior parte tem degrãos de pedra.

Dalli entrando na cidade á mão esquerda, estão os armazens de guerra e bocca, em grandes alojamentos bem edificadas e fechados. A porta da cidade deste lado é a mais bella e magnifica, contigua ao palacio do Vice-Rei, e na fachada tem pintadas todas as guerras dos Portuguezes na India, e no alto da banda de fora ha uma bella imagem em vulto de Santa Catharina, toda dourada (a), pois esta Santa é a padroeira de Goa, porque no dia da

(a) A porta era nesse tempo de recente construcção, e ainda hoje dura, sendo vulgarmente conhecida pelo nome de *Arco dos Vice-Reis*. A imagem da Santa é de bronze.

sua festa é que os Portuguezes ficaram senhores desta ilha.

Afóra estas praças ha outras sobre o rio, que não são fechadas nem guardadas como as precedentes. A primeira que se segue entre o rio e o palacio do Vice-Rei chama-se *Caes da fortaleza do Vice-Rei*. Tem pouco mais ou menos setecentos passos de comprido, e duzentos de largo, mui direita, plana, e revestida do lado do rio de um bom muro com degrãos de pedra. E' limitada de um lado pelas paredes do palacio do Vice-Rei e muros da cidade, e dos outros pelos das outras praças. Esta praça ou caes, a que chamam *Terreiro*, serve geralmente para o accesso de todos os navios de mercadores indianos, os quaes vem aportar alli, assim por causa da fortaleza do Vice-Rei, que está logo de frente, como porque o Vice-Rei pode ver da sua janella ou varanda tudo o que alli chega, e se faz; e está sempre cheia de embarcações, e de povo infinito. Ha alli um mui bello edificio, do feitio da Praça Real de Paris, posto que em mais nada se parece com ella, e lhe chamam a *Alfandega*, onde se depositam e vendem toda a sorte de grãos por grosso; e não se podem vender nem levar a outra parte, e alli se pagam os direitos. Ha tambem ahi outro grande edificio, a que chamam *Bangaçal*, para onde se descarregam as mercadorias que não são cousas de comer. Pagam alli os direitos, e depois podem ser levadas para casa de cada um. Ha ainda outra casa, a que chamam o *Peso*, porque nella estam os pesos. E adiante desta ha aposentos para os officiaes e rendeiros. Logo que os navios descarregam, passam mais ao largo, e saem de diante da fortaleza do Vice-Rei para dar logar a que os outros cheguem.

No fim deste caes ha uma praça mui grande arredondada, onde se faz o maior de todos os mercados de Goa no que toca a comestiveis; e lhe chamam o *Bazar grande*. Todos os dias alli ha mercado, porque nunca fazem provimento de um dia para o outro, e mesmo se vão aviar

duas vezes por dia, para o jantar e ceia, sem excepção dos domingos e festas, em que não deixa de haver venda de comestiveis. Ha muitas outras praças e mercados, ou bazares, mas não como este, ao pé do qual está um bello arrabalde, e nelle a igreja dos Dominicos, mui bem construida e ornada, e há tambem na cidade muitas outras igrejas e parochias pela maior parte dedicadas a Nossa Senhora.

Quanto á fortaleza ou palacio do Vice-Rei, é mui sump-tuosamente fabricado, e defronte d'elle ha uma grande praça do lado da cidade, a que chamam *Terreiro do paço*, no qual os fidalgos e os cortezões se juntam, uns a pé, e outros em palanquim; porque o Vice-Rei nunca sáe sem que no dia antecedente mande tocar os tambores pela cidade, e com isso avisar toda a nobreza para vir no outro dia pela manhã cedo áquelle logar a cavallo, e alli esperam até que o Vice-Rei saia, todos o melhor paramentados e ordenados que podem. De fronte da porta do palacio do Vice-Rei ha um grande edificio onde se congrega o Parlamento, que elles chamam *Camara Presidial*, e ao primeiro Presidente *Desembargador Mayor* (a). É a principal justiça das Indias para os Portuguezes, e as outras justiças são-lhe sujeitas. Este palacio do Vice-Rei não é assaz forte para angüentar artilheria da banda da cidade, mas tem bons e commodos aposentos, e á entrada á mão direita acha-se a prisão que chamam *Tronco*, que faz corpo com o dito palacio, e á esquerda estam os armazens reaes. Este palacio está provido de tudo quanto é necessario, igrejas, relogios, agua, e até o thesouro d' El-Rei ali está em parte, porque a outra parte está no convento dos Franciscanos.

(a) Em ambos estes nomes se equivocou Pyrard. O Parlamento é a *Relação*, e não *Camara Presidial*, nome que não sabemos onde o auctor o foi buscar; e o Presidente nunca se chamou *Desembargador Mayor*, mas *Chancellor*.

Tem dous grandes pateos mui bellos, e de um se passa ao outro. No primeiro pateo á mão esquerda ha uma grande escadaria de pedra, mui larga, e que conduz a uma sala mui espaçosa, na qual estam pintadas todas as armadas e navios que tem passado á India, com seu numero, data, nome do capitão, e até os navios que tem padecido naufragio alli estam retratados. E' cousa espantosa ver tantos navios perdidos. Em somma não ha navio vindo de Portugal, por mais pequeno que seja, que alli não esteja retratado, e não tenha seu nome escripto. Mais dentro ha outra sala maior, que é a verdadeira sala do Vice-Rei e de toda a nobreza, e onde se congrega o conselho. Alli estam pintados ao natural todos os Vice-Reis que tem vindo á India, e não entra nella toda a gente, porque tem guardas. Este palacio está n' um alto, e é mui forte da banda do rio, com paredes mui altas, e é a cousa mais vistosa de toda a cidade. As estrebarias não são no recinto do palacio, mas misticas com elle á mão direita de quem entra. Tem o dito palacio uma saída da parte do rio, mas esta porta não se abre senão quando o Vice-Rei quer embarcar. A guarda do dito Vice-Rei é uma companhia de cem homens, todos vestidos de azul, que é a sua libré ordinaria, e estam sempre junto de sua pessoa, isto he, á porta do palacio, ou apozeno onde elle está, e quando caminha os tambores e pifanos tocam. Estes archeiros trazem alabardas, e são todos Portuguezes, mas não são em tanta reputação de honra como os que andam nas armadas, e que são voluntarios. Alem destes ha porteiros ás portas da fortaleza.

Saindo deste palacio para o interior da cidade entra-se na mais formosa rua de Goa, a que chamam *Rua direita*, que tem mais de mil e quinhentos passos de comprimento, e de cada lado é povoada de grande numero de ricos lapidarios, ourives, banqueiros, e dos mais ricos e melhores mercadores e artifices de Goa, todos Portuguezes, Italianos,

ou Alemães, e outros occidentaes. Esta rua acaba n' uma igreja das mais bellas e ricas, e bem ornadas da cidade, a qual é toda dourada por dentro. E' a igreja da *Santa Misericordia*, dedicada a *Nossa Senhora da Serra*. Sobre o portal desta igreja no lugar mais eminente está a figura em vulto de pedra dourada de Affonso de Albuquerque, que tomou a ilha de Goa (a). Junto desta igreja ha um Recolhimento para donzellas orfãs nobres, as quaes ficam alli até cazarem. Os Portuguezes cazados quando vão a viagens tambem alli deixam as mulheres até voltarem. Tambem alli ha mulheres viúvas, que se querem retirar do mando; e até alli podem entrar as mulheres arrependidas (b); e guarda-se alli clausura. Esta grande *Rua direita* é tambem chamada *dos teileões*, porque se fazem alli, de sorte que todos os dias, excepto nos domingos e festas, desde as seis horas da manhã até meio dia, está tão cheia de gente que mais não pode ser. A meio caminho do comprimento desta rua está um dos maiores e mais antigos

(a) No tempo de Pyrard a Igreja da Serra servia promiscuamente de Capella à Misericordia; mas depois esta caza fabricou outra Igreja para seu uso particular, mais sumptuosa, e contigua à da Serra. Da Igreja da Misericordia existem ainda hoje magnificas ruínas. A da Serra está em pé, e serve de cemiterio à quasi deserta freguezia da Sé. O estilo de architectura desta Igreja da Serra indica que ella fora reformada em epocha posterior à visita de Pyrard. Conservou porem sobre o frontispicio a estatua de Affonso de Albuquerque até aos nossos dias, em que foi transferida para Paugim, e está n' um pavilhão, na praça contigua ao quartel da Artilheria. Começou-se este monumento no tempo do Governador Conde das Antas, e concluiu-se no do Governador Jozé Ferreira Pestana.

Do Recolhimento da Serra existem ruínas.

(b) As mulheres arrependidas entravam no Recolhimento de Santa Maria Magdalena. Mas como este Recolhimento era contiguo ao da Serra, das Donzellas, e igualmente administrado pela Misericordia, foi facil ao auctor confundir ambos os Recolhimentos.

O da Magdalena tinha tambem sua Igreja separada; mas talvez a não tivesse ainda no tempo do auctor. Assim do Recolhimento, como da Igreja, existem hoje ruínas.

edifícios da cidade, a que chamam *Casa da Santa Inquisição*, na qual residem todos os officiaes da dita Inquisição, e se guarda a mesma ordem que na de Portugal, com a differença que aqui a justiça é ainda mais severa para com os ricos. Na frente desta caza ha uma grande praça ou mercado, e da outra banda está a caza da governança da cidade, mui bem construida, a que chamam a *Camara da Cidade*. O palacio da Inquisição é um edificio mui amplo, com uma sala mui bella e grande, com grandes escadarias mui compridas, e fabricadas de mui boa pedra; e não ha caza de Rei que tenha uma sala tão bella.

Alli perto está a igreja grande chamada a *Sé*, com seu cemiterio. E' formada por uma grande e soberba traça, e que mui difficilmente se levará ao cabo, pois ha cincoenta annos que foi começada. Contigua a esta está a *Casa do Arcebispo*. A do Bispo é tambem alli perto, onde ha a prisão ecclesiastica. Da outra banda do cemiterio da igreja grande está o convento dos *Franciscanos*, o mais bello, e mais rico do mundo, em cujo claustro está pintada toda a vida de S. Francisco em ouro, azul, e outras cores. A igreja deste convento é mui frequentada, e está em sitio muito elevado, e o grande largo que lhe é adjacente é todo calçado de pedras largas, e sobe-se a elle por grandes degrãos. No fim do mesmo largo ha uma grande cruz de pedra, mui alta e bem obrada; e dalli se desce a uma rua que vai desembocar no Hospital Real, encontrando-se no caminho a capella de *Santa Catharina*, no lugar por onde foi entrada a cidade, porque ahi havia uma porta e um baluarte. Esta capella de Santa Catharina nunca se abre senão no dia da sua festa, e sobre a porta está gravado em letras de ouro o dia e anno em que a cidade foi tomada, e uma das bellas cerimoniaes e solemnidades de Goa é a procissão geral que nesse dia se faz, na qual vai todo o clero e outra gente da cidade em mui boa ordem e magnificencia, e levam grande copia de figuras e mysterios,

entremeiados de musicas, foliaz, e outras cousas ridiculas, como entre nós se faria em cavalhadas e danças publicas; mas alli é uso em todas as suas procissões geraes. (a)

Subindo dalli vai-se direito a uma praça chamada *Bazar pequeno*, no meio da qual ha um lugar elevado da altura de seis pés pouco mais ou menos, todo revestido de muro, e chamam aqui o *Terreiro dos gallos*, por respeito das aves e outros comestiveis que ahi se vendem (b). Dalli caminhando-se para o meio da cidade topa-se com a igreja do *Bom Jesus*, dos Jesuitas. Logo depois entra-se na rua dos chapelheiros, mui linda, grande, e comprida, que vai dar a uma praça chamada do *Pelourinho velho*, onde tambem ha mercado, e outro sitio elevado e revestido de pedra; e alli proximo está a justiça ordinaria de Goa n' um grande edificio, e n' outro a policia, com um bello açougue. A esta praça vão dar seis ou sete ruas.

Ha tambem a igreja de *S. Thomé*, grande parochia, e

(a) A Capella de Santa Catharina foi fundada pelo Governador Jorge Cabral em 1550, e era sem duvida a mesma que existia no tempo de Pyrard. A que hoje existe no mesmo sitio é de construção mais moderna. Lá está porém ainda a Lápida, a que Pyrard allude, a qual na primitiva capella estava sobre a porta, e na actual está posta ao lado da porta lateral, e diz assim:

Aqui neste lugar estava a porta por que entrou o Governador Affonso d' Albuquerque e tomou esta cidade aos Mouros em dia de Santa Catirina anno de 1510 em cujo louvor e memoria o Governador Jorge Cabral mandou fazer esta casa anno de 1550 á custa de S. A.

A festa ainda hoje se solemnisa, não na forma que se fazia no tempo de Pyrard, mas modificada segundo o estilo moderno. A procissão agora são da Sé, e a ella recolhe, e na Sé se celebra a festa com assistencia do Governador, nobreza, clero, corporações, e empregados do Estado.—Veja-se a *Nota* de pag. 11 deste tomo.

(b) Não nos parece que o nome de *Terreiro dos gallos* venha da origem, que o auctor indica; mas sim de ser aquelle sitio o em que mais ordinariamente se *jogavam os gallos*, divertimento publico muito em voga naquelles tempos. Foi prohibido por Alvará do Vice-Rei Mathias de Albuquerque de 18 de Maio de 1594 (*Archivo Portuguez-Oriental*, Fasciculo 3.º Documento n.º 157). mas é de crer que sem embargo da prohibição prevalecesse o uso ainda por largo tempo.

partindo dalli e saindo da cidade chega-se a um grande largo chamado *Campo de S. Lazaro* ou *de Santiago*, porque faz caminhto para a aldeia e forte do Santiago, e neste mesmo campo está o *Hospital de S. Lazaro*, onde se recolhem os léprosos. e é edificio bello e bem ordenado. Na igreja deste hospital ha uma capella mui linda dedicada a S. Luiz Rei de França. Havia alli alguns doentes, e a cidade o fundou, e o sustenta. Do outro lado e defronte delle ha uma lagoa mui bella, onde ha muitas aves aquaticas. Neste campo todos os cavalleiros e fidalgos fazem suas cavalladas com cannas e laranjas, nos dias de S. João e S. Thiago, padroeiros dos Portuguezes e Hespanhoes; e alli tambem os moradores fazem seus alardos.

Em outro lugar fóra da cidade ha uma praça cercada de muros, chamado o *Matalouro*, onde se matam as rezes; e dessa mesma banda está o lugar das execuções da justiça, onde ha uma força de quatro pilares, e é na distancia de um quarto de legoa da cidade, onde se vão fazer as execuções. Por razão dos calores são constrangidos a matar as rezes fora da cidade, e a enterrar ahi a sugidade e o sangue destes animaes. Perto do Convento de S. Domingos ha um grande largo ou campo, que só serve para picaria de cavallos.

Mas seria cousa infinita dizer por meudo todos os nomes das ruas, praças, igrejas, conventos, palacios, e outras singularidades de Goa, e em geral se pode dizer que tudo alli está bem ordenado. Os Baniães e Canarins tem suas ruas apartadas, e semelhantemente toda a sorte de mercadores e misteres; como os ourives que tem a sua rua, os lapidarios a sua, e assim os outros, de maneira que é grande commodidade, quando se ha mister de qualquer cousa, saber-se logo a rua onde se encontra. E o que me faz dilatar tanto nas particularidades desta cidade, é que quem a vê bem, fica sabendo todo o estado dos Portuguezes nas Indias Orientaes.

O numero das igrejas que nella ha é maravilhoso, e não ha praça, rua, ou beco, onde não haja alguma; e entre outras apontarei; a de *Santo Agostinho*, cuja ohra continua todos os dias, porque o Arcebispo é desta Ordem. Está situada no mais alto lugar de toda a cidade sobre um monte, e na sua visinhança estam as igrejas de *Santo Antonio*, e *S. Roque* dos Jesuitas, e em outro lugar o Mosteiro das Religiosas de *Santa Monica*, a igreja de *Nossa Senhora do Rozario*, o convento de *S. Thomas*, e outras, de sorte que na cidade, arrahaldes, e por toda a ilha andam proximamente por cincoenta entre igrejas e conventos.

Entre estas igrejas ha quatro dos Jesuitas. A primeira e principal é da invocação da Conversão de S. Paulo, e este collegio é o principal de toda a India Oriental, e nelle vi até ao numero de dous mil meninos estudantes, e mais, assim Portuguezes como Indios. Os Jesuitas nada levam aos estudantes pelo ensino. Contigua a este Collegio ha ainda uma mui bella casa destes mesmos Padres, chamada o Seminario, e tem estudantes pensionistas.

A segunda igreja ou collegio que tem os Jesuitas está no meio da cidade, e é tão bello ou mais que o precedente, cuja igreja tem a invocação do S. Nome de Jesus, é custosamente fabricada, toda dourada por dentro, e ainda não está perfeita, mas trabalha-se em a acabar todos os dias. Vi alli uma cruz toda de ouro massiço, que os Padres da Companhia de Jesus haviam mandado fazer para dar de presente ao Papa, a qual tinha de cumprimento tres pés, de largo quatro dedos, e de grosso dous dedos, enriquecida com toda a qualidade de pedras preciosas, bem lavrada, e pesava cem mil escudos ou mais, e foi enviada a Sua Santidade no navio em que eu vim embarcado na torna viagem. Esta segunda caza é somente deputada ao serviço do publico, a saber, confessar e administrar os sacramentos, e para receber no gremio da igreja os infieis, e baptizal-os. E' nella que reside o Pai dos Christãos, que

•

é obrigado a ir todos os dias ás prisões a visitar os christãos, e outros que quizerem converter-se á fé catholica, sollicitar seu livramento, e assistir-lhes com esmolas, como para comigo fez muitas vezes. Ha outra caza dos mesmos Padres junto desta segunda igreja, que se chama dos *Cathecumenos*, para cathequizar e ensinar os novos christãos, e nella são sustentados e vestidos até serem instruidos e baptisados; dos quaes e de toda a caza tem cargo o Pai dos christãos.

N' um dia da festa da Conversão de S. Paulo, vi sair deste lugar quasi mil e quinhentas pessoas naturaes da terra, assim homens, como mulheres e crianças, vestidos ao modo dos christãos, em procissão pelas ruas da cidade, em duas alas, levando cada um seu ramo na mão para se differencarem dos outros, e em signal de não serem ainda baptizados; e dalli foram á precedente igreja, e collegio de S. Paulo, onde todos foram baptizados. Antes do baptismo vi um Padre Jesuita fazer-lhes um bom sermão sobre a excellencia da religião christã, e lhes disse que a não deviam abraçar por força, e que se algum delles ahi havia que viesse contra sua vontade, se poderia ir embora, e sair logo da igreja; ao que todos responderam a uma voz que eram mui contentes, e querião morrer na fé catholica. Depois de baptizados cada um se recolheu a sua caza, e aos que eram pobres aquelle Padre Jesuita deu esmola de dinheiro e vestido; o que se repete todos os annos com semelhante pompa e solemnidade, afora os que se baptisam diariamente em particular. Vi tambem muitas vezes baptizar grande numero de pessoas na igreja dos Franciscanos, no dia seguinte ao da festa de Natal, e chegar o numero a oitocentas pessoas.

No dia da Conversão de S. Paulo faz-se grande festa e solemnidade. O Vice-Rei acompanhado de toda a nobreza, chegando ao numero de duzentos a trezentos fidalgos a cavallo, bem montados, e paramentados, vai á dita igreja, e

depois da festa janta com os Padres Jesuitas; o que nunca mais faz, tirando neste dia. Todos os estudantes dos Jesuitas ricamente adornados de toda a sorte de vestidos de seda, vem esperal-o formados em ordem de batalha, uns a cavallo, outros a pé, e todos armados, e assim marcham na dianteira do Vice-Rei, fazendo todo o resto do dia alli muitos jogos e folgedos.

A terceira caza e igreja tem a invocação de S. Roque, e se chama o Noviciado, porque nella estam os noviços Portuguezes que aspiram a ser Jesuitas, para se experimentar se poderão permanecer nesta resolução, e guardar a regra. Os naturaes da terra nunca são admittidos á Companhia, salvo se procedem de Portuguezes por pai e mai; mas podem ordenar-se sacerdotes. As outras Religiões acceitam Mestiços, mas não Indios puros.

A quarta caza dos Jesuitas é sita a meia legoa fóra da cidade; é uma bella caza de recreio, onde ha mui lindas fontes, e serve para recrear, e restabelecer a saude dos que estiveram enfermos, mas só sendo da sua Ordem (a). Estes Padres Jesuitas são alli mui numerosos, e em toda a parte da India onde os Portuguezes tem entrada, e ha-os junto de alguns reis infieis, onde fazem grande fructo na conversão dos Indios á religião christã, e semelhantemente os Religiosos Dominiccos e Franciscanos.

Os edificios destas igrejas e palacios, assim publicos como particulares, são mui sumptuosos e magnificos, e feitos por canarins, tanto gentios, como principalmente christãos. As casas são fabricadas com cal e areia. A cal faz-se de conchas de ostras, e outros mariscos: a areia é de terra, e não do rio. Cobrem as casas de telhas; não usam de vidraças, mas em vez dellas servem-se de cascas de ostras mui delgadas e lisas, que encaixilham em grades de madeira; e deixam passar a luz como se fosse papel ou chavelho;

(a) Deve ser a quinta de Santa Rosalra, em Moulá.

porque não são tão transparentes como o vidro. Tiram a pedra de cantaria na ilha, mas a de que fazem columnas e outras obras primorosas, mandam-na vir de Baçaim, onde saem mui cumpridas e rijas; assemelha-se ao granito, e é ainda melhor; e não vi nestas terras de cá columnas de pedra de uma só peça tão grandes e compridas como lá vi. Os edificios são mui amplos, mas com poucos andares, e pintam-nos de encarnado e branco, assim por fóra como por dentro. As escadas são mui largas, feitas em parte de pedra, e em parte de terra vermelha como bolo armenio, que lhe serve de cimento. Quasi todos tem jardins e quintaes, mas não grandes, com pões dentro.

Quanto aos arrabaldes da cidade, ha sete ou oito mui grandes, e todos os seus edificios, e de todo o resto da ilha, são do mesmo feitio que os da cidade. Todavia as casas das boticas não são tão magnificas e soberbas como as outras. Usam carretas puxadas a bufalos ou bois para conduzir materiaes para edificios, e estas carretas não são calçadas de ferro. No que toca ás calçadas das ruas da cidade, são feitas de bellas pedras largas, e andam limpas, isto he, as que são em declive, porque as outras são mui lamacentas. Quando chove vêm-se regueiros por toda a cidade, e a agua corre por canaes grandes, profundos, concavos, e calçados, de sorte que no inverno isto faz com que a cidade ande mui limpa em alguns sitios; mas os regueiros das ruas são tão grandes, que algumas vezes é bem trabalhoso passar de um lado da rua ao outro, donde vem que em muitos logares ha pequenas pontes e passadeiras, porque aliás seria impossivel atravessar a rua. (a).

(a) De tudo quanto Pyrrard nos descreve neste Capitulo resta: A Ribeira grande, ou Arsenal, posto que mui mudado nos edificios e officinas, e abarcando maior terreno que no tempo de Pyrrard.

A porta da cidade, vulgarmente conhecida pelo nome de Arco dos Vice-Reis.

Sé, e Pálacio Archiepiscopal, em bom estado.

CAPITULO IV.

Dos mercados, escravos, moedas, aguas, e outras cosas notaveis de Goa.

Tendo fallado no capitulo precedente das praças da cidade; direi tambem alguma cousa aqui dos seus mercados. Estes mercados, no que toca aos mantimentos, ha-os todos os dias de trabalho, desde a seis ou sete horas da

Convento e Igreja de S. Francisco, tudo reformado posteriormente, e hoje em máo estado.

Capella de Santa Catharina, reconstruida posteriormente.

Igreja de Santo Antonio.

Igreja de N. S. do Rosario.

Convento de Santa Monica.

Caza e Igreja do Bom Jesus.

Igreja de N. S. da Serra, reformada (ao que parece) posteriormente. A estatua de Affonso de Albuquerque, que estava no frontispicio desta Igreja, foi em 1810 transferida a Pangim, onde está debaixo de um pavilhão na Praça, chamada das Sete janelas, adjacente ao quartel da artilheria.

Ha ruinas destes edificios:

Fortaleza ou Palacio dos Vice-Reis.

Caza da Inquisição (vestigios).

Recolhimento da Serra.

Caza da Misericordia, e sua Igreja, (apartada da da Serra), que he de fundação posterior á viagem de Pyrard.

Recolhimento e Igreja das Convertidas, ou de Santa Maria Magdalena.

Convento e Igreja de S. Domingos.

Convento e Igreja de Santo Agostinho.

Collegio de S. Paulo, o velho.

Igreja de Santo Thomé (vestigios).

Podem ainda assignalar-se os logares do antigo Caes e Bazar de Santa Catharina, Hospital, Ribeira das gallês, Alfandega, Armazens, Bangações etc.

O caes chamado do Arcebispo, e que fica em sitio proximo ao antigo caes de Santa Catharina, é obra moderna.

A força, que ainda existe no terreno adjacente a S. Domingos, parece-nos ser outra diversa da que nos descreve Pyrard.

Deliniam-se ainda a Rua Direita, a Praça do Pelourinho velho,

manhã até ao meio dia. O mercado principal he em todo o comprimento da grande rua direita, a qual por um extremo toca na Misericordia, e pelo outro no palacio do Viçe-Rei. Esta rua he das mais bellas e grandes, cheia de tendas de joalheiros, ourives, lapidarios, tapeceiros, mercadores de sedas, e outros artifices de cousas ricas. Em quanto dura este mercado ha tal concurso de gente na rua, que mal se pode passar. Não temem a chuva no inverno, nem o calor no verão, por respeito daquelles grandes *sombrieros*, ou chopeos, que cada um traz, e que tem pelo menos seis a sete pés de diametro; de sorte que quando aquella multidão está reunida, todos aquelles *sombrieros* se tocam entre si, parecendo um só toldo inteiriço.

Uns tres mezes antes de eu partir de Goa foi ordenado que o grande largo que está entre a Casa da Camara e a Inquisição servisse para se alargar este mercado, por ser mui pequeno o espaço da rua direita. Chamam a este mercado *Leilão*, como já disse, por se fazerem alli as arrematações em hasta publica. Alli se acham indifferentemente toda a sorte de pessoas assim nobres como das outras classes, de todas as nações e religiões, para comprar e vender, ou encontrar-se com aquelles com quem tem negocios a tratar; porque este logar lhes serve de praça do commercio. Não são os officiaes de justiça, que alli fazem as arrematações, mas outras pessoas que particularmente tem este officio, de que pagam renda a El-Rei; pois não ha officio, occupação, ou mister, por infimo que seja, que não tenha seu rendeiro, ou contractador da parte d' El-Rei; que

a caza do acongue, a Rua de S. Paulo que são ao campo de S. Lazaro, e outras muitas, onde ainda se conservam calçadas conformes com a descripção do auctor.

Tudo o mais de que elle falla desappareceo, e está um ermo reduzido a palmares, ou matto.

Não mencionamos o Convento de S. Caetano, em bom estado, e as ruinas de outros, por serem fundações posteriores ao tempo de Pyrard.

dahi tira sempre algum lucro. E' pois alli que se faz a venda de todos os moveis, por justiça, ou amigavelmente, e ha muita gente que vende por sua conta sem apregoar, nem affrontar, como se faz nas lojas. Os que tem cargo de vender em hasta publica são chamados *pregoeiros*, e he mister que dem boas franças, pois muitas vezes se lhes deixam na mão grandes e ricas joias.

Nesta praça vê-se toda a sorte de mercadorias; e entre outras quantidade de escravos, que são alli levados como aqui se faz aos cavallos. Estes vendedores levam apoz si grandes ranchos delles; e depois, para os vender, louvamos e gabam-nos, repetindo todas as suas prendas, officios, força, e saude; e os compradores de tudo isso se informam, interrogam-nos, e examinam-nos da cabeça até aos pés curiosamente, assim a machos como a femeas. E os mesmos escravos, esperando melhor tratamento com a mudança de senhor, mostram a sua boa disposição, e se gabam a si proprios, para mover a vontade dos compradores. Mas quando os comporam, assigna-se um certo dia fixo até ao qual se pode retractar o ajuste, além de que tenham tempo de saber a verdade.

Entre os escravos encontram-se alli raparigas e mulheres mui bellas e lindas de todos os paizes da India, as quaes pela maior parte sabem tanger instrumentos, bordar, cozer mui delicadamente, e fazer toda a sorte de obras, doces, conservas, e outras cousas. Todos estes escravos são a preço mui diminuto, e os mais caros não valem mais de vinte ou trinta *pardãos*, moeda que equivale a trinta e dois soldos e seis dinheiros cada-uma. As moças donzellas são vendidas por taes, e fazem-nas observar por mulheres, e neste ponto ninguem ousa commetter engano (a). Não

(a) Vem aqui a proposito o seguinte documento, que achámos no seu original « —Digo eu Bertollameu Pereira, casado, e morador nesta cydade, que he verdade que eu vendi huma moça minha por nome Briatiz, da casta Coromby, com todas boas manhas, e sam, donzella, e sabe laurar todo laurar damballas

tem por peccado ter trato com a escrava, que compraram, em caso que ella não seja cazada; mas quando o senhor a caza, não pode mais ter aquelle trato desde que deu a sua palavra para o cazamento. Entre estas raparigas ha algumas mui bellas, brancas, e gentis, outras trigueiras, môrenas, e de todas as cores. Mas as de que alli gostam mais são as moças *Cafres de Moçambique*, e d' outras partes de Africa, que são de côr negra retinta, e tem o cabello crespo; e lhes chamam *Negras de Guiné* (a). Uma cousa notavel observei entre todos os povos da India, e he que, nem aos machos nem ás femeas fede o corpo ou o suor; e pelo contrario os Negros d' Africa, tanto os da cá, como os de lá do cabo de Boa Esperança, exhalam tão máo cheiro, quando tem o corpo quente, que he impossivel chegar-nos a elles, e o cheiro que lançam he como o de alhos verdes.

Se na India um homem tem um filho macho de sua escrava, o filho é legitimado, e a escrava posta em liberdade, posto que não possa sair do serviço de seu amo sem o consentimento deste. O maior rendimento e riqueza da gente de Goa é procedido do trabalho de seus escravos, os

« fases, e fiell, ha quall mossa ha nemdy por preso de sesenta xer-
 « ratins, hos quaes logo me pagou ho dinheiro, e eu sou satisfei-
 « to, e lhe entreguei a dita escrava, e por asy passar na verda-
 « de lhe dei este meu conhecimento asinado por mym pera sua
 « guarda; e eu Jorge Fernandes que este conhecimento fiz a rogo
 « delles, e me asyguei como testemunha. Testemunhas que ao pre-
 « zentes estauão: Antonio Branco, e Pero da Cunha. Oje 28 do
 « mez de Julio de 1592 annos—*Jorge Fernandes—Bertholameu Pe-
 « reira.—Mestre Pedro.* Do testemunha Antonio Branco (uma
 cruz).»

Este documento confirma em parte a narrativa do auctor; e em outra parte a corrige. Assim vemos que o preço dos escravos, chegava a ser superior ao que o auctor aponta; e que a gente da terra tambem se fazia escrava. Veja-se a este respeito o que o auctor disse a pag. 31 deste Tomo.

(a) *Negro* ou *negra de Guiné* são os da banda occidental de Africa; os da banda oriental são na India geralmente conhecidos pelo nome de *Cafres*.

quaes entregam no fim de cada dia, ou de cada semana a conta a que são obrigados, e isto afóra os mais escravos que os senhores retem em casa para seu serviço.

No dito mercado ainda se vê grande numero de outros escravos, que não estão á venda, mas que levam elles mesmos obras de sua mão a vender taes como conservas de fructas, e outras cousas; outros vão alli para ganhar dinheiro a levar e carregar para onde se quer quaesquer objectos. As moças adornam-se muito para agradar mais, e vender melhor a sua mercadoria; e ás vezes são chamadas ás casas, e se alli se lhes fazem proposições amorosas, de nenhuma sorte se mostram esquivas, antes acceitam logo a troco de alguma cousa que se lhes dê; e ainda muitas vezes tratam amores para suas senhoras, a quem servem de medianeiras, sem nunca lhes contradizer a vontade, ou revelar o segredo, porque lhes são mui fieis. E todo o dinheiro que ellas podem adquirir por qualquer destes meios, devem entregal-o a seu senhor e senhora, que a isso dão seu consentimento, e depois repartem com ellas segundo bem lhes parece, mas as escravas não mostram sempre tudo. Todas estas mulheres da India, assim christãs, como outras, ou mesticas, desejam mais ter trato com um homem da Europa, christão velho, do que com os Indios, e ainda em cima lhe dariam dinheiro, havendo-se por mui honradas com isso; porque ellas amam muito os homens brancos de cá; e ainda que haja Indios mui brancos, não gostam tanto delles.

Vende-se tambem no mesmo mercado grande numero de cavallos, bem arreados pela maior parte; e são da Persia e da Arabia, semelhantes aos cavallos de Berberia; e valem quinhentos *pardãos* em osso.

Em somma vêm-se alli todas as especies de riquezas das Indias, e as mais bellas joias que ser pode. Ha tambem allli cambistas, a que chamam *Xarafos*, que igualmente estão em outros muitos logares da cidade, e tem suas

boticas nas esquinas das ruas, e encruzilladas, todas cobertas de moeda; e pagam disto tributo a El-Rei. Tiram grandes lucros, porque alli é necessario ter moeda miuda para ir ao mercado, onde tudo he tanto em conta que mais não pode ser, e nunca se compra senão o que é necessario para aquella hora, e não para todo o dia; de sorte que se anda lá sempre carregado desta moeda, mui grossa e pesada, e de pouco valor. Ha-a de muitas sortes. A primeira chama-se *Basarucos*, dos quaes são necesarios setenta e cinco para fazer uma *Tanga*. Ha outros *Basarucos* velhos, de que são necesarios cento e cinco para a *Tanga*. Abaixo desta moeda ha pequenos pedaços de cobre sem cunho algum, a que chamam *Arco* (a); e são mister duzentos e quarenta para uma *Tanga*, que vale cinco soldos dos nossos, e lá sete soldos e meio. Desta moeda uma é de ferro, e outra de *Calaim*, metal da China. Quando estes cambistas tem accumulado muito dinheiro de toda a sorte de moeda, tornam a cambial-a com os contractadores e rendeiros, a quem passam a moeda de prata e de ouro batida em Goa, porque os recebedores do Estado não aceitam outra em pagamento. Em quanto aos *Larins*, que é aquella moeda de prata, de que já em outro lugar falei, vem da Persia e de Ormuz, e são procurados por toda a India, por serem de mui boa prata, util, e propria para toda a sorte de manufacturas. Estes cambistas devem achar-se em suas boticas ainda nos domingos, e dias santos, e não ousariam faltar a cambiar qualquer moeda pelo preço corrente. Pessam o ouro e a prata. A moeda de prata de Goa é pois a de *Pardãos*, meios *pardãos*. *Larins*, e *Tangas*, as quaes valem sete soldos e seis dinheiros cada uma. Alem destas moedas ha a que vem de Hespanha, a qual tem maior valor em Goa, porque a prata vale alli um terço mais que em Hespanha. A moeda de cobre, e de ferro, a que

(a) Ainda hoje existe, mas conhecida pelo nome de *Roda*.

chamam *Basarucos*, é de poucô valor, como os dinheiros, e mealha. As peças de ouro são *Xerafins*, que valem vinte e cinco soldos cada um; *Venezeanos*, e *São Thomés*, que valem cincoenta soldos, e outras especies. Não se vê porrem alli moeda de ouro hespanhola, porque o ouro vale alli muito menos que em Hespanha.

Perto da praça do *Leilão*, de que fallámos, ha outra, como tambem já disse, a que chamam do *Pelourinho velho*, na qual ha de dia mercado de toda a sorte de fructas, e comestiveis. Mas depois de posto o sol, e chegada a noute, e que os meirinhos e officiaes de justiça são recolhidos, faz-se abi outro mercado, a que chamam *Baratilha*, em que se vende a mui baixo preço, e como a medo, toda a sorte de trastes roubados, como roupa, armas, e outras cousas, de que toda a praça fica cheia, sem embargo de ser bem grande. Etodavía, ainda que seja noute, os meirinhos não deixam de passar por alli algumas vezes; e quando os sentem, cada um se retira velozmente; e depois de elles passarem, todos estes vendilhões voltam a vender as suas mercadorias; e são ás vezes em numero de quatrocentos ou quinhentos.

Nesta praça do *Pelourinho velho* se acham todos os Sangradores, e quem carece de algum para sangrar os doentes, alli o vai buscar. Todos estes sangradores são Indios christãos, como igualmente o são todos os Cirurgioës, e Botica-ricos. Em quanto aos Barbeiros, pela maior parte não são christãos, e andam pelas ruas a barbear a todo o mundo, porque a gente commum não põe difficuldade em se fazer rapar no meio da rua; mas os homens de qualidade entram para isso dentro de caza. Estes barbeiros são mui serviçaes, e satisfazem-se com pouco. A maior parte dos Portuguezes fazem rapar a barba e o cabello.

No que toca ás aguas potaveis, de que se usa na Ilha de Goa, é mister considerar que o rio cerca toda a Ilha, e a maré chega, na enchente e na vasante, até á cidade. Mas

ha em varios sitios muitas fontes de agua boa e excellente para beber, que vem dos rochedos e montanhas, e se junta em regatos que regam a Ilha em muitos logares; o que é causa de haver tanta copia de coqueiros, e outras arvores fructíferas. Alem disso ha poucas casas que não tenham póços, mas não para beber, porque a agua delles não he boa, excepto a de alguns. Só servem as aguas destes póços para banhar e lavar o corpo, fazer a cozinha, barrelas, e outros usos; pois alli até os homens e mulheres mestiças lavam as partes reconditas depois de fazerem as suas necessidades, assim como fazem os Indios. Ha tambem alguns tanques, e reservatorios mui bellos, e fabricados de pedra.

Mas em quanto á agua que ordinariamente se bebe, assim na cidade como nos arrabaldes, a melhor e a mais saudavel e leve, segundo o meu parecer, é aquella que se vai buscar a um quarto de legoa da cidade, onde ha uma grande fonte de agua bella e clara, chamada *Banguenim*, que vem dos rochedos. Os Portuguezes rodearam-na de muros, e a encanaram mui bem; e mais abaixo ha grandes reservatorios, onde a maior parte dos homens e mulheres vão lavar a roupa. Chamam a esta gente que lava a roupa *Mainatos*. Ha ainda outros reservatorios para se banhar e lavar o corpo. De sorte que o caminho é mui trilhado e frequentado, apesar de ser penoso, por que é mister subir e descer tres ou quatro grandes montanhas. Não se vê outra cousa senão gente que vai e vem a esta agua, e mesmo ás dez horas da noute vão em magotes com suas armas, em camiza e calções, a lavar-se alli.

Vende-se esta agua pela cidade; os escravos a levam a toda a parte em grandes cantaros de barro, cada um dos quaes contem dous *potes* (a), e vendem o cantarõ a cinco *basarucos*, que é quasi seis dinheiros. Poem-se com os seus

(a) *Seaux* ou *Sceaux*, medida franceza.

cantaros em certas encrusilhadas, e não andam apregoando pelas ruas. Fazem ajuste com seus senhores sobre quanto lhes devem dar por dia, além do sustento que tiram de seu trabalho, salvo nos dias de festa e domingos que os senhores lhes dão de comer, e quando estão doentes. Este mesmo estilo guardam os escravos em todos os outros misteres. Os Portuguezes teriam feito uma boa obra, se fizessem vir as águas desta fonte á cidade por aqueductos e canos, mas dizem que isto assim os enriquece, e occupa os seus escravos; e que os estrangeiros se logriariam desta boa água sem lhes custar cousa alguma; porque ha alli mais estrangeiros que habitantes naturaes; e por estas razões não tem querido fazer conduzir aquella água para a cidade.

Ha outra fonte junto a São Domingos, muito boa, e que vem de uma montanha, onde ha uma bella igreja chamada de *Nossa Senhora do Monte*. He esta fonte mui commodá, e ha ahi reservatorios para lavagem de roupa; e também levam a sua água a vender á cidade, e por ser mais proxima vendem-na só por tres *basarucos*; mas não é tão boa como a de *Banguenim*. Além desta ha outras águas ao redor da cidade, que muitas vezes fazem passar por água de *Banguenim*. Quanto á lavagem da roupa, faz-se alli com maravilhosa perfeição, e mesmo assim custa mui pouco. Toda a sua roupa é de algodão mui fino, e de longa duração; e é também mui saudavel, como eu proprio experimentei durante dez annos que della usei. Os *Mainatos* lavam mui bem, e ensaboam uma camisa e um par de calções por do-
us *basarucos*, e ainda trazem aquellas peças mui bem e engraçadamente dobradas, e pregadas, porque as dobram e pregam quando molhadas, e só depois as deixam enxugar; de sorte que estas dobras e prégas lhe duram longo tempo, e fica parecendo a roupa adamascada, e fabricada com aquelles feitios. Usam desta roupa, assim para a mesa, como para a cama, e para vestir, como, camizas, baca-

lhãos, lenços d' assoar, e outras cousas. A maior parte da gente muda de roupa todos os dias. Uma excellente camiza não custa mais que uma tanga, ou sete soldos e meio. Destes pannos de algodão vem a Goa uma quantidade maravilhosa.

Mas tornando ás aguas; a de *Banguenim* é estimada pela melhor e mais leve; e por isso não se bebe outra no hospital. Os gentios só bebem a agua dos póços de suas cazas, se elles proprios a não vão buscar a outra parte, porque temem que se lhes lance alguma cousa na agua que hão de beber. Bebem por taças de cobre, feitas em forma de pequenas panellas, e lhe não tocam nunca com a bocca quando bebem, como já disse; o que os Portuguezes, e outros christãos da India observam tambem. Alli todos bebem só agua, assim homens como mulheres, rapazes e raparigas; é grande deshoura entre elles beber vinho; e se o fizessem lhe seria lançado em rosto como grande injuria. As mulheres nunca o bebem; mas os homens de qualidade bebem um até dous copos ao jantar e ceia, mas sempre pouco e sem agua. Este vinho vem de Portugal; mas os que não tem meios bebem só *vinho de passa* (a). O de Portugal va-

(a) He infusão de passas de uvas, que ordinariamente vem de Mascato, feita em espirito de palmeira fraco. Deixava-se de molho em espirito de palmeira a porção calculada de passas em algum vaso por 3 a 4 dias, e depois de bem amassadas, coada a infusão, se punha em um barril provido de espirito de palmeira, e delle se usava depois de 6 a 8 mezes. Tambem se ajuntava á infusão referida outra feita de tamaras para dar dogura. Já não está em uso o Vinho de passas, mas faz-se outro chamado de *borra*. Poem-se espirito de palmeira do preço de 3 a 3½ xerafins em um barril que servio de ler vinho da Europa, e conserva-se por 6 a 8 mezes. ajuntam-se-lhe borras de outros harris, e depois de 6 a 8 mezes clarifica se, ajuntando assucar queimado para dar côr. Este vinho sendo de muito tempo confunde-se com o branco; mas esfregado na palma da mão conhece-se ser confeição, e não o verdadeiro vinho branco de uva. Hoje faz-se vinho de espirito fraco de palmeira, de succo de cajú, jambolão, e outras fructas, tirando-se-lhe o máo cheiro por meio de carvão vegetal.

le a quarenta soldos a *canada*, que é a nossa *pinte* (a). E o melhor *vinho de passa* não vale mais que vinte e cinco basarucos, ou seis *brancos* (b), e é bom, e forte. O de Portugal é um pouco acido quando chega a Goa (c). O outro vinho, que é branco, e a que chamam *Orraca*, não vale mais de dez basarucos, e é ordinariamente usado pela gente de baixa condição, e pelos escravos, que com elle se embriagam frequentemente; e aproxima-se da agua-ardente.

Bebem agua em vasos feitos do mais bello e fino barro que ver-se pode, e nelles se faz a agua extremamente boa e fresca. Estes vasos são esmaltados, e ornados com mil sortes de figuras, animaes, e flores, de cor negra e vermelha; e são tão finos e delicados como vidro; e cada vaso tem a sua tampa. Os de que ordinariamente se servem são em forma de garrafas de vidro, á excepção de terem a bocca mais larga, e o fundo do gargalo mais estreito. Ha uma especie de vasos de barro mui delicados, todos furados de pequenos buracos symetricos, e tendo dentro pedrinhas que não podem sair, e servem para limpar o vaso. Chamam-lhe *Gargoleta*; e della só sáe a agua a pouco e pouco, e ainda que a voltem de bocca para baixo, não cáe nem uma gota. Zombam dos que não sabem beber por estes vasos, como nos acontecia a nós; mas não julgo muito bom este mo-

(a) Segundo a melhor conta a *pinte* franceza equivale a *meia canada* portugueza.

(b) Não podemos bem saber que moeda seja esta, a que o auctor chama *brancos*. Houve em Portugal no seculo XV, e ainda no XVI reaes *brancos*, que são os que ainda hoje formam a base da nossa moeda portugueza. Mas não nos parece que seja a estes reaes *brancos* que o auctor aqui allude: 1.º porque na epocha em que elle escrevia estava já como obsoleta a denominação de *brancos* nos reaes; 2.º porque os vinte e cinco basarucos valem muito mais que seis destes tacs reaes *brancos*, de que fallamos. Serião os *brancos* do auctor alguma moeda franceza, que elle foi buscar para termo de comparação, assim como ordinariamente faz com os soldos, dinheiros etc. francezes?

(c) Seria assim o vinho ordinario; mas o bom vinho não toma acidez.

do de beber, porque causa ventosidades, e por isso ha muitos Portuguezes que o não usam (a). Copos de vidro só tem os que lhe vão de cá ou da Persia, mas são muito bacos; por isso não os tem em grande estimação, e ainda porque tem *porcellanas* da China em muito boa conta.

Mas tornando á ilha e cidade de Goa, é ella como o emporio e desembarcadouro de toda a India; e maravilhosamente bem povoada; porque alem dos estrangeiros que ahi abundam continuamente, ha Portuguezes, que são os senhores della, Mestiços, Indios christãos, e grande numero de outros Indios infieis, mahometanos ou gentios, Banianes de Cambaya, Canarins de Goa, Bramenes, e outros semelhantes, que ahi habitam, e fazem grande trafico e mercancia; e destes ha muitos ricos com outenta e cem mil escudos de seu; e são os que trazem as rendas reaes de toda a sorte de mercadorias, e nada se pode vender sem o consentimento destes rendeiros. Cada uma das classes desta gente tem suas ruas apartadas, e nellas suas tendas ou boticas para cada sorte de negocio; porque os Portuguezes não exercem alguma arte mecanica, por maior que seja a sua necessidade; mas se dizem fidalgos, e vivem á lei da nobreza; e comtudo traficam no que bem lhes parece, e só elles tem faculdade de menear e ter armas, o que não é permittido aos Indios, se não são christãos.

Os homens de qualidade Portuguezes não andam senão a cavallo; e tem grande numero de cavallos, que vem da Persia e da Arabia, os quaes são bonitos e bons, e se semelham aos de Hespanha, salvo serem mais pequenos. Estes cavallos são amañados por picadores mui destros, que vem das terras do Dealcão. Os arreios destes cavallos vem de Bengala, da China, e da Persia, e todos são bordados de seda, adornados de ouro e prata, e perolas finas. Os es-

(a) Este especie de *Gargoletas* é hoje pouco ou nada usada em Goa. Vinham das terras do Sul.

tribos são de prata dourada, as redeas cravejadas de pedras preciosas, e ornadas de campainhas de prata. Quando não andam a cavallo, são conduzidos em liteira, ou *palanquim*. Quando vão pelas ruas, são acompanhados de pagens a pé, lacaios, e moços em grande número, os quaes levam armas, e vestem a libré da caza. Nunca saem estes homens sem levarem um escravo com um grande guarda-sol, a que chamam *sombreiro*; que lhes tapa a cabeça; e aquellos que não tem posses para ter escravos, levam elles mesmos o tal *sombreiro*.

As mulheres de qualidade tambem não saem senão sentadas e conduzidas dentro de um *palanquim*, que é uma especie de liteira, levada por quatro escravos, coberta de pannos de seda, ou de couro (a); e são acompanhadas de muitas escravas, todas mui bem vestidas de pannos de seda; porque a seda é alli tão commum, que todos os creados se vestem della: as damas e pessoas qualificadas mais querem usar algum tecido destes paizes da Europa, do que trajar sedas.

Só os Portuguezes podem ser providos em officios, e beneficios. Os soldados da guarnição são Portuguezes. Os mercadores e artífices são todos Indios, como já disse, e tem as suas boticas, pagando tributo a El-Rei, assim das mercadorias como das boticas.

CAPITULO V.

DO governo de Goa, do Vice-Rei, de sua Corte, e magnificencia.

A cidade de Goa é governada pelo Vice-Rei, que tem poder sobre toda a India. De tres em tres annos El-Rei en-

(a) Os *palanquins* propriamente ditos não são hoje usados em Goa, posto que ainda o sejam nas provincias do interior da India. Usam-

via um, o qual nunca entra sem o seu predecessor ter saído; e este se retira a uma caza destinada para esse effeito. Sendo retirado, entra o novo com grande magnificencia e triumpho; levantam-lhe muitos arcos triumphaes desde o desembarcadouro até á Igreja Cathedral, e cada officio, e classe de mercadores fazem o seu em competencia uns com os outros. E' acompanhado de todo o clero, nobreza, povo, mercadores, e artifices até ao seu palacio, com muitas salvas de artilheria, fogos de alegria, e outros apparatus. Se acerta de morrer o Vice-Rei dentro do espaço de tres annos, o Rei envia outro, e no entretanto a cidade nomea quem sirva (a). Em quanto eu estive em Goa vi quatro providos uns apoz outros (b). Aquelle que estava quando sahi de Goa chamava-se Ruy Lourenço de Tavora.

se outros transportes da mesma especie, chamados *Machilla*; de variados feitios, para uma e para duas pessoas. Em quanto á cobertura é a mesma que descreve o auctor; devendo advertir-se que a cobertura de panno, ou seja de seda, ou de outra droga, é propria para resguardar do sol no verão; e a cobertura de couro, ou panno oleado, serve para resguardar da chuva no inverno.

(a) Continuada com este periodo, e á margem segue-se no nosso exemplar uma *Nota* manuscripta, em francez, e de letra tambem franceza, que parece ser do seculo XVII, que diz: — Isto he falso, « porque quando tal caso acontece, succede aquelle que de ante-
« mão já está nomeado por El-Rei em Provisões, que se conservam
« cerradas, chamadas *vias de successão*; e se abrem quando aconte-
« ce morrer o Vice-Rei = » Observação exacta, e que não carece de mais rectificação.

(b) O auctor chegou a Goa em Junho de 1608 quando governava o Estado por *via de successão* o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes. E tendo morrido na viagem o novo Vice-Rei D. João Pereira Forjaz, Conde da Feira, abertas as novas *vias de successão*, saio nomeado nellas André Furtado de Mendonça, que tomou posse do governo a 27 de Maio de 1609, e governou até 5 de Setembro do mesmo anno, em que entregou o governo ao outro novo Vice-Rei Ruy Lourenço de Tavora, que ficou governando quando o auctor regressou á Europa. Donde se vê que os quatro providos no governo que elle aponta no seu tempo, são; o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes; o Vice-Rei Conde da Feira (que todavia não chegou a governar); André Furtado de Mendonça; e o Vice-Rei Ruy Lourenço de Tavora.

O Vice-Rei é alli obedecido como o proprio Rei, e tem a mesma auctoridade, podendo conceder graças, ou condemnar á morte, excepto aos nobres, a quem chamam *Fidalgos*; porque estes, appellando em causa crime ou civil, são mandados a Portugal presos com ferros aos pés. Vi em Goa um soldado, que tendo sido condemnado á morte por um homicidio, quando era levado ao supplicio a um quarto de legoa da cidade, acertou por sua boa fortuna de ser encontrado pelo filho do Vice-Rei, que já era provido na capitania de Ormuz, posto que então tivesse de idade dez ou doze annos, o qual averiguando o caso, e lançando-se-lhe aos pés o padecente a pedir graça, perguntou ao seu aio se podia ir pedir isto a seu pai sem o enfadar, e sendo-lhe respondido que sim, foi logo sem detença ao palacio fazer humilde supplica de graça a seu pai, que lha outorgou, com tanto que não fosse cousa que tocasse ao Estado, e serviço d'El-Rei; e tendo o Vice-Rei sahido o que na verdade era, foi muito ledo de ver o bom natural de seu filho; e todos os que professavam armas lhederam muitos agradecimentos; com o que ficou livre o pobre condemnado (a).

O Vice-Rei não se familiarisa com pessoa alguma, nem vai a festas ou banquetes; são raras vezes, salvo nas principaes dias festivos, ou em outros que lhe apraz. Na vespéra do dia em que elle hade sair, anda-se tocando tambor e trombeta pela cidade, para advertir a fidalguia, como já disse, que se junta vestida de gala e a cavallo de fronde de palacio; e cheguei a ver alli algumas vezes trezentas e quatrocentas pessoas. Estes fidalgos vão soberbamente trajados, e seus cavallos acobertados de ouro, prata, brocados, perolas, e pedras preciosas. Quando cada um delles chega, apea-se, e entrega o cavallo a seus moços de estribeira, que todos são Mouros, isto é, Mahometanos de Balagate,

(a) Da mesma letra franceza tem á margem esta Nota manuscrita=« Este filho do Vice-Rei era Christovão de Tavora=»

ou Decan, e são os que tratam dos cavallos. Estes homens adestram mui bem um cavallo, e não o temem por mais bravo e manhoso que seja, e assim o montam em osso, picam-no, e despedem-no a toda a brida sem nunca cairem. Os seus cavallos são o mais gordos e luzidos que é possível; e para os domar, e pôr mais seguros, chegam-lhes tambores cheios de muitas campainhas, á semelhança de nossos tambores biscainhos (a); e para os fazer correr a galope, atam-lhê pequenos balotes nas juntas das pernas. Nunca vi cavallos tão velozes como aquelles; vem pela maior parte da Persia, e tambem da Arabia, e estes são estimados por melhores. Comem pouco; e dão-lhe feno, mas mais ordinariamente erva verde; e tambem lhe dão um certo grão, que se assemelha a lentilhas. Tratam os cavallos com tanto resguardo, que quando estam na estrebaria os cobrem inteiramente, e até lhes poem uma especie de colchão para se deitarem; dão-lhe de beber á mangedoura; e prendem-nos pelos pés posteriores, para se não ferirem com couces.

Mas tornando aos senhores, e fidalgos Portuguezes; quando se apeião, aquelles moços da estribeira recebem os cavallos, dos quaes tem grande cuidado, trazendo sempre cada um delles o seu espanejador formado tambem de cauda de cavallo com cabo de páo para enxotar as moscas, um panno, uma esponja molhada, e um pente n' um sacco, para limpar a escuma e suor do cavallo, burni-lo, e dar-lhe lustro quando é preciso. Usam bellos telizes de veludo encarnado, a maior parte delles com franja, e bordaduras; os mais ricos e estimados são de escarlata; e servem para cobrir os cavallos quando os senhores se apeiam, porque estando montados não poem telizes; nem quando andam pela cidade usam botas ou esporas. Os lóros são de seda, e as fivelas, e outras guarnições, de prata. A cauda do ca-

(a) *Tabourins de Basque*, diz o original.

hallo é atada, e coberta de um rabicho formado de anneis e argolas de ouro e prata adornados de perolas e pedras preciosas. Alem destes cavallos mandam mui ordinariamente ir comsigo uma liteira ou palanquim; e sempre, ou vão a pé ou a cavallo, o seu sombreiro ou guarda-sol, assim quando faz calor como quando chove. E mesmo quando vão a pé fazem levar apoz si o seu cavallo e palanquim, e pagens até o numero de dez ou doze.

Estes pagens não são nobres, mas moços vindos de Portugal, que ainda não tem forças para pegar em armas. Andam todos vestidos de seda, da libré e cores de seus amos, trazem capas, e sò servem para os acompanhar, e fazer os seus *recados*; e não acompanham com os outros servidores. Alem destes pagens tem seis ou sete grandes *cafres* de Moçambique, que trazem capa e espada, e lhes servem de lacaios. Trajam de modo diverso dos pagens, mas todavia das cores da casa; e os trazem para sua segurança, porque estes *cafres* mais depressa morreirão, do que deixarão fazer o menor mal a seu senhor; pois são mui animosos; e de noute trazem outras armas como piques e halabardas; chamaq-lhe *Peões* ou *Cafres*. Os pagens Portuguezes nunca vão atraz de seu amo, por maior senhor que seja; e se vão, é a cavallo, como entre nós fazem os gentis homens apoz os Principes e Senhores. O Vice-Rei, que no meu tempo havia em Goa, quando sahia, seu filho não hia com elle, mas atraz uns duzentos ou trezentos passos, com seus fidalgos e servidores; e ordinariamente os de maior qualidade, que querem agradar ao Vice-Rei, acompanhám-lhe os filhos; e os outros vão com elle.

Na igreja e nas procissões o Vice-Rei vai do lado direito, e o Arcebispo do esquerdo. O filho do Vice-Rei vai logo atraz, por ter a capitania de Ormuz, e ser assim a primeira pessoa abaixo do Vice-Rei; porque quem foi Capitão de Ormuz não pode ser na India outra cousa senão Vice-Rei. Com tudo o Vice-Rei pessoalmente não é tão da;

do á magnificencia como os fidalgos. Todos os que tem cavallos, ainda que não sejam nobres de linhagem, não deixam de acompanhar o Vice-Rei; porque alli todos se dizem nobres. Quando o Vice-Rei ou os fidalgos se recol em a Portugal, vendem todos os seus cavallos aos outros que chegam.

Quando um Vice-Rei chega á India desembarca em Pangim, como já disse; depois manda avisar da sua chegada com as provisões dos seus poderes, as quaes são abertas nas casas da Camara em presença do antigo Vice-Rei, que se apparelha a deixar o posto; e os officiaes do novo Vice-Rei fazem mobilar e arranjar o palacio. Sete ou oito dias depois disto é recebido como Rei, e se fazem para este effeito grossas despesas. O antigo Vice-Rei vem ao encontro do outro, e lhe faz uma falla, que diz, que lhe entrega na sua mão todo o Estado; e de que modo deva proceder assim com os Indios, como com os Portuguezes, aos quaes por sua arrogancia é mister ter a redea teza. Isto feito, retira-se, e depois visitam-se pouco, por grandeza. Desde então o Vice-Rei está fóra do cargo, e já se lhe não dá o tratamento de *Senhoria*, porque na India só o Vice-Rei e o Arcebispo tem este tratamento. Aos outros dá-se *Vossa Mercê*, e aos ecclesiasticos *Reverencia* e *Paternidade*. O novo Vice-Rei traz consigo todos os officiaes da sua caza, e não toma outros, salvo se alguns morreram na viagem. O Rei paga salario a todos os servidores do Vice-Rei.

Logo que um Vice-Rei chega, todos os embaixadores dos Reis da India o vão cumprimentar; e elle despede correios a todos os Reis amigos para confirmar a alliança, os quaes lhe enviam embaixadores extraordinarios com presentes, fazendo com elle como uma nova alliança. No fim de todos, os christãos da terra (e não os Portuguezes, que não querem que se saiba o seu numero) fazem seu alardo; e tem por capitão um Portuguez ou Mestiço, e são todos

obrigados a ter armas. Não se juntam todos em um só dia; mas cada freguezia em seu, e é sempre em dia sanctificado. Isto faz-se em presença do Vice-Rei, no campo de *S. Lazaro*, ou passam em formatura por diante do palacio da fortaleza, estando o Vice-Rei na sua galeria, e o capitão lhe faz uma falla, e todos lhe prestam juramento. Os infieis não fazem alardo, nem lhes é permittido ter armas em suas cazas.

O Vice-Rei não vai comer a parte alguma, salvo no dia da Conversão de *S. Paulo* ao Collegio dos Jesuitas, e no dia da Circumcisão á caza do Bom Jesus. E' servido com apparato real em sua comida, e come só; apenas o Arcebispo vai algumas vezes comer com elle ao palacio. Nos dias das festas sobreditas os maiores fidalgos comem com elle á mesa, mas não em frente d'elle, nem do seu prato. As casas principaes mandam ao Vice-Rei muitos manjares delicados e excellentes; mas elle nunca os prova, porque teme muito ser envenenado. Só se fia dos Jesuitas; e até ha Jesuitas boticarios, que ordinariamente lhe dão os remedios; de sorte que estes Padres estam em grande credito e credito para com elle.

Em quanto aos ordenados e propinas do Vice-Rei são pouca cousa em comparação dos grandes lucros que elle pode tirar durante os tres annos do seu cargo, que montam ás vezes a perto de um milhão de ouro (a). O ordenado he de trinta mil cruzados, cada um dos quaes vale dous pardãos pouco mais ou menos, o que não chegaria a sua sustentação, se não foram os presentes, e outros proveitos, que estam em pratica, e montam a muito. Logo que chega o Vice-Rei; os capitães, governadores, e officiaes de El-Rei o vem promptamente visitar para obter d'elle algum favor, como por exemplo, uma capitania de viagem, dignidade, ou outra cousa semelhante; e para esse fim lhe fa-

(a) Um milhão de *ouro* diziam os nossos antigos por milhão de *cruzados*. O auctor serve-se da phrase vulgar no seu tempo.

zem grandes presentes; e mesmo sem esse intento lhos fazem segundo o valor e rendimento de suas fortalezas, a menor das quaes deixa doze e quinze mil cruzados; porque elles não podem roubar, e fazer o seu negocio sem o favor do Vice-Rei. Todos servem os seus cargos só por tres annos, e durante esse tempo é mister que juntem para o resto de sua vida.

O Vice-Rei faz grandes mercês e dá recompensas em cargos, rendas, e dinheiro, aos que tem bem servido a El-Rei, e aos estropeados, viúvas, e orfãos; tudo á custa da fazenda real; e dá de sua mão muitos cargos e officios. Os que tem feito serviços a El-Rei precisam certidão d'elle para lhe serem levados em conta, e tambem devem ter assignatura dos capitães, com quem tem embarcado. Mas o mal está em que o Vice-Rei tira dinheiro de todas estas mercês e officios, e faz persuadir ao Rei que os dá; e para isso despacha grande quantidade de petições de mercês, e o Vedor da Fazenda e os Thesoureiros se entendem com elle, negando-se a dar o dinheiro, e todavia dão conta a El-Rei como se o tivessem pago; e o mesmo fazem quanto á paga dos soldados, officiaes, e marinheiros.

O Vice-Rei dá esmola ordinaria duas vezes por semana, e nos dias de festa, e domingos em que sáe. Esta esmola é só para os Indios christãos pobres, a quem o seu esmoler dá dinheiro no largo do palacio. Se ha alguma mulher viúva de Portuguez, mandam-na pôr á parte, e dá-se-lhe mais que aos outros Indios. Quanto aos soldados, marinheiros, e outros Portuguezes pobres, entram na grande sala pintada, que já disse; as mulheres e crianças ficam n' outra; e o Vice-Rei manda ao seu mordomo com o esmoler para lhes dar dinheiro. Chega a dar n' um só dia duzentos ou trezentos *pardãos*. Todas as mulheres e donzellas Portuguezas vêm em palanquins cobertos; e entregam suas petições, nas quaes declaram a sua supplica, e os fundamentos della; e no seguinte dia vem ver se tem

do despacho, ou não: as que estão doentes podem mandar outra pessoa. Esta especie de esmolas dá-se segundo a qualidade das pessoas. O Vice-Rei recebe todas estas petições, e as despacha em pessoa no dia seguinte; mas de tudo isto tira bem a desforra em dobro (a). Envia além disso frequentes vezes esmolas ás prisões, igrejas, pobres, hospitaes, e outros logares pios; e caza muitas donzellas, e mulheres viúvas.

Ora nos tres annos que assim o Vice-Rei, como os outros capitães estão na India, tem mais cuidado de se enriquecer, do que de guardar e conservar o Estado; e em tão pouco tempo não podem fazer grandes progressos na guerra. Porque no primeiro anno o mais que podem fazer é saber o estado e forma do governo, conhecer os povos, e enviar armadas. No segundo anno enchem as bolsas, porque não dão nada do seu; e se é mister dar presentes aos reis, senhores, embaixadores, e outras pessoas, isso corre por conta da fazenda real (b). Em quanto aos capitães e fidalgos Portuguezes, esses não recebem outros presentes, senão capitánias de viagens, permissão de certos traficos, ou privilegios e cargos. Aquelles que não entram nos cargos esperam ser generaes, capitães mores, ou seus immediatos, e ter o mando das frotas e armadas de guerra ou mercantes que El-Rei envia a differentes partes. Chegando o terceiro anno o Vice-Rei vai ás vezes visitar com uma grossa armada todas as fortalezas da costa da India, que se estende desde Coullão até Ormuz; mas elle tira grandes lucros desta viagem, assim dos capitães e governadores, como dos outros officiaes, e do proprio paiz;

(a). Este excesso de malicia do auctor tem aqui pouca desculpa, e é tanto menos cabido, quanto em outros infinitos logares elle trata com todo o rigor e severidade, que quer, aquelles actos, que verdadeiramente o merecem.

(b). Outra malicia do auctor, que bem sabia que em parte nenhuma do mundo taes despesas se fazem nem devem fazer á custa particular dos Vice-Reis ou governadores das Provincias.

e ainda todas as despesas correm por conta da fazenda real. De sorte que não é maravilha enriquecerem tanto os Vice-Reis, além de seus servidores e officiaes em numero de cincoenta ou sessenta, que ficam abastados para toda a sua vida.

Se por ventura acontece alguma desgraça ao Vice-Rei, que vem de Portugal, como muitas vezes acerta; o outro não fica com isso pezaroso; como succedeo no anno antes da minha partida, em que o Vice-Rei que vinha, e se chamava o Conde da Feira, morreo na costa de Guiné, e seu corpo foi levado a Portugal. Vinha com quatorze navios, dos quizes só cinco chegaram a Goa, e o resto perdeu-se, e foi tomado pelos Hollandezes. E é para notar que dos que morrem na India só os corpos dos Vice-Reis são levados a Portugal. Quando o Vice-Rei recolhe a Portugal, escolhe os navios que quer, e os faz prover de mantimentos a que chamam *Matalotagem*, para elle e sua comitiva; e ha tempo para isso (a). E quando os Portuguezes sabem que algum Vice-Rei, Arcebispo, ou grande senhor, e capitão se vai embora, cuidam em se meter no seu rol, e obter licença para se irem com elle; porque neste caso todos quantos vão no navio, tirada a gente do mar e officiaes do mesmo navio, que levam, e tem a sua matalotagem á parte, são sustentados de graça, ou sejam fidalgos, ou soldados. Assim quando algum grande senhor se apercebe para se embarcar para Portugal, faz meter mantimento para toda aquella gente, além do que para si ha mister. E todavia é preciso grande favor para alguém entrar no rol do Vice-Rei; porque para uma pessoa se aviar bem de mantimento para a viagem não despende menos de duzentos ou trezentos pardaos.

E' porém grande infelicidade para os Portuguezes da India haver algum Vice-Rei agastadiço, colerico, ou vicio-

(a) Em regra as monções eram estas. Chegavam ás náos á India em Setembro; e saíam para a Europa em Janeiro.

zo, como muitas vezes ha, ou seja por sua incontinencia com mulheres, ou por outros vicios; porque tem elles tal privilegio, poder, e auctoridade, que quando desejam uma bella donzella ou mulher, é bem difficil que por dinheiro, amizade, ou por força não logrem o seu intento. Mas de ordinario não carecem de violencia; antes as mulheres ficam com isso mui contentes, e se hão por mui honradas e gloriosas; e se ellas tem marido, este he mandado pelo Vice-Rei a alguma viagem distante (a). Mas muitas vezes

(a) Não será sem curiosidade confrontar este paragrapho com outro de Diogo do Couto no *Soldado Pratico*, Parte I, pag. 42, onde diz—« que torpezas e fealdades se comettem nas miseras cidades que elles (os Vice Reis ou Governadores) vão visitar ? Em « se o Governador aposentando em qualquer dellas, se não for muito continente, não faltam curiosos que lhe dem para alvitre, que « suão tem hum filha fermosa; e que suã traz requerimentos com « elle, que he cortezã, e bem disposta; que outra, que tem o seu « marido prezo, que he muito bem parecida; e estes alvitres não « os traz por ahi qualquer coitado; mas acontece algumas vezes ser « pessoa tão grave, e de tal habito, e estado, que por temor de Deos « me callo A mim me affirmaram que houve Governador, ou Viso « Rey, que pedio de rosto a hum homem pobre, que lhe pedia hum « officio; hum filha sua, que tinha, mui bem assombrada; a que « lhe respondeu o pobre: « Que minha filha não tem outra cousa de « seu mais que ser honrada; e nunca Deos tal queira que eu faça. » Ora vede que bofetada esta para hum Governador? e para « se não metter logo Capucho, ou ao menos dar hum bom cazamento para tal filha de tal pay ? Não me lembra o que nisso passou; « que eu não me achei naquella cidade, e assim o ouvi contar a « pessoas graves: não quero ficar com restituição de nada. E se o « Governador, ou Viso-Rey da India não tiver tanto resguardo em « si como Alexandre, que não quiz ver as filhas de Dario, segundo a maldade he grande, ficará rendido, e desbaratada a razão; « e o entendimento ficará prostrado aos pés de seus appetites, que « he o mais abatido estado que pode ser; porque mayor gloria he « vencer hum homem a si proprio, que tomar grandes e poderosas « cidades: e se os soldados virem que o seu capitão se deixa vencer « da moça de Capua, como o seu (sic) Anibal, tambem se deixarão « esquecer de sua obrigação=»

Estes dous testemunhos, ambos contemporaneos, e de tão diversa origem, não deixam de ter grande valor historico; devendo todavia advertir-se que nem um nem outro auctor era inteiramente isento de paixão: Pyrrard pela rivalidade de estrangeiro, que elle não dis-

acontece que como todas estas riquezas dos Vice-Reis vem da pilhagem e do roubo, porisso o mar fica sendo seu herdeiro, e perecem miseravelmente (a).

Esta frequente mudança dos Vice-Reis não agrada aos Portuguezes e á outra gente da India, nem tão pouco a semelhante mudança que ha nos capitães das fortalezas, e outros officiaes; e para significarem isto, contam que era de uma vez um pobre á porta de uma igreja, com as pernas todas cheias de chagas, nas quaes pousavam as moscas em tal quantidade, que fazia grande compaixão; pelo que outro homem se chegou a elle; e julgando que lhe dava muito gosto, lhe enxotou todas as moscas, com o que o pobre paciente se agastou muito, dizendo que as moscas que elle enxotava já estavam fartas, e o não picavam; mas as que viessem de novo famintas o picariam muito mais. Assim (dizem elles) acontece com os Vice-Reis, porque os fartos se vão embora, e vem os famintos. Todavia o Rei usa destas mudanças por duas razões; a primeira pelo medo de algum levântamento, porque os capitães não entram todos ao mesmo tempo, mas agora um, e logo outro: a segunda para enriquecer e contentar a seus subditos, porque

farça, e pelo que padeceo em poder dos Portuguezes; Couto pela pouca acceitação e até perseguições que recebeo de alguns governantes, e outras pessas poderosas, que ou por inveja de seu talento e applicações litterarias, ou por temor da veracidade da historia, applicaram todas as diligencias para impedir a criação da Torre do Tombo da India, por ser idea delle, e a escriptura da historia, que tomara a cargo. Sobre isto vejam-se as obras do mesmo Diogo do Couto, e alem disso alguns Documentos, que agora pela primeira vez saíram á luz no *Fasciculo 3.º* do nosso *Archivo Portuguez-Oriental*.

(a) Diogo do Couto tambem disse no *Soldado Pratico*, Parte I, pag. 134—« por onde certo que cuida todo o dinheiro da India « he mal ganhado, e que permite Deos que o diabo o leve por estes canos (prodigalidade e vicios) e por outros—» E aqui ainda os dous auctores são levados da sua paixão; pois se fosse verdadeira a sua explicação, não haveria naufragios nem mortes da Europa para a India, mas só da India para a Europa; e é inutil provar que promiscuamente os havia n' uma e n' outra viagem.

para elle não ha proveito algum. Estando pois os Vice-Reis alli tão pouco tempo, não podem tomar resolução alguma para se rebellarem, porque, como disse, nem todos os governadores e capitães das fortalezas entram ao mesmo tempo, mas em diversos, e tem quasi todas suas mulheres, filhos, e bens em Portugal. E quando tal cousa podessem fazer, seria mister que fossem bafejados de algum poderoso Rei da Europa, que fizesse o mesmo que fazem os Reis de Hespanha em Portugal; porque se elles não extrahirem as suas mercadorias e fazendas na Europa, toda a sua India não lhe valeria nada. Seria tambem mister que tivessem soccorros de homens, dinheiro, munições, navios, e mercadorias da Europa; porquanto a sustentação deste Estado custa tanto, que só pode caber a um Rei poderoso, e que conte despende nisso mais do que ha-de sacar de proveito.

Mas ha outras cousas que recompensam estas; e são; primeiramente o merecimento geral pela propagação da fé christã; depois a alliança com todos os mais poderosos Reis da India; e finalmente o enriquecer todos os seus povos e reinos, que levemente morreriam de fome sem a India; e igualmente seriam justicados muito mais homens em Portugal do que agora são, se não foram estes paizes remotos, onde os enviam degradados para ahi fazerem guerra aos infieis, e servirem ao seu Rei por todo o resto da vida.

* CAPITULO VI.

Do Arcebispo de Goa, Inquisição, Ecclesiasticos, e cerimoniaes, que alli se observam.

Tendo fallado do Vice-Rei e de seu estado, não será fora de proposito dizer alguma cousa do Arcebispo, primeiro Prelado das Indias. Aquelle que o era quando eu esta-

va em Goa, era da Ordem de Santo Agostinho, cujo habito trazia; orçava por cincoenta annos de idade, e havia quinze ou dezaseis annos que occupava o cargo (a). Tinha fama de ser muito caritativo e esmoler. Fez construir e fundou grande numero de Conventos e Mosteiros; dá esmo-las publicamente a toda a sorte de pessoas necessitadas, do mesmo modo que faz o Vice-Rei, mas dá-as mais frequen-temente, porque tambem são mais vezes. A' mesa é servi-do do mesmo modo que o Vice-Rei. Elle mesmo servio por muito tempo de Vice-Rei e de Arcebispo juntamente. Dá-se-lhe o tratamento de *Senhoria*, como ao Vice-Rei. Tem amplos poderes sobre todo o clero da India, e representa o Papa. Come em publico, e é servido em pratos cobertos. E' costume dos Arcebispos fazerem comer á sua mesa, e das mesmas iguarias a doze pobres, mas assentados em lo-gar mais baixo que elles; e todavia este, de que fallo, os faz comer n' outra mesa perto da sua. Ao jantar e á ceia é servido em baixella de prata, ou de prata dourada, e os pobres em porcellana. Estes pobres não são Indios, mas soldados e marinheiros Portuguezes caidos em necessida-de, ou seja por effeito do jogo, ou por não serem pagos de seus soldos. De sorte que quando elle está á mesa, abre-se a porta da sala do jantar, e os seus domesticos escolhem, e fazem entrar as doze pessoas que bem querem. E' cousa divertida vê-los em competencia de quem se sentará primei-ro, porque o que uma vez se sentou não torna a levantar-se. Eu comi alli muitas vezes quando não tinha dinheiro; e quando ha mais de doze pessoas, as que excedem esperam na grande sala que o Arcebispo acabe de comer, e então se manda a alguns do que sobeja ao levantar da mesa (b).

(a) O Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes nasceu a 25 de Janeiro de 1559, e portanto entrou nos 50 annos quando o auctor estava em Goa (1608 a 1610). Por outra parte chegou o Arcebispo a Goa em Setembro de 1595, e assim não anda tambem longe da verdade a conta do auctor sobre a duração do seu governo.

(b) Fr. Agostinho de Santa Maria na *Vida* deste Arcebispo, que

O rendimento deste Prelado é maravilhosamente grande; e este do meu tempo tinha um mordomo que possuía de seu sessenta mil cruzados, e todos os outros seus officiaes e servidores á proporção. Estes servidores são chamados *criados*, e pela maior parte vem de Portugal; os outros são escravos, e chamam-lhes *captivos*. Quanto ás esmolas, não são sempre do proprio bolsinho do Prelado, mas todos os annos se lhe entregam grandes sommas de dinheiro para este effeito. Tira grandes presentes e proveitos de todos os outros Prelados e ecclesiasticos da India. Tem sua justiça e suas prisões em Goa; e tem direito de inspecção sobre a Inquisição, e por este respeito tem sua parte na confiscação dos bens dos que neste tribunal são condemnados (a). Este de que tenho fallado é mui curioso de fabricar igrejas e mosteiros, e principalmente um da sua propria Ordem, que elle augmenta e enriquece muito, e tem ali feito aposentos separados para elle, onde se recolhe ás vezes por dous ou tres dias (b). Vai tambem algumas vezes passar oito dias a fio n' outro convento, chamado de *Nossa Senhora do Cabo*, que é de Capuchos ou Recoletos á entrada da barra; e vai alli por agua na sua *Manchua*, ou pequena galeota coberta.

Quando o Vice-Rei ou o Arcebispo vão assim por mar, são acompanhados de muitas outras *Manchuas* de fidalgos.

poz á frente do seu livro da *Historia da fundação do Real Convento de Santa Monica da Cidade de Goa*, Lisboa, 1699, diz a pag. 11 = « Todos os dias sentavã á sua mesa doze pobres, e lhes mandava dar do mesmo que elle comia, sem distincção alguma; e « quando por alguma causa faltava o jantar para elles, lhes mandava dar o que se lhe havia preparado para elle, ficando sem comer aquelle dia, porque aos seus pobres lhes não faltasse o sustento = »

A singella narrativa de Pyrard, testemunha destas acções, corrige os enfeites panegyricos do Religioso, que escreveu um seculo depois.

(a) Não achámos até agora documento, que prove esta circumstancia.

(b) Era o Convento de Santo Agostinho.

Tem tambem uma musica excellente de trombetas, charamelas, e outros instrumentos; e por esta guisa todos os fidalgos principaes. Quando o Arcebispo anda pela rua, vai no seu palanquim, acompanhado de muitas pessoas nobres a cavallo, e de dignidades ecclesiasticas em palanquim, cada um em seu; atraz vão muitos pagens e lacaios a pé; os servidores portuguezes vão a cavallo. Nas grandes solemnidades, e procissões geraes apparece com apparato pontifical, e adiante delle vai um capellão com uma cruz semelhante áquella que vi na Igreja dos Jesuitas, e de que acima fallei. No palco de seus aposentos, e defronte delles ha sempre grande numero de cavallos e palanquins de fidalgos e outras pessoas, que alli vem ou a tratar negocios, ou a fazer visita. Nunca saê fóra de Goa (a), e não faz visitas; deixa isso ao seu Bispo de Goa (b).

O Arcebispo sobredito tinha grande desejo de regressar a Portugal, mas não ousava fazel-o, porque é mister que El-Rei envie outro que lhe succeda. Comtudo elle havia obtido licença por se ir embora, e havia feito todos os apercebimentos de mantimentos e *matalotagem* para mais de cem pessoas, afóra os seus domesticos, que montavam bem a outro tanto numero; e são necessarios ao menos trezentos *pardãos* para mantença de um homem da India a Portugal. Eu e os meus dous companheiros lhe apresentámos a nossa petição, para que fosse servido deixarmos embarcar na sua não, o que elle nos concedeo, assim como a outra muita gente. Mas cousa de um mez antes de as náos estarem prestes a partir, determinou ficar ain-

(a) O auctor refere-se somente ao tempo que assistio nesta cidade; mas é certo que este mesmo Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes foi visitar as Igrejas do Norte, e depois ao Malabar, aonde celebrou o celebre Synodo de Diamper; e outros Arcebispos foram tambem em diversas occasiões visitar as Igrejas da sua Diocese fóra de Goa.

(b) Seu Bispo coadjutor, titular *in partibus infidelium*. A este tempo era o Bispo de Salé, D. Fr. Domingos da Trindade.

da mais um anno, e de feito eu soube depois que no anno seguinte recolhera a Lisboa a salvamento (a). Quando eu estava ainda na India ouvi dizer que o Rei de Hespanha estava raivozo contra elle por causa da morte do Rei de Ormuz, que elle mandou queimar em Goa, como adiante direi (b); por quanto todos os Portuguezes dizem que só elle fora deste parecer; querendo o Vice-Rei, (c). toda a nobreza, e até a Inquisição salvar o homem; mas o Arcebispo trouxe-os á sua opinião com boas pistolas, de que estava munido (d). Pela minha parte eu sempre o achei homem muito de bem, e grande esmoler. Mandou-nos dar com que comprassemos camisas e mais vestuario quando estavamos para embarcar. Fallava-nos muitas vezes, e fazia-nos muito bem; e admirava-se principalmente como sendo nós Francezes pudemos passar o Cabo da Boa Esperança, visto que os Reis de França e de Hespanha eram entre si amigos; e dahi tirava por conclusão que todos eramos piratas e ladroës; opinião que alli era geral sobre nós, não sendo segundo elles tanto de estranhar este procedimento nos Inglezes e Hollandezes por serem seus inimigos assim no que tocava ao Estado como na religião. Mas não obstante isto este Arcebispo não dizia, como toda a outra gente, que deviamos ser enforcados com a licença e passaporte do nosso Rei pendurado ao pescoço (e).

Ha longo tempo que os Jesuitas e elle andam em letigio, porque lhe não querem reconhecer superioridade, mas só

(a) Deu á vela para Portugal no ultimo de Dezembro de 1610, e chegou aos 22 de Junho de 1611.

(b) No fim do Cap. XVIII desta 2.ª Parte; onde diz que o caso acontecera com *um irmão* do Rei de Ormuz.

(c) Não havia Vice-Rei nesta occasião; e era Governador o proprio Arcebispo.

(d) Trataremos ainda deste successo no sobredito Cap. XVIII desta 2.ª Parte.

(e) Note-se com tudo o que o auctor refere (pag. 22 desta 2.ª Parte) ter acontecido sobre a sua liberdade com este Arcebispo na qualidade de Vice-Rei, (*aliás* Governador) do Estado.

ao Papa e ao seu Geral; este processo está pendente em Roma. O Arcebispo quando sãe fora faz levar comsigo um grande *sombreiro*; e é para notar que assim o delle, como o do Vice-Rei, e dos outros grandes senhores, são mui magnificos e cobertos de velludo, ou outro panno de seda; e no inverno de algum bom panno oleado; e o cabo destes sombreiros é de bonito feitio, pintado de azul, e dourado.

No que toca aos outros Prelados, governam-se em seus cargos do mesmo modo que em Hespanha. Quanto á Inquisição, é composta de dous Ecclesiasticos, que são tidos em grande dignidade e respeito, mas um é superior ao outro, e se chama *Inquisidor-mór* (a). A justiça deste tribunal é alli muito mais severa que em Portugal, e queimam mui frequentemente Judeos, a que os Portuguezes chamam *Christãos novos*. Quando estes são presos pela justiça do Santo Officio, todos os seus bens são também confiscados; e não prendem senão os ricos. O Rei faz todas as despezas desta justica, se as partes não tem com que; mas elles ordinariamente não as accusam, senão quando sabem que tem juntado grande cabedal. E' esta justiça a mais cruel e impiedosa cousa do mundo; porque a menor suspeita, a mais leve palavra, seja de uma criança, ou de um escravo que quer ser molesto a seu senhor, fazem logo condemnar um homem á pena ultima; e dá-se alli credito a qualquer criança por mui pequena que seja, com tanto que saiba fallar. Ora são accusados de pôr crucifixos nas almofadas sobre que se assentam ou ajoelham; ora que açoutam imagens, e não comem toucinho; em fim que guardam ainda secretamente sua antiga lei, sem embargo de fazerem publicamente obras de bons christãos; é verdadeiramente creio que a maior parte das vezes provam contra elles o que querem, porque não condemnam á morte senão os ricos, e aos pobres dão somente alguma penitencia. E

(a) Aliás *Primeiro Inquisidor*.

o que é ainda mais cruel e iniquo é que um homem que quizer mal a outro, por se vingar o accusará deste crime; e sendo preso não ha amigo que ouse fallar por elle, nem visital-o, ou procurar por suas cousas, como em semelhante caso acontece aos criminosos de lesa magestade. O povo em geral não ousa fallar desta Inquisição, salvo com grande acatamento e respeito, e se pela ventura escapasse alguma palavra que de algum modo lhe tocasse, é mister ir logo logo accusar-se e denunciar-se a si a propria pessoa, se desconfia que alguém a ouviu; porque aliás se outrem a denunciasse, ficaria logo perdida. E' horrivel e espantosa coisa ser alguma vez alli preso; porque não ha nem procurador, nem advogado que falle pelo pobre encarcerado; mas os ministros daquelle tribunal são juizes e partes ao mesmo tempo.

A forma de proceder na Inquisição de Goa é em tudo semelhante á de Hespanha, Italia, e Portugal. Ha pessoas que ás vezes estam dous e tres annos presas sem saber porque, e não são visitadas senão pelos officiaes do tribunal; e no lugar em que estam nunca vem a mais ninguem; e se não tem posses para viver, dá-lhes El-Rei o mantimento. Os gentios e mouros indianos, de qualquer religião que sejam, não são sujeitos á Inquisição, salvo se se houverem feito christãos; mas assim mesmo não são castigados tão rigorosamente como os Portuguezes, ou *Christãos novos* vindos de Portugal, e os outros mais christãos da Europa. Mas se pela ventura um Indio, mouro ou gentio, tiver divertido, ou impedido outro, que mostrasse vontade de se fazer christão, e que isto se provasse contra elle, seria castigado pela Inquisição; como tambem aquelle que tivesse feito a outro deixar o christianismo, como mui frequêntes vezes acontece. A causa porque não tratam estes Indios tão rigorosamente é porque entendem que elles não podem ser tão firmes na fé como os christãos velhos; e tambem porque assim se impediria a conversão dos outros: de sor-

te que se lhes deixam ainda algumas pequenas superstições gentias, como não comer carne de porco ou de vacca, ou não beber vinho; e igualmente o seu antigo modo de vestir e adornos, assim aos homens como ás mulheres christãs.

Ser-me-hia impossivel dizer quanto numero de pessoas esta Inquisição faz morrer ordinariamente em Goa; e contentar-me-hei só com o exemplo de um joalheiro ou lapidario hollandez, que alli assistia ha mais de vinte e cinco annos, e era cazado com uma Portugueza mestiça, de quem tinha uma filha mui linda prestes a cazar, e havia grangeado uns trinta a quarenta mil cruzados de fazenda. Ora dando-se este homem mal com sua mulher, foi accusado de ter livros da religião protestante, e sendo por isso preso, sua fazenda foi confiscada, e della deixaram metade á mulher, e a outra metade ficou á Inquisição. Não sei que mais aconteceu, porque nesse meio tempo me vim embora; mas bem creio que terá sido sentenciado á morte, ou ao menos perdido toda a sua fazenda. Era Hollandez de nação. Não fizeram outro tanto a um soldado Portuguez, que era cazado em Portugal e na India; mas era pobre; e assim só o mandaram na nossa não preso para Lisboa; se fosse rico, não teriam tomado o trabalho de o mandar. Todas as outras Inquisições da India são subordinadas á de Goa (a). He nas festas principaes do anno que se fazem as execuções, e nestes autos todos os pobres condemnados marcham juntos com camisas breadas, e pintadas de chammas de fogo; e a differença que os que são condemnados a pena ultima tem dos outros, é que as chammas destes correm para cima, e as daquelles correm para baixo. São levados á igreja principal, ou Sé, que é mui perto da prisão, e alli assistem á missa e sermão, no qual

(a) Não havia propriamente outra Inquisição na India alem da de Goa; mas sim Commissarios desta em todas as fortalezas dos Portuguezes

se lhes fazem grandes admoestações; depois são levados ao *Campo de São Lazaro*, e alli os queimam em presença dos outros, que assistem ao auto.

Fallando agora dos ecclesiasticos da India; ha ahi grande numero de Ordens Religiosas, que todas recebem renda d' El-Rei de Hespanha, alem daquellas que são mendicantes, e que arranjam grossas esmollas, e a essas mesmas dá El-Rei alguma pensão. Os Parochos tambem recebem todos d' El-Rei as suas ordinarias, e este cobra os dizimos, que o Papa lhe concede: o pé d' altar e mais benesses pertencem aos Vigarios e Curas. Todos os ecclesiasticos andam vestidos de sarge d' algodão, por quanto a lã alli é mui rara e cara, porque vem de Portugal; e o algodão é mui commodo por razão do calor. Lá não é como cá entre nós, porque toda a sorte de Religiosos alli baptisam, confessam, são curas d' almas, e administram todos os sacramentos como os outros sacerdotes seculares, que elles chamam *Clerigos*. Aceitam para padres aos indios natu-raes, de qualquer religião que procedam, excepto os Jesuitas, que não querem senão christãos nascidos de pai e mai europeos. Todos os ecclesiasticos são mui ricos, e cada um grangeia particularmente para si o que pode; os Jesuitas porem tem tudo em commum; e quando andam de viagem por onde quer que seja não levam mais que o seu Breviario. Só elles tambem são os que ensinam a doutrina, e tem collegios naquella terra para toda a sorte de sciencias, e instruem toda a sorte de crianças, assim Indios como Portuguezes.

O seu principal e primeiro Collegio de toda a India é o de S. Paulo de Goa, onde mandaram fabricar contiguos á sua casa e igreja aposentos para isso, e ahi todas as classes são mui bem separadas e ordenadas. Os estudantes não entram na casa dos Padres, e os Mestres não saem de casa para hir áa suas classes, nem passam á rua para esse fim. Fazem alli muitas vezes brincos; e representam come-

dias, com guerras e batalhas, tanto a pé como a cavallo, e tudo em muito boa ordem, e com vestuario apropriado. Penso que ha neste Collegio mais de tres mil estudantes. Quando vão para o estudo, vão estes antes de entrar nas aulas ouvir missa á igreja de S. Paulo; e quando saem das aulas todos os de um mesmo bairro caminham juntos, e vão cantando pela rua em alta voz resas e orações com seu credo; mas só vão assim cantando os meninos menores de quinze annos; porque os de quinze annos para cima não seguem este estilo. O fim deste canto he attrahir os infieis. á fé.

Todos os domingos e dias santos depois de meio dia os Mestres e outros Padres Jesuitas para isso ordenados, vão em forma de procissão pela cidade com cruces e bandeiras, cantando com todos os seus estudantes, que marcham formados segundo as suas classes, e então cantam todos, grandes e pequenos, e são seguidos de grande numero de habitantes, e todos vão á igreja do Bom Jesus, Casa professa da Companhia, onde um Padre Jesuita os cathechisa, e toda a igreja está cheia de bancos para este effeito. As mulheres tambem alli vão para ouvir o cathecismo, sem faltarem um só domingo ou dia santo. Estes Padres Jesuitas não recebem dinheiro dos estudantes.

Todos os que em Goa se vão confessar, tem ordem de tomar um bilhete do Padre confessor para irem commungar, o qual bilhete devem entregar antes de serem recebidos a mesa da communhão. Este bilhete é marcado com o Nome de Jesus. Ordenaram isto assim por causa dos novos christãos, que muitas vezes hiam á mesa da communhão sem se confessarem (a).

(a) Assim pareceo ao auctor; mas era estilo geralmente usado em Portugal, e que se perpetuou até aos nossos dias. Como na quaresma só se communga por desobriga nas igrejas parochiaes, e nas grandes cidades a maior parte das confissões se faziam nos conventos, tomou-se esta precaução contra os pouco escrupulosos, posto que christãos velhos.

Todos os Portuguezes da India tem tambem costume de no dia de finados enviar, quanto cada um melhor pode, pão, vinho, e outras iguarias sobre as sepulturas de seus parentes e amigos defunctos; e durante o officio todas as sepulturas se vêm cobertas destas cousas; e depois de o povo sair da igreja, os Padres ou Religiosos aproveitam para si tudo isto, ficando em obrigação de rogar a Deos pelos finados.

Jejuam vespera de Natal, como cá entre nós, e jantam ao meio dia; mas antes de irem á missa da meia noute, pela volta das onze horas fazem uma mui boa collação, que equivale a uma ceia, salvo não comerem carne nem peixe, mas de tudo o mais comem, e bebem a fartar. As mulheres sobre tudo, assim senhoras como servas, desejam muito esta noute, porque como vão todas á missa, servem-se da devoção para gozar de seus amores. Por todas as ruas ha nesta noute lanternas. No dia de Natal em todas as igrejas se representam os mysterios da Natividade, com grande copia de personagens e animaes que fallam, como cá os bonifrates; e ha grandes rochedos, e por baixo delles homens que fazem mecher e fallar estas figuras como querem; e todos vão ver estes brincos. Mesmo na maior parte das casas, e encrustadas das ruas ha semelhantes divertimentos; e faz lá nesta estação melhor tempo, que cá pelo São João. Nas ruas, praças, e outros logares da cidade ha mesas cobertas de bellas toalhas brancas e bem obradas, e sobre ellas muitos confeitos, doces seccos, e bollos, a que chamam *Rosquilhas*, de mil feitios diversos, de que toda a gente compra para dar mutuamente por consoada; e dura esta especie de feira até passado dia de Reis. De noute vão por grandes letreiros com estas palavras *Anno bon*, acompanhados de musica e instrumentos.

Quando chega a festa da Paschoa, toda a quinta e sexta feira santas fazem procissões geraes, como é uso em todas as terras d' El-Rei de Hespanha, e nas taes procissões vão

grande copia de penitentes de todas as qualidades, que se disciplinam, e marcham de joelhos com os braços cruzados. Seria impossivel representar todas as cerimoniaes e modos estranhos e supersticiosos que nestes actos observam. Para estes penitentes ha logares á maneira de hospitales, providos de grande quantidade de vinagres, doces, pão, vinho, e outras especies de refrescos. e muitos pannos brancos. O vinagre serve para lhes lavar as feridas, e o mais para os restaurar comendo e bebendo; e ainda os pannos para os limpar, e curar.

Em todas as igrejas fazem mui formosos monumentos. O interior dellas é ricamente ornado e armado, e o pavimento juncado de ervas e flores, com grandes ramos de bellas e largas folhas aqui e alli, pela maior parte de palmas; e o mesmo fazem na parte externa. pois nestas occasiões ao redor das igrejas, e ainda nas ruas, que são mui bem varridas, plantam muitas ervas, flores, e arbustos. Nos logares visinhos ás ditas igrejas poem grandes lamedas de palmeiras de uma e outra banda; e tem tambem para uso da igreja grande numero de charamellas, cornetas, tambores, rabecas, e outros instrumentos. As' portas vende-se toda a sorte de comestiveis, enfeites, e brincos de crianças. Todas as festas começam na vespera ao meio dia, e acabam no proprio dia ao meio dia, e passada esta hora não ha mais solemnidade. Annunciam com cartazes em todas as ruas e logares costumados as festas, e as igrejas onde são, com os seus perdões e indulgencias.

Todos os novos christãos assim homens como mulheres trazem ordinariamente ao pescoço grandes contas de pão, os Portuguezes e Mestiços trazem-nas na mão, e nunca cessam, em quanto fallam, tratam negocios, ou executam outra qualquer acção, de deixar cair os padres nossos, e ave marias; não sei o que elles dizem; mas vi muitas vezes que ainda jogando aos dados faziam o mesmo. Tem um costume, que é, quando se eleva o S. Sacramento á missa;

levantam todos a mão, como quem a ponta para o Sacramento, e bradam todos em voz alta duas ou tres vezes, *Misericordia*, batendo nos peitos. Não usam o pão bento como nós. Quando seus escravos, de um e outro sexo, vão á missa, levam ferros nos pés, ao menos aquelles de que se desconfia que querem fugir.

No que toca a seus casamentos o homem nunca vê a noiva senão quando ella vai á igreja, mas não lhe falla. Vai ella mui bem enfeitada á moda de Portugal, e coberta de perolas e pedras preciosas; e se lhe agrada, vai o pretendente ao outro dia com um padre a sua casa, e a pede em casamento; depois do que pode continuar a ir vê-la, mas nunca os deixam sós. Casam-se ordinariamente de tarde, e vão em grande solemnidade á igreja. A noiva é as vezes acompanhada de oitenta ou cem cavalleiros bem ordenados, porque todos os parentes e amigos de uma e outra parte assistem ao acto. Igualmente é acompanhada de outros tantos palanquins, em que vão todas as parentas e amigas. E' conduzida por duas das suas mais proximas parentas, e semelhantemente o noivo por dous dos seus até ao interior da igreja perante o padre. Estas quatro pessoas são chamadas *Compadres* e *Comadres* (a).

Terminada a cerimonia da igreja voltam para casa pela mesma ordem ao som de muitas trombetas, cornetas, e outros instrumentos, que tigem desde a igreja até a casa; e por onde passam lhes vão lançando muitas flores, aguas cheirosas, confeitos, e doces sobre o acompanhamento, o que apanham os servidores. Chegados a casa os noivos com os homens e damas mais proximos parentes e de mais idade entram, e os mancebos ficam na rua, onde recebem os agradecimentos; e no entretanto se recreiam em fazer menear, correr, e saltar seus cavallos de frente da casa, e

(a) Ao leitor portuguez é inutil advertir que estas quatro pessoas em relação aos noivos são chamadas *Padrinhos* e *Madrinhas*, e em relação aos pais dos noivos é que são *Compadres* e *Comadres*.

se batem com laranjadas, e jogam cannas uns com outros; estando os noivos e toda a mais companhia ás janellas, que são em forma de galeria, donde assistem a este pas-satempo. Por fim apeam-se todos os cavalleiros, e entram n' uma salla baixa, onde se lhes offerece toda a sorte de fructas e doces com agua de Banguenim; e depois o noivo lhes vem repetir os agradecimentos com toda a corte-zia. Segue-se um banquete a todos os parentes, que não dura muito tempo. e concluido elle cada um se recolhe a suas casas.

Nos baptismos usam das mesmas cerimoniaes e solem-nidades que nos cazamentos. O padre mergulha tres ve-zes a criança na agua benta; e poem alli uma grande sal-va de prata dourada cheia de rosquilhas, biscoutos, mas-sas, e outros doces, com um grande cirio plantado no me-io, e uma peça de ouro pegada nelle; e tudo isto é para o parochio, excepto a salva.

No dia da festa do orago de um Mosteiro ou Convento, dão alli grande banquete a muitas pessoas da sua amiza-de; e o mesmo fazem os parochos e curas nas festas das suas igrejas.

Todos os christãos de Goa, assim Portuguezes como Mestiços e Indios, abastados e ricos, vão á igreja com grande pompa e ostentação, acompanhados de seus familia-res, pagens, e lacaios bem ordenados. São conduzidos no seu palanquim, e todavia não deixam de fazer levar a-poz si seus cavalloes e sombreiros; e os pagens levam ca-deiras ou tamborettes bordados, com duas almofadas de velludo. Todos trazem espada á cinta, e atraz delles mar-cham todos os seus servidores e escravos, de que os mais ricos tem vinte ou vinte e cinco. Mas nunca vão sem as suas grandes contas na mão, e fazem levar um coxim pa-ra ajoelharem. Em fim marcham com a maior soberba do mundo, e são tão faustosos que é mister que um dos ser-vidores tome agua benta para a dar a seu amo ou ama, e

isto sendo homens ou rapazes, porque as moças donzellas e as mulheres nunca chegam nem tocam na pia da agua benta.

As mulheres ricas e nobres vão pouco á igreja, a não ser nos dias das festas principaes, e quando vão, apparecem soberbamente vestidas ao modo de Portugal com vestidos pela maior parte de brocado de ouro, de seda e prata, ornadas de perolas, pedras preciosas, e joias na cabeça, braços, mãos, e cintura; e cobrem-se com um véo do mais fino *crêpe* do mundo, que lhe desce da cabeça até aos pés. O véo das donzellas é de côr, e o das donas preto. Nunca usam meias. Os seus vestidos e saias arrastam pelo chão. As chinellas ou *chapins* são abertos pela parte superior, e só cobrem a ponta do pé, mas são todos bordados a ouro e prata em palheta até abaixo do chapim, e por cima cobertos de perolas e pedras preciosas; e tem uma sola de cortiça de quasi meio pé de altura. Quando vão á igreja são levadas em palanquim o mais ricamente paramentado que é possível; tem dentro um grande tapete da Persia, que elles chamam *alcatifa*, e ha destes alguns que valeriam cá quinhentos escudos; e alem disso ha duas ou tres grandes almofadas de velludo, ou brocado de ouro, prata; e seda, uma para a cabeça, e outra para os pés; e na igreja estas alfaias são levadas por suas aias ou creadas, que são portuguezas ou mesticas. Se estas damas tem algum filho ou filha pequena, metem-nos comsigo no seu palanquim.

As servidoras ou escravas vão atraz a pé, e chegam ás vezes a ser quinze ou vinte, ricamente vestidas de seda de todas as cores, com um grande *crêpe* fino por cima, a que chamam *mantos*; mas não se vestem ao modo de Portugal, e usam grandes peças de pauno de seda que lhes servem de saias; e tem tambem roupinhas de seda mui fina, a que chamam *bajús*. Entre estas escravas acham-se mui lindas moças de todas as nações da India. E é para notar que

os maridos mandam também acompanhar suas mulheres de seus pagens, com um homem ou dous de boa condição, portuguezes ou mestiços, para as levar e suster pela mão depois de descerem de seu palanquim, e as mais das vezes chegam a entrar dentro da igreja no palanquim, tanto he o seu receio de ser vistas na rua. Não trazem mascara, mas andam todas tão arrebicadas, que é uma vergonha. E todavia não são ellas que receiam de ser vistas, mas sim os maridos, que são tão zelosos, que mais não pode ser. Uma das servidoras ou escravas leva a rica alcatifa, outra as duas preciosas almofadas, outra uma cadeira da China bem dourada, outra uma bolça de velludo onde está o livro, lenço, e outras cousas necessarias, outra uma bella esteira mui fina para pôr por cima da alcatifa, outra finalmente o leque, e mais cousas do uso da senhora.

Estas damas, como está dito, quando entram na igreja são levadas pela mão por um ou dous homens, porque não podem andar sós por causa da altura de seus chapins, que pela maior parte tem meio pé de altura, e são abertos por cima. Um destes homens dá agua benta na mão da senhora, e esta vai depois tomar o seu lugar a quarenta ou cinceenta passos de distancia, gastando no caminho pelo menos um bom quarto de hora; tão grave e pausadamente marcham! e levam na mão umas contas de ouro, perolas, e pedras preciosas. Assim o fazem todas, segundo suas posses, e não segundo sua qualidade. Quando levam consigo seus filhos, fazem-nos ir diante de si. As servidoras e escravas folgam muito de que suas senhoras não vão á missa, porque então vão ellas sós, e podem visitar seus namorados, como ordinariamente fazem; e nisto nunca se descobrem ou accusam umas ás outras.

Eis ahí as cousas mais singulares e notaveis que eu vi em Goa; e seria um nunca acabar, se eu quizesse particularisar, e dizer pelo meudo tudo o que ahí observei em dous annos que lá me detive; contento-me só de haver to-

cado geralmente algumas cousas, deixando por ellas a julgar do resto.

Em quanto ás diversas mercadorias, que aportam a Goa de todas as partes da India, fallaremos em seu logar, segundo as regiões donde vem.

De maneira que quem houver estado em Goa pode asseverar ter visto as maiores singularidades da India, pois é ella a mais famosa e celebrada cidade pelo trafico de todas as nações indianas, que lhe levam tudo quanto as suas terras podem produzir, assim em mercadorias, como em mantimentos, e outras commodidades, que alli ha em mui grande abundancia; porque aportam alli cada anno mais de mil navios carregados de tudo; o que torna alli os mantimentos mais baratos que em outro algum logar do mundo, porque o que cá custaria cincoenta soldos não vale lá cinco. A maior parte dos viveres, fructos, e outros regalos e commodidades lhe vem do *Dealção*. O peixe de mar é alli em tal abundancia, que ha mais do que é mister, com quanto se coma alli muito mais peixe que carne, porque é aquelle o seu quasi unico alimento, e sem embargo disso perde-se outro tanto como se come, porque se não pode guardar por mais de vinte e quatro horas, por causa do calor do paiz, que corrompe logo todas as viandas. Não se vê pelas ruas e esquinas outra cousa mais que homens e mulheres que frigem e assam peixe para vender, tudo temperado com os molhos e especiarias necessarias.

Accrescentarei ainda que tendo assistido dous annos em Goa entre os Portuguezes, é impossivel referir e exprimir as affrontas, injurias, e opprobrios que padeci. E em verdade posso dizer sem vaidade que se durante o tempo de dous annos que alli me detive, eu tivesse o menor vislumbre de esperanza de regressar a França, teria sido mais curioso de conhecer e observar as cousas bellas e curiosas daquella terra. Mas desde o dia de nosso naufrágio

até que sahi em terra na Rochella, nunca tive um momento de esperança de minha volta; o que tambem foi causa de que eu me não applicasse a ajuntar riquezas, como podéra fazer; porque lá mui pouca cousa basta para sustentação de um homem, pois tudo é a preço vil. Não deixei todavia de observar muitas singularidades no que toca ás riquezas e mercadorias daquellas partes, por haver frequentado na maior parte da India assim os Índios naturaes, como os Portuguezes, com os quaes andei para o norte e para o sul, correndo, e defendendo as suas costas, e dando guarda aos navios mercantes na ida e na volta.

Mas sempre direi que se os Portuguezes tivessem julgado que me passava só pelo pensamento observar alguma cousa d' entre elles, assim da navegação da India, como outras particularidades de seu Estado e commercio, não me teriam nunca permittido o meu regresso, antes me haveriam dado a morte, ou desterrado como fazem a seus malfeitos: mas eu tive sempre boa cautella de lhes não dar a menor suspeita neste particular; estando de sobre avizo á vista d' outros exemplos, como foi aquelle em que tendo elles apanhado um batel de um navio inglez na costa de Melinde perto das ilhas de Nicobar (a), e tendo achado dentro d'elle um homem de sonda na mão para sondar e reconhecer a costa, o mataram cruelmente; o que não costumavam fazer aos outros estrangeiros. E posto que eu confesso ser pouco experto, ainda lhe dava demonstração de o ser menos, por medo de lhe dar má opinião de mim. E até lhes fiz crer que eu não sabia ler nem escrever, e que não entendia sua linguagem; e para viver bem com elles me era mister obedecer-lhes em tudo e por tudo, de sorte que se algum delles me queria ou fazia mal, eu tratava por todos os meios de fazer a paz com elle, e de os

(a) Ha engano no nome destas ilhas, porque as de Nicobar (*Nicobard*, escreve o auctor) são no golpho de Bengala, e não na costa de Melinde.

ter todos por amigos. Eis como eu passei quasi dous annos e meio com elles, sem contar o tempo que levámos na torna viagem desde Goa até Portugal.

Mas para acabar este capitulo direi ainda que os Ingleses, que estavam em Goa, e foram apaubados no rio e barra de Surrate, nos disseram que o navio chamado *Crescente*, nosso almirante, havia na torna viagem surgido na ilha de Santa Helena, e que chegando alli depois d'elle um navio inglez, que vinha da India carregado de riquezas, mas fraco em homens; o *Crescente* intentara sorprendel-o, porque era melhor navio, e não fazia tanta agua como elle que estava todo aberto (a), tanto que não ponde chegar a França, como eu depois soube; mas que sendo aquelle intento descoberto por um rapaz bombardeiro do *Crescente*, que era Inglez, aquelle navio de noite levou ancoras apressadamente, e nelle foi o bombardeiro que os tinha advertido; o que foi causa de que os Ingleses não ficaram nossos amigos, e desprezavam a nossa nação, porque são todos muy soberbos, ao revez dos Hollandezes.

Fui tambem curioso de perguntar o que era feito do nosso Mestre, e dos outros nossos onze companheiros que se haviam escapado das ilhas de Maldiva n' um batel durante o tempo que alli estivamos naufragados, como atraz disse; mas não pude saber outra cousa mais senão que elles haviam chegado a Coullão, terra dos Portuguezes, e que o Mestre morrera no hospital do dito Coullão com alguns outros, e o resto foram levados presos a Goa, donde uns se haviam embarcado para passar a Portugal, e outros eram idos a varias partes nas armadas dos Portuguezes, e não se sabia o que era feito delles.

(a) O auctor envergonhou-se de confessar que o que os seus antigos camaradas queriam principalmente era roubar as riquezas, de que vinha recheado o navio inglez.

CAPITULO VII.

dos exercicios e jogos dos Portuguezes, Mestiços, e outros Christãos em Goa; e de seus usos e modo de vida, e de suas mulheres.

Os exercicios, a que se dão os Portuguezes tanto em Goa como nos outros logares da India, são primeiramente menear as armas e montar a cavallo; e nos dias festivos e domingos se occupam em mil corridas a cavallo, lançando laranjas e jogando cannas uns com os outros, estando cada um o melhor apercebido e ordenado que pode. Não passa festividade alguma em que não façam algum brinco a que assiste todo o povo, que alli acode aos ranchos, e a todas as cerimoniaes e solemnidades da festa se accrescentam feiras, banquetes, e musicas com toda a sorte de instrumentos, intermeiando assim os prazeres com as devoções. Deleitam-se tambem muito de ir a passeio pelo rio em suas *manchuas*, feitas em forma de galeotas, onde vão a coberto, com musicas, e assim vão desembarcar a suas fazendas, ou ás de seus amigos, onde ha casas apraziveis com jardins e *hortas*, mui povoadas de palmeiras, e grande abundancia de reservatorios e regatos de aguas claras e frescas; e ahi se banham, merendam, e tomam outros refrescos á sombra.

No que respeita a jogos de cartas e de dados, e outros de azar, são permittidos, e ha casas deputadas para isso, cujos donos pagam tributo a El-Rei, e ninguem ousaria jogar em outra parte fóra dalli sob pena de grossa multa. Os que tem por sua conta estas casas e hancas de jogo tiram grandes lucros, porque é cousa admiravel o grande numero de jogadores que ordinariamente ahi se juntam, de que a maior parte até comem, bebem, e dormem alli por não terem outra occupação fóra esta. Tudo alli está mui bem

ordenado nas salas e camaras, que são bellas, claras, e bem alcatifadas; e ha sempre servidores prestes para servirem os freguezes de tudo o que hão mister. Nunca vi jogadores mais liberaes e bizarros do que aquelles, porque os que ganham dão voluntariamente dinheiro aos que estão de fora do jogo, isto é, áquelles que se entretem a ver jogar, e querem entrar no jogo. Chamam a esta bizzarria *Barato*. E não é vergonha acceitar esta dadiva, porque passa mais por um honrado presente, que por esmolla. Dão algumas vezes desta maneira boas peças de ouro; e bastantes vezes quando eu não tinha dinheiro, hia vel-os jogar, e mais promptamente mo davam a mim do que aos outros Portuguezes e Mestiços. A maior parte dos soldados que não tem dinheiro vão ordinariamente a estas casas. Dão também muito aos servidores da casa, e os donos tiram dos jogadores um certo tributo (a).

Em quanto jogam ha raparigas, servas, e escravas do dono ou dona da casa, que tãgem instrumentos, e cantam arias para recrear os parceiros, e note-se que para isto se buscam as mais bellas raparigas que se podem encontrar. Os parceiros jogam jogo mui forte, e sem disputa, por causa da regra e policia que alli ha; e ainda que seja o maior senhor do mundo, cumpre já vá jogar áquellas casas publicas, mas ha nellas camaras particulares segundo a qualidade das pessoas; e nestes jogos despendem-se grandes cabedaes. Gostam muito do xadrez e das damas, e de todos os outros jogos de taboleiro. Não usam o jogo da pella, mas somente jogam á balla com a mão (b); e também usam muito do jogo dos páos e da bolla. Ha também

(a) É a este tributo ou retribuição que se dá hoje mais communmente o nome de *Barato*.

(b) O auctor escreve=*Ils n' ont point de ieu de paulme, mais seulement ils jouent du ballon avec la main*=o que só nos parece que significa que os jogadores de Goa jogavam a pella ou balla (pois que vem a ser a mesma cousa) com a mão, e não com palheta, como os Francezes.

alli muitos pelotiqueiros, charlataes, e farcistas que, para os recrear, lhes mostram serpentes, e outros animaes raros. Lá assim os homens como as mulheres, todos aprendem a cantar e tocar instrumentos, mas não usam danças (a).

No que pertence a seu modo de viver em casa, todos assim homens como mulheres, moços e moças, quando chegam a casa tiram logo todo o vestuario que julgam sobejo. Os homens ficam só com camiza e calções, que lhe chegam até aos artelhos, e são extremamente brancos e finos; tiram tambem o chapeo, e poem um gorro ou carapuça, que é de veludo ou tafetá, em forma de chapeo, e só tem borda de uma banda. As mulheres ficam com as suas roupinhas ou *bajús*, mais raras e finas que o mais delgado *crêpe* de cá; de sorte que as carnes apparecem por baixo tão bem como se ellas nada tivessem sobre si; e alem disso deixam ainda o seio mui descoberto, de sorte que se lhe vê tudo até a cintura.

Na cabeça nada mais trazem que os cabellos atados e torcidos. Da cintura para baixo poem um panno de algodão ou de seda mui bello, mas não tão transparente e fino como o das roupinhas, porque nada se pode ver atravez delle, e é como o nosso tafetá. A maior parte dos homens que se querem cazar não se contentam de ver as raparigas que pretendem em seus vestidos de festa e cerimonia, por haver nelles sobejo artificio; mas para concluir o ajuste querem-nas ver em casa nos habitos cazeiros que tenho dito, afim de as contemplar em toda a sua natural simplicidade, e ver se ellas são bem proporcionadas ou contrafeitas; e tambem não desejam que ellas estejam então arrebicadas, como estam quando saem fora e se enfeitam (b).

(a) Hoje, como é sabido, estam os costumes nesta parte mui trocados. As Damas brancas de Goa raras vezes aprendem a tocar ou a cantar; mas são excessivamente apaixonadas da dança, principalmente das danças da Europa.

(b) O auctor disse no capítulo antecedente que os homens nunca viam as noivas senão na igreja, nem lhe fallavam; aqui diz o

A occupação das mulheres não é outra durante todo o dia mais que cantar, e tanger instrumentos; e algumas vezes, mas raras, se visitam. Usam também dia e noite mascar *Betel* como fazem todos os Indios (a). Seus maridos são muito zelosos; mas ellas são tão dadas ao amor, e aos prazeres carnaes, que apenas acham a menor occasião, não a deixam perder. E nunca lhes faltam occasiões e amantes, quando são bellas e ricas, e por consequente podem ser amadas e da sua parte retribuir o amor; e as servas e escravas estão mui prestes para servir nisso a suas senhoras, e grangear-lhe algum bom galan, como n' outro lugar já disse; mas os maridos as vigiam mui cautelosamente; e quando saem a visitas enviam com ellas algum pagem, ou outra pessoa de confiança para observar as suas acções; mas ellas são tão astutas e artificiosas que quasi sempre chegam a lograr seus intentos.

Ora todas as mulheres da India usam muito de um certo fructo do tamanho de uma nespera grande, que se produz não em arvore, mas em uma erva, e é todo verde, redondo, espinhoso por fora, e por dentro cheio de sementes miudas. Ha-o por quasi toda a India, e em muita abundancia nas ilhas de Maldiva, onde lhe chamam *Moctol*, isto he, erva dos loucos; e em outros logares da India é chamado *Datrô*.

Quando as mulheres querem gosar de seus amores em toda a segurança, dão a beber a seus maridos destes fructos desfeitos em alguma belida ou caldo, e uma hora depois ficam atordoados, e como insensatos, cantando, rindo, e fazendo mil momices, porque perdem então todo o conhecimento e juizo, nem sabem o que fazem, nem o que se faz em sua presença. E as mulheres aproveitam então

contrario. O que porem sem duvida acontecia era haver exemplos de uma e outra cousa, segundo as circoustancias e as pessoas.

(a) Hoje está este uso substituido nas senhoras de Goa pelo do tabaco de fumo.

a occasião de dar entrada a quem bem lhes parece, e fazer tudo quanto lhes apraz, mesmo em presença dos maridos, que nada podem perceber. Este estado dura cinco ou seis horas, mais ou menos segundo a quantidade da dose. Depois dormem, e quando despertam, persuadem-se que estiveram sempre a dormir, sem se lembrarem de cousa alguma do que fizeram, viram, ou ouviram.

Quando tambem os homens querem gozar de uma rapariga ou mulher, e o não podem conseguir, fazem-lhe tomar a mesma droga, e quando tem o entendimento toldado, fazem dellas o que querem, sem ellas darem por tal. Durante o tempo que naquellas terras estive, aconteceu acharem-se grávidas muitas mulheres sem saberem donde aquillo lhes vinha. Mas quem tomasse grande quantidade deste fructo, infallivelmente morreria. Quando os soldados e outros homens não podem possuir uma mulher, ganham as suas escravas, que por dinheiro vendem e atraçoam suas senhoras desta sorte, fazendo-lhes beber desta erva (a).

(a.) A planta, de que falla o auctor, é a bem conhecida *Datura Stramonium*, representada aqui pelos seus dous nomes indianos, *Moetol* e *Dutró*, dos quaes o segundo é vulgar ao norte, e o primeiro ao sul da India. Deriva-se o segundo do sanscrito, onde a mesma planta é chamada *Krishna Dhatura*, e dahi passou ás outras linguas de origem sanscrita, como no Bengali *Kala Datura*, no Hindustani e Guzerate *Datura*, no Concani *Dutoró* (sing.) e *Dutorá* (plur.) Foi daqui que passou á lingua portugueza, onde communmente se escreve *Dutró*, mas alguns com mais correcção ethymologica escrevem *Dutoró*. O outro nome, *Moetol*, é usado no sul, e o auctor o achou nas ilhas de Maldiva. Deriva-se do Tamul *Karú Umattay*, no Telegú *Umatie*, no Malaio *Hammatü*, proximo do Maldiva *Moetol*. Daqui veio o Portuguez *Noz Metella*, e o Francez *Metel*, para significar as capsulas desta planta.

No curioso lizrinho de Mr. Alexander Faulkner, intitulado *A Dictionary of Commercial Terms*, Bombay, 1856, que principalmente nos servio de guia na synonymia, que temos referido, se lê, no artigo *Thorn Apple* (nome vulgar inglez da *Datura*) depois da descripção commercaal da planta que « para o fim de facilitar rou-
« hos, e outros intentos criminosos, as sementes desta planta são fre-
« quentemente dadas na India em doces, meramente para estullifi-

Verdade é que os escravos são tão maltratados de seus senhores, e senhoras que cruelmente os tyrannisam, que não ha muito que estranhar se elles se arriscam a tudo para se vingarem. Vi um dia em Goa um escravo de dezoito ou dezanove annos de idade precipitar-se n' um poço. onde se matou, para evitar a furia de seu senhor, que corria apoz elle para o castigar.

Mas ajuda que em Goa as mulheres sejam muito impudicas, e que o clima, e os alimentos da terra o favoreçam, todavia nem lá, nem nas outras cidades dos Portuguezes ha alcouce publico, nem é permittido havel-o, como em Italia, e em Hespanha; mas encobre-se alli o peccado o melhor que se pode; e todavia não se passam maiores privações do que em outros muitos logares.

As mulheres e filhas dos Portuguezes, Mestiças, e Indianas, banham-se, e lavam todos os dias as partes vergonhosas, como fazem as outras mulheres indias, que não são christãs.

Uma das recreações dos Portuguezes em Goa é juntarem-se ás suas portas com cinco ou seis visinhos assentados á sombra em bellas cadeiras para praticarem; e estani

« car, mas não com designio de matar; ainda que não ha hi duvida
« que para este ultimo effeito tambem tem sido usadas=»

No territorio de Goa, e provincias adjacentes ha duas especies de *Datura* ou *Dutoró*; uma azul, que é rara; e outra branca, que é abundante, e brota espontaneamente nos palmarês, e em terrenos incultos.

Os medicos inglezes, que praticam a clinica na India, recommendam a raiz, folhas seccas, capsulas, e sementes da *Datura* para se fumarem nos casos de asthma espasmodica. O povo usa das folhas recentes pisadas com sal para applicar externamente sobre qualquer parte dolorosa; e nas dores de garganta usa da cápsula pendurada ao pescoço. Não nos consta de exemplo algum moderno de se fazer em Goa uso desta planta para os fins criminosos a que alludem Pyrrard e Faulkner.

Não se deve confundir a *Datura* ou *Moetol* com o *Maisfol*, que assim se chama na India a *Noz de Galha*, derivando do sanscrito *Mayuphul*, do Guzerate e Hindustani *Majowphal*. (Faulkner, artigo *Galls*.)

todos em camiza e calções, com muitos escravos ao redor de si, dos quaes uns os abanam e lhe enxotam as moscas, outros coçam os pés e mais logares do corpo, e catam os bichos. Assim passam a maior parte do tempo, e saúdam cortezmente aos que passam, folgando muito que se detenham para conversar com elles. Quando comem, ou quando se levantam e deitam, mandam vir toda a sua musica de escravos, assim machos como femeas, para os recrear; e em quanto comem tem escravos que os abanam, e enxotam as moscas de cima dos manjares, porque aliás seria difficultoso não engolir algumas destas moscas, de que ha grande abundancia por toda a India. O mais ordinario passatempo das mulheres é estar todo o dia ás janellas, a que chamam *ventanas* (a), e são mui bellas, grandes, e espaçosas; em forma de galerias e saccadas, com jalousias e rotulas mui lindamente pintadas, de sorte que ellas podem ver sem serem vistas.

CAPITULO VIII.

Dos soldados portuguezes em Goa; de seu modo de vida, e embarques; de suas diversas expedições; e ordem que guardam na guerra.

Quanto ao seu modo de guerra e milicia cumpre saber que os Portuguezes tem tido desde o principio guerra continuada com os Malabares, que são os piratas do mar da India, e contra outros reis e povos indianos, como os Arabios, os reis de Sumatra, Java, Jôr, que é na terra firme de Malaca, e outros das ilhas da Sonda, e da costa e terra firme de toda a India. E afóra isso desde que os Inglezes, Hollandezes, e outros estrangeiros tomaram a der-

(a) O auctor suppoz ser portugueza esta palavra castelhana, que nunca teve entrada na lingua portugueza.

rota da navegação da India, tem por esse respeito uma nova guerra entre mãos, a qual os tem abatido muito, e posto em termos de total ruina, de sorte que se tem visto obrigados a reforçar suas armadas. Porque toda a sua guerra é por mar, e não por terra, onde elles nada tem, com quanto ás vezes não deixem de ter guerra com alguns reis particulares da terra firme, que rompem a paz e tregoaç ajustadas de parte a parte; e então poem em campo exercitos de terra, e mandam vir soccorros de suas cidades e fortalezas. Mas as armadas são sempre certas, e armam e apercebem duas cada anno, como já disse.

Para a guarda pois de toda a costa da India desde Goa até Cambaya, e algumas vezes até Ormuz de uma parte, e da outra até ao Cabo Comorin, para impedir as carreiras dos corsarios Malabares, apercebem duas armadas em Goa, e chamam *Armada do Norte* á que vai até Ormuz, e *Armada do Sul* á outra que vai ao Comorin; e são compostas de cincoenta ou sessenta galeotas, com uma ou duas grandes galês como as de Hespanha. Estas armadas saem no mez de Outubro, que é o principio do seu verão, que dura seis mezes pouco mais ou menos, e é o tempo em que correm os corsarios Malabares. Para remar em suas galês servem-se de captivos, e forçados, e usam da mesma ordem que nós cá usamos. As galeotas são de quinze a vinte bancos de cada lado, e a cada remo não ha mais que um homem que não seja forçado nem captivo, mas Canarins e habitantes de Goa, Bardez, e Salcete, e Colombias, que são a gente mais baixa e rasteira entre aquelles povos, e estes todos servem livremente seguindo se concertam. Chamam-lhes *Lascarins*, ao seu patrão *Mocallão*, á galeota portugueza *Navio*, e ás dos Malabares *Parás* ou *Parós*.

Alem destas duas armadas geraes, fazem-se outras que vão a Malaca, a Sonda, a Moçambique, e outras partes onde é mister, e conforme a seus desenhos; mas estas armadas são compostas de navios redondos, que são como ga-

leoões, urcas, e náos da India, com alguma grande geleota; e vão a soccorrer e reforçar suas fortalezas, como a ilha de Ceilão, e outros logares onde elles tem guerra, ou onde são accommettidos.

Todas estas armadas se fazem á custa d' El-Rei. Sáem tambem galeotas e navios dos outros portos e enseadas dos Portuguezes, que vem juntar-se áquelles mais possantes, e são bem armados; e todos juntos correm a costa, e entram, e surgem em todos os portos, que pertencem a seus amigos e alliados, assim para refrescar, como para o trafico, porque com estas armadas vai grande numero de navios e galeotas mercantes, a que chamam *Navios de Chatins*, para os differenciar dos outros, que chamam *Navios da Armada*. Estes navios mercantes andam assim em conserva dos das armadas pelo temor dos corsarios, que obstam a que andem sós. E ainda a maior parte dos soldados, que tem posses, não deixam de fazer suas veniagas ao mesmo tempo que servem a El-Rei, o que lhes é permitido, e até certo ponto necessario, pelas poucas pressas e soldos que tem. Os navios de guerra são aparelhados á custa d' El-Rei, mas os navios de *Chatins* correm por conta de seus donos ou fretadores; e todavia não deixam de estar sujeitos, e de obedecer em tudo ao general das armadas, a que dão o nome de *Capitão-mór*.

Nas grandes galés podem caber dūzentos e trezentos homens d' armas; n' outras galeotas grandes, a que chamam *Fragatas*, cabem cem; e nas pequenas, que são os navios communs, quasi quarenta ou cincoenta. Ha ainda outras embarcações mais pequenas, a que chamam *Manchuas*, onde cabem quinze ou vinte homens. Quanto aos navios redondos o numero de 'homens que levam é segundo a sua grandeza.

A sua ordem e modo de embarcar é este. Quando se quer fazer um embarque em Lisboa para a India, fazem uma leva de soldados por todo Portugal em cada fregue-

zia, como cá se faz com os gastadores, e acceitam toda a sorte de gente de qualquer qualidade e condição que seja, com tanto que chegue á idade de nove a dez annos; e a esses tomam a rol, e ficam tidos e pagos por soldados. Se não se acha quem queira ir de propria vontade, fazem-nos ir por força, sem differença de idade; e todos são matriculados na *Caza da India* de Lisboa, onde dão fiador até embarcarem. Adianta-se-lhes todo o dinheiro da viagem, porque a maior parte são filhos de gente pobre, e tem necessidade de se vestir e armar. A paga é segundo a qualidade das pessoas. O seu modo de contar o dinheiro é por *Réis*, como em Castella por *Maravedis*, que é uma certa moeda que vale dinheiro e meio da nossa, e dizem tantos mil *Réis*.

Entre estes soldados matriculados ha dignidades e qualidades mais honradas umas que outras, e estas precedencias lhe vem umas da raça e prosapia, outras de seus serviços e virtudes, e outras ainda do favor; de sorte que recebem paga segundo estas differenças, uns mais outros menos. Paga-se-lhes em Lisboa toda a passagem junta até á India, e não por mezes; e elles não tem necessidade de se aperceber de provimentos para seu uso particular, porque El-Rei lhes fornece tudo o de que hão mister de viveres, refrescos, e munições de guerra. Aquelles titulos e qualidades adquirem-nos em Portugal, e todavia o Vice-Rei não deixa de conferir alguns aos que os merecem, ou aos que elle quer favorecer na India. Os que são nobres de geração são simplesmente chamados *Fidalgos*. Ha outros que chamam *Fidalgos da Caza d' El-Rei Nossô Senhor*, que são entre elles os mais estimados; outros *Moços fidalgos*; outros *Cavalleiros fidalgos*; outros *Moços da Camara e do serviço*; outros *Escudeiros fidalgos*. Os que não tem titulo nem dignidade chamam-se pura e simplesmente *Soldados*. Prêzam mais estas dignidades do que tudo quanto ha, porque ellas lhes servem para haver car-

gos e governos com seus competentes proveitos. Além destes títulos ha outro, que é o de homem *honrado*, que todos querem ter. O mais que pode receber um soldado, mesmo dos principaes, para a passagem de Lishoa a Goa, são cincoenta ou sessenta cruzados.

Quando estes soldados se embarcam nas náos são repartidos por esquadras ou companhias, para fazerem quarto ou guarda de noute por turno, e não de dia.

Estes soldados alistados, ainda que não tenham títulos nem dignidades, não deixam por isso de se tratar entre si por homens bem nascidos, e se dizer todos nobres, quer sejam ou não de vil condição; e os verdadeiros nobres lho não levam a mal, tanto mais que a differença de sua condição só é sabida entre elles, e não dos Indios, nem diminue em ponto algum a nobresa dos outros, de que todos os annos vem as listas de Lisboa ao Vice-Rei; antes estes títulos, que elles se dão entre si, não é senão para persuadir aos Indios que elles são todos de bom e illustre nascimento, e que não ha entre elles raça alguma vil nem mecanica. E por isso não querem que algum Portuguez, ou seja soldado ou outro qualquer, faça cousa abjecta e deshonesta, nem vá mendigar para viver, mas antes o sustentam o melhor que podem. De sorte que o maior trata com respeito ao mais pequeno; e prezam infinitamente este noine de *Portuguez* e *Portugal*, usando do nome de *homem branco*, e despresam todos esses pobres Indios, a quem trazem debaixo dos pés. E não ficavam esses Indios pouco espantados quando nós lhes diziamos que elles eram filhos de mariolas, sapateiros, aguadeiros, e outros homens de vis mesteres.

Ora segundo seus títulos, qualidades, e merito, assim são as recompensas depois de sete annos de serviço. Estas honras e títulos que os soldados se dão entre si, é só depois que tem passado o Cabo da Boa Esperança, porque e então que elles largam todos os seus modos e costu-

mes, e lançam todas as suas colheres ao mar. Sendo chegados á Índia a qualquer logar que seja pertencente aos Portuguezes, são livres de ir para onde bem lhe apraz, sem serem obrigados a cousa alguma, e mesmo não podem ser constrangidos a ir á guerra, salvo se for extraordinaria; por isso não recebem paga nem soldo algum. Vão sim comer e beber aos aposentos desses quatro grandes senhores, que dão mesas a todos os soldados no inverno, e podem tambem ir a todos os mosteiros em qualquer tempo do anno; porque na casa daquelles senhores não se dá mesa senão de inverno, quando os soldados estão em terra, e as armadas recolhidas.

Hão por melhor dar-lhes de comer, que dinheiro, porque sendo elles mui dados ao jogo, jogariam tudo immediatamente. Quanto ao dinheiro que se lhes adianta quando estão para se embarcar, não ousariam deixar de acceitar tudo o que lhes é necessario para a viagem, sob pena de procedimento. Para as duas armadas do norte e sùl adiantam-se-lhes dous quartéis, que montam ao todo em trinta e seis pardãos; e para as outras armadas, que vão mais longe, adiantam-se-lhes tres quartéis; o que não obsta a que, se elles gastam mais tempo nestas viagens, não sejam pagos quando recolhem de mais um quartel. E o Vice-Rei lho manda tambem dar ás vezes, quando quer gratificar os soldados. Nunca fazem alardo; mas sabem a conta dos seus soldados pelas listas; porque não querem que os Indios saibam o seu numero, como já disse. Os outros habitantes, e soldados christãos Indios naturaes os fazem; mas não os Mestiços, que são como Portuguezes.

Ainda que a maior parte destes soldados sejam enviados por força, com tudo chegando á Índia são todos livres de ficar nella, ou voltar a Portugal, tendo a sua licença e passaporte do Vice-Rei, o que elles mui difficilmente obtem, a não ser por favor, ou mostrando alguma causa legitima. Mas a causa principal porque tão poucos reco-

lhem ao Reino é porque El-Rei nem agua 'lhes dá para a torna viagem, e que é mister ao menos trezentos pardãos para as despesas della.

Os que chegam novamente á India são chamados *Reinóes*, isto he, homens do Reino, e os mais antigos mofam delles até fazerem uma ou duas viagens, e terem aprendido os costumes e manhas da India; e aquelle nome lhes dura até serem chegados outros navios no anno seguinte. Quando vão pela rua, e são conhecidos como *Reinóes*; os rapazes, e moços das tendas gritam apoz elles, e os mercadores indianos folgam muito de os ver, porque mais levemente se deixam enganar.

Para estes soldados Portuguezes esperarem recompensa ou merce de El-Rei, é mister que sirvam lá sete annos, sem contar o anno da partida; e por isso os Mestiços, ou nascidos na India fazem serviço oito annos. Não basta porrem assistir lá, é mister embarcar-se, e ir em todas as facções de guerra e embarques, que se offerecem, e ter disso bons certificados do Vice-Rei e Capitaes, os quaes se não esquecem de lançar em seus certificados todos os bons serviços que prestaram, para que elles tenham a recompensa proporcionada, porque se os não podem mostrar, nada recebem. Se querem ser recompensados é mister tambem que se recolham a Portugal no fim daquelle tempo, senão o seu serviço será perdido; e de feito o perdem ás vezes quando por falta de meios não podem ir, porque devem alli comparecer em pessoa. Mas se morrem no caminho, suas mulheres e filhos, ou outros herdeiros proximos, podem servir-se dos ditos certificados, como elles proprios o teriam feito. Os que se recolhem antes do dito tempo não tem recompensa alguma, e da mesma sorte os que estando na India não servem.

Ha grande numero de soldados, que são enviados á India como degradados por suas malleitorias, e esses não ousariam regressar antes de expirado o seu tempo. Man-

dam-nos a Ceilão, Moçambique, Malaca, e outras fortalezas para defensão dellas, e tem somente os seus soldos, sem esperarem mais recompensa; e a maior parte destes casam-se alli, e lá ficam toda a vida.

Quanto aos moços que são embarcados e pagos por soldados em Lisboa, quando chegam á India, não são recebidos por taes, se não tem força sufficiente para menear toda a sorte de armas; mas nem por isso lhes falta logo arrumo; porque todos os senhores, capitães, e fidalgos os tomam por pagens, ainda que sejam de baixa condição; e não fazem a seu amo ou ama algum serviço vil, mas só os acompanham quando saem fóra, e andam mui galhardamente vestidos da libre de seu amo. E ha fidalgo que chega a ter doze ou quinze destes pagens, os quaes não communicam, nem tratam com os escravos (a). Quando são grandes e fortes para pegar em armas, seu amo lhes dá algum dinheiro para as comprarem e se vestirem, e então se embarcam como os outros, e os sete annos de serviço se lhes começam a contar desde que saem de pagens, e seguem a vida soldadesca.

Estes soldados são todos isentos, e ninguem tem sobre elles mando senão o Vice-Rei, salvo quando estão alistados, embarcados, e tem recebido sua paga para irem á guerra; porque então os capitães e capitães-móres das armadas os governam durante aquella viagem somente. De sorte que todos os homens, que não são cazados, e que trazem espada por profissão, se podem dizer soldados, porque só os homens addictos á igreja não usam espada. Esta palavra *soldado* significa pois um homem que não é cazado; e lhes é defeso trazer capa, para se distinguirem dos cazados, que as trazem. Estes cazados não podem ser contrangidos a ir á guerra, e quando querem ir a ella, é para

(a) Em varias provisões e pragmatias foi limitado o numero dos pagens, que devia ter cada capitão e fidalgo; mas pelo testemunho do auctor se vê que essas pragmatias ficaram sem effeito.

elles grande deshonra por causa de deixarem suas mulhêres; porque lá são haviidos em grande honra os *cazados*. Por isso os soldados não desejam que com elles vão embarcados homens cazados, porque se acanham de dizer perante elles palavras deshonestas, como dizem entre si sem reparo, e sem offenderem o melindre dos outros camaradas; mas um homem cazado se daria por mui aggravado de taes palavras. Todavia a necessidade os constrange ás vezes a embarcar-se; mas tem obrigação de levar capa para serem conhecidos por taes.

Quanto ao numero destes soldados, assim Portuguezes como Mestiços, só em Goa vi mais de quatro ou cinco mil, fóra os soldados Indios, que são innumeraveis; e que todavia não podem igualar-se, nem comer com os Portuguezes, ainda que sejam christaõs, e que homens e mulheres se possam cazar e alliar entre si. De sorte que estes soldados para obter póstos, cargos, e honras da republica, assim na cidade de Goa, como nas outras fortalezas dos Portuguezes é mister que sejam cazados, ou pelo menos soldados matriculados, e pagos por conta d' El-Rei.

A ordem de seus embarques para a guerra é que o Vice-Rei e seu conselho nomeam um capitão-mór em cada armada ordinaria e extraordinaria, e depois os capitães para cada embarcação; e mandam dar ao dito capitão-mór e capitães dinheiro para todas as despesas. Depois a som de tambor se botam pregões pela cidade para avisar todos os que se quizerem alistar para tal e tal parte; e então os capitães tem cuidado de procurar homens honrados, e os melhores soldados, e lhes dão gratificações e honras para os attrahir e chamar a si. Porque estes soldados, não sendo obrigados a ninguem, vão-se embarcar com quem bem lhes parece, e não permanecem sob sua obediencia senão durante a viagem; e em quanto são pagos de seus quartéis.

Pelo que pertence aos que tem mando é o Vice-Rei

que lhes dá tudo, e a maior parte das vezes por favor; e estes taes são os mais hem pagos e recompensados, porque tem mais soldos, e parte maior das presas; e semelhantemente os que tem cargo dos provimentos de viveres, munições, e outras cousas, no que todos tiram seu proveito segundo o seu cargo, e segundo o maior ou menor favor que para isso tem. E' grande honra e mercê ser capitão-mór, e mesmo capitão de um navio, porque tem mando sobre muitos soldados honrados, que em terra são tanto ou mais do que elle. O Vedor da Fazenda é quem paga aos soldados; mas os marinheiros, chusma, e outra gente recebem dos capitães-móres e capitães, que para isso se lhes dá o dinheiro adiantado.

Porem o dinheiro que se paga aos soldados antes do embarque é só para arranjamem vestido, armas, e outras cousas necessarias; mas não lhes é mister tratarem de se prover de mantimentos; porque são mui hem sustentados á custa d' El-Rei no navio, conforme aos logares. Porque se andam no mar usam o mantimento ordinario do navio, que é arroz com manteiga, assucar, lentilhas, e mangas salgadas, e pela maior parte do tempo biscoito, e não bebem senão agua; e comem tambem peixe salgado com o arroz. Mas quando estam surtos em algum porto, como pela maior parte das vezes succede, dá-se-lhe toda a sorte de mantimentos, que no tal logar ha, á custa d' El-Rei. Aquelles porem que querem ir morar em terra sustentam-se á sua propria custa; e no mar cada soldado tem seu prato, e comem separadamente. O capitão trata com grande respeito e honra a todos os seus soldados, que são alli havidos em muito maior estimação que cá entre nós; porque o titulo de *soldado* é o mais honroso que se pode ter; e não ha homem tão rico, e de tão grande qualidade que se julgue deshonorado em dar sua filha em casamento a um soldado.

Quando um soldado tem recebido a sua paga e quartel

para se embarcar, se depois disto se esconde para não ir na armada, e o podem apanhar, é punido corporalmente, e mettido em prisão. Nos navios fazem-se duas cozinhas, a saber, a do capitão e soldados, e a dos officiaes do mar e marinheiros. Em cada navio ha tres ou quatro pagens Portuguezes, pagos e sustentados como soldados, que só tem por obrigação servir o capitão, tenente, e soldados, e os ecclesiasticos que vão a bordo, ou sejam Jesuitas, ou de outra Religião; porque não ha navio onde não vão ecclesiasticos. A maior parte tem escravos, e creados particulares. Ha soldados de grande luzimento e qualidade, e todavia andam todos como os nossos soldados do regimento das Guardas a pé com seu arcabuz, pique, partazana, pequenos escudos chinezes, arco, e flexas. Usam pouco cou-raças, mas fazem grande estimação das gargalheiras de bufalo, e giboës acolchoados, que só são capazes de resistir aos golpes de espada, e ás flexas atiradas de longe. Servem-se tambem de capacetes e chapéos de ferro. Quando estam em terra trazem calças á maruja, que tem quasi dez varas de panno, e são mui amplas e largas em baixo, e chegam ao chão; com estas calças não usam meias, e é-lhes impossivel correr. Mas quando andam embarcados usam calças de outro feitio, que chamam á franceza, isto he, como ha trinta annos era moda em França, e são mui curtas e estreitas. Não trazem tambem meias nem sapatos, porque dizem que os sapatos lhes impediriam firmar os pés sobre o navio, ou sobre o bordo, e enxarcia. De noute tem tendas de folhas de palmeira feitas determinadamente para se cobrirem da chuva; e para se deitarem, usam esteiras e chumaços, com tapetes da Persia, ou de Cambaya, que são menores; e pela manhã dobram tudo, enfardelam, e amarram. Nas embarcações ha tão pouco lugar, que difficilmente se podem os homens, quando estam deitados, estender ao comprido.

Tendo fallado dos embarques, e do seu modo de viver

no mar, direi agora alguma cousa da forma e maneira de seu proceder quando estam nas cidades, e principalmente em Goa; porque quando se recolhem de suas viagens, residem nas cidades que bem lhes apraz; e da mesma sorte vivem os que se não embarcaram. Uns dão ordem á sua vida de um modo, e outros de outro. A maior parte travam amizade com moças e mulheres não cazadas, a que chamam *solteiras*, que quer dizer mulheres de má vida (a), e vivem com ellas mui desabusadamente, como se fossem cazados. Estas mulheres se hão por mui honradas quando um homem branco, entende-se da Europa, procura a sua amizade; porque ellas o sustentam e tratam o melhor que podem, e lhe lavam e arranjam toda a roupa. Da sua parte estes soldados que são seus *amigos*, como lá dizem, as mantêm e defendem em tudo, e até são zelosos dellas, como se fossem suas proprias mulheres; e por ellas se bateriam e matariam mui facilmente em duello. Mas é grande desventura para um soldado, ou outro homem Portuguez, travar amizade com estas mulheres publicas, mestiças ou indias, porque poucos são os que sáem disso sem risco seu; porque se ellas sabem que elles frequentam outras mulheres ou moças, ou que tem vontade de se cazar, ou de as deixar por qualquer modo que seja, infallivelmente ellas os envenenarião com uma certa droga, que os deixaria durar seis mezes, mas que no fim deste tempo sem falta os matará; e por isso é mister que um homem use de grande finura e dissimulação para as deixar. Porem os filhos que daqui procedem não são tidos por bastardos, mas herdam de pai e mai. Quinze dias antes de nós partirmos de Goa houve um contra-mestre de uma das tres náos, que partiram antes da nossa, que foi visitar a amiga de um soldado, o qual entrou em caza nessa occasião, e lhe deu uma cutilada de sorte que o deixou

(a) Mulher *solteira*, por mulher *publica*, é expressão commum nos documentos portuguezes da epocha do auctor.

por morto, e se acolheo a uma igreja. Mas a mulher e a creada ficaram mui calladas, e quando veio a justiça não procedeo contra ellas, nem contra o soldado que se havia acontado; o ferido porem foi levado ao hospital, e depois de ser são, vendo que a não em que havia embarcado toda a sua fazenda era partida, vio-se obrigado a vir na nossa não, na qual comprou gasalhado como passageiro sem emprego algum. Em somma estas mulheres são todas mui apaixonadas dos homens de cá. Quanto aos soldados que fazem vida com ellas, não deixam de se embarcar nas occasiões como os outros.

Os outros que não fazem vida com as ditas mulheres, juntam-se em numero de nove ou dez, mais ou menos, e tomam um aposento, que lá são mui baratos; porque um aposento que cá vale doze escudos por mez, não chega lá a valer um. Mobilam estes aposentos de leitos, mezas, e outros utensilios, e tem um escravo ou dous para todos. De ordinário moram em salas terreas por causa do grande calor. Por isso ha alli aposentos feitos de proposito, que não são divididos em camaras, e só servem para alugar aos soldados, ou outros forasteiros de poucas posses; com quanto haja cazas maiores para alugar como cá. Estes soldados vivem pela maior parte mui mesquinhamente, ao menos aquelles que não tem alguma traça; porque alguns ha que tem mulheres cazadas ou viuvas, que os mantêm occultamente; outros alcançam as boas graças dos senhores e fidalgoas, que os não deixam padecer necessidades; e outros mercadejam. Os que de todo em todo se veni desamparados chegam-se áquelles quatro grandes senhores, de que já fallei, que tem mesa posta para todos.

Aquelles porem que vivem em commum nunca comem juntos, mas cada um tem a sua ração, e tem nella mais vinho, pão, carne, e peixe do que duas pessoas poderiam comer. Os que não querem ir comer a caza, mandam um moço buscar a sua comida e ração, e a comem onde que-

tem: Em todo o dia estão na sua sala, ou á porta assentados em cadeiras, á sombra, e á fresca em camiza e coroulas; e allí cantam, e tocam guitarra, ou outro instrumento. Este logar é juncado de folhas verdes, e lançam-lhe muita agua para se conservar fresco. São mui cortezes com quem passa pela rua, e de mui boa vontade offerecem a casa para que possam os que passam entrar, sentar-se, galhofear, e praticar com elles. Nunca saem todos juntos pela cidade, mas aos dous e aos tres quando muito, porque ás vezes não têm mais de tres ou quatro vestidos para servir a dez ou doze. E todavia quem os vir ~~marchar~~ pela cidade dirá que são senhores de dez mil libras de renda, porque vão cheios de gravidade, e levam junto a si um escravo, e um homem que lhes segura um grande *sombreiro* ou guarda-sol. Ha logares aonde se vão alugar estes taes homens, e servem-se delles meio dia por um vintem, que vale seis brancos (a). Andam os soldados, de que fallamos, vestidos de seda o mais soberbamente que se pode imaginar; mas logo que chegam ás pousadas, promptamente largam os vestidos, e os passam a outros, se querem sair a seu turno.

Vagueiam de noute pela cidade, e por via delles corre-se muito risco de se andar pela rua passadas as oito ou nove horas, apesar de fazerem rondas os meirinhos com seus homens, porque aquelles soldados são mais fortes. Tem um máo costume, e é, que nunca accommettem um homem só por só, mas pela maior parte das vezes caem sobre um só homem quatro ou cinco, e o matam, seja de dia ou de noute. De noute matam e roubam; e por dinheiro não tem duvida de ir matar um homem.

Eis como os soldados passam sua vida na India, assim em terra como no mar, uns bem, outros mal, segundo sua-boua ou má sorte. Mas a maior parte delles por fim

(a) Veja-se a *Nota* (b) de pag. 61 deste volume.

cazam-se, e mercadejam; porque uns não querem voltar a Portugal por terem muito de que viver na Índia; os outros não podem por falta de meios para a torna-viagem. Não lhes é muito custoso viver lá, porque não bebem senão água de Banguenim (a), e um homem acha boa pousada por uma tanga ou cinco soldos por mez; de sorte que com seis brancos, ou tres soldos por dia, pode alli um homem passar bem, e comer com muita abastança.

CAPITULO IX.

Do Reino do Dealcão, Decan, ou Ballagate na vizinhança de Goa.

Mas porque a ilha de Goa, e as terras visinhas, que ora estão em poder e sob o dominio dos Portuguezes, dependiam antigamente do reino do Dealcão ou Decan, de que muitas vezes já temos fallado, não será fóra de proposito dizer alguma cousa do que, estando em Goa, soube daquellas terras.

Ha pois cento e dez annos, ou pouco mais, que os Portuguezes possuem a ilha de Goa (b), para recobrar a qual das suas mãos os reis do Dealcão tem feito todas as diligencias e repetidas guerras, que tem podido, chegando a tê-la de cerco por duas vezes, com dous mui poderosos exercitos, composto cada um de duzentos mil homens, e cada cerco tem durado por nove mezes inteiros; e o rei do Dealcão dizia por fanfarrice que para entulbar o rio, e dar passagem ao seu exercito para a dita ilha, lhe bastavam as *alparcas* dos seus soldados. E de feito chegou a entra-

(a) Disse ha pouco o auctor que na razão de cada um havia sempre vinho, que chegava para dous!

(b) Vê-se daqui, e de outra semelhante conta, que fica a pag. 24 deste volume, que o auctor escrevia este livro na Europa pelos annos de 1620 e tantos.

la por um logar por onde achou meio de dar passagem a um troço de gente, mas foram recebidos valerosamente, e rechaçados pelos Portuguezes. Mas o que mais maravilhou este rei foi a artelharia que os Portuguezes tinham, que era mui grossa, e elle não a tinha.

Com tudo tendo reconhecido que a não podia tomar por força, e que ao contrario receberia maior proveito e riqueza tratando, e communicando com elles, de que se ficasse possuindo Goa; e pela outra parte vendo os Portuguezes que elles não podiam alli permanecer por muito tempo sem a amizade deste rei, porque todos os mantimentos lhes vinham de suas terras, fizeram paz entre si com estas condições. Que os Portuguezes vivirão na ilha que haviam ganhado, segundo suas leis e costumes, sem todavia fazerem por qualquer modo entradas nas terras pertencentes ao dito rei; e este semelhantemente nada intentaria contra a ilha. Outrosim que os Indios, não christãos, que morassem na ilha, dos quaes ha ali grande numero, e passam de vinte mil, vivirão sob sua lei livremente, guardando com tudo na justiça e policia as leis dos Portuguezes, e sem poderem ter templos nem pagodes na ilha. Alem disso que por cada pessoa masculina, por menor que fosse, pagarião um pardão-a El-Rei de Portugal (a).

Observam tambem entre si que se acontece que um christão ou infiel de Goa, por haver commettido algum crime, se acolha na terra do Dealcão, não pode ser posto em justiça; nem tambem o que vem do Dealcão para Goa; mas é mui difficiloso escapar de Goa, porque se não pode passar á terra firme sem licença do juiz, dada por escripto, como já disse, e os passos e fortalezas são vigiadas por guardas; mas mesmo assim não deixam de se escapar muitos. Ha grande numero de Portuguezes e Indios

(a) Parece o auctor referir-se ao tratado celebrado depois do ultimo cerco; mas neste tratado, que é datado de 13 de Dezembro de 1571, não ha as condições, a que elle allude.

christãos. que moram nas ditas terras do Dealcão, e lá estão de assento, e vivem em toda liberdade, salvo no exercicio da sua religião christã que lá não podem ter, como semelhantemente acontece aos infieis em Goa.

Este rei do Dealcão domina grande extensão de terras, e possui muitos reinos, como *Decan*, *Ballagate*, *Hidalcão*, e outros (a). Eram antigamente diversos reinos possuidos por seus particulares reis; mas pelo decurso dos tempos o rei do Dealcão os subjugou todos, e ao presente é muito poderoso e temido; e confina de uma banda com o reino de Bengala, e da outra com as terras do Grão Mogor (b). Quando eu estava em vespas de sair de Goa, eram vindas novas de que este Grão Mogor havia declarado guerra ao rei do Dealcão, que estava resoluta a esperalo, e dizia-se que esta guerra só era dirigida a abrir caminho para ir contra o rei de Bengala, o que o rei do Dealcão lho queria impedir. O rei do Dealcão é mahometano, como é uma grande parte do seu povo; o resto é gentio e idolatra, como os Canarins de Goa, os Naires, e outros Indios.

Era no meu tempo um principe amavel e pacifico, não tyrano, mas amigo de todos os estrangeiros, e dos seus visinhos que estão de paz com elle. O seu poder é tal, que pode pôr em campo duzentos mil homens, como fez no ultimo cerco de Goa, que se crê que elle teria finalmente tomado, se não fora a traição de dous cabos principaes do seu exercito, aos quaes elle depois mandou degollar por esse respeito.

O Vice-Rei tem sempre um embaixador junto deste rei:

(a) Já na *Nota* de pag. 23 advertimos como o auctor, do nome do Rei, *Hidalcão*, fez por corrupção o da terra, *Dealcão*. E talvez assim dissesse o vulgo em Goa naquella tempo. *Decan* e *Ballagate*: he que não os verdadeiros nomes geographicos daquelle territorio, não diversos entre si, mas equivalentes.

(b) O mais correcto é dizer que o *Decan* ou *Ballagate* era antigamente dividido em diversos senhorios, que o *Hidalcão* subjugou, unindo ao seu o territorio delles.

com alguns Jesuitas, que são por elle bem acceitos, e fazem alli algum fructo, mas secretamente. Em todas as suas terras ha grande numero de Portuguezes, a quem elle permite que morem onde bem quizerem em toda segurança, mas não com o exercicio de sua religião; e semelhantemente ha grande numero de Indios christãos; mas tudo gente que tem commettido crimes, e que não ousa voltar para entre os Portuguezes; e vivem alli licenciosamente. Da mesma sorte ha vassallos do Dealcão em Goa, e em outras partes, que vivem em semelhante liberdade. Em quanto aos Portuguezes, que estão junto a este rei em *Decan* ou *Batlagate* (a), podem exercitar a sua religião por causa dos Jesuitas, e do embaixador Portuguez que alli ha.

Este rei tambem tem um embaixador ordinario em Goa, onde é mui bem servido e honrado, e tem o exercicio da sua religião nos seus aposentos. Todos os corpos dos indios de Goa são levados á terra firme, e queimados em terra do Dealcão, e não na ilha (b). Quando este embaixador anda pela cidade, vai acompanhado de muita gente, assim domesticos seus, como grandes, e mercadores daquelle reino. Leva tambem grande numero de soldados armados; adiante e atraz de si, com arcos, flechas, arcabuzes, piques, espadas, e rodellas á chineza. E posto que elle tenha muitos formosos cavallos, é levado em palanquim, acompanhado de senhores a cavallo, e manda tambem ir cavallos á dextra bem acobertados e ajazados, com muitos pagens, dos quaes um lhe leva o abano, outro a boceta de prata cheia de *betel*, outro outra boceta com *chuname*, que é cal (c), e outros dous com dous frascos ou vasos de prata cheios de agua, um para beber e lavar

(a) O auctor queria dizer *Visapór* ou *Beijapór*, corte do Hidalcão, no *Decan* ou *Batlagate*.

(b) Provavelmente no mesmo sitio de *Naróa* de *Bicholim*, onde ainda hoje são levados.

(c) Cal em pó para misturar com o *betel*.

a bocca, e o outro para lavar as partes reconditas quando disso ha mister. Tambem faz levar o seu grande sombreiro, com muitos tambores, flautas, charamellas, e outros instrumentos ao modo da terra; e é assim que marcham sempre todos os embaixadores e grandes senhores daquellas partes.

Ha pouco mais ou menos quarenta annos que o rei do *Dealção* tendo dous filhos, o mais moço veio fazer-se christão a Goa, e se baptizou; e depois sendo morto o pai, pediu partilhas a seu irmão, que o não quiz reconhecer por respeito da religião; sobre o que pediu soccorro ao Vice-Rei, e com esse soccorro fez guerra ao dito seu irmão mais velho, que parte por constrangimento, e parte por conselho de seus grandes, lhe deu emfim em partilha as terras visinhas de Goa, a saber, as terras de *Bardez* e *Salcete*, que são sitas ao redor da ilha de Goa, de que são separadas só pelos rios, com mais tres ou quatro pequenas ilhas. Aquellas duas provincias não são totalmente na terra firme, mas apenas separadas por algumas ribeiras, que facilmente se passam a vão. Tudo isto contem quasi vinte legoas de territorio, muito elevado, e fertil em tudo, muito commerciante, e povoado da mesma gente que a ilha de Goa. Este rei christão tendo morrido sem filhos deixou todos os seus bens e terras a El-Rei de Portugal, que as possui até agora com esse titulo, e nellas tem os Portuguezes edificado fortalezas, igrejas, e parochias, com collegios de Jesuitas, que poem alli todos os parochos de sorte que a fé christã se propaga alli todos os dias (a). Todas estas terras são o celleiro da ilha de Goa (b).

(a) Isto refere-se especialmente ás terras de Salcete. Quanto ás de Bardez estavam entregues aos Franciscanos. e a christandade alli não era naquelle tempo tão florescente como em Salcete.

(b) Allude neste paragrapho o auctor, mui confusa e inexactamente, a *Meale*, ou *Meale-kan*, pretendente ao Reino de Visapór, cuja historia se pode ver em Diogo do Couto, Dec. V. Liv. IX. Cap. VIII, IX, X, XI; Liv. X. Cap. I, II, VI, XI; Dec. VII. Liv. I. Cap. X, XI; Liv. II. Cap. II, VII, VIII, IX, X; Liv. IV, Cap. IX.

Mas tornando ao Rei do Dealcão; tem elle grande numero de elephantes, de que ás vezes faz presente ao Rei de Hespanha, e ficam em Goa para serviço do Estado. Também tem muitos bons cavallos, mas estes vem da Persia, e das terras do Mogor; porque em quanto aos cavallos arabes, são os Vice-Reis de Goa que lhos dão a elle, e lhos mandam novos e serris, e elle lá os manda adestrar, porque não ha nação em toda a India mais dada a cavallaria; nem os Portuguezes tem outros picadores e palafreiros para tratar e adestrar seus cavallos, senão homens desta terra; e mesmo afóra os Naires, não ha quem melhor que elles saiba governar elephantes.

O paiz cria grande numero de tigres, que são muito para temer. A terra é fertil em tudo, porque é regada de grande numero de rios e ribeiras. Ha tambem alli serpentes mui grossas e mui compridas. Os mais finos e melhores diamantes vem em quantidade do reino de Ballagate; e são uma das principaes riquezas daquelle rei, e da terra, porque na India não se prezam senão os diamantes de Ballagate. E ainda que tambem se acham no Pegú, e em outras partes, não são tão estimados, nem de tanto preço. Tambem se produz alli a seda e o algodão, de que fazem pannos, com que se vestem mui bem, trazendo calças, e grandes roupoes de seda e de algodão, com turbantes na cabeça, direitos, altos, e ponte-agudos, e não redondos como os dos Turcos e Arabios. Os seus sapatos são á turca, encarnados, dourados, e bicudos adiante, descobertos por cima, e assim usam tanto os gentios como os mahometanos. E' cousa admiravel ver tanta gente destas terras entrar cada dia na ilha de Goa, assim homens como mulheres, carregados de toda a sorte de mantimentos, com cavalgaduras, bufalos, jumentos, e outras bestas de carga; e é o que sustenta Goa.

Ha pouco mais ou menos quinze annos que havia em Goa um parente mui proximo do Rei do Dealcão, mas que

não era ainda christão, e todavia era vindo alli com tenção de se baptisar. Era doutrinado todos os dias, e assim esteve entre os Portuguezes dous ou tres annos naquella esperanza, e desejava mui efficazmente baptizar-se; porque lá não obrigam ninguem a isso. Neste comemos vieram a elle alguns embaixadores do Dealcão, que lhe metteram em cabeça que o rei era morto, e que a coroa lhe pertencia, como mais proximo parente, dizendo que tinham até promessa dos principaes para isso, se elle quizesse sair donde estava; o que elle facilmente acreditou; e ajustou com elles de sair secretamente, por não ser descoberto dos Portuguezes, que o teriam despersuadido desse intento, e aos quaes elle havia dado palavra, e delles havia recebido mui bom gasalhado. De sorte que tanto fizeram, que saio de Goa em companhia dos taes mensageiros, e passaram ás terras do Ballagate, onde estava o rei. Sendo alli chegado o pobre princepe, foi mui bem recebido ao principio, mas guardado com muita vigia; e tendo o rei posto este negocio em conselho, foi resolutio que lhe tirassem os olhos, que é o supplicio de todos os que aspiram á coroa, excèpto o filho primogenito do rei; e assim o usam todos os reis Indios e Mahometanos á imitação do Turco e do Persa. E isto foi feito por temor que o rei tinha de que este princepe no decurso do tempo não abalasse os Portuguezes contra elle, como havia feito o outro de que acima fallei (a).

No proprio tempo em que eu parti de Goa, havia alli de morada um princepe do Dealcão, parente do rei, e se havia feito christão, e até cazado; tem pensão d' El-Rei, como todos os reis, princepes, e grandes senhores indianos, que se fazem christãos, e se acolhem entre os Portugue-

(a) E' a historia pouco correcta de *Cuso-kan*, filho de *Meale-kan*, que se pode ver em Diogo do Couto, Dec. X. Liv. IV. Cap. VII, X, e XI. E veja-se tambem o *Archivo Portuguez-Oriental*, Fasciculo 3.º Documento 23—XIV. Isto foi no anno de 1584.

zes. Este principe depois de ser cazado cinco ou seis annos com uma bella dama mestiça, enfastiou-se, e quiz largal-a, na forma do costume dos indios mahometanos, que se separam das mulheres quando bem lhes apraz; e pensando estar ainda na mesma liberdade, pediu ser descazado na igreja, o que lhe não foi concedido. Vendo elle isto, fugio para terra de Mouros, e mandou recado aos Portuguezes que não voltaria nunca mais para entre elles, se lhe não desfizessem o cazamento; sobre o que se assentou que mais valia permittir-lhe isto, e deixal-o cazar a seu talante, que dar aso a que renegasse a fé; tanto assim que depois se cazou com a filha de um bramane, com a qual vive pacificamente (a).

(a) *Meale-kan* teve dous filhos; *Cuso-kan*, de que atraz se fallou; e *Mahamede-kan*, bastardo. Este *Mahamede-kan*, ou *Mamede Cão*, teve um filho, que é o de que aqui falla o auctor com bastante correccão.

Chamou-se no baptismo *D. João de Menezes*, e conservou o titulo de *Xá*, que tomavam as pessoas reaes do Indostão, em substituição do outro mais antigo titulo de *Kan*; donde vem dizer-se indifferente-mente, *Idal-xá*, ou *Idal-kan* &c. &c.

Alem do que deste descendente do Meale diz Diogo do Couto, Dec. X. Liv. IV. Cap. XI, e o *Archivo Portuguez-Oriental*, Fasciculo 3.º Documentos 59-XV, e 76-XLI, acrescentaremos aqui mais este Documento, que está no Livro competente de *Registos Geraes* na Secretaria do Governo da India, a fl. 177 v.

Petição.

Dom João de Menezes Xá que a seu avo Mialle Xá, legitimo Rei das terras firmes do Balagate, foi dado para sua comedia as terras de Salcete e Bardez, por falecimento do qual Sua Magestade e os Viso-Reis e Governadores deste Estado fizeram muitas honras e mercês ao pai d'elle supplicante, e agora a elle o dito Senhor deu mil pardões de tença para sua sustentação e de sua familia, dos quaes se lhe não pagam mais que ametade, que estão quebrados para as rendas Reaes, sendo-lhe a dita fazenda devedora de outra metade, e ora tem por noticia que V. S.ª tem passado uma provisão para se não pagar nenhuns ordenados, salvo aos capitães dos passos desta cidade: pede a V. S.ª avendo respeito a sua calidade, e grande familia que tem, e a sua muita pobreza, e a não ter outro remedio para a sua sustentação mais que a dita tença, lhe faça mercê mandar ao Thesoureiro do Estado que faça pagamento a elle su-

Houve tambem um filho do Rei das ilhas de Maldiva, que veio a fazer-se christão a Cochim, onde se baptisou, como já disse tratando daquellas ilhas; o qual trouxe consigo sua mulher, e ali foram recebidos com grande honra. Depois quiz este rei obrigar a seus vassallos, que se haviam rebelado, a reconhecê-lo, e para esse effeito foi lá uma armada de Portuguezes, que levantaram um forte naquellas ilhas, e fizeram alli guerra por espaço de dez an-

plicante no modo que athégora se fez sem innovação nenhuma, e sem embargo da dita provisão, e de outra qualquer que aja em contrario. E R. Mercê=*Despacho*=Veja-se esta petição na meza do governo. Goa a 1 de Julho de 1622. *O Governador*.—Ajão vista desta petição os Vereadores e mais officiaes da Camara e adjuntos della, tendo respeito á calidade da pessoa do supplicante, e a não ter outro remedio de sustentação. Goa a 7 de Julho de 1622. *O Governador*=A Cidade não tem duvida ao supplicante ser satisfeito de seus ordenados visto o que allega, e o que he notorio de sua pobreza, e V. S.^a mandará o que lhe parecer. Em meza a 9 de Julho de 1622. Pedro Lourenço Bate Vias, Luis d' Abreu, João Simões, Manoel de Moraes, Antonio de Magalhaens, Matheus Nunez, Diogo Rodrigues, Paulo Martins, Simão Dias.—Passe provisão para o supplicante ser pago de sua tença como pede, vista a informação da Cidade, sem embargo da provisão que se passou de suspensão dos ordenados, ordinarias, e tenças. Goa a onze de Julho de seiscentos e vinte e dous. *O Governador*.

Provisão.

Fernão d'Albuquerque &c. Faço saber aos que este alvará virem, que tendo eu respeito ao que Dom João de Menezes Xá diz na sua petição atraz escripta, e ao que nella allega, e vista a informação dos Vreadores e mais officiaes da Camara desta cidade, a que mandei dar vista da dita petição: Hey por bem, e por este mando a Antonio Sidrão, Thesoureiro de Sua Magestade, que faça pagamento ao dito Dom João de Menezes Xá de sua tença como athégora se fez sem innovação nenhuma, e sem embargo da provisão que mandei passar de suspensão dos ordenados, ordinarias, e tenças. Notifico-o assi ao Veador da fazenda geral, e ao dito Thesoureiro, e a todas as mais pessoas a que pertencer, e lhes mando que assi o cumpram e guardem, e inteiramente façam cumprir e guardar este alvará como se nelle contem, sem duvida nem embargo algum. Manoel Leitão o fez em Goa a onze de Julho de mil seiscentos e vinte e dous. O Secretario Afonso Rodrigues de Guevara o fez escrever. *O Governador*.

ños de tal sorte que fizeram a maior parte daquelles moradores tributarios. Mas emfim os Portuguezes foram trahidos, e surprehendidos em sua fortaleza, e todos degollados. Desde então não poderam mais alli entrar, mas o rei mahometano das ilhas de Maldiva fez pacto de pagar certa somma de dinheiro todos os annos áquelle rei christão, e a seus filhos e descendentes, com o que ficaram em paz, porque entre elles não habitam christãos. Vi em Goa o neto deste rei christão, que tinha de idade quinze annos, com sua mai que era Portugueza. Chama-se elle Dom Philippe, e os Portuguezes o tratam por *Magestade* (a), e lhe chamam Rei das Ilhas de Maldiva, honrando-o, e respeitando-o muito. El-Rei de Hespanha lhe dá uma pensão, e assim a sua mai. A sua caza é perto do Collegio dos Jesuitas, eahi fui vêl-os muitas vezes, e até me rogavam a isso, porque eu tinha estado nas ilhas de Maldiva, e elles folgavam muito de ouvir contar as suas cousas. Este rei menino anda em demanda com um seu tio, que vive em Cochim, onde é cazado, e a causa da demanda é que o tio tambem se diz rei das ilhas de Maldiva. Este tio é cazado com uma dama mestiça, mai nobre, e mui rica, com o que se sustenta mui limpamente, porque elle da sua parte não tem mais que a pensão d' El-Rei, que é pequena, e ainda mui mal paga a maior parte das vezes.

CAPITULO X.

Viagem do auctor á ilha do Ceilão. e descripção della.

Estando em Goa com os Portuguezes embarquei-me por soldado em muitas das suas armadas, que elles aprestaram

(a) Nisto se enganou o auctor. Nem o rei das ilhas de Maldiva, nem outro algum rei do Oriente era tratado dos Portuguezes por *Magestade*.

em quanto alli me detive, dirigidas alem da costa, em que está situada Goa, á ilha de Ceilão, a Malaca, Sumatra, Java, e a outras ilhas da Sonda, e ás de Maluco.

Pois tem elles por costume armar muitos navios e galeotas, que enviam a Malaca, e até ás ilhas de Maluco, para dar guarda aos navios mercantes; e igualmente acompanhar os que vão mercadejar á China e ao Japão. Por isso descreverei aqui o que observei por todas essas partes, nas quaes me dilatei, e fiz a guerra.

Ceilão é uma ilha muito grande junto da ponta do cabo Comorim; estende-se do meio-dia ao septemtrião, e a ponta austral fica fronteira ao cabo Comorim, entre o qual e a ilha não podem passar navios, porque o mar alli é baixo. Avalia-se o seu circuito em trezentas a quatrocentas legoas. E' a mais rica ilha que até ora se descobrio, e é cheia de muitas cidades. Alguns indios lhe dão o nome de *Tenasirim*, que significa terra das delicias ou paraíso terreal. (a).

Não se pode pois exprimir a bondade, e fertilidade desta ilha; e principiando pelos fructos, direi que tem um gosto e sabor tal, que se não acham tão excellentes em toda a India; brotam naturalmente nos matos e bosques, e entre elles a *canella*. Nomeal-os todos seria impossivel, mas basta dizer que todos os que se dão nas mais partes da India, se acham alli mui commumente, e em perfeição; de sorte que os Indios tem boa razão para tomar esta ilha pelo paraíso terreal. Ha tambem alli certas arvores do genero das palmeiras que dão a *areca*, que se mastiga com o betel; e ha-a em tal abundancia, que dalli se fornece toda a India, fazendo-se della grande trafico para toda a parte em carregação's inteiras de navios.

Os habitantes são gente idolatra, mas de outra sorte

(a) *Tenasirim* ou *Tenasserim* é uma extensa provincia, que jaz sobre a costa oriental da golpho de Bengala. Talvez se desse tambem este nome antigamente á ilha de Ceilão.

diversa dos do Malabar. São de grande estatura, mui negros e feios, mas ageis e destros; é gente mui dada a seus prazeres e delicias, e tambem mui pusillanimes e cobardes. Andão nós, homens e mulheres, cobrindo só as partes vergonhosas com ricos pannos de seda. Tem as orelhas furadas com muitos buracos, e carregadas de pedras preciosas; trazem grande copia de anneis nos dedos; e cintos de ouro fino. A sua lingua é especial; e o nome da nação é *Chingalá*.

Estes *Chingalás* são mui proprios para artes mechanicas, e trabalham mui subtil e delicadamente em ouro, prata, ferro, e aço, e com bastante perfeição em marfim e outras materias. Fabricam toda a sorte de armas, como arcabuzes, espadas, piques, e rodellas, que são as mais bem feitas e estimadas da India. Estes povos são mui bem formados, e bons saltadores; e todos trazem os cabellos como os Malabares. Nunca julguei que elles fossem tão primorosos em bem fabricar arcabuzes, e outras armas, lavradas e brincadas, que são mais bellas que as que cá se fazem.

E' a região mais fertil em fructas que ha no mundo, as quaes são mui boas e mui excellentes; e todo o paiz é coberto de arvores de fructo, laranjas doces e azedas, limões de gosto mui suave e delicioso, romans, côcos, ananazes, e outras fructas da India. Carnes de todas as qualidades são alli abundantes; o peixe nunca falta. Ha milho, mel, cannas, assucar, e manteiga em abundancia; mas não se cria alli o arroz, que é o principal alimento, e lhe vem de Bengalla. Mas toda a canella do mundo só de lá vem, e ha della florestas inteiras. Ha tambem lá grande numero de elephantes, muita quantidade de pedras preciosas, como rubins, jacinthos, saphiras, topazios, granadas, esmeraldas, olhos de gato, e outras, as melhores da India, e por cima de tudo é lá que ha a bella e grande pescaria de perolas mui finas e bellas; mas não ha diamantes.

Os Portuguezes tem duas fortalezas nesta ilha. A principal é chamada *Columbo*, e a outra porto de *Galle*. São fortes, e bem guardadas por soldados, que pela maior parte são criminosos e degradados; e da mesma sorte não mandam alli mulheres senão de má vida. O general que alli mandava, quando eu estava em Goa, chamava-se D. Jeronimo de Azevedo, mui bom capitão. O principal e maior rei da ilha chama-se *Rachil* (a), e ha nella muitos outros reis.

Houve um que foi preso e levado a Goa ha cousa de vinte annos, e depois se fez christão, e se cazou; e recebia uma boa pensão do Rei de Hespanha para sua sustentação, como tem todas as outras pessoas, e princepes, que se convertem. Ora este principe tendo residido longo tempo em Goa, bem amado de todos, houve tanta confiança nelle que por mandado do Rei de Hespanha, e parecer do Conselho das Indias, se julgou conveniente enviar-o a Ceilão para ter alli mando da mão do Rei de Hespanha, afim de que o povo lhe obedecesse de melhor vontade, por ser natural da terra; de sorte que foi mettido de posse de todas as suas terras; mas não se passaram dous annos que não deixasse o christianismo, e voltasse á sua primeira lei, fazendo guerra aos Portuguezes; o que mostra quanto toda esta gente é má e perfida. Morava este rei perto do porto de Galle; chamava-se Dom João, e havia sido preso, e todo o seu reino conquistado pelo capitão André Furtado de Mendonça (b). Adoram um dente de bugio, o qual tendo sido tomado pelos Portuguezes, quizeram resgatal-o á custa de grossos cabedaes, mas os Portuguezes não lho quizeram restituir, e foi queimado publicamente em Goa (c).

(a) Talvez seja o *Rajú*, como escrevem os nossos auctores.

(b) Parece-nos que esta historia é a de D. João Modeliar, que Diogo do Couto devia tratar na sua Decada XI, que se perdeu. Vejam-se no Fasciculo 3.º do *Archivo Portuguez-Oriental* os Documentos n.º 162-XVI, 168-IX, 324, e outros.

(c) Este successo do dente de bugio ou de Budda, é mui an-

Este rei tendo-se levantado, e renegado a fé christã, mandou matar todos os Portuguezes, que se acharam em seus estados; de sorte que depois, passando os Hollandezes pela ponta de Galle com tres navios, e indo alli surgir, e fazer alguma detença, como é seu costume, trataram paz e amizade com elle em tanta confidencia de parte a parte, que os Hollandezes hiam a terra em toda liberdade e segurança, e da mesma sorte os Chingalás vinham aos navios delles; mas neste comenos ideou o rei uma grande perfidia, convidando todos os capitães, os soldados principaes, e homens de qualidade a virem ao seu palacio assistir a um solemne banquete, que elle dava a todos os fidalgos da sua corte. O general Hollandez assim o acreditou, e na boa fé foi ao lugar aprazado com sessenta ou setenta dos principaes dos tres navios, que escolheu, e a quem mandou vestir o mais louçamente que ponde. Foram alli mui magnificamente recebidos ao modo da terra; mas a sobremesa não foi agradavel aos pobres Hollandezes, porque estando á mesa, e não pensando senão em recrear-se, e encher a barriga, foram subitamente accommettidos, e assassinados por homens para isso subornados. A tenção do rei era surprender ao mesmo tempo todos os navios, mas não o permittio Deos assim; e foram salvos, porque tres ou quatro marinheiros, que assistiam ao banquete para servir os seus officiaes, se escaparam, e correram logo a metter-se nos bateis, indo dar rebate aos navios do que era acontecido; pelo que logo sem dilacção alguma cortaram as amarras, largando por mão as ancoras, e deram á vela em direitura ao Achem, onde Deos os levou a salvamento, porque todos os seus pilotos haviam sido mortos. Ouvi dizer aos Hollandezes que este general era um dos homens mais resolutos e valerosos, que de

terior ao do levantado Dom João, e passou em tempo do Vice-Rei D. Constantino de Bragança, como é bem sabido.—Veja-se Diogo do Couto, Dec. VII. Liv. IX. Cap. XVII.

muito tempo áquella parte saíra de Hollanda, e o resto dos seus companheiros não era somenos. Aquelle perfido rei, que lhe armou este laço, fazia tudo isto para se congraçar com os Portuguezes; porque a estes ouvi dizer que aquillo fora obra de conselho seu, e que este rei lhes havia promettido entregar aquelles navios, á conta de lhe ficar na sua mão parte das riquezas. O general não ficou logo morto, nem dous ou tres dos seus companheiros; mas quando o rei viu que parte do seu desenho tinha falhado, entrou em tal raiva e colera, que lhes mandou vasar os olhos, e fazer-lhes outras mil cruezas.

Estes reis de Ceilão são ora amigos, ora inimigos dos Portuguezes, mudando assim segundo as occurrencias. Os Portuguezes andam em continua guerra com estes insulares, dos quaes tem já subjugado grande parte, que tem sob seu dominio, e a pouco e pouco vão domando os outros: ha entre elles muitos convertidos ao christianismo. A guerra é alli mui difficil aos Portuguezes, por ser o paiz mui coberto e cheio de arvoredos; e assim é mister trazer sempre a fouce ou o machado na mão quando vão á guerra; e os Portuguezes não são tão ligeiros nem tão destros a marchar por estes matos, como aquelles insulares, que lhes armam mil emboscadas, e depois se escappam no mais cerrado do bosque. Os Portuguezes tem sido alli cercados muitas vezes em suas fortalezas, mas nunca entrados. A guerra entre elles é mui cruel; e quando os Portuguezes os captivam na guerra, fazem-nos escravos, ou os matam. Elles porem não matam os Portuguezes, mas sómentê lhes cortam os narizes, e assim os mandam embora, porque dizem que não querem que a sua terra seja polluta do sangue estrangeiro, ao menos tanto quanto elles o poderem impedir.

Nesta ilha ha uma ponta chamada de *Galle* para a parte do meio dia, a qual é um cabo, que entra muito ao mar. E direi o que aconteceu a trez navios hollandezes,

que a guardavam, quando encontraram aquelles dous grandes navios, um da Arabia, e outro do Guzerate, de que já fallei tratando das ilhas de Maldiva (a). Estes navios tiveram-se naquella altura quasi tres mezes, durante o tempo que sopram os ventos de leste, que é aquelle em que os navios da India recolhem do Sul, e de Bengala, e tomaram dezaseis ou dezoito navios portuguezes; porque necessariamente todas as embarcações, que vem de todas as costas e contra-costas de Bengala, Malaca, Sonda, China, Japão, e de outras partes, hão de passar alli, e vir avisitar esta ponta, como nós fazemos ao Cabo de Boa Esperança quando vamos para a India; e da mesma sorte vem as embarcações tocar nesta ponta para passar a toda a demais costa da India, que se entende desde o Cabo Comorim até Ormuz. E aquelles que não querem chegar-se a ella, indubitavelmente se vão enleiar nos baixos das ilhas de Maldiva, donde difficulosamente poderão sair-se sem perigo.

Estas presas todavia molestavam mais os Portuguezes do que enriqueciam os Hollandezes, porque a maior parte destas embarcações não traziam mais que mantimentos para os portos. Verdade é que isto molestava os Portuguezes por duas vias, uma pela honra e credito, que lhes fazia perder para com os reis e povos da India, e a outra pela necessidade e carestia de mantimentos, que padeciam as povoações dos portos e enseadas, donde eram as ditas embarcações; porque se isto lhes falta um anno, passa-se ahi grande fome. Nestes navios sò havia algumas mercadores e passageiros que fossem Portuguezes, porque todo o resto, assim officiaes como marinheiros, e ainda a maior parte dos mercadores eram Indios, Gentios, Judeos, ou Mahometanos. Os Indios christãos vestidos á portugueza não são havidos por Indios, mas por Portuguezes. Os

(a) Cap. XX da 1.ª Parte.

Hollandezes faziam guerra mais branda, e melhor gasalhado áquelles verdadeiros Indios, que aos Portuguezes e Mestiços; e todos os navios indios de qualquer lugar que fossem, não recebiam delles máo trato, mas antes toda a offerta de soccorro e assistencia, como tem feito a muitos que o não pediam. De sorte que os Hollandezes, Ingлезes, e Francezes, que elles alli reputam por gente da mesma igualha, são bem acceitos daquelles reis e povos da India, porque não recebem delles molestia alguma.

Ora a ordem, que os Hollandezes guardam quando toparam com algum navio, é disparar um tiro de peça, e para logo os outros amainam, porque não tem gana de pelejar, pois são todos mercadores particulares, ou marinheiros e officiaes indianos, aos quaes os Hollandezes não fazem mal. Mas tomam aos Portuguezes, e toda a sua fazenda, e tambem o navio, se pertence a Portuguezes, ou o dão a Indios, e lançam os Portuguezes em terra sem lhes fazer mal, e ainda em cima lhes dão dinheiro para se manterem até chegarem a alguma terra da sua gente. Quando encontram navios indios, dão-lhes busca somente para verem se ha alli Portuguezes escondidos, e não os achando, deixam ir livremente os navios sem lhes fazer outra cousa; somente lhes perguntam se são mahometanos, ou de outra religião, e sendo assim, fazem-nos jurar sobre o livro da sua lei, ou sobre um biscoito, e são cridos sobre este juramento acerca de ser a fazenda delles, ou dos Portuguezes. E quando no mesmo navio são misturados uns e outros, fazem-lhe o mesmo; pondo de parte e deixando livre as mercadorias dos Indios, e tomando as dos Portuguezes, isto é, a que é propriedade delles; e pela maior parte das vezes poem fogo ao navio, ou o dão aos Indios, a quem dão juramento de não restituir aos Portuguezes o que alli tem deixado; porque se soubessem que elles lhe restituíam alguma cousa, os haveriam por inimigos. E' impossivel contar os navios, que os Hol-

landezes tem tomado na India deste modo sem golpe de espada; porque são havidos como reis do mar pelos Indios, e até pelos Portuguezes, os quaes no mesmo ponto em que avistam de longe os ditos Hollandezes, ainda que poucos sejam, não pensam em outra cousa senão em fugir, ou deixar o seu navio com todo o seu recheio, para se salvarem em algum batel.

CAPITULO XI.

De Malaca, sua descripção, e do memoravel cerco, que os Hollandezes lhe puzeram.

Sendo partidos de Ceilão fomos a Malaca, que é distante de Goa seiscentas legoas perto da linha equinocial, a um grão da banda do polo arctico, mui proxima da grande ilha de Sumatra, e dos reinos de Sião e de Pegú. Os Portuguezes fabricaram alli uma cidade mui forte, que lhes é de grande importancia, por ser como a chave, e escala da navegação da China, Japão, Maluco, e outras ilhas circumvisinhas da Sonda. De sorte que abaixo do de Ormuz não ha capitão que faça maior rendimento que o de Malaca, porque está alli no estreito de Malaca e Sumatra, onde é mister que todos os navios venham aportar, e pagar os direitos; de sorte que os mesmos navios portuguezes não podem passar, se não tem passaporte e guia do capitão de Malaca, assim para a ida como para a vinda.

Esta fortaleza faz grande pejo aos Hollandezes, Inglezes, e Francezes; e por essa razão os Hollandezes tem querido tomal-a, e a cercaram desta sorte. Os Hollandezes e o rei de Jor se concertaram entre si para lançar os Portuguezes de Malaca; e para esse fim tinham os Hollandezes treze grandes náos commandadas pelo capitão Corne-

lio Matalief, (a) seu general na India; de sorte que aos 29 de Abril de 1606 surgiu em frente de Malaca com não menos de 1500 Holleandezes, que saíram em terra, e sitiaram Malaca, que ficou mui surpresa, porque o capitão havia recebido ordem do Vice-Rei de Goa para mandar quatro navios de guerra dar guarda aos mercantes, que liam de Goa à China e ao Japão, de sorte que lhe não haviam ficado na fortaleza mais de trinta soldados, porque esperava ver chegar a cada momento o Vice-Rei, segundo o aviso, que de Hespanha lhe viera no galeão, que sae de Lisboa um mez ou dous antes da armada; e vai em direitura a Malaca, e não a Goa. Este galeão é do porte de 700 a 800 tonnelladas, e vai não só para dar avisos, como para carregar de mercadorias da China, e das ilhas da Sonda. Ficou pois o capitão da fortaleza mui confuso; tanto pela falta de mantimentos, como pela de homens, e porque não tinha tido aviso algum desta empresa, nem novas de que os Holleandezes tivessem tantos navios na India. A fortaleza foi por elles combatida com vinte e cinco peças de artilheria grossa, que elles desembarcaram; e eram ajudados, como disse, do rei de Jôr, e de outros regulos seus vassalos, que tinham a fortaleza cercada da banda da terra com sessenta mil homens; porque é este um rei poderoso, que domina em todo o sertão, e terras de cima de Malaca. Este cerco durou por espaço de trez mezes e dezanove dias. A fortaleza foi bem defendida por um fidalgo Portuguez, mui valeroso, chamado André Furtado de Mendonça, que por acaso alli se achou; porque nada mais esperava na India, senão o posto de Vice-Rei, que logo pouco depois teve (b). Não contava ao todo mais do que 150 homens de peleja, entre Portuguezes e Indios; e por fortuna dos cercados, havia alli então navios

(a) *Madalif* escreve *Pyrard*. Nós seguimos a orthographia holleandeza.

(b) Foi Governador por via de successão, como temos visto.

mercantes do Japão, com cuja gente é que se perfez aquelle numero dos 150 homens para a defensa; e são os Japões os melhores soldados de toda a India.

Sucedio tambem muito a ponto para os cercados que o Vice-Rei de Goa, que então era D. Martim Affonso de Castro, sem saber todavia nada deste cerco de Malaca, tinha negociado uma armada, de que elle mesmo era cabo principal. Era esta armada composta de setenta embarcações, e dividida em duas esquadras; galés, galeotas, e mais navios de remo a uma banda; e os navios de vela a outra. Reputa-se ser esta a mais bella armada que os Portuguezes em tempo algum pizeram no mar na India, porque havia nella perto de quinze mil homens, todos mui bem ordenados. Sahio de Goa no mez de Maio de 1606, deixando o Vice-Rei o governo de Goa e do norte da India ao Arcebispo daquella cidade Dom Fr. Aleixo de Menezes. Um mez depois da saida do Vice-Rei as duas esquadras se foram juntar perto de Sumatra; pois era seu desenhio e intento ir tomal-a e conquistal-a, porque o rei desta ilha dava acolheita aos Hollandezes. Mas tendo sido valerosamente rechaçado pelo rei do Achem, e tendo então novas deste cerco de Malaca, abalou-se de Sumatra naquella derrota, pensando surprehender aos Hollandezes em terra, e queimar-lhe os navios; mas não succedeo assim, porque os ditos Hollandezes foram avisados por um dos seus feitores, que estava em Sumatra, e apressadamente partiram para lhes ir dar este aviso; e nem isso era mister, porque os Hollandezes tinham sempre um patacho no mar de vigia seis ou sete legoas ao largo, receiosos de serem colhidos de subito; e no mesmo ponto que este patacho avisou a armada, foi daqui sem detença ariso á sua gente, que logo se recolheo ás náos com toda a artilheria, e assim levantaram o cerco aos 19 do mez de Agosto. Mas isto deu motivo a que os Hollandezes ficassem em má reputação e pouco credito entre aquelles reis indianos; por-

que haviam promettido ao rei de Jôr e aos outros que infallivelmente tomariam Malaca, e lançariam della aos Portuguezes; e na verdade foram elles a causa porque todos aquelles reis declararam guerra aos Portuguezes, sendo de antes mui bons amigos delles. E o peor é que o capitão Cornelio levantou o cerco, e recolheo a sua gente sem o dar a saber ao rei de Jôr, que elle deixou á mercê dos Portuguezes, e em guerra com elles.

Os Hollandezes, tendo levantado o cerco, deram á vela, para ir sair ao encontro do Vice-Rei, e com elle combateram mui furiosamente por espaço de dous dias. O Capitão Hollandez era homem bravo e esforçado, e por tal tido por todos os Portuguezes e Indios, sendo na verdade impossivel fazer-se melhor do que elle fez. Vio-se, alem de outros perigos, em grande aperto quando um navio portuguez o abordou, e segurou com ganchos e arpêos de ferro, de tal sorte que era impossivel desenhencillar-se delle, e até ja lavrava o fogo nos dous navios, que teriam ardido com a gente, se este general Hollandez não dissesse ao capitão Portuguez que não era de bom cavalleiro deixar-se queimar assim, e que mais valia separarem-se e largarem-se um ao outro. O Capitão Portuguez ao principio não quiz assentir, porque lhe era mandado sob pena de morte que se queimasse e perdesse para destruir o inimigo; mas emfim o partido que acceitou foi que os bateis dos Hollandezes viessem para salvar os seus, e os dos Portuguezes não viessem; e assim se largaram, e foram ambos salvos. Mas depois o capitão Portuguez foi degolado por este respeito. Pereceo no combate muita gente de parte a parte, mas seis Portuguezes por um Hollandez.

Finalmente os Hollandezes ficaram victoriosos, sem outra perda mais que a de dous navios, que se queimaram com outros dous do Vice-Rei; e este se recolheo logo a Malaca com os navios que pôde salvar, e passado um mez morreo de dysenteria. Os Hollandezes tambem se retiraram.

ram com honra; e semelhantemente o rei de Jôr e os seus; e dest' arte Malaca ficou livre, e depois disso tem sido mui bem fortificada. Os Portuguezes perderam alli grande numero de esforçados e valerosos capitaes, e tiveram bastante perda e deshonra nesta facção; porque toda a sua armada foi desbaratada. Entre os mortos ficaram dous fidalgos irmãos, grandes capitaes, um chamado Dom Fernando, e outro Dom Pedro Mascarenhas, com outros dous irmãos seus mais moços. Nunca entre os Portuguezes houve mortes mais carpidas, e o são ainda todos os dias, mais que a do Vice-Rei, que logo depois morreo de dor e melancolia; e foi cousa admiravel que treze navios fizessem tanto effeito. A cidade è a mais rica e mercante de toda a India, apoz as de Goa e Ormuz, pela grande copia de mercadorias da Chyna, Japão, Maluco, e de toda a Sonda, que alli abicam; e com tudo è alli mui caro o passadio da vida.

Os habitantes da terra são homens de boa figura, bem apessoados, e proporcionados em sua estatura, que è mediana; e da mesma sorte as mulheres. São de cor morena; e andam nus da cintura para cima, e della para baixo tem roupas de algodão e de seda, das quaes a que usam pela parte de baixo não passa dos joelhos. Cingem-se de um rico cinto, e trazem punhaes em riquissimas bainhas. As mulheres trajam roupas de seda e tem camizas mui curtas; usam os cabellos compridos, e bem toucados com pedras preciosas e muitas flores entrelaçadas. São pela maior parte mahometanos; e todavia hoje ha alli grande numero de christãos. Os Padres Jesuitas tem alli um mui bello Collegio.

Os ares deste paiz são máos, intemperados, e doentios; de sorte que a propria gente da terra è mais atreita a doenças do que a de outra qualquer parte da India. Poucos são os estrangeiros que não caem alli enfermos, e raro è o que não morre, e ao menos ficam-lhes bons signa-

es, porque a uns cáe o cabello, e a outros vem molestias de pelle; o que todavia se entende dos que alli fazem longa residencia. Por isso os soldados que lá ha, são quasi todos como os de Ceilão, isto é, bannidos e degradados por seus maleficios. Quanto aos mercadores, é o desejo de grandes ganhos que lhes faz arriscar a vida, e quando de lá voltam, trazem a côr livida, e nunca alli logram saude. Os povos daquellas regiões são chamados *Malayos*, assim nas terras de Malaca, como em Sumatra; e fallam uma lingua que é entendida em todas as ilhas da Sonda; e esta lingua é só a usada em todas aquellas partes, e por isso a mais extensa, e a mais util de toda a Índia.

CAPITULO XII.

Das ilhas da Sonda, Sumatra, e Java; das cidades de Bantam e Tubam; ilhas de Madura, Balli, de Maluco, e Banda.

Os Portuguezes chamam a todas as ilhas, que estão além de Malaca, a *Sonda*, como quem diz as *Ilhas do Sul*. E debaixo deste nome são comprehendidas Sumatra, Java, as ilhas de Maluco, e todas as outras ilhas particulares daquella costa.

Quanto á ilha de *Sumatra* (a), não me deterei em descrevel-a, por quanto não sahi alli em terra, e somente passei á vista della. E' situada debaixo da linha equinoxial, que a corta ao meio, e é mui extensa, porque chega ao 5.º grão da banda do norte, e ao 6.º da banda do sul, que é quasi a mesma altura das ilhas de Maldiva, das quaes fica distante seiscentas legoas. Dos habitantes, uns são mahometanos, principalmente os que demoram á beira-mar;

(a) *Samatra* escrevem os nossos antigos,

outros são gentios. São mui dados ao trafico, e por isso todos os mercadores são alli bem acceitos. Os arabios; e outros mahometanos frequentam e traficam alli mais que todos os outros; os Portuguezes tambem alli vão, mas mui poucos, porque não são amados do rei. Os Hollandezes tem alli uma feitoria, e feitores. A terra é mui rica em pimenta, que é mais grossa que a do Malabar, e havida por melhor por todos os Indios. Ha-a em tanta quantidade, que se podem ás vezes carregar trinta navios n' um só anno. Ha ouro, assim nas montanhas, como nas areias dos rios; mas este ouro é mui baixo, e de menor estimação que todo o outro que vem da India. Batem delle moeda, onde está de um lado a figura de um pagode, e do outro a de uma carroça puxada por elephantes.

Esta ilha contem muitos reinos, mas o mais poderoso é o do *Achem* (a). Quando por alli passei o rei que então reinava era mui mancebo, e desapossando por força a seu pai se havia apoderado do reino, e lançado o pai em prisão, e tambem a mai, até com ferros aos pés. Um irmão seu, que elle tambem havia expellido, lhe fez guerra, mas agora estam amigos, porque lhe foram cedidas certas terras, que ficam na distancia de quarenta legoas, onde elle mora.

Este rei do *Achem* é muito amigo dos Hollandezes, que tem feito alli fabricar muitas cazas, e é este o lugar ordenado para todos os navios de Hollanda que estam na India, e onde fazem escala para o commercio, carga e descarga das mercadorias, e tem alli muitos feitores, que meam grande trafico; mas elle não quer ouvir fallar nos Portuguezes, com quem tem guerra mortal. E todavia é cousa estranha que este rei nunca tenha podido andar de paz com os Portuguezes, visto que se accommoda com todos os outros estrangeiros. Ha sim ás vezes alli alguns mercado-

(a) O *Dachem* dizem commumente os nossos documentos, e auctores antigos.

res Portuguezes particulares, mas não recebem favor algum do rei, nem tão pouco o vêm.

Quando os Hollandezes começaram a vir á India tiveram guerra com este rei, e por essa causa roubaram dous navios da Arabia carregados de especiaria, que baldearam nos seus; mas depois os Hollandezes e elle fizeram-se bons amigos, e elle até enviou seis embaixadores a Hollanda, deixando os Hollandezes alli em refens alguns dos seus. Estes embaixadores foram bem recebidos e honrados em Hollanda, e voltaram ao Achem, mas não todos, porque morreram quatro no caminho, e eu vi um dos outros dous, que na volta foi ter á ilha de Malé. Estes Arabios roubados no Achem pelos Hollandezes vendo que o rei do Achem, e todos os outros reis mahometanos estavam mui bem com os Hollandezes, e eram inimigos mortaes dos Portuguezes, determinaram enviar deputados a Hollanda para tratar paz e amizade com os Estados, e pedir satisfação e justiça de sua mercadoria roubada; de sorte que foram mui bem satisfeitos, e embolçados de sua perda, sem embargo de serem passados sete annos depois que a fazenda lhês havia sido tomada. E desde este tempo os Hollandezes tem sempre estado em boa amizade com todos os Indios.

Mas na verdade o que ao principio nos fizera mal, e diminuir muito a reputação dos Francezes, Inglezes, e Hollandezes naquellas partes, porque na India nos tem a todos por uma só gente, por verem que todos somos amigos entre nós, e inimigos dos Portuguezes; foi que se havia levado á Sonda grande quantidade de moedas falsas de quarenta soldos de Hespanha, que se fabricavam mesmo nos navios. Os Hollandezes accusavam disto aos Inglezes, e os Inglezes lançavam a culpa aos outros; mas seja como quer que for, os Hollandezes é que o pagaram bem caro, porque na viagem seguinte foi morto grande numero delles em muitos logares; e desde então os Indios não o

se fiam tanto delles, e correo rumor por toda a India de que nós todos eramos embusteiros.

Mas tornando ao rei do Achem, os Hollandezes e elle tem sempre desde a sua concordia permanecido em boa correspondencia; e este rei tem sempre empécido aos Portuguezes em tudo quanto tem podido, como igualmente os reis de Jór, Bantam, e Java maior. Quem está na India, e nos outros logares d' alem do Cabo de Boa Esperança, quando quer ir a Sumatra, diz somente que vai ao Achem; porque esta cidade e porto inclue em si todo o nome, e a reputação de toda a ilha; e semelhantemente se diz de Bantam na Java maior; de sorte que se não falla lá senão destes dous reis.

O rei do Achem tem muitas vezes posto cerco a Malacca, e assim o de Jór. E' aquelle mui temido, como bem mostrou quando foi accommettido pelo Vice-Rei Dom Martin Affonso de Castro, porque se defendeo tão bem, e ficou alli tão grande numero de Portuguezes assim mortos por armas como afogados, que o Vice-Rei não poudo al fazer senão retirar-se com vergonha e perda; e isto lhe foi ainda de máo agouro, porque depois foi acabar em Malacca, como já disse. Mas tambem os Hollandezes, que então estavam no Achem, serviram grandemente ao rei, ainda que eram poucos; porque deram traça para se fazerem tranqueiras e fortificações ao modo de Hollanda e de França, com muita artilheria, de que o rei não tem falta; e eu nunca teria acreditado que houvesse tanta artilheria na India como na verdade ha. Desde este combate, em que os Hollandezes procederam tão bom e com tanta afeição, o rei começou a ter-lhes grande amizade.

A ilha de *Java* (a) está junto de Sumatra ao meio dia, convergindo a leste, separada por um braço de mar assaz estreito, e começa aos 7 grãos da banda do sul. E' uma mui grande, rica, e opulenta ilha, que contem muitos rei-

(a) *Java* escrevem os nossos auctores e documentos antigos.

nos. O de maior nomeada é o de Bantam, e por isso se aporta alli mais do que em qualquer outra parte. Os galeões portuguezes da viagem de Maluco, nos quaes eu hia, detiveram-se naquelle porto algum tempo, o que me deu occasião de ver esta terra.

Bantam é uma grande cidade mui povoada, situada á borda do mar no extremo de toda a ilha, e junto do estreito, chamado o estreito da Sonda (o qual deu, segundo o meu parecer, o nome a todo este mar), e separa a Java de Sumatra, da qual é distante vinte e cinco legoas somente. De uma e outra handa da cidade corre um rio que a banha e rodeia, e vai sair ao mar, sendo mui largo na sua foz, onde tem quatro braças de fundo, mas não é navegavel. A cidade é cercada de muros de tijollo, os quaes não tem mais de dous pés de grossura. De cem em cem passos ha junto ao muro cazas mui altas, fabricadas sobre mastros de navios, que servem á defensão da cidade, assim para atalaias, como para combater de mais alto, e mais em cheio os inimigos, que quizerem investil-a com tiros. As cazas são formadas de cannas, tem pilares de páo, e são cobertas de palha. Os homens ricos e abonados forram as casas por todos os lados de tapeçaria e cortinados de pannos de seda, ou de algodão bem pintados. Ha cinco praças mui grandes, onde cada dia se faz mercado de toda a sorte de mercadorias e mantimentos, que são alli a baixo preço, e por isso se vive lá mui barato. Os fructos e animaes são em tudo semelhantes aos da India, de que já tantas vezes tenho fallado, e são aqui tambem muito em conta. A cidade é situada n' um lugar baixo e alagadiço, por estar entre duas correntes de agua; de sorte que a maior parte do inverno o rio se espraia pela cidade, e não se pode andar pela ruas senão de batel: as ruas não são calçadas; e por toda a parte da cidade ha muitos coqueiros. Fóra do recinto dos muros ha grande numero de cazas para os estrangeiros.

Quanto a sua religião, são pela maior parte mahometanos; mas também ha grande numero de gentios e idolatras. Ha na cidade uma grande mesquita, onde se pratica a lei de Mafamede: os grandes e fidalgos tem cada um templos em suas cazas: os doutores lhe vem da Arabia.

A gente da terra é de cor amarellada; vestem-se de roupas de algodão ou de seda, que cingem ao redor do corpo desde a cintura até abaixo, tem um pequeno turbante, que dá duas voltas. As suas armas são adagas ou punhaes, a que elles chamam *cris*, com a lamina ondulada, e são mui perigosos; o cabo é em figura de demonio, ou outra que tal mui feia; a bainha é feita de páo, e inteiriça. Estas adagas são ricamente guarnecidas de ouro e pedras preciosas; e todos, assim grandes como pequenos, as trazem á cinta, porque lhes seria deshonra não as trazer. Quando vão á guerra tem espadas e rodellas, e quantidades de flexas que lançam á mão. São mui obstinados, e mui soberbos, mesmo no seu modo de andar; e grandes mentirosos e ladroës.

Os homens são muito mandriões: os escravos fazem a maior parte das cousas; os fidalgos e burguezes ricos tem hortas, e cazas no campo, onde os escravos lavram e cultivam a terra, trazendo os fructos e rendimentos a seus senhores, que ordinariamente não tem outra occupação senão estar assentados entre as mulheres, de que cada um tem muitas, a mastigar continuamente betel; e da mesma sorte suas mulheres fazem outro tanto. As escravas tangerem muitos instrumentos ante elles, cantam, e batem em bacias melodiosamente, e as mulheres a este som dançam umas apoz outras em presença do marido; fazendo cada uma o melhor que pode, e empenhando-se em lhe agradar, porque aquella que então mais lhe agrada, passa a noute seguinte com elle. Consomem a maior parte do tempo a lavar-se, banhar-se, e estar dentro de agua, o que torna o rio insalubre, e a sua agua má para beber,

por causa de tanta gente que alli se lava, e se detem. Quanto ao mais as mulheres nobres são assiduamente guardadas por eunucos e castrados, que são em grande numero, e os compram para este effeito. Os leitos são suspensos, e os embalam como a gente das ilhas de Maldiva.

Esta cidade é frequentada de muito povo, porque se faz alli grande trato e commercio por toda a sorte de estrangeiros, assim christãos, como indios, taes como Arabios, Guzerates, Malabares, gente de Bengala, e de Malaca, que vem alli procurar principalmente a pimenta, que se dá abundantemente nesta ilha, e não vale alli ordinariamente mais que a um soldo cada libra. Vi muitos Chinezes, que estavam alli de assento, fazendo grosso trato; e todos os annos no mez de Janeiro chegam alli nove ou dez grandes navios da China, carregados de fazendas de seda, roupas de algodão, ouro, porcelana, almiscar, e muitas outras qualidades de mercadorias da sua terra. Estes Chinezes tem mandado alli fabricar bellas casas para se agasalharem até terem feito o seu negocio, e estarem ricos; e para o conseguir não ha mester, por mais baixo e vil que seja, que elles não exercitem, e no que toca ao modo por que procedem nesta materia da mercancia, são semelhantes aos Judeos; e depois quando tem feito o seu negocio voltam para a China. A' sua chegada a Bantam compram escravas, e quando se vão embora tornam a vendel-as, levando comsigo por escravos os filhos que dellas tem tido. Observam tambem o costume de não enterrar alli, nem em outra qualquer terra estrangeira, nenhum dos seus defunctos, mas salgados e embalsamados os levam comsigo. Os Hollandezes tem ao presente nesta cidade muitas cazas, que ahi tem mandado fabricar, e tambem uma feitoria e feitores para meneio de seu trafico; porque o rei lhes é inclinado, e o povo os ama.

O rei tem a sua residencia na cidade; é mui humano e cortez; tem muitas mulheres, que são guardadas com gran-

de rigor, porque a ninguem é permittido vê-las, nem entrar onde ellas estão; e ainda que fosse seu proprio filho, não poderia ver as suas mulheres, nem entrar onde ellas estão, sob pena de morte. Quando alguém morre, todos os seus bens são d' El-Rei, a mulher e os filhos ficam escravos, salvo se forem cazados, e tiverem caza apartada da de seu pai; ou que El-Rei por meio de algum presente, ou por honrar a memoria do pai, lhes deixe a liberdade, e tenha feito expedir as competentes provisões.

Ha outro grande reino na ilha de Java, cuja cidade principal se chama *Tubam*, situada á beira-mar, toda cercada e fechada de muralhas. E' uma cidade mui bella, e muito commerciante; e onde a pimenta é mui cara. Entende-se que o rei de *Tubam* é tão poderoso, que se quizer ir á guerra, em vinte e quatro horas pode juntar trinta mil homens, assim de pé como de cavallo. Anda sempre acompanhado de grande numero dos seus grandes, e tem uma corte mui luzida. Ha alli muitos elephantes e cavallos.

Fomos dalli á ilha de *Madurá*, que fica ao norte da Java, pequena, mas fertil em arroz, de que bastece algumas ilhas vizinhas. Ha nella uma pequena cidade mui linda, e bem murada, chamada *Arosbay*. Obedece a um rei particular. Os habitantes andam vestidos e armados á java-neza. São resolutos, bons soldados, mas grandes ladroes, assim em terra como no mar.

De *Madurá* levámos ancoras, e passámos avante para ir a *Maluco*. Surgimos ainda na ilha de *Balli*, onde nos detivemos algum tempo, e dalli rematámos nossa viagem a *Maluco*. A ilha de *Balli* é situada mui perto da Java para a banda do oriente. E' fertil em arroz, abundante em galinhas, e em porcos, mui bons e delicados, e em grande numero. Ha tambem lá outras especies de gado, mas mui secco e magro. De cavallos ha igualmente abundancia. Alem dos mantimentos não produz a terra outra mercadoria. Os habitantes são gentios e idolatras, mas sem algu-

ma regra e cerimonia certa; porque uns adoram uma vacca, outros o sol, outros uma pedra; e assim cada um adora o que quer. As mulheres queimam-se quando seus maridos morrem. Os seus vestidos são como os da gente de Bantam; suas armas são também punhaes; trazem na mão um pique, e uma sarabatana ou buzina de duas branças de comprido, e vem providos de uma aljava cheia de pequenas flexas, para serem assopradas pelas sarabatanas, o que é mui perigoso para os que andam nús. São mui inimigos dos Portuguezes e dos Mouros. Esta ilha obedece a um rei particular, que ostenta maior magnificencia que o de Bantam. As suas guardas trazem piques com pontas de ouro, e elle marcha n' um carro puxado por dous bufalos brancos.

Quanto ás ilhas de Maluco, são ellas muitas, e ferteis em especaria. Eis aqui os nomes das que são somente comprehendidas debaixo daquelle titulo: *Ternate, Amboino, Maquiem, Bacham, Mião, Morigoram, Gilolo, Catel, e Tidore*, e são todas como formando uma mesma provincia, mui proximas umas das outras (a). São estereis de mantimentos, que alli são raros e caros, porque lhe vão de fora, pois não se produz nellas especie alguma de grão comestivel. Fazem farinha do pão de uma arvore, a que chamam sagú, da qual farinha todos aquelles povos fazem bollos e ápas, que são mui bons e delicados, sendo frescos. Ha alguns coqueiros e bananeiras, muitas laranjeiras e limo-

(a) Pyrard é aqui bastante confuso « = As ilhas de Maluco, propriamente fallando (diz o auctor da *Histoire de la conquête des isles Moluques par les Hollandois*, que serve de additamento á traducção franceza da historia hespanhola da conquista das mesmas ilhas, escripta por Bartholomeu Leonardo d' Argensola) « As ilhas de Maluco, propriamente fallando, não são mais de cinco, « a saber, *Ternate, Tidore, Maquiem, Motir, e Bacham*. Alóra estas cinco, que produzem o cravo, ha-o também nas de *Medo, Marigoram, Cinomo, Cabel, e Amboino*, que todas, com *Celebes, Gilolo*, e outras muitas são comprehendidas debaixo do nome de Maluco, quando se lhe dá uma significação ampla = »

viros, e amendoeiras mui grandes, e das amendoas fazem bollos muito bons com assucar, que vendem nos bazares.

Mas principalmente ha alli admiravel quantidade de cravo, que se não produz em outra alguma parte do mundo, senão nestas ilhas, que estão cobertas destas arvores; e por essa razão são frequentadas de toda a sorte de mercadores estrangeiros, que acodem de toda a parte do mundo para haver aquella especiaria; assim christãos, como Chinezes, Indios, e Arabios. Ha tambem alli papagaios de diversas plumagens, e mui bonitos. Os naturaes são semelhantes nos costumes, modo de viver, armas, e trajos, aos de Java e Sumatra, porque todas as gentes destas regiões de Malaca avante, que os Portuguezes chamam a Sonda, não differem em nada no rosto, cor, vestido, lingua, e costumes, como quem é o mesmo povo. A religião é a mahometana. São gente mui singella, mas todavia resolutos, e mui valentes.

Ternate é a ilha principal, e tem bem trinta legoas de circuito: nella se dá mais cravo que nas outras; e é governada por um rei particular. Antigamente o rei de *Ternate* era senhor de todas estas ilhas, mas agora cada uma dellas tem seu rei apartado. Os Hollandezes ha poucos annos ganharam *Amboino* e *Tidore* aos Portuguezes, e quanto a *Ternate*, o rei della tendo expellido os Portuguezes da sua fortaleza. os Hespanhoes das ilhas *Philippinas* ou de *Manilha*, lha retomaram, e depois se concertaram entre si. De sorte que hoje os Portuguezes não tem um grão de cravo á sua disposição, o que os molesta muito, e andam sobre isso em pleito no conselho d' El-Rei de Hespanha contra os Hespanhoes. Eu somente estive e me dilatei em *Ternate*; em quanto ás outras ilhas, apenas passei á vista da maior parte.

Na mesma região ha outra ilha, onde eu tambem estive, mui celebre por certa qualidade de especiaria; e é a ilha de *Banda*, distante vinte e quatro legoas de *Amboino*;

mui fertil em noz muscada, e maça; e daqui se bastece todo o mundo desta especiaria, porque se não cria em outra parte, salvo algumas arvores que são plantadas por curiosidade, como vi em Goa e outros logares. Por isso abicãm alli muitos mercadores estrangeiros de toda a parte. Tem rei particular; os naturaes são mahometanos, ousados e guerreiros; e dos mesmos trajos e costumes que os das outras ilhas e terras circumvisinhas.

Seria impossivel dizer por meudo quantas ilhas ha neste mar da Sonda, ou do Sul, (como lhe chamam os Portuguezes) attento o grande numero dellas, entre grandes e pequenas; o que torna a navegação mui difficil pelos bancos, arrecifes, canaes, e estreitos que alli se acham; por onde é mister ter bons e experimentados pilotos, e ainda das mesmas ilhas, se é possivel; e com tudo isso não se deixa de muitas vezes encalhar, e dar á costa. Accresce que ninguem ousa navegar naquelles mares senão de dia; porque em chegando a noute, é mister surgir em alguma parte, aliás ha risco de naufragar durante a noute; e ainda mesmo de dia não se pode navegar sem se ir sempre de sonda na mão.

CAPITULO XIII.

Das cousas singulares, que se extrahem das ilhas de Sumatra, Java, Bornéo, e das philippinas e Manilha. Da China, e do Japão, e do traffico, que destas partes se faz em Goa.

As tres principaes e maiores destas ilhas são Sumatra, Java grande, e Bornéo, que são as maiores de todo este oceano abaixo da ilha de São Lourenço. Todos os povos destas ilhas se parecem no genio, modo de viver, feições do corpo, e linguagem, com os da terra firme de Malaca, o que me faz conjecturar que ellas foram povoadas pelos

*Malaio*s. As demais ilhas são innumeráveis, mui chegadas umas ás outras, habitadas em toda a sua extensão, com mui pequenas diferenças; quasi que cada uma tem seu rei especial, e algumas mais de um. São ferteis em fructos e mercadorias particulares, como especiarias e outras drogas, que se não encontram em outras partes; e tirada Sumatra e Java, que dão tudo, as outras não são abundantes senão de uma só cousa particular, sendo em tudo o mais estereis; de sorte que é mister que aquella mercadoria, em que abundam, lhe abone para todo o resto; o que é motivo para todas as cousas alli serem caras, menos a sua propria mercadoria, que é barata; e ainda daqui procede que estes povos são constrangidos a communicar e frequentar uns com os outros, para se prove-rem do que lhes falta.

Em *Sumatra* e *Java* produzem-se muitas cousas mui ricas e boas; mas a principal fazenda é a pimenta, que alli é mais grossa e melhor que a da costa do Malabar, e a razão, segundo eu creio, é por jazerem estas ilhas mais ao oriente, e mais perto da linha, o que faz alli a terra mais humida e orvalhada que a terra firme. *Banda* dá a massa, e a noz muscada. *Maluco* o cravo. *Bornéo* a camphora, e o benjoim. E assim as mais, que todas dão alguma cousa singular. Fallo dellas só em geral, porque todas são habitadas do mesmo povo, e estão quasi no mesmo parallello e clima, com a mesma temperatura ou intemperatura. O ar allí é insalubre; as cousas necessarias para viver mui caras, e até pela maior parte das vezes se não acham mantimentos por dinheiro, porque como vem por mar, acontece faltarem. A gente é traidora, perfida, e colerica, de sorte que por um nada não poem difficuldade de matar um homem com seus *crizes* ou punhaes, que sempre trazem comsigo. Não se mercadeja com elles senão com temor e risco. Os Hollandezes, Portuguezes, e outros estrangeiros são obrigados a fiar-se delles para

o trafico, sem embargo de haverem muitos sido alli espantados; mas o desejo do ganho faz esquecer tudo.

Os Portuguezes de Malaca tem commissarios e feitores em todas estas ilhas para o trafico; e os naturaes dellas não deixam de ir com seus navios carregados a Malaca, que é o armazem e deposito de todas estas mercadorias, cujo commercio é alí maravilhosamente grande, ou por commutação de dinheiro, ou de outras cousas. Acode a estas ilhas a fazer veniaga com um infinito numero de navios gente de toda a parte desde o Cabo de Boa Esperança até á China, e alli se encontram mercadores da Abissinia, Arabia, Persia, Guzerate, Cambaya, Goa, Malabar, Bengala, China, Japão, e de todo o resto da India. E no tempo presente tambem alli vão os Inglezes e Holandezes ao mesmo trato dos excellentes fructos, drogas, e flores aromaticas e odoríferas, que a terra produz. E quando naquellas partes as flores estão nas arvores em sua força e vigor, é cousa maravilhosa o suave cheiro que exhalam, e de que o ar fica tão cheio, que o vento o leva a seis e sete legoas ao longe. Mas entre os outros o cravo é o mais precioso fructo, e por isso custa mui caro, pois que sobre elle se chega a perder a vida, ou se padecem muitos trabalhos para o alcançar.

O que nestas ilhas se importa é algodão, pannos do mesmo, toda a sorte de roupas e pannos de seda, seda em rama, arroz, peixe, manteiga, oleos, munições de guerra, armas, dinheiro, e outras cousas. Os Holandezes e todas as outras nações quando querem ir a estas ilhas, vão primeiramente á costa do Guzerate, S. Thomé, Massulipatão, e Bengala a comprar roupas de algodão, sobre as quaes tiram dobrado proveito, porque ganham primeiramente na fazenda que levam a essas partes, e depois ainda na que dellas extrahem para as ditas ilhas. Mas se estes insulacres são finos e mãos, os Chinezes o são ainda mais, porque o dinheiro que de toda a parte é levado a

estas ilhas, os Chinezes lho apanham, e o levam á China a troco de má fazenda, bagatellas, e pedras falsas. Os Hespanhoes e Portuguezes dizem outro tanto dos Flamengos e Francezes, que lhes não levam senão bugiarias e quinquelharias, e não extrahem de Hespanha senão dinheiro, como semelhantemente fazem em França.

No que toca ás ilhas Philippinas, que são seguidas a estas, não tendo eu estado nellas, direi somente de passagem o que dellas pude saber dos Portuguezes, que lhes chamam *Manilhas*, os Castelhanos *Philippinas*, e os Indios *Luçon*, por causa da ilha principal, chamada *Luçon*. São ainda outras muitas, cada uma das quaes tem seu nome particular. Os Castelhanos as descobriram e conquistaram, e lhes deram o nome do seu rei (a), e da sua parte os Portuguezes o de *Manilhas*, por causa de a cidade capital, em que se faz o principal trafico, ser assim chamada. Jaz a quatorze grãos para a banda do norte. Os habitantes vieram da China, como tambem dalli vieram os do Japão. Os Hespanhoes as possuem, e tem abi um Vice-Rei, e um Bispo, que ambos fazem sua residencia na cidade de *Manilha*, onde a christandade está muito augmentada. Os Hespanhoes do Mexico, Nova Hespanha, e Perú vem alli pelo mar do sul. Estas ilhas são assaz ferteis em mantimentos e fructos, mas não abundantes em riquezas e mercadorias. Ha alli muita algalia, e daquellas tartarugas, cuja concha é tão procurada na India, e não se acha em toda ella senão alli, e nas ilhas de Maldiva, e faz-se della grande trafico em Cambaya e Guzerate. De sorte que os Hespanhoes não conservam em seu poder estas ilhas por razão da sua riqueza, mas somente para fomentar o trato e commercio com os Chinezes, porque não sendo permittido aos estrangeiros ir á terra firme da Chi-

(a) E' sabido que as ilhas *Philippinas* foram descobertas pelo celebre Portuguez Fernão de Magalhães capitaneando uma armada de Castella.

na, é necessario haver algum outro lugar, que sirva de acolheita, e escala ás mercadorias que os Chinezes trazem. E para o mesmo effeito tem os Portuguezes a ilha de *Macão* (a).

Alli pois tem os Hespanhoes um *Contractador* para a correspondencia das mercadorias da China, e das Indias Orientaes, o que faz estas ilhas maravilhosamente ricas; mas por outra parte isto damna muito o commercio de Hespanha nas Indias Occidentaes, porque as roupas e pannos de seda de Hespanha não se extrahem alli tanto como era costume antes de aberto este commercio. Por isso El-Rei de Hespanha o quiz defender, e não permittir mais que certos navios, como faz em Goa; mas os Chinezes protestaram que se isso fosse avante, elles não queriam mais commercio algum com os Hespanhoes, quer no oriente, quer no occidente, de sorte que El-Rei foi constrangido a deixar continuar o trafico como estava em costume (b). Extrahe-se grande quantidade de dinheiro das Indias occidentaes para a China. Os Hespanhoes das Malilhas não deixam de mercadejar no mar do sul com os Portuguezes e Indios, mas não passam alem do cabo e porto de Malaca, aonde creio que todos os annos abicam mais de trinta ou quarenta navios da China e ilhas Malilhas. Os Portuguezes e Hespanhoes se concertam soffriavelmente em seu trafico neste mar. Os Hespanhoes por si sós possuem aquella boa e excellente ilha das de Maluco, chamada Ternate.

Ora sendo a cidade de Goa o lugar onde se faz a carga

(a) Macão não é ilha.

(b) No Fasciculo 3.º do *Archivo Portuguez Oriental* podem ver-se innumeraveis vezes repetidas as ordens dos Reis Philippe 2.º e 3.º defendendo o commercio das Philippinas e Indias occidentaes (da Coroa de Castella) com as Indias Orientaes (da Coroa de Portugal), sem embargo de lhes pertencerem umas e outras. Porem a mesma repetição destas ordens mostra o pouco effeito dellas, e que prevalecia o facto indicado pelo auctor.

e descarga das mercadorias de todas as partes da India, e de Portugal, segundo os regimentos d' El-Rei, o Vice-Rei envia dalli todos os annos dous ou tres navios á China e Japão, dos quaes uns vão somente á China, e outros a uma e outra parte. Por China entenda-se somente Macão, que é uma ilha e cidade, onde estam os Portuguezes com porção de Chinas; e é alli a escala, e desembarcadouro de todas as mercadorias que vem assim da China, como das outras partes do mundo. Este trato das Indias não é permittido a todos os Portuguezes em todas as partes; por quanto o da China, Japão, Malaca, Moçambique, e Ormuz só é concedido aos navios d' El-Rei, salvo ás vezes que por galardoar algum fidalgo, capitão, ou outro official lhe concede fazer uma viagem mercantil, com um ou dous navios ao mais; mas esta mercê só se faz por algum serviço assignalado, ou a algum fidalgo. Nestes navios vão muitos mercadores particulares para fazer sua veniaga, e estes pagam as despezas dos navios, e o frete de suas mercadorias ao dono da viagem, e ainda os principaes direitos a El-Rei, o qual dá sempre estas viagens forras de tudo, menos de alguns direitos particulares que é mister pagar aos rendeiros das alfandegas, e pelos cartazes; mas são isentas de muitas alcavalas, que fóra destes casos se pagam de todas as mercadorias.

E a principal mercadoria que se leva de Goa a Macão é dinheiro, porque na China o dinheiro é mui procurado, e a maior parte do dinheiro que vai da Europa, e por via de Ormuz ás Indias orientaes, escóa-se todo para a China; e semelhantemente o que vem das partes do Japão e Indias occidentaes pelo mar do sul, e ilhas Philippinas, ou de Manilha, onde é tambem escala das mercadorias, que vem das Indias occidentaes e da China pelo dito mar do sul, como do Perú, Nova Hespanha, Mexico, Chili, e outros logares destas partes; de sorte que se orça que todos os annos entram na China mais de seis ou sete mi-

lhoes de ouro em moeda, e não deixam sair de lá um tostão, mas derretem toda esta moeda em barras, e todo o seu thesouro é em prata, é não em ouro, que é alli mui frequente e commum. O melhor dinheiro na India é o que vem da Persia por via de Ormuz, e é uma moeda comprida, a que chamam *Larins*, e de que os ourives da India fazem grande apreço, e tiram grande lucro, por quanto é prata mui pura, limpa, branda, ductil, e boa de obrar. Abaixo della a melhor é a do Japão, que é igualmente ductil; a que vem das Indias occidentaes é a mais inferior, e é dura, aspera, e menos apurada que a outra.

Quando os navios partem de Goa, vão carregados, alem do dinheiro, de diversas fazendas da Europa, como vinhos, pannos de lã, e entre outros escarlata, toda a sorte de obras de vidro e cristal, relógios que os Chinezes prezam muito, grande qualidade de pannos de algodão, pedras preciosas lapidadas e postas em obra, como anneis, cadeias, collares, sinetes, brincos das orelhas, e braceletes; porque esta gente da China gosta muito de perolas, pedras preciosas, e joias de todas as qualidades para suas mulheres. Saem de Goa por Outubro, e vão a Cochim a tomar as pedras, e especiarias, como pimenta e canella, e deixam alli em troco as fazendas da Europa, ou da India da banda do norte. Dalli fazem-se na volta de Malaca, por que não podem seguir viagem sem passar a Malaca para tomar passaporte do capitão da fortaleza, e receber as fazendas das ilhas da Sonda por commutação dos pannos de algodão, e de outras cousas da India e da Europa.

Os que vão de Goa a Japão podem fazer conta de gastar na viagem tres annos inteiros, e não pode ser menos, por razão dos ventos, que elle chamam *monções*, e reinam por seis mezes e mais, como em outra parte disse. Mas não recebem nisso damno, porque ás vezes dobram nesta viagem o seu dinheiro e fazendas, e outras vezes o triplicam, ou ainda mais. De Malaca vão a Macão, e dal-

li ao Japão; e em todos estes logares lhes é mister esperar as monções, e no entretanto vão fazendo as suas veniagens, em quanto esperam pelo vento. Largam alli a maior parte da sua fazenda, e todo o dinheiro, e carregam novamente os navios de outras fazendas da China, como sedas, e alvaiade (a), que é mui procurado e caro no Japão, onde todas as mulheres branqueam com elle todo o corpo até ás pernas. Esta tinta vem da ilha de Bornéo, donde é levada á China, onde a refinam e temperam, e fazem della grande trafico e extracção para todo o mundo, mas mais para o Japão do que para outra alguma parte. Levam pois ao Japão todas estas fazendas da China, e as que lhes restam das da Europa e India, que vendem muito bem, e das quaes não trazem outro retorno senão dinheiro, que acham alli em boa conta; e voltam a Macão a commutar este dinheiro por outras fazendas. Fazem longa detença em todos estes logares, depois tornam a Malaca, onde é mister que abiquem, e alli fazem nova commutação de fazendas com as de Malaca, e ilhas da Sonda. Dalli finalmente recolhem a Goa, ou a outra parte donde é o dono do navio.

E' impossivel dizer as grandes riquezas, cousas raras, e bonitas, que estes navios trazem; entre outras ha ouro em barras, a que os Portuguezes chamam *pão de ouro*, e tambem vem em folhas, e em pó; grande quantidade de trastes de madeira dourada, a saber, toda a sorte de utensilios e moveis lacreados, acharoados, e dourados com mil bellos feitios; toda a sorte de pannos de seda, muita outra seda não obrada, grande quantidade de almiscar e algalia, grande porção do metal, a que chamam *calaim*, do qual se faz grande estimação em toda a India, e até na Persia; e outras partes. E' este metal duro como prata, e branco como estanho, embranquece mais com o uso; e

(a) Pyrrard diz que em França se chama *Blanc d'Espagne*.

bate-se moeda delle em Goa, e nas outras terras dos Portuguezes, e em outras partes da India, posto que raras vezes, porque toda a sua moeda é de ouro ou prata, e até a cortam em pequeninos para comprar as mercadorias. Fazem tambem deste metal todos os seus utensilios e adornos, como cá se faz de prata e de estanho, incluindo anneis e braceletes para mulheres e crianças. Trazem outrossim daquellas partes muita louça de porcellana, de que usam em toda a India assim os Portuguezes como os Indios. Trazem ainda grande copia de bocetas, taboleiros, e açafates feitos de certa qualidade de pequenos juncos, cobertos de charão e verniz de todas as cores, dourados, e brincados. Mas entre outras cousas grande numero de pequenos armarios de todos os feitios, feitos ao modo dos de Alemanha, e são a cousa mais linda e mais bem acabada que ver-se pode, porque são todos de madeira exquisita, mosqueada, e marchetada de marfim, madre-perola, e pedras preciosas. Em vez de ferro, poem-lhe ouro. A isto chamam os Portuguezes *escritorios da China*. Traz-se tambem de lá grande quantidade de assucar, o mais duro, alvo, e fino que jamais vi; muita cera, e mel; papel o mais branco, fino, e delicado do mundo; toda a sorte de metaes, e entre outros muito azougue, que lhes rende muito, pelo levarem a todas as partes do mundo, onde ha minas de prata, porque este azougue purifica e refina a prata.

Eis o que ha do trato de Goa com a China, Japão, Malaca, e outras partes. Agora quanto ao que se faz a retalho na ilha de Goa, cumpre notar primeiramente que todo o trafico ordinario a retalho é alli feito por Banianes, Canarins, e outros estrangeiros, assim gentios como mahometanos, e raras vezes pelos Portuguezes, Mestiços, ou Indios christãos. No que toca ao commercio em grosso, esse faz-se por toda a gente rica, assim Portuguezes, como christãos da terra, e outros. Tudo alli se vende, quer se-

ja por junto quer pelo meudo, por meio de corretores jurados, que são gentios, moradores de Goa, ou suas vizinhanças. Os cereaes, sementes, e outros mantimentos, que vem de fóra, descarregam-se na alfandega, e ali se vendem e distribuem a quem quer, assim para seu provimento, como para vender a retalho na cidade, e na ilha. E no mesmo ponto que as ditas mercadorias são descarregadas nesta alfandega, os juizes da policia vem pôr o preço nellas segundo sua valia, como fazem a tudo que é comestivel e mantimento, tanto em grosso como a retalho. E se estes generos não são bons e de lei, ou sejam cozidos ou crus, são confiscados, e dados aos presos, e outros christãos pobres da cidade, e alem disso os vendedores são condemnados em multa. Porque é de saber que todos os dias os juizes e officiaes da policia não fazem outra cousa senão dar varejo a todos os mantimentos; e ninguém ousaria vender cousa alguma sem que a policia lhe tenha primeiramente posto a taxa. Igualmente ninguém ousaria vender por grosso ou por meudo, seja mantimento ou outra cousa, sem pagar o competente tributo a El-Rei; de sorte que em toda a especie de mester, officio, ou qualidade de mercadoria, por menor que seja, o poder de o exercer, ou vender é dado de arrendamento a quem mais offerece em hasta publica. Chamam aos que fazem este contracto *Rendeiros*; e é necessario para exercer o officio, ou vender a mercadoria, ter licença por escripto destes rendeiros, que custam segundo o valor do trafico ou mester. Estes rendeiros são todos Bramanes, Banianes, e Canarins.

E' cousa maravilhosa a grande quantidade de gente a vender e a comprar, que se vê em toda a semana, excepto nos dias santos, em Goa, assim na ilha como na cidade, por razão do grande trafico e commercio que ali se faz, de sorte que parece que ha sempre feira continuada. Os que cá são separadamente especieiros, mercadores de velas,

boticarios, e drogistas, lá estão confundidos n' uma só occupação, e são sempre Bramanes, e não outros, e tem á venda toda a sorte de drogas, assim para medicamentos como para alimentos; porque excepto vinho, carne, peixe, fructas, ervas, e viandas cozidas, vendem todas as mais cousas proprias e necessarias á vida humana, quer sejam cousas que respeitam á manutença dos homens e dos cavallos, quer sejam as que se applicam ao curativo das enfermidades; não vendem porem pannos; e a cada esquina ou encruzilhada ha sempre uma ou duas destas boticas.

Todos os Indios, assim de Goa como de outras partes, tem um costume assaz estranho e notavel, que é, que quando querem fazer algum mercado entre si, e são presentes pessoas, que elles não querem que saibam e entendam o seu negocio, nem tão pouco que entrem em suspeita, se os virem fallar ao ouvido, costumam fazer signaes por baixo de suas mantas de seda ou de algodão, que sempre trazem, como nós as nossas capas; e tocando as mãos secretamente, se dão a entender pelos dedos a que preço querem vender ou comprar, sem que as mais pessoas possam saber nem conhecer cousa alguma.

Mas tornando ás ilhas da Sonda, de Maluco, Philippinas, Japão, e ainda á China, poder-se-hia dizer muito mais destas terras, e das cousas excellentes e singulares que dellas se extrahem; mas contento-me somente com o que levo dito de passagem, deixando o resto aos que são mais capazes e mais curiosos que eu.

Tendo pois voltado da viagem da Sonda, dilatei-me ainda algum tempo em Goa á espera de occasião de regressar á patria. Mas antes de passar á relação da minha partida da India, parece-me, pois tenho feito tão particular descripção de Goa, e de outros logares da India, onde estive, que não devo deixar em silencio o que, estando entre os Portuguezes, notei, e alcancei com assaz de curiosidade assim de sua navegação, embarques, e trafico nos

diversos logares da Africa e da India, como de muitas outras cousas das terras do Brazil na America, de Angola, Moçambique, Sofala, Cuama, Melinde, Socotorá, e outros logares da costa de Africa, e do resto da costa da India, desde Ormuz, Cambaya, Surrate, Mogor, Dio, e outros, até á China e Japão; e do que me aconteceu de memoravel em todos estes logares em quanto estive na India. E' o que referirei brevemente nos capitulos seguintes.

CAPITULO XIV.

Da forma e feiço dos navios portuguezes da carreira da India; e da ordem, e policia, que a bordo delles se guarda, assim na ida como na torna-viagem.

Primейramente quanto aos navios de Portugal, partem todos os annos tres ou quatro, ao mais, dos a que chamam *Nãos* de viagem, e vão para voltar, se é possível. E em caso extraordinario, quando El-Rei quer enviar alli alguma armada, ou algum Vice-Rei mais bem acompanhado, ou ainda algum aviso particular, envia outros navios me-a-ões, como galeo-ões de Biscaia, navios francezes, flamengos, inglezes, e caravellas; e destes nenhum volta a Portugal, salvo havendo necessidade de dar algum aviso expressamente, e fóra das monções ordinarias, porque então despedem uma caravella, ou outro navio meão. E se pela ventura as náos que partem de Portugal para Goa não pedirem chegar lá a salvamento, ou a outro porto da India, nem por isso deixariam de enviar da India alguns galeo-ões de Biscaia carregados de pimenta, e outras mercaderias; porque estes galeo-ões são pouco mais ou menos do porte de setecentas a oitocentas toneladas, e são mui proprios para guerra, bons de vela, e melhores que as náos.

No que toca a estas náos, são todas fabricadas em Lisboa, e não em outra parte, por razão do porto que é mui

proprio para isso, e mui commodo para o embarque, e melhor que em outra qualquer parte, assim por causa dos officiaes e intendentes das taes viagens, como pelas mercadorias, utensilios (a que elles chamam *apparelho*) provimento (a que chamam *matalotagem*), e outras commodidades e cousas necessarias (a). Estas náos são ordinariamente do porte de mil e quinhentas até duas mil tonelladas, e mais, de sorte que são os maiores navios do mundo, segundo eu pude alcançar, e não podem navegar em menos de dez braças de agua. Ha sim na India algumas embarcações, mas mui poucas, que vem da Arabia, Surrate, e outros logares circumvisinhos, que tem perto de mil a mil e duzentas tonelladas, mas nunca são tão boas nem tão fortes como estas náos, porque não lhe mettem tanto ferro; e todavia não apodrecem tão asinha, e não são tão facilmente furadas do hicho, porque na India nunca empregam a madeira sem serem passados tres ou quatro annos depois de cortada, com o que fica mais secca e mais rija; e mesmo aquella madeira é de sua natureza mais rija e melhor que a nossa. E podem lá esperar todo este tempo, porque ha muita abundancia de madeira, e fazem poucos navios, e não a consomem no fogo por razão do calor da terra; mas pelo contrario em Portugal ha pouca madeira, e

(a) Dizer o auctor que as náos da carreira da India eram todas fabricadas em Lisboa, e não em outra parte, não pode entender-se senão em relação ás que se fabricavam em Portugal, pois elle mesmo logo abaixo aponta uma destas náos fabricada em Bacaim: e não podia ignorar que já se haviam fabricado outras na India, posto que na verdade a maior parte dellas fossem fabricadas no Reino.

Parece-nos que a primeira vez que lembrou mandar fazer algumas destas náos na India, foi no anno de 1583; e depois por muitas vezes se encommendou esta materia aos Vice-Reis, mas, segundo colhemos dos documentos que temos presentes, com pouco fructo, talvez por falta de cabedal sufficiente no thesouro do Estado.

São dignos de ver-se a este proposito no Fasciculo 3.º do *Archivo Portuguez Oriental* os Documentos, 11—III, 23—VI, 143, 204—XXI, 212—XIV, 240—XI, 248—V, 253, 257, 365—V, e talvez outros.

fabricam-se muitos navios, de sorte que se vem obrigados a empregar a madeira ainda verde.

Ouvi contar aos Portuguezes que nunca houve embarcação que fizesse tantas viagens de Portugal á India, como uma não que foi feita em Baçaim, cidade que fica entre Goa e Cambaya; e fez aquella não até seis viagens, sendo que as que se fabricam em Portugal não fazem ordinariamente senão duas, e ao muito tres, mas a maior parte não fazem mais de uma (a). Este logar de Baçaim é na India comparado a Biscaia na Hespanha, porque todas as embarcações que na India se fazem por conta d' El-Rei, alli se fazem, porque não ha terra onde se ache maior fartura de madeira. Verdade é que no reino de Sião, e em Martabanne se acha ainda mais e melhor, mas são estas terras mais distantes e incommodas.

São pois estas grandes náos de quatro cobertas ou andares, em cada uma das quaes cabe um homem de pé, por mais alto que seja, sem tocar com a cabeça no tecto, e ainda sobram mais de dous pés. A pópa e a proa sobresaem ao convez a altura de tres ou quatro homens, de sorte que parecem dous castellos levantados nos dous extremos. Podem levar trinta e cinco a quarenta peças de artilheria de bronze, porque elles não usam peças de ferro como nós, e a sua artilheria é do peso de quatro a cinco mil libras, e a menor de tres mil. Alem destas não deixa de haver ahi algumas peças mais pequenas, como esperas, e pedreiros, que poem nas gavcas, porque estas são tão grandes que lhe cahem dez ou doze homens; e os mas-

(a) Conta Diogo do Couto (Dec. VII. Liv. IX. Cap. XVII.) que D. Constantino de Bragança, pseudo Vire-Rei da India, mandara fazer em Goa defronte de seus paços uma não á sua custa, a que poz nome *Chagas*, e vulgarmente chamaram *Constantina*. Esta não desde o anno de 1361, em que foi acabada, até ao de 1383, em que o Vice-Rei D. Duarte de Menezes veio nella á India, fez nove ou dez viagens tão prosperas, que nunca lhe aconteeceo desastre, antes foi acabar no rio de Lisboa feita cabrea.

tros tão enormes, que não ha arvore tão grande e tão grossa que abaste, não só para o grande, mas nem ainda para o de mezena. Por isso ordinariamente todos os seus mastros são enxertados e accrescentados, e cobertos ao redor de chumeas, que são grossos pedaços de pão embutidos mui exactamente, e da espessura que se quer. E estes pedaços, depois de mui bem ajustados, são estreitamente ligados com cordoalha, e cintas de ferro mui apertadas, para que não sejam impedimento a subir e descer a verga, que é de grossura proporcional ao mastro, e tem vinte e quatro braças de comprimento. São mister mais de duzentas pessoas para levar acima uma destas vergas, e sempre com dous cabrestantes mui grossos (a).

Não forram as embarcações de chumbo como nós fazemos ás nossas; e só o poem nas juntas para segurar a estopa; depois cobrem o navio de outra fiada de taboas de pinho, e outra vez o calafetam, e untam de pez, e por cima de tudo o cobrem de enxofre e sebo. De sorte que são os mais fortes e espessos navios que ver-se pode, e causa espanto ver tantas peças grossas de pão ajustadas, e tão grande quantidade de ferro liado com ellas. E com tudo isso o mar os quebra e rompe ás vezes mais depressa que a outras embarcações menores, como na verdade conheci por experiencia que quanto maior e mais pesado he um navio, mais se alquebra; ao mesmo tempo que um navio

(a) Isto explica a razão porque foi recebido no Reino com tanto alvoroço o annuncio de um novo engenho, que fizera um Francez, que residia em Goa, para com facilidade se levarem as vergas acima. Sobre o que escrevia El-Rei ao Vice-Rei em carta do 1.º de Março de 1594 o seguinte = « Por não ser chegada a não capitaina, « em que vem Francisco de Mello, vos não pode ir resposta ao que « me escreveis sobre o engenho, que fez hum Francez, que reside « na cidade de Goa, para com elle se poderem levar com facilidade « de as vergas das náos, que servem nesta carreira, que por ser cou- « sa que dá tanto trabalho aos que vão nas mesmas náos, vos en- « comendo que lá façaes experimentar este engenho; e achando « que he de tanto effeito, o façaes trazer em cada huma das náos,

menor se deixa levar sobre as ondas, o que áquelles não pode succeder por razão do seu peso, e a vaga os açouta, e os parte pela continuação da tormenta, que mais depressa lhes quebra os mastros e as vergas, do que aos navios menores, porque quanta mais resistencia acha o vento, mais effeito faz. Para isso pôrem é mister que a tormenta seja bem forte, pois um navio pequeno tomará por tormenta o que um destes grandes ha por bonança; tão custosos são de abalar-se; donde procede que são mui bons de vela com vento á pópa, e nada valem com vento de bolina, isto é, com vento que bate de uma banda ou da outra.

Estas embarcações servem só para mercancia, e nunca para guerra; e as outras menores, como galeões de Biscaia, urcas de Flandres, caravellas, e outros navios francezes ficam na India para fazerem as viagens da China, Japão, Malaca, e outras partes da mesma India; e servem tambem para guerra, ou para levar avisos, e acompanhar os Vice-Reis. Não quer isto dizer que na India não façam os Portuguezes outras tão boas embarcações como aquellas; mas as de que fallamos envia El-Rei para acompanharem as náos, e levar gente á India; e se todos os navios, que lá vão, houvessem de voltar, não haveria quem os mareasse por razão da muita gente que morre nas viagens, acontecendo ás vezes que a de dous navios não abastaria para marear um só na torna-viagem; e ainda acontece não ha-

* que vierem desse Estado=» (*Archivo Portuguez Oriental*, Fasciculo 3.º Documento 140—XLVI). E ainda em carta de 2 de Janeiro de 1396 diz El-Rei=« E assy me escreveo (o Vice-Rei Mathias de Albuquerque) que mandava na náao Chazas hum engenho. * que naquellas partes se ordenára para com facilidade se poder levar a verga grande acima, o qual não chegou a este Reino; e commendo-vos que nas primeiras náos o enviéissem mais que em hum só, para se ver o effeito delle=» (*Dito Fasciculo*, Doc. 201—XLVI).

Porem o silencio de Pyrdard sobre um invento tão recente de um seu compatriota na mesma cidade de Goa nos persuade que a cousa não foi avante,

ver assaz mercadoria, isto he, pimenta, para a sua carga, por tal que é mister dilatar-se uma ou duas destas náos para o anno seguinte, e nesse anno não enviam de Portugal mais de uma ou duas náos acompanhadas de alguns navios meãos.

Advirta-se tambem que os soldados, que estam na India, não ousariam embarcar-se por marinheiros, nem os marinheiros fazer-se soldados; por quanto os soldados são obrigados a permanecer lá, e os marinheiros a voltar; nem estes ousariam lá ficar; porque ainda que não haja lugar para elles no navio de torna-viagem, esperam por outra occasião, e no entretanto são pagos todos os mezes em Goa, sem que ousem matricular-se entre os soldados; e se isso lhes fora permitido, não se acharia gente para marear o navio na volta. Os soldados são havidos alli em tanta honra, que mais não pode ser; e alem disso para soldado aproveita-se toda a gente, o que não pode ser para marinheiro, para serem como cumpre, e o mesmo digo dos bombardeiros, e outros officiaes. Os soldados tem seis pardãos por mez, os bombardeiros e marinheiros quatro. Se um marinheiro quer regressar, pode fazel-o, ainda que no navio não haja lugar vago de sua condição; salvo havendo na India falta de gente, porque então o fazem dilatar até ao anno seguinte, e no entretanto vai sempre recebendo o seu soldo. Se voltasse no navio teria os pagamentos ordinarios. Se porem se embarcasse sem ir em praça de marinheiro, seria havido por pessoa estranha, e não teria a ração de pão e de agua, nem ainda gasalhado, se o não comprasse a .alguem; e por essa razão folgam mais em tal caso de esperar um anno. e ainda dous, se não tem meios de comprar o gasalhado a outro marinheiro, o que lhe custa de sessenta a oitenta pardãos, e tambem comprar gasalhado para seus mantimentos e mercadorias, e é o maior dó do mundo ver alli uma pessoa sem gasalhado; porque não é como nos nossos navios, on-

de tudo ná coberta é commum; pelo contrario lá não ha o mais pequeno cantinho, que não seja dado ou vendido; e ainda os logares descobertos sobre o convez. Ao mestre toca dar os gasalhados da pópa, e ao contra-mestre os da prôa. Em quanto aos que ficam entre os dous mastros, isto he, sobre a tolda a descoberto, dispõe delles o guardião. Esta ordem e differenças guardam só nas náos da carreira da India, porque nas outras viagens usam pouco mais ou menos os nossos estilos.

Nos navios medianos observam o mesmo regimento que nas náos, mas os officiaes não têm comparação alguma entre si; porque o mestre de um galeão, que tivesse feito a viagem da India, dar-se-hia por mui contente se na tor-na viagem para Portugal tivessé o cargo de guardião n' uma náó; pois estes marinheiros e officiaes dos navios de menor porte são todos gente apanhada á força, e semelhantemente os marinheiros que alli poem por mestres; contra-mestres, pilotos, e outros. E assim esperam poucos lucros, porque os seus navios não regressam nunca, e se elles querem regressar hão mister esperar um anno ou dous, ou vir á sua custa. Mas quando voltam são recompensados com algum cargo n' uma náó, mas muito menor que o que tinham no seu galeão; e é mais honra ser marinheiro n' uma náó, do que contra-mestre n' um navio meão; de sorte que aquelles cargos se buscam com empenho, e se compram, assim pela honra como pelo proveito.

Os homens do mar nestas náos não se semelham a outros alguns que eu tenha visto, e nem ainda aos outros Portuguezes, que navegam em outras partes. Porque é certo que todos os homens do mar, andando nelle, são barbaros, deshumanos, incivís, não guardam respeito a pessoa alguma; em somma são verdadeiros diabos em carne, e em terra são anjos; excepto somente os marinheiros das náos da carreira da India, que são cortezes e benignos, assim em terra como no mar, e parecem todos homens honrados

e bem nascidos, tratando-se todos com grande respeito uns aos outros. Nos marinheiros francezes nunca vi cousa semelhiante, como abaixo direi quando delles fallar.

Em quanto á ordem que os Portuguezes guardam nestas náos durante suas viagens, direi primeiramente que a gente que vai em cada uma dellas passa de mil ou mil e duzentos homens, ou pelo menos anda de oitocentos a novecentos; os quaes são assim ordenados. Ha ahí um Capitão que tem mando supremo sobre todo o navio, e gente que nelle vai; depois ha o piloto, sota-piloto, mestre, contra-mestre, guardião, dous trinqueros, sessenta marinheiros pouco mais ou menos, setenta grumetes, um mestre bombardeiro, a que elles chamam condestavel, assistido de outros vinte e cinco bombardeiros, mais ou menos conforme a náao, aos quaes todos elle governa abaixo do capitão, e não reconhecem outro superior senão a elle. Este official tem cargo da artilheria, e das duas escotas grandes. Ha tambem um capellão e sacerdote do navio, que recebe soldo, e é obrigado a dizer missa todos os domingos e dias santos; sem todavia conservar hostia consagrada, porque isso não é permittido no mar. Tem tambem obrigação de confessar, prégar, e fazer todas as outras funcções e ceremonias ecclesiasticas. E ainda que alli vão padres de todas as Ordens, não são obrigados a isso, e só o fazem livremente; não recebem soldo, e vão só como passageiros para a India, com ordem de não voltar mais a Portugal.

Alem disso ha alli um escrivão, que tem poder em tudo, e é despachado por El-Rei, e não ha nada que toque ao interesse assim d' El-Rei como dos particulares que elle não escreva; e regista tudo o que entra e sae da embarcação, e é elle quem passa todas as cedulas e obrigações que alli se fazem; porque cumpre advertir que todas as cedulas e obrigações que se passam no mar são boas e validas entre os Portuguezes, mas entre os Francezes são de nenhum valor. Este escrivão tambem faz e guarda todas

as informações e escripturas de justiça em uma especie de cartorio; e quando alguém morre, faz o inventario de todos os bens que a tal pessoa tinha no navio, e os faz vender em almoeda a quem mais dá, e o dinheiro, que ha, o dá a juro; e quando chega a Goa, ou a Lisboa, entrega o traslado do inventario aos parentes e heideiros do defuncto, os quaes lhe pagam as custas. Tem grande auctoridade no navio, onde nada se passa sem elle dar primeiro seu parecer e consentimento. Todos os mantimentos do navio são distribuidos á sua vista, e faz assento de tudo ainda que seja de um quartilho de agua. Tem as chaves das escotilhas do navio; e mesmo quando o capitão quer ir abaixo ao porão, é mister que o escrivão o acompanhe sempre, e de outra sorte não poderia lá ir, não obstante representar no navio a El-Rei.

Este Capitão tem mando sobre toda a gente, assim nos que são obrigados ao navio, como nos passageiros; e ainda que alli vá algum fidalgo maior que elle, é mister que lhe obedeça. Todavia quando quer fazer alguma coisa de importancia, toma o voto e conselho de todos os officiaes, fidalgos, e mercadores, e os faz assignar o auto, para poder a todo o tempo responder. Não pode condemnar á morte por crime, mas pode pôr a tormento no navio (a que os Francezes chamam *passer par sous le navire*, e *cader*) e outros castigos corporaes, e pendurar por debaixo dos braços. No civil pode condemnar até duzentos cruzados sem appellação. Pode tambem conservar a qualquer homem preso com ferros aos pés durante toda a viagem, e em chegando a terra, deve entregal-o á justiça.

Abaixo do Capitão é o piloto a segunda pessoa do navio, porque o mestre lhe obedece, e não faz senão o que elle manda. Não se arreda nunca do seu posto á pópa, attento sempre á sua agulha e á sua bussola; e ha um sola piloto para o ajudar. O mestre é depois d'elle quem manda todos os marinheiros, grumetes, e outra gente do serviço do

navio; e ha abaixo delle um contra-mestre para o ajudar. Todos estes são nomeados por El-Rei. O mestre tem cargo do governo desde a pópa até ao mastro grande, que nella he comprehendido, assim para amainar as velas, como para todo o mais serviço necessario; e o contra-mestre toma conta desde a prôa até ao mastro da mezena, entrando o dito mastro; e faz aqui o mesmo que o mestre na pópa, a qual para este effeito não lhe pode dar ordem alguma; e cada um delles permanece dia e noite na sua repartição; e acontece que no espaço de seis mezes se não visitam talvez quatro vezes. O contra-mestre tem cuidado de toda a carga do navio, assim para carregar como para descarregar, e outras occurrencias necessarias, tanto no mar como depois de chegarem a terra; mas o mestre nunca se arreda do seu logar na pópa.

Depois destes ha um guardião, que tem mando sobre todos os grumetes, e vai alojado com elles de noite e de dia sobre o convez, que é desde o mastro grande até ao de mezena; e quer chova, quer vento, é mister que estejam sempre alli, e apenas tem alguns couros de boi ou de vacca para se cobrirem. Este guardião governa nos grumetes, e se ao segundo toque do apito elles não respondem e acodem promptamente, descarrega-lhes grandes golpes de bastão, ou de pedaços de cabo; porque estes grumetes são a gente mais rasteira do navio, e inferiores aos marinheiros, e só servem para lançar os cabos acima, mas não sohem aos mastros, nem passam do couvez. Fazem todo o serviço pezado do navio, ajudam como creados aos marinheiros, que lhe batem e os reprehendem muito; não podem tão pouco menear o leme, e não ha trabalho algum, quer fora, quer dentro do navio, que elles não sejam obrigados a fazer, como baldear o navio, e dar á bomba; e este ultimo serviço só a elles pertence, salvo se por algum caso fortuito o navio fizer mais agua do que é costume, e que seja mister dar á bomba tres ou quatro vezes por dia.

Os marinheiros são mui respeitados; e ha poucos que não saibam ler e escrever, porque isto lhes é necessario para a arte de navegar. Por esta palavra Marinheiro entende-se o que sabe bem tudo o que toca á navegação; mas poucos são os bons, com quanto todos tenham aquelle nome. Todo o governo do navio corre por conta delles, cada um segundo a sua graduação. Nas náos grandes, que são fortes, tomam um ou dous grametes para sua ajuda, e são elles quem fez todo o serviço alto, como largar as velas, amarral-as, menear os cabos, e outras cousas semelhantes. Quando cumprem bem sua obrigação, são mui honrados do mestre e do piloto; nunca baldeam o navio, nem dão á bomba, senão quando a necessidade o requer. O guardião não lhes pode dar ordens. De noute são repartidos em tres esquadras; uma fica com o piloto, outra com o mestre, e outra com o contra-mestre; e da mesma sorte são repartidos com elles os grametes; e cada um está de vigia quatro horas; e ao leme vai cada homem duas horas. Ha tambem nestas ditas náos grandes tres bussolas; uma para o piloto que está lá em cima na pópa; no convez fica outra, e com ella um marinheiro para ouvir as vozes do piloto, porque o que vai em baixo ao leme não poderia ouvi-lo, mas este que fica no meio lhe repete a voz do piloto. Ha dous marinheiros principaes, a que chamam trinquieiros, que tem cuidado da cordoalha e velas, para compôr e concertar tudo quando é mister. Ha tambem quatro moços, a que chamam pagens, que não servem para mais do que para chamar a gente ao serviço, e bradam com toda a força ao pé do mastro grande, e mesmo assim difficil-tosamente são ouvidos por todos. Chamam a gente assim para vir entrar nos seus quartos de vigia, como para ir para o leme, e para outros serviços particulares; e servem tambem para tratar das luzes, e levar os recados do mestre, e outros officiaes; e outròsim quando os bens dos defunctos se arrematam, são elles que servem de pregoeiros.

Ha um meirinho ou alcaide para executar os mandados do capitão no que toca ás cousas da justiça. As prisões são ao pé da bomba, e abi metem os malfetores, ordinariamente de ferros aos pés; e só elle e mais ninguem alli pode ir. Ha outras prisões menores, sobre o convez, que são certas taboas com buracos, onde mettem os pés do preso, e depois se fecham com cadeados. Este alcaide tem tambem sob sua guarda toda a polvora, balla, murrão, e armas, que tudo lhe é carregado por conta. Semelhantemente tem cargo do fogo, e ninguem, seja quem for, ousaria accender e levar fogo sem elle lho dar por sua propria mão. E para esse fim ha de cada banda do navio junto do mastro grande duas grandes cozinhas, a que chamam fogoës, e quando o alcaide alli accende o fogo, que é pela volta das oito ou nove horas, ha sempre alli duas guardas ou soldados, um a cada um, para tomar conta que ninguem faça algum desatino com o fogo, e tambem para impedir que alguem o leve para outra parte do navio. E se alguma pessoa ha mister de ir ao porão a ver a sua fazenda, se é de confiança, o alcaide lhe accende uma vela, por ordem do capitão, e a mete n' uma lanterna de lata toda picada de buraquinhos, fechando-a com um cadeado; e se não é pessoa de confiança, elle mesmó vai em sua companhia. Tem cuidado de fazer tambem apagar o fogo pelas quatro horas pouco mais ou menos.

Nestas mesmas náos ha tambem muitos artifices necessarios, de cada officio ou mester dous, taes como, cirurgiões (a), carpinteiros, calafates, lanoeiros, e outros. A maior parte dos grumetes estão á ordem destes officiaes, cada um em seus logares; porque todos os officiaes do navio tem o seu grumete; e uns são obrigados a dormir em cima no certo da garea, e os outros cada um á sua escotilla, excepto os quatro que ficam no certo da garea; e quan-

(a.) Naquelleos tempos, e ainda até perto de nossos dias, a cirurgia era reputada arte mechanica.

do não estão occupados nestes serviços, são sujeitos a todo o trabalho como os outros. O mestre, contra-mestre, guardião, e mestre bombardeiro tem cada um seu grande apito de prata pendurado ao pescoço com cadeia também de prata, e com elles dão signal de tudo quanto he mister fazer-se, a saber, o mestre, e contra-mestre aos marinheiros, o mestre bombardeiro a todos os bombardeiros, e o guardião a todos os grumetes, e aos quatro moços. Ha também dous dispenseiros, um para os marinheiros, e outro para os soldados; mas nada podem repartir senão em presença do escrivão; e estes dispenseiros são também postos pelo rei. No navio ha muitos soldados, fidalgos, mercadores, ecclesiasticos, e outros passageiros, assim homens como mulheres, de que não fallo aqui, por não ser do meu intento.

Envia pois El-Rei todas estas náos armadas, e apparelhadas á custa de sua fazenda, e a especial mercadoria que levam é só dinheiro, que o mesmo rei manda para ajuda das despesas do Estado da India, e para a compra da pimenta; de sorte que não vai navio que não leve pelo menos quarenta ou cincoenta mil escudos em dinheiro por sua conta, não fallando nas mercadorias que pertencem aos passageiros particulares. Este dinheiro dá lucro, porque na India vale mais um terço que em Portugal. Nestes navios vão ás vezes embarcados setecentos a oitocentos soldados; o resto são homens de mar, ou passageiros. Mas o que faz que as náos de Portugal offereçam tão pouca resistencia nas occasiões de combate, é que todos aquelles soldados são filhos de camponezes, e outra gente de baixa condição, e apanhados á força desde a idade de doze annos, de sorte que não tendo nunca visto guerra, não podem entrar em combate. Os bombardeiros são igualmente pela maior parte artifices, como sapateiros, alfaiates, e outros, de modo que não sabem o que é dar um tiro de peça quando é mister; mas não obstante isto, to-

da essa gente, ainda que de baixa condição, desde que tem passado o Cabo de Boa Esperança, como já em outro lugar tocámos, tomam novos nomes, e todos se dizem fidalgos. E o que também os faz resistir tão pouco no combate, é que os inimigos os tratam benignamente, e tudo é d' El-Rei, de sorte que elles nunca perdem cousa alguma, segundo claramente dizem.

Quando pois estas grandes náos devem partir, El-Rei as manda bastecer de toda a sorte de provimentos e refrescos, os quaes são para uso de toda a gente em geral desde Portugal até Goa, e não mais. Ha um dispenseiro para os soldados, a quem em primeiro lugar se distribue a ração; depois ha o dos marinheiros, e dos outros officiaes e pessoas do navio, e todos sem excepção têm cada dia igual ração, a saber, meia canada de vinho, e outra de agua. A pipa contem trezentas canadas. Pão dá-se-lhes quanto podem comer. Em quanto aos outros mantimentos, como carnes salgadas, uma arroba por mez. A arroba peza trinta libras (a). Todo o resto lhes é dado na mesma proporção, como azeite, vinagre, sal, cebollas, e peixe. Tudo isto se dá para um mez inteiro; mas o vinho e agua dão-se cada dia, e tudo perante o escriptão, que o lança em conta, e pelo nome de cada pessoa. Se alguém não bebe vinho, pode vendel-o a outros, ou guardal-o, e deixal-o na mão do dispenseiro, que lhe dá conta delle; e sendo chegados a Goa, ou a qualquer outra parte, podem tomar o vinho que lhes é devido, para fazer delle o que bem quizerem.

Mas o mal que eu acho em tudo isto é que todos os mantimentos se dão crus, e cada um é obrigado a fazer cozinhar a sua comida, de sorte que ás vezes se vêm mais de oitenta ou cem panellas ao lume ao mesmo tempo; e depois quando a comida de uns está cozida põe-se ao

(a) *Aliás* trinta e duas, como é sabido.

fogo a dos outros; e por isso quando alguns estão doentes, e não podem dar ordem a sua cozinha, são muito mal tratados e alimentados, donde vem morrerem por esse respeito muitos. Os Francezes e Holandezes não tem esta usança, por que tem um cozinheiro para todos, e comem a seis e seis em um prato. Mas entre os Portuguezes o comer e beber é igual para todos em geral. O sobejo de todos estes viveres e utensilios do navio ficam em proveito dos intendentes dos navios que residem em Goa; e quando os navios se apparellham para a torna-viagem, bastecem-nos de novo á custa d' El-Rei. Os utensilios de todo o navio são carregados ao mestre; e os mantimentos e mercadorias ao escrivão. Os soldados que estão a bordo fazem guarda todas as noites, mas não estão sujeitos a outro algum trabalho. Quem tem refrescos no navio vende-os pelo preço que quer, e chegou a vender-se uma galinha por vinte reales de quarenta soldos cada um, que fazem quarenta libras (a).

No que pertence ao salário dos officiaes do navio, cumpre notar que ao capitão; piloto, mestre, e outras pessoas do governo dá El-Rei certo espaço do navio a cada um, e da mesma maneira aos marinheiros. Os soldados, grunetes, marinheiros, artifices, e outros officiaes do navio são pagos por igual, a saber, pela viagem de Portugal a Goa cincoenta cruzados cada um. O *cruzado* vale cincoenta soldos. Se as pessoas do governo, e os marinheiros tem meios de comprar mercadorias, não pagam direitos de certa quantidade dellas, cada um segundo a sua qualidade e grão. E por isso os que não tem meios de as comprarem, não tiram grande proveito desta liberdade; em quanto os outros podem ganhar cinco por um. Os que não tem dinheiro, não deixam todavia de as comprar, porque vendem os seus gazalhados aos passageiros, assim fidalgos, como

(a) Moeda franceza.

soldados, e mercadores; e ha gazalhado que se vende por trezentos cruzados em dinheiro de contado, e com isso compram mercadorias, que El-Rei lhes deixa levar no porão; porque El-Rei só retem para si duas cobertas do navio, sendo ellas ao todo quatro cobertas, fóra a pópa e a prôa, que equivalem a mais de uma e meia.

Em quanto ao alojamento, os soldados vão alojados debaixo do convez na coberta; e os grumetes em cima a descoberto. Da mesma sorte vão os Padres Jesuitas, ou outros ecclesiasticos, quando os ha; menos o capellão da náó, que tem seu alojamento como qualquer outro official. Os soldados só tem alojamento quando vão para a India, mas na torna-viagem não. Os homens de mar tem seus logares ordenados segundo suas qualidades.

Estes navios são extremamente sujos, e infectos, porque a maior parte da gente não toma o trabalho de ir acima para satisfazer a suas necessidades, o que em parte é causa de morrer alli tanta gente. Os Hespanhoes, Francezes, e Italianos fazem o mesmo; mas os Inglezes e Hollandezes são mui limpos e aceiados.

Quem alli vai sem gazalhado certo vê-se muito opprimido e apoquentado, porque não acha logar para dormir na coberta, se não paga para ter algum. Da mesma sorte para pôr os mantimentos e mercadorias é mister comprar gazalhado a alguem; de contrario será obrigado a deixar tudo a descoberto, em risco de se molhar, avariar, ou ser roubado; pelo que todos tem necessidade de comprar seus gazalhados á gente do navio, a qual fica com outros logares, que lhe são reservados.

Assim quem quer ir á India proveitosamente, precisa ter algum cargo no navio; e se El-Rei o não dá, é mister compral-o a outro, ou a alguma viuva. E os que tem estes officios e cargos do navio, assim os que são dados, como os comprados, se o navio não vem a Portugal a salvamento, terão o mesmo officio e cargo em outro navio que for

no anno seguinte; e se ainda neste não vem a salvamento, esperam ainda para outra vez, até que chegam a salvamento. Donde vem que todos estes cargos são mui procurados, e os das viúvas e orfaões mui bem recompensados. Mas quem alcança os taes cargos é mister que tenha fazenda que levar comsigo, porque ha um ditado que diz—quem nada leva á India, nada traz—E ainda dizem que a primeira viagem é só para ver, a segunda para aprender, e a terceira para tirar proveito; e assim se em tres viagens um homem não enriquece, não deve lá voltar mais.

Em quanto á religião catholica, é ella guardada a bordo dos navios como em terra, excepto no que toca ao sacramento, que é inteiramente defeso no mar: mas todas as mais cerimoniaes ahi se observam, como missa, vespersas, agua benta, procissões; e o mesmo é com as cerimoniaes da quaresma, e festas do anno. Ha capellas ornadas de bellos paineis, onde cada um vai fazer oração. Quando alguém morre, o mestre dá um toque de apito para advertir que lhe rezem por alma; mas não se dão tiros de peça, como nós fazemos. Para a oração ordinaria todas as noutes ás nove horas o mestre a som de apito chama toda a gente para rezar um Padre Nosso e uma Ave Maria; depois com outro som de apito dá signal a toda a gente de mar para ir a seus postos e quartos, e cumprir suas obrigações. Ao romper do dia todos os moços do navio cantam uma oração do mar, que é repetida por toda a gente do navio, cada um em particular, e nesta oração se faz menção do navio, e de todos os seus utensilios, que vão accommodando a cada ponto da Paixão; de sorte que esta oração dura uma boa hora, e a dizem em alta voz.

Estes navios assim guarnecidos e ordenados partem de Lisboa no fim de Fevereiro, ou principio de Março, o mais tardar, e não podem surgir em porto algum para cá do Cabo, nem tem necessidade disso. E se pela ventura acontecesse algum accidente, que os impedisse de dobrar

os *Abrólhos*, ou passar o Cabo, são obrigados a arribar directamente a Portugal, e perder a viagem. Quando os navios não são assaz fortes para voltar a Portugal, não tem outros portos onde possam arribar senão a Angola na costa de Guiné, ou no Brazil á Bahia de todos os Santos, ou ainda a Pernambuco. Semelhantemente quando podem passar o Cabo felizmente, dalli até á India ou Goa, não tem outro porão para surgir e refrescar senão Moçambique, onde todavia não vão, salvo na ultima extremidade e aperto, e ahi se detem o menos que podem, segundo tem por regimento; e todavia chegam ás vezes alli tão tarde que são obrigados a dilatar-se lá muito tempo por causa dos ventos contrarios, e outros accidentes. Os navios que vão a este porto seguem viagem ao mesmo tempo que os que dalli voltam a Portugal, a saber, no mez de Junho ou Julho, e chegam á India ordinariamente em Setembro ou Outubro, se lhe não sobrevem desastre; e pela maior parte das vezes não vão a Goa, mas a Cochim ou Coulão, o que todavia fazem forçados das correntes do mar que para alli os impellem, ou de calmarias, e ventos contrarios.

Depois de dobrarem o Cabo de Boa Esperança, vão á terra de Natal, onde de ordinario ha grandes tormentas. Esta terra é na costa de Ethiopia alem do Cabo cento e cincoenta legoas, pouco mais ou menos. Quando os Portuguezes se acham na altura desta terra depois de a ter passado, tomam conselho entre si segundo a estação, para ver se tem assaz de tempo para ir passar entre a ilha de São Lourenço e a terra firme, ou, se é mui tarde, tomar por fóra da dita ilha. Porque para tomar o caminho entre a ilha e a terra firme de Africa é mister ter passado o Cabo cedo, a saber, até por todo o mez de Julho; mas se é mais tarde, fica-se obrigado a seguir o outro caminho por fóra, e em tal caso não tem elles certeza de ir tomar a barra de Goa, mas vão surgir a Cochim, ou ás vezes não

passam de Coucão, como dissemos. Porem os outros que tem passado o Cabo cedo, podem facilmente passar entre a dita ilha e a Africa, e vão refrescar-se a Moçambique dez ou doze dias. Os que seguirem este caminho demasiadamente tarde, não poderão chegar facilmente a Goa, por causa das calmas e ventos contrarios, que reinam ordinariamente nesta estação; e assim pela maior parte das vezes são obrigados a dilatar-se largo tempo em Moçambique, e só podem chegar a Goa mui tarde, ficando-lhes retardada a viagem para o outro anno.

E no que respeita áquelles que tem tomado assim por dentro como por fóra da ilha de S. Lourenço sem passar a Moçambique, pode-se ter por certo que hão de correr grandes riscos, e passar grandes molestias e fadigas, gastando ás vezes nove e dez mezes antes de chegar a Goa. Porque tirado Moçambique não ha outro porto que possam tomar; e os que, quando é mui tarde, o não querem demandar, não podem escapar de ser accomettidos da enfermidade do escorbuto, e ainda muitas vezes morrer de sede. Eu vi, estando em Goa, chegar navios, em que de mil a mil e duzentos homens que eram partidos de Lishoa, não restavam mais de duzentos, e esses quasi todos doentes de escorbuto, que os consumia de sorte, que depois de chegados não escapavam.

Direi com tudo de passagem que entre a ilha de S. Lourenço e a costa da terra firme ha bancos ou baixos, que são muito para temer, e onde se tem perdido grande copia de navios portuguezes. Chamam a estes bancos *baixos de Judas*, e são a cincoenta legoas da dita ilha, e a setenta da terra firme. Começam, indo de cá, aos 23 grãos, e acabam aos 22 e meio. São parceiros mui temerosos e perigosos.

Mas tornando aos navios portuguezes, quando são chegados a Cochim, tomam ali sua carga, e não vão a Goa por causa dos ventos contrarios, e das correntes que os

impedem. A carga é feita por ordem do Vice-Rei, a quem avisam logo de sua chegada, e este de sua parte lhes envia officiaes d' El-Rei para darem a tudo aviamento; porque em todas as cidades da India ha toda a sorte de officiaes, e a mesma ordem, assim no espiritual como no temporal, que ha em Goa.

A ordem da navegação destes navios portuguezes é muito má. Porque ainda que partam de Portugal todos juntos e em conserva, e que levem expressamente por regimento não se affastarem uns dos outros, todavia guardam mui mal esta ordem, e não tratam de obedecer a seu almirante, que elles chamam *Capitão-mór*; sendo a causa disto que todos os capitaes são fidalgos de boa linhagem, que não querem ceder em nada uns aos outros, antes cada um vai como pode, sem se importar se seus companheiros vão ou não na mesma conserva (a), o que é muitas vezes causa de sua perda, porque indo sós podem encontrar-se com navios Hollandezes, ou outros inimigos, que os desbaratam e tomam, tanto mais que, como já dis-

(a) Diogo do Couto na Dec. VII. Liv. X, Cap. I. deixou-nos um notavel exemplo destas competencias entre D. Constantino de Bragança, quando no anno de 1562 recolhia de Vice-Rei da India, e D. Jorge de Sousa « =Foi tambem nesta companhia (diz Diogo do Couto) D. Jorge de Sousa, capitão-mór da armada do anno passado, que tinha ficado na India com a sua não Castello, « que por não abater a sua bandeira a D. Constantino, se desviou « logo delle; mas encontrando-se ambos sós em Santa Helena, não « quiz D. Jorge enrolar a sua bandeira; sobre o que mandou D. « Constantino pôr a sua artilheria em cima, e por rageiras chegar « hum a não á outra com tenção de metter a D. Jorge no fundo. « ou lhe entrar a não, e o levar preso na sua até o reino. E « tendo tudo prestes, mandou notificar a todos os fidalgos, cavalleiros, e officiaes da sua não que se fossem para terra sob pena « de caso maior, o que todos fizeram logo. E D. Jorge mudou o « parecer; e tomando melhor conselho, abateo a bandeira, e mettendo-se no batel da sua não, se foi ver com D. Constantino, reconciliou-se com elle, e dalli até o reino o acompanhou sempre, « e salvou todos os dias. E chegado a Cascaes, tendo já El-Rei « aviso do caso por outra não, que chegou primeiro, por se encon-

se, elles não fazem grande resistencia, porque todos os soldados são gente mesquinha, e a maior parte apanha-
dos á fôrça entre a gente do campo e pobres artifices. Os
proprios capitães não tomam muito a peito a sua defesa,
pelo pouco interesse que nisso lhes vai, porque os Hol-
landezes lhes dão quartel, e não os matam. Só El-Rei, e
alguns mercadores, que presentes queriam sentes, perdem
nisso. Quando estes navios são tomados ou perdidos, faz-
a gente d'elles entre si um auto da perda de sua fazenda,
e do officio que cada um tinha no navio, e no seu re-
gresso são recompensados de tudo, e ás vezes em dobro.

E notareei aqui outra vez o que já disse, que todos es-
tes soldados e gente do mar depois de passarem o Cabo,
se arrogam titulos de nobreza, aliás seriam grandemente
vituperados e desprezados dos outros Portuguezes que es-
tam na India, porque se tratam todos entre si com grau-
da respeito e honra de de o maior até ao mais pequeno,
e todos se estimam muito, desprezando não somente os
Indios, mas ainda todas as outras nações christãs da Eu-
ropa, que elles chamam homens brancos, e os Indios
chamam *Faranqui* ou *Franki*. E se um Indio ferir um ho-
mem branco, a lei manda que tenha a mão cortada.

Eis,ahi a ordem observada pelos navios portuguezes
desde o embarque em Lisboa até serem chegados a Goa,
ou a outro lugar nas Indias Orientaes. E cumpre notar
que em todas estas viagens não ha senão os pobres sol-
dados e gente do mar que passem mal e pobremente,
porque de ordinario não são pagos de seus soldos. Al-
gumas vezes os vi estarem quatro mezes completos sem
tocar um real, e todavia o rei não deixa de lhes pagar
sempre de sorte que se pode inferir daqui que a India
não é boa e proveitosa senão aos Vice-Reis, Governadores,
e outros officiaes d' El-Rei, mas não ao mesmo Rei, nem

« trarem todas nas Ilhas Terceiras, o mandou desembarcar preso;
« para o castello, onde esteve alguns tempos até lhe perdoarem »=

aos pobres soldados e marinheiros. Até os presentes, que os reis da India fazem, são todos para o Vice-Rei; e os que elle lhes faz em retorno são á custa de El-Rei seu amo. Mas desde que os estrangeiros, Francezes, Inglozes, e Hollandezes tem começado a frequentar a India, estes Vice-Reis não tiram tanto proveito como de antes, por se haverem perdido a maior parte do seu commercio, e não ousarem os Portuguezes navegar com temor de serem tomados dos Inglozes e Hollandezes, como de feito eu tive conhecimento de grande numero de navios portuguezes que foram tomados ou roubados de sua fazenda, e alguns destes, que vinham da China e de outras partes, foram estimados em mais de dous milhões de ouro, afora outros muitos na vinda ou ida de Portugal, e de todas as partes da India. Porque todas as forças dos Portuguezes não são capazes de vedar aquelles mares aos Hollandezes; como tambem da sua parte os Hollandezes lhes não podem fazer muito mal em terra firme, em suas cidades e fortalezas, nem levar-lhes vantagem na mercancia, salvo um pouco na Sonda, por ser mui desviada das terras e forças dos Portuguezes.

Mas antes de acabar este capitulo não posso passar em silencio uma particularidade mui notavel, que todos os Portuguezes dizem ter observado nas suas viagens da India: e é, que todos os corpos mortos que se lançam ao mar da banda do norte para cá da linha equinocial, não vão ao fundo, mas boiam ao lume d'água, tendo sempre a cabeça voltada para o occidente e os pés para o oriente; e se alguma vez as ondas e os ventos os fazem virar para um ou outro lado, logo incontinenti voltam áquella primeira situação; mas passada a linha para a banda do sul, dizem que todos os corpos vão ao fundo. Deixe a causa disto á investigação dos mais curiosos naturalistas. Mas nós os Francezes não temos observado tal cousa, porque a todos os corpos que lançamos ao mar, damos uma pedra

ou balsa de artilheria amarrada aos pés para os fazer ir ao fundo; porque logo que um homem morre n' um navio francez, envolve-se o corpo n' um lençol ou coberta com algum peso para fazer niérgulhar, e depois lança-se ao mar a barlavento, e para a mesma banda se atira um tição de fogo; ao mesmo tempo que a sota vento se dispara um tiro de peça; e todos olliam deste lado; e não do em que se lançou o corpo. Feito isto o mestre ou patrão adverte em voz alta que se reze pela alma do defuncto. Mas os Portuguezes não observam este estilo; como já disse, e o mestre se contenta de dar um toque de apito para advertir que se reze.

CAPITULO XV.

Do trafico dos Portuguezes por toda a India em geral, e da ordem que nisto guardam.

O principal trafico dos Portuguezes é nas Indias orientaes, onde elles não querem consentir que alguma outra nação, nem ainda os Hespanhoes, vão tratar, e isto é estreitamente defeso por El-Rei sob pena de morte. E alcançaram este privilegio d' El-Rei de Hespanha, porque o contrario seria a ruina do seu Estado. E assim se vê que depois que os estrangeiros da Europa tem tomado o mesmo caminho e trafico, isso os molesta grandemente, sobre tudo por causa da guerra, em que os estrangeiros, Ingleses e Hollandezes, tem muito mais forças, e vantagem sobre elles, no mar. Porque os Portuguezes são a gente mais frõixa na guerra do mar, que ha em toda a christandade, e nessa reputação são tidos, segundo o que eu, por mim mesmo, pude conhecer. São somente bons pilotos e marinheiros, e nada mais, se bem que em suas navegações, os seus grumetes e marujos não sejam gente para fadiga e trabalho, mas pelo contrario mui negligentes, pre-

guiçosos, e snjos, em extremo, de sorte que se deixam tomar e metter no fundo muitas vezes por escaparem trabalho.

Mas o outro maior inconveniente é no que toca ao tratado e commercio, o qual lhes é actualmente mui impedido, assim pelas presas que em seus navios se fazem, como pela escassez e carestia das mercadorias, porque o grande numero de navios mercantes torna as mercadorias mais raras e mais caras para aquelles mesmos que as vão procurar em competencia uns dos outros. E o que antigamente não custava mais de um soldo aos Portuguezes, lhes custa agora quatro e cinco; e ainda aquillo que podem levar a salvamento a Portugal são constrangidos a dal-o a menor preço do que era costume; e por cima de tudo tem muito mais difficuldade em lhe dar consumo, e saída, porque os Hollandezes dão as mesmas fazendas a preço ainda menor, por ser o seu trafico muito mais desimpedido.

E assim os Portuguezes já não traficam na India senão a medo, por causa dos estrangeiros de cá; o que tem excitado um grande desprezo de sua nação em todos os reis e povos da India: que aquelles estrangeiros tem tornado mais fortes em artilheria, armas, e munições, e até soccorrido com homens e navios, contra os Portuguezes, que em verdade se diziam senhores do mar de toda a India; porque não tinham então outros alguns competidores alem dos Malabares, que sempre lhes haviam feito a guerra, e ainda todos os dias fazem, dando-lhes grande molestia, mas não impediam a sua grande navegação. Os Portuguezes diziam a estes Indios que o maior rei da christandade era o seu, que tinha por vassallos todos os reis e príncipes christãos; e que a sua nação era a mais nobre e valerosa de todo o occidente; o que os Indios acreditaram sempre, até que os Hollandezes lhe mostraram o contrario; e tambem nós lhe temos dado a entender lá

a grandeza e soberania de cada um dos outros reis e príncipes christãos.

Ora os Portuguezes estabeleceram-se ao principio na India, em uns logares por força de armas, e em outros por commercio e amizade, e este tem sido o meio mais seguido, porque por força só tomaram Goa, e algumas outras cidades. Tem pois tratado paz e amizade com a maior parte dos reis da India, chamando-lhes *irmãos em armas*, e alliados dos reis de Portugal, e por estes tratados se tem concertado com elles nesta forma; que o trafico das especiarias, e outras mercadorias que tem saída nestas partes de cá, seria somente entre estes reis e os Portuguezes, e que nenhuma outra nação, inimiga dos Portuguezes, seria admittida ao mesmo trafico; e aquelles reis lhes tem promettido não traficar, nem dar acolheita em suas terras a nenhuma outra nação sem consentimento dos ditos Portuguezes; e estes da sua parte lhes tem reciprocamente promettido extrahir todas as suas mercadorias a um preço certo, concertado entre elles. por cada genero de mercadoria, e levar-lhes em retorno das de cá, que lhes são mais necessarias, como dinheiro, roupas, e outras cousas mais estimadas entre elles. Tem alem disso promettido aos ditos reis guardar todo o mar daquellas costas de corsarios e piratas, e defendel-os, de, e contra todos os seus inimigos daquellas partes que podessem accomettel-os. Para este effeito tem sempre apercebidas todos os annos durante o verão, que. são seis mezes, duas armadas em Goa, uma para ir ao norte, e outra ao sul, tudo á custa d' El-Rei de Portugal; por que lá não se falla senão d' El-Rei de Portugal, e não do de Hespanha.

Tem outrosim os Portuguezes feito concerto com os ditos reis da India para lhes darem nos logares mais proprios, e nos portos e enseadas mais accominodadas ao longo da costa das suas terras, assento para ali se apo-

zentarem, morar, e commerciar em toda a segurança de suas pessoas; e para este effeito tem fabricado abi cidades e fortalezas com bellas cazas, onde agora são senhores absolutos com o mesmo poder e mando que os proprios reis, que não tem jurisdição alguma nas ditas cidades particulares, nas quaes os Portuguezes cobram todos os direitos, cartazes, e imposições sem darem disso conta alguma aos ditos reis; e assim vivem em grande paz uns com outros sem tentarem empécer-se mutuamente. E se pela ventura estes reis tivessem alguma contenda com seus visinhos, os Portuguezes, em caso que não tenham tratado paz e amizade com os ditos visinhos, são obrigados a socorrer-os e ajudal-os com homens, armas, e dinheiro; e o mesmo lhes tem prometido os ditos reis em semelhante caso. Mas se os reis que assim tiverem guerra entre si, forem uns e outros amigos dos Portuguezes, então toca aos ditos Portuguezes proceder de modo que os tragam a boa composição; ou pelo menos se a algum dão ajuda, é mui secretamente, como fazem com o rei de Cochim contra o de Calecut, ao qual entretem o melhor que podem, mas sempre favorecendo o de Cochim ás escondidas; mas o de Calecut não faz caso nem de uns, nem de outros.

Na forma pois de todos estes tratados e concertos, os Portuguezes conseguiram ficar sendo senhores do mar da India, e que nenhuns Indios, assim da terra firme como das ilhas, de qualquer região que fosse, ousassem navegar, nem fazer viagem alguma, sem ter passaporte seu, o qual dura um só anno; e estes passaportes, a que chamam *Cartazes*, levam clausula de que elles não poderão navegar senão para certas partes alli declaradas, e ainda para essas não poderão levar pimenta, armas, e munições de guerra, com declaração especial de quantas armas e homens podem levar, e se lhes acharem mais do que é dito no cartaz, tudo é confiscado, e julga-

do boa preza, ficando de mais a mais a gente do navio captiva. Tambem se faz menção no cartaz de que porto é o navio. Mas destas limitações são isentos os reis, com quem tem assentado paz e amizade, porque estes podem enviar certo numero de navios onde bem quizerem; com carga de qualquer mercadoria, sem ninguem lhes poder tomar disso conta, e até não são obrigados a tirar cartaz; todavia tiram-nos para os mercadores das suas terras, de quem ficam como fiadores; o que dá occasião a que debaixo do seu nome passem muitos com carga de pimenta e outras mercadorias a Arabia, onde todos estes reis enviam todos os annos grande numero de navios carregados de especiarias, e outras drogas.

Mas ha muitos outros reis na India, que não estam de paz com os Portuguezes, e nem por isso deixam de navegar e fazer veniaga por toda a parte onde lhes apraz, sem se importar com os cartazes dos Portuguezes, a quem em nada temem, e quando se encontram, pelejam destemidamente, cabendo a victoria ao mais possante. Os que assim procedem são todos os da costa da Arabia, do Guzerate, Persia, Malabar, e das ilhas de Sumatra, Java, e outras partes, que não tem temor algum dos Portuguezes, nem tão pouco o tem hoje em dia os Inglezes, Holandezes, e Francezes que vão áquellas mesmas partes. Por quanto dous ou tres navios podem navegar e correr em toda a segurança por todas aquellas costas da India, sem que armada alguma de Portuguezes ouse investil-os; e até podem ir surgir na propria barra de Goa, onde se is náos Hollandezas tem tido o atrevimento de lançar ancoras, e deter-se perto de tres semanas, impedindo totalmente as entradas e saidas de Goa, sem que os Portuguezes ousassem ir accomettel-as. O mesmo se poderia fazer em todos os outros seus portos e cidades; com tanto que se esteja ao alcance da artilharia, não ha que temer delles; porque ainda quando fossem dous ou tres navios

portuguezes contra um hollandez, em os Hollandezes atirando um tiro de peça, elles amainam logo as velas, e vem render-se á discrição; o que é causa de os Hollandezes os tratarem benignamente. Não o faziam assim no principio, com o que se deram mal, porque como queriam pôr-se em defensão, os Hollandezes os maltratavam e matavam; mas agora já não combatem. Note-se porem que nestes navios portuguezes não ha pela maior parte senão mercadores particulares ricos, e que tem mulheres e filhos, os quaes mais querem perder quanto levam no navio do que a vida. E é esta a razão que elles me tem allegado algumas vezes, quando eu lhes perguntava por isto. Em quanto aos Malabares, dizem que não engentam nunca o combate, em caso de serem dous navios ou galeotas portuguezas contra um navio malabar igual, que levemente irá accommetel-os, de sorte que se pode inferir daqui que hoje os Portuguezes, que deram tanto que fallar de si, são os mais froxos soldados do mar.

Mas tornando ao seu commercio e trafico da India, digo que todos os annos saem de Portugal duas, tres, quatro náos do porte de duas mil tonelladas ou mais, guarnecidas e equipadas de mil a mil e duzentos homens de todas as qualidades, como em outro lugar direi mais particularmente; e tudo á custa d' El-Rei, porque nenhum particular envia nunca navio algum á India. Mas não ha gente tão malaventurada em suas viagens, e que navegue tão mal, e em tão grande desordem, como elles proprios confessam, e não ha quem os iguale em desastres no mar. Eu mesmo tenho conhecimento de vinte e cinco embarcações, assim naós, com galeoës, e outros navios grandes, que saíram em tres annos successivos de Lisboa para Goa, partindo n' um destes annos quatorze, e com elles o Conde da Feira, que hia por Vice-Rei, e morreo na viagem na altura da costa de Guiné; e nos dous annos seguintes partiram onze navios; mas posso certificar

que destes vinte e cinco não voltaram a Portugal mais de quatro; os outros deram á costa, perderam-se, e foram ao fundo na India, fóra tres ou quatro tomados pelos Holandezes; não fallando nos outros navios da India que em grande numero se perderam cá e lá.

O defeito não está nos navios, que são mui bons, nem nos seus pilotos, que são mui expertos; mas em verdade se pode dizer que como os seus navios são grandes, acham tambem grandes tormentas; a gente não é para grandes fadigas; e os officiaes, excepto os pilotos, não são mui expertos nos seus cargos, porque a maior parte delles, ou para melhor dizer todos, tanto capitães, mestres, contra-mestres, guardiaes, como marinheiros, bombardeiros, e outros tem os seus officios por favor, ou por dinheiro, ou em recompensa de serviços ou perdas passadas; e ás vezes até estes officios são dados ás viúvas, ou filhos dos que morreram nas viagens ou em outras partes em serviço d' El-Rei; e estes taes os vendem depois a quem querem, sem investigar a capacidade ou o merito das pessoas. Alem disso quando El-Rei quer enviar armadas extraordinarias e de maiores forças, manda tomar estes officiaes e outros homens, assim de mar como soldados, em qualquer parte onde os pode achar, ainda que sejam pobres pais de familia com mulher e filhos; mas por cima de tudo isto creio que a principal causa, porque suas viagens são tão desastrosas. é pela grande severidade e crueldade de que usam para com todos aquelles pobres escravos, e outras gentes e nações, que tem sob seu poder e dominio. E o que de mais a mais causa desordem entre elles é que os capitães, por serem fidalgos, tem grande ambição e competencia sobre qual chegará primeiro para carregar a sua não tambem em primeiro lugar, e assim não esperam nunca uns pelos outros, por acontecer a maior parte das vezes que o que

chega derradeiro tem de esperar para o anno seguinte, se quer prover-se de pimenta, e outras especiarias.

Tudo isto junto é a causa da grande perda de homens, dinheiro, navios, e outras cousas na India pertencentes a El-Rei, e até mesmo da perda da propria India. Porque ao presente o rendimento della está muito longe de abastar para pagamento e satisfação de todo o seu estado assim no espirital como no temporal, de sorte que a India lhe despende mais do que rende; e é bem certo que se não fora pela reputação, e pelo interesse da fé catholica, como elles dizem, muito tempo ha que teriam desamparado todas aquellas terras. Ha alguns annos propoz El-Rei em seu conselho se devia ou não largar a India, por razão da molestia e perda que com ella recebia. Os Portuguezes lhe representaram e requereram sobre isso, que se elle estava resoluta a largar tudo, fosse servido S. Magestade de lhes deixar a elles a India com todos os seus prós, que elles ficando todavia por vassallos da sua coroa, manteriam e sustentariam aquelle Estado muito bem; todavia El-Rei não acceitou o alvitre, e tudo ficou como de antes.

No que toca ás cousas que os Portuguezes levam á India para seu trato; primeiramente El-Rei não envia alli senão dinheiro, mas os particulares enviam e levam alem do dinheiro, pannos de lã, chapéos, espadas, toda a sorte de armas e munições de guerra, ou material para ellas; tambem toda a sorte de quinquelharias destas partes occidentaes, papel, ferro, chumbo, espelhos, fructos seccos de todas as especies, peixe salgado, vinhos, queijos de Hollanda, azeite, azeitonas, vinagres, e outras cousas semelhantes, que são lá de grande estimação. Alem de tudo isto levam livros impressos, porque na India não ha imprensa. Pannos brancos e de seda não os levam, porque os ha lá em abundança. Todas aquellas mercadorias são alli mui procuradas, e ganha-se nellas muitas vezes qua-

tro por um; e nos refrescos ganha-se na viagem seis e sete por um.

A ordem do Governo em Goa é que o Vice-Rei é absoluto em tudo o que toca ao serviço d' El-Rei, e bem do Estado. E se elle não cumpre bem as obrigações do seu cargo, podem queixar-se delle a El-Rei por escripto, fazendo menção por capitulos das cousas de que o accusam, e sobre isso manda El-Rei resolver o que ha por bem. Por que Goa é regida e administrada como se fosse a propria Lisboa, como eu já largamente disse atraz; e não ha ahi Hespanhóes alguns ou *Castelhanos*, como os Portuguezes lhes chamam; e por isso os Portuguezes se amam alli muito mais que em Portugal, onde os Castelhanos os dominam; mas em Goa são elles só os senhores, e estariam alli muito mais a seu gosto, se não fora o temor que agora tem de nós e dos outros Europeos. E se não fora outrosim a opinião em que estão de que nós vamos lá só para os espiar, e desapossar, folgariam muito mais de nos ter entre si do que aos Hespanhóes; mas são tão zelozos do seu Estado, que dezejaram que ninguem tivera conhecimento delle. E quando elles nos vêm lá, dizem-nos mil injurias, e nos fazem mil affrontas pelas ruas; de que não escapavamos nós outros que havíamos partido de França em nossos navios, sem permissão de seu rei, a qual é mister obter, pelo que elles dizem. São um pouco mais benignos com os estrangeiros que partem com elles de Lisboa na armada; e ainda assim não deixam de os maltratar, e andar desconfiados delles, dizendo que enganaram a El-Rei, fazendo-se passar por Portuguezes. E na verdade nenhum estrangeiro passa com elles á India senão por grande favor; e ainda os Portuguezes carecem de licença e passaporte do Vice-Rei (a), e serem matriculados na *Caza da India*. Quando ha novas de virem

(a) Parece o auctor referir-se ás armadas, em que vinha novo Vice-Rei; que eram na verdade as que traziam mais gente.

alguns navios Inglezes, Hollandezes, ou outros destas partes, lançam logo mão de todos os estrangeiros, que estão em suas cidades, e os mettem em prisão. Todos os outros estrangeiros, como Italianos, e todos os de Levante, são bem acceitos entre elles, e tratados como os proprios Portuguezes.

Em fim é tal o seu trafico que todos os povos orientaes desde o Cabo de Boa Esperança até a China e Japão vão levar suas mercadorias a Goa, ou os mesmos Portuguezes as vão buscar áquellas terras, isto he, ás daquelles povos que estão de paz e amizade com elles, como á China (o que se entende só da ilha de Macáo), Japão, Malaca, Pegú, Bengala, Ceylão, Comorim, e toda a costa de Malabar, como Coulão, Cochim, Calecut, Cannanor, Onor, Mangalor; e o resto da costa até Goa; e de Goa a Moçambique, entrando Baçaim, Damão, Chaul, Dabul, Cambaya, Surrate, Dio, e todo o longo da costa até Ormuz, e dalli a Arabia, e da Arabia a Moçambique. Todas as mercadorias destas terras vem dar entrada, e depositar-se em Goa; mas no que toca á pimenta, essa fica sempre nos depositos ou celleiros das terras onde se cria, até que as náos d' El-Rei de Portugal sejam chegadas a Goa; e se não podem tomar a barra de Goa, necessariamente devem tomar a de Cochim ou Coulão, e não outros portos. E quando vão áquellas duas barras, é porque as correntes e ventos as impellem a isso, e as não deixam subir até Goa. Muitas vezes porem ainda que as náos tenham entrado em Goa, algumas dellas não deixam de ir a Cochim, depois de haverem descarregado a fazenda que trazem de Portugal. Acontece tambem muitas vezes que o rei de Cochim não quer dar a sua pimenta senão indo as ditas náos carregal-a a seus portos; porque os do seu conselho lhe representam que a sua terra ganha nisso, como é bem verdade; porque quando as náos lá vão, ha sempre quatrocentas ou quinhentas

peessoas de Portugal, recém-chegadas á India, a maior parte das quaes não sabem o que vale a mercadoria, e não trazem senão dinheiro, e victualhas das embarcações, o que enriquece grandemente a terra. Mas quando os navios se detem em Goa, são os Portuguezes de Cochim que alli vão com canella, e outras mercadorias, que elles obtem a preço modico, e ainda por commutação de alguma outra mercadoria. E quando as náos são carregadas em Cochim, não voltam a Goa, mas saem logo directamente na derrota de Portugal, e vão passar á cabeça das Ilhas de Maldiva, que é da banda de norte da linha.

Finalmente as armadas e frotas que vem das partes do sul de Goa, quando tem acabado suas viagens, e estão a onze legoas de Goa na altura de um cabo chamado *Cabo da Rama*, e o tem dobrado, disparam toda a sua artilharia em sinal de contentamento, por estarem a salvo de piratas; e este cabo faz a separação da costa do Malabar e Dealcão. Outro tanto succede ás armadas, que vem do norte, quando chegam aos *Ilhéos Queimados*, a doze legoas de Goa, porque também estão livres de perigo.

CAPITULO XVI.

Do trafico no Brazil. Rio da Prata, Angola, Congo, S. Thomé, Mina, e dos escravos d' Africa.

Os Portuguezes na sua navegação mercantil para o Brazil, Indias occidentaes, Angola, e outras partes daquem do Cabo da Boa Esperança, não se servem de grandes navios, mas só de caravellas, as maiores das quaes não excedem o porte de mil e duzentas a mil e trezentas toneladas: ou também usam de navios redondos, que compram aos Francezes e Flamengos. As caravellas tem velas latinas, e são mastreados de outro modo que os navios re-

dondos, os quaes tem velas quadradas, e são de maior porte umas duzentas tenelladas. Nestes navios seguem sua derrota para o Brazil, e saem de Lisboa carregados de toda a sorte de mercadorias da Europa, necessarias á vida e commodidade do homem, como pannos de linho, de lã, e de seda, vinhos, azeite, e outras cousas, que pela maior parte tomam na sua passagem nas ilhas Canarias, e nas dos Açores, e taes são entre outras o vinho, farinha de trigo, carne de vacca salgada, coiros de boi, e peixe salgado. O vinho dos Açores é muito mais fraco que os das Canarias e de Hespanha; e tambem o trigo não se pode guardar por muito tempo senão com difficuldade. Todas estas mercadorias recebem elles alli em commutação d' outras que trazem de Portugal, e as levam ao Brazil, onde não se produz nem trigo nem vinho; e por não haver lá sementeira de cereal algum, e nem ainda moinhos, é mister levar a farinha já moida de Portugal; accrescendo que o trigo se damnaria no mar em uma tão longa navegação, visto que o que se leva de França a Hespanha está sujeito a corromper-se, e a botar máo cheiro; de sorte que em Hespanha só o povo mesquinho come pão feito dos trigos de França, e os ricos comem o da terra, que por isso é mais caro que o outro.

Os Portuguezes pois tendo tomado carga de todas estas mercadorias vão-se na volta do Brazil, para sair em terra em algum dos portos daquelle paiz, e principalmente no de Pernambuco, que é o lugar onde se faz maior trafico de assucares, e onde se produz maior quantidade de pão do Brazil. Ha depois a Bahia de todos os Santos, e outros logares desta costa (de que mais particularmente fallaremos na torna-viagem), onde se faz tambem o mesmo trafico, mas não tanto como em Pernambuco. Chegados alli, e tendo vendido e commutado todas as suas mercadorias, parte por dinheiro, e parte por outras mercadorias da terra, regressam sem fazer mais longa viagem.

depois de se terem dilatado tres ou quatro mezes a recolher o seu dinheiro, e fazer as suas compras, as quaes se limitam a assucares, e conservas de todas as qualidades; porque do pão vermelho, ou do Brazil, não podem tomar a mais pequena quantidade sob pena de morte, e todo se carrega por conta d' El-Rei de Hespanha. que o tem reservado a si, como nas Indias orientaes a pimenta. Quanto á gengibre, é tambem defesa, porque a grande quantidade della damnaria a venda da sua pimenta; de sorte que ninguem ousará levar outra cousa senão os doces. Tendo assim carregado de assucares vão-se directamente a Portugal; e partem ordinariamente em Agosto ou Setembro para chegarem em Novembro, porque regularmente gastam dous mezes e meio neste caminho.

Todas as mercadorias, que os Portuguezes levam, assim dalli como d' outros paizes remotos, pagam á entrada de Lisboa trinta por cento; e não podem sair do Brazil sem dar fiança e caução em como vão a Portugal; e toda a sua mercadoria fica registada. E posto que por algum máo tempo, ou outra causa legitima sejam constrangidos a tomar porto em outra parte, ou seja em terras de Hespanha ou não, e a pagar alli os direitos por haverem feito descarga das suas mercadorias, não deixarão com tudo de pagar os direitos em Portugal, porque é essa a condição dos rendeiros da alfandega. Alem disso nenhuns estrangeiros, mas só os Portuguezes ou Hespanhoes, ousarão mercadejar nesta terra do Brazil ha dez ou doze annos a esta parte.

Quando os Portuguezes não querem voltar do Brazil directamente a Portugal, mas fazer mais larga viagem, vendem alli uma parte da sua fazenda, a que acham melhor saída, e tornam a carregar mui bem o seu navio de farinha de *Mandioca*, que é uma raiz, de que abaixo fallarei; e com esta carga, e com a outra parte da fazenda que trouxeram, tomam a derrota do reino de Angola,

que é a leste do Brazil, afastado delle mil legoas ou mais, e possuido pelos Portuguezes. Jaz a oito grãos da linha para o sul, na costa d' Africa, entre a Guiné e o Cabo da Boa Esperança. E' a mais pobre terra do mundo, e é nella mui caro o sustento da vida, por não produzir mais que alguns fructos. O que custa dez soldos em França, custará quarenta no Brazil, mas alli cem. O unico trato que alli se faz é o de escravos negros, e nem para outra cousa a tem os Portuguezes, por que a não ser isso não queriam alli éstar, por quanto a terra não produz mais que alguns fructos, e gado, e isso mesmo acanhadamente. Daqui procede que em Hespanha não sentenceam á morte os malfeitores, como se faz em França, mas enviam-nos a estas terras desertas para alli traficarem. A farinha de mandioca, que não custa mais de quarenta soldos o alqueire, que pesa pouco mais ou menos vinte libras no Brazil, vale em Angola ás vezes oito francos. E em quanto ás mercadorias da Europa, custam alli duas vezes mais caras que no Brazil. Tiram em commutação de suas mercadorias escravos, de que alli ha tão grande numero que mais não pode ser, e passa por certo que é esta uma das maiores e mais certas rendas d' El-Rei de Hespanha em todas aquellas costas, porque lhe vem sem dispendio ou custo algum. Por cada cabeça de escravo, grande ou pequeno, que dalli sáe, pagam-se dez cruzados; e quando chegam a outra terra para ser vendidos, ou ficar nella, pagam ainda trinta por cento do seu valor. Por isso na primeira cumpra custam pouco mais de nada, e no navio só despendem o mantimento; mas ás vezes morre grande numero delles.

Quanto á moeda meuda desta terra de Angola, não é mais do que pequenas conchas ou buzios, e pequenas peças de panno feito de uma certa planta. Estes pannos são do comprimento de uma vara pouco mais ou menos, conforme o preço; e quando alli vão ao mercado para comprar

o que hão mister, não levam outra moeda, Com este paiz não despende nada o rei de Hespanha, e tira d'elle grandes proveitos. Ha alli uma mina de prata, e mesmo os naturaes trazem ás vezes este metal; de sorte que os Portuguezes, assim os daquella banda, como os de Moçambique e de Sofala, querem concertar-se para conquistarem a terra cada um da sua parte, e assim chegarem ao sitio daquella mina, e ganhal-a. Por vinte e cinco soldos de custo tirarão della quarenta, e a prata é mui boa e pura. A causa porque não vai maior numero de navios a Angola, é por ser alli o ar intemperado e malsadio; e alem disso temerem-se da costa de Guiné, que tambem é mui intemperada, e cheia de calmas; o que faz ser alli tão grande a carestia do sustento da vida, e os escravos tão baratos; mas quando estes chegam a outras terras são mui caros por respeito do risco que nisso se corre.

Os que querem voltar dalli directamente a Portugal, saem com carregamento de escravos; mas os que querem fazer mais longa viagem, vão-nos vender ao Rio da Prata, donde tiram muito dinheiro, e dalli voltam ainda ao Brazil a tomar nova carga de assucares e doces, e do Brazil a Portugal. Outros vão directamente de Angola ao Brazil para vender os seus escravos, porque alli hão mister grande numero delles para servir em seus engenhos de assucar; porque os da America não são de tão bom trabalho, e não obedecem de tão boa mente como os de Angola, e de Cabo Verde. Mas pela maior parte das vezes vão ás Indias occidentaes, onde os vendem por alto preço.

O Rio da Prata jaz a trinta e cinco grãos da banda do sul na America, que é a mesma altura pouco mais ou menos do Cabo da Boa Esperança; mas os que alli vão, fazem-no secretamente e com temor, por quanto o rei de Hespanha tem defendido o trato para estas partes, para não ser defraudado nos seus direitos; e todo o dinheiro

que se tira por esta via é tão secretamente que se não pode descobrir, pois a defeza é tão estreita que leva pena de morte. De sorte que para levarem o dinheiro, atam os saccoes cheios d'elle ás anchoras, e depois de saídos os officiaes d' El-Rei, levantando as anchoras, o guardam, e assim todo o dinheiro que daquellas partes se tira, é roubando e defraudando os direitos d' El-Rei de Hespanha. E nem por isso deixam de tirar dalli muito, porque todo o dinheiro que corre nò Brazil e em Angola de lá vem.

Este Rio da Prata se chama assim porque vem e passa ao pé da montanha do Potosi, donde se tira a maior parte da prata que vem das Indias occidentaes, e alli estes mercadores vendem mui bem seus escravos, e não extrahem senão prata, e depois vão dalli tomar nova carga de assucares ao Brazil.

Em todas as terras d' El-Rei de Hespanha, especialmente d' aquem do Cabo, os escravos são mui procurados; mas isto se entende na America, e não na Africa, porque os moradores do Brazil tem grande necessidade delles para os seus assucares, pois ha engenho onde trabalham mais de cem, afora os que hão mister para outros trabalhos. E presam mais um escravo Cafre, isto é, d' Africa, que trez do Brazil, que não são tão fortes como os de Angola e Cabo Verde, e mais depressa se deixarão matar do que obrigar-os a fazer alguma coisa contra sua vontade, e são na verdade gente branda e frouxa. Mas o maior proveito que se tira dos escravos é levando-os ás Indias occidentaes directamente, porque são alli mui caros, e em retorno não se tira senão ouro, prata, perolas finas, ou cochonilha.

Os Portuguezes alem do trafico do Congo tem tambem o de Guiné, donde extrahem marfim, que alli ha em grande abundancia, com algodões, e pimenta longa, a que chamam *Malagueta*. A gente desta terra é mui soffrega de cousas de ferro, e toda a sorte de quinquelharia. Na mes-

ma costa jazem as ilhas de Santo Thomé, Princepe, e Anno bom, onde elles fazem trafico de gengibre, assucares, algodão, e escravos. Ha tambem alli a Mina, onde ha uma fortaleza delles, e fazem ali grande trafico de ouro e escravos com a gente da terra. Tem tambem as ilhas de Cabo Verde, onde tratam em escravos commutando-os por ferro, e outros metaes de baixo preço, e quinquelharias, como fazem por toda a costa d' Africa, na qual, assim daquem como dalem do Cabo, a maior riqueza que ha é de escravos, como em Moçambique, Sofala, e Mina, onde se acha ouro e marfim.

De sorte que é cousa maravilhosa o grande numero de escravos que dalli se tira todos os annos, e que se levam a America ou a Portugal, sem contar os que ficam na terra a servir os Portuguezes, e os reis daquella costa; e mesmo no sertão o maior tributo que estes reis podem ter de seus povos, são escravos. Porque de certo numero de filhos o pai e a mai pagam uma parte a seus reis, os quaes os vendem; e os mesmos pais e mães vendem seus proprios filhos. De sorte que alli faz-se trafico de gente, como cá de animaes. Estes escravos são havidos pelos mais fortes, robustos, animosos, fieis, e obediêntes do mundo, o que os faz prezar tanto. São todos negros. Os Portuguezes chamam-lhes *Cafres* (a): e aos que procedem de Portuguez e Cafre, chamam Mulatos. Ha certos districtos donde os escravos são melhores, e mais estimados por seu bom natural.

Em todos estes paizes estrangeiros não ha Portuguez, por mais pobre que seja, homem ou mulher, que não tenha de seu dous ou tres escravos, que ganham a vida a seu senhor, para quem devem trabalhar um certo tempo cada dia, e alem disso sustentar-se de seu ganho. Por isso

(a) Já na Nota (a) de pag. 54 deste vol. advertimos que os Portuguezes só chamam *Cafres* aos negros da Africa oriental, que por esse respeito se denomina tambem *Cafraria*,

seria impossivel que os Portuguezes e Hespanhoes podessem habitar, e grangear todas as terras que possuem, se não fosse pela força e serviço de seus escravos, por quanto a Hespanha é de mui pequena extensão, e mui pouco povoada em comparação dos grandes territorios que possuem, e do trafico que fazem com tanta molestia e trabalho. Porem o que os Portuguezes possuem, assim aquem do Cabo em Angola, Guiné, e ilhas circumvisinhas, como no Brazil, é de diverso modo do que nas Indias orientaes. Porque naquellas ditas terras são senhores soberanos da maior parte dellas, como os Hespanhoes nas Indias occidentaes, não tem lá competidores alguns, e tem fortalezas nas costas, e no sertão, que pela maior parte é seu, e o vão conquistando ainda cada dia. Ha alli fidalgos portuguezes que tem casas fortes, e fazem lavar e cultivar as terras, e fabricar assucares, como cá farião. Junto do Rio de São Vicente ha minas de ouro, que elles tratam de conquistar, e já tiram dellas alguma cousa. Eis porque o Brazil e Angola são de tão grande proveito a El-Rei de Hespanha, e de tão pouco custo e risco, sendo a navegação para estas partes facil e de pouco perigo. E tambem estes paizes dão saída aos fructos e mercadorias de Hespanha, e por isso El-Rei não permite que ahi se plantem e semeem aquelles fructos.

CAPITULO XVII.

Do trafico em Moçambique. Sofala. Cuama. McInde, Mombaça. Socotorá, e outros logares. Do cerco de Moçambique, e o que dells resultou.

No que toca ao trafico de *Moçambique, Sofala, Cuama*, e outros logares, direi primeiramente de *Moçambique*, donde a maior riqueza, que se leva a Goa, é principalmente

em escravos, ou Cafres, que se transportam a toda a parte. Vai tambem muito marfim, e elano, o mais negro, e excellente do mundo, e lhe chamam os Portuguezes *Pão de Moçambique*, e ambar-gris. E' Moçambique logar de grande importancia a El-Rei de Hespanha, assim pelos proveitos que d'elle tira, como por lhe servir de muito a seus Estados e navegação; porque é uma ilha, fortaleza, e porto mui proprio para acolheita dos navios, que vão de Portugal a Goa, depois de passarem o Cabo, de sorte que os que são perseguidos de tormenta, enfermidade, falta de mantimentos, e outras necessidades, se acolhem alli. Pode-se dizer que é uma sentinella e abrigo á entrada das Indias, e como uma especie de albergaria para refresco dos Portuguezes fatigados de uma larga e penosa navegação, depois de terem andado tão longo tempo por mar sem tomar terra, e passado algumas vezes sete e oito mezes por tantos calores, calmas, e outras molestias que ha na passagem da linha, e ainda na costa de Guiné, que é mui intemperada e malsadia, e que causa muitas enfermidades de escorbuto e febres pestilenciaes, de que muita gente morre. De sorte que nos não devemos espantar que elles folguem de achar algum porto para se refrescar, e para isso não tem outro mais proximo que o de Moçambique, por terem por instrueção não tomar outro porto desde Lisboa até alli em razão de serem seus navios tão grandes, e demandarem tantas braças de agua, que não podem achar bons portos mais proximos, e do seu senhorio. E se por ventura vão tomar outros, é forçados pela tormenta, e pela maior parte das vezes perdem-se nelles, ou pelo menos perdem o tempo de sua viagem.

E' pois para elles grande prazer chegar alli depois de haverem passado e dobrado o Cabo da Boa Esperança, e aquella perigosa Terra de Natal, por onde nunca se passa sem encontrar tormentas, e outros accidentes que desmastreem os navios, rompem as vergas ou o leme, e ás

vezes uma e outra cousa juntamente. Por isso neste lugar tão favoravel de Moçambique El-Rei de Hespanha tem um hospital, e um armazem para provimento das cousas necessarias ás armadas; e é só com esta consideração que elle faz fortificar tão bem e guardar este lugar pelo proveito que d'elle tira nestas cousas. E sem isto seria mui difficiloso fazer a viagem da India á ida, assim como é commodo na tornaviagem achar a ilha de Santa Helena.

Ora tendo os Hollandezes percebido quanto este lugar de Moçambique era proveitoso aos Portuguezes, e quanta molestia receberiam se o perdessem, determinaram tomarcho, e de feito lhe pozeram cerco por duas vezes, trez mezes cada uma, a saber, no anno de 1607, e no anno de 1609. O primeiro cerco foi de oito grandes náos, mas não poderam tomar a fortaleza, antes perderam alli muita gente. Só chegaram a ser senhores da ilha, e da cidade aberta, que queimaram de ambas as vezes. O segundo cerco foi de treze náos grandes, de que não tiraram melhor resultado. Da primeira vez tomaram uma náao de Portugal mui rica, que estava surta defronte da fortaleza, e depois de a saquearem queimaram-na. Nesse tempo a fortaleza era facil de tomar, mas depois têm-na grandemente fortificado, como tem feito a outras fortalezas da India desde que viram que os Hollandezes e outros estrangeiros os vinham desinquietar. Os Hollandezes perderam alli uma peça grossa, e um navio que naufragou quando se apparelhava para dar á vela ao sair do porto. Aconteceo-lhes ainda outro desastre, e foi que durante o cerco tres dos seus homens lhe fugiram para terra mal contentes, e se recolheram na fortaleza dos Portuguezes, o que magoou muito aos Hollandezes; porque se não foram estes tres traidores, terião infallivelmente ganhado a fortaleza, como eu depois soube, porque os de dentro estavam no ultimo extremo, e resolutos a render-se; mas estes tres homens lhes fizeram cobrar animo, dando-lhes a entender que os Hollandezes estavam determinados

a levantar o cerco por falta de munições, assim de guerra como de bocca, como na verdade era. Disseram também que o motivo que os movera a passar-se aos Portuguezes era o desejo de se fazerem catholicos, e que os Hollandezes os haviam obrigado a embarcar á força; o que era falso, porque eram tres biltres que nada valiam, como eu proprio sei pelos ter visto e tratado depois. Os Portuguezes fizeram então grande festa por haverem ganhado estes tres homens, e sobre tudo os Jesuitas pensavam ter feito uma grande obra na conversão destes tres marotos, que os estavam enganando, porque elles não tinham devoção nem afeição alguma á religião catholica; e a causa da sua fugida era não poderem aguentar a fadiga, porque não prestavam para o trabalho; e julgavam que chegariam a ser alguma coisa entre os Portuguezes, os quaes faziam grande alarde da conversão destes tres miseraveis. Ora os Hollandezes vendo-se trahidos por elles, que poderiam avisar o inimigo das faltas que padeciam, resolveram-se a levantar o cerco, e ainda porque temiam a vinda das náos de Portugal, por se ir chegando o tempo proprio, e poderiam queimar-lhes os navios; e de feito ellas chegaram sete ou oito dias depois de levantado o cerco.

Estes Hollandezes antes de chegar a Moçambique haviam tomado um navio que vinha de Portugal, e tinham ainda presos os homens delle; e no intento de recobrar os seus tres homens, usaram de um expediente, mas cruel e barbaro. Mandaram propôr pacto ao governador, chamado Dom Estevão de Ataíde, que era um bravo e gallardo fidalgo, offerecendo-lhe a restituição de todos os prisioneiros Portuguezes, que em seu poder tinham, a troco daquelles tres homens, e senão que matariam á sua vista seis dos principaes prisioneiros. O governador deu em resposta a esta proposição que os estilos da guerra defendiam restituir homens, que voluntariamente haviam vindo offerecer-se a servir ao seu rei, nem arriscal-os ao alvedrio de seus inimigos para os man-

darem matar, o que tanto montava como ser elle governador o proprio algoz desses homens. Que no que tocava aos Portuguezes que elles lá tinham presos, esses eram prisioneiros de guerra, e por tanto os podiam pôr em resgate, que lhes seriam mui bem pagos; e se os matassem a sangue frio, não era isso acção de leaes cavalleiros. Andaram um dia inteiro nestes recados sem poder chegar a conclusão alguma. O que vendo os Hollandezes, tomaram a resolução de matar aquelles seis Portuguezes, que todos eram homens cazados, ricos, e dos principaes officiaes do navio, como piloto, mestre etc. , e passando avante amarraram-lhes as mãos atraz das costas, e os fizeram sair forá das tranqueiras, segurando sempre a ponta das cordas dentro da tranqueira. Estes pobres homens bradavam por soccorro e misericórdia ao governador para o commover á piedade, mas elle contentou-se de exhortal-os a morrer com constancia, dizendo que não podia restituir os tres Hollandezes, porque Deos e El-Rei lho defendiam, pois eram vindos para se converter. Sobre isto os Hollandezes mataram aquelles seis homens a tiros de arcabuz á vista dos outros; e logo levantaram o cerco, e se foram á Sonda. Quanto aos tres Hollandezes, foram depois levados a Goa, onde não fizeram muito caso delles, mas ao contrario lhes diziam mil injurias, e nos acompanharam na volta para Portugal. Um delles vinha na mesma não, em que eu tambem vinha. . (a)

um seu companheiro que foi captivado pelos Turcos, e que depois veio a Goa por terra, onde elles felizmente se haviam encontrado.

Mas tornando a *Moçambique*; é uma pequena ilha, no extremo e ponta da qual ha uma fortaleza do lado de leste, que defende o porto. Esta ilha está dentro de uma grande

(a) Aqui está lacerada a folha do nosso original, e faltam tres regras, que não podemos supprir.

bahia: cheia de arrecifes e baixos, havendo apenas um canal mui estreito e difficil de entrar, por ter arrecifes e baixos de uma e outra banda, de sorte que para o entrar é mister ter pilotos da ilha, e assim mesmo ir sempre de sonda na mão. Esta entrada é de travesia, mas com bom piloto, é em bom tempo, pode-se entrar com toda a segurança, e achar nella bom fundo. Não ha porto ou enseada em toda a India, onde os Portuguezes tenham perdido tantos navios como nesta bahia. Para a entrar é mister ter a prôa a oeste, e assim fica o norte á direita, e o sul á esquerda. Do lado do norte está a terra firme, e do lado do sul estam dous ilheos desertos a par um do outro, na distancia de quasi uma legoa de Moçambique. O mais proximo chama-se S. Thiago; o outro que mal se vê, por ter o primeiro por d' avante, chama-se S. Jorge. Entre a ilha de Moçambique e a terra firme ha só meia legoa de mar. Do lado do sul tudo são baixos e areias; mas o porto é do lado do norte, e tem bom fundo. A ilha é mui estreita, não tendo mais de tres quartos de legoa de comprido, e meio quarto de largo. A povoação é dispersa por toda ella, sem forma de cidade cercada, mas com uma fortaleza mui grande. A terra é de si mui esteril; não tem aguas doces, mas somente algumas cisternas, e vão buscar a agua doce á terra firme em bateis. Ha ahi cinco ou seis igrejas, capellas, e conventos. Os navios podem chegar-se á ilha quanto querem, porque a costa é mui segura, e o seu fundo de boa areia; não se pode porem navegar ao redor de toda a ilha, mas somente da parte do norte, porque da do sul só ha baixos e rochedos.

Esta ilha jaz na costa de *Melinde* ou Ethiopia, quasi a dezoito grãos da equinocial para o polo antarctico, e é afastada de Goa novecentas ou mil legoas, e seiscentas a . . (a)

(a) Aqui ha lacuna pela mesma causa dita na *Nota* de pag. 200

.....
.....
larangeiras, limoeiros, bananeiras, e outras arvores de fructo das Indias. Ha grande copia de gado, como bois, vaccas, carneiros, porcos, cabras, e outras especies, e todos estes animaes são mui baratos, e semelhantes aos da ilha de São Lourenço.

No Brazil e em Moçambique a carne de porco é havida pela mais saborosa, delicada, e sã de todas; e por isso os medicos a recommendam aos doentes, e lhes defendem todas as outras. Ha tambem ahi muitas galinhas mui boas e delicadas, mas todas de pennas negras, e a carne da mesma côr, ou seja crua ou cozida, o que causa estranheza a quem não está costumado a vê-la e comel-a, e parece que a carne foi cozida em alguma droga negra. Antes de os Portuguezes chegarem á ilha de Moçambique, não era habitada, assim por sua pequenez, como pela falta de agua doce; e hoje em dia só é habitada de Portuguezes, mestiços, e cafres da terra firme, christãos, pela maior parte escravos dos Portuguezes.

Dos territorios circumvisinhos no continente, uns são amigos, outros inimigos dos Portuguezes, e com estes tem guerra continuada e mui crua. Os Portuguezes não tem outra terra na India, onde seja tão penoso viver e morar, porque é mister que todos os mantimentos lhe venham de Goa, e o Vice-Rei não permite que se levem alli mercadorias de outra parte, salvo alguns barcos dos logares visinhos, que levam algumas pequenas commodidades. Tudo quanto alli se consome vai de fóra, e todos os annos o Vice-Rei de Goa envia alli muitos navios carregados de mercadorias da India e de Portugal, os quaes voltam carregados de escravos, marfim, pào de ebano, e quantidade de ouro purificado, que se apanha nos rios. E todavia se não fora para acolher os navios de Portugal, os Portuguezes não farião alli assento, mas este logar lhes é de gran-

de necessidade para aquelle fim; e cada dia vão conquistando terra pelo sertão dentro. De Moçambique levam-se a Goa mui bellas esteiras, e todas as mercadorias que dalli se extrahem são a mui vil preço.

Ser-me-hia mui difficil, e até impossivel discernir todas as nações que ha desde o Cabo da Boa Esperança até o Golpho Arabico, ou Estreito de Meca, porque se lhes dá diversos nomes, e todavia todas se assemelham entre si, e com os negros de Cabo Verde ou de Guiné. Os povos, assim de Moçambique como da terra firme circumvisinha, são todos Cafres, posto que de diversos reinos e linguas, e fazem crua guerra uns aos outros, matando-se, captivando-se, comendo-se, e vendendo-se por escravos. Não tem fé nem religião; e ninguem se pode fiar delles, por serem perfidos e falsarios. Andam totalmente nus, sem mesmo cobrirem as partes vergonhosas; são de espirito mui grosseiro e brutal; o seu trabalho é semelhante ao das bestas; não lhes importa ser escravos, mas até dizem que não nasceram para outra cousa. Os pais e mães vendem seus filhos. Comem de tudo como as bestas feras. São gente sem ambição, mas vingativos, desdenhosos, traidores, e máos. Lançam de si máo cheiro, mormente quando estão quentes.

A cento e vinte legoas de Moçambique para o Cabo na mesma costa está o reino de *Sofala*, onde os Portuguezes tem uma especie de fortaleza, mas de pouca consequencia, a qual está sob o governo do Capitão de Moçambique, que alli tem um feitor e um escrivão para tratar e commerciar com a gente da terra. Este Capitão residia ordinariamente em *Sofala*, e não em Moçambique, e até o nome do governo é de *Sofala*, e não de Moçambique, por ser alli a sua antiga residencia, e ser de maior honra aquelle titulo do que este. Diz-se mesmo que era de *Sofala* que Salomão tirava o seu ouro para fabricar o Templo; e ha grande apparencia de se haver tirado grande quan-

tidade das minas, que são proximas da fortaleza dos Portuguezes. O feitor que alli está faz grande commercio deste metal, que envia a Moçambique; e todo o ouro que os Portuguezes tem lhe vem do trafico com os reis e povos daquellas terras; porque os Portuguezes não entram nem pescam nos rios, mas a gente da terra somente.

Ha ainda feitores em outros logares fóra o de Sofala, assim para o ouro, como para todas as outras fazendas. Quasi a trinta legoas de Moçambique, entre Sofala e a mesma ilha de Moçambique, ha um rio na terra de *Cuama*, chamado por outro nome o Rio negro, onde se acha grande quantidade de ouro purificado, limpo, e em pó, a que chamam areia de ouro; e reputa-se este ouro de Sofala e do Rio de Cuama o mais puro e fino que ha em todo o mundo. E' cousa admiravel que nas minas de Sofala e do Monomatapa tudo é ouro fino em pó, e areia de ouro, que não é niister refinar mais. Vi alli um ramalhete de ouro massiço purificado; da grossura de um covado, e ramozo como coral, que havia sido achado neste estado natural no Rio de Cuama. O que mostra que o ouro está na terra em veios, e que a agua tendo minado a terra ficára o ouro na sua forma natural, por ser mais duro. Esta peça de ouro era cuidadosamente guardada, e foi enviada pelo navio, em que eu vim embarcado de Goa na tor-na viagem para Portugal, de presente á Rainha de Hepanha.

Quando eu parti da India para regressar á Europa os Cafres visinhos de Moçambique traziam rija guerra com os Portuguezes; e o Vice-Rei que então estava em Goa, quando passára por Moçambique, havia alli deixado um seu sobrinho, e muita gente para fazer a guerra, conquistar, e descobrir. Este mancebo recém-chegado, querendo mostrar a sua cavallaria, foi com uma armada de galeotas e outros navios ao Rio de Cuama no intento de passar mais avante do que até alli o tinham feito outros alguns Portuguezes; mas lá ticcou elle e a maior parte dos seus, e o resto a muito cus-

to pôde salvar-se. O Vice-Rei com a nova deste desastre ficou mui penalizado, e resolveo vingar-se. Para isso servio-se do capitão e governador de Moçambique, aquelle mesmo que alli havia governado durante os dous cercos, e que era um dos mais bravos e denodados fidalgos, de que havia memoria entre os Portuguezes, amigo de Deos e dos homens, mormente dos estrangeiros. Chamava-se D. Estevão de Athaidé. Tinha ganhado maravilhosa reputação entre os seus naturaes, e entre os proprios Indios, por haver defendido os dous cercos com tão pouca gente como elle tinha, sem embargo de haver sido tomado de subito. E por isso esperava elle uma extraordinaria recompensa del-Rei, tanto mais que os Capitães de Moçambique que alli estam tres annos. segundo o costume, recolhem ordinariamente com o cabedal de cem mil cruzados, pouco mais ou menos, assim das suas ordinarias e trafico, como de seus latrocinios e outras traças; mas elle por razão daquelles dous cercos, em vez de tirar proveito, havia despeso todo o seu proprio cabedal, e á conta disso fora continuado mais um anno no governo alem dos tres annos ordinarios.

O Vice-Rei resolveo em conselho que era mister castigar aquelles Cafres, e enviar a esse fim uma armada, de que deu a capitania mór a D. Estevão, como quem era experimentado naquellas regiões, pela longa residencia de quatro annos que alli fizera. O intento desta expedição era de ir mui avante pelo Rio de Cuama, depois sair em terra, e ir conquistar as minas de ouro e prata, que estam entre Angola e Sofala; e os Portuguezes de Angola tinham aviso para virem a encontrar-se com elles por terra n' um certo logar indicado, e dalli irem todos juntos áquella conquista. Para este effeito lançou-se bando em Goa a som de tambor para todos os que quizessem ir á empreza, a quem se adiantou um anno de suas ordinarias, que são setenta e dous pardãos (cada um

dos quaes vale trinta e dous soldos e meio). Eu fui mui instado para ir, porque todos os estrangeiros o podem fazer; mas temí que me não deixassem lá para lhes guardar as minas sem poder tocar nellas.

Parte-se de Goa para ir a Moçambique uma só vez no anno, que é por Janeiro, Fevereiro, ou Março, mais cedo ou mais tarde conforme os ventos da monção, a que é mister conformar-se. E para voltar a Goa sae-se de Moçambique no mez de Agosto ou Setembro. De Goa a Moçambique leva-se toda a sorte de mercadorias da Europa e da India, como trigo, arroz, seda, pannos de algodão, especiarias, e outras cousas. Mas este commercio não é livre a todos; o Vice-Rei e o Capitão é só quem pode associar-se a quem bem lhes apraz. Este commercio é um dos melhores e mais uteis de toda a India, porque se vende pelo que se quer tudo quanto alli se leva, e em retorno tomam-se outras fazendas boas, como acima disse.

Na costa de Melinde os Portuguezes tem mais uma fortaleza chamada *Bombaça* ou *Mombaça*, onde se faz grande trafico, mas não dão grande apreço a esta fortaleza por ser de pouca importancia. Está entre Moçambique e o estreito de Meca. Ora á entrada do estreito junto da costa dos Abexins ou do Preste João, a vinte legoas da terra firme onde está o cabo de Guardafui, ha uma mui grande e bella ilha chamada *Socotorá*. A terra que lhe fica mais proxima é o Cabo de Guardafui, o qual entra muito pelo mar, e faz de um lado o estreito de Meca, onde é o limite da costa d' Africa e de Melinde. Esta ilha está á entrada do golpho, mas um pouco para o Abexi n. Tem quasi cincoenta legoas de circuito, é bem povoada, e tem um rei particular, que é vassalo do Rei Xarife da Arabia. A gente é mahometana, e mixta de Abexins e Arabios; mas dizem-se Arabios, e delles tem os usos, costumes, e linguagem. A terra é abundante de seda e fructos, e o povo commercea em Goa, onde são bem accei-

tos, e mais estimados que os Arabios propriamente ditos, os quaes não ousam ir lá senão com passaporte, e ainda assim raras vezes. Estes Socotoranos vão fazer suas veniagas por toda a costa da Arabia, e dalli vão a Goa e a outras partes, com passaporte dos Portuguezes, como os outros Indios. Vestem ao modo dos Arabios. Levam em retorno mercadorias da India para a Arabia, A sua ilha produz uma tal quantidade de tamaras que é maravilha, e levando-as a Goa dão alli cada libra das mais bellas e melhores do mundo por dous reaes, e nunca, por mais caras que sejam em Goa, vale a libra mais de quatro reaes (a). Tambem exportam muito arroz, e mui bellas esteiras feitas de folhas de palmeira, afóra grande quantidade de incenso, que é tão commum em Goa, que cobrem em elle os navios por fora, como nós cá fazemos com o breu, ou pez. Tambem tem muita copia de aloes. São gente mui tratavel, mas de quem se deve desconfiar. Uma vez surgiram alli dous navios inglezes para refrescar e fazer veniaga, sendo mui bem recebidos, e até estiveram alli nove ou dez dias em boa correspondencia; mas em fim o rei ideou armar-lhes uma traição, convidando-os a um banquete, como já de outras vezes tinha feito, para os attrahir, e por fim matar, e tomar-lhes o navio, segundo me disseram depois os ditos Inglezes em Goa. Mas estes tendo sido avisados não sei como, ou fosse por simples desconfiança, ou de outra sorte, ausentaram-se a toda a pressa. Esta ilha cria tambem cavallos; e é mui estimada na India. E todos os que della vão commerciar a Goa são Arabios.

(a) Avaliamos um *liard* francez em dous reaes pouco mais ou menos.

CAPITULO XVIII.

do reino de Ormuz. sua descripção. e do castigo de um Príncipe de Ormuz em Goa.

Em continuação á extremidade da costa da India está *Ormuz*, reino mui grande, afastado de Goa quinhentas legoas, em altura de vinte e tres grãos da equinocial da banda do septemtrião, junto da Persia, na bocca e sobre o estreito do mar persico, na qual bocca ha uma pequena ilha, que não tem mais de tres legoas de circuito, chamada *Ormuz*, e é possuida e dominada pelos Portuguezes, que alli mandaram fabricar uma fortaleza boa e bem guardada. Esta ilha é abaixo de Goa a mais rica terra, e de maior rendimento de quantas possuem os Portuguezes na India, porque é o caminho por onde passam muitas mercadorias, e onde todas as cousas abundam, principalmente as riquezas da Persia, afóra as mercadorias da India, que alli são levadas em grande quantidade para provimento da Persia e da Syria, e de todos os paizes de Levante. Todas as mercadorias que alli vão são mui boas, porque é a escala e emporio de tudo quanto vem da Persia, Arabia, Armenia, Turquia, Europa, e outros logares, donde vem por terra em caravanas, e semelhantemente alli vão ter todas as da India.

O que de Ormuz vem a Goa são primeiramente as perolas finas, que se pescam naquelle estreito, e que são sem competencia as mais bellas, mais grossas, e mais luzidias de todas as da India Oriental. Pescam-se lá em grande quantidade, e daqui lhes vem o nome de perolas orientaes. Vem tambem dalli grande quantidade de moeda de prata, chamada *Larins*, que é a melhor prata do mundo, e os *Larins* se dizem de *Ormuz*. Extrahem-se tambem de Ormuz sedas da Persia, assim em pannos como em outras obras. Alem disso tapetes, que nós cá chamamos

de Turquia, e lá da Persia, e de Ormuz, que são os mais bellos, e melhor acabados do mundo. Tambem cavallos da Arabia, da Persia, e de Ormuz, os mais lindos e bem ajaezados que é possível ver, pois são todos acobertados de ouro, prata, seda, e perolas, ao modo da Persia e de Ormuz, e á portugueza; e estes cavallos são mui caros e mui estimados em Goa. Toda a sorte de assucares, conservas, marmelladas, passas ou uvas seccas da Persia e de Ormuz. Tamaras mui grossas e mui excellentes. Cameloës ondeados da Persia e de Ormuz de todas as cores, e fabricados da lã daquelles grandes carneiros, que não tem a lã encarapinhada como os nossos; e da qual fabricam tambem grande quantidade de gaboës ou albornozes, a que os Indios chamam *Monsaus*, e os Portuguezes *Cambolins* de Ormuz, que tem listas de quatro dedos de largura, de diferentes cores. Toda a gente se serve delles nas viagens de mar para se cobrir da chuva. E' um tecido como panno de linho. Fazem tambem outros gaboës, capas, e capotes de feltro, como os nossos chapeos, o que resiste muito á chuva.

Quanto ás drogas, assim aromaticas como medicinaes e outras, seria arduo especificar todas as que vem de Ormuz, onde tem sido levadas de fóra, e semelhantemente dizer todas as mercadorias que para alli se levam da India e da Europa. Basta dizer que é proverbio commum naquellas terras, que se o mundo fosse um ovo, Ormuz seria a sua gemma (a), porque é o melhor sitio do mundo, não por sua fertilidade, mas por sua situação commoda ao trafico de todas as partes do mundo, donde é mister que as mercadorias e fazen-

(a) João de Barros (Dec. II. Liv. II. Cap. II) diz, descrevendo Ormuz= com que a cidade he tão viçosa e abastada, que dizem os moradores della, que o Mundo he hum anel, e Ormuz « hum pedra preciosa engastada nelle=

E já antes de João de Barros havia escripto Gaspar Correa (nas *Lendas da India*) tratando o mesmo assumpto : = com o qual « trato tão grande se fez esta cidade de Ormuz, que communmente, « entre as gentes, a India é anel, e a pedra Ormuz=

das venham passar alli e pagar tributo aos Portuguezes, que visitam todos os navios, para ver se levam mercadorias de contrabando, e defesas por El-Rei.

Mas alli os Capitaes da fortaleza fazem mui bem o seu negocio, porque por dinheiro deixam passar tudo. Por isso estes capitaes não aspiram na India a outra dignidade salvo á de Vice-Reis, e não occupam outro cargo. Nos tres annos daquella capitania ficam maravilhosamente ricos, pelos grandes direitos e imposições que lançam sobre todas as cousas; e para o fazer mais impunemente, dão grandes presentes ao Vice-Rei. O capitão que governava em Ormuz quando eu estava em Goa, chamava-se D. Pedro Continho, fidalgo portuguez de mui nobre linhagem. Seu irmão D. Diogo Coutinho havia comprado a capitania de Cochim em vida; e não ha na India outra capitania em vida senão esta, porque não dá ao capitão outro proveito mais que seus ordenados, por razão de haver em Cochim um Veador da Fazenda como em Goa, que é o intendente geral de tudo quanto pertence a El-Rei, e muda-se de tres em tres annos; e assim o capitão não corre com cousa alguma da fazenda real.

Mas tornando áquelle capitão de Ormuz; dizia-se então que elle se recolhia rico no seu triennio em mais de seiscentos mil escudos; e voltou a Portugal na nossa armada. Em Goa hobreava com o Vice-Rei em dadas, liberalidades, e esmolas, mas não na dignidade e honra. O Vice-Rei (a) André Furtado de Mendonça e elle não estavam amigos por essa razão, e alem disso porque o Governador André Furtado tendo-lhe pedido emprestados cincoenta mil pardãos para serviço d' El-Rei, promettendo pagar-lhos em Portugal ou na India, onde mais quizesse, elle recusou-se; e replicando o Governador que era para aperceber uma armada contra os Malabares, respondeo então áquelle capi-

(a) Aliás Governador.

tão que elle era homem para á sua custa aperceber uma armada, e capitaneal-a em pessoa por serviço d' El-Rei ; e não para dar o seu dinheiro a outrem. Esta foi a causa, porque recolhendo-se ambos a Portugal, não se embarcaram no mesmo navio; e o Governador André Furtado partio primeiro com tenção de chegar a Portugal antes do outro, para o malsinar, e prevenir-lhe máo recebimento. Quando estes Governadores e capitaes se recolhem para o reino, não levam muitas mercadorias grossas, mas somente perolas, pedras preciosas, ambar-gris, almiscar, ouro, prata, e outras cousas raras e preciosas. Quando eu parti de Goa o filho do Vice-Rei Ruy Lourenço de Tavora, que não tinha de idade mais de doze a treze annos, era já provido na capitania de Ormuz, e ia entrar nella.

Esta ilha quanto ao mais é mui fertil, mas não tem agua, e é em tudo semelhante á ilha de Mayo na costa de Cabo Verde, porque toda é de rochedos de sal, e pedra salgada, que serve de sal. Ha tambem alli salitre. Os reis de Ormuz pagam tributo ao rei da Persia, e estão em paz e amizade com os Portuguezes. São mahometanos como os Persas, e mandam furar os olhos a seus successores, como fazem os do Dealcão. O povo de Ormuz é quasi tão negro como os mouros de Ethiopia, e não se assemelham em nada aos Persas, que são mais brancos. Quando algum homem principal morre em Ormuz, suas mulheres são obrigadas a carpil-o uma vez por dia durante algumas semanas continuas; e ha alli mulheres a quem se paga para carpir os mortos.

Os habitantes usam camisas compridas, cingindo-se com um largo cinto de tafelá como muitos outros Indios, e todos os Arabios. Na cabeça trazem turbantes brancos matizados de muítas cores. Muitos d' entre elles trazem anneis no nariz. Fallam a lingua da Persia; e são mui dados a desonestidades, e sobre tudo a peccados de ruim qualidade. Amam a musica, e os instrumentos de musica. Suas armas

são arcos turquescos dourados, cujas cordas são de fina seda, e os arcos fabricados de páo mui forte e bem envernizados, ou de ponta de bufalo; e as flexas são de cannas douradas, bem feitas; e são mui destros no uso destas armas. Trazem também massas de ferro bem feitas, e tauxiadas de ouro e prata.

Ha dez ou doze annos, pouco mais ou menos, que um irmão do rei de Ormuz veio a Goa n' um navio carregado de grandes riquezas, para entre os Portuguezes se fazer christão, como dizia, por razão de certa desavença que tinha com seu irmão. Foi recebido dos Portuguezes com todas as honras que foi possível, e o aposentaram n' uma das mais bellas casas da cidade. Depois de estar algum tempo em Goa, pedio socorro aos Portuguezes para haver o que lhe pertencia, com promessa de que o que assim alcançasse, o daria aos Portuguezes a troco de uma pensão. Estes enviaram uma grossa armada ao reino de Ormuz, e se concertaram com o rei para que dêsse a seu irmão certas terras, como de feito deu.

Mas aconteceu que o principe que estava em Goa, promettendo cada dia fazer-se christão, e não o pondo por obra, commeteo medonhas impudicias com um mancebo Portuguez estudante, pelo qual crime foi condemnado pela justiça da Inquisição de Goa a ser queimado; o que foi executado ha quatro ou cinco annos, pouco mais ou menos, sem embargo deste principe antes de sua execução se converter, e ser baptizado pelos Jesuitas; e não obstante mesmo prometter elle cinco mil escudos para ser relevado da sentença, e alem disso mandar edificar igrejas em remissão de seu peccado. Todas estas promessas não demoveram muito aos Portuguezes, aos quaes elle não promettia senão o que elles já possuiam. Alem de que elle já de antes havia sido apanhado e reprehendido muitas vezes deste enorme vicio, do qual havia promettido abster-se; mas tendo reincidido, recebeu por isso o merecido castigo. Quanto ao pobre mancebo

Portuguez, foi mettido n' uma pipa, e lançado ao mar, para evitar o escandalo. (a)

(a) Na Vida do Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, que precede a *Historia da Fundação do Real Convento de Santa Monica da Cidade de Goa*, por Fr. Agostinho de Santa Maria (Lisboa 1699) toca-se este successo pela forma seguinte:

«Durando este governo (quer dizer o governo do Estado pelo Arcebispo, desde 1606 até 1609) veio o Rei de Ormuz a Goa por causa de algumas duvidas; e demandas que trazia com seu irmão sobre o reino. Assentou a sua caza naquella cidade, e como era muito vicioso, e de abominaveis costumes (como são ordinariamente os Mouros) conquistou com dadivas a muitos moços nobres, e bem parecidos, para uzar mal delles; notou-se-lhe esta maldade; fez-se queixa della ao Arcebispo, que mandando tirar huma devassa, resultou della mandar prender ao Rei, e mettel-o em a cadeia publica: processou-se a causa; foi sentenciado a ser degollado, e que se lhe queimasse o corpo conforme as leis, por ser vassallo do Rei de Portugal, e commetter o delicto nos seus Estados. Depois de sentenciado, pedio toda a Relação, e algumas das pessoas mais principaes da mesma cidade ao Arcebispo se não executasse a sentença; e que mandasse o Rei para Portugal, representando-lhe todos que seria hum grande ruina para os Reis visinhos aquella execução. Não foi deste parecer o nosso Arcebispo, que entendeu que antes este castigo lhes causaria maior temor. Mandou executar a sentença, e para isso mandou assistir com o Rei Religiosos de todas as Religioes; e foi tão ditozo, que sahindo ao teatro para lhe cortarem a cabeça, á vista da fogueira se fez Christão, e pedio o santo baptismo, que logo se lhe deo; depois de o receber, alegre, ao que se entendeu, de pagar com a vida a pena dos seus delitos, tirou de uma cadeia de ouro, e a deu ao algoz, que lhe havia de cortar a cabeça, como cortou, e depois foi queimado o seu corpo.

«Desta execução (em que o tempo mostrou se havia feito nella a grande serviço a Deos, e ao Rei de Portugal, porque com ella ficarão os Reis visinhos e tributarios mui temerosos, e mais obedientes, do que antes erão) se levantarão grandes calumnias contra o nosso Arcebispo. Dizião que mandara matar aquelle Rei só por lhe tomar a fazenda, e assim o escreverão ao Rei de Portugal, queixando-se delle com menos respeito do que merecião as suas tão ajustadas acções. E o Rei com estes informes sinistros, e queixas mal fundadas, escreveu nas primeiras náos ao Arcebispo extranhando-lhe o que havia obrado; mandando-lhe que toda a fazenda do Rei de Ormuz se pozesse no seu thesouro; e sendo caso que se ouvesse repartido, e feito della algumas mercês, que

CAPITULO XIX.

**Dos reinos de Cambaya, Surrate, do Grão Mogor, Din.
e do resto da costa da India e Malabar; e do
Rei de Tanor, e sua perfidia.**

Tendo fallado de Ormuz; segue-se passar a *Cambaya* e *Surrate*, donde vem o maior e principal trafico de Goa, e é affastado della cem legoas para a banda do norte. Este trafico é tal que duas ou tres vezes no anno vem trezentos ou quatrocentos navios juntos em conserva, a que chamam *cafilas* de *Cambaya*, e se podem comparar com as caravanas de Alepo. E então em Goa toda a gente espera estas *cafilas* e armadas, como acontece em Hespanha com as das Indias. E quando ellas não chegam a seus devidos tempos, entra-se logo em desconfiança dos Hollandezes e Malabares, ou da propria gente de *Cambaya*, que pela maior parte das vezes as embargam quando estam prestes a partir, como aconteceu no anno, em que eu sahi de Goa, e muitas outras vezes antes disso; e esteve então a armada

« quaesquer pessoas, que a tivessem recebido, a tornassem logo a
« repór. Porem como o Arcebispo era tão prudente, tão desapega-
« do, e tão zeloso da fazenda real, nada havia disposto da fazenda
« daquelle Rei, e somente havia mandado satisfazer algumas divi-
« das, que a fazenda real devia aos mesmos, que o accusarão e ca-
« lumniarão, que em virtude da ordem real repuzarão com grande
« sentimento de seu coração (justo castigo da sua maldade). No
« anno seguinte informado melhor o Rei da verdade de todo este
« successo, e do bem que nelle se ouvera o Arcebispo, lhe escre-
« veo huma carta, em que lhe dizia fora mal informado do como
« havia procedido na execução, que tinha feito naquelle Rei; mas
« que certificado já da inteireza, com que se ouvera, se dava por
« muito bem servido, e lhe fazia mercê do seis mil cruzados pelo
« trabalho, que havia tido— »

Confrontando esta narrativa com a do auctor, vê-se que andam conformes na substancia do caso, posto que diffiram em algumas circumstancias. Veja-se o que já fica dito a pag. 79 deste volume.

prestes por mais de dous mezes sem poder sair, de sorte que já todos julgavam a fome imminente. A causa disto foi o descontentamento que o rei ou bachá de Cambaya tinha com o Vice-Rei da India, por este lhe haver recusado certa cousa. E posto que este rei seja vassalo do Grão Mogor, que é o senhor de todas estas terras, não deixa todavia de ser alli absoluto em tudo o que não offende o serviço do Mogor.

Quando pois esta armada chega, é maravilhoso o contentamento dos mercadores e de todo o povo; mas raras vezes deixam os corsarios malabares de apanhar alguma cousa. Estes navios ou galeotas vão a remos, e sempre terra terra, e não deixam de adiantar caminho mesmo contra o vento; e todos tem seu signal, e a diviza de seu dono na bandeira; por onde os mercadores, a quem elles pertencem, os conhecem de longe, e então se atiram muitas bombardadas da cidade, fortalezas, e palacio do Vice-Rei, defronte do qual vem surgir, como fazem todos os outros navios, porque é alli a alfandega, e bangaçal, e o peso real. Poucos são os habitantes de Goa, assim christãos como outros, que não tenham parte nesta armada, ao menos nos navios que são de Goa, ou de outros logares dos Portuguezes; porque com esta frota vem muitos navios de Cambaya e de Surrate.

Das mercadorias que trazem a primeira é o annil ou indigo, que é uma tinta azul escura, que só se acha em Cambaya e Surrate, onde vem de todo o paiz circumvisinho, e se prepara nestas duas cidades somente. Esta droga é de grande trafico, e muito procurada, mesmo pelos Inglezes e Holandezes, e é a principal causa porque elles tem alli feitores, para haverem esta tinta. Alem disso trazem muitas pedrarias, não finas, como diamantes e rubins, mas de outras sortes, que elles sabem mui bem obrar, e fazer dellas muitas peças bonitas. Tambem muito cristal de rocha, ferro, cobre, alumen de rocha, grande quantidade de trigo do melhor do mundo, que colhem duas vezes no anno; e dizem que se não fora por causa dos Portuguezes, o não semea-

rião, porque elles não são costumados a comer pão. E é por isso que se come o pão em Goa tão barato; porque os mestiços, e a maior parte dos Portuguezes preferem comer arroz, que também se cria em grande abundancia em Cambaya, donde o trazem a Goa.

A fóra isto trazem infinitas qulidades de legumes, como ervilhas, favas, lentilhas, e outras de todos os feitios e cores; e até ervilhas da China, que se comem como as outras. Também muitas drogas medicinaes, manteigas, oleos de muitas sortes, assim para comer, como cheirosos, e para untar o corpo, sabão branco e negro, assucares e conservas, papel, cera, mel, muito opio ou succo de papoula, de que elles fazem grande trafico e veniaga entre os Indios, assim mouros ou mahometanos, como gentios.

Mas a principal riqueza que dalli vem é em roupas de seda, e principalmente de algodão, das quaes todã a gente anda vestida desde o Cabo da Boa Esperança até á China, assim homens como mulheres, desde a cabeça até aos pés. Fazem obras e pannos de algodão brancos de neve, e mui delicados e finos, e também medianos, e mais grossos para diversos usos. Fazem ainda outros pintados com diversas invenções e figuras. Em quanto ás obras de seda, fazem-nas também de todos os feitios, e entre outras sobreceós e cobertas de cama acolchoadas mui lindamente, e bem obradas, a que chamam *colchas*, e semelhantemente colchoês estofados de algodão, pintados, e fabricados com muito artificio. Trazem também camilhas e leitoões pintados, e lacreados de todas as cores e feitios, com outros utensilios de casa do mesmo modo obrados. Ligas, a que chamam *percintas*, para fazer o assento de leitos, cadeiras, tamboretos, e escabellos; e outros semelhantes tecidos sarjados, feitos de algodão fino e branco. Fazem também camas de algodão em forma de rede, como as do Brazil, mas não servem para dormir, e sim para sairem ao campo, quando querem, levados por quatro homens ou dous, como n' um palanquim ou liteira; e vão

alli muito á sua vontade, e assim o usam por toda a Índia. Fazem tapetes ao modo dos da Persia e de Ormuz, mas não tão finos, nem tão caros, porque tem o pello mais grosso e mais comprido, mas com os mesmos feittos; e fazem ainda outros mais pequenos de algodão em tiras de muitas cores. Fabricam outrosim escritorios ao modo dos de Alemanha, marchetados de madre perola, marfim, ouro, prata, e pedraria, tudo feito com muito primor. Fazem outros pequenos contadores, cofres, e caixinhas de tartaruga, que elles tornam tão clara e polida, que não ha nada mais lindo, porque estas conchas de tartaruga são lisas de sua natureza.

Finalmente seria nunca acabar se quizesse fallar de todas as diversidades de obras, quer de ouro, prata, ferro, aço, cobre, e outros metaes, quer de pedras finas, madeiras exquisitas, e outras materias ricas e singulares, porque toda aquella gente he experta, e em nada ficam a traz dos de cá, antes pelo contrario creio que elles tem de ordinario o espirito mais vivo que o nosso, e a mão tão subtil; e basta-lhes ver ou ouvir uma vez alguma cousa para a ficarem sabendo. Todavia sendo assim gente fina e subtil, não são enganadores; nem facéis de enganar. E o que é mais estimavel em suas obras, é que sendo bem feitas são a baixo preço. Nunca vi genios tão bons e tão cortezes como são estes Indios, que nada tem de barbaro e selvagem, como nós pensamos; e até não querem tomar cousa alguma dos costumes e usos dos Portuguezes. As obras de mecanica aprendem-nas mui bem, sendo todos mui curiosos e desejosos de aprender, de sorte que os Portuguezes tomam e aprendem mais delles, do que elles dos Portuguezes, os quaes quando são recém-chegados a Goa são mui lorpas antes de terem tomado o geito e modos dos Indios. Deve-se pois ter por certo que todas estas terras de Cambaya, Surrate, e outras do rio Indo, e do Grão Mogor, são as melhores e

mais ferteis de toda a India, e as que alimentam todas as outras com o trafico e commercio de todas as cousas. A sua gente, assim homens como mulheres, é a mais engenhosa que se pode achar. E' alli tambem que portam todos os navios da India, e vive-se lá mais commodamente que em outra qualquer parte.

Cambaya é um grande reino, de quem a cidade metropolitana e corte do rei tem o nome (a). Jaz em altura de 23 grãos alem da equinocial. O seu golpho tem na bocca vinte legoas de largura, e a cidade está no fundo do golpho. Tem rei particular, vassalo do Grão Mogor, mahometano de religião, ainda que a maior parte do povo seja gentio. Cada um vive alli na sua religião, o que é causa de se ver lá gente de todas as leis e seitas. Abaixó de Goa não vi na India uma cidade tão famosa e opulenta como Cambaya, principalmente no commercio e mercancia. Mas a principal nação e raça que lá ha, são os Banianes, que são em tal numero, que se não falla senão nos Banianes de Cambaya, e ha-os por todos os portos e logares da India onde se commercea, e também os Guzerates, que são os mahometanos de Surrate e outras terras. Os Banianes guardam o mesmo modo de viver que os Bramanes, salvo não terem linha. E' o povo o mais sabedor nas sciencias, que ver-se pode, mormente nas mathematicas e astrologia. Alem disso são homens honestos, bem vestidos, e mui lhanos no seu trato. Não ha no mundo povo mais conhecedor de perolas e pedraria; e mesmo em Goa os ourives, lapidarios, e outros officiaes de obras delicadas, são todos Banianes e Bramanes de Cambaya, e tem as suas ruas e tendas á parte.

A cidade de Cambaya é uma das maiores e mais ricas da costa da India, onde abicam os mercadores de todas as partes do mundo. A lingua de todas estas terras,

(a) *Cambayete* é o nome por que antigamente era conhecida esta cidade, e o que os nossos auctores lhe dão.

e tambem de todas as outras do Grão Mogor, de Bengala, e outras circumvisinhas, é a lingua de Guzerate, que é a principal, mais util; e mais extensa, e que se entende em mais diversos logares que outra alguma da India (a). Os homens e mulheres de Cambaya, Guzerate, e Surrate são de côr um pouco morena, mas mui bellos, e bem proporcionados. As mulheres, que cuidam da sua conservação, são tão bellas, brancas, formosas, e gentis, como as destas partes (b).

(a) Não duvidamos de que assim fosse no tempo do auctor. Hoje porem a lingua mais extensa, e que se entende em toda a peninsula indiana, é a lingua *Hindostana*, a que em Goa vulgarmente chamam lingua *moura*.

(b) Destes Baniães disse João de Barros na Dec. IV. Liv. V. Cap. I. = « Todo este reino de Guzerate he mui povoado de quatro generos de gente de povo natural da mesma terra, a que chamam « Baneães, de duas sortes: huns são Bangaçarys, que comem carne e pescado; outros Baneães, que não comem cousa que tivesse vida; outros são Resbustos, que antigamente eram os nobres daquella terra, tambem gentios, outros mouros chamados « Luteas, que são naturaes da terra, convertidos novamente á seita de ~~Mahmede~~ Mahmede; outros são mouros que vieram de fóra, e conquistaram a terra lançando della os Resbustos. A gente popular he mui « dada ao trabalho, assi da agricultura, como da mecanica; e nesta « parte he tão subtil e industriosa, que tem com o trato das obras « que fazem enriquecido aquelle reino, porque mais seda e ouro fiado « se gasta nelle em pannos tecidos de diversas sortes, que em toda a « India; e a cidade de Patam pode competir em numero de teares com « as cidades de Florença e Milão. De marfim, de madre perola, conchas de tartaruga, laquequa, cristal, lacre, verniz, pão preto, e amarello, e de outras cousas que servem para leitos, cadeiras, vasos, e armas de toda sorte, só deste reino sahem mais obras que de todo o restante da India. E daqui vem ser elle abastado de todas as « cousas necessarias, porque as que naturalmente, ou artificialmente « não tem, lhas trazem os que vem buscar as que elles tem, que são « muitas. A gente do povo he naturalmente fraca, e cativa de condição, por serem da linhagem Bancane, a qual guarda com grande religião a seita de Pythagoras, de não comerem cousa que seja viva. « E são tão supersticiosos na observancia deste preceito—não matarás— « que as immundicias que em si criam, as sacudem em parte que não « sejam maltratados. Pelo que quando os Mouros querem delles haver « alguma cousa, trazem-lhes diante hum passaro, ou outro qualquer « animal, ainda que seja huma cobra; e fazendo que a querem matar,

Mas tendo fallado de Cambaya e Surrate, terras pertencentes ao Grão Mogor, parece-me que posso dizer alguma cousa deste Príncipe, segundo o que delle por lá soube. Este Grão Mogor, que elles chamam *Akebar Pachá*, isto é, o grande rei soberano, é o mais poderoso rei de toda a India, de que eu tenho conhecimento, e contam-se lá cousas maravilhosas da sua grandeza e magnificencia. Faz a sua residencia em três cidades principalmente, das quaes uma se chama *Delhi*, outra *Agrá*, e a ultima, que é a maior de todas, e onde elle mais ordinariamente mora,

« elles a comprem e soltam por não verem sua morte, e tem que fazem nisto grande serviço a Deos. Té humma carreira de formigas se atravessam por hum caminho por onde algum Baneane vá, ou a pé, ou a cavallo, hade rodear por não passar por cima dellas. Por preceito de sua religião não podem ter arma alguma em caza; e he a gente mais delgada, e engenhosa em o negocio do commercio, que quantas temos descoberto, tirando os Chins, que nisso e na mecanica levam vantagem a todas as nações do mundo=»

E Diogo do Couto na Dec. IV. Liv. I. Cap. VII. acrescenta: =
 « Este reino (de Cambaya) foi sempre povoadado de dous generos de gentios, Guzerates, e Baneanes, todos muito supersticiosos, como em seu lugar se verá, quando fallarmos de toda esta gentilidade da India. Os Guzerates todos são dados á mecanica, em que se estromam de todos os do oriente, cujas louçainhas já em tempo dos Romanos eram muito estimadas, as quaes hiam ter a elles por via do Mar Roxo, como se vê em Arriano, auctor grego, no tratado que fez sobre aquella navegação, no qual nomea muitas e diversas sortes de roupas, como são, ganise, monoche, sagmatogene, milochini, que dizem serem muito finas, e de algodão; pelo que em quanto a nós parece que eram os canequins, bofetás, beirames, sabagagis, e outras que se acham escritas nos livros das leis dos Romanos, das quaes costumavam a pagar grandes direitos; e ainda hoje entre nós, com aquelle reino estar destruido, pelas mudanças que nelle houve, a fineza de suas roupas de muitas sortes, a delicadeza de suas obras são tidas em mais perfeição que todas as da India. Os Baneanes são todos dados á mercancia, em que tambem precederam a todos por sua grande habilidade, e agudeza, pela qual, e por outras partes que nelles se notam; presumem os Theologos Christãos que descendem de algum dos tribus de Israel, que são desaparecidos, e ainda mais o parecem no grande estudo, e cuidado que todos poem em enganar os christãos, como cousa que tem por preceito. Ambas estas nações de gentes são tão fraquissimas, e afeminadas, que não fazem differença a mulheres mais que nas barbas=»

como capital do seu imperio, é *Lahore*, que fica a mais de cento e vinte legoas da costa de Cambaya. Pode pôr em campo trinta mil elephantes, oitenta mil cavallo, e duzentos mil homens de pé. A sua guarda ordinaria é de dez mil homens, que occupam sempre o espaço de sete legoas em volta de sua pessoa. Quando alguém vai ou para lhe fallar, ou para tratar seus negocios particulares, a primeira guarda que encontra o conduz á outra, e assim vai passando de uma a outra, até chegar á cidade, onde é apresentado a quem compete; e é de notar que os da primeira guarda que acompanham estas pessoas até á segunda, são teúdos de tirar um bilhete para sua descarga em comio as apresentaram, e assim por diante os outros corpos de guarda, de sorte que dest' arte sabem quem vai e vem.

Estes soldados das guardas são pagos todas as semanas. Entende-se na India que este rei é o Grão Tartaro, como lhe elles chamam. Estes Tartaros são os melhores soldados, e os mais fortes, poderosos, e destros, que se pode ver. Trazem grossos arcos de ferro, que o mais forte d'entre nós teria muita difficuldade em dobrar e estender por pouco que fosse. As riquezas deste principe são inestimaveis, e tem diversas arrecadações, e apartadas para as perolas, ouro, prata, pedraria, e outras cousas preciosas. Sendo uma vez vindo um Bachá á sua corte para dar conta do tributo que lhe trazia, esteve nove mezes inteiros á espera de que o official, que tinha cargo de o receber, tivesse tempo e vagar de o contar, por via do grande numero de outros vassallos chegados antes d'elle para cumprirem a mesma obrigação. E isto pode dar a conhecer a extensão e riqueza das terras deste principe.

E' grande amigo dos Jesuitas, e tem sempre alguns consigo, respeitando-os e honrando-os muito. Nunca se levanta para saudar pessoa alguma, que chegue á sua presença, salvo a elles, porque quando entram no lugar onde elle está, levanta-se, e mando-os sentar. Ha Padres Jesuitas nas

ciudades de Lahore, Delhi, e Agrá, mas poucos em cada uma dellas. Tem fabricado alli igrejas, e tem liberdade de prégar, e converter toda a gente, que por sua livre vontade o quizer: e todavia fazem pouco fructo. Donde todos os Jesuitas da India dizem que é mais facil converter cincoenta, e ainda cem gentios ou idolatras, que um mahometano. O defuncto Grão Mogor El-Rei Akebar, que morreo ha seis ou sete annos, promettia e dava esperança de se fazer christão, e só punha uma condição, que era, liberdade para ficar com todas as suas mulheres, como a sua lei lhe permite, e sobre esta difficuldade morreo. Seu filho, que lhe succedeo, expellio os Jesuitas, e mesmo os outros christãos; que tratou duramente, mas fazia assim para se segurar na posse do reino, porque passados dous ou tres annos, tornou a admittir os christãos junto a si, como estavam em vida de seu pai.

Quando aquelle rei Akebar morreo, toda a India ficou confusa e sobresaltada com temor de rompimento de guerra, porque era aquelle rei mui temido e respeitado de todos os outros reis da India; e pode-se affirmar affoutamente que é senhor dos mais bellos e melhores territorios do mundo, e dos mais valerosos povos, como são os Tartaros, e outros povos mui ricos e industrioses. Em toda a India não se falla do Turco, mas somente do grande Akebar; e quando aquelles mesmos reis, que não são seus vassallos, fallam d'elle, é baixando a cabeça em signal de acatamento. Tem mui boa correspondencia e alliança com o rei da Persia, e mandam um ao outro presentes e embaixadores. Dá soccorro a este rei da Persia, ou Sophi, que tambem chamam o Grão Xá, contra o Turco.

Aquelle que agora é o grande Akebar, ou Grão Mogor, tinha um filho, que se levantou contra elle, mas sendo apanhado, e levado perante elle, não o mandou matar, mas contentou-se de o reter preso. E' mui amigo dos estrangeiros, e tinha junto a si um agente ou embaixador

do rei de Inglaterra. Tem este rei tal ambição, que quando chegam a elle alguns embaixadores, ou outras pessoas, lhes pergunta quem são, e em que qualidade são havidos junto de seus amos, como fez aos que o Grão Turco lhe enviou; e sendo informado de tudo isso, menos preza-os a elles e a seus amos, e os retém junto a si, dando-lhes rendas, cargos, dignidades, e tudo quanto elles podem apetecer, de sorte que os taes embaixadores largam as suas embaixadas, e ficam lá de assento, como fez o de Inglaterra; segundo o que eu ouvi dizer aos Inglezes que havia em Goa. Este principe em todos os serviços de mesa e camara faz-se servir das mais bellas donzellas e mulheres, que se podem achar (a).

(a) *Akbar*, ou *Equebar* (como escrevem os nossos auctores) não é denominação commum a todos os reis de Delhi ou Grão Mogores, como o auctor parece julgar; mas o longo e glorioso reinado de *Akbar*, que durou 51 annos, talvez deu occasião a que se entende-se vulgarmente na India que este appellido era generico daquelles potentados.

No mais dá o auctor noticias certas das cousas do Grão Mogor. *Akbar* morreu em 1605, cinco annos antes de *Pyrard* sair de Goa. O bom acolhimento que nelle acharam sempre os Jesuitas de Goa, e as esperanças, que chegou a haver de sua conversão, é cousa tratada nos chronistas da India portuguezes e estrangeiros, e se pode ver melhor em varios documentos recentemente publicados no Fasciculo 3.º do nosso *Archivo Portuguez Oriental*.

Pyrard toca aqui successos occorridos nos dous reinados, de *Akbar*, e de *Jehangir*, seu filho. É certo que contra este ultimo se levantou seu filho *Chusero*, que vencido e preso foi perdoado pelo pai. Tornando novamente a levantar-se, foi ainda vencido e preso; e com quanto alcançasse a liberdade no fim de dez annos, foi assassinado por seu irmão *Xá Jehan*, que depois succedeo ao pai.

O caso do chamado embaixador de Inglaterra, que se deixou ficar no Grão Mogor, e a que o nosso auctor rapidamente allude, segundo a informação que lhe deram em Goa alguns Inglezes, é verdadeiro, e passou assim. Em 1608 chegou a *Surrate* um navio inglez, capitão *William Hawkins*, para abrir alli relações commerciaes á Companhia, que então se acabava de formar. Os Portuguezes oppozeram-se a este intento, mas o Inglez vencendo todas as difficuldades foi a *Agrá*, onde chegou a 16 de Abril de 1609, eahi obteve audiencia de *Jehangir*, a quem apresentou u-

Apoz Cambaya, Surrate, e outras terras do Grão Mogor resta fallar de *Diu*, que é uma ilha, que antigamente dependia do reino de Cambaya, e é habitada da mesma gente, Banianes, Bramanes, gentios, e musulmanos. Quando os Portuguezes alli foram pela primeira vez, fizeram concertos de paz e amizade para commerciareem com o rei de Cambaya, assim como tem feito com os outros, e o rei lhes permittio que residissem naquella ilha, onde com o tempo se tem tão bem fortificado, que ficaram senhores absolutos della, e ora a dominam. Fabricaram ahi duas fortalezas (a), e seguraram a cidade com uma boa cerca de

na carta d' El-Rei de Inglaterra. Hawkins fallava turco ; e a sua conversação agradou muito ao rei, que o convidou a ir todos os dias ao paço, e lhe perguntava pelas cousas da Europa, e das Indias occidentaes. Por fim deu positivas ordens para o Inglez ser provido de tudo quanto lhe fosse necessario para as empresas commerciaes, que pretendia. Jehangir rogou muito instantemente ao capitão Hawkins que ficasse na India até elle ter mandado uma embaixada á Europa, assegurando-lhe uma renda de mais de tres mil libras cada anno, que andaria segundo o uso annexa a um commando de quatrocentos cavallos, e ao governo de um districto, cujas rendas elle recebesse. Hawkins acceitou. Alem das mercês sobreditas foi tambem instado para receber uma mulher, e elle julgou desarrazoado regeitar a offerta, mas pôz por condição que a mulher fosse christã, e de feito recebeu a uma donzella Armenia, com a qual se deu muito bem, posto que depois em Inglaterra não julgassem legal o matrimonio. Por algum tempo foi o capitão Hawkins mui valido de Jehangir, mas a roda da fortuna desandou, e tendo elle em vão tentado restaural-a, largou a corte do Grão Mogor a 2 de Novembro de 1611, partindo não só sem obter confirmação alguma de privilegios commerciaes, mas sem ao menos levar uma carta a seu rei, e por cima de tudo com o dissabor de ouvir muitas vezes ao primeiro ministro Abdul Hassan que não era proprio da grandeza do imperador Mogor escrever a tão pequeno regulo. (Veja-se *History of British India* by Hugh Murray, 1855. Cap. VIII, e *The English in Western India* by Philip Anderson, 1856, Cap. I.) Tal foi o primeiro recebimento que tiveram no Indostão os actuaes dominadores d'elle (Veja-se ainda no Cap. seguinte.).

(a) Duas fortalezas, diz o auctor, referindo se sem duvida a que tendo sido completamente arrazada no segundo cerco a fortaleza primitiva, foi depois toda restaurada, e com novo risco, por D. João de Castro; e para isso foi aquelle famoso empenho das barbas na Camara de Goa.

baluartes, o rei de Cambaya poz-lhe depois cerco por duas vezes, mas nada conseguiu, e ao presente vivem em boa amizade.

Esta ilha de Diu é mui proxima da terra firme na costa de Cambaya, a vinte legoas da bocca do golpho, para a banda do norte, e a trinta legoas da grande cidade de Cambaya. E' de grande nomeada, e de muito rendimento aos Portuguezes por causa do bom porto e enseada que tem, onde os navios estam em muita segurança por respeito das fortificações que os guardam. De maneira que é alli a acolheita e escala de todos os navios que vem de Cambaya, Surrate, Mar Roxo, Mar Persico, Ormuz, e outras partes da India; e os mercadores folgam de aportar alli, assim pela bondade do porto, como pela commodidade dos mantimentos, que lá são baratos; e tambem porque temem entrar neste golpho, donde os ventos contrarios depois os impedem de sair; mas a principal causa é porque os Portuguezes os obrigam a ir alli para tirarem delles os direitos das alfandegas, e tornar o lugar mais opulento. Isto rende muito ao Rei de Hespanha. Vão buscar as mercadorias a Cambaya em grandes barcos de quinze e vinte tonelladas cada um que vão e vem carregados. O proveito é dos corsarios malabares, porque tomam quantos querem, e só de uma vez, quando eu alli estava, vi tomarem quarenta ou cincoenta, o que mui frequentemente lhes acontece.

Esta ilha de Diu é admiravelmente bella, rica, e fertil, e a ella portam navios em mui grande numero, o que a faz o mais rico e opulento lugar da India abaixo de Goa; porque se vive alli mui barato, e com todos os regalos e delicias que se podem imaginar; e até os soldados da India alli vão a invernar com grande prazer. Todas as nações e religioes estam alli em grande liberdade, mas ainda que os Portuguezes são os dominantes da terra, está-se alli em maior liberdade de consciencia que em Goa, onde não ha exercicio de outra religião senão da christã. A terra é abun-

dante de gado, aves, e todos os outros comestiveis; e o resto vem da terra firme em grande abundancia. O clima é mui bom e sadio, de sorte que este lugar é de mui grande importancia aos Portuguezes, que por via disso o guardam bem.

Desde Cambaya e Diu vai sempre correndo a costa até Goa, e daqui até ao Cabo Comorim; e é propriamente a isto que se chama a costa da India; a qual tem de extensão de Cambaya a Goa cem legoas, de Goa a Cochim outras cem, e de Cochim ao Comorim sessenta, de sorte que toda esta costa tem duzentas e sessenta legoas. E cumpre saber que nem todo o paiz que vai desde o Cabo da Boa Esperança até á China se chama propriamente India, mas só o que fica seguido a esta costa; o resto tem cada um seu nome particular, segundo os logares. Assim quando se está em Goa, e se quer fazer alguma viagem, diz-se para que parte se quer ir, se para a banda do sul, ou para a banda do norte. A costa do norte corre desde Cambaya até Goa, e a do sul desde Goa até ao Cabo Comorim; mas quando se está em outra parte, e se quer ir para algum logar que fique entre Cambaya e o Cabo Comorim, diz-se que se vai á costa da India.

Nesta costa desde Cambaya até Goa os Portuguezes não tem mais que tres fortalezas, que não são tão fortes, nem tão importantes como as outras. A primeira cidade e fortaleza, que se encontra vindo de Cambaya, é *Damão*, depois *Baçaim*, e *Chaul*. Adiante de Chaul ha outra fortaleza chamada *Dabul*, mas não é do dominio dos Portuguezes, e só tem alli um feitor. Toda esta costa é mui boa, fertil, e saudavel, e della vem grandes riquezas e commodidades a Goa, e a outras partes. Mas estas tres fortalezas pertencentes aos Portuguezes estam todavia á discrição dos reis visinhos, que são vassallos do Grão Mogor. *Damão* bastece Goa de muito arroz. De *Baçaim* vem toda a madeira para fabricação de cazas e navios, e a ma-

ior parte destes se fabricam alli. De Baçaim vem igualmente pedra de cantaria, mui bella e rija, como granito; e eu nunca vi columnas e pilares de pedra inteiriça tão grandes, como neste lugar. Todas as igrejas, e palacios soberbos de Goa são fabricados desta pedra.

A cidade e fortaleza de *Chaul* é mui differente das outras duas, porque a terra é extremamente rica e abundante de todas as mercadorias estimadas, que os mercadores de todas as partes da India e do oriente vem alli buscar. Mas a principal mercadoria consiste em sedas, que as ha alli em tal quantidade, que quasi sò ellas bastecem Goa e toda a India, e são muito mais bellas que as da China; e em Goa são mais prezadas que todas as mais as sedas de Chaul, de que se fazem mui bellas roupas, afóra grande copia de roupas de algodão exquisitas que tambem alli ha.

Duas são as cidades de Chaul, uma dos Portuguezes, que é mui forte, e onde em tempos passados tiveram grande guerra com o rei visinho, mas agora estam em boa paz. Outra é da gente da terra, e nella se fazem todas aquellas manufacturas de seda, e tambem muitos cofres, bocetas, estojos, escritorios ao modo da China, mui ricos, e bem obrados. Fazem tambem camas e leitos lacreados de todas as cores. O povo é alli mui habilidoso e industrioso; o rei é mahometano, mui poderoso e temido, e chama-se o *Melique* de Chaul. É vassalo de Grão Mogor, como os outros seus visinhos. Toda esta costa é mui rica e salubre, com mui bons portos. Vive-se alli mui barato, e a maior parte dos habitantes são gentios e idolatras. Este rei tem grande numero de elephantes; e quando come manda vir ante si muitas mulheres formosas, que cantam e tigem instrumentos; e outras tomam uma peça de tafetá de cores, e a rasgam em pedaços tão pequenos que para nada podem servir, e então os que estam presentes leva cada um seu pedaço, e o põe em forma de condecoração. Depois destes prazeres, faz elrei sahir toda a gente, e fica em

tal contemplação da vaidade e incerteza da vida, que sobre isso adormece. Todos estes reis da India visinhos do Mogor, e que lhe não podem resistir, não desestimam de ser seus vassallos, e com isso se hão por mais fortes, e são mais honrados entre os seus visinhos.

Abaixo de Chaul para a banda de Goa ha ainda uma boa cidade e porto, chamado *Dabul*, onde os Portuguezes só tem um feitor; e dalli vem muitas commodidades a Goa.

Desde Goa até ao Comorim, que é a costa do Malabar, ha muitas fortalezas, como *Onor*, que está aos quatorze grãos do norte, depois *Barcelor* a treze grãos, *Mangalor* a doze, *Cananor* a onze, *Cranganor* a dez; depois *Cochim* que está a oito grãos; e ainda depois *Coulão* a sete. E todos estes logares são do dominio dos Portuguezes, que tem nelles fortalezas, e toda esta costa bastece Goa de pimenta e especiarias. No que toca a Cochim e Calcut já fallei a-traz assaz largamente. E quando eu parti de Goa para recolher á patria, um rei visinho havia posto cerco por terra a uma das fortalezas dos Portuguezes, os quaes apresentavam uma armada para a soccorrer; e não sei o que depois succedeo.

Mas antes de concluir este capitulo direi que quando eu estava na India houve um grande navio de um dos reis desta costa, que é o de Tanor, o qual navio veio carregado de arroz às ilhas de Maldiva, quando em lá estava; e tendo ido o mesmo navio ao Achem a fazer veniaga, e travado alli amizade com os Hollandezes, que tendo em outro tempo surgido em Tanor, haviam já conhecimento daquelle rei; foi feito concerto entre o capitão e principaes do navio, e os Hollandezes, que estes poderiam traficar livremente em Tanor, onde enviariam dous feitores com fazendas, e um presente para o rei no seu navio, o que foi acceito, e se embarcaram neste navio dous Hollandezes com muita fazenda e o presente, que foi bem recebido pelo rei; mas todavia com grande deshonra sua entre todos os outros

reis, senhores, e mercadores da India; porque se ha por certo que elle mandou dar aviso a Cochim de como estes dous Hollandezes alli estavam, e que se os Portuguezes os viessem requerer, elle lhos entregaria, como malvada e perfidamente fez. Mas por colorar sua traição, e não se desconfiar que elle era o motor deste negocio, assim por não perder a sua reputação entre os outros reis Naires, de cuja casta era, como por temor de ter guerra com os Hollandezes e seus amigos; encommendou aos de Cochim, que está a vinte legoas dalli (porque Tanor é entre Calecut e Cochim) que viessem com poder bastante, para dizer que fôra constrangido pela força. Em somma estes Hollandezes foram assim entregues com sua fazenda, e levados a Cochim, onde ouvi dizer que foram enforcados depois. O rei de Calecut sempre foi inimigo daquelle rei, que segue as partes do de Cochim. Quando os Hollandezes por alli passam, a desforra que tiram é dar muita surriada de artilheria nas terras deste rei, porque não poderam mais ter outra satisfação.

Eis o que eu pude notar dos diversos paizes, assim da costa d' Africa como da India, em quanto andei com os Portuguezes, que tem de tudo isto mui particular conhecimento por razão do que alli possuem, e do trato ordinario que fazem em todo o resto, que não é do seu dominio.

CAPITULO XX.

Muitas presas de navios portuguezes, e outras cousas succedidas na India em quanto o auctor se deteve em Goa.

Tendo voltado a Goa de minha viagem a Malaca e á Sonda, alli me detive por espaço de seis mezes a passar o inverno. Mas antes de referir o meu embarque para Portu-

gal, direi certas cousas notaveis que succederam na India em quanto lá estive. Primeiramente farei menção de um recontro que houve entre uns Hollandezes que vinham á India, e um grande navio portuguez que vinha de Ormuz para Goa. Fazia grande calmaria. o que foi causa de os Hollandezes não poderem tão promptamente entrar este navio, que elles julgavam já ter na mão, ou pelo menos logo que viesse vento; mas sobrevindo a noute, os Portuguezes lançaram ao mar dous bateis, onde se salvaram, levando consigo o mais precioso do navio, como ouro, prata em moeda de larins, muitas perolas orientaes, e outras riquezas; de sorte que quando os Hollandezes foram accommetter o navio, não acharam resistencia alguma, porque todos os Portuguezes se haviam posto em salvo, excepto um mercador velho, a quem elles não quizeram permitir que embarcasse a fazenda que lhe pertencia, e elle vendo isto, lhes disse que pouco lhe importava morrer, por quanto perdia toda a sua fazenda. E assim mais quiz esperar os Hollandezes, que ficaram mui indignados de se ver privados de uma tão boa preza, roubaram o resto que havia, e queimaram o navio, em que hiam muitos cavallos da Persia e Ormuz; e grande carga de doces, como conservas, tamaras, e passas de uvas, que são como as nossas passas de Damasco, porque as mais excellentes conservas de marmelo, que os Portuguezes chamam *marmelada*, e nós *costignats*, vêm da Persia e Ormuz. Não se pode avaliar quanto damno tiveram na perda deste navio, que todavia não foi o unico, porque depois d'elle muitos outros foram queimados.

De outra vez um grande navio de Cochim pertencente aos Portuguezes, e carregado de mercadorias de Bengala, donde vinha, foi encontrado por alguns paráos ou galeotas de corsarios Malabares, que o quizeram accommetter, e vendo que não eram assaz fortes para o entrar, o deixaram, bem pezarosos de lhes falhar o intento; mas a fortuna delles e a desdita dos Portuguezes quiz que no caminho encontrassem

um navio Hollandez, a quem salvaram; e deram aviso ao capitão de andar naquellas paragens o tal navio portuguez, offerecendo-se-lhe a mostrar-lhe onde elle estava, e ajudar-lho a tomar, o que o capitão Hollandez acceitou, e ao primeiro tiro os Portuguezes se renderam. Os Malabares queriam matar tudo, mas os Hollandezes o atalharam.

Depois de dado o primeiro sacco pelos Malabares, a saber, do fato e mercadorias leves, que vão no convez e na cobertura somente, disseram que pela sua parte não pretendiam mais nada do resto da carga, mas os Hollandezes lhes replicaram que elles lhes davam o terço de tudo o que ahi houvesse; o que assim se fez; retendo comtudo os Hollandezes o navio, do qual se fez presente ao rei de Tanor. Mas o peor foi que deixaram sete pobres christãos captivos entre as mãos daquelles Malabares, a quem o capitão Hollandez os deu para os pôrem em resgate, ao que elles se obrigaram, e com tudo mataram um delles. O capitão do navio era um dos sete, e os Malabares trataram a todos como grande cruza. Depois disto houve grande disputa entre dous cabos principaes destes Malabares, por razão de terem os Hollandezes dado duas peças de artilheria do mesmo navio a um chamado *Marcare*, que deve ser a maior pessoa entre aquella gente; mas o capitão das galés disse que isto lhe pertencia a elle, e era devido a suas galés, que se haviam arriscado nesta facção; o que os poz a ambos em grande conflicto; e para os apaziguar esperava-se todos os dias a vinda do rei de Calecut a uma de suas terras. Por via disto aquelles dous cabos andavam pelas ruas mui bem acompanhados, e estavam quatro legoas afastados um do outro, com uma cidade entre meio de ambos. Era este navio o que estava nas ilhas de Maldiva quando nós alli demos á costa.

Um anno pouco mais ou menos antes que nós partissemos de Goa, foi um navio inglez ao rio de Surrate e Cambaya, a fazer veniaga, e um fidalgo que nelle vinha saio

em terra, e foi da parte d' El-Rei de Inglaterra em forma de embaixador ao Grão Mogor, onde dizem que foi bem recebido. E por quanto os navios grandes não podem chegar-se ás cidades e terra de Cambaya e Surrate, onde este era vindo para tratar em anil ou indigo, que serve para tingir os pannos de azul, quiz a sua desaventura que enviassem a terra dous bateis carregados de mercadorias, com dezasete homens; mas entre a terra e o navio se metteram de per meio muitas galeotas dos Portuguezes, que foram cortar o passo áquelles dous bateis, os quaes estavam tão longe que a artilheria do navio lhes não podia acudir, e assim foram tomados, e levados a Goa por D. Fernando da Silva de Menezes, capitão mór da armada do norte, o qual depois embarcou no mesmo navio, em que eu vim a Portugal, e me fez muitas galanterias, como adiante direi. Estes dezasete Inglezes ficaram presos, e dentro em pouco tempo restavam só seis ou sete, porque o resto morreu. Quanto ao seu navio, levou ancoras logo que estes homens foram apanhados, e foi-se na derrota do Achem. Haviam partido de Inglaterra dous navios juntamente, um dos quaes tinha ido em direitura ao Achem, e o outro era este que veio a Cambaya (a).

Uns seis mezes antes do meu embarque outro navio inglez, que tambem vinha commerciar ás Indias orientaes, estando na costa de Melinde perto de Mombaça enviou o seu batel ás ilhas de Zanzibar a sondar e reconhecer a costa; mas sendo surpreendido pela gente da terra, os Portuguezes, que fingiam andar pescando, mataram nove ou dez homens do batel. Vi chegar um destes presos a Goa, o qual tinha aspecto de pessoa principal, como de cabo maior. Esteve muito tempo preso, e queriam metel-o em

(a) Este é sem duvida o navio *Hector*, cujo capitão Hawkins foi ao Grão Mogor por embaixador d' El-Rei de Inglaterra, como já se disse no Capitulo antecedente. (Veja-se *The English in Western India*, pag. 8, e seguintes).

processo, por ter sido apanhado sondando. Dizia elle que lhe tinham matado um seu primo a sangue frio, e depois lhe haviam posto a cabeça na ponta de uma lança em signal de trofeo. O que o pôz a elle em perigo foi ter sido apanhado com a sonda na mão, que é uma cousa mui arriscada na costa dos Portuguezes. Em fim embarcou em uma das náos da mesma viagem, em que eu vim.

Quatro mezes depois o mesmo navio inglez vindo de Surrate para ir ao Achem (a), estando na altura de Chaul, sessenta legoas ao mar desta costa, que é a das terras do Grão Mogor, que são amigos dos Inglezes, foi dar de noute n' uns baixos e cachopos, onde naufragou e se perdeu; mas a gente teve tempo de lançar ao mar os seus dous bateis, e nelles se embarcaram perto de oitenta pessoas que eram; com todo o seu dinheiro, e o mais precioso que tinham, e ganharam a terra do Grão Mogor para as bandas de Surrate e Cambaya, onde foram mui bem recebidos por meio de muito dinheiro que deram; e tomaram a resolução de ir á corte do Mogor, e dalli recolher por terra pela Tartaria, o que fizeram, tomando passaportes daquelle rei, que tambem lhes mandou dar dinheiro, cavallos, armas, bufalos, e bois para os levar a elles e ao seu fato, e provimentos, e assim partiram.

D' entre elles houve uns quinze que não quizeram acompanhar os outros; e alli ficaram á espera que Deos lhe deparasse alguma outra occasião. Havia na corte do Mogor um Padre Jesuita, que se familiarizou com elles, sem embargo de serem protestantes. Era o tempo em que a grande frota, a que chamam *cafila*, hia de Surrate e Cambaya para Goa. Ora estes Inglezes tinham muito dinheiro, e aquelle Padre Jesuita tanto fez que alcançou seguro para quatro principaes d' entre elles poderem ir para Goa; e alli

(a) O mesmo navio diz o auctor; mas não sabemos a que navio se refere; pois nem nos parece que possa ser o *Hector*, nem ainda o outro, que andava na costa de Melinde dous mezes antes.

morar e viver sem lhes ser feito nojo algum. Depois estes Inglezes embarcaram para recolher á Europa n' uma das náos da nossa viagem. E quando estavamos prestes a partir chegou um dos outros Inglezes, que haviam tomado o caminho por terra, e nos disse que por todas as terras do Grão Mogor, que se extendiam muito ao longe, não lhes foi feito mal algum por virtude do passaporte que delle levavam, e que tomavam lingua cada dia mediante bom pagamento; mas que quando foram entrados mui avançada na grande Tartaria, lhes foi impossivel proseguir seu caminho, porque foram assaltados e desbaratados, de sorte que não ficou a terça parte delles, que se vio obrigada a retroceder para o mesmo logar donde haviam partido; e não se sabe o que depois foi feito delles. Estes Inglezes, que estavam em Goa embarcaram-se depois todos connosco. (a).

CAPITULO XXI.

Embarque do auctor em Goa. Estado das Indias naquelle tempo. Prisão do auctor, e seu livramento. Chegada de quatro náos, e outras cousas a este intento.

Tendo pois passado o inverno em Goa depois de recolher da Sonda, quando voltou o bom tempo tomei a resolução de partir, e embarcar-me para regressar á patria.

(a) Philip Anderson na sua obra *The English in Western India* pag. 8 e 9, extracta de Pyrard estes successos relativos aos Inglezes, mas mui resumida e inexactamente. Entre outras inexactidões apontaremos uma. Fallando destes ultimos Inglezes, que, dando á costa, se salvaram nos bateis, diz Pyrard = *mais ils eurent temps de tirer leurs deux bateaux, et de s'embarquer dedans environ QUATRE-VINGT qu' ils estoient* & =; e Anderson escreve = *The crew, TWENTY-FOUR in number, having contrived to reach the shore near Surate* & = De sorte que do *quatre-vingt* de Pyrard fez Anderson *twenty-four*. isto é, de oitenta fez vinte e quatro; com grande discredito de sua erudição, e com grave perturbação da ordem e sentido da historia que a ninguem é dado alterar.

O estado de Goa quando de lá parti, era como se segue.

Fazia as vezes de Vice-Rei o Arcebispo, ao qual o Vice-Rei D. Martim Affonso de Castro, que morreo em Malaca, tinha deixado por Governador em sua ausencia, e neste cargo governou tres annos, porque aquelles que nelle são postos pelos Vice-Reis, ou por eleição, são chamados simplesmente *Governadores da India* (a), como era este, que todavia tinha o governo supremo na ausencia do outro, e governou mui avisadamente. Mas os inimigos dos Portuguezes, como Malabares, Hollandezes, e outros, tomaram maior atrevimento, vendo que somente tinham contra si um ecclesiastico, e faziam todos os dias correrias e presas até nas barras e portos dos Portuguezes.

Este Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes não teria governado tanto tempo, se não se estivesse á espera de novo Vice-Rei vindo de Portugal, e de feito El-Rei de Hespanha tendo tido novas da morte do outro, enviava para lhe succeder ao Conde da Feira, o qual (como eu já disse em outro lugar) morreo na costa de Guiné, pelo que houve ajuntamento geral em Goa da nobresa, clero, e povo, para se determinar o que se devia fazer, e foi resolutivo que o Arcebispo sairia do cargo, e se elegeisse André Furtado de Mendonça, o maior e mais famoso capitão, que então havia entre elles (b). Estava na India havia trinta annos, e nun-

(a) Quando o auctor saio de Goa governava o Vice-Rei Rui Lourenço de Tavora. Quando elle chegou a Goa é que governava o Arcebispo, segundo elle mesmo já tem dito em outros logares, e é conforme com a verdade. Veja-se a pag. 3 deste vol. a *Nota* (a) e pag. 64 a *Nota* (b).

(b) Neste paragrapho commette o auctor certas inexactidoes, que cumpre corrigir.

O Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes ficou governando o Estado na ausencia do Vice-Rei D. Martim Affonso de Castro, quando na monção de 1606 foi á empreza de Malaca, onde morreo. Pela morte deste, abertas as *vias de successão*, saio nomeado Governador o mesmo Arcebispo, que ficou no governo até ser sabida em Goa a mor-

ca tinha querido governos, mas somente ser capitão mór das armadas; e era mui liberal para os soldados. Foi pois eleito (a), e recebido com as mesmas cerimonias, com que o são os que vem de Portugal, e começou logo a reformar o Estado, e a pôr tudo em boa ordem com provisões suas. Todos os reis da India folgaram muito de que elle fosse Governador, e lhe enviaram embaixadores e presentes. Aprestou muitas armadas, e fortificou muitas fortalezas; em somma este fidalgo era amado de Deos, do rei, e do povo, e semelhantemente dos capitães e soldados, mas não da nobreza, porque não era ladrão nem ambicioso, e não era affeiçãoado a quem roubava a El-Rei. Era homem solteiro. Em menos de tres mezes de governo aprestou muitas armadas para enviar a toda a parte onde era mister, e fez mais que outros em muitos annos.

Este Governador tinha um sobrinho chamado D. Diogo de Mendonça, que estava nomeado capitão mór da armada, que se aprestava para o norte, e era um dos quatro fidalgos, de que em outro logar fallei, que davam mezas aos soldados pobres neste inverno. Porque de inverno trabalha-se para pôr as armadas de verga d' alto no principio do verão. Durante o inverno em Goa, eu e os meus companheiros iamós comer como os Portuguezes a caza deste fidalgo, que nos convidava a isso, e fazia tenção de nos levar comsigo á guerra, e eu pela minha parte havia promettido ir em sua companhia. Mas o Vice-Rei tomou a resolução de nos mandar meter a todos em prisão com alguns Inglezes, que tambem alli estavam, sob pretexto de que nós tinhamos lá ido por espias, e por dar aviso de tudo, e estar proxima a estação, em que os Hollandezes ti-

tê do Conde da Feira; e abertas então as novas *vias de successão* a 27 de Maio de 1609, saio nellas nomeado André Furtado de Mendonça; e não por eleição. Vejam-se a pag. 64 deste vol. as *Notas* (a) e (b).

(a) Veja-se a *Nota* antecedente.

nham por costume vir surgir na barra de Goa. O mesmo fez a todos os outros estrangeiros, excepto áquelles que eram vindos á India nas náos de Portugal. De sorte que foi mister que os Padres Jesuitas tomassem a seu cargo o nosso livramento, e se juntassem quatro ou cinco d'entre elles, a saber o Pai dos Christãos, chamado o Padre *Gaspar Alemão*, um Padre Inglez, chamado *Thomaz Estevão* (a), os Padres *João de Cenes*, Loreno, de Verdun. *Nicolão Trigaut*, Wallon, de Douay, e o bom Padre *Estevão da Cruz*, Francez, de Rouen, os quaes todos juntos tanto trabalharam, que alcançaram a nossa soltura, depois de havermos estado presos perto de tres semanas. E na verdade estes bons Padres bem desejavam restituir-nos á patria, pois lhes dávamos lá tanta molestia, e nos assistiram sempre em tudo como a seus proprios irmãos.

Mas o que principalmente nos consolou, e que causou tristeza e pesar a todo o povo de Goa foi que no fim de tres mezes de governo daquelle Governador, chegou novo Vice-Rei, chamado Ruy Lourenço de Tavora, que achou prestes tudo quanto o outro se havia afadigado a pôr em ordem, e assim foi elle quem tirou toda a honra e proveito, dando os cargos a quem bem lhe aprouve. Havia partido de Portugal extraordinariamente antes da armada das náos de viagem, e dilatou-se muito tempo a invernar em Moçambique á espera de monção. O Estado da India tinha mandado requerer a El-Rei de Hespanha que desse o titulo de Vice-Rei a André Furtado, o que o rei de boa vontade outorgára, mas o outro era partido de Portugal an-

(a) Este Padre foi o primeiro Inglez, que passou á India, e o primeiro Europeo, que reduziu a escripto as regras grammaticaes da lingua canarina ou concani. A existencia e as acções deste homem notavel estavam ignoradas, até nós colligirmos as noticias que delle podemos obter, e as publicarmos n'um artigo especial, que saio no *Archivo Universal*, jornal de Lisboa, n.º 13, 4.º vol. Janeiro de 1861.

tes de chegarem a Hespanha estes requerimentos de Goa(a).

Dous mezes depois da chegada daquelle Vice-Rei, chegaram a Goa quatro grandes náos de viagem, cada uma do porte de duas mil tonelladas pouco mais ou menos, de que era Capitão mór Dom Manoel de Menezes. Havião saído de Lisboa cinco, mas não se sabia o que era feito da outra, por causa das tormentas, de que tinham sido accossados no cabo da Boa Esperança. Em cada náao se tinham embarcado até mil pessoas, assim soldados, como marinheiros, mercadores, e fidalgos; e quando chegaram a Goa não havia mais de trezentas em cada uma, e dessa mesma gente metade estava enferma por causa das grandes calmas, fadigas, e nescceidade de agua, que havião padecido no mar, por terem andado outo mezes sem tomar terra.

Trouxeram um alvará d' El-Rei de Hespanha defendendo ao Vice-Rei que permittisse que qualquer Francez, Hollandez, ou Inglez se detivesse na India, com ordem de os fazer embarcar para se recolherem a Europa, sob pena de morte, se alguns alli houvesse, por quanto não traziam outro intento, salvo espiar e tomar conhecimento da terra. Isto foi causa de que nós supplicassemos aquelles bonis Padres Jesuitas que impetrassem do Vice-Rei licença de nos embarcarmos para recolher a Europa, e dar-nos de que viver na viagem, porque nem aos proprios Portuguezes é permittido embarcar-se sem licença. O que facilmente obtivemos, attento o expresso mandado que o Vice-Rei tivera d' El-Rei de Hespanha para assim o fazer. Mas era mis-

(a) Não nos parece que houvesse da parte d' El-Rei muita vontade de nomear Vice-Rei a André Furtado; pois se assim fosse, não se pode explicar a razão por que se não deu essa nomeação. Ninguém melhor que El-Rei devia saber que sendo elle nomeado Governador nas primeiras vias de successão do Conde da Feira, devia estar actualmente de posse do governo da India, quando se fez a nomeação de Ruy Lourenço de Tavora. Donde se vê claramente que El-Rei muito de caso pensado preferio para o cargo de Vice-Rei Ruy Lourenço a André Furtado. Talvez porem que fossem de Goa os requerimentos, de que falla Pyrard, em abono de André Furtado.

ter ter a licença por escripto, e assignada da mão do Vice-Rei, e isto é o que não era facil de obter; e ainda menos ter os mantimentos. Todavia os capitães de Goa me queriam levar comsigo á China e ao Japão, e outros a Moçambique e Sofala; mas aquelles bons Padres nos aconselharam que regressassemos á patria, e deixassemos aquella gente, que por fim nos pregariam alguma má peça. De sorte que nos levaram ante o Vice-Rei a nós os tres Francezes, e elle ficou mui espantado de saber quem nós eramos, dizendo que nunca em tempo algum era vindo navio francez ás Indias orientaes; todavia sendo informado do modo como nós tinhamos vindo, e da diuturnidade do tempo que alli nos haviamos dilatado, prometteo dar-nos a licença, e mantimentos para a viagem, quando esta estivesse prestes.

Por espaço de quatro mezes se estiveram concertando as náos, e neste meio tempo se enviou uma armada de galeotas para dar guarda aos navios que eram idos a Cananor, Mangalor, Barcelor, e Onor na costa do Malabar ao sul de Goa, a trazerem pimenta para a carga das náos. Porque o rei de Cochim não tinha querido dar a sua pimenta, salvo se lhe enviassem lá as proprias náos a recebê-la. E cumpre observar que só o Rei de Hespanha pode haver e comprar pimenta; porque os mercadores não podem comprar nem uma libra, e não ousariam navegar um só grão della; mas em todas as outras mercadorias da India podem os mercadores traficar livremente. Por isso El-Rei reserva em cada uma das náos o lugar de quinhentas tonelladas de pimenta; e o mais é para a fazenda dos mercadores e marinheiros, que não pagam frete, mas somente em Lisboa trinta por cento. Chegados a Goa aquelles dez navios com a pimenta, foram carregadas as náos e prestes para a torna-viagem a Portugal, das quaes foi por cabo principal e capitão mór André Furtado de Mendonça, que havia tres mezes que tinha saído do cargo do Governador.

Tivemos pois a licença do Vice-Rei, mas não nos deu mantimentos como nos promettera, e somente se ordenava no nosso passaporte aos officiaes do navio que nos deixassem embarcar a nós, e ao nosso feto, e matalotagem, que é o mantimento, que cada um leva; e que nos dessem uma ração de biscouto e agua, como se dá aos marinheiros. Porque, segundo já disse, El-Rei dá todas estas commodidades quando se vai para a India, mas na torna-viagem não dá nada, senão aos officiaes de mar, a saber, biscouto para toda a viagem, e outra cousa não; e isto se faz de caso pensado, com temor de que se se dessem mantimentos na torna-viagem, como se dão á ida, a maior parte da gente se viria embora, e assim são obrigados a ficar na India.

Em quanto pois se carregavam as náos cada um apparelhava a sua matalotagem; mas deve-se notar que quando um Vice-Rei, Arcebispo, em outro grande senhor passa de Goa a Portugal, todos os soldados pobres, e outros folgam com isso, porque estes grandes promettem sustentar um certo numero de homens, como cem, por exemplo, mais ou menos. Ora o Arcebispo de Goa fazia tenção de se embarcar em uma das náos, mas depois tomou outro accordo, e ficou ainda em Goa aquelle anno. Mas quando se soube que André Furtado devia recolher-se, cada um se foi a elle para ser posto no seu rol, porque elle tinha mandado metter mantimento para perto de duzentas pessoas com os seus servidores. Desconfiava-se que este fidalgo estava empeço-nhado, porque muito tempo havia que estava enfermo, e na India dão-se venenos lentos, e que duram quanto se quer. Fizemos diligencia por nos embarcarmos na sua não, mas não houve meio de o obter, porque o nosso passaporte trazia o nome de outra embarcação; e isso foi a nossa salvação, posto que nesta viagem tenhamos padecido tudo quanto se pode dizer de mal e necessidades. Houve quatro Inglezes que se embarcaram com elle vencendo as maiores difficuldades do mundo. Porque nós estávamos repartidos a qua-

tro e quatro, entre Francezes, Inglezes, e Hollandezes. Mas aquelles pobres Inglezes ficaram bem espantados de lhes serem lançados ferros aos pés no mesmo ponto em que foram embarcados na náó. E ainda todos os estrangeiros que se embarcaram nas outras tres náós, que saíram antes de nós, sendo chegados a Lisboa, foram todos mettidos em prisão; mas nós fomos mais felizes no meio dos males que padecemos.

A náó em que se embarcou André Furtado chamava-se *Nossa Senhora da Penha de França*, o mesmo nome que tem uma igreja de Lisboa. Foi a primeira que carregou e ficou prestes, e saíó a 26 de Dezembro de 1609. Quando elle partio toda a gente de Goa se carpió e lastimava, porque havia trinta annos que elle estava na India, para onde viera mui moço, e onde fizera a guerra mui venturosamente. Era tão amado do clero, do povo, e até dos reis da India, que todos diziam que nunca houvera Vice-Rei, nem cabo que fosse tão grande capitão, tão esforçado, virtuoso, e amado, como tinha sido este Senhor Furtado. Quando elle se foi a embarcar e dar á vela, era a mais bella cousa do mundo ver como todos o hiam acompanhar até á barra, e despedir-se d'elle em suas manchuas cobertas, e feitas em forma de galeota, cheias de toda a sorte de musicas, refrescos de fructas, e presentes. E posto que todos mostrassem grande alegria e contentamento, não deixavam todavia de estar tristes, e magoados em seus corações de ver partir este fidalgo. El-Rei de Hespanha, desejoso de o ver, o mandára chamar (a). Na despedida prometteo aos moradores de Goa voltar depois de se ter avistado com El-Rei (b). Mas não acabou a sua viagem, porque morreo no mar junto

(a) O que tinha governado a India não podia permanecer nella. Esta era a razão porque André Furtado se recolhia, posto que não se possa duvidar que El-Rei tivesse desejo de ver o mais famoso capitão da India daquella epocha.

b) André Furtado só podia voltar á India como Vice-Rei; e isso não estava em sua mão promettel-o.

das ilhas dos Açores, como eu depois da minha volta soube estando em Hespanha.

E porque nem todas as quatro náos saíram juntas e ao mesmo tempo, por estarem prestes umas primeiro que as outras, foi resoluto que se faria detença na ilha de Santa Helena por espaço de vinte dias, e que passados elles se deixaria uma carta na capella para dar aviso da passagem e partida.

A outra não, chamada *Nossa Senhora do Carmo*, saíu a 8 de Janeiro de 1610, e nella se embarcou D. Manoel de Menezes, capitão mór das quatro náos da viagem daquelle anno de Portugal á India. Mas na torna viagem, e quando o Vice-Rei (ou governador) recolhe a Portugal, é elle o capitão mór da armada.

A terceira não, chamada *Nossa Senhora da Piedade*, saíu a 15 do dito mez, e nella foi por capitão D. Pedro Coutinho, que sabia de capitão de Ormuz. Na mesma não passou a Portugal o embaixador da Persia, que da parte de seu rei hia perante El-Rei de Hespanha para o incitar a fazer a guerra ao Turco, e levava grandes presentes.

Da quarta não, que é a em que nos mandaram embarcar, fallarei no capitulo seguinte.

CAPITULO XXII.

Partida de Goa; modo dos embarques; ração a bordo; tratamento do auctor; bichos da India.

A quarta não de viagem era chamada *Nossa Senhora de Jesus*, e nesta nos embarcámos por ordem do Vice-Rei a 30 de Janeiro. Eramos tres Francezes, e um Hollandez, que todavia caio tão gravemente enfermo, que se vio obrigado a voltar para terra e ficar em Goa. Havia tambem um Flamengo, que passou por grumete, e foi recebendo

o soldo competente. O capitão desta não chamava-se Antonio Barrozo. Embarcámos de noute por causa da maré, o que é mui perigozo por respeito dos ladroës, que então vão esperar os pobres que se vão embarcar com seu fato e mercadorias para os roubar e despojarem, e ainda muitas vezes os aleijam e matam. Estivemos quatro dias a bordo da não antes de dar á vela, o que só fizemos a 3 de Fevereiro.

E' cousa admiravel como nestas náos, que parecem fortalezas, vai embarcada tanta multidão de gente, e tão grande quantidade de mercadorias. A nossa levava tal carga sobre o convez, que as mercadorias chegavam a meia altura do mastro; e por fóra sobre os porta-ouvens, que são o resalto de uma e outra banda, não se via senão mercadorias, mantimentos, e *ranchos*, que são as pequenas cabanas, em que os marinheiros e outra gente se mettem, e as cobrem de pelles frescas de bois e vaccas; em somma, tudo estava tão empachado, que apenas se podia alli dar um passo.

No segundo dia do nosso embarque, estando ainda surtos, e os officiaes da não em terra, um chamado Manoel Fernandes (que é aquelle que levou uma estocada em Goa, de que hia morrendo, quando foi ver a manceba de um soldado, como em outro logar disse (a)) em quanto se trabalhava no arranjo da não, veio dar-me uma bofetada, dizendo que se nós não queriamos trabalhar, nos lançaria ao mar; e que nós eramos *Luteranos* *Hollandezes*. Este homem tinha na verdade sido maltratado pelos *Hollandezes*, como fui informado; e depois durante a viagem me tratou com muita brandura e civilidade; o que creio que foi depois de saber que nós eramos *Francezes*, posto que elles nos aborrecem tanto ou mais que a qualquer outra nação. Eu soffri com tudo aquella desattenção com a

a.) A pag. 111 deste volume.

maior mansidão que me foi possível, temendo que me acontecesse peor, ou que me mandassem desembarcar.

Quando o nosso capitão se embarcou, vieram mais de trinta galeotas ou manchuas ao redor da nossa não com musicas de toda a sorte de instrumentos; e as galeotas das armadas davam descargas de arcabuzaria, com salvas de artilharia, e desta forma cada um se despedia de seus amigos. Ao mesmo tempo que nós davamos á vela, sahia tambem a armada que hia á conquista de Cuama entre Sofala e Moçambique. E como se sãe da barra de Goa, a doze legoas para o norte, avistam-se umas ilhas aridas, a que pelo seu aspecto os Portuguezes chamam *Ilhéos Queimados*, que são rochedos mui perigosos. E' a primeira terra que avistam os navios que vem de Lisboa para Goa. Ficou detida em Goa uma das quatro náos que vieram este anno, porque tendo chegado muito tarde, não coube no tempo concertal-a; e em logar della tomou-se outra que havia ficado do anno antecedente. E tambem não havia pimenta para a sua carga, porque mesmo as outras não tinham para si carga sufficiente. Isto redunda em damno dos officiaes do navio, quando chegam muito tarde, porque é mister deterem-se lá um anno, em que nada mais fazem senão despesa; mas por isso são os primeiros que ficam prestes no anno seguinte.

Na nossa não hiam ao todo outocentas pessoas, pouco mais ou menos, entrando os escravos, e quasi sessenta mulheres Portuguezas e Indianas. Hiam tambem dous frades Franciscanos, sem licença do Arcebispo, nem de seu superior, e estes se haviam embarcado secretamente, e tinham dinheiro para pagar seu gasalhado e comedorias; e até creio que em Goa mesmo o tinham pago ao mestre piloto, que era meeiro na sua matalotagem ou victualhas. Custa a passagem por cada pessoa trezentos pardãos, e é mister pagal-os adiantados em Goa. Estes dous frades Franciscanos foram presos no Brazil quando nós alli chegámos, e enviados

a Portugal. A' India vai quem quer, mas não é assim na volta, principalmente para os Jesuitas, e outros Religiosos, se não tem causa legitima.

Quando pois estivemos embarcados, ficámos mui espantados do costume que os Portuguezes usam em seus navios de Goa a Lisboa, que é não dar á gente do navio senão uma pequena ração de pão e agua, como já disse; e nós julgávamos que teríamos uma ração ordinaria como em nossos navios; o que nos impedia de fazer o nosso provimento, como facilmente poderamos ter feito; e de mais a mais tinham promettido dar-nos mantimentos; de sorte que nos embarcamos desprovidos totalmente delles, alem de quatro ou cinco dias somente. Como estivemos á vela, no dia seguinte nos apresentámos ao capitão e ao escrivão, e lhes mostrámos o nosso passaporte, que já havíamos feito ver na occasião do embarque aos guardas do navio, que são dous homens postos por El-Rei para tomar conta de tudo o que alli entra e sae, assim de homens como de mercadorias. O capitão ficou admirado de saber que nós estávamos no seu navio, porque se pode estar alli cinco e seis mezes sem saberem nada uns dos outros; tão grandes são os navios, e tanta gente vai nelles; e quando o capitão soube de nós que não tínhamos provimento algum de viveres, disse-nos que havíamos sido mui mal-avisados em termos aquelle descuido; e ficou mui agastado contra o Vice-Rei e Vedor da Fazenda, por ser costume quando algum se embarca por mandado del Rei, dar-lhe comedorias á custa do mesmo Rei; e chamava-lhes ladroões, porque apesar de tudo não deixariam de lançar em conta a El-Rei os nossos mantimentos como se nol-os houveram dado; e que se agora nos mandasse dar pão e agua, seria cercear outro tanto a ração dos marinheiros. Todavia isto lhes fez ter tanta compaixão de nós, que em todo o discurso da viagem foram mui meigos e cortezes connosco, e foi defendido a todos dizerem-nos ou fazerem-nos alguma cousa desagrada-

vel, o que foi bem observado; mas no que toca ao comer padecemos tudo quanto é possível. E ainda por tão pouco biscouto e agua que nos fallecia, quiz a má ventura que o navio fosse tão empachado, que era impossivel havel-o para mais de quinze dias a contar do lugar onde estavamos, de sorte que foram obrigados a toma-lo emprestado de varios para juntar a nossa ração de um mez, que era pouco mais ou menos trinta libras de biscouto, e um barril de agua para cada um contendo doze canadas (a); mas o peor era que não tendo nós um lugar fechado onde guardassemos estes provimentos, nol-os roubavam de noute, apesar da rigorosa defesa que disso havia sob pena corporal; e alem disso quando chovia, não tinhamos meio de os pôr a coberto.

Havia ainda uma grande mortificação geral em toda a não, e era, uma especie de animaes semelhantes a bizouros, que elles chamam *baratas*, e que alli ha em tal quantidade, que atormentam e molestem grandemente a todos os que vem da India, mas não aos que vão; porque estes bichos vem das Indias; e quando se matam entre as mãos, lançam o maior fedor do mundo. A nossa não estava toda cheia delles, e furam todos os cofres, pipas, e outros vasos de pão; o que muitas vezes é causa de se derramar o vinho e agua. Este bicho come tambem o biscouto, e faz nelle grande estrago.

O biscouto, de que se servem, e se fabrica em Goa, é tão alvo como o nosso pão *de cabido* (b); e para o fazerem tomam o pão mais alvo, cortam-no em quatro fatias, e o tornam a metter no forno por duas vezes. Este biscouto é muito gostoso. Tinhamos agua, em quanto a houve, tanta como os marinheiros, e officiaes da não; e semelhante

(a) Vingt-quatre pintes, diz o texto original.

(b) *Pain de chapitre*, que o *Dictionnaire Universel de Maurice de La Chatre* interpreta assim: = *Pain qu' on distribuait autrefois, tous les jours. aux chapelains dans quelques chapitres* =

mente biscouto; mas no fim de três mezes a ração veio a faltar, e ás vezes a viagem dura oito e nove mezes, mais ou menos. Tudo isto nos fez padecer muitas amofinações nesta viagem de Goa até á Bahia de Todos os Santos, onde estivemos seis mezes, ou perto delles. Algumas vezes, mas raras, algum homem bemfazejo nos convidava a comer com elle, ou nos mandava alguma cousa. Mas o que é mais raro é o beber, que poucas vezes nos davam, isto é, uma pouca de agua ardente, ou vinho de passa. Quanto aos mantimentos o mal é que são todos salgados, para melhor se conservarem; o que dá maior seccura; de sorte que a maior parte das vezes eu não ousava comer por razão da pouca agua que tinha por dia, e pelos grandes calores e calmas que fazia. Mas o que ainda torna a agua mais escassa é que o principal mantimento é arroz, que é mister cozer em agua, o que consome muita. No demais estávamos medianamente bem, e eramos tratados com assaz de respeito; porque se algum imprudente nos dissesse ou fizesse alguma cousa mal feita, logo sem detença receberia o competente castigo.

Logo pois que começámos a navegar, o capitão tomou o nome de todos os que estavam na náó; e depois ordenou cabos da guarda, assim de dia como de noute. E de dia principalmente para atalhar que ninguem traga fogo pelo navio, o que é estreitamente defeso, com temor de algum inconveniente; porque no demais a justiça é alli tão rigorosamente observada pelo capitão, que elle pode sem appellação mandar dar tratos; e em causa civil condemnar em cem cruzados definitivamente.

CAPITULO XXIII.

Torna-viagem do auctor; avista-se a ilha de Diogo Rodrigues; tormenta horrivel; piedosos accidentes; Terra de Natal; Cabo da Boa Esperança; tempestades, e calmas.

Nove ou dez dias depois de sairmos do porto avistámos tres navios á vela, que vinham das partes da Arabia, e hiam para as ilhas de Maldiva, porque estavamos então na altura da cabeça destas ilhas, que é proximamente a oito grãos da linha para a banda do norte. Os Portuguezes á vista daquelles navios tomaram pavor julgando que fossem Hollandezes, o que tambem a nós mesmos dava grande apprehensão; por estarmos entre aquellá gente, da qual uns diziam que se fossem Hollandezes era mister lançar-nos ao mar, outros porem com mais piedade diziam que a culpa não era nossa. Os que haviam sido maltratados pelos Hollandezes, e lhes tinham passado pelas mãos, como á maior parte tinha acontecido, eram os mais fogosos contra nós, e difficilmente se podiam applacar: mas por fim não soube-mos que navios eram aquelles; e eu por mim julguei que eram das ilhas de Maldiva, e vinham da Arabia, ou eram Arabios que hiam á Sonda, Sumatra, e Java, com o que os Portuguezes muito folgaram, e nós tambem.

A 15 de Março de 1610 avistámos a ilha de Diogo Rodrigues, que está em altura de vinte grãos da linha equino-cial da banda do pólo antartico, e quasi quarenta legoas apartada da ilha de S. Lourenço para a banda de leste. Avistámo-la ao romper do dia. E' deserta. A' vista desta ilha tivemos uma mui forte e aspera tormenta, tal que apenas podiamos levar as nossas velas inferiores; o vento era mui contrario, e nos impellia com toda a força para a ilha, de tal sorte que quasi que a não podiamos dobrar; o que nos deu grande receio de alli morrermos, segundo parecia,

visto serem os mares tão grossos e tormentosos, e o vento tão impetuoso e contrario, e nós tão proximos de uma ilha desconhecida, para onde o vento nos impellia. A maior parte dos ouvens, assim do mastro grande como do de davante ou de mezena, começavam a romper-se; e que nos punha em grande susto, porque estes ouvens são os ligamentos e prisões, que seguram e sustentem o mastro em pé, e sem isso não poderia o mastro permanecer uma hora em pé e firme.

Passada a tempestade, que durou o espaço de cinco dias furiosamente, o nosso navio ficou todo aberto; e temendo que ao passar a Terra de Natal, e o Cabo da Boa Esperança sobreviessem outras tormentas, como ordinariamente costuma acontecer nestes logares, o mestre do navio mandou metter em baixo toda a artilheria, e tambem o batel, e amarrar o navio com cabos por tres partes, a saber, pela pópa, pelo meio, e pela proa. Estes cabos abarcam o navio todo ao redor pela banda de fora e por baixo da quilha, e vem atar-se depois de duas ou tres voltas mui bem ligadas e apertadas com os cabrestantes, de sorte que isto segura e aperta o navio; porque estes cabos são os a que se amarram as ancoras, com que o navio se segura no surgidouro.

Alguns dias depois desta tormenta houve uma dama mestiça da India, mulher de um fidalgo Portuguez, mui bella, e de idade de quasi trinta annos, que foi accometida de dores de parto, e morreo com a criança, e não tiveram outra sepultura senão o mar. Depois disto vi outro piedoso espectáculo de um dos grumetes, que estão de ordinario em cima da gavia do mastro grande, quando fazia grande calma, e que o navio balançava de um lado para o outro, de tal sorte que parecia que se hia virar de baixo para cima, tão grossas eram as vagas, posto que não fizesse vento algum; porque aquelle pobre moço caio inesperadamente de cima abaixo no convez, onde ficou todo partido; e morreo no mesmo instante.

Finalmente ao passar a Terra de Natal não tivemos tormenta alguma, mas só no Cabo da Boa Esperança, que avistámos a 8 de Abril de 1610. Quando estivemos na altura do Cabo fazia o maior frio do mundo, com muitas neves, gelos, e nevoeiros espessos, que nos deram insupportavel fadiga, tanto mais que tendo nós permanecido tão longo tempo na India, já quasi que não sabiamos o que era frio, e demais a mais não tínhamos outro vestido senão de algodão ou de seda mui leve, sem outra cousa alguma que nos podesse agasalhar do frio ou da chuva, e das ondas, que tão continuadamente, e em tão grande abundancia nos vinham bater nas costas, que muitas vezes fiquei tão molhado como se tivesse saído do fundo do mar; e assim tinha de me enxugar com toda esta frieza no corpo; porque não tinha logar algum para me pôr a coberto. Mas por outra parte aquecíamos bem a dar á bomba, e deitar a agua fora do navio, e a fazer outros serviços. Aqui padecemos tambem menos sede por causa do grande frio, e porque a agua ao beber-se gelava quasi a bocca e dentes; o que nos fez durar mais a nossa agua: mas ser-me-ria impossivel contar todos os agastamentos e miserias que padecemos ao passar este Cabo. Entre outras foi que um dia estando nós já proximos d'elle, tivemos uma tormenta mui aspera e penosa; que nós partio a nossa verga grande de meio a meio, o que nos deu muita lida e trabalho, tanto mais que os Portuguezes não andam providos de apparelho, materias, e de boa enxarcia e liames, isto é, cordoalha, e outros utensilios, como os Francezes e Hollandezes, de sorte que quando lhes acontece algum accidente em seus navios, ficam bem embaraçados.

Durante esta tormenta sobreveio ainda uma grande disputa e bulha, porque tendo-se tomado a resolução de lançar ao mar todas as caixas, fato, e mercadorias que estavam de cima, para alliviar o navio, e nos salvar do perigo, começou-se pelas que estavam mais proximas, e primeiras que

se acharam à mão, o que excitou um tal rumor e tumulto de uns contra os outros, que passaram ás pancadas, e golpes de espada, a ponto de que o capitão se viu obrigado a mandar prender muitos, e lançar-lhes ferros aos pés. Esta tormenta durou perto de dois mezes inteiros, que tanto gastámos a dobrar o Cabo, com muitos infortunios e inconvenientes que nos aconteceram. Se desde a hora em que o avistámos, nos tivesse continuado o vento favoravel por seis horas somente, têl-o-hiamos dobrado felizmente; mas estando tão perto d'elle, quiz a má ventura que tivessemos de recuar muito para longe; e assim ficámos até ao ultimo de Maio seguinte sem poder passar por causa destas grandes tormentas, e dos ventos contrários, que durante aquelle tempo alli encontrámos.

A causa deste inconveniente foi partirmos de Goa muito tarde, pois o costume é sair sempre no fim de Dezembro, ou principio de Janeiro. É certo que corremos grande perigo por causa da furia das tormentas, que não havia memoria de serem tão grandes, e de tão longa duração, como dizia um dos nossos pilotos, que havia feito muitas vezes aquella viagem. A nossa verga grande partio-se ao meio por duas vezes, as velas romperam-se tambem mais de trinta vezes, caíram ao mar e affogaram-se tres marinheiros e dous escravos. O navio foi de tal sorte agouçado do mar e ficou tão aberto, que no resto da viagem não cessaram de trabalhar dia e noite as duas bombas; e ainda assim mal se podia despejar a agua que nelle entrava em tal abundancia, que não era bastante a esgotal-a toda a gente do navio, que nisso trabalhava, entrando o capitão. Nesta extremidade, que era sem remedio, o capitão com os fidalgos e mercadores poseram o negocio em conselho, e resolveram voltar para a India, vendo que não podiamos passar o Cabo; accrescendo tambem que é defeso pelo Rei de Hespanha dilatarem-se nestes mares na diligencia de dobrar o Cabo alem de 20 do mez de Maio. Mas

os mestres pilotos, marinheiros, e outra gente do navio não foram deste parecer, dizendo que o nosso navio não estava em estado de voltar para traz, e tornar a passar por aquella Terra de Nata, onde as tormentas são continuadas; e segundo este ultimo accordo determinámos esperar, e ficar pairando á mercê de Deos. Accresce que é impossivel aos navios portuguezes, por sua grandeza, poder portar e surgir no Cabo da Boa Esperança, embora os Francezes e os Hollandezes o possam fazer, por navegarem em navios mais pequenos.

Succedeo-nos ainda outro mui grande inconveniente, e foi que estando perto de terra sobreveio calmaria, de sorte que as velas de nada serviam, nem podiam ajudar o navio a amarrar-se. O mar impellia-nos para terra, e nos metteo dentro de uma grande enseada, onde chegámos a estar tão perto da terra, que julgavamos não poder já dalli sair, nem dobrar as duas pontas da enseada, e assim não tínhamos outra esperanza senão na misericordia divina, e na compaixão da gente da terra. Cada um de nós se aparelhava já para pegar em suas armas, e outras cousas na tenção de ver se ganhara terra no caso de naufragio, o que os barbaros, naturaes do lugar, esperavam na praia com alvoroço, e creio que toda a composição, que delles podiamos esperar, redundaria em sermos comidos por elles, segundo as contas que lhe faziam, a julgarmos por seus modos; e estava na praia tal multidão delles que mais não podia ser. Mas neste meio tempo aprouve á bondade divina, salvar-nos deste perigo por meio de um pouco de vento terrenho que se levantou, e que nos poz fora da enseada, e assim nos salvou a nós e ao nosso navio.

A passagem deste Cabo é arriscada e perigosa por razão dos ventos, que ordinariamente alli combatem os navios; e pelas grandes e altas montanhas de rocha viva, que alli se vem, com grandes pontas, e despenhadeiros, que parecem tocar as nuvens com os topos.

O primeiro signal deste Cabo quando se vem da India, é verem-se no mar a trinta ou quarenta legoas distante da terra, a maior multidão de lobos marinhos, que é possível, os quaes marcham em bandos. Vê-se tambem grandissima copia de passaros brancos como cisnes, com a penia do rabo e das azas negra, e por isso os Portuguezes lhes chamam *Mangas de velludo*. Estes lobos marinhos e passaros são como sentinellas, que Deos alli quiz pôr, como outrosim as trombas ou juncos, de que já em outro lugar falei. Isto dá grande consolação aos podres navegantes, porque estes animaes nunca deixam de vir saudar os navios. E quando se vêm, toma-se logo a sonda, e nunca mais se larga em quanto se está á vista do dito Cabo. Quando os marinheiros Portuguezes se sentem proximos delie, correm logo a apparellhar as suas linhas para a pesca; porque é impossivel ver mais peixe do que ha neste mar, de todas as qualidades, e excellente; e entre outras ha uma especie, a que chamam *cavallo*, para cuja pesca lançam suas linhas ás vezes até oitenta e cem braças de profundidade; e destes apanham-se alguns que quatro homens difficilissimamente podem carregan. Este Cabo da Boa Esperança é chamado o *Leão do mar*, por ser este aqui mui farioso.

Este Cabo, pelo menos o das Agulhas, que são mais ao mar, está a trinta e cinco grãos da linha equinocial da banda do polo antractico; e a outra ponta, propriamente chamada o Cabo da Boa Esperança está a trinta e quatro e meio. O povo que habita esta costa, e até Moçambique, é mui brutal e grosseiro, bronco, quanta pode ser, e sem espezteza alguma, negro e disforme, sem cabellos nem outro algum pello na cabeça, e os olhos sempre ramelosos. Cobrem as partes vergonhosas de pelles de animaes com todo o pello; depois cobrem as costas com uma pelle inteira, que prendem adiante ao pescoço, deixando os rabos dos animaes pendentes, de sorte que de longe se diria que elles tem rabo. As mulheres tem os peitos mui compridos,

e vestem-se do mesmo modo. Comem carne humana, e animaes crus, entrando intestinos e tripas; sem as lavarem, como fariam os caës. Os homens não tem outras armas senão certos dardos agudos com ponta de ferro. Alem disso vivem sem lei e sem religião, como bestas feras.

Em fim depois de havermos padecido muitas fadigas no meio de tantas tormentas, prouve a Deos enviar-nos um tão bom vento, que no ultimo dia de Maio de 1610 dobrámos felizmente o Cabo, e no seguinte dia quando nos certificámos de o ter passado, entrámos em esperança de ir a Portugal, e não retroceder para a India. Porque quando se volta da India nunca chegam a ter esta esperança sem haver passado o Cabo, e antes disso estam sempre arriscados a retroceder; e semelhantemente acontece aos que vão de Portugal á India. Naquelle dia pois em signal de regosijo cantou-se uma missa secca com *Te Deum* em acção de graças a Deos. E no domingo seguinte representou-se uma mui bonita comedia, que se tinha ensaiado e aprendido durante a viagem de Goa até ao Cabo, para ser representada quando o houvessemos passado. O que foi cousa quasi impossivel e não esperada, porque nunca os navios passam o Cabo tão tarde nesta estação quando voltam da India; e se não viesse aquelle bom vento, teriamos morrido alli sem esperança alguma de salvação, porque nos era impossivel retroceder para a India, por estar o nosso navio aberto, e ser necessario passar a Terra de Natal.

Tres dias depois, que foi aos 5 de Junho, juntou-se conselho para saber se se devia ir em direitura a Portugal, se havia provimento sufficiente de agua para o tentar, e se o navio podia aguentar: e finalmente depois de muitos pareceres foi resolutó que se arribasse á ilha de Santa Helena para refrescar, e concertar o navio, por quanto era esta ilha a terra mais proxima, havia vento á pópa nessa derrota, e apesar de ser afastada do Cabo seiscentas legoas, ficava no caminho. Tomada esta resolução, e temendo

nós achar Hollandezes naquella ilha, repoz-se em cima toda a artilheria que se havia mettido em baixo, e armou-se o navio. Havia ao todo quarenta peças grossas de bronze.

CAPITULO XXIV.

Ilha de Santa Helena; sua descripção; e o que alli nos succedeo.

A 25 do mesmo mez de Junho chegámos á ilha de Santa Helena, onde não achámos outro algum navio; senão somente na capella cartas das outras tres náos, que tinham passado juntas. Achámos tambem cartas, que deixára uma caravella enviada por El-Rei de Hespanha para saber novas nossas, e que tendo perdido a esperança da nossa chegada alli, se havia recolhido.

Tendo desembarcado, fiquei mui espantado de ver a capella no estado em que estava, porque quando eu alli passára para a India, como atraz disse, esta capella estava mui bem ornada de um bom altar, e de bellas imagens e painéis, e no alto do frontispicio tinha uma bella e grande cruz de pedra de cantaria, branca como marmore, e bem fabricada, que os Portuguezes haviam trazido de Portugal; mas ao tempo da minha torna-viagem tudo havia sido feito pedaços pelos Hollandezes, que alli passam ordinariamente, em desforra de os Portuguezes tirarem todos os painéis, imagens, bilhetes, e escriptos que os ditos Hollandezes alli tinham deixado, de sorte que uma vez deixaram um bilhete que dizia aos Portuguezes „ deixai as nossas imagens e painéis, que nós deixaremos os vossos „ mas não o fizeram assim; antes em revindicta uns dos outros tudo tem sido quebrado e destruido, e nem ainda tem poupado a maior parte das arvores. Nós fizemos reformar de novo o altar, e por-lhe paramentos; e depois tendo feito aguada, to-

mado refrescos, e concertado o nosso navio o melhor que nos foi possível, no fim de nove dias (a), nos reembarcamos para levar anchoras e dar á vela.

Mas antes de sair de Santa Helena, direi o que pude saber mais particularmente desta ilha na minha volta; porque na nossa primeira passagem não tivemos tanto vagar, nem curiosidade de a observar tão bem. Esta ilha está, como já disse, a seiscentas legoas pouco mais ou menos do Cabo da Boa Esperança para o occidente; além da equinocial quasi dezaseis grãos. E' mui difficil de achar quando se vai para a India, e muitos a tem buscado em vão, porque quem vai para o oriente não segue esta derrota, mas só na tor-na-viagem, de sorte que foi uma grande casualidade haver-mol-a nós encontrado na nossa primeira passagem, e disso se admiravam muito Portuguezes e Hollandezes. Esse encontro foi tambem contra a opinião e pensamento do nosso piloto, porque estando nós mesmo a par della, o nosso capitão-mór lhe perguntou se elle já alli havia passado alguma vez, e tendo respondido que sim, lhe perguntou então a que porto se devia ir surgir; mas não sabendo elle onde estava, acertou de haver alli um moço Hollandez, seu criado, que soube dar melhor razão deste negocio, por haver alli de feito estado. Isto pôz, então ao nosso capitão mór em grande desconfiança de que fôra enganado por este piloto, como depois na verdade mui bem se descobriu que assim fora. E todavia aquelle piloto ganhava todos os mezes cem escudos de ordenado, mesa franca com o capitão, e todos os dias a sua ração de uma canada de vinho (b), e pão, com seu creado que recebia paga de marinheiro, e era tambem sustentado, alem do que elle proprio já havia

(a) Assim está no original, mas deve ler-se *dezasseis dias*, que é a conta que resulta das datas apontadas pelo auctor.

(b) *Une quarte de vin*, escreve Pyrard. Ora uma quarte continha duas pintas, e cada uma destas equivale a meia canada portugueza; pelo que a quarta é igual a uma canada.

custado a sustentar durante seis ou sete mezes, juntamente com sua mulher, em S. Maló. O que mostra com quanto resguardo se devem escolher pilotos competentes para uma importante viagem.

Mas tornando á ilha de Santa Helena, o seu porto é mui bom, e podem chegar-se os navios mui junto de terra, e até as náos. Tem esta ilha cinco ou seis legoas de circuito; os seus ares são mui bons, as aguas mui sadias, e descem das montanhas muitos regatos abundantes que vão entrar no mar. No alto da montanha ha grande quantidade de arvores de ebano, e de páo-rosa. Ha alli muitas especies de animaes, como cabras, javalis, perdizes brancas e vermelhas, pombos bravos, galinhas da India, phaisoës, e outros. Os fructos são limoës, laranjas, e figos em grande quantidade. Ao redor de toda a ilha pesca-se muito peixe, e entre outros uma especie, que os Portuguezes chamam *cavalla*, que é da forma dos nossos sargos, o qual se salga e sécca para servir nas viagens. Ha tambem abundancia de enguias do mar, e outras muitas especies.

Quando os Portuguezes chegam a esta ilha, aprestam suas linhas para fazerem uma pesca geral, e em quanto uns vão pescar, vão outros á caça nas montanhas, e assim não lhes falta carne nem peixe. A carne porem não se pode conservar longo tempo no sal, mas é mister comel-a promptamente, e ainda guardal-a das moseas, porque de outra sorte fica logo toda coberta de bichos. E porque nós não sabiamos isto, tendo deixado postas de carne, para nos servir-mos dellas no fim de uma ou duas horas, fomos achal-as totalmente cheias de bichos. Quanto ao peixe, esse guarda-se bem no sal.

Toda a ilha é rodeada de grandes rochedos, em que o mar bate furiosamente sem cessar; e ha concavidades nas quaes entrando a agua assim com impeto, repucha ás vezes para o ar, e dura este repucho por longo tempo, donde procede que com esta detença, e com o bater do sol

continuado, se forma sal mui alvo e bom; o qual posto que não seja em grande quantidade, é todavia bastante para o uso ordinario.

Esta ilha é extremamente pequena, mas de mui grande commodidade para a viagem das Indias Orientaes, e seria mui difficil, quasi impossivel mesmo, fazel-a, se não houvesse ali a dita ilha. E eu creio que Deos a quiz pôr neste lugar, que é quasi a meio caminho, e no meio do grande oceano, para dar conhecimento da fé a todos aquelles povos indios, e mostrar-nos a nós as cousas admiraveis, que se vêm naquellas regioẽs tão remotas. E por isso a providencia lhe deu a melhor temperatura de ar, de terra, e de agua, que é possivel; que segundo me persuado se não poderá achar outra tal no resto do mundo, attenta a sua pequenez. Antes de os Portuguezes irem á India, não havia nesta ilha gado algum, nem fructos, mas somente alginmas aguas doces, e as arvores que a terra produz naturalmente.

A ilha de si é mui secca, mas chove alli frequentemente. As montanhas são mui altas, e mui difficéis de subir, e se não fossem as cabras e os porcos, que alli ha em grande numero, e que pizam e trilham os caminhos, seria impossivel subil-as, e ainda mais desce-l-as. Vi alli muitas vezes homens tão emmaranhados, que bradavam por soccorro, e se se lhes não accudisse, não pderião ter dalli saido. Faz um calor excessivo nos valles, e no alto das montanhas um frio espantoso por causa dos ventos frios; de sorte que tinhamos necessidade de pôr-nos abrigados do vento, e acender fogo, ainda que então tivessemos o sol quasi a prumo sobre nós. A maior parte das vezes é mister subir de gatinhas, e descer de costas escorregando; e sem esta difficuldade não permaneceria alli gado algum, porque todos os navios quando passam tornariam tanto quanto lhes aprouvesse; e agora que ordinariamente alli vão tambem os Holandezes, estes extingui-

am tudo, de sorte que hoje só por acaso se acha alli algum fructo, e a maior parte das arvores estão quebradas ou cortadas; e os navios ao passar levam os fructos, ainda que estejam em flor, e dizem que antes querem apanhal-os assim, que deixal-os aos Hollandezes e Inglezes, e estes aos Portuguezes.

Assim esta terra está inteiramente mudada desde que alli vão outras gentes alem dos Portuguezes. Era coisa bella e admiravel quando alli chegámos no anno de 1601 em comparação do que achei á torna-viagem no anno de 1610, por causa da ruina, assim da capella e da cruz, como das arvores e cazinhas, de sorte que agora não se pode contar com os fructos da terra. Tinha eu visto que havia uma quantidade prodigiosa de mostarda; agora quasi nenhuma.

Os Portuguezes tem costumado deixar alli os seus doentes; e agora os Hollandezes fazem o mesmo. Deixam-se provimentos aos doentes, como biscouto, e outras commodidades do navio; e em quanto á carne e peixe, não lhes faltam alli. Os animaes estão tão affeitos a isto que quando vêm chegar os navios, fogem todos para as montanhas, e quando sentem que são partidos, voltam para os valles, e entre outros para o da capella, que é o mais bello e vasto; e porque se lhe semea sempre alguma cousa, vem alli comer. Os homens que ficam na ilha apanham a caça com esta invenção, que como ha alli hortas cercadas de muros. deixam a porta aberta, e depois de os animaes estarem dentro, uma pessoa escondida puxa de longe uma corda presa na porta, e a fecha, e assim apanham quanta caça querem, e soltam o resto. Os doentes ficam alli até virem outros navios que os recebam; e infallivelmente recobram a saúde, tão bons são os ares; e nenhum morre, segundo as informações que collhi. Mas não ousarão deixar alli mais gente alem dos doentes, pelo Rei de Hespanha o ter defendido expressamente, com temor de que se não fizessem senhores

e proprietarios da ilha; o que incommodaria muito os pobres navegantes -fatigados do mar, que não achariam cousa alguma para se refrescar e restaurar, ou lhe venderiam bem caro o que houvesse, e assim seriam obrigados a deixar alli uma parte dos lucros da sua viagem.

Ouvi dizer aos Portuguezes que uma vez um ermitão havia permanecido alli alguns annos, mas El-Rei de Hespanha mandou que fosse recolhido a Portugal, porque fazia um grande trafico de pelles de cabra, que matava em tão grande numero, que com o tempo teria destruido todas as da ilha. Dizem tambem que uma vez, dous homens e duas mulheres, todos escravos, se escaparam e esconderam nesta ilha, e ali permaneceram largo tempo, sem poder ser descobertos, porque quando viam vir os navios ao longe, iam-se acolher nos logares mais remotos e inacessiveis; e no discurso do tempo multiplicaram até ao numero de vinte, e faziam grande destroço, sem que os podessem apanhar; mas em fim foram apanhados; e depois disso não houve mais moradores nesta ilha.

Quando alli chegam os navios, toda a gente vai, uns á caça, outros á pesca, outros a fazer aguada, outros a lavar roupa, colher fructos, ervas, mostarda, e outras cousas, cada um para si. Diz-se alli missa todos os dias, e cada um se regala como pode. Todos os que passam escrevem mui gostosamente seus nomes, e data de sua passagem, gravando-os na casca das figueiras; o que dura em quanto dura a arvore, e as letras crescem até ao comprimento de meio pé. Vêm-se alli nomes escriptos dos annos de 1515 e 1520.

Houve dous Portuguezes e dous escravos, com um Indio da nossa não, que tinham feito desenho secretamente de ficar nesta ilha, e até já tinham levado para terra todo o seu fato, e se haviam ido esconder nas montanhas com algum proximento de arcabuzes, munições, e linhas de pescar; mas foram descobertos, e recolhidos á não.

Partimos pois de Santa Helena na resolução de ir ao

Brazil, aos 14 de Julho do dito anno; e tomando esta derrota tivemos bom vento, que nos levou lá pela graça de Deus; aliás se tivéssemos vento contrario sem duvida nos perderíamos. Traziamos o nosso batel a reboque por um cabo, o que é contra os regimentos d' El-Rei de Hespanha, e se não fôra por fazer aguada em Santa Helena, têl-o-híamos deixado em Goa; mas o costume é mettel-o no fundo em Santa Helena; ou rompê-lo; porquanto ás vezes o batel é causa da perda do navio; e dá aso aos capitães e principaes dos navios de serem poltroës, fiados na esperança que tem de se salvar nelle, quando virem o navio em perigo.

CAPITULO XXV.

Partida de Santa Helena; accidente succedido ao navio; morgulhador francez; chegada ao Brazil; perda do navio.

Sendo partidos de Santa Helena sobreveio-nos um inconveniente, que julgámos seria a nossa perda; porque tendo levado uma de nossas âncoras da banda de terra, e querendo levar a outra; quiz a má sorte que esta se achasse embaraçada n.º um grosso cabo velho, que estava no fundo do mar desde muito tempo: Este cabo ficára alli dos navios Hollandêzes, segundo se dizia; e fez escorregar a nossa âncora por elle todo, e todavia nós julgavamos que ella ainda estava amarrada no fundo; o que foi causa do nosso pavor, porque temíamos que o navio estivesse roto, e nos parecia que o não fazer agua seria por estarem os rombos cheios de areia; mas o nosso receio era que quando elle saísse ao mar, e começasse a trabalhar, os rombos se destapassem; e tudo se perdesse.

Não podendo pois levar esta âncora, com a força que se fazia para a tirar se foi o navio acercando da terra,

sem nós darmos fé, até que estando já mui proximo della, o capitão reparou nisso, e mandou cortar o cabo a toda a pressa, largar a anchora por mão, e pôr promptamente á vela, o que foi feito sem detença em quanto ás velas de mezena e gurutep; mas não pudemos fazer isto tão prestes que no meio tempo o vento, que vinha da banda de terra, não virasse para o mar, e nos impellisse para a terra, de sorte que o navio ficou sobre o costado em pouca agua e fundo por espaço de cinco horas; o que nos espantou muito; e crescia a nossa admiração por vermos sair taboas do fundo do nosso navio da parte de fóra, o que nos fazia crer que estavamos perdidos. Com tudo o navio foi alliviado das aguas doces, que ~~tinhamos~~ tomado na ilha, e de outras cousas de menor valor; fizemos lançar anchoras mui longe ao mar, para espiar o navio á ~~força de homens~~, e depois de termos feito muitas orações a Deos, e padecido grandes trabalhos; em fim por graça do mesmo Senhor o navio começou a boiar, e foi puxado ao mar.

Haviam trazido para o pé do mastro grande a imagem de Nossa Senhora de Jesus, cujo nome o navio tinha, e toda a gente a invocava, e lhe rezava. E os frades Franciscanos, que hiam a bordo, trouxeram tambem a imagem de S. Francisco e o seu cordão; de sorte que depois de havermos trabalhado muito, e alliviado o navio, começámos a recobrar esperanza. E houve muitos que disseram ter visto um peixe, que não havia deixado o leme, e que quando foram buscar a imagem e o cordão de S. Francisco, logo aquelle peixe se salára, de sorte que muitos acreditaram que isto fóra milagre de S. Francisco, outros diziam que o fóra de Nossa Senhora de Jesus; mas nesta disputa eu creio que isto veio só da mão do Todo Poderoso, que nes tinha sob sua guarda.

O que não obstante o navio fazia muita mais agua do que era costume, o que dava occasião a duvidar-se se nós deviamos ficar nesta ilha, ou não; e tambem porque não

tinha agua doce, nem toneis para tomar outra. Com tudo tendo-nos dilatado alli por espaço de dez dias depois daquelle desastre, foi resolutio que nos aventurássemos em ir á Bahia de Todos os Santos, cidade capital do Brazil, onde tem seu assento o Vice-Rei Portuguez, da qual estavamos afastados quinhentas e cincoenta legoas.

Logo que assim fei resolutio, lembrou que não era bom deixar alli uma pequena imagem em vulto do Menino Jesus, que um fidalgo Portuguez tinha deixado e doado á capella da ilha; de sorte que todos diziam que a causa do accidente que nos era acontecido, era que a imagem de Nossa Senhora, que nós levavamos, não queria deixar seu filho apoz si. Tendo pois deliberado ir buscá-la, foram com a cruz e bandeira, cantando hymnos e ladainhas, e fizeram uma procissão ao redor da capella; e depois desta antes de entrar no navio fizeram outra procissão em volta delle no batel; e deixaram somente na dita capella os paineis de Nossa Senhora, e de Santa Helena, com um altar, e portas novas, que nós lhe fizemos.

Mas tornando ao nosso inconveniente, direi ainda, que nos deu assaz de trabalho, e foi mister achar um homem que soubesse mergulhar bem; de sorte que o capitão bradou que se ali houvesse algum que o soubesse e quizesse fazer, lhe daria cem cruzados, e uma certidão para haver alguma recompensa d' El-Rei. Mas não se achava quem tal soubesse, por mais esforço que alguns fizessem pelo conseguir, porque era mister dilatar-se muito debaixo d' agua, e atravessar por debaixo do navio, a sete ou oito braças de fundo ou mais, e fazia muito frio, porque então o sol estava no tropico de cancer, que é o inverno dalli. Mas houve um carpiateiro do nosso navio o Corvo, de Saint Maló, que tinha corrido a mesma fortuna que eu, o qual se arriscou a experimentar, com quanto não julgasse poder levar a cousa ávante. O capitão e os principaes do navio lhe faziam mui grandes promessas, e sobre isso vendo elle tam-

bem que se não podia recusar depois de haver dado algumas provas de sua habilitação, foi muitas vezes observar o navio por baixo a ver se estava roto; e posto que muitas taboas do forro exterior estivessem quebradas e desfeitas, das quaes até trouxe algumas que só estavam presas a um ou dous pregos, julgou que a quilha estava em seu perfeito ser (e é a quilha a mais importante peça do navio); de sorte que todos foram mui ledos de haver achado um tal homem, do qual teriam feito antes muito maior cabedal, se o houveram conhecido.

Por derradeiro ficámos persuadidos que Deos nos havia mandado aquelle infortunio para atalhar outro maior. Porque se o nosso navio não houvera tocado como tocou, teriamos partido na derrota de Portugal, e ido a pique, porque o leme estava despregado, como se conheceu ao observar o navio, porquanto se achou que de nove pregos e gonzos, que o seguram, estavam seis quebrados, ou despregados, e esses dos mais necessarios, de sorte que á menor tormenta, que nos assaltasse, seríamos perdidos. Este leme tinha ficado assim desmantelado por razão das tormentas, que haviamos tido no Cabo da Boa Esperança. Quando pois se descobriu isto, foi mister desarmar-o com grande trabalho, o que difficultosamente podemos fazer com os dous cabrestantes, e com toda a gente do navio, tão pesado era. E por boa fortuna se achou haver no navio muito a ponto gonzos e pregos, porque os Portuguezes não trazem nem ferreiro, nem serralheiro, como nós fazemos. Quando o leme foi concertado, no fim de seis dias, fez-se um petitorio pelo navio para se dar alguma cousa ao nosso mergulhador de Saint Malò, e não se tirou dinheiro algum, mas só mercadorias da India, como roupas de algodão, e canella, que tudo montou a doze ou quinze escudos. Mas quando depois estivemos outra vez em perigo no Brazil, foi mister que elle tornasse a mergulhar para levar cabos ao fundo do mar para rossegas as ancoras e o leme, e outros muitos traba-

lhós, de sorte que o Vice-Rei lhe deu quinze escudos, e lhe disseram que se elle fosse a Portugal, teria lá mais de cento e cincoenta escudos, e que se elle fosse Portuguez, alcançaria mais de trezentos escudos, alem de poder obter um cargo em alguma não da India.

A 8 de Agosto começámos a avistar a terra do Brazil, que é mui branca, e parece como lençóes, e toalhas que estão a enxugar, ou antes neve; e por essa razão os Portuguezes lhe chamam a *Terra dos lençóes*. Do logar donde começámos a avistal-a, era ainda a distancia de doze legoas.

A 9 do mesmo mez surgimos a quatro legoas pouco mais ou menos fóra da entrada daquella bahia, na qual não ousámos entrar por não a conhecermos, e o nosso piloto dizer que nunca alli estivera; pelo que enviámos a lancha, guarnecida por sete ou oito homens, a dar aviso ao Vice-Rei da nossa chegada, e que nos enviasse pilotos para nos guiarem. Em quanto assim estivemos aguardando a volta da lancha, estando surtos, aconteceu por desgraça que a amarra se partio sendo comida por uma rocha contra a qual roçava no mar, o que fôí causa de que o vento que soprava do mar nos hia lançando á costa, e estivemos em grande perigo. O que sendo percebido, e que a não hia descaindo para a terra, soltaram-se as velas, e assim nos amarrámos, á espera da volta da lancha.

Vindo a noute vimos fogos de signal, que significavam que nos vinham de soccorro tres caravellas carregadas de refrescos, e traziam pilotos para nos guiar; os quaes sendo em fim chegados, foi grande o nosso contentamento, tanto mais que havia seis mezes inteiros que eramos partidos de Goa, e por essa causa extremamente fatigados do mar. Restavam ainda no navio quinhentas e cincoenta pessoas, a maior parte das quaes estava enferma.

A 10 do mez pela manhã entrámos na bahia da banda do norte. Ha alli uma mui bella igreja da invocação de Santo Antonio, com grande numero de Religiosos, que saudá-

mos com descargas da nossa artilheria. A entrada desta bahia tem de largura pouco mais ou menos dez legoas; no meio della ha uma pequena ilha de quatro legoas proxima-mente de circuito, de uma e outra banda da qual podem entrar navios. Nós tomámos da banda do norte, e sendo entrados quasi a tres legoas dentro, surgimos, e saudámos novamente a cidade e o Vice-Rei a tiros de artilheria; e semelhantemente o Vice-Rei nos mandou dar uma salva de toda a sua artilheria, e ordenou se fizessem muitos fogos de alegria e artificio.

No dia seguinte, 11 do mez, foi resolutio que se chegasse mais o navio para dentro, porque não estavamos alli seguros, assim por causa dos Inglezes e Hollandezes, como pelo risco do tempo. O que foi motivo de levarmos ancoras para nos acercarmos mais da cidade, e estando a não á vela, o Vice-Rei com a nobreza veio a fazer-nos visita; mas querendo atracar, aconteceu por má ventura que a não tocou n' um banco de areia, porque esta bahia é mui perigosa, por haver nella muitos bancos de areia, o que não podemos atalhar, posto que tivessesmos dous bons pilotos da terra.

Vendo nós que não havia meio de salvar o navio, apesar de muito que para isso trabalhámos por espaço de seis horas, assentou-se, para salvar a fazenda e a gente, de cortar o mastro grande. E logo sem detença o Vice-Rei mandou vir trinta ou quarenta caravellas, e outras embarcações pequenas para ao redor da não, para recolherem a gente e a fazenda. Sendo assim feito, e ás mercadorias promptamente passadas ás caravellas, o navio ficou alliviado, começou a fluctuar, e nos chegámos para debaixo do alcance das artilherias da cidade, que se chama de *São Salvador*. Ainda nesta occasião nos servio bem o nosso carpinteiro Francez. Enviou-se logo a Lisboa uma caravella de aviso a dar conta da nossa chegada, e saber o que deveriamos fazer. Em quanto á não achou-se que já não prestava para nada por

razão das grandes fadigas e tormentas que havia soffrido; e por isso foi totalmente descarregada das mercadorias que levava.

CAPITULO XXVI.

Do Brasil, e suas singularidades. e do que alli acontenceo em quanto o auctor lá esteve.

A Bahia de Todos os Santos tem de largura cincoenta ou sessenta legoas, e está situada em altura de treze grãos da equinocial da banda do sul. Ha nella muitas ilhotas; e entre outras uma chamada *ilha dos Francezes*, porque foram os Francezes quem primeiramente descobrio o Brazil, e era alli que elles se recolhiam por sua segurança, e por se livra-rem dos commettimentos dos selvagens (a). Entram nesta bahia muitos formozos rios, navegaveis em bateis e barcos muito pelo sertão dentro, e por elles são conduzidas as commodidades de toda a especie áquella terra.

A cidade de São Salvador é um sitio muito alto, no topo de uma alta montanha de difficil accesso, e que do lado do mar é talhada a pique. Tudo quanto alli se leva, ou dalli sáe, sobe ou desce somente por meio de um certo engenho maravilhoso; e não se usam alli carretas, porque seria mui difficil e dispendioso, mas por meio daquella maquina custa pouco.

Nas fraldas da montanha, em extensão de mais de um quarto de legoa, ha cazas bem fabricadas de uma e outra parte, formando uma bella e grande rua, bem povoada de toda a sorte de lojas de mesteres e artifices. E' alli que estão situadas todas as tercenas e armazens de carga e des-

(a) Os Francezes dizem que o Brazil fora descoberto pelo seu Vicente Pinson a 20 de Janeiro de 1500, o qual assim antecederá ao Portuguez Pedralvrez Cabral, que só alli chegou a 24 de Abril do mesmo anno.

carga das mercadorias, assim d' El-Rei como de particulares. E não se fazem subir á cidade por aquelle engenho, que disse, as mercadorias, senão á proporção que se distribuem e vendem. Porque para pôr lá em cima uma pipa de vinho custa vinte soldos, e outro tanto para a pôr em baixo, de sorte que são quarenta soldos o custo de cada giro; porque quando se leva acima uma pipa, ou outra coisa pesada, vem para baixo outra do mesmo peso ao mesmo tempo, e é como os baldes que sobem e descem n' um poço.

E' esta cidade cercada de muros, e bem edificada. E' bispado, e ha nella um collegio de Jesuitas afora os que há nos campos; um convento de Franciscanos; um de S. Bento; e um do Nossa Senhora do Carmo; que todos são casas e igrejas bem feitas e bem edificadas. Cada dia se converte alli grande numero de pessoas á fé christã, e todavia não são tão firmes na fé como os Indios orientaes, quando são baptisados, mas ficam sempre assaz voluveis e brutaes.

Ha nesta cidade um hospital, que tem o mesmo regimen to que os de Hespanha e de França. Ha tambem uma Misericordia, e uma mui bella igreja cathedral ou Sé, onde ha um Deão e Conegos; mas não ha Inquisição, o que é motivo de haver lá tão grande numero de *christãos novos*, que são Judeos, ou raça de Judeos que se fizerão christãos. Dizia-se então que El-Rei de Hespanha queria estabelecer alli uma casa de Inquisição, do que todos estes judeos estavam mui amedrontados. Em quanto ao mais os Portuguezes governam-se no Brazil em tudo como em Portugal, e não como nas Indias orientaes. El-Rei de Hespanha sustenta na cidade de São Salvador tres companhias de infantaria, de cem homens cada uma, das quaes entra cada dia uma de guarda ao palacio do Vice-Rei ou Governador do Brazil.

A costa do Brazil contem quasi outocentas ou novecen-

tas legoas. E' uma terra mui aspera e bravia, quasi toda coberta de bosques; e até mui perto e em volta das cidades todos estes bosques são cheios de bugios e monos, que fazem muito damno. A terra produz pouco, e não avonda para sustentar os Portuguezes; e por isso toda a sorte de viveres lhe vem ou de Portugal, ou das ilhas dos Açores e Canarias. Assim que se não fora a grande quantidade de assucar, que se fabrica no Brazil, não haveria meio algum de alli viver. A libra de assucar não se vende lá por mais de dous soldos e seis dinheiros; e o que nós compramos em França, ou seja de mantimentos ou de cousas de vestir, por cinco soldos, vale no Brazil trinta ou quarenta soldos.

A riqueza desta terra é principalmente em assucares, dos quaes, como já disse em outro lugar, os Portuguezes carregam seus navios. Porque não julgo que haja lugar em todo o mundo, onde se crie assucar em tanta abundancia como alli. Não se falla em França senão do assucar da Madeira, e da ilha de Santo Thomé, mas este é uma bagatella em comparação do do Brazil, porque na ilha da Madeira não ha mais de sete ou oito engenhos a fazer assucar, e quatro ou cinco na de Santo Thomé. Mas segundo meu proprio conhecimento ha no Brazil, em cento e cincoenta legoas de costa, perto de quatrocentos engenhos, e toda a costa tem bem outocentas legoas. Todavia o resto da costa não tem tantos como aquellas cento e cincoenta legoas, que se comprehendem desde vinte e cinco legoas para cá de Pernambuco, até vinte e cinco legoas para lá da Bahia de Todos os Santos. Cada um destes engenhos ou moinhos rende por anno cem mil *arrobas* de assucar pouco mais ou menos, e a arroba peza trinta e dous arrateis, e quatro arrobas fazem um quintal, que pode custar lá quinze francos. Vendem-nos em França este assucar por assucar da Madeira, e é tão bom como elle, mas cá refinam-no, e mettem-no em fôrma, lá porém é mister partil-o e pizal-o para o metter

na caixa, porque aliás estando em pão não se accommodaria na caixa, e perder-se-hia mais de ametade; e é por esta razão que o refinam depois; mas quem o podesse trazer em pão, faria muito melhor, porque assim vinha no seu estado natural. Os que o refinam cá botam-lhe metade de alumen e cal.

O que os Portuguezes pois extrahem deste paiz é dinheiro, assucar, conservas, balsamo, e tabaco, mas não páo brazil, que El-Rei de Hespanha reserva para si, como em outro logar disse, porque sendo a terra ruim para se habitar, não tira della rendimento algum; somente os seus rendeiros recolhem todo este páo, e o enviam a estas partes da Europa. E ha-o lá em muita abastança, e ninguem ou saria tratar nelle, porque se fosse achado n' um navio pouco ou muito, que não fosse comprado a El-Rei, o navio seria confiscado.

Esta terra do Brazil é pois tão má, que seria impossivel habital-a, e permanecer ahi por muito tempo, se não fora este trafico dos assucares e do páo; e ainda o assucar se faz alli com grande fadiga e trabalho. E assim os Portuguezes confessam que os Francezes a descobriram e habitaram antes delles, mas que não poderam alli permanecer, porque o paiz é desagradavel e penoso, e lhes dava muita fadiga a elles, que folgam de achar seu comer feito. Mesmo a maior parte dos Portuguezes que lá estam, são degradados, fallidos, ou criminosos. Tambem quando El-Rei de Hespanha faz fundar alli alguma cidade, durante sessenta annos não cobra nella direito algum sobre qualquer mercadoria que seja, e se venda a retalho na terra. Afóra isto o logar onde fabricam as suas casas não lhes custa nada, e não pagam delle nem renda nem foro.

As mercadorias na entrada e na saida não pagam senão tres por cento, e tudo o que se cria na terra, assim assucares como outros fructos, pagam somente o dizimo, que El-Rei de Hespanha alcançou do Papa, porque ha alli terras

umas ricas e outras pobres, de sorte que haveria assim ecclesiasticos uns ricos e outros pobres, ainda que todos tivessem o mesmo cargo; e desta maneira todos estes ecclesiasticos passam igualmente, a saber, cada um segundo o seu grão e cargo, de sorte que nenhum tem motivo de queixa.

Nunca vi terra onde o dinheiro seja tão commum, como é nesta do Brazil, e vem do Rio da Prata, que é a quinhentas legoas desta bahia. Não se vê alli moeda meuda, mas somente peças de oito, quatro, e dous reales, e metade destas, que valem cinco soldos; e procuram em Portugal as moedas de cinco soldos, e de seis brancos, para as vender alli por moeda meuda, e nisso tiram proveito; porque usam mui pouco outra moeda afóra a de prata.

Nesta terra do Brazil os Portuguezes não tem gente bastante para a povoar, e occupam toda a costa, onde tem quantidade de cidades, fortalezas, e bellas casas nobres, até vinte e trinta legoas pelo sertão. Ha senhores que possuem grandes territorios, e nelles muitos engenhos de assucar, os quaes territorios lhes ha dado El-Rei de Hespanha em recompensa de algum serviço, e são erigidos em titulo de alguma dignidade, como baronia, condado &c. E estes senhores dão terras a quem quer ir morar nellas, e plantar cannas de assucar, com a condição de mandarem moer estas aos moinhos ou engenhos dos mesmos senhores, pagando-lhes um tanto. Tambem dão licença de cortar lenha para o fogo das caldeiras dos engenhos, pagando-lhes tanto como se a fossem buscar a outra terra. Estes colonos edificam alli casas, com jardins, e plantações de toda a sorte de fructos; criam muito gado, aves, e outros comestiveis, como cá nas fazendas arrendadas (a). Plantam arroz, milho grosso e miudo, raizes de mandioca, batatas, e outras semelhantes. Desta maneira o rendimento do Brazil é mais que sufficiente para sustentação de todas as guarnições,

(a) *Metairies* diz o auctor; contracto agricola que não tem termo correspondente em portuguez.

do Vice-Rei, Governadores, capitaes, soldados, e ministros da justiça; em somma, de toda a sorte de officiaes d' El-Rei, sem haver necessidade de enviar dinheiro de Portugal para isso, e ainda por cima de tudo El-Rei de Hespanha tira dalli outros muitos proveitos cada anno, assim em pão brazil, como em outros direitos sobre os assucares e outras mercadorias. Tambem se faz neste paiz grande quantidade de oleo de baleia, e especialmente na bahia de Todos os Santos, e delle se faz mui grande trafico. Assim é este paiz o em que se vê mais dinheiro que em outro lugar onde eu tenha estado, e vem todo do Rio da Prata.

Os que do Brazil tornam para Portugal carregam seus navios de assucares e conservas, assim seccas como liquidas, taes como de laranjas, limoës, e outras fructas, e principalmente de gengibre verde, do qual ha nestas partes uma maravilhosa abundancia; mas é defezo fazel-o seccar, e leval-o assim a Hespanha, e só pode ser levado em conserva, pelas razões que já em outro lugar disse. Carregam tambem de tabaco, de que ha abundancia por toda a America; e alem de tudo isto levam grande quantidade de dinheiro. Depois de haverem estado nove ou dez annos nestas terras, recolhem mui ricos, e ha alli entre outros, muitos christãos novos que são judeos baptisados, que tem de seu o cabedal de sessenta, oitenta, e cem mil cruzados, e mais; mas elles não fazem grande conta desta gente.

Alem disso os Brasileiros, e semelhantemente os Portuguezes, que alli ha, para se manter (porque o pão é lá mui raro, e mui caro, e a farinha vai feita de Portugal) fazem certa farinha d' uma raiz chamada *Mandioca*, que comem, e da qual se alimentam. E' gostosa, e come-se pisada em migalhas com a carne; parece-se com castanhas piladas. Vivi della por espaço de seis mezes em lugar de pão assim em terra como no navio no meu regresso, pois não havia a bordo outro biscouto. Esta raiz tem uma estranha propriedade, e é, que comendo-a em pó depois de secca,

é mui sadia, mas se pelo contrario a comierem verde, mata. Ha-a lá em tão grande quantidade, que se carregam della navios para levar ao reino de Angola, que é na costa de Guiné, donde vem os escravos, que se levam ás Indias occidentaes. Quanto á carne a mais commum é a de porco, que é mui boa, e até os medicos a recommendam aos doentes com preferencia á de carneiro, galinha, e outras.

Todavia é extremamente cara no Brazil a mantença da vida; pois vale lá a libra de porco dez soldos, a de vacca sete soldos e seis dinheiros, a de carneiro dez soldos; uma galinha como as nossas vale um esoudo. Ha muitas galinhas da India, que vale cada uma dous escudos; um par de ovos cinco soldos; a canada de vinho quarenta soldos. Fazem vinho de canna de assucar, que é barato, mas só serve aos escravos, e naturaes da terra. Ha muita quantidade de fructas, como laranjas, limões, bauananas, cocos, e outras.

Os Portuguezes tem bellas hortas cheias de boas hortaliças; como alfaces, repolhos, melões, pepinos, rabanos, e outras ervas cultivadas. A vinha não produz lá, porque as formigas, que ha em grande quantidade, comem o fructo. Dá-se o arroz, e o milho, mas só se servem deste para mantimento dos animaes; o que os Hespanhoes não fazem nas Indias occidentaes, porque o misturam com o trigo e fazem delle pão. Ha alli mui boa pesca de baleias e outros peixes; e eu vi muitas vezes matar baléias. Tiram dellas azeite em tão grande abundancia, que carregam navios. Quanto aos naturaes do Brazil, que vivem entre os Portuguezes, mantem-se mais de peixe que de outra cousa; e pouco se ajudam da caça, porque sendo o paiz cheio de mattas, e havendo nellas bestas feras, não ousam ir ao matto com temor de ser devorados.

A terra he mui povoada; os habitantes de estatura mediana; tem a cabeça grossa, os hombros largos, cor avermelhada. As mulheres são mui bem proporcionadas; trazem

os cabellos compridos, e os homens curtos. Não querem ter barbas, e as mulheres lhas arrancam. Alem disso andam nus como saíram do ventre da mãe; e nus nascem, nus vivem, e nus morrem, sem ao menos cobrirem as partes vergonhosas. Os que servem os Portuguezes trazem uma camisa. Não tem nem lã, nem linho, nem seda; nem tão pouco tratam de adquirir algumas destas cousas, por lhes não serem necessarias, attento o seu uso de andar nus.

Alem disso tudo entre elles é commum, nem tem terras algumas patrimoniaes. Não tem forma alguma de cazamento, mas usam toda a casta de deshonestidade, e são principalmente mui dados á luxuria. Podem ter tantas mulheres quantas querem, e as tomam indifferentemente sem haver respeito ao parentesco; praticando todos os actos publicamente e sem vergonha, como se fossem brutos animaes. E' isto o que alcancei acerca da gente daquelle terra; porque os que vivem junto dos Portuguezes são mais civilisados.

Não tem templos, nem religião, e não adoram deos algum nem idolo. Não mercadejam com pessoa alguma, nem conhecem moeda. São todavia dados á guerra; as suas armas são arcos e flechas; e bastões de pão brazil feitos em forma de massa, com que se matam, e espartejam, assando-se, e comendo-se uns aos outros, como manjar delicado; e gostam mais da carne da gente branca, que da outra. Ouvi dizer a alguns daquelles, que depois se haviam baptizado, e ha delles grande numero convertidos pelos Padres Jesuitas, que elles tinham comido muitos homens, e que o pedaço mais delicado eram os pés e as mãos. Os Portuguezes não ousam sair da cidade sem armas, com temor de encontrarem estes selvagens, que andam pelos matos.

Estes povos vivem longo tempo por causa dos bons ares da terra, e diz-se que vivem até cento e cincoenta annos. São por isso mui sadios, e não adoecem facilmente; e se sentem doentes, elles mesmos se curam tomando o succo

de certas ervas, que conhecem ser apropriadas; e não tem medicos nem cirurgiões. Nas terras que ficam em volta desta bahia são sugentos á siphylis, mas não fazem caso deste mal, porque tem o guaiaco, que promptamente o cura. Ha outra molestia, a que os Portuguezes chamam *Bicho*, que causa dor de cabeça e dos membros, ao que se promptamente se não acode com remedio, faz-se na via posterior uma ulcera, de que se morre; mas o remedio é logo que o individuo se sente assim, tomar-se um quarto de limão, e metter-se na via até tres ou quatro vezes, e com isto cura-se facilmente. Criam-se tambem nos pés uma especie de bichinhos ou ouçoës, que engrossam com o tempo e chegam a tomar a grossura da ponta dos dedos, e se os não tiram, fazem-se grandes ulceras, e sobrevem gangrena, e todavia não causa dor alguma. Vi pessoas que haviam perdido os pés; mas o bicho é mui facil de tirar, e ha signaes por onde se conhece; por isso de quatro em quatro dias passam revista aos pés, e tiram-nos. Estas animaes nascem na terra, e pegam-se principalmente aos pés de quem anda descalço, porque estes ouçoës saltam como pulgas, e alcançam as pernas das pessoas.

No demais a cousa de que os Portuguezes fazem mais estimação no Brazil, são os escravos da costa d' Africa e das Indias orientaes, porque não se atrevem a fugir nem a escapar-se, porque a gente da terra os apanharia e os comeria, o que não farão aos da propria terra, que alem disso não são tão aptos para o trabalho como os outros. E' cousa mui divertida todos os domingos e dias santos ver alli juntos todos os escravos, homens e mulheres, a dançar e a jogar em publico nas praças e ruas, porque naquelles dias não são sugentos a seus senhores. Mas nada mais direi das singularidades desta terra, assim pelo que já sobre isso tenho dito no capitulo do trafico dos Portuguezes nella, como por ser mui conhecida e frequentada dos nossos, que acerca della têm assaz escripto.

Só direi que quando nós alli chegámos, todos os Portuguezes estavam em grande susto e temor por se dizer que o nosso rei Henrique o Grande aprestava uma armada, a maior parte dos navios da qual se esquipavam em Hollanda, para lhes fazer guerra; e o rebato não se limitava só á Bahia de todos os Santos, mas chegava a todos os outros lugares e fortalezas das Indias, onde havia vassallos do Rei de Hespanha; e era cousa admiravel a grande estimação que elles faziam do nosso rei, e os grandes louvores, que lhe davam por seu extremado valor, e outras partes. Mas a nossa má sina quiz que no principio de Setembro chegasse alli uma naveta partida de Sevilha determinadamente por esse respeito, que levou a triste e deploravel nova da morte e infeliz caso do nosso bom rei, que Deos perdoe; o que os poz em segurança, ficando mui socegados, e até nol-o diziam por modo de mofa, e por nos fazer pirraça; e nós não sabiamos o que sobre isso deviamos crer nem pensar; mas entre elles havia alguns que davam demonstração de muito sentimento, e os bravos capitães e soldados, e todos os homens de juizo, diziam que era grande pena a perda deste rei; e que era o mais bravo e valeroso principe do mundo. E na verdade os Jesuitas, e outros ecclesiasticos em seus sermões e officios mandavam fazer oração por elle, e o recomendavam a todo o povo dizendo que era um rei mui christão e mui catholico.

Achei tambem no Brazil um Francez, natural de Nantes; chamado Julião Miguel, mercador mui rico e experto. Estava associado a um Portuguez, que tinha; ou por compra, ou por mercê, obtido licença de pescar baleias por sete annos nesta bahia, onde se faz a mais rica pesca de baleias que ha no mundo, de cujo azeite se faz alli mui grande trafico. Este mercador Francez passava por Hespanhol, e por tal era havido, e era mui bem acceito ao Rei de Hespanha, ao qual havia sido enviado como embaixador pelo fallecido Monsieur de Mercure no tempo da Liga; e desde

então ficou tendo a sua ordinaria residencia em Bilbáo na Biscaia; e eu julgo que por occasião dos bons serviços que havia prestado a este Rei, alcançara esta licença da pesca; por quanto tão longe está isto de ser permittido aos Francezes, Inglezes, Hollandezes, e outros estrangeiros, que até lhes é defeso sob pena de morte o navegar naquellas partes. Faziam porem por sua conta estes dous socios aquella pesca, que é muito para ver, e de todos os logares da cidade da banda do mar se disfructa o prazer desta pescaria e apanho das baleias. Um dia entre outros aconteceo que uma destas grandes baleias, vendo que a sua cria estava apanhada, remetteo com tal furia contra os pescadores e sua barca, que a virou e os lançou ao mar, e salvou assim a cria, e os homens tiveram assaz de trabalho para so salvar. Eu nunca teria acreditado que este animal tivesse este bom natural, este desembaraço, e destreza. O proveito desta pesca só consiste no azeite, que della se tira; porque a carne daquelle peixe não se come, salvo quando se apanham alguns pequenos, cuja carne é mui delicada.

Para fazer pois esta pesca vem todos os annos dous navios de Biscaia com alguns Biscainhos, que tem fama de ser os primeiros para esta sorte de pesca. Quando nós alli chegámos, um dos dous navios, vindos naquelle anno, era partido da bahia havia dous mezes, e só alli achámos o mais pequeno, em que a maior parte dos homens era de Bayonna, e d' outros logares das provincias vasconças de França. Travei com elles grande amizade, e frequentei-os ordinariamente. Quanto ao Senhor Julião Miguel, era elle domiciliado naquella cidade durante a pesca, e estava alli como um morador natural.

Em todos os navios havia um capitão, que commandava durante a viagem. Ora uma noute o capitão do navio que alli ficára, tomou a resolução de levar ancoras, e dar á vela, apezar de não ter mais de meia carga de azeite de baleia. Ausentou-se pois secretamente, sem ter guia nem

passaporte do Vice-Rei, o que é cousa contra o regimento, e é punivel com confiscação, e pena corporal. A occasião disto foi que elle se havia concertado secretamente com um mercador, que lhe devia vender e entregar grande quantidade de pão vermelho, o que é alli expressamente defeso, e devia ir carregal-o a duzentas legoas, pouco mais ou menos, da bahia para a banda do sul. Mas o Vice-Rei tendo tido aviso do caso, mandou logo por terra ordem para tomar o navio, e trazer toda a gente d'elle presa; o que assim se fez; sendo o navio reconduzido á bahia, e o capitão e os principaes mettidos em prisão com ferros aos pés. O navio foi desaparelhado de toda a sua enxarcia e apparelho, e neste estado ficava quando eu de lá parti. Muitos daquelles presos me deram cartas para eu trazer, e fazer entregar a seus parentes e amigos. Achei depois navios de Bayonna e de São João da Luz, quando estive em Galliza, cujos homens folgaram muito de ouvir novas dos seus, e de se encarregar das suas cartas. Regalaram-me muito no seu navio, onde dormi uma noite; e foi isto n' um porto de Galliza, chamado Pontevedra.

No que toca a Julião Miguel, não foi preso com os outros, porque se deu por ignorante dos planos do capitão, dizendo que não lhe encommendára nada daquillo. Fez-nos grandes cortezias e civilidades, e até quando estavamos prestes a embarcar nos fez presente de alguns mantimentos, como farinha de mandioca, e outras cousas, entre ellas carne de vacca salgada, que vem do Rio da Prata. E' impossivel ver carne mais gorda, tenra, e mais saborosa que aquella; pois são aquelles bois os mais bellos e grandes do mundo; e vem do Perú. Faz-se grande trafico dos seus couros, e ha tão grande quantidade daquelles animaes que pela maior parte das vezes os matam só para lhe aproveitarem o couro. Salgam aquellas carnes, e as cortam em postas assaz largas, mas delgadas, e só da grossura de dous dedos ao mais. Quando estam repassadas de sal, sacode-se

este sem as lavar, e põem-se assim a secçar ao sol; e depois de bem seccas podem conservar-se largo tempo sem se damnificarem, com tanto que sejam guardadas em secco; porque se as deixam molhar, sem as pôr logo e logo a secçar ao sol, corrompem-se, e enchem-se de bichos.

Quando estava nesta bahia encontrei ainda um Francez, natural de Provença perto de Marselha, que era servidor de um dos maiores senhores daquella terra, a que chamavam *Mangue la bote*; nome que os negros de Angola lhe haviam dado, e quer dizer o *valeroso e grande capitão*, porque havia sido alli Vice-Rei. Este senhor tinha feito tão valerosamente a guerra contra os Negros, que era delles mui temido (a). Passava por ter de seu cabedal mais de trezentos mil escudos, e tirava grandes rendimentos de muitos engenhos de assucar que possuia. Este Francez, que estava em sua caza, era musico, e tangedor de instrumentos; e servia-lhe para ensinar musica a vinte ou trinta escravos, que todos juntos formavam uma consonancia de vozes e instrumentos, que tangiam sem cessar. Este senhor me rogou e solicitou muito para ficar com elle, e me promettia cem escudos de salario, e boa comida, somente para governar certo numero de escravos no trabalho. Dizia-me tambem que dentro de um anno, ao mais tardar, se iria para Portugal, e de feito estava fabricando um mui bom e grande navio do porte de quinhentas tonelladas para esse fim; e andava buscando e recolhendo todas as raridades, assim de animaes, como de outras cousas, que podia achar, para fazer dellas presente a El-Rei de Hespanha. Entre outros tinha dous animaes dos a que chamam *Zebras*, de que faço menção no

(a) Governador devia ser, e não Vice-Rei. Percorrendo nós por o catalogo dos Governadores de Angola daquelles tempos, a nenhum achamos applicavel o sobrenome de *Mangue la bote*, senão a João Fortado de Mendonça, que governou Angola desde 1594 a 1602. D. Francisco de Almeida, que governou pouco tempo em 1592, fugio sim para o Brazil; mas não parece que lhe possa caber o titulo que Pyrrard indica.

tratado dos animaes (a). Eu teria de mui boa vontade accitado as condições, que elle me offerecia; mas o mal é que quando se faz algum concerto com elles e que depois se quer desfazer, elles o não permittem.

Ora logo que chegámos á bahia, e cidade de S. Salvador, fomos, meus companheiros e eu, procurar o Vice-Rei, e lhe mostrámos o nosso passaporte assignado pelo Vice-Rei e Vedor da Fazenda de Goa. Elle tendo-o visto, nos recebeo com bastante cortezia, e nos disse que viessemos comer e beber a seu aposento, e até dormir, se quizessemos. Este Vice-Rei era um fidalgo mui honrado; não tinha mulher comsigo, mas somente dous filhos, um de idade de vinte e cinco annos, e outro de vinte, que eram ambos mui estimados. O pai chamava-se D. Francisco de Menezes. Durante o tempo que alli estive, o filho mais velho foi achado na camara de uma dama portugueza, e sorprendido pelo marido, que o ferio levemente; mas elle salvou-se; a dama porem levou cinco ou seis golpes de espada, de que todavia não morreu; e não sei o que depois aconteceu.

Mas não quero passar em silencio o que me aconteceu aqui. Andando eu um dia passeando só pela cidade, vestido de seda á portugueza ao modo de Goa, que é differente do dos Portuguezes de Lisboa, e do Brazil, encontrei uma escrava rapariga, negra de Angola, que me disse, sem cerimonia e sem ter conhecimento comigo, que a seguisse sem reccio algum, que ella me queria levar a ver um homem honrado, que desejava fallar-me. Nisto me detive um pouco a pensar se o deveria fazer ou não, e se me faria no que ella me dizia; em fim determinei-me a acompanhá-la, para ver em que isto parava. Ella fez-me dar mil voltas e rodeios por ruas escusas, o que a cada passo me punha em grande temor, e quasi em resolução de não passar mais a-

(a) O auctor chama a este animal *Esure*, e pela descripção que dá delle no Tratado dos animaes, parece ser a *Zetra*, ou *Zerra*. *Esure* ou *Esure*, como se acha no livro, provavelmente é erro de copia.

vante; mas ella me dava animo, e tanto fez que me levou a um aposento mui bello e grande, bem mobilado, e guarne-cido, onde não vi mais ninguem senão uma joven dama portugueza, que me fez mui bom gazalhado, e me mandou logo aprestar uma mui boa refeição; e vendo que o meu cha-peo não era bom, ella com sua propria mão mo tirou da cabeça, e me deo outro novo de lã de Hespanha com uma bella presilha, fazendo-me prometter que tornaria a visital-a, e da sua parte promettendo-me que me favoreceria, e me da-ria gosto em tudo o que podesse. Não faltei á promessa, e hia visital-a frequentemente em quanto lá estive; e ella me fez uma infinidade de obsequios e favores.

Tomei tambem conhecimento e amizade com outra rapa-riga Portugueza, natural da cidade do Porto, chamada Ma-ria Mena, que era dona de uma casa de pasto, de sorte que me não faltava de comer e de beber, porque mo dava quan-do eu o queria, sem dizer cousa alguma a seu marido, e ainda me dava dinheiro para eu pagar na presença delle. Chamava-me ella o seu camarada. Em somma as mulheres alli são muito mais affaveis, e mais amigas dos estrangei-ros do que os homens.

Eu e meus companheiros tivemos, estando alli, um pro-cesso contra a dona de uma caza onde nos haviamos alo-jado, porque ella nos queria reter o nosso fato; mas por uma simples queixa nossa foi condemnada a entregar-nos o fato, e nas custas.

Tambem naquella terra me mostraram os Portuguezes uma forza, onde alguns annos antes haviam sido enforca-dos treze Francezes. Eram da Rochella, e foram tomados com o seu navio. Um dos capita's chamava-se *Pain de mil*, e o outro *Brifaut*. Vi lá um Inglez, que tinha sido preso com elles, e tinha estado com a corda ao pescoço, já pres-tes para ser tambem enforcado com os outros, mas foi sal-vo porque os Francezes clamaram em altas vozes que elle tinha vindo com elles á força, e o haviam tomado no mar

em um navio inglez. Este Inglez possuia então mais de mil escudos, e estava em caza de um fidalgo.

CAPITULO XXVII.

Saida do Brazil; Pernambuco. Ilhas dos Açores. Berlengas em Portugal; grande tormenta; Ilhas de Bayona! Jornada a S. Thiago; regresso do auctor, e sua chegada a França.

Em fim tendo estado no Brazil por espaço de dous mezes, como andasse lidando por buscar modo de passar a Portugal, aconteceu que tres fidalgos Portuguezes, que me tinham grande affeição, me prometteram dar-me gazalhado em sua companhia. Estes tres fidalgos eram D. Fernando da Silva de Menezes, que havia sido, como já em outro lugar disse, capitão mór da armada do norte em Goa, e dous cunhados seus, que tinham vindo embarcados no mesmo navio, em que eu tambem viera, e me fizeram durante a viagem muitos bons officios. Haviam elles afretado uma caravella, para os levar a si, á sua comitiva, fato, e mercadorias em direitura a Portugal, afim de obterem mercês ou recompensas d' El-Rei de Hespanha por seus serviços na India, como é costume; e depois tornar-se, porque todos elles eram cazados na India.

Estando eu pois posto em cuidado de buscar alguma boa occasião de passar á Europa, porque a passagem não custava menos de cem ou cento e vinte libras, e porque sendo perdida a náó, em que eu viera, não tinha mais que ver com a gente della, como pelo meu passaporte era obrigado, e cada um tratava de si como melhor podia; neste comenos aquelles honrados fidalgos me offereceram pagar-me a passagem, que montava em dez escudos, e alem disso dar-me de comer. Estando pois as cousas assim concertadas, quan-

do a caravela foi prestes, hia eu a embarcar-me com o meo fato; e foi então que o mestre do navio disse que me não havia de levar, porque de outra vez tinha levado um Francez, que lhe tinha dado mais enfado que toda a outra gente, e que por essa causa fizera juramento de nunca mais levar outro algum. Sobre isso, e por meu respeito houve grande disputa entre o Vice-almirante (a) e este mestre. Mas o peor foi que era já noute, e o navio estava a desfraldar as velas. O Vice-almirante tomado de colera lhe disse que a sua mágoa era que aquelles fidalgos fossem com elle, pois não podia ir a salvamento; e finalmente lhe fez grandes ameaças para quando por ventura tornasse outra vez áquella bahia. Mas a recusa deste mestre foi a minha salvação, porque quando cheguei a Portugal (b), a primeira nova que soube, foi que aquelles tres pobres fidalgos haviam sido captivos dos corsarios com a sua caravela, e levados a Barberia, do que eu tive extrema magoa e desprazer, pela grande amizade com que elles me tratavam.

Vendo-me pois frustrado por aquelle lado, estava em grande abalo acerca da minha tornada, quando por dita houve dous Flamengos, naturalizados Portuguezes, que folgaram de se encontrar conosco. Eram associados entre si, e tinham uma mui bella urca, feita em Dunquerque, cujas armas tinha, e era do porte de duzentas e cincoenta tonelladas. Perguntaram-nos se queriamos ir com um delles, porque o outro ficou em S. Salvador; e nós acceitámos de mui boa vontade a proposição, dizendo que iriamos como qualquer marinheiro, sem com tudo nos pagarem soldada; e assim nos davamos por mui felizes de ir, posto que fossemos trabalhando de graça, e elles não estavam menos satisfeitos de nos ter achado, porque aproveitavam do serviço de tres homens

(a) Talvez o auctor queira dizer—*Vice-Rei*.

(b) O auctor não foi a Portugal, como se vê da sua narração, mas a Galliza. Como porem tudo pertencia então ao Rei de Hespanha, não merece grande ceusura esta inadvertencia.

sem despenderem soldadas. Feito este concerto, nos advertiram que tirássemos passaporte, e licença do Vice-Rei por escripto; o que tendo nós feito, embarcámo-nos nesta urca, que hia carregada de assucares, e bem provida de artilheiria, e de todas as outras sortes de armas e munições. A gente que levava era perto de sessenta pessoas, entrando eu e os meus dous companheiros, e saímos desta bahia a 7 de Outubro de 1610.

Tivemos á saída vento contrario, o que foi causa de andarmos vinte e cinco dias sem poder dobrar o cabo de Santo Agostinho, que é distante da Bahia cem legoas, em altura de oito grãos da equinocial para o sul. E a 3 de Novembro dobrámos o dito cabo com grande perigo, por causa dos baixos e bancos de pedra, por junto dos quaes passámos. No mesmo dia avistámos a cidade de Pernambuco, que pertence aos Portuguezes no Brazil; é mui bem edificada, e tem mui bellas igrejas.

Dous dias depois vimos uma caravella, que hia á vela, de que toda a nossa gente teve grande temor, julgando ser navio de corsarios; de sorte que todos pegámos em armas; mas depois conheceo-se que era de Portuguezes.

A 5 de Dezembro tornámos a passar a linha equinocial para a banda do polo arctico. Passei-a dez ou doze vezes durante as minhas viagens.

A 25 do dito mez começámos a ver fluctuar a erva, a que os Portuguezes chamam *Sargaço*, e se cria no fundo do mar. E' um signal, que se vê continuamente nestes logares; o mar está todo coberço della; e começa aos vinte e um grãos, e continua até as trinta.

A 5 de Janeiro de 1611 avistámos as ilhas dos Açores, e entre outras, a do *Corvo*, das *Flores*, e a *Terceira*, que é a principal, em altura de trinta e nove grãos e meio.

A 15 de Janeiro avistámos a terra de Portugal, chamada as *Berlengas*, que são distantes de Lisboa oito ou dez legoas para a banda do norte; e foi pela manhã ao romper

do dia. Pensavamos estar ainda na distancia de sessenta legoas, porque o vento era do sul, e havia grande tormenta.

O nosso desenho era de entrar em Lisboa; mas não podêmos por causa do vento contrario; e sobre, isso houve grande disputa entre o capitão e um mercador Judeu, que por outro nome se chama em Portugal *Christão novo*; porque o navio era uma urca de Flandres do porte de duzentas e vinte tonelladas, como já disse. O capitão era Hollandez, e residia ordinariamente em Lisboa, e era socio de outro Hollandez, a quem pertencia a maior parte da fazenda. O Judeu levava tambem alli mais de cem mil escudos de fazenda, pela maior parte sua; e hia encarregado assim da do mercador principal, como da de outros. Havia ainda no navio outro Judeu tão rico como aquelle; e alem destes mais quatro ou cinco Judeos mercadores. Havia muito tempo que não era chegado um navio tão rico como este.

Finalmente estando á vista das Berlengas, faziamos tenção de entrar, não obstante o vento contrario, e iam sempre bordejando, ora para a terra, ora para o mar. Sobre isto fomos surpreendidos por uma tormenta, e mais violenta que era possivel, acompanhada de vento contrario. Nós estavamos sobre a costa; o que nos punha em grande temor; de sorte que o mercador judeu veio dizer ao capitão, que vista a tempestade e o vento, não havia apparencia de poder entrar em Lisboa. O capitão lhe respondeo, que lhe dêsse elle um termo, assignado de sua mão, com promessa de participar em todas as despezas, perdas, damnos, e riscos, que poderiam seguir-se deste retardamento; quando não, que elle se aguentaria no mar, no que não havia perigo algum; e que alli esperaria até vir a bonança, e o vento favoravel. O mercador disse que elle lhe não dava tal seguro, e que o que queria era que elle capitão pozesse a prôa nas ilhas de Bayonna, que ficavam dalli cousa de oitenta legoas. E acabando de dizer isto, pega elle mesmo no leme, e poë o navio a sotavento, de sorte que sobre

isso houve grande contenda, com muitas injúrias, e palavras mal soantes de parte a parte; mas em fim tudo se ap-
placou, e o mercador assignou o termo, e nós tomámos a
derrota das ilhas de Bayonna em Galliza; e a isto se juntou
que a tempestade era tão furiosa, que só por si ella basta-
va para acalmar toda a sua colera.

Todavia gastámos cinco dias em ir das Berlengas a estas
ilhas, e durante todo este tempo estivemos debaixo de uma
continua tempestade, que até hia augmentando cada vez
mais. Com isto nos aconteeceo outra desaventura, e foi, que
o nosso navio entrou a fazer agua de tal sorte, que era im-
possivel poder vedal-a; e a maior parte do tempo íamos
proximos de terra, o que nos dava ainda mais que temer.
Um destes dias julgámos, pelo que diziam muitos mari-
nheiros, estar de frente da bahia, e diziam elles que a co-
nheciam muito bem; e isto hia sendo a nossa perdição, por-
que caminhámos para ella com vento á pópa, e quando che-
gámos bem perto, conheceo-se que não era alli; de sorte
que foi um verdadeiro milagre salvar-nos, porque o vento
vinha do mar, e nós estavamos já tão perto de terra, que
tivemos bastante trabalho para nos safarmos della.

Creio que nesta occasião se fizeram no navio promessas
no valor de mais de mil e quinhentos escudos; porque o
principal mercador fez uma de oitocentos cruzados, a sa-
ber, quatrocentos para cazamento de uma orfã, e quatrocen-
tos para fazer uma alampada, e outros utensilios a uma
Nossa Senhora, que era perto dalli; e com effeito logo que
saio em terra, foi em busca de uma orfã em quem cumprio
a promessa, e o mesmo fez com os mordomos da igreja.
Muitos outros fizeram da sua parte outro tanto; porque não
havia alli quem se não encommendasse ao Santo da sua pa-
rochia. Porque é costume dos Portuguezes occupar-se an-
tes em fazer promessas aos Santos, do que trabalhar por
salvar a vida.

Em fim desde Lisboa até estas ilhas por mais de dez

vezes nos julgámos perdidos, por causa do máo estado do navio; e irmos tão proximos de terra, para a qual o vento do mar nos impellia com tal violencia, que rasgava todas as nossas velas. Foi este o maior perigo, em que me achei nos dez annos da minha viagem; e acontece muitas vezes que depois de muitas viagens longas, trabalhosas, e perigosas, vem os navegantes perder-se no porto; como se tem visto succeder a muitos Vice-Reis, que depois de terem roubado infinitamente na India, vem perecer á tornada no porto de Lisboa mesmo, elles e todas as suas riquezas (a).

Estando pois por derradeiro a ponto de entrar na bahia das ilhas de Bayonna, encontrámos um pequeno navio que como nós hia tambem entrando; á vista do qual todos os nossos Portuguezes se mostraram temerosos, e julgámos já ser entrados do inimigo, apezar de sermos ao todo perto de cem pessoas; porque são elles gente que não tem affouteza nem resolução alguma, mas só palavras e vaidade. São bons mercadores e bons marinheiros, e mais nada. Estou certo de que quinze ou vinte Francezes nos teriam facilmente tomado; e o navio valia mais de quinhentos mil escudos. No dia antecedente um navio de corsarios tinha tomado uma caravella naquelle mesmo sitio; e quando nós entrámos, estavam ambos surtos nas ditas ilhas, onde descarregaram esta caravella; mas elles estavam de uma banda, e nós passámos da outra, e fomos para perto da cidade. Ha tres ou quatro pequenas cidades nesta bahia.

Quando pois felizmente desembarcámos a 21 de Janeiro do anno de 1611, lembrei-me da promessa, que na minha prisão em Goa, havia feito, e era, que se Deos me fizesse a graça de me levar algum dia a Hespanha, iria em romaria a S. Thiago de Galliza, e isto era o que eu pedia sempre a Deos de todo o meu coração quando hia no mar; e outrosim de ir aportar a qualquer outro lugar, que

(a) Não quiz Pyra. d acabar a narração de suas viagens sem nos dar mais alguma amostra de seu espirito malicioso.

não fosse a Lisboa, por contar que indubitavelmente alli ficaria preso; e de feito todos os outros estrangeiros, que tinham vindo da India, haviam sido encarregados aos capitães dos navios da parte do Vice-Rei de Goa; mas porque o nosso navio se havia perdido na Bahia de Todos os Santos, o capitão delle já não era responsavel de nós, e assim ficámos em nossa liberdade. Mas sem embargo disso se nós houvessemos aportado a Lisboa, não deixaríamos de ficar lá presos; mas aprouve á bondade divina de nos levar a salvamento a estas ilhas de Bayonna, onde logo que surgimos, achámos muitos navios francezes, que estavam tambem surtos para fazer sua veniaga; e apenas souberam da nossa chegada, veio toda a gente delles ver-nos por admiração; e então soubemos delles tudo o que era acontecido em França, donde havia dez annos que não tínhamos sabido novas certas.

Tendo nós desembarcado, e depois de havermos tomado alguns dias de folgas com estes Francezes, dito adeos e agradecido aos Portuguezes do nosso navio, e principalmente ao capitão, que me gratificou com algum dinheiro; determinei ir cumprir o meu voto, deixando alli os meus dous companheiros, que não quizeram ainda então partir, e que eu não tornei depois a ver; e fui-me só caminho de S. Thiago, que dista dalli dez legoas, e passei pela cidade de Pontevedra, que é mui bonita.

Satisfeita a minha devoção a S. Thiago, fui á Corunha, que é um porto de mar na distancia de dez legoas, para buscar alli modo de passar a França, e não podendo alli achal-o, tive por noticia que n' um pequeno porto a duas legoas daquelle logar havia um pequeno barco da Rochella, do porte de umas trinta e cinco tonelladas, carregado de laranjas, e prestes a partir. Sem detença me encaminhei ao dito sitio, e pedi ao mestre que me levasse de passagem; o que elle fez com prompta vontade; e tendo sabido todas as minhas aventuras, folgou muito deste encontro, e

não me quiz levar cousa alguma pela passagem.

Não gastámos mais de trinta e seis horas a passar d'alli á Rochella, onde, graças a Deos, chegámos felizmente a 5 de Fevereiro; e então louvando a Deos de todo o meu coração, tive por cousa certa poder ver ainda uma vez a terra de França, que eu tanto havia desejado. Este mestre do barco em que passei, chamava-se *João Arnoul*, e era da ilha de Oleron. Tinha grande contentamento de me haver levado á patria, e me agasalhou mui lautamente na Rochella, não querendo nunca permittir que eu tomasse outro aposento senão a sua caza; e muito ufano me apresentou aos principaes da cidade, que me consideravam com admiração.

Tendo-me alli detido alguns dias, despedi-me delle, e tomei o caminho da terra da minha naturalidade, que é a cidade de *Laval* na Bretanha, onde cheguei a 10 de Fevereiro de 1611; do que seja Deos louvado.

FIM DA SEGUNDA PARTE, E DA VIAGEM.

ADDENDUM.

O lugar proprio desta *Nota* seria em algum dos Capitulos XXI ou XXII deste livro, nos quaes o auctor trata da armada, que veio de Portugal á India no anno de 1609, e da que voltou da India a Portugal na immediata monção. Como porem quando se imprimiam aquelles dous Capitulos, ainda não tinhamos visto o curioso *Livro da Fazenda e Real Patrimonio dos Reinos de Portugal*, que deu lugar ás reflexões, que aqui pomos, por isso só agora podemos apresental-as.

O *Livro da Fazenda e Real Patrimonio dos Reinos de Portugal* foi escripto por Luis de Figueiredo Falcão entre os annos de 1607, e 1614, e impresso ultimamente em Lisboa, na imprensa nacional, em 1859. Uma das mais curiosas partes deste Livro he a relação das armadas, que vieram de Portugal á India, com a noticia das embarcações, que voltaram á salvamento, e das que se perderam.

Confrontando o Livro de Luis de Figueiredo com a narrativa de Pyrard no particular, que temos dito, da armada de 1609 na vinda e tornada, achamos que sim concordam em parte, mas em outra parte ha entre elles notavel variedade.

E primeiramente concordam em que partiram de Lisboa no anno de 1609 cinco náos, e chegaram á India só quatro. Quando Pyrard saio de Goa ainda se não sabia aqui o que era feito da não que faltava; mas Luis de Figueiredo nos declara que essa não era a *Guadalupe*, capitão Manoel Barreto Rolim, a qual arribou a Angola na vinda, e dahi foi a Lisboa.

As que chegaram á India eram *Nossa Senhora da Piedade*, em que vinha por capitão mór D. Manoel de Menezes; *Nossa Senhora de Jesus*, Capitão Antonio Barrozo, que na torna viagem se perdeu no Brazil, e era a em que hia embarcado Pyrard; *Nossa Senhora da Penha de França*, capitão Ambrozio de Pina; e *São Boaventura*, capitão Luis de Bardi.

Na tornaviagem saíram de Goa quatro náos, a saber; tres das que tinham vindo naquelle anno, e uma que ficára do anno passado; ficando semelhantemente na India outra deste anno, que era a não *São Boaventura*. Nisto concordam, ou não se contradizem os dous auctores. Mas em outras circumstancias variam entre si. Pyrard nomeia as náos da tornaviagem assim: *Nossa Senhora da Penha de França*, *Nossa Senhora da Piedade*, e *Nossa Senhora de Jesus*; todas da armada deste anno. Nomeia mais *Nossa Senhora do Carmo*, que deve ser a que ficára do anno passado.

Mas em Luis de Figueiredo achamos a do anno antecedente denominada *Nossa Senhora de Monserrate*. Parece-nos que nesta parte a equivocação é de Pyrard, que ouvindo dizer *Nossa Senhora de Monserrate* se persuadiria que diziam *Nossa Senhora do Monte do Carmo*; equivocação facil e desculpavel n' um estrangeiro.

Se fosse porem só nisto a divergencia dos dous auctores, não teriamos insistido neste ponto; mas ha outras differenças que importam mais á historia.

Por um lado diz Luis de Figueiredo que a não *Nossa Senhora de Monserrate*, da armada de 1608, em que veio por capitão Manoel de Frias, recolhera a Lisboa no anno de 1610 indo nella por capitão Gaspar Ferreira, piloto que trouxera no dito anno de 1608 á India ao Vice-Rey Ruy Lourenço de Tavora; e que a não *S. Boaventura*, da armada de 1609, capitão Luis de Bardi, chegará a Lisboa a 7 de Julho de 1611, morrendo o capitão do Cabo para lá, e André Furtado que hia nella.

Por outra parte Pyrard affirma como testemunha de vista que André Furtado embarcára na não *Nossa Senhora da Penha de França*, e saíra de Goa a 26 de Dezembro de 1609. Nesta parte tem o testemunho de Pyrard muito maior valor que o de Luis de Figueiredo, posto que também seja auctor contemporaneo; e ainda que não fora o testemunho directo de Pyrard, bastaria reflectir que André Furtado, tendo acabado de governar a India, não poderia ficar nella para o anno seguinte.

A não *Nossa Senhora da Penha de França* chegou a Lisboa a 4 de Julho de 1610, segundo o testemunho de Luis de Figueiredo, e isto explica como Pyrard depois da sua volta estando em Hespanha, onde desembarcou a 21 de Janeiro de 1611, poudé saber ahi da morte de André Furtado, que morrera no mar junto das ilhas dos Açores.

He pois manifesto o erro de Luis de Figueiredo quando diz que André Furtado fôra na não *S. Boaventura*, porque esta não ficou na India aquelle anno, foi na monção seguinte, chegando a Lisboa, segundo o mesmo Luis de Figueiredo, a 7 de Julho de 1611.

▲ confrontação dos dous auctores ainda nos offerece outras reflexões. Na não *Nossa Senhora da Piedade* veio no anno de 1609 por capitão o capitão mór da armada D. Manoel de Menezes; e na tornaviagem diz Pyrard que fora capitão da dita não D. Pedro Coutinho, que saía da fortaleza de Ormuz, e levava a Portugal o embaixador da Persia. D. Manoel de Menezes foi na não *Nossa Senhora do Carmo*, (que deve ser a *Monserate* de Luis de Figueiredo), e adverte bem Pyrard que fora por simples capitão daquella não, porque quando o Vice-Rei ou Governador recolhia a Portugal, era elle o capitão mór da Armada na tornaviagem; e desta vez o era André Furtado. Faz-nos porem especie dizer Luis de Figueiredo que na não *Monserate* (que como dissemos, deve ser a *Senhora do Carmo* de Pyrard) fôra por capitão Gaspar Ferreira, piloto que trouxera á India o Vice-Rei Ruy Lourenço de Tavora. No meio destas divergencias somente observaremos que no que toca ás não da tornaviagem deste anno nos inclinamos mais a crer o testemunho ocular de Pyrard do que as investigações de Luis de Figueiredo Falcão, posto que feitas com o maior desejo de acertar na exposição dos factos.

OBSERVAÇÕES GEOGRAPHICAS

SOBRE A VIAGEM

DE FRANCISCO PYRARD

POR P. DUVAL,

GEOGRAPHO D' EL-REI DE FRANÇA.

(EM 1666)

OBSERVAÇÕES

SOBRE A PRIMEIRA PARTE.

Pag. 1.

A França, que a natureza tem banhado de dous ricos mares, e dotado de muitos bons portos e enseadas.

Os dous mares são o Occano e o mar Mediterraneo. O Oceano dá à França o meio de traficar em todas as regiões, que elle banha, n' um e n' outro continente; e o mar Mediterraneo lhe abre o commercio, a que nós chamamos ordinariamente commercio do Levante. Hoje estamos em vesperras de ver a comunicação destes dous mares pela junção dos rios de Garonna e Aude. Alem disso o Oceano e o mar Mediterraneo servem de defensão á França em algumas das suas provincias; e n' outras partes montanhas excessivamente altas, e possantes fortalezas lhe servem de outros tantos baluartes. A França, em consequencia desta situação, leva grande vantagem a seus visinhos, e mórmente contra a caza de Austria, porque pode levemente cortar a comunicação das forças de mar daquella caza; e tendo mais de quatrocentas legoas de costa sobre os dous mares, pode fazer-se senhora delles, e arbitra do trafico. Havia-se julgado até agora que os Francezes eram pouco propensos á navegação, mas a experiencia tem mostrado o contrario; porque muitas armadas foram postas no mar nos ultimos tempos do reinado de Luis XIII, e depois, no de Luis XIV, se tem

estabelecido em França muitas companhias, a saber, para a Groelandia, para o Canadá, para a Terra-firme (a), e para as Ilhas da America. Afóra isto tem-se feito estabelecimentos na ilha de Madagascar, no Bastião de França, e em outras partes; mas as duas companhias das Indias Orientaes, e das Indias Occidentaes, novamente formadas, são as mais consideraveis. De sorte que vamos ver novamente florescer a navegação e commercio, e os Francezes não terão mais necessidade de ir buscar emprego nos navios das outras nações. 'E' uma das tres vantagens que outr' ora reconheceo Antonio Perez, quando disse ao Rei Henrique o Grande que os Francezes seriam capazes de conquistar toda a terra, se podessem juntar ao seu grande esforço, Roma, o Mar, e o Conselho. Ha hoje para os negocios da marinha o superintendente dos mares de ponente e de levante, e o General das Galés. Quando tem havido no reino muitos almirantes, o de França tinha a sua jurisdicção desde Calais até Saint Maló, o de Bretanha tinha a sua até ao Raz, o da Guyenna até ao rio de Bidassoa, e o de Levante ao longo das costas do mar Mediterraneo. Os antigos Gaullezes souberam servir-se bem destas commodidades do mar, porque quando deram ajuda aos Carthaginezes, lhes fizeram alcançar muitas vantagens; e os Romanos não desbarataram estes senão quando tiveram os navios gaullezes a seu soldo.

Os melhores portos do reino são, *Calais* em Picardia; *Diepe* e o *Havre de Grace* em Normandia; *Saint-Maló*, *Brest*, *Blavet*, por outro nome, *Porto Luis*, *Morbihan*, e *Nantes* em Bretanha; *Olonne* em Poictou; *la Rochelle* no pais d' Aunis, *Brouage*, e a *Tremblade* em Saintonge; *Bordeaux* em Guyenna: *la Nouvelle*, *Agde*, e *Sette* em Languedoc; *Marseille*, *Toulon*, e outros, em Provença, onde ha golphos em grande numero; assim como muitas bahias em Bretanha. Podem-se juntar aos portos sobreditos os de *Dunkerque*, e de *Mardik* em Flandres, e o de *Vendres* em Roussillon. Dão-se epithetos particulares a alguns destes portos; e assim se diz, o *Paraiso* de Calais, a *Bacia* do Havre, a *Camara* de Brest, etc.

Pag. 2.

Os Portuguezes e Hespanhoes tentam avassallar por si sós os elementos... vedar os mares, etc.

A principio estas duas nações somente foram as que empreheenderam as viagens longuinhas, e que enviaram colonias ás terras remotas; os Hespanhoes para o Occidente, os Portuguezes para o Oriente. Obtiveram até do Papa Alexandre VI uma doação de

(a) America central, como na 2.ª Observação melhor se verá.

todas estas terras por conquistar. No anno de 1493 este Summo Pontifice, que Sixto V põe na conta dos três maiores Papas da Igreja, fez o regulamento desta doação, pela qual investio a Fernando Rei de Aragão e Isabel Rainha de Castella de todas as terras que elles podessem fazer descobrir ao occidente de uma linha que se devia lançar imaginariamente de um pólo a outro, cem legoas alem das ilhas dos Açores. O que houvesse de ser descoberto ao oriente desta linha devia pertencer ao Rei de Portugal. A difficuldade foi quando se chegou á divisão, porque de uma parte os Castelhanos queriam começar a contar aquellas cem legoas da mais occidental dos Açores; e os Portuguezes pertendiam contal-as da mais oriental, na tenção de ganharem, pelo que assim largavam nos sertões da America, a rica possessão das ilhas de Maluco, que depois foram trespassadas ao seu Rei pelo Imperador Carlos Quinto por 350\$ Ducados. As outras nações da Europa não ficaram contentes da liberalidade do Papa Alexandre VI no que toca a este regulamento; e os Francezes, Inglezes, e Hollandezes quizeram ter cada uns a sua parte. E porque depois d'essas primeiras conquistas tem havido diversas mudanças na posse de muitos logares daquellas remotas regiões, parece de algum modo necessario dar aqui noticia do estado presente das terras, fortalezas, e outros logares que pertencem aos Europeos nas Indias, assim occidentaes como orientaes.

Os que forem curiosos de lhe ver a posição, recorram ás cartas, que dellas tenho formado.

Estado presente das terras, fortalezas, e outros logares, que pertencem aos Europeos nas Indias Occidentaes e Orientaes.

Os Francezes tem no *Canadá*, chamado por outro nome a *Nova França*, *Montreal*; os *Tres Rios*, *Quebec*, *Tadousac*, e outros logares á horda do rio de *São Lourenço*. Tem tambem a *Accadia*; a ilha do *Cabo Bretão*, com o forte de *S. Pedro*, donde traficam em *Nepigiquit* com os selvagens da costa. Na ilha da *Terra Nova*, *Plaisance*, e a *Bahia do pequeno Niort*. *Pemigoet*, *São João*, o *Porto Real*, e outras fortalezas do *Canadá* e da *Accadia* foram-lhes tomadas pelos Inglezes. Nas ilhas *Antilhas*, *São Christovão* em parte (a outra parte é dos Inglezes) *São Bartholomeu*, *Santa Cruz*, *São Martinho* em parte (a outra parte é dos Hollandezes;) *Guadalupe*, a *Desejada*, *Maria-galante*, os *Santos*, a *Martinica*, *Santa Luzia*, que os Inglezes lhes tem usurpado ha pouco. *Grana'a*, e os *Granadinos*; a *Tartaruga*; e algumas colonias na parte occidental da *Ilha Hespanhola*, por outro nome chamada de *São Domingos*. Na terra firme da America meridional, na costa de *Guayanna*, a ilha *Cayenna*. onde ha os fortes de *S. Miguel de Ceperoux*, chamado hoje o Forte Luiz, e a colonia de *Mahuri*. O commercio

na costa d' Africa nos rios de *Senegal* e de *Gambia*; em *Rufisque* perto do Cabo Verde, e em muitos logares da *Guine*. O *Forte Delphim*, e outras fortalezas na ilha de *Madagascar*, chamada hoje a *Ilha Delphina*. As ilhas de *Santa Maria*, *Bourbon*, *Diogo Rodrigues*, etc.

Os Hespanhões possuem a maior e melhor parte da America, com grande numero de cidades. Na America Septentrional, a *Nova Hespanha*, onde estam as Audiencias ou Parlamantos do *Mexico*, de *Guadalajara*, e de *Guatimala*; as ilhas da *Cuba*, *Hispaniola* (os Francezes estam estabelecidos na parte occidental della), *Borriquen*, etc. E alem d'isto, *Santo Agostinho*, e *São Matheus* na *Florida*, e uma parte do *Novo Mexico*. Na America Meridional, a *Castella do Ouro*, chamada por outro nome *Terra Firme*, onde estam as Audiencias de *Panamá*, e do *Novo Reino d' Granada*; o *Perú*, onde estam as de *Quito*, de *Lima*, e da *Prata*; o *Chili*, e o *Paraguay*, que comprehende os paizes de *Tucuman*, e da *Prata*. Na costa d' Africa sobre o oceano, *Larache*, *Mahomera*; as ilhas de *Salomão* no mar do Sul; e as ilhas *Canarias* ao ponente de Africa. Para o Oriente tem as ilhas *Philippinas*, chamadas antigamente *Manilhas*, pela maior parte. Tinham de antes uma parte das ilhas de *Maluco*, a saber, em *Ternate*, *Gammalama* e *Nossa Senhora do Rozario*; *Tidore*, *Taroula*, *Castello velho*, *Maricece* (?); em *Gilolo*, *Gilolo*, *Sabugo*, *Aquilanio*, *Tolo*, *Isiau*, e *Jaffougo*; mas elles abandonaram todos estes logares, de tres ou quatro annos a esta parte.

Os Portuguezes tem toda a costa do *Brazil* na America Meridional, e ao longo desta costa as capitánias do *Pará*, *Maranhão*, *Ciarrá*, *Rio grande*, *Paraíba*, *Tamaracá*, *Pernambuco*, *Serégippe*, *Bahia de Todos os Santos*, os *Ilheos*, *Porto Seguro*, *Espirito Santo*, *Rio de Janeiro*, e *São Vicente*. Junto das boccas do Amazonas as fortalezas do *Esteiro*, *Cordova*, e *Cogemina*; em Africa na costa do Reino de Marrocos, *Masagão*, e *Cart-guessem* (sic). Alguns fortes na costa de *Guiné*, do *Congo*, e de *Angola*, e habitações na ilha de *S. Thomé*. As ilhas dos *Açores* ou *Terceiras*; as da *Madeira* e *Porto Santo*; as de *Cabo-Verde*; do *Princepe*, de *Fernando Pó*, d' *Anno bom*, etc. Os Portuguezes foram por largo tempo os mais poderosos d' entre os Europeos na Indias Orientaes; mas hoje são os Hollandezes quem possui alli os melhores logares. Eis o que resta á coroa de Portugal. Em *Casraria*, que é a costa de *Momotapa*, o castello de *Sofala*, a villa de *Sena*, uma feitoria com um pequeno forte no *Cabo das Correntes*, e outras cazas fortes nas fozes de *Cuama*, e outros rios da costa. Em *Zanguebar*, que é a costa de *Melinde*, a cidade e fortaleza de *Mocambique*, com o forte de *São Marcos*; feitorias, e alguns pequenos fortes em *Angoze*, e em *Quilimane*. A fortaleza de *Quiloa*, e uma feitoria em *Monfia*. A cidade e fortaleza de *Mombaga*; a fortaleza de *Melinde*, com as povoações, e feitorias de *Pate* e *Ampasa*. O trafico em toda a costa d' Africa, des-

de o cabo da Boa Esperança até ao *Mar Vermelho*, na ilha de *Socotora*, em *Aden*, em *Perlaque*, em *Passorá*, etc. Na *Persia*, feitorias, e metade das alfandegas na ilha de *Baharem*, e no *Congo*, o trafico de *Pandel-rico* (?), no *cabo de Jaquete*, e outros logares. Na India do *Mogol*, *Diu*, *Damão* com os fortes de *S. Jeonimo*, *Sangens* (a), *Oelme-Mahim*, e *Tarapor*; *Paçaim* com a ilha de *Salcette*; o forte de *Bandorá*, chamado por outro nome, *Manorá* (b); a povoação de *Taná* fortificada com tres fortes; e *Serra de Asserim*. *Ogult*, aldea á horda de Ganges; o trafico em *Agrá*, em *Amedabad*, em *Cambaya*, em *Baroche*, em *Surrate*, em *Benqala*, etc. No *Decan* tem *Chaul*, com as fortalezas do *Morro*, de *Caranjá*, e a aldea de *Mazagão* (c). *Goa* com suas fortalezas, e dependencias na terra de *Pardes*, e ilha de de *Salcete* (d). Na costa da *China*, *Uacão*. Na ilha de *Solor*, a povoação e forte de *Larantuca*. O trafico na *Persia*, em *Golcondá*, em *Ar-racão*, em *Pegú*, em *Tanasserim*, em *Ligor*, *Odia*, e outros logares de *São* em *Camboia*, no *Macassar*, na ilha de *Timor* etc.

Os Ingleses tem augmentado extraordinariamente os seus Estados de America, mormente depois que tem contenda com os *Hollandezes*. Possuem na America Septentrional a *Nova Inolattera*; a *Bahia da Trindade*, *Chinhet*, e a pequena *Plaisance* na ilha da *Terra Nova*; a *Virginia*, e as ilhas *Bermudes*; *Pentagoet*, *São João*, *Forto Real*, e outras fortalezas no *Canadá*, e na *Accadia*, as quaes ganharam aos *Francezes*. A *Nova Hollanda*, que tomaram aos *Hollandezes* em 1664, com a *Nova Amsterdam*, e o forte de *Orange*. Nas ilhas *Antilhas* as *Barbadas*, asiber, a *Barbada*, a *Barbuda*, a *Enquia* (*Anquille*), *São Christão* em parte (a outra parte é dos *Francezes*), *Monserate* das *Neves*, por outro nome *Meuvis*, *Antiqua*, *Santa Luzia*, por usurpação aos *Francezes*; a *Dominica*, e *São Vicente* em parte. A ilha de *Santa Catharina*, chamada da *Providencia*; a ilha *Jamaica*, e a da *Trindade*. Uma colonia em *Suriname*, com alguns fortes nas costas da *Guayana*. Em Africa *Tanger*, perto do Estreito, *São Philippe* junto do Cabo Verde, (e) *Taqrin*, *Cormantim*, *Naschange*, *Tranquerari*, e outros lugares em *Guiné*. Os *Hollandezes* tomaram-lhe *Cormantin* no anno de 1665. Um forte na ilha de *Santa Helena* etc. *Madrasspão* (*Madrasta*) na costa de *Coromandel*, e as ilhas de *Bombaim*, *Angediva*, e

(a) *Saint Jean*, escreve o auctor com visivel equivocação. Os Ingleses escrevem *Sanjan* ou *Sunjan*.

(b) Não admira que o auctor escrevendo em tal tempo, e na Europa, confundisse alguns pontos de pequena importancia. *Bandorá* é diverso de *Manorá*. *Bandorá* é na ilha de *Salcete*, junto á de *Bombaim*; *Manorá* muito mais ao norte no sertão.

(c) Outra pequena equivocação. A aldea de *Mazagão* é na ilha de *Bombaim*, e pertencia por consequencia á jurisdicção de *Paçaim*. A equivocação precedeo sem duvida deser aquelle sitio de *Mazagão* proximo e fronteiro á ilha de *Caranjá*.

(d) A terra de *Salcete*, ao Sul de *Goa*, não é ilha; mas devemos desculpar o auctor, porque muitos documentos portuguezes lhe chamam ilha.

(e) Provavelmente alguma transitoria occupação da ilha portugueza deste nome, hoje conhecida pelo de ilha do *Fogo*.

Pouleron (a) Uma caza e aposentos onde tem um Presidente em *Surrate*, e outra em *Bantam*. Feitorias em *Ispaham*, em *Gombru* (Comordão) onde tem metade da alfandega, em *Agrá*, em *Amedabad*, em *Cambaya*, em *Harodá*, em *Baroche*, em *Surrate*, em *Dabul*; em *Pettapoli* (b), em *Masulipatam*; em *Sião*, em *Camboja*, em *Tunkim*, etc.

Os Holandezes foram desapossados da sua *Nova Hollanda* pelos Inglezes no anno de 1664, e perderam ahi a sua cidade de *Manhatte*, a que tinham chamado *Nova Amsterdam*, e o seu forte de *Orange*. Da mesma sorte perderam nas ilhas *Antilhas* a de *Santo Eustachio*, e mais para o meio-dia as de *Curacão*, e de *Tabago*. Tem ainda a ilha de *Sabá*, parte da de *São Martinho*, onde ha tambem Francezes; a cidade de *Coro* na *Terra Fime*; as colonias de *Boiron*, de *Esquibe*, de *Brebic*, e outras nas costas da *Guaana*. Em *Africa*, *Arguim*, e *Goréa* junto do Cabo Verde; o forte de *S. n.º André* no rio de *Gambia*, *São Jorge da Mina*; o forte de *Nassau*, e o de *Cabo Corso*, pretendido pelos Suecos, em *Guiné*; muitos fortes no *Congo*, a Povoação na ilha de *S. Thomé* etc. (c). Junto do *Cabo d' Boa Esperança*, e na *Tafel-bay* ou *Table bay*, dous fortes. A leste da ilha de Madagascar, a ilha *Mauricia*. Na costa do *Malabar*, *Onor*, *Parcelor*, *Mangalor*, *Cananor*, *Cranganor*, *Cochim*, e *Coulão*. Na costa de *Comandel*, *Tuticorim*, *Negapão*, *Caical*, *Gueldres* junto de *Pallete*; feitorias em *Carical*, em *Tolsen* (d), e em outros logares. Na península da *India* d' alem do *Ganges*, *Malaca* com os portos, ilhas, e fortalezas, que della dependem. Na ilha de *Ceilão*, *Negumbo*, *Columbo*, *Galle*, *Baticale*, *Trinquilemale*, *Jassanapatão*, e uma fortaleza na ilha de *Manar*. Na ilha de *Java*, *Jacatra*, chamada *Batavia*, e suas dependencias. Parte das ilhas de *Maluco*, a saber em *Ternate* *To-*

(a) *Angediva*, e *Pouleron*. É sabido que a ilha de *Bombaim* foi cedida por Portugal a Inglaterra pelo tratado de 23 de Junho de 1661; que o vice-Rei Antonio de Mello de Castro duvidou em fazer entrega da ilha aos Inglezes, os quaes durante a contenda se recolheram na ilha de *Angediva*, que a esse tempo estava desoccupada. Só no anno de 1665 he que se faz a entrega de *Bombaim*, e os Inglezes saíram de *Angediva*. O auctor porem que escrevia em França no anno de 1666 (ao que parece) ainda não estava informado da saída dos Inglezes de *Angediva*; e assim nomea entre as suas possesões a *Bombaim*, pela noticia que tinha do tratado; e a *Angediva* pelo facto da occupação. Esta ilha de *Angediva* pela saída dos Inglezes ficou novamente desoccupada ate que nós nos estabelecemos nella definitivamente no anno de 1683 governando o vice-Rei Conde de Alvor.

Pouleron é sem duvida o mesmo logar que os Inglezes escrevem *Palaveram*, e *Palaveram*, no actual districto de *Chingleput*, ou antes *Chegalpatt*, na presidencia de *Madrastra*, 11 milhas ao sudoeste desta cidade. Não ha ilha alguma a que caiba este nome.

(b) Provavelmente com este nome designa o auctor o logar de *Pettah*, tres milhas ao noroeste de *Masulipatam*.

(c) Alguns logares occupados pelos Holandezes em *Angola* e ilha de *S. Thomé* foram depois recobrados pelos Portuguezes.

(d) Parece-nos que é o mesmo logar que os Inglezes escrevem *Pollasura*, no actual districto de *Ganção*, Presidencia de *Madrastra*.

comma, *Taiacco*, e *Malaya*; em *Motir* o porto de *Nassau*; em *Maquem* *Taffaso*, *Tabitola*, *Naffaquia*, por outro nome *Nahaca*, e *Maurieia*; em *Bacham Gammeduore*, e *Leboua*; em *Gilolo Sabou*, e *Coma*; na ilha de *Amboino*, *Coudella*, e *Lovio*; nas ilhas de *Banda*, *Nassau*, e *Belgica* na de *Nera*, e *Roenge* na de *Poulsway*. Na ilha de *Solor* o forte *Henrique*. As ilhas de *Savo*, e *Boton* junto a *Macassar*, um forte na de *Timor*. Parte da *Terre Austral*, a que tem chamado *Nova Hollanda*; onde está a *Carpentaria*, as terras d' *Arnems*, de *Witz*, de *Endracht*, por outro nome da *Conceição*, d' *Edels*, de *Leuwin*, e de *Nuitz*. Muitas feitorias, a saber, na *Persia* em *Gombrou* (*Comorão*), em *Ispahan*; nas terras do *Mogol* em *Agrá*, em *Amedabad*, em *Cambaya*, em *Baroche*, em *Surrate*, e *Uguli*, em *Coimbatore*, em *Daccá*, em *Patna*, em *Pipilipatan* (a). No *Decan* (b) em *Vingorlá*. Em *Coromandel* em *Nepapatão*. Em *Golconda*, em *Goncoldá*, em *Masulipatão*, em *Palicate*, em *Dalscheron*, em *Bicolapatão*. No *Pegú* em *Adá*, em *Sirião*. Em *Sido* em *Odiá*. Na ilha de *Sumatra* em *Ticou*, em *Priaman*, em *Indapur*, em *Cillebar*, em *Jambi*, em *Palimbam*, e outros lugares. Na ilha de *Java* em *Banjam*, em *Japará*. Na ilhas *Celebes* em *Manado*, em *Macassar*. O tráfico na ilha de *Socotór*, na costa da *Arabia* em *Moca*, em *Aden*, e em *Fartaque*; nas ilhas de *Larek* (c), em *Kessem*, e outras proximas de *Ormuz*; em *Bisnagá* em *Orizá*; em *Aracan*; em *Pegú*; em *Tanasserim*; em *Perd*, em *Jór*, em *Pão*, em *Palane*; em *Singora*; em *Berdelong*; em *Ligor*; em *Tunquim*; em *Chincheo*, e outras partes da *China* etc. Em *Rima* na ilha de *Borneo*. E com exclusão das outras nações pretendem elles o trato na costa oriental de *Sumatra*, no *Japão*, nas ilhas de *Amboino*, *Balli*, e outras. Em *Bima* na ilha *Cambua*, etc.

Os Suecos tem na *America Septentrional* a *Nova Suecia*, onde está *Christina*, *Gothembourg*, *Elsimbourg* etc; e pretensões sobre o *Caço Corso* em *Guiné*.

Os *Dinamarquezes* tem tambem algumas terras em uma e outra *India*. Na *America do Norte* a *Nova Dinamarca*. Na *Costa de Coromandel* *Tranquebar*.

Pag. 5.

Partimos de S. Maló com bom vento de nordeste para dar principio a nossa viagem.

Os dous navios, em um dos quaes hia *Pyrard*, navegavam para

(a) Talvez *Pipeli* no actual districto de *Bijmour* nas *Provincias Britannicas do Noroeste*.

(b) Devia dizer *Concão*—(c) *Larà*?

as Indias Orientaes; e por isso não é fora de proposito dar aqui as Derrotas, que ordinariamente seguem as nações da Europa, que para alli navegam. E para não fazer uma observação imperfeita, junto aqui as Derrotas das mesmas nações para as Indias Occidentaes. Taes observações serão talvez fastidiosas aos que não buscam nos livros senão aventuras romanescas, ou historias divertidas; mas eu não as ponho aqui senão para os que fazem da *Carta* um de seus divertimentos, e que querem conhecer as navegações de longo curso.

Derrotas dos Europeos para as Indias Occidentaes.

Os que navegam no mar Oceano nos ensinam que os ventos, que sopram ordinariamente na zona torrida, são chamados Brizas, e ventos geraes, e que estes ventos correm d' oriente para occidente, segundo o movimento de primeiro movel, que faz tambem mover o mar da mesma maneira. Os ventos que reinam ordinariamente desde os 30 até aos 40 grãos de latitude septentrional, são vendavaes d' occidente para oriente. Nos mares proximos dos pólos não ha ventos regulares. Aos pilotos cumpre escolher as sações commodas para sua navegação; conhecer por experiencia todos os baixos, e as correntes das paragens ou sitios aonde hão de ir; saber bem a qualidade e andadura de seus navios; bem observar o vento que tem, para dar o devido desconto a sua derrota quando a marcam na carta; e finalmente ter todo o resguardo com a variação da agulha, a qual, segundo o que se tem conhecido, não é sempre a mesma no mesmo logar.

Chamamos á America *Indias Occidentaes*, porque muitos de seus habitantes andam ordinariamente semi-nús, da mesma maneira que a maior parte dos das Indias Orientaes; ou porque dalli se extrahem mercadorias mui preciosas; ou em fim porque se acreditou ser pegada com a India da Asia. Os Hespanhoes são a nação que para alli tem feito maior somma de viagens.

A derrota antiga e ordinaria era ir primeiramente ás ilhas Canarias, a saber, á grande Canaria. ou á Gomera, e dalli navegar para o sul e sudoeste para aproveitar as monções ou ventos geraes da zona torrida, que sopram de leste a oeste, e que levavam os navegantes á Desejada, ou á Dominica, ou á Guadalupe, ilhas que fazem parte das Antilhas, e que ministram boas aguas. Em fim a favor dos mesmos ventos navegavam por Ocoa na ilha Hespanhola, (a) e para outros logares da sua dependencia.

Hoje em dia, como tem duas armadas, uma para a Nova Hespanha, e outra para a Terra firme, depois de haverem seguido

(a) Hoje vulgarmente—*São Domingos*.

com pouca differença a mesma derrota, apartam-se na altura das ilhas Antilhas, que vão avistar. A da Nova Hespanha vai ganhar o Cabo de Santo Antonio na parte occidental da ilha da Cuba, depois de ter passado á vista da ilha de Porto Rico, que lhe fica á parte direita; a cidade de S. Domingos, a ponta Nizão, e o cabo Tiburon na ilha Hespanhola: e depois de haver passado entre as ilhas de Cuba e Jamaica, e avistado á direita a ilha de Pinos, e o cabo das Correntes. Esta armada da Nova Hespanha dirige-se em direitura ao porto de Vera Cruz por uma corrente septemtrional no inverno, e por outra meridional no verão. Antigamente aportava a S. João de Ulhoa. Dalli os mercadores vão por terra á cidade de Los Angeles, por fim á do Mexico. O porto de Vera Cruz é defendido por uma boa fortaleza que o domina, mas a sua melhor defesa são os bancos e rochedos que tem na entrada. Gastam-se quazi tres mezes na viagem de Hespanha a Vera Cruz.

Os navios que vão a Honduras e Guatimala, depois de ter navegado pelo meio dia da ilha Hespanhola, caminham pelo norte da Jamaica até ao cabo Negrilho na mesma ilha, e dalli vão avistar o cabo Camarão para desembarcar em Truxilho, ou no porto dos Cavallos, ou no golpho doce, que são logares de provincia das Honduras. Os que vão ás Manilhas, depois de haverem chegado á cidade de Mexico, embarcam-se no porto d' Acapulco, e no da Natividade, ambos no mar do sul. O porto d' Acapulco é grande, abrigado dos ventos; e defendido por uma boa fortaleza. E' afastado umas oitenta legoas da cidade de Mexico, que lhe envia as suas mercadorias em recuas de mulas.

A armada hespanhola da Terra firme depois de ter passado á vista da Guadalupe, ou das outras ilhas visinhas, toma a derrota para a America Meridional até reconhecer alli os Cabos da Vella e da Agua, e seguir depois a Cartagena, onde se desembarca para o novo reino de Granadá. Os navios destinados para o Perú navegam até Porto Bello, como d' antes navegavam para Nome de Deos; e alli descarregam as mercadorias da Europa, que são levadas por terra ás costas de grandes carneiros, chamados vicuvos, até Panamá, ou vão por um bom espaço de caminho pelo rio de Chagre. Em Panamá embarcam-se estas mercadorias para Lima, ou para Arica, que é o porto de mar mais proximo do Potosi, cidade famosa por suas minas, que antigamente foram reputadas as mais ricas do mundo.

Na tornada para a Europa, as armadas, assim a da Nova Hespanha como a da Terra firme, saindo de Vera Cruz e de Honduras, de Porto Bello e de Cartagena, juntam-se todas na Havana na ilha da Cuba, o melhor porto das Indias occidentaes, que é mui seguro, e defendido por tres fortalezas. Dalli tomam a derrota pelo canal de Bahamá, e depois de terem corrido ao longo da costa da Florida, da Virginia, e da da Nova França, passam ao sul das Terceiras no inverno, e ao norte das mesmas ilhas no verão, afim de

avistar ou o Cabo Finis terra, ou o de S. Vicente, e depois encaminhar-se ao porto de Cadiz, ou ao de Santa Maria, assim como de antes hiam ao de San Lucar. Todos estes portos são na provincia de Andalusia. Em nosso tempo tem ás vezes estas armadas ido tomar a Corunha em Galliza, e Santander em Biscaia; mas tem sido por evitar o encontro dos Inglezes, que andando então de guerra com os Hespanhoes, esperavam estas armadas na sua passagem ordinaria. A antiga derrota da tornada era ao sair de Cartagena e de Santa Martha, cidades maritimas da terra firme da America, ir passar a oeste da ilha de S. Domingos, que é a mesma que a Hespanhola, e a leste das da Jamaica e da Cuba; e depois desembocar de todas as Antilhas pelo canal entre a Mogana e as Caicas, a fim de ganhar o mar largo, e aproveitar ali a commodidade dos ventos d' oeste.

Os Francezes tomam a sua derrota ou para o Canadá, ou para as Antilhas, ou para a Cayenna e Terra firme, que lhe está proxima. Se vão ao Canadá, o seu trajecto é apenas de umas setecentas legoas pelo oceano, e vão passar pelo norte e pelo sul da ilha da Terra nova, de caminho para o Rio grande. Se vão ás Antilhas ou á Cayenna, tem por costume ir passar á vista das Canárias, e seguir depois a derrota para meio dia até que na zona torrida achem a commodidade dos ventos de leste, que alli nunca fallham. Encontram em seu caminho daquelles peixes voadores, que são do tamanho de arenques, e não podem voar senão em quanto tem as asas molhadas, e acham perpetuamente inimigos mais possantes que elles ou seja no ar ou seja na agoa. Não encontram porem tão grossas serras de agua em ponto algum de sua navegação, como as que encontram no mar de Gascunha.

Podem-se conhecer as derrotas das outras nações da Europa para a America pelas que acima ficam referidas, guardada a proporção das terras, que cada uma occupa.

Derrota dos Europeos para as Indias Orientaes.

Pelo nome de *Indias Orientaes* conhecemos as costas d' Africa e Asia, com todas as ilhas e peninsulas do nosso hemispherio, que jazem no mar das Indias alem do Cabo da Boa Esperança indo para o oriente. Neste espaço ha a Cafraria em parte, o Zanguebar, a ilha Delphina (a); as costas da Arabia e da Persia; as do imperio do Mogol, com as duas peninsulas da India; as da China, as ilhas de Maldiva, Ceilão, da Sunda, de Japão, Philippinas, e de Maluco. As diversas nações da Europa, e as differentes companhias estabelecidas para o commercio tem avançado ou recuado á proporção de seus interesses

(a) São Lourenço, ou Madagascar.

as linhas dos meridianos, que abrangem as terras sobreditas, e fabricado por este respeito Cartas a seu sabor, alargando nellas as regiões, que lhes tocam em partilha.

Os Portuguezes no tempo do seu grande estabelecimento nas Indias dividiram todas estas costas em sete grandes partes. A 1.^a era a costa d' Africa; a 2.^a a da Arabia; a 3.^a a da Persia até ao golpho de Cambaya; a 4.^a a da India desde este golpho até ao Cabo Camorim; a 5.^a entre este Cabo e o rio Ganges; a 6.^a desde o Ganges até ao Cabo de Singapura; e a 7.^a entre este Cabo e o de Liampò na China.

A maior parte das regiões das Indias Orientaes são as mais bellas, e mais deliciosas de todo o universo, e sem contradicção as mais ricas, por quanto as riquezas dos outros logares do mundo de lá vem como de sua origem, ou antes, alli vai quem quer ser rico. E' por isso que os Europeos em suas navegações tem buscado todos os caminhos imaginaveis para lá ir com facilidade; e foi isso o que os Portuguezes conseguiram felizmente no seculo passado. Os Hollandezes tem crescido alli tanto em poder no nosso tempo, que querem ser senhores assim de seus mares como de seus commercios. Os Ingлезes tambem tem querido haver a sua parte. E os Francezes são persuadidos que em nada cedem ás outras nações, e que tem todas as qualidades necessarias para taes empresas; e por isso no anno de 1664 fudaram uma celebre companhia para o commercio das Indias orientaes, e El-Rei lhe concedeo para esse fim artigos mui favoraveis.

Muitos logares maritimos da India tem nomes portuguezes, e alguns nomes hollandezes sobre os que lhe foram dados pelos Portuguezes. Ha tambem outros que são chamados dos nomes dos Santos, cuja festa se celebrava quando foram descobertos, ou o nome dos principaes cabos que commandavam taes empresas. A natureza das terras onde são situados estes logares, e as cousas que nellas se tem visto, ou alguma outra consideração tem outrosim contribuido para o nome que lhe foi posto.

A lingua portugueza é usada em quasi tolas as costas das Indias Orientaes; e tambem entre os Europeos e Indios que nellas traficam; mas quando se torna destas Indias para a Europa pelos Estados do Turco, deixa-se esta lingua em Bagdad para ahi se começar a fallar o Turco, e o Franco, ou Italiano corrupto.

Derrota dos Francezes para a Ilha Delphina.

A' saída dos portos de França tomam a derrota quasi ao sudoeste até a altura do Cabo de Finis terra em Hespanha. Dalli vão no rumo de sul, e passam a oeste, e á vista da ilha da Madeira, ou de preferencia, a leste da de Porto Santo. Avistam a ilha de

Palma, uma das Canárias, passando-lhe dez legoas a oeste pouco mais ou menos. Podem também passar entre Teneriffe e a grande Canária, mas então devem evitar com grande cautella o baixo dos Selvagens, que fica ao sul de Porto Santo, e dispôr as cousas de maneira que o não possam senão de dia. E' um aggregado de ilheos que se consideram como um banco porque são pequenos, e rodeados de rochedos. Depois vão sempre no rumo do sul, e passam pelo meio do canal que fica entre as ilhas de Cabo Verde e a terra firme de Africa, isto é, quasi a trinta ou quarenta legoas a leste destas ilhas. Não passam mais proximos da costa de Guiné do que noventa ou cem legoas, porque as correntes do mar os impellem para ella, e porque ha alli calmarias importunas. Semelhantemente não se aproximam da costa do Brazil mais do que da costa de Guiné para evitar os Abrólhos, que começam perto da ilha de Santa Barbara, ou de Santa Catharina, quasi a dezoito grãos e meio de latitude meridional; porque de outra maneira ver-se-hiam obrigados a arribar á Europa. E por essa razão seguem uma derrota media entre a ilha da Ascensão e a da Trindade, que jazem a vinte grãos de latitude meridional. Daqui vão para o sudeste até ganharem aos trinta e dous grãos da mesma latitude meridional o norte das ilhas de Tristão da Cunha, das quaes se não acercam, porque ordinariamente os mares são alli mui grossos. Estas ilhas são sete em numero, e entre ellas ha uma maior que as outras. Caminhando daqui para le-sudeste acham-se os signaes do Cabo da Boa Esperança, que são a erva verde, chamada Sargaço, e Trombas, as quaes são pedaços de cannas de três e quatro pés de cumprimento, e da grossura de um braço, que nadam sobre as aguas com suas raizes. Tem por costume passar a distancia do Cabo das Agulhas, que possam sondar o banco, que está ao meio dia delle. Dalli vão a leste, e depois a nordeste para chegar finalmente á ilha Delphina.

No caminho sobre dito detêm-se ás vezes nas ilhas Canárias, ou nas de Cabo Verde; outras vezes no Cabo Branco, no Rufisco, nas ilhas dos Idolos, em Tagrin, ou na Bahia de Saldanha (a) na costa da Africa, segundo a necessidade, e as occurrencias. As ilhas dos Idolos são a nove grãos e meio de latitude septentrional, cobertas de mattas, e muito altas. Na grande, que está ao sul, ha agua doce, frutos, e aves; mas não ha que fiar na gente da terra. O melhor porto das ilhas de Cabo Verde é a enseada dos Ingлезes na ilha de S. Vicente. (b) E' em forma semicircular, com vinte e duas braças de fundo, e uma grande rocha á entrada. As altas montanhas da ilha de Santo Antão lhe servem de abrigo contra os ventos de oes e e oes-noroeste.

A Bahia de Saldanha, que tem sete a oito legoas de comprimento sobre duas ou tres de largura, tem bom surgidouro, porque se

(a) *Aguada* de Saldanha, é o nome portuguez.

(b) E' o *Porto grande*, hoje o mais frequentado daquelle archipelago.

parece com um lago, e ha bom abrigo ao pé de cinco ou seis ilheos que alli se acham.

Derrota da ilha Delphina a Surrate, a Masulipatão, a Bengala, e a Bantam.

A derrota do Forte Delphim para Surrate é esta. Depois de ter avistado a ilha Mauricia, passar entre os baixos de Nazareth a oeste do baixo da Saja de Malha, a leste do dos Sete Jornaes, seguindo o rumo de noroeste. Pode-se tambem ir avistar a ilha de Diogo Rodrigues, deixal-a a leste, passar entre os baixos de Garajoz e de S. Brandão, entre a ilha de Roque Pires, e o baixo de Porto dos Anjos, e continuar sua derrota. Saindo da fahia de Santo Agostinho pode-se tomar a oeste da ilha, deixar os baixos da India a esquerda, e os baixos do Parcel a direita, e ir para nordeste, como fazem os Portuguezes. Em todas estas derrotas é mister haver bons pilotos.

As derrotas para Masulipatão, Bengala, e Bantam, são tanto mais facéis quanto não obrigam a passar por entre todos estes baixos, que temos nomeado.

Ha de Surrate a Masulipatão um caminho por terre, que se faz em quarenta jornadas pequenas com bastante facilidade, e por boas terras; porque desde Surrate até as fronteiras de Golconda, é uma região plana, e fértil. Passa-se por Navapur, Nosari, Aurenghabad, junto de Dawlatabad, Amhart, Patri, Rajur, Candabar, Udegur (a), Serbider, que são nos Estados do Mogor, e depois a Indur, a Golconda, Pangel, Quzeoré, e em fim a Masulipatão, terras do reino de Golconda.

O caminho por mar de Surrate a Masulipatão é ao longo da costa da India até a ~~ilha~~ do Cabo de Comorin, da qual se vai avistar a ponta de Galle na ilha de Ceilão, e depois de passar ao meio dia desta ilha, navega-se para o norte. Se se vai a Bengala, ou ao Porto Grande ou Pequeno, vai-se avistar o Cabo Godavery, e depois o das Palmeiras.

Tornada da ilha Delphina a França.

A tornada da ilha Delphina a França faz-se de outro modo diferente da derrota por onde se vai a ella, por causa dos ventos geraes, que reinam de leste a oeste na zona torrida, como temos dito. Porque depois de se haver dobrado o Cabo da Boa Esperança, e estando-se a umas cem legoas a oeste, segue-se o rumo de nor-noroeste até aos dezaseis grãos de latitude meridional, donde se vai direjto

(a) Bidgheer escrevem os Inglezes.

ao poente a avistar a ilha de Santa Helena, na qual se costumam ir refrescar. Os Inglezes tem nesta ilha um forte ha poucos annos. Da ilha de Santa Helena vai-se á ilha da Ascensão, onde ha o regalo da pescaria das tartarugas; e depois caminha-se sempre para noroeste até á altura de França. Nesta tornada quando se está um pouco para cá da linha, deixa-se o Penedo de S. Pedro á esquerda, deixam-se depois as ilhas de Cabo Verde á direita, e do mesmo modo as Terceiras; e ha tolo o resguardo com os Abrólhos, que são ao poente de umas e outras destas ilhas.

Derrota dos Portuguezes para Goa.

Os Portuguezes vão ás Indias Orientaes pelo meio dia do Cabo da Boa Esperança; e a sua navegação no mar das Indias é regulada por certas santhes, e ventos, a que elles chamam *Monções*. Depois de haverem dobrado aquelle famoso Cabo, tomam o caminho para Goa por entre a terra firme de Africa e a ilha Delphina, a leste ou a oeste dos baixos da Judia. Vão refrescar-se a Moçambique; fazer agua da ao rio da Quitangonha, que lhe fica visinho para a banda do norte; e saindo de Moçambique vão passar entre as ilhas de Comoro e a de João Martins; e daqui vão seguindo sempre para nordeste até ao decimo sexto gráo de latitude septentrional, na distancia de umas cem legoas da Costa Deserta. Em fim tomam o rumo de leste para ir a Goa, onde surgem defronte da fortaleza em seis braços de agua, sobre um fundo de vasa molle. Se passassem a leste da ilha Delphina, não teriam as correntes do mar tanto á feição como tem, quando lhe passam a oeste.

Derrota de Goa para Macão.

Quando os Portuguezes vão de Goa para Macão, caminham ao longo da costa de Malábar até ao Cabo Comorim, depois pelo meio dia de Ceilão, e de todas as ilhas as mais meridionaes; e vão passar pelos estreitos, que ficam na visinhança da ilha de Bate, e navegam ao longo de Macassar e das Manilhas até Macão. Este caminho é mui trabalhoso, e todavia são obrigados a fazer estes grandes rodeios, porque os Hollandezes os impedem de passar pelos estreitos de Malaca e da Sonda; e até muitas vezes os vão esperar nas alturas do Cochim, e da ponta de Galle na costa da ilha de Ceilão.

A navegação de Macão ao Japão é de uns vinte dias.

Tornada de Goa para Portugal.

Na tornada, saindo de Goa os Portuguezes mettem para a oeste cou-

za de cento e cinquenta legoas, e depois vem avistar a Costa Deserta em Africa, ao longo, e á vista da qual ganham Moçambique; e navegando entre a ilha Delphina e os baixos da Judia costeiam a Terra de Natal, onde de ordinario as correntes são de nordeste a sudoeste, e onde a navegação é mui perigosa. Depois disso tornam a Portugal pelo Cabo da Boa Esperança, seguindo a derrota acima declarada.

Derrota dos Hespanhões para as Manilhas.

Para abreviar uma viagem de tão longo curso, como é a das Indias Orientaes, os Hespanhões, que querem ir ás Philippinas, a que chamam Manilhas, vão primeiramente pelo mar do norte em directura ao Mexico, região da America Septentrional. Dalli vão embarcar-se ao porto de Acaulco no mar de sul, e na mesma região, para ahi se aproveitarem da commodidade dos ventos geraes. Quando tornam das Manilhas para o Mexico, caminham ao longo da costa para se poderem servir dos ventos, que vem da banda da terra firme. Trato mais amplamente desta derrota no artigo das derrotas dos Europeos para as Indias Occidentaes.

Derrota dos Hollandezes para Jacatrá, por outro nome Batavia, na ilha de Java, para as ilhas de Maluco, Cochim, e Malaca.

Os Hollandezes tomam muitas vezes o caminho das Indias Orientaes pelo meio dia do Cabo da Boa Esperança, como fazem os Portuguezes. Vão tambem pelos estreitos de Le Maire e de Browers, o primeiro dos quaes não tem mais de sete legoas de comprimento, principalmente quando querem ir ás ilhas de Maluco e a Batavia. Seguem este caminho através do Mar Pacifico por causa dos ventos, e das correntes, que alli acham favoraveis navegando assim para o occidente; e porque de ordinario gastam menos tempo, e perdem menos gente que na outra derrota.

Quando pelo meio dia d'Africa vão dobrar o Cabo da Boa Esperança, detem-se muitas vezes na bahia da Mesa, a que chamam *Tafel-bay* (a). Esta bahia é uma acolhetta mui commoda para os navios, porque podem ahi surgir com toda a segurança em seis ou oito braços de agua, e ficar abrigados das tempestades, que são tão frequentes nestas paragens. São alem disso os ares alli mui saos, achase toda a sorte de refrescos, agua excellente, e tão accessivel, que se faz alli aguada sem trabalho algum. E' por estas considerações que

(a) Os Ingлезes escrevem a seu modo—*Table-bay*.

os Hollandezes alli tem fundado um estabelecimento de ha annos a esta parte, não se dando por contentes do uso antigo de deixar alli simplesmente cartas para os seus compatriotas, que houvessem de passar. A montanha ou *Meza* da bahia é avaliada na sua altura em 1350 pés de rei.

Os Hollandezes, que se não detem na Bahía de Meza, vão muitas vezes ganhar a ilha Mauricia, por outro nome chamada do Cisne, a qual tem muitas montanhas que produzem palmeiras, pão vermelho, pão amarello, e ebano excellente. Esta ilha tem na sua parte meridional um porto entre os baixos, no qual podem caber mais de cincoenta grandes navios ao abrigo de um forte alli fabricado no anno de 1640. Dalli por entre diversos baixos vão ganhar o canal de Mamale, ou o de Malique para passar a Cochim (a), e nesta ultima derrota tem as correntes asoz favoraveis.

Nó que toca á derrota para Malaca, quer alli vão da ilha Mauricia, quer de Cochim, vão passar pelo canal da ilha de Nicobar, que é ao norte da ilha de Sumatra, e deixam á esquerda a ilha de Pulo Lada, por outro nome chamada ilha da Pimenta, de quasi vinte legoas de circuito.

Na torna viagem para Hollanda seguem pouco mais ou menos o mesmo caminho, que levam os outros Europeos quando tornam das Indias Orientaes á sua patria.

Outras derrotas para as Indias Orientaes.

Os povos que habitam ao longo do Mar Mediterraneo quando querem ir ás Indias Orientaes vão por Alexandria a Alepo e a Sir, onde entram no Euphrates para ir a Bagdad e a Bassorá. A's vezes tomam o caminho do deserto para ir a estas duas ultimas cidades, e dalli vão a Ispahan, e a Agrá em caravanas; ou então embarcando no Tigris vão ao Congo e a Comorão (b), perto de Ormuz, pelo mar de El-fatif, e ás Indias Orientaes pelo oceano. As alfandegas do Turco e do Persa tiram proveito das mercadorias, que seguem este caminho.

O transporte de Bagdad a Bassorá é commodo, porque nas barcas que andam nesta carreira, ás vezes se servem de velas, outras vezes de remos, e mais communmente as deixam ir com a corrente,

(a.) Canaes de Mamale, e de Malique. Estas denominações não se acham nos Geographos modernos; mas temos por certo que o Canal de Mamale é o que fica entre as ilhas Laccadivas (que nos auctores e documentos portuguezes antigos são nomeadas de Mamale) e as ilhas de Maldiva; e o Canal de Malique deve ser ou o que passa por entre as ilhas de Maldiva a um e meio grão de latitude septentrional, ou o outro que passa mesmo sobre o equador.

(b.) Assim escrevem os nossos auctores o que os Francezes escrevem *Gombru* e *Gomron*, e os Inglezes *Gombroon*.

de sorte que caminham igualmente por prôa o por pôpa. O rio que os Arabes daquellas visinhanças chamam Chat ou Xat, nome que dão a todos os rios grandes, tem de largura duas milhas, e de fundo ao menos seis braças. E' com pouca differença como o Rhodano, mas menos rapido, e mais piscoso; e a sua agua, que é um pouco salgada, é todavia boa para beber. Retalha-se este rio em muitos braços, porque a terra alli é baixa e arenosa.

Na derrôta que se faz para a China pelas terras de Levante, é mister ganhar Alepo pelo fim do mez de Agosto, para se aproveitar em Setembro da commodidade das Caravanas, que em Novembro chegam a Bagdad. De Bagdad gastam-se dez dias até Bassorá, e doze de Bassorá a Comorão, onde quasi todos os dias se acha transporte em barcas, chamadas Tranquins; mas em Janeiro e Fevereiro a monção é alli boa para Surrate, e ordinariamente se embarca alli em navios inglezes, ou mouros, que fazem esta viagem em vinte e cinco dias; e avalia-se pouco mais ou menos igual á de Marsellia a Alexandria.

Em Surrate toma-se o caminho de terra, e gastam-se quarenta pequenas jornadas até Masulipatão, como já disse acima; e isso cerca do mez de Março. De Masulipatão vai-se a Tanasserim por mar; dalli a Sião; e de Sião á China em todas as estações. E' este o caminho que levaram os tres Bispos Francezes; que ha cinco ou seis annos partiram para as Missões da China.

Faz-se menção de outro caminho para a China por Candahar, Agrá, Patná, Nepál, Patan, etc. e é todo por terra; mas não se acha nelle pouca alguma, tem poucas aldeas, grandes desertos, e montanhas temerosas, onde se servem de grandes cabras para levar o fado. Ha mesmo algumas destas montanhas tão escarpadas, que para as passar é mister o viandante envolver-se em tapetes, e pôr-se ás costas de certos homens, que os transportam por esses logares difficeis (a).

Os que habitam nas bordas do Mar Negro, sobem pelo Fázze, ganham o Araxes, o Mar Carpio, e o Albiamo, donde vão por terra até ao rio Indo, ou até ao Ganges, e estes rios os conduzem ao oceano. E' por essa razão que Nicenor, rei da Syria, tinha projectado juntar o Ponte Euxino, que é o Mar Negro, ao Mar Caspio. Os Genoveses occuparam por largo tempo a cidade de Cassa para manter este commercio.

Ha ainda para os daquellas regiões outro caminho por Trebizonda, por Erzerum, e pelo Euphrates, que leva a Bir, e dalli, como já dissemos, ao mar das Indias. Os Moscovitas aproveitam-se do Volga, do Mar Caspio, do Albiamo, e do Indo; e para tornarem à sua cidade de Moscou, sobem pelo Volga, pelo Occa, e pelo Mosca.

Taes são os caminhos ordinarios, por onde se vai ás Indias Ori-

(a) Aqui se refere sem duvida o auctor ás *macas*, ou camilhas de diversos pannos, e tecidos, em que os viandantes são conduzidos na mesma forma que nas machillas e palanquins. Vê-se o que disse Pyrard, a pag. 216 deste tomo.

taes, e que tornam hoje aquella região tão celebre, como antigamente a fizeram as expedições militares de Buecho, e Alexandre Magno.

Direi agora aquellas caminhas, que depois tem sido inutilmente procura-las para o mesmo intento. Os Franceses emprehenderam subir pelo rio de Saquenai na Cinida e pelo Mar Septentrional, que lhe não fica muito afastado, ou pelo Mar Doce, por alguns lagos, pelo estreito de Anien, e pelo de Jesso, passar ao Cathaio, á China, e ás Indias Orientaes. Os Ingleses tem buscado passagem pelo estreito de Davis. Os Holandezes tem feito o mesmo pelo de Veigats, e pelo norte da Nova Zambia.

Ha outros caminhos para passar ás mesmas Indias, mas tem sido deixados em desuso. Os Romanos hiam a Alexandria, subiam pelo Nilo até Coptos, que hoje é Cana; e por terra hiam a Berenice, que é Cassir, onde entravam no Mar Roxo, e por elle no oceano. No tempo dos Soldões da Egypto Suez e Aden eram os armazens das mercadorias das Indias, que se transportavam ao Guro e a Alexandria pelo Nilo; então chegavam a Europa as especiarias mais frescas do que hoje chegam, porque os Venasianos e Genovezes ás traziam pelo Mediterraneo. Vicente le Blanc, de Marselha, diz na sua Relação, que subio pelo Zambeze, rio do Monomotapa, e que tendo dalli passado ao Nilo, desceo por este até á sua foz. Se falla verdade, deve ter achado algum outro brago diverso daquelle onde ha as cataractas desta grande rio.

Pag. 7.

Avistámos as ilhas Canarias, e passámos por ellas.

Esta passagem faz-se ordinariamente entre Tenerriffe e a grande Canaria, se não se vai passar a oeste da de Palma. O primeiro descobrimento destas ilhas foi feito por Bathencourt, fidalgo Francez, que tomou o titulo de Rei das Canarias, e facilitou a conquista dellas aos Hespanhoes, a que são sujeitas. O nome de Canarias procede dos *Cães*, que nestas ilhas havia antigamente; e não das *Canas* de assucar, que só foram alli plantadas depois de ellas terem aquelle nome. A commum opinião é que ellas são as ilhas Fortunadas dos antigos. Seja como for; produzem excellente vinho, assucar em quantidade, e passarinhos, que se chamam Canarios. Contam-se sete, que todos são isentas de animaes venenosos, mas com tudo sujeitas a calores excessivos. A principal Canaria tem uma cidade, e bispado do mesmo nome. A ilha de Ferro é conhecida pela sua arvore, que destilla agua, de que se servem os habitantes; e pela posição do primeiro Meridiano. A de Tenerriffe é a maior de todas, com a montanha do Pico, que leva bem tres dias a subir-se até ao cume. Esta montanha está sempre coberta de neve, e a gen-

te do mar a reputa a mais alta do mundo. Avista-se de cincoenta legoas ao longe; serve de pharol, quando se navega nos mares proximos; e alguns poem alli o primeiro Meridiano. A ilha de Teneriffe é tão fértil, que produz todos os annos, segundo se diz, mais de vinte e oito mil toneis do mais excellente vinho, que a terra cria. As outras ilhas Canárias são a Gomera, Palma, Fortaventura, e Lancerote. Diz-se que a ilha *Inaccessivel* jaz ao pñente das Canárias, e que quando se quer lá ir custa indizível trabalho, ao mesmo tempo que ás vezes se vai lá ter impensadamente. Dá-se-lhe tambem o nome de ilha *Encantada*, *Fortunada*, e muitas vezes lhe chamam a ilha *Alcidiana*, ou ilha de *São Borondom*. No de mais as ilhas Canárias servem muitas vezes de logir onde as frotas hespanholas, que trazem a prata das Indias Occidentaes, esperam umas pelas outras, e ali recebem ordem determinando o porto onde devem ir entrar.

Pag. *ibid.*

A principal é a de S. Nicolão, de que todas as outras dependem, e é a sede do bispo, e dá justiça.

O auctor trata aqui das ilhas de Cabo Verde, mas o que elle diz da ilha de S. Nicolão, deve entender-se da de Santiago, onde ha uma cidade do mesmo nome, capital de todas estas ilhas (a), ainda que não seja a mais populosa, por causa de seus ares insalubres, nem tão pouco é bem fortificada, porque tem sido muitas vezes saqueada por gente do mar, ainda que pouca em numero.

Pag. 8.

Avistámos a costa de Guiné, na terra de Serra Leoa.

Ha em Guiné uma grande montanha ou serra deste nome, assim como tambem um celebre promontorio ou cabo, conhecido pelo nome de Tagrin. Os Inglezes tem alli hoje uma fortaleza, que lhes foi cedida pelos Portuguezes.

Pag. 11.

Era a ilha de Anno bom.

Recebeo dos Portuguezes este nome, por a haverem descoberto no primeiro dia do anno.

(a) A cidade chamava-se da *Ribeira Grande*. Hoje a Capital é na *Villa da Praia*.

Pag. 15.

Avistámos ao romper da aurora a ilha de Santa Helena.

Esta ilha, que tem quasi dezaseis legoas de circuito, é no mar da Ethiopia. Não ha no mundo ilha, que seja mais afastada da terra firme. Chamam-lhe a hospedaria do mar, porque ha nella agoa doce em abundancia, e os que tornam das Indias Orientaes tem por costume vir demandal-a, e refrescar-se nella. E' alta e montanhosa com uma costa mui limpa, onde em toda a parte ha bom fundo, de sorte que mesmo perto das rochas ha mais de dez braças de agua; todavia é mister ter resguardo com as ancoras, que os navios alli tem deixado por varias vezes, quando lá tem estado. Os Inglezes acharam esta ilha tão commoda, que ha poucos annos fabricaram alli um forte. (a).

Pag. 17.

Cabo da Boa Esperança.

O Cabo da Boa Esperança é o mais comprido, mais celebre, e mais perigoso que ha no mundo. Occupa a parte mais meridional da Africa, e foi assim chamado, quando depois de haver sido dobrado, se teve esperança de passar brevemente ás Indias Orientaes, o que succedeo no anno de 1498. (b). Antes disso era chamado o Cabo das Tormentas, por serem mui frequentes em sua visinhança. Alguns lhe tem também chamado o Leão do mar, e outros a Cabeça

(a) Parece incrível como os Portuguezes deixaram de fazer nesta ilha uma fortaleza. Quando no fim do seculo XVI começou a ser frequentada das outras nações da Europa, mandou sim El-Rei Philippe II tomar informações á India sobre se convinha ou não fortificar-se a dita ilha, ao que havia em seus conselhos alguma contrariedade de pareceres. E para se resolver o negocio determinou que o capitão-mór e capitães das náos, que vieram do Reino no anno de 1598, na sua tor-naviagem, vissem toda aquella ilha, e os portos e aguadas que tem, em que se possa surgir, e levassem uma relação delles, e uma planta da ilha, para Sua Magestade ver tudo com o que o Vice Rei lhe escrevesse sobre esta materia. (*Archivo Portuguez Oriental*, Fasciculo 3.º Doc. 334.) Nada porem se fez nem então, nem depois. A morte de Philippe II no mesmo anno de 1598 foi talvez a causa principal de não ir por diante aquelle pensamento.

(b) E' sabido que o Cabo foi pela primeira vez dobrado por Bartholomeu Dias na viagem que fez sabindo de Lisboa em Setembro de 1486, e recolhendo em Dezembro de 1487. E que a primeira viagem da India foi feita pela armada de Vasco da Gama, que saio de Lisboa em Julho de 1497, e recolheu [a 1.ª náó della] em Julho de 1499. E' por tanto exacta a data de 1498, que o auctor assigna á primeira passagem á India pelo Cabo da Boa Esperança.

d' Africa. Ha signaes que dão a conhecer que se está proximo del-
le; e são, que a cincoenta ou sessenta legoas ao mar, se vê boiar
troncos de cannas grossas, chamados *Trombas*; e voar grande quan-
tidade de passaros brancos com malhas pretas. Os que voltam das
Indias Orientaes vêm alli rebanhos de lobos marinhos parecidos com
ursos; e nesse tempo lançam continuadamente a sonda.

Alem disso o Cabo da Boa Esperança é famoso por muitas con-
siderações, mas particularmente por ser o limite da navegação das
Indias Occidentaes e das Indias Orientaes; e porque os que vão ás
Indias Orientaes, e os que de lá voltam estão na necessidade de
o demandar. A bahia que fica a leste do Cabo tem uma bocca de
cinco legoas, e todo o seu contorno é de rochas escarpadas até á
borda do mar. A terra alli é de ares temperados, e a vivenda de-
ve ser commoda. Muitos valles visinhos tem ervas e flores em a-
bundancia. Ha rios piscosos, e bosques cheios de veados, bois, etc.
Os habitadores andam vestidos das pelles destes animaes. São mui
destros no correr, mas mui sujos no seu comer; e parece quando
fallam que se está ouvindo galinhas da India.

Pag. 18.

*Chamam-lhe Cabo das agulhas, porque na altura delle as
de marear ficam fixas, e apontam directamente para o
norte, sem declinar para leste nem para oeste. etc.*

Tem-se observado que junto do Cabo a agulha de marear não é
fixa, o que faz julgar que a variação do magnete não é sempre a
mesma no mesmo lugar. Sobre o parcel, ou banco que está ao me-
io dia do Cabo, o mar tem quasi setenta ou oitenta braças de fun-
do. A sonda, pelo que dizem os pilotos, traz dalli areia branca fina.

Pag. 29.

A ilha de São Lourenço é mui grande etc.

Nesta pagina e nas seguintes está a descripção da ilha de Mada-
gascar, que os Portuguezes tem chamado de São Lourenço. Mas co-
mo depois da viagem de Pyrard temos tido muitas Relações desta
ilha mais amplas que a sua, é aqui logar de dar aos curiosos o
extracto, que dellas tenho feito.

Descripção da ilha Delphina.

A ilha *Delphina* é situada no Mar Oriental, que chamamos Mar das Indias, e é a maior ilha das que são proximas de Africa, da qual não é afastada mais de cem ou cento e vinte legoas. Não ha ilha no mundo, que tenha tão grande extensão, porque tem de comprimento mais de trezentas e cincoenta das nossas legoas, e quasi cem de largura. Os indigenas lhe chamam *Madecase* e *Madagascar*, os Portuguezes *São Lourenço*, e os Francezes ilha *Delphina*. Os antigos conheciam-na pelos nomes de *Menuthias*, e de *Cerne Ethiopica*. Os seus ares são temperados, o terreno proprio para toda a sorte de grãos e de arvores e faz-se alli facilmente provimento de viveres, porque as aguas são excellentes, e os fructos deliciosos.

As montanhas tem bosques, pastos, e plantações de diversas especies; e os campos são regados de rios e largos piscosos. A maior parte destes rios vem das altas montanhas que atravessam a ilha de meio dia ao septemtrião, e que provavelmente tem minas de ouro, porquanto se apanham algumas vezes areias de ouro nas ribeiras que dellas descem.

Entre os habitadores ha pretos e brancos, que quasi todos são idolatras, e ha lá mui poucos mahometanos. As ultimas Relações desta ilha dizem que os seus primeiros habitadores eram descendentes dos antigos Judeos, porque a circumcisão, que alli se usa em alguns logares, não se faz na forma da lei de Mafamede; que os ricos não são alli havidos em maior conta, que os pobres, e que se guarda sempre a precedencia do nascimento; que em alguns districtos da ilha se vêm ainda homens selvagens que deixam crescer a barba e os cabellos, vivem no mui interior dos matos, e andam totalmente nus; que ha crocodilos na maior parte dos rios, e na terra serpentes, que não fazem mal; que ha outrosim grande numero de bois, que tem um giba de gordura no cachaço, e que por isso alguém acreditou que estes bois eram camellos.

Herbert diz que se acham alli salamandras, cuja figura se parece com a do camaleão, e que são tão frias que supportam o fogo por tão largo tempo como faria o gelo, e até o apigam, quando não é muito forte. Marco Polo, de Veneza, faz menção de um passaro desta ilha, a que elle chama *Ruc*, e affirma ser semelhante á aguia, e tão grande que as peizas de suas azas tem mais de doze pés de comprimento; e que tem tanta força que pode levar nas unhas um elephante pelos ares; mas os nossos Francezes, que tem habitado nesta ilha por dilatado tempo, ainda o não podran descobrir.

Ha nesta ilha granle numero de senhores particulares, que tem o nome de *Rohindians*, e que continuamente fazem guerra uns aos outros para se apressarem do gado.

Os Portuguezes, Inglezes, e Hollandezes alli tem algumas vezes aportado; a saber os Portuguezes na angra do Galeão, os Inglezes na bahia de Santo Agostinho, e os Hollandezes na de Antão

Gil; mas os Francezes depois que alli fabricaram o forte Delphim, tem reconhecido mui particularmente toda a costa oriental e meridional da ilha, ou por trato e commercio, ou por guerra, e tem visitado uma boa parte do interior das terras, das quaes tomaram posse em nome del-Rei. E na verdade a ilha Delphina thes é muito mais commoda que Moçambique aos Portuguezes, porque não ha alli calores tão molestos, nem no caminho para ella é necessario passar tantos baixos. Tiram dalli arroz, couros, cera, gommias, cristaes, aço, cobre, ehano, diversas especies de madeiras, e outras mercadorias.

Eis pouco mais ou menos o que se pode dizer da ilha Delphina em geral. Pelo que toca aos particulares da sua costa, está averiguado que tem poucos portos bons, e poucos rios navegaveis, porque a maior parte estão entupidos.

A angra *Delphina* é o lugar que os Francezes tem escolhido como mais commodo para seus desembarques. A entrada della tem duas legoas de largura entre as duas pontas que a formam, e a meia legoa da ponta que fica ao norte ha uma rocha que se estende pelo mar, á qual cumpre dar resguardo com cuidado, assim na entrada como na saída.

Itapere é uma angra assaz commoda para os navios, e barcos; mas o seu accesso é arriscado por causa das rochas que alli ha debaixo d' agua. A pequena ilha de *Santa Clara*, que está á sua entrada, offerece um bom abrigo.

No rio *Manghafia* não podem entrar senão bateis, mas os navios grandes podem surgir com segurança junto da ilha de *Santa Luzia*, que é o lugar onde os Francezes primeiramente habitaram.

Manambato tem a foz cheia de rochedos.

Fotae e Same só correm para o mar quando ha grandes chuvas.

Manampani, chamado na sua parte final *Manatengha*, corre livremente para o mar, mas tem tantos cachopos nas suas quatro fozes, que ainda se não tentou fazer alli entrar barcos.

Ambule, por outro nome o rio de *São Gil*. vem das montanhas, onde, pelo que se diz, ha ouro. Não tem impedimento na sua desembocadura no mar.

Mananghare tem sete boccas, mas todas cheias de rochas, que impedem a entrada; e alem disso ainda que grande, é mais uma torrente, que um rio.

Matatara, que tira o seu nome de uma provincia mui fertil, tem duas boccas, afastadas uma da outra sete legoas.

Manghasi é de difficil accesso, mesmo para pequenos barcos por causa dos parceiros; e todavia os Francezes tiveram alli antigamente uma residencia.

Farahon, largo na foz, pode receber alguns barcos.

Morombe está quasi sempre entupido.

Mananzare é assaz fundo para embarcações pequenas. Alguns Francezes habitaram na sua vizinhança, donde haviam tirado ouro

em pó; mas foram alli mortos: e semelhante sorte tem tido depois os que se tem fiado muito nos naturaes da terra.

Ambahé não se entupe, e é proprio para barcos.

O *Porto das ameixas* tem bom surgidouro para navios.

A angra de *Galenbule* não é boa por via dos rochedos, que ahi ha debaixo d' agua; com tudo acha-se bom abrigo para barcos junto da ilha. Ha alli abundancia de arroz ao longo da costa.

Mananguru tem quatro boccas, das quaes a mais septemtrional, chamada *Simiame*, é assaz larga, e tem seis ou sete pés d' agua. Um barco pode subir por elle mais de dez legoas, e acham-se alli pedaços grossos de cristal.

A bahia de *Antão Gil*, é assim chamada do nome de um Portuguez que primeiro a descobrio. Entra quatorze legoas pela terra dentro, e tem nove legoas de bocca, com muitas aldeas ao longo de suas bordas. Uma ilheta que alli ha proporciona boa acolheita aos navios. Os Hollandezes tem alli portado muitas vezes no intento de traficar com os naturaes.

A ilha de *Santa Maria* a duas legoas da terra firme, tem tres legoas de largura, dez ou doze aldeas, e quasi seiscientos habitantes alem de alguns Francezes. E' rodeada de rochas, sobre as quaes podem navegar canoas na maré cheia; e ha alli bello coral branco, e diversas conchas mui estimadas mesmo pelos da Europa. Acha-se ambar-gris na costa occidental.

Para alem da bahia de *Antão Gil* a costa corre norte-sul; porém desde a angra *Delphina* até esta bahia corre su-sudoeste e nor-noroeste.

A bahia de *Vohemaro* é neste espaço (a), e o terreno produz arroz em abundancia.

O *Cabo Natal*, e o de *São Sebastião* formam as duas pontas mais septemtrionaes da ilha. (b).

Toda a costa occidental é mui pouco conhecida dos Francezes. Ha nella muitos logares, que conservam ainda os nomes de alguns Portuguezes, que alli desembarcaram antigamente; e é esta costa fronteira ás terras que elles possuem na terra firme de Africa.

Mais adiante ha os rios mui extensos conhecidos pelo nome de *Parceis*: depois o rio de *Nansiatre*; e outros; mas nenhum é tão conhecido como o de *Onglaté*. Este rio de *Onglaté* é por outro nome chamado de *Santo Agostinho* julga-se que ha ouro na sua vizinhança, mas o ar alli é insalubre.

A bahia de *Santo Agostinho* tem uma ilheta na entrada, e quasi oito braças de agua de profundidade com um bom fundo de areia. Os rochedos cobrem a bahia da banda do norte e do sul; só o noroeste, e o oes-noroeste a varejam. Os Francezes surgem muitas vezes nesta bahia quando vão a *Surraté*; a ainda alli se vêem os restos de um

(a) Isto é, desde a bahia de *Antão Gil* para o norte.

(b) Não se acha o nome de *Cabo Natal* nos geographos modernos: deve ser o *Cabo Ambro*.

forte de terra, fabricada pelos companheiros de Pyrard. Esta acolheita pode servir aos Francezes tanto como Moçambique aos Portuguezes para o trafico das Indias.

A angra de *Carembola* é a que os Hollandezes chamam o seu Cemiterio, por razão de um navio delles, que alli se perdeu antigamente.

Marembuve é rio profundo, e os territorios por onde passa são cheios de bois bravios. E' esta a parte mais meridional da ilha. Os Ampatras, que nella habitam, são gente má, e os navios não podem chegar-se a esta costa sem perigo.

Mandrerei ainda que grande, é mais uma torrente que um rio; e a maior parte do tempo está entupido.

Perto do lago de *Anhong* ha salinas, que podem ser melhoradas. Os habitantes tem alli quantidade de algodão, e de Palma Christi.

A angra dos *Galeões* é somente propria para barcos, e não tem abrigo contra os ventos de sul e de sudeste. E' assim chamada dos Portuguezes, que alli faziam antigamente portar os seus Galeões, e que haviam erigido o forte da ilha perto do rio *Fanschere*, de que ainda se vêem restos.

Fanschere não corre ao mar senão quando ha grande chuvas, ou quando a maré é mui alta. A sua agua é salgada até uma legoa pela terra dentro, salvo quando está desobstruido. Desemboca n'um lago de uma legoa de largura e mui profundo. A terra circumvizinha é mui fértil, e cheia de grandes aldeas.

Pag. 35.

Moçambique.

Moçambique é o melhor governo, e o melhor lugar que os Portuguezes tem nestas regiões; porque tem alli uma boa fortaleza na ilha do mesmo nome, a qual tem de comprimento meia legoa; e é alli que os seus navios aguardam pela monção propria de suas viagens ás Indias Orientaes. O porto é ao norte da cidade, e quando se entra nelle deixam-se duas pequenas ilhas á mão esquerda. Os habitantes seriam alli mais numerosos, se os ares não fossem tão insalubres.

Pag. 50.

Achem na ilha de Sumatra.

Sumatra é a ilha mais afamada de todo o Oriente por causa da sua

grandeza e de suas riquezas, pois tem de comprimento trezentas legoas de França, e de largura setenta, e tem muitas minas de ouro. Está dez legoas afastada da terra firme, e os antigos julgaram que ella era península por razão do grande numero de ilhetas que parece que a prendem ao continente. Tem cinco ou seis reis, de que o mais conhecido é o do Achem; os outros tem a sua residencia em Camper, Jambí, Menancabo, e Palimbam. De tal sorte se tem mantido em sua ilha, que os Europeos ainda alli não poderam ter fortalezas. Há nella uma montanha que lança fogo e chamas da mesma sorte que Monte Gibel na Sicilia. A pimenta que se colhe nesta ilha é melhor que a da costa de Malabar, porque a terra alli he mais humida. Apanha-se alli ouro em grãos e em pequenos pedaços, e isto em covas feitas nos regatos. No sertão da ilha ha ainda habitantes barbaros que não tem difficuldade de comer a carne de seus inimigos crúa com sal e pimenta; que sempre trazem consigo para este effeito. A cidade de Achem é a mais consideravel de toda a ilha, e já foi maior do que ora é. Está a meia legoa do mar, n'uma grande planicie á borda de um rio, tão largo como a Soma, mas tão baixo que barcas meãs não podem entrar nellê. Ha tambem alli uma fortaleza á borda deste rio.

Pag. 85.

Descripção das ilhas de Maldiva, sua situação etc.

Sendo a descripção destas ilhas a mais curiosa e a mais ampla de todas as desta *Viagem*, nada tenho a accrescentar-lhe,

Pag. 194.

Santo Thomé,

Esta cidade de Santo Thomé é na costa de Coromandel, ao meio dia da de Meliapor, que alguns confundem com Santo Thomé. Deriva o seu nome do deste Apostolo, que alli fez muitos milagres, e prognosticou que homens brancos haviam de vir áquellas regiões; o que se verificou com a vinda dos Portuguezes. A gente da terra diz que aquelles que martyrisaram o Santo Apostolo tem uma perna mais grossa que a outra. A cidade de Santo Thomé pertence hoje ao rei de Golcondá.

Pag. 198.

Perguntou-me se os Francezes eram aquelles FRANKI, ou FRANKI, tão fallados nas Indias.

O nome de *França* é tão conhecido nas outras nações, que os Europeos que querem ser bem acceitos na Asia todos tomam o de *Franços*. Os Turcos mesmo e muitos Levantinos chamam geralmente por este nome a todos os que sabem que professam a religião catholica. Os Indios Orientaes tendo conhecido pelos nomes de *Rumca* e de *Romanos* aos Mamelucos, que vieram em soccorro dos reis de Cambaya, chamam *Franços* aos Portuguezes, Egypcios, e outros povos occidentaes, por razão dos progressos das armas francezas na Terra Santa e no Egypto, cuja noticia chegou até elles.

Pag. 231.

Cambaya e Surrate, onde entre elles só se mette o rio.

Cambaya é na extremidade ou no fundo do seu golpho, a mais de vinte e cinco legoas de Surrate, que fica á direita no mesmo golpho sobre o rio Tapti.

Pag. 243.

Contava a todos aquelles reis indianos as maravilhas da grandeza e magnificencia da Hollanda.

Descripção da Hollanda.

Chamamos Hollanda, ás Provincias Unidas, porque a Hollanda é d'entre ellas a Provincia mais rica, e mais povoada. Cada Provincia é uma republica, todas juntas formam um todo a que chamamos os Estados Geraes das Provincias Unidas dos Paizes Baixos. A Magestade deste Estado reside nos Senhores dos Estados Geraes que tem o titulo de Altos e Poderosos Senhores; mas a auctoridade absoluta sobre as cousas reservadas á causa de alliança pertence aos Estados Provinciales. O sello dos Estados Geraes é um Leão, que se

gura um feixe de sete flechas mui estreitamente ligadas; e todavia estas Provincias não são sempre tão bem unidas, que se não seme-
lhem algumas vezes a um corpo com muitas cabeças, das quaes umas
o querem levar para um lado, em quanto as outras o pucham pa-
ra outro lado.

Não ha Estado que tenha maior numero de fortalezas, e que seja
melhor defendido pela natureza do que este, porque alem dellas tem
o mar e muitos rios, a saber, o Meuse, o Vahal, e o Issel, que
defendem, e lhe dão meios de prover de peixe as regiões visinhas.

Alem das Provincias unidas os Estados Geraes tem muitas cida-
des em Flandres, no Brabant, no Liege, e em Alemanha sobre o
Rhen; e estas cidades, que são extraordinariamente fortes, lhes
dão meio de levantar grandes contribuições. Tem em Flandres a E-
cluse, Middelburg, Ardeburg, o Sas de Gand, Axel, e Hulst, Ber-
gopzom, Breda, Bois le Duc, Grave, e o castello de Roostein no
Brabant; esta ultima praça é do Duque de Neuburg; Dalem, Rol-
duc, e Fauquemont em Limburg, Maestricht no Liege; e em Ale-
manha sobre o Rhen Wesel, Rees, Emerik, e Orsoy no Ducado
de Cleves pertencente ao Eleitor de Brandeburg, e Rhimberg que
é do Arcebispo de Colonia. Do lado de Westphalia tem guarnição na
cidade de Embden, e nos fortes de Eideler e Leer-Ort. Tem ain-
da occupado Borkelo pertencente ao Bispo de Munster. Por isso mu-
itos Principes visinhos tem pretensões sobre os Hollandezes; e até
a Ordem de Malta tem exigido delles com grande instancia a re-
stituição de suas Commendas, para a qual tem empregado a media-
ção d' El-Rei de França.

Ha tambem duas Companhias de mercadores, uma para as Indias
Orientaes, e outra para as Occidentaes. A primeira destas Compa-
nhias tem chegado a ser tão possante, que parece hoje uma Repu-
blica, á qual prestam vassalagem mais legoas de territorio, do que
ha geiras de terra em toda a Hollanda. Tem mais de quatorze ou
quinze mil homens de guerra, e um grande numero de navios a seu
serviço, no que andam occupados ordinariamente mais de oitenta mil
homens. Ha já longo tempo que ella tinha mais de vinte fortalezas
consideraveis, e outras tantas feitorias nas Indias; de que dou em
outra parte a relação.

Os Hollandezes não se contentam com o levante e com o poen-
te; vão tambem ás partes do norte, onde tem tomado assento no
Spiegelberg, e junto do estreito de Veigats; navegam outrossim para
o Sul na Nova Zelanda, na Nova Hollanda, e na terra de Nuits,
onde ha pouco tem descoherito terras de vasta extensão, sem toda-
via poderem até agora haver-se com os naturaes, nem por força,
nem por brandura.

De sorte que se pode dizer dos Hollandezes que não são menos
poderosos no mar que na terra. E com effeito tem muitas vezes des-
baratado as frotas hespanholas, tido mão nos Inglezes que pretendem

ser os soberanos do mar; e o numero de seus navios é tão grande que ha quem diga que só elles á sua parte tem tantos como todo o resto da Europa. Tem com que armar mais de mil navios, não obstante não produzir a sua terra nem madeiras, nem as outras cousas necessarias a este intento. Ao principio só limitavam os seus planos á pesca, e ao trafico costeiro; hoje porem abarcam o mais rico commercio que se faz por mar, e querem até tratar de igual a igual com a potencia, cujos vassallos foram.

E' alem disso em Hollanda que tem chegado a mór excellencia o modo de fazer cercos e fortificações; e guarda-se alli tão boa ordem na guerra que os habitantes se tem enriquecido com ella, ao mesmo tempo que nos outros paizes os empobrece. Nota-se ainda que durante as suas guerras tem pagado maiores contribuições, e de melhor vontade, que quando estavam sob o dominio do rei de Hespanha, e averiguou-se que só no anno de 1605 pagaram até sete milhões de ouro.

Entre as Provincias Unidas ha quatro para Occidente, *Hollanda, Zelanda, Utrecht, e Gueldres*; e quatro para Oriente, *Zutphen, Over-Issel ou Trans-Isalane, Frisia, e Groningue*. Os que contam só sete, fazem uma só de *Gueldres, e Zutphen*. Nas assembleas estas Provincias dão seu voto nesta ordem; *Gueldres e Zutphen* primeiro, e depois *Hollanda, Zelanda, Utrecht, Frisia, Over-Issel, Groningue, e as Ommelandes*. E' para notar que é mister que todas estas Provincias consintam nas resoluções, que se tomam em suas assembleas, nas quaes se não segue a pluralidade de votos.

A provincia de *Hollanda* propriamente dita é uma grande península, que se mantem contra os assaltos do mar por meio de seus diques, aos quaes se faz, dia e noite, uma vigilante guarda, e onde se despênde tanto que muitas vezes um pé de terra quadrado custa alli mais de cem escudos. E' esta provincia um verdadeiro lago gelado no inverno, e um pantano perpetuo no verão. Diz-se tambem que a terra alli é ôcca, e que treme como se boiasse n' agua. Por outro lado os prados são alli tão bons, que se criam vacas que dão tres grandes celhas de leite por dia. Suas armas, e o seu commercio a tornam famosa em todas as partes do mundo, e a pescaria dos arenques, que se faz pelos seus navios chamados *Busios*, é mui consideravel. Só ella paga mais contribuições que todas as outras Provincias juntas; porque por cada cem libras ella entra com cincoenta e sete e meia. O grande numero de seus navios faz confessar que ella tem mais cazas no mar que em terra; e um Hespanhol affirmava uma vez com chiste que alli choviam navios. Cada morader tem alli o seu barco, e o seu batel; e quando viaja por terra, leva ordinariamente um grande vara-páo ao hombro para o ajudar a sair dos logares onde poderá atolar-se. E' costume alli andar sobre o gelo com patinos, e antigamente barcos á vela, que tinham um ferro por baixo, andavam muitas vezes dez legoas n' uma hora. Abolio-se já o pernicioso costume que havia na terra

de brigarem a golpes de faca. Não ha paiz no mundo de semelhante extensão, que seja tão rico, tão forte, e tão povoado, e onde haja tão bellas cidades; porque sendo estas cidades novas, são quasi todas edificadas regularmente, e as pessoas que as tem fundado tem tido melhores engenheiros e architectos do que tinham seus predecessores. Cultiva-se alli excellentemente a pintura, a gravura, as manufacturas de todas as sortes, e particularmente as de pannos de lã e outros tecidos. Os que dizem que os Paizes Baixos são o anel da Europa, dizem tambem que a Hollanda é a sua pedra. E' verdade que ha alli tres cousas, que molestam muito os habitantes, a saber, os ventos do norte, as chuvas diurnas, e os nevoeiros cerrados. Os Estados Provinciaes da Hollanda são qualificados de *Nobres e mui poderosos Senhores*. Muitos julgam que na Hollanda só ha mercadores, mas enganam-se; porque ha alli muitas familias illustres, entre as quaes os *Brederodes* são mui nobres, os *Vassenaer* mui antigos, e os *Egmons* mui ricos. A nobreza é a primeira que vota, posto que não tinha mais que um voto; dezoito cidades tem cada uma o seu com a soberania commum sanccionada por uma aliança.

Entre as suas cidades ha seis principaes, que se chamam grandes, e são, *Dort* ou *Dordrecht*, *Haerlem*, *Delf*, *Leiden*, *Amsterdam*, e *Goude*.

Dort é o lugar onde se bate a moeda. Tem o primeiro voto, por ser aquella onde os Condes de Hollanda e seus subditos se davam reciprocamente juramento. Os seus magistrados tem o privilegio de traer consigo guardas, o que se não pratica nas outras cidades da Provincia. No anno de 1421 de cidade que era na terra firme tornou-se em ilha por uma espantosa cheia do mar, que submergiu mais de dez mil pessoas, e setenta e duas aldeas, de que se vêem ainda os tristes signaes em pontas de torres.

Haerlem inventou a imprensa, cujos caracteres foram roubados por um creado, e levados a Moguncia (*Mayence*), que se arroga toda a gloria da invenção. Seus navios tiveram em outro tempo a honra da tomada de Damietta no Egypto, achando meio de romper a cadeia de ferro que lhe fechava o porto. O Duque d' Alba tendo tomado esta cidade, mandou fazer nella execuções tão cruéis, que ha quem derive dalli o proverbio, com que se descreve uma grande desordem—*fazer Arlem* (a); e porque este mesmo Duque se gabava de ter mandado matar mais de dezoito mil pessoas pela mão do algoz, ficou em Hollanda o costume de chamar *Duque d' Alba* a um homem cruel. *Haerlem* tem obreiros que fabricam pannos os mais finos e os mais brancos de toda a provincia, e nota-se que uma vez se lhes metteo em cabeça abandonar o seu officio para se fazerem mercadores de tulipas.

(a) Daqui se deriva tambem sem duvida o ríffo portuguez, de estilo familiar—*fazer arlia*, ou *arrelia*, isto he, fazer uma maldade com premeditação.

Delf é o lugar da sepultura dos Príncipes de Orange.

Leiden é o olho, ou segundo outros o jardim da Hollanda, por causa da limpeza de suas ruas, e da belleza de suas cazas, e é igualmente celebre por sua antiguidade, por suas bellas impressões de livros, por vir alli acabar o litheno em areas, onde se tem inutilmente trabalhado por se fazer um porto de mar; e finalmente pelo completo destroço d'um exército Hespanhol, no seculo passado, para o que os Hollandezes romperam todos os diques da vizinhança. De esta cidade era o alfaiate, que por seu mal se fez rei dos Anabaptistas em Munster.

Amsterdam corre parelhas com as melhores cidades do mundo. Por meio do grande numero de seus navios, e da commodidade que tem para os esquipar, faz hoje a maior parte do commercio que antes se fazia em Antuerpia (*Anvers*), Sevilha, e Lisboa. Ella só paga tanta contribuição como todas as outras cidades da provincia juntas. Poderia com justo titulo ser chamada o mercado e tenda universal das raridades, tão cheia está de diversas mercadorias. Encerra tanto ouro e prata que se afirma haver algumas vezes mais de duas mil e quinhentas toneladas de ouro no seu banco. A despeza para a construcção da sua casa da Camara (*Hôtel de Ville*) foi prodigiosa.

Gouda tem a vantagem de estar assente em sitio onde as aguas são correntes, e onde os seus habitantes respiram bom ar.

Rotterdam, e arsenal do paiz, e a patria de Erasmo, um dos homens mais sábios do seu tempo, é a mais consideravel das doze cidades, a que chamam pequenas.

Edam é notavel por seus excellentes queijos, que tem a côdea vermelha; e por uma serêa, que se achou na sua vizinhança no anno de 1430.

A *Haya*, residencia do Conselho dos Estados Geraes, não é mais que uma aldea, mas é a povoação a melhor edificada, e mais deliciosa que ha na Europa.

A villa de *Loosdunen*, que lhe fica proxima, é conhecida pelo parto de trezentos e sessenta e quatro filhos, que ahi teve em outro tempo, segundo se diz, uma Condeza de Hollanda.

Alcmaer é a melhor cidade da Hollanda do Norte.

Guttemberg nos confins do Brabante é famosa pela pescaria dos salmões.

La Brille e *Texel* são dous afamados portos de mar; este para o septentrião, para onde os habitantes figuram a cauda do Leão hollandez, e aquelle para o meio-dia.

A *Zelanda* foi a primeira que se poz em liberdade, e a ultima que consentio na paz com a Hespanha. Quando se comparam os Estados Geraes com um navio, diz-se que a Zelanda é o batel. E' formada de oito ilhas principaes, quatro das quaes são grandes. A de *Valcherem* é a mais bella de todos os Paizes-Baixos, com as cidades de *Middelburg*, e *Flessingue*, ambas fortes. *Middelburg*, capital da provincia, é o lugar onde no anno de 1609 se achou o uso dos oculos de vêr ao longe. A pequena ilha de *Duseland* é conhecida na

historia do anno de 1575 pela ou-ada passagem dos Hespanhoes a-travez do mar.

A cidade de *Utrecht* é habitada da maior parte da nobreza do paiz. Ha mais de cincoenta e seis cidades, ás quaes se pode ir de *Utrecht* por canal em menos de um dia.

A *Gueldres* tem quatro districtos, dos quaes o que fica á parte do meio-dia pertence aos Hespanhoes, que no anno de 1627 trabalharam inutilmente por fazer vir o Rheno á cidade de *Gueldres*, e dali entrar no Meuse, afim de tirar ás Provincias unidas o commercio da Alemanha. *Nimmesse*, capital da *Gueldres* Hollandeza, e o forte de *Schenck*, chave de todo o paiz, estão no districto da *Betuwe*; logar onde habitavam os antigos Batavos.

A cidade de *Zutphen* tem o mesmo nome da provincia.

A *Over-Issel*, por outro nome *Trans-isalane*, é assim chamada da sua situação além do *Issel*, que se communica com o Rheno por meio de um canal, que *Druso* alli fez antigamente. Tem as cidades de *Deventer* e *Coevorden*, o mais regular pentagono que se tem fabricado.

A *Frisia* cria boas e fortes cavallos. Teve em diversos tempos Princepes, Duques, e Reis, que residiam em *Staveren*. Os seus habitantes defenderam-se galhardamente contra os Romanos em tempo de Tiberio e de Nero. *Leuwarden* tem o parlamento (tribunal), e o almirantado da provincia. Esta ultima prerogativa compete tambem a *Amsterdam*, a *Horn*; e a *Rotterdam* em Hollanda. No anno de 1569 só esta provincia perdeu mais de vinte mil de seus habitantes por effeito de uma chuva diluvial, que veio na vespera do dia de Todos os Santos, e que se extendeo ás provincias vizinhas.

Schelling é uma ilha na costa da *Frisia*, onde se caça por um modo divertido cães marinhos; porque os homens que os querem apanhar se disfarçam em palhaços, e com mil momices attrahem insensivelmente para o meio da ilha estes pobres animaes, que ficam encantados de os ver, e no entretanto se armam as redes, que os impedem de tornar para o mar.

A *Groningue* tem pastos, e ahí se fazem as turfas, que servem para combustivel. Tem poucas cidades além da do mesmo nome, cuja burguezia procede vigorosamente na defensão de seus privilegios. Bate-se alli moeda, que serve tambem na *Frisia*.

Pag. 246.

A Masulipatão ou Bengala etc.

Mazul-patan é uma cidade maritima do reino de Golcondã; não é cercada de muros; as ruas são estreitas, e as casas baixas; mas é forte de seu assento, n' um logar pantanoso; onde ha uma ponte

de quinhentos passos. O seu porto fica a meia legoa da cidade, e é commodô para toda a sorte de navios, e por isso a maior parte das nações da Europa tem alli seus feitores. A gente da terra faz um grande commercio de pannos pintados, e outras obras de algodão tão delicadamente trabalhadas, e com tão vivas cores, que se estimam mais que as de seda.

Bengala é a cidade capital de um reino do mesmo nome em terras do Mogol. Alguns dizem que o seu nome é Chatigão. Este paiz é afamado pela temperatura de seus ares, pela fertilidade do seu solo, pela abundancia do seu arroz, de que a maior parte das Indias se provê, por suas bellas canas ou rotas, por suas sedas, e por seu excellente pão de Calamba, o mais raro e o mais odorifero do mundo. Dá tambem o seu nome ao maior, e ao mais famoso golpho da Asia. Os habitantes de Bengala são extraordinariamente ladinos; e os creados que alli se tomam tem fama de ser mui mãosomens.

Pag. 291.

Quanto ao Ganges os Indianos o hão por sagrado.

Os Indianos dizem que a agoa deste rio os sanctifica, ou bebendo-a, ou seja lavando-se nella; e por isso vão em romaria aos logares onde ella passa, e os Mogoles a fazem levar sempre consigo. E' para ver ás vezes quatro ou cinco mil Indianos em volta do Ganges, no qual vão lançar ouro e prata. Alem disto este rio era em outro tempo celebre por seu ouro, como é hoje por esta agua, a qual é mui leve.

Pag. ibid.

Abaixo delle (Ganges) é o rio Indo que corre por Surrate e Cambaya.

Ha erro neste artigo, e mui consideravel, porque o rio Indo, e sua foz são para cá do tropico de Cancer, e o golpho de Cambaya, perto do qual está Cambaya é Surrate, é de lá, isto é, ao meio-dia do mesmo tropico de Cancer; de sorte que ha differença bem mais de cento e vinte legoas. Isto se confirma pelas ultimas Relações, que daquelles logares tem sido feitas, e pelas cartas mais modernas. Alem disso o Indo, a que a gente da terra chama Panjab, por causa de cinco rios que se juntam na parte superior do seu curso, é navegavel des-

de Lahor até ao Sinde. Alexandre Mažno fez descer por elle os seus navios até ao oceano, cujo fluxo e refluxo causou grande admiração aos pilotos deste conquistador, porque era cousa de que elles não tinham conhecimento.

Pag. 312.

Todo o paiz que corre desde Barcelor até ao Cabo Comorim se chama Malabar.

O Malabar, de que se tem fallado em muitos logares desta Viagem, é um paiz baixo com uma costa assaz agradável, e habitada por gente, que são piratas de officio. Sopra sobre esta costa certo vento no inverno que move por tal sorte o mar vizinho, que arroja quantidade de areias á entrada dos portos, de maneira que então mesmo pequenos barcos não podem alli entrar; e no verão outro vento contrario áquelle corre com tanta força que torna a levar a areia, e deixa livre a navegação.

O grande numero de rios que ha no Malabar, faz alli inutil o serviço dos cavallos, principalmente na guerra. Por outra parte os rios adubam extremamente a terra, criam crocodilos, cuja carne é boa para comer, e servem para transporte dos mantimentos e mercadorias, que são especiarias de muitas qualidades.

Os Malabares passam bem todo um dia sem comer, tomando dous graãos de uma massa, a que chamao Anlião, e que lhes vem de Cambaya; mas são obrigados a continuar a comer esta droga, porque se uma vez a deixarem, não poderão viver quatro dias, ainda que usassem de outros alimentos.

Os filhos não succedem alli a seus pais; são os filhos das irmãs que herdão, por serem com certeza do seu sangue (a). As mulheres queimam-se depois da morte de seus maridos, para mostrar que lhes tem tanto amor, que lhes não querem sobreviver. Ha poucos annos que duzentas destas mulheres se queimaram depois da morte do Naiqu de Miduré, que é um pequeno estado visinho do Malabar; mas desde certo tempo para cá esta lei tem sido moderada em favor das viuvas (b).

Calicut é uma cidade mercantil, onde os Portuguezes primeiramente aportaram, se bem que com menos favoravel successo do que em

(a) Isto acontece na casta dos Naires.

(b) A queima das mulheres de algumas castas hindús na fogueira, que como o cadaver dos maridos, não está ainda hoje totalmente extincta na India, apesar dos esforços para isso empregados nos tempos antigos pelos Portuguezes, e nos modernos pelos Ingleses.

Cochim, onde elles obtiveram licença para fazer uma fortaleza, que foi a primeira que tiveram nas Indias Orientaes. Esta fortaleza foi-lhes tomada pelos Hollandezes no anno de 1662. O principe de Calicut chama-se o Samorim; pretende cobrar tributo de todos os reis do Malabar, mas muitos se tem isentado de lho pagar. Alem deste principe ha no paiz os reis de *Cananor*, de *Tanor*, de *Cranganor*, de *Cochim*, de *Coulão*, de *Travancor*, e outros dez ou doze de menos conta; mas os logares de que tem os titulos são hoje pela maior parte dos Europeos, ao menos as cidades de baixo que são á beira-mar, porque quasi todas estas cidades são duplas.

Tamul é o nome de uma lingua particular que alli ha; e alem da lingua Malaya ha outras a que chamam a Bagadana, e a Grandonica (a).

Cochim, que é quasi igual a Goa na grandeza, paga tributo aos Hollandezes, que alli tem uma fortaleza, como dissemos. O seu porto é perigoso por causa dos rochedos e cachopos que tem na entrada.

Coulão já foi mais rica e mais povoada do que agora é, porque chegou a ter mais de cem mil habitantes. O Samorim prezava-a por causa do seu assento, do seu porto, e da sua fidelidade. Depois, tendo as areias do mar entupido o seu porto, Goa e Cochim lhe tiraram todo o commercio.

Onor tem pimenta mui pezada, e arroz preto, que é melhor que o branco.

Pag. 379.

Destes mesmos Malabares ha alguns que são corsarios espiratas.

Ha em diversas partes do mundo muitos povos, que vivem por este modo, ou outro semelhante. Os *Iroquezes* no Canadá; os *Chichimecos* no Mexico; os *Caraibas* na Guiana; Os *Araucos* no Chili; os *Quirandis* no Paraguay; os *Mouros* e os *Arabes* na Africa; os *Giacos* ou *Gallas* no Monomotapa; os *Drusos* no Monte Libano; os *Alarves* e os *Beduinicos* na Arabia; os *Curdos* nos confins da Turquia e da Persia; os *Abcassas* na Georgia; os *Culis* e os *Resbutos* nas Indias Orientaes; os que chamamos *Bohemios* e *Egyptios* em França; os *Bandidos* em Italia; os *Caracacs* em Polonia e no Mar Negro; os pequenos *Tartaros* nas fronteiras da Polonia e de Moscovia; os *Uscoques* e os *Morlacos* na Dalmacia; os *Araucos* na Grecia; os *Mainotas* na Moréa; os *Cimmeriotas* no Egipto; os montanhezes a que chamam *Mosse-Troupes* e *Clannes* em Escocia; os *Thories* em Irlanda; os *Sfaciotas* em Candia; e antigamente os *Assassinos* e os *Sarracenos* em Suria; os *Drillas* na Asia Menor; os *Bandoleros* nos Pyreneos.

(a) Por aqui se vê quão pouco eram conhecidas então na Europa as linguas desta parte da India

OBSERVAÇÕES.

SOBRE A SEGUNDA PARTE.

Pag. 17.

Nos vimos entre as mãos dos diabos destes Cafres mais negros que carvão.

A região que tem o nome de Cafraria é a mais meridional de toda a Africa, ao longo do mar da Ethiopia, com uma extensão de costas de quasi mil e duzentas legoas. E' cheia de montanhas, sujeita a grandes frios, e dividida por muitos regulos, que pela maior parte pagam tributo ao Imperador do Monomotapa. O de Sofala paga-o tambem a El-Rei de Portugal, que tem guarnição na fortaleza deste mesmo nome, situada á borda de um rio largo de uma legoa, onde se resgata quantidade de ouro das minas que ha no sertão. Este ouro é o melhor do mundo, e o de cá parece um pouco de cobre á vista delle. Pela maior parte das vezes apanha-se nos rios com redes depois das chuvas. Diz-se com alguma verosimilhança que Salomão daqui mandava ir o que empregava nos seus bellos edificios.

A costa da Cafraria é baixa, e cheia de arvoredos; mas a terra alli produz flores de um cheiro agradável, e as arvores são de uma bella apparencia.

Tres grandes rios vão sair ao mar das Indias pela Cafraria, e todos tres são conhecidos na sua origem pelo nome de Zambeze. O mais septentrional é chamado Cuama; o do meio do Espirito Santo, e o mais meridional dos Infantes.

Os Cafres vivem sem lei, como o seu nome testifica. Tomam grande prazer na pesca do peixe, a que chamam *peixe-mulher*, porque se parece com uma sereia, e os refresca quando se aproximam delle. Muitos delles tem a destreza de roubar com os pés, e o fazem em quanto olham para a gente fixamente como para a divertir. Bastecem muitas vezes de seu gado aos navegantes que alli aportam, mas estes agora prendem os bois a grossos páos, e encerram os carneiros antes de os pagar, porque os Cafres tinham por costume de os tornar a recolher a seu poder por meio de certos asobios, que lhes é particular. Pode-se dizer delles ao ver a sua cor, que se assemelham aos nossos limpa-chaminés. Alem disso tem a cabeça grande, o nariz chato, ou porque lho calcam de proposito desde a infancia, ou porque quando são meninos as maes os trazem

continuadamente ás costas; seja como for, passa por belleza entre elles. Tem tambem os cabellos mui crespos, os beiços excessivamente grossos, o espinhaço agudo, e os quadris largos, de sorte que são a cousa mais medonha que ver-se pode; e por isso não nos devemos admirar de Pyrrard lhe chamar—os diabos destes Cafres—.

Pag. 33.

Descripção da cidade de Goa.

Esta descripção de Goa sendo mui ampla, nada tenho a accrescentar acerca desta cidade, senão que é uma das mais bellas da India, residencia do Vice-Rei Portuguez. e o arsenal da coroa de Portugal para as Indias Orientaes. A ilha de Goa faz a separação da costa do norte, e da costa do sul na península da India d'aquem do Ganges. Os que alli chegam esperam em duas pequenas ilhas, que estão a cinco legoas da cidade, que lhe cheguem pilotos para os metter ordinariamente no porto de Marmurgão. (a) Goa é muito grande, e seria ainda mais povoada do que ora é, se os excessivos calores não fizessem morrer alli tanta gente. O seu hospital é havido pelo mais bello, mais rico, e melhor servido que o do Espirito Santo de Roma, e que a Enfermaria de Malta.

Pag. 114.

Do Reino do Dealcão, Decan, ou Ballagate etc.

Este Estado comprehende tres reinos principaes; o de Decan, onde está a cidade de Visapór, residencia do rei, a qual tem bem cinco legoas de circuito; o de Balagate, cuja capital é Bider; e o Goncão, de que é capital Goa. Não é visinho do reino de Bengala, como se diz na pag. 116, mas confina com o reino de Golcondá, atravez do qual é mister passar-se para chegar ao de Bengala, que hoje pertence ao Grão Mogol, como temos dito. O rei do Decan chama-se Idalcão, ou antes Idal-xá. Presentemente já tem artilheria grossa, e entre outras peças, tem uma cujo calibre leva balas que peçam bem, outo-

(a) Refere-se o auctor aos ilhéos de S. Jorge ao sul de Goa. Os navios entram em Mormugão só no inverno; no tempo da boa monção entram no outro porto do norte, chamado da Aguada.

centas libras (a). Na Relação da viagem de Mandeslo, feita nesta região do Decan no anno de 1638, ha um roteiro ou itinerario mui exacto de

(a) Pareceria isto exaggeração se não lessemos no *East India Gazetteer* por Walter Hamilton, London, 1815, artigo *Bejapoor*, o seguinte:—« Ainda alli permanecem algumas enormes bombardas, que correspondem á magnitude da fortaleza. Diz-se que só foram deixadas alli doze, dentro as quaes as tres maiores tem as dimensões seguintes: 1.^a bombardá malabar. Diametro na culatra 4 pés e cinco pollegadas; comprimento da culatra até á bocca 21 pés e cinco pollegadas; circumferencia dos munhões quatro pés e sete pollegadas; diametro da bocca quatro pés e tres pollegadas; dito do calibre ou vão da bocca um pé e nove pollegadas.—A 2.^a é uma bombardá de bronze fundida por Aurengzebe para commemorar a conquista de Bejapoor. « Tem; diametro da culatra quatro pés e 10 pollegadas e meia; dito na bocca quatro pés e oito pollegadas; dito do calibre ou vão da bocca dous pés e quatro pollegadas; comprimento quatroze pés e uma pollegada; circumferencia no meio tres pés e sete pollegadas.—A 3.^a é chamada a *Extravagante* (*high-flyer*), e mede em extensão 30 pés e tres pollegadas e meia; circumferencia na culatra nove pés e duas pollegadas; circumferencia na cornija, medida na parte mais estreita, seis pés; diametro do calibre ou vão da bocca um pé e uma pollegada.—A primeira e a ullima destas tres bombardas são construidas de barras de ferro, apertadas com arcos; não assentam sobre reparos, mas jazem sobre toros de páo.—A peça de bronze é fixada no seu centro sobre um immenso ferro que se firma no chão, e abarca os munhões da peça em forma de argola movel, ficando a culatra sobre um toro de páo assente n'uma grossa parede de sorte que não pode recuar. O calibre desta peça requer uma balla de ferro do pezo de 2646 libras. »

O auctor refere-se ou á 1.^a ou á 3.^a destas bombardas; porque a 2.^a alem de ser fabricada mais modernamente por Aurengzebe, excede ainda o calibre indicado pelo mesmo auctor. Mas esta é justamente a mais celebre, e por isso daremos aqui a sua descripção como a achamos em dois escriptores medernos mui curiosos investigadores das cousas indianas, Edward Thornton no seu *Gazetteer of the territories under the government of the East-India Company, and of the native states on the continent of India*, London, 1857, artigo *Beejapoor*, diz o seguinte:—« Entre as varias maravilhas desta arruinada capital do extincto reino de Beejapoor, não é a menos digna de ser notada a vasta bombardá chamada *Malik-i-Maidan*, ou o *Rei da planicie*, uma das maiores peças de artilheria de bronze que ha no mundo. Tem na bocca quatro pés e oito pollegadas de diametro, o calibre ou vão da bocca tem dous pés e quatro pollegadas, e comprimento quasi quinze pés, o peso quarenta tonelladas. A sua transportação a Inglaterra foi suggerida pelo governo de Bombaim; mas como a despesa necessaria para ser levada até á beiramar foi avaliada em 30½ rupias (30½ cruzados), as auctoridades da metropole exprimiram a opinião de que o objecto não era de importancia sufficiente para justificar aquella despesa. »

Edward B. Eastwich no seu *Handbook for India*, London, 1859, livro, que faz parte da collecção de Murray, quando descreve a cidade de *Bijsápúr*, pag. 377, diz o seguinte:—« Entra-se na cidade por uma pequena porta, feita por Gokla, que transformou a porta *Makkah* em um *Kacheri* e thesouro, que ainda serve. A primeira cousa que merece menção junto da porta *Makkah* é a celebrada bombardá chamada o *Malik-i-Maidan*, ou *Monarcha da planicie*, que se diz ser a maior peça de artilheria de bronze que ha no mundo. Está montada n'uma torre redonda, chamada a *Burj-i-sharrah*, ou a *Torre do Leão*, por ser ornada com duas

Goa a Visapôr, e outro de Visapôr a Goa; e posto que eu tenha feito delle uma Carta particular, muitos folgarão de ver aqui um extracto.

« cabeças de leão de pedra. A seguinte inscripção, que fica á mão direita de quem sobe á torre, indica a sua data. « Durante o reinado do victorioso rei « Ali Adil Xá, a quem, por favor de Murtaza (Ali) Deos concedeo uma « brilhante victoria, este bastião foi feito em cinco mezes firme como uma montanha, pelos venturosos esforços de Majlis Xá. No qual tempo um anjo em « jubilo deu a data do anno, dizendo que o bastião Sharrah era seu igual » Aca-
« bado de escrever no anno da Hegira 1079 (de Christo 1668). Esta celebração « brada peça é feita de bronze, tão macio, que admite mui fino polimento. « Quando se lhe bate sôa como um sino. As suas dimensões são as seguintes: « diametro na culatra, quatro pés e dez pollegadas; na bocca cinco pés e duas « pollegadas; diametro no calibre ou vão da bocca dous pés e quatro pollegadas « e meia; do ouvido tres quartos de pollegada; comprimento quatorze pés e « tres pollegadas. Tem as seguintes inscripções « Não ha Deos senão Deos, e « nenhum fóra elle. » Abul Ghazi Nizam Xá, rei servo da raça do apostolo « (Muhamed) e da casa de Deos, 936 « Muhamed Bin Hasan Rúmi o fez » Xá « Alamgir Ghazi, o asylo da religião, que satisfaz as pretensões do justo, tomou « posse do reino, e conquistou Bijapur. Com a data da conquista veio a boa fortuna e disse seja subjugado o monarcha da planície--No 30.º anno do seu exaltado reinado—Anno da Hegira 1097» Esta ultima inscripção commemora a victoria de Aurangzib. A bocca é obra em forma de bocca de dragão. Esta peça era considerada com supersticiosa reverencia por todos os habitantes « de Bijapur, e até ha pouco tempo os Hindus a adoravam untando-a com azeite e cinabre. Fallando da magnificencia de seus antigos reis, o povo conta « por admiração que esta peça era conduzida diante delles nas occasiões « solemnes. Correm entre os naturaes os mais absurdas historias dos temiveis « effeitos produzidos pelo seu fogo. Dizem que muitos edificios foram arrazados só pelo abalo que ella dava; e muitas damas caíam doentes de susto. « Ha um pequeno tanque junto della pela parte detraz, no qual se diz que o bombardeiro, depois de botar fogo ao rastilho era obrigado a mergulhar a cabeça « para escapar á morte que aliás seria certa por causa do tremendo estouro. O « ridiculo character destas lendas foi manifesto a 5 de Janeiro de 1829, quando « por ordem do Rajá de Satará, a peça foi carregada com oitenta libras de « polvora grossa e disparada. Muitos habitantes saíram da cidade cheios de terror « quando ouviram que se tratava de dar fogo á peça; mas a explosão, posto que « estrepitosa, nada teve de muito extraordinario, e totalmente illudiu a expectação das gentes.==»

Semelhante á 1.ª e 3.ª descriptas por Walter Hamilton é outra bombardinha que pertencee tambem ao Hidalcão, e ficou na fortaleza de *Benastarim*, que nós chamamos de São Thiago, na ilha do Goa, e hoje se guarda no arsenal desta cidade. Fallando desta fortaleza de São Thiago diz o Marquez de Pombal nas *Instrucções* que em nome de El-Rei D José deu ao Governador e capitão general da India em 1774, que ha na dita fortaleza dezaseis peças, e *uma dellas do genero de canhão de disforme grandeza*. E annotando este lugar diz o Secretario Claudio Lagrange Monteiro de Barbuda—« Mas ainda estava assestado em 1839, sobre « os restos d'hum Baluarte desta Fortaleza, provavelmente construido pelos Mouros, esse canhão de não tão *desforms* grandeza, como dizem as *Instrucções*, e « que pelo Barão de Candal foi mandado recolher no Arsenal, a fim de « ser aqui inaugurado como trofeo, e que se executou em 1810—He verdadei-

Roteiro de Goa a Visapôr, e de Visapôr a Dabul, e de Dabul a Goa por mar.

Partindo de Goa passa-se o Rio da Madre de Deos, que parece ser o do Mandovy (a); passa-se depois ás terras de Bardez pelas aldeas de Dicaparli e Danda a Ambi, á Herpoli, (b) a Ambolim, (Ambollee) a Herenckassi sobre um pequeno rio do mesmo nome que desce das montanhas do Balagate; a Berouli, a Verserée, a Outor, a Berapôr, a Matoura, a Calingra, a Cangir, a Bari, a Vorri, a Atrouvad, a Badarali (Beeduraloe) pequena cidade, a Kervues (Korrulee?), a Skoeeri, a Raibag (Raibag ou Racebag), cidade. Encontra-se depois a cidade de Gottevi sobre o pequeno rio de Cagni, Coesi (Koorchee), Omgar, o Rio de Corstene (Krishna ou Khrisna) que atravessa todo o Decan, Einatour, Katerna (Katral) Tangli (Tangree), Erari; passa-se depois a Atoni (Hutnee), a Bardgie, a Agger; depois ás cidades de Talsenghe (Tulsung), d' Homouvar (Honwa), e de Ticota (Tekoteh), e finalmente a Visapôr (Beijapoor).

No roteiro que se segue de Visapôr a Dabul, caminha-se para ponente, e vai-se primeiramente a Atoni (Hutnee) pelos mesmos logares que acabamos de dizer, e depois a Agelle, á cidade d' Areq, a Berce, a Mirsiec (Mhuesal), cidade e fortaleza, a Epour, á cidade de Graen (Ghalwar?) sobre o Rio de Corstene (Krishna); a Toncq, a Astacca, á cidade d' Asta, a Ballouva, ás cidades d' Oerea, e d' Isselampôr (Islampoor), a Taslet, a Cassegaon (Kassegaon), á cidade de Calliar, a Guloure, a Vingé, a Qualampôr, a Dombo, á cidade de Tamba, (Tamb) a Morel, a Supera, a Beloure, a Veradpatan, á cidade de Heleuvake donde se passa o rio de Coína, (Quina) o maior do paiz, a Guttamata, a Poli, a Camburlei, a Chipolone (Chiploon), e depois embarca-se no rio Ghoy-

« ramente hum pedreiro do comprimento de dezaseis palmos e meio, e de quatorze pollegadas e tres linhas de calibre, construido de ferro e em barras de uma pollegada de largo, convenientemente reforçadas.—Alguns escriptores lhe dão o nome de Mourisca, talvez por ser obra de Mouros »

(a) Não ha duvida que he o do Mandovy, no passo chamado de Daugim, onde está ainda hoje o extinto Convento da invocação da Madre de Deos, que foi caza capitular da Provincia de Franciscanos Reformados da mesma denominação.

(b) Da Madre de Deos não se passa ás terras de Bardez, mas ás de Bhabim, onde se não acham todavia os logares nomeados pelo auctor.—A maior parte dos nomes deste Roteiro estão por tal sorte alterados no texto que é muito difficil, e em alguns impossivel achar-lhe os correspondentes nos mappas e geographos modernos. Pôl-os-hemos pois como os achámos no texto, e acrescentaremos em parenthesis os seus correspondentes que nos foi possível achar, segundo a mais usual orthographia ingleza.

hoers, (*Wasistee*) por onde se caminham dezasseis legoas por a-
gua até Labul.

No que toca á costa, jaz norte-sul. Chaul, cidade e fortaleza,
com um porto de mar, fica na parte septentrional; seguem-se a
Enseada de Pero Soares, na qual está Kelsi, e mais aante com fer-
ra o lugar de anda n' um alto (*Danda Rajapoor*), Siffardan (*Seward-
han*) o Rio do mar (*Savitree* ?), Calanci (*Kelsis*), a cidade de Dabul no
rio de Haleuvache (*Wasistee*), Zanzizara, por outro nome Chingear,
pequeno porto (*a*), a Enseada dos Bramones, na qual vai entrar o
rio do Betel, que faz a separação do Deccan e Concão (*b*); a ci-
dade e porto de Ceitapour (*Sheevapoor* em Ratnagueri ?), as de
Rajapour (*Rajapoor*), e de Carapatan (*Karsaputun*) no rio de
Heronckassi (*unsee*), Vinguelá, n' uma pequena enseada do mes-
mo nome; e finalmente Goa e suas dependências.

Pag. 124.

Ceilão é uma ilha muito grande etc.

Ilha de Ceilão, segundo dizem os seus naturaes foi em outro tem-
po muito maior do que hoje é, porque do quatrocentas milhas de
circuito foi reduzida a trezentas. Comparam-na a um perola, e mu-
tos crem que ella é a Taprobana dos antigos. Seus ares são os mais
puros e são de todas as Indias, e por essa razão alguns
lhe chamam terra das delicias, e dizem que fica no logar onde era
o paraíso terreal, do que o Pico de Adam onde os sacerdotes pagãos
vão em romaria, dá testemunho, e bem assim as montanhas de can-
ella, as matas de canella, e os rios de pedras preciosas, que todas
alli ha, m-mos diamantes. E na verdade a canella que alli se colhe
é com certeza a melhor do mundo. Apanha-se alli excellente mar-
fim, e a pescaria das perolas se faz na sua vizinhança na costa da
ilha de Manar. Ha tanto arroz na ilha que se dá lá aos cavallos em
lugar de aveia.

O Pico de Adam a traz mencionado é uma alta montanha escarpa-
da. A fabula diz que Adam alli nasceu, e jaz enterrado, e que o
lavo d' agua salgada que se acha no seu cume é o deposito das
lagrimas que Eva derramou durante com annos pela morte de seu
filho Abel.

Aqui he que nos parece haver não só confusão orthographica, mas to-
tal engano. Este nome não pode ser outro senão o que nós escreviam os Savi-
es, que he o que hoje chamam os Inglozes *Savagur*, o qual he o do sul do
Indo, não ao norte, como aqui se põe.

(b) *Parate est a Rio Saveres.*

Os habitantes de Ceilão são de diversas religiões, deístas, e bem apessoados, mas negros e feios. As suas forças militares consistem em elephantes, que passam pelos mais corajosos e mais doces de toda a Índia, d'onde vem chamarem-lhes nobres.

Tiveram em outro tempo um bugio branco em tal veneração, que tendo este bugio caído em poder dos Portuguezes, o rei do Pegu offereceu, posto que inutilmente, trezentos mil escudos por seu resgate (a).

Os Baniões que poem no numero de suas falsas divindades a Rama, um de seus heroes, dizem este e outras f'ntices, que este querendo passar a esta ilha, todos os peixes do mar se juntaram na superficie do mar para lhe formar uma ponte.

O estreito de Minar não tem mais largura que o alcance de um tiro de mosquete, por razão de muitas ilhetas que alli se formam cada dia pelas ondas que a li se ungem para se poder chegar mais perto de um pagode ou templo dos idolatras, que está na terra firme da Costa da Pescaria. Só as pequenas embarcações podem passar este estreito. Um espaço de mar tão abreviado faz crer que a ilha foi em outro tempo pegada á terra firme da qual é hoje afastada dez ou doze leguas.

Por ultimo os Portuguezes não possuem já alli hoje cousa alguma; são os Hollandezes que occupam a maior parte dos logares marítimos, como temos dito. Ha muitos reynos nesta ilha, a saber, Candia, as Sete orlas, Ceitavaci, Galle, Colombo, Trinão, Jafanapatão, Trinquilimale, Baticafou, e Jala. A melhor cidade é Candia no interior da ilha.

Pag. 126.

Os Portuguezes tem duas fortalezas nesta ilha. A principal é chamada Colombo, e a outra porto de Galle.

Estes dous logares de Colombo e Galle são presentemente dos Hollandezes, que igualmente possuem Nexambo, Baticafou, Trinquilimale, Jafanapatão, e uma fortaleza na ilha de Manar.

Pag. 131.

Descripção de Malaca.

Malaca é como o centro das Indias orientaes onde se pode aguardar

(a) Ouctor refere-se confusamente á bem sabida historia do deuto Bugio, ou de Buddha, como outros dizem, apanhado por D. Constantino de Bragança em Jafanapatão.—Veja-se a Nota (c) do pag. 126 deste volume.

pelos ventos propícios á navegação, ainda que as avenidas deste lugar sejam perigosas, por razão de muitas ilhetas e co-hops que ali ha. Podem entrar no seu rio barcos, mas os navios grandes surtem entre as duas ilhas que ha na barra. A cidade deve a sua origem á pescadores de Pegú, Sião, e Bengala, que alli ficaram de assento ha tres cento e trinta annos, e que formaram não só uma cidade, mas uma nova lingua, que é hoje recebida em muitos lugares da India. Os Portuguezes haviam deitado voz de que os ares eram ali insalubres, para tirar ás outras nações o desejo de se estabelecerem naquella sítio. E' hoje dominada pelos Hollandezes.

Pag. 139.

A ilha de Java está junto de Sumatra.

Esta ilha tem muitos Regulos, quasi tantos quantas as cidades, mas o conhecimento delles nos é muito pouco necessario. Ha entre outros os de Japará, Tubam, Jortam, Panarucam, Panarucam, e Palambuam. A maior parte delles são pagãos, e alguns mahometanos, e quasi todos reconhecem o grande Matéran, ou Imperador de Matéran, a quem antigamente pertenceo a soberania de toda a ilha. Pescam-se na costa de Java ostras, algumas das quaes peza n hem trezentas libras.

A ilha produz cannas tão grossas, que uma só del as basta ás vezes para fazer um batel. Também dá excellente Calambá, que é pão de alões; sal, que se produz junto de Jortam; ouro e pimenta em quantidade. A sua costa meridional não é ainda conhecida.

E' esta ilha uma das maiores da Asia, e por causa d' sua abundancia alguns lhe chamam o epilogo de mundo. A sua cidade de *Bantam* jaz ao pé de uma collina cercada de dois rios, e cortada por um terçoiro. O seu porto é o maior e o mais frequentado que ha em todas as ilhas da Sonda, porque alli se acha toda a sorte de especiarias pedrarias, e outras fazendas da India. Alguns Hespanhoes chamam a Bantam a guela do oriente.

Jacatrá ou *Batavia* é a residencia do conselho da companhia Hollandeza das Indias Orientaes desde o anno de 1619. Tem uma boa fortaleza de quatro baluartes regulares, muitas-lhas e outras obras. Está situada n'uma bahia, que por ser amparada de algumas ilhas da parte do mar, forma o mais bello su-gidoaro que ha em toda a India.

Jortam é abaixo deste um dos melhores portos, e mais frequentados.

Pag. 144.

Quanto ás ilhas de Maluco.

Ha cinco ilhas assim chamadas, que estão como á frente de outras

muitas maiores, que dellas tiram o nome. São pequenas, e insalubres em virtude de seu assento junto da linha equinoctial. Tem algumas Reys, mas os Holandezes occupam a melhor parte por meio de suas fortalezas. Antes de serem descobertas pelos Europeos, o Imperador Carlos Quinto as mandou descobrir por Magalhães; seguindo a derrota do poente. Depois foram entregues aos Portuguezes, que as pretenderam por terem illo a ellas pelo oriente. Depois disso o governo d'ellas foi annexo ao das Manilhas, ficando o seu commercio aos Portuguezes. Ha alguns annos a esta parte os Hespanhoes saíram dellas.

Transporta-se dalli noz muscada, gengibre, e principalmente cravo. Ternate é a ilha mais consideravel das cinco; tem oito legoas de circuito, e uma montanha que lança fogo. As outras são Tidore, que é a maior, Motir, *Laquiem*, e *Pacham*. Os Maluco são bons soldados, e ordinariamente seguem a religião mahometana. Alem dos reis de Ternate, de Tidore, e de *Pacham*, ha outros muitos nas ilhas *Celebes* e de *Gilolo*. O de Macassar na Celebes tem ha pouco tempo a esta parte feito fortificar extraordinariamente a sua cidade, e dá livre entrada em seus portos aos navios estrangeiros. No anno a 1661 fez um tratado com a Companhia Hollandeza das Indias Orientaes, e deixou o partido dos Portuguezes. As terras deste principe tem mui boas ares, mas os calores alli são insupportaveis durante o dia. Em outro tempo a gente de Macassar comia carne humana; e por isso os reis das ilhas de Maluco, e outro vizinhos enviavam ali os seus malfeitores. Celebes fertil em arroz, e a Terra dos Papuas produz mui ouro, ambagris, e aves do paraizo.

Pag. 145.

Na mesma região ha outra ilha, onde eu tambem estive, mui celebre por certa qualidade de especiaria; e é a ilha de Banda, distante vinte e quatro legoas de Amboino.

Banda é uma ilha ao meio dia das de Maluco, e a leste, da de Amboino, com outras cinco ou seis ilhas na sua vizinhança, as quaes ella dá o nome. É a unica ilha do mundo que produz noz muscada, e massa. Tem um volcão, ou montanha que vomita chamas; e no anno de 1613 a artilleria que havia na ilha foi demolida pelas emanções do volcão. Os Hollandezes fabricaram na de Nera os fortes de Nas-au e da Belica, onde o porto é tão bom que os navios se chegam até um tiro de mosquete da terra, e se põe ao abrigo da artilleria da fortaleza em nove ou dez braças de agua. Amboino, ilha fertil em cravo, jaz igualmente ao meio dia das de Maluco; dá o nome a algumas outras ilhas que ha na vizinhança.

Foi tomada no anno de 1603 aos Portuguezes pelos Hollandezes, que nella tem muitas fortalezas, entre outras a de Conbellal; Victoria, cujos baluartes são revestidos de pedra com sessenta peças de artilleria, e uma guarnição de seicentos homens; a de Hitou, a de Lovio, etc. E' o melhor estabelecimento abaixo do de Batavia. Alem disso tem feito concerto com os naturaes da ilha, de sorte que estes se obrigaram a não receber outra nação, senão a elles. Ao poente da cidade capital, que é Isou, ha uma bahia de seis legoas, a qual forma um surgidouro onde os navios estão abrigados de todos os ventos.

Pag. 149.

No que toca ás ilhas Philipinas etc.

El-Rei de Hespanha Philippe II deu o seu nome a estas ilhas, que são em numero de quarenta ou cincoenta, não fallando senão das maiores, porque se mettermos na conta todas as pequenas, achar-se-hão mais de onze mil. São mui ferteis, e apanha-se alli ouro, com que os habitantes pagam os seus tributos. O Conselho de Castella propoz muitas vezes que se abandonassem por causa da mui grande despesa das guarnições; mas porque ellas facilitam o commercio com a China e ilhas de Maluco, Sua Magestade Catholica tem querido conserval-as. A gente natural da terra é valerosa, e ainda se mantem livre em muitos logares.

Luçon por outro nome *Nova Castella* é a maior destas ilhas, que ás vezes são também chamadas do nome da cidade de *Manilha*, sede do governador, e de um arcebispo. Esta cidade é pequena, mas bonita, e bem fortificada ao longo de um rio navegavel por barcos. Por dous lados é cercada deste rio, e pelo terceiro fica o mar; de sorte que não pode ser minada. Alem dos Hespanhoes e Indios tem mais de vinte mil Chinezes. E' por cima de tudo o emporio de um dos mais ricos commercios que se fazem no mundo. *Cavite* a duas legoas da cidade é o surgidouro principal, abrigado dos grandes ventos, e defendido por dous fortes de madeira. A bahia de *Manilha* tem quarenta legoas de circuito, e ha nella a commodidade de fabricar grandes galeões, mas é acontada dos ventos do norte, e o seu fundo é máo, e a entrada difficilissima.

Mindandão foi submettida ha alguns annos.

Paragoya, e algumas outras obedecem a seus reis particulares.

A de *Tendaya* tem particularmente o nome de *Philippina*, por haver sido a primeira que foi descoberta.

Zebu e *Matan* são conhecidas, aquella por ser a que foi abordada por Magalhaes no anno de 1520, esta por sua morte. Foi nesta occasião que se deu pela primeira vez a volta á roda do mundo no navio deste capitão, que passara ao serviço del-Rei de Castella, por-

que o de Portugal lhe havia recusado o acrescentamento de meio ducado por mez em sua moradia.

Os Hespanhoes que navegam para as Philippinas, como não vão pelo nosso hemispherio, mas pelo Mexico, e pelo mar do sul, comprehendem estas ilhas bem como as de Maluco nos limites das suas Indias occidentaes, as quaes elles extendem até Malaca.

Pag. 156.

Mas tornando ás ilhas da Sonda, de Maluco, Philippinas, Japão, e ainda á China, poder-se-hia dizer muito mais destas terras etc.

Resta-nos fazer algumas observações sobre a China e Japão.

A China tem recebido quasi tantos nomes como tem tido familias reaes. Sempre passou por um dos mais consideraveis reinos do mundo, por causa da sua grandeza, das suas riquezas, da belleza de suas cidades, e do grande numero de seus habitantes, cuja polidez e maximas tem sido estimadas de muitos europeos. Diz-se que a imprensa, a manufactura das sedas, as cadeiras, a artilheria, e a polvora foram alli usadas primeiro que na Europa. Alem do que é necessario á vida do homem, e de muitas delicias, a China produz as mais preciosas mercadorias do oriente, e parece que a natureza repartio a cada uma de suas provincias algum dom particular. Os que alli tem residido confessam que tudo quanto ha de bello, e se acha disperso no resto do mundo, está accumulado na China, e que até ha alli quantidade de cousas que de balde se procurariam n'outra parte. E' esta região de figura quasi quadrada, e tão povoada que algumas vezes se tem contado nella mais de sessenta milhões de pessoas, entrando somente as que podem ser tributadas. Os Portuguezes, quando ao principio entraam n'ste reino, perguntavam se as Chinezas davam á luz nove ou dez filhos de cada vez. Os seus rios são tão cobertos de embarcações, que se julga que só nelles ha tantas como em todos os outros rios do mundo. O rendimento annual do seu rei tem sido avaliado em cento e cinquenta milhões de ouro, e segundo outros em quatro centos milhões de ducados. Os Chinezes zombam de nossas cartas geographicas, que poem o seu reino n'uma das extremidades do mundo, e dizem que elles estam no meio (os Judeos pretenderam a mesma cousa para Jerusalem, os Gregos para Delphos, e os Mouros para Granada). Dizem tambem que elles tem dous olhos, a gente da Europa um só, e os outros povos nenhum. Tem composto a sua historia, que nos foi transmittida pelo Padre Martini, Jesuita, e é reputada por tanto mais fiel, quanto só diz respeito a seu próprio paiz,

e só foi escripta para elles. São tão ciosos do segredo de sua politica e de outros seus negocios, que para os ter occultos, não dão voluntariamente entrada nas suas terras aos estrangeiros. O grande muro, ou antes tranqueira de mais de quatrocentas legoas, que mandaram fazer, é obra que tem tido mais fama que effeito, porque os Tartaros tem muitas vezes invadido a China não obstante aquella defensão. Os que tem dito que a China se podia comparar toda a uma grande cidade por causa da multidão da sua gente, tem tambem dito que era mister um muro daquella extensão para ser proporcionado á grandeza de uma tal cidade, mas não é crível que nesta fortificação haja pedras da altura de sete toezas, e da largura de cinco, como dizem os Chinezes. Se houvermos de acreditar esta mesma historia, as hostilidades dos Tartaros têm-se alli repetido ha quatro mil annos; e até os cavallos chinezes não podem supportar a vista dos da Tartaria. Nestes annos ultimos tem havido estranhas revoluções no reino; porque os rebeldes passaram a ser senhores, e excepto algumas ilhas, e provincias do meio-dia, que tem permanecido na obediencia dos Chinezes, os Tartaros tem conquistado todo o paiz em menos de sete annos, e isto depois do anno de 1649. A vida soldadesca não é alli a mais estimada; e como os letrados tem primazia sobre os que seguem a vida das armas, o Estado não tem subsistido senão por sua politica, e por seus numerosos exercitos, e não pela valentia de seus povos. Os principaes officiaes são alli chamados Mandarins. A perguica é alli punida pelas leis publicas, e trata-se por criminosos aos generaes dos exercitos que não são bem succedidos em suas emprezas. O paganismo é alli geralmente recebido, e comtudo a virtude é lá tida em grande estimação. O publico é mais rico em proporção do que o são os particulares. Toda a China, é dividida em dezaseis provincias, cada uma das quaes vale mais que grandes reinos. Dez ficam ao meio-dia, a saber *Yunnam, Quansi, Cantam, Fuquiem, Chequiam, Nanquim, Kiamsi, Huquam, Suscuem*, e *Quicheu*. As seis da parte do septemtrião são, *Chensi, Chansi, Honam, Chantung, Pequim*, e *Leaotung*. Estas seis provincias são as a que muitos chamam *Cathaio*, ao mesmo tempo que dão o nome de *Mangi* ás provincias meridionaes.

O *Japão* comprehende principalmente tres grandes ilhas, *Niphon, Ximo*, e *Xioco* (a). *Niphon*, segundo alguns auctores, é separada da terra de *Yeso* por um braço de mar de dez legoas pouco mais ou menos; outros dizem que é pegada com ella, mas que por causa da difficuldade dos caminhos os Japonezes preferem ir alli por mar (b). Todas estas ilhas tem ares temperados, são abundantes de arroz, perolas, e minas de prata, a qual é mui estimada. As perolas são sim grossas, mas excessivamente avermelhadas. Acha-se alli uma

(a) *Niphen, Kiouliou*, e *Sikkof*, escrevem os Ingleses.

(b) Hoje está averiguado que a ilha de *Niphon* é separada da de *Yeso* pelo estreito chamado de *Sangar*, cujas costas de uma e outra banda estão perfeitamente exploradas, e descriptas nas cartas geographicas.

arvore mui extraordinaria, porque tem a qualidade de seccar quando a regam, e para a alimentar é mister pôr na cova junto ao tronco limalha de ferro com areia bem sécca; e para fazer reverdecer os seus ramos, é necessario pregal-os com um prégio. Os Japonezes são idolatras e bons soldados. Não obstante os perigos do mar visinho, tem algumas vezes tomado a ilha de Corai junto da China. Tem a mais feliz memoria do mundo, e uma lingua muito abundante, porque para cada cousa tem muitos nomes, uns significativos de desprezo, outros de honra; uns usados pelos príncipes, outros pelo povo. Tem também usos e costumes totalmente contrarios aos nossos. Bebem a agua um pouco quente, e dão por razão disso que a agua fria aperta o corpo, provoca a tosse, e as enfermidades do estomago; e a agua quente conserva o calor natural, relaxa os canaes, e applaca mais facilmente a sede. Dão aos doentes porções mui doces e de bom cheiro. Nunca sangram, porque querem poupar o sangue como a carroça da vida. Estimam os dentes negros pelos mais bellos. Montam a cavallo do lado direito. Saudam com uma pseudidella de pés etc. Para ter audiencia do rei do Japão que se chama (uho ou Cesar, he necessario gastar o tempo de tres annos nos preparativos, e o festim dura bem tres mezes. Havia-se feito alli grande progresso na propagação da fé; porque no anno de 1596 contavam-se naquelle reino mais de seiscentos mil christãos; mas do anno de 1614 para cá tem sido furiosamente perseguidos, e ninguém ousa a professar alli o christianismo senão ás escondidas. No anno de 1636 os Padres Jesuitas, os Hespanhoes, e os Portuguezes foram expulsos dalli, e os Hollandezes ficaram sós com a liberdade de commercio, porque quando alli chegam o que mais apertadamente defendem aos seus é fallar em cousas de religião. Ha no Japão muitos Tonos ou príncipes particulares, a maior parte dos quaes limitam o seu poder ao recinto de uma só cidade. É geralmente alli recebido o costume de quando um destes Tonos perde os seus Estados, os subditos d'elle perderem igualmente os seus bens. A cidade capital é *Meaco*, que se diz ser de noventa mil fogos; *Yeddo* uma fortaleza real, e *Sagay* um porto de mar. No anno de 1658 houve em Yeddo um incendio que causou a perda de mais de quarenta e oito milhões de ouro. Os Hespanhoes fazem a sua navegação ao longo das ilhas do Japão quando tornam das de Maluco e das Philippinas ao Mexico e ao Perú.

Pag. 191.

Reino de Angola.

Este reino é ás vezes comprehendido no de Congo em Africa, co-

mo também Cacongo, Malembo etc. mas estes não reconhecem por soberano ao rei do Congo, como faziam antigamente. O rei de Angola toma o titulo de *Soba*. A gente da terra gosta tanto da carne de cão, que criam rebanhos destes animais, e um só cão estando gordo é às vezes vendido entre elles por mais de cem escudo. Não tem aquella gente cousa alguma recommendavel senão a destreza no atirar setas, no que são excellentes, porque atiram bem uma duzia de flechas ao ar antes que a primeira caia em terra. Dizem que o sol é um homem, a lua uma mulher, e as estrellas os filhos deste homem e desta mulher.

Pag. 193.

O Rio da Prata.

Este rio no seu principio tem o nome de Paraguay; e depois de se lhe juntar o Paraná, correm as suas aguas por mais de sessenta legoas sem mistura alguma. É mui pouco fundo, posto que na sua bocca tenha sessenta ou oitenta legoas de largura, e dez na maior parte do seu curso. Depois de ter formado muitas ilhas, e a maior cataracta do mundo, conserva a doçura de suas aguas mais de quarenta legoas pelo mar dentro. Pode contribuir muito a fazer o commercio de um a outro mar.

Pag. 206.

Na costa de Melinde os Portuguezes tem mais uma fortaleza chamada Mombaça.

Esta costa de Melinde é ao oriente da Ethiopia ao mar das Indias, da banda de cá e de lá do equador. Chama-se lhe muitas vezes Zanguebar, e é a que os antigos chamavam Barberia. É cheia de arvoredo e de pantanos, e por isso os ares alli são máos. Os naturaes da terra reconhecem diversos soberanos; dão-se ao commercio da mesma sorte que os Arabes e Mahometanos que ha entre elles. A parte que fica ao meio-dia é a que principalmente tem o nome de *Zanguebar*. e ha nella os pequenos reinos de *Mogambique*, de *Quiloa*, de *Mombaça*, e de *Melinde*. A parte que fica ao septemtrião é chamada *Agen* e ás vezes *Nova Arabia*, e comprehende os Estados de *Brava*, *Magadoxo*, *Adéa*, e *Adel*. Mombaça é n'uma ilha, e sobre rocha. Os Portuguezes vão alli muitas vezes invernar; porque os mantimentos são

alli abundantes, e baratos. A entrada do porto é tão estreita, e tão cheia de recifes, que em muitos logares ha ápenas a passagem de um navio.

Pag. *ibid.*

Uma mui grande e bella ilha chamada Socotorá.

A ilha de *Socotorá* tem de comprimento vinte e cinco legoas, e de largura dez; obedece a um rei da Arabia. Tem um bom porto, e bahias ou enseadas mui commodas perto d'elle, onde se pode surgir com segurança, mesmo perto dos rochedos. Pode-se ahi invernar mais commodamente que em Moçambique ou Mombaça, porque os ares são mais sadios, e tem uma barra sem perigo algum na entrada. Ha alli pescaria excellente, e gado em grande quantidade. Tem boa agua perto de uma encada chamada Calancia (a), mas o ribeiro que a fornece é de difficil accesso, porque a gente da terra o tem occulto para se aproveitar d'elle.

Pag. 208.

Do reino de Ormuz, e sua descripção.

Ha grande mudança em Ormuz, que agora pertence aos Persas. Foi o rei Ka-Abas que a tomou no anno de 1622 com ajuda dos Ingleses, e depois de haver mandado arrazar a fortaleza, transferio o commercio della a Comorão (*Gamrou*), que fez chamar do seu proprio nome *Bande'-Abassi*. Os Portuguezes perderam nesta fortaleza o valor de seis ou sete milhões. A terra da ilha de Ormuz é toda sal, e não produz uma fevera de erva. A ilha não tem uma gota de agua doce, e toda vem carregada de fora; e por isso os Portuguezes quando a senhoreavam tinham feito um forte na ilha de Kasem para ter esta commodidade. O calor é alli ás vezes tão grande que os habitantes dormem em tinhas cheias d' agua. A bella situação de Ormuz tinha feito dizer que se o mundo fosse um anel, Ormuz seria o seu diamante. Comorão (*Gamrou* ou *Gombru*) que cresceo com as ruinas desta pobre cidade, está entre duas fortalezas que defendem a entrada do seu porto, onde se tem fabricado um reducto quadrado, defendido por quatro peças d' artilheria. O por-

(a) *Colosseah*, escrevem os Inglozes.

to é commodo, porque se surge alli em toda segurança a cinco ou seis braças d' agua. Todas as nações que commerceam no mar das Indias, excepto os Portuguezes, levam alli mercadorias, e tiram veludos, tafetias, sedas cruas, e outras fazendas da Persia. Os Inglezes tem alli metade dos direitos, e a liberdade de exportar alguns cavallos.

Pag. 218.

A cidade de Cambaya.

Cambaya era chamada o Cairo das Indias por causa da sua grandeza, que é de duas legoas de circuito, por causa de seu grande commercio, e por causa da fertilidade de sua terra, que produz entre outras cousas, algodão, anil, opio, e agathas, de que ha uma mina em Barroche. Mas desde as perdas dos Portuguezes nas Indias Orientaes, está mui decaida. O seu porto é muito máo porque posto que na maré cheia haja alli mais de sete braças d' agua, com tudo o refluxo deixa os navios em secco n' um fundo mixto de areia e vasa.

Surrate é uma das cidades da Asia que faz mais commercio, ainda que a chegada alli seja perigosa, e as casas sejam baixas e cobertas de folhas de palmeiras. O seu rio é salgado pela maré, mas tão baixo na sua foz, que é a quatro legoas abaixo da cidade, que apenas pode supportar barcos de setenta e oitenta tonelladas, e é forçado descarregar as mercadorias em Sohali. O porto de Surrate corre de nordeste sudoeste; tem sete braças na maré cheia, e só cinco na vazante, e então a maior parte dos bancos ficam descobertos. O fundo é de areia, e está-se alli ao abrigo de todos os ventos, excepto dos desudoeste. Os Inglezes tem alli o seu principal commercio das Indias Orientaes. Ha uns seis annos que esta cidade foi saqueada por um rebelde do Mogol. e avaliou-se a perda que houve nessa occasião em mais de trinta milhões.

Pag. 220.

Este Grão Mogor.

Este princepe, que se chama Mogor, ou Mogol, é soberano d'um immenso imperio, que comprehende a maior parte da terra firme da India. Tira a sua origem d'uma tribu do mesmo nome que ha em Giagatay; tem por tributarios muitos reinos indianos, e passa por ser o mais rico prin-

cepe do mundo em pedras preciosas, porque alem das de sua coroa tem as de muitos príncipes seus vizinhos, cujos predecessores tinham tido por longo tempo a curiosidade de as guardar boas. E' aliudiaso herdeiro das pedrarias dos grandes da sua corte; e igualmente berdeiro universal daquelles a quem dá treças; e todas as cazas por diante das quaes passa, lhe devem um presente. As terras pertencem-lhe; e a sua vontade serve de lei na decisão dos negocios de seus subditos. Cada dia se lhe mostra alguma parte de seus thesouros, umas vezes os seus elephantos, outras vezes as suas pedrarias, n' outro dia outra cousa; e ordinariamente não vê cada cousa senão uma vez no anno; porque todo o seu thesouro está dividido em tantas partes quantos são os dias do anno. Um dos templos do seu Estado tem o pavimento e o tecto cobertos de laminas de ouro puro. No palacio de Agra, que é a cidade onde reside a corte, ha duas torres cobertas de laminas de ouro, um throno com quatro leões de prata vermelha dourada, engastado de pedras preciosas, e aquelles leões sustentam um docel de ouro macisso. Diz-se tambem que ha neste palacio dous alqueires de carbunculos, cinco alqueires de esmeraldas, doze alqueires de outras varias pedras preciosas; mil e duzentos alfangos de bainhas de ouro cobertas das mais preciosas pedras. Diz-se que o thesouro de Xá-Choram (Xá-Jehan?) um de seus predecessores, era de mais de mil e quinhentos milhões de escudos. O Mogol em caso de necessidade pode armar dozentos mil cavallos, quinhentos mil homens de pé, e mais de dous mil elephantos. Passam de quarenta os reinos que lhe reconhecem vassalagem, e estes reinos quasi todos tiram os nomes das suas cidades capitães. Alem disto ha alguns Estados pequenos, cujos senhores chamados Rajás ou lianes, são de raça mui antiga, e se mantem em fortalezas, e em montanhas inacessiveis. O maior mal que elles fazem é fazer entradas e roubos sobre os subditos do Mogol. O Mogol guarda boa correspondencia com o Turco, prevalecendo-se do grande numero de seus vassallos, da grandeza de suas riquezas, e da extensão do seu imperio; mas o Persa leva-lhe vantagem em armas, em cavallos, e em soldados aguerriados.

Pag. 225.

Esta ilha de Diu é mui proxima da terra firme.

Tem o comprimento de uma legoa, e a largura de quatro tiros de mosquete. E' separada da terra firme por um canal tão estreito, que se passa sobre uma ponte de pedra (a), e o seu porto pode fe-

(a) O esteiro ou canal, que divide a ilha da terra firme, passa-se a vao em tres lugares, mas não ha ponte alguma.

char-se com uma cadeia de ferro, e a entrada delle fica debaixo da artilheria de duas fortalezas que defendem a cidade (a). Os Portuguezes tem tido muitas vezes contenda com os reis do paiz por occasião da fortaleza de Diu, a qual elles tem sempre gloriosamente defendido, particularmente nos annos de 1539 e 1546. O Mogol vio com extremo descontentamento o estabelecimento dos Portuguezes nas costas dos seus Estados (b), e como de todas as partes das Indias Orientaes se navegava a Diu por causa da sua vantajosa situação, e que tudo alli abundava; fez diligencia por attrahir os mercadores ao Sinde e a Surrate. Diz-se que um soldado Portuguez foi tão valeroso na defensão desta fortaleza, que faltando-lhe pelouros, arrancou os dentes queixaes para carregar o seu mosquete.

Pag. 267.

Do Brazil, e suas singularidades.

O Brazil, paiz de America, foi chamada *Terra de Santa Cruz*, quando primeiramente foi descoberta em nome d'El-Rei de Portugal, o que succedeo no anno de 1501. Estende-se para o septemtrião e para oriente ao longo de mar de norte, onde ha uma grande rocha debaixo d'agua, cujas aberturas formam muitos bons portos. Os seus limites para o poente não são conhecidos; os que tem para o meiodia variam segundo a vontade dos Castelhanos e Portuguezes, porque uns e outros explicam a seu modo o regulamento do anno de 1493; e como não vieram ainda a concerto, os Portuguezes tomam por Brazil tudo o que se estende deste o rio Maranhão (c) até ao da Prata, e os Hespanhoes o limitam á Capitania de São Vicente.

Posto que o Brazil esteja na zona torrida, todavia o seu ar é temperado, e as suas aguas as melhores do mundo; por isso os naturaes vivem muitas vezes até cento e cincoenta annos. Andam pela maior parte nus; gostam da dança para lhe dissipar a melancholia, e tem a destreza de passar rios ajudando-se de um cesto e de uma corda. Alguns dos que comem seus inimicos não querem deixal-os baptizar antes de os matarem, porque então dizem que lhe não a-

(a) Toda a cidade é cingida de excellente fortificação de baluartes etc. mas na extremidade oriental ha a grande fortaleza ou castello, que se continua e liga com aquellas fortificações da cidade. A isto chama o auctor duas fortalezas; sendo na verdade uma só, toda ligada e unida.

(b) Quando os Portuguezes se estabeleceram em Diu ainda o Mogol não era senhor de Cambaya. O auctor porem falla do tempo em que este reino passou ao dominio do Mogol.

(c) Os estrangeiros chamam rio Maranhão ao Rio Amazonas, que desemboca no Pará, e não na Provincia a que nós chamamos Maranhão.

cham a carne tão delicada. Não pronunciam três letras do nosso alphabeto, a saber, f, l, e r, e diz-se que a razão é' porque não tem nem f, nem lei, nem rei.

Alem do pão Brazil ha neste paiz ambér, balsamo, tabaco, oleo de balea, gado, doces, e sobretudo assucar em quantidade, que se fabrica em maquinas de grande preço, a que chamam engenhos. Entre as sortes de assucar que ha, o de *canti* ou *candi* tira o nome de Cantão, e não da sua candura ou branquidão, nem tão pouco da ilha de Candia. A visinhança do rio da Prata dá também aos Portuguezes a commodidade de receberem quantidade de prata do Perú. Ha no Brazil animaes, arvores, fructos, e raizes, que se não vêm em outra parte. O animal chamado Perguica é de uma tal constituição que gasta bem dous dias inteiros em subir a uma arvore, e outro tanto tempo em descer. As serpentes, cobras, e sapos não tem alli peçonha, e por isso servem de mantimento aos naturaes. Os campos são applicados para os assúcares, as montanhas para os arvoredos, os valles para os tabacos, para os fructos, e para a mandioca que é uma especie de raiz, de que se faz farinha.

A costa do Brazil é dividida em quatorze Capitánias, que são hoje todas dos Portuguezes. Os Francezes tiveram algumas antigamente, e os Hollandezes perderam em nosso tempo o que alli haviam conquistado, sendo totalmente expulsos no anno de 1655. A guerra que elles então tinham com Inglaterra não lhes permittio acudir alli com soccorro, e alem disso as colonias portuguezas estavam alli melhor estabelecidas que as suas. Com tudo no anno de 1662 os Portuguezes fizeram com elles um tratado para os resarcir, assim de os não terem por inimigos ao mesmo tempo que tem a defender-se dos Hespanhoes. As cidades que ha no Brazil não tem pela maior parte mais de cem, ou cento e vinte cazas.

Entre as Capitánias *Tamaracá* é a mais pequena e a mais antiga. *Pernambuco* é reputada um paraíso terreal por causa da belleza de seu terreno. A *Bahia de Todos os Santos* tem a cidade de São Salvador, capital do paiz, e residencia do Governador. Foi tomada no anno de 1624 pelos Hollandezes, que fizeram alli tão grande sacco, que cada um de seus soldados teve á sua parte mais de quinze mil escudos, mas esta fortuna foi causa de sua retirada, e a sua retirada deu logar aos Hespanhoes de retomar a cidade. Os Padres Jesuitas perderam alli um crucifixo de preço inestimavel. A Capitania do *Rio de Janeiro*, que os salvagens chamam *Ganabará*, tem um mui bom porto para surgidouro de navios; o seu rio nos logares que é navegavel entra bem doze legoas pela terra dentro e tem sete a oito de largura. Tem algumas ilhas, n'uma das quaes no anno de 1555 em tempo de Henrique II. Villegagnon fez fabricar um forte, a que chamou Coligni. Também se tinha dado o nome de França Ant-arctica ao paiz circunvizinho. No anno de 1658 achou-se uma mina de prata nesta capitania. A de *São Vicente* tem minas de ouro e prata. Podem-se ver nas cartas os nomes dos outros logares.

Os principaes povos do Brazil são os Tupinambás, os Margajas, os Tapuias, e outros, que differem em costumes, e em linguas, e que se ordinario se distinguem pelos diversos modos de cabellos que usám. O seu numero era maior antes da chegada dos Portuguezes, mas muitos Tupinambás por conservar a sua liberdade atravessaram grandes desertos, e foram tomar assento junto do rio Maranhão. Os Tapuias são mais difficeis de amansar que os naturaes que habitam aldeas. Estas aldeas não tem mais de cinco ou seis casas, mas muito compridas, e capazes de conter quinhentas ou seiscentas pessoas, e algumas vezes mil e duzentas ou mil e quinhentas. A maior parte dos selvagens do Brazil têm-se até agora tão bem defendido, que não obstante as guerras que entre si fazem, tem todavia impedido os europeos de fazer grandes progressos no interior de suas terras, e até muitas vezes tem destruido estabelecimentos, e engenhos de assucar que estes tinham fabricado.

Pag. 284.

Avistámos as ilhas dos Açores.

Estas ilhas são chamadas *Terceiras* tirando o nome daquella que particularmente é chamada *Terceira*. O grande numero de aves de rapina chamadas *Acores*, que alli ha, lhes deu este nome; e igualmente tem o de *Flamengas*, porque foram descobertas por um *Flamengo*. Chamam-se *Altas* em comparação das Canarias, talvez porque são mais septentrionaes. Os Portuguezes, que as senhoream, tiram dalli trigos, vinhos, pastel, couros, e outros generos. Sete são as principaes, sem contar as do *Corvo* e *Flores*, onde muitos tem posto o primeiro meridiano. *Angra*, cidade capital, e sede de um bispo é na *Terceira*. As outras ilhas são, a *Graciosa*, *São Jorge*, *Fa-gal*, *Pico*, *São Miguel*, e *Santa Maria*.

Pag. ibid.

Avistámos a terra de Portugal.

Descripção de Portugal.

Portugal é um reino á borda do oceano na parte occidental de Hespanha onde antigamente era a Lusitania. Tem de existência mais de quinhentos e vinte annos; e D. Affonso VI, que hoje alli reina, é o seu

22.º rei, contando os tres Philippes reis de Hespanha. Funda o seu direito na acclamação de seu pai D. João IV, e no casamento de seu bisavô D. João Duque de Bragança com D. Catharina, filha de D. Duarte, infante de Portugal, o qual morreu no anno de 1540, e era irmão de D. Maria, mulher de Alexandre, duque de Parma.

Os reis de França tem algum direito sobre este reino por via de Roberto de Bolonha, filho de Mathilde de Bolonha, mulher de Affonso III que a repudiou depois de ser rei. Catharina de Medicis suscitou este direito, mas foi-lhe respondido que tal direito estava obsoleto.

O nome de *Portugal* é provavelmente derivado do de *Porto* e de *Caia* pequena povoação proxima do Porto. O comprimento do reino é de quasi cento e vinte legoas, e na largura tem vinte e cinco ou trinta, e em partes cincoenta. A sua situação, e a experiencia de seus habitantes nas cousas da navegação deram logar a seus príncipes de se fazerem obedecer nas quatro partes do mundo, onde contam por vassallos muitos reis, com a commodidade de fazer vir á Europa as mais raras e as mais preciosas mercadorias do Oriente. As suas conquistas chegaram a estender-se a mais de cinco mil legoas de costa, e todos os logares por elles occupados eram á beira mar, porque o seu intento foi sempre assenhorear-se só de commercio. Ha alguns annos a esta parte que não tem podido tirar delle o proveito costumado, por causa das guerras, e dos grossos presidios que tem sido obrigados a sustentar nas conquistas, o que os moveo a dar uma parte dellas aos Ingleses (a).

As provincias de Portugal tem cada uma suas commodidades particulares. Produzem entre outras cousas limões, e excellentes laranjas. Tem algumas minas, porque os Gregos e Romanos viaham buscar a Portugal o ouro, que os Portuguezes vão buscar ás Indias. São tão povoadas, mormente á beira-mar, que se contam no reino mais de seiscentas cidades e villas privilegiadas, e mais de quatro mil parochias. Só é alli recebida a religião catholica romana; e os da raça judaica foram obrigados a baptizarem-se.

Ha tres archebispados; Lisboa, Braga, e Evora; e dez bispados. Os archebispados de Lisboa e Evora tem bem cada um duzentas mil libras de renda. Ha Inquisições em Lisboa, Coimbra, e Evora, e Relações (*Parlemens*) em Lisboa e Porto. Vinte e sete povoações tem districtos, a que chamam Comarcas, e Almoxarifados.

A Ordem de Christo, cuja caza capitular é em Thomar, é a mais consideravel de todas. Os reis são os seus grão mestres, e desta Ordem

(a) O auctor sabia certamente que as conquistas cedidas por Portugal aos Ingleses eram somente *Tanger* em Africa, e a *Ilha de Bombaim* na India; mas era tão palpavel a nacionaes e estrangeiros que estas cessões e principalmente a segunda haviam de trazer apoz si a perda de outras muitas conquistas, que o auctor insensivelmente se exprime como se fora cedida uma grande parte das mesmas conquistas.

dependem todas as conquistas ultramarinas. O Cavalleiros della usam a cruz vermelha, no meio branca; ao mesmo tempo que os de Avis a usam verde, e os de São Thiago roxa. Esta ultima Ordem tem a sua caza capitular em Palmella junto de Setubal.

Diz-se que as rendas do reino, sem contar as da India, passam de dez milhões de libras; e que El-Rei D. Sebastião despendeu uma vez um milhão de ouro só pelos arreios de um cavallo. E' certo que os adornos da maior parte das damas da Europa não são mais que o refugio dos das de Portugal.

Foi no anno de 1640 que o reino se tirou da obediencia do rei de Hespanha; e um dos principaes motivos foi a permissão que Sua Magestade Catholica dava a outras gentes alem dos Portuguezes de traficar nas Indias Orientaes. Admira-se nesta revolução o grande segredo que foi guardado entre mais de duzentas pessoas, e por espaço de mais de um anno. Outra causa consideravel da revolução foi o tributo do quinto, que foi imposto no reino no anno de 1636, pelo qual se mandava cobrar cinco por cento sobre todas as rendas e mercadorias (a).

Ha seis provincias, que são outros tantos governos geraes. *Entre Douro e Minho, Tras os Montes, Beira, Estremadura, Alentejo, e Algarve.*

A de *Entre Douro e Minho* é a mais deliciosa, e tão povoada, que no espaço de dezoito legoas de comprimento, e doze de largura tem mais de cento e trinta mosteiros bem rendosos, mil quatrocentas e sessenta parochias, quinze mil fontes de agua corrente, duzentos poços de pedra, e seis portos de mar. Alguns lhe chamam tambem as Delicias e maravilha das Hespanhas. *Porto*, cidade de quatro mil fogos, faz grande commercio. *Braga* é famosa pela celebração de muitos concilios, e pela pretensão do seu arcebispo a intitular-se Primaz das Hespanhas.

Tras os Montes tem minas. Ha nella a cidade de *Bragança*, capital de um ducado de quarenta mil crusados de renda, e que comprehende bém cincoenta villas, e outras terras, que fazem de Duque de Bragança tres vezes Marquez, sete vezes Conde, e muitas vezes Senhor. Os Duques deste titulo, que estão hoje de posse da Coroa, costumavam residir em Villa Viçosa, e tinham a prerogativa sobre os grandes de Hespanha de se poder sentar em publico debaixo do docei real dos Reis catholicos.

A *Beira* é fertil em centeio, milho, fructas, e castanhas. A sua cidade principal, *Coimbra*, em outro tempo corte de Affonso primeiro rei de Portugal, é celebre por sua universidade, e por seu bispado, que se diz ter mais de cento e cincoenta mil libras de renda.

A *Estremadura*, que é diversa da de castella, produz vinho, azeite, sal, e mel, que as abelhas formam das flores dos limoeiros e roseiras. A sua cidade principal, *Lisboa*, é a capital de todo o rei-

(a) O auctor confunde um pouco levemente o quinto com cinco por cento.

no, e uma das mais bellas, mais ricas, maiores, e melhor povoadas da Europa. Tem mais de trinta mil cazas, e um admiravel porto, com a commodidade do fluxo e refluxo da maré. Faz particularmente o trafico das Indias Orientaes.

A povoação de *Belem*, que lhe fica proxima, é o mausoleo, ou logar da sepultura de muitos reis de Portugal. *Santarem* tem tanta copia de oliveas nos seus arredores, que os habitantes se gabam de poder fazer um rio de azeite do tamanho do Tejo. *Setubal* é bem assente, bem edificada, e mui mercantil, por causa do seu porto, que é o melhor de todo o reino, e tem de comprimento trinta milhas, e de largura tres. As suas salinas, e pescaria, pelo que dizem os Portuguezes, dão maior rendimento ao seu rei, do que todo o Aragão a El-Rei de Hespanha.

O *Alemtejo* é reputado o celleiro de Portugal, por causa dos seus trigos. A sua cidade principal, *Evora*, pretende o primeiro logar abaixo de Lisboa. No anno de 1663 os Portuguezes alcançaram alli uma celebre victoria. *Eloas* é conhecida por seus excellentes azeites, e pelos cercos que tem sustentado com feliz exito contra os Castelhanos. *Ourique* é o logar da famosa batalha, que no anno de 1139 deu a coroa ao primeiro rei de Portugal. Era Affonso, que venceu cinco reis mouros, e que em memoria disso poz no seu escudo, que era de prata, cinco escudetes de azul em forma de cruz, cada escudete com cinco dinheiros de prata postos em aspa, os quaes representam os trinta dinheiros, por que Nosso Senhor foi vendido, contando-se duas vezes o do meio.

O *Algarve*, ainda que pequeno na extensão, tem o titulo de reino. Foi reunido á coroa pelo casamento de Affonso III com Beatriz de Castella (a). Produz figos, azeitonas, amendoas, e vinhos mui estimados. O proprio nome de *Algarve* em lingua mourisca quer dizem campo fertil.

Pag. 286.

Tomâmos a derrota das ilhas de Bayonna em Galliza etc.

A *Galliza* é uma das grandes provincias que a Hespanha tem á borda de oceano, na qual ha muitos bons portos; mais para bem a conhecer parece de algum modo necessario tratar em geral da Hespanha, cuja parte é Galliza.

Descripção de Hespanha.

A *Hespanha* é uma grande peninsula, do comprimento de duzentas legoas, e outras tantas de largura, entre o 9.º e o 24.º grão de longitude, e entre 35.º grãos e meio e 43.º e meio de latitude septentrional. Esta peninsula jaz ao longo de mar oceano e do mar me-

(a) A annexação do *Algarve* foi por conquista, e não por dote de casamento como alguns auctores tem dito.

diteraneo. Para o oriente avizinha com a França por espaço de cento e vinte legoas, ficando entre meio os Montes Pyrenéos. Seria de figura quadrada, se lhe tirassem a Catalunha. Além do nome de *Hespanha*, teve também os de *Iberia*, *Hesperia*, e de *Mus-Arabia*. Muitas causas a fazem pouco habitada; a sua esterilidade, as suas montanhas; a pouco fecundidade de suas mulheres; o exterminio dos Mouros, que em numero de mais de oitocentos mil foram obrigados a sair della no anno de 1510, e finalmente o grande numero de pessoas que se envia ás colonias, e ás guerras externas. Dahi vem que nunca se chegou a ver mais de sete mil hespanhoes naturaes em exercito algum.

Reina alli mais calor que frio; e as provincias sitas ao oriente e meio-dia são melhores que as outras. As montanhas sem arvores, onde ha rochedos continuados, são chamadas na lingua do paiz *Serras*. Faltam alli cereaes, mas colhem-se os mais fortes vinhos, os mais deliciosos fructos, e os mais doces azeites da Europa. O ouro e a prata que alli se leva da America é bastante para fazer acudir a Hespanha todas as outras commodidades da vida. No anno de 1618 foi verificado que desde o primeiro descobrimento deste Novo Mundo por Colombo se havia tirado delle mais de mil e quinhentos e trinta e seis milhões de ouro, e no anno de 1645 achou-se que os reis de Hespanha haviam tido á sua parte quarenta milhões de ouro só em barras de prata e ouro, afora os outros direitos recebidos de diversas mercadorias. Estas sommas são immensas, mas não tem talvez enriquecido a Hespanha na mesma proporção que as colonias enviadas para colher aquellas riquezas a tem enfraquecido. Por outra parte a necessidade de adquirir mercadorias estrangeiras esgota a melhor parte destes thesouros. Isto fez dizer ao rei Henrique o Grande que as pistolas dos Hespanhoes indicavam entre elles as suas riquezas, mas que sendo levadas a outra parte manifestavam a sua pobreza. Ha em Hespanha minas de cobre, de azougue, de chumbo, de ferro, e de sal: as de ouro e prata tem sido poupadas desde que começou a haver a commodidade das da America. Reputam-se geralmente os cavallos desta região, e os de Andalusia por superiores a tolos os mais; mas nem por isso deixa de se viajar alli em mulas, e em jumentos por causa da asperesa das montanhas.

Não ha princepe no mundo que tenha tão grandes Estados como o rei de Hespanha, de sorte que com justa razão se pode dizer o maior senhor de terras do universo. E' verdade que estes Estados se acham dispersos na Europa, America, Africa, e Asia. Alguns de seus predecessores se tem gloriado de que o sol nunca se põe nas suas terras, e que a extensão de seus dominios não se podia medir senão pelo curso deste astro. Em algumas cartas que os reis da Persia lhes escreveram no seculo passado, dizem = *io rei que tem o sol por chapeo* =. Entre outros titulos toma o rei de Hespanha particularmente o de Catholico desde Fernando V, e o de rei das Hespanhas, mas este ultimo só ha pouco tempo. Seriam necessarias mui-

tas paginas para os conter todos. Eis os de que usa o rei Philippe IV na carta de poderes que deu no anno de 1659 a Dom Luis de Haro para tratar da paz= « Dom Philippe por graça de D'os Rei de « Castella, de Leão, d' Aragão, das Duas Sicilias, de Jerusalem, de « Portugal, de Navarra, de Granada, de Toledo, de Valencia, de Gal- « liza, de Malhorca, de Sevilha, de Sardenha, de Cordova, de Cor- « sega, de Murcia, de Jaen, dos Algarves, d' Algeziras, de Gibral- « tar, das ilhas Canarias, das Indias Orientaes e Occidentaes, das « Ilhas e Terra firme do Mar Oceano, Archiduque d' Austria, Duque « de Borgonha, de Brabante, e de Milão, Conde de Hapsbourg, de « Flandres, de Tirol, e de Barcelona, Senhor de Biscaya, e de Ma- « linas, etc. = »

A principal Ordem de Cavallaria em Hespanha é a do Tosão; as outras são as de São Thiago, de Calatrava, d' Alcantara, e de Montesa. Os Reis de Hespanha tem tomado para si os grão-mestrados destas Ordens sob o nome de Administradores perpetuos. Ha alem disso mais de oitenta Grandes de Hespanha, que são pouco mais ou menos como os Duques e Pares em França; mas esta dignidade, como anda annexa a senhorio de terras, passa a femeas. O rei de Hespanha tem tres sortes de guardas, Walons, Alemães, e Borgonhezes.

Os Hespanhoes reputam as artes por cousa deshonrosa, e por isso a maior parte dos seus artifices são Francezes. Prezam mais a guerra, na qual fazem mui bom serviço, principalmente na infantaria. Sempre tem conservado a reputação de-ser leaes a seus principes, e de não revelar voluntariamente o seu segredo. Marcham lentamente a qualquer conquista, mas de ordinario guardam bem o que ganham. São tardios em determinar-se, mas corajosos em proseguir na sua determinação, não lhes metendo medo as difficuldades que crescem. São muito previstos, e nunca perdem nem a paciencia, nem a esperança, posto que a sua lentidão lhes faça muitas vezes perder boas occasiões. Alguns d' entre elles tem a vaidade de dizer que o seu paiz provê o mundo de generaes para os exercitos; que Deos fallava a Moises no Monte Sinay em lingua castelhana; e que o Senhor do universo deve nascer hespanhol. Não se acham livros hespanhoes mais antigos que os do anno de 1260; e antes disso as leis eram alli escriptas em latim.

A Hespanha foi sujeita a estrangeiros durante longo tempo. Os Celtas, os Rhodios, os Phenicios, os Carthaginezes, os Romanos, os Vandalos, os Suevos, os Godos, e os Mouros, dominaram ou sobre toda ella, ou sobre alguma das suas partes. A sua primeira divisão foi em duas partes; uma daquem e outra dalem do Ebro, que então, limitava os dominios de Roma e de Carthago; porque ao depois o que os Romanos chamaram Hespanha ulterior somente comprehendia a Betica e a Lusitania. N' uma e n' outra os Romanos tinham estabelecido quatorze Conventos juridicos, ou districtos judicarios. Na decadencia da dominação dos Mouros formaram-se alli cinco reinos; Leão com Castella, Aragão, Navarra, Portugal, e Granada. Depois

disso todo o paiz ficou debaixo do dominio dos reis de Castella, Portugal, e Aragão; e é principalmente por estes tres titulos que o rei de Hespanha tem possuido todos os seus grandes Estados, nos quaes ha hoje oito vice-reinados. Desde Pelagio a Castella tem recaido dez vezes em femêa. No anno de 1640 Portugal acclamou rei ao Duque de Bragança.

Os principaes rios de Hespanha são, o Douro, mui piscoso, o Tejo afamado por suas areias de ouro, o Guadiana que se diz sumir-se por debaixo do chão, o Guadalquivir o mais profundo, e o Ebro famoso por seu nome. Todos tem suas origens em Cast-lla, mas não são tão navegaveis como os de França. O Guadiana deu motivo aos Hespanhoes para dizerem que elles tem na sua terra a mais rica ponte do mundo, porque sobre ella passem de ordinario mais de dez mil carneiros, e pode passar um grosso exercito em batalha. Parece que os antigos pozeram mui advertidamente a este rio o nome de *Anas*, porque entra e sãe da terra assim como um pato entra e sãe da agua. Alguns modernos dizem que são as montanhas que occultam este rio; outros asseveram que são as sangrias, que se lhe faz para rega dos campos, que são mui pouco fertéis, mas é certo que isto acontece junto de suas origens, e não junto a Merida, como o indicam algumas cartas antigas.

Seja como for, é isto uma das tres maravilhas de Hespanha, e as outras duas são, uma cidade cingida de fogo com muros de seixos, que é Madrid; e uma ponte sobre a qual corre agua, que é o aqueducto de Segovia. Algumas cidades deste Estado tem certos appellidos por excellencia, como, Sevilha a mercante, Granada a grande, Valença a bella, Barcelona a rica, Saragoça a contente, Valnadolid a gentil, Toledo a antiga, e Madrid a real.

Ha em Hespanha oito arcebispados, e quarenta e oito bispados. Os arcebispados são, Toledo, Burgos, Compostella, Sevilha, Granada, Valencia, Saragoça, e Tarragona. O rei Recaredo I introduziu alli a religião catholica romana, a qual é hoje a unica recebida; e ha alli a Inquisição contra as outras crenças. Todavia ha em Toledo algumas igrejas, onde se segue o rito mus-arabico, que é o que guardavam os christãos, que viviam entre os Arabes.

Muitos portos de mar são de grande consideração, como, a Passagem de Santo André, Corunha, Cadiz, Carthagená, Alicante etc.

Contam-se em Hespanha quinze grandes partes, que quasi todas tiveram titulo de reino no tempo dos Mouros. Destas cinco da banda do oceano, a saber, *Biscaia*, *Asturias*, *Galliza*, *Portugal*, *Andaluzia*: cinco da banda do mar mediterraneo, a saber, *Granada*, *Murcia*, *Valencia*, *Catalunha*, e as ilhas de *Malhorca* e *Minorca*; e outras cinco no interior do paiz, que são *Aragão*, *Navarra*, as duas *Castellas*, e *Leão*.

A *Biscaia* tem matas que lhe dão meios de fabricar mais navios que todas as outras provincias de Hespanha. Tem também tão grande quantidade de minas, e de forjas de ferro, que é ás ve-

chamada a Defensão de Castella. E' separada da França pelo pequeno rio Bidassoa, que forma uma ilheta celebre em nosso tempo pela paz queahi se concluiu no anno de 1659 entre as coroas de França e Hespanha. Os Biscainhos, que são os antigos Cantabros, se gloriam de nunca haverem sido subjugados. A terra assim como a do reino de Navarra é bem cultivada, porque não ha alli nem talha (capitação), dizimo, nem direitos de entrada.

As *Asturias* criam cavallos, que são estimados por sua força. Servio de abrigo aos reis Godos, e é ainda o titulo do Principe de Hespanha, cujos irmãos segundos são chamados Infantes, e isto desde o reinado de D. João I.

A *Galliza* é mais populosa que fértil.

A *Andaluzia* é tão bella e tão abundante de trigo, vinho, e azeite, que passa por ser o celeiro e a adega do reino.

O reino de *Granada* era muito mais rico e mais povoado no tempo dos seus ultimos reis Mouros, que o perderam no anno de 1491; e era tambem mais fértil, porque os Mouros tinham mil invenções para regar as terras fazendo nellas regueiros e vallas, pelas quaes faziam vir as aguas dos grandes reservatorios que formavam nas montanhas proximas da Serra Nevada. O seu assento, e a disposição de seus logares concorda com aquella que Julio Cesar descreve nos seus commentarios.

O reino de *Murcia* é chamado o Jardim de Hespanha, por causa de seus excellentes fructos.

O reino de *Valencia* é a mais agradável região de toda a Hespanha.

A *Catalunha* produz vinho, azeite, cereaes, e fructos em quantidade. A visinhança dos Pyreneos lhe fornece mármore mui fino, jaspé, e lapis-lazuli. Os que fazem de Hespanha a cabeça dos Estados do rei catholico dizem que a Catalunha é uma de suas orelhas, e Portugal a outra. Contam-se nella dez cidades, dezasete Vignerias (julgados), ou grandes baliados, e mais de cem cidades muradas, que tem sido muitas vezes tomadas e retomadas durante as ultimas guerras.

As ilhas de *Malhorca* e *Minorca* são as antigas Baleares.

O *Aragão* é um paiz cheio de montanhas.

A *Navarra* consiste em seis meirinhados ou governos, dos quaes o que é aquem dos Pyreneos ficou pertencendo á França. Basta ver-se a arvore de geração para se conhecerem os direitos de Sua Magestade christianissima sobre este reino de Navarra, o qual foi usurpado a seus predecessores no anno de 1512 pouco mais ou menos sem outro fundamento mais do que a conveniencia e a força.

A *Castella* tira o seu nome de um Castello, cuja figura se vê no primeiro quartel das armas do rei de Hespanha.

O reino de *Leão* é o primeiro que os Christãos fundaram depois da invasão dos Mouros.

FIM DAS OBSERVAÇÕES GEOGRAPHICAS.

TRATADO E DESCRIÇÃO

DOS ANIMAES, ARVORES, E FRUCTOS

DAS INDIAS ORIENTAES,

OBSERVADOS POR

FRANCISCO PYBARD.

Ainda que muitos tenham escripto amplamente da natureza, forma, e apparencia de grande numero de animaes a nós desconhecidos, e das arvores, e fructos das Indias Orientaes; todavia tendo-os eu visto, conhecido, e mienado tão particularmente, como de feito o fiz durante tão longo tempo, e até vivido delles; julguei ser obrigação minha pôr em escriptura o que uma tão longa experiencia me ensinou, certo de que talvez ninguem até agora lhes tenha tão particularmente observado a natureza.

CAPITULO 1.

Dos Elephantes e dos Tigres.

O *Elephante* é o maior de todos os animaes, e que tem mais instinto e conhecimento; de sorte que se pode dizer que tem algum uso de razão, além de ser infinitamente proveitoso e servicial ao homem. Se alguém quer montar em cima d'elle, é este animal tão submisso, obediente, e bem ensinado a favorecer a commodidade do homem, segundo a qualidade da pessoa que d'elle se quer servir, que agachando-se elle mesmo dá ajuda com a tromba a quem quer montar nelle.

Sobre tudo folga este animal de ser louvado e animado, e por este meio se humilha; sendo todavia tão grande a sua força que quasi se não pode conhecer senão pela experiencia. Vi um levantar com os dentes duas peças de artilheria de bronze, ligadas e amarradas entre si com cordas, cada uma das quaes pezava mil arrateis; e não só as levantou, mas andou com ellas por espaço de quinhentos passos. Também vi um elephante puxar navios e galeras para terra, ou pôl-os a fluctuar no mar. É uma cousa admiravel a natureza destes elephantes, que são tão obedientes que fazem tudo quanto se lhes manda, com tanto que sejam tratados com mimo.

Em toda a região do Malabar, e mesmo no reino do Decão ou Decan, notei que só os Nayres domam e ensinam este animal; e vi

em Calicut rapazinhos Nayres estar sempre junto dos elephantes pequenos, amimal-os, leval-os de uma banda para a outra, e de algum modo costumarem-se com elles; e só os Nayres os governam, - lhes dão de comer, e os conduzem pela cidade, ou por qualquer outra parte onde é mister; porque ninguem mais o poderia conseguir, nem ousaria chegar-se a estes animaes. Quando um elephante é conduzido pelo seu Nayre, não ha nada tão manso, e tão tratavel; faz tudo o que lhe mandam; recebe bem todas as pessoas que lhe mostram; recebe toda a sorte de pessoas para o montar, estende a tromba, da qual se serve como de mão, e os ajuda a montar; e se é uma criança, levanta-a com a mesma tromba e a põe sobre si. Se porem não está alli o Nayre, não ha ninguem tão ousado que se lhe chegue, porque o elephante mataria a quem o tenta-se.

Tem sobre o nariz uma grande tromba mui comprida, que é como uma manga de couro, e a menêa para um e outro lado, e lhe serve de mão para levar o comer á bocca, ou para fazer qualquer outra couza e alem disso é tão rija que toma com ella um homem e o levanta a tal altura, que ao cair se faz em pedaços; e assim são justicados os malfeteiros em Calicut. E disseram-me que havia um em Goa ha pouco tempo, que matou muitas pessoas desta maneira quando ia pela cidade, ainda tendo conductor, e com effeito vi muitos dos quaes ninguem se podia appproximar apezar de terem o seu Nayre, por serem de natureza mais bravia.

Quando os levam á guerra, prende-se-lhe na tromba uma espada, com a qual coriam tudo quanto encontram. Vi muitos a quem tinham feito isto por divertimento, e meneavam a espada para um e outro lado bem furiosamente. Estes animaes não comem carne, nem ainda quando são do mato, mas vivem somente de ramos e folhas de arvores que quebram com a tromba e mastigam páos muito grossos. Os que são domesticos, são mimosos no seu mantimento, e é mister dar-lhe arroz bem cosido e temperado com manteiga e asucar, que se lhes offerece em hollas grossas, e consomem bem cem libras de arroz por dia; e alem disso é preciso dar-lhe folhas de arvores, principalmente de figueira brava, para refrescarem. E' por esta razão que me persuado que só os reis possuem, por custarem tanto a manter; e a magnificencia e poder dos reis daquellas terras mostra-se em sustentar muitos; porque este animal lhes é mui util mesmo na guerra. Vi muitos em casa de rei de Calicut. O rei de Bengala tem dez mil, e o Grão Mogor, por outro nome chamado *A ba*, que quer dizer o *grande rei*, sustenta até o numero de tres mil (a), segundo eu soube de muitos Indios e Arabes que estiveram em sua corte.

E' alem disso cousa muito notavel que este animal não cobre nunca a femea, se é visto por alguém.

Ha quem diga que não tem juntas nas pernas, e que se não podem

(a) Este numero está escripto no original francez em algarismo - 3000 - ; mas parece-nos pelo sentido que deveria ser trinta mil - 30000.

deitar, mas é falso; porque se dobram e se deitam como querem. Nada mais direi, porque muitos auctores tem escrito assaz destes animaes.

No que toca ao *Rhinoceronte*, como nunca vi nenhum, e só delles ouvi fallar, nada tambem direi.

Em quanto aos *Tigres* ha grande quantidade delles na India, e são alli mais communs do que cá os Lobos. E' um animal muifurioso, mui eruel, que não foge dos homens, se não estam em grande numero, antes pelo contrario busca-o, e accomete-os para os devorar. De sorte que toda a gente traz armas para se defender delles, e apezar disso acham-se todos os dias muitos homens devorados por elles. Os reis aprazem-se muito em ir á caça destes tigres, para os debastar, e livrar delles o pobre povo; accrescendo a isto que assim conhecem e experimentam a affouteza e hardidez da sua nobreza. Os Nayres não fazem outra cousa mais do que ir a esta caça, e a maior parte os combatem com espada e rodella (o que não é sem risco, por que o animal é ousado e furioso) e depois de os matarem, levam-nos ante o rei em grande honra e triumpho. Vi muitos Nayres que assim levavam os tigres mortos, e não poucos d'entre elles iam bem feridos. Estes tigres são da altura de um rafeiro, mais compridos, com a cabeça grossa, semelhante á de gato. A pelle é mui bonita; toda malhada de branco, preto, e ruivo.

CAPITULO II.

Dos Crocodilos e Tartarugas.

Ha grande quantidade de *Crocodilos* nos rios da ilha de São Lourenço, da costa de Bengala, e das terras do Malabar. Vivem na agua doce, são mui grandes, cobertos de escamas, e por isso difficeis de matar; mas tem o ventre brando, e facil de penetrar. Exhalam cheiro de almiscar; o que experimentámos nos que matámos na ilha de São Lourenço, porque logo que eram feridos todo o ar ficava embalsamado como de almiscar, e até a costa lançava o mesmo cheiro. Quem os tem comido diz que a sua carne é mui saborosa e boa. Eu nunca a provei. A guela é guarnecida de dentes mui agudos, e os debaixo passam e atrevesam a maxilla superior, que é toda cheia de buracos nos logares onde passam estes dentes, e é esta a que se move.

As *Tartarugas* andam á tona d' agua para se aquecerem ao sol, e ha-as tão grandes que só a concha bastaria para cobrir uma choupana ou casa pobre, e cabem-lhe em cima dez pessoas e mais assentadas. Ha grande quatidade dellas nas ilhas de Maldiva, e alli se vêem muitas ilhetas, que não são habitadas de outros animaes senão des-

tas grandes Tartarugas, que as cobrem totalmente. Quando nós chegámos ás ilhas de Maldiva, apanhámos uma que tinha quinhentos ou seiscentos ovos do tamanho de gemas de ovos de galinha; a qual cozemos em água do mar, e a comemos, e disso vivemos tres ou quatro dias quarenta pessoas, que nós eramos, por não termos outra coisa alguma que comer. A carne é mui gorda e saborosa como a de vitella; mas como a comiamos sem pão, nem outro tempero, muitos dos nossos caíram doentes, e eu em particular estive muito mal, vomitando sem cessar até lançar sangue. A gente daquellas ilhas serve-se das conchas para fazer rodellas, e diversos moveis e frastes.

Nas ilhas de Maldiva ha outra especie mais pequena, que todavia tem tres ou quatro pés de diametro. A concha é escura, atirando parte para negra e parte para vermelha, mui lisa, brilhante, e tão admiravelmente disposta que é coisa extremamente bella vê-la depois de polida. Essa é a razão porque ella é tão procurada de todos os Indios, reis, grandes senhores, e pessoas ricas, principalmente de Cambaya e Surrate, que della fazem cofres e caixinhas guarnecidas de ouro e prata, bracettes, e outros ornamentos, e moveis. Esta especie não se cria senão nas ilhas de Maldiva e Philippinas, ou Manilhas, e é uma das boas mercadorias que dalli se extrahê.

É cousa admiravel a natureza e duração da vida deste animal; porque aquelles insulares quando as apanham chegam-nas ao fogo, e depois tiram-lhe a concha; e sendo assim tirada e separada a concha do corpo do animal, tornam a lançar a tartaruga no mar ainda viva, e lá se lhe renova e refaz outra concha, e é defeso matá-las. Alem disso aquella gente não come nunca especie alguma de tartaruga, porque dizem elles que é um animal, que tem muita conformidade e semelhança com o homem.

CAPITULO III.

Dos Peixes do mar indico, e especialmente das ilhas de Maldiva.

O mar que está debaixo da zona torida tem peixes estranhos, e mui diferentes dos dos nossos mares. Mas entre outros é cousa maravilhosa certos peixes que comêr e devoram os homens. Nas ilhas de Maldiva ha muitos desta qualidade, porque como o mar é baixo, aggregam-se alli em grande quantidade. Este peixe é mui grande de nove a dez pés de comprimento, grossura á proporção, que excede o braçado de um homem; não tem escamas, mas é coberto de uma especie de couro de cor denegrida, branco na barriga, mas todavia sem a dureza e espessura do da baleia. A cabeça é rodonda, alta, e mui larga, guarnecida de quantidade de grandes dentes agu-

dos. Os habitantes das ilhas de Maldiva são mui incommodados deste animal, porque os vem devorar quando andam pescando, ou se banham; e o menos que faz he decepar-lhes os braços ou as pernas. Vê-se alli grande numero de pessoas, de que umas são estropeadas de uma perna, outras de um braço, outras de uma mão, outras feridas em outra parte do corpo pela mordedura de taes peixes. Vi muita gente naquellas ilhas de Maldiva assim maltratada; e vi até apanhar alguns destes peixes, e achar-se-lhes no ventre membros inteiros de homens. Estes desastres acontecem todos os dias, porque de ordinario aquella gente banha-se e lava-se no mar. Uma vez estive quasi a ser devorado por estes peixes ao passar de uma para outra ilha por um trajecto bem pequeno. Os naturaes me affirmavam que estes peixes andando em bandos tem accometido muitas vezes bateis, e barquinhos de pescadores, virado os barcos, e devorado os homens. Isto não aconteceu em quanto eu alli estive, mas todavia todos me asseveraram como cousa certa. Dizem que Deos lhes envia taes animaes para os punir de seus peccados; e chamam a estes animaes *Paimónes*.

Ha tambem outros peixes mais pequenos, chamados pelos Portuguezes *Tubarões*, os quaes tem a cabeça larga e redonda, a guela mui grande, e muitas ordens de dentes; são cobertos de couro sem escama como os precedentes, e tambem comem carne humana, e devoram ou estropiam os que nadam, ou se banham no mar. Acham-se em todos aquelles mares, e acompanham ás vezes os navios á espera de presa, e até comem as camizas ou lençoes que se botam de molho no mar. E' cousa admiravel haver sempre ao redor delles outros pequenos peixes, que tem a pelle negra, e aspera na barriga, e por este logar mais aspero se agarram ao tubarão, e elle assim os não pode devorar.

As ilhas de Maldiva são mais cheias de peixes de diversas sortes do que outro algum logar do mundo. Os habitantes gostam muito de peixe, e não comem senão os melhores e mais delicados, desprezando os outros. Ha alli um peixe pequeno, do tamanho de um pé pouco mais ou menos, de forma quadrada, coberto de huma concha interior, tão dura que é mister machado para a quebrar, tendo só a ponta do rabo movel para lhe servir de leme: e a concha é de côr amarellada, salpicada de estrellas pretas; pelo que alguns lhe chamam *peixe estrellado*. E' o mais sabroso que ser pode, tem a carne branca, rija, sem espinha alguma; e dir-se-ha que é carne de galinha, de boa que é.

Tambem ha lá *Rayas* infinitamente grandes, de seis e sete pés de largura, mas os naturaes não fazem estimação alguma dellas, nem as comem nunca, por terem este peixe na conta de ruim; ainda que eu, tendo-o comido, o achei tão bom como os seus semelhantes de cá. Mas elles, como já disse, são tão gulosos, e delicados, e tem uma quantidade tão admiravel de peixes, que se não dignam de comer a maior parte dos que são semelhantes aos nossos, e que cá se comem, dizendo que os não acham sufficientemente bons. Somen-

te esfolam estas grandes Rayas, e da pelle secca e bem extendida fazem tambores, e não se servem de outros.

Ha alli quantidade de peixes que tem concha dura; *Caranguejos* de todas as especies, mui grandes, de que vi muitos, cuja concha brilhava com diversas cores mui agradaveis á vista. Destes caranguejos ha uma especie, como aquella a que os marinheiros chamam *Crabe*, que abunda nas ilhas de Maldiva, mas de estranha grandeza, que andam no mar e em terra, onde fazem grandes cavernas para se recolher. Vi alguns destes, cujas garras eram mais grossas que os dous punhos. Ha ilhas que são todas cheias delles, e dão molestia e incommodo aos habitantes, porque mui frequentemente os ferem agarrando-se-lhe aos pés, e por esta razão em muitas ilhas ninguem ousará andar de noute, que é quando todos andam por fora, e enchem tudo; e a mim me aconteceu ser assim ferido delles andando de noute.

Estes povos recebem tambem incommodo de outra sorte de peixe grande todo coberto de pontas duras como espinhas, do comprimento de quatro dedos, sem haver logar algum do peixe onde as não haja. Quando vão á pesca acontece muitas vezes aquella gente porem-lhe os pés em cima, ou passar junto delles, e então se introduzem nos pés aquelles espinhos, que passam por ser venenosos.

O mar daquellas partes é cheio de cobras ou serpentes do mar, que mordem a quem encontram. Quanto aos peixes voadores, acham-se em toda a parte debaixo da zona torrida, e principalmente junto da linha equinocial. Alem daquelles que vi no mar á ida, vi tambem muitos nas ilhas de Maldiva. Havendo fallado delles na relação da minha viagem, não repetirei aqui o que lá escrevi.

Por ultimo fiquei admirado de ver tantas sortes de diversos peixes, que nos são desconhecidos, grandes e pequenos de todos os feitios, alguns dos quaes são enriquecidos de bellas cores, outros brilhantes como se fossem cobertos de ouro; em somma de tão grande diversidade; que só fica logar para a admiração, e para reconhecer que as maravilhas de nosso creador se manifestam mais no mar que em qualquer outra parte de suas obras.

CAPITULO IV.

Dos Papagaios, e de um Passaro admiravel que se cria na China.

Toda a India, Africa, Brazil, e Ilhas de sua dependencia são cheias, entre outras muitas sortes de passaros, de *Papagaios* em grande numero, e de todos os feitios. Uns tem a plumagem cinzenta e roxa, e destes ha-os na ilha de São Lourenço, são bons para comer,

e tem o mesmo gosto que os pombos torcazes; e dell'es comemos muitos quando estivemos naquella ilha. Os maiores Papagaios verdes que trazem a França vem de Guiné, Cabo verde, e do Brazil. Os das Indias são verdes, e mais pequenos, mas mui lindos, e fallam muito bem. Ha-os lá muito grandes todos brancos. Tambem se acham papagaios pequenos, que não são maiores que pardaes. No Brazil ha-os todos vermelhos, ou todos amarellos, e de outras diversas cores somente; todos porem são aqui muito maiores que os de outras partes.

Quando ás *Garças* são abundantes no mar, e vêm-se em grande quantidade na zona torrida.

Estando eu nas ilhas de Maldiva achou-se alli um passaro que veio ter a uma dellas, de prodigiosa forma e grandeza. E' da altura de tres pés, o corpo tão grosso que um homem o não poderia abarcar; a plumagem toda branca como de cisne, os pés palmados como das aves nadadoras, o pescoço do comprimento de meia braça, o bico do comprimento de meia vara, tendo na parte superior uma especie de unha curva, e na parte inferior é mais largo que na de cima, e tem pendente um grande papo mui amplo, de cor amarello-dourada, semelhante a pergaminho. O rei muito admirado, e sem saber donde poderia ter vindo este animal, e qual era a sua natureza, perguntava-o a todos os que vinham de fora, e ninguem lhe dava resolução; até que chegaram certos estrangeiros que lhe disseram que aquell' animal era particular da China, e só lá se cria-va; que os Chinezes se serviam delle para apanhar peixe, porque anda por agua como os outros passaros dos rios, e por muito longo tempo. Apanha peixe industriosamente, e com elle enche a grande bolsa ou sacco, que lhe pende por baixo de bico, e é tão espacoso e amplo que lhe cabem muitos peixes de tamanho de dous pés cada um. O que tendo o rei ouvido, ficou mui espantado de como era possível que este passaro tivesse vindo assim só da China, que fica distante mais de mil e duzentas legoas.

Quiz pois ver por si a experiencia, e fazia algumas vezes apertar o pescoço do passaro, deixando-lhe só a abertura sufficiente para respirar, assim de que não engolissem o peixe; mas trouxesse o sacco cheio; que é este o artificio de que usam os Chinezes. Vi-o assim andar muito tempo no mar, e recolher cheio de peixe. Dilatava-se muito no mar, chegando a ficar lá um dia, o que me fez crer que não era impossível que elle tivesse vindo da China, porque folga de andar no mar, e ali se detem por largo tempo, e apanha peixe para se manter; alem de que foi-me asseverado por uma infinidade de Indios de desvairadas partes que este animal só se cria na China.

Quando cheguei ao Brazil vi alli dous animaes mui raros. Eram da forma, altura, e proporção de uma mula pequena, e todavia não é uma especie de mula, mas um animal diverso, que propaga e produz a sua especie. A pelle era admiravelmente bella, macia, e bri-

lhante como velludo, o pello semelhintemente curto, e o que é mais estranho é ser composta de pequenas listas extremamente brancos, e extremamente pretas, tão proporcionadamente que até as orelhas, ponta da cauda, e outras extremidades, nada havia que notar nesta figura tão bem compassada, que apenas a arte humana poderia fazer cousa semelhante. E' alem disso um animal mui bravo, e que nunca se amansa completamente. Os do mato são extremamente ferozes, comem e devoram os homens. Chamam-lhe no paiz onde se criam *Zebras* (a). Criam-se em Angola na Africa, donde os haviam levado ao Brazil, para os dar de presente a El-Rei de Hespanha; e tendo sido apanhados mui pequenos, estavam um pouco mansos; e todavia só o homem que tratava delles se atrevia a chegar-se-lhe ao pé; e até pouco antes de eu alli chegar, um que por descuido se soltou matou um palafreireiro, e têt-o-hia devorado se lho não tirassem dos dentes. É ainda o homem que os tratava me mostrou signaes de elles o haverem mordido em varias partes, apesar de estarem presos com prisão muito curta. Certamente é a pelle de animal mais linda que ver-se pode.

CAPITULO V.

Da Pimenta e da Gengibre; da Massa e Noz muscada; do Cravo e da Canella.

A *Pimenta* cria-se abundantemente em Cochim, Calecut, Cananor, Barcelor, e por toda a costa do Malabar. Extrahem-na dalli só os Portuguezes, e ninguem mais ousaria compral-a nestas regiões. Ha-a tambem em grande copia na ilha de Sumatra, e em Java, onde os Arabios, e todos os outros Indios, e de alguns annos para cá os Hollandezes e Inglezes, e todos os que alli navegam contra vontade do rei de Hespanha a tomam, e fazem della provimento. E' mais grossa e mais peuada que a do Malabar, mas os Indios lhe dão mais estimação, posto que os Portuguezes gabão a sua, que dizem que tem mais força. Ha-a de tres especies; preta, branca, e longa. A longa cria-se em Bengala, no Brazil, e em Guiné.

Mas a pimenta preta e a branca são da mesma forma, e provêm de uma planta ou arvore, que é semelhante á hera; e se planta ao pé de outra arvore; quando vai crescendo enrosca-se, e vai subindo até ás mais altas pontas da arvore, como se fosse a videira, lupulo, hera, ou qualquer outra planta trepadeira. A sua folha é

(a) Já na Nota (a) de pag. 289 deste volume advertimos que no original francez se escreve *Eurus*, provavelmente por corrupção de *Zebre*, ou *Zeure*.

semelhante á da laranjeira. O fructo di-se em pequenos cachos alongados, mui semelhantes a groselhas vermelhas. A principio é verde, perto de amadurar faz-se vermelho, e quando sêcca fica negro. Colhe-se nos mezes de dezembro e janeiro.

Quanto á *Gengibre* é mais commum que a Pimenta, e cria-se em toda a India, e mesmo no Brazil, e na ilha de São Lourenço. Não estive em logar algum da India onde não visse gengibre. O Rei de Hespanha defende extrahir-se grande quantidade, porque se a levassem em abundancia, isso lhe estorvaria a venda da sua pimenta, porque muita gente se contentaria com aquella especiaria. É uma raiz que se cria na terra, como a do lilio. Os Indios fazem della grande quantidade de conservas.

A *Noz muscada* e a *massa* só se dão na ilha de Banda, que é distante vinte e quatro legoas das de Maluco; e ha-a alli em tão grande quantidade que basta ao provimento de todo o mundo. A Noz muscada amadurece tres vezes no anno, a saber, em abril, agosto, e dezembro. A de abril é a melhor. A arvore semelha-se pouco mais ou menos ao pecegueiro; o fructo é coberto de uma casca ou pelle mui espessa, que se abre depois de madura como uma noz, saindo a Noz muscada com outra casca, que é a *Massa*, de cor vermelha. Seccando separa-se a *Massa*, e fica côr de laranja, e é droga de grande virtude para fortificar e aquecer o estomago, expellir as ventosidades, e fazer digerir os alimentos.

O *Cravo* só se produz nas ilhas de Maluco; as suas folhas semelham-se ás do loureiro; o pão da arvore, e as folhas tem com pouca differença o mesmo gosto do fructo. Ao redor da arvore não nasce erva alguma, porque as raizes são tão quentes, que absorvem toda a humidade. Tem-se feito experiencia de que poudo um sacco de cravo sobre um vaso cheio d'agua, esta se consome e diminue, sem todayia o cravo se damnar.

A flor do cravo quando abre é branca, depois faz-se amarella, e por fim vermelha. É então que o cravo se produz na flor, e que o seu cheiro é mais forte e melhor, e na verdade é o mais suave e mais admiravel cheiro que se pode imaginar. Quando as flores estão na sua força, dir-se-hia que o ar está todo embalsamado do seu aroma. Estando maduro cae o cravo no chão; apertam-no, e molham-no na agua do mar; depois seccam-no em canniços por debaixo dos quaes se põe fogo, que lança fumo, com o qual fica o cravo negro, sendo de antes mui vermelho.

A *Canella* só se produz na ilha de Ceilão, onde se acha em tão grande abundancia, que a maior parte da terra está coberta della, como cá de matto ordinario. A arvore é como a oliveira, e a folha como a do loureiro; dá uma flor branca, e um fructo de feitio da azeitona madura.

Tem duas cascas; a primeira nada vale; a segunda é a verdadeira canella, que fendem na arvore, e alli a deixam seccar; depois de se-

tar secco tiram-na, e não deixa por isso de se criar outra no fim de dous ou^a tres mezes, sem que a arvore receba damno. Esta arvore produz-se commumente sem ser plantada; e ha alli tão grande quantidade de Canella, que a libra não vale mais de seis dinheiros.

CAPITULO VI.

Do Anil ou Indigo, do Almiscar, Ambar-gris, Benjoim, Sandalo, e pão de Aloes.

O *Anil*, por outro nome chamado *Indigo*, somente se produz no reino de Cambaya e Surrate. E' uma erva que cresce como o alecrim, e procede de semente. Quando a colhem poem-na a seccar, e tornam a molhar-a muitas vezes, e outras tantas a fazem novamente seccar, até tomar a côr azul. Fazem della grande estimção para a tinturaria, e é uma das melhores mercadorias da India.

O *Ambar-gris* procede do mar, e principalmente na zona torrida. Vi muita quantidade delle nas ilhas de Maldiva, onde se acha á beira-mar. Ninguem nos paizes onde eu tenho estado sabe verdadeiramente donde vem esta droga, e como se cria; só se sabe bem que vem do mar.

O *Almiscar* vem só da China. Procede de um pequeno animal do tamanho de um gato. Para lhe tirar o almiscar matam este animal, e o esmagam inteiramente dentro da pelle, na qual o deixam apodrecer; e depois de podre fazem da mesma pelle pequenas bolças, que enchem da carne cortada em pedaços muitos, e assim a vendem. Os Chinezes fazem disto grande tratico, e o sofisticam e misturam, como a tudo quando lhe são das mãos; de sorte que se não encontra puro e natural.

Algalias ha-as por toda a India em grande quantidade.

O *Benjoim* procede, como as outras gommás, de uma arvore muito alta; e é uma gomma mui aromática. Dá-se principalmente em Malaca e em Sumatra.

O *Sandalo* branco é uma arvore que se cria na India, e ha-o em grande quantidade na ilha de São Lourenço, e também o Sandalo vermelho. Os Indios servem-se delle para esfregar o corpo, e lhe dar bom cheiro, e refrescar a pelle quando tem calor. A arvore não dá fructo algum.

Ha duas sortes de pão de Aloes na India; um que é chamado pelos Indios *Calamba*, e outro a que chamam *Garoá*. Os Indios servem-se deste pão para esfregar o corpo, e fazer perfumes.

CAPITULO VII.

Dos Tamarindos , Canafistula, e Mirabolanos.

Ha por toda a India grande quantidade de *Tamarindos*, cujas arvores são do tamanho de pereiras, e tem fructo semelhante á vagem da fava, do qual os Indios se servem para deitar na comida como tempero; e o pão serve de lenha para o lume. E' tambem mui laxativo.

A arvore da *Canafistula* é semelhante á pereira, mas tem a folha mais comprida, e dá uma flor amarella de bom cheiro. Florece no mez de Setembro; depois produz vagens compridas de côr verde, mas quando amadurecem, ficam pretas. Os Indios não tem este fructo em estimação alguma. Estas arvores nascem espontaneamente, sem ser sementes, nem cultivadas. Quando a canafistula é madura, que é no mez de Janeiro, cõe, e nesse tempo aquella gente foge de comer a carne dos animaes, como vacas, carneiros, e outros, porque causa fluxo de ventre e dysenterias, em virtude da Canafistula que é laxante, e aquelles animaes comem quando a acham caída no chão. A terra do Deatcão é cheia desta planta; junto a Goa só vi uma.

Na India acham-se *Mirabolanos*, que são arvores como ameixeiras, de que ha grande quantidade em Cochim, e em Calecut. O fructo assemelha-se ás ameixas. E' um fructo mui delicado, de que se faz grande quantidade de conservas e doces.

CAPITULO VIII.

Da Arvore Triste , do Ebano, do Bettle, e da arvore do Algodão.

A arvore que se dá nas Indias Orientaes, e lá chamam *Triste*, é assim chamada porque não florece nunca senão de noute. Quando o sol se põe não se vêem nella flores algumas; e todavia meia hora depois do sol posto, esta arvore fica toda florida, e apenas o sol lança novamente os seus raios, caem-lhe as flores, sem lhe ficar alguma. E' do tamanho da pereira. A folha assemelha-se á do loureiro quando é um pouco cortada. A semente serve para lançar na comida; e a agua que se expreme destas flores serve para remedio contra a molestia dos olhos.

A arvore do *Ebano* é do tamanho da oliveira, tem a folha do feitio da do salgueiro, e dá uma flor branca semelhante á rosa. O pão é mui duro. Ha muito em Moçambique, e é o melhor. Ha

tambem grande quantidade na ilha de Santa Hellena, mas não tão bom, por ser cheio de nós.

O *Bette* é uma planta que se põe ao pé das outras arvoredos, sobre as quaes trepa como a hera; a folha é do tamanho da da tanchagem. Ha esta planta em grande abundancia nas Indias Orientaes, e principalmente nas ilhas de Maldiva, porque a gente dalli toda a cultiva mui curiosamente. Os Indios usam muito desta planta, e todos mascam a sua folha quasi continuamente, misturando-a com uma pouca de cal, e com o fructo a que chamam *Areca*, para lhe diminuir o amargor. Dizem que é boa para a saude, e que não viveriam sem ella, porque esta folha é mui quente, e ajuda a digestão; e por isso a mastigam a toda a hora, e a tem na bocca, excepto quando dormem. É na verdade o gosto é bom, tem bom cheiro, e dá bom habito; e posto que seja quente, todavia refresca a bocca, sacia a sede, e impelle de beber continuamente, como seria mister pelo grande calor. Depois de lhe chuparem o succo, lança-se fora a massa. Usei desta droga o tempo que estive naquellas partes, e dei-me muito bem com ella. Conserva de tal sorte a saude dos dentes que nunca vi alli pessoa alguma que padecesse delles, ou que tivesse perdido um só. É verdade que tinge de vermelho os dentes e a bocca que parece coral, mas lá hão isto por formosura, e o tem em tanta honra que se alguém entrar em uma casa, e não lhe offercerem *Bette*, o receberá por affronta e deshonra; de sorte que se alguns amigos se encontram no caminho, por honra, e regalo offercem entre si *Bette*. Em somma em todas as festas, banquetes, e folias é esta a primeira e a mais estimada parte dos regalos.

A arvore que dá o *Algodão* cresce em altura como as nossas roseiras, a folha é como a do bordo, a flor como botões de rosa, e caindo a flor aquelle botão abre-se e deita o algodão, no qual ha semente que se semente e planta em viveiros, e assim se reproduz continuamente o algodão, do qual os Indios se servem para tecer seus pannos, e não tem outros, nem de linho, nem de cahamo, como nós cá temos. Nem elles tem estes nossos tecidos em estimação alguma a vista da delicadesa daquelles pannos de algodão.

Ha também outra especie de *Algodão* que procede de uma arvore maior que a precedente, e é como um freixo, a qual produz certas vagens cheias de algodão, que por ser mui fino, não serve senão para encher colchões e travesseiros da cama.

CAPITULO IX.

Das Bananas. e Ananazes.

A *Bananeira* é uma arvore de altura de nove ou dez pés, mui commum nas Indias, maravilhosa, e tenra como o talo de couve, e tão

grossa como a coxa de um homem, coberta se diversas cascas umas sobre as outras, como as cebollas, as quaes sendo tiradas, fica o amago da grossura de um braço, e este amago serve para se comer, as folhas são de comprimento de vara e meia, e de largura de meia vara. Os Indios gentios servem-se das folhas como de toalha e pratos onde comem, e não servem a este uso mais que uma só vez. O fructo é mui delicado e precioso; dá-se ordinariamente ás crianças como papa; e cada arvore não produz fructo mais que uma vez, e depois cortam-na para rebentar novamente, e cada um destes rebentões produz fructo todos os annos uma vez. Ha muita quantidade destas arvores. O fructo dá-se em cachos, em cada um dos quaes chega a haver duzentos fructos; e cada fructo é da grossura de um braço, e comprimento de um pé (a); é mui bom e saboroso, e acha-se em todas as estações; ao principio é verde, depois faz-se amarello, e então é que está maduro. Nas ilhas de Maldiva ha grandes hortas todas cheas destas arvores.

O *Ananaz* dá-se em uma planta muito rasteira, que nunca passa da altura de tres ou quatro pés, e por baixo rebenta em forma de mouta; as folhas são estreitas e compridas, picantes, e desvairadas. O fructo semelha-se a uma alcachofra, ou antes a uma pinha, salvo ser um pouco maior. Quando está maduro é amarello, e por dentro é mui tenro, e mui bom para comer. No alto do fructo tem um ramo de folhas, o qual sendo plantado, produz outros fructos. Pode estar quinze dias colhido sem se damnar, por causa da sua grande humidade, que o conserva. Cortando-se este fructo com faca, e deixando-se esta por limpar, fica toda ferrugenta n'uma noute; tão quente e penetrante é o succo do fructo. Todavia alguns Indios fazem delle vinho, que é como a cidra da nossa terra, mas melhor, mais forte, e mais quente.

CAPITULO X.

Dos Duriões, Rambutões, Jacas, e Mangas.

A arvore dos *Duriões* semelha-se propriamente na grandeza a uma pereira; o seu fructo é do tamanho de um melão, e os Indios estimam-no muito por ser um dos mais saborosos e melhores da India. Quem não está costumado a elle não o acha bom; e tem o mesmo cheiro que as cebollas de cá, mas o gosto é muito mais excellente.

Os *Rambutões* são fructos cobertos de uma casca espinhosa como a castanha; tem a côr vermelha, o fructo interior é do tamanho de

(a) Ha *Bananas* desde a grossura de um dedo de homem até á do braço de uma criança de collo. Em quanto ao comprimento rara será a que chega a ter um pé.

uma noz, provido de um nucleo semelhante a uma amendoa, e de igual gosto; sobre a qual ha uma carne ou polpa, que se desfaz na bocca com um gosto mui agradável. E' mui estimado na India.

As *Jacas* dão-se n' uma arvore da altura de um castanheiro, e são do tamanho de aboboras. Prende ao grosso da arvore, e não á ponta dos ramos, e vergontea, como todos os outros fructos. Dir-se-hia de longe que são aboboras amarradas á arvore. A parte externa é como a de pinha, e de cor amarella. Estando maduro tem o gosto e sabor mui doce, mas afora isso mui laxativo. Dentro do fructo em vez de amendoa ou pevides, acha-se grande quantidade de castanhas tão boas e saborosas como as de França; e estas castanhas, ao contrario da natureza do fructo, apertam o ventre. De sorte que depois de se comer o fructo, para atalhar a que elle faça mal basta comer uma destas castanhas crua, e não cozida.

As *Mangas* produzem-se em arvores que são da altura das nogueiras de cá, posto que as folhas sejam mais pequenas e mais estreitas. O fructo é da forma de ameixas da grossura de um punho. Ha dentro um caroço, que não se pella completamente. Estando maduras são amarellas, e mui boas, e ha-as em grande quantidade na India, posto que não nas ilhas de Maldiva. Quando ainda estão verdes, salgam-nas como nós cá fazemos ás azeitonas, para durarem por todo o anno; porque este fructo, assim como as Jacas, Rambutões, e Ananazes, dão-se n' uma certa estação, e não durante todo o anno, como as bananas, e uma infinidade de outros.

CAPITULO XI.

De muitas arvores e plantas, que se criam nas ilhas de Maldiva.

As ilhas de Maldiva são mui férteis em toda a sorte de fructos, e a fora parte daquelles que acima tenho descripto, e alli se dão, ha muitos outros. de alguns dos quaes farei aqui especial menção, por serem mui differentes do feitto dos que nós cá temos, por haver usado delles, e pelos ter observado mais particularmente nas ilhas de Maldiva que em outra parte, sem com tudo querer affirmar que alguns delles se não dêem em outra parte da India, ou que eu os haja visto só alli.

Primeiramente muito me espantou, e achei grandemente notavel a natureza d'uma especie de raiz particular ás ilhas de Maldiva, e da qual usam muito na comida, temperando-a delicadamente. Cresce a' a grossura da coxa de um homem, semeam-na, e cultivam-na, e o que é maravilhoso é cortarem aপর a raiz em muitos pedaços mui pequenos, e assim a semeam, de modo que se não reproduz

por semente, mas por estes pedaços da raiz; cousa mui estranha, e contraria a natureza das outras plantas.

Ha muitas especies de arvores, umas que dão fructo, e outras somente flor. Entre as que não fructo são o Coqueiro, Bananeira, Romeira, Liçoeiro, e Laranzeira. De outras arvores menos conhecidas, e que dão fructo, eis as que notei.

Uma é aquella a que na sua lingua chamam *Morangueasts* (a). É uma arvore mui grande, com ramos mui abertos, folhas redondas e mui pequenas, e o fructo é á maneira de longas vagens de favas. Estas folhas e fructo servem para a comilla, e são mui saborosos.

Ha outra chamada *Coneri* (b), que é uma arvore mui grande, e de ramos mui compridos; as folhas são redondas, e tem pequenos pinhões; o fructo é como ameixas pequenas, e de gosto mui delicioso. É mui estimado nas ilhas de Maldiva, e mesmo em Goa. Esta arvore fructifica em todo o tempo, e á semelhança das laranzeiras vê-se nella ao mesmo tempo flor, fructo limpo, algum meio maduro, e outro maduro.

A *Papaia* é um fructo que se dá n' uma arvore de altura meã, que tem as folhas mui semelhantes ás da figueira. O fructo nasce como os côcos, não adherente aos ramos como nas outras arvores, mas são do alto do tronco da arvore ao pé da divisão dos ramos. É este fructo propriamente do feitio de um figo, mas muito maior, e de tamanho de um melão; por dentro semelha-se a melão, tendo as talhadas assignaladas na pelle; as sementes na mesma disposição das do melão; e o gosto muito semelhante. Quando está verde servem-se delle como de abobora para metter na comida. Os Portuguezes tem algumas destas arvores nas suas hortas, e hão o fructo por mui delicioso.

Ha outra arvore, cuja natureza é estranha, chama-se *Ambu*, e se assemelha a um *Merlier* (c), cujo fructo se aproxima do feitio das ameixas brancas, e é mui delicado e saboroso (d), mas tem um caroço do tamanho de uma amendoa ou avelã, o qual tambem é de bom gosto, mas faz perturbar o espirito por pouco que delle se coma, e se se come-se muito, causaria estranhos accidentes de doença, e chegaria a matar; do que eu posso dar bom testemunho, porque tendo acontecido no principio da minha estada nas ilhas de Maldiva, parecendo necessidade, comer deste fructo, fiquei com o espirito perturbado por espaço de vinte e quatro horas.

(a) Este nome anda visivelmente apostuguesado em Goa onde se diz *Morangueiro*. Tambem chamam a esta arvore *Muringo*. É o *Myrabolanus Myrsica* do nosso botânico Manoel Galvão da Silva; e se pode ver nas suas *Observações sobre a Historia Natural de Goa*, que nós acabamos de dar á luz em Goa neste anno de 1862.

(b) *Conguere*, escreve o auctor; mas não pode deixar de ser a arvore que em Goa se chama *Coneri*, e ao fructo *Coneram*.

(c) Assim está no original francez; não podemos porem achar o nome correspondente em portuguez.

(d) Parece ser a *Jambo branco*.

Ha uma arvore, a que chamam *Ahegasts* (a), que produz um fructo que se deixa comer aos pssaros, mas aproveitam-se as raizes della para a tinturaria, e dao uma bella côr encarnada; e to-lavia para se lhe tirarem os raizes não é mister cortar a arvore, mas vão-lhas cortando ora de um lado, ora do outro, sem que por isso a arvore recenno damno.

O *Macaqueró* é uma bella arvore. mui alta, e grande, e de muito proveito. As suas raizes estam fora da terra, são compridas, grossas, bellas, lisas, e só prendem na terra por uma extremidade. como se a arvore ficasse suspensa sobre estacas, e sobre arcadas, porque entre umas e outras ha espaço vão. Quando estas arvores estam unidas umas ás outras, cortam-lhes estas raizes, e deixam só quatro em cada arvore para a susten, a qual por isso não recebe damno, mas lança logo outras. A flor é do comprimento de um pé. grossa, branca, e dobrada, e dá cheiro excellente. O fructo é do tamanho de uma abobora, redondo, tem a pelle um pouco dura, e dividida por quadrados em bocados que penetram até ao amago, do feitio de uma pinha, mas com a differença que estes quadrados são do proprio fructo, que é excellente. Tem a côr muito encarnada; a maior parte do fructo não se come; por dentro é cheio de pinhões, que são infinitamente saborosos, e melhores que os de cá. As folhas são compridas de vara e meia, e largas de um palmo; dividem-se em duas pelles, sobre os quaes se escreve com tinta como em pergaminho. A madeira não tem prestimo algum, porque é toda humida, porosa, e cheia de filamentos.

Ha nas ilhas de Maldiva grande abundancia de uma arvore, a que os Portuguezes chamam *Figueira da India*, que tem a folha como a nogueira, dando um pequeno fructo que para nada mais serve do que tirar-se dellê depois de torrado um oleo negro, com que untam e pintam de negro os navios em vez de pez e sebo. O que é admiravel na natureza desta arvore é que os ramos, depois de haverem crescido a grande altura, lançam de si uma pequena raiz, que naturalmente se curva e vai entrar na terra, dopde se produzem outras semelhantes arvores, e assim até ao infinito; de sorte que depressa teriam occupado um região inteira, se as não cortassem. O pão desta arvore só serve para o fogo (b).

Quanto ás arvores que produzem flores, ha-as grandes que não produzem outra cousa, e as que produzem são mui suaves e odoríferas, como a *Innapa*, cuja folha pizada a gente das ilhas de Maldiva applica a esfregar os pés e as mãos para lhes dar a côr vermelha, o que elles hão por grande belleza. Esta côr não se tira por mais lavagens que se façam, e dura até que as unhas cresçam, ou a pelle se renove; e então (o que ordinariamente acom-

(a) Ou antes *Ogost*, e tambem se diz *Sapanga*.

(b) E' a *Ficus indica*, religiosa, bengalensis, e de outras especies, conhecidas pelos nomes vulgares de *Pimpóli*, ou *Arvore de Galha*—Vejam-se as *Observações sobre a Historia Natural do Góe* por Manoel Galvão da Silva, já citadas.

doe no fim de cinco ou seis mezes) tornam novamente a esfregar-se com a mesma tinta. A flor chama-se *Iunamaus*; é mui pequena, mas de cheiro mui activo e agradável. (a)

Assim é também a arvore chamada *Onnimaus*, que igualmente não produz fructo algum, mas só flores brancas, mui suaves e agradáveis. Não duram na arvore mais de vinte e quatro horas, depois caem, e a arvore incessantemente as produz pelo decurso de todo o anno.

Ha ainda outra arvore de natureza mui singular, chamada *Iru-domaus*, que em sua lingua significa *flor do sol*, porque as suas flores não abrem nem apparecem nunca senão ao nascer do sol, e caem quando elle se põe; o que é o contrario da Arvore triste. É a mais excellente flor, e que lança melhor cheiro que todas as outras; e da qual fazem ordinariamente uso o rei e as rainhas.

Ha uma infinidade de outras especies de flores, que se dão naturalmente em todas as estações do anno, e de tão excellente cheiro e perfume, que em comparação dellas nada valem as melhores que nós cá temos, nem ainda os nossos visinhos; o que procede de estarem mais perto daquella que lhes dá o seu principal lustre; e ainda com mais primazia nas ilhas de Maldiva do que em qualquer outra parte. A gente desta terra gosta muito de flores, põem-nas entre os cabellos, enchem dellas todos os dias as suas camas e vestido, e são mui habilidosos em fazer com ellas lindos ramalhetes, toucas, tranças, e grinaldas.

CAPITULO XII.

Descripção mui particular da arvore admiravel que dá os cocos, a qual só por si produz todas as commodidades, e cousas necessarias á vida do homem.

Em toda a India não ha arvore que sirva tanto em tudo para a sustentação e commodidade do homem, como aquella que produz os Cocos. Os Portuguezes lhe chamam *Palmeira*, e ao fructo *Cocos*. Os naturaes das ilhas de Maldiva chamam-lhe *Roul*, e ao fructo *Caré*. Os do Malabar *Tengua*, e os Guzerates *Narquilly*. Não se dá senão nos paizes que ficam entre os dous tropicos, porque esta arvore requer só logares quentes e humidos, e todavia não se cria em toda a zona torrida, mas só em certos logares, onde nasce tão naturalmente e sem cultura, que é cousa admiravel; e principalmente nas ilhas de Maldiva, onde a ha em maior abundancia que em todo o resto do mundo. Produz-se aqui em tal quantidade que a gente da terra é obrigada a cortal-a para fazer logar ás suas ca-

(a) Em Goa chama-se a esta planta *Motté*.

zas e edificios; e ordinariamente não deixam estas arvores mui próximas das cazas, assim porque frequentemente caem de per si mesmas com o vento, o que derruba as cazas, e mata a gente; como porque os seus fructos que também caem todos os dias em grande quantidade por causa dos ratos, matam muitas vezes a gente, não só porque a a voro é alta, mas porque o mesmo fructo é pesado. Vi alguns que em verdes tinham tal grossura que pesavam bem dez libras; e os ratos só buscam os verdes, porque os secos são mui duros de roer. Além d'isto estes animaes o que principalmente desejam é beber a agua que este fructo encerra; e tem a industria de fazer um buraco na parte superior, para que a agua se não derrame, e fazem este buraco da sua mesma grossura para poderem entrar dentro a comer e a beber; e quando o fructo não tem já dentro substancia alguma, damna-se, e cae, de sorte que nas ilhas desertas a terra é toda coberta delle; mas nos lugares habitados a gente tem cuidado de o apanhar quando está secco para fazer fogo, que é melhor que o de qualquer outra lenha. Recibe aquella gente grande prejuizo da destruição e ruina que fazem estes ratos; e ainda mais aquelles morcegos, de que fallei, e que são mui grandes, os quaes causam damno assim nesta arvore, como em todas as suas vasilhas de vinho, que rompem e quebram, porque gostam muito de beber o vinho, e ordinariamente o derramam. E' também aquella gente atormentada das formigas que ha em todas aquellas ilhas, e que fazem o seu ninho ao pé destas arvores, com o que descarnam as raizes da terra, e a arvore cae.

Esta arvore é mais alta não só que alguma outra destas partes, mas também de toda a India; e a sua altura é pouco mais ou menos de vinte toezas. E' toda direita, sem ramos até acima, e não é grossa em proporção, mais mui delgada; com tudo é mais grossa para o pé, e vai sempre diminuido em grossura até ao alto. E nunca vi nenhuma que fosse toda da mesma grossura, ainda que seja privada de ramos até ao alto. Não tem grandes raizes, o que é causa de ser pouco firme, e de o vento forte derrubar algumas, que ás vezes caem, como disse, sobre as cazas, em cujas ruínas fica a gente que está nellas, porque são baixas, e pouco fortes para resistir a tão grande peso. A casca da arvore é branca; o tronco mui frando, e cheio de filamentos. A madeira serve para a fabricação de cazas; e com tudo só metade da arvore se pode aproveitar para este mister; isto é, a parte inferior junto ao pé, que é mais grossa, porque o resto é só medulla, e é mui tenra. A parte mais inferior de todas, que vai desde a raiz da arvore até altura de tres pés, que é a maior grossura, cortam-na em separado, e depois de lavada fazem della vasilhas para conservar mel, para conter agua, ou outras semelhantes cousas do uso domestico. Serve também a madeira da palmeira para fazer embarcações, e ha-as todas formadas della, sem entrar outra madeira, nem pedaço algum de ferro.

Os ramos são todos na parte superior, e mais alta da arvore em forma de ramallete; são mui longos, chatos, e sempre rectos. De cada lado dos ramos estão dispostas as folhas com igualdade umas perto das outras, tendo entre si a distancia de um dedo pouco mais ou menos. As folhas são do comprimento de meia braça e mais, acabam em ponta, tem a largura de dous dedos de cada banda, por que são divididas em duas pelo meio, onde ha um lenho mui delgado, mas mui duro, que sustem as folhas. São de côr branca quando o ramo nasce, depois fazem-se verdes, e estando seccas, são pardas.

O fructo nunca nasce nos ramos, mas só sobre o tronco da arvore ao pé dos ramos, e vem em cachos, cada um dos quaes prende á arvore por um pé da grossura de um braço, mui longo, e mui duro; e deste pé estão pendentes os côcos, até ao numero de cincoenta ou sessenta ordinariamente, e ás vezes mais. E o que é mais admiravel é que todos os mezes a arvore produz um ramo de côcos, de sorte que ás vezes está carregada de quinze ou vinte cachos, uns com côcos maduros, outros com meio maduros, e outros que apenas começam a abotoar, segundo a ordem do seu nascimento; e amadurecem perfeitamente em seis mezes. Assim durante todo o anno ha sempre fructo maduro, e toda a estação lhe é propria.

Esta arvore demanda logares baixos, humidos, aquaticos, pantanosos, e arenosos. E por isso é que ella se dá tão bem nas ilhas de Maldiva, que são terras baixas, e onde no fundo de tres ou quatro pés se acha agua, que dá a grande frescura e nutrição destas arvores. Pelo contrario na terra firme é com grande trabalho que se cria esta arvore, e é mister encanar a agua, ou fazer regar a planta á mão por escravos, pela manhã e á tarde.

Para plantar esta arvore é necessario tomar o fructo sobre a mesma arvore quando elle está bem maduro naturalmente, mas não de mais, porque estando maduro de mais e mui secco, a agua que tem dentro tambem estará secca; e é a agua só que se converte em germen, e não o miolo, e é mister que o fructo seja com a sua casca inteira mettido na terra humida, e fique bem enterrado. E se for enterrado sem a casca exterior será impossivel que a arvore brote, porque a terra fará apodrecer a casca interior antes que o germen e a raiz se desenvolvam, e a arvore saia á superficie da terra. Aos seis ou sete annos dá fructo.

Quem quer utilizar-se da substancia deste fructo, toca com os dedos ou com outra cousa na casca, e por ahi pode julgar em que estado elle está; se está duro ou molle, maduro ou verde. Se está bem maduro a agua fluctua e chocalha no interior, mas quando ainda não está maduro, ou só o começa a estar, a agua não chocalha. E á proporção que vai amadurecendo, vai sempre a agua secandose, até de todo desaparecer; e então o miolo torna-se secco e

daro, e não deita leite, mas só oleo pela expressão, e despenha-se da casca por si mesmo, e em vez de branco como até alli era no interior fica côr de chumbo, e na sua parte superior da mesma côr parda como a casca.

A's arvores que nas ilhas de Maldiva são proximas da cerca do palacio real, não se sobe senão de noute, sendo defeso subir a ellas de dia, porque se devassaria dellas o interior do recinto por não ter muros tão altos como estas arvores. E ainda os que se occupam em colher o fructo destas arvores, que elles chamam *Ravery*, não ousariam subir a ellas de dia em logar onde possam ver o interior da cerca de qualquer caza por mais pobre que seja, sem primeiramente gritarem tres vezes em voz alta antes de subirem a ellas. Isto se usa assim por causa das mulheres que se banham e lavam nuas em seus tanques, e junto aos poços dentro do recinto de suas habitações. Guarda-se isto mui estreitamente entre elles.

E' cousa admiravel ver as commodidades que se tiram desta arvore, de que não ha pedaço ou parcella que não tenha alguma serventia. Os ramos fendem-se em dous, e com elles se cobrem as cazas, e fazem sebes mui fortes e bem feitas, com que cercam as cazas e hortas; afora uma infinidade de outras applicações, que seria inutil referir aqui. Com as folhas cobrem-se as cazas, sobrepondo-as umas nas outras, e segurando-as com diversas fiadas de cordel postas longitudinalmente; e não se cobrem as cazas de outra materia; e isto resiste muito bem á agua, de que não passa uma gotta; mas é mister renovar esta cobertura de tres em tres annos.

Quando a folha está ainda verde, servem-se della como de papel para escrever cartas e outras missivas, versos, e canções, e as dobram com muita graça, o que se faz com facas e ponteiros de ferro. Tambem quando as folhas estão seccas as fendem em tiras, de que fazem tecidos e entrançados em forma de esteira mui lindamente obrados; e destas esteiras cosidas umas nas outras se fazem velas de navios tão grandes como se quer, e por todas as ilhas de Maldiva não se servem de outras velas. Destas mesmas esteiras se servem em forma de alcatifas communis para se sentarem no chão, segundo seu costame, e por toda a costa de Malabar não ha outras esteiras, porque não ha lá verdadeiro junco como em Cael (a), e nas ilhas de Maldiva se fazem desta mesma materia outras esteiras melhores e mais bonitas. Das mesmas folhas inteiras aquelles povos fazem e tecem mui convenientemente alcofas, cabazes, e mil outras obras, como nós fazemos cá de vimes e salgueiros; e semelhantemente fazem chapeos de sol, e da cabeça mui lindos, que se usam para tapar a chuva, e eu me servi lá sempre delles.

Em somma destas folhas quando são novas e brancas fazem mil sor-

{ a) Será Xael?

tes de obras, e formam dellas passaros, peixes, e todos os outros animaes, como cá se faz de panno de linho appropriadamente afeiçoado. Quando querem fazer um presente de flores, fructos, betle, ou outra cousa, mettem-no n'uma especie de condeça feita destas folhas com muita perfeição; e quando hão de tirar o que está dentro, cortam a condeça, e abrem-na com uma faca, e depois de tirado o que ella contem lançam-na fora. O pequeno lenho que corre pelo meio da folha, depois de secco fica mui duro, de sorte que fazem delle vassouras, e não usam de outras. Esta mesma varinha serve para fazer cofres e bahús, tecendo umas nas outras, e ficam mui fortes, e podem fechar-se á chave.

Fazem tambem desta materia cabos de armas, como pequenos chuchos, azagaias, e outras semelhantes. Ligam uns aos outros estes paozinhos, que não são mais grossos que a ponta de uma agulheta, e tem o comprimento de meia braça, e os vão juntando até á grossura que querem. Este lenho pela sua parte mais grossa, que é no pé da folha, é da grossura que disse, e dalli vai sempre diminuindo até á ponta, que não é mais grossa que um pequeno alfinete; e ageitam estes paozinhos tão bem que formam delles um bastão, todo igual, sem ser nem mais fraco, nem mais grosso n'um lugar que n'outro; e depois de bem ligado o cobre de um verniz que elles tem de todas as cores, com mil figuras e feitos a seu gosto; e chamam a estes bastões, *Zaconté*. Estes bastões são da grossura de uma pollegada, mui rijos e fortes, e todavia dobram-se, mas não se quebram. Fazem-nos tão grossos e tão compridos quanto querem; e tambem fabricam assim arcos. Não se servem de outros alfinetes em tudo quanto é mister, e os aparam e aguçam com facas.

Quanto ao côco quando está com toda a sua casca inteira é da grossura da cabeça de um homem. A casca é por fora amarella quando está madura, e da espessura de tres a quatro dedos. Esta casca decompõe-se em filamentos, de que se faz cordoalha. Para esse effeito descasca-se o fructo estando verde como nós fariamos ás nossas nozes, e separando aquella casca da outra mais interior, poem-na a cortir no mar coberta de areia. Depois de assim ter estado por espaço de tres semanas, tiram-na, e batem-na com malhos de pão, como nós cá fazemos ao linho, e ao canhamo; e assim tiram os filamentos separados, expõem-nos ao sol, e depois os torcem e entrançam para fazer cordas, das quaes se servem em tudo, e não ha outras em toda a India. Esta mesma casca estando secca serve para calafetar os navios.

E desta mesma corda fazem o murrão para os arcabuzes, que conserva mui bem o fogo, e faz bom carvão, melhor que o do nosso (a); mas para fazerem este murrão não se servem do fio preparado para as cordas, mas é mister que a casca se seque com o fruc-

(a) Sem duvida o fogo, e não o carvão.

to, e se não colha verde, nem seja cortida, ou massada como a outra, e os filamentos sejam fiados e torcidos com toda a borra. Tem então a cor da casca de carvalho, com que se curtem os couros; e a borra que ha entre estes filamentos é como serradura de madeira. Nas cazas, corpos de guarda, e em outros logares usam desta casca secca para conservar o fogo, o qual na verdade se conserva alli muito bem; e com uma pequena faísca que lhe toque pega-lhe logo o fogo, e nunca se extinguirá em quanto durar a menor parcella desta materia. Depois de terem feito o murrão servem-no com cinza, como nós cá fazemos, e depois dobram-no, e fazem delle grossas meadas em forma de rolo, deixando no centro um buraco ou anel da grossura do braço, e nelle as enfiam quando levam seus arcabuzes. Nunca cortam este murrão, mas vão-no desdobrando á proporção que se vai queimando, como nós cá fazemos ao rolo de cera. Não usam de outro murrão nestas ilhas, e em todo o resto da India. Fazem tambem murrão de algodão nos logares onde este é commum, e o côco raro.

A noz sendo separada da casca filamentosa é ainda tamanha que ás vezes lhe cabe dentro da sua propria casca interna, depois de vazia e limpa, uma canada, ou uma canada e meia de agua, ou outro qualquer liquido. Ha-as tambem menores, de diversas grandezas, e as mais pequenas são do tamanho de uma laranja.

A casca interior é mui dura, e da grossura de dous tostões, ou mais. Os Indios servem-se della para fazer escudellas, pucaros, medidas de meia canada, e outros utensilios, como culheres, e cousas semelhantes do uso domestico. Alem disso fazem desta casca carvão de ferro, e não usam de outro.

Dentro desta casca ha um miolo, ou massa branca, mui espessa e rija, a qual é saborosa como amendoas, mui boa, e da qual usam por muitos modos. Primeiramente os Indios comem-na como nós comemos pão com todas as outras viandas, seja carne seja peixe. Alem disso desta massa branca tiram um leite que é tão doce como o leite ordinario quando tem assucar, ou antes como leite de amendoas. Para tirar este leite ralam o miolo, e o reduzem a farinha, depois apertam-no, e expremem-no, e assim fazem correr o leite, que passam por uma peneira. Este leite é mui laxativo quando se toma com mel ou assucar, e se bebe em jejum. Não usam de outro purgante.

Fazem oleo deste mesmo leite, porque cozendo-o converte-se e condensa-se em oleo, o qual é mui bom para frigir, e não se servem d'outro, nem mesmo para temperar a comida, ou deitar em seus molhos, como igualmente para as luzes. O que não é somente usado nas ilhas de Maldiva, mas em toda a India Oriental; e até os Portuguezes se não servem de outro azeite. E' tambem mui bom para as feridas e chagas, e é a principal receita nas ilhas de Maldiva; e eu com elle me curei. E' igualmente remedio efficaz contra a sarna, a qual faz seccar e desaparecer poucos dias depois de se untarem com elle. Os medicos e cirurgiões que ha entre os Portuguezes, ser-

vem-se delle nos' remedios e unguentos, ainda que possam ter o azcete de Hespanha, e o hão por mais medicinal, e muito bom para certas enfermidades. Este oleo sendo guardado por tres mezes pouco mais ou menos, endurece, e congela-se em forma de manteiga mui branca, ainda que o oleo seja amarellado; mas esta manteiga não é gostosa, e não se pode comer com pão, como fazemos com a outra; por isso não usam della senão naquillo em que usam o oleo, e derretendo-a não perde o seu gosto. Do residuo deste mesmo miolo depois de exprimido, e se lhe tirar o leite, fazem-se bons doces e conservas com o assucar que da mesma arvore se extrahe.

No interior do miolo, como no centro do fructo, acha-se uma boa quantidade de agua, maior ou menor, na proporção do coco; nos maiores ha bem meia canada de agua mui boa, clara como agua da fonte, e é tão agradável, e do mesmo gosto que agua com assucar; fresca o mais possível, e refrigera muito, mormente quando o fructo está meio maduro; mas o vinho que se faz deste fructo é mui quente. Estando assim meio maduro, entrando a casca externa, e interna, e tudo, pode-se comer como se fosse uma maçã doce.

Quando a arvore começa a fructificar, e o cacho a abotoar, brota uma casca comprida e aguda em forma de ponta de animal, a qual depois de sair, abre-se, e expande-se lançando uma flor amarella donde procedem os pés dos côcos. Esta casca depois de secca, cae em terra, ou ás vezes a cortam, e della se fazem bocetas, vasos, ou medidas de liquidos; de sorte que não ha nada nesta arvore que não tenha sua serventia; até das flores se fazem boas conservas e doces.

Ha ainda outro producto da Palmeira, e é uma especie de panno que se acha na base dos ramos entre o tronco da arvore e o cacho dos fructos. Os Indios servem-se deste panno para fazer saccos; e tambem este panno, por ser claro e fino, é mui proprio para fazer peneiras para passar e coar o que se quer.

São tambem desta arvore um licor de que usam em lugar de vinho (a). Cortando o cacho na sua maior grossura, e deixando-lhe só o comprimento de um pé, destilla-se dalli um licor mui doce e mui saboroso, como se fosse *hipocras* (b), e isto em quanto está fresco. Nas ilhas de Maldiva behem este licor em lugar de vinho, porque não ousarião beber outro, mas não se pode guardar sem azedar mais de vinte e quatro horas. Pode-se tirar de cada ramo ordinariamente uma canada por dia, e ha alguns donde se tiram duas ou tres canadas e mais; e cada ramo continua a destillar sem interrupção por espaço de seis mezes. Para receber este liquido prendem uma panel-

(a) *Sura* é o nome vulgar deste liquido.

(b) *Hipoeras* era uma bebida, que se preparava com vinho, assucar, canella, cravo, gengibre, e outras semelhantes drogas. Nas boticas preparase com amendoas doces pizadas, canella, assucar, agua ardente, e vinho da Madeira; deixa-se macerar tudo por alguns dias, e aromatiza-se depois.

lá feita também de palmeira (a) ao pé do ramo ou cacho cortado de sorte que lhe não dê o vento.

Com este liquido fazem mel e assucar (b). Recolhendo nma certa porção põe-no ao fogo, e o fazem ferver com certas pedras brancas e claras que ha no mar. Tendo servido certo tempo converte-se em mel, tão excellente como o nosso, ou ainda como o melhor xarope, que se pode achar, amarello cor de cera, e fazem-no ralo ou espesso como querem. Deste mel forma-se também assucar, fazendo-o cozer com outras pedrinhas, e deixando-o seccar; e fica bom assucar branco ou candi, de que fazem grande trafico, e o levam a Cael (c) e Ceilão; mas este assucar não é tão branco como o de canna; mas ha sitios onde são mais branco que em outros.

Quando deste liquido se não quer fazer mel nem assucar poem-no ao fogo, e fazem delle mui boa agua ardente, a que chamam *Orraca*, e é tão forte como a que nós cá temos.

Os Portuguezes usam de uma bebida formada desta orraca, mas juntando-lhe passas de uvas, que vem da Persia, e metem-na n' um pipó de trinta ou trinta e cinco libras pouco mais ou menos, depois mexem tudo com um páo até ficar vermelho e doce. Chamam a isto *vinho de passa*, e os Portuguezes não bebem d' outro, porque é mui bom, e a baixo preço. As pessoas principaes usam ás vezes do vinho de Hespanha, que naquella terra é mui caro.

Se se quer fazer vinagre deixa-se azedar aquelle liquido da palmeira por dez ou doze dias; e é tão forte como o melhor vinagre que nós cá temos.

Pode-se n' uma mesma arvore ter ao mesmo tempo fructo e vinho. Mas verdadeiramente o fructo então não é tão bom, nem em tanta abundancia. Por isso nas ilhas de Maldiva, onde ha tantas arvores, apartam e destinam algumas somente para tirar dellas vinho, e não pode ter cada uma mais de dous ou tres cortes por onde destille o liquido. Todavia não deixa de se recolher vinho d' uma arvore que também dá fructo. mas é em pequena quantidade.

Tem esta arvore ainda outro prestimo e é que no alto della ha um talo tenro de dous ou tres pés de comprimento, que é bom para se comer, e é doce como amendoa, e eu o comi muitas vezes. Quando as arvores se cortam para dar logar á fabricação de cazas, cortam logo este talo, o que nunca se faz n' outra occasião.

E' também cousa mui admiravel que quando os cocos estão maduros e seccos, se se poem em logar humido, ou na terra por espaço de tres semanas ou um mez, a agua que ha dentro do coco forma-se n' uma especie de pomo que é pela parte de cima de cor amarella, e por dentro branco, tenro e doce quanto ser pode, e desfaz-se na bocca. Os gulosos e curiosos da terra usam disto mui-

(a) Ou de barro.

(b) *Jaga* se chama esta especie de mellaço.

(c) *Xael*?

tas vezes, como de manjar mui delicado, e dá-se muito ás crianças. Este pomo é o germen do coco, que brotaria, e produziria outra arvore, se lhe dessem tempo, porque o miolo que está dentro da casca interior, como já disse, de nada serve na geração da palmeira, mas sómente esta agua que está no centro é a que lhe fornece a substancia. O resto do coco apodrece, e para nada serve.

Fazem ainda outra sorte de mercadoria do coco, que se espalha por toda a India, e é mui cara, a que chamam *Copra* (a). Para isto tomam o miolo do coco, partem-no ao meio, e o poem a secar ao sol, com o que secca e encolhe muito, e se guarda pelo tempo que se quer. Mettem-no em saccos, e o expedem a toda a parte; tem mui bom gosto, e servem-se delle nos seus molhos e sopa. Exporta-se muito para a Arabia. O oleo que daqui se tira é muito melhor, e guarda-se por mais largo tempo que o que se tira dos fructos frescos.

Tinge-se de preto com uma tinta feita da serradura da madeira da palmeira, que lançam de molho em agua, e lhe misturam mel da mesma arvore, e a deixam ao sol por muitos dias. Esta tinta é muito preta, e muito boa.

Do pé dos fructos fazem pinceis para pintarem seus bateis, galés, templos, e cazas, que pintam inteiramente, mas nunca fazem figuras de homens, como já disse.

Vi frequentemente nas ilhas de Maldiva fazer infinito numero de navios do porte de cem ou cento e vinte tonelladas todos desta madeira, sem entrar nelles ferro algum, ou outro pão, ou utensilio que não proviesse desta arvore. Até as ancoras são fabricadas desta mesma materia; são mui boas e mui commodas, e formadas de um pão da mesma arvore, posto de travez, que elles vasam, e depois enchem todo de pedras, e o tapam muito bem, a fim de tornar a anchora mais pesada, e ficar mais segura em qualquer parte. As taboas do navio são presas com cavilhas que se ligam e cozem umas ás outras com cordas fabricadas dos filamentos do fructo.

Alem disso quando estes navios são inteiramente acabados, armados, e equipados da madeira e do fructo desta arvore, carregamnos com mercadorias que tambem procedem da mesma arvore, como cordoalha, esteiras, velas de folhas de palmeira, doces, oleo, vinho, assucar, e outras cousas produzidas inteiramente desta arvore. Estes navios vão assim carregados e equipados em tudo dos productos desta arvore entrando até os provimentos de bebida e comida, ou á Arabia, que dista oitocentas ou novecentas legoas, ou á costa do Malabar, a Cambaya, Sumatra, e outros logares. Duram taes navios quatro ou cinco annos, fazendo muitas e longas viagens, com

(a) O auctor escreve *Supparra*; mas *Supparra* ou *suppari* é formada de areca, e não de coco. O miolo de coco cortado e secco ao sol chama-se *Cebrem*, *cussri*, ou mais vulgarmente *Copra*.

tanto que os vão concertando, e reparando.

Para fazer os seus tambores vasa aquella gente um tronco desta arvore até o deixarem bem delgado, depois quando apanham o peixe que nós chamamos Raya, e que elles nunca comem, esfolam-no, e com a pelle cobrem os ditos tambores. Estas Rayas são as maiores que ver-se pode.

Usam tambem deste pão como o mais proprio para polir e açacalar ou as suas armas, ou toda a sorte de utensilios de uso domestico, assim de ferro como de cobre. Servem-se tambem da porcelana pisada com azeite para esfregar, limpar, e polir suas armas, e outros utensilios.

Por derradeiro direi ainda que ha duas especies de coqueiros, uma cujo fructo recente é doce e tenro como uma maçã, e o da outra não. Mas os que assim são tenros e doces são mui raros, e tidos em grande estimação; porem depois de maduros não são tão bons como os outros.

Dilatei-me na descripção desta arvore, por ser uma das maiores maravilhas da India; e eu ter habitado cinco annos nas ilhas de Maldiva, cuja principal riqueza, mantença, e commodidades consistem nella, e a gente alli lhe sahemeuher aproveitar a substancia, e fabricar della diversos mimos e regalos mais delicadamente que em alguma outra parte da India. E em verdade não só tenho visto tudo isto muitas vezes, mas ainda comi e sustentei-me ordinariamente destas arvorea, e o que mais é, possui eu mesmo grande numero dellas, e das melhores, donde fazia extrahir todas as commodidades que tenho dito. Por isso julguei que teria cabimento descrever e explicar particularmente o que uma tão longa e certa experiencia me havia ensinado.

FIM DO TRATADO DOS ANIMAES, ARVORES &c.

AVISOS

AOS QUE QUIZEREM EMPREHENDER A VIAGEM

DAS INDÍAS ORIENTAES.

DA ORDEM E POLÍCIA QUE OS FRANCEZES GUARDAM EM SUA NAVEGAÇÃO.

DOS GRANDES ERROS E DESORDENS QUE ELLES NISSO COMMITTEM,
COM SEUS EXEMPLOS, E UMA ADVERTENCIA PARA OS EVITAR.

por Francisco Pyrrard.

Porque releva e é mister aos que querem emprehender a viagem das Indías Orientaes saber em que tempo e estação devem partir, seja na ida, ou na tornada, e de que cousas devam prover-se, e como devem dirigir-se para evitar os accidentes que de hora em hora sobrevem, como eu muitas vezes experimentei, direi sobre tudo isso algumas palavras de passagem, para servirem de conclusão á minha viagem; e tocarei um pouco nas desordens e pouca policia que ha na nossa navegação, e no meio de as remediar.

Direi pois em primeiro logar que os viajantes devem sobre todas as cousas cuidar em partir a tempo proprio, afim de passar com felicidade o Cabo da Boa Esperança, e a terra de Natal, onde os ventos e as tempestades são mui frequentes, e mui perigosas, principalmente quando se passam contra-monção.

E' tambem necessario escolher bons e experimentados pilotos, e que tenham feito e praticado a viagem por muitas vezes; e é bem certo que se nós houveramos tido um bom piloto, teriamos levado ao cabo a nossa viagem felizmente.

Devem-se escolher bons navios, que tenham já aguentado o mar, e feito algumas viagens, porque um navio novo, que ainda não está experimentado no mar, se lhe acontecer qualquer accidente n'uma longa viagem, não se lhe pode dar remedio. Alem disso para fazer uma viagem bem ordenada, devem ir pelos menos quatro ou cinco navios em conserva, um dos quaes só sirva para levar mantimentos, utensilios nauticos, e outro apparelho e material proprio para reparar os demais navios quando disso hajam mister; distribuindo-se acertadamente os homens e os provimentos quando chegar a sua vez, e abandonando-se o navio depois que ficar vazio. Para isto seria o mais adequado um pequeno patacho, porque é sobre maneira proprio para se chegar a terra, e ir a descobrir.

Não acho que seja conveniente forrar os navios de chumbo, como nós haviamos feito ao nosso. Porque, comquanto isto possa servir contra o bicho, e atalhar que fure o navio; todavia ficam assim os navios mui pezados. E os Portuguezes não se servem do chumbo

senão nas juntas e união das taboas. A folha de lata me parece muito boa para este officio.

E' tambem mister fazer provimento de agua doce muito mais que de vinhos, porque o calor é tão forte, que os vinhos mais accrescentam a sede que a saciam; todavia deve havel-os, e tambem agua ardente, para se beber nas proximidades do Cabo da Boa Esperança, que é sitio frio; e igualmente para se guardarem para a tor-na viagem, quando se chega ás alturas de Hespanha e de França. Mas estes vinhos devem ser de Hespanha, porque os de França não se podem guardar debaixo do zona torrida. O que nós levámos estragou-se logo que chegámos á linha.

E' ainda necessario levar velas de cera, porque as de sebo derretem-se. Deve-se levar provimento de azeite de oliveira para a comida, porque é cousa mui sadia no mar, e alem disso mui prestavel para tempero e molhos; e semelhantemente é necessario ter azeite de coco para as luzes.

Sobre tudo é necessario poupar os refrescos e provimentos, porque sendo a viagem longa e difficil, sobreveem muitos accidentes e enfermidades, e entre outras a do Escorbuto. O que foi experimentado por muitos dos nossos, que em tres ou quatro mezes de viagem tinham, sem consideração comido e dissipado tudo; e depois sobrevindolhes algumas enfermidades não tinham nada para seu alivio; o que foi causa de morrerem muitos que não podiam comer dos mantimentos do navio, que consistiam em carnes salgadas, biscoito, e peixe salgado.

Mas entre outras cousas deve-se estar advertido das enfermidades que sobreveem ordinariamente nesta viagem; como é aquella que é mui frequente na zona torrida, e é uma das mais cruéis e penosas, que é possivel ver e sentir; o que eu sei pela haver experimentado duas vezes, uma na ida quando chegámos á ilha de São Lourenço, e outra estando em Goa, onde me accommetteo na caza em que me agazalhava, que era a de D. Diogo Furtado de Mendonça. Esta enfermidade é uma grande dor de estomago, que só dá de noute, mas de um modo tão estranho, que quasi que se não pode respirar, e não faz o paciente outra cousa mais que revolver-se e atormentar-se por causa das incriveis dores que sente. Isto acontece ordinariamente perto da linha onde ha os maiores e mais violentos calores, e todavia procede de frio, porque o calor excessivo do dia attrahe, e faz exalar todo o calor natural do corpo, e sobre vindo a noute fica-se tão frouxo e tão abatido, que se não sente o frio da noute, e adormece-se insensivelmente ao sereno, de sorte que com a frescura corre o frio todo á bocca do estomago, que por esse respeito fica inchado e com dores. Este mal dura ás vezes vinte e quatro horas; mas não deixa de repetir tres ou quatro dias depois; e não obedece a outro remedio senão ao calor, como beber bom vinho de Hespanha ou das Canarias, agua ardente, agua de canella, e outras cousas quentes.

Para a gente se preservar deste mal é mister conservar-se quente e bem coberta de noute, e sobre tudo fugir de dormir ao sereno e ar da noute. E' tambem mister ligar a cabeça e as pernas com ligaduras bem apertadas e quentes, e igualmente o estomago; para o que se devem usar faxas largas á medida do estomago acolchoadas e estofadas de algodão, com muitos pós cheirosos. E é cousa estranha que nos logares mais quentes fiquem os corpos mais frios e privados de calor.

No que toca a outra enfermidade chamada pelos Hollandezes *Escorbuto*, e pelos Portuguezes *mal das gengivas*, e a que nós os Francezes chamamos *mal de terra*, não sei porque, pois ella accommette no mar, e cura-se em terra; é uma enfermidade mui commum nas longas viagens, e contagiosa, mesmo pela approximação, ou por se receber o halito dos enfermos. Procede ordinariamente das grandes delongas da viagem, e demora no mar sem tomar terra, e tambem pela falta de a gente se lavar, limpar, e mudar de roupa e vestidos, e do ar marino, e agua do mar, corrupção da agua doce e dos mantimentos; de se lavar em agua do mar, sem depois disso se lavar em agua doce; alem disso do frio, e de dormir ao sereno da noute; taes são as causas do mal.

Os que são feridos della ficam inchados como hydropicos, e a inchagão é dura como pão, principalmente nas coxas e pernas, faces, e pescoço, e todas estas partes se cobrem de sangue pizado de côr livida e de chumbo; e são como tumores e contusões que tornam os musculos e os nervos inteiriçados e tolhidos. Alem disso as gengivas ficam ulceradas, negras, e mui volumosas; os dentes abalados e deslocados, ficando mui mal seguros, e até pela maior parte cá-em. Accresce a isto um halito tão fetido e infecto, que ninguem se pode aproximar do enfermo, e sente-se o máo cheiro de um extremo do navio ao outro. Não se perde o appetite, mas o incommodo dos dentes é tal que não se pode comer, salvo cousas liquidas, que então poucas ha nos navios; e todavia fica-se tão esfaimado e tão ávido que parece que nem todos os viveres do mundo bastam para saciar a fome.

Em fim ha mais incommo-lo que dor, a qual propriamente só se sente na bocca e nas gengivas, e muitas vezes morre-se a fallar, a beber, e a comer, sem se sentir a morte. Outrosim torna-se o doente tão impertinente e rabugento, que tudo lhe desagrada. Alguns morrem em poucos dias, outros duram mais tempo. Tomam a cor pallida e amarellada; e quando o mal está em começo, as coxas e as pernas cobrem-se de pequenas pustulas como mordeduras de pulgas, que é o sangue pizado que sae pelos póros da pelle; e as gengivas começam a alterar-se e a ulcerar-se. São tambem sujeitos a syncope, desmaios, e desfallecimento de nervos.

Quando estavamos na ilha de São Lourenço morreram desta doença tres ou quatro dos nossos, e abrindo-se-lhes a cabeça, achou-se-lhes todo o cerebro negro, alterado, e podre. Os pulmões ficam seccos, e

e engilhados como pergaminho que se chegou ao fogo. O fígado e o baço engrossam desmesuradamente, e fazem-se negros, e ficam cobertos de apostemas cheias de materia a mais fedida do mundo. Quando se tem esta doença, nunca se cura, nem cerra chaga alguma, antes se tornam gangrenadas e putridas. Quando se anda embarcado, e que esta enfermidade accomette, por mais remedios que se usem, tudo é debalde, e não ha outro senão sair em terra em alguma parte, se se pode, afim de se terem refrescos de aguas doces e fructos, sem o que nunca se pode sarar, faça-se o que se fizer. E' cousa terrivel ver os grossos pedaços de carne podre que é mister cortar das gengivas.

Taes são as enfermidades a que principalmente se está sujeito durante esta viagem, e de que é mister estar bem advertido, para as prevenir, ou curar o melhor que possa ser. Mas sobre tudo antes de partir é necessario fazer provimento de sumo de laranjas e limões, para evitar esta molestia do escorbuto, porque não ha cousa mais efficaz para lhe resistir que os refrescos de terra, que consistem em aguas frescas, laranjas, e limões, como muitas vezes experimentei.

Alem disso é mister ser sobrio assim no comer como no beber; e quando se chega a algumas ilhas onde se podem haver carnes frescas, não é bom come-las em grande quantidade, nem ainda as fructas.

Tambem não se deve dormir muito, porque o muito dormir faz mal, principalmente sendo de dia.

Demais disso, como já disse, deve-se partir em boa hora e estação, a saber, no principio de Março, porque se não se parte a este tempo, acham-se calmas sobre a linha equinocial, e correntes de agua na costa de Guiné, que causam a perda da viagem, como a nós nos aconteeço, porque não tendo partido senão a 18 de Maio, isso foi causa de ficarmos retardados nas alturas de Guiné mais de quatro mezes em consequencia de ventos contrarios. E se houveramos partido mais cedo, teriamos passado mui asinha; alem de que a costa de Guiné é doentia e intemperada, e por isso é mister que os que vão á India tenham resguardo de se não deixar abater na costa de Guiné, porque é o logar mais doentio de mundo, donde muidifficultosamente se podem safar por causa das calmas. Do mesmo modo junto do Cabo da Boa Esperança acham-se ordinariamente grandes tormentas e ventos contrarios.

Semelhantemente deve-se estar advertido que quando se vai para a India não se deve nunca tomar terra para cá do Cabo da Boa Esperança, mas na torna viagem tem-se por costume somente ir tomar terra á ilha de Santa Helena.

Na mesma tornaviagem é mister partir no fim de Dezembro, ou principio de Janeiro para evitar os mesmos perigos, porque é necessario passar o Cabo da Boa Esperança no principio de Maio ou antes, se poder ser. E porque nós não partimos de Goa senão no ultimo de Janeiro, estivemos quasi perdidos, e andámos dous mezes

à vista do Cabo sem o podermos dobrar, e incessantemente atormentados de ventos contrarios.

Será bom também levar sacerdotes para o exercicio da nossa religião, e para assistir e consolar os enfermos, e administrar-lhes os Sacramentos da Igreja.

Passo agora ao que diz respeito á ordem e policia da nossa navegação, e aos grandes erros que nella se commetem, como na minha viagem conheci, e dos meios de os remediar.

Quando partimos de França levámos dous navios, um dos quaes era a almirante, e o outro a vice-almirante. O capitão-mór de ambos hia na almirante, e o seu tenente-general commandava o outro, porque o capitão-mór levava comsigo no seu navio o seu tenente particular; e o tenente-general tinha também comsigo outro tenente particular; de sorte que cada navio tinha o seu capitão, seu tenente, com um piloto, um sota-piloto, um mestre, um contra mestre, um mercador, um segundo mercador, um escrivão, dous cirurgiões, dous dispenseiros, dous cozinheiros postos pelo capitão, e dous creados principaes. Havia também um mestre bombardeiro assistido de cinco ou seis hombardeiros. Eis as pessoas do governo, e os officiaes d' um navio francez.

O Capitão tem mando absoluto em tudo, e o primeiro mercador tem poder sobre as mercadorias e cousas do commercio somente, por que o segundo não é mais que seu ajudante, e para ficar em seu logar se por ventura o primeiro vem a morrer. Por isso de cada officio ha sempre dous, o que avizadamente assim foi ordenado para na falta de um supprir o outro; o que se faz sem augmentar o ordenado, mas só por honra; porque os ordenados não levantam nem diminuem nunca; e se um homem morrer no primeiro dia de seu embarque, os seus herdeiros serão pagos por todo o decurso da viagem. Na nossa viagem os ordenados eram por mez, e antes de partir pagavam-se a cada um tres mezes adiantados; e montavam estes ordenados a metade mais de que costumam pagar á sua gente de mar os outros estrangeiros, Inglezes ou Hollandezes, que guardam em seus navios a mesma ordem que nós.

O Capitão tem pois mando sobre tudo, e o feitor ou primeiro mercador tem a seu cargo as mercadorias, e abaixo de si um escrivão, que anda ao modo da gente do mar, e é posto pelo dono dos navios, como igualmente o são os outros officiaes; mas este escrivão não tem tanta auctoridade e poder como os dos navios portuguezes; somente assenta as mercadorias que entram e saem do navio para veniaga, e não tem outra obrigação. No que toca ao piloto, não tem mando senão somente nas cousas da navegação, e não é tão respeitado como os pilotos portuguezes. O mestre governa sobre toda a gente de mar, e tem cargo do navio, e de todos os utensilios e mantimentos, o que todavia eu acho muito mal feito, pelo que observei, por quanto elle se conloia com os dispenseiros.

Ora o mestre e contra mestre trabalham como qualquer marinheiro. Ha tambem dous creados principaes, que o capitão e o mestre escolhem, e são entre todos os mais capazes e melhores marinheiros. São encarregados de tomar conta da cordoalha, velas, apparelho, e outras cousas do navio, e são elles que cortam e talham estas peças quando é mister; e são os primeiros abaixo de mestre e contra-mestre entre a gente de mar, e mui necessarios. Tem mando sobre todos os ma inheiros principaes, e moços do navio, aos quaes só elles podem dar castigo de açoutes.

Quanto aos cirurgiões e boticarios, são applicados somente aos deveres do seu cargo, e não entram na conta de homens do mar, como os outros officios. Porque entre nós não é como entre os Portuguezes, onde toda a outra sorte de gente, como bombardeiros, dispenseiros, cozinheiros, tanoeiros, carpinteiros, ferreiros, cozedores de velas, e outros mais, entram na conta de marinheiros, e fazem o mesmo serviço que elles. Porque tirado o capitão e o seu tenente, o feitor, escrivão, e cirurgiões, todo o resto vigia de noute por seu turno, e trabalha como os outros, ainda que sejam gente muito limpa; e vi muitos filhos de cazas nobres, que hiam somente por seu prazer, e não venciam soldada alguma, e todavia eram sugeitos ao mesmo trabalho e fadiga que os outros.

Em quanto aos dispenseiros são dous para se ajudarem, por quanto velam de noute, e dão de quatro em quatro dias pão, vinho, e agua a cada pessoa, começando pelo capitão, e acabando no moço ou pagem; e a todos por igual, a saber, a cada um tres libras de biscoito para quatro dias, uma canada de vinho de Hespanha, e tres canadas d' agua somente. Os outros mantimentos são cozinhados pelos cozinheiros para toda a gente, e depois os dispenseiros os distribuem igualmente nos pratos, e cada prato é para seis pessoas, cada uma das quaes leva o seu biscoito e bebida. A' mesa do capitão ha sempre alguma cousa d' extraordinario e melhor; e com elle comem mais de seis pessoas, porque todos os homens honrados e de qualidade tem alli logar. O mestre não come á mesa do capitão, nem tão pouco o piloto. Escolhem-se seis pessoas de igual condição para comerem juntas.

Eis aqui como nós viviamos nos nossos navios; mas o que eu entre outras cousas achava que faltava alli era que os donos dos navios devem pôr um superintendente para os mantimentos, o qual não estivesse á merce do capitão nem do mestre, porque estes punham os dispenseiros que muito bem queriam, homens de mão governo, e que não ousavam negar-lhes nada do que elles pediam, com temor de ser tirados de seus cargos. Isto foi causa de que os nossos mantimentos foram logo comidos e consumidos, e recresciam todos os dias mil insolencias e disputas nesta materia:

Um dia depois do embarque o capitão e o mestre chamam toda a gente do navio para arranjar a camaradagem, que é pôr os a dous e dous, começando pelo capitão e tenente, até aos mais infimos

moços, e não se lhes dá outro nome senão o de marinheiros. Esta camaradagem tem por fim ajudarem-se e assistirem-se como irmãos, segundo se costuma no mar, e se tem por obrigação. Também se divide toda a gente do mar em duas partes, a uma das quaes governa o mestre, e outra o contra mestre, para se revezarem. Porque quando uma parte dorme a outra vela e trabalha por espaço de quatro ou cinco horas. Nos nossos navios francezes não ha differença nas classes dos marinheiros, como ha entre os Portuguezes, e são todos iguaes, e posto que haja alguns mais antigos e mais capazes que os outros, não se distinguem pelos nomes e qualidades, mas só em receberem maiores soldadas.

Alem disso, direi ainda livremente uma cousa, que já em outro lugar toquei, posto que não seja honrosa aos Francezes, mas só pelos advertir para que se corrijam, e lhe ponham cobro; e é, que nunca vi marinheiros tão mãos e viciosos como os nossos, porque na nossa viagem a maior parte dos officiaes e marinheiros eram de Saint Maló, e quasi todos parentes; e não obstante isso não havia de ordinario outra cousa senão brigas e disputas entre elles; e nunca vi que dous homens mostrassem entre si benevolencia, amizade, nem respeito. Ninguém queria obedecer a quem governava. Afora isso, o que eu acho ainda peor era serem os maiores praguejadores e blasphemadores do nome de Deos que ver-se podia; de sorte que me não admiro de que a nossa viagem fosse tão mal succedida, á vista das grandes offensas que se commetiam todos os dias nos nossos navios; porque a maior parte dos homens eram ebrios e comilões o mais possivel, e teriam comido e bebido todos os mantimentos n'um só dia, se lho consentissem, sem lhes importar nada do futuro. De sorte que todos os refrescos que se levavam para os particulares, e para acudir nas doenças e necessidades, estavam consumidos antes de passarmos a linha, e quando depois adoeciam, não tinham já com que refrescar-se senão com os mantimentos ordinarios do navio, como os que gozavam saude.

São tambem pela maior parte a gente menos devota que ha, não guardam a quaresma, nem os dias de jejum, e roubam o comer e o beber uns aos outros. E na verdade confesso francamente que antes queria tratar com a gente mais barbara do mundo, do que com elles; e vi-os muitas vezes no mais forte da tormenta pôr-se a praguejar e blasphemar com maior força. No demais são bons soldados e marinheiros, e mais capazes do que todas as outras nações das mais altas emprezas do mundo; mas não querem obedecer, não podem padecer qualquer privação de bocca, nem soffrer correcção.

Todas estas cousas me fizeram desde o principio ter má opinião do resultado de nossa viagem; e accresce que dilatamos muito a nossa partida, porque em vez de nos embarcarmos por todo o mez de Fevereiro, como tinhamos determinado, a grande custo o pudemos fazer no fim de Maio; o que foi grande erro; mas um dos principaes e mais nocivos foi a nossa grande delonga depois de termos

dobrado o Cabo da Boa Esperança. Outro erro foi igualmente tomar-mos por fora de ilha de São Lourenço, cuja causa foi que nos entretivemos de mais com os navios holandezes, e tínhamos bonança, dexando ir os navios á sua vontade, com a maior parte das velas ferradas, mas os Holandezes mais finos que nós, seguiam sempre a sua derrota para a costa d'Africa, e nós iamoz atraz delles, e nesses tres ou quatro dias cada um se esmerava em melhor se banquetear (o que entra em pontos de brio dos capitães) ao som de trombetas, e de muitas sortes de instrumentos, e surriadas de artilheria; e era o navio onde se haviam dado o banquete o que disparava toda a sua artilheria quando cada um se recolhia a bordo do seu navio, e se despedia.

Os Holandezes nos disseram que eram elles os que nós viramos na costa de Guiné nas alturas de Serra Leoa. E na verdade cumpre confessar que elles são mais dignos de fazer esta viagem que nós; porque os Francezes são mais mimosos, menos soffredores de fadiga, e não poupam os provimentos como elles, que, posto que comam muito, guardam bem esses poucos refrescos que levam para quando encontram seus amigos, ou quando estão doentes; os nossos porem em quanto tem refrescos não querem comer das victualhas do navio. Os Holandezes também passam *sem vinho*, e não behem senão agua. Os que nós encontramos não tinham mais de uma canada de vinho cada quinze dias, e nós tínhamos quatro. O seu biscoito era todo negro, e o nosso como pão de cabido.

Nesta costa da Ethiopia vêm-se toda a noute quantidade de fogos no cume das altas montanhas.

Mas não quero deixar de observar de passagem que os navios indo de conserva, ou encontrando-se no mar a tal distancia, que não possam fallar de uns para os outros de viva voz, suppreem esta falta por meio de trombetas, e assim se fazem ouvir com o som destes instrumentos tão bem como com propria voz humana. E isto se observa somente entre os navios francezes, inglezes, e holandezes.

Mas tornando ás desordens acontecidas na nossa viagem, o que me dava peor presagio, como disse, eram as grandes offensas que se cometiam diariamente entre nós; o serviço de Deos não era alli de modo algum observado, como vi que se observa entre os outros estrangeiros, assim Portuguezes, como Inglezes e Holandezes, e até entre os Indios, que são muito mais observantes de sua lei que nós da nossa. Não havia outrosim entre nós senão bulhas, até mesmo entre os principaes, como entre o capitão e o primeiro mercador, que bateram um no outro, e estiveram mais de seis mezes sem se fallar, nem comer juntos; e se não fora a tormenta que nos sobreveio na terra de Natal, e que os fez pensar em suas consciencias, creio que se não fallariam mais em toda a viagem. E ainda entendendo que não fizeram as pazes com receio da morte, da qual todos nos vimos bem perto, e não faziamos mais que pedir perdão a Deos e ao mundo, e tratar de esgotar a agua do navio chegan-

do a estar quatro dias e quatro noites sem velas, sem leme, e sem mastros; mas o que foi causa de suas pazes foi que depois de passada a tormenta, tomou-se conselho e vo'os sobre o que era mister fazer-se, e a que parte se iria refrescar e reparar o navio. E como o mercador não queria vir nisso, os outros officiaes tomaram um attestado de toda a gente para fazer o seu relatorio depois de acabada a viagem aos directores da companhia, dizendo que uma contenda particular não devia prejudicar ao interesse geral, nem impedil-os de cumprir o dever de seus cargos. E esta foi a causa de sua reconciliação.

O principio desta briga foi por causa do lozar de uma caixa. Porque o irmão do capitão achando um logar vago, poz alli a sua caixa sem outra formalidade, e do mesmo logar havia dous dias que fora tirada a caixa do mercador, creio que pelo motivo de causar impedimento á canna do leme. Veio então o mercador tirar aquella caixa, e de sua auctoridade absoluta repôr alli a sua; pelo que disseram um a outro palavras pesadas, e depois vieram ás mãos, e a muito custo os separaram. Estavamos então surtos na ilha de Anno bom; e o nosso capitão enviou logo a nossa galeota a bordo de *Crescente*, a dar aviso a Monsieur de la Bardeliere do que era passado, pedindo-lhe que viesse quietar a bulha, o que elle fez; e tendo sabido as razões de parte a parte, tomando conselho sobre o caso de todos os principaes dos dous navios, mandou trazer a corrente, o que ouvindo o mercador, foi-se logo á sua camara, e tomou a sua pistola que armou e escorvou muito ás calladas. Sendo trazida a corrente mandou o capitão-mór que elle fosse amarrado ao pé do mastro grande, que é o logar ordinario onde se prendem os malfeteiros, depois de lhe ter primeiramente dado uma grande reprehensão por haver ousado offender o seu capitão; mas quando o quizeram prender, correu a buscar a sua pistola engatilhada, protestando que mataria o primeiro que lhe pozesse mão. Com isto agastado o capitão-mór, não queria partir dalli sem que elle ficasse preso, mas o nosso capitão que era homem manso e benigno, posto que fosse o offendi lo, supplicou elle memo ao capitão mór que lhe perdoasse, e o mesmo fizeram todos os dos dous navios. O capitão mór annuiu a esta supplica; e comtudo o mercador não fez apreço algum disso, porque era o mais soberbo e orgulhoso homem que nunca vi, e o mais vingativo, e brigão com todos.

Mas tornando ao meu fio, era grande piedade ver tantas bulhas, e ouvir proferir tantas blasphemias, exercer tantas vinganças e roubos, como se faziam entre nós. Muitas vezes por vingança botavam de noute ao mar o fato uns dos outros, e cortavam as cordas que seguravam as camizas e outra roupa. Em somma não havia especie de maldade e travessura que não commettessem. Quando algum cabia doente, zombavam delle com toda a deshumanidade do mundo; ficavam contentes quando algum morria, e em vez de lhe rezar por alma

diziam que era mais uma razão que se poupava nos mantimentos. Maldiziam até a viagem, e a todos os que a tinham empreendido, de sorte que não havendo alli nem regra nem policia, nem temor de Deos, desesperei totalmente do bom successo da nossa empreza. E se é licito conjecturar alguma cousa funesta pelos dias direi que tomei nota de partir de Saint Maló uma sexta feira; em semelhante dia parti de Goa, das ilhas de Maldiva, de Santa Helena, e do Brazil, e nenhuma das minhas viagens foi feliz, como tenho dito.

Emfim em quanto ao meu particular experimentei que sendo esta viagem a primeira que fiz por mar, estreei-me muito mal, por encontrar homens tão barbaros, tão incivis e deshumanos; porque entre todos os do navio *Corvo*, a cujo bordo eu hia, não conheci um só que fosse meigo e cortez, e que prezasse a honra por pouco que fosse, salvo o nosso capitão chamado *Du Clos Neuf*, que era condestable de Saint Maló, porque era pessoa de bons costumes, mui sabio principalmente nas mathematicas, e em tudo o que diz respeito ao conhecimento do globo, e da carta nautica; de sorte que ninguém diria que era Malouin (a); pelo que não era proprio para fazer esta viagem, e era a primeira que fazia. Era homem letrado, e tinha mais ar de corteção que de outra cousa. Em somma era mui brando e mui tímido para capitão, e os de Saint Maló, que se conhecem todos, e por isso se estimam menos, não faziam caso algum de seus mandados; porque nenhum de nossos capitães tinha poder d' El-Rei, nem do tribunal do Parlamento para administrar justiça; e por isso cada um fazia o que queria. Alem disso era de uma compleição melancholica, e assaz delicada e fraca, de sorte que não sendo para grandes fadigas, não tinha as qualidades requisitas a um soldado, e a um navegador. O que deve servir de advertencia aos que querem empreender grandes viagens, para escolher bem os homens segundo suas qualidades e condições; porque é mister que os cabeças e os principaes de tacs empresas tenham boas condições e bons costumes; e eu conheci como pelo máo governo e direcção da nossa nos veio todo o mal.

E' tambem mister que o capitão seja homem de auctoridade. e bem nascido, e que entenda da esphera, e da carta da navegação; outrossim que seja soldado, e que supporte facilmente a fadiga, e sobre tudo que tenha poder absoluto sobre os que estam a seu cargo, e até o de os condemnar á morte. Porque se é da mesma terra, e de baixo nascimento, não lhe têm respeito; e se elle intenta fazer-se respeitar á força, ha perigo de algum levantamento. Alem disso é mister que elle escolha homens das partes requisitas; e sobre tudo que não sejam dados ao vinho, motins, nem bulhas; porque basta um só bulhento no navio para perturbar tudo. Depois deve pôr por dispenseiros homens fieis. Não deve radhar com a

(a) De sorte qu' il ne sentoit aucunement son Malouin, diz o original.

sua gente senão o menos que poder sêr, e principalmente com os que tem algum cargo. Gratifique aos que procedem bem, e com mais preferencia aos bons marinheiros que aos bons soldados. Vi que por uma bofetada que o mestre deu a um bombardeiro Flamengo, tramaram uma conjuração sendo chegados a Sumatra de fazer um rastilho de polvora com um longo murrão para botarem fogo a toda a polvora do navio, e elles salvarem-se, como depois nos confessaram estando nós naufragados nas ilhas de Maldiva. E ainda não obstante haveremos sido aqui todos presos, disseram o mais mal de nós que puderam ao rei das ilhas, e que eramos tolos ladrões, e corsarios, e que os havíamos trazido a elles por força; o que tolvia não teve resultado, porque a gente das ilhas de Maldiva não nos podia tratar por isso peor do que o fizeram. Isto mostra como o desespero de um só homem é capaz ás vezes de perder uma comunidade inteira.

Por cima de tudo nunca é demais a estimação e recompensa que se der a um bom marinheiro, porque se encontram poucos. Acham-se muitos remollos (a) que só servem para puxar os cabos, mas marinheiros são aquelles que apparellham, e fazem a manobra de um navio, e vão sempre nas gaveas; e um bom marinheiro pode salvar um navio mais depressa que um bom soldado.

Em fim é mister que um capitão ponha desde o principio boa ordem no seu navio, e tenha sobre tudo cuidado de se fazerem orações a Deos, para o que deve levar Padres, como já dissemos, e fazer-os repetir, porque a gente do mar não trata com respeito e honra a alguem senão sendo a isso obrigada. Faça tambem castigar rigorosamente os roubos, e principalmente quando são de cousas de comor e beber, que é em que se exercem grandes ladroeiras.

Eisaqui em poucas palavras as desordens e inconvenientes que ordinariamente acontecem entre nós, e que são causas de todas as nossas empresas serem tão mal succedidas; ao que se pode dar remedio facilmente pelos meios que tenho exposto, e que podem servir muito aos que d'ora avante quizerem emprehender taes viagens.

(a) Com este vocabulo do uso familiar pareceo-nos que nos approximavamos do sentido do auctor, já que o não podemos verter exactamente Elle diz *Halle-borbins*, que hoje escrevem *Hale-boubines*.

FIM DOS AVISOS PARA A VIAGEM DAS INDIAS ORIENTAES.

DISCURSO

SOBRE AS VIAGENS ÀS REGIÕES REMOTAS,
E DO APERCEBIMENTO NECESSARIO PARA AS EMPREHENDER UTILMENTE,
E FORMAR DELLAS RELAÇÕES EXACTAS:
Por M. N. N.

Os que visitam as regiões mais remotas e menos conhecidas sem outro intento mais que o de observar alli curiosamente por si mesmos, ou aprender da gente da terra tudo o que depende da natureza della, e o natural, modo de vida, policia, costumes, usos, e industria dos seus habitantes, fazem na verdade mui bom serviço ao publico communicando por meio de suas relações aos que não saem da patria o fructo e a satisfação de seus trabalhos. E seria de algum modo justo que os soberanos ajudassem ou recompensassem os que se arriscam a estas viagens. Mas sem diminuir as obrigações que se lhes devem, accrescentar-se-hiam ainda mais, se para viajar com mais prazer e utilidade para os outros e para si proprios, tomassem mais cuidado, do que ordinariamente fazem, de se aperceber de tudo quanto é necessario, e de não se esquecer de cousa alguma que mereça ser sabida, e certificar-se tanto quanto é possível da verdade do que escrevem.

Poucas relações ha onde se não ache que seus auctores tem deixado, por negligencia ou por incapacidade, de observar, ou informar-se de diversas cousas notaveis; porque a maior parte delles emprehendem estas viagens com o espirito mal instruido dos diversos conhecimentos que seria mister ter adquirido de antemão; e alem disso cada um segundo o seu genio applica a sua curiosidade somente áquillo que maior impressão lhe causa, não fazendo caso do resto. O politico instrue-se particularmente do governo e da ordem do Estado; o geographo observa a situação dos lugares; o historiador informa-se do que se tem passado de mais notavel; o naturalista das plantas e dos animaes; o que é inclinado á medicina atende ao que diz respeito a esta sciencia; o mercador applica o seu espirito ao que é bom para o negocio; e o amator das artes ao que neste ramo se pratica. Ora o verdadeiro genio de viajante deve ser universal, e reunir todas estas differentes propensões na sua afim de se instruir igualmente de tudo o que o merece, qualquer que seja a ordem de cousas a que pertença. Acha-se tambem nas relações que nas cousas mais notaveis, de que ellas tratam, a qualidade da informação de que depende o gráo de credito que se lhe deve dar, não vem exactamente assignalada; de sorte que se não sabe que fé mereçam.

Portanto os que emprehendem viajar, se não querem commetter

as mesmas faltas, que elles por certo tem notado em seus predecessores, devem estabelecer regras e leis immutaveis, que constantemente sigam, e ter sempre diante dos olhos o plano de uma viagem comprehendida com todo o aperecebimento requisito, e melhor executada; e igualmente a idea e resenha de tudo o que entra no conhecimento perfeito de um paiz, para formar d'elle uma relação capaz de dar plena satisfação, o que é facil a qualquer pessoa, por pouco que lhe applique a reflexão. Todavia tentar-se-há de lhe delinear aqui alguns traços.

Do aperecebimento necessário para viajar utilmente nas mais remotas regiões.

Suppõe-se que se tem dado providencia á despesa que é mister fazer-se; ás cantellas que se devem tomar para não arriscar o viajante o seu dinheiro no caminho; e não lhe faltar nos diversos logares; ás commodidades que nelles se podem prevenir; ás correspondências necessarias; e a todas ás mais cousas semelhantes. Somente de passagem se advertirá neste ponto duas cousas.

Uma é prover-se de muito mais dinheiro do que parece necessário, porque mais vale que sobre, do que seja tão escasso que obrigue antes a regular pela bolsa a detença que se hade fazer em cada logar, do que pelo tempo que for necessário para se instruir bem das cousas. E não só se deve attender á necessidade, mas também a que é mister fazer certas liberalidades a proposito, porque os presentes, que tornam os homens officiosos em todos os paizes, facilitam muito o descobrimento do que se busca; e por esse respeito muitas vezes o tempo e a detença abbreviada compensa bem as despesas.

A outra é fazer conta de gastar muito mais tempo do que também se julga necessário, a fim de não ver a maior parte das cousas de corrida, ou de não deixar de ver as que o merecem.

Uma terceira advertencia se pode juntar a estas, porque é mui despresada, e diz respeito de mais perto a pessoa do viajante, e é saber-se este tratar a si mesmo das enfermidades e accidentes que mais se devem receiar nas viagens, das febres malignas, das feridas e quedas, a que poucos viajantes escapam, passando por climas tão contrarios a seu temperamento, e caminhando sempre com algum perigo; por isso devem ir providos contra estes males de alguns excellentes remedios, os mais simplicies, e de mais prompto effeito, e que possam ser preparados em toda a parte, se o viajante os não leva consigo, ou lhe vam a faltar. Alem da necessidade que o mesmo viajante pode ter destes remedios, é ainda mui util poder acudir com elles as pessoas, em cuja companhia se acha, as quaes assim ficam totalmente rendidas a bem servil-o.

Suppõe-se ainda que os que viajam tem assaz de experiencia do mundo para procederem bem; que tem assaz de moderação natural ou adquirida para saber-se amoldar ás circumstancias tanto quanto é necessario aos que todos os dias tratam com gentes novas e de toda a sorte de genios; que tem ou por natureza ou por arte o dom de se fazer log; bem querer e estimar daquelles com que se encontram; que são precavutos e circumspectos, e aparelhados para os mais desastrosos accidentes, conservando-o tino no meio da surpresa; que tem experimentado o seu vigor e firmeza em alguns perigos, ou ao menos que se sentem com animo bastante para não desmaiar nelles. Taes são as partes do espirito mais necessarias para viajar felizmente.

O apercebimento porem de que fallamos tem por objecto as cousas que se requerem da parte do espirito, para o viajante se instruir perfeitamente do que ha n' um paiz, que é o fim que se propõe quem empreheñde as viagens.

O desenho destas longas viagens como se não forma, e se não executa de ordinario arrebatadamente, dá tambem espaço para se fazerem com tempo estes provimentos do espirito, se já não estão feitos d' ante-mão; e merecem bem alguns mezes de applicação, que para isso são necessarios.

1. Deve-se pois de antemão ter da esphera, da geographia, e da historia natural mais algum conhecimento do que o que um homem bem criado, e que tem cultivado um pouco o seu espirito, ordinariamente não ignora nestas materias; mas mui particularmente e a fundo nas do paiz que se vai visitar tudo-o que os antigos e modernos acerca delle ensinam, para o bem verificar, confirmar, ou rectificar. Ter lido exactamente todas as relações que houver do mesmo paiz, boas ou mas; saber o que os historiadores referem ter-se alli passado antigamente do mais memoravel, e levar comsigo os competentes extractos destes auctores.

2. Para se ajudar destes conhecimentos, e juntar-lhe outros novos e melhores, é mister saber servir-se do astrolabio para tomar as alturas, e da bussola para marcar bem a situação dos logares entre si, e o caminho que se tem seguido; prover-se destes instrumentos exactos, bem feitos, e commodos, e da melhor carta geographica do paiz que se tiver feito.

3. Saber tirar a planta de um sitio campestre, e de uma cidade; e designar soffrivelmente tudo o que um sitio campestre contem, como igualmente plantas, animaes, e maquinas; e para este effeito saber servir-se dos instrumentos mais commodos e mais simplics que nisso se empregam; do compasso de proporção; quadrante, e outros; e até saber formil-os em caso de necessidade; e sobre tudo riscar uma carta geographica bem exacta do paiz por onde se tem passado. Alem disso para estender a vista mais ao longe, e descobrir logares de que muitas vezes se não pode approximar o viajante, não devem esquecer bons oculos de ver ao longe. Convirá mes-

mo levar os melhores vidros de telescópio, qualquer que seja a distancia que elles alcancem, porque basta armar-lhe os tubos, para observar a lua e os outros planetas, quando se chega proximo a linha, donde se poderá talvez descobrir mais alguma cousa, ou mais distinctamente do que desta nossa região.

4. Prover-se de alguns livros de geographia antiga e moderna, como Strabão Varenio, com uma ou duas das melhores relações do paiz que se vai ver, as quaes indiquem ao menos diversas cousas, que talvez não lembrasse averiguar nos logares por onde se transita. Tirar das ephemerides para os annos destinalos á viagem o tempo dos eclipses da lua, que se podem observar dos logares onde se houver de estar, para lhes achar a longitude exacta; levar a historia natural de Plinio, e um dos melhores livros de plantas em ponto pequeno, das quaes é mister ter algum conhecimento alem do commum, como igualmente das diversas artes, entre as quaes pode ser mui util a de saber fazer ensaios das materias minerases, que se podem encontrar na viagem.

5. Ter adquirido algum conhecimento da lingua do paiz, onde se vai, ou daquella que ahi é entendida pela maior parte da gente; cultivar-a quando para lá se caminha pelo auxilio dos livros, ou de alguém que a entenda, se por acaso se pode encontrar, ou por qualquer outro modo; pois a vantagem que daqui resulta não se pode assaz estimar.

6. Senão se tem todas estas luzes e conhecimentos, deve-se procurar de os supprir associando-se a alguém que os possua, e se essa pessoa é docil, razoavel, e propria para com ella se travar amizade, alem do auxilio que se ganha em todas as occasiões, e do prazer, e consolação de uma tal companhia, fica-se infinitamente melhor instruído de todas as cousas pelas luzes que mutuamente se dão um ao outro os companheiros de viagem.

O que em uma viagem se deve fazer e observar melhor do que se costuma.

Em quasi todas as cousas cada um sabe assaz o que deve fazer em geral; mas esta sciencia é curta quando se passa ao particular. Por esta razão não se tocará aqui senão nos pontos, em que mais fallam os viajantes.

1. Por que elles ordinariamente esquecem ou desprezam diversas cousas dignas de ser averiguadas nas occasiões opportunas. E para ter igualmente presentes a seu espirito em todo o tempo, ou em qualquer parte em que se achem os differentes objectos, a que por boa razão, senão for por genio, devem estender a sua curiosidade, é mister ter delles um sum nario. Tudo o que merece ser sabido de um paiz e de seus habitantes, se reduz aos capitulos seguintes.

A' natureza do paiz, que comprehende o clima, sua situação, e extensão, temperatnra, disposição em montanhas, collinas, planicies, rios etc. qualidade de terra fertil, esteril etc. o que produz de mineraes, plantas, arvóres fructíferas, cereaes, e animaes de todas as especies. Os homens accrescentam a isto a cultura, e a habitação em cidades, villas, e aldeas.

Ao natural dos homens que o habitam, seu temperamento, disposição do corpo, saude, enfermidades, idade a que chegam, genio, inclinações.

A' vida privada segundo as diferentes condições da gente das cidades, do campo, dos ricos, e dos pobres, seus mantimentos, vestidos, habitação, moveis, cazamentos, modo de viver com as mulheres, educação dos filhos, costumes, convivencia, brincos e divertimentos, applicações ordinarias, artes, commercio com os povos visinhos ou remotos, moedas, pesos, medidas, sciencias.

Ao governo; o soberano, sua casa, corte, forças do Estado, rendas, milicia, alianças, interesses, officiaes de policia e de justiça.

A' historia, o que é antigo e moderno, as revoluções, e outros successos notaveis; mórmte o estado actual das cousas publicas.

A' religião, a sua introdução, auctores, diversidade, alterações, e mudancas, estado presnte, seus ministros.

De tantas materias, de que o viajante deve tomar conhecimento, só delle depende aprender alguma cousa em toda a parte, e de toda a sorte de gente, se se applicar a isso como cumpre,

2. Porque as cousas se aprendem ou pela observação propria, que é a via mais segura e satisfatoria, ou pela relação de outrem; deve o viajante, tanto quanto lhe for possível, preferir a primeira, e não poupar nisso nem tempo, nem trabalho, nem despesa; e reportar-se sobre o que não pode saber por si cabalmente aos que por sua profissão tem mais conhecimento da materia; por exemplo é da gente do campo que deve averiguar o que toca á colheita dos fructos, e cereaes, e de que modo isso se faz, assim como sobre os animaes bravios e domesticos; dos medicos e droguistas o que respeita ás drogas; dos que pertencem á corte, ou nella tem vivido, ou que estão ou tem estado nos cargos da paz e da guerra, o que tocar ao governo assim no tempo passado como no presente, dos mercadores o que se extrahê do paiz, ou a elle vem de fora etc. notando a qualidade das pessoas, se foram conformes ou discrepantes nas suas relações etc. para não assentar sobre esta informação senão uma crença proporcionada á confiança que nellas se pode ter.

3. E'mister ter muito resguardo nestas informações para não formar idéas falsas das cousas por má versão de interpretes ignorantes, ou pelo pouco conhecimento que se tem da lingua, mas sobre tudo pela propensão que ha de julgar os costumes estrangeiros pelos nossos, o que traz apoz si muitos erros, que se evitarão tomando informação de muitas pessoas bem conhecedoras da mesma coisa, se se lhes sabem fazer as perguntas para perfeito esclarecimento

to da materia, e se só depois disso se faz a comparação com o que entre nós se lhe assemelha. Se se podem receber memorias escriptas de quem é capaz de as dar taes, não se deve ommittir, porque serão de proveito mais cedo ou mais tarde, quando se encontrar um melhor interprete, ou se tiver aprendido melhor a lingua.

4. Como todos os dias, todos os logares, e toda a gente com quem se trata instruem o viajante que é attento e experto, deve elle todos os dias sem fallencia encher o seu diário; porque estando ainda então a vista como presente, e a memoria bem fresca, nada fica em esquecimento, nem se ommitte circumstancia alguma importante, como ordinariamente acontece se ha qualquer dilação no assentar do diário; e disto se deve fazer uma lei inviolavel.

5. Este diário sendo como o thesouro do viajante, deve excluir delle as bagatellas que o avolumem inutilmente, e só assentar o que o merece, e seja notavel e instructivo.

6. Por isso mesmo que é o seu thesouro não deve o viajante haver nada por mais precioso que o seu diário; e para o salvar dos riscos que corre, é mister que o tenha duplicado, ou mesmo triplicado, para ter sempre uma copia consigo, outra no sua bagagem, e poder de tempo em tempo deixar uma terceira em mãos boas e seguras,

7. Entrando agora na enumeração do que o viajante deve mais particularmente observar ou averiguar alem do que se costuma, como o provam as relações, que correm no publico; é mister que do paiz que se percorre, a proporção que se vai caminhando, se note a natureza e qualidade, até onde a vista se pode estender á direita e á esquerda; se é plano ou montanhoso; coberto de arvoredos ou raso; cultivado e habitado, ou inculto e deserto etc. de sorte que se possa fazer uma idea particular delle, para ajudar a qual deve riscar uma carta do seu caminho, guardando bem as distancias e situações dos logares, que ficam á direita e á esquerda, taes como se offerecem á vista; e esta mesma carta pode servir de carta geral do paiz juntando-lhe as partes que elle não viu, determinando a mais exacta situação e extensão dellas segundo a relação uniforme de muitas pessoas. Os nomes dos paizes, e dos logares, que os naturaes vulgarmente usam, lancem-se escrupulosamente no diário como elles os pronunciam.

Sobre este ponto deve-se ter advertencia de observar com toda a exactidão possivel a hora dos eclipses de lua que houver, para saber precisamente a longitude do paiz, e a distancia a que fica do nosso (onde o mesmo eclipse não deixará de ter sido observado) pela differença da hora da observação. E' tambem bom observar a declinação da agulha magnetica.

Se se extrahem mineraes ou metaes em alguma parte, não se deve deixar de ir a esses logares, e averiguar bem por si, ou inquirir dos outros tudo o que pode dar algum conhecimento de sua geração, e das praticas de que se servem para os apurar, e saber se

ellas são mais industriosas, faceis, e proveitosas que as nossas. Se se encontrarem destas materias, de que por ignorancia, ou por outro respeito se não faça caso nos proprios logares, experimental-as, pois o descobrimento dellas pode ser útil a quem o faz, ou a quem souber aproveitar-se da noticia.

Observar as arvores, e animaes que nos são communs, notando as suas differenças dos nossos em certas cousas, melhor do que se faz ordinariamente; e outrossim as especies das arvores silvestres, a qualidade e belleza da madeira etc. as plantas medicinaes; e até os mais pequenos insectos.

8. Em quanto ao povo indagar se é são e vigoroso, de longa vida, se é isento de alguma das nossas enfermidades, se as tem particulares, e de que remedios se serve proveitosamente naquellas que nos são communs. O tempero dos manjares, e bebidas dos ricos e pobres; o modo particular das edificações, seus materiaes, e disposição, os moveis das cazas, modo de conversar no estilo serio, e no estilo jocoso.

9. Se ha ahi alguma arte mais excellente, ver trabalhar os melhores mestres della onde elles são mais estimados; notar se a excellencia das obras vem da industria, ou da bondade da materia prima, e descobrir as delicadezas e os segredos da arte, se possível for, para os trazer á patria.

10. De que obras ou materias do paiz se faz negocio fóra delle, e para que partes; e o que os estrangeiros alli levam de fora; o peso, quilate, forma, e nome das moedas que alli correm, das quaes cumpre referir as diversas especies, particularmente o valor proporcional da prata com o ouro, e o preço dos outros metaes; as medidas e pesos exactamente referidos aos nossos mais communs.

11. Aprender até aonde puder a lingua, e escripta do paiz. Se ahi não houver grammatica e dictionario, compô-los; se ha livros, saber de que tratam, e quaes são os mais estimados; adquirir alguns, e fazer traduzir por um bom interprete os seus logares mais notaveis, para dar a conhecer o genio e o espirito da nação.

12. Se algumas sciencias alli são cultivadas, intruir-se nellas por via dos que as professam com maior applauso; e não se contentar, como tem feito os que até agora tem viajado na Persia e nas Indias, de notar que ha ahi medicos e astrologos, e que os mercados fazem suas contas de um modo incomparavelmente mais facil e mais prompto que o nosso, sem terem tido a curiosidade de saber os principios da sua medicina, nem da sua pratica na cura das enfermidades, ou quaes os seus melhores remedios; os fundamentos de sua astrologia e suas regras; se é a mesma que a dos Arabes ou differente etc. e sem ter aprendido o seu methodo de contar.

13. Na historia do paiz tanto quanto se pode saber até ao estado presente distinguindo bem o certo do duvidoso por meio dos livros, se os ha, da tradição commum, e das relações particulares.

14. Da religião saber ao certo quaes são os proprios sentimentos da gente, e não se fiar somente no que se pode conjecturar ou pensar por comparação com a nossa, porque dest' arte se acha o viajante de ordinario mui distante da verdade.

Das Relações.

Um diário exacto, onde nada se omittio daquillo que o viajante deve ver por si mesmo, ou saber dos outros, contem os materiaes sufficientes de uma Relação exacta e completa, mas desvaierados. E porque a boa razão e o uso tem feito conservar nas Relações a forma do diário, mas mais vaga e mais extensa, como mais agradável, por quanto parece ao leitor que vai viajando com o auctor, que lhe serve de guia; não é mui difficil de arranjar a Relação, sendo apenas mister apanhar de diversos logares do diário tudo o que pertence a cada assumpto, desprezando o que é de pouca importancia, e pô-lo na ordem mais natural, e no logar em que fica mais ageito, o que depende da primeira occasião propria que o curso da viagem offerece, para se enfiar tudo na narração, como se de uma só vez se houvera aprendido tudo quanto nessa materia se sabe.

A advertencia que nisto ha a fazer é que não seja o viajante tão escrupuloso da historia que ponha na Relação todos os menores casos que lhe tem succedido, e por esta razão se lhe aconselhou que os bannisse até do seu diário, por quanto o leitor não se importa com essas bagatellas, e só se lhe deve dar conta dos accidentes notaveis e instructivos.

Concluindo observaremos que se deve determinar bem que milhas ou legoas exactas se entendem quando se marcam as distancias, e a grandeza das cidades, segundo a differença commun que dá dellas uma idea certa, podendo-se pouco mais ou menos, por exemplo, fazer as grandes de seis milhas ao menos, as meãs maiores de tres milhas, e as pequenas menores: explicar as medidas e pesos que se empregam, nos logares onde se acertar de fallar nelles, e o valor das moedas. E porque se faz frequentemente menção destas cousas n' uma Relação, bom é pôr-lhe logo no principio uma advertencia separada, que possa ser logo manifesta ao leitor.

FIM DO DISCURSO SOBRE AS VIAGENS.

DESCRIÇÃO EXACTA DA COSTA D' AFRICA.

A parte d' Africa que corre desde o Estreito de Gibraltar até ao Cabo Branco, no mar oceano, é um costa que vulgar e erroneamente se chame *Barbaria*, mas que todavia o não é, porque a verdadeira *Barbaria* é no mar mediterraneo, e é a costa que começa em Tripoli, e segue a Tunis e Argel até ao Estreito; mas a costa que diz sobre o mar oceano desde o dito Estreito até ao dito Cabo Branco, é verdadeiramente a costa da Mauritania, e assim se deve chamar por ser a costa dos Mouros. Esta costa e região de Mauritania abrange tres reinos, Fez, Marrocos, e Suz.

Fez tem por capital uma cidade do mesmo nome de Fez, e por porto de mar Tetuão, que é um pouco dentro do estreito, Tanger, Arzila, e Ceuta, Larache, Mamora, Salé, Fudela.

Tanger é hoje dos Inglezes, Ceuta, e Mamora d' El-Rei de Hespanha, e as outras praças de Mouros.

O reino de *Marrocos* tem por capital a cidade do mesmo nome de Marrocos, e por portos de mar Azamor, Mazagão, Houladilla, e Safim. Mazagão e' do Rei de Portugal, o mais dos Mouros.

O reino de *Suz* tem muitas cidades no sertão, o que os outros não tem, porque um tem só Fez, e outro Marrocos, a trinta ou quarenta legoas no sertão, mas este reino de Suz tem alli a capital Tarudan, e alem della Tagaunest, Onfroy, e Illeng, e por portos do mar Mogader, Santa Cruz, e Messa. Os Mouros chamam a estas praças pelos mesmos nomes, salvo Safim, que chamam *Aacffy*, e Santa Cruz, que chamam *Agades*.

Estes tres reinos tinham cada um antigamente o seu rei; e houve dous, a saber, o de Fez, cujo nome não sei, e o de Marrocos chamado Muley Hamet, que foi na batalha que elles ganharam contra o Rei de Portugal D. Sebastião para as partes de Ceuta e Larache.

Estes reis reinaram em quanto foram assaz poderosos para repellir a gente da campina que é dividida em tribus. O chefe ou ancião da tribu, que e' quem a governa, tem o titulo de Xequê, ou Capitão; habitam em tendas, e por Aduares, sendo cada aduar a reunião de quarenta ou cincoenta tendas dispostas em circulo; os rebanhos ficam no meio; e uma tribu terá trinta, quarenta, e ate cincoenta aduares, mais ou menos, segundo o numero de gente que contem.

Estes reis eram obrigados a sair muitas vezes em campo com exercito, se queriam ser pagos da *garama* ou imposição a que cada tribu era obrigada, e ainda assim difficulosamente cobravam seu pagamento, porque estes Arabios emmalavam as bagagens, e se passavam a outras terras, e mesmo resistiam se se sentiam com forças.

Tribu havia que era teuda de pôr em campo até dez e quinze mil cavallos; e tendo-se congregado muitas tribus passaram a dar saltos e commettimentos, mormente para as bandas de Fez e de Suz, onde ha mais de cincoenta annos já não ha reis, e são estes reinos possuidos pelos maiores de tribus Arabes, que muitas vezes vão pelejar com os mouros da beira mar.

E presentemente este reino de Fez é pessuido por muitos chefes de tribu arabios, e especialmente por Xequê Bembouker, e por Xequê Gueilhan, dos quaes o primeiro estanca para as partes de Mamora, Salé, e Fudella ou Fedalla, e o segundo para as partes de Tetuão, Tanger, e Arzilla, onde tem feito a sua principal fortaleza.

Os Mouros de Salé foram reforçados dos Mouriscos expulsos de Hespanha, que vieram no anno de 1600, e passando ao longo da dita costa da Mauritania, particularmente se recolheram áquella cidade de Salé em grande numero, assim Andaluzes, como Granadinos, como tambem *Hornatheros*; e se erigiram em republica e em Divan. Os Mouros permaneceram na grande cidade que se chama Salé velha, e os ditos Mouriscos fizeram assento na cidade nova, que se chama Rieval. Metteram guarnição na fortaleza, e fizeram-se corsarios por se vingarem dos christãos, o que durou por trinta ou quarenta annos, chegando a ter no mar até trinta navios de corso; mas isto cessou desde a guerra que tiveram com Bembouker, a quem pozeram sitio. Agora ha novas que estam de paz.

Pelo que pertence á costa de Tetuão e Tanger, sabe-se como Xequê Gueilhan ou Cidy Gueilhan (porque umas vezes lhe chamam Xequê, que quer dizer Capitão, e outras vezes Cidy, que vale tanto como Senhor) anda frequentemente brigando com os Inglezes, a quem de uma vez matou por supreza quinhentos homens.

O rei Muley Hamet depois de haver ganhado a batalha contra D. Sebastião Rei de Portugal, reinou até ao anno de 1600 em paz, tendo reduzido os Arabios a lhe irem fazer opagamento da garrama a Malhorca, onde todos os christãos, a saber, Francezes, Inglezes, e Hollandezes traficam. Depois da sua morte os seus parentes tiveram guerras entre si, de sorte que em seis semanas se viram em Marrocos tres reis expellindo-se um ao outro, isto he, Muley Jacob Elmançor, Muley Boesson, e Muley Buffecs. Depois delles veio Muley Zidan, que tendo-se apoderado do reino reinou até sua morte, que veio a ser no anno de 1630 pouco mais ou menos. Teve muito trabalho em resistir aos Arabios, que algumas vezes o constrangeram a sair de Marrocos, e fugir para Safim; todavia reinou com certa quietação até 1630.

Depois d'elle foi rei seu filho mais velho Muley Abdemeleck, que não reinou mais de tres annos, e foi morto por um renegado francez. Era mui cruel. Muley Elvualecq, seu irmão, que era branco, precedente de uma mourisca hespanhola, reinou apoz elle. Era affável e amado; reinou dez ou onze annos.

Seguiu-se no reinado seu irmão mais moço Muley Hamet Xequê, o qual sendo todo entregue a seus a nores os Arabios da campina, da mais principal tribu, que alli ha, chamada dos Chibavettes, se levantaram contra elle, e se apoderaram de Marrocos e da bella caza ou serralho, chamado Cebrohé, e alli mataram ao dito rei Muley Hamet Xequê, ultimo filho do dito Muley Zidan. E o chefe da dita tribu dos Chibavettes, chamado Crommelhunte, se apoderou do reino, ha couza de dois ou tres annos somente, e é quem hoje reina em Marrocos na qualidade de tyranno. E' senhor do porto de Houladilla; poz sitio a Safim, mas não tem podido tomal-a, ao menos não ha novas disso.

O reino de Suz não tem audido em menor desorlem; ha cincoenta annos a esta parte que alli duram as guerras civis: com tudo um principe do paiz, chamado Cidy Alley, tendo prevalecido reinou trinta annos. Tinha a sua residencia em Illeng, e morreo não ha mais de oito a dez annos. Deixou vinte e dois filhos, e alguns irmãos, que todos andam em guerra uns com outros, e dominam em diversos logares, um em Thearantem, outro em Onfroy, outro em Tanganor, outro em Illeng; e um dos irmãos do defuncto é senhor da fortaleza de Agades ou Santa Cruz; e os outros finalmente percorrem a campina.

Não tem havido Consules neste paiz; senão somente em Salé e em Tetuão, desde que Salé foi erecta em Republica ou Divan; e a sombra de Salé foi recebido um em Tetuão sem haver opposição de Xequê Gueilhan, nem de Xequê Bembouker. Muitos se apresentaram a Muley Zidan para exercer este cargo; entre outros um chamado De Mas em 1617, outro chamado Fate em 1619, e em 1622 Maret, que não foi accedido, porque o rei não quiz tolerar que alguém alem delle impothesse algum tributo nas suas terras, o que elle declarou a Monsieur de Razilly em 1623. Em Suz nunca se apresentou ninguem por Consul, por quanto as guerras são causa de não haver quem vá a este reino. Alguns barcos de Provença vão negociar a Tetuão e a Salé, onde não ha mercadores francezes, nem tão pouco em Safim e Houladilla; e se os ha, é para fazer seu negocio a bordo. Em Santa Cruz ha uma caza franceza.

A Cidade de Marrocos é pelo menos do tamanho de Paris, não mettendo em conta os arrabaldes; mas é mui vasta, e tem dentro muito espago vazio. E' situada n' uma planicie a sete ou oito legoas áquem das montanhas, que se chamam o Atlas, das quaes parece estar-se mui proximo quando se está em Marrocos, porque estam bem á vista, e se distinguem os seus cumes cobertos de neve em todas as estações; todavia ha pelo menos sete a oito legoas do pé destas montanhas até á dita cidade de Marrocos.

Destas montanhas descem muitas ribeiras pequenas de bella e boa agua, que primeiramente vem regar um jardim, que se chama Mecera pequeno, e ahi formam um grande lago mui bonito, que tem

hem mil pés quadrados. Esta agua passa depois a outro jardim maior, chamado El Abessera, que é cheio de ruas de laranjeiras, limoeiros, palmeiras de tamaras, oliveiras, amendoeiras, figueiras, e romeiras, entremeiadas de arbustos de jasmim, e outras flores cheirosas. Destes dous jardins, que são publicos e de uso commum, esta agua passa ao bello palacio do rei, chamando Elbedeh, onde se diz (porque não entrei nelle) que forma quatro lagos, abaixo dos quaes ha quatro jardins, o topo de cujas arvores toca ao rez da borda dos ditos lagos, de sorte que estes jardins estam em baixo, e os ditos lagos em cima, hem compassados, ficando um jardim entre dous lagos, e um lago entre dous jardins.

Os reis de Marrocos dão ordinariamente suas audiencias debaixo do gande portal deste palacio; assim como se faz em Constantinopla. Alguns reis tem havido, que depois de ter feito recolher as mulheres em seu serralho por sua camareira mór, que se chama Lansi Ramena, tem dado audiencia dentro do palacio a alguns embaixadores, mas mui raras vezes, em uma longa sala, cuja abobada e paredes são cobertas de fino ouro da grossura de um ducado, alem da qual sala ha outros muitos bellos apoentos, segundo nos contavam os eunucos guardas do dito palacio, e as mulheres judias que alli entravam a levar os provimentos.

Contigua a esta caza ha outra, que se chama o Michouard, onde residem os Elchats ou renegados, que acompanham o rei quando sae. Ha tambem outra caza que se chama das Bachas, isto he, caza do dizime, e a esta caza são obrigados os mercadores christãos a acudir com todas as suas mercadorias, e ahi o Lumina Sultão, ou thesoureiro d' El-Rei hia receber o direito Lehetel, isto é, o direito legitimo, convem a saber, de cada dez fardos de fazenda iguaes um, e assim no demais. Ha ainda outras cazas contiguas, onde moram os alcaides eunucos, e outros officiaes, e ainda um jardim commum, no qual ha uma caverna de leões, e tudo isto n' um grande recinto murado, chamado Aliá Seba (a), como em Paris o Louvre.

Junto a esta cerca ha uma grande mesquita, do comprimento de cem passos, e sobre esta mesquita uma torre quadrada, da qual são pela parte superior um grosso varão de ferro, em que estam enfiadas tres bolas de ouro; a primeira mui grossa, a outra de cima menor, e a outra mais de cima ainda menor, as quaes bolas de ouro, principalmente a debaixo, e a mais grossa, estam amolgadas de muitos pelouros de mosquete que lhe foram atirados, e ainda em algumas partes passadas de meio a meio, porque não são massisas, mas somente da grossura de um dedo; do que tendo-me eu admirado, e perguntado a mouros velhos o motivo porque se haviam atirado estes tiros de mosquete, me responderam que haviam sido os sol-

(a) Será—Alcazeba?

dados de Jacob Elmançor quando tomaram a cidade que os haviam atirado; e perguntando eu ainda porque não tinham elles levado aquellas boias, disseram que o não haviam cusado a fazer por serem sagradas.

No extremo desta mesquita ha uma sala em forma de capella, que é onde são sepultados os reis de Marrocos, e nella os Christãos entravam livremente acompanhados do porteiro, eahi vi muitos monumentos que não subiam a maior altura que dous ou tres pés somente acima do chão. Esta sala é de abobada, a qual, e as paredes são cobertas de mosaico concavo, cujas concavidades são douradas de fino ouro da grossura de um ducado.

A quinhentos passos deste logar ha um grande recinto murado, do tamanho de Magry, o qual he a Judaria, onde ha muitos Judeos, que tem synagoga; e boas cazas. Tem só uma porta, que se fecha á noute. e se abre pela manhã, debaixo da vigilancia de um especial encarregado.

A cincoenta passos dalli ha uma grande caza, ou por melhor dizer prisão, que se chama Segena, que é onde estam os pohres captivos christãos, e donde saem pela manhã para ir ao trabalho, e ficam encerrados á noute.

A mil passos dalli ha um grande recinto de cazas, chamado a Alfandega, e é onde assistem os mercadores christãos, na qual cada nação tinha os seus aposentos quando alli assistiam; e esta caza era tambem sujeita a ser fechada á noute, e aberta pela manhã, para o que havia um porteiro, que disso tinha cargo.

Ha tambem neste bairro uma grande mesquita, que tem uma ampla torre, a qual se diz ser semelhante a outra que ha em Sevilha em Hespanha, e fabricada pelo mesmo architecto. Não entrei nesta torre, mas asseveraram-me que quatro cavalleiros a par podem subir até ao mais alto della, e ainda uma carroça o pode fazer.

Perto dalli ha uma grande cerca onde está a prisão dos Albauros, e junto della muitas cazinhas, onde mettião os mercadores christãos e judeos, que o tinham merecido.

Em toda esta grande cidade não ha todavia mais de dous juizes; um Cady, que é o juiz do civil, e um Ilaquin, que é o juiz do crime. O Cady sentado á porta de sua caza, ou dentro do seu pátio dá audiencia ás partes verbalmente, as quaes logo julga, e manda dar á execução a sua sentença verbal, porque não tem escriptão, mas ha junto delle *citairios*, que são uma especie de meirinhos, que vão dar á execução o mandado, ou metter na cadeia o condemnado. E porque alguém se poderá admirar da facilidade com que qualquer pessoa faz comparecer perante aquelle juiz a outra parte sem citação nem intimação, cumpre saber que quando uma pessoa tem apregoado na rua a outra pessoa com as palavras *Agi sel chera*, isto é, vem á justiça, é mister que esta vá logo sem detença, porque aliás correria risco de ser apedrejada pelo povo, que

não acha cousa alguma mui razoavel do que comparecer em justiça.

Quanto ao Ilaquin ou juiz do crime, tem diante da sua caza uma grande praça onde ha pranchas, e páos arvorados, no alto dos quaes ha ganchos de ferro, em que se espetam os que são condemnados a este supplicio. Agarram n' um homem pelos pés, ou pelos hombros, e lançam-no sobre estes ganchos, e seja qual for o lugar por onde fique preso, assim o deixam ate morrer, de sorte que é melhor para o padecente ficar cravado pelo lugar mais mortal. Este Ilaquin, tem tambem em sua caza espadas em cabides, para cortar as cabeças, e bordões para bastonar os menos criminosos. E como elle tem ordinariamente muito que fazer, e a cidade é grande, ha um seu tenente, que esta n' uma tenda perto de Valcaseba (a), o qual da sua parte exerce a mesma jurisdição.

Esta cidade é mui grande, mas as suas ruas, e a apparencia das cazas não são melhores que as das nossas villas. Tem algumas cazas bonitas; mas a maior parte não tem mais que um, ou dous andares ao muito. As ruas não são calçadas, e por isso são lamacentas quando chove, e cheias de pó no verão. Desde Abril até Outubro não ha alli chuvas, mas grande calor de dia, e grande orvalho de noute.

Os Mouros são mui ciumentos, e não imaginam que possa haver mulher honesta; e por isso não vão uns ás cazas dos outros sem ahi estar o dono dellas, e este ter mandado recolher suas mulheres.

Deixámos as aguas das montanhas no palacio do rei, chamado Redel. Dalli estas aguas vão regar e prover a dita cidade em muitos logares, e depois saindo della entre as duas portas chamadas do Cany e de Duquella, juntam-se, e formam um rio, mas vadeavel, que corre para occidente a entrar no mar entre Mogador e Safim. Este rio chama-se o Tausit.

Antes de sair de Marrocos não cáe mal fallar de algumas acções de Muley Zidan, que alli reinava, quando eu lá estive. Houve um dia grande briga entre os captivos francezes da Segana, entre os quaes havia grande numero de Provençaes, e de Rochelezes. Aquelles faziam as suas devoções a um cinto da Segana, onde havia uma capella, e alguns Padres tambem captivos lhes diziam alli missa: no extremo opposto estavam os outros, que faziam as suas devoções a seu modo em seus cubicalos. Os Provençaes amotinados foram perturbar os Rochelezes, sobre o que houve tanto barulho que o Alcaide da Segana se viu obrigado a dar conta a Muley Zidan, que mandou lhe levassem dous de cada parte, o que foi feito; e logo os mercadores francezes correram a elle para interceder cada um pelo seu partido; mas o rei depois de ouvir as partes, e saber que a briga era sobre pontos de religião, mandou dar a cada um

cincoenta açoutes de bastão nas nalegas, é pôz defesa que nenhum mais se mettesse com os outros, sob pena de morte, querendo que cada um exercitasse a sua religião, já que elle para isso lhes dava permissão.

No anno de 1622 veio a Marrocos um embaixador dos Senhores Estados, um Estribeiro do Principe de Orange, e um discipulo de Monsieur Erpenio, Professor de linguas orientaes e estrangeiras em Leyde, todos com presentes, que foram mui agradaveis ao Rei Muley Zidan, mas principalmente o do dito Senhor Erpenio, que era um Atlas, e um Novo Testamento em arabigo. Foi-nos contado pelos cunucos que aquelle rei não cessava de ler no Novo Testamento. E como este embaixador se hia enfadando de lhe não darem despacho, foi aconselhado que apresentasse ao rei um requerimento, o qual foi feito pelo discipulo do dito Erpenio, chamado Golio, em letra e lingua arabiga, e em estylo christão. O rei ficou maravilhado da belleza deste requerimento, assim pela letra e linguagem como pelo estylo extraordinario, e não conhecido naquella terra. Convocou os Tabyres, ou escrivães, e lhes mostrou o requerimento, que elles admiraram; e chamando o embaixador, perguntou-lhe quem havia feito o requerimento; o embaixador respondeu que era o senhor Golio, discipulo do senhor Erpenio. O rei quiz vê-lo, e fallou-lhe em arabigo; o discipulo respondeu em hespanhol que entendia muito bem tudo o que S. M. dizia, mas que lhe não podia responder na mesma lingua pelo não ajudar a garganta, porque é mister fallar tanto com a garganta como com a lingua; o que o dito rei, que entendia muito bem o hespanhol, achou mui bem dito, e concedendo o que se pedia no requerimento, mandou dar despacho e aviamento ao dito embaixador para sua tornada; e hoje o dito senhor Golio está em Leyde professor das linguas orientaes em lugar do dito Senhor Erpenio.

Em 1623 Monsieur de Razilly sendo chegado ao porto de Sattim com tres navios de El-Rei, fez saber que vinha da parte de Sua Magestade. Muley Zidan lhe enviou dar as boas vindas, e lhe escreveu que podia sair em terra com mais vinte companheiros. M. de Razilly julgando que a carta continha o que elle havia pedido, desembarcou com quarenta pessoas, tres frades capuchos, e muitos fidalgos, levando algumas rabecas e trombetas. Dous dias depois mandou o rei prender a todos, e mettel-os na cadeia, excepto ao Senhor de Razilly, e aos tres frades capuchos, chamados Pedro d' Alençon, Miguel de Vesins, e Rodolpho, e escreveu ao dito Senhor de Razilly para vir a encontral-o no seu almohada ou exercito; o que elle fez, eahi se queixou de que os seus homens houvessem sido presos contra o seguro que elle lhe havia dado por sua carta. Muley Zidan lhe disse que lesse bem a carta, e veria que elle nada lhe havia promettido, e que se Gidifero que da sua parte lhe enviara, havia dito outra cousa, que o desmentia; que em subs-

tancia o que elle queria era cobrar os seus moveis e a sua bibliotheca, que um Provençal lhe havia levado furtada, e que os Hespanhoes lhe haviam tomado, e depois levado ao Escorial. Disse que havia alli frades de Santo Agostinho, ao qual elles chamam Cidy Belabech, e que pretendem morrer para as partes de Marrocos. Declarou que desejava que o Senhor de Razilly fosse a França, e trabalhasse por lhe haver aquelles frades pelo valimento do Rei. Monsieur de Razilly lhe prometteo fazer o que podesse; mas pediu-lhe para levar os frades capuchos. Muley Zidan lhe concedeo um, com tanto que os mercadores lhe promettessem e se obrigassem a apresental-o dentro de seis mezes. Os mercadores vieram em ser fiadores debaixo da clausula que se elle não tornasse até ao prazo dos seis mezes, ficariam desncarregados por uma somma de dinheiro, que se fixou em seiscentos ducados de ouro. Muley Zidan disse que os mercadores tinham razão. Monsieur de Razilly veio a França, e nada conseguiu, de sorte que não tendo voltado a Marrocos, os mercadores pagaram a somma estipulada, de que Muley Zidan lhe deu quitação, a qual sendo levada ao Padre Joseph, este lhes mandou restituir a somma que a dita quitação accusava.

Fallámos das duas portas de Marrocos, uma chamada do Cany, e outra de Duquella. A palavra do Cany quer dizer da carreira ou mercado dos cavallos, porque fóra desta porta ha um campo onde os mouros e os arabios compram cavallos, e se exercitam na carreira; a outra porta tira o nome da provincia a que está fronteira. A provincia de Duquella fica ao norte, assim como a de Dará a leste. Em quanto a Tuffilet, a cujos habitantes chamam Tuffilely, ouvi fallar d'ella como de provincia dependente do reino de Fez, e jaz entre Fez e o mar mediterraneo; mas nunca ouvi chamar-lhe reino; todavia talvez lho chamem á imitação e exemplo de Argel e Bugia, que tambem se chamam reinos. Podem-se assim chamar ás provincias reinos na banda do mar mediterraneo, mas não em Mauritania.

Nunca estive na cidade de Fez, mas ouvi dizer a pessoas que estiveram em Marrocos e em Fez, que esta era tão bonita como Marrocos, e que Marrocos era maior; mas que Fez era melhor edificada, e as suas casas se semelhavam ás de Hespanha.

Não sei que territorio possui Xequé Gueilhan, mas sei bem que domina no paiz que corre desde Tetuão até á sua fortaleza d' Arzilla; e não ha mais de dous ou tres annos que se apoderou de Tetuão por asalto a tempo em que dous barcos de Marselha estavam no rio, os quos vendo vir um exercito de vinte mil homens julgaram que estavam perdidos; ficaram porem muí espantados quando Gueilhan lhes enviou dizer que nada temessem, e que queria conservar o commercio. Tomada a cidade, os barcos fizeram alli o seu negocio. Esta cidade está a tres legoas do mar ou da barra, e tem um pequeno rio por onde os barcos que demandam pouca agua sobem com custo. É verdade que Larache pertence ao Rei de Hes-

panha, e igualmente Ceuta desde a ultima revolução do reino de Portugal, porque o Governador della permaneco na obediencia de Hespanha.

Tanger nada valeria sem o porto que os Inglezes ahi fazem por meio de um molhe, que lhes hade custar grossas quantias. Não se devem fiar em Gueilhan, porque quando elle os quizer enganar mandará commandar as suas tropas por outro Xequê, e dirá que não é a sua tribu, mas outra tribu de Arabios a que tiver feito o mal.

Monsieur o Cavalleiro Chelindeley, primeiro estribeiro da Rainha de Inglaterra, e que agora tem tornado a *Tanger*, m' disse ha pouco que o Vice-almirante Lawson, o Governador de *Tanger*, e um Engenheiro haviam uma vez estado em conferencia n' uma tenda no meio de dous exercitos, o de Gueilhan composto de vinte mil cavallos, e o delles que não passava de mil homens; e dizendo-lhe eu que elles haviam commettido um grande erro, conveio nisso, e disse que bem o haviam conhecido depois; e que o dito Gueilhan os havia obrigado a prometter-lhe de o irem a visitar á sua fortaleza, d' *Azilla*, mas que só lá foi o Engenheiro a levar as escusas dos outros, e que se todos tres lá houveram ido, nenhum de lá tornaria.

Em *Ceuta* e em *Larache* não ha porto senão para barcos; mas o porto de *Mamora* é mui bom, e todavia El-Rei de Hespanha não se serve delle, e não tira dalli proveito algum.

Salé é uma enseada com barra, onde podem entrar navios de duzentas tonelladas em boa conjunção, e com auxilio de pilotos.

Em *Fudella* podia-se fazer, segundo dizem, um porto, por haver alli uma lingua de terra que saé ao mar, mas não tem nem povoação, nem fortaleza, e a que ha é a tres legoas acima de *Salé*.

Azamor é um pequeno porto para barcos, e máo; e não ha alli senão somente pescadores.

Mazagão que fica acima, a dez ou doze legoas do Cabo de *Causin*, é uma pequena cidade bem murada, e guarnecida de artilheria, em cuja fortificação não assistem ordinariamente mais de dous ou tres miseraveis Portuguezes de guarnição, que muitas vezes não tem pão; e todavia tem resistido a muitos milhares de Mouros e Arabios, que não tendo uso de peças de campanha, de pedreiros, e de escadarias, são incapazes de tomar cidades muradas, mormente quando ellas tem artilheria; mas por outra parte a guarnição não deve sair a campo, porque os Mouros e Arabios, grandes cavalleiros, e muito numerosos, são destros em emboscadas, e em cortar a retirada.

Acima de *Mazagão* está a *Houladilla*, pequeno porto para barcos, ou navios meãos, e tendo na entrada um penedo que a torna difficil. Não ha alli mais que uma fortaleza, e aldeia.

Não estive em toda esta costa desde o Estreito até ao dito lugar de *Houladilla*; e o que della digo é fiado no que ouvi em conversa-

ção com os que alli haviam estado, e o que aprendi pelas cartas. Quando estive em Safim, estive tambem no dito Cabo Causin, e dalli passei a Safim.

Safim é uma cidade situada n' um alto, bem murada, e provida de artilheria, fundada em 1540 pelos Portuguezes, segundo consta do letreiro que está na torre maior do castello de cima. Não tem porto, mas somente uma enseada, boa de verão, e má de inverno.

Mogador é um porto pequeno abrigado por um ilhéu, e onde podem entrar navios de duzentas ou trezentas tonelladas.

Agades ou *Santa Cruz* é uma bahia ou enseada soffrivel; a fortaleza é n' uma ponta de terra mui alta, e a povoação tem tão poucos christãos, que só os ha n' algumas cazas que estão ao pé da fortaleza.

Messa é uma enseada que nada vale, e aonde só se vai quando Agades e Melissa estão de guerra: fóra disso todo o negocio se faz na enseada de Santa Cruz ou Agades.

Sendo voltado a Safim perguntei algumas vezes a velhos que haviam entrado na batalla dos tres Reis, de que fallei atraz, o que julgavam que fora feito de El-Rei Dcm Sebastião de Portugal: Disseram-me que não tendo sido achado entre os mortos, julgava se firmemente que havia ficado *incognito* entre os captivos; e no anno de 1619 correu rumor de que o dito Dcm Sebastião depois de muitos annos de captiveiro se havia salvado para as partes de Argel e Tunes; mas os mercadores hespanhcos diziam que era um impostor que tomára o nome de Dcm Sebastião, mas que o não era, e que como tal havia sido tratado; o que dava assumpto a grande debate entre os mercadores de diversas nações que estavam em Safim e em Marrocos, querendo uns que fosse Dcm Sebastião, e outros que não.

Quanto ao negocio deste paiz, é quasi semelhante desde Tetuão até Santa Cruz e Messa, salvo ser o trafico maior n' uns logares que em outros. O que alli se leva de fora é ferro, pannos, toda a sorte de roupas, papel, quinquelharias, fazendas de capellista, especiarias, e drogas de tintas; e o que se extrahê é curo, cera, couros, pennas de avestruz, e amendoas, gommás, alcaparras, e outras fazendas.

Resta dizer alguma cousa da Religião dos Mouros, e de sua maneira de fazer oração. São, como todos sabem, Mahometanos; mas tem pelo menos uma duzia de Santos que invocam; acima de todos poem *Mahamet*, que assim chamam ao seu propheta, e não *Mahomet*. Quando querem fazer o seu Sala, ou oração lavam os pés e as pernas até ao joelho, e as mãos e braços até aos cotovellos, depois assentam-se em terra, com o rosto para o oriente, tendo umas contas na mão depois invocam o seu Cidy Mahamet, supplicando-lhe que interceda por elles, depois Cidy Bellabech, que elles dizem ser Santo Agostinho; e assim outros muitos; e a cada um se prostram por terra, tocando com a cabeça no chão tantas vezes quantos são os Santos que invocam,

e em quanto passavam todas as contas. Mettem até entre os seus Santos a Nosso Senhor, sob o nome de Cidy Nayssa, que elles confessam ser um grande Santo. E quando nós lhes perguntavamos de quem elle nascera, respondiam que da *Mariam*, Virgem Maria; e quando nós mais lhes perguntavamos como elle fora concebido no ventre da Virgem, respondiam que do sopro de Deos; ao que replicando-lhe nós que pelo sopro de Deos se devia entender o Espirito de Deos; e que por consequencia Nosso Senhor sendo nascido da Virgem, concebido do Espirito Santo, era certo que era com o Padre e com o Espirito Santo, Deos, e um só Deos eternamente bemaventurado; não o podiam, nem queriam comprehender; e nos refutavam com injurias.

FIM



INDICE

DA SEGUNDA PARTE.

	Pag
PREAMBULO.....	1
CAPITULO 1. Chegada a Goa. Descripção de seu hospital, e prisões.....	3
CAPITULO II. Descripção da Ilha de Goa, e de seus habitantes, e dominadores.....	23
CAPITULO III. Da Cidade de Goa, suas praças, igrejas, palacios, e outros edificios	33
CAPITULO IV. Dos mercados, escravos, moedas, aguas, e outras cousas notaveis de Goa.....	51
CAPITULO V. Do governo de Goa, do vice-Rei, sua corte, e magnificencia	63
CAPITULO VI. Do Arcebispo de Goa, Inquisição, Ecclesiasticos, e cerimoniaes, que alli se observam.....	75
CAPITULO VII. Dos exercicios e jogos dos Portuguezes, Mestiços, e outros Christãos em Goa; e de seus usos e modo de vida, e de suas mulheres.....	91
CAPITULO VIII. Dos soldados portuguezes em Goa; de seu modo de vida, e embarques; de suas diversas expedições; e ordem que guardam na guerra.....	100
CAPITULO IX. Do Reino de Dealção, Decan, ou Ballagate na visinhança de Goa.....	114
CAPITULO X. Viagem do auctor á ilha do Ceilão, e descripção della.....	123
CAPITULO XI. De Malaca, sua descripção, e do memoravel cerco, que os Hollandezes lhe pozeram.....	131
CAPITULO XII. Das ilhas da Sonda, Sumatra, e Java; das cidades de Bantam e Tubam: ilhas de Madura, Balli, de Maluco, e Banda.....	136
CAPITULO XIII. Das cousas singulares, que se extrahem das ilhas de Sumatra, Java, Bornéo, e das Philippinas e Manilha. Da Chi-	

	Pag.
na, e do Japão, e do trafico, que destas partes se faz em Goa.....	146
CAPITULO XIV. Da forma e feitio dos navios portuguezes da carreira da India: e da ordem, e policia, que a bordo delles se guarda, assim na ida como na torna viagem	157
CAPITULO XV. Do trafico dos Portuguezes por toda a India em geral, e da ordem que nisso guardam	179
CAPITULO XVI. Do trafico no Brazil, Rio da Prata. Angola, Congo, S. Thomé, Mina, e dos escravos d' Africa	189
CAPITULO XVII. Do trafico em Moçambique, Sofala, Cuama, Melinde, Mombaça, Socotorá, e outros logares. Do cerco de Moçambique, e o que d'elle resultou	196
CAPITULO XVIII. Do reino de Ormuz, sua descripção, e do castigo de um Principe de Ormuz em Goa	208
CAPITULO XIX. Dos reinos de Cambaya, Surrate, do Grão Mogor, Diu, e do resto da costa da India e Malabar; e do Rei de Tanor, e sua perfidia	214
CAPITULO XX. Muitas presas de navio portuguezes, e outras couzas succedidas na India em quanto o auctor se deteve em Goa..	229
CAPITULO XXI. Embarque do auctor em Goa. Estado das Indias naquelle tempo. Prisão, do auctor, e seu livramento. Chegada de quatro náos, e outras cousas a este intento.	234
CAPITULO XXII. Partida de Goa; modo dos embarques; ração a bordo; tratamento do auctor; biehos da India	242
CAPITULO XXIII. Torna-viagem do auctor; avista-se a Ilha de Diogo Rodrigues: tormenta horrivel: pgedosos accidentes; Terra de Natal; Cabo da Boa Esperança; tempestades, e calmas	248
CAPITULO XXIV. Ilha de Santa Helena; sua descripção e o que alli nos succedeo....	255

CAPITULO XXV. Partida de Santa Helena; acoidente succedido ao navio; mergulhador francez; chegada ao Brazil; perda do navio	261
CAPITULO XXVI. Do Brazil, e suas singularidades, e do que alli aconteceu em quanto o auctor lá esteve,	267
CAPITULO XXVII. Saida do Brazil; Pernambuco; Ilhas dos Açores; Berlengas em Portugal; grande tormenta; Ilhas de Bayona; jornada a S. Thiago; regresso do auctor, e sua chegada a França.....	282
ADDENDUM.....	290
OBSERVAÇÕES GEOGRAPHICAS sobre a viagem de Francisco Pyrd por P. Duval, Geographo d' El-Rei de França.....	293
OBSERVAÇÕES sobre a segunda parte.....	328
TRATADO E DESCRIÇÃO dos animaes, arvores, e fructos das Indias orientaes, observados por Francisco Pyrd.....	355
CAPITULO 1º Dos Elephantes e dos Tigres....	ibi
CAPITULO II. Dos Crocodilos e Tartarugas....	357
CAPITULO III. Dos Peixes do mar indico, e especialmente das ilhas de Maldiva.....	358
CAPITULO IV. Dos Papagaios, e de um Passaro admiravel que se cria na China.....	360
CAPITULO V. Da Pimenta e da Gengibre; da Massa e Noz muscada; do Cravo e da Canella.	362
CAPITULO VI. Do Anil ou Indigo, do Almiscar, Ambar-gris, Benjoim, Sandalo, e pão de Aloes.....	364
CAPITULO VII. Dos Tamarindos, Canafistula, e Mirabolanos.....	365
CAPITULO VIII. Da arvore Triste, do Ebano, do Betle, e da arvore do algodão.....	ibi
CAPITULO IX. Das Bananas e Ananazes.....	366
CAPITULO X. Dos Duriões, Rambutões, Jacas, e Mangas.....	367
CAPITULO XI. De muitas arvores e plantas, que se criam nas ilhas de Maldiva....	368
CAPITULO XII. Descrição mui particular da arvore admiravel que dá os côcos, a qual	

	Pag.
só por si produz todas as commodidades, e cousas necessarias á vida do homem..	371
AVISOS aos que quizerem emprehender a viagem das Indias Orientaes. Da ordem e policia que os Francezes guardam em sua navegação. Dos grandes erros e desordens que elles nisso oomet- tem, com seus exemplos, e uma advertencia para os evitar, por Francisco Pyrard	381
DISCURSOS sobre as viagens ás regiões remotas, e do apercebimento necessario para as emprehen- der utilmente, e formar dellas relações exactas, por M. N. N.	392
DESCRIPÇÃO EXACTA da costa d' Africa	400



ERRATA.

<i>Pag.</i>	<i>lin.</i>	
8	28	enroladas— <i>lae-se</i> —enroladas com suas cintas.
10	32	admittim— <i>lea-se</i> —admittem.
54	22	uemdy por— <i>lea-se</i> —uemdy ha Senhora Maria Rodrigues, dona viuva, por
95	33	<i>ioeut</i> — <i>lea-se</i> — <i>iouent</i> .
120	6	embaixadores— <i>lea-se</i> —embaidores.
150	29	Macáo não é ilha— <i>lea-se</i> —Macáo propriamente não é ilha, mas península pretencente á ilha de Ançam.
175	29	baixos de Judas— <i>lea-se</i> —baixos da Judia.
309	1	prôa o por— <i>lea-se</i> —prôa e por
317	1	fabricada— <i>lea-se</i> —fabricado.
339	36	<i>Xioco</i> — <i>lea-se</i> — <i>Xicoco</i> .
350	29	dizem— <i>lea-se</i> —dizer.
—	33	mais— <i>lea-se</i> —mas.
351	1	mediteranio— <i>lea-se</i> —mediterraneo.
—	20	quinhetos— <i>lea-se</i> —quinhentos.
—	44	lhes— <i>lea-se</i> —lhe.
356	ult.	300001— <i>lea-se</i> —30000.



CATALOGO

DOS LIVROS E PAPEIS,

PUBLICADOS PELA IMPRENSA NACIONAL DE NOVA-GOA,

QUE SE VENDEM

NA LOJA DA MESMA IMPRENSA.

NB. Descontam-se 5 por cento a quem comprar as obras da propriedade da Casa, do valor de 100 até 200 xerafins; 10 por cento do valor de 200 até 300; e 15 por cento de 300 para cima.

As que levam o signal (⊙) são particulares, e as que tem o signal (⊙ ⊙) posto que particulares entram no desconto dos preços na forma indicada.

OBRAS E PUBLICAÇÕES

Do Sr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.

Secretario do Governo Geral do Estado da India, &c.

DE LISBOA A GOA PELO MEDITERRANEO, Egypto e Mar Vermelho, em Setembro e Outubro de 1855.

—Carta Circular dirigida a seus amigos de Europa.

1856.—8.*..... 1:0:00

ENSAIO HISTORICO DA LINGUA CONCANI. Deste Ensaio faz parte a Bibliotheca Concani, ou noticia de todos os livros impressos ou manuscriptos na Lingua Concani; e he acompanhado de grande numero de Documentos historicos. Precede-lhe como Introducção 1.* a Memoria sobre a distribuição geographica das principaes linguas da India por Sir Erskine Perry; 2.* as Observações sobre a estrutura grammatical das Linguas vernaculas da India pelo Rev. Doutor Stevenson, vertidas do inglez em portuguez pelo Author do mesmo Ensaio.—1858—4.*..... 4:4:00

GRAMMATICA DA LINGUA CONCANI, composta pelo Padre Thomaz Estevão, e acrescentada por outros Padres da Companhia de Jesus: segunda impressão,

correcta e annotada por diligencia de J. H. da Cunha Riva : a que precede como introdução a Memoria sobre a distribuição geographica das principaes linguas da India por Sir Erskine Perry, vertida do inglez em portuguez; e o Ensaio Historico da Lingua Concani, composto pelo Editor. Deste Ensaio faz parte a Bibliotheca Concani, ou noticia de todos os Livros impressos ou manuscriptos na Lingua Concani —1857.—4.º..... 4:4:00

ARCHIVO PORTUGUEZ-ORIENTAL, colligido por J. H. da Cunha Riva :

FASCICULO 1.º que contém o Livro 1.º das Cartas, que os Reis de Portugal escreveram á Cidade de Goa. 1857.—4.º..... 1:2:30

FASCICULO 2.º que contém o Livro dos Privilegios da Cidade de Goa.—1857.—4.º..... 2:2:30

Estam no prelo :

FASCICULO 3.º que contém as Ordens Regias das Monções do Reino e os Alvarás dos Vice-Reis desde 1583 até 1600.—4.º.....

FASCICULO 4.º que contém os Concilios Provinciaes de Goa, o Concilio de Diemper, e varias Leis sobre a conversão dos infleis.....

VIAGEM DE FRANCISCO PYRARD DE LAVAL, contendo a noticia de sua navegação ás Indias Orientaes, Ilhas de Maldiva, Maluco, e ao Brazil, os differentes casos, que lhe aconteceram na mesma viagem nos dez annos que andou nestes paizes (1601 a 1611); com a descripção exacta dos costumes, leis, usos, policia e governo, do trato e commercio, que nelles ha: dos animaes, arvores, fructas, e outras singularidades, que alli se encontram. Vertida do francez em portuguez sobre a edição de 1679: correcta e accrescentada com algumas notas por J. H. da Cunha Riva.—Tome 1.º —1858.—Em 8.º francez..... 7:1:00

O 2.º Vol. vai entrar no prelo.

REFLEXÕES SOBRE O PADROADO PORTUGUEZ NO O-

RIENTE, applicadas á Proclamação Pastoral do Rev. Fr. Angelico, Pro-Vigario Apostolico em Bombaim, aos Soldados Catholicos Romanos da mesma Presidencia. —1838.—4.º..... 1:0:30

ADDITAMENTO ás Reflexões sobre o Padroado Portuguez no Oriente.—1858.—4.º..... 0:2:30

N. B.—Os dous opusculos antecedentes saíram vertidos em inglez com o titulo seguinte:

==Reflections on the Portuguese Patronage of the Orient, applied to the Pastoral Address of the Revd. Fr. Angelicus, Pro-Vicar Apostolic in Bombay, to the Roman Catholic Soldiers of that same Presidency, by a Portuguese. Translated from the Original Portuguese.—Madras Lusitanian Press.—A. Appasawmy Morodelly printer.—1838== e

==Appendix to the Reflections on the Portuguese Patronage of the Orient, by the same Author. Translated from the original Portuguese.—Madras. Printed at the Lusitanian Press.—1859.

Quem comprar dous exemplares da impressão portugueza receberá de graça um exemplar da versão ingleza.

●● CARTAS DE LUIZ ANTONIO VERVEY, e Antonio Pereira de Figueiredo aos Padres da Congregação do Oratorio de Goa, colligidas e publicadas por J. H. da Cunha Rivara.—1838.—4.º..... 0:1:30

GRAMMATICA DA LINGUA CONCANI NO DIALECTO DO NORTE, composta no seculo XVII por um Missionario portuguez; e agora pela primeira vez dada á estampa por diligencia de J. H. da Cunha Rivara.—1858.—4.º..... 2:2:00

GRAMMATICA DA LINGUA CONCANI, escripta em portuguez por um Missionario Italiano, e publicada por J. H. da Cunha Rivara.—1859.—4.º..... 2:2:00

●● MEMORIAS SOBRE AS POSSESSÕES PORTUGUZAS NA ASIA, escriptas no anno de 1823 por Gonçalo de Magalhães Teixeira Pinto, Desembargador da Relação

de Goa, e agora publicadas com algumas breves Notas e Additamentos por J. H. da Cunha Rivara. 1859.—16.º 2:0:00

REFLEXÕES SOBRE A MATERIA DA PETIÇÃO DE AGRAVO, que em defensão do Prelado de Moçambique fez o Advogado Levy Maria Jordão, por J. H. da Cunha Rivara.— 1860—4.º..... 0:2:00

O MANIFESTO PREVENTIVO DOS PROPAGANDISTAS DA INDIA CONTRA A CONCORDATA, apostilado pelo Auctor das Reflexões sobre o Padroado Portuguez no Oriente.—1860.—4.º..... 0:2:00

A CONCORDATA NUTILADA E TORCIDA PELOS PROPAGANDISTAS, vindicada á sua integridade e genuino sentido pelo Auctor das Reflexões sobre o Padroado Portuguez no Oriente.—1860.—4.º..... 0:1:00

DEMONSTRATIO JURIS PATRONATUS PORTUGALIAE REGUM, a clarissimo viro D. Luduvico de Sousa, Archiepiscopo Bracharensi, apud Romanam curiam legato, jussu Serenissimi Principis Portugaliae Regnorum Regentis Summo Pontifici Innocentio XI anno MDCLXXVII oblata; opus, quod, cum hucusque ineditum permansisset, nunc in lucem prodit, curante J. H. da Cunha Rivara. 2:2:30

OBRAS E PUBLICAÇÕES

DO Sr. Felipe Neri Xavier.

Official-maior graduado da Secretaria do Governo Geral do Estado da India, &c.

BOSQUEJO HISTORICO das Communidades das Aldeas dos Concelhos das Ilhas, Salrete e Bardes, dividido em quatro partes.—1852.—1 vol. in folio..... 4:4:00

COLLECCÃO de Bandos e outras differentes providencias, que servem de Leis Regulamentares para o governo economico e judicial das Novas Conquistas, precedida da noção da sua conquista e da divisão de cada uma dellas. 3 vol.—1840.—1850—1851.—1.º... 9:0:00

© O GABINETE Litterario da Fontainhas. Publicação mensal. 3 vol.—1846—1847—1848.—4.º..... 14:2:00

● **Esboço de um Dicionario historico— administrativo**, contendo os principios geraes da administração civil, ecclesiastica e militar, baseado sobre a legislação antiga e moderna; e especialmente applicada ao Estado da India Portugueza; e constituindo a parte 1.^a do 4.^o vol. do Gabinete Litterario das Fontainhas —1850.—4.^o..... 2:2:00

● **COLLECÇÃO das Leis Peculiares das Communidades agricolas das Aldeas dos Concelhos das Ilhas, Salcate e Bardez. Parte 1.^a—5.^o vol. do Gabinete Litterario das Fontainhas.—1852.—4.**..... 12:0:00

● **UMA VIAGEM de duas mil leguas por C. Lagrange Monteiro de Barbuda, extrahida da Revista Universal Lisbonense; enriquecida com varias peças; e offerecida aos patricios e amigos do auctor por F. N. Xavier.—1848.—4.**..... 3:0:00

INSTRUÇÃO DO VICE-REI Marquez de Alorna ao seu successor o Vice-Rei Marquez de Tavora, segunda edição, rectificada e enriquecida com novas peças do mesmo auctor, e 380 notas historicas por F. N. Xavier.—1856 —4...... 2:2:00

● **DEFENSA dos direitos das Gão-Carias, Gão-Cares e dos seus privilegios, contra a proposta de sua dissolução e divisão de suas terras &c.—1856—4.**..... 2:2:00

CARTA CONSTITUCIONAL da Monarchia Portugueza, decretada e dada pelo Rei de Portugal e Algarves D. Pedro, Imperador do Brazil, aos 29 de d'Abril de 1826, acompanhada d'uma collecção d'alguns Decretos regulamentares e dous indices por F. N. Xavier —1851.—4...... 2:0 00

REGULAMENTO para o governo administrativo e economico das Confrarias deste Estado, dado pela Portaria do Governo Geral do mesmo Estado de 16 d'Agosto de 1845. Precedido d'um preambulo e uma resenha das Confrarias, dos seus Oragos, fundos, rendas e outras particularidades; seguido de um indice alfabetico das materias do dito Regulamento por F. N. Xavier.—1845.—4...... 1:3:00

REPERTÓRIO ou Índice alfabetico do Codice dos Usos e Costumes dos habitantes das Novas Conquistas e o Regulamento sobre a forma do processo que se deve seguir nas causas das mesmas.—1855.—4.º..... 0:0:30

SYNOPSIS em ordem alfabetica e chronologica dos objectos mais salientes, que comportam os Boletins do Governo, publicados nos annos de 1837—1845.—Ed. de 1846. in folio.—Cada folha..... 0:0:15

Dita classificada e chronologica das peças importantes, que comportam os Boletins do Governo do anno de 1851.—Ed. de 1853. in folio.... 0:1:15

Dita classificada e chronologica das peças importantes que comportam os Boletins do Governo do anno de 1852.—Ed. de 1853.—in folio..... 0:1:15

Estam no prelo as seguintes:

RESUMO Historico da vida de S. Francisco Xavier, correcto e muito accrescentado (segunda edição).

CARTAS DE LEI, Decretos e Portarias Regulamentares desde 1836 até o presente, colligidas e annotadas por F. N. Xavier.....

SERIE CHRONOLOGICA dos Vice-Reis e Governadores Geraes do Estado da India, acômpanhada de apontamentos historicos dos seus feitos mais notaveis coordenada e annotada por F. N. Xavier.....

PARTE 2.^a do 4.º Vol. do Gab. Lit. por F. N. X.

2.º do 5.º Vol. do dito Gab. por F. N. X.

OBRAS E PUBLICAÇÕES

DO Sr. Miguel Vicente d'Abreu.

Amanuense da Secretaria do Governo Geral do Estado da India. &c.

● **BOSQUEJO HISTORICO DE GOA** escripto em inglez pelo Rev. Diniz L. Cottineau de Kloguen, vertido em portuguez e accrescentado com algumas notas e rectificações por M. V. d'Abreu.—1858.—4.º..... 3:3:00

● **FOLHINHA Civil e ecclesiastica de Goa para o anno de 1850, 2.º depois do bixesto, com varias noticias curiosas e uteis a toda sorte de pessoas.**—1849.—8.º... 1:1:00

● STABAT MATER vertido em lingua e outras orações na mesma lingua publicadas por M. Vicente d'Abreu. —1855.—16.º.....	0:1:00
● PREPARAÇÃO da Oração mental, seguida de 15 mystérios do Rozario de N.ª Sr.ª e o Magnificat em portuguez e em lingua de Goa, e a Oração de S. Francisco Xavier, publicada por M. V. d'Abreu.—1857.—16.º	0:1:00
● NOVAS MEDITAÇÕES em lingua de Goa (Concani) para visitar a via Sacra publicadas por M. V. d'Abreu.—1856.—8.º.....	0:1:30
● CANTIGAS PIAS ou Oorações em versos da Virgem Maria N.ª Sr.ª e da Sr.ª Sant'Anna; em lingua concani, portugueza, e latina, 2.ª edição mais correctea e muito augmentada pelo mesmo Editor da primeira. (<i>Vide Stabat Mater &c. que é a 1.ª edição</i>)....	0:2:00
● MANUAL da Missa e da Confissão e varias outras orações, publicado por M. V. d'Abreu.—1860.—32.º	0:1:00
● Memorias ou trabalhos escolasticos do mez de Maio de 1847.....	0 2:30

VARIAS PUBLICAÇÕES.

ABECEDARIO e leituras para a infancia Cada folha.	0:0:30
ABECEDARIO da lingua portugueza com o seu desenvolvimento em treze taboas por V. L. X. M.—1858.—4.º	0:1:30
ACTOS decretados pelo Arcebispo D. Fr. Manoel de St.ª Catharina, acompanhados do modo pratico de ouvir a Missa, preparação para a confissão e communhão sacramental.—1858.—16.º.....	0:1:00
ALMANAK militar do Exercito de Goa e suas dependencias, ou lista biographica dos Officiaes do referido Exercito, com referencia ao 1.º de Agosto de 1842.—	
Parte 1.ª—1842 in folio.....	0:0:15
DITO Parte 2.ª „.....	0:0:15
DITO com referencia ao 1.º de Janeiro de 1847.—	
Parte 1.ª.....	0:0:15
DITO Parte 2.ª—1847 in folio.....	0:0:15
ARITHMETICA para uso das escolas primarias do Estado da India. 1846.—8.º.....	0:1:00

BOLETIM do Governo do Estado da India desde 1837 até 1850 —In folio.—Cada numero.....	0:0:15
do Governo do Estado da India de 1851 por diante.—In folio, cada numero.....	0:1:30
COLECCÃO de um anno	9:3:00
NUMERO avulso	0:1:30
CARTA DE Lei de 30 d'Abril de 1850, que regula os direitos parochiaes e os emolumentos, tanto do Provisor, Vigario geral e Promotor, como os da Camara Pontificia no Arcebisado de Goa —1850.....	0:0:15
CARTAS de convite para funeral (o cento)	3:0:00
Cathecismo da Doutrina Christã	0:2:30
CODIGO administrativo Portuguez de 1836 .—4.º.....	1:0:00
penal portuguez, acompanhado de um indice alfabetico.—1855.—4.º.....	3:0:00
dos Usos e Costumes dos habitantes não Christãos de Damão.—1854.—4.º.....	0:1:30
dos Usos e Costumes dos habitantes não Christãos de Diu.—1854.—4.º.....	0:1:30
COLLECÇÃO e explicação das principaes figuras da mythologia dos Bramanes da Asia, principalmente dos de Goa .—1841.....	0:0:30
das Ordens do Exercito do Estado da India, publicadas desde a posse do Barão de Sahroze, em 1837, até a chegada do Conde das Antas, em 1843.—1849.—4.º.....	2:9:00
COMPENDIO das Lições theoricas do 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º anno da Cadeira do desenho da Escola Mathematica e Militar de Goa, estrahido de varios authores, e coordinado por Candido José Mourão Garcez Palha, Lente da referida Cadeira .—1.º Comp. 1843.—2.º e 3.º 1846.—4.º e 5.º 1847.—4.º.....	2:0:00
1.º 2.º e 5.º cada um.....	3:0:00
3.º e 5.º dito.....	3:0:00
COMPILADOR (O). Semanario Pituresco .—Publicado nos annos de 1843, 1844 e 1847.—Numero avulso.	0:0:30
CONCORDATA (A) de 21 de Fevereiro de 1857 ... entre Sua Santidade o Papa Pio 9.º e Sua Magestade	

Fidelissima EL-REI de Portugal D. Pedro 5.º acompanhada de notas reversaes de 10 de Setembro de 1859.	0:1:30
CONDICÕES para o contrato do imposto de agua-ar-dente de palmeiras e cajús das Ilhas de Goa, Salcete e Bardez. 1857.....	0:1:00
— para a renda dos dizimos dos Concelhos das Ilhas, Salcete, Bardez e da Provincia de Bicholim. 1858.—4.º.....	0:1:30
DECRETOS relativos ás Alfandegas e postos da Provincia de Moçambique. 1854.—8.º.....	0:0:15
ENCYCLOPEDICO, Jornal d'Instrucção e recreio, publicado nos annos de 1841 e 1842.—Numero avulso.	0:0:30
⊙ ESTREA GOANA ou offerta litteraria para o anno de 1860 por M. J. da Costa Campos.....	0:2:30
⊙ EXERCICIOS da Religião ou Orações, breves e utilis-simas por S. C. C. G. L. 1857.—16.º.....	0:2:00
FORMULARIO Encyclopedico ou collecção de receitas applicaveis á agricultura, artes, officios, e economia domestica. Compilação de differentes obras feita por um Curioso. 1850.—8.º.....	1:1:00
— Medico-Cirurgico para uso do Hospital Militar de Goa, por Mathcus Cesario Rodrigues Moa-cho. 1841.—4.º.....	0:1:00
INSTRUCÇÕES geraes para os Corpos de Caçadores do Estado. 1843.—4.º.....	0:0:15
— geraes para o serviço das Guardas da Guarnição do Estado da India. 1851.—8.º.....	0:0:30
— para a intelligencia e execução prati-ca nas Novas Conquistas do Decreto Eleitoral de 5 de Março de 1842 e do de 27 de Dezembro de 1844. Ed. 1845.—4.º.....	0:0:10
MAPPA estatistico e descriptivo da Villa de Inham-bane em referencia ao mez de Janeiro de 1850 por Duarte Manoel da Fonseca	0:0:30
— Geral, estatistico e historico da India Por-tuguesa, contendo a situação geographica dos princi-paes pontos do litoral, divisão territorial e sua exten-são, &c. &c. por Joaquim José Cicilia Kol. 1850.	0:0:30

MANIFESTO do governo provisional d^{os} Estados da India Portugueza. 1835.—in folio..... 0:1:00

MANUAL dos Juizes de Paz, para uso de todos os Cidadãos, contendo os artigos do Decreto n.º 24 de 16 de Maio de 1832, que são relativos a esta Magistratura com o competente Directorio; o Decreto n.º 26 de 18 do mesmo mez; e a tabella do Regulamento geral interino dos emolumentos dos Officiaes de Justiça. 1836.—4.º..... 1:0:00

© **MAXIMAS** e reflexões politicas de Gonçalo de Magalhães Teixeira Pinto, Dezembargador, Juiz da Relação e membro de uma Junta governativa dos Estados da India. 1.ª edição da Imprensa Nacional, retocada sobre o original e suas copias mais fidedignas, e expurgada de mais de 150 erratas da antiga edição estrangeira; e com a parte 1.ª do Addicionamento do editor. D. O. C. á nação portugueza J. I. G. 1859—4.º 3:3:00

NOVO METHODO da Grammatica Latina, reduzido a Compendio pelo P.e A. Pereira 1855.—8.º..... 1:1:00

ORDENS DO EXERCITO de 1837 até 1842—Cada n.º 0:0:15

„ de 1843 até 1857 —Cada folha 0:0:30

„ de 1858 por diante—Cada folha 0:1:00

OFFICIUM DEFFUNCTORUM, una cum precibus pro deffunctis sepelendis ex Rituali Romano, et Breviario Olisiponensi depromptum. 1853.—8.º..... 1:2:00

PAUTA dos preços das mercadorias para cobrança dos direitos *ad valorem*. 1858.—4.º..... 0:2:30

PRAXE (A) do Baptismo, ou instrucções praticas e brevissimas sobre a administração do Sacramento do Baptismo para o uso de toda a sorte de pessoas de um e outro sexo 1859.—8.º..... 0:1:00

REGULAMENTO externo do Lyceo Nacional de Nova-Goa dado pela Portaria do Governo Geral do Estado de 28 d'Abril de 1856..... 0:0:30

„ da Repartição Fiscal e da Contabilidade do Exercito, dado pela Portaria do Governo Geral do Estado de 30 de Novembro de 1853.—4.º..... 0:1:30

„ provisorio para a Instrução Prima-

ria e Secundaria, dado pela Portaria do Governo Geral do Estado, n.º 1426 de 6 de Setembro de 1843—4.º 0:4:00

REGIMENTO de signaes de Bandeiras..... 0:1:00

REPENTORIO militar do que ha estabelecido e em vigor concernente á organisação, uniforme, armamento economia, disciplina, policia, serviço, saude, justiça criminal, privilegios e recompensas, extrahido da legislação e mais disposições até o anno de 1850 — o acompanhado da integra de muitas disposições e varios formularios; coordenado para o uso especial do Exército do Estado da India e suas Repartições Civis por P. P. Pinto.—2 vol. 1850—4.º..... 6:0:00

———— das Ordens do dia dadas ao Exército do Estado da India, desde Janeiro de 1839—até Dezembro de 1845: redigido d'ordem superior por F. G. Ferreira, Tomo 1.º—1850—4.º..... 1;0:00

● S. VARIO da Viagem a Jerusalem e da visita que fez aos Santos lugares o Rev.º Fr. João de Jesus Christo em 1817, enriquecido com varias notas historicas por F. N. Xavier Junior, 1858..... 0:4:00

TABOADA da multiplicação para os Meninos aprenderem e decorarem; e tambem conta romana, definição de pezos e medidas &c. &c. &c..... 0:0:15

TREZENA do Glorioso St.º Antonio, accrescentada com a semana de amor. Nova edição segundo a de Lisboa de 1825 —1858—8.º..... 1:3:00

● SACRAS (cada jogo)..... 0:4:00

Mémoria sobre a Allocução do Santissimo Padre Pio IX. no Consistorio Secreto de 17 de Fevereiro de 1851.—1.º—1851..... 0:1:00

NOVENA de S. Francisco Xavier, Apostolo do Oriente para alcançar por sua intercessão as graças que se desejam. Nova edição, accrescentada com a versão portugueza das antifonas e orações, e com a ladinha do Sancto—1860—8.º..... 0:2:30

KALENDARIO Civil e Ecclesiastico do anno de 1861, acompanhado da Lista dos empregados civis e militares e ecclesiasticos de Goa e suas dependencias por J. de N.—e F. N. X. J. por..... 0:2:00

Esta no prelo:

SYNOPSIS classificada e chronologica das Peças importantes que comportam os Boletins do Governo Geral do Estado da India do anno de 1853, por F. N. Xavier Junior.

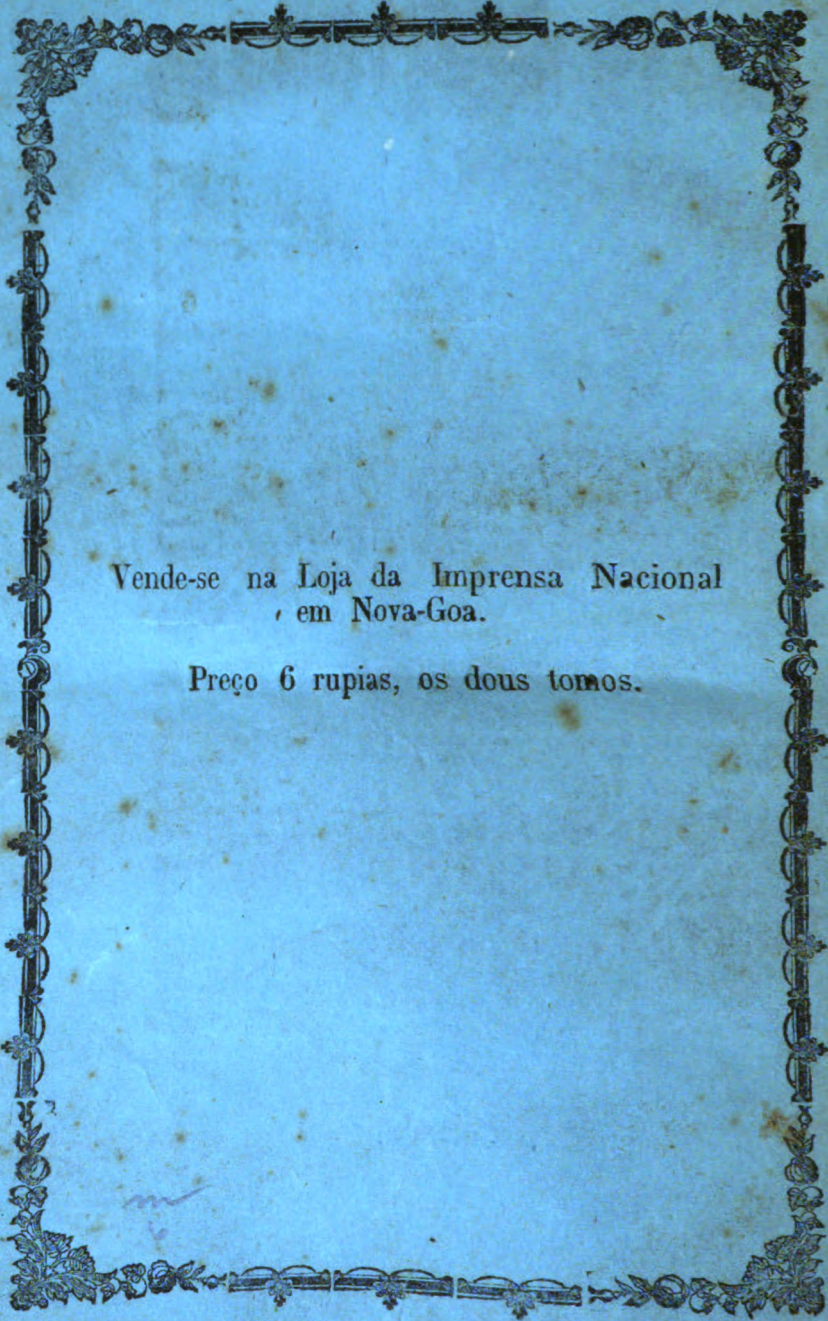
ESTAMPAS.

ARCO DOS VICE-REIS, ou uma das portas da antiga	
Cidade de Goa—1846.....	0:3:00
CARTA hydrographica do Porto de Goa e entrada	
das barras de Agoada e Mormugão. 1842.....	0:4:00
COLLECÇÃO de estampas de varias Gravuras feitas em	
Goa. 1855—4.º.....	0:1:00
DITA de estampas varias lithographadas na Imprensa	
Nacional de Nova-Goa:—1855.—In folio..	0:1:00
PLANTA das Ilhas de Goa.....	0:3:00
— da Ilha fortificada de Anjediva, levantada	
pelo Coronel Engenheiro F. A. M. Cabral no anno de	
1812, e lithographada em 1846.....	0:1:30
— da Praça de Piro.....	0:1:30

Obras publicadas em outras Imprensas da Europa, e que se vendem tambem na Loja da Imprensa Nacional de Nova-Goa.

Boletins e Annaes do Conselho Ultramarino:	
cada numero.....	2:0:45
Descripção das Maquinas a Vapor e sua applica-	
ção á navegação, por F. F. G. M. C.....	4:0:00
Tables de Logarithmes pour les nombres et pour	
les sinus, par Jérôme de la Lande,—1820—4.º..	4:2:30
Elementos de Euclides dos seis primeiros livros	
do undecimo e duodecimo da versão latina de Frederico	
Commandino, addicionados e illustrados	
por Roberto Simson,—1843—4.º.....	5:0:00
Leçons elementaires d'optique, par M. l'Abbé	
de la Caille—1808—4.º.....	4:0:00

Imprensa Nacional, 8 de Outubro de 1860.

A decorative border with a repeating floral and scrollwork pattern, enclosing the central text.

Vende-se na Loja da Imprensa Nacional
, em Nova-Goa.

Preço 6 rupias, os dous tomos.

This book should be returned to
the Library on or before the last date
stamped below.

A fine of five cents a day is incurred
by retaining it beyond the specified
time.

Please return promptly.

DUE AUG 22 49

MAY 1 - 1949

Viagem de Francisco Pyrard, de Lava
Widener Library 006376177



3 2044 088 725 627